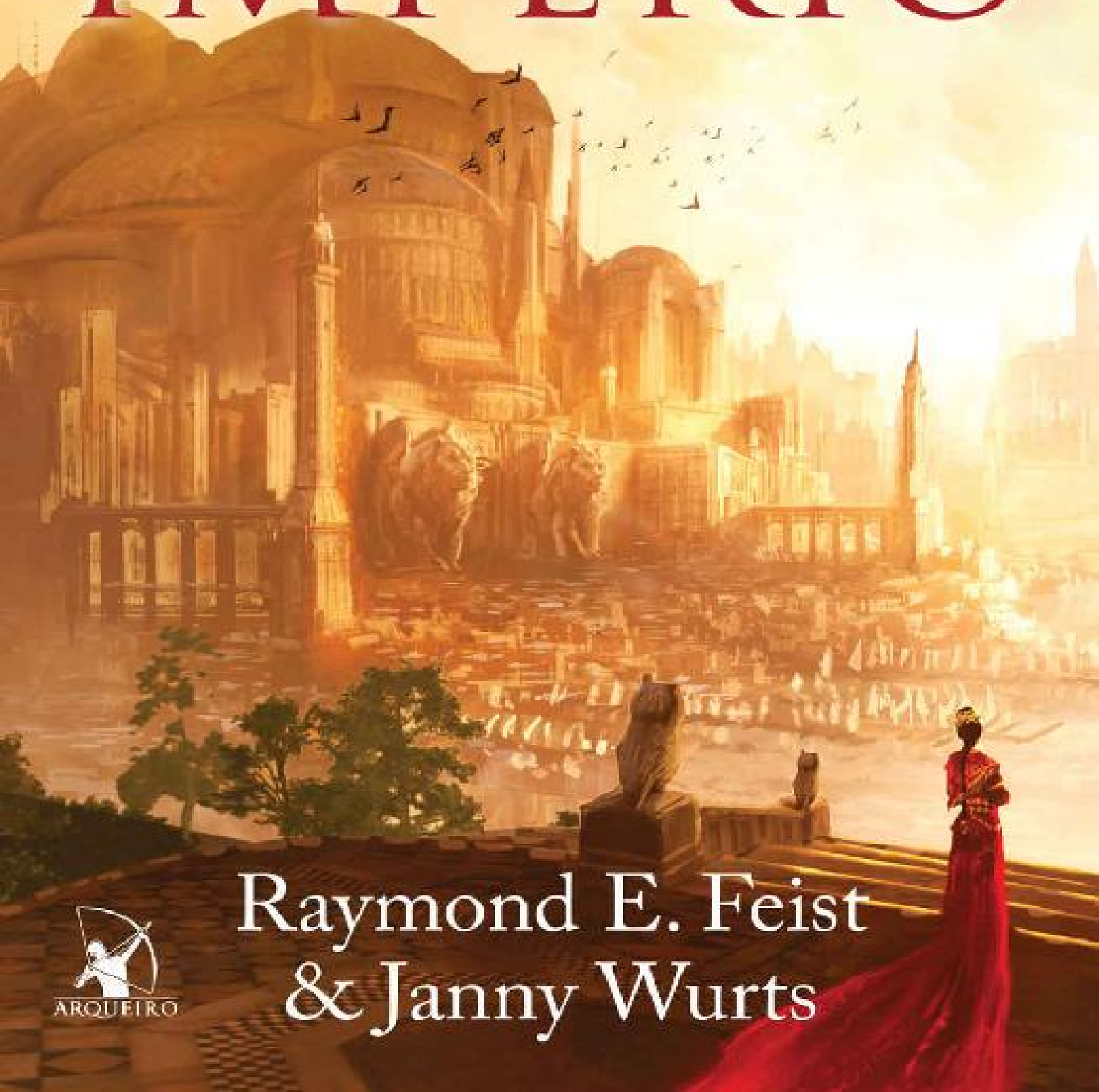


A SAGA DO IMPÉRIO - VOLUME TRÊS

A SENHORA DO IMPÉRIO



Raymond E. Feist
& Janny Wurts



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A SENHORA DO
IMPÉRIO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

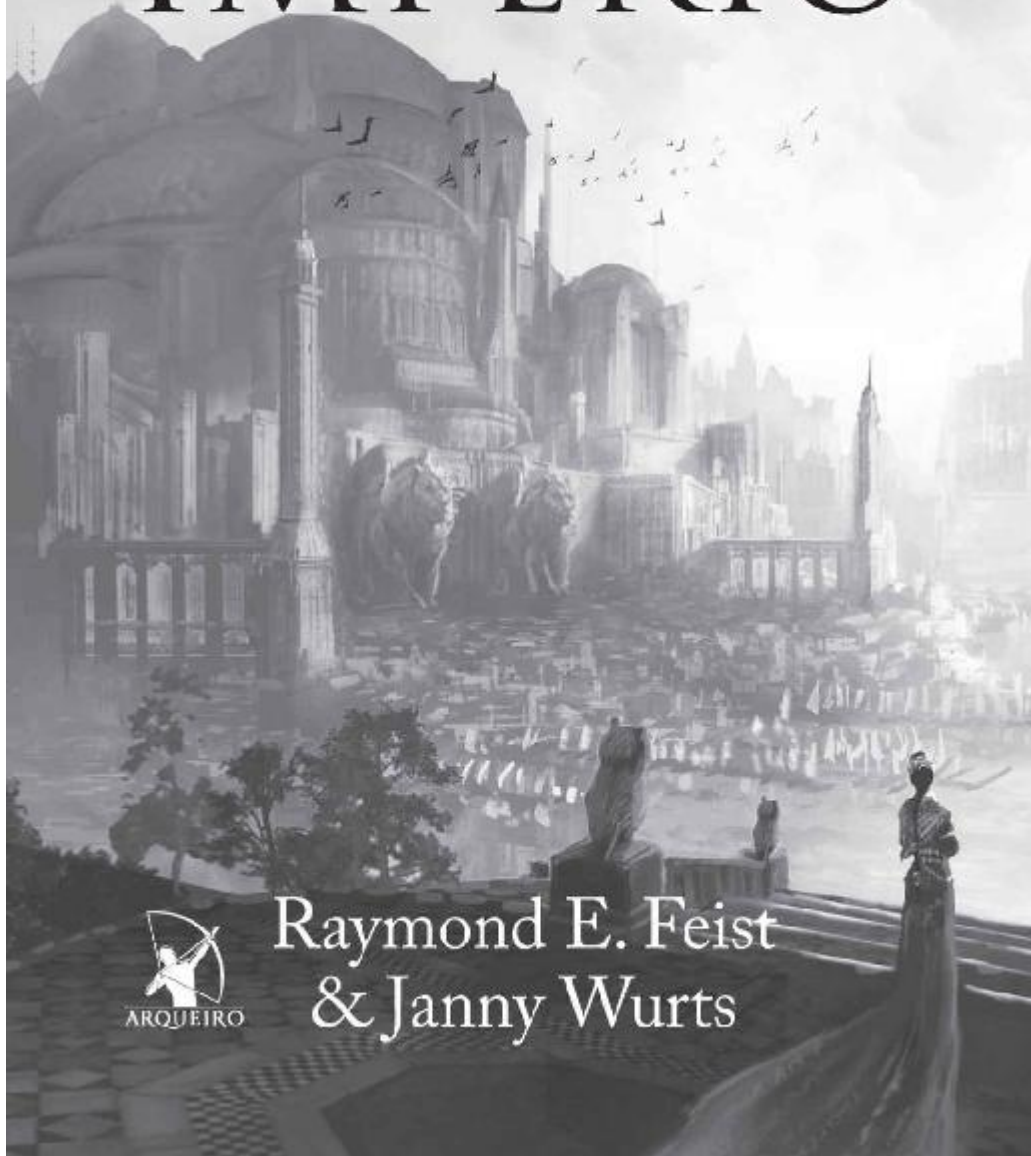
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

A SAGA DO IMPÉRIO - VOLUME TRÊS

A SENHORA DO IMPÉRIO



Raymond E. Feist
& Janny Wurts

Título original: *Mistress of the Empire*

Copyright © 1992 por Raymond E. Feist e Janny Wurts
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Rui Azeredo e José Remelhe

preparo de originais: Bruno Anselmi Matangrano

revisão: Ana Grillo, Luis Américo Costa, Renato Razzino, Taís Monteiro e Tomaz Adour

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Saída de Emergência

imagem de capa: Marc Simonetti

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F332s

Feist, Raymond E.

A senhora do império [recurso eletrônico]/ Raymond E. Feist, Janny Wurts; tradução de Rui Azeredo, José Remelhe. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (A saga do império; 3)

Tradução de: *Mistress of the empire*

Sequência de: *A serva do império*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-600-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Wurts, Janny. II. Azeredo, Rui. III. Remelhe, José. IV. Título. V. Série.

16-34434

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Este livro é dedicado a Kyung e Jon Conning,
com gratidão pelas ideias e pela amizade.*







Tragédia

O sol raiou.

O orvalho cobriu de joias a relva das margens do lago e o chamado das shatra nos ninhos foi carregado levemente pela brisa. A Senhora Mara dos Acoma saboreou a brisa, que logo daria lugar ao calor do dia. Sentada em sua liteira, com o marido a seu lado e Justin, o filho de 2 anos, cochilando no colo, ela fechou os olhos e, satisfeita, inspirou profundamente.

Deslizou os dedos sob a mão do marido. Hokanu sorriu. Sua beleza era inegável, comprovadamente a de um guerreiro; os tempos de calma não haviam suavizado seu porte atlético. Apertou, possessivo, a mão sobre a dela, com a força mascarada pela ternura.

Os últimos três anos tinham sido bons. Pela primeira vez desde a infância, ela se sentia segura, a salvo das mortíferas e intermináveis intrigas políticas do Jogo do Conselho. O inimigo que matara seu pai e seu irmão já não podia ameaçá-la. Já não passava de pó e recordações. Além disso, a família caíra junto com ele e o Imperador tinha concedido a Mara suas terras ancestrais e sua propriedade magnificamente equipada.

Segundo a superstição, o azar infecta a terra de uma família que caiu em desgraça, mas, numa manhã maravilhosa como aquela, o infortúnio parecia ausente. Conforme a liteira avançava devagar pela margem do lago, o casal partilhava a paz do momento enquanto

observava a casa que, junto, tinha restaurado.

Aninhado entre colinas íngremes e rochosas, o vale que antes pertencera aos Senhores Minwanabi não era somente protegido pela natureza, mas tão belo que parecia tocado pelos deuses. O lago refletia um céu plácido, as águas onduladas pelas remadas rápidas em uma canoa mensageira que transportava despachos para agentes na Cidade Sagrada. Lá, barcas de cereais, impulsionadas a remo por escravos que entoavam cânticos, entregavam as colheitas do ano a entrepostos, para armazená-las até que as cheias da primavera permitissem o transporte rio abaixo.

O vento seco do outono ondulava a relva dourada e o sol matinal iluminava os muros da propriedade como se fossem de alabastro. Do outro lado, numa depressão do relevo, Jujan e Xandia, os Comandantes das Forças Armadas, treinavam uma força militar conjunta de guerreiros Acoma e Shinzawai. Como Hokanu um dia herdaria o título do pai, o casamento com Mara não fundira as duas casas. Guerreiros vestindo o verde dos Acoma marchavam ao lado de homens ostentando o azul dos Shinzawai, as fileiras salpicadas de preto devido às divisões de insetos cho-ja. Junto com as terras dos Minwanabi, a Senhora Mara conquistara uma aliança com mais duas colmeias e, com ela, a força combatente de mais três companhias de guerreiros criados por sua rainha para lutar.

Um inimigo louco o bastante para atacar estaria pedindo para ser aniquilado. Mara e Hokanu, e seus leais vassalos e aliados, comandavam um incomparável e prestigiado exército no seio das Nações. Apenas os Brancos Imperiais, formados por soldados recrutados de outras casas sob a soberania do Imperador, poderiam rivalizar com esses dois exércitos. E se tropas de excelência e uma fortaleza praticamente inexpugnável não bastassem para assegurar a paz, o título de Serva do Império conferido a Mara por seus serviços a Tsuranuanni lhe permitia viver como membro honorário da própria família do Imperador. Os Brancos Imperiais também

estavam prontos a marchar em sua defesa, pois, pela honra essencial à cultura tsurani, insultos e ameaças a ela eram uma ofensa a toda a família de sangue da Luz do Céu.

– Você parece muito satisfeita esta manhã, esposa – disse-lhe Hokanu ao ouvido.

Mara apoiou a cabeça no ombro dele, os lábios abertos para receber um beijo. Se, no fundo do coração, ela sentia falta da paixão selvagem que conhecera com o escravo bárbaro de cabelo ruivo com quem gerara Justin, acabara por aceitar a perda. Hokanu era uma alma gêmea que partilhava sua aptidão política e tinha uma tendência à inovação. Era perspicaz, amável e devotado, assim como tolerante com sua teimosia, algo pouco comum entre os homens de sua cultura. Com ele, Mara falava como um igual. A relação originara um profundo e duradouro contentamento e, apesar de seu interesse no Grande Jogo do Conselho não ter diminuído, agora já não jogava com medo. O beijo de Hokanu aqueceu o momento como se fosse vinho, mas um grito agudo abalou toda a tranquilidade.

Mara se endireitou, abandonando o abraço de Hokanu, seu sorriso espelhado nos olhos negros do marido.

– Ayaki – concluíram ao mesmo tempo.

Logo em seguida, ecoou perto do lago o som trovejante de cascos a galope.

Hokanu apertou o braço em volta do ombro da esposa quando os dois se inclinaram para ver as brincadeiras do filho mais velho e herdeiro de Mara.

Um cavalo negro como carvão irrompeu por entre as árvores, a crina e a cauda esvoaçando ao vento. Enfeites verdes adornavam as rédeas e uma couraça com pérolas costuradas impedia a sela de deslizar para trás ao longo da barriga e do lombo esguios do animal. Agachado sobre os estribos envernizados estava um garoto de 12 anos recém-completados, o cabelo tão preto quanto o pelo da montaria. Ele controlou o cavalo para que desse a volta e fez com

que corresse na direção da liteira de Mara, o rosto rígido devido à excitação da velocidade e sua esplêndida túnica decorada com lantejoulas esvoaçando como se fosse uma bandeira agitada pelo vento.

– Está se tornando um cavaleiro bastante audacioso – comentou Hokanu com admiração. – E o presente de aniversário parece estar sendo bem apreciado.

Mara olhou, com um prazer radiante estampado no rosto, enquanto o garoto dirigia a montaria para a trilha. Ayaki era a sua alegria, a pessoa que ela mais amava na vida.

O cavalo negro levantou a cabeça em protesto. Era agitado e estava ansioso por correr. Ainda não completamente à vontade com os enormes animais importados do mundo bárbaro, Mara, apreensiva, prendeu a respiração. Ayaki herdara um traço rebelde do pai e, nos anos que se seguiram ao incidente em que escapara por um triz da faca de um assassino, às vezes era dominado por um espírito um tanto irrequieto. Parecia provocar a morte, como se desafiar o perigo servisse para reafirmar a vida que corria em suas veias.

Naquele dia, porém, nada disso aconteceu, pois o cavalo fora escolhido por sua obediência e rapidez. O animal bufou com irritação, mas submeteu-se às ordens, seguindo a passo ao lado dos carregadores da liteira de Mara, que conseguiram dominar a tentação de se afastar do enorme cavalo.

A Senhora ergueu a cabeça quando o garoto e o cavalo encheram seu campo de visão. Ayaki iria ficar com os ombros largos, um legado de ambos os avôs. Herdara o corpo esbelto dos Acoma e toda a teimosia corajosa paterna. Apesar de Hokanu não ser seu verdadeiro pai, ambos partilhavam amizade e respeito. Ayaki era o tipo de garoto que deixaria qualquer pai orgulhoso e já demonstrava a coragem de que necessitaria quando chegasse à idade adulta e entrasse por direito no Jogo do Conselho na qualidade de Senhor

dos Acoma.

– Garoto exibido – brincou Hokanu. – Nossos carregadores devem ser os únicos no Império a quem é concedido o privilégio de usar sandálias, mas, se acha que vamos correr pelos campos com você, com certeza teremos de recusar.

Ayaki riu. Seus olhos escuros se fixaram na mãe, que desfrutava toda a alegria daquele momento.

– Para ser sincero, eu estava indo pedir ao Lax’l se poderia testar a nossa velocidade contra um cho-ja. Seria interessante saber se os guerreiros dele conseguem bater um grupo de cavalaria dos bárbaros.

– Isso se estivéssemos em guerra, o que no momento não acontece, graças aos deuses – comentou Hokanu em tom levemente mais sério. – Controle seus modos e, ao pedir, nada de ofender a dignidade do Comandante das Forças Armadas Lax’l.

O sorriso de Ayaki ficou ainda mais largo. Tendo crescido ao lado dos estranhos cho-ja, não se sentia de forma alguma intimidado pelo bizarro modo de ser deles.

– O Lax’l ainda não me perdoou por ter lhe dado um fruto *jomach* com uma pedra dentro.

– Ele perdoou – interpôs-se Mara –, mas depois disso tornou-se mais atento a seus truques, o que é inteligente da parte dele. Os cho-ja não têm o mesmo apreço por piadas que os humanos. – Ela olhou para Hokanu antes de prosseguir. – Na verdade, acho que nem entendem nosso senso de humor.

Ayaki fez uma careta e o cavalo negro se curvou sob ele. Os carregadores da liteira mudaram de direção, afastando-se de seus cascos irrequietos; o tranco na liteira perturbou o pequeno Justin, que despertou com um choro de irritação.

O cavalo negro se assustou com o som. Ayaki dominou o animal com mão firme, mas o cavalo, irrequieto, recuou alguns passos. Hokanu manteve o rosto impassível, embora tenha sentido enorme

vontade de rir da feroz determinação e do controle do rapaz. Justin deu um chute enérgico na barriga da mãe. Ela se dobrou para a frente, erguendo-o rapidamente com os braços.

Então algo passou veloz ao lado da orelha de Hokanu, vindo de trás, fazendo com que as cortinas da liteira esvoaçassem. Surgiu um pequeno buraco na seda no local onde pouco antes estivera a cabeça de Mara. Hokanu se lançou, apressado, contra o corpo da mulher e do filho e se virou para olhar para trás. Por entre as sombras dos arbustos próximos à trilha, algo preto se mexeu. Instintos adquiridos em batalha fizeram com que Hokanu agisse sem pensar.

Empurrou a mulher e o filho mais novo para fora da liteira, mantendo seu corpo à frente para servir de escudo. Seu salto abrupto fez a liteira tombar, proporcionando-lhes mais cobertura.

– Os arbustos! – gritou enquanto os carregadores caíam.

Guardas desembainharam prontamente as espadas para defender sua Senhora. Mas hesitaram ao não perceber um alvo visível para atacar.

– Mas o que... – falou Mara, confusa atrás de um amontoado de almofadas e cortinas rasgadas, sobrepondo-se ao choro de Justin.

Hokanu se virou para os guardas e gritou:

– Atrás dos arbustos das *akasi*.

O cavalo bateu com as patas no chão, como se tentasse pisar em um mosquito irritante. Ayaki sentiu sua montaria estremecer debaixo dele. As orelhas do cavalo se eriçaram e ele agitou a espessa crina, enquanto o garoto tentava controlá-lo com as rédeas.

– Calma, amigo. Quietos.

O alerta do padraço não chegou a seus ouvidos, tão concentrado que estava em conter o corcel.

Hokanu espiou por cima da liteira. Os guardas já vasculhavam os arbustos que ele indicara. Assim que se voltou para verificar a possibilidade de haver um agressor vindo do outro lado, viu Ayaki

tentando freneticamente acalmar um cavalo cada vez mais assustado e perigoso. Um reflexo de verniz à luz do sol revelou um pequeno dardo cravado no flanco do animal.

– Ayaki! Salte!

O cavalo deu um violento coice. O dardo na pele desempenhara sua tarefa e um veneno que afeta os nervos percorreu os vasos sanguíneos do animal, que revirou os olhos, exibindo grandes globos brancos. Empinou, erguendo as patas dianteiras, e de sua garganta jorrou um grito penetrante quase humano.

Hokanu saltou para longe da liteira. Agarrou as rédeas do cavalo, mas os cascos duros o obrigaram a recuar. Agachou-se, tentou segurar de novo, mas falhou quando o cavalo girou. Já bastante habituado aos comportamentos equinos para saber que aquele animal tinha enlouquecido, gritou para o garoto agarrado com ambas as mãos a seu pescoço:

– Ayaki! Salte daí! Agora, menino!

– Não – gritou o garoto, não em desafio, mas por bravura. – Eu consigo acalmá-lo.

Hokanu saltou de novo para agarrar as rédeas, terrivelmente preocupado com a própria segurança. A insistência do garoto poderia ser justificável se o cavalo estivesse meramente assustado. Mas Hokanu já vira os efeitos de um dardo envenenado antes; reconheceu o significado do tremor da carne do cavalo e da súbita falta de coordenação: eram os sintomas de um veneno de ação rápida.

Se o dardo tivesse atingido Mara, a morte a teria levado em poucos segundos. Em um animal dez vezes maior que ela, o fim seria mais lento e brutalmente doloroso. O cavalo urrou de agonia e um espasmo abalou seu enorme corpo. Expôs dentes amarelos e se debateu contra as rédeas, enquanto Hokanu continuava tentando agarrá-lo.

– Veneno, Ayaki! – gritou acima do ruído provocado pelo cavalo

frenético. Atirou-se para a frente para tentar segurar o estribo, na esperança de agarrar o garoto. As patas dianteiras do cavalo se enrijeceram, esticando-se para a frente quando os músculos se retesaram. Então a parte traseira cedeu e ele tombou.

O baque produzido pelo corpo pesado batendo na terra se misturou com o grito de Mara. Ayaki se recusara a saltar do cavalo até o último instante. Então ele foi atirado de lado e seu pescoço ricocheteou para trás quando a força da queda o projetou por cima da trilha. O cavalo estremeceu e rolou para cima do garoto, prendendo-o e esmagando-o sob seu corpo.

Ayaki não abriu a boca. Hokanu conseguiu não ser atingido pelos cascos quando correu depressa em volta do animal em sofrimento. Logo chegou perto do garoto, mas já era tarde demais. Entalada sob o peso do cavalo trêmulo e quase morto, a criança parecia pálida demais para estar viva. Seus olhos escuros se voltaram para Hokanu e sua mão livre se esticou para segurar a do padrasto uma fração de segundo antes de a morte chegar.

Hokanu sentiu os dedos pequenos e sujos ficarem frouxos dentro de sua mão. Agarrou-se a uma raiva de pura negação.

– Não! – gritou, como se apelasse aos deuses.

Ouviu os gritos de Mara e percebeu que os soldados de sua guarda de honra o empurravam para tentar erguer o cavalo morto. A montaria foi rolada para o lado, com um gemido emitido pelo ar libertado dos pulmões. No que dizia respeito a Ayaki, não houve resistência à morte terrível e precoce. As costas do cavalo esmagaram seu peito e as costelas haviam perfurado a carne esmagada como se fossem pedaços de espadas partidas.

O rosto jovem, branco demais, continuava de olhos fixos, abertos e espantados, fitando o céu plácido lá no alto. Os dedos com que tentara agarrar o padrasto em quem tanto confiava para evitar o horror das trevas estavam vazios, abertos, a crosta de sangue num polegar servindo de último testemunho do treino intensivo com uma

espada de madeira. Aquele garoto jamais conheceria as honras ou os horrores de uma batalha, ou o beijo terno da primeira namorada, ou o orgulho e a responsabilidade do manto de Senhor que um dia seria seu.

O caráter definitivo de um fim súbito deixa uma dor semelhante a um ferimento que sangra. Hokanu sentia enorme pesar, sem querer acreditar naquilo. Sua mente só conseguiu contornar o choque graças à experiência nos campos de batalha.

– Cubra o menino com um escudo – ordenou. – A mãe dele não deve vê-lo neste estado.

Mas as palavras saíram tarde demais dos lábios entorpecidos. Mara apareceu de repente atrás dele e Hokanu sentiu a agitação de suas vestes de seda na panturrilha quando ela se deixou cair de joelhos ao lado do filho. Esticou os braços para envolvê-lo, para erguê-lo do chão de terra, como se, pela mera força do amor, pudesse lhe devolver a vida. Mas as mãos se detiveram no ar sobre a carne dilacerada que outrora tinha constituído o corpo de Ayaki. Sua boca se abriu, mas não saiu nenhum som. Algo se quebrara dentro dela. Instintivamente, Hokanu a agarrou por trás e a aconchegou ao ombro.

– Ele partiu para os salões do Deus Vermelho – murmurou.

Mara não respondeu. Hokanu sentiu a batida acelerada do coração dela sob suas mãos. Só bem depois reparou no tumulto em volta do arbusto ao lado da trilha. A guarda de honra de Mara se atirara com sede de vingança sobre o assassino vestido de negro. Antes de Hokanu conseguir se recompor para ordenar cautela – pois, se fosse capturado vivo, o homem poderia ser obrigado a revelar qual fora o inimigo que o contratara –, os guerreiros puseram ponto final ao assunto.

Suas espadas se ergueram e caíram, com um reflexo vermelho vivo. Em poucos segundos, o assassino de Ayaki jazia como uma vitela de *needra* esquarterada na bancada de um açougueiro.

Hokanu não sentiu pena daquele homem. Por entre o sangue, enquanto os soldados o viravam, reparou na camisa curta e nas calças pretas. O pano que cobria a cabeça ocultava tudo, exceto os olhos do homem, e foi puxado para o lado para mostrar uma tatuagem azul na face esquerda. Aquela marca só poderia ser usada por um membro da Seita dos Hamoi, uma irmandade de assassinos.

Hokanu se ergueu devagar. Ainda que os soldados não tivessem eliminado o assassino, ele teria morrido de bom grado antes de divulgar qualquer informação. A seita respeitava um rigoroso código de sigilo e com certeza o assassino não devia saber quem pagara a seu líder por aquele ataque. E o único nome que interessava era o do homem que contratara os serviços da irmandade Hamoi.

Em um canto insensível de sua mente, Hokanu compreendeu que a tentativa de matar Mara não fora barata. Aquele homem não tinha esperança de sobreviver à sua missão e um ataque suicida custava uma fortuna.

– Vasculhem o corpo e procurem pegadas na propriedade – ouviu-se dizer numa voz endurecida pelas emoções que fervilhavam dentro dele. – Vejam se conseguem descobrir qualquer pista a respeito de quem possa ter contratado a seita.

O Líder de Ataques dos Acoma que estava no comando fez uma reverência a seu Senhor e deu ordens severas aos homens.

– Deixe um guarda para vigiar o corpo do rapaz – acrescentou Hokanu.

Abaixou-se para confortar Mara e não se surpreendeu por ela continuar muda, combatendo o horror e a descrença. O marido não a culpou por não conseguir manter a compostura e mostrar a impassibilidade tsurani apropriada. Ayaki fora durante muitos anos a única família que ela conhecera; Mara não tinha outros parentes de sangue. A vida dela antes do nascimento do menino havia sido atormentada por uma sucessão de perdas e mortes. Hokanu aninhou o corpo pequeno e trêmulo da esposa contra o seu

enquanto acrescentava as instruções necessárias a respeito do garoto. Mas, quando os preparativos se completaram e Hokanu ternamente tentou afastar Mara, ela se debateu.

– Não! – exclamou, a voz estrangulada pela dor. – Não vou deixá-lo aqui sozinho!

– Minha Senhora, não podemos fazer mais nada por Ayaki. Ele já está nos salões do Deus Vermelho. Apesar da pouca idade, enfrentou a morte com coragem. Será bem acolhido. – Então afagou os cabelos escuros dela, ensopados pelas lágrimas, e tentou acalmá-la: – Você ficará melhor lá dentro com aqueles que gostam de você, e Justin poderá ficar aos cuidados das amas.

– Não – repetiu Mara, em um tom de voz que ele, por instinto, decidiu não contrariar. – Não saio daqui.

Apesar de ter concordado depois de algum tempo que o filho mais novo, agora o único, fosse enviado para a casa grande sob a proteção de uma companhia de guerreiros, ela sentou-se, sob o calor matinal, no solo empoeirado, olhando fixamente para o rosto do primogênito.

Hokanu não saiu de seu lado. O cheiro fétido da morte não o afastou, tampouco o enxame de moscas que zumbiam e sugavam os olhos do corpo perfurado da montaria. Controlado como se estivesse num campo de batalha, enfrentou o pior e suportou. Em voz baixa, instruiu um escravo mensageiro a buscar criados e uma pequena tenda de seda para proporcionar sombra. Mara não desviou o olhar quando o toldo foi colocado acima dela. Ignorando a presença das pessoas ao redor, ficou peneirando a terra por entre os dedos até que uma dúzia de seus melhores guerreiros chegou com armaduras cerimoniais para levar dali seu filho morto. Ninguém discutiu a sugestão de Hokanu de que o garoto merecia honras de campo de batalha. Ayaki perecera devido a um dardo inimigo; era como se o veneno tivesse se infiltrado em sua carne. Ele se recusara a abandonar o adorado cavalo e tal coragem e responsabilidade em

alguém tão jovem mereciam toda a consideração.

Mara observou, com uma expressão rígida como porcelana, enquanto os guerreiros levantavam o corpo do filho e o colocavam em um esquife enfeitado com flâmulas do verde dos Acoma e uma única fita escarlate, em honra do Deus Vermelho presente na vida de todos.

A brisa da manhã parou e os guerreiros começaram a transpirar ao executar a tarefa. Hokanu ajudou Mara a se levantar, desejando que ela não se despedaçasse. Ele tinha noção do esforço que precisava fazer para manter a própria compostura, e não apenas por causa de Ayaki. Seu coração sangrava igualmente por Mara, cujo sofrimento ele mal conseguia imaginar. Ajudou a esposa a caminhar quando ela se colocou ao lado do esquife e o lento cortejo desceu a colina em direção à casa grande, que apenas algumas horas antes parecia um lugar abençoado pela felicidade.

O fato de os jardins se mostrarem tão luxuriantes e as margens do lago tão verdejantes e belas enquanto o garoto no esquife tinha o corpo tão ensanguentado, destroçado e imóvel parecia um crime antinatural.

Os carregadores de honra pararam diante da porta de entrada da frente, utilizada em ocasiões cerimoniais. Os servos mais leais da casa estavam à sombra da enorme porta de pedra. Um a um, curvaram-se perante o esquife para homenagear o jovem Ayaki. Eram liderados por Keyoke, Conselheiro-Mor de Guerra, cujo cabelo já estava grisalho devido à passagem do tempo; trazia embrulhada em sua capa de cerimônia, para não incomodar, a muleta que lhe permitia movimentar-se, já que ferimentos de guerra haviam lhe custado uma perna.

Enquanto entoava as palavras rituais de pesar, ergueu o olhar para Mara, exibindo uma dor equivalente à de um pai, com os olhos nublados e uma expressão dura. Atrás dele aguardava Lujan, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma, sem seu sorriso jovial

de sempre e com o olhar fixo, entrecortado por incômodas piscadas para conter as lágrimas. Guerreiro até o âmago, só a muito custo conseguiu manter a compostura. Ensinara o garoto que seguia no esquife a se defender com uma espada e ainda naquela manhã elogiara sua crescente habilidade.

Tocou a mão de Mara quando ela passou.

– Ayaki podia ter apenas 12 anos, minha Senhora, mas já era um guerreiro exemplar.

A Senhora mal assentiu em resposta. Conduzida por Hokanu, prosseguiu em direção ao *hadonra*, o próximo da fila. Pequeno e tímido, Jican mostrava um semblante destroçado. Conseguira recentemente despertar o interesse do inconstante Ayaki pelas artes das finanças da propriedade. Os jogos deles com conchas representando os bens dos Acoma que poderiam ser comercializados já não perturbariam o local da copa reservado ao desjejum.

Jican se atrapalhou com as palavras formais de compaixão dirigidas a sua Senhora. Seus circunspectos olhos castanhos pareceram refletir a dor dela quando esta prosseguiu, acompanhada pelo marido, na direção do jovem conselheiro Saric e de seu assistente, Incomo. Ambos tinham ingressado recentemente nas fileiras do pessoal da casa, mas Ayaki já conquistara seu afeto, como fazia com todos. As condolências que apresentaram a Mara demonstraram pesar, mas ela foi incapaz de reagir. Apenas a mão de Hokanu em seu cotovelo a impediu de tropeçar ao subir as escadas até o corredor.

Ao seguir em direção à área imersa na sombra, Hokanu se arrepiou. Pela primeira vez, as paredes maravilhosamente cobertas com azulejos não lhe proporcionaram uma sensação de abrigo. Os belos biombos pintados que ele e Mara haviam encomendado não o deixaram tomado de espanto. Em vez disso, sentiu uma torturante incerteza: a morte do jovem Ayaki teria sido uma manifestação do desagrado dos deuses por Mara ter tomado como despojos as

propriedades de seus inimigos derrotados? Os Minwanabi que no passado tinham caminhado entre aquelas paredes haviam jurado uma vingança de sangue contra os Acoma. Ignorando a tradição, Mara não enterrara o natami deles, a pedra talismã que assegurava a Roda da Vida aos espíritos desde que permanecesse sob a luz do sol. As sombras duradouras de inimigos subjugados projetariam má sorte sobre ela e seus filhos?

Temendo pela segurança do pequeno Justin, e se repreendendo em seu íntimo por ceder à superstição, Hokanu se concentrou em Mara. Se a morte e a perda sempre a tinham enrijecido, tornando-a mais corajosa e pronta para entrar em ação, dessa vez ela parecia totalmente devastada. Mara viu o corpo do garoto no salão grande e seus passos mais pareceram os de um boneco animado pelo feitiço de um mago. Sentou-se imóvel na lateral do esquife enquanto os criados lavavam a carne rasgada do filho e o vestiam com as sedas e as joias que lhe pertenciam como herdeiro de uma grande casa. Hokanu ficou por perto, sofrendo por se sentir completamente inútil. Mandara vir comida, mas sua Senhora não queria comer. Pedira a um curandeiro que preparasse um sonífero, desejando, esperando até, que isso provocasse uma reação irada.

Mas Mara mal balançou a cabeça e afastou a taça.

As sombras no chão se estenderam à medida que o sol cruzava o céu e as janelas no teto deixavam entrar ângulos de luz cada vez mais inclinados. Quando o escriba enviado por Jican bateu pela terceira vez, discretamente, à porta principal, Hokanu cuidou do assunto e disse ao homem que procurasse Saric ou Incomo para elaborar a lista das casas nobres que deveriam ser informadas da tragédia. Nitidamente, Mara não estava em condições de decidir isso. O único movimento que fez depois de horas foi pegar os dedos frios e enrijecidos do filho.

Lujan chegou por volta do anoitecer, as sandálias empoeiradas e os olhos mais fatigados do que jamais haviam ficado, mesmo no

campo de batalha. Fez uma reverência à sua Senhora e ao consorte dela e aguardou permissão para falar.

Os olhos de Mara permaneceram apaticamente pregados no filho.

Hokanu estendeu a mão e tocou em seu ombro tenso.

– Meu amor, seu Comandante das Forças Armadas tem novidades.

A Senhora dos Acoma se agitou, como se voltasse de repente de algum lugar bem distante.

– Meu filho morreu – disse debilmente. – Pela piedade de todos os deuses, deveria ter sido eu.

Com o coração despedaçado de dor, Hokanu afastou para trás uma mecha dos cabelos dela que saíra do lugar.

– Se os deuses fossem gentis, o ataque nunca teria ocorrido.

Em seguida, ao perceber que sua Senhora tornara a cair no torpor, voltou-se para o oficial.

Os olhares de ambos os homens se cruzaram, angustiados. Já tinham visto Mara enfurecida, magoada, temendo pela vida. Ela sempre reagira com vivacidade e empenho. Aquela apatia não era normal e todos que a amavam temiam que parte de seu espírito tivesse morrido com o filho.

Hokanu tentou sustentar o máximo possível aquele fardo.

– Conte o que seus homens descobriram, Lujan.

Se o Comandante das Forças Armadas de Mara fosse um homem mais fiel às tradições, teria se recusado a falar; embora Hokanu fosse um nobre, não era o Senhor dos Acoma. Mas a Casa dos Shinzawai estava unida por juramento aos Acoma e Mara não estava em condições de tomar decisões sérias. Lujan soltou um suspiro de alívio quase imperceptível. A veemência do herdeiro dos Shinzawai era considerável e as novidades trazidas por Lujan não eram animadoras.

– Meu Senhor, nossos guerreiros vasculharam o corpo e não

obtiveram resultados. Nossos melhores batedores se juntaram às buscas e, em um buraco onde o assassino aparentemente dormiu, encontraram isto.

Passou a Hokanu um símbolo redondo com o formato de concha, pintado de vermelho e amarelo e com o selo triangular da Casa dos Anasati. Hokanu pegou o objeto com um toque de repulsa. O símbolo era daqueles que um Governante poderia dar a um mensageiro como prova de que lhe fora confiado um recado importante. Não era apropriado a um inimigo confiar tal emblema a um assassino, mas, na verdade, o Senhor dos Anasati não escondia seu ódio por Mara. Jiro era poderoso e um aliado declarado de casas que desejavam abolir as novas políticas do Imperador. Era, mais do que um homem de guerra, um erudito, e, embora fosse inteligente demais para ceder a atos grosseiros, Mara ofendera sua virilidade no passado: escolhera seu irmão mais novo como primeiro marido e desde então Jiro revelara abertamente sua animosidade.

Ainda assim, o objeto em forma de concha revelava uma falta de sutileza exagerada demais para se tratar de um golpe do Jogo do Conselho. E a Seita dos Hamoi era uma irmandade tão astuciosa que não permitiria a um de seus assassinos o disparate de carregar provas do Senhor ou da família que o teria contratado. Sua história era secular e suas condutas eram protegidas por segredos. Havia uma garantia de discrição absoluta para quem encomendasse uma morte a eles. O símbolo poderia ser um ardil destinado a lançar a culpa sobre os Anasati.

Hokanu ergueu um olhar de preocupação para Lujan.

– Acha que o Senhor Jiro foi o responsável por esse ataque?

Sua pergunta era mais uma expressão de dúvida implícita do que uma interrogação. Ao responder apenas com uma expiração tornou-se evidente que Lujan também tinha reservas quanto ao símbolo.

Mas o nome do Senhor dos Anasati rompeu a letargia de Mara.

– Foi Jiro que fez isso? – Ela desviou o olhar do corpo de Ayaki e

viu o disco vermelho e amarelo na mão de Hokanu. Seu rosto se contorceu em uma máscara de raiva assustadora. – Os Anasati devem ser reduzidos a pó. O natami deles será enterrado em pedaços e seus espíritos, condenados às trevas. Mostrarei menos piedade por eles do que demonstrei pelos Minwanabi! – Cerrou as mãos em dois punhos trêmulos. Fixou o olhar num ponto entre o marido e o Comandante das Forças Armadas, como se o inimigo repulsivo fosse visível através do poder de seu ódio. – Mas nem isso servirá para compensar o sangue de meu filho. Nem isso.

– O Senhor Jiro pode não ser o responsável – comentou Lujan com sua voz habitualmente firme embargada pela dor. – A Senhora era o alvo, não Ayaki. Afinal de contas, o garoto é sobrinho do Senhor dos Anasati. O assassino da seita pode ter sido enviado por qualquer um dos inimigos do Imperador.

Mas Mara pareceu não ter escutado:

– Jiro vai pagar. Meu filho será vingado.

– Acha que o Senhor Jiro pode ser o responsável? – repetiu Hokanu para o Comandante das Forças Armadas.

A chance de o jovem herdeiro Anasati ser o culpado, mesmo depois de ter herdado o manto e o poder que haviam pertencido ao pai, revelaria teimosia e orgulho infantil. Uma mente amadurecida não alimentaria esse tipo de rancor, mas com sua arrogância presunçosa o Senhor dos Anasati poderia muito bem desejar que o mundo soubesse quem fora o responsável pela queda de Mara.

Porém, uma vez que Mara era Serva do Império, sua popularidade se espalhara por todo lado. Jiro poderia ser um tolo dominado pela virilidade ofendida, mas com certeza não a ponto de incitar a ira do Imperador.

Lujan voltou os olhos escuros para Hokanu.

– Esse pedaço de concha é a única evidência que temos. Seu caráter óbvio pode afinal ser sutil, como se, ao chamar atenção para a Casa dos Anasati, fôssemos deixá-la de lado imediatamente para

procurarmos culpados em outro lugar. – A fúria se infiltrava em suas palavras. Ele também desejava reagir furiosamente àquela atrocidade. – Mas pouco interessa o que penso – concluiu de modo incisivo.

A honra lhe exigia que realizasse os desejos de sua Senhora, sem dúvidas nem hesitações. Se Mara lhe pedisse que reunisse a guarnição dos Acoma e marchasse de forma suicida para a guerra, ele obedeceria com todo o empenho.

O anoitecer reduziu a luminosidade que atravessava as claraboias no grande salão. Criados entraram em silêncio e acenderam as lamparinas dispostas ao redor do esquife de Ayaki. Fumaça aromatizada adocicou o ar. O efeito das luzes acolhedoras suavizou a palidez da morte e a sombra cobriu os hematomas disformes sob suas vestes de seda. Mara continuava sentada, sozinha, velando o corpo do filho. Fitava seu rosto oval e o cabelo escuro como carvão que, pela primeira vez desde que ela se lembrava, permanecera penteado por mais de uma hora.

Ayaki representara todo o futuro dela até aquele momento em que o corcel tombara e o esmagara. Representara suas esperanças, seus sonhos, e mais: ele deveria ser o futuro guardião de seus antepassados e a continuidade do nome dos Acoma.

A complacência dela lhe custara a vida.

Mara cerrou os dedos brancos no colo. Nunca, nunca, deveria ter ficado sossegada, acreditando que seus inimigos seriam incapazes de atingi-la. A culpa pela falta de vigilância a seguiria até o fim de seus dias. E como se tornara sombrio qualquer vislumbre do futuro! Ao lado dela jazia uma bandeja com os restos de uma refeição que beliscara; a comida não tinha sabor. A solicitude de Hokanu não servira para confortá-la. Conhecia-o bem demais e conseguia sentir nas palavras dele o reflexo da própria dor e da própria raiva, por isso se recriminava ainda mais profundamente.

O garoto não censurou sua tolice. Ayaki estava além dos sentimentos, fora do alcance do sofrimento ou da alegria.

Mara conteve um espasmo de dor. Desejou intensamente que o dardo a tivesse acertado, que as trevas que punham fim a tudo pudessem ser dela, e não do filho. O fato de ter outro filho ainda vivo não servia para diminuir seu desespero. Dos dois, Ayaki conhecera menos a completude da vida, apesar de ser o mais velho. O pai dele fora Buntokapi dos Anasati, cuja família fora inimiga dos Acoma, numa união que trouxera a Mara muita dor e pouca felicidade. Expedientes políticos a levaram a tecer artimanhas ardilosas que, vistas agora, com um olhar mais maduro, lhe pareciam nada menos do que assassinato. Ayaki fora a expiação dela diante do devastador suicídio do pai, que teve origem nas próprias maquinações de Mara.

Embora, pelos princípios do Jogo do Conselho, ela tivesse obtido uma vitória memorável, intimamente encarava a morte de Buntokapi como uma derrota. Não fazia diferença que tivesse sido a negligência da própria família dele que o transformara em uma ferramenta à sua disposição. Ayaki lhe oferecera uma oportunidade de atribuir uma última honra à sombra de seu falecido esposo. Ela se mostrara determinada a que seu filho ascendesse à grandeza que fora negada a Buntokapi.

Mas agora todas as esperanças estavam irremediavelmente perdidas. O Senhor Jiro dos Anasati era irmão de Buntokapi e o fato de sua conspiração ter errado o alvo e resultado na morte do sobrinho alterara de novo o equilíbrio da balança política. Pois, sem Ayaki, os Anasati estavam livres para retomar as hostilidades, em repouso desde a época do pai dele.

Ayaki crescera rodeado pelos melhores professores e sob total proteção de seus soldados, mas pagara pelos privilégios de sua posição. Aos 9 anos, quase perdera a vida pela adaga de um assassino. Duas aias e uma adorada servidora antiga da casa foram

assassinadas na sua frente e aquela experiência fez com que passasse a ser assolado por pesadelos. Mara resistiu ao desejo intenso de afagar a mão do menino para reconfortá-lo. A carne estava fria e os olhos nunca se abririam outra vez refletindo alegria e confiança.

Mara não teve de combater as lágrimas; a raiva diante da injustiça serviu para travar sua mágoa. Os demônios pessoais que tinham revirado a natureza do pai na direção da crueldade inspiraram a melancolia e um espírito sonhador em Ayaki. Apenas nos três últimos anos, desde o casamento de Mara com Hokanu, o sol mais brilhante da natureza do garoto se tornara ascendente.

Ayaki sempre se orgulhava ao dizer que a fortaleza dos Minwanabi nunca estivera tão protegida: as defesas ali eram inexpugnáveis pelo inimigo. Além do mais, Mara era uma Serva do Império. O título trazia consigo a proteção dos deuses e sorte suficiente para manter distante o infortúnio.

Agora Mara se repreendia por ter se deixado influenciar por sua fé ingênua e cega. Aproveitara-se diversas vezes, no passado, das tradições e das superstições. Fora estupidamente presunçosa para não reparar que as mesmas coisas poderiam ser utilizadas contra ela.

Parecia-lhe injusto que tivesse sido o filho, e não ela, a pagar por isso.

O pequeno meio-irmão dele, Justin, ajudara a aliviar a melancolia do espírito de Ayaki. O segundo filho de Mara nascera da relação com o escravo bárbaro que ela ainda amava. Bastou que fechasse os olhos por instantes e logo surgiu em sua mente o rosto de Kevin, quase sempre sorrindo devido a alguma piada ridícula, com seu cabelo e barba ruivos brilhando como cobre sob o sol de Kelewan. Em sua companhia, não partilhara a harmonia que gozava com Hokanu. Não; Kevin se revelara tempestuoso, impulsivo e por vezes arrebatadamente insensato.

Ele não teria escondido sua dor; teria, isso sim, libertado seus sentimentos numa tempestade explosiva; o modo intenso como vivia a vida poderia ter ajudado Mara a encontrar coragem para enfrentar aquela afronta. O jovem Justin herdara a natureza despreocupada do pai. Tinha o riso fácil, estava sempre pregando peças e já demonstrava ter a língua solta. Tal como o pai, Justin demonstrava um jeito especial para arrancar Ayaki da melancolia. Corria com suas pernas gordinhas ou tropeçava e caía rindo, ou fazia caretas até se tornar impossível permanecer perto dele em silêncio.

Mas, agora, não haveria mais risos partilhados com Ayaki.

Mara estremeceu, consciente apenas naquele momento da presença de alguém a seu lado. Hokanu entrara do modo sinistramente silencioso que aprendera com os habitantes das florestas do mundo bárbaro.

Ciente de que Mara notara sua presença, pegou a mão fria da esposa e colocou-a sobre a sua, quente.

– Minha Senhora, já passa da meia-noite. Seria bom descansar um pouco.

Mara desviou o olhar levemente do esquite. Seus olhos escuros se fixaram nos de Hokanu e a compaixão patente no olhar dele fez com que ela se esvaísse em lágrimas. As belas feições do esposo se turvaram e ele a puxou para si, encostando-a no ombro. Era forte, apesar de pouco musculoso, como o pai. E, se não revelava a paixão ardente como Kevin fazia, partilhava um entendimento natural com Mara. Era o marido que o pai de Ayaki nunca fora e sua presença quando a dor se apossava dela era o que a mantinha longe da insanidade. O toque que usava para tentar suavizar a dor dela era o de um homem com capacidade de comando no campo de batalha. Preferia a paz, assim como ela, mas, quando a espada se impunha, tinha a coragem dos tigres que habitavam a selva do outro lado do Portal.

Agora, tardiamente, os Acoma iriam precisar desses talentos em

batalha.

Enquanto as lágrimas encharcavam o rosto de Mara, ela provava uma amargura sem limites. A culpa que a corroía tinha um nome que ela poderia transformar em bode expiatório. Jiro dos Anasati assassinara seu filho; por esse motivo, ela destruiria a casa dele de um modo inimaginável.

Como se pressentisse a reviravolta nas ideias de Mara, Hokanu a sacudiu de leve.

– Minha Senhora, precisamos de você. Justin chorou durante toda a ceia, perguntando o que aconteceu com a mamãe. Keyoke de hora em hora pedia instruções e o Comandante das Forças Armadas precisa saber quantas companhias devem ser chamadas de volta do serviço nas propriedades próximas a Sulan-Qu.

Com sua sutileza única, Hokanu não abordou a necessidade de iniciar uma guerra. Isso foi um alívio. Se tivesse feito perguntas ou tentado dissuadi-la de se vingar de Jiro alegando que um simples símbolo em concha era uma evidência pouco confiável, ela teria se virado para ele tomada de fúria. Quem naquele momento não estivesse com ela estaria contra ela. Um golpe tinha sido desferido contra os Acoma e a honra exigia uma resposta.

Mas a imagem do filho assassinado abalou sua determinação; qualquer forma de vida em seu rosto parecia ter sido sugada até os ossos.

– Minha Senhora? – chamou Hokanu. – Você precisa tomar decisões para que a vida na casa siga em frente. Você é os Acoma.

Mara começou a franzir as sobrancelhas. Seu marido estava certo. Quando se casaram, ficara estabelecido que o jovem Justin seria o herdeiro dos Shinzawai, sucedendo a Hokanu. Furiosa, Mara desejou que fosse possível desfazer a promessa. Nunca teria aceitado uma coisa daquelas se tivesse noção da mortalidade de Ayaki.

O círculo se fechara de novo. Fora negligente. Se não houvesse

se tornado perigosamente complacente, seu filho de cabelos negros não estaria deitado imóvel dentro de um círculo de lamparinas fúnebres. Estaria correndo, como qualquer garoto, ou treinando suas habilidades de guerreiro, ou cavalgando nas colinas com seu corcel negro, mais rápido do que o vento.

Mais uma vez, Mara viu em sua mente o flanco do animal e o terrível golpe dos cascos quando desabou...

– Senhora – falou Hokanu com ternura, abrindo os dedos dela e tentando afastar a tensão. – Acabou. Temos de continuar cuidando dos vivos. – Com as mãos, limpou as lágrimas do rosto dela, mas logo brotaram outras para substituí-las. – Mara, os deuses não foram bondosos. Mas meu amor por você se mantém, e a fé de seus servos em seu espírito é como uma luz nas trevas. Ayaki não viveu em vão. Era valente e forte e não se encolheu perante suas responsabilidades, mesmo no momento da morte. Tal como ele fez, também devemos fazer, ou o dardo que derrubou o cavalo desferirá mais do que um golpe fatal.

Mara fechou os olhos e tentou negar a presença da fumaça aromatizada das lamparinas fúnebres. Não precisou que a lembrassem de que milhares de vidas dependiam dela, enquanto Governante dos Acoma; naquele dia, revelara que não merecia a confiança deles. Já não governava a vida de um rapaz em crescimento. Aparentemente, já não lhe restava força de vontade e, no entanto, tinha de se preparar para uma grande guerra e obter vingança para manter a honra da família e, então, gerar um novo herdeiro.

Contudo, a esperança, o futuro, o entusiasmo e os sonhos pelos quais tanto se sacrificara tinham se transformado em pó. Sentia-se entorpecida, castigada de forma incurável.

– Meu Senhor e meu marido – disse, com voz rouca –, receba meus conselheiros e eles seguirão suas indicações. Não tenho ânimo para tomar decisões, mas os Acoma devem se preparar para entrar

em guerra.

Hokanu a mirou com um olhar ferido. Sempre admirara a força da esposa, e ver sua bela audácia subjugada pela dor feria seu coração. Apertou-a contra si, ciente da profundidade de seu sofrimento.

– Senhora – sussurrou suavemente –, vou poupá-la do que for possível. Se decidir marchar contra Jiro dos Anasati, estarei ao lado de seu Comandante das Forças Armadas. No entanto, mais cedo ou mais tarde, terá de vestir o manto de sua casa. O nome dos Acoma está em suas mãos. A perda de Ayaki não deve ser um fim, mas uma renovação de sua linhagem.

Terminado o discurso Mara virou o rosto para o ombro do marido e durante muito tempo, além do que seria considerado razoável, suas lágrimas encharcaram silenciosamente a preciosa seda azul da túnica dele.

Confronto

Jiro franziu o cenho.

Apesar de vestir uma túnica simples e leve e de o pórtico ao redor do pátio ao lado da biblioteca ainda se manter fresco àquela hora da manhã, um suor fino molhava sua testa. Uma bandeja com um desjejum parcialmente ingerido jazia abandonada perto de seu cotovelo enquanto ele tamborilava com dedos tensos na almofada bordada onde se sentara; seus olhos estudaram com firmeza o tabuleiro de jogo colocado próximo dos joelhos. Avaliou a posição de cada peça e tentou adivinhar o resultado provável de cada jogada. Uma escolha errada poderia não ser imediatamente óbvia, mas, contra o oponente atual, as consequências poderiam se revelar trágicas após novos movimentos.

Alguns sábios consideravam que o jogo de shah aguçava os instintos de um homem em termos de batalha e de política, mas Jiro, Senhor dos Anasati, apreciava mais quebra-cabeças mentais do que confrontos físicos. Considerava as complexidades do jogo hipnóticas por si mesmas.

Ultrapassara o talento do pai e de outros mestres em uma idade bastante precoce. Quando era garoto, Halesko, seu irmão mais velho, e Buntokapi, o mais novo, batiam nele com frequência devido à facilidade insolente com que os derrotava no jogo. Jiro procurara outros adversários e até competira contra negociantes de Midkemia, que, com uma frequência cada vez maior, visitavam o Império à

procura de mercados para seus artigos do outro mundo. Eles chamavam o jogo de "xadrez", mas as regras eram idênticas. Jiro encontrou poucos que conseguiram desafiá-lo.

O único homem que nunca derrotara estava sentado à sua frente, vasculhando distraidamente um batalhão de documentos meticulosamente empilhados em volta dos joelhos. Chumaka, Conselheiro-Mor dos Anasati desde os tempos do pai de Jiro, era extremamente magro e tinha o rosto estreito, um queixo pontiagudo e olhos pretos inescrutáveis. O homem olhou de passagem para o tabuleiro, uma e outra vez, detendo-se para reagir aos movimentos de seu Senhor. Em vez de se irritar com o modo ausente com que o Conselheiro-Mor rotineiramente o derrotava, Jiro sentia orgulho por ter uma mente tão aguçada servindo aos Anasati.

O talento de Chumaka para prever jogadas políticas complexas parecia beirar o mistério. A ascensão do pai de Jiro no Jogo do Conselho se devera em grande parte aos conselhos sábios daquele homem. Apesar de Mara dos Acoma ter humilhado os Anasati no início de sua ascensão grandiosa, Chumaka dera sábios conselhos que protegeram os interesses da família de reveses no conflito que se seguiu entre os Acoma e os Minwanabi.

Jiro mordeu o lábio, dividido entre dois movimentos que proporcionavam pequenos ganhos e um outro que mantinha a promessa de uma estratégia a longo prazo. Enquanto ponderava sobre o assunto, seus pensamentos recuaram até o Grande Jogo: a eliminação da Casa dos Minwanabi poderia ter sido um motivo de prazer, já que eram rivais dos Anasati – só que a vitória fora obtida pela mulher que Jiro mais odiava no mundo dos vivos. A hostilidade persistia desde que a Senhora Mara anunciara ter escolhido seu irmão mais novo, Buntokapi, como consorte, no lugar de Jiro.

Não importava que, caso o golpe contra seu ego não tivesse existido, ele tivesse morrido, em virtude das maquinações da Senhora, no lugar de Bunto. Cativado como era pelo pensamento

erudito, o último filho sobrevivente da linhagem Anasati permaneceu, nesse ponto, cego à lógica. Alimentava seu rancor através de uma meditação profunda. O fato de aquela cadela ter conspirado com sangue-frio para a morte de seu irmão já era motivo para uma vingança de sangue, apesar de Bunto ter sido desprezado pela família e haver renunciado a todos os laços com os Anasati para aceitar o governo dos Acoma.

O ódio de Jiro era tão profundo e gélido que ele preferia uma cegueira obstinada a reconhecer que herdara seu próprio posto de Governante precisamente por Mara tê-lo rejeitado. Com o passar dos anos, sua sede de vingança crescera até se transformar numa obsessão permanente, própria de um rival perigoso e astuto.

Jiro lançou um olhar furioso para o tabuleiro de shah, mas não ergueu a mão para movimentar qualquer peça. Chumaka reparou nisso enquanto vasculhava a correspondência. Suas grossas sobrelanceiras se arquearam.

– Está pensando em Mara de novo. – Jiro pareceu ofendido. – Já o avisei – prosseguiu Chumaka com sua voz grossa e impassível. – Alimentar essa inimizade servirá para irritar seu equilíbrio interior, o que resultará na derrota no jogo.

O Senhor dos Anasati demonstrou seu desprezo ao optar pelo lance mais arrojado dentre os dois movimentos de curto alcance.

– Ah! – Chumaka, relutante, mostrou satisfação ao remover sua peça pouco importante.

Com a mão esquerda ainda ocupada com a papelada, fez prontamente avançar o sacerdote.

O Senhor dos Anasati mordeu o lábio, contrariado; por que seu Conselheiro-Mor fizera aquilo? Enredado na tentativa de perceber a lógica por trás do movimento, Jiro mal reparou no mensageiro que entrara na sala apressado.

O recém-chegado fez uma reverência a seu Senhor. Logo após ter recebido um aceno lânguido que lhe permitiu se endireitar,

entregou a Chumaka a bolsa selada que carregava.

– Com sua permissão, Senhor? – murmurou Chumaka.

– A correspondência está codificada, certo? – perguntou Jiro, que não queria ser interrompido enquanto pensava na jogada seguinte. Sua mão pairou sobre as peças enquanto Chumaka pigarreava. Jiro entendeu isso como uma confirmação. – Achei que sim – disse. – Abra então suas mensagens. E tomara que as novidades que trazem façam com que perca sua concentração no jogo ao menos uma vez.

Chumaka soltou uma curta risada.

– Quanto piores forem os boatos, mais atento estarei ao jogo.

Seguiu a indecisão de Jiro com um divertimento que parecia desdém. Depois, abriu a bolsa e usou a unha comprida do polegar para abrir o laço.

À medida que manuseava os documentos no interior, ia arqueando as sobrancelhas.

– Isso é muito inesperado.

A mão do Senhor dos Anasati se deteve no ar. Ele olhou para cima, intrigado com a novidade de ver seu Conselheiro-Mor surpreso.

– O que foi?

Servidor de duas gerações de Governantes, Chumaka raras vezes era pego de surpresa. Fitou seu Senhor com um olhar especulativo.

– Perdão, meu Senhor. Referia-me a isto. – Tirou um documento da bolsa. Em seguida, quando sua visão periférica percebeu a peça sob a mão suspensa de Jiro, acrescentou: – Seu movimento é precoce, Senhor.

Jiro recolheu a mão, irritando-se e divertindo-se ao mesmo tempo.

– Precoce – murmurou.

Recostou-se nas almofadas para refletir. Com essa nova posição vantajosa, o tabuleiro de jogo lhe mostrou uma perspectiva diferente: um truque que aprendera com o pai quando era bem

jovem.

Chumaka bateu no rosto enrugado com o documento que causara a interrupção e sorriu de seu modo enigmático. Normalmente, apontava um erro mas não dava conselhos no shah. Esperaria que Jiro pagasse pelas consequências de seus atos.

– Este – murmurou, colocando uma marca no pergaminho com uma pequena pena.

Jiro reviu furiosamente a estratégia. Por mais que tentasse, não detectou qualquer ameaça.

– Você está blefando.

Preparou-se para movimentar a peça em questão.

Chumaka pareceu levemente desapontado.

– Não preciso blefar. – Fez avançar outra peça. – Seu Senhor da Guerra está sendo vigiado agora – disse.

Jiro percebeu a armadilha que fora montada pelo Conselheiro-Mor e sua sutileza o enfureceu. Ao Senhor restaria ceder o centro do tabuleiro e ser forçado a optar por um jogo defensivo ou perder seu Senhor da Guerra, a peça mais forte, passando a ter uma posição de pouca capacidade ofensiva. Jiro enrugou a testa ao considerar as várias alternativas. Por mais combinações que imaginasse, não descobriu qualquer forma de triunfar. Sua última esperança era tentar um empate por afogamento.

Moveu o único sacerdote que lhe restara.

Chumaka estava embrenhado na leitura. Ainda assim, diante da resposta de seu Senhor, olhou para baixo, capturou o sacerdote com um soldado e, paradoxalmente, permitiu a seu Senhor a libertação de seu Senhor da Guerra.

Encarando a situação benéfica como um sinal de alerta, Jiro tentou vislumbrar o mais à frente possível. Só tarde demais sua mente foi capaz de perceber: viu, desapontado, que fora manipulado para fazer o movimento almejado por seu Conselheiro-Mor. O desejado empate por afogamento era agora impraticável e a derrota

era apenas uma questão de tempo. Prolongar o jogo não servia de nada; Chumaka às vezes parecia imune a erros humanos.

Suspirando de frustração, o Senhor dos Anasati se resignou, derrubando o próprio Imperador.

– Você ganhou, Chumaka.

Esfregou os olhos, sentindo dor de cabeça por causa da tensão.

Chumaka lhe lançou um olhar penetrante por cima da carta.

– Suas jogadas estão melhorando claramente, Senhor Jiro.

Jiro permitiu que o elogio amenizasse a estocada de mais uma derrota.

– Fico me perguntando muitas vezes como você é capaz de jogar de modo tão brilhante tendo sua mente ocupada por outras questões, Chumaka.

O Conselheiro-Mor dobrou o documento.

– O shah é apenas uma das áreas de uma mente treinada, meu Senhor. – Captando a atenção de Jiro com os olhos semicerrados, acrescentou: – Não recorro a nenhum tipo de truque estratégico além de conhecer bem meu adversário. Observei-o durante toda a sua vida, Senhor. Desde sua terceira jogada, pressenti o que buscava. Na sexta, eu já havia eliminado mais de quatro quintos de todas as possibilidades no jogo.

Jiro deixou a mão cair inerte no colo.

– Como?

– Porque meu Senhor é igual à maioria dos homens criados pelos deuses. Espera-se que aja segundo um padrão determinado pela sua personalidade. – Chumaka acomodou o pergaminho em um bolso largo da túnica. – O Senhor teve uma noite tranquila. Comeu bem. Estava relaxado. Enquanto permaneceu concentrado, não teve... fome. Na terceira jogada, previ que seu jogo seria direto... e não ousado ou arriscado. – Chumaka, tal como Jiro, se concentrou totalmente na conversa e prosseguiu: – O segredo consiste em procurar as pistas que podem revelar os pensamentos do adversário.

Compreenda suas motivações, conheça suas paixões e não precisará esperar para ver o que ele fará: poderá prever cada jogada.

Jiro reagiu com um sorriso seco.

– Espero um dia receber a visita de um mestre de shah que lhe dê uma lição de humildade, Chumaka.

O Conselheiro-Mor soltou uma risada.

– Já fui humilhado muitas vezes, meu Senhor. Muitas vezes. Mas o Senhor nunca viu. – Seu olhar se voltou para as peças ali espalhadas, envolto em recordações agradáveis. – Jogue com aqueles que não o conhecem tão bem como eu o conheço e sairá vitorioso. Na verdade, o Senhor tem um dom invejável para a estratégia. Não sou o melhor jogador de shah, Senhor. – O Conselheiro-Mor retirou outro papel da bolsa assim que terminou o comentário. – Mas consegui estudá-lo melhor do que o Senhor jamais conseguiu fazer em relação a mim.

Jiro sentiu-se desconfortável por alguém, mesmo um servo tão leal quanto Chumaka, tê-lo sujeitado a uma avaliação tão detalhada. Depois se recompôs. Era uma bênção ter aquele homem como funcionário. O trabalho de Chumaka consistia em agir como conselheiro, confidente e diplomata. Quanto melhor conhecesse seu Senhor, melhor serviria aos Anasati. Odiá-lo por seu talento superior não tinha cabimento, seria o erro de um Senhor vaidoso demais para admitir suas falhas. Jiro se repreendeu intimamente por seu egoísmo e pelas suspeitas vãs e disse:

– O que o preocupa tanto esta manhã?

Chumaka vasculhou a bolsa, selecionou diversas cartas e afastou o tabuleiro de shah de modo a ter espaço para dispor as missivas em volta dos joelhos.

– Venho seguindo aquela pista que tivemos da rede de espões dos Acoma e vigiando os contatos, como me pediu. Acabaram de chegar novidades que estou tentando entender. – Seu tom de voz baixou para um murmúrio que só ele conseguia ouvir enquanto

reorganizava as pilhas de papéis, depois se tornou mais nítido enquanto ele pensava em voz alta: – Ainda não estou bem certo...

Passou mais um papel de um monte para outro e prosseguiu:

– Perdoe a desordem, Senhor, mas esta disposição permite que eu entenda as conexões. É frequente encararmos os acontecimentos numa linha reta, numa ordem em particular, quando na verdade a vida é bastante... caótica. – Coçou o queixo com o polegar e o indicador. – Pensei muitas vezes em fazer um quadro com gravetos, para poder colocar notas em alturas diferentes e, assim, realçar melhor as interligações...

A experiência ensinara Jiro a não se deixar enredar pelas idiossincrasias do Conselheiro-Mor. Ele até podia resmungar por causa do trabalho, mas parecia ser mais produtivo nessas ocasiões. A rede de espiões dos Anasati, cuja expansão custara a Jiro toda a riqueza de que pudera dispor, a cada ano proporcionava informações mais proveitosas. Outras grandes casas poderiam recorrer a um mestre dos espiões para gerenciar essa operação como bem entendesse; no entanto, Chumaka se opusera à possibilidade de permitir que fosse outro a supervisionar seu trabalho. Insistira no controle direto dos agentes que colocara em outras casas, sedes de guildas e centros de comércio. Mesmo quando Tecuma, o pai de Jiro, governava a Casa dos Anasati, Chumaka por vezes deixara a propriedade para supervisionar pessoalmente um ou outro assunto.

Apesar de Jiro mostrar a impaciência de um jovem diante dos silêncios do Conselheiro-Mor, sabia quando não devia interferir. Então, enquanto Chumaka observava atentamente as informações compiladas por seus agentes, o Senhor dos Anasati reparou que havia relatórios nas pilhas que datavam de dois anos antes. Alguns pareciam não passar de anotações feitas pelo secretário de um agente de comércio de cereais que usava as margens para fazer contas.

– Que informações novas são essas?

Chumaka não levantou a cabeça.

– Alguém tentou matar Mara.

Eram grandes notícias! Jiro sentou-se muito ereto, irado por não ter sido informado de imediato e enlouquecido pelo fato de outra casa que não fosse os Anasati ter incomodado a Senhora.

– Como você ficou sabendo disso?

O astuto Chumaka retirou o papel dobrado da túnica e entregou-o ao Senhor. Jiro arrancou a mensagem da mão dele e leu as primeiras linhas.

– Ayaki, o meu sobrinho, morreu! – exclamou.

O Conselheiro-Mor interrompeu seu Senhor antes que ele começasse a vociferar:

– Oficialmente, isso nos será transmitido apenas amanhã, meu Senhor! Temos hoje e amanhã para pensar na forma como devemos reagir.

Distraído de sua pretensão de repreender seu funcionário por manter informações só para si sem necessidade, Jiro seguiu a linha de pensamento de Chumaka: politicamente, os Anasati e os Acoma tinham sido inimigos amargos até o casamento de Mara com Buntokapi; desde o suicídio ritual de Bunto, o herdeiro dela, Ayaki, representava um laço de sangue entre as duas casas. O dever familiar fora a única razão que motivara a suspensão das hostilidades.

O garoto estava agora nos salões de Turakamu. Pessoalmente, Jiro nada sentiu com a notícia da morte do sobrinho. O fato de seu parente masculino mais próximo ter nascido com o nome Acoma o deixava furioso; sempre se sentira irritado por causa do acordo que o obrigava, enquanto Anasati, a aliar-se aos Acoma de modo a proteger a criança.

A obrigação enfim terminara. O fracasso de Mara em seus deveres como guardiã era nítido. Permitira que o garoto fosse morto. Os Anasati tinham a desculpa pública, ou melhor, o honroso dever

de exigir represálias devido àquela morte prematura.

Jiro quase não conseguiu disfarçar o desejo de, por fim, se vingar de Mara.

– Como ele morreu? – perguntou.

Chumaka lançou ao Senhor um olhar de clara reprovação.

– Se tivesse lido a carta que tem na mão até o fim, já saberia.

O Senhor Jiro sentiu a necessidade de se afirmar como Governante:

– Por que não me diz? Sua função é me aconselhar.

Os olhos negros e intensos do Conselheiro-Mor voltaram aos papéis. Não demonstrou qualquer tipo de irritação diante da reprimenda de Jiro. Na verdade, respondeu com uma complacência cerimoniosa:

– Ayaki morreu ao cair de um cavalo. Isso é informação pública. O que não é amplamente conhecido, ou seja, o que nossos agentes próximos à propriedade conseguiram descobrir, é que o cavalo também morreu. Caiu e esmagou o garoto depois de ser atingido por um dardo envenenado.

A mente de Jiro lembrou trechos pertinentes de conversas prévias.

– Um assassino de uma seita – concluiu –, cujo alvo principal era a Senhora Mara.

A expressão de Chumaka permaneceu implacavelmente branda.

– É o que explica de maneira clara o papel que tem nas mãos.

O Senhor Jiro inclinou a cabeça, rindo, magnânimo, com boa disposição.

– Aceito a lição, Conselheiro-Mor. Agora, em vez de usar essas novidades como um chicote para me ensinar, gostaria de ouvir a que conclusões você chegou. O filho de minha inimiga era, de qualquer maneira, sangue do meu sangue. Essas novidades me enfurecem.

Chumaka roeu a unha do polegar, que não mantinha afiada. Seus olhos deixaram de lado a mensagem cifrada na folha que tinha na

mão enquanto pensava na declaração de seu Senhor. Jiro não demonstrou qualquer emoção, como era típico dos tsurani. Contudo, se ele dissesse estar zangado, Chumaka teria que acreditar. A honra exigia que um servo acreditasse em seu Senhor. Mas Jiro estava mais animado do que enfurecido, concluiu Chumaka, o que não era um bom presságio para Mara. Ainda jovem em termos de governo, Jiro não compreendia os benefícios a longo prazo de permitir que a aliança entre os Anasati e os Acoma se diluísse num estado de *laissez-faire*.

O silêncio enquanto o Conselheiro ponderava irritou os nervos de Jiro.

– Quem? – quis saber, em tom aborrecido. – Quem dentre os inimigos de Mara deseja sua morte? Se formos audaciosos, poderemos aproveitar para estabelecer uma aliança.

Chumaka se recostou, soltando um profundo suspiro. Por trás da postura de penosa paciência, Jiro percebeu que ele estava intrigado com aquela inesperada reviravolta. O Conselheiro-Mor dos Anasati apreciava a política tsurani tanto quanto uma criança babava por doces.

– Sou capaz de prever diversos cenários – disse Chumaka por fim. – Apesar de as casas com coragem para agir não terem os meios e as que dispõem dos meios não terem coragem, tentar causar a morte de uma Serva do Império é... algo sem precedentes. – Mordeu o fino lábio inferior e depois acenou a um dos criados para que organizasse os documentos em pilhas de modo a serem reunidos e levados para seus aposentos. Diante da impaciência de Jiro, acrescentou: – Atrevo-me a dizer que Mara foi atacada pela Seita dos Hamoi.

Jiro mostrou um ar de desprezo ao passar a folha ao criado.

– Pela seita, naturalmente. Mas quem encomendou sua morte?

Chumaka se levantou.

– Ninguém. É o que torna tudo tão requintado. Creio que a seita

agiu por conta própria.

Jiro, espantado, franziu o cenho.

– Mas por quê? O que teria a seita a ganhar com a morte de Mara?

Apareceu um mensageiro no acesso à casa principal da propriedade. Fez uma reverência, mas, antes de conseguir falar, Chumaka adivinhou a razão de sua presença.

– Meu Senhor, a corte está reunida.

Jiro dispensou o criado com um gesto enquanto se erguia das almofadas. Assim que ele e seu Conselheiro-Mor iniciaram a caminhada até o grande salão onde o Senhor dos Anasati tratava de seus assuntos, Jiro conjecturou em voz alta:

– Sabemos que Tasaio dos Minwanabi pagou à Seita dos Hamoi para matar Mara. Acha que também lhes pagou para se vingar dela caso sucumbisse?

– Possivelmente. – Chumaka contou usando a ponta dos dedos, um hábito que tinha quando estava ordenando seus pensamentos. – A vingança dos Minwanabi pode explicar por que razão, aparentemente do nada, a seita resolveu agir depois de meses de tranquilidade.

Detendo-se à sombra de um corredor que dava para a porta dupla do grande salão, Jiro continuou:

– Se a seita agiu devido a algum juramento feito a Tasaio antes de sua morte, será que vai tentar de novo?

Chumaka deu de ombros, as costas curvadas erguendo a túnica de seda turquesa como uma tenda.

– Quem sabe? Apenas o *Obajan* dos Hamoi pode saber; só ele tem acesso aos registros com os nomes das mortes contratadas e pagas. Se a seita jurou a morte de Mara... não vai desistir. Se concordou somente em tentar tirar a vida dela, já cumpriu sua obrigação. – Então, com pesar, demonstrou admiração: – A Boa Serva se beneficia da sorte dos deuses, podemos dizer. Com

qualquer outra pessoa, um acordo para enviar um assassino é uma garantia de sucesso. Existiram outros, no passado, que escaparam da seita uma ou duas vezes, mas a Senhora Mara, que eu tenha conhecimento, sobreviveu a cinco tentativas de assassinato. Já seu filho não teve tanta sorte.

Jiro deu um passo à frente, batendo ruidosamente nos azulejos. Suas narinas se dilataram; mal notou dois criados que saltaram de seus postos para abrir as portas da sala de audiências. Caminhando a passos largos diante das servis reverências dos criados, Jiro fungou. Como tentar levar seu Conselheiro-Mor a agir com a subserviência apropriada era uma perda de tempo, voltou a fungar.

– Diabos! É uma pena que o assassino tenha errado o alvo. Ainda assim, podemos tirar proveito da situação: a morte do filho dela irá gerar muita confusão naquele lar.

Chumaka pigarreou delicadamente.

– Os problemas vão acabar nos alcançando, Senhor.

Jiro se deteve de imediato. Suas sandálias chiaram quando se virou para encarar o Conselheiro-Mor.

– Você não quer dizer que alcançarão os Acoma, certo? Eles perderam nossa aliança. Aliás, cuspiram nela ao permitirem que fizessem mal a Ayaki.

Chumaka se aproximou de seu Senhor para que o grupo de agentes que aguardava pela presença de Jiro na ponta do salão não conseguisse escutá-los.

– Fale baixo – preveniu. – A não ser que Mara consiga provas convincentes de que por trás disso tudo está presente a mão de Tasaio dos Minwanabi, vinda dos salões da morte, é lógico que colocará a culpa em nós. – E acrescentou amargamente: – Você sofreu quando seu pai, o Senhor Tecuma, deu a vida para acalmar sua hostilidade em relação à casa dela.

Jiro ergueu o queixo.

– Talvez.

Chumaka não ficou sério. De novo eufórico, dado seu fascínio inato pelo Jogo, disse:

– A rede dela é a melhor que eu já vi. Tenho uma teoria: como ela se apossou de toda a propriedade dos Minwanabi...

Jiro enrubesceu.

– Mais um exemplo do comportamento blasfemo dela e de seu desprezo pela tradição!

Chumaka ergueu uma mão de modo apaziguador. Havia momentos em que o raciocínio de Jiro se turvava. Como perdera a mãe, assolada por uma febre, quando tinha apenas 5 anos, ainda garoto cederia irracionalmente à rotina e à tradição, como se essa ligação com a ordem pudesse protegê-lo das inconsistências da vida. Sempre tivera a propensão de se proteger da dor atrás da lógica ou da devoção inabalável ao ideal de nobreza dos tsurani. Chumaka não gostava de encorajar aquilo que considerava uma fraqueza de seu Senhor. As implicações de permitir que esse comportamento se tornasse norma eram restritivas demais para seu gosto. Os riscos, na realidade, eram bem maiores.

Em uma jogada arrojada, Chumaka tomara ao serviço da Casa dos Anasati mais de duzentos soldados que anteriormente haviam prestado juramento aos Minwanabi. Eram homens sem casa, cujo ódio por Mara perduraria até morrerem. Chumaka não os acolhera apenas para se entreter; não era desleal. Acomodara os guerreiros em segredo em um quartel longínquo e secreto. Uma inquirição diplomática revelara que Jiro seria inflexível em sua recusa em aceitar que prestassem juramento aos Anasati; a tradição indicava que esses homens eram uma maldição: não tinham honra e deviam ser evitados; caso contrário, o desagrado dos deuses que tinham testemunhado a queda de sua casa cairia sobre seu novo benfeitor. Ainda assim, Chumaka se controlara e não dispensara aqueles homens. Não tinha qualquer esperança de que seu Senhor mudasse de ideia, mas uma ferramenta seria sempre uma ferramenta, e

aqueles antigos Minwanabi poderiam um dia se revelar úteis, caso não fosse possível fazer o Governante dos Anasati esquecer seu ódio pueril por Mara.

Se as duas casas estavam destinadas à inimizade, Chumaka encarava aqueles guerreiros como uma vantagem a manter, pensando no dia em que seus serviços poderiam ser necessários. Mara provara sua sagacidade. Destruíra uma casa maior do que a sua. Para combater a astúcia seria necessária astúcia, e Chumaka não era homem de deixar passar uma oportunidade.

Na verdade, encarava seu segredo como um gesto de lealdade, e o que Jiro não sabia não poderia ser proibido.

Os guerreiros não eram tudo. Chumaka refreou o desejo de esfregar, em expectativa, suas mãos compridas. Também dispunha de espiões. Alguns agentes que anteriormente serviram aos Minwanabi já estavam trabalhando para os Anasati, e não para os Acoma. Chumaka sentira em cooptar aquelas pessoas para servirem a seu Senhor o mesmo prazer que teria sentido em isolar a fortaleza ou um sacerdote de um adversário num tabuleiro de shah. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, os Anasati iriam tirar vantagem disso. Então seu Senhor teria de reconhecer a sabedoria de algumas das escolhas de Mara.

Portanto, o Conselheiro-Mor dos Anasati sorriu em silêncio; sabia muito bem até onde poderia ir no que dizia respeito a contrariar Jiro. Instigando o Senhor a se reunir com seus agentes, disse calmamente:

– Senhor, Mara pode ter escarnecido da tradição ao se responsabilizar pelos servos de seus inimigos derrotados, mas, em vez de simplesmente remover seu grande inimigo, ela obteve recursos imensuráveis. A força dela cresceu. De uma jogadora perigosa no Jogo do Conselho, com um único golpe Mara se tornou a Governante mais poderosa da história do Império. As forças dos Acoma contam hoje em dia com mais de dez mil espadas, superando

diversos pequenos clãs. E o Clã Hadama e seus aliados, em conjunto, rivalizam com os Brancos Imperiais do Imperador! – Chumaka assumiu uma postura pensativa. – Ela, se tiver essa ambição, pode governar pela força. A Luz do Céu com certeza não dispõe de talento intelectual para contrariar os desejos dela.

Incomodado com a lembrança da rápida ascensão da Senhora, Jiro se mostrou ainda mais irritado.

– Não importa. Que teoria é essa?

Chumaka ergueu um dedo.

– Sabemos que Tasaio dos Minwanabi contratou a Seita dos Hamoi e que a seita continua a buscar a morte de Mara. – Elevando um segundo dedo, prosseguiu: – Os fatos podem estar relacionados ou não. Incomo, o antigo Conselheiro-Mor de Tasaio, foi eficaz em descobrir alguns ou todos os agentes dos Acoma que se infiltraram na casa dos Minwanabi. Depois disso, houve uma interrupção na rede que permanece um mistério: nossa própria rede relatou que alguém matou todos os agentes dos Acoma infiltrados na casa principal dos Minwanabi e na cidade de Sulan-Qu.

Jiro fez um aceno brusco.

– Então Tasaio eliminou todos os agentes dela que conseguiu desmascarar.

O sorriso de Chumaka se tornou predatório.

– E se não o fez? – Ergueu um terceiro dedo. – Eis mais um fato: a Seita dos Hamoi matou os agentes dos Acoma infiltrados como criados na casa grande dos Minwanabi.

O tédio do Senhor se tornou mais evidente.

– Tasaio ordenou à seita...

– Não! – interrompeu Chumaka, no limite do desrespeito. Imediatamente corrigiu seus modos, transformando sua explosão em um prelúdio para ensinamento: – Por que Tasaio contrataria a seita para matar o próprio pessoal? Por que pagar pela morte de pessoas, quando lhe bastaria ordenar isso a seus guardas?

Jiro pareceu pesaroso.

– Não pensei direito.

Seu olhar se voltou para a frente, para o local onde seus agentes se inquietavam por causa do atraso enquanto o Senhor e o Conselheiro-Mor continuavam a conversar de forma ambígua junto à entrada.

Chumaka ignorou a inquietação deles. Afinal de contas, eram subalternos e deviam esperar por seu Senhor.

– Porque não há uma explicação lógica, meu Senhor. Contudo, podemos tentar adivinhar: se eu fosse a Senhora e desejasse insultar tanto a seita quanto Tasaio, que melhor forma de fazer isso do que ordenar à seita, sob cores falsas, para matar os espiões dela?

A expressão de Jiro ganhou vida. Era capaz de seguir a linha de raciocínio de Chumaka, agora que lhe fora mostrado o primeiro passo.

– Você acha que a Seita dos Hamoi tem razões para reclamar uma dívida de sangue de Mara?

A resposta de Chumaka foi um sorriso largo.

Jiro recomeçou a andar. Seus passos ecoaram pelo amplo salão, com seus biombos de papel fechados de ambos os lados, as traves do teto com empoeiradas relíquias de guerra penduradas e uma coleção venerável de estandartes capturados de inimigos. Aqueles artefatos recordavam uma era em que os Anasati estavam na linha da frente das batalhas históricas. Eram Senhores de uma antiga tradição de honra. Iriam voltar a ascender a tal posição, jurou Jiro; não, iriam ainda mais alto. Pois seria ele a orquestrar a derrota de Mara, um triunfo que seria comentado por todo o Império.

Ele, sozinho, provaria que Mara incorrera no desagrado dos deuses ao conceder perdão aos servos dos inimigos derrotados. Sem a ajuda de ninguém, iria obter vingança por ela esquecer as velhas tradições. Mara iria fitar seus olhos ao morrer e saberia que

cometera seu maior erro no dia em que escolhera Buntokapi como esposo. Ao contrário do suntuoso salão dos Minwanabi que Mara herdara, o dos Anasati era tão confortável em sua concepção tradicional quanto um ritual honrado num templo. Jiro se deleitava com isso; sendo igual aos salões de uma centena de outros Governantes, a câmara era, no entanto, única: era Anasati. De ambos os lados do corredor central se ajoelhavam peticionários e servidores dos Anasati. Omelo, seu Comandante das Forças Armadas, estava em posição de sentido de um dos lados do dossel sob o qual Jiro conduzia os negócios da corte. Posicionados atrás, estavam outros oficiais e conselheiros da casa.

Jiro subiu ao estrado sob o dossel, ajoelhou-se nas almofadas de Senhor e depois se apoiou nos calcanhares enquanto ajustava a túnica de cerimônia. Antes de sinalizar ao *hadonra* para que iniciasse a sessão do dia, dirigiu a palavra ao Conselheiro-Mor:

– Descubra, sem deixar dúvidas, se a seita persegue Mara por iniciativa própria. Quero saber, para podermos planejar melhor quando se tornar oficial a notícia da morte de Ayaki.

Chumaka bateu palmas e um criado se colocou a seu lado.

– Quero dois mensageiros a postos em meus aposentos assim que eu chegar. – Enquanto o criado se curvava e se apressava a partir, ele próprio fez sua reverência a Jiro. – Senhor, devo começar imediatamente. Tenho algumas fontes novas que poderão fornecer melhores informações. – Depois, percebendo o brilho implacável no olhar de Jiro, Chumaka tocou a manga de seu Senhor. – Devemos mostrar discrição até o mensageiro de Mara chegar com o anúncio formal da morte de Ayaki. Se falar agora, seu pessoal vai fofocar. Não nos seria útil indicar a nosso inimigo que dispomos de espiões em lugares estratégicos.

Jiro afastou abruptamente o toque de Chumaka.

– Compreendo, mas não me peça para ser complacente! Todos os que servem aos Anasati ficarão de luto. Ayaki dos Acoma, meu

sobrinho, foi assassinado e todos os nossos homens que não sejam escravos irão usar uma faixa no braço simbolizando essa perda. Quando este dia de negócios terminar, tenha a postos uma guarda de honra rumo a Sulan-Qu.

Chumaka reprimiu sua irritação.

– Vamos ao funeral do garoto?

Jiro mostrou os dentes.

– Ele era meu sobrinho. Permanecer em casa enquanto são honradas as cinzas dele seria admitir responsabilidade ou covardia, e não somos culpados de nada. Ele pode ter sido o filho de meu inimigo, e posso agora destruir inapelavelmente sua mãe, mas corria nele sangue dos Anasati! Merece o respeito devido a qualquer neto de Tecuma. Levaremos uma relíquia da família para ser sepultada com ele. – Os olhos de Jiro brilharam quando concluiu: – A tradição exige nossa presença.

Chumaka manteve para si suas reservas diante daquela decisão enquanto se curvava perante os desejos do Senhor. Apesar de caber ao Conselheiro-Mor orientar seu Senhor nas decisões que afetassem a linha de conduta da casa, Chumaka estava acostumado a se irritar com as responsabilidades mais triviais de seu cargo. O Jogo do Conselho se alterara drasticamente desde que Mara dos Acoma entrara na arena; no entanto, não deixava de ser um jogo, e nada na vida fascinava mais o Conselheiro do que o quebra-cabeça da política tsurani. Tenso como um cão de caça, levantou-se excitado com a caçada.

Quase feliz apesar da perspectiva de desdobramentos funestos no horizonte, o Conselheiro-Mor abandonou o grande salão resmungando devido à lista de instruções que teria de despachar por seus mensageiros. Seriam necessários subornos consideráveis para obter a informação que desejava, mas, se os fragmentos de dados recolhidos conseguissem provar a teoria que apresentara de manhã, os ganhos seriam bem mais valiosos. Enquanto esperava que os

criados lhe abrissem a porta para sair, os lábios de Chumaka revelaram um sorriso ímpio.

Já tinham se passado anos desde que testara seu talento contra um oponente de valor. A Senhora Mara iria lhe proporcionar muito entretenimento se a obsessão do Senhor Jiro não pudesse ser refreada e os Anasati condenassem sua casa à ruína.

Mara teve um sono irregular. Os sons que emitia em sua inquietação despedaçavam o coração de Hokanu, que desejava poder fazer algo: tocá-la, dizer palavras doces, aliviar sua dor. Mas ela dormira muito pouco desde a morte de Ayaki. Até a agitação dos pesadelos proporcionava algum alívio. Acordá-la seria obrigá-la a tomar consciência da perda e da esmagadora necessidade de suportar a tensão.

Hokanu suspirou e observou os padrões que o luar projetava através dos biombos. As sombras nos cantos pareciam ainda mais escuras do que antes; nem sequer a presença do dobro das sentinelas em todas as portas e janelas devolvera a sensação de paz. O herdeiro dos Shinzawai e esposo da Serva do Império sentia-se agora um homem só, nada mais lhe restando a não ser seu bom senso e seu amor por uma mulher perturbada. O ar que antecedia a madrugada era fresco, algo pouco habitual nas terras da província de Szetac, talvez devido à proximidade entre a casa e o lago. Hokanu se levantou, vestiu a túnica leve que deixara largada na noite anterior, atou a faixa e depois, com os braços cruzados firmemente sobre o peito, ficou observando a cama.

Permaneceu atento enquanto Mara puxava os lençóis; o cabelo dela parecia uma parte persistente da noite naquele ambiente que aos poucos se iluminava. O luar acobreado se desfez, varrido pelo cinza matinal. O biombo que se abria para o terraço particular passou suavemente do negro para um tom pérola.

Hokanu conteve a necessidade cada vez maior de andar de um

lado para outro. Mara acordara durante a noite soluçando e gritando o nome de Ayaki. Ele a apertara bem forte, mas seu calor de nada servira para reconfortá-la. Ao pensar nisso, Hokanu ficou com o maxilar tenso. Se fosse um inimigo, teria todo o gosto em enfrentá-lo no campo de batalha, mas aquela dor... uma criança morta quando ainda tinha tanto a fazer... Não havia remédio sob aqueles céus que um marido pudesse oferecer. Apenas o tempo conseguiria suavizar a dor.

Hokanu não costumava praguejar. Controlado e tenso como a corda mais aguda de uma harpa, não se permitia qualquer complacência que pudesse, de alguma forma, perturbar a esposa. Em silêncio e com graciosidade, da mesma forma que em outros momentos representaria perigo, fez deslizar a porta para o lado o suficiente para atravessá-la. O dia estava bastante ameno, pensou ao observar o céu verde-claro. Deveria haver tempestades, ventos fortes ou até trovoada ou chuva; a própria natureza parecia se insurgir no dia do funeral de Ayaki.

Do outro lado da colina, na depressão diante da margem do lago, estavam em curso os preparativos finais. A madeira empilhada da pira se erguia numa pirâmide. Jican, sob as ordens de Hokanu, teve carta branca para usar a riqueza dos Acoma e tratou de assegurar que apenas seriam adquiridas madeiras aromáticas. O cheiro de carne e cabelos queimados não iria incomodar as pessoas presentes na cerimônia ou a mãe do rapaz. Os lábios de Hokanu se comprimiram. Não haveria privacidade para Mara naquela ocasião tão triste. Ela ascendera alto demais e o funeral do filho seria um ritual de Estado. Iriam aparecer Governantes vindos de todos os cantos do Império para prestar homenagem – ou para dar curso a suas intrigas. O Jogo do Conselho não se detinha por causa da dor, ou da alegria, ou devido a alguma calamidade da natureza. Tal como a podridão que não se vê na madeira pintada, as circunstâncias que haviam originado a morte de Ayaki iriam se repetir para sempre.

Uma nuvem de pó se ergueu na linha do horizonte ao norte: os convidados já chegavam, calculou Hokanu. Espiou de novo sua esposa, convicto de que os sonhos dela tinham se acalmado. Avançou silenciosamente para a porta, falou com o jovem mensageiro e deu indicações para que as aias da Senhora estivessem presentes quando ela despertasse. Depois cedeu às inquietações e saiu a passos largos para o terraço.

A propriedade começava a se agitar. Viu Jican atravessar quase correndo o trecho entre a ala da cozinha e os cômodos da criadagem, de onde as moças que cuidavam da roupa já saíam em direção aos aposentos dos hóspedes com cestos de lençóis lavados equilibrados sobre a cabeça.

Preparados para receber visitas de Estado, guerreiros em armaduras de gala marcharam para substituir o turno da noite. No entanto, no meio daquele ambiente de determinação, dois vultos caminhavam na margem do lago, em passo ajustado, mas aparentemente sem um destino definido, apenas uma caminhada matinal. Desconfiado, Hokanu se deteve, olhou com mais atenção e identificou a dupla. A curiosidade o levou a atravessar o terraço e descer as escadas de acesso aos terrenos mais abaixo.

Avançando silenciosamente por entre as fileiras de flores *akasi*, Hokanu confirmou sua impressão inicial: Incomo e Irrilandi seguiam à sua frente a passos lentos, aparentemente perdidos em seus pensamentos. O antigo Conselheiro-Mor e o antigo Comandante das Forças Armadas de Tasaio dos Minwanabi não vagavam sem rumo.

Hokanu os seguiu em silêncio, intrigado com o que aqueles dois antigos inimigos transformados em leais servidores poderiam estar fazendo tão cedo em um dia tão triste.

O conselheiro frágil como junco e o enrugado e musculoso guerreiro chegaram ao lago e se ajoelharam em uma pequena elevação. Para além de uma abertura entre os beirais curvos da casa principal e a colina à frente, as primeiras nuvens rosadas deslizavam

pelo céu, com as partes inferiores ficando alaranjadas conforme os raios de um sol ainda invisível incidiam luminosos sobre as pontas.

Ambos se comportavam como se estivessem rezando. Hokanu, sem fazer barulho, aproximou-se mais. Durante alguns minutos, o Senhor e os dois servos pareceram ficar ali paralisados. O nascer do sol rompeu então a escuridão e um raio de luz cruzou o céu, detendo-se em uma formação cristalina no cume da elevação. Surgiu então um clarão ofuscante. O calor e a primeira luz banharam aquele local quieto e isolado; o orvalho cintilou, tocado pelo brilho próprio de uma joia. Então Irrilandi e Incomo se curvaram até tocar com as testas no solo, repetindo palavras em voz baixa que Hokanu não conseguiu entender.

Durante esse breve momento, o filho dos Shinzawai quase ficou cego devido ao inesperado clarão que depois desapareceu conforme se alterava o ângulo de ascensão do sol.

Os dois homens concluíram seu estranho ritual e se levantaram. Os olhos abatidos pela guerra de Irrilandi foram os primeiros a detectar uma discrepância no sossego da manhã. Percebeu que o Senhor aguardava ali perto e fez uma reverência.

– Senhor Hokanu – disse.

Pego de surpresa, Incomo o imitou.

Hokanu, dirigindo-se a ambos os servos, apontou para trás na direção da casa.

– Não conseguia dormir – explicou em tom lamentoso. – Vi vocês passando e vim ver o que os trouxe aqui.

Irrilandi deu de ombros, bem à maneira dos tsurani.

– Todos os dias, antes do alvorecer, vimos aqui agradecer.

O silêncio de Hokanu indicou que ele esperava mais explicações, embora não estivesse olhando para os dois homens, mas sim para os próprios pés descalços, pisando a grama úmida de orvalho.

Incomo pigarreou, no que talvez fosse um sinal de embaraço.

– Vimos aqui todos os dias para testemunhar o início do dia. E

para agradecer uma vez mais pela Boa Serva ter vindo até nós. – Olhou para a grande casa, com suas torres altas e afiadas, pilares de pedra e divisórias agora decoradas com fitas vermelhas em honra a Turakamu, o Deus Vermelho, que acolheria a alma de Ayaki nos rituais do dia. Incomo explicou melhor, para que Hokanu entendesse: – Quando a Senhora desencadeou a ruína de Tasaio, esperamos a morte ou a escravidão. Em vez disso, nos foi oferecida a dádiva dos dias: uma outra oportunidade de servir e reconquistar a honra. Assim, a cada nascer do sol, oferecemos uma oração em agradecimento por isso e pela Boa Serva.

Hokanu assentiu, nada surpreso com a devoção daqueles altos funcionários. Como Serva do Império, Mara era amada pelas massas. Seu próprio pessoal a servia com um afeto que beirava a veneração. Na realidade, ela precisaria desse tipo de apoio para se recuperar da perda. Um Governante pouco amado por seu povo pode esperar que um golpe dessa magnitude gere hesitação entre seu pessoal, pois todos, desde os servidores de mais altas posições até o mais insignificante dos escravos, se interrogariam, assustados, se o céu teria retirado a sorte da casa. Mesmo sem desaprovação divina, os inimigos mortais aproveitariam a oportunidade para atacar quando as fileiras estivessem mais confusas. E assim a superstição se alimentava das consequências, já que uma casa debilitada sofreria reveses, parecendo ter caído em desgraça perante os deuses.

Hokanu ficou irritado. Muitos acontecimentos no Império se voltaram contra os próprios tsurani até séculos de tradições inflexíveis levarem a sociedade à estagnação e à reclusão. Foi esse ciclo inato que ele, Mara e Ichindar, o Imperador das Nações, se dedicaram a contrariar.

A morte de Ayaki era algo maior do que mágoa e sofrimento; poderia se transformar em uma imensa reviravolta e servir de grito de revolta para todos os Governantes insatisfeitos com as recentes

mudanças. Se os Acoma revelassem qualquer sinal de indecisão, haveria luta e, no coração da facção que iniciara uma rígida adesão às velhas tradições, a voz dos Anasati seria a que mais alto se faria ouvir.

Os convidados do funeral não reparariam nas cinzas do falecido subindo em espiral em sua ascensão esfumaçada aos céus; estariam olhando uns para os outros como cães famintos e a Senhora Mara seria sujeitada à mais apurada das avaliações. Abatido pelo temor, pois sabia que sua Senhora estava perdida demais em sua dor para lidar com questões paralelas, Hokanu abriu o portão decorativo e começou a atravessar o jardim. Esqueceu os dois homens que o acompanhavam até Incomo falar:

– Saric, o Conselheiro-Mor, aprontou tudo, Senhor. Já providenciou formas de entretenimento para distrair os convidados e as guardas de honra de todos, exceto as dos mais poderosos Governantes, que serão alojadas do outro lado do lago. A pira foi embebida em óleos e tudo foi preparado para que a cerimônia seja o mais breve possível.

Hokanu não se sentiu reconfortado com as palavras de Incomo; o fato de o conselheiro ter sentido a necessidade de mencionar tais questões revelava que partilhava de sua preocupação. O Jogo iria prosseguir, quer a Senhora Mara fosse ou não capaz de se restabelecer e lidar com isso.

– Não devemos ter restrições nas honrarias ao nosso falecido jovem Senhor – acrescentou Irrilandi –, mas sugiro que permaneça próximo à sua Senhora e se prepare para interpretar os gestos dela.

Com educação e tato, aqueles funcionários do alto escalão da Casa dos Acoma reconheceram que sua Senhora permanecia incapacitada. Hokanu sentiu-se profundamente grato àqueles homens, que tranquila e firmemente se preparavam para cobrir cada lacuna. Ele tentou lhes assegurar que a Casa dos Acoma não vacilaria nas correntes amaldiçoadas como uma embarcação

qualquer à deriva.

– Permanecerei com minha Senhora. Ela está sensibilizada com sua devoção e me pediu que lhes dissesse para não hesitarem caso tenham dificuldades ou preocupações.

Olhares de entendimento passaram entre Senhor e servos. Depois Irrilandi fez uma reverência.

– Mais de mil soldados oraram a Turakamu para que os levasse no lugar do jovem Senhor.

Hokanu assentiu com respeito. Aqueles soldados usariam armas durante a cerimônia fúnebre, simbolizando seu voto, algo bastante intimidador para qualquer Senhor visitante que pudesse contemplar a possibilidade de causar problemas, desrespeitando a hospitalidade dos Acoma.

Aquela quantidade era uma grande honra para Ayaki; a dedicação dos homens também demonstrou que os quartéis reconheciam as ramificações políticas daquilo que era algo maior do que uma tragédia pessoal. Os Senhores que iriam comparecer naquele dia se reuniram e circulariam como *jagunas*, devoradores de carne morta, para ver em que troféus poderiam colocar as mãos, arrancando-os dos dentes da desgraça.

Hokanu aceitou as reverências de despedida dos dois oficiais e depois olhou por cima do ombro para o lago, onde agora se viam barcas rumando rápido na direção das docas. No alto de seus mastros esvoaçavam bandeiras e os cânticos dos remadores ecoavam por cima das águas. Não demoraria muito até que a tranquila propriedade se transformasse numa arena política. Hokanu observou a grande casa de pedra que durante séculos acolhera os Minwanabi. O lugar fora concebido como fortaleza, mas naquele dia até os inimigos deveriam ser convidados a entrar.

Os sacerdotes de Chochocan, *o Bom Deus*, tinham abençoado a propriedade e Mara vira o natami dos Minwanabi ser colocado numa pequena clareira, para que fosse recordada aquela que no passado

fora uma grande família. Apesar dessas medidas e das garantias dos sacerdotes de que os atos da Boa Serva tinham obtido os favores divinos, Hokanu experimentava uma sensação de medo que tentava deter. As profundezas em cada canto da propriedade pareciam esconder sombras de onde os espíritos dos inimigos espiavam, com um sorriso silencioso, a dor de Mara.

Por um momento, Hokanu desejou ter passado por cima da ousada escolha dela e optado por respeitar a tradição das conquistas, que teria feito com que aquela casa fosse destruída, todas as pedras levadas para o lago para serem lançadas nas profundezas, todos os bosques e terrenos incendiados e o solo de todos aqueles acres férteis semeado com sal. Solo banhado pelo azar nada geraria, de acordo com tradições respeitadas ao longo de séculos, para que o ciclo de atos malditos fosse quebrado para a eternidade. Apesar da beleza daquela propriedade e da localização praticamente inexpugnável de seus campos e construções, Hokanu reprimiu a premonição de poder estar amaldiçoado a nunca encontrar a felicidade com Mara enquanto vivessem debaixo daquele teto.

Mas era um momento ruim para se deixar levar por esses pensamentos, já que os convidados de Estado estavam prestes a chegar. O consorte da Serva do Império endireitou os ombros e se preparou para o suplício que se aproximava. Mara deveria exibir a adequada postura tsurani diante daquela dor esmagadora. A morte do pai e do irmão, ambos guerreiros, fora uma coisa; a perda do próprio filho se revelara algo bem pior. Hokanu sentiu intuitivamente que esse era o pior destino que poderia ter caído sobre a mulher que ele amava mais do que a própria vida. Por ela, hoje deveria ser forte, uma armadura face à desonra pública, pois, enquanto ele era ainda o dedicado herdeiro dos Shinzawai, abraçara a honra dos Acoma como se fosse a sua.

Determinado e firme, voltou ao terraço no exterior dos aposentos

da esposa. Como os biombos não estavam abertos, percebeu que os criados ainda não tinham perturbado seu descanso. Deslizou o painel silenciosamente para o lado e entrou. Não falou, mas permitiu que o suave calor da luz do dia caísse sobre o rosto de Mara.

Ela se mexeu. Agarrou com força os lençóis retorcidos e seus olhos tremeram ao se abrir. Assustou-se e se levantou. Aterrorizada, varreu o quarto com o olhar até Hokanu se ajoelhar e abraçá-la.

Ela aparentava ter dormido pouco.

– Está na hora?

Hokanu acariciou seu ombro, enquanto as criadas que aguardavam do lado de fora entraram rapidamente assim que escutaram a voz da Senhora.

– O dia começa – disse.

Gentilmente, ajudou-a a se levantar. Quando a equilibrou, recuou e indicou às criadas que desempenhassem suas tarefas. Mara permaneceu com uma expressão apática enquanto as criadas lhe preparavam a roupa e o banho. Hokanu suportou a visão de seus modos letárgicos sem revelar a raiva que lhe corroía a alma. Se Jiro dos Anasati fosse o responsável por causar aquela dor à sua Senhora, ele iria sofrer, jurou o herdeiro dos Shinzawai. Depois, percebendo o espanto de uma das criadas de Mara, constatou que também ele ainda não se vestira para o funeral e deixou de lado os pensamentos vingativos. Bateu palmas para chamar seus criados e aguentou em silêncio a agitação deles enquanto o vestiam com as túnicas cerimoniais exigidas para o funeral de Ayaki.

A multidão cobriu as colinas ao redor da casa grande dos Acoma, vestindo as cores de mil famílias, com faixas vermelhas, laços vermelhos ou fitas vermelhas usados em homenagem ao Deus Vermelho, irmão de Sibi, a Morte, e senhor de todas as vidas. A cor também simbolizava o sangue do coração do garoto que já não fluía para animar a alma. Seis mil soldados formavam fileiras flanqueando

a depressão onde o esquife aguardava. À frente, com armaduras verdes brilhantes, estavam os guerreiros Acoma que dedicaram suas vidas ao menino; atrás destes, as fileiras com o azul do consorte Shinzawai de Mara; em seguida, os homens de branco com bordas douradas da Guarda Imperial enviados por Ichindar para levar as condolências do Imperador. Junto a eles estava Kamatsu dos Shinzawai, pai de Hokanu, e depois as famílias que compunham o Clã Hadama e todos os que tivessem laços de sangue com o falecido garoto. Após toda essa gente, numa grande e crescente multidão, viam-se as casas que tinham aparecido para oferecer suas condolências ou para participar da jogada seguinte do Grande Jogo.

Os guerreiros estavam imóveis como estátuas, de cabeça curvada, segurando os escudos com as bordas apoiadas no chão. Diante de cada um deles jazia uma espada com a ponta virada para o esquife, a bainha vazia colocada para baixo, atravessada. Atrás dos soldados, na encosta da colina, membros da casa mantinham uma distância respeitosa diante da linha de marcha, pois o Império em peso aparecera para se despedir do garoto.

Soaram trombetas para anunciar o início da procissão. À sombra do pórtico exterior, onde conselheiros e funcionários dos Acoma se reuniram para marchar, Mara combateu a fraqueza nos joelhos. Sentiu no cotovelo o aperto de Hokanu, mas nem percebeu o significado do gesto. Os olhos semicultos atrás do véu vermelho de luto se fixavam na liteira onde repousava o filho inerte. O corpo estava envolvido por uma elegante armadura; suas mãos brancas agarravam o punho de uma espada de metal rara. A mão esmagada na queda fora decentemente enfiada numa luva, e o peito esmagado, escondido atrás de uma couraça e de um escudo com um brasão de uma ave shatra em folha de ouro.

À primeira vista, parecia um guerreiro adormecido, preparado para se erguer de imediato e combater na glória e na honra de sua juventude.

Mara sentiu um aperto na garganta. Nenhum acontecimento

anterior – colocar as recordações do pai e do irmão na clareira da família ao cumprir o luto por eles, suportar a brutalidade de seu primeiro marido, perder o homem com quem descobrira a paixão do amor, a morte de sua amada mãe adotiva – seria comparável ao presente momento de puro horror.

Não era capaz de crer, ainda agora, na brutalidade da morte de seu primogênito, muito menos aceitá-la. Uma criança cuja vida tornara a sua suportável ao longo de seu infeliz primeiro casamento. Uma criança cuja gargalhada fácil a afastara do desespero quando enfrentou inimigos maiores do que as possibilidades de defesa de sua casa. Ayaki proporcionara a coragem para seguir em frente. Com grande obstinação e um desejo feroz de vê-lo viver para dar seguimento ao nome Acoma, Mara conseguira o impossível.

Naquele dia, tudo seria reduzido a cinzas. Naquele dia maldito, em que um garoto que deveria ter vivido mais que sua mãe se transformaria num pilar de fumaça para atacar as narinas do céu.

Um passo atrás de Mara, Justin, rabugento, pediu para ser levado no colo. Sua ama o convenceu a aguentar, silenciando-o. A mãe pareceu não perceber o incômodo dele, compenetrada como estava em pensamentos obscuros. Conduzida por Hokanu, ela se moveu como uma marionete quando a comitiva começou a avançar.

Rufaram tambores. O som ecoou pelo ar. Um acólito vestido de vermelho enfiou nas mãos inertes da Senhora um junco de ke pintado de vermelho; os dedos de Hokanu cingiram os dela, ajudando-a a erguê-las para que Mara não deixasse cair o símbolo religioso.

A procissão avançou. Hokanu a apertou contra ele e ajudou-a a se aguentar firme na marcha lenta. Para honrar sua perda, deixou de lado a armadura azul dos Shinzawai e vestiu o verde dos Acoma e um elmo de oficial. Mara percebeu vagamente que ele sofria e conseguiu sentir, até, a dor dos outros: o hadonra, que tantas vezes gritara com o menino por derramar tinta no escritório; as criadas e

os tutores, todos eles com hematomas por causa dos acessos de fúria dele; os conselheiros, que por vezes desejaram dispor de uma espada de guerreiro para poderem enfiar juízo na cabeça travessa do garoto batendo com a lateral da lâmina nas costas dele. Criados, aias e até escravos apreciavam o espírito rebelde de Ayaki.

Mas não passavam de sombras e as palavras de consolo eram apenas ruídos. Nada que alguém tivesse dito ou feito pareceu penetrar a desolação que havia envolvido a Senhora dos Acoma.

Mara sentiu a mão de Hokanu tocar suavemente seu braço, ajudando-a a descer os poucos degraus. Ali a aguardava a primeira das delegações de Estado: a de Ichindar, vestindo um ofuscante branco e dourado. Mara inclinou a cabeça quando o majestoso contingente se inclinou diante dela e permaneceu em silêncio por trás de seu véu enquanto Hokanu murmurava palavras apropriadas para a ocasião. Foi, então, levada a prosseguir até o Senhor Hoppara dos Xacatecas, um forte aliado de longa data; naquele dia, ela se apresentou diante dele como faria uma estranha e apenas Hokanu escutou a graciosa expressão de compreensão do jovem. Ao lado dele, elegante como sempre, a viúva Senhora dos Xacatecas fitou a Boa Serva com um sentimento mais amplo do que compaixão.

Quando Hokanu lhe dirigiu uma reverência, a Senhora Isashani pegou demoradamente a sua mão.

– Mantenha-se próximo de sua Senhora – avisou, mantendo o ar de quem apenas expressava suas condolências. – Ela ainda está em choque. É provável que não reconheça o impacto de seus atos nos próximos dias. Há aqui inimigos capazes de provocá-la apenas para tirarem proveito disso.

A delicadeza de Hokanu foi substituída por um ar implacável ao agradecer o aviso à mãe do Senhor Hoppara.

Essas nuances passaram despercebidas a Mara, assim como a perícia com que Hokanu afastou os insultos velados dos Omechan. Ela fez suas reverências seguindo as indicações de seu Senhor e não

quis saber dos cochichos gerados à sua passagem, por mostrar mais reverência do que a necessária ao Senhor Frasai dos Tonmargu e pelo fato de o Senhor dos Inrodaka ter reparado que faltava em seus gestos o habitual ardor e graciosidade.

Ela não tinha objetivos na vida além do pequeno e frágil vulto que jazia na liteira em seu repouso final.

Os passos lentos seguiram ao ritmo da batida surda dos tambores. O sol se ergueu lá no alto à medida que a procissão circulava pela depressão onde a pira havia sido instalada. Hokanu murmurou palavras polidas ao último dos Governantes merecedor de reconhecimento pessoal. Entre a liteira e a pira, um último contingente os aguardava, vestindo roupas negras sem adornos.

Com profundo respeito, Hokanu se obrigou a dar mais um passo, apertando a mão de Mara. Se percebeu que estava diante dos cinco Grandes, magos da Assembleia, não deu sinais disso. O fato de aquelas figuras estarem acima da lei e de terem achado apropriado enviar uma delegação à cerimônia não serviu para detê-la. Foi Hokanu quem pensou em todas as implicações, especialmente o fato de os Mantos Negros parecerem mais interessados do que o habitual nos assuntos políticos. Mara se curvou perante os Grandes, tal como fizera diante de qualquer outro Senhor, sem prestar atenção aos pêsames do roliço Hochopepa, que ela conhecera por ocasião do suicídio ritual de Tasaio. O momento sempre embaraçoso em que Hokanu encarou seu verdadeiro pai passou despercebido a Mara. O olhar glacial do mago ruivo postado atrás do mais taciturno Shimone não a perturbou. Hostis ou benignas, as palavras do mago não conseguiram penetrar a apatia dela. Nenhuma vida que o poder deles pudesse ameaçar tinha mais significado do que aquela que Turakamu e o Jogo do Conselho já haviam conseguido levar.

Mara entrou no círculo ritual onde estava colocado o esquife. Observou com um olhar petrificado quando seu Comandante das Forças Armadas pegou a forma imóvel do seu menino e a pousou

gentilmente na madeira que seria seu último leito. Depois Lujan ajeitou a espada, o elmo e o escudo, então recuou, toda a sua libertinagem ausente.

Mara recebeu um toque gentil de Hokanu. Entorpecida, deu um passo à frente enquanto ao redor os tambores soavam e silenciavam. Ela passou o junco ke sobre o corpo de Ayaki, mas foi Hokanu quem proferiu a habitual proclamação:

– Estamos aqui reunidos para celebrar a vida de Ayaki, filho de Buntokapi, neto de Tecuma e Sezu!

A frase foi curta demais, achou Mara, o cenho levemente franzido. Onde estava a listagem dos feitos obtidos em vida por seu primogênito?

Impôs-se um incômodo silêncio, até que Lujan avançou em reação a um olhar aflito de Hokanu e tocou levemente o cotovelo de Mara para que ela se voltasse para leste.

O sacerdote de Chochocan, vestindo branco, símbolo da vida, se aproximou. Deixou cair a túnica e começou a dançar, nu como veio ao mundo, celebrando a infância.

Mara não viu seus movimentos nem se sentiu aliviada do sentimento de culpa por saber que sua inércia estivera na origem da tragédia. Enquanto o dançarino se curvava diante do esquife até tocar com a cabeça no chão, ela foi instigada a olhar para oeste e ficou ali parada, o olhar vazio, quando os assobios dos seguidores de Turakamu cortaram o ar no momento em que o sacerdote iniciou sua dança em nome da passagem segura de Ayaki aos salões do Deus Vermelho. Ele nunca antes precisara representar uma fera bárbara e sua ideia de como um cavalo poderia se mover teria feito todos rirem, não fosse o fato de ter terminado com a queda que esmagara uma esperança tão jovem.

Os olhos de Mara permaneceram secos. Seu coração endurecera de uma forma que parecia praticamente irremediável. Não curvou a cabeça em oração quando os sacerdotes avançaram e soltaram o

cordão vermelho que cingia as mãos de Ayaki, libertando seu espírito para o renascimento. Não chorou nem implorou pelos favores dos deuses quando a ave tirik de plumagem branca foi libertada representando a renovação do renascimento.

O sacerdote de Turakamu entoou sua oração por Ayaki:

– No final, todos os homens comparecem perante meu deus. O Deus da Morte é um senhor amável, pois põe fim ao sofrimento e à dor. Ele julga aqueles que se apresentam diante dele e recompensa os justos. – Fez um amplo aceno com a mão e aquiesceu com sua máscara de caveira. – Ele compreende os vivos e conhece a dor e o pesar – acrescentou. A mão vermelha apontou para o garoto de armadura colocado na pira. – Ayaki dos Acoma era um bom filho, seguindo firmemente o caminho que os pais teriam desejado que percorresse. Só nos resta aceitar que Turakamu o achou merecedor e o convocou para que pudesse nos ser devolvido com um destino ainda mais grandioso.

Mara rangeu os dentes para não começar a chorar.

Que oração poderia ser dita que não fosse manchada pela raiva e que renascimento, além de ser filho da própria Luz do Céu, seria mais honroso do que ser herdeiro dos Acoma? Quando Mara estremeceu de fúria reprimida, os braços de Hokanu a apertaram. Ele murmurou algo que ela não escutou quando as tochas foram erguidas de seus suportes ao redor do círculo e a madeira aromática foi acesa. Uma corrente gelada se retorceu ao redor de seu coração. Ela observou as chamas vermelhas e amarelas se erguerem, seus pensamentos bem distantes do presente.

Assim que o sacerdote de Juran, o Justo, se aproximou para abençoá-la, apenas a sacudida discreta de Hokanu evitou que ela o amaldiçoasse, exigindo saber que espécie de justiça havia num mundo onde garotinhos morriam diante dos olhos de suas mães.

As chamas crepitaram na direção dos céus e depois cobriram a pira com um rugido perturbador. A madeira tratada poupou-a da

visão do corpo do garoto se retorcendo e enegrecendo ao ser engolido pelo fogo. No entanto, Mara observou a cena com todas as fibras de seu ser assoladas pelo terror. Sua imaginação traçou o que jazia no meio do brilho excessivamente ofuscante; sua mente gerou os gritos que o garoto nunca soltaria.

– Ayaki – sussurrou.

O abraço de Hokanu se tornou ainda mais forte, de modo que ela tivesse consciência de que deveria se comportar de modo adequado: mostrando o rosto endurecido que, como Serva do Império, deveria exibir ao sofrer em público. Mas o esforço de manter as feições imóveis foi o suficiente para fazer com que ela tremesse.

Durante demorados minutos, o crepitar das chamas rivalizou com as vozes dos sacerdotes entoando seus variados cânticos. Mara se debateu para controlar a respiração, para evitar a horrorosa realidade de seu filho morto desaparecendo num fio de fumaça.

Se fosse um ritual de morte de alguém de posição inferior, teria chegado a hora de os presentes partirem, deixando os mais próximos do falecido para um momento de luto mais privado. Mas, na despedida de pessoas importantes, tais cortesias eram deixadas de lado. Não foi dada privacidade a Mara. Ela permaneceu submetida à avaliação pública enquanto os acólitos de Turakamu lançavam óleos sagrados sobre as chamas. Ondas de calor emanaram da pira, enrubescendo a pele de Mara. Se ela derramou quaisquer lágrimas, estas secaram em seu rosto diante daquela cruel fornalha. Sobre cortinas de chamas contorcidas, a fumaça negra e espessa espiralava rumo às alturas para alertar os céus de que partira uma alma de grande honra.

O sol se uniu às labaredas e Mara sentiu-se indisposta e desorientada. Hokanu voltou seu corpo para protegê-la o melhor possível. Não se atreveu a olhar muitas vezes para ela com ar preocupado, temendo deixar transparecer a fraqueza da esposa, enquanto o tempo se arrastava de forma torturante. Decorreu quase

uma hora antes de as chamas se apagarem; seguiram-se mais orações e mais cânticos enquanto a lenha carbonizada era espalhada para que esfriasse. Mara vacilou quando o sacerdote de Turakamu entoou:

– O corpo já não está presente. O espírito cresceu. Aquele que era Ayaki dos Acoma agora está aqui – disse ele, tocando no coração –, aqui – tocando na cabeça – e nos salões de Turakamu.

Os acólitos desafiaram as brasas fumegantes ao abrirem caminho rumo ao núcleo do montículo de lenha dizimada. Um usou um pedaço de couro grosso para embrulhar a espada deformada de Ayaki, passando rapidamente a trouxa a outro que aguardava para esfriar o metal quente em panos úmidos. O vapor que se ergueu se misturou com a fumaça. Mara aguentou com um olhar morto enquanto o sacerdote de Turakamu utilizava uma pá enfeitada para encher uma urna com cinzas. Mais lenha do que menino, os restos seriam enterrados, representando o corpo, na clareira de seus antepassados.

Os tsurani acreditavam que, enquanto a verdadeira alma viajava para os salões do Deus Vermelho, uma pequena parte dela, o espírito, permaneceria junto com seus antepassados no interior da pedra que era o natami da casa. A essência da criança voltaria então em outra vida, enquanto aquilo que fazia dela Acoma permaneceria para vigiar sua família.

Hokanu segurou a esposa quando dois acólitos se posicionaram diante dela. Um lhe entregou a espada, na qual Mara tocou. Então Hokanu pegou aquele pedaço de metal retorcido enquanto o outro acólito entregava a urna. Mara, com as mãos trêmulas, aceitou as cinzas do filho. Seus olhos não reconheceram o que tinha nas mãos, mantendo-se fixos na lenha espalhada e carbonizada que permanecia no círculo.

Hokanu lhe deu um ligeiro toque no braço e eles se viraram juntos. Os tambores ecoaram enquanto a procissão dava a volta e

retomava a marcha em direção à Clareira da Meditação dos Acoma. Mara nada percebeu da caminhada além do frio glacial da urna nas mãos, aquecida na base pelas cinzas em seu interior. Ela pôs um pé diante do outro, mal percebendo que chegara aos sinais que indicavam a entrada da clareira.

Os criados e Hokanu se detiveram em consideração a ela, pois a única pessoa sem ter sangue dos Acoma autorizada a passar por debaixo do arco e a percorrer o caminho de pedra lá existente era o jardineiro cuja vida fora dedicada a tratar da clareira. Ali, nem mesmo ao esposo, que ainda era um Shinzawai, era permitida a entrada, sob pena de morte. Autorizar a presença de qualquer estranho seria ofender os espíritos dos antepassados Acoma e lançar a desarmonia eterna sobre a paz que acompanhava o natami.

Mara se libertou do abraço de Hokanu. Não percebeu o murmúrio dos nobres que estavam observando, com pena ou prontos a atacar, e seguiu adiante até desaparecer de vista atrás das sebes. Uma vez, no passado, na velha propriedade da família, ela se entregara à terrível tarefa de consagrar ao natami os espíritos de familiares próximos.

A dimensão do jardim a desorientou. Estacou, profundamente espantada, a urna cingida contra o peito. Não era a clareira a que se habituara na infância, aonde fora falar com o espírito de sua mãe; não era a trilha já conhecida onde escapara por pouco da morte pelas mãos de um assassino de uma seita enquanto estava de luto por seu pai e seu irmão. Este era um lugar estranho, imenso, um amplo parque por onde corriam diversos riachos. Por um segundo, sentiu o coração apertado ao pensar se aquele jardim que durante muitos séculos abrigara os espíritos dos Minwanabi poderia rejeitar seu filho.

Mais uma vez recordou o cavalo tombando, uma negritude demoníaca derrubando uma vida inocente. Sentindo-se perdida, engoliu em seco. Escolheu um caminho ao acaso, recordando

apenas vagamente que todos eles davam no mesmo local onde a pedra ancestral, o natami de sua família, repousava ao lado de uma enorme lagoa.

– Não enterrei seu natami bem fundo sob o dos Acoma – disse em voz alta para o ambiente que a rodeava; uma vizinha dentro dela alertou-a de que agia como uma louca.

A vida era uma loucura, concluiu, ou então ela não estaria ali fazendo movimentos vagos sem sentido com os restos mortais de seu jovem herdeiro. Sua extraordinária mostra de bondade ao insistir que o natami dos Minwanabi fosse levado para uma clareira distante, onde seria bem tratado, para que os espíritos dos Minwanabi vivessem em paz, lhe pareceu naquele momento uma loucura sem sentido.

Não tinha forças dentro dela que lhe permitissem rir.

Mara recurvou os lábios ao sentir o sabor amargo na boca. Seu cabelo cheirava a óleos doces e a fumaça gordurosa. O cheiro nauseante revirou seu estômago quando ela se ajoelhou no solo aquecido pelo sol. Em frente ao natami, tinha sido escavado um buraco, com a terra úmida amontoada de um dos lados. Mara colocou na cavidade a espada deformada pelo calor que fora o objeto preferido do filho e depois abriu a urna para permitir que as cinzas caíssem. Usando apenas as mãos, voltou a cobrir o buraco com a terra e alisou o solo.

Haviam deixado, ao lado da lagoa, uma túnica branca para ela. Nas dobras de seda jazia um frasquinho de vidro e, ao lado, o braseiro e a adaga tradicionais. Mara ergueu o frasquinho e retirou a tampa. Despejou óleos perfumados na lagoa. Ela não viu beleza nas luzes trêmulas fracionadas que dançaram na superfície; viu somente o rosto do filho, a boca aberta em sofrimento enquanto se debatia para respirar pela última vez. Os rituais não serviram para aliviar sua dor, mais pareciam um desperdício de sons sem sentido.

– Descanse, meu filho. Venha para o solo natal e durma com

nossos antepassados... Ayaki – sussurrou ela. – Meu filho.

Agarrou a parte de cima da túnica e puxou, arrancando a roupa do corpo, mas, ao contrário do que ocorrera anos antes, quando executou o ritual para o pai e o irmão, não se seguiram lágrimas descontroladas. Seus olhos permaneceram dolorosamente secos.

Mergulhou a mão no braseiro praticamente extinto. A pontada das poucas brasas ainda quentes não bastou para que se concentrasse em seus pensamentos. O sofrimento se manteve como uma dor entorpecedora no interior dela enquanto esfregava as cinzas nos seios e na barriga descobertos, para simbolizar que também seu coração estava reduzido a cinzas. Na verdade, sentia seu corpo tão sem vida quanto a lenha queimada da pira. Ergueu lentamente a adaga de metal da família, mantida afiada durante séculos para aquelas cerimônias. Pela terceira vez na vida, retirou a arma da bainha e fez um corte no próprio braço esquerdo, mal sentindo, no entorpecimento gerado por seu desespero, a dor intensa que provocou.

Manteve o pequeno ferimento posicionado acima da lagoa, deixando que gotas de sangue pingassem e se misturassem com a água, como exigia a tradição. Permaneceu imóvel durante mais de um minuto, até que o sangue estancasse sozinho. Formou-se praticamente uma crosta antes de ela distraidamente pressionar a túnica, mas lhe faltou a determinação para manter as vestes devidamente apertadas. No final, limitou-se a enfiá-las por cima da cabeça e caiu ao chão, com uma manga ensopando-se de óleos e água da lagoa.

Maquinalmente, Mara soltou as presilhas do cabelo, libertando seus cachos escuros para que caíssem sobre os ombros. Fúria e raiva, dor e sofrimento a teriam incitado a puxar as tranças, arrancando cabelos. Seus sentimentos se consumiram sombriamente, como uma chama que se apaga por falta de ar. Garotos não deveriam morrer; sofrer por eles com todo o ardor era

ser cúmplice da aceitação de tal morte. Mara retorceu algumas mechas, aparentemente apática.

Depois se apoiou nos calcanhares e observou a clareira. Tanta beleza imaculada e somente ela, entre os vivos, poderia apreciá-la. Ayaki nunca iria executar os rituais da morte em honra da mãe. Lágrimas escaldantes emergiram livremente e Mara sentiu que libertava um pouco da dureza que havia dentro dela. Mara soluçou, deixando-se levar por um acesso de dor. Mas, ao contrário de ocasiões anteriores, quando tal libertação deu origem a clarividência, dessa vez ela se viu embrenhada ainda mais profundamente em pensamentos caóticos.

Quando fechou os olhos, um turbilhão de imagens de Ayaki correndo se formou em sua mente e, depois, de Kevin, o escravo bárbaro que lhe ensinara o que era o amor e que inúmeras vezes arriscara a vida pela dela. Viu Buntokapi, estatelado sobre a espada coberta de sangue, os punhos enormes cerrando-se trêmulos enquanto a vida se esvaía do corpo. Mais uma vez reconheceu que a morte do primeiro esposo iria para sempre ficar gravada em sua memória. Viu rostos. O pai e o irmão, e em seguida Nacoya, sua aia e mãe adotiva. Todos lhe proporcionaram dor. O retorno de Kevin ao seu mundo se revelara tão doloroso quanto uma morte e nenhum deles morreria seguindo o curso normal da natureza: todos tinham sido vítimas de jogos políticos e das cruéis maquinações do Grande Jogo.

A horrível certeza de que Ayaki não seria o último garoto a morrer devido às ambições vãs dos Governantes das Nações nunca iria abandoná-la.

Aquela constatação se mostrou uma verdadeira tortura: o fato de Ayaki não ser o último. Gritando, com uma histeria gerada pela dor, Mara se lançou precipitada na lagoa.

A umidade engoliu suas lágrimas. Seu soluçar foi subitamente interrompido por um arrepio sufocante quando a água fria se

infiltrou em suas narinas e ela retornou à vida. Arrastou-se de novo para a terra seca, engasgada. Água jorrou de sua boca e escorreu de seu cabelo. Inspirou grosseiramente e depois, de modo mecânico, colocou a mão na túnica, com a brancura maculada por terra e óleos doces.

Como se fosse um fantasma no corpo de um estranho, viu a si própria puxando o tecido para cima de sua pele molhada. Quanto ao cabelo, deixou-o em cachos sob a gola. Depois o corpo, que sentia como uma prisão com vida, se recompôs e arrastou-se penosamente em direção à entrada da clareira, onde milhares de pessoas a aguardavam com olhares hostis ou amistosos.

A presença deles a pegou de surpresa. No sorriso imbecil de um Senhor e no interesse mal-intencionado de outro, confirmou o que já esperava: a morte de Ayaki iria se repetir inúmeras vezes e outras mães depois dela iriam gritar inutilmente de ultraje contra as injustiças do Grande Jogo. Mara olhou para baixo para afastar o reconhecimento da futilidade. Uma de suas sandálias desaparecera. Lama e pó recobriam seu pé descalço e ela hesitou, debatendo-se entre a ideia de procurar o calçado desaparecido ou lançar a outra sandália por cima da sebe.

Que diferença faz?, ouviu uma voz longínqua questionar dentro de si. Mara fitou seu pé descalço com um distanciamento sombrio enquanto a pessoa que ela era abandonava a clareira. Passando por entre as sebes protetoras, não olhou para cima quando o marido se apressou a ficar a seu lado. Suas palavras não serviram para reconfortá-la. Ela não quis abandonar seu ensimesmamento para procurar entender o significado do que ele dissera.

Hokanu a sacudiu de leve, forçando-a a olhar para cima.

Um homem de armadura vermelha estava parado diante dela; magro, elegante, sério, mantinha o queixo em um ângulo arrogante. Mara olhou distraída para ele. Ele moveu a mão, na qual trazia algo, revelando em seus modos um desprezo mordaz.

O olhar de Mara endureceu. Seus olhos focaram no símbolo do elmo do jovem e um profundo arrepio percorreu seu corpo.

– Anasati – disse, num tom de voz que mais pareceu o estalar de um chicote.

O Senhor Jiro reagiu com um sorriso glacial.

– Vejo que a Senhora se digna a me reconhecer.

Despertada para uma raiva lenta e espiralada, Mara se endireitou. Nada disse. Os dedos de Hokanu agarraram discretamente seu pulso, um alerta a que ela não prestou atenção. Em seus ouvidos ela escutou o que lhe pareceu o som de mil sarcats enfurecidos e desafiadores, ou de torrentes de rios tempestuosos esmagando-se sobre rochas denteadas.

Jiro dos Anasati ergueu o objeto que tinha nas mãos, um pequeno quebra-cabeça meticulosamente cortado em um padrão de argolas de madeira entrelaçadas. Então inclinou a cabeça em uma reverência formal.

– O espírito de meu sobrinho merece uma recordação dos Anasati – disse.

– Uma recordação! – exclamou Mara, num sussurro audível e atormentado.

Em sua mente, seu espírito uivou: a lembrança dos Anasati enviara seu primogênito para um leito de cinzas.

Ela não se lembrava de ter se mexido; não sentiu os tendões se retesarem quando se libertou do aperto de Hokanu. Seu grito de raiva percorreu as pessoas ali reunidas como se fosse uma espada de metal desembainhada e suas mãos se ergueram como garras.

Jiro saltou para trás, deixando cair o quebra-cabeça, aterrorizado. Então Mara saltou para cima dele, arranhando-o para chegar à garganta por entre os fechos da armadura.

Os Senhores que estavam mais próximos não silenciaram seu espanto ao verem aquela pequena mulher, desarmada, suja e molhada, lançar-se contra seu antigo cunhado em um puro ataque

de raiva.

Hokanu agiu com toda a sua destreza de guerreiro, rápido o bastante para deter Mara antes que ela derramasse sangue. Acalmou seu corpo, que se debatia, com um abraço.

Mas os danos já eram irreparáveis.

Jiro olhou ao redor para o círculo de pessoas espantadas.

– Todos vocês testemunharam! – gritou, com uma indignação em que era evidente um tom de feroz alegria. Agora tinha a justificativa que havia tanto tempo desejava para ver a Senhora Mara no chão sob seus pés, completamente derrotada. – Os Acoma insultaram os Anasati! Que todos os presentes saibam que a aliança entre nossas casas terminou. Reclamo meu direito de expurgar esta ofensa à minha honra e exigir sangue como pagamento.

Guerra

Hokanu agiu.

Enquanto Mara batia furiosa e inesperadamente com os punhos na couraça dele, os guerreiros da guarda de honra se reuniram em volta dela para que a histeria de sua Senhora não fosse testemunhada por todos os presentes. Hokanu mandou chamar Saric e Incomo com urgência.

Um olhar para sua perturbada Senhora bastou para convencer os dois conselheiros: a dor e os nervos a haviam subjugado. Não estava em condições de reconhecer ninguém e obviamente seria incapaz de pedir desculpas em público ao Senhor Jiro. O fato de Mara tê-lo visto provocou um ataque de nervos. Mesmo que recuperasse a razão antes da partida dos convidados, não seria sensato encorajar um encontro entre as partes em litígio para que ela pudesse pedir perdão. Disso poderiam advir danos ainda maiores. Os dois conselheiros, um velho e experiente e outro jovem e talentoso, perceberam de imediato que o tamanho dos problemas causados pelo lapso de Mara estava ficando cada vez maior. Já era tarde demais para remediar o passado.

Hokanu concluiu que deveria ter prestado mais atenção ao aviso de Isashani, mas não poderia permitir que o arrependimento por seu erro o impedisse de tomar decisões rápidas.

– Saric – disse em tom seco –, prepare um comunicado. Nada de falsidades, mas selecione as palavras para insinuar que a Senhora se

sentiu mal. Necessitamos de um plano imediato para suavizar as acusações de insulto de Jiro, que por certo chegarão num período de horas, e para descobrir uma forma sensata de dispensar nossos convidados de Estado.

O Conselheiro-Mor, com seu cabelo escuro, fez uma reverência e se esquivou depressa, já pensando nas palavras da declaração formal.

Sem ser solicitado, Lujan, o Comandante das Forças Armadas, avançou um passo. Apesar da presença dos Governantes, que se amontoavam contra os guerreiros dele para observar a prostrada Mara, Lujan não deu as costas à vergonha dela. Em vez disso, se despiu dos anteparos das mãos, de sua espada e da faca para depois se debruçar e ajudar a controlar a agitação de Mara sem feri-la.

Com um olhar de profundo alívio, Hokanu continuou a dar instruções a Incomo:

– Volte depressa à casa. Reúna as criadas de Mara e encontre um curandeiro que saiba preparar um sonífero. Depois, cuide dos convidados. Precisamos da ajuda dos aliados que nos restam para evitar que hostilidades armadas estourem.

– O Senhor Hoppara e as forças dos Xacatecas estão do seu lado – anunciou uma voz rouca feminina. As fileiras cerradas da guarda de honra se afastaram para o lado para permitir o acesso da elegante figura, vestida de amarelo e púrpura, da Senhora Isashani, que recorrera ao quase místico efeito de sua beleza e postura para conseguir passar por entre os guerreiros. – E posso ajudar com Mara.

Hokanu vislumbrou naqueles exóticos olhos escuros uma preocupação sincera.

– Que os deuses nos perdoem minha falta de compreensão – murmurou ele à guisa de desculpa. – Sua casa tem toda a nossa gratidão.

Em seguida, entregou a responsabilidade de cuidar de sua Senhora à sabedoria feminina da viúva dos Xacatecas.

– Ela não enlouqueceu – respondeu a Senhora Isashani enquanto, com sua mão delicada, confortava Mara. – Com sono e sossego vai ficar bem, e o tempo curará a dor. Você precisa ser paciente. – Então retornou de imediato à implacável urgência da política: – Instruí meus dois conselheiros a interceptarem os Omechan e os Inrodaka. Minha guarda de honra, sob as ordens de Hoppara, encontrará formas de detê-los onde mais possam causar problemas.

Menos dois inimigos com que se preocupar; Hokanu respondeu com um perturbado aceno de cabeça. Mara dispunha de amigos fiéis contra as facções mal-intencionadas que ansiavam por derrubá-la. Era adorada por muitos na nação. O coração dele ficou despedaçado por não poder permanecer a seu lado naquele terrível estado. Forçou seu olhar a se desviar do pequeno cortejo formado para levar a perturbada Senhora para o conforto da casa grande. Deixar-se guiar pelo coração a essa altura seria uma jogada arriscada. Teria de ser forte, como se estivesse prestes a entrar num combate mortal.

Havia muitos inimigos presentes nos rituais de despedida de Ayaki precisamente para se aproveitarem de uma oportunidade como aquela. O insulto de Mara a Jiro já não poderia ser perdoado. Que resultaria em um banho de sangue era algo que já todos sabiam – mas apenas um louco iniciaria um ataque no coração da propriedade de Mara, com o exército dela reunido para prestar tributo a Ayaki. Uma vez fora das fronteiras das terras dos Acoma, os inimigos de Mara dariam início à sua resposta.

Hokanu tentava agora protelar uma guerra imediata. Os Acoma seriam arruinados se ele desse um passo em falso, e não apenas isso: os guerreiros e recursos dos Shinzawai poderiam ser arrastados para um conflito infrutífero. Tudo o que fora conquistado nos últimos três anos para assegurar o governo centralizado do Imperador

poderia ser desperdiçado num abrir e fechar de olhos.

O Conselho teria que se reunir para ver o que poderia ser feito de modo a impedir que o desastre assumisse proporções ainda maiores. Os Senhores que não haviam se aliado nem a Mara nem a Jiro teriam que ser cortejados, adulados ou ameaçados para que os que se opunham frontalmente a ela pensassem duas vezes antes de desafiar a Boa Serva.

– Lujan – chamou Hokanu, impondo sua voz ao crescente tumulto –, prepare a guarnição e convoque seus oficiais mais serenos. Não interessa qual seja a provocação, suas patrulhas devem manter a paz a todo custo.

As longas plumas verdes do elmo do oficial balançaram quando ele assentiu em resposta, elevando-se acima de todo aquele caos. Hokanu gastou alguns momentos agradecendo aos deuses por Mara ter selecionado seu pessoal em virtude da inteligência e da sensatez. Cabeças frias eram a única esperança de evitar a devastação dos Acoma.

Triste com aquela reviravolta nos acontecimentos, Hokanu orientou a guarda de honra a marchar de volta à casa. Se Mara controlasse melhor sua personalidade e fosse mais maleável como a maioria das mulheres do Império por conta de uma educação tradicional, ela nunca teria sido forte o bastante para aguentar um funeral de Estado de um filho assassinado. Como Governante e Serva do Império, estava exposta demais, sendo-lhe negadas até as fraquezas que a qualquer mãe seriam perdoadas.

Apanhada no seio de uma intensa teia de intrigas, a Senhora Mara fora forçada a representar um papel que a transformara num alvo.

Após uma hora agitada, Mara estava deitada em sua cama, entorpecida por poções administradas por um sacerdote de Hantukama que aparecera quase magicamente para oferecer seus

serviços. Isashani coordenou o pessoal doméstico e Jican, o pequeno hadonra, desempenhou o trabalho de três homens, reprimindo os rumores mais absurdos entre a criadagem.

Hokanu se viu sozinho lidando com as decisões que teriam de ser tomadas na Casa dos Acoma. Escutou os relatos dos servidores Acoma. Tomou notas para que Mara as revisasse assim que se recuperasse e se sentisse capaz. Assinalou os convidados que permaneceram ao lado dela e os que se insurgiram contra sua casa. A maioria teve a dignidade de se manter em silêncio ou então ficou chocada demais para elaborar alguma resposta hostil. Todos tinham esperado passar um dia de tranquila meditação para depois serem recebidos pela Serva do Império numa ceia formal. Em vez disso, já estavam voltando para casa, horrorizados com um ato imperdoável protagonizado pela mulher detentora do cargo mais importante de Tsuranuanni, próxima do trono do Imperador.

Mais de um representante das grandes casas apareceu para apresentar exagerados cumprimentos, mas Hokanu murmurou agradecimentos ocultos a homens ansiosos por vislumbrar qualquer sinal de que a Casa dos Acoma estaria enfraquecida, à exceção do Senhor dos Keda. O Senhor Hoppara e os Senhores do Clã Hadama faziam um excelente trabalho se movimentando no meio da multidão de hóspedes de partida, minimizando os danos do ato de Mara contra os Anasati através de todos os expedientes a que pudessem recorrer. Muitos dos que estavam prontos a se sentir ofendidos pela quebra do protocolo se mostraram mais inclinados a fechar os olhos à explosão de uma mãe sofrendo depois de escutarem um dos Senhores dos Hadama ou o Senhor Hoppara.

Outro nobre frustrado por não ter conseguido acesso aos aposentos mais íntimos foi o Senhor dos Anasati. Jiro insistira com veemência que o insulto à sua pessoa era irreparável. Um grupo de apoiadores o seguira assim que ele virara as costas à porta de Mara. Tinham encontrado um ponto de união. Aqueles que encaravam

Mara como amiga seriam fortemente pressionados a ignorar um ataque pessoal; para um inimigo, isso era impossível. Na cultura tsurani, o perdão era simplesmente uma forma menos vergonhosa de fraqueza se comparado à rendição. Em um segundo, a Senhora transformara adversários políticos em aliados de inimigos mortais.

Jiro não solicitara um pedido público de desculpas; na verdade, se cercara de Senhores cujo desagrado com os reformados poderes de Ichindar era mais notório. Saric e Incomo concordaram que o Senhor dos Anasati estava deliberadamente desencorajando aberturas conciliatórias, optando por lançar a culpa do escândalo diretamente sobre os Acoma. As bem audíveis queixas de Jiro chegavam a quem estivesse por perto: dizia que fora ao funeral do sobrinho sob o que era considerado por todos os presentes uma trégua tradicional e sofrera um ataque físico e humilhação pelas mãos da anfitriã, assim como uma acusação pública.

Por mais que qualquer Governante compreendesse ou simpatizasse com a origem do ato irrefletido de Mara, ninguém poderia negar que fora lançado um insulto mortal, indesculpável. Qualquer tentativa de minimizar a acusação destacando a incapacidade momentânea de Mara de oferecer uma desculpa racional foi ignorada pelo Anasati.

O salão dos Acoma ficou cada vez mais abafado, com seus biombos fechados contra os olhares curiosos e as portas guardadas por veteranos experientes de guerras passadas. Esses homens não vestiam as armaduras protocolares com verniz brilhante, mas sim as vestes de combate já bem gastas de confrontos anteriores. Sentado num estrado mais baixo e menos formal, utilizado na ausência de Mara, Hokanu tranquilamente pediu opiniões sobre os acontecimentos do dia.

O fato de os oficiais mais próximos e leais dos Acoma terem decidido responder a um consorte que não era o Senhor a quem prestaram juramento demonstrou um imenso respeito pela opinião

de Hokanu. Mesmo não lhe cabendo comandar a honra dos votos daqueles homens, eles demonstraram confiar nele para agir como fosse necessário em nome da Senhora. Impressionado como estava com tal devoção, Hokanu ficou igualmente perturbado, pois isso significava como estavam cientes do risco que Mara corria. Hokanu rezou para estar à altura da tarefa que tinha nas mãos.

Escutou em profundo silêncio quando o Líder de Forças Militares Irrilandi e Keyoke, Conselheiro-Mor de Guerra, avaliaram a força da guarnição, enquanto Lujan, o Comandante das Forças Armadas, preparava as forças Acoma para a guerra. Para dar mais ênfase, o velho Keyoke bateu com a muleta no que restava de sua perna perdida.

– Mesmo tendo a noção de que será derrotado, Jiro não tem opção: a honra exige que responda publicamente com derramamento de sangue. Duvido que opte por um duelo de campeões. Pior do que isso, se os gritos acusatórios de Mara foram escutados por outros além dos que estavam próximos, a insinuação dela de que Jiro contratou a Seita dos Hamoi para matar Ayaki pode ser tomada como um insulto aos Ionani, o que resultará inevitavelmente na Convocação do Clã.

Após esse comentário, instalou-se um profundo silêncio, tornando possível ouvir o eco dos passos dos criados no salão. Diversos dos presentes à mesa se voltaram para ouvir os chamados de oficiais de casas, reunindo as famílias de seus Senhores em liteiras pessoais para que partissem logo, e uns poucos se entreolharam e partilharam um entendimento comum: uma Guerra de Clãs iria despedaçar o Império.

Diante de tão sombrio cenário, Saric se arriscou a dizer:

– Mas quem poderia encarar tão seriamente essa ideia? Nenhuma seita se atreve a revelar seus contratantes e quaisquer provas que encontremos que liguem os Anasati ao ataque não serão muito convincentes, dadas as práticas clandestinas da Irmandade

dos Hamoi. Estou mais inclinado a suspeitar que se trata de uma pista falsa lançada intencionalmente.

Incomo assentiu, agitando o dedo.

– A prova da mão de Jiro na morte de Ayaki é perfeita demais. Nenhuma seita sobrevive e conquista clientes abastados sendo assim tão imprudente. E os Hamoi são a seita mais poderosa, por seus segredos nunca terem sido comprometidos. – Observou com atenção os rostos em volta da mesa. – Depois de... o quê? Cinco tentativas para matar Mara, de repente permitem que um deles seja pego com provas da participação dos Anasati? É pouco provável. Sem dúvida, questionável. Pouco convincente.

Hokanu observou os conselheiros com um olhar tão intenso quanto a luz refletida pelo aço bárbaro.

– Precisamos que Arakasi volte. – Os talentos do Mestre dos Espiões dos Acoma eram imensos e a capacidade que tinha para ler nas entrelinhas do emaranhado da política e da ganância pessoal da miríade de Governantes das Nações chegava a ser inquietante. – Precisamos dele para investigar essa prova que incrimina Jiro, pois por trás dela estará o assassino do garoto. – Hokanu suspirou. – Entretanto, a especulação não nos leva a lado algum. Sem Tasaio dos Minwanabi, quem se atreveria a desejar a morte da Serva do Império?

Saric, na escuridão, coçou o queixo.

– O Senhor está cego de amor por sua esposa – disse, sem deixar de mostrar compreensão. – Qualquer pessoa comum das Nações pode encará-la como um talismã, mas a posição elevada dela convida à inveja de outros. Muitos apreciariam ver a Boa Serva percorrer seu caminho pelos salões de Turakamu, apenas por ela quebrar as tradições e por ter ascendido a uma posição até então nunca ocupada por nenhum Senhor da Guerra. Além disso, muitos viram o estatuto de suas casas enfraquecido, e suas ambições desfeitas, por ela ser a preferida do Ichindar. Se pudessem...

buscariam a desgraça da Senhora Mara.

Hokanu deu mostras de impaciência:

– Então, quem se atreveria a isso?

– De todos nós, Arakasi é o mais bem-informado. – Olhando de soslaio para Incomo, Saric, muito sabiamente, colocou a questão que se agitava em sua mente: – Há alguma razão para pensar que seu antigo Senhor possa ter escapado da terra dos mortos para lançar um golpe de vingança?

Quando o olhar de Keyoke endureceu diante de tal possibilidade, o antigo Conselheiro-Mor do Senhor dos Minwanabi, agora Segundo Conselheiro da Senhora dos Acoma, pigarreou. Sem hesitar, enfrentou a desconfiança que se voltou sobre ele:

– Se assim foi, não participei dessa conspiração. Mas Tasaio era um homem cheio de segredos e perigoso. Muitas vezes estabeleceu acordos sem meu conhecimento. Fui frequentemente dispensado em situações em que muitos Senhores pediram minha presença. O *Obajan* da Seita dos Hamoi foi visto visitando pessoalmente Tasaio. Naquela altura, fiquei com a impressão de que isso tinha a ver com perguntas sem resposta relativas ao assassinato de espiões Acoma a serviço dos Minwanabi. – O rosto comprido de Incomo revelou então genuína repugnância. – Houve uma troca de ameaças e estabeleceram um acordo. Mas ninguém escutou a troca de palavras entre o *Obajan* e Tasaio. Só posso dizer que nunca vi o Senhor dos Minwanabi tão frustrado com seus planos a ponto de ter um acesso de fúria. Tasaio tinha muitos defeitos, mas raramente perdia o controle.

Ao ouvir isso, Saric começou a especular:

– Se o antigo Conselheiro-Mor dos Minwanabi não consegue ter certeza se Tasaio deixou ordens de vingança caso fosse derrubado, penso que estamos perdendo tempo com conjeturas. Indo diretamente ao assunto, Tasaio não era um homem que considerasse a possibilidade de derrota; como estrategista, era

incomparável. Supondo que acreditou até o fim que poderia esmagar a Senhora numa guerra aberta, por que razão devemos partir do princípio de que ele optou pela covardia e pagou pela morte da Senhora Mara quando nunca encarou seriamente a possibilidade de ela sobreviver?

Saric fitou os demais e continuou:

– Deveríamos, isso sim, observar mais atentamente as fileiras dos inimigos de Jiro. Dentre os Governantes, Mara é uma das poucas pessoas com poder suficiente para enfrentá-lo sem arriscar ficar num beco sem saída; dispondo do apoio imperial, a contenda entre os Acoma e os Anasati iria mais provavelmente causar problemas ao Senhor Jiro.

– E, todavia, o Senhor dos Anasati parece suficientemente ansioso para aproveitar o que o destino e o nosso azar lhe ofereceram – interrompeu Hokanu. – Ele não se encolhe diante de um conflito. Isso de pouco serve para livrá-lo da culpa na questão da morte de Ayaki. Até minha esposa se mostrar capaz, será essa a minha decisão. Ordene à guarnição que se prepare para marchar. Haverá guerra e não nos atreveremos a ser pegos de surpresa.

Keyoke inclinou silenciosamente a cabeça. Não iria concordar em voz alta, pois isso era algo que só poderia fazer perante a Senhora. No entanto, sua aquiescência à decisão demonstrou seu apoio inabalável. Saric, que era mais jovem e menos ligado às velhas tradições, inclinou a cabeça num gesto muito parecido à reverência que um conselheiro ofereceria a seu Senhor juramentado.

– Farei uma declaração de guerra formal aos Anasati. Quando Jiro responder, marcharemos.

Keyoke olhou de relance para Irrilandi, que assentiu para indicar ter compreendido o que iria acontecer em breve. A maior parte do derramamento de sangue dos Minwanabi fora feita às escondidas, com emboscadas e ataques, e sem o reconhecimento público de responsabilidade. Mas as batalhas formais entre casas eram um

acontecimento honrado e protocolar havia muitas eras. Dois exércitos se encontrariam num campo de batalha, em uma data acordada, e só um sairia de lá vitorioso. Não era concedido nem solicitado perdão, a não ser em raras circunstâncias, e mais uma vez seguindo as normas de conduta formais. Havia o registro, na História, de batalhas que se prolongaram durante dias; não era incomum que, em consequência disso, ambas as casas se destruíssem.

Hokanu resolveu então dar mais um passo:

– Peço que notifiquemos o Clã Hadama.

Saric ergueu as sobrancelhas, profundamente preocupado, mas também intrigado com as sutilezas da sugestão.

– Você está provocando uma Convocação do Clã dos Anasati?

Hokanu suspirou.

– Tenho um pressentimento...

Então Keyoke se impôs numa rara interrupção que apoiou o palpite de Hokanu:

– Jiro não é guerreiro. Como Comandante das Forças Armadas, ele tem Omelo, que, embora seja um bom general no campo de batalha, não se distingue em combates em larga escala. Uma Convocação do Clã é a melhor esperança de que Jiro dispõe para manter intacta sua casa e seu exército. Não estamos provocando nada. Isso é provavelmente inevitável.

– Mais do que isso – acrescentou Incomo. – O Senhor Jiro é um verdadeiro erudito. Despreza as violências do conflito armado. Deseja ter uma razão para declarar guerra à Senhora Mara e alimenta um ódio por ela que vem desde a juventude. É um mestre no shah. Nunca se esqueçam disso. Procurará destruí-la com recursos e subterfúgios, e não pela força bruta. Se convocarmos uma Guerra de Clãs, há a possibilidade de o Clã Ionani não permitir que os interesses dos Anasati os arrastem para a destruição. Estamos mais do que à altura de Jiro em confronto aberto. Se os

membros de seu clã apoiarem os desejos obsessivos de Jiro o suficiente para considerarem que essa desonra também os atinge, o Clã Hadama vai reagir.

Hokanu ponderou tudo aquilo sem grande esperança ou entusiasmo. Quer o Clã Ionani avançasse contra eles, quer não, o Senhor Jiro conseguira se colocar à frente de outras facções com motivos para acabar com o poder de Mara. Que não fora ele o único a perceber que tudo ia além de uma questão pessoal transformada numa discórdia mais duradoura ficara evidente pela quantidade de Governantes que compareceram ao funeral de Ayaki. O Conselho Supremo podia ter sido abolido, mas sua tradição de debate permanecera em segredo, com grande fervor, sempre que havia um pretexto para que a nobreza se reunisse. O fato de os Mantos Negros terem enviado um grupo de cinco de seus membros aos rituais demonstrou que sua inclinação para intervir na arena da intriga estava longe de terminada após a ascensão de Ichindar ao poder centralizado.

Hokanu finalmente concluiu:

– Podemos dispor de força e aliados suficientes para esmagar os Anasati, mas a que custo? No final, tudo pode permanecer igual. Podemos apenas esperar que um confronto rápido e sangrento no campo de batalha contenha os estragos e divida os tradicionalistas antes que convoquem seus aliados e se organizem numa facção política unida.

– Senhor Hokanu – interrompeu Saric ante o olhar de pura amargura que surgiu no rosto do consorte da Senhora dos Acoma –, o caminho que escolheu é o melhor de que dispomos. Pode ter certeza de que sua Senhora não seria capaz de fazer melhor, caso estivesse em condições de ouvir nossos conselhos. Agora vá e reconforte-a, pois ela precisa do Senhor ao seu lado. Darei instruções aos escribas para que preparem documentos e organizem os mensageiros que partirão para as terras do Senhor Jiro.

Parecendo assustado, apesar do alívio gerado por aquela declaração de apoio incondicional, Hokanu abandonou o salão. Seu passo era o de um guerreiro, determinado e rápido; suas mãos, as de um esposo preocupado, cerradas em punhos impotentes.

Saric permaneceu quando os outros oficiais desfizeram o círculo e abandonaram o salão. Ali sozinho nas sombras sufocantes, bateu com o punho na mão agora sem calosidades desde que fora promovido e abandonara as fileiras de guerreiros. Sofreu pelos amigos que deixara nos quartéis e pela mulher que fora chamado a servir e que conquistara todo o seu apreço. Se os Acoma reagissem com rapidez para pôr fim àquela disputa, seria um milagre divino. Muitos Senhores ressentidos tinham ficado com poucas responsabilidades desde que o Conselho Supremo fora desmantelado. A paz os deixara com espaço para disseminarem a discórdia. As velhas facções políticas tinham se separado, com sua razão de viver extinta pelo novo tipo de governo de Ichindar.

O Império estava calmo, mas nem um pouco estável; o clima de desassossego, suspenso havia três anos, amadurecera para dar lugar a uma renovada guerra civil.

Embora Saric apreciasse o brilhantismo da Senhora na alteração que impusera na única sociedade que ele já conhecera, lamentava a extinção do cargo de Senhor da Guerra e o fim do poder do Conselho Supremo, pois pelo menos os acontecimentos poderiam ser interpretados em função de séculos de precedentes estabelecidos pelo modelo do Grande Jogo. Naquele momento, apesar de o antigo estilo continuar a ser seguido pelas casas do Império, as regras precisaram ser alteradas.

A especulação se tornara incerta demais, concluiu Saric com um esgar de descontentamento. Abandonou o salão deserto, dirigindo-se aos aposentos que escolhera quando Mara ocupara a antiga propriedade dos Minwanabi. A caminho de seu complexo de quartos, ordenou ao mensageiro de Mara que fosse chamar um escriba.

Quando o homem chegou trazendo sua sacola com tinta e penas, as instruções do Conselheiro-Mor dos Acoma foram curtas e grossas:

– Esboce um comunicado para nossos agentes. Se Arakasi for visto em algum lugar, deverá ser informado de que precisa voltar para casa imediatamente.

O escriba sentou-se no chão sem fazer comentários, mas pareceu perturbado ao apoiar no joelho a mesa portátil de madeira. Levando rapidamente uma pena ao pergaminho, começou a escrever o primeiro documento.

– Acrescente o seguinte, e utilize a cifra número 7 – determinou Saric enquanto andava de um lado para outro, numa agitação sem fim. – A Senhora corre perigo de morte.

Ouviram-se o som de sinos e um sopro de ar inquietante varreu as tapeçarias que cobriam as paredes da grande sala de reuniões na Cidade dos Magos. Sombras projetadas pelas chamas bruxuleantes das lamparinas a óleo se agitaram à passagem de um mago que se posicionou sobre um padrão desenhado no chão. Ele sumiu abruptamente. Muito apressados, apareceram sucessivamente dois colegas. Atrás deles surgiram outros, até que uma multidão de vultos vestidos de negro ocupou os bancos em frente às paredes. As enormes portas com dobradiças de couro se abriram completamente com um rangido para permitir o acesso de outros que optaram por não transportar seus corpos por meios arcanos.

O salão da Assembleia se encheu rápida e tranquilamente.

Os delegados convergiram de todos os lugares da Cidade dos Magos, um complexo de edifícios e terraços cobertos, torres e galerias que transformavam toda a ilha numa espécie de formigueiro labiríntico. Localizada no meio de um grande lago no sopé da Cordilheira Elevada – como eram chamadas as montanhas ao norte do Império –, a Cidade dos Magos era inacessível por qualquer outra via além da magia. Mantos Negros de províncias longínquas se teletransportaram para o local respondendo ao chamado da

Assembleia emitido naquela manhã. Reunidos em número suficiente para haver quórum, os magos constituíam o corpo mais poderoso de Tsuranuanni, pois viviam acima da lei. Ninguém, nem sequer o Imperador, se atrevia a contrariar sua liderança, que, ao longo de milhares de anos de História, sempre fora absolutamente privilegiada.

Em poucos minutos, os bancos ficaram repletos. Hodiku, um homem de meia-idade magro com nariz adunco que por opção ocupava quase todo o seu tempo estudando na Cidade Sagrada, se dirigiu ao lugar do Primeiro Orador, no centro do salão decorado com motivos em mosaico. Sua voz se difundiu pelo imenso salão aparentemente sem esforço.

– Fomos convocados aqui hoje para que eu possa falar pelo bem do Império. – A saudação de rotina foi acolhida em silêncio, pois todos os assuntos que requeriam a convocação da Assembleia dos Grandes eram relativos ao Império. – Hoje foi quebrado o Selo Vermelho colocado sobre o sacrário secreto do Templo de Jastur!

O anúncio gerou uma profunda agitação de espanto, pois as portas em arco da câmara central do Templo do Deus da Guerra só eram abertas para permitir acesso ao público quando era anunciado formalmente o estado de guerra entre casas ou clãs. Hodiku ergueu os braços para pedir ordem.

– Mara dos Acoma, Senhora de sua casa e Chefe de Guerra do Clã Hadama, declarou guerra ao Senhor Jiro dos Anasati!

Exclamações de espanto varreram o espaço. Apesar de um grupo de magos mais novos estar a par do ocorrido, não eram maioria. Os que tinham prestado juramento recentemente haviam se juntado à Assembleia durante as convulsões geradas pela força conhecida como o Inimigo, que ameaçara tanto Kelewan, o mundo de Tsuranuanni, quanto Midkemia, para além do Portal. A enorme ameaça às duas civilizações precisou da ajuda dos magos para tornar o Imperador Ichindar o líder absoluto das Nações, de modo

que conflitos internos não fragilizassem a terra diante de uma crise maior.

Os magos mais novos poderiam apreciar o recurso a seus poderes para influenciar o curso dos acontecimentos. Porém, para os mais velhos da Assembleia, pautados em suas crenças individuais e em estudos eruditos, a intervenção na política tsurani não era encarada com agrado, mas sim como um recurso enfadonho utilizado apenas em casos de extrema necessidade.

Para uma facção ainda menor, liderada por Hochopepa e Shimone, próximos do mago bárbaro Milamber no passado, as recentes divergências quanto ao domínio tradicional interessavam por razões mais profundas. O contato com o modo de pensar midkemiano os levava a encarar os assuntos de Tsuranuanni sob uma perspectiva diferente, e como a Senhora Mara era, naquele momento, a peça mais importante apoiando Ichindar, as notícias sobre a guerra geraram particular preocupação.

Hochopepa, que havia muito se especializara em políticas tsurani de toda espécie, levou uma mão rechonchuda ao rosto e cerrou os olhos, num gesto de paciência.

– Tal como você previu – murmurou para o macérrimo e ascético Shimone. – Problemas, quando as Nações estão em posição delicada para pagar o preço.

Taciturno como sempre, Shimone não respondeu, mas observou com os olhos de falcão enquanto diversos dos magos mais impulsivos se levantavam, indicando sua pretensão de falar. Hodiku selecionou um jovem Manto Negro chamado Sevean e o apontou. O eleito avançou até o centro enquanto os outros voltavam a sentar.

Ainda mal tendo decorrido um ano desde sua iniciação, Sevean era rápido, loquaz e com tendência a ser impulsivo. Era capaz de dar voz, sem papas na língua, a suas conclusões, enquanto outros colegas, mais experientes, esperariam para escutar os pensamentos de membros mais inexperientes antes de revelarem suas opiniões.

Falou alto demais para a acústica sensível do salão:

– Todos creem que Jiro colocou as mãos no pescoço do filho da Boa Serva.

Aquilo não era nenhuma novidade; Shimone virou os lábios para baixo num débil esgar de descontentamento, enquanto Hochopepa falou suficientemente alto para que metade dos presentes o escutasse:

– O quê? Ele esteve outra vez na sala de estar de Isashani ouvindo os mexericos sociais?

Shimone não reagiu; assim como muitos dos magos mais velhos, encarava o recurso aos poderes para observar os assuntos particulares dos nobres como o mais grosseiro dos comportamentos. Sevean ficou envergonhado com o comentário de Hochopepa e com os olhares severos de diversos dos membros mais velhos. Sem mais palavras, encurtou seu discurso repetindo:

– Todos creem.

Mais magos competiram pela atenção do Primeiro Orador. Hodiku escolheu outro entre eles e, enquanto o iniciado, lenta e demoradamente, apresentava seu irrelevante ponto de vista, magos veteranos começaram a conversar calmamente entre si, acompanhando muito vagamente seu discurso.

Um mago sentado duas fileiras atrás de Hochopepa e Shimone, chamado Teloro, inclinou a cabeça para eles.

– O que está efetivamente em questão, Hocho?

O mago roliço suspirou e parou de brincar com os polegares.

– O destino do Império, Teloro. O destino do Império.

Teloro estacou ante aquela incerteza. Depois, corrigiu sua impressão inicial. A postura do mago corpulento poderia não indicar preocupação, mas seu tom de voz revelara profunda convicção.

Tanto Shimone quanto seu imponente companheiro pareceram concentrados numa discussão do outro lado do salão, onde diversos magos estavam reunidos conversando entre si. Quando o orador que

discursava se sentou e um homem de ombros largos daquele grupo se levantou, Teloro ouviu Hochopepa murmurar:

– Agora vamos começar a entender como vai ser executada esta rodada do Jogo.

Hodiku fez um sinal ao homem, que era magro e tinha o cabelo castanho cortado acima das orelhas num estilo que entre os tsurani era conhecido como corte de guerreiro. O estilo era uma vaidade estranha para um Manto Negro, mas nem por isso Motecha poderia ser considerado um mago estranho. Mantivera amizade com os dois irmãos que tinham ativamente apoiado o antigo Senhor da Guerra, mas, quando Ergoran morreu e Elgahar partiu para servir no mundo midkemiano, Motecha conspirou para manter uma aparência de distanciamento em relação aos dois irmãos.

A atenção de Shimone e Hochopepa se intensificou quando Motecha iniciou seu discurso:

– A ambição da Senhora Mara não tem limites? Convocou uma Guerra de Clãs devido a um insulto pessoal que *ela* desferiu como Senhora dos Acoma.

Hochopepa assentiu com a cabeça, como se confirmasse um palpite, e disse:

– Portanto, Motecha estabeleceu alianças com os Anasati. Que estranho. Ele não é propriamente um pensador. Quem estará por trás dele?

Shimone ergueu a mão.

– Não me distraia com tagarelices. Quero ouvir isso.

Motecha acenou com uma mão cheia de anéis, como se convidasse os colegas a refutá-lo. Mas não se revelou tão magnânimo em seu convite quanto o gesto pareceu sugerir, pois rapidamente tratou de impedir qualquer interrupção:

– Obviamente não há limites para ela! A Boa Serva não se satisfaz em zombar da tradição ao cooptar as forças de seu antigo inimigo.

– Algo que consideramos uma jogada brilhante – observou Hochopepa, mais uma vez suficientemente alto para levar o orador a se atrapalhar. Teloro e Shimone disfarçaram seu divertimento. O mago corpulento era um mestre em constranger colegas cuja afetação achasse que precisava refrear. Quando Motecha pareceu pronto a retomar o discurso ensaiado, Hochopepa voltou a falar: – Mas, por favor, não pretendo interromper; peço-lhe que prossiga.

Motecha, apesar disso, ficou outra vez meio perdido. Com dificuldade tentou disfarçar sua hesitação.

– Ela irá esmagar os Anasati... – disse.

Fumita se levantou, representando os membros mais experientes da Assembleia. Com o assentimento de Hodiku, começou a falar:

– Perdoe-me a interrupção, Motecha, mas não é certa, tampouco provável, uma derrota dos Anasati. Como todos conhecem as forças disponíveis de ambos os lados, é certo que Jiro contra-atacará convocando seu clã. Sozinhas, as hostes militares dos Anasati não se equiparam às da Senhora Mara, e ela se revelou ousada convocando o Clã Hadama. Isso, politicamente, já implicou custos para ela. Irá perder aliados poderosos. Na verdade, dois serão forçados por laços de sangue a combatê-la no campo de batalha ao lado de Jiro e, apesar de os Acoma serem espantosamente ricos e fortes, os dois clãs são muito equivalentes.

Hochopepa sorriu abertamente. A tentativa levemente dissimulada de Motecha de agitar a Assembleia em favor dos Anasati fora derrubada. Em vez de sentar, Fumita prosseguiu:

– Há outra questão que deve ser abordada.

Motecha levantou o queixo e, contrariado, cedeu seu lugar. Como nenhum outro Grande tinha requerido a palavra, depois que Motecha se sentou Hodiku se limitou a acenar a Fumita para que prosseguisse.

– Apesar de as questões de honra serem supostamente invioláveis, devemos considerar isto: este conflito de clãs pode

enfraquecer a estrutura interna do Império a ponto de pôr em risco sua estabilidade?

Um murmúrio agitou a Assembleia, mas ninguém avançou para debater o assunto. O Clã Ionani e o Clã Hadama eram facções enormes, é verdade, mas nenhum contava com seguidores suficientes para perturbar irremediavelmente a ordem pública. Hochopepa sabia que seu aliado Fumita estava ganhando tempo; a preocupação por trás daquela tática era mais ampla do que o restabelecimento da honra pessoal de uma casa após um insulto. O pior cenário já se armara: o fato de o conflito entre os Anasati e os Acoma gerar uma polarização das facções que se opunham a Ichindar. Dissidentes desorganizados já estavam se juntando em favor de Jiro, formando uma Facção Tradicionalista capaz de fazer uma oposição séria à nova ordem do Império. Apesar de ainda não estarem suficientemente inflamados para causar um banho de sangue, caso ainda houvesse um Conselho Supremo com poder para agir, não haveria dúvidas de que, se naquele momento fosse efetuada uma votação, o Senhor Jiro obteria apoio suficiente para se apoderar do posto de Senhor da Guerra.

Havia magos que encaravam a ascensão ao poder de Ichindar como um expediente ímpio: o equilíbrio deveria ser restaurado tal como existia nos tempos anteriores ao Inimigo, mantendo o estatuto do cargo da Luz do Céu como nos velhos tempos. Hochopepa liderara um pequeno contingente que aplaudia a mudança; ele prestou pouca atenção à tentativa de Fumita de ganhar tempo, optando antes por verificar por onde andaria Motecha. Confidenciou então a seu colega:

– Ah, ali está a mão por trás da causa de Jiro.

Com um leve aceno de cabeça, apontou para o mago com quem Motecha estava falando, um homem de porte atlético, recém-saído da juventude, que se destacava pelo cabelo ruivo que escapava do capuz negro. Tinha sobrancelhas grossas, expressão um pouco

carrancuda e postura de alguém com tendência para espasmos, devido a seu excessivo nervosismo.

– Tapek – reconheceu Shimone. – Aquele que incendiou um edifício num treinamento para controlar seus poderes. Seus talentos se revelaram muito cedo, mas levou muito tempo para conseguir controlá-los.

A expressão branda de Hochopepa se franziu de preocupação.

– Ele não é amigo de Jiro. O que está em jogo?

Shimone ergueu levemente os ombros, o mais próximo que já tinha chegado do enigmático dar de ombros tsurani.

– Os de sua laia andam sempre tentando provocar problemas, parecem troncos flutuando ao redor de um redemoinho de água.

Ao centro, o debate prosseguia. Mantendo o tom de voz cautelosamente neutro para que ninguém percebesse seu laço pessoal com Hokanu e a casa de Mara, Fumita apresentou sua conclusão:

– Creio que, se os Clãs Ionani e Hadama se destruírem mutuamente, enfrentaremos perigos tanto internos quanto externos.

– Ergueu um dedo no ar. – Alguém será capaz de duvidar que, sobreviva quem sobreviver, a casa em questão sairá tão debilitada que outras instantaneamente a atacarão? – Ergueu um segundo dedo. – E alguém será capaz de refutar que inimigos além de nossas fronteiras vão se aproveitar de nossas divergências internas para atacar? – acrescentou.

– É minha vez de contribuir para esta exaltação excessiva – resmungou Hochopepa, levantando-se de pronto.

Com aquela deixa, Fumita sentou-se tão bruscamente que mais ninguém conseguiu se levantar a tempo de evitar a indicação de Hodiku de que era a vez do mago corpulento.

Hochopepa pigarreou.

– Meu bem-informado irmão fez um bom resumo – disse, aquecendo-se para um discurso virtuoso com uma pompa

desconcertante –, mas não nos devemos deixar cegar pela retórica.

Os lábios de Shimone se retorceram ante aquela meia verdade. Seu gordo companheiro passou pesadamente para trás e para a frente, olhando nos olhos de todos os magos presentes nas fileiras dianteiras para captar a atenção deles.

– Gostaria de realçar que conflitos como esse até aqui nunca profetizaram o fim de qualquer civilização conhecida! – Assentiu com a cabeça para dar mais ênfase. – E não dispomos de informações que indiquem que aqueles próximos às nossas fronteiras estão a postos para atacar. Os thuril estão ocupados demais negociando em nossa fronteira oriental para procurarem conflitos, desde que não lhes demos motivos. Podem ser um bando complexo, mas o lucro é algo que parece lhes interessar mais do que o derramamento de sangue; pelo menos parece ser esse o caso desde que a Aliança Bélica persistiu na tentativa de conquistá-los.

Um murmúrio de reprovação perturbou o salão sombrio, pois a tentativa de anexar as Terras Altas dos thuril como uma nova província terminara em desgraça para o Império e era considerado deselegante recordar a derrota. Os escrúpulos de Hochopepa não o impediram de recorrer a esse tópico para abalar seus oponentes. Limitou-se a elevar a voz poderosa o suficiente para ser escutada acima do ruído:

– Os homens do deserto de Tsubar celebraram um tratado de união com os Xacatecas e os Acoma em nome do Império e o conflito acabou em Dustari.

A Assembleia não esquecera que isso se devia em parte à Senhora Mara. Um sorriso iluminou o rosto largo de Hochopepa até o burburinho esmorecer e o silêncio respeitoso voltar.

– Em todos os sentidos, reina no Império uma paz que beira o tédio. – Com uma mudança brusca, seu sorriso deu lugar a um semblante carregado e ele agitou um dedo na direção dos presentes. – É necessário recordar a meus irmãos que a Serva do

Império integra a Casa Imperial por adoção? Uma convenção estranha, sei, mas é uma tradição. – Apontou para Motecha, que procurara desacreditar Mara. – Se formos imprudentes a ponto de apoiarmos de alguma forma os Anasati, é provável que o Imperador considere isso um ataque à sua família. E, indo mais diretamente ao ponto, Elgahar e eu testemunhamos a execução do último Senhor da Guerra. Em seu enforcamento...

Após uma pausa enfática, bateu com o dedo na têmpora e prosseguiu:

– Permitam-me tentar recordar as palavras exatas da nossa Luz do Céu na ocasião sobre o fato de um mago conspirar em políticas do Conselho. Ah, sim, ele disse: “Caso se descubra mais algum Manto Negro envolvido numa conspiração contra a minha casa, será posto um fim ao estatuto que permite aos Grandes ficarem acima da lei. Mesmo que eu seja forçado a usar *todos os exércitos do Império* contra seus poderes mágicos, mesmo que isso leve à ruína total do Império, não permitirei qualquer outro desafio à supremacia do Imperador. Compreendido?”

Hochopepa, após varrer a Assembleia com um olhar terrível, continuou:

– Posso lhes assegurar, Ichindar estava sendo sincero. Ele não é do tipo que ameaça levianamente com violência. Nossos imperadores anteriores podem ter se dado por satisfeitos em permanecer sentados, dividindo o tempo entre devoções santas em templos e gerar herdeiros em suas esposas e amantes – elevou de novo o tom de voz –, mas Ichindar não é desses! É um Governante, não uma marionete divina vestindo os trajes dos serviços religiosos!

Baixando o tom de voz e obrigando todos os magos presentes a se concentrarem no que dizia, Hochopepa resumiu:

– Nós que marcamos presença no funeral do filho da Boa Serva sabemos muito bem que a falha de Mara se deveu a um sofrimento insuportável. Agora ela deve arcar com as consequências de sua

ofensa. A partir do momento em que atacou Jiro com as próprias mãos, o conflito se tornou inevitável. Como é nosso trabalho preservar o Império, duvido seriamente que possamos justificar qualquer plano de ação que possa nos levar – então ele abalou o salão com um grito poderoso – a fazer oposição aos exércitos do Império no campo de batalha por causa de um assunto relacionado a um insulto pessoal!

Tranquila e sensatamente, retomou o discurso:

– Venceríamos, por certo, mas depois disso pouco restaria do Império para preservar. – Concluiu com um aceno de mão depreciativo: – Era tudo o que tinha a dizer. – E sentou-se.

O silêncio perdurou apenas um momento antes de Tapek se levantar de repente. Hodiku, com um aceno de cabeça, lhe deu a palavra e as vestes rodopiaram com seus passos impetuosos enquanto se dirigia ao centro do salão.

Com o rosto pálido, observou a Assembleia imersa em silêncio num momento de reflexão.

– Já ouvimos o bastante sobre a Senhora Mara. A parte injustiçada, devo realçar, é a do Senhor Jiro. Ele não iniciou as hostilidades. – Tapek ergueu os braços. – Convido todos a, para variar, levarem em conta as provas diretas em vez de boatos!

Com um gesto, desenhou uma moldura no ar. De seus lábios jorrou um encantamento e o espaço à sua frente se iluminou. Um arco-íris repleto de cores se transformou numa imagem bem definida de uma sala cheia de livros e rolos de pergaminho. Ali, vestindo uma túnica elegantemente simples, o Senhor Jiro andava de um lado para outro num raro estado de agitação. Sentado em um canto numa almofada, nos limites do percurso agitado de seu Senhor, via-se Chumaka, o rosto enrugado inexpressivo.

– Como a Senhora Mara se atreveu a me ameaçar? – questionou Jiro, ofendido, num tom empolado e irado. – Não tivemos nada a ver com a morte do filho dela! É escandalosa a insinuação de que somos

uma casa tão desonrada a ponto de atacar um garoto que partilha o sangue dos Anasati! A prova plantada naquele assassino da seita é um esforço claro para nos desacreditar e por causa dela enfrentaremos uma Guerra de Clãs.

Chumaka formou uma pirâmide com os dedos cheios de anéis esculpados em corcara, que não retirara desde o funeral.

– O Clã Ionani reconhecerá esses erros – disse ele num esforço para acalmar seu Senhor. – Não avançaremos sem apoio para o campo de batalha.

– Guerra! – Jiro rodopiou, os olhos estreitados devido ao descontentamento. – A Senhora nada mais é do que uma covarde para iniciar esse chamado às armas! Pensa que pode nos derrotar sem sujar as mãos, recorrendo à quantidade para nos aniquilar. Bem, temos de recorrer a todo o nosso engenho para lhe dar uma lição. O Clã Ionani pode nos apoiar, o que nos será útil. Mas nunca esquecerei que foi necessário chegar a este ponto. Se nossa casa sobreviver a esse forte ataque, tenha certeza de que os Acoma criaram um inimigo a temer!

Chumaka passou a língua pelos dentes.

– A arena política se moveu para dar origem a novos padrões. Haverá por certo uma maneira de tirar proveito disso.

Jiro se voltou para encarar seu Conselheiro-Mor.

– Primeiro, maldita seja aquela cadela, temos de salvar nossa pele dessa carnificina iminente.

A cena foi interrompida quando Tapek bateu palmas e desfez o feitiço. Atirou para trás sua franja cor de fogo, mostrando um ar muito sério aos anciãos da Assembleia, que ficaram totalmente rígidos diante de sua afronta ao invadir a vida particular de um nobre.

– Você está indo contra a tradição! – gritou, de um dos bancos de trás, uma voz doentia. – O que somos nós? Velhinhas intrometidas para nos rebaixarmos ao ponto de recorrermos a artes

arcanas para espiar? Espreitamos os quartos de vestir das Senhoras?

Sua opinião foi compartilhada por diversos dos membros de cabelo mais grisalho que se ergueram de pronto e saíram em protesto.

Tappek gritou bem alto:

– É uma contradição ética! O que fez a Senhora Mara da tradição? Atreveu-se a interferir, digo eu! Esperamos e pagamos o preço da instabilidade que ela pode vir a criar? E que princípios vão impedi-la? Ela já não demonstrou sua dificuldade em se controlar nesse desprezível ataque contra o Senhor Jiro?

Com aquele comentário inflamado, até Shimone pareceu perturbado.

– Ela perdeu um filho em uma morte horrível! – interrompeu. – É uma mulher e um ser humano. Espera-se que tenha defeitos.

Tappek jogou as mãos para o alto.

– Uma boa observação, irmão, mas minha preocupação não se volta para as falhas da Senhora. Ela teve uma ascensão vertiginosa, sob todas as perspectivas. A influência dela se tornou forte demais e seus poderes, excessivamente amplos. Como Chefe de Guerra dos Hadama e Senhora da casa mais poderosa do Império, destaca-se entre os governantes. E, na qualidade de Serva do Império, possui uma perigosa influência sobre as massas. Realço que ela é apenas humana! E que nenhum Senhor ou Senhora deveria ser detentor de tal influência no Império! Peço que refreemos já seus excessos, antes que o problema se torne grave demais para ser contido.

Hodiku, como Primeiro Orador, coçou o queixo diante do rumo que a discussão tomara. Numa tentativa de suavizar o incômodo que agitara a reunião, apelou a Hochopepa:

– Tenho uma questão para meu erudito amigo. Hocho, o que sugere que façamos?

Recostando-se e esforçando-se ao máximo para parecer despreocupado, após apoiar um cotovelo no suporte atrás dele,

Hochopepa disse:

– Ora, eu acho que é óbvio. Nada. Quando as ofensas de honra deles forem saciadas com derramamento de sangue, será bastante fácil recolher os destroços.

Ouviram-se diversas vozes quando mais uma dúzia de magos se levantou esperando chamar a atenção. Shimone suspirou ruidosamente.

– Você não vai conseguir o que quer desta vez, Hocho.

O imponente mago apoiou o queixo nas palmas das mãos, fazendo surgirem covinhas em ambas as faces.

– Claro que não – sussurrou ele –, mas não ia permitir que esse rapaz nervosinho saísse daqui sem ser posto em seu devido lugar.

Como estavam acima da lei, cada Grande era livre para agir como achasse adequado. Qualquer um poderia atuar à vontade contra Mara, se considerasse que isso era o melhor para os interesses do Império. Ao levantar a questão da não interferência na Assembleia, Hodiku fez com que isso se tornasse um assunto que precisava de consenso do quórum. Assim que fosse estabelecido um acordo formal, nenhum membro poderia, por vontade própria, desafiar a decisão final. Como não havia esperança de decisão rápida, Hochopepa alterou seu objetivo para estimular um julgamento sensato. O corpulento mago, resignado, ajeitou suas vestes ao redor da barriga.

– Agora vamos ao que interessa; vamos permitir que esses impetuosos tagarelem até ficarem roucos. Quando não tiverem mais forças, apresentaremos a única opção sensata. É mais seguro permitir que Tapek e Motecha achem que estão levando a Assembleia ao consenso do que lhes dar liberdade de iniciarem, sozinhos, ações lamentáveis.

Shimone mostrou uma expressão amarga ao seu imponente companheiro.

– Por que você sempre procura a solução para tudo através de

inesgotáveis sessões de falatório?

– Você tem alguma ideia melhor? – retrucou de pronto Hochopepa em tom reprovador.

– Não – cedeu Shimone.

Sem vontade de se aborrecer com mais tagarelice, voltou de novo sua atenção para o centro da sala, onde o primeiro de muitos oradores se esforçava para prosseguir seu discurso.

O primeiro sol da manhã aqueceu a grande tenda de comando. A penumbra do interior cheirava a óleos fortes, utilizados para manter a pele impermeável, e a gordura, aplicada para dar elasticidade às tiras das armaduras e bainhas. Não se sentia o odor do óleo das lamparinas, pois a Senhora abdicara de iluminação. Vestindo a armadura ornamentada e o elmo coroadado com plumas do Chefe de Guerra do Clã Hadama, Mara se achava sentada sobre elegantes almofadas de seda. As abas da entrada da tenda estavam presas para trás e a luz da manhã pintava seu perfil rígido. Atrás de Mara, com a mão enluvada apoiada em seu ombro, Hokanu observava o exército ordenado em fileiras no vasto vale mais abaixo.

A massa de guerreiros à espera escurecia o campo por todo o horizonte, desde o ponto de vista privilegiado na colina atrás; eram numerosos demais para contar as lanças e os elmos nas fileiras bem organizadas. O único movimento visível era causado pelo vento que passava por entre as plumas dos oficiais, com muitas cores além do verde dos Acoma. Ainda assim, o silêncio era ilusório. A qualquer momento, todos os homens armados do Clã Hadama poderiam atacar, respondendo ao chamado pela honra do Chefe de Guerra.

Mara, em sua armadura cerimonial, parecia uma estátua entalhada em jade. Seu rosto era a fachada inexpressiva esperada de um Chefe de Guerra tsurani. Contudo, os conselheiros que a apoiavam notaram, em seu porte, uma fragilidade nascida da tensão, como se a postura rígida fosse tudo o que continha dentro dela as emoções ferventes. Moviam-se e falavam calmamente em

sua presença, como se um gesto ao acaso ou uma palavra mal empregada pudesse abalar seu autocontrole e a fúria irracional que lançara sobre Jiro pudesse se libertar outra vez.

Em tal cenário, com os imensos exércitos sob seu comando espalhados e prontos a atacar, ela era tão imprevisível quanto as nuvens ameaçadoras de uma trovoada cujos relâmpagos ainda não haviam sido libertados. Uma declaração formal de guerra implicava deixar de lado astúcia e estratégias, renunciando à artimanha e à razão para simplesmente atacar em terreno aberto o inimigo citado na cerimônia no Templo de Jastur.

Do outro lado da força bélica Hadama foram erguidos os estandartes do Clã Ionani; assim como a Senhora Mara, o Senhor Jiro sentou-se com o Chefe de Guerra dos Ionani no cume da colina em frente, orgulhoso como era de sua linhagem e sem qualquer pretensão de perdoar uma ofensa de honra feita pela Senhora dos Acoma. Além das fileiras cerradas de guerreiros Ionani, na tenda de comando esvoaçava a antiga bandeira de guerra escarlate e amarela dos Anasati, em um estandarte posicionado ao lado da tenda preta e verde do Senhor Tonmargu, Chefe de Guerra do Clã. A disposição das cores simbolizava uma ancestral declaração de que o insulto aos Anasati fora aceito por todas as casas, de modo a ser resolvido com um derramamento de sangue sem misericórdia.

Morrer era próprio de um tsurani; viver em desonra, uma covardia merecedora de algo pior do que a morte.

Os olhos de Mara registravam os detalhes, mas suas mãos não tremiam. Seus pensamentos estavam bem ocultos, isolados em um lugar frio onde nem sequer Hokanu conseguia chegar. Ela, que sempre deplorara a guerra e as matanças, parecia agora ansiosa por abraçar a violência pura. O derramamento de sangue certamente não serviria para trazer seu filho de volta, mas o calor e o horror da batalha talvez a fizessem deixar de pensar nele. Poderia desfrutar de uma interrupção em seu sofrimento e sua dor até que Jiro dos

Anasati fosse reduzido a uma massa de carne e sangue caída na terra.

Sua boca se enrijeceu com os pensamentos retorcidos. Hokanu percebeu a tensão, sabendo instintivamente que não havia como consolá-la. Permaneceu com ela, quieto, refletindo sempre que possível sobre as decisões de Mara.

Um dia, ela poderia despertar e aceitar suas lágrimas pelo que efetivamente eram. Até que o tempo começasse a curar suas feridas, ele poderia apenas proporcionar apoio ilimitado, sabendo que, até então, qualquer outra coisa poderia levá-la a tomar medidas mais desesperadas.

Com a genuína impassibilidade tsurani, Hokanu seguiu a esposa toda paramentada quando diversos vultos abandonaram as fileiras dos Hadama e se aproximaram das forças Ionani. Lujan liderava o grupo; a luz do sol refletia em sua armadura e iluminava as pontas de suas plumas de oficial com um brilho esmeralda. Ao seu lado, marcharam os dois Líderes de Forças Militares, Irrilandi e Kenji, e atrás, de acordo com a hierarquia, os Comandantes das Forças Armadas das outras casas do Clã Hadama. Seguiu por fim um escriba, para registrar a troca de palavras quando a delegação se encontrasse com seus adversários no centro do local escolhido para a batalha, como indicava a tradição.

Haveria uma discussão para estabelecer as condições da guerra iminente, na qual se decidiriam os limites do campo de batalha, a hora do começo do combate e a possibilidade de conceder ou aceitar rendição. Mas Mara pusera fim a qualquer esperança quanto a isso.

O fato de as Casas do Clã Ionani terem achado apropriado se envolver na questão não a fez recuar um milímetro. Poderiam aguentar firmes ou cair com Jiro, e ela não enfrentaria sozinha as atrocidades inerentes ao Jogo do Conselho.

Quando Keyoke, seu Conselheiro de Guerra, abordara o assunto

da rendição, os olhos dela cintilaram de raiva.

– Sem rendição – declarou.

As linhas estavam traçadas; os dados, lançados. Ninguém poderia contestar a palavra de Mara como Chefe de Guerra. Hokanu olhou em volta da tenda de comando, tanto para se reconfortar como para avaliar a disposição dos presentes. Keyoke optara por uma armadura em vez das vestes de conselheiro adequadas ao cargo; Saric, que combatera nas hostes dos Acoma antes de ascender a seu alto cargo, também vestira a armadura. Com a batalha prestes a começar, Hokanu sentiu-se nu usando apenas uma leve seda.

O velho Incomo, no entanto, trajava sua túnica. Mais à vontade com uma pena do que com uma faca, tinha as mãos cerradas sobre o cinto e as suas feições enrugadas tensas. Embora, à sua maneira, fosse tão experiente quanto um general, não era instruído nas artes da violência. A Convocação do Clã por parte de Mara não fora um ato são e, como ela fora, outrora, a alma da bondade e da razão, a virulenta decisão pela vingança ritual dos tsurani o deixou profundamente aterrorizado. Mas seus anos de experiência como conselheiro dos Minwanabi lhe permitiram obedecer com firmeza.

Todos os homens e mulheres dos Acoma, e de todas as casas do Clã Hadama, aguardavam, naquele dia, a boa vontade dos deuses.

Soaram trombetas, assim como as grandes e curvas trompas de guerra. Os tocadores de tambor entraram em ação quando as delegações Ionani e Hadama se separaram, deram a volta e retornaram a suas fileiras. O rufar se acelerou e o toque de trombetas adotou um ritmo mais intenso. Lujan assumiu o lugar no centro das hostes; Irrilandi e Kenji marcharam para os flancos à direita e à esquerda; os outros oficiais assumiram suas posições à frente dos exércitos das respectivas casas. O sol da manhã se refletiu nas espadas e lanças e iluminou o movimento ondulado de milhares de guerreiros desembainhando espadas.

Os estandartes estalaram com uma rajada de vento e foram desenroladas flâmulas vermelhas presas a cruzes em honra de Turakamu, o Deus da Morte, cuja bênção era solicitada para a matança prestes a começar. Um sacerdote da Ordem do Deus Vermelho pisou a estreita faixa de terra que separava os exércitos e entoou uma oração. O ondular do som à medida que as vozes dos guerreiros foram se unindo parecia o ruído do caos. Junto ao sacerdote estava outra pessoa, uma Irmã envolta em vestes negras da Ordem de Sibi, Aquela que É a Morte. A presença de uma sacerdotisa que adorava a irmã mais velha de Turakamu significava que muitos homens estavam fadados a morrer naquele dia. O sacerdote concluiu sua invocação e jogou ao ar um punhado de penas vermelhas. Dobrou-se até o chão e depois saudou a sacerdotisa da Deusa da Morte.

Assim que os representantes religiosos se retiraram, os guerreiros soltaram brados de guerra. Berros e insultos estilhaçaram a manhã quando os homens injuriaram seus inimigos de um lado a outro do campo. Foram trocadas palavras duras, para selar a dedicação a um combate sem tréguas – e vencer ou morrer, assim ditava a honra – para fortalecer o espírito, no caso de algum soldado se sentir tentado a se render à covardia. O código de honra dos tsurani era inflexível: um homem seria merecedor de sua vida através da vitória, ou sua desgraça perduraria além da Roda da Vida, causando sua miséria na vida seguinte.

Mara observou sem interesse o panorama. Tinha o coração endurecido. Naquele dia, outras mães saberiam o que era chorar sobre os corpos de filhos mortos. Mal reparou que Hokanu pousou os dedos nos ombros da armadura no exato momento em que seu coração começou a disparar de ansiedade.

O herdeiro dos Shinzawai tinha o direito de se manter afastado, pois não tinha laços de sangue nem com os Hadama nem com os Ionani, mas, como marido da Boa Serva, sentia-se obrigado a

supervisionar a carnificina. Agora, com o entusiasmo dos guerreiros atingindo o ponto de ebulição, a faceta mais sombria de seu caráter ansiava ardentemente pela ordem de ataque. Amara Ayaki como se fosse seu e a perda do garoto o estimulou a compartilhar a raiva de sua Senhora. A lógica poderia inocentar a casa dos Anasati na contratação da seita, mas a ânsia gerada pela inflamação permanecera insaciada. Quer Jiro fosse ou não culpado, sangue teria de ser pago com sangue.

Um mensageiro enviado por Lujan apareceu na tenda de comando. Fez uma reverência que o levou a tocar o chão com a testa, permanecendo em silêncio até a Senhora acenar.

– Senhora, o Comandante das Forças Armadas dos Ionani manifestou sua concordância. A batalha deverá começar quando o sol ascender a uma altura de seis diâmetros sobre o horizonte oriental.

Mara fitou o céu, calculando.

– Isso significa que o sinal de ataque soará dentro de menos de meia hora.

Fez um gesto brusco de aprovação. Ainda assim, a demora era maior do que desejava: Ayaki não recebera um adiamento em sua morte.

Os minutos passaram vagorosamente. Os soldados prosseguiram com os insultos até suas vozes ficarem roucas. O sol subiu devagar e, com a chegada do meio-dia, o ambiente aqueceu. Todos os presentes na tenda de comando foram ficando irritados; o simples pousar de uma mosca os despertava subitamente.

A impaciência de Hokanu cresceu gradualmente. Estava pronto para desembainhar a espada e ver a ponta verter sangue. O sol atingiu por fim o ponto designado. Não foi passado nenhum sinal entre os oficiais superiores presentes na tenda de comando. Keyoke inspirou rapidamente no momento em que Mara levantou a mão. Lujan, no campo de batalha, ergueu sua espada desembainhada e

as trombetas repicaram seu chamado para a guerra.

Hokanu desembainhara instintivamente a espada. A batalha poderia terminar sem ele sequer enfrentar um inimigo, pois seu lugar era ao lado de sua Senhora. Nenhum guerreiro Ionani iria furar a guarda de honra que rodeava a tenda de comando, a não ser que o Clã Hadama fosse derrotado; nesse caso, tanto ele como Saric estariam a postos.

As notas das trombetas pareceram perdurar até a eternidade. Ao longe, à frente do exército, Lujan aguardava com a espada bem erguida, brilhando ao sol como uma agulha. Do outro lado do campo de batalha, o oficial em comando dos Ionani ostentava uma postura idêntica. Quando as armas de ambos fossem baixadas, uma onda de soldados aos gritos avançaria pela estreita faixa de campo e nas colinas ecoaria o choque de espadas e os brados de guerra.

Hokanu prendeu a respiração para murmurar uma rápida oração por Lujan, pois o valente Comandante das Forças Armadas dos Acoma tinha a morte praticamente garantida. A multidão de soldados de ambos os lados tornava pouco provável que qualquer membro das cinco fileiras da vanguarda sobrevivesse ao ataque inicial. Os dois grandes exércitos iriam moer um ao outro como os dentes de diferentes maxilares e apenas os guerreiros nas fileiras mais atrás poderiam ver quem emergiria vitorioso.

Terminou o momento de tensão. Os homens concluíram suas últimas súplicas aos deuses por honra, vitória e vida. E então a espada de Lujan se agitou em seu golpe descendente.

Enquanto os guerreiros iam para a frente impulsionados pelas pontas dos pés e as bandeiras se agitavam nas mãos de seus portadores, que tinham erguido as varas do chão, soou um trovão no límpido céu verde.

O abalo do ar atingiu Mara e Hokanu em pleno rosto. Almofadas voaram e Hokanu ficou abismado. Caiu de joelhos, com o braço livre amparando Mara em um abraço protetor. Incomo foi projetado para

trás, suas vestes infladas como velas, no momento em que a tenda de comando cedeu com a rajada. Keyoke vacilou para trás de encontro a Saric, que o amparou, quase caindo quando a muleta bateu em suas pernas. Os conselheiros dos Acoma se agarraram um ao outro para se aguentar em pé enquanto, dentro da tenda, as mesas eram reviradas e os mapas com as táticas de guerra esvoaçavam e tombavam desordenadamente sobre as cortinas emaranhadas que caíram sobre o catre de Mara.

Em meio a um turbilhão de redemoinhos, o caos se espalhou pelo campo. Bandeiras se rasgaram e chicotearam, arrancadas das mãos de seus portadores. Um grito emergiu das fileiras avançadas de ambos os exércitos quando guerreiros foram jogados ao chão. As respectivas espadas se cravaram na terra, e não na carne. Lançados no caos pelo furacão, os guerreiros posicionados atrás tropeçaram uns nos outros até não sobrar ninguém capaz de avançar para se envolver no combate.

Na brecha entre as duas linhas surgiram diversas figuras vestidas de negro. Suas vestes não se agitaram, permanecendo estáticas, numa misteriosa calma. Nesse meio-tempo, os ventos antinaturais diminuíram, parecendo obedecer a uma ordem. Conforme a fúria se transformava em espanto, homens de ambos os lados piscaram os olhos cobertos de pó. Viram os Grandes aparecerem para intervir e, apesar de continuarem a empunhar as armas e de serem ainda movidos por uma sede de sangue, ninguém se ergueu nem fez qualquer movimento para se lançar sobre os magos, que permaneciam equidistantes dos dois exércitos. Os guerreiros derrubados ficaram deitados de bruços, o rosto pressionado contra a grama. Nenhuma ordem de um Senhor ou de uma Senhora poderia levar qualquer um daqueles homens a avançar, pois tocar num Grande era um convite à ruína absoluta, sem mencionar que seria uma ofensa aos deuses.

Mara, com um olhar hostil, observou os Mantos Negros que

impediam sua vingança. As tiras de sua armadura rangeram quando ela se levantou. Cerrou os punhos e os músculos do maxilar se retesaram.

– Não – disse ela em voz baixa.

Uma mecha de cabelo deslizou para fora do elmo e suas plumas de Chefe de Guerra tremularam como juncos assolados pelo vento. Uma fração de segundo depois, outro Grande se materializou ao lado da aba aberta da tenda. Sua túnica parecia feita da própria noite e, apesar de magro e jovem, em seus olhos nada havia de juventude. Exibia uma luz que parecia arder, em contraste com a pele e o cabelo escuros. A voz se revelou surpreendentemente profunda:

– Senhora Mara, escute nosso desejo. A Assembleia proíbe esta guerra!

Mara ficou lívida. A raiva a dominou, por ser impedida de concretizar o chamado à Guerra de Clãs. Nunca imaginara que a Assembleia poderia intervir contra seu desejo. Era impossível contestar esse desdobramento, assim como o fora para seu antigo inimigo, Tasaio dos Minwanabi, e a proibição da tradicional vingança pelo assassinato de Ayaki equivalia a abdicar da honra dos Acoma.

Retirar-se daquele confronto sem derramamento de sangue iria desgraçá-la bem mais do que qualquer vergonha que os Anasati pudessem lhe infligir. Seria seu filho que ficaria por vingar; ao Senhor Jiro seria dada a vitória. Ele conquistaria apreço por sua coragem, indo ao campo de batalha preparado para combater e defender sua honra, mas não seria o filho dele nem seriam os espíritos de seus antepassados os rebaixados por serem privados de pagar com sangue um assassinato. Como uma acusadora que não fora ressarcida pela força das armas, a Senhora dos Acoma perderia muito da veneração que lhe era devida por sua posição.

Mara conseguiu falar, por fim:

– Você está me forçando à desonra, Grande.

O mago minimizou seu comentário com uma calma ativa:

– Sua honra, ou a falta dela, é algo que não me diz respeito, Boa Serva. A Assembleia age como em todos os casos: pelo Bem do Império. A carnificina resultante de um conflito entre os clãs Hadama e Ionani debilitaria as Nações e deixaria esta terra vulnerável a ataques vindos do outro lado das fronteiras. Portanto, fica o aviso: nenhuma força dos Acoma ou dos Anasati, ou dos respectivos clãs ou aliados, pode entrar em combate por causa deste ou de qualquer outro assunto. Você está proibida de entrar em guerra com o Senhor Jiro.

Mara, controlando a vontade de reagir, se manteve em silêncio. No passado testemunhara quando o Manto Negro bárbaro, Milamber, rasgara o céu sobre o Grande Estádio Imperial. Os poderes libertados naquele dia tinham matado e sacudido a terra, fazendo as nuvens chorarem. Não estava assim tão dominada pela dor a ponto de perder o juízo e esquecer: os magos eram a força suprema no Império. O jovem e desconhecido mago observou, com um silêncio arrogante, enquanto Mara engolia em seco. Seu rosto corou e Hokanu, a seu lado, sentiu-a tremer devido à raiva contida. No entanto, ela era tsurani. Deveria obedecer aos Grandes. Assentiu firmemente:

– Seu desejo será cumprido, Grande.

A reverência dela foi profunda, apesar do ressentimento evidente. Virou-se levemente para seus conselheiros.

– Ordene a retirada.

Diante daquela determinação, ela não tinha escolha. Embora fosse a Governante da maior casa do Império, embora fosse Serva do Império, até ela tinha de se curvar perante o inevitável e assegurar que nenhuma lacuna em termos de dignidade pudesse agravar aquela desonra que lhe era imposta.

Hokanu transmitiu as ordens de sua Senhora. Saric repeliu a imobilidade do espanto e se apressou a despertar de sua prostração

os mensageiros que se comunicavam por sinais de bandeiras do lado de fora da tenda. Keyoke preparou as bandeiras sinalizadoras e, parecendo gratos por poderem sair de perto da figura vestida de negro presente na tenda de comando, os mensageiros colocaram a mão em bandeiras verdes e brancas e se apressaram a ir ao topo do monte sinalizar a ordem de retirada.

No campo de batalha, entre a massa de guerreiros ajoelhados, Lujan viu o sinal. Pôs as mãos em concha à frente da boca e gritou, e em volta dele outros comandantes das Forças Armadas dos Hadama lançaram ordens de retirada. Como uma onda, os homens reuniram suas espadas e lanças, se levantaram devagar e foram se retirando em pequenos grupos. As fileiras se colocaram em movimento e iniciaram a marcha de volta às colinas, rumo aos acampamentos de seus Senhores.

Os exércitos, prontos a se esmagar uns contra os outros, se afastaram, abandonando o campo de batalha com passos pesados, sob a luz do sol. Os magos posicionados entre as hostes vigiaram a retirada, e então, com sua missão concluída, desapareceram um a um, ressurgindo e instalando-se no alto da colina em frente à tenda de comando dos Ionani.

Absorta em sua amargura, Mara mal reparou no mago ainda à sua frente e em Hokanu ao seu lado, dando instruções para desmobilizar as forças do Clã Hadama de modo que retornassem às respectivas guarnições em suas propriedades. Os olhos dela poderiam estar vendo o fim da guerra, mas a dureza em seu olhar não se abrandou.

A honra teria de ser limpa. Cair sobre a espada de sua família não serviria para pagar a vida de Ayaki. A desgraça pública continuava presente; não seria esquecida. Jiro se aproveitaria da vergonha para encontrar aliados para enfrentar a casa dela. Incitada a reassumir suas responsabilidades, só lhe restaria expiar seu erro. Já não havia alternativa além de recorrer à intriga para resolver a

morte e o insulto entre ela e os Anasati. O Jogo do Conselho deveria agora funcionar em seu proveito, com conspirações e assassinatos em segredo, por trás de uma fachada pública de decoro tsurani.

Uma agitação no lado de fora da tenda de comando chamou sua atenção; vozes alteradas, como a de Keyoke, eram ouvidas, com notas de profundo espanto:

– Duas companhias da ala esquerda estão em movimento!

Mara correu para a abertura da tenda, o medo ocultando seu ódio. Olhou horrorizada para o outro lado do vale, não querendo acreditar que os membros mais à esquerda das forças Hadama contrariavam suas ordens e avançavam.

O mago, que a seguia de perto, sibilou, afrontado, e outros magos apareceram do nada. Mara controlou o pânico diante daquelas novas aparições. Se não agisse, os Grandes se irritariam com aquele desrespeito às suas ordens. Em um segundo, sua casa, seu clã e todos os fiéis servos dos Acoma poderiam ser mortos pela ira dos magos.

– Quem comanda a ala esquerda? – gritou ela em tom estridente.

Irrilandi, tendo acabado de chegar ao topo da colina, respondeu:

– São companhias de reserva, Senhora. Estão sob o comando do Senhor dos Pechta.

Mara mordeu o lábio, refletindo furiosamente; o líder dos Pechta era um Senhor, mas apenas recentemente recebera seu legado. Era praticamente um garoto, que chegara à sua posição sem mérito, sem provar seu talento e sem qualquer experiência, mas a tradição tsurani lhe concedera o direito a um lugar na vanguarda das fileiras. Lujan compensara da melhor forma que pudera e enviara o garoto para a retaguarda com uma unidade de auxílio, que apenas seria chamada quando a batalha já estivesse decidida. Mas agora sua juventude, ou seu sangue quente, o convidava à destruição total.

Keyoke avaliou a situação no vale com o olhar de estrategista

experiente.

– Aquele louco impetuoso! Tenta atacar enquanto reina a confusão entre as fileiras dos Anasati! Não reparou nos Grandes? Como pôde ignorar a chegada deles?

– Ele está louco. – Hokanu gesticulou aos mensageiros, que tinham chegado às seções mais distantes das fileiras. – Ou não consegue ler os sinais das bandeiras.

Saric se apressou a enviar mais mensageiros, enquanto, no campo de batalha, diversos comandantes mais velhos saíam da multidão de guerreiros em retirada para se dirigir aos estandartes em movimento do Senhor dos Pechta.

Na colina, a Senhora Mara ficou aterrorizada ao ver duas companhias completas com as armaduras de plumas laranja e azuis do Senhor dos Pechta avançarem para atacar o flanco direito dos Anasati. Os soldados de vermelho e amarelo na vertente mais distante da colina giraram nos calcanhares, preparando-se para enfrentar o ataque. Os gritos de seu comandante flutuaram com o vento enquanto ele orientava seus guerreiros a conservar a calma. Ou eram tropas experientes, ou o medo os mantinha cautelosos. Mantiveram posição, obedecendo às ordens dos Grandes, e não se lançaram em resposta à provocação do Senhor dos Pechta.

As mãos fortes de Keyoke ficaram brancas apertando a muleta.

– Aquele Líder de Ataques dos Anasati é sábio. Não violará a ordem de retirada e, se os homens sob as ordens dos Pechta prosseguirem com a investida, irão atacar na subida da colina. Assim, ele tem tempo para esperar... e talvez manter a trégua.

As palavras foram proferidas para serem ouvidas pelos Mantos Negros, que tinham se reunido num grupo perturbador. Carrancudos sob capuzes escuros como breu, observaram as forças dos Pechta investindo ao longo da subida no lado Ionani do vale. Um deles falou algo e dois desapareceram com um golpe de ar.

Os servos de Mara se deitaram de bruços, completamente

aterrados, e mais de um veterano ficou lívido. Lujan estava com um ar doentio e Keyoke parecia uma rocha.

No campo de batalha, os dois Mantos Negros reapareceram diante das forças atacantes, minúsculos como brinquedos, mas ainda ameaçadores em sua pequenez. Então lançaram as mãos ao ar. Uma luz verde saltou das pontas de seus dedos e um clarão intenso irrompeu no caminho dos guerreiros em investida.

A visão de todas as testemunhas foi ofuscada.

Entorpecida pela imagem residual, Mara foi obrigada a piscar para limpar as lágrimas dos olhos ardentes. Passou-se um momento antes de recuperar por completo a visão. Obrigou-se a olhar para a frente e arquejou.

À primeira vista, tudo lhe pareceu normal. Os soldados do Senhor dos Pechta estavam parados, as armaduras laranja brilhando ao sol e as plumas agitadas ao sabor da brisa. No entanto, um olhar mais atento mostrou que aquela quietude ocultava um quadro de terror. As mãos que ainda agarravam as armas estavam retorcidas e crispadas, a carne borbulhando lentamente. Os rostos se contorciam em uma agonia torturante e silenciosa. A pele começou a ficar repleta de pústulas e depois escureceu, enegreceu e estalou. A fumaça espiralou ao vento, fedendo a carniça carbonizada. A carne partiu-se; sangue espirrou, fervendo até se transformar em vapor.

Mara sentiu o estômago revirar, nauseada. Caiu para trás, sendo sustentada por Hokanu, também horrorizado. Mesmo o experiente Keyoke, habituado aos horrores da guerra, parecia profundamente abalado.

No campo de batalha não ecoaram gritos. As vítimas permaneceram presas como marionetes enquanto seus olhos explodiam, dando lugar a órbitas ocas. Suas línguas se transformaram em obscenidades púrpura, salientes em bocas incapazes de gritar. O cabelo se esfumou e as unhas derreteram, apesar de os soldados permanecerem vivos, com suas sacudidas e

seus tremores pouco visíveis às espantadas testemunhas no alto das distantes colinas.

Saric conteve um arquejo.

– Por todos os deuses, já foram sem dúvida castigados o suficiente.

O mago que se dirigira primeiro à tenda de Mara se voltou para o Conselheiro.

– O castigo só bastará quando decidirmos permitir a passagem para Turakamu.

– Como desejar, Grande! – Saric se prostrou de imediato, com o rosto encostado ao chão como faria um escravo. – Perdão, Grande. Lamento meu acesso e peço desculpas por falar indevidamente.

O mago não se dignou a responder, mantendo um silêncio glacial enquanto os guerreiros dos Pechta continuavam a sofrer. Carne queimada soltou-se dos corpos, caindo fumegante no chão. Os homens começaram, por fim, a tombar, primeiro um, depois outro, até todos os duzentos guerreiros desabarem, nada mais que esqueletos enegrecidos sobre a relva imaculada ainda vestindo as armaduras reluzentes. O estandarte laranja e azul jazia diante deles, esvoaçando ao vento em meio a um leve resquício de fumaça.

O jovem mago finalmente se afastou dos companheiros e dirigiu-se à Senhora Mara:

– Nosso domínio é absoluto, Boa Serva. Lembre seu povo disso. Quem nos desafiar se arriscará à aniquilação imediata. Compreendido?

Mara tentou afastar seu mal-estar.

– Conforme desejar, Grande.

Outro mago se separou do grupo.

– Ainda não estou satisfeito. – Fitou os oficiais de Mara, todos de pé, exceto Saric. Podiam parecer temerários como exigia o decoro tsurani, mas todos eles tremaram apavorados. A fachada de valentia pareceu incrementar o desagrado do Manto Negro. – Quem nos

desafiou? – perguntou aos colegas, ignorando Mara.

– O jovem Senhor dos Pechta – ouviu em resposta, fria e direta.

Uma terceira voz se destacou em meio aos Mantos Negros, dessa vez mais moderada:

– Agiu por sua conta e risco, sem permissão ou aprovação de seu Chefe de Guerra.

O segundo mago, um homem de olhar penetrante com um tufo de cabelo ruivo escapando das bordas do capuz, fitou Mara.

– A desonra dele não termina aqui.

O mago que parecia servir de mediador voltou a se pronunciar:

– Tapek, eu já disse que a Senhora Mara nada tem a ver com a afronta.

Tapek deu de ombros, como se tivesse sido incomodado por uma mosca.

– Como Chefe de Guerra dos Hadama, ela é responsável pela conduta de todas as forças sob seu comando, incluindo as do Senhor dos Pechta.

Mara levantou o queixo. Sua mente se paralisou de pavor ao perceber algo: aqueles Mantos Negros poderiam ordenar sua morte, sem maior interesse do que dedicaram a Tasaio dos Minwanabi, cujo suicídio resultara das ordens deles. Seus oficiais pareciam subjugados pelo terror. Keyoke nada mostrava além de uma dureza no olhar que ninguém até então conhecera.

Hokanu se moveu involuntariamente para a frente, mas foi detido pela mão, com um aperto forte como rocha, de Lujan. Todos os presentes, sem exceção, prenderam a respiração. Se os Mantos Negros ordenassem a destruição dela, nenhuma espada, nem súplica, nem o poder do amor poderiam evitar seu fim. A lealdade de milhares de servos e soldados que com prazer dariam suas vidas por ela de nada valeria.

Enquanto o ruivo Tapek observava a Senhora com a frieza de uma serpente, o jovem mago perguntou:

– O Senhor dos Pechta ainda está vivo?

Lujan reagiu de pronto, enviando um mensageiro para o terreno. Os minutos passaram e Tapek se remexeu, impaciente, enquanto no palco da carnificina o mensageiro conferia. Surgiu uma bandeira para comunicar a resposta. Baixou e acenou, em código.

– Todos os que atacaram estão mortos – avaliou Lujan, que, atrevendo-se a erguer o olhar para os Grandes, concluiu: – O Senhor dos Pechta liderava seus homens. Seu corpo não passa de cinzas e ossos, assim como os demais.

O primeiro mago assentiu brevemente com a cabeça.

– A aniquilação do ofensor já é castigo suficiente.

– Assim seja – afirmou o terceiro mago do grupo.

Mara sentiu-se quase desfalecer de alívio, mas Tapek se aproximou abruptamente dela. Afundadas na sombra do capuz, as pesadas sobancelhas se arquearam revelando desagrado. Seus olhos eram claros, frios como as profundezas do mar, e ao falar não disfarçou o tom ameaçador:

– Mara dos Acoma, a Casa dos Pechta deixa de existir. Faça com que todos dessa linhagem estejam mortos antes do anoitecer. A casa e os quartéis devem ser incendiados, assim como os campos. Quando as colheitas forem destruídas, criados dos Acoma deverão espalhar sal pelas terras, para que nada nasça ali. Todos os soldados que tenham prestado juramento ao natami dos Pechta deverão ser enforcados. Deve deixar os restos deles apodrecendo ao vento, e nunca lhes oferecer abrigo, como fez com guerreiros de outras casas conquistadas.

Tapek prosseguiu com suas determinações:

– Todos os servos livres dos Pechta são agora escravos, entregues ao serviço do Imperador. Todos os bens dos Pechta pertencem agora aos templos. O natami dos Pechta deve ser destruído por martelos e seus pedaços, enterrados, para que nunca mais sinta o calor do sol e que nunca mais proteja os espíritos dos

Pechta da Roda da Vida. Desta noite em diante e até a eternidade, essa Casa já não existe. Que seu fim tenha este significado: ninguém pode desafiar a vontade da Assembleia. Ninguém.

Mara teve de se esforçar para que seus joelhos não cedessem. Recorreu a toda a sua força para inspirar e encontrar sua voz:

– Seu desejo será satisfeito.

Ela se curvou. A armadura subiu até os ombros e as plumas do elmo pareceram pesar em sua cabeça; ainda assim, abaixou-se até os joelhos e a testa tocarem o solo e as penas de Chefe de Guerra Hadama se sujarem na terra.

O jovem mago inclinou a cabeça em reconhecimento a sua obediência, depois retirou de sua túnica um dispositivo metálico redondo. Pressionou um interruptor com o polegar. Um som lamurioso interrompeu o silêncio. Com um estampido fortemente audível e um golpe súbito de ar, o Manto Negro desapareceu.

O mago chamado Tapek permaneceu ali, observando a mulher que se curvara no chão a seus pés. Seus lábios se contorceram como se apreciasse a submissão de Mara.

– Garanta que o objetivo desta lição seja bem compreendido por todos os outros membros de seu clã, Boa Serva. E quem quer que desafie a Assembleia terá o mesmo destino dos Pechta.

Pegou outro dispositivo circular e, pouco depois, desapareceu. Os demais Mantos Negros sumiram logo em seguida, deixando o topo da colina deserto, a não ser pela presença dos assombrados oficiais de Mara.

Lá embaixo se ouviram os gritos de oficiais distribuindo ordens a soldados confusos. Guerreiros se amontoaram subindo as encostas das colinas, alguns com pressa de se distanciar da carnificina forjada pela magia, outros relutantes em virar as costas ao inimigo, que marchava obedecendo à mesma ordem dada à Senhora Mara. Saric se levantou, enquanto o Comandante das Forças Armadas ajudava sua Senhora, curvada sob o fardo da armadura, a fazer o mesmo.

Com voz rouca, ela disse a Lujan:

– Apresse-se e envie mais mensageiros. Temos de ser rápidos em dispersar o clã, antes que mais contrariedades provoquem um incidente.

Engolindo em seco, e ainda nauseada, Mara gesticulou para Saric.

– E, que os deuses nos perdoem, faça esta coisa horrível: extermine os Pechta.

Saric assentiu, incapaz de falar. Tinha um talento nato para avaliar o caráter das pessoas, e a recordação da intensidade de Tapek lhe dava arrepios. Mara fora incumbida do pior castigo que se poderia imaginar: a destruição de uma família leal de seu clã, cuja maior ofensa fora a impetuosidade própria dos jovens. Por causa da Convocação do Clã de sua Senhora, o jovem Senhor morrera em longa agonia; antes do anoitecer, sua jovem esposa e seus filhos estariam mortos, assim como primos e parentes com quem compartilhassem o nome.

O fato de ser a própria Mara o instrumento de tal decreto desleal a fez esquecer seu sofrimento por Ayaki. Pela primeira vez desde que o grande corcel negro tombara sobre o filho, seus olhos exibiam a centelha de um sentimento recém-desperto pelos que a rodeavam.

Saric percebeu isso enquanto se afastava devagar para cumprir a horrível tarefa imposta aos Acoma pelos Grandes. Hokanu observava sua Senhora enquanto a ajudava a se dirigir de volta à tenda de comando. Os fogos da magia da Assembleia cauterizaram as feridas de sua alma. Em vez da obsessão em se vingar de Jiro, uma fúria cruel comandava sua mente.

Mara se recompôs. Hokanu sentiu um alívio amargo com a mudança. Lamentava a perda dos Pechta, mas a mulher que amava era de novo a mais perigosa jogadora do Jogo do Conselho que o Império já conhecera. Com um gesto, ela dispensou os criados, que se apressaram a cuidar da desordem na tenda. Quando o último

deles se retirou para uma distância discreta, Mara chamou Irrilandi para que fechasse as abas da entrada e lhe devolvesse alguma privacidade.

Keyoke entrou quando a última aba se fechou. Desempenhou as funções de um criado acendendo as lanternas, enquanto Mara andava de um lado para outro. Animada, estimulada até por seus nervos, observou os membros de sua casa ali presentes, dispostos num semicírculo diante dela. Falou com um tom de voz que pareceu calmo:

– Eles se atrevem...

Keyoke se empertigou. Olhou de soslaio para Hokanu, que permanecia tão mudo quanto os outros. Mara pôs a mão na tira entrelaçada de suas cortinas e depois se voltou.

– Eles vão aprender.

Irrilandi, que não conhecia tão bem quanto os outros os estados de espírito dela, saudou-a colocando a mão sobre o coração.

– Senhora, por certo não se refere aos magos.

Mara parecia minúscula à luz da lanterna que mantinha longe a escuridão na enorme tenda. Passou-se um momento, preenchido pelos gritos abafados dos oficiais ainda reunindo as tropas do lado de fora. Mara explicou, tensa como a corda de um arco:

– Temos de fazer o que nunca foi feito desde que o Império existe, meus fiéis amigos. Temos de descobrir uma forma de contrariar a vontade dos Grandes.

Irrilandi arquejou. Até Keyoke, que enfrentara a morte ao longo de uma vida de combates, pareceu profundamente abalado. Mas Mara prosseguiu, em tom sombrio:

– Não temos alternativa. Envergonhei o nome dos Acoma diante de Jiro dos Anasati. Não nos é possível uma expiação por meio da guerra; não cairei sobre minha própria espada. Trata-se de um impasse para o qual a tradição não tem resposta. É minha intenção que o Senhor dos Anasati morra e não vou me rebaixar recorrendo a

assassinos. Jiro já se aproveitou de minha desgraça para estimular os inimigos. Uniu os Senhores das Nações insatisfeitos em um grupo coeso de tradicionalistas e o reinado do Ichindar está em perigo, assim como a sobrevivência do nome dos Acoma. Meu único herdeiro morreu, por isso meu suicídio ritual não é uma alternativa. Se é para destruir tudo o que levei anos para obter, temos de passar anos traçando planos. Jiro tem de morrer por minha mão; se não for em guerra, então que seja em paz, contrariando a vontade da Assembleia de Magos.

Adversidade

Alguém se moveu.

No alto de uma pilha de roupa empacotada parcialmente oculta por um fardo, Arakasi escutou o que poderia ser o ranger de passos nas tábuas ásperas do piso. Ficou muito quieto, desconfortável, ao constatar que não se encontrava sozinho na penumbra do armazém. Silenciosamente, controlou a respiração: obrigou seu corpo a relaxar para impedir qualquer possibilidade de ter uma câibra provocada por posição incômoda. Vistas de longe, suas vestes se misturavam com as mercadorias, fazendo com que ele parecesse um pedaço de tecido amontoado solto das amarras. De perto, não conseguiria enganar ninguém. Sua túnica grosseira nunca poderia ser confundida com linho de boa qualidade.

Consciente de que poderia ter se deixado encurralar ao se refugiar naquele edifício para despistar um eventual perseguidor, fechou os olhos para aguçar os sentidos. O ar estava abafado devido aos cereais espalhados e aos vazamentos de barris de especiarias exóticas. As resinas aromáticas utilizadas para impermeabilizar as ripas do teto se misturavam com o odor do couro apodrecido das dobradiças das portas. Aquele armazém em particular se situava suficientemente perto das docas para que o piso ficasse inundado quando o rio enchia na primavera e ultrapassava os diques.

Decorreram vários minutos. O ruído vindo das docas chegava abafado pelas paredes: a discussão apimentada de um marinheiro

com uma mulher da vida, o ladrar de um vira-lata e o incessante ressoar das rodas das carroças de carga puxadas pelas needra desde as terras à beira-rio. O Mestre dos Espiões dos Acoma se esforçou para identificar o rebuliço distante; um a um, assinalou os sons enquanto o dia lá fora se esvaía. Um bando de meninos aos gritos desceu a rua correndo e a confusão do comércio se aquietou. Nada de ruim lhe chegou aos ouvidos; só escutava os acendedores de lamparinas que cuidavam da ruela no fim do beco. Muito além do ponto em que qualquer outro homem teria concluído que imaginara o ruído – o que parecera um passo seria por certo resultado do cansaço e da imaginação –, Arakasi ainda permaneceu completamente imóvel.

Continuou sentindo formigamentos de alerta na base do pescoço. Não era homem de correr riscos. A paciência era tudo no que dizia respeito a estratégia. Foi, por fim, recompensado pela contenção quando um leve ruído indicou o raspar de uma túnica na madeira, ou de uma manga varrendo uma viga. A dúvida se foi diante daquela terrível certeza: havia mais alguém no armazém.

Arakasi orou em silêncio a Chochocan, o Bom Deus, para que lhe permitisse sobreviver àquele encontro. Quem quer que tivesse entrado no edifício às escuras não o teria feito por motivos inocentes. O intruso certamente não era um criado que escapulira para uma soneca no calor da tarde. Arakasi nunca acreditava em coincidências; uma presunção errada bastaria para provocar sua morte. Dadas a hora e a perfeita atuação furtiva revelada por seu perseguidor, só poderia concluir que estava sendo caçado.

Transpirando no ar estático, reviu todos os passos que o tinham levado até aquele local. Fora visitar, à tarde, um corretor de tecidos na cidade de Ontoset com o propósito de contatar um consignatário de uma casa menor que era um de seus muitos agentes na ativa. Arakasi criara o hábito de efetuar visitas surpresa para se assegurar de que tais homens permaneciam leais à Senhora dos Acoma e para

evitar infiltrações inimigas. A rede de informações que tecera desde seus dias como servo dos Tuscai crescera muito sob o patrocínio dos Acoma. Qualquer tipo de complacência possibilitaria uma infinidade de problemas, sendo que o menor deles poderia lançar a catástrofe sobre o bem-estar de sua Senhora.

Sua visita do dia não fora planejada descuidadamente; seu disfarce de comerciante independente de Yankora fora embasado por documentos e referências. O anúncio público da intervenção da Assembleia entre os Acoma e os Anasati chegara àquela cidade do Sul uns dias depois; as notícias tinham a tendência de viajar devagar através das províncias conforme a profundidade das águas dos rios baixava e as barcas de águas profundas eram substituídas por caravanas de transporte por terra. Ciente de que a Senhora Mara iria requisitar relatórios atualizados através dos meios mais rápidos possíveis, para se resguardar de eventuais contra-ataques dos Anasati ou de outros inimigos atizados pelos constrangimentos impostos pela Assembleia, Arakasi encurtara sua estadia para uma rápida troca de mensagens. Ao abandonar as instalações, suspeitou que estivesse sendo seguido.

Quem quer que andasse em seu encalço desempenhara bem a missão. Por três vezes tentara se livrar de seu perseguidor na densa multidão que povoava o bairro dos pobres; apenas uma cautela que se aproximava da obsessão lhe revelara um rosto entrevisto, uma mão manchada de preto e, por duas vezes, a ponta colorida de uma faixa que não deveria ter se repetido no aleatório movimento do fim do dia.

Pelo que o Mestre dos Espiões conseguira perceber, havia quatro deles, uma equipe muito bem treinada, certamente formada por agentes de outra rede. Meros marinheiros ou criados com roupas de plebeus não seriam tão organizados. Arakasi praguejou mentalmente. Caíra no tipo de armadilha que ele próprio montava para capturar informantes.

Seu plano de despistamento não poderia ter falhas. Logo atravessara o movimentado mercado central, onde comprara uma nova túnica; um movimento repentino através de uma estalagem repleta de fanfarrões fizera desaparecer o comerciante de Yankora, surgindo em seu lugar o mensageiro de uma casa. Seu talento para mudar os gestos e a própria postura ao caminhar confundira muitos inimigos ao longo dos anos. O caminho lhe parecera livre quando voltara em passo acelerado às instalações do agente, onde se infiltrara por uma porta oculta. Ali, mudara os trajes para as vestes pardas de um trabalhador comum e se refugiara no armazém atrás da loja. Escalando os fardos de tecidos, sua intenção fora dormir ali até o amanhecer.

Agora se amaldiçoava por ter sido um imbecil. Quando os que o seguiam o perderam de vista, deviam ter enviado um deles para refazer o percurso até o armazém, para o caso de ter retornado. Era uma jogada que um homem menos arrogante poderia ter previsto e apenas uma sorte divina permitira que o Mestre dos Espiões entrasse e se escondesse antes de o inimigo se enfiar lá para esperar e vigiar. O suor se acumulou ao redor do pescoço de Arakasi. O adversário que tinha pela frente era perigoso; sua entrada quase passara despercebida. Fora o instinto, mais do que a certeza, que levava Arakasi a ficar alerta.

A escuridão era intensa demais para revelar a localização do inimigo. Bem devagar, o Mestre dos Espiões dos Acoma baixou um pouco a mão para pegar a pequena adaga que tinha no cinto. Apesar de sempre se atrapalhar manejando uma espada, tinha uma destreza especial com facas. Se tivesse uma vista livre do alvo, aquela espera enervante poderia chegar ao fim. Todavia, se lhe fosse concedido um desejo, não pediria armas aos Deuses da Astúcia e da Sorte, mas, sim, estar longe dali, perto de Mara. Arakasi não se iludia com o desejo de ser um guerreiro. Já matara antes, mas sua defesa preferida era a astúcia, as táticas de surpresa que

lhe proporcionavam a primeira investida. Essa era a primeira vez que ficava verdadeiramente encurralado.

Ouviu-se um tumulto na ponta mais distante do armazém. Arakasi prendeu a respiração quando escutou o rangido de uma tábua solta, afastada para o lado para permitir a entrada de um segundo homem.

O Mestre dos Espiões expirou lentamente o ar que prendera. Já perdera a esperança de uma matança furtiva. Agora tinha dois inimigos para enfrentar. Uma luz cintilou quando alguém revelou a lamparina que tinha na mão. Arakasi estreitou os olhos para enxergar melhor, a situação se tornando crítica. Se, com o primeiro agente, era possível permanecer escondido, com o recém-chegado vindo de trás do armazém não poderia evitar que o descobrisse assim que passasse com a lamparina.

Sem alternativas, Arakasi procurou o buraco que deveria existir entre a pilha de fardos onde se deitara e a parede. Os tecidos precisavam de espaço para que o ar circulasse, caso contrário o bolor causaria estragos em meio à escuridão. Aquele mercador não era muito generoso: a fenda que o Mestre dos Espiões encontrou era muito estreita. Sentindo um formigamento devido ao perigo iminente, enfiou ali um braço até o ombro e agitou-o até deslocar o fardo. O risco não poderia ser evitado, pois a pilha poderia desabar; se não agisse, de uma forma ou de outra acabaria sendo descoberto. Colando-se à parede e se espremendo o máximo que conseguia, Arakasi se introduziu com dificuldade na abertura cada vez maior. Farpas das tábuas sem verniz cortaram seus joelhos nus. Não se atreveu a parar, nem mesmo para praguejar em silêncio, uma vez que a luz no pavimento térreo estava em movimento.

Escutou passos avançando em sua direção, e sombras oscilaram em arcos sobre as vigas. Ele só estava meio escondido, mas sua posição era suficientemente elevada para que o ângulo de iluminação passasse por cima dele; se tivesse esperado mais uma

fração de segundo, seu movimento teria sido detectado. A margem de erro era inexistente. Apenas os passos do adversário abafaram seu último impulso quando se aninhou para baixo na fenda.

Do outro lado do fardo alguém resmungou:

– Olhe para aquilo! – Como se estivesse fazendo uma inspeção, o homem continuou a falar: – Arremessar bons tecidos como se fossem fardos de palha, sem se dar o trabalho de empacotá-los bem... Alguém deveria levar uma surra por causa desta...

O devaneio foi interrompido pelo sussurro do primeiro perseguidor:

– Aqui.

Arakasi não ousou se levantar para arriscar uma espiada.

A lamparina deslizou, transportada por alguém oculto.

– Algum sinal dele?

– Nada. – O primeiro perseguidor parecia irritado. – Há pouco me pareceu ouvir algo, mas deve ter sido algum bicho. Estamos rodeados de armazéns de cereais.

Tranquilizado a ponto de se sentir incomodado, o recém-chegado levantou a lamparina.

– Bem, deve estar em algum lugar. O escravo do agente insistiu que ele voltou e se escondeu. Os outros estão vigiando a casa. É bom que o encontrem antes do amanhecer. Não quero que seja eu a explicar ao Senhor que ele escapou.

– Ouviram o que se diz por aí? Que esse homem já foi visto antes, com diferentes disfarces? Deve ser, pelo menos, um mensageiro, ou até um supervisor. – O perseguidor acrescentou algo mais, em tom divertido: – E também não é desta província.

– Você fala demais – interrompeu o que levava a lamparina. – E lembra coisas que deveria esquecer. Se pretende continuar respirando, é melhor manter esse tipo de novidade para você. Sabe o que se diz: “Os homens têm gargantas e as adagas têm pontas afiadas.”

O conselho foi acolhido com um suspiro.

– Quanto tempo teremos de permanecer de vigia?

– A não ser que nos digam que podemos partir, ficaremos até o sol nascer. Não queremos ser pegos aqui e talvez mortos por guardas, como se não passássemos de ladrões comuns.

Um resmungo ininteligível assinalou o fim da conversa.

Arakasi se resignou a uma espera longa e desconfortável. Ao amanhecer, estaria cheio de cãibras – as farpas eram apenas um desconforto adicional –, mas, se fosse pego, as consequências seriam bem piores. Seus perseguidores de língua solta confirmaram seus piores receios: fora detectado por outra rede de espiões. Quem quer que comandasse a dupla que o perseguia, não importava a quem se reportasse, trabalhava para alguém astuto, que montara um sistema de espionagem que até ali passara despercebido. Arakasi ponderou a respeito daquilo e ficou assustado. A sorte e a intuição o haviam poupado quando complexas precauções prévias tinham falhado; desconfortável, na escuridão acolhedora, preocupou-se diante dessa constatação.

A equipe que tentava capturá-lo era talentosa, mas não tão refinada a ponto de evitar conversas despreocupadas. Concluiu que lhes fora ordenado que capturassem aquilo que o mestre deles julgou se tratar de uma ligação de nível inferior da operação que procurava aniquilar. Arakasi se arrepiou. Era sua profunda desconfiança que o movia; por isso, sempre que possível, levava pessoalmente os pequenos recados. Seus inimigos desconhecidos nunca deveriam ter a oportunidade de saber quem ele era, seu status elevado ou o nome da Senhora para quem trabalhava. Enfrentava, por fim, o mais perigoso adversário com que já se defrontara. Em algum lugar, a Senhora Mara tinha um inimigo cujas sutilezas constituíam uma ameaça maior do que qualquer coisa com que ela tivesse se deparado na vida. Se Arakasi não escapasse com vida de Ontoset, se não conseguisse fazer uma mensagem chegar

até a casa grande, sua Senhora poderia ser pega desprevenida pelo próximo golpe. Lembrando-se, pelo aperto no peito, de que sua respiração se tornara acelerada e curta, o Mestre dos Espiões viu-se compelido a se controlar.

Sua segurança fora comprometida num momento em que não tinha qualquer suspeita de problemas iminentes, o que indicava um planejamento apurado. O disfarce de agente comercial devia ter sido descoberto; não sabia como, mas fora montada vigilância sobre o tráfego das docas de Ontoset com um cuidado suficiente para distinguir os mercadores habituais dos que eram estranhos. Era perturbador o fato de a equipe ali instalada ter sido suficientemente astuta para identificar dois dos seus disfarces, classificando-o como mensageiro ou supervisor.

Arakasi avaliou os custos. Teria de substituir o agente comercial. Certamente o escravo iria morrer de algo que pareceria causas naturais e a loja teria de ser fechada, uma necessidade lamentável, pois, além de fazer parte de sua rede, era uma das poucas que dava lucro para os Acoma em meio a seu círculo de espiões. Sustentava-se sem auxílio e fornecia fundos extraordinários para outros agentes.

Uma luz parda se infiltrou por uma fenda na parede. O amanhecer se anunciava, mas os homens não pareciam querer se mexer. Não dormiram; ficaram apenas aguardando a oportunidade de o homem que procuravam acabar aparecendo.

Os minutos se arrastaram penosamente. O alvorecer brilhou do lado de fora. Carrinhos de mão e carroças se deslocavam ruidosamente enquanto os vendedores ambulantes transportavam produtos para serem carregados na margem do rio antes que o calor atingisse seu pico. O canto de um grupo de remadores de uma barca se ergueu num único som desafinado, interrompido pelos gritos de uma esposa com um marido embriagado. Em seguida, um berro urgente ali perto se sobrepôs ao ruído do despertar da cidade. Arakasi não entendeu as palavras, abafadas pelos fardos de tecidos,

mas os outros dois homens presentes no armazém se puseram logo em movimento. Seus passos percorreram o edifício e as tábuas rangeram.

Era provável que conseguissem escapar; se fossem espertos, teriam aproveitado o barulho da partida para efetuar uma manobra ardilosa. Um parceiro poderia ainda ter ficado por ali à espera para verificar se a presa deles se revelava.

Arakasi continuou imóvel, apesar de sentir as pernas como verdadeiros nós de músculos com espasmos. Aguentou-se um minuto, dois, com os ouvidos atentos ao mais leve sinal de perigo.

Vozes soaram do lado de fora das portas e o chocalhar da fechadura com segredo que garantia a segurança do armazém o alertou de uma entrada iminente. Arakasi se remexeu para recompor o corpo e viu que tinha os ombros presos. Os braços estavam colados ao corpo; não conseguia encontrar um ponto de apoio para as pernas. Estava encurralado.

Sentiu um desespero eletrizante. Se fosse apanhado ali e detido como um ladrão, o espião que o procurava acabaria sabendo. Qualquer funcionário corrupto da cidade seria então subornado, e ele, entregue ao inimigo. Não teria oportunidade de voltar para Mara.

Arakasi pressionou o fardo com os braços, mas sem sucesso. O buraco que o prendia se alargou, o que o fez cair ainda mais na fenda. As tábuas da parede lhe causaram mais dor ao cravarem novas farpas nos pulsos e antebraços. Praguejando em silêncio, fez força e perdeu completamente a esperança de se libertar.

As portas do armazém se abriram para trás. Ao Mestre dos Espiões nada mais restou além de rezar por um milagre. Então ouviu o grito de um capataz:

– Levem todos esses e encostem naquela parede.

A luz do dia e o ar pesado com o cheiro de lama do rio se infiltraram no armazém; uma needra se abaixou, fazendo soar o

rangido dos arreios. Arakasi deduziu que do lado de fora havia carroças. Avaliou as oportunidades. Chamar a atenção para ele era acreditar que ninguém da rede inimiga estava do lado de fora à espera, um risco que não se atreveria a correr. Poderia ser seguido de novo e não teria a sorte a seu lado uma segunda vez. Mas qualquer debate interior se tornou desnecessário quando um grupo de trabalhadores entrou no armazém com pressa e o fardo que prendia seu corpo se moveu subitamente.

– Ei – alertou alguém –, cuidado com aquela ponta solta ali.

– Ponta solta! – exclamou o capataz. – Qual de vocês, cães, rasgou um nó quando os fardos foram empilhados e não me comunicou?

Uma mistura de respostas negando a responsabilidade disfarçou o movimento de Arakasi quando ele flexionou os músculos doloridos, preparando-se para ser inevitavelmente desmascarado.

Nada aconteceu. Os trabalhadores se empenharam em dar desculpas ao capataz. Arakasi aproveitou a oportunidade para se içar. Seu impulso agitou os tecidos que tinham sido movidos, o que os fez balançar e cair lá embaixo, aterrissando estrondosamente no chão.

O capataz, com um grito, mostrou seu desagrado:

– Imbecil! São mais pesados do que parecem! Vá buscar ajuda antes de tentar empurrá-los daí de cima.

Arakasi percebeu então: o capataz devia ter notado seu dilema e tratara de arranjar uma solução. Não podia cometer nenhum erro se quisesse que seu salvamento improvisado funcionasse. Com pressa, prostrou-se. Com o rosto pressionado contra a pilha de tecidos que usara para se esconder, balbuciou desculpas servis.

– Vamos, trate de se apressar! – gritou o capataz. – Sua incompetência não é desculpa para permanecer aí deitado enrolando. Trate de carregar as carroças!

Arakasi assentiu, saltou para fora da pilha e tentou se aguentar

em pé, apesar dos músculos rígidos e instáveis. O choque foi forte demais, após horas de inatividade forçada. Dobrou-se e cambaleou, encostando-se no fardo caído e esticando-se como se procurasse verificar se tinha ferimentos. Um trabalhador o fitou com um olhar carrancudo.

– Você está bem?

Arakasi assentiu com a mão vigorosamente o suficiente para agitar o cabelo e lançá-lo sobre o rosto.

– Então ajude – disse o trabalhador. – Nesta ponta estamos quase prontos.

Arakasi fez o que lhe foi solicitado e pegou a ponta do fardo caído. Em fila atrás do outro trabalhador, juntou-se ao pessoal incumbido do carregamento. De cabeça baixa, recorreu a todos os truques que conhecia para alterar sua aparência. Passou as mãos pelo fio de suor que lhe escorreu pelo queixo, esfregando terra e pó para escurecer as maçãs do rosto. Passou os dedos pela única mecha de cabelo que pintava desde que uma cicatriz a deixara branca e depois fez borrões com habilidade para prolongar as sombras e dar a ilusão de ter um queixo curto. Baixou as sobrancelhas para criar um semblante carregado e mordeu o lábio superior. A quem passasse, apenas pareceria um trabalhador com pouca inteligência; assim que pegou a ponta do fardo, olhou diretamente para a frente, nada fazendo que o pudesse identificar como um fugitivo.

Cada passagem do armazém até a carroça deixava seus nervos à flor da pele. Assim que as carroças foram todas carregadas, viu um vagabundo qualquer nas sombras da loja do outro lado da rua. O homem parecia distante, um pedinte alheio à realidade devido à dependência de tatesha, só que tinha um olhar concentrado demais. Arakasi reprimiu um calafrio. O inimigo continuava a persegui-lo.

As carroças estavam prontas para partir e os trabalhadores

subiam nelas. O Mestre dos Espiões de Mara içou-se para cima da carga, como se fosse o esperado dele, e deu uma cotovelada nas costelas do homem a seu lado.

– A priminha arranhou a túnica que queria? – perguntou bem alto. – Aquela com as flores na bainha?

Estalaram chicotes e um carroceiro gritou. As needra seguiram seu caminho e as carroças carregadas rangeram com o movimento. O trabalhador a quem Arakasi se dirigira fitou-o, completamente surpreso.

– O quê?

Como se o homenzarrão tivesse dito algo divertido, Arakasi riu alto.

– A garota do Lubal. Aquela que leva almoços ao bando do Simeto nas docas.

O trabalhador resmungou:

– Do Simeto já ouvi falar, mas do Lubal, não.

Arakasi bateu com a palma da mão na testa, envergonhado.

– Você não é amigo do Jido?

O outro homem escarrou ruidosamente o pó que tinha na garganta.

– Nunca ouvi falar dele.

As carroças tinham chegado à esquina do beco e viraram para fazer a curva. O carroceiro que seguia na dianteira lançou improperios aos moleques da rua que bloqueavam a passagem e o capataz os ameaçou com um punho cerrado. As crianças reagiram com gestos obscenos e depois se dispersaram como um bando de pássaros assustados. Dois cães sarnentos correram à frente. Arakasi se arriscou a espiar para trás, na direção da casa do agente. O imbecil viciado em tateesha continuava a babar e a olhar para as portas do armazém, que estavam sendo fechadas e trancadas por um criado.

O estratagema talvez tivesse funcionado.

Arakasi murmurou suas desculpas ao homem que incomodara e apoiou a cabeça sobre os cotovelos cruzados. Enquanto a carroça avançava sacudindo no chão desnivelado e salpicando os detritos que transbordavam das sarjetas na região das docas, ele abafou um suspiro de alívio. Não estava livre de perigo nem estaria a salvo enquanto não estivesse a quilômetros de distância de Ontoset. Seus pensamentos se voltaram para o futuro: quem quer que tivesse montado a armadilha no edifício do agente presumiria que sua rede fora descoberta. Além disso, suspeitaria que sua presa fugitiva percebera que havia outra organização operando.

A lógica indicava que aquele inimigo desconhecido reagiria com medidas para despistar o tipo de busca que Arakasi teria agora de iniciar. Degraus sucessivos de medidas destinadas a confundir iriam disfarçar o rastro, enquanto o braço da rede dos Acoma em Ontoset teria de ser dado como perdido. Suas linhas de comunicação seriam dissolvidas sem deixar rastro. Seria necessário iniciar dois outros níveis operacionais, e logo: um para verificar as fugas nos braços de outras províncias e outro para examinar minuciosamente um leve rastro, para tentar desvendar quem era aquele novo inimigo.

As dificuldades eram praticamente insuperáveis. Arakasi tinha um dom para quebra-cabeças complexos, disso não havia dúvidas, mas esse era potencialmente mortal, como a ponta de uma espada enterrada num monte de areia que penetraria assim que fosse pisada pelo pé de um homem. Matutou até as carroças se deterem nas docas. Juntamente com os outros trabalhadores, saltou para o píer e agarrou um guindaste. Um após outro, os fardos de tecido foram içados das carroças e carregados em redes que os aguardavam. Arakasi empurrou o guindaste juntamente com os restantes quando a rede ficou cheia, elevando a carga e empurrando-a para o convés da barca. O sol se elevou bem alto e o dia ficou quente. Na primeira oportunidade, escapuliu com o pretexto de que precisava beber água e desapareceu no bairro dos

pobres.

Tinha de escapar de Ontoset por sua conta e risco. Aproximar-se de qualquer um dos contatos de sua rede era correr o risco de voltar a ser descoberto; pior, poderia levar sua perseguição a outro nível, expondo ainda mais seus disfarces. Havia homens naquela cidade que abrigariam fugitivos em troca de pagamento, mas Arakasi não se atreveria a recorrer a eles. O inimigo poderia ter se infiltrado entre eles e sua necessidade de fuga poderia ligá-lo irrefutavelmente ao incidente no armazém. Estava ansioso por um banho e por uma oportunidade de extrair as farpas ainda cravadas sob a pele, mas não iria obter nada disso logo. Deveria recorrer às vestes cinzentas de um escravo ou aos trapos de um pedinte para atravessar os portões da cidade. Uma vez fora das muralhas, deveria se ocultar no campo até ter certeza de que escapara sem deixar rastro. Então poderia tentar disfarçar-se de mensageiro e se apressar para recuperar o atraso.

Suspirou, incomodado com o longo tempo que iria passar em viagem, sozinho com suas conjecturas. Era atormentado por pensamentos perturbadores, relativos a um antagonista desconhecido que quase o apanhara, de um só golpe, e ao Senhor a quem esse inimigo servia, uma ameaça invisível, intangível. Como a Guerra de Clãs entre Mara e o Senhor Jiro fora proibida pelos magos, sua adorada Senhora dos Acoma corria perigo. Enquanto oportunistas e inimigos se uniam em alianças para enfrentá-la, ela precisava das melhores informações para se proteger de jogadas ainda mais dissimuladas nas intrigas assassinas do Grande Jogo.

O alfaiate permitiu que a bainha de seda da túnica caísse no chão. Tinha alfinetes de osso delicadamente trabalhado presos entre os dentes; recuou para admirar o corte da veste cerimonial encomendada pelo Senhor dos Anasati.

O Senhor Jiro suportou a avaliação do artesão com um desdém

contido. Com um rosto inexpressivo, permaneceu com os braços afastados do tronco para evitar a eventualidade de ser picado por um dos alfinetes que prendiam os punhos. Sua postura era tão rígida que as lantejoulas costuradas em forma de asamortal para decorar a parte da frente da túnica nem sequer reluziam sob a luz que incidia pelo biombo aberto.

– Meu Senhor – disse o alfaiate –, está esplêndido. Com certeza qualquer filha solteira de um nobre que se depare com sua magnificência desmaiara a seus pés.

Jiro retorceu os lábios. Não era homem de apreciar bajulações. Cuidadoso com a aparência a ponto de alguém mais distraído poder erroneamente considerá-lo vaidoso, sabia bem o valor das vestes para causar boa impressão. Um traje errado poderia fazer com que um homem parecesse estúpido, com peso em excesso ou frívolo. Como Jiro não apreciava a esgrima e os rigores da batalha, recorria a todos os outros artifícios para realçar sua virilidade. Seria mais fácil obter vantagem ou vencer uma disputa de vontades recorrendo à sutileza do que por via de um triunfo grosseiro obtido no campo de batalha.

Orgulhoso de sua capacidade de subjugar inimigos sem derramamento de sangue, Jiro teve de se conter para não se indignar com o elogio exagerado do alfaiate. O homem era um artesão, alguém que trabalhava por dinheiro e em quem não valia a pena reparar, quanto mais lhe dedicar ódio. Suas palavras eram mais vazias do que o vento e apenas o acaso o levava a evocar uma recordação que ainda despertava a irritação de Jiro. Apesar de todas as atenções que votava aos modos e às vestes, a Senhora Mara o recusara com desprezo. O grosseiro e rude Buntokapi fora escolhido em vez dele. Mesmo sendo lembranças distantes, Jiro transpirou a raiva reprimida. Seus anos de esforçado estudo de nada tinham lhe valido quando toda a sua graça e encanto haviam sido sumariamente dispensados pelos Acoma. Seu ridículo – não, risível –

irmão grosseiro o vencera.

O sorriso pretensioso de Bunto era imperdoável; Jiro ainda se sentia ofendido ao recordar a humilhação. Cerrou os punhos e de repente deixou de ter paciência para continuar imóvel.

– Não gosto desta túnica – disse do nada, com irritação. – É desagradável. Faça outra. Quero que esta seja reduzida a trapos.

O alfaiate ficou lívido. Pegou de súbito os alfinetes que tinha entre os dentes e se ajoelhou no chão, com a testa encostada à madeira.

– Meu Senhor! Será feita a sua vontade, é claro. Peço humildemente perdão pela minha falta de gosto e discernimento.

Jiro nada disse. Agitou a cabeça na direção de um escravo para que este lhe retirasse a túnica e a colocasse num monte que tinha aos pés.

– Vou vestir a de seda azul e vermelha. Vá já buscá-la.

Sua ordem foi obedecida em meio a uma agitação nervosa. O Senhor dos Anasati raramente punia os escravos e os assistentes, mas, desde que assumira seu legado, deixara bem claro que não seria tolerado o menor sinal de desobediência.

Chumaka, o Conselheiro-Mor, chegou para apresentar seu relatório e reparou no comportamento prestativo, quase desesperado, da criadagem. Ignorou por completo a situação; sendo o mais sábio dos servidores dos Anasati, era ele quem melhor conhecia seu Senhor. Jiro não apreciava medidas exageradas; muito pelo contrário. Crescera na condição de segundo filho e gostava que as coisas decorressem de modo tranquilo e discreto. Todavia, como herdara o manto do governo sem ter sido preparado para desempenhar o cargo, era sempre sensível ao comportamento de seus subordinados. Se falhassem em demonstrar o devido respeito exigido perante o Senhor, repararia e criaria caso instantaneamente. Não conseguia perdoar um criado que demorava a pronunciar seu título ou um escravo que falhava em fazer prontamente uma

reverência quando se apresentava. Tal como roupa elegante e modos educados, a tradicional fidelidade tsurani às classes era parte integrante do modo como os Governantes eram avaliados por seus pares. Não contando com os aspectos bárbaros do campo de batalha, Jiro se tornara um mestre do comportamento civilizado.

Ignorando a túnica da mais refinada seda que jazia, como lixo, a seus pés calçados com sandálias, inclinou a cabeça enquanto Chumaka se endireitava após a reverência.

– O que o traz aqui a esta hora, Conselheiro-Mor? Esqueceu que planejei uma tarde de conversa com os eruditos que chegam de Migran?

Chumaka inclinou a cabeça para um lado, como um roedor faminto faria para fitar sua presa em movimento.

– Sugiro, meu Senhor, que os eruditos aguardem enquanto damos um pequeno passeio.

Jiro ficou aborrecido, embora não deixasse transparecer. Antes de responder, permitiu que os criados lhe apertassem o cinto.

– O que você tem a comunicar é assim tão importante?

Como todos os presentes bem sabiam, Jiro guardava a tarde para tratar de negócios com seus agentes. Se o encontro com os eruditos fosse atrasado, teria de esperar até a manhã seguinte, o que comprometeria sua hora de leitura.

O Conselheiro-Mor dos Anasati exibiu o mais seco de seus sorrisos e com habilidade resolveu o impasse:

– Diz respeito à Senhora Mara dos Acoma e à ligação que eu já mencionara relativa aos subjugados Tuscai.

Jiro não disfarçou seu interesse:

– Os dois estão ligados?

A imobilidade de Chumaka diante dos criados bastou como resposta. Entusiasmado, o Senhor Jiro bateu palmas para convocar seu mensageiro.

– Encontre meu hadonra e diga a ele que trate de entreter

nossos convidados. Devem dizer que estou ocupado e que me encontrarei com eles amanhã de manhã. Caso fiquem incomodados com essas alterações, expliquem que estou pensando em lhes conceder patrocínio, se ficar impressionado com o valor deles na arte do debate verbal.

O mensageiro se curvou até o chão e saiu apressado para cumprir a tarefa. Chumaka correu a língua pelos dentes, entusiasmado, assim que seu Senhor se colocou a seu lado para acompanhá-lo rumo ao biombo exterior que dava para o jardim.

Jiro sentou-se num banco de pedra à sombra, ao lado da lagoa dos peixes. Passou languidamente os dedos pela água enquanto concentrava a atenção em Chumaka.

– São boas ou más notícias?

Como sempre, a resposta do Conselheiro-Mor se mostrou ambígua:

– Não tenho certeza. – Antes que o Senhor Jiro conseguisse expressar seu descontentamento, Chumaka ajeitou a túnica e retirou um maço de documentos de dentro de uma bolsa funda. – Talvez ambas, Senhor. Uma pequena vigilância de precaução que instalei identificou alguém muito bem posicionado na rede de espões dos Acoma. – Fez uma pausa, seus pensamentos se ramificando em especulações vagas.

– Qual foi o resultado? – pressionou Jiro, sem disposição para prolongar raciocínios que não tinha como seguir.

Chumaka pigarreou.

– Ele conseguiu escapar.

Jiro pareceu confuso.

– Como isso pode ser uma boa notícia?

Chumaka deu de ombros.

– Sabemos que se trata de alguém importante; em consequência disso, toda a operação em Ontoset foi encerrada. O agente comercial da Casa dos Habatuca de repente se transformou naquilo

que aparentava ser: um agente comercial. – Fez uma reflexão antes de prosseguir: – O negócio é péssimo, então podemos partir do princípio de que os bens transacionados por aquele homem eram dos Acoma, e não dos Habatuca. – Olhou de relance para um dos documentos e dobrou-o. – Sabemos que os Habatuca não são vassalos dos Acoma; mantêm-se firmes no Clã Omechan e são tradicionalistas. Um dia podem nos ser úteis. Nem suspeitam que tal homem não é leal a eles e, na verdade, são uma casa bastante desorganizada.

Jiro bateu no queixo com o dedo.

– A retirada desse agente comercial é significativa? – questionou.

– Sim, meu Senhor – respondeu Chumaka. – A perda desse agente vai prejudicar a operação dos Acoma no Oriente. Pode-se partir do princípio de que quase todas as informações vindas daquela região eram passadas através de Ontoset.

Jiro sorriu, com uma expressão fria.

– Então nós os atingimos. Mas agora eles também estão a par de que os vigiamos com nossos agentes.

– Isso era inevitável, meu Senhor – disse Chumaka. – Eu me surpreendo que não tenham percebido isso antes. A rede deles está bem montada e treinada. O fato de os termos vigiado tanto tempo sem que tenham percebido é algo que beira um milagre.

– E o que mais? – perguntou Jiro ao ver um brilho no olhar de seu Conselheiro-Mor.

– Eu disse que isto estava relacionado com o Senhor dos Tuscai, falecido anos antes de você ter nascido. Pouco antes de Jingu dos Minwanabi ter destruído a Casa dos Tuscai, eu desenterrei a identidade de um dos principais agentes do Senhor morto, um mercador de cereais de Jamar. Quando o natami dos Tuscai foi enterrado, parti do princípio de que o homem teria continuado a trabalhar seriamente como mercador independente. Ele não tinha laços públicos com a Casa dos Tuscai e, portanto, não tinha

obrigação de assumir a condição de pária.

Jiro permaneceu em silêncio diante daquela deslealdade implícita. O servidor de uma casa era considerado amaldiçoado pelos deuses se seu Senhor morresse; seus guerreiros viravam escravos ou guerreiros cinzentos... ou assim fora até a Senhora Mara desprezivelmente quebrar a tradição.

Chumaka ignorou a inquietação de seu Senhor envolvido em recordações.

– Minha suposição estava incorreta. De qualquer modo, até recentemente isso foi insignificante. Entre os que entraram e saíram de Ontoset, figuravam dois homens que eu sabia terem servido ao mercador de cereais em Jamar. Eles me mostraram a ligação. Como mais ninguém além da Senhora Mara alistou a seu serviço guerreiros cinzentos, podemos deduzir que o Mestre dos Espiões e seus antigos agentes Tuscai estejam agora a serviço dos Acoma.

– Então temos essa ligação – concordou Jiro. – É possível nos infiltrarmos?

– Seria bastante fácil, meu Senhor, enganar o mercador de cereais e colocar lá nosso próprio agente – Chumaka franziu o cenho –, mas o Mestre dos Espiões dos Acoma iria prever isso. Ele é muito, muito bom. – Jiro interrompeu a meditação com um gesto brusco. Obrigado a voltar ao que estava em discussão, Chumaka foi direto ao assunto: – No mínimo, demos uma estocada fazendo-os encerrar um importante braço da organização deles no Oriente. E, melhor do que isso, sabemos agora que o agente em Jamar está de novo ativo; esse homem mais cedo ou mais tarde terá de se comunicar com seu líder, e então retomaremos a caçada. Desta vez não permitirei que idiotas cuidem de tudo nem que cometam erros, como aconteceu em Ontoset. Se formos pacientes, na hora certa teremos uma pista clara que nos levará de novo ao Mestre dos Espiões dos Acoma.

Jiro não compartilhava de tanto entusiasmo.

– Podemos estar desperdiçando todos os nossos recursos, agora

que o inimigo sabe que seu agente infiltrado foi comprometido.

– É verdade, meu Senhor. – Chumaka correu a língua pelos dentes. – Mas estamos à frente, a longo prazo. Sabemos que o antigo Mestre dos Espiões dos Tuscai trabalha agora para a Senhora Mara. Fiz incursões nessa rede antes de os Tuscai serem destruídos. Posso recomençar a observação dos agentes de quem anos atrás suspeitei. Se esses homens ainda ocuparem as mesmas posições, esse simples fato irá confirmá-los como colaboradores dos Acoma. Instalarei mais armadilhas, operadas por pessoal que será diretamente instruído por mim. Para enfrentar esse Mestre dos Espiões, teremos de dar nosso melhor. Sim.

O Conselheiro-Mor mostrou um ar de satisfação e continuou:

– Foi o acaso que nos conduziu ao primeiro agente e quase nos trouxe alguém muito importante. – Chumaka sacudiu o documento para refrescar seu rosto corado. – Agora, vamos vigiar a casa e estou certo de que nossas sentinelas serão espionadas, por isso tenho gente de olho para ver quem nos vigia... – Balançou a cabeça. – O meu adversário é mais astucioso do que o normal. Ele...

– Seu adversário? – interrompeu Jiro.

Chumaka disfarçou o susto e inclinou respeitosamente a cabeça.

– O servo do inimigo de meu Senhor. Meu opositor, se preferir. Permita a um velho essa pequena vaidade, meu Senhor. Esse servo dos Acoma que se opõe a meu trabalho é um homem muito desconfiado e inteligente. – Indicou de novo o papel. – Iremos isolar essa outra ligação em Jamar. Depois, poderemos perseguir o seguinte...

– Poupe-me dos pormenores enfadonhos – interrompeu Jiro. – Achei que tivesse lhe ordenado perseguir quem quer que tivesse difamado os Anasati plantando provas falsas no assassino que matou meu sobrinho, não?

– Ah! – exclamou Chumaka, satisfeito. – Mas os dois acontecimentos estão ligados! Eu não mencionei isso antes?

Pouco habituado a se sentar sem o conforto de almofadas, Jiro passou o peso do corpo de um lado para o outro.

– Se já disse, apenas outra mente tão retorcida como a sua poderia ter compreendido a alusão.

Isto foi interpretado pelo Conselheiro-Mor dos Anasati como um elogio.

– Senhor, sua paciência é tocante. – Afagou o documento como se fosse precioso. – Enfim tenho provas. Os tais onze agentes dos Acoma que passaram informações pela província de Szetac, misteriosamente assassinados no mesmo mês, estavam efetivamente ligados a cinco outros que também morreram na propriedade de Tasaio dos Minwanabi.

Jiro mostrou uma expressão rígida que disfarçou sua crescente irritação. Antes que conseguisse dizer algo, Chumaka continuou:

– Eles foram *agentes dos Tuscai* no passado, todos eles. Agora, aparentemente, foram eliminados para erradicar uma brecha no sistema de segurança dos Acoma. Tínhamos um homem entre o pessoal doméstico de Tasaio. Apesar de ter sido dispensado quando Mara se apropriou das terras dos Minwanabi, permanece leal a nós. Tenho aqui o testemunho dele. Os agentes infiltrados na propriedade de Tasaio foram eliminados pela Seita dos Hamoi.

Jiro ficou intrigado.

– Você acha que o homem de Mara enganou a seita com a intenção de apagar um erro dos Acoma?

Chumaka assumiu uma postura presunçosa.

– Sim, acho que o brilhantemente esperto Mestre dos Espiões dos Acoma cometeu o erro de falsificar o selo de Tasaio. Sabemos que o *Obajan* conversou com o Senhor dos Minwanabi. E mais: que ambos estavam irritados. Se tivesse sido algo entre eles, Tasaio teria morrido bem antes de Mara derrubá-lo. Se os Acoma estiveram por trás da eliminação dos próprios agentes, e se usaram a seita como uma ferramenta involuntária para se livrarem dessa

responsabilidade, isso é um grave insulto à seita. Se foi assim que aconteceu, a Irmandade da Flor Vermelha desejará vingança.

Jiro digeriu aquilo com os olhos semicerrados.

– Por que envolver a seita no que me parece ser uma operação de rotina? Se o homem de Mara é tão bom como você diz, não seria assim tão louco.

– Só pode ter sido um ato de desespero – reconheceu Chumaka.

– Era difícil infiltrar alguém no governo de Tasaio. Nós só conseguimos colocar nosso agente lá porque o fizemos antes de o homem se tornar Senhor, na época em que era apenas subcomandante no exército do Senhor da Guerra envolvido na invasão de Midkemia.

Quando Jiro mais uma vez se mostrou impaciente, Chumaka suspirou. Como desejava que seu Senhor pudesse ser instruído a pensar e a agir com mais clarividência; mas Jiro sempre fora uma pessoa impaciente, mesmo quando garoto. O Conselheiro-Mor retomou o pensamento:

– Mara não dispunha de agentes comprometidos na Casa dos Minwanabi, pois as mortes precisavam ser levadas a cabo por alguém de fora, assim as relações da seita com Tasaio ofereciam uma solução conveniente.

– Você adivinhou tudo isso – comentou Jiro.

Chumaka deu de ombros.

– Era o que eu teria feito se estivesse no lugar dele. O Mestre dos Espiões dos Acoma é notável em termos de inovação. Podíamos ter tentado contato com a rede em Ontoset e seguido a operação durante uma dezena de anos sem nunca estabelecermos a ligação entre os agentes no Norte, os outros em Jamar e a linha de comunicação que passava por Szetac. O fato de termos chegado lá tão rápido se deve mais à sorte do que a meu talento, Senhor.

Jiro não pareceu impressionado pelo assunto que tanto encantava seu Conselheiro-Mor. Agarrou-se apenas ao que dizia mais

respeito à honra dos Anasati.

– Você tem provas de que a seita age por conta própria – comentou. – Então, ao plantarem provas de nossa participação no assassinato de Ayaki dos Acoma, os Hamoi macularam a honra de meus antepassados. Precisamos dar fim a esse ultraje! E já!

Chumaka piscou, seus pensamentos congelados. Passou a língua rapidamente nos lábios.

– Não, não, meu valoroso Senhor. Perdoe minha presunção de aconselhá-lo humildemente a fazer o contrário.

– Por que permitiríamos que os cães da Seita dos Hamoi envergonhem a Casa dos Anasati? – Jiro se endireitou no banco e lançou um olhar fulminante. – É melhor que me apresente um bom motivo!

– Bem – começou Chumaka –, para matar a Senhora Mara, é claro. Senhor, veja, é excelente. Que inimigo mais perigoso os Acoma poderiam ter além de uma seita de assassinos? Eles vão perturbar a paz dela para sempre, a cada tentativa de matá-la. E no fim vão acabar sendo bem-sucedidos. A Seita dos Hamoi fará nosso trabalho e nós, nesse meio-tempo, podemos nos empenhar em consolidar a Facção Tradicionalista.

Chumaka brandiu um dedo e afirmou:

– Agora que a guerra foi proibida aos dois lados pelos magos, Mara irá procurar arruiná-lo por outros meios. Dispõe de vastos recursos e de valiosos aliados. Na qualidade de Serva do Império, é popular e tem poder, assim como a atenção do Imperador. Não deve ser subestimada. Além das vantagens que já elenquei, é também uma Governante de talento incomum.

Jiro não demorou a reagir com censura:

– Você veio aqui para elogiá-la em minha presença?

O tom dele permaneceu calmo, mas Chumaka não teve dúvidas de que o Senhor se ofendera.

Respondeu num sussurro que seria inaudível a qualquer

jardineiro ou guerreiro de patrulha que passasse:

– Nunca tive muita afeição por seu irmão, Bunto. Portanto, a morte dele, pessoalmente, não me diz muito. – Enquanto o rosto de Jiro ficava sombrio de raiva, a resposta de Chumaka se revelava afiada como uma faca: – E o Senhor também não gostava muito dele, meu Senhor Jiro. – Chumaka prosseguiu depois de o Governante elegante e de expressão rígida reconhecer a verdade: – O Senhor não está enxergando o óbvio: o fato de Mara ter escolhido Bunto em seu lugar salvou sua vida... meu Senhor.

O Conselheiro-Mor concluiu, não se alongando na adulação:

– Portanto, já que quer alimentar esse ódio pela Serva do Império, procurarei até meu último suspiro causar a morte dela. Mas procederei com calma, pois permitir que a fúria me turve o pensamento não seria apenas uma tolice... Com Mara, seria suicídio. Peça a um espírito do Templo de Turakamu para se comunicar com Jingu, Desio e Tasaio dos Minwanabi. Os espíritos deles irão confirmar.

Jiro olhou para as pequenas ondulações de água geradas pelo peixe alaranjado na lagoa. Após um demorado momento, suspirou.

– Você tem razão. Nunca me importei com Bunto; ele me atormentava quando éramos crianças. – Sua mão cerrou-se num punho, com o qual bateu na lagoa, espantando o peixe. – Minha raiva pode ser injustificada, mas nem por isso deixa de me corroer! – Olhou de novo para cima, para Chumaka, com os olhos estreitados. – Mas sou o Senhor dos Anasati. Não tenho obrigação de ser sensato. Causaram mal à minha Casa e isso *será* reparado!

Chumaka fez uma reverência profundamente respeitosa.

– Farei com que Mara dos Acoma morra, Senhor, não por odiá-la, mas por ser esse o seu desejo. Sou um servo fiel. Agora sabemos quem é o Mestre dos Espiões de Mara...

– Você sabe quem é o homem? – perguntou Jiro, espantado. – Nunca me disse que conhecia a identidade do Mestre dos Espiões

dos Tuscai!

Chumaka fez um gesto de desculpas.

– Não pelo nome, nem pela aparência, maldito seja por ser um demônio tão brilhante. Nunca, que eu saiba, me encontrei com ele, mas reconheço seu modo de agir. Tem assinatura, como um escriba.

– O que está muito longe de ser uma prova sólida – apressou-se Jiro a destacar.

– A prova final seria difícil de arranjar mesmo se eu reconhecesse o toque do homem. Se esse antigo Mestre dos Espiões dos Tuscai entrou ao serviço de Mara, os deuses ainda podem vir a sorrir para nós. Pode ser um mestre do disfarce, mas sei como ele se move. Tudo o que aprendi no passado com a operação dos Tuscai em Jamar deve permitir que nos infiltremos na operação dele. Após alguns anos, podemos vir a ter acesso ao próprio homem e então poderemos manipular as informações da rede de Mara a nosso bel-prazer. Nosso objetivo deve ser levado a cabo por meio de subterfúgios destinados a perturbar os negócios e as alianças dos Acoma. Nesse meio-tempo, a seita continuará, por sua conta, a tentar causar a queda de Mara.

– Talvez possamos oferecer um incentivo aos esforços da irmandade – disse o Senhor Jiro, esperançoso.

Chumaka inspirou fundo só de ouvir a sugestão. Curvou-se antes de começar a falar, o que fez apenas quando autorizado:

– Meu Senhor, isso é algo que não devemos nos atrever a fazer. As seitas são muito fechadas e mortais demais para aceitarem interferências. É melhor que deixemos os assuntos dos Anasati o mais longe possível das coisas delas. – Jiro concordou, com pesar, enquanto seu Conselheiro-Mor prosseguia, otimista: – A Irmandade dos Hamoi não é de agir de sangue quente. Não. Trabalha segundo seus interesses, sendo sempre lenta e fria. Houve uma comunicação entre os Hamoi e Midkemia que nunca compreendi; mas agora suspeito que tenha raízes numa tentativa de longo alcance de causar

danos aos Acoma. A Senhora tem uma fraqueza bem conhecida por ideias bárbaras.

– De fato – reconheceu Jiro, agora mais meditativo, observando os movimentos do peixe.

Nenhum conselheiro de casa alguma gostava mais do que Chumaka de unir pedaços de informação aparentemente desligados. E todo o Império ouvira rumores do romance da Senhora com um escravo midkemiano. Era uma vulnerabilidade que valia bem a pena explorar.

Incentivado pelos modos agora mais suaves do Senhor e escolhendo o momento com precisão, Chumaka continuou:

– Os Anasati podem suportar a pequena descortesia relativa às provas falsas. Loucos e crianças podem acreditar em informações disparatadas. Mas os mais sábios Governantes sabem que a seita mantém seus segredos fechados a sete chaves. Os poderosos das Nações nunca acreditarão seriamente em estratégias tão transparentes para unir seu nome a um assassino contratado. O nome Anasati é antigo. Sua honra é irrepreensível. Mostre apenas coragem perante repreensões triviais, meu Senhor. Não são merecedoras da atenção de um grande Senhor. Deixe que avance algum Governante que sugira o contrário e então poderá corrigir energicamente o assunto. – Chumaka concluiu com a citação de uma peça muito apreciada por Jiro: – “Pequenos atos são parceiros de pequenas casas e de pequenas mentes.”

O Senhor dos Anasati assentiu.

– Você está certo. Por vezes, minha raiva me deixa cego.

Chumaka se curvou perante tal elogio.

– Senhor, peço permissão para me ausentar. Já comecei a pensar em ciladas para lançar no caminho do Mestre dos Espiões de Mara, pois, apesar de parecer que ficamos às cegas com um braço revelado em Ontoset, isso irá afastar o olhar vigilante do outro, discretamente operando em Jamar para levar a adaga à garganta da

Senhora dos Acoma.

Jiro sorriu.

– Excelente, Chumaka.

Bateu palmas para dispensá-lo.

Enquanto o Conselheiro-Mor se curvava mais uma vez e se apressava a sair, murmurando possíveis golpes, o Senhor permaneceu perto da lagoa de peixes. Ponderou o conselho de Chumaka e sentiu uma crescente satisfação. Quando a Assembleia dos Magos interditara a guerra entre sua casa e a de Mara, ficou dissimuladamente em êxtase. Com a Senhora privada de seu exército, que era nitidamente superior no campo de batalha, o conflito entre eles se nivelara.

– Perspicácia – murmurou o Senhor dos Anasati, agitando a água e levando um peixe a se afastar, confuso, em círculos. – A astúcia, e não a espada, provocará a queda da Boa Serva. Ela morrerá sabendo o erro que cometeu quando escolheu meu irmão em vez de mim. Eu sou o melhor, e, quando encontrar Bunto nos salões do Deus Vermelho, ele saberá que o vinguei e que também reduzi a cinzas, sob meus pés, sua preciosa Casa dos Acoma!

Arakasi estava atrasado. Sua falha em retornar deixara os conselheiros mais velhos com os nervos à flor da pele; Lujan, o Comandante das Forças Armadas, por sua vez, sentia medo ao entrar e participar do conselho da noite. Ele se dirigiu a seus aposentos para buscar o elmo com plumas que largara durante as horas em que não estivera de serviço. Seus passos eram determinados, precisos, algo que só seria possível a um talentoso esgrimista; no entanto, estava preocupado. O aceno dirigido às sentinelas que saudaram sua passagem foi mecânico.

A casa dos Acoma tinha agora tantos homens armados distribuídos pelos corredores quantos eram os criados; a privacidade, desde o homicídio de Ayaki, se tornara praticamente inexistente, em

particular à noite, quando um contingente extra de guerreiros dormia no escritório e nas alas a eles atribuídas entre os aposentos de hóspedes. O quarto de Justin era um verdadeiro acampamento militar; Lujan constatou que o menino mal podia se divertir com soldadinhos devido ao constante e pesado barulho de sandálias de guerra no chão do aposento.

Contudo, como era o único portador do sangue dos Acoma além de Mara, sua segurança era uma preocupação primordial. Na falta dos confiáveis relatórios de Arakasi, as patrulhas circulavam na incerteza. Assustavam-se com sombras, quase desembainhando espadas ao ouvir passos de lacaios escondidos em cantos indo ao encontro de suas amadas.

Lujan suspirou e se deteve, alertado pelo som de uma espada deslizando para fora de uma bainha.

– Você aí! – gritou uma sentinela. – Alto!

Já em passo de corrida, Lujan logo dobrou uma esquina do corredor. À sua frente, o guerreiro com a espada desembainhada se abaixou, em posição de combate. Virou-se para um canto escuro onde nada parecia errado. Atrás, os passos e o arrastar de pés de um homem se movendo rapidamente apoiado numa muleta lhe indicaram que Keyoke, o Conselheiro de Guerra de Mara, também notara a perturbação. Fora comandante por tanto tempo que não podia ignorar o desafio de um guerreiro, e também se apressou para tentar descobrir quem passara pelos corredores mais internos da casa.

Que não seja outro assassino, pediu Lujan enquanto corria. Esforçou-se para enxergar na escuridão, reparando que uma lamparina que deveria ter sido deixada acesa estava apagada. Não era um bom sinal, pensou sombriamente; o conselho, atrasado por aquela situação, lhe parecia agora a mais agradável das frustrações. Negócios complicados e a desconfortável alteração de alianças dentro da corte de Ichindar poderiam se revelar uma confusão

enlouquecedora sem os conhecimentos privilegiados de Arakasi, mas um ataque por parte de mais um habilidoso membro de uma seita que penetrara tão profundamente as defesas era torturante demais para suportar. Apesar de já terem se passado meses, Justin continuava a ter pesadelos com a cena da queda do cavalo, a que assistira.

Lujan derrapou para se deter ao lado do guerreiro que empunhava a espada, os cravos de suas sandálias raspando no chão de pedra.

– Quem está aí? – exigiu saber.

O velho Keyoke parou ruidosamente do outro lado do guerreiro, também exigindo uma resposta com um grito seco.

O guerreiro não desviou o olhar, mas fez um leve movimento com a espada na direção do vão entre duas vigas que sustentavam uma junta na trave principal do telhado. Um remendo já havia muito aplicado substituíra parte da madeira apodrecida. A grande casa onde Mara e Hokanu residiam era antiga, e essa era uma das áreas originais. A placa marcada de branco pelas sandálias de Lujan tinha perto de três mil anos e fora desgastada até formar sulcos por inúmeras gerações de passos. Havia muitos cantos onde intrusos poderiam se esconder, pensou Lujan ao olhar para o local indicado pela sentinela.

Um homem se escondera na escuridão. Estava com as mãos estendidas numa posição submissa, mas seu rosto se apresentava borrado de modo suspeito, como se tivesse recorrido à fuligem de uma lamparina para enegrecer a denunciadora palidez da pele.

Lujan desembainhou sua espada. Com uma expressão inescrutável, Keyoke ergueu a muleta, manuseou um gatilho oculto e, da base, saiu uma lâmina fina. Apesar de ter perdido uma perna, equilibrava-se sem esforço aparente.

Lujan se dirigiu secamente ao intruso que agora enfrentava três lâminas:

– Mostre-se. Mantenha as mãos no ar se não deseja morrer pelo fio de uma espada.

– Preferiria não ser recebido como um pedaço de carne de açougueiro – retrucou uma voz rouca como ferro maltratado.

– Arakasi – exclamou Keyoke, erguendo sua arma em saudação. Seu perfil semelhante à lâmina de um machado mostrou um raro sorriso.

– Por todos os deuses! – praguejou Lujan.

Esticou a mão sem arma e tocou na sentinela, que baixou a espada. O Comandante das Forças Armadas se arrepiou ao pensar em quanto o Mestre dos Espiões estivera perto de morrer pelas mãos de um dos guardas da casa. Depois, desatou a rir, devido ao alívio e à boa disposição, contrariando a tensão presente até então.

– Finalmente. Por quantos anos Keyoke e eu tentamos colocar patrulhas imprevisíveis? Será possível que, pela primeira vez, você não tenha conseguido passar sem que o vissem?

– A viagem de volta para casa foi muito complicada – reconheceu Arakasi. – E não se limitou a isso: esta propriedade tem mais guerreiros de serviço do que criados domésticos. Um homem não pode dar um passo sem tropeçar em alguém de armadura.

Keyoke recolheu sua lâmina disfarçada e voltou a colocar a muleta debaixo do ombro. Depois, passou os dedos pelo cabelo branco, algo que nunca pudera fazer enquanto fora comandante de campo, já que era obrigado a sempre usar um elmo de combate.

– O conselho da Senhora Mara está prestes a começar. Ela precisa de suas informações.

Arakasi não respondeu, limitando-se a sair de trás das vigas que o ocultavam. Vestia os trajes de um pedinte. Seu cabelo estava precisando de corte e parecia liso devido à sujeira; a pele, impregnada com algo que se assemelhava a fuligem, cheirava a fumaça de lenha.

– Você parece um limpador de chaminés – comentou Lujan,

indicando à sentinela que retomasse a patrulha. – Ou alguém que se tivesse dormido em árvores na maior parte dos últimos dias.

– Isso não está muito longe da verdade – resmungou Arakasi olhando irritado para o lado.

Keyoke não gostava de esperar quem quer que fosse; livre agora para demonstrar a impaciência que reprimira durante anos no comando das tropas, avançou ruidosamente rumo ao salão do conselho. Parecendo aliviado com a partida do ancião, Arakasi se dobrou, ergueu a barra de sua túnica e coçou um ferimento infeccionado.

Lujan coçou o queixo e falou com muita astúcia:

– Pode passar primeiro em meus aposentos. Meu criado pessoal poderá preparar um banho rapidamente.

Seguiu-se um breve silêncio.

Arakasi, por fim, suspirou.

– Farpas – admitiu.

Como uma palavra seca seria a única explicação que provavelmente receberia, Lujan adivinhou o resto.

– Estão infectadas. Ou seja, não são recentes. Você esteve ocupado demais fugindo para ter tempo de arrancá-las.

Seguiu-se outro período de silêncio, confirmando a constatação de Lujan. Ele e Arakasi já se conheciam desde antes da queda da Casa dos Tuscai e durante muitos anos foram guerreiros cinzentos.

– Venha – chamou o Comandante das Forças Armadas. – Se você se sentar diante da Senhora Mara nesse estado, a criadagem terá de queimar as almofadas depois. Você está cheirando como um Khardengo que perdeu a carroça.

Incomodado com a comparação com um membro de uma família nômade que viajava de cidade em cidade vendendo entretenimento barato e estranhos trabalhos de má reputação, Arakasi franziu os lábios.

– Você pode me conseguir uma agulha de metal? – pediu,

conciso.

Lujan riu.

– Por acaso, até posso. Há uma garota entre as costureiras que gosta de mim. Mas fica me devendo uma. Se eu pedir emprestado um tesouro desse calibre a ela, com certeza irá fazer exigências.

Consciente de que poucas criadas se importariam em pôr em risco a próxima passagem pela Roda da Vida em troca da promessa dos beijos de Lujan, Arakasi não se deixou impressionar:

– Posso usar um de meus punhais.

Sua aparente indiferença deixou Lujan irritado.

– As notícias que você traz não são boas.

Agora Arakasi estava olhando de frente para o Comandante das Forças Armadas. A luz da lamparina ao fundo do corredor brilhou em seu rosto magro, aprofundando as olheiras.

– Acho que aceito sua oferta de um banho – respondeu, grosseiro.

Lujan percebeu que não deveria provocar o amigo, pois o Mestre dos Espiões também parecia não comer ou dormir havia mais de uma semana. Dessa vez, a observação saiu mais carregada de seriedade do que de humor:

– Vou arranjar uma agulha – informou, e depois recorreu ao humor para tentar suavizar o orgulho ferido de Arakasi: – Embora você com certeza não precise dela, já que tem suas facas. Duvido que minha sentinela tenha compreendido, quando apontou a ponta da espada para você, que poderia ter sido morta e retalhada antes de ter a oportunidade de dar uma estocada.

– Eu estou bem – informou Arakasi. – Mas hoje, penso, não tão bem assim. – Deu um passo em frente. Apenas então deu para perceber que mal se aguentava em pé. Reagiu ao espanto de Lujan com uma insípida expressão de desagrado. – Você deve, pela sua honra, garantir que eu não adormeça em sua banheira – acrescentou.

– Adormecer ou se afogar? – perguntou Lujan com sarcasmo, logo estendendo a mão para ajudar o Mestre dos Espiões a se equilibrar. – Homem, o que você andou aprontando?

No entanto, por mais que tivesse insistido, o Comandante das Forças Armadas não recebeu explicações do Mestre dos Espiões até o banho estar pronto, o elmo recuperado e o conselho já bem adiantado.

Keyoke já estava sentado sob a luz amarela projetada pelo círculo de lamparinas, com suas mãos enrugadas cruzadas sobre a muleta apoiada nos joelhos. A informação do retorno de Arakasi chegara às cozinhas e os criados se apressaram a preparar bandejas com petiscos. Hokanu aguardava do lado direito de Mara, no lugar habitualmente ocupado pelo Conselheiro-Mor, enquanto Saric e Incomo, sentados logo em frente, conversavam em voz baixa. Jican se acomodou com os braços em volta dos joelhos atrás de uma enorme pilha de lousas. Tinha de ambos os lados, como dois bastiões, caixas abarrotadas de pergaminhos e sua expressão parecia a de alguém encurralado. Arakasi passou rapidamente os olhos pelos presentes e não demorou a falar em seu modo seco:

– Vejo que os negócios não correram muito bem em minha ausência.

Jican se eriçou com aquelas palavras, que na verdade evitaram que alguém reparasse de pronto no estado lastimável do Mestre dos Espiões.

– Não estamos em risco – defendeu-se prontamente o pequeno hadonra. – Mas houve vários negócios nos mercados que deram errado. Mara perdeu aliados entre os mercadores que também tinham interesses com os Anasati. – Visivelmente aliviado, concluiu sua intervenção: – As licitações de sedas correram bem.

– No entanto – acrescentou Incomo sem que alguém solicitasse –, os tradicionalistas continuam conquistando influência. Os Brancos Imperiais de Ichindar mais de uma vez tiveram de fazer jorrar

sangue para conter motins em Kentosani.

– Sim, nos mercados de alimentos perto do cais – afirmou, sumariamente, Arakasi. – Ouvi falar. Nosso Imperador acabaria com a discórdia se conseguisse oferecer a si mesmo um herdeiro que não fosse uma filha.

Os olhares se voltaram para a Senhora dos Acoma, pois todo o seu pessoal esperava que ela falasse algo.

Mais magra ainda do que estava no funeral de Ayaki, ainda assim se apresentava imaculadamente arrumada. Seu rosto não tinha qualquer tipo de maquiagem. Os olhos estavam concentrados e vivos, e ao falar mantinha as mãos sobre o colo.

– Arakasi revelou que estamos sendo confrontados por uma nova ameaça. – Apenas sua voz revelou a tensão que sofria e que continuava a ocultar por trás da controlada fachada tsurani; antes da morte de Ayaki, nunca falara com aquele tom cortante e cheio de ódio. – Peço que lhe forneçam sem questionar toda a ajuda que ele solicitar.

Lujan olhou para Arakasi com ar carrancudo.

– Já sujou as almofadas, estou vendo agora – murmurou, magoado e irritado.

Keyoke parecia um pouco ressentido. Só depois percebera que a patrulha que detectara o Mestre dos Espiões escondido nos corredores o fizera apenas depois de ele ter se reunido com a Senhora sem que ninguém percebesse. Conscientes da jogada, mas obrigados pelo código de conduta a ignorá-la, os outros dois conselheiros inclinaram a cabeça aceitando os desejos da Senhora. Apenas Jican deu sinais de incômodo, consciente de que a ordem de Mara criaria mais um rombo no tesouro dos Acoma. Os serviços operacionais de Arakasi eram muito caros, o que causava constantes preocupações ao hadonra, fazendo-o retorcer as mãos.

Uma brisa soprou pelas janelas abertas no alto do grande salão dos Acoma, erigido na colina onde ficava a casa. Apesar da

iluminação das lamparinas, o salão, nos cantos, estava mergulhado na escuridão. Os globos dos cho-ja, em seus suportes, permaneceram apagados e o estrado baixo utilizado nas reuniões informais era a única ilha de iluminação. Os criados de serviço aguardavam a uma distância discreta; poderiam ser chamados caso fossem necessários, mas não seriam capazes de escutar o que se discutia na reunião. Mara retomou a palavra:

– O que discutimos aqui não deve sair destas paredes. – Dirigiu-se então a Arakasi: – De quanto tempo precisa para lidar com essa nova ameaça?

Arakasi deu de ombros, as palmas das mãos viradas para cima, deixando entrever um hematoma amarelado num pulso.

– Só posso fazer conjecturas, Senhora. Meu instinto diz que a organização com que me deparei fica a leste de nós, provavelmente em Ontoset. Temos laços tênues entre esse local e Jamar e a Cidade das Planícies, já que o disfarce era o negócio de um agente. Um inimigo que descubra nossos trabalhos a oeste nada mais verá do que coincidências na ligação oriental. Contudo, desconheço a origem dos danos. A pista pode começar noutra local qualquer.

Mara mordeu o lábio.

– Explique-se.

– Fiz algumas verificações superficiais antes de regressar a Sulan-Qu. – Mais frio do que Keyoke ficaria antes de uma batalha, o Mestre dos Espiões desenvolveu seu raciocínio: – Aparentemente, nossos interesses comerciais parecem seguros no Oeste e no Norte. Essa recente expansão que lamentavelmente me vi forçado a restringir ficava no Sul e no Leste. O nosso oponente desconhecido pode ter tropeçado em alguma operação recém-montada. Ou não. Não sei dizer. Logo sentimos o efeito. Ele detectou alguns detalhes do nosso sistema de mensagens, deduziu nossos métodos e estabeleceu uma rede para nos vigiar. Esse inimigo colocou observadores onde poderiam apanhar alguém, se, esperavam eles,

conseguissem seguir até um posto de chefia. A partir daí, deduzi que nosso inimigo tem seu próprio sistema para extrair vantagens desse tipo de oportunidades.

Hokanu passou o braço pelas costas de Mara, apesar de a postura dela não indicar necessidade de conforto.

– Como você pode estar certo disso?

Arakasi respondeu sem rodeios:

– Porque é o que eu teria feito. – Alisou a túnica para ocultar as marcas deixadas pelas farpas nas canelas. – Quase fui pego, e isso não é uma proeza fácil. – Suas frases simples demonstravam total ausência de presunção. Então ergueu um dedo. – Estou preocupado porque fomos comprometidos. – Levantou um segundo dedo. – Fiquei aliviado por ter escapado sem deixar rastros – acrescentou. – Se a equipe que me perseguiu alguma vez tivesse adivinhado quem havia encurralado, teria adotado medidas extremas para atingir seus fins. Teria deixado de lado os subterfúgios para conseguir minha captura. Por conseguinte, deve ter achado que encurralou apenas um mensageiro ou um supervisor. A minha identidade de Mestre dos Espiões provavelmente permanece imaculada.

Mara se empertigou ao tomar uma decisão súbita.

– Então, penso que seja sensato que você se afaste do problema.

Arakasi foi completamente apanhado de surpresa.

– Minha Senhora?

Interpretando erroneamente a reação dele como se tivesse ficado ofendido por sua competência ter sido questionada, Mara tentou suavizar sua declaração:

– Há outro problema a resolver e seus talentos serão mais do que necessários. – Acenou para dispensar Jican. – Penso que os problemas comerciais podem esperar – disse.

Enquanto o homenzinho se curvava para indicar sua concordância e estalava os dedos para chamar seus secretários para que o ajudassem a recolher as lousas e os pergaminhos, Mara

ordenou a todos os outros criados que abandonassem o grande salão. Quando as grandes portas duplas se fecharam, deixando-a a sós com seu círculo mais íntimo de conselheiros, dirigiu a palavra ao Mestre dos Espiões: – Tenho outra missão para você.

Arakasi falou sem rodeios:

– Senhora, corremos grande perigo. Na verdade, temo que quem comanda essa rede de espiões possa ser o mais perigoso de todos os homens. – Mara nada revelou de seus pensamentos quando sinalizou para que ele prosseguisse. – Até esse encontro, sempre tive a vaidade de me considerar um mestre em minha arte. – Pela primeira vez desde o início da conversa, o Mestre dos Espiões teve de parar para escolher as palavras. – A brecha na nossa segurança não se deve de forma alguma a um descuido. Meus homens em Ontoset atuaram com uma discricção irrepreensível. Por esse motivo, temo que o inimigo que enfrentamos seja superior a mim.

– Então, já me decidi quanto a este assunto – anunciou. – Você deve delegar este problema a alguém de sua confiança. Dessa forma, se esse inimigo indeterminado for merecedor de seus louvores, sofreremos a perda de um homem menos fundamental para nossas necessidades.

Arakasi fez uma reverência, num movimento rígido de angústia.

– Senhora...

Mara repetiu em tom duro:

– Tenho outra missão para você.

Arakasi calou de imediato. A tradição tsurani proibía a um servo questionar um Senhor a quem tivesse prestado juramento; além do mais, a Senhora já estava decidida. A dureza que revelara desde que perdera seu primogênito não era racional; até ele já percebera. Que Hokanu também já entendera isso era claro, pois até ele se refreava de contrariar as intenções da Senhora. A verdade desconfortável continuou sem ser dita: ninguém na vasta rede de Arakasi era suficientemente prudente ou experiente para enfrentar uma ameaça

daquela magnitude.

O Mestre dos Espiões não iria desobedecer à sua Senhora, embora sentisse um medo extremo pela segurança dela. Tudo o que podia fazer era trabalhar em padrões rebuscados, obedecendo às ordens no sentido literal, mas evitando o que pudesse através de ações sutis. Antes de mais nada, teria de assegurar que o homem oficialmente encarregado de descobrir essa nova organização conseguisse se comunicar regularmente com ele. Perturbado como estava com a possibilidade de a Senhora Mara rejeitar aquela terrível ameaça com tanta facilidade, respeitou-a o suficiente para pelo menos escutar suas razões antes de julgá-la.

– E qual é o outro assunto, minha Senhora?

Seus modos solícitos suavizaram a dureza de Mara.

– Quero que descubra o máximo que puder sobre a Assembleia de Magos.

Pela primeira vez desde que entrara a serviço de Mara, Arakasi pareceu espantado com a audácia dela. Seus olhos se arregalaram e sua voz se tornou apenas um sussurro:

– Os Grandes?

Mara assentiu na direção de Saric, já que o rumo que a explicação deveria tomar fora estudado em particular por ele, que falou a partir do ponto mais distante do círculo:

– Diversos acontecimentos ao longo dos últimos anos me levaram a questionar as motivações dos Mantos Negros. Por tradição, tomamos como certo que agem em prol do bem do Império. Mas a perspectiva não seria diferente se na realidade as coisas não fossem bem assim? – O humor sarcástico de Saric desapareceu por trás de um abrasador desconforto. – Pior ainda – acrescentou –, e se a sabedoria da Assembleia for usada apenas para seus interesses? O pretexto é a estabilidade das Nações; então por que razão haveriam de temer que os Acoma esmagassem os Anasati devido a uma justa vingança?

O Conselheiro-Mor dos Acoma se inclinou para a frente com seus cotovelos apoiados nos joelhos cruzados e prosseguiu:

– Esses magos não são tolos. Não posso crer que não tenham entendido. Ao permitirem que um Senhor que mata traiçoeiramente sobreviva sem castigo, mergulham o Império num conflito ainda mais intenso. Uma morte não vingada é uma clara contradição da honra. Sem as jogadas políticas do Conselho Supremo, privados da influência constante do toma lá dá cá entre as facções, ficamos com todas as casas à deriva, dependentes da benevolência e das promessas de terceiros para sobreviver.

Mara se voltou para seu Mestre dos Espiões para dar mais detalhes:

– Dentro de um ano, uma dúzia de casas, ou mais, deixará de existir, porque estou proibida de combater aqueles que farão voltar o governo do Senhor da Guerra. Fiquei sem poderes na arena política. Meu clã não pode erguer a espada contra os tradicionalistas, que usam Jiro como testa de ferro. Se não posso declarar guerra contra ele, não posso cumprir minha promessa de proteger as casas dependentes da aliança com os Acoma.

Fechando momentaneamente os olhos, pareceu reorganizar as ideias.

O respeito de Arakasi por sua Senhora se intensificou quando compreendeu uma coisa: ela se recuperara o suficiente do luto para reconquistar o discernimento. Ela sabia em seu íntimo que a prova contra Jiro era óbvia demais para ser levada a sério. Mas o preço a pagar por ter perdido o controle no funeral deveria ser enfrentado sem hesitações: envergonhara o nome da família e a culpa de Jiro, ou a falta dela, era controversa. Aceitar agora a inocência dele seria uma admissão pública de seu erro. Isso seria algo que não poderia fazer honradamente sem se levantar uma questão mais problemática. Ela estava aceitando que seu inimigo não estava manchado pelo sangue de Ayaki ou estaria apenas recuando até

obter uma retribuição pelo que fora feito ao filho? Não vingar um assassinato era uma abdicação irrevogável da honra.

Arrependida como deveria estar de sua raiva intempestiva e de seu raciocínio equivocado, Mara não poderia fazer nada além de administrar a situação como se continuasse a crer na traição dos Anasati. Agir de outro modo não seria próprio de um tsurani; seria uma fraqueza a ser explorada imediatamente pelos inimigos que queriam arruiná-la.

Parecendo querer se desviar de recordações penosas, Mara retomou o discurso:

– Dentro de dois anos, muitos dos que contaríamos como aliados estarão mortos ou desonrados, e muitos que são neutros podem ter sido persuadidos ou instigados por pressões políticas a aderir ao campo tradicionalista. A esvaziada Facção Imperial terá de se confrontar, sem nós, com a desastrosa probabilidade de um novo Senhor da Guerra reinstalar o Conselho. Se esse triste dia chegar, o homem que vestirá o manto branco e dourado será Jiro dos Anasati.

Arakasi esfregou o rosto com o nó de um dedo, raciocinando furiosamente.

– Então a senhora acha que a Assembleia pode estar se infiltrando na política em função dos próprios interesses? É verdade que os Mantos Negros sempre foram muito zelosos de sua privacidade. Não conheço nenhum homem que tenha entrado na cidade deles e sobrevivido para contar. Senhora Mara, espionar aquele reduto será perigoso e muito difícil, se não completamente impossível. Eles dispõem de feitiços da verdade que tornam impossível infiltrar alguém em suas fileiras. Ouvi histórias... Embora eu possa não ser o primeiro Mestre dos Espiões a tentar me infiltrar, ninguém que cruze com um Grande com a intenção de ludibriá-lo tem morte natural.

Mara cerrou os punhos.

– Temos de encontrar uma forma de descobrir suas motivações.

Mais do que isso, temos de descobrir uma forma de pôr um fim à interferência deles, ou pelo menos conseguir delinear com clareza os padrões em que nos envolveram. Temos de saber aquilo que poderemos conquistar sem despertar a ira dos magos. Com o tempo, talvez encontremos uma forma de negociar.

Arakasi inclinou a cabeça, resignado, mas já trabalhando no que se tratava de um problema de grande escala. Nunca esperara chegar à velhice; enigmas, mesmo os perigosos, eram seu único prazer, embora esse que sua Senhora lhe propunha fosse muito provavelmente um convite a uma aniquilação rápida.

– Sua vontade será cumprida, Senhora. Devo começar imediatamente de modo a reorganizar os objetivos de nossos agentes na direção noroeste. – A negociação era uma esperança fútil, algo que Arakasi rejeitava de cara. Para negociar, é necessário dispor de uma força para comandar ou de uma recompensa persuasiva. Mara tinha poder e popularidade, mas ele também testemunhara a exibição do poder de um único mago quando os Jogos Imperiais tinham sido destruídos por Milamber. Os milhares de guerreiros da Senhora Mara, e todos aqueles de seus amigos e aliados, não eram nada se comparados com as forças misteriosas comandadas pela Assembleia. E o que no mundo, sob o céu, alguém poderia ter que um Grande, se desejasse, não pudesse simplesmente pegar sem sequer pedir?

Arrepiado, Arakasi ponderou a última alternativa para coagir alguém: extorsão. Se a Assembleia escondesse um segredo que valesse a troca de favores para impedir que outros tivessem conhecimento dele, algo pelo qual estariam dispostos a ceder, para garantir que Mara permanecesse em silêncio... Só a ideia já era pura loucura. Os Grandes estavam acima de qualquer lei. Arakasi entendeu que, mesmo se tivesse a sorte de descobrir um segredo, os Mantos Negros provavelmente se limitariam a obter o silêncio definitivo de Mara condenando-a a uma morte horrível.

Saric, Lujan e Keyoke compreenderam isso, percebeu, pois seus olhos estavam fixos nele quando se levantou e fez a última reverência. Dessa vez, Mara se mostrara ousada demais e todos temiam o que poderia surgir disso. Enregelado até o âmago, Arakasi deu a volta. Nada em sua postura indicava que amaldiçoava um destino selvagem. Além de se desviar daquilo que seu instinto lhe alertara que poderia ser a ameaça mais perigosa que a Senhora Mara até então enfrentara, teria até mesmo de abandonar quaisquer esforços de se proteger contra suas recentes descobertas. Partes inteiras de sua vasta operação teriam de ser adormecidas até resolver um enigma que nenhum homem jamais se atrevera a tentar decifrar. O mistério aguardava por ser deslindado, além das margens de um corpo de água sem nome conhecido apenas por ser o lago que circunda a ilha da Cidade dos Magos.

Maquinações

Passaram-se dois anos.

Não houve mais tentativas de assassinato contra a Senhora dos Acoma e, apesar de todos permanecerem atentos, a sensação de risco imediato esmoreceu. A tranquilidade que se instalara na casa quando a luz que antecede o alvorecer inundou o quarto de dormir era prazerosa. As pressões originadas pelos recentes reveses no comércio e as fricções entre facções políticas pressionavam com redobrada perseverança os recursos da Casa dos Acoma.

Mas, naquele momento, apenas as patrulhas se agitavam; os mensageiros com as novidades do dia ainda estavam para chegar. Um pássaro cantou no lago. Hokanu abraçou sua amada Senhora. Suas mãos tocaram a maciez marmórea da pele que lhe cobria a barriga e um leve volume lhe despertou a atenção. De repente, as manhãs em que ela se isolara, afastando-se dele e até de seus conselheiros mais próximos, fizeram sentido. Um arrebatamento extático de prazer seguiu-se à dedução óbvia. Hokanu sorriu, com o rosto encostado às ondas macias do cabelo dela.

– As parteiras já lhe disseram se o novo herdeiro dos Acoma será menino ou menina?

Mara se revirou nos braços dele, de olhos arregalados e indignados.

– Ainda não contei a você que estou grávida! Qual das minhas

criadas me traiu?

Hokanu não respondeu; seu sorriso apenas se alargou.

A Senhora esticou as mãos para baixo, agarrou-o pelos pulsos, que ainda a prendiam, e chegou a uma conclusão:

– Entendi. Minhas criadas são todas leais, e continuo sem conseguir esconder um segredo de você, meu marido.

Mas ela conseguia; por mais que a relação deles fosse franca, havia profundezas dentro dela às quais nem Hokanu tinha acesso, especialmente depois da morte de seu primogênito; era como se a dor lhe tivesse lançado uma sombra. Apesar de o ardor que demonstrou quando encostou o rosto no do marido ser verdadeiro, assim como o prazer quando lhe sussurrou formalmente ao ouvido dizendo que em breve ele seria pai de um filho de seu sangue, pois já o era por adoção, Hokanu sentiu uma nuance sombria. Mara estava perturbada com algo que não tinha a ver com a perda de Ayaki ou com a intervenção da Assembleia na tentativa de se vingar de Jiro. Ele também pressentiu que aquele não seria o momento para abordar tal assunto.

– Amo você, Senhora – murmurou. – Deve se acostumar à bajulação, pois vou mimá-la descaradamente até você dar à luz. – Virou-a e beijou-a. – Depois, ambos talvez descubramos que adquirir um hábito difícil de eliminar.

Mara se aconchegou a ele e seus dedos percorreram o peito dele.

– Você é o melhor marido de todo o Império, querido... bem mais do que mereço.

Isso era discutível, mas Hokanu permaneceu tranquilo. Sabia que ela o amava profundamente e ele retribuía com todo o carinho e satisfação que era possível dar a uma mulher, mas a certeza absoluta de que faltava algo na relação era uma sensação que cansara de tentar desvendar. Pois a Senhora nunca mentira, nunca se poupava nos afetos. Ainda assim, por vezes o pensamento dela

vagava para outro local qualquer, um lugar inalcançável para ele. Ela necessitava de algo que Hokanu não tinha como oferecer.

Como era um homem pragmático, não tentara forçar o impossível e, ao longo dos anos que tinham passado juntos, ergueram uma satisfação e uma paz duradoura e sólida como um monumento. Havia conseguido fazê-la feliz, até o dardo atingir o cavalo que matara seu filho.

Ela se remexeu encostada nele, os olhos escuros aparentemente fixos no jardim de flores do outro lado do biombo aberto. A brisa agitava os botões de suas adoradas kekali e o intenso perfume das flores rodopiou pelo quarto. Ao longe, ouviu-se o padeiro repreendendo um escravo por ser preguiçoso; também lhe chegou o som da barca do correio sendo carregada nas docas, estranhamente amplificado pelas águas paradas e pela tranquilidade matinal recoberta de nevoeiro.

Hokanu pegou os dedos de Mara e os acariciou, e, como eles não reagiram de pronto, percebeu que ela não estava pensando em questões de comércio.

– Está pensando de novo na Assembleia? – quis saber, consciente de que não era o caso, mas igualmente ciente de que uma aproximação oblíqua poderia quebrar o gelo ao redor dos pensamentos dela e ajudá-la a começar a se comunicar.

Mara apertou ainda mais sua mão.

– A irmã de seu pai tem dois meninos e você tem um primo de segundo grau com cinco filhos, três deles garotos.

Sem saber aonde aquela abertura iria dar, mas ao mesmo tempo aproveitando o impulso, Hokanu assentiu. Reflexivo, deu prosseguimento ao pensamento dela:

– Se acontecesse algo a Justin antes de nosso filho nascer, meu pai poderia optar por um dentre os diversos primos ou familiares para encontrar um sucessor, depois de mim, para o manto dos Shinzawai. Mas você não deve se preocupar, meu amor; pretendo

sem dúvida permanecer vivo e mantê-la em segurança.

Mara franziu o cenho, mais perturbada do que ele de início pensara.

– Não. Já discutimos por causa disso. Não quero ver o nome dos Acoma fundido ao dos Shinzawai.

Hokanu puxou-a mais para perto dele, consciente agora do que estava por trás daquela tensão.

– Você teme pelo nome Acoma, o que eu compreendo. Até nosso filho nascer, você é a última da linhagem.

A tensão dela ao assentir revelou um medo profundo que se esforçara para combater e ocultar ao longo dos dois últimos anos. E, depois de tudo o que passara para assegurar a sobrevivência da linhagem de seus antepassados e ainda assim sofrer a perda do filho, ele não poderia julgá-la.

– Ao contrário de seu pai, eu já não tenho primos nem alternativas. – Inspirou rapidamente, e foi direto ao cerne da questão: – Quero que Justin preste juramento ao natami dos Acoma.

– Mara! – exclamou Hokanu, espantado. – O que está feito está feito! O menino tem quase 5 anos e já prestou juramento aos Shinzawai.

Ela pareceu destroçada. Tinha os olhos arregalados demais e os ossos bastante salientes por conta da dor e do enjoo matinal.

– Liberte-o.

O desespero se apossou dela com uma determinação inflexível que ele vira apenas na presença de inimigos e, os deuses bem sabiam, ele não era um inimigo. Reprimiu seu choque inicial, estendeu a mão e mais uma vez puxou-a para si. Ela tremia, embora não estivesse arrepiada. Paciente e cuidadosamente, Hokanu avaliou a posição dela. Tentou desvendar suas motivações e alcançar a compreensão para desenvolver a questão, pois compreendeu, pelo bem de seu pai, que, alterando a casa de Justin, não estaria fazendo favores a ninguém – muito menos ao menino. A essa altura a

criança já estava crescida o bastante para começar a compreender o significado do nome a que pertencia.

A morte de um irmão mais velho fora algo que abalara terrivelmente o garotinho; não era preciso transformá-lo agora num joguete político. Por mais que Hokanu amasse Mara, também tinha noção de que a inimizade de Jiro era uma ameaça grande demais para ser colocada sobre os ombros de uma criança inocente. A ligação compartilhada entre a Senhora e seu consorte era uma via de mão dupla; Mara também tinha o dom de adivinhar os pensamentos mais íntimos de Hokanu.

– É muito mais difícil assassinar um menino capaz de andar, falar e reconhecer estranhos do que uma criança num berço – disse ela. – Como herdeiro dos Shinzawai, nosso novo bebê estará mais seguro. Uma casa, toda uma linhagem não serão extintas por uma morte.

Hokanu sentiu-se incapaz de refutar tal lógica; o que o inquietou foi o afeto sentido por Justin, para não mencionar que Kamatsu, seu pai adotivo, acabara adorando perdidamente o garoto. Um homem poderia pegar uma criança com idade de aproveitar os sabores da vida e colocá-la em grave perigo? Ou colocar uma criança inocente em risco?

– Se eu morrer – disse Mara quase num sussurro –, nada mais restará. Nem filho, nem Acoma. Meus antepassados perderão seus lugares na Roda da Vida e não sobrá ninguém para manter a honra dos Acoma perante os olhares divinos.

Ela não acrescentou, como poderia ter feito, que tudo o que fizera por si própria teria sido em vão.

Seu consorte se endireitou apoiado nas almofadas, puxou-a para que se encostasse nele e penteou seu cabelo escuro.

– Senhora, pensarei sobre o que disse.

Mara se contorceu, libertando-se das carícias. Bela, determinada e zangada, sentou-se muito rígida e enfrentou-o:

– Não deve pensar. Deve decidir. Liberte Justin dos votos, pois os

Acoma não podem passar mais um dia sem um herdeiro.

Ela estava nos limites da histeria. Hokanu viu algo mais do que isso; percebeu outra preocupação, algo que ela não dissera mas que ele deixara escapar no meio daquele turbilhão.

– Você se sente encurralada porque Arakasi já está envolvido há muito tempo na tarefa que lhe atribuiu – disse ele, inspirado.

A tempestade de Mara pareceu abrandar.

– Sim. Talvez tenha exigido demais dele, ou dado início a uma missão mais perigosa do que me pareceu quando o mandei infiltrar-se nos assuntos da Assembleia. – Mara, num momento raro, deixou-se tomar pela dúvida. – Estava de cabeça quente e furiosa – admitiu. – Na verdade, as coisas se revelaram mais calmas do que eu temia de início. Lidamos com a ascensão da ofensiva tradicionalista sem as dificuldades que eu havia previsto.

Hokanu escutou, mas não se deixou iludir com a possibilidade de ela considerar o assunto resolvido. Mais do que qualquer outra coisa, os períodos de calma e as complicações menores surgidas nas transações comerciais eram prenúncios de algo mais profundo. Os Senhores tsurani eram ardilosos; a própria cultura de milhares de anos aplaudira qualquer Governante que se mostrasse sutil, que conseguisse traçar conspirações rebuscadas de longo alcance para anos mais tarde obter uma brilhante vitória. O mais provável era que o Senhor Jiro estivesse ganhando tempo, reunindo condições para atacar. Ele não era um Minwanabi, determinado a resolver os problemas no campo de batalha. O decreto da Assembleia, na realidade, lhe concedera tempo ilimitado e permissão para conspirar contra os Acoma através da intriga, como tanto apreciava.

Nem Mara nem Hokanu optaram por insistir naquele ponto, temido por ambos. Entre os dois estendeu-se um intervalo de tranquilidade, preenchido pelos sons da propriedade que despertava. A luz que penetrava pelo biombo mudou de cinza para rosa-dourado e o som das aves canoras se infiltrou entre os chamados dos oficiais

que supervisionavam a mudança da guarda – guerreiros que antes da morte de Ayaki não efetuavam patrulhas tão perto da propriedade.

Também ficou por dizer que os Anasati poderiam, na realidade, ter sido o alvo da prova falsa levada pela seita. Jiro e os tradicionalistas da velha guarda desejavam a morte de Mara, o que tornava lógica a inimizade dele. No entanto, poderia haver uma terceira facção operando dissimuladamente para criar uma cisão na aliança entre os Acoma e os Anasati que fora selada com o nascimento de Ayaki.

O atentado fora dirigido a Mara; se tivesse morrido, como ditara o plano, o filho teria ascendido ao poder. Hokanu, na vulnerável posição de regente, teria ficado incumbido de gerenciar um confronto entre os Acoma, numa tentativa de manter a independência como teria desejado sua Senhora, e os Anasati, que procurariam anexar a casa com base nos laços de sangue que mantinham com o garoto. Mas, se o contrato com a seita que resultara na morte de Ayaki não tivesse o dedo de Jiro, tudo poderia estar sendo orquestrado pelas mãos de uma terceira facção, talvez o mesmo Senhor cuja rede furara a segurança de Arakasi.

– Penso – disse Hokanu com uma firmeza dócil – que não deveríamos resolver este assunto até termos novidades de Arakasi. Se ele fez progressos na tentativa de se infiltrar na Assembleia dos Grandes, sua rede nos informará. Por ora, a ausência de notícias é a melhor das notícias.

Com um ar pálido e tenso, e sentindo-se igualmente arrepiada, Mara concordou com um aceno de cabeça. De qualquer forma, os incômodos causados pela gravidez nessa fase inicial iriam tornar difíceis suas conversas. Permaneceu ali, frouxa nos braços do marido, enquanto ele estalava os dedos e chamava as criadas. Devido a sua devoção incomum, ele ficou ao lado dela durante as primeiras horas de indisposição. Quando ela protestou alegando que

ele deveria ter coisas melhores para fazer, Hokanu limitou-se a sorrir.

O relógio bateu as horas. Mara afastou o cabelo úmido da testa e suspirou. Fechou os olhos por um momento, aliviando a constante tensão ao ter de avaliar com precisão os relatórios comerciais dos agentes de Sulan-Qu. No entanto, sua pausa para descanso durou poucos segundos. Uma criada entrou com uma bandeja. Mara sobressaltou-se levemente com a intrusão e depois se resignou à interrupção quando a criada começou a servir um almoço leve na pequena mesa de colo ao lado de outra mesa bagunçada com trabalho por terminar.

Quando o olhar da Senhora se voltou para ela, a criada se curvou, tocando o chão com a testa numa reverência muito próxima à de um escravo. Como Mara suspeitara, a garota usava um uniforme adornado em azul, a cor dos Shinzawai.

– Minha Senhora, meu Senhor ordenou que eu lhe trouxesse o almoço. Diz que está magra demais e que o bebê não terá como crescer se não comer.

Mara colocou a mão sobre sua volumosa barriga. O garotinho que lhe fora prometido por suas parteiras aparentemente se desenvolvia. Se ela mostrava um aspecto doentio, a impaciência e os nervos, e não a dieta, eram a causa mais provável. A gravidez a desgastava; estava ansiosa para que chegasse ao fim para ver resolvida a questão de seu herdeiro. Ela não percebera quanto se apoiava no companheirismo de Hokanu até a tensão se apoderar dela por completo. Seu desejo de nomear Justin herdeiro dos Acoma custara bem caro, por isso ansiava pelo nascimento da criança para que a discussão com Hokanu pudesse por fim ser esquecida por ambos. Mas os meses até a data prevista para o nascimento pareciam se alongar infinitamente.

Envolta em pensamentos, Mara olhou pela janela para as vinhas floridas de akasi e para os escravos atarefados, podando-as perto de

uma trilha. O perfume intenso lhe recordou outro gabinete, em sua velha propriedade, e um dia no passado em que um escravo bárbaro ruivo abalara seu conceito de cultura tsurani. Agora Hokanu era o único homem no Império que parecia compartilhar seus sonhos e ideais progressistas. Nos últimos tempos se revelara difícil falar com ele sem que viesse à tona a questão da linhagem.

A criada saiu discretamente. Mara observou, pouco entusiasmada, a bandeja com frutas, pão e queijos. Ainda assim, obrigou-se a encher um prato e comer, por mais que em sua boca a comida parecesse sem sabor. A experiência lhe ensinara que Hokanu viria verificar se comera, e não estava com vontade de enfrentar a ternura suplicante de seu olhar caso seguisse a própria vontade e não tocasse na refeição.

O relatório que ocupava sua atenção era bem mais grave do que parecera à primeira vista. Um armazém ao lado do rio pegara fogo, causando danos nas peles excedentes do mercado da primavera. Os preços não tinham subido como habitualmente naquela estação e, em vez de vender o couro com tão reduzida margem de lucro, Jican o consignara para ser entregue mais tarde aos fabricantes de sandálias. Mara franziu o cenho. Pousou o prato praticamente intocado, como de hábito. Embora não fosse segredo que, dentre todas as casas do Império, a dela era a única que fornecia sandálias a seus escravos, fossem carregadores ou aqueles que trabalhavam no campo, até agora o assunto apenas fora alvo de mexericos.

Os Senhores da velha linha tradicionalista riram aberta e demoradamente e declararam que eram os escravos que mandavam no pessoal doméstico; um sacerdote veterano particularmente exaltado do Templo de Chochocan, o Bom Deus, lhe enviara uma missiva cáustica alertando-a de que tratar escravos com bondade em exagero era uma ofensa à vontade divina. Se facilitasse a vida deles, avisara o sacerdote, não seriam suficientemente penitentes para pagar a pena por caírem no desagrado dos céus. Poderiam ser

devolvidos à Roda da Vida como roedores ou qualquer outro animal inferior, para compensar a falta de sofrimento na vida atual. Salvar os pés dos escravos de cortes e feridas era certamente prejudicial a seus espíritos eternos.

Mara respondera ao sacerdote descontente com uma carta cheia de banalidades apaziguadoras e continuou a fornecer sandálias. Mas o relatório que lia no momento trazia a assinatura do agente e o selo dos inventários semanais e era algo de outra dimensão. Pela primeira vez uma facção inimiga procurara explorar sua bondade para prejudicar a Casa dos Acoma. Depois daquele incêndio, um rápido e indetectável rumor certamente correria pelos aposentos dos escravos de que fora ela, dissimuladamente, quem orquestrara o acidente como desculpa para poupar os custos de mais sandálias. Como a posse de calçados proporcionava, além de conforto, um status considerável aos escravos a serviço dos Acoma aos olhos de seus iguais de outras casas, o privilégio era fortemente cobiçado.

Embora nenhum escravo tsurani alguma vez pensasse em se revoltar, pois a desobediência ia contra a vontade dos deuses, por outro lado, só a ideia de que o lote anual de sandálias pudesse ser cancelado iria causar um ressentimento que não seria demonstrado, mas que resultaria em desleixo nos trabalhos no campo, ou nas demais tarefas, que, de algum modo, seriam mal desempenhadas. O impacto na riqueza dos Acoma seria sutil, mas tangível.

A sabotagem de que o armazém fora alvo poderia se tornar um stratagema traiçoeiramente astucioso, pois, com a falta de couro, Mara talvez viesse a atrair a atenção de mais gente, e não apenas de um velho fanático do templo pronto a escrever-lhe uma carta de protesto. Tudo isso poderia ser encarado como uma prova de sua vulnerabilidade; com isso, templos que no passado haviam se mostrado amáveis de repente se tornariam "neutros", beirando a hostilidade. Seria difícil, então, suportar afrontas religiosas, num momento em que os inimigos do Império e dela se aliavam para

derrotá-la.

A bandeja com o almoço permaneceu esquecida enquanto ela pegava uma folha em branco e uma pena e escrevia uma autorização para que o agente de Sulan-Qu adquirisse novas peles destinadas a ser levadas aos fabricantes de sandálias. Depois, mandou seu mensageiro chamar Jican, que por sua vez ordenou que tentasse conter os rumores entre criados e capatazes para que a questão do calçado dos escravos não se tornasse um problema.

Quando o assunto foi resolvido, as frutas já haviam se tornado uma papa e os queijos tinham ficado meio derretidos no prato, devido ao ar úmido da tarde. Absorvida pelo relatório que se seguiu na pilha, agora relacionado com uma transação comercial concebida para prejudicar os Anasati, Mara ouviu passos ao lado do biombo.

– Pode levar a bandeja do almoço – murmurou sem olhar para cima.

Partindo do princípio de que a criada levaria os restos da refeição com a habitual presteza silenciosa, manteve a atenção no documento que tinha nas mãos. Mas, por mais caravanas que fossem assaltadas, por mais campos de hwaet que fossem incendiados, por mais pilhas de tecidos que fossem desviadas a caminho dos mercados ou mais barcos que fossem enviados para os portos errados, Mara não sentia grande satisfação. Sua angústia não diminuía. Agarrou os pergaminhos com mais força, procurando nas linhas escritas uma forma de fazer com que seu inimigo sentisse seu ódio onde mais lhe doesse. Sentiu um par de mãos tocando seus ombros, tirando o relatório de suas mãos e massageando suavemente seu pescoço, que ficara dolorido devido à imobilidade.

– Os cozinheiros vão pedir para se suicidar quando virem que você deu tão pouca atenção à bandeja com o almoço, minha esposa – disse Hokanu ao pé de seu ouvido.

A advertência foi seguida por um beijo no topo da cabeça e Hokanu aguardou enquanto Mara enrubescia de vergonha por tê-lo

confundido com uma criada.

Ela olhou com pesar para a refeição deixada pela metade.

– Perdoe. Fiquei tão concentrada que me esqueci.

Com um suspiro, retribuiu o abraço do marido e beijou-o.

– O que está acontecendo agora? Mais bolor nos sacos de thyza?

– perguntou ele com um brilho nos olhos.

Mara coçou a testa dolorida.

– Não. As peles dos fabricantes de sandálias. Vamos comprar outras para substituí-las.

Hokanu, um dos poucos homens do Império que não teriam defendido que sandálias para escravos eram um desperdício de fundos, assentiu com a cabeça. Consciente da sorte que tinha por ter um marido como ele, Mara deixou-se envolver de novo no abraço e heroicamente estendeu a mão para a bandeja. O marido agarrou seu pulso com uma firmeza que não deixava espaço para discussões.

– A refeição está estragada. Vou pedir aos criados que tragam uma bandeja nova e ficarei aqui para comer com você. Ultimamente não temos passado muito tempo juntos.

Hokanu contornou a almofada dela, com sua graciosidade de espadachim conferindo uma beleza a seus movimentos que Mara sabia serem letais. Ele usava uma túnica de seda larga, presa por um cinto de conchas com uma fivela incrustada com lápis-lazúli. Tinha o cabelo úmido, o que significava que acabara de sair do banho que habitualmente tomava depois de ter trabalhado com seus oficiais.

– Você pode não estar com fome, mas eu seria capaz de comer um harulth. Lujan e Kemutali decidiram verificar se a paternidade estava me deixando mole.

Mara esboçou um leve sorriso.

– Os dois estão colocando as feridas de molho? – perguntou, confiante.

A resposta de Hokanu foi pesarosa:

– Eu também estava, até uns minutos atrás.

– Então você ficou mole? – insistiu Mara.

– Não, por todos os deuses. – Hokanu riu. – Nesta casa nunca.

Justin me emboscou por duas vezes a caminho do banho e outra vez quando saí. – Depois, sem vontade de lidar com o assunto do filho que se tornara o pomo da discórdia entre eles, apressou-se a perguntar o que causava um vinco tão profundo entre os olhos dela.

– A não ser que você esteja fazendo uma cara ameaçadora para também testar minha moleza – concluiu.

Mara se surpreendeu e desatou a rir.

– Não. Eu sei como seu sono é leve, meu querido. Saberá que você está amolecendo na noite em que deixasse de atirar as almofadas e a roupa da cama longe ao mais ínfimo ruído estranho.

Contente com aquele breve momento feliz com ela, Hokanu bateu palmas chamando um criado para levar a bandeja com o almoço estragado e ir à cozinha buscar outro fresco. Assim que terminou de tratar da questão, o que levou apenas um breve momento, fitou de novo Mara e, pelo olhar vago dela, percebeu que já estava outra vez perdida em pensamentos. As mãos dela, apoiadas no colo, ficaram tensas, com os dedos entrelaçados como habitualmente acontecia quando começava a pensar na tarefa que dera a seu Mestre dos Espiões. O palpite dele se confirmou quando ela falou:

– Estou aqui pensando até onde foi Arakasi em sua tentativa de se infiltrar na Cidade dos Magos.

– Não discutiremos o assunto enquanto você não se alimentar – disse Hokanu num tom jocoso de ameaça. – Se continuar passando fome, nada mais restará em você além de uma enorme barriga.

– Recheada com seu filho e futuro herdeiro! – replicou Mara, também em tom de brincadeira, mas sem deixar de ser ácida ao tocar na sensível questão.

Hokanu ignorou a alusão de modo a mantê-la suficientemente animada para apreciar as frutas, os pães e carnes leves que mandara buscar. Pensando melhor, a tentativa de Arakasi de se infiltrar na Assembleia de Magos provavelmente era uma opção mais segura de conversa.

Naquele momento, Arakasi estava sentado numa barulhenta taverna de estrada ao norte da província de Neshka. Vestia a túnica com riscas típica de um guardador de gado, com o autêntico cheiro de needra. Seu olho direito parecia estrábico; o esquerdo estava semicerrado para compensar, e também para disfarçar a tendência que tinha a lacrimejar com o sabor ardente das bebidas alcoólicas fermentadas pelos thun a partir de tubérculos que cresciam na tundra. Arakasi molhou uma vez mais a língua na abjeta bebida e passou a garrafa ao mestre de caravana que, ao longo das últimas horas, tentava embebedar.

O mestre de caravana, muito resistente ao álcool, era um homem calvo, muito musculoso, com uma gargalhada poderosa e uma lamentável inclinação para dar palmadas nas costas dos companheiros; aquela provavelmente era a razão para os bancos de ambos os lados permanecerem desocupados, pensou Arakasi. Já tinha hematomas no peito por ser projetado contra a mesa a cada pancada violenta do homem. Poderia ter escolhido um alvo melhor para extrair informações, percebeu retrospectivamente. Mas os outros chefes de caravana tendiam a se reunir com seu pessoal e ele precisava de um que se mantivesse isolado. Insinuar-se entre um grupo muito cerrado e espiar um homem longe de seus companheiros era tarefa que levava muito tempo. Ele tinha a paciência para isso; muitas vezes esperara meses até conquistar a confiança de determinados indivíduos para obter as informações para Mara. Mas ali, numa erma taverna do Norte, um homem com muitas amizades na região seria capaz de se lembrar de um estranho que perguntara coisas que um carroceiro local saberia.

– Argh – berrou o enorme mestre de caravana, sem dúvida alto demais para o gosto de Arakasi. – Não sei por que alguém iria querer beber este mijo. – O homem avaliou a garrafa com uma mão que parecia um presunto e, desconfiado, olhou de soslaio para o conteúdo. – Tem um gosto tão ruim que até deve cortar a língua – declarou e concluiu com mais uma enorme golada.

Arakasi percebeu a chegada de mais uma palmada de camaradagem e quase não teve tempo de colar as palmas das mãos no tampo de madeira da mesa. O golpe o atingiu entre os ombros e a armação da mesa balançou, sacudindo os utensílios baratos de barro.

– Ei! – gritou o dono da estalagem de trás do balcão. – Nada de barulho aqui dentro!

O mestre de caravana arrotou.

– Que estúpido – confidenciou num sussurro carregado de álcool. – Se fôssemos do tipo que quebra tudo, lançaríamos as mesas contra as paredes e colocaríamos abaixo esse teto fedorento. Não se perderia grande coisa. Seja como for, está cheio de bichos nas vigas e de insetos nas camas do sótão.

Arakasi observou a peça de madeira grossa que constituía o suporte da construção e reconheceu que poderia servir de aríete.

– Suficientemente pesada para rachar os portões da Cidade dos Magos – murmurou, num tom sugestivo.

– Ah! – O homem entroncado bateu com a garrafa com tanta força que as tábuas rangeram. – Só um louco tentaria isso. Você ouviu falar do garoto que se escondeu numa carroça no mês passado? Bem, vou contar. Os criados desses magos procuraram no meio das mercadorias e não encontraram o moleque. Mas quando a carroça rolou sob as arcadas dos portões na ponte de acesso à ilha, bem, desceu então um raio de luz que fritou a cobertura de lã onde o garoto estava escondido.

O mestre de caravana riu e bateu na mesa, fazendo saltar a

louça, então prosseguiu:.

– Pelos sete infernos! Vou contar. Os criados dos magos começaram todos a correr e a gritar em alerta, anunciando morte e destruição. Quando nos demos conta, o garoto estava gritando tão alto que dava pra ouvir em Dustari, e depois desatou a correr pela rua abaixo em direção à floresta como se sua bunda estivesse queimando. Só o descobriram mais tarde, escondido no barracão de um carvoeiro. Sem uma única marca, veja só, mas passaram-se dias até que parasse de chorar. – Parou, levou um dedo à têmpora e piscou o olho com um ar cúmplice. – Mexeram com a cabeça dele, entende? Achou que ia ser devorado por demônios do fogo ou alguma coisa do tipo.

Arakasi digeriu aquela informação enquanto o mestre de caravana voltava a beber da garrafa. O homem limpou os lábios com sua mão peluda e olhou com atenção para o Mestre dos Espiões de Mara. Baixou a voz para um tom ameaçador:

– Nem se atreva a brincar com a possibilidade de tentar atravessar os portões da Cidade dos Magos. Incomode a Assembleia e todos nós perdemos o trabalho. Não gostaria de chegar ao fim de meus dias como escravo, de modo nenhum.

– Mas o garoto que, por travessura, tentou se infiltrar não perdeu a liberdade – ressaltou Arakasi.

– É como se tivesse – disse sombriamente o mestre de caravana. Então deu mais uma golada. – É como se tivesse. Não consegue dormir devido aos pesadelos e passa os dias andando por aí como se já estivesse morto... Ficou maluquinho da cabeça. – Baixando a voz, receoso, acrescentou: – Ouvi dizer que eles têm formas de saber o que se passa na cabeça daqueles que tentam entrar na ilha. Por ter sido uma travessura de garoto, permitiram que vivesse. Mas ouvi histórias de que se você quiser o mal deles... – estendeu a mão e virou o polegar para baixo –... acaba no fundo daquele lago.

E prosseguiu, agora sussurrando:

– O fundo do lago está cheio de corpos. Lá embaixo é frio demais para incharem e subirem. Os mortos ficam lá. – Fez um aceno de cabeça para reforçar sua declaração e terminou num tom normal: – Os magos não gostam que se metam com eles, isso é inegável.

– Brindemos para que assim continuem.

Arakasi puxou de novo a garrafa para si e bebeu num pouco usual acesso de irritação. A missão que lhe fora incumbida por Mara era praticamente impossível. As caravanas não passavam do portão de acesso à ponte. Ali, os cocheiros entregavam as rédeas aos criados do interior da cidade e cada carregamento era minuciosamente revistado antes de os produtos seguirem em frente. A ponte não atravessava todo o lago; terminava num cais na água onde os mantimentos destinados ao interior eram transferidos para barcos e mais uma vez inspecionados. Depois, homens com varas impulsionavam as embarcações carregadas até a Cidade dos Magos.

Já era o terceiro homem a relatar o destino dos intrusos: ninguém se infiltrava na Cidade dos Magos. Quem tentava era levado por artes mágicas para uma sepultura debaixo d'água ou enlouquecia.

Confrontado com uma conclusão sombria, Arakasi sorveu da garrafa para se fortificar. Em seguida, entregou o que restava da bebida ao mestre de caravana peludo e esgueirou-se discretamente para ir ao banheiro.

Na obscuridade fedorenta do banheiro da estalagem, Arakasi observou as paredes grosseiras de madeira onde membros de caravanas de passagem haviam rabiscado ou gravado um variado conjunto de iniciais, comentários irônicos sobre a qualidade da cerveja da estalagem e os nomes das senhoras preferidas do bordel Boa Vida, deixadas para trás ao sul. Entre eles, estava a marca que procurava, feita com giz branco: uma simples figura em pé. Ao lado dos joelhos do desenho havia o que aparentava ser uma linha

perdida, como se a mão do artista tivesse falhado um risco com a prensa. Mas, ao ver aquilo, Arakasi cerrou os olhos cansados e suspirou de alívio.

Seu agente, que calhava ser o moço de recados de um carvoeiro, estivera ali e as notícias eram boas. A operação do armazém onde quase fora apanhado por inimigos permanecera fora da rede de mensagens durante dois anos e meio e, por fim, o tintureiro do outro lado da rua promovera seu aprendiz mais velho. O filho do comerciante que iria ficar com o lugar seria um agente dos Acoma. Arakasi poderia finalmente começar a reconstruir sua rede. O armazém estivera operando unicamente como um negócio desde o desastre de sua quase captura. O proprietário aceitara ser rebaixado de espião a agente comercial com uma expressão pétrea de resignação. Tanto ele quanto Arakasi estavam ansiosos por começar a distribuir trabalhadores e estivadores, mas isso não poderia ser feito às pressas; os homens tinham valor, alguns deles seriam úteis como agentes em postos longínquos melhores, mas de nada serviria se a casa comercial permanecesse sob observação do inimigo. E, a julgar pela suavidade de funcionamento da rede que quase o apanhara, Arakasi não se atrevera a assumir o contrário. Lenta e meticulosamente, deveria abordar o problema a partir de outro ângulo.

De repente consciente de que não deveria demorar no banheiro, tratou de fazer o que era esperado e saiu pela porta rangente de madeira. Ocorreu-lhe, numa intuição pouco agradável, que o lugar vago na tinturaria poderia, afinal, não ser uma coisa assim tão casual. Se ele fosse o tal inimigo sagaz, não iria tentar colocar seu próprio agente em tal posto? Que melhor forma de vigiar o armazém, afinal de contas, já que vagabundos e pedintes nas esquinas davam bem mais na vista do que plantas?

Arrepiado por aquela certeza incômoda, pois estava ciente de que seu inimigo era tão inteligente quanto ele, Arakasi praguejou e

retornou. Resmungando como se tivesse se esquecido de algo, ultrapassou o ajudante de guardador de gado que atravessava o pátio rumo ao banheiro e entrou rapidamente pela porta.

– Aqui está, os deuses sejam louvados – resmungou, como se esquecer bens importantes em banheiros públicos fedorentos fosse algo que acontecesse todos os dias. Com uma das mãos, torceu um botão de madrepérola do punho, com a outra apagou a cabeça do desenho a giz e com a unha riscou um sinal obscuro ao lado.

Saiu com pressa e, confrontado com a fúria do rapaz de quem tomara a dianteira, deu de ombros. Mostrou o botão, pedindo desculpas.

– Um amuleto da minha amada. Ela me mataria se eu o perdesse.

O ajudante de guardador de gado fez uma careta, compreensivo, e dirigiu-se apressado ao banheiro; pelo aspecto dele, devia ter bebido mais cerveja da estalagem do que poderia aguentar. Arakasi esperou até que a porta se fechasse completamente para escapar para o bosque acima da estrada. Com alguma sorte, o rapaz do carvoeiro iria aparecer naquela semana. Veria o desenho a giz alterado e a obscenidade que significava que deveria ser abortada a colocação de um agente como aprendiz do tintureiro. Enquanto Arakasi avançava em silêncio por entre as agulhas dos pinheiros, sob um inesperado céu cinzento, pensou que poderia ser mais útil vigiar o rapaz que ficasse com o lugar de aprendiz; se fosse inocente de qualquer jogo duplo, não teria problema, e, se fosse um agente duplo, tal como indicava a intuição de Arakasi, poderia levá-lo até seu Senhor...

Mais tarde, Arakasi deitou-se de barriga para baixo sob arbustos gotejantes, tremendo devido ao frio pouco usual das latitudes mais ao norte. Uma chuva leve e um vento vindo do lago conspiraram para deixá-lo num estado miserável. No entanto,

passara ali muitas horas, em diferentes ocasiões. Daquele ponto com vista privilegiada na floresta, podia observar tanto o portão da ponte como o cais dos barcos onde os criados leais aos magos carregavam as mercadorias que chegavam e as transportavam para a cidade em barcas. Havia muito concluíra que tentar entrar escondido numa carroça de carga era um empreendimento fadado ao fracasso. A história contada pelo mestre de caravana servira apenas para confirmar suas suspeitas de que as mercadorias que chegavam também eram vigiadas por artes mágicas, em busca de intrusos.

O que procurava agora era uma forma de obter acesso furtivo à cidade, evitando o arco aparentemente tão exposto sobre o acesso à ponte. A ilha ficava muito longe para poder nadar até lá. Do ponto onde Arakasi estava escondido, os edifícios pareciam todos unidos numa massa de torres pontiagudas, uma das quais suficientemente alta para perfurar as nuvens. Com óculos de navegação que comprara num estabelecimento na costa, era capaz de distinguir casas com paredes altas e em espiral, com passagens em arco unindo-as nas alturas. A margem do lago estava cheia de edifícios com fachadas de pedra, janelas de formas bizarras e entradas em arco estranhas. Não havia muralhas e, pelo que podia ver, também não estavam presentes sentinelas. Isso não significava que não houvesse defesas arcanas, mas sem dúvida a única forma de um intruso chegar à cidade era por meio de uma travessia noturna de barco, para então escalar o muro de um jardim ou procurar algum vão para atravessar.

Arakasi suspirou. Era trabalho para um ladrão e precisava de um barco atracado num ponto onde não houvesse casas nem pescadores. Isso implicava furtar um barco guardado numa carroça, tarefa nada fácil considerando que as caravanas estavam repletas de homens que se conheciam muito bem. Além disso, seria necessário um homem hábil em agir sornateiramente, algo que não se encontrava em negócios honestos. Nenhum dos problemas tornava a solução fácil. Mara teria de esperar muito para receber informações

que, com toda a honestidade, poderiam se revelar impossíveis de obter.

Sempre prático, Arakasi se levantou de sua cova úmida e dirigiu-se à floresta. Esfregou o pescoço para eliminar o torcicolo, sacudiu a umidade da roupa e voltou à hospedaria da estrada. Ao caminhar, refletiu profundamente, um hábito que quase sempre resultava em intuições precisas. Não pensou de pronto no assunto que mais o frustrava, dedicando-se antes a outro problema, um que de início não parecera significativo, mas que estava se tornando um incômodo cada vez maior.

Por mais que se esforçasse, não parecia ter sucesso na colocação de novos agentes entre o pessoal doméstico dos Anasati. Apenas um deles se mantinha ativo, e já era idoso, um velho confidente do pai de Jiro de quem o jovem Senhor não gostava. O criado fora relegado a uma posição de reduzida importância e as notícias que lhe chegavam aos ouvidos eram pouco mais úteis do que os mexericos de rua. Pela primeira vez, Arakasi se perguntou se suas tentativas fracassadas de substituir tal agente poderiam ser algo mais do que uma coincidência.

Sem dúvida tinham parecido inócuas, com cada uma das sete tentativas frustrada pelo que parecera pouca sorte ou um mau senso de oportunidade, um acesso de fúria de Jiro, um agente comercial pouco disposto a pagar um favor a um velho amigo e, mais recentemente, uma dor de estômago que impedira um criado de confiança de fazer uma recomendação para a contratação de um novato.

Arakasi se imobilizou, indiferente à chuva que começara a cair com mais intensidade. Não sentiu o frio nem a umidade que escorria em gotas pela gola, mas estremeceu de inspiração. Fora um tolo por não suspeitar mais cedo. O acaso poderia não estar por trás de uma série de eventos aparentemente sem ligação. E se, desde o início, suas tentativas de infiltrar sua rede no pessoal doméstico dos

Anasati tivessem sido frustradas por uma mente mais inteligente do que a sua?

Arrepiado até os ossos, Arakasi retomou a marcha. Sempre admirara o Conselheiro-Mor do inimigo, Chumaka, cujo faro para a política beneficiara os Anasati desde os tempos do pai de Jiro. Agora, Arakasi se interrogava se seria a inteligência de Chumaka que o estaria cerceando, no papel de antagonista invisível.

A ideia se desenvolveu inexoravelmente: seria possível que por trás da encenação no armazém de seda estivessem os Anasati? A elegância de tal possibilidade cativou a atenção do Mestre dos Espiões de Mara. Um inimigo genial fazia mais sentido do que dois inimigos igualmente brilhantes e sem qualquer relação.

Profundamente perturbado, Arakasi apressou o passo. Tinha de se aquecer, se secar e encontrar um local confortável onde pudesse raciocinar sem ser perturbado. Pois cada empreendimento frustrado demonstrava que tinha pela frente um rival capaz de se igualar a seus melhores esforços. Era angustiante pensar que poderia existir uma ligação entre um homem daqueles e o maior inimigo de Mara, ainda mais diante da possibilidade de esse rival poder ser superior a ele mesmo.

Colocar um espião na Cidade dos Magos era uma missão impossível e sua importância se tornou quase insignificante diante da ameaça imposta sobre a rede de espiões de Mara pelo conselheiro de Jiro. Arakasi não tinha ilusões. O conhecimento que ele tinha do Jogo do Conselho era incisivo e pertinente. Estava em jogo mais do que uma rixa entre famílias poderosas. Mara era uma figura proeminente da corte do Imperador e sua queda faria estourar uma guerra civil.

Estratagema

Chumaka franziu o cenho.

Com uma irritação crescente, vasculhou os relatórios enfiados entre os maços de anotações que preparara para a sessão seguinte da corte de seu Senhor. As notícias não eram nada boas. Ergueu a mão e roeu uma unha, a frustração enfurecendo-o. Estivera tão próximo de localizar o Mestre dos Espiões por trás da rede original dos Tuscai! Era previsível que a rede em Ontoset seria desmantelada em consequência da perseguição desastrada no armazém de seda. Mas o que não fazia o mínimo sentido era que, após praticamente três anos, o braço de Jamar, aparentemente sem quaisquer ligações, ainda permanecesse adormecido.

As casas que se davam o trabalho de criar e custear redes de espionagem tendiam a ficar dependentes delas. Era simplesmente inconcebível que qualquer Senhor acostumado a se manter informado por meios secretos pudesse, de repente, devido à descoberta de um mensageiro, abdicar da vantagem que tanto lhe custara obter. A Senhora Mara, mais do que qualquer outro, era corajosa ou cautelosa, conforme as circunstâncias, mas nunca despropositadamente medrosa. A morte do filho não poderia ter alterado tão radicalmente sua natureza. Era esperado que recorresse a todos os meios ao seu dispor, sem nunca ser detida por um contratempo menor.

Chumaka se retraiu levemente ao rasgar a carne tenra com o

triturar inquietante dos dentes. Deixou cair a unha ensanguentada na túnica e, preocupado e perturbado, organizou os papéis. A situação o incomodava. A cada dia que passava, Jiro estava mais perto de exigir respostas imediatas. O Conselheiro-Mor da casa dos Anasati relutava em admitir que estava ficando desesperado. Não lhe restava alternativa além de considerar o inimaginável: que dessa vez poderia estar diante de um oponente superior.

Doeu a Chumaka pensar que poderia haver no Império uma mente mais afiada do que a sua. Contudo, tal possibilidade não poderia ser deixada de lado. Em seu íntimo sabia que a rede não fora desmanchada; estava apenas adormecida ou direcionada para um quadrante inesperado. Mas para onde? E por quê? Não saber isso custava noites de sono a Chumaka. Olheiras e bolsas sob os olhos davam a seu rosto já anguloso um aspecto abatido.

O arranhar na madeira encerada despertou-o de seus devaneios perturbados. Os criados já estavam afastando os biombos do grande salão para preparar a reunião pública de Jiro. Omelo colocara a guarda de honra do Senhor em posição ao lado do dossel e o hadonra supervisionava a distribuição dos agentes e dos secretários. Dentro de poucos minutos iriam chegar os aliados ou as casas que pretendessem ter uma audiência com o Senhor dos Anasati, sendo acompanhados a seus lugares segundo a hierarquia. O Senhor Jiro seria o último a entrar, para ouvir os peticionários, estabelecer conversas sociais e, por vezes, fazer novos negócios.

Chumaka enrolou os papéis que tinha na mão e enfiou-os em sua pasta. Resmungando, dirigiu-se num passo imponente ao estrado sob o dossel para se assegurar de que suas almofadas preferidas estavam do jeito que gostava. A lista de convidados de Jiro era extensa e a audiência poderia durar até a noite. Sendo um homem magro e comprido, Chumaka gostava de ter bastante estofamento sob o traseiro nas sessões demoradas. Encarava dores físicas como uma distração do raciocínio e, com aquele Mestre dos Espiões tão

empenhado em escapar, não poderia se dar o luxo de perder qualquer detalhe.

O salão grande encheu-se aos poucos. Criados entravam e saíam com pressa para buscar bebidas e comidas variadas e orientavam a disposição dos escravos que manejavam os leques. O dia lá fora estava quente e Jiro tinha o costume cortês de assegurar que seus convidados se sentissem frescos e confortáveis. Tratava-os bem para que fossem mais pacientes, e eles, crendo que os mimava para obter suas graças, sentiam os egos inflarem tanto que muitas vezes concordavam com concessões mais generosas do que pretendiam.

O Senhor Jiro entrou discretamente e o escriba anunciou seu nome. Apenas dois guerreiros marchavam a seu lado, meio passo atrás do Senhor, que optara por roupas de corte simples, confeccionadas com a melhor das sedas. Exibia um porte altivo e vestes ricas, mas nada exageradas, e isso poderia ser encarado como firmeza e masculinidade, ou como inocência infantil, conforme lhe fosse mais vantajoso. Chumaka observou o efeito ambivalente e afagou o queixo, pensativo. Se Jiro não tivesse sido escolhido pelos deuses para usar o manto dos Anasati, poderia ter sido um magnífico agente. Mas esse pensamento inútil logo foi interrompido quando o jovem Senhor subiu ao estrado. Seus guerreiros o flanquearam quando assumiu seu lugar nas almofadas e fez o anúncio formal:

– Que seja dado início à sessão.

Então, enquanto o mordomo circulava entre os convidados para anunciar o primeiro da lista, Jiro se inclinou para confidenciar em voz baixa a Chumaka:

– No que devo prestar atenção hoje, meu Conselheiro-Mor?

Chumaka tocou o queixo com um nó de dedo.

– Para tentar comprometer o apoio dos Xacatecas à Senhora Mara, necessitaremos de aliados. Indo direto ao assunto, necessitamos de suas riquezas. Tenha em conta a oferta do Senhor

dos Matawa de embarcar nossos cereais para o Sul em troca de determinadas concessões. – Retirou a anotação adequada do meio dos muitos maços que enchiam sua pasta e vasculhou apressadamente as linhas. – O Senhor deseja um bom marido para sua filha. Talvez sirva aquele sobrinho bastardo de seu primo? É jovem e tem sua graça. O casamento com uma casa nobre servirá para dar nova direção a suas ambições e, em última instância, nos proporciona mais um aliado.

Chumaka baixou o tom de voz quando outros começaram a se aproximar do estrado sob o dossel:

– Corre o rumor de que o Senhor dos Matawa tem negócios com midkemianos da cidade de LaMut.

Jiro escutou aquilo olhando de esguelha.

– Rumor? Ou mexericos de um de seus espiões?

Chumaka pigarreou, mantendo o assunto deliberadamente ambíguo:

– Gostaria de lembrar a meu Senhor que muitos dos envolvidos com os consórcios do mercado de LaMut nasceram em Tsuranuanni, e isso pode nos proporcionar a mesma vantagem de que os Acoma gozam em suas concessões mercantis exclusivas. – Concluiu com um sussurro quase inaudível: – Mara previu bem as coisas quando obteve a licença comercial do Guardião do Selo Imperial. Agiu por instinto e pegou para ela os artigos que chegam de Midkemia pelo Portal. Mas, como agiu a partir de um palpite e de sorte, não conseguiu prever tudo. Há meia dúzia de artigos que podemos importar que nos trariam riqueza e, embora Mara possa ter sucesso travando as tentativas dos Anasati de comercializar bens de Midkemia, pouco pode fazer para evitar que os laMutianos vendam seus produtos através do Portal ao Senhor dos Matawa.

Jiro sorriu.

– Com que fervor o Senhor dos Matawa deseja uma licença exclusiva de transporte por barco? A filha dele é assim tão feia?

Chumaka mostrou um largo sorriso.

– A filha dele puxou à mãe, que parece um cão, um cão de péssimo aspecto, na verdade. Também há duas irmãs mais novas, ambas com os dentes tortos, mas só a mãe da mais velha pode ser concedida com o título. O pai precisa de um tesouro maior para suas filhas mais novas escaparem do destino de se tornarem consortes de mercadores de baixo nível. Isso significa que o Senhor dos Matawa anseia desesperadamente por essa concessão comercial.

Como um emissário da casa menor se aproximou do dossel e se curvou respeitosamente, Jiro pôs fim à sua conversa com Chumaka:

– Seu conselho me parece sensato. Tratarei de lutar pela felicidade do Senhor dos Matawa.

Voltou-se educadamente para a frente para escutar o primeiro dos petionários, mas uma agitação no fundo do salão fez metade das pessoas se voltar para lá. Um homem corado, com uma túnica púrpura, abriu caminho à força por entre os servos da porta. Eram escravos e, temendo o descontentamento de seu Senhor, lançaram-se de rosto para o chão devido à falta cometida. O homem que forçara a entrada não quis saber e atravessou o salão com pressa, ignorando o protesto chocado dos servos da Casa dos Anasati que o perseguiam implacavelmente. Passou pelas fileiras de convidados sentados de Jiro sem lhes dar atenção, como se estivesse sozinho no grande salão. Caminhando diretamente pela extensa passagem em direção ao dossel e fazendo com que os estandartes de guerra esvoaçassem nas vigas no ar agitado, derrapou quando se deteve diante de Jiro. Agitado demais para ter modos ou para cerimônias, gritou:

– Você tem alguma ideia do que ela fez?

O emissário que ele afastou pareceu inquieto; o próprio Jiro ficou incomodado, mas disfarçou com uma rápida olhada para Chumaka, que, com a boca coberta, murmurou o nome do homem num tom audível apenas a seu Senhor. Para controlar aquele confronto

surpreendente, o Senhor Jiro falou em seu tom mais amigável:

– Bem-vindo, Senhor Dawan. O Senhor parece... incomodado.

O homem de pescoço largo atirou a cabeça para a frente, parecendo um macho needra tentando derrubar uma cerca para chegar a uma fêmea na época do acasalamento. Quase cuspiendo, acenou com as mãos no ar.

– Incomodado? Senhor, eu estou arruinado!

Consciente dos murmúrios no salão enquanto Senhores e emissários eram obrigados a esperar durante aquela exagerada demonstração de desrespeito às boas maneiras, Jiro ergueu sua voz em tom apaziguador:

– Senhor Dawan, por favor, sente-se, senão sua perturbação lhe fará mal.

Reagindo a um sinal do Senhor, criados dos Anasati logo foram buscar bebidas frescas para o perturbado homem.

Sem se importar com o fato de parecer demonstrar certo favoritismo, o Senhor Jiro falou rapidamente, ciente de que deveria conter a insatisfação dos demais peticionários e logo avaliar se poderia obter uma vantagem improvisada graças à interrupção. Dawan dos Tuscoabar era um parceiro ocasional de negócios e um aliado incerto. A incapacidade de atraí-lo de fato para sua causa sempre se revelara uma irritação, mas não passava de um inconveniente menor. As ramificações de longo alcance daquele enredo secundário eram tudo menos insignificantes. A Casa dos Tuscoabar tinha influência sobre o Senhor dos Keda, cujo apoio em qualquer confronto com Mara proporcionaria uma sólida vantagem aos Anasati. Jiro calculou que a aliança seria fundamental no futuro, quando a conspiração tradicionalista para restaurar o Conselho Supremo por fim obtivesse sucesso.

Jiro falou por cima dos murmúrios de desagrado de seus peticionários:

– Que todos os que procuram a ajuda dos Anasati prestem

atenção: minha casa escuta com compaixão as dificuldades de seus amigos fiéis. Meu Senhor dos Tuscoabar, o que aconteceu?

O robusto Senhor deu um gole na taça de suco gelado de fruta que lhe fora oferecida pelo pessoal de Jiro. Bebeu de uma vez num esforço para se recompor.

– A minha frota inteira, que transportava todos os cereais de minha colheita deste ano, foi afundada!

Jiro arregalou os olhos de espanto.

– Afundada? Por quem?

– Algum feitiço maligno proferido por aquela bruxa – respondeu Dawan.

– Bruxa? – perguntou Jiro, erguendo as sobrancelhas.

Dawan deixou de lado o suco e pegou o vinho oferecido por um criado ali perto. Bebeu um grande gole e limpou a boca antes de se sentir suficientemente hidratado para se explicar.

– Mara dos Acoma. Quem mais poderia ser? Todos sabem que, como Serva do Império, desfruta de uma sorte ilimitada, e dos favores divinos. Arruinou-me indicando um destino falso ao mestre de minha frota, ordenando-lhe que levasse a colheita deste ano para Dustari, não para o mercado de cereais de Lepala! – O Senhor Dawan quase chorou de frustração. – Só isso já teria sido ruim o bastante. Eu teria sido muito prejudicado. Mas uma tempestade fora de época atingiu-os uma semana depois de terem partido de Jamar e todos os barcos afundaram! Estou arruinado! – Terminou suas lamentações ingerindo mais um heroico gole de vinho. – Juro por meus antepassados, Jiro, que nunca mais pouparei esforços para acabar com a influência demoníaca daquela mulher.

Jiro apoiou o queixo na mão e falou após profunda meditação:

– Agradeço-lhe por reconhecer os riscos inerentes aos desvios protagonizados pela Senhora dos Acoma em relação à tradição, mas, mesmo que você nada tivesse dito, eu ajudaria um velho amigo da família. – Virou-se de imediato para Chumaka. – Nosso hadonra

deve emitir uma carta de crédito em favor do Senhor dos Tuscoabar.
– Em seguida dirigiu-se a Dawan: – Leve emprestado à vontade aquilo de que precisa. Demore o tempo que for necessário para nos pagar, nos termos que achar justos.

Dawan endireitou-se, esquecendo o vinho ao olhar desconfiado para Jiro.

– Juros?

Como se ajudar os necessitados fosse uma preocupação cotidiana, Jiro acenou com a mão.

– Nada de juros! Não quero obter lucro às custas do azar de um amigo. – Depois, acrescentou em tom mais baixo: – Especialmente quando esse mal é infligido pelo meu inimigo.

Dawan se ergueu e fez uma reverência extravagante.

– Jiro, que todos os presentes sirvam de testemunhas! Você é um homem de uma nobreza e uma generosidade extraordinárias. Seus antepassados olham para baixo e ficam orgulhosos. – Voltou a se curvar, reconhecendo tardiamente a paciência dos outros que aguardavam pela atenção do Senhor dos Anasati. – E peço perdão por interromper esta respeitável reunião.

Jiro se levantou. Indicando que Chumaka deveria juntar-se a ele, escoltou pessoalmente o Senhor dos Tuscoabar até uma porta lateral, onde murmurou despedidas num tom de camaradagem:

– Que bobagem. Não há nada a perdoar. Agora, recolha-se para tomar um banho e se refrescar. Fique para o jantar. Aliás, se assim desejar, passe a noite aqui e volte amanhã para casa.

Escolheu um escravo para levar o lisonjeado e levemente embriagado Senhor dos Tuscoabar.

Assim que se preparou para voltar ao seu dossel, representando com perfeição o papel de Senhor magnânimo, Chumaka lhe murmurou:

– É estranho, não acha? Por que Mara desejaria fazer mal a alguém tão neutro como Dawan? Isso não faz o menor sentido.

Jiro, divertindo-se bastante, olhou de relance para seu Conselheiro-Mor.

– Mas não foi ela. Eu próprio forjei tudo. Enviei ordens falsas ao mestre das embarcações de Dawan.

Chumaka fez uma pequena reverência, rindo entre dentes. Baixinho, para que nenhum dos peticionários pudesse ouvi-lo, disse:

– Fico surpreso, meu Senhor. Está se tornando um jogador astuto, tanto no shah quanto no Jogo do Conselho. Como conseguiu jogar a culpa em Mara?

Jiro mostrou um ar presunçoso.

– Nosso hadonra espalhou rumores, seguindo ordens minhas. Dawan e os outros ficaram cientes dos insultos e das maldades que a Senhora nos fez ao longo dos últimos anos. Limitei-me a copiar os métodos dela e permitir que Dawan tirasse suas conclusões. – Voltou em um passo determinado ao dossel. – Ah – acrescentou –, e me assegurei de que Dawan ouviria algo a respeito dos cereais dos Acoma estarem sendo carregados nesta estação para os mercados de Lepala.

Chumaka corou, nitidamente satisfeito.

– Notável, meu Senhor. Inteligente o bastante para ser uma ideia que eu gostaria de ter tido primeiro.

Ao subirem no dossel, tanto o Senhor como o Conselheiro-Mor compartilharam o mesmo pensamento: ambos se sentiam pessoas de sorte por terem um ao outro, pois trabalhavam notavelmente bem juntos. Assim que o velho Conselho Supremo fosse restaurado e o segredo da rede de espiões da Mara desvendado, então a Senhora teria razões para se preocupar, pois nem a formidável sorte de uma Serva do Império iria poupar sua casa da destruição.

Frustrada, Mara andava de um lado para outro. Durante semanas a frieza entre ela e o marido os separara, como uma parede. A resistência de Hokanu a ceder ao seu desejo de ver Justin renunciar

a seus laços com os Shinzawai para se tornar herdeiro dos Acoma era compreensível. O afeto de Hokanu era profundo, como se o garoto fosse efetivamente dele. A morte de Ayaki o tornara mais protetor como pai e, ciente da perda, Mara sentia uma amargura que parecia nunca diminuir.

Estacou em meio aos passos agitados, com uma mão no biombo que dava para o seu jardim particular. Ah, como queria uma hora com a velha Nacoya e sua sabedoria, desejou em vão. Aquela que no passado fora sua ama, mãe adotiva e Conselheira-Mor sempre lhe oferecera, diante de qualquer contrariedade, uma perspectiva direta ao coração. Mesmo quando Mara recusara conselhos ou insistira em correr riscos inaceitáveis da perspectiva da anciã, Nacoya sempre parecera lúcida e sincera. Em questões do coração, a percepção dela era sem igual. Mara suspirou. Fora Nacoya que reparara no crescente afeto da Senhora pelo escravo Kevin muito antes de Mara admitir a si mesma a possibilidade de amar. Os conselhos da idosa faziam grande falta agora. Mara tentou invocar a voz de Nacoya, mas o espírito da amada mulher permaneceu bem distante.

Um pontapé dentro da barriga pôs fim àquela fantasia. Ela arquejou e com uma mão pressionou a barriga volumosa; enfrentou o desconforto com um sorriso nos lábios. Seu filho ainda por nascer tinha a força de um filhote de tigre bárbaro. Com certeza Hokanu pensaria de outro modo quando contemplasse seu primogênito. O orgulho paterno iria amaciá-lo, ele pararia com aquela teimosia e cederia à exigência de que Justin fosse nomeado herdeiro dos Acoma. A carne que era sangue de seu sangue iria fazê-lo compreender que esse era o desejo dos deuses, que aquele bebê que ambos haviam gerado era o herdeiro apropriado do título de Senhor dos Shinzawai.

Mara se encostou no biombo imaginando a felicidade daquele nascimento. Dera à luz dois filhos, um de um homem que odiara e

outro de um homem que amara. Ambos os pequeninos lhe proporcionaram algo inesperado; o que começara como um dever de honra na gestação de Ayaki, a necessidade de assegurar a continuidade dos Acoma, se transformara numa alegre realidade quando começou a amar o herdeiro que tanto desejava. Era sua linhagem que iria herdar a grandeza dos Acoma. Depois do nascimento da criança, com seu riso de bebê deleitando-a, nunca mais a honra da família pareceu algo distante e abstrato.

Mara aguardava intensamente o momento em que Hokanu também fosse sentir essa magia. O nascimento do filho iria aproximá-los e acabar com aquela gélida disputa de vontades. A paz voltaria a imperar entre eles e tanto o filho dos Acoma quanto o dos Shinzawai cresceriam na grandeza que o futuro lhes reservava.

Apesar de Mara nunca ter sido consumida pela paixão em relação ao homem que prezava como marido, viera a se apoiar nele. Sua compreensão era uma consolação; sua sabedoria, um abrigo; sua perspicácia, um alívio diante do perigo e da preocupação; e a tranquila e intuitiva compreensão, uma ternura sem a qual ela não poderia viver. Sentia falta dele. O amor de Hokanu se tornara a base de sua felicidade e passara completamente despercebido até Mara ter sido forçada a se imaginar sem ele. Pois, apesar de Hokanu estar por perto, em espírito se mostrava cada vez mais ausente. E essa ausência doía muito mais do que ela teria imaginado.

As recordações eram uma constante: o toque descontraído da mão dele em seu rosto não se manifestara ao despertar; o leve erguer da boca que indicava humor na corte não estava mais presente. Já não partilhavam a habitual bandeja de chocha durante a tarde, enquanto Hokanu vasculhava relatórios de conselheiros militares e ela revisava as listas comerciais de agentes e terras distantes que eram diariamente apresentadas por Jican. A relação se tornara silenciosa e tensa e, embora Hokanu não mencionasse o assunto, prolongara o treinamento de armas para se manter

ocupado durante as horas que antes tinham sido compartilhadas num ambiente de companheirismo. Não foram trocadas palavras duras nem houve nada parecido com discussões acaloradas, mas a divergência na questão do herdeiro era uma presença venenosa em tudo o que faziam. Mara acariciou a pele esticada sobre o ventre, rezando para que aquele distanciamento terminasse assim que o novo filho nascesse.

Além de Nacoya, Hokanu era a única alma que ela conheceria capaz de seguir seus pensamentos sem mal-entendidos. Outro pontapé cutucou suas entranhas. Mara riu.

– Está quase, pequenino – sussurrou ao bebê.

Um criado que aguardava, a postos, assustou-se ao escutar a voz dela.

– Senhora?

Mara afastou-se pesadamente do biombo.

– Nada mais desejo além desta criança, que parece tão ansiosa quanto eu por nascer.

O criado ficou tenso e alarmado.

– Devo chamar...

Mara ergueu a mão.

– Não, ainda não está na hora. A parteira e o curandeiro dizem que ainda falta pelo menos um mês. – Franziu a testa. – Mas estou aqui pensando que este bebê pode ser prematuro.

Uma batida polida soou na porta de dentro. Mara puxou a túnica para cima de seu corpo dilatado para se sentir mais confortável e sinalizou ao criado que abrisse o biombo que dava para o salão. Jican, seu hadonra, curvou-se no lado de fora da entrada.

– Senhora, está presente um comerciante que pede permissão para negociar.

Não era comum Jican incomodá-la por causa de um assunto que normalmente seria tratado por ele. Já gerenciava as propriedades havia tempo suficiente para poder antever qualquer decisão que

Mara pudesse tomar, mesmo que não fosse de seu agrado. Ansiosa por saber do que se tratava, Mara perguntou:

– O que você está querendo?

Sempre inseguro em situações fora do normal, Jican optou por uma resposta cautelosa:

– Acho que deveria dar uma olhada nas mercadorias desse homem, Senhora.

Satisfeita com uma distração em mais uma tarde sem a companhia de Hokanu, Mara bateu palmas para que a criada lhe trouxesse uma túnica mais adequada para usar na presença de um estranho. Vestindo um traje de seda reluzente com mangas compridas e a cinta larga, sinalizou a seu hadonra para que seguisse na frente. O mercador aguardava no salão com colunas e sombras na ala dos escribas. Mara e Jican percorreram os corredores enormes que, durante parte do caminho, eram túneis que atravessavam a encosta da colina onde se situavam os aposentos ensolarados que dividia com Hokanu. Alertada pelo passo apressado de Jican e percebendo que ele estava inquieto, Mara perguntou:

– Os artigos desse mercador têm algo de especial?

– Talvez. – O pequeno hadonra lançou um olhar de esquelha que confirmou seu desconforto. – Acho que será necessário seu parecer para avaliar a oferta desse homem.

Anos de serviço leal tinham ensinado a Mara que deveria dar atenção aos palpites do hadonra. Quando ele não se lançava de imediato na descrição dos artigos oferecidos, a Senhora tomava as rédeas.

– E que mais?

Jican se deteve.

– Eu... – A incerteza virou hesitação. Fez uma pequena reverência laudatória antes de desembuchar. – Não sei bem como tratar esse homem, Senhora.

Já bem habituada às manias do hadonra para ter noção de que

novas perguntas o perturbariam ainda mais, Mara limitou-se a seguir caminho a passos largos num silêncio receptivo. Passos mais à frente, a explicação surgiu:

– Porque ele... é um tsurani... – revelou Jican.

Mara refletiu sobre aquele detalhe.

– De LaMut?

LaMut era governada pelo irmão de Hokanu e a maior parte das delegações comerciais do Reino incluía um antigo soldado tsurani para servir de tradutor.

Jican assentiu, nitidamente aliviado por não ter de lhe dar mais explicações.

– Um tsurani que prefere os costumes do Reino.

A razão do desconforto do hadonra era evidente: embora Mara contornasse a tradição e aceitasse no serviço dos Acoma homens sem Senhor, a ideia de alguém preferir permanecer sem laços com uma casa num mundo estranho – não interessava que um deles fosse Kasumi, o irmão de Hokanu – era estranha demais para compreender, mesmo por parte dela. E que um homem desses liderasse a delegação comercial tornava as negociações ainda mais delicadas do que o habitual.

Enfim, o extenso corredor interno terminou em um pórtico com colunas que ficava em frente à parte sul da casa. O caminho de pedrinhas de acesso à entrada principal ficava logo ao lado e, ali, à sombra de árvores ancestrais, aguardava a comitiva do mercador de visita, um pequeno grupo de carregadores e uma dezena de guardas pessoais. Mara arregalou os olhos. De início não reparou que havia mais guardas do que o habitual, pois eram todos muito altos. Uma observação mais cuidadosa revelou que eram todos midkemianos, detalhe suficientemente raro para levar as sentinelas de serviço na entrada da propriedade a olharem discretamente enquanto permaneciam alertas.

Chegaram aos ouvidos de Mara partes de conversas numa língua

estranha e a pronúncia, tão familiar, a deteve por um momento. Foi inundada por recordações de Kevin de Zun, até que a impaciência de Jican, demonstrada pelo movimento de suas mãos, a despertou para as obrigações atuais. Reompondo-se de imediato, apressou-se rumo à ala de serviço, em direção ao salão onde o mercador a aguardava.

O homem estava apropriadamente sentado sob o dossel informal que ela usava quando negociava com forasteiros. Havia sacos e caixas com amostras de artigos dispostos ao lado dele, que mantinha as mãos à vista sobre os joelhos. Vestia uma esplêndida túnica de seda nitidamente de confecção estrangeira: o brilho era diferente e as tintas haviam sido misturadas em padrões nunca vistos em Tsuranuanni. O efeito era arrojado, quase insolente, achou Mara, observando o homem pelo canto do olho ao se aproximar.

Embora aquele homem tivesse se apresentado como mercador, vestia-se como o mais importante Governante do Império. No entanto, não era um nobre; em vez do habitual selo de uma casa bordado no cinto ou no ombro, o que se via era o símbolo bárbaro de LaMut, uma criatura que se assemelhava a um cão conhecido como lobo. O homem era arrogante, concluiu Mara quando permitiu a Jican que a auxiliasse a subir o degrau até as almofadas.

Ainda assim, o forasteiro se comportava de modo impecável. Quando a Senhora se instalou, curvou-se até sua testa tocar na esteira sobre a qual se ajoelhou. Fez uma pausa suficientemente demorada para deixar implícito um profundo respeito, enquanto Jican comunicava seu nome à Senhora:

– Minha Senhora, este é Janaio, da cidade de LaMut.

Janaio se endireitou graciosamente e sorriu.

– Cumprimentos à sua casa, Boa Serva. Como vai, Senhora Mara?

Mara inclinou a cabeça.

– Estou bem, Janaio de... LaMut.

Um detalhe chamou a atenção de Mara. Aquele homem usava ouro! Ela reprimiu um arquejo de inadequada surpresa. Segundo um decreto imperial, todas as joias e todos os bens pessoais de metal de quem vinha de Midkemia eram cuidadosamente catalogados à entrada do Portal. Comerciantes do mundo bárbaro ficavam muitas vezes ofendidos quando suas botas eram confiscadas e lhes eram emprestadas sandálias antes de seguirem viagem dentro do Império; mas os artigos confiscados eram sempre devolvidos quando partiam. O Tesouro Imperial aprendera uma dura lição quando a primeira comitiva de midkemianos voltou para casa sem suas botas e a economia da província de Lash foi revirada de cabeça para baixo pelas tachas de ferro arrancadas das solas e trocadas por centis.

O mercador passou o dedo pela corrente que trazia ao pescoço.

– Garanti que isso não ficaria para trás, Senhora Mara – disse, em reação ao seu olhar.

Aquilo a lembrou de que o homem fora originalmente tsurani, pois ninguém confiaria que um bárbaro manteria a palavra diante da tentação. Os midkemianos não acreditavam na Roda da Vida, logo não era a honra que os fazia temer perder as graças dos deuses.

Mara manteve uma calma aparente. O homem era corajoso! Apesar de tal joia ser modesta para um homem abastado do outro lado do Portal, em Kelewan equivalia ao rendimento anual de uma casa menor, como bem sabia aquele homem. A ostentação pública de tal ornamento era um ato calculado. Mara aguardou com expectativas controladas para ver o que aquele mercador desejaria obter com a negociação. Quando decidiu que decorreria uma pausa adequada para ele se recordar de seu lugar, Mara perguntou:

– Ora, o que posso fazer por você?

O homem não deixou escapar o detalhe: a frase tsurani fora traduzida da língua do Reino. A inteligente abertura de Mara lhe informava discretamente que ela já havia feito negócios com mercadores de Midkemia. Ele respondeu seguindo um impecável

protocolo tsurani:

– Sou um modesto corretor de determinadas especiarias e iguarias, Senhora. Dado o meu histórico – fez um gesto amplo –, estou numa posição privilegiada para conhecer os produtos exclusivos da terra que me adotou que poderiam ser lucrativos no Império. – Mara assentiu, dando-lhe razão. Janaio retomou a palavra, num tom bajulador: – Mas, em vez de desperdiçar suas preciosas horas com conversa fiada, solicito a bondade de permitir que meus produtos falem por si.

– O que você propõe? – questionou Mara, fervilhando de curiosidade.

Janaio apontou para as diversas caixas e sacas de transporte a seu lado.

– Tenho aqui amostras. Como estamos próximos da hora em que muitos no Império cessam suas atividades para apreciarem uma taça de chocha, a Senhora talvez deseje algo mais exótico.

Recordando, com tristeza, que Hokanu por norma compartilhava aquele momento com ela, Mara reprimiu um suspiro. Estava cansada e precisando de um cochilo, pois o bebê que carregava não a deixava dormir direito à noite.

– Não há muito tempo para isso.

– Por favor – apressou-se Janaio a dizer. Fez uma reverência numa tentativa de fazê-la relaxar. – Não tomarei muito tempo. Asseguro-lhe que sairá recompensada pelo prazer e pelas riquezas que meus produtos proporcionam.

Jican se aproximou de sua Senhora.

– Permita-me chamar alguém para provar a comida, Senhora – aconselhou.

Mara observou com atenção seu hadonra. Ele também estava intrigado, porém, mais do que isso, tinha algo a dizer sobre aquele misterioso mercador vindo do outro lado do Portal. Ela estendeu a mão para baixo e retirou o leque enfiado sob o cinto. Abrindo-o com

um movimento súbito e usando-o para esconder os lábios da vista do visitante, sussurrou:

– O que mais devo saber a respeito deste homem?

Jican pareceu incomodado.

– Tenho uma suspeita – murmurou, de modo a que apenas ela ouvisse. – Um agente amigo me avisou que este tal de Janaio também já se apresentou ao Senhor dos Matawa.

– Que é um defensor ferrenho dos tradicionalistas e de Jiro. – Mara agitou o leque. – Acha que ele espera que nossa rivalidade o ajude a conduzir uma negociação disputada?

O hadonra contraiu os lábios, pensativo.

– Isso eu não sei dizer. É possível. Se tiver mercadorias de valor incomum, a casa que obtiver a concessão sairá grandemente beneficiada.

Aquilo despertou a atenção de Mara. Não deveria permitir que o cansaço da gravidez cedesse alguma vantagem aos Anasati sem lutar. Bateu palmas para chamar o mensageiro e o enviou às cozinhas para trazer um cozinheiro que serviria de provador. Também convocou Saric e Lujan, pois mais tarde poderia precisar de mais aconselhamento.

Janaio acolheu as cautelas dela com uma aprovação obsequiosa:

– Muito sensato, Senhora Mara. Todavia, asseguro-lhe que minhas intenções são honestas.

Mara cruzou as mãos sobre a barriga sem mais comentários. Nenhuma precaução era exagero quando estava tão próxima de dar à luz ao filho de Hokanu. Esperou, sem reagir às tentativas de Janaio para puxar conversa, até que seu conselheiro chegou em resposta à sua chamada. O olhar de surpresa de Saric quando entrou revelou que achara que o homem era um midkemiano fazendo piada com a moda do Império. Uma olhada ao Conselheiro-Mor dos Acoma levou Janaio a se empertigar. Parecendo alertado por seus instintos de que Saric deveria ser respeitado, apresentou agressivamente suas

garantias:

– Para aliviar seus receios, grande Senhora, e como os alimentos que trago comigo são tão exóticos que ninguém nesta terra conhecerá suficientemente bem seu sabor para detectar qualquer adulteração, proponho-me a dividir todos com a Senhora.

Sem se deixar impressionar pela corrente de ouro e pela pomposa retórica, Saric acolheu inexpressivamente aquela declaração. Observou com atenção quando o mercador puxou com afetação as mangas para trás, para mostrar que não usava anéis ou pulseiras, e que não havia nada guardado dentro da túnica.

– Se puder ordenar a seus servos que aqueçam água e tragam três bules e xícaras de suas despensas, providenciarei os ingredientes. Depois, poderá escolher a taça que devo provar e a que será sua. – Ficou sorrindo diante do silêncio de Saric e acrescentou: – Se lhe agradar, Senhora, também eu correrei o risco.

Intrigada, apesar das reservas de seu Conselheiro-Mor, Mara disse:

– O que você está tentando introduzir em nosso Império?

– Excelentes bebidas, Senhora. Uma maravilhosa variedade de sabores e de bebidas fortes que vão assombrar seu paladar. Se este empreendimento se revelar lucrativo, e asseguro-lhe de que vai, então também trarei para o Império vinhos exóticos e cervejas das melhores vinícolas e dos melhores cervejeiros do Reino das Ilhas.

Mara avaliou o que ouviu. Não era de admirar que aquele homem tivesse permanecido em Midkemia. Podia ter servido como soldado de uma casa antes da batalha final da Guerra do Portal, mas nascera para ser mercador. Lançou um olhar de lado quando Lujan chegou e marchou veloz para seu lugar atrás dela. Se o destino o tivesse levado para o outro lado do Portal, e graças à sua língua afiada e ao raciocínio rápido, poderia muito bem ter sido ele a sentar-se ali à sua frente, vendendo mercadorias exóticas.

A conjectura era de alguma forma reconfortante. Ainda assim,

não fazia parte da natureza dela confiar de pronto, particularmente quando Saric não se pronunciara em favor da proposta daquele forasteiro. Mara optou por questionar sua ligação com os Anasati:

– Que tipo de acordo você estabeleceu com o Senhor dos Matawa?

Janaio deu-lhe um sorriso rasgado, bem à maneira dos midkemianos. Enquanto outro Governante poderia ter ficado ofendido com essa abertura, Mara conhecera Kevin bem demais para interpretar mal o gesto; acima de tudo, a afetação do forasteiro a descontraía.

– A senhora tem conhecimento de minhas negociações – respondeu Janaio –, mas asseguro-lhe de que não são secretas. As mercadorias que trago são objetos de luxo e preciso de transporte adequado e de negociadores habilidosos para colocá-las nos mercados apropriados. Seria um mau mercador se não verificasse todas as opções. O Senhor dos Matawa enviou diversos emissários pelo Portal procurando fazer negócio.

Mara franziu os lábios enquanto ponderava quais eram as implicações do que ele revelara. Jican sussurrou algo a Saric, que assentiu e tocou de leve no braço dela.

– Minha Senhora, sabemos que os Matawa desejam se infiltrar em seus negócios. Não podem perturbar a licença imperial que lhe dá exclusividade para determinados artigos, mas alimentam a esperança de criar uma presença rival para atrair qualquer negócio sem exclusividade, desviando-os de nossos agentes. Podem negociar legalmente direitos exclusivos de comércio do outro lado do Portal, onde não temos controle. O relatório de Arakasi sustenta que o financiamento dessa operação certamente vem de Jiro.

Enojada pela política cada vez mais se infiltrar até no mais inócuo dos empreendimentos, Mara inclinou a cabeça para Janaio.

– Mande trazer aquilo de que você precisa.

Seus criados se revelaram tremendamente eficientes. Orgulhosos

em defender a honra da Senhora, logo trouxeram bandejas com diversos bules e xícaras de porcelana. Em seguida, chegou um escravo veloz, trazendo uma chaleira com água fervendo.

Janaio dispôs com grande teatralidade seus diversos pacotes e frasquinhos.

– Primeiro – anunciou –, algo pungente e condimentado. – Despejou água num dos pequenos bules e mergulhou um saquinho lá dentro. – Esta iguaria cresce num arbusto da parte sul do Reino, Senhora. Secar e transportar as folhas é extremamente trabalhoso e, como são sensíveis ao bolor, apenas os mais abastados podem pagar o pequeno fornecimento que chega às terras mais ao norte. Por essa razão, a bebida que estou preparando não se tornou muito popular na minha cidade de LaMut. Assim que a provar, penso que terá de concordar que isso se deve apenas ao fato de não ser muito conhecida. – Levantou a parte de cima do bule, cheirou o vapor e fechou os olhos. – Acredito que irá concordar que esta magnífica bebida será aprovada pelos nobres tsurani de bom gosto.

Dito isso, serviu a bebida, inundando a sala de um aroma exótico e apimentado. Depois de encher três xícaras, assentiu na direção do criado de Mara, que pegou a bandeja e a levou para o estrado sob o dossel para que a Senhora escolhesse uma das xícaras. Ela sinalizou ao escravo que levara o bule para provar uma. O criado passou-lhe outra e levou de novo a bandeja até Janaio.

O mercador ergueu sua xícara.

– Beba com cautela – avisou –, caso contrário, pode queimar a língua, Senhora.

O aroma desconhecido deixou Mara fascinada. Ao contrário de tudo o que até então conhecera, achou-o absolutamente tentador. Sorveu a bebida. De início, o sabor se revelou amargo e estranho, e, no entanto, envolvente e intenso. Mara refletiu por um momento antes de falar:

– Acho que um pouco de mel cortaria o amargo.

O mercador sorriu.

– A senhora está se adiantando, Boa Serva. Em Midkemia usamos açúcar branco feito a partir de uma planta chamada beterraba. Há quem prefira um pouco de leite; todavia, outros optam pelo suco de um fruto ácido parecido com o ketundi de Kelewan.

Mara voltou a sorver a bebida e apreciou-a ainda mais.

– Qual o nome disto?

O homem sorriu.

– Chama-se “chá”, Boa Serva.

Mara riu.

– Muitas coisas são chamadas de “chá”, Janaio de LaMut. Qual foi a erva que você usou na infusão?

O mercador reagiu com um dar de ombros típico dos tsurani.

– É esse o nome da erva, ou melhor, das folhas do arbusto. Quando alguém em LaMut diz “chá”, é a isto que se refere, e não às misturas de plantas mergulhadas em água quente que se bebem por aqui. No entanto, desta iguaria há imensas variedades: forte, suave, doce e amarga. Uma para cada ocasião.

Mara, já fascinada, assentiu.

– E o que mais?

Janaio pegou outro bule fornecido pelos Acoma e preparou mais uma infusão quente.

– Esta é uma bebida bem diferente.

Um líquido preto com um cheiro intenso e capaz de causar tonturas estava sendo passado a Mara. Dessa vez, Jican substituiu o provador, com seu entusiasmo tomando o lugar da cautela. Mara mal pôde esperar que o hadonra provasse sua dose antes de ela experimentar a sua. A bebida era amarga, e ainda assim picante.

– Qual o nome disto? Lembra vagamente nossa chocha.

Janaio curvou-se diante do nítido prazer dela.

– Trata-se de café, Senhora. E, como o chá, tem mais de mil

primos diferentes. Este que está bebendo nasce de plantas que crescem no alto das encostas de Yabon. Bom, forte, mas não propriamente leve. – Ele bateu palmas e um de seus criados lhe trouxe outro cesto, pequeno e atado com fitas coloridas. – Permita-me que lhe ofereça algo. Está aqui uma dúzia de amostras para que experimente à vontade. Todas estão claramente catalogadas quanto ao tipo de semente usado para preparar a bebida e têm instruções de preparo.

Mara deixou de lado sua xícara, que já estava pela metade. Apesar de aquela amostragem estar fazendo com que ela esquecesse os problemas de seu casamento, o dia ia chegando ao fim enquanto se demorava ali. Sentia-se relutante em renunciar à hora que passava sempre com o filho enquanto ele jantava. Justin completara recentemente 5 anos, sendo novo demais para compreender atrasos.

Percebendo a impaciência dela, Janaio ergueu uma mão para chamar a atenção.

– Ainda não lhe foi apresentada a bebida mais espantosa de todas. – Rapidamente, antes que a Senhora tivesse a oportunidade de se levantar e sair, fez um pedido ao criado dela: – Por favor, seria possível me trazer leite de needra?

Mara poderia ter se incomodado com a presunção daquele homem, mas já era de esperar que os midkemianos agissem impetuosamente. Escondeu seu cansaço e sinalizou ao criado para que fosse correndo buscar o que lhe fora pedido. Nesse intervalo, Saric falou ao ouvido da Senhora:

– Tenha atenção às sutilezas – alertou. – Esse homem imita a impertinência midkemiana como se soubesse que a senhora teve apreço no passado por esse tipo de comportamento. Não gosto da suavidade deste jogo para angariar sua simpatia, minha Senhora. Tenha cautela, por favor.

Mara encostou o leque no queixo. Seu Conselheiro estava sendo

sábio ao pedir contenção.

– Este tal de Janaio está bebendo do mesmo bule que eu. Com certeza não há mal em provar mais uma bebida. Depois disso, encerro o encontro.

Saric respondeu com um leve aceno, mas uma troca de olhares com Jican levou o pequeno hadonra a se deter. Quando o criado voltou com uma pequena jarra de leite, Jican disse que também gostaria de tomar uma xícara para provar, além do escravo que continuaria a desempenhar sua função.

– Naturalmente – concordou Janaio com toda a amabilidade. – Você é um homem astuto, que pretende compreender todos os detalhes dos negócios que sua Senhora possa fazer. – Enquanto os Conselheiros de Mara olhavam maravilhados, o mercador serviu porções iguais de leite e água quente no último bule. Sua corrente cintilou quando se inclinou para o cesto enquanto continuava a falar: – Talvez vocês queiram usar apenas leite, pois proporciona uma riqueza maior a esta bebida.

Os preparativos foram concluídos com gestos cênicos ainda maiores do que os anteriores. Mais uma vez, ele passou a bandeja com as xícaras cheias ao criado, indicando que Mara deveria escolher primeiro. Ela não o fez, esperando que Jican e o provador escolhessem. O aroma daquela bebida era inebriante. O pequeno hadonra não disfarçou sua ansiedade e provou. Ao queimar a língua, deu um pulo para trás, abafando um grito. O mercador teve a bondade de não rir.

– Minhas desculpas, minha Senhora. Deveria tê-los avisado de que esta bebida é servida muito quente.

Jican recuperou a compostura.

– Minha Senhora – disse, excitado –, o sabor desta preciosidade é incrível.

Tanto o hadonra quanto a Senhora olharam para o escravo que estava provando as bebidas. Mais cauteloso do que Jican, não

queimara a língua e sorvia com tal deleite que Mara sinalizou ao criado para que lhe passasse a bandeja.

Assim que ela escolheu uma dentre as duas xícaras remanescentes, Janaio comentou:

– Se o café evoca a chocha, então esta maravilha pode fazê-los se lembrar da chocha-la que preparam para seus filhos. Mas argumento humildemente, a chocha-la está para o chocolate como minha humilde posição está para sua grandiosidade.

Mara sorveu o líquido da xícara e fechou os olhos diante daquele sabor maravilhoso. Incapaz de ocultar sua surpresa e seu deleite, suspirou de pura felicidade.

Sorrindo, Janaio pegou a última xícara da bandeja e bebeu um grande gole.

– Isto é chocolate, Senhora.

Sem conseguir evitar, Mara pensou em Kevin, que comentara em mais de uma ocasião que sentia falta dos doces de chocolate das festas de sua terra natal. Ela enfim entendeu. Piscando para limpar a umidade que se acumulara em seus olhos e fingindo que era o vapor da xícara que a incomodara, Mara disse:

– É uma coisa maravilhosa.

Janaio colocou sua xícara vazia de lado e fez uma reverência.

– Quero autorização para que me seja concedida licença exclusiva para a importação, Senhora.

Mara balançou a cabeça, sem esconder o pesar.

– Não posso lhe conceder isso, Janaio de LaMut. O alvará que me foi concedido pelo Governo Imperial é limitado a determinados artigos.

Nitidamente desapontado, o mercador gesticulou para dar ênfase.

– Então, talvez, um acordo comercial. Se a exclusividade está além de seu alcance, então pelo menos permita-me negociar com as maiores casas comerciais do Império.

Mara bebeu mais daquele líquido maravilhoso, lembrando-se de se manter sempre cautelosa.

– E os Matawa?

Janaio tossiu depreciativamente.

– A oferta deles foi insultante, não, humilhante, e faltam a eles os agentes experientes que a Senhora tem a seu serviço. Precisam também de intérpretes para efetuar negócios, uma situação desconfortável para quem está no mercado de artigos de luxo, como eu. Não desejo desentendimentos, ou mesmo eventuais explorações.

– Isso eu posso conceder – disse Mara, saboreando o que restava da bebida. O desapontamento manchou seu tom de voz. – Não posso limitar os outros no que diz respeito a trazerem essas bebidas para cá – explicou –, mas talvez algumas aquisições sensatas em LaMut possam impedir que outros tentem competir com eficiência contra nossos interesses.

Depois, satisfeita por entregar a Jican o acerto dos últimos detalhes, preparou-se para sair.

O mercador curvou-se, tocando o chão com a testa.

– Senhora, sua sabedoria é lendária.

Mara se levantou.

– Quando ambos enriquecermos com a importação de chocolate para nosso Império, aceitarei seus elogios. Mas agora outros assuntos exigem minha presença. Jican preparará a documentação destinada a selar a parceria que você solicitou.

Enquanto os criados se apressavam a recolher as xícaras sujas e a testa de Jican se franzia ao se confrontar com os intrincados detalhes do negócio, Mara abandonou a sala, auxiliada por Lujan e Saric.

Do lado de fora, oculto pela escuridão de um corredor interno, Saric lançou um olhar carrancudo à sua Senhora.

– A Senhora correu grandes riscos. Qualquer mercador de Midkemia que fosse originalmente nascido tsurani poderia no

passado ter jurado fidelidade aos Minwanabi.

Um pouco irritada por perder seu período de descanso, Mara respondeu, ácida:

– Todos vocês viram. Ele bebeu como nós. – Em seguida, suavizou o tom: – E aquelas bebidas raras estavam maravilhosas.

Saric baixou a cabeça e seu silêncio demonstrou seu descontentamento. Mara dirigiu-se ao quarto das crianças, onde, mesmo numa ala distante, os gritos enfurecidos de Justin eram ouvidos. Seu suspiro se transformou em uma risada.

– Estou atrasada e os criados não sabem mesmo como se virar. – Apoiou uma mão na barriga incomodamente dilatada. – Estou ansiosa pelo nascimento deste bebê, embora, com mais um, ninguém nesta casa vá ter sossego. – Rumou na direção do tumulto gerado por Justin com um sorriso de menina. – É bem possível que venha a sentir falta de ser mimada por dois jovens saudáveis quando me sento.

Lujan sorriu, dissimuladamente agradecido, e sua expressão foi imitada por Saric.

– Hokanu fará seu melhor, estou certo, para mantê-la sempre grávida.

Mara riu e o tom amargo não passou despercebido a seus conselheiros.

– Assim será, não duvido, se conseguirmos fazer com que ele concorde que Justin seja o herdeiro dos Acoma.

– Teimosa – comentou Saric com seu primo, por cima da cabeça inclinada da Senhora.

Depois de anoitecer, o mercador Janaio de LaMut voltou com sua comitiva de guardas midkemianos contratados a um armazém abandonado na cidade de Sulan-Qu. Já era tarde. Os pavios das lamparinas da parte rica da cidade ardiam lentamente, enquanto nas casas arruinadas perto da margem do rio apenas a luz projetada

pelo quarto de lua proporcionava alguma iluminação. Um manto escuro como breu pairava sobre as ruas, envoltas nas brumas do rio Gagajin. Onde no passado a população vil da cidade atacava como queria quem quer que se atrevesse a passar por ali sem guarda, agora as patrulhas do Imperador empurravam os malfeitores e os vagabundos de Kentosani para as vielas secundárias. Os únicos que espreitavam por ali eram os cães mongrel, à procura de restos no lixo dos mercados.

Embora calma segundo os padrões de Tsuranuanni, aos ouvidos dos midkemianos a cidade estava longe de ser pacífica. Mesmo no interior do armazém, eram audíveis os gritos de uma cafetina do Boa Vida insultando um cliente que fora bruto com uma de suas garotas. Cães latiam e uma jiga desperta cacarejou. Em algum lugar nas redondezas, uma criança chorava.

Os mercenários contratados para acompanhar a comitiva de Janaio se remexeram, desconfortáveis ao odor estranho emanado pela lama úmida e fria do rio. Não faziam ideia do motivo de terem sido levados para aquele edifício vazio e com o telhado parcialmente desabado, nem compreendiam bem por que razão haviam sido pagos para atravessar o Portal. O empregador os interrogara minuciosamente e exigira que não soubessem falar tsurani. Mas o trabalho no Reino diminuía desde a batalha de Sethanon e, para homens com poucos laços em casa, o dinheiro oferecido era bastante satisfatório.

Os carregadores apoiaram seus fardos e aguardaram por ordens, enquanto os guarda-costas se mantinham em formação atrás de Janaio. Sem ruído, cordões de seda com pesos nas pontas se desenrolaram das vigas. Prenderam e puxaram com força, cada um deles rodeando a garganta dos desprevenidos soldados bárbaros.

Em seguida surgiram assassinos vestidos de preto, saltando de seus poleiros invisíveis e recorrendo a seu peso e ao impulso para derrubar os guardas. Os pescoços de quatro homens estalaram de

pronto, enquanto os outros ficavam pendurados esperneando e sufocando enquanto eram içados e lentamente estrangulados.

Os carregadores observaram horrorizados a morte dos mercenários midkemianos. De olhos arregalados, paralisados de terror, sabiam que não deveriam se atrever a gritar. O medo durou pouco. Dois outros assassinos vestidos de preto saíram das sombras e passaram por entre as fileiras de homens desarmados como o vento por entre juncos. Em menos de um minuto, os dez carregadores de Janaio estavam mortos, o sangue de suas gargantas cortadas manchando o chão de madeira. Os assassinos que tinham suspenso os guardas armados soltaram os cordões. Os midkemianos mortos caíram estrondosamente no chão, desamparados, um com os nós dos dedos dos pés retorcidos, outro com a língua mordida espalhando sangue pela barba.

Janaio livrou-se de sua bela roupa e a jogou no meio dos corpos. Um dos assassinos vestidos de preto lhe fez uma reverência e passou-lhe um pequeno saco. Janaio retirou lá de dentro uma túnica negra e colocou-a pelos ombros. Rapidamente tirou um frasquinho do bolso e passou um unguento de cheiro adocicado sobre as mãos. A graxa dissolveu uma camada de tinta; se houvesse ali mais luz, a tinta vermelha e a tatuagem de um assassino dos Hamoi seriam reveladas.

Ouviu-se uma voz profunda vinda da escuridão ainda maior de um dos cantos.

– Está feito?

O homem que afinal não era mercador e que por conveniência dissera se chamar Janaio curvou a cabeça.

– Assim como ordenado, honrado mestre.

Um homem troncudo com um passo leve demais saiu do esconderijo. Todo o seu corpo estalava e tinia ao andar, enfeites de osso balançando em tiras de couro batendo nos instrumentos mortais que usava presos ao cinto. A túnica era cheia de botões

esculpidos a partir dos crânios das vítimas; suas sandálias tinham tiras de carne humana curada. Não se dignou a olhar para os corpos espalhados pelo chão, embora tivesse evitado pisar nas poças de sangue. O *Obajan* da Seita dos Hamoi tinha um rabo de cavalo que saía da cabeça raspada e descia pelas costas.

– Ótimo. – Ergueu um braço bastante musculoso e retirou um frasquinho que trazia no peito da túnica. – Você tem certeza que ela bebeu?

– Assim como eu, mestre. – O falso mercador fez de novo uma profunda reverência. – Coloquei a poção no chocolate, sabendo que essa seria a bebida mais irresistível. O hadonra dela escapou, pois teve a sorte de queimar a língua. Mas a Senhora esvaziou a xícara. Engoliu veneno de ação lenta suficiente para matar três homens.

Dando seu discurso por encerrado, o assassino lambeu os lábios. Ansioso, e suando, dominou os nervos e aguardou.

O *Obajan* rolou em suas palmas grossas o frasco de vidro com o antídoto para o veneno raro misturado ao chocolate. Observou-o com seu olhar endurecido enquanto os olhos de seu laçao o seguiam; mas o homem aflito conteve o desespero. Não implorou.

O *Obajan* sorriu abertamente.

– Você fez bem.

Entregou-lhe o frasquinho verde, símbolo da vida. O homem que se fizera passar por Janaio de LaMut pegou com as mãos trêmulas aquela promessa de vida, arrancou o selo de cera e sorveu o conteúdo amargo. Depois também sorriu.

Passado um segundo, ficou petrificado. Foi assolado pelo medo e pelo que de início pareceu ser um espasmo de incerteza. Os olhos se arregalaram quando a dor lhe atacou a barriga, então ele fitou o frasquinho de vidro vazio. Depois, perdeu a força nos dedos. O recipiente, com sua falsa oferta de vida, caiu. Seus joelhos vacilaram. De seus lábios escapou um gemido. Desabou no chão, dobrado sobre si mesmo.

– Por quê?

Sua voz soou como um coaxar, oprimida entre espasmos de dor.

A resposta do *Obajan* foi muito branda:

– Porque ela viu seu rosto, Kolos, assim como os conselheiros dela. E por servir às necessidades dos Hamoi. Você morre com honra servindo à seita. Turakamu irá recebê-lo em seus salões com uma grande festa e você voltara à Roda da Vida numa posição mais elevada.

O homem traído lutou contra a necessidade de se agitar de dor. O *Obajan* fez um comentário frio:

– A dor cessará logo. Neste exato momento a vida está se esvaindo.

Suplicante, o moribundo revirou os olhos para cima procurando ver o rosto do outro na escuridão. Lutou para controlar um arquejo estrangulado.

– Mas... pai...

O *Obajan* ajoelhou-se e colocou a mão tingida de vermelho sobre a testa do filho.

– Você honra sua família, Kolos. Honra a mim. – A pele suada sob seu toque estremeceu uma vez, duas vezes, e ficou inerte. Sobre o fedor liberado pelos músculos dos intestinos que desfaleciam, o *Obajan* se ergueu e suspirou. – Além disso, tenho mais filhos.

O Mestre da Seita dos Hamoi fez um sinal e sua guarda em trajes pretos se aproximou. Rapidamente e em silêncio, obedecendo às ordens dele, escaparam do armazém, deixando os mortos onde estavam. Sozinho no meio da carnificina, longe dos olhos dos vivos, o *Obajan* pegou um pequeno fragmento de pergaminho que guardara na túnica e colocou-o aos pés do filho. A corrente de ouro no cadáver iria atrair a atenção dos ladrões; os corpos seriam encontrados e pilhados, e o papel iria aparecer em investigações posteriores. Assim que o líder da seita girou nos calcanhares para

partir, o selo vermelho e amarelo da Casa dos Anasati flutuou até as pegajosas tábuas do chão, impregnadas de sangue fresco.

Mara foi açoitada pela primeira pontada de dor pouco antes de amanhecer. Acordou enroscada como uma bola e reprimiu um pequeno grito. Hokanu despertou de imediato ao lado dela. Tentou confortá-la com as mãos no mesmo instante.

– Você está bem?

O incômodo passou. Mara sentou-se apoiada num braço e esperou. Nada ocorreu.

– Uma câibra, nada mais que isso. Desculpe tê-lo perturbado.

Hokanu fitou sua esposa sob a luz cinzenta que anunciava o alvorecer. Afastou para trás o cabelo trançado dela, o sorriso ausente havia tantas semanas erguendo os cantos de sua boca.

– Foi o bebê?

Mara sorriu de alegria e de alívio.

– Creio que sim. Talvez tenha dado um pontapé enquanto eu dormia. Ele é agitado.

Hokanu deixou que sua mão deslizasse pela testa dela até o rosto e depois pousou-a suavemente no ombro. Franziu o cenho.

– Você está gelada.

Mara deu de ombros.

– Um pouco.

A preocupação dele se intensificou.

– Mas a manhã está quente. – Voltou a esfregar suas têmporas.

– E você está com a cabeça encharcada de suor.

– Não é nada – disse Mara na mesma hora. – Vai ficar tudo bem.

Ela fechou os olhos, pensando. Ficou preocupada. Talvez as bebidas que experimentara na noite anterior a tivessem deixado indisposta.

Hokanu percebeu sua inquietação.

– Deixe-me chamar o curandeiro para observá-la.

A ideia da intromissão de um servo no primeiro momento de intimidade com Hokanu em semanas a assustou.

– Já tive dois bebês, Hokanu. – Esforçou-se para controlar a aspereza. – Estou bem.

No entanto, não teve vontade de fazer seu desjejum. Percebendo que Hokanu não tirava os olhos dela, conversou sobre banalidades e ignorou a ardência que, por um instante, atingiu sua perna. Insistiu consigo mesma que fora uma pontada de um nervo qualquer ao se sentar. O escravo que lhe servira de provador parecia saudável ao trazer as bandejas. Quando Jican chegou com as lousas, ela mergulhou nos relatórios comerciais, grata porque o incômodo causado pela cãibra antes do alvorecer aparentemente servira para enfim Hokanu se reaproximar. Ele foi algumas vezes verificar como ela se sentia, primeiro enquanto vestia a armadura para o duelo matinal com Lujan e depois quando retornou para o banho.

Três horas mais tarde, a dor retornou ainda mais forte. Os curandeiros se apressaram a cuidar da Senhora enquanto ela era levada, ofegando, para a cama. Hokanu interrompeu a escrita de uma carta ao pai para se juntar imediatamente a ela. Ali permaneceu, com a mão apertando a dela, e manteve a postura de maneira impecável para que seu medo não a perturbasse. Mas os remédios de ervas e as massagens de nada serviram para aliviá-la. O corpo de Mara se contorcia em espasmos, suando muito devido às cãibras e às dores. O curandeiro com as mãos sobre a barriga dela assentiu, sério, para o ajudante.

– Está na hora? – questionou Hokanu.

Recebeu uma confirmação silenciosa do curandeiro enquanto este prosseguia sua assistência e seu ajudante se voltava para ordenar ao mensageiro de Mara que fosse correndo chamar a parteira.

– Mas tão cedo? – quis saber Hokanu. – Tem certeza de que não há nada errado?

O curandeiro olhou-o, desesperado. Sua reverência não passou de um aceno rotineiro.

– Acontece, Senhor Consorte. Agora, por favor, deixe a Senhora entregue ao trabalho de parto e chame as criadas. Saberão melhor do que o Senhor o que ela precisa para se sentir melhor. Se não consegue ficar quieto ou encontrar uma distração, pode pedir aos cozinheiros que aqueçam água.

Hokanu ignorou as ordens do curandeiro. Debruçou-se, beijou a esposa e murmurou em seu ouvido:

– Minha corajosa Senhora, os deuses sabem quanto a estimo. Vão mantê-la a salvo e fazer com que seu trabalho de parto seja fácil, ou os céus, se fracassarem, terão de responder a mim. Minha mãe sempre disse que os bebês de sangue Shinzawai eram muito apressados. O nosso não parece diferente.

Mara retribuiu o carinho apertando sua mão antes de seus dedos serem separados dos dele por um criado que, seguindo ordens claras do curandeiro, empurrou firmemente o consorte dos Acoma para fora dos próprios aposentos.

Hokanu, enquanto pôde, não desviou os olhos da esposa, até os biombos serem fechados. Então, abandonado no pátio de entrada, pensou em pedir vinho. Instantaneamente mudou de ideia ao se recordar de que Mara lhe contara que o bruto do primeiro marido se embebedara até perder os sentidos quando Ayaki nascera. Nacoya precisara esbofetear o imbecil até despertá-lo para comunicar o feliz nascimento do filho.

Os festejos eram inevitáveis, mas Hokanu não faria com que Mara tivesse recordações infelizes dele chegando ao lado dela com o hálito cheirando a álcool. Assim, andou de um lado para outro, incapaz de pensar em uma distração adequada. Não conseguiu evitar: escutava avidamente cada ruído que emergia por trás dos biombos fechados. Os passos apressados nada lhe indicavam e ficou preocupado, devido ao silêncio, com aquilo que Mara estaria

suportando. Praguejou para si mesmo e se enfureceu porque os mistérios do parto não o incluíam. Então seus lábios formaram um meio sorriso ao concluir que essa frustração horrível de nada saber deveria ser muito próxima da sentida por uma mulher quando seu marido participava de uma batalha.

A certa altura, sua vigília foi interrompida por Lujan, Saric, Incomo e Keyoke, que chegaram em grupo vindos do grande salão, onde Mara não comparecera à reunião matinal. Bastou observar a inquietação de Hokanu para Incomo perceber aquilo que nenhum criado se lembrara de lhes anunciar.

– Como está a Senhora Mara? – questionou.

– Dizem que o bebê está chegando – informou Hokanu.

O rosto de Keyoke enrijeceu-se para disfarçar a preocupação e Lujan meneou a cabeça.

– É cedo.

– Mas essas coisas acontecem – apressou-se a garantir Incomo.

– Os bebês não nascem respeitando qualquer regra inflexível. Meu filho mais velho nasceu aos oito meses. Cresceu saudável e forte e nunca passou mal.

Mas Saric permaneceu muito quieto. Não interveio com suas habituais piadas, destinadas a diminuir a tensão quando os demais ficavam preocupados. Fitou Hokanu com atentos olhos escuros e nada disse, enquanto seus pensamentos se voltavam sombriamente para o mercador que usava ouro de qualidade como se nada valesse.

As horas se arrastaram. O dever negligenciado não afastou os Conselheiros de Mara da espera. Permaneceram juntos, levando Hokanu, num apoio tácito, para o agradável quarto ao lado, usado pela Senhora para meditar. Ocasionalmente, Keyoke ou Lujan enviavam um criado com ordens para a guarnição, o dia foi aquecendo, a criadagem serviu a refeição do meio-dia a pedido de Hokanu e ninguém pareceu ansioso para comer. Não houve

novidades sobre o estado de Mara e, à medida que a tarde se esvaía e dava lugar à noite, até Incomo ficou sem argumentos para acalmá-los.

Uma realidade não podia ser negada: o parto de Mara estava se revelando muito complicado. Por diversas vezes ecoaram pelo pátio de entrada gemidos e gritos fracos, mas na maior parte do tempo os entes queridos de Mara escutaram apenas o silêncio. Apareceram criados que, com muita discrição, acenderam as lamparinas à noite. Jican chegou, com pó de giz ainda nas mãos, admitindo tardiamente que já não havia pergaminhos com contas para verificar.

Hokanu estava prestes a manifestar sua gratidão quando um grito de Mara cortou o ar como uma lâmina. Ficou tenso e depois girou sem abrir a boca e saiu correndo pelo corredor. A entrada para o quarto de sua Senhora estava entreaberta; se não estivesse, ele teria derrubado o biombo. Dentro do quarto, duas parteiras bem iluminadas pelo brilho de duas lamparinas seguravam a Senhora enquanto ela se contorcia. A pele branca e imaculada dos pulsos e dos ombros dela estava avermelhada devido às horas de tormento.

Hokanu inspirou fundo, com medo. Viu o curandeiro ajoelhado aos pés da cama baixa, as mãos manchadas com o sangue dela. O pânico o despertou da concentração quando olhou para cima para pedir ao ajudante trapos frios e viu quem estava ali.

– O Senhor não deveria estar aqui!

– Não vou sair daqui de modo algum – retrucou Hokanu no tom que teria usado com suas tropas. – Explique o que está errado. Já!

– Eu...

O curandeiro hesitou e depois desistiu de tentar falar quando o corpo da Senhora se arqueou no que pareceu um espasmo de dor.

Hokanu correu de imediato até Mara. Com o ombro, empurrou para o lado uma parteira cansada, pegou o pulso da esposa, que se agitava e se retorcia, e inclinou o rosto sobre o dela.

– Estou aqui. Fique tranquila. Tudo vai dar certo, eu prometo

pela minha vida.

Entre os espasmos, ela conseguiu assentir com a cabeça. Tinha o rosto contorcido por causa da dor e a pele pálida e coberta de suor. Hokanu olhou fixamente para ela, tanto para reconfortá-la quanto para impedir que percebesse os danos irreparáveis. O curandeiro e as parteiras estavam dando seu melhor, mas a amada Senhora parecia banhada no próprio sangue. As roupas de cama puxadas para cima da virilha estavam tingidas de carmim. Hokanu já reparara, mas não se permitira admitir a presença daquilo que os criados, soluçantes, foram lentos demais em cobrir: o minúsculo corpo azul que jazia inerte com os trapos aos pés dela. Se alguma vez fora uma criança, não passava agora de um pedaço de carne destroçado, esmagado, pisado e sem vida.

A raiva tomou conta dele, por ninguém se atrever a lhe informar que seu filho com Mara nascera morto.

Os espasmos passaram. Mara afrouxou o aperto e ele a abraçou gentilmente. Ela estava de tal maneira esgotada que permaneceu ali deitada, os olhos fechados, a respiração entrecortada, sem ouvir nada. Engolindo a dor como se fosse carvão em brasa, Hokanu voltou seu olhar fulminante para o curandeiro.

– Minha esposa...?

O servo balançou a cabeça de leve e falou num sussurro:

– Envie o mensageiro mais veloz a Sulan-Qu, Senhor. Procure um sacerdote de Hantukama, pois... – O pesar o levou a abrandar o tom antes de concluir a frase: – Não há nada que eu possa fazer. Sua esposa está morrendo.

Culpado

O mensageiro mudou de direção.

Apenas semiconsciente do fato de quase ter sido derrubado, Arakasi se deteve na estrada. O sol estava bem lá no alto, próximo demais do meio-dia para um mensageiro dos Acoma ir tão depressa, a não ser que sua missão fosse urgente. Arakasi franziu o cenho ao se lembrar da expressão sombria do mensageiro. Rápido, num impulso, o Mestre dos Espiões deu a volta e partiu correndo na direção de Sulan-Qu.

Era bastante veloz; estava vestido como um moço de recados de um mercador de segunda categoria. Ainda assim, levou vários minutos para alcançar o mensageiro e, mesmo diante de suas perguntas, o homem não perdeu o ritmo.

– Sim, levo mensagens da Casa dos Acoma – respondeu o mensageiro –, mas o conteúdo não é da sua conta.

Debatendo-se com o calor, com o piso empoeirado e desnivelado e com o esforço para acompanhar um homem que não desejava ser atrasado, Arakasi se recusou a ceder. Observou os olhos estreitos do homem, o nariz grande e o queixo saliente e recordou-se do nome dele.

– Hubaxachi – disse, após uma pausa. – Como fiel servidor de Mara, saber o que o obriga a ir correndo a Sulan-Qu sob o calor do meio-dia com certeza é da minha conta. A Senhora não pede a seus mensageiros que se arrisquem a apanhar uma insolação só por

capricho. Algo de errado deve estar acontecendo.

O mensageiro o fitou, surpreso. Reconheceu Arakasi como um dos conselheiros de confiança de Mara e, por fim, abrandou um pouco o ritmo da corrida.

– Você! – exclamou. – Como poderia reconhecê-lo com essa vestimenta? Essas não são as cores da associação comercial dos Keschai?

– Esqueça isso – retrucou de pronto Arakasi, sem fôlego nem paciência, e arrancou a fita de cabelo que confundira o criado. – Conte-me o que está acontecendo.

– É a Senhora – ofegou o mensageiro. – O parto correu mal. O filho não sobreviveu. – Pareceu estar se recompondo antes de proferir a frase seguinte: – Ela está sangrando perigosamente. Fui enviado para procurar um sacerdote de Hantukama!

– Deusa da Piedade! – quase gritou Arakasi.

Deu a volta e prosseguiu num passo de corrida uniforme rumo à casa dos Acoma. A fita de cabelo que completava seu disfarce esvoaçava, esquecida, em sua mão.

Se o mensageiro mais veloz da Senhora fora incumbido de chamar um sacerdote de Hantukama, isso só poderia significar que Mara estava morrendo.

Brisas agitaram as cortinas e criados entraram em silêncio. Sentado ao lado da cama de Mara, com uma máscara impassível no rosto para ocultar a angústia, Hokanu desejou estar enfrentando as espadas de mil inimigos em vez de confiar na esperança, nas orações e nas excentricidades duvidosas de curandeiros. Não podia pensar no filho nascido morto, em sua forma azul sem vida torturada pela morte. O bebê se perdera; fora enviado para Turakamu sem sequer ter respirado.

A Senhora ainda vivia, mas estava por um fio: pálida como porcelana, os agasalhos e as compressas frias utilizadas pelas

parteiras para estancar a hemorragia se revelaram de pouca utilidade. O fluxo lento e escarlate prosseguia, inexorável. Hokanu já vira ferimentos fatais no campo de batalha que o atormentaram menos do que aquela mancha progressiva e persistente que se renovava sempre que os panos eram trocados. Mordeu o lábio, em seu desespero silencioso, inconsciente do sol do lado de fora ou dos habituais toques de trombeta que anunciavam a chegada da barca com novidades de Kentosani.

– Mara – sussurrou suavemente Hokanu –, perdoe meu coração teimoso.

Embora não fosse um homem profundamente religioso, agarrou-se à crença do templo de que o *wai*, o espírito interior, ouviria e registraria o que os ouvidos e a mente não escutavam. Falou como se Mara estivesse consciente e ouvindo, e não em coma, como uma estátua, na cama.

– Você é a última dos Acoma, Senhora, tudo porque não atendi a seu pedido para que Justin prestasse juramento como seu herdeiro. Agora lamento meu egoísmo e minha relutância em reconhecer o perigo que corria o nome dos Acoma. – Hokanu fez uma pausa para controlar a instabilidade de sua voz. – Como a amo, não fui capaz de imaginar um inimigo que se atrevesse a passar por mim a fim de derrubá-la. Não pensei na própria natureza, ou nos perigos de dar à luz.

As pálpebras de Mara não se mexeram. A boca não tremeu ou sorriu; ela sequer franziu as sobrancelhas. Hokanu passou os dedos pelo cabelo escuro e solto dela, espalhado pelas almofadas de seda, e combateu o impulso de chorar.

– Falo formalmente – acrescentou, agora traído pela voz. – Viva, minha forte e bela Senhora! Viva, para que possa juramentar um novo herdeiro dos Acoma no natami da família. Escute, amada esposa. Neste exato momento liberto Justin, o filho de Kevin, de suas obrigações diante da Casa dos Shinzawai. Ele é seu, para que

fortaleça o nome e o legado dos Acoma. Viva, minha Senhora, e juntos geraremos outros filhos para o futuro de ambas as casas.

Os olhos de Mara não se abriram diante daquela vitória. Inerte sob a colcha, não se mexeu quando o marido inclinou a cabeça e, por fim, sucumbiu em sua batalha para conter as lágrimas. Ela tampouco se sobressaltou quando alguém, tendo se aproximado com passos quase inaudíveis, disse com uma voz macia como seda:

– Mas ela tem um inimigo que a derrubaria, assim como o filho em seu ventre, e a sangue-frio.

Hokanu saltou como uma mola e voltou-se para enfrentar a presença sombria: era Arakasi, recém-chegado na barca mensageira, com os olhos impenetráveis como ônix.

– A que se refere? – O tom de Hokanu soou cortante como uma lâmina. Reparou então no aspecto empoeirado, exausto e suado de Arakasi, assim como na fita cor de ferrugem e azul ainda em sua mão trêmula. – Há nisto algo mais do que um infeliz aborto?

O Mestre dos Espiões pareceu se recompor. Então, sem vacilar, deu a má notícia:

– Jican me contou assim que cheguei. O escravo de Mara que provou as bebidas não despertou da sesta ontem. O curandeiro o viu e diz que parece estar em coma.

Por instantes, Hokanu pareceu se transformar em vidro, toda a sua vulnerabilidade exposta. Depois os músculos do queixo se retesaram. Falou, em tom duro como ferro bárbaro:

– Sugere que minha esposa foi envenenada?

Agora era Arakasi que se mostrava incapaz de abrir a boca. A visão de Mara ali deitada, desamparada, abalou-o implacavelmente, e ele só conseguiu assentir, mudo.

O rosto de Hokanu ficou lívido, mas ele não perdeu a compostura ao sussurrar:

– Ontem passou por aqui um mercador de especiarias vindo do outro lado do Portal, propondo concessões comerciais a Mara

relativas a bebidas exóticas feitas de ervas e arbustos de Midkemia.

Arakasi recuperou a fala.

– Mara as provou?

O consorte balbuciou uma resposta afirmativa e, ao mesmo tempo, ambos saíram de um salto pela porta.

– Para a cozinha – arquejou Hokanu, quase derrubando a parteira que voltava para mudar as compressas de Mara.

– É exatamente nisso que estou pensando – disse Arakasi, desviando-se para evitar o escravo mensageiro que aguardava em seu posto à entrada. – Há alguma possibilidade de as louças ainda não terem sido lavadas?

A casa era enorme, com quartos de gostos diferentes misturados ao longo de séculos. Enquanto Hokanu corria a toda a velocidade por entre o labirinto de passagens de serviço, arcadas e pequenos lances de degraus em pedra, indagou-se como Arakasi poderia conhecer o caminho mais curto para as cozinhas, já que raramente ficava em casa; contudo, o Mestre dos Espiões avançou correndo sem precisar de orientações do consorte de Mara.

Assim que os dois se depararam com um átrio cruzando as ligações para cinco alas, Arakasi optou sem pestanejar pela entrada correta. Hokanu esqueceu seu medo o suficiente para se deixar espantar. Apesar da preocupação, Arakasi reparou na surpresa de Hokanu.

– Mapas – ofegou. – Você se esquece de que esta foi no passado a casa do maior inimigo de Mara. Eu seria um péssimo Mestre dos Espiões se não conhecesse a planta da casa de um homem desses. Era necessário indicar aos agentes a que portas deveriam escutar, para não mencionar a vez em que foi preciso fornecer orientações explícitas a um assassino de uma guilda para que soubesse quais eram os cinco criados que deveria abater...

Arakasi interrompeu as recordações e seu olhar ficou sombrio só de pensar no assunto.

– O que foi? – quis saber Hokanu ao passarem por um arco ladrilhado, as cortinas de seda esvoaçando à passagem deles. – O que está pensando? Sei que diz respeito a Mara.

Arakasi balançou a cabeça, em negação.

– Tive um palpite. Quando puder fundamentá-lo, direi mais.

Respeitando a competência do homem, Hokanu não o pressionou a responder. Aplicou seu espírito e sua força na corrida e chegou à cozinha meio passo à frente do Mestre dos Espiões.

Criados espantados olharam para cima, desviando a vista da ceia que preparavam para os trabalhadores do campo. De olhos arregalados, notaram o aspecto desalinhado do Senhor e de imediato se prostraram no chão.

– Às suas ordens, Senhor – gritou o chefe de cozinha, a testa apoiada no piso.

– Pratos, xícaras – arquejou Hokanu de modo incoerente. – Quero todos os utensílios utilizados pela Senhora ontem quando aqui estive o forasteiro mercador de especiarias. Leve tudo para fora para ser inspecionado pelo curandeiro.

A nuca do chefe dos cozinheiros ficou lívida.

– Senhor – murmurou ele –, temo desapontá-lo. As xícaras e os pratos de ontem foram lavados e arrumados, como sempre, ao pôr do sol.

Arakasi e Hokanu se entreolharam, devastados. Qualquer resto que não tivesse sido jogado para as aves jiga teria sido queimado, para não atrair insetos.

Não havia vestígios do tipo de veneno que poderia ter sido usado pelo mercador de especiarias de Midkemia. E, a não ser que conseguissem descobrir que poção afetara Mara, não haveria esperança de encontrar um antídoto.

Percebendo instintivamente que Hokanu estava prestes a ter um inútil ataque de raiva, Arakasi o agarrou com força pelos ombros.

– Escute! – disse o Mestre dos Espiões num tom que levou os

criados caídos de bruços a se encolherem. – Ela está morrendo, o bebê morreu, mas nem tudo está perdido ainda.

Hokanu nada disse, mas seu corpo permaneceu tenso como um fio de arco sob o aperto de Arakasi. O Mestre dos Espiões prosseguiu mais suavemente:

– Eles usaram um veneno de ação lenta...

– Querem que ela sofra! – gritou Hokanu, angustiado. – Os assassinos querem que todos vejamos, sem nada podermos fazer.

Arriscando-se a consequências imprevisíveis, tanto por colocar as mãos num nobre como por provocar um homem prestes a estourar de raiva e dor, Arakasi sacudiu violentamente o Senhor.

– Sim e sim! – berrou em resposta. – E essa mesma crueldade irá salvar a vida dela. – Enfim captara a atenção de Hokanu, e grande parte da raiva do guerreiro foi dirigida a ele. Suando, e consciente do perigo que corria, Arakasi insistiu: – Não é possível encontrar a tempo um sacerdote de Hantukama. O mais próximo...

Hokanu o interrompeu:

– A hemorragia irá levá-la muito antes de o veneno concluir sua missão.

– Tenha piedade dela... não – disse Arakasi abruptamente. – Falei com a parteira ao chegar. Ela foi enviada ao Templo de Lashima para buscar pétalas da flor-de-coroa-dourada. Uma pomada confeccionada a partir delas deterá a hemorragia. Isso me dá uma estreita margem de tempo para procurar o mercador de especiarias.

O olhar de Hokanu voltou a mostrar racionalidade, mas ele não se acalmou.

– O tal mercador tinha carregadores bárbaros.

Arakasi assentiu e acrescentou:

– E também se vestia de maneira espalhafatosa. Tanto ouro não deve ter passado despercebido.

Em meio a sua preocupação avassaladora, Hokanu se mostrou surpreso:

– Como sabe? Você cruzou com o homem na estrada?

– Não. – Arakasi mostrou um breve sorriso ao libertar o consorte de Mara. – Escutei os mexericos dos criados.

– Há alguma coisa que você deixe escapar? – comentou, espantado, o esposo de Mara.

– Muita coisa, para minha eterna frustração. – Arakasi olhou embaraçado para o chão, lembrando-se, naquele momento, assim como seu Senhor, que o pessoal da cozinha ainda estava abaixado a seus pés.

– Pelo amor dos deuses! – exclamou Hokanu. – Todos vocês, por favor, ergam-se e retomem suas tarefas. Os males da Senhora não são de sua responsabilidade.

Enquanto escravos e criados se erguiam do chão e retomavam as tarefas da cozinha, Arakasi se ajoelhou diante de Hokanu.

– Senhor, peço sua autorização formal para perseguir esse vendedor de especiarias estrangeiras e encontrar um antídoto para minha Senhora Mara.

Hokanu respondeu com um breve aceno, próprio de um comandante a um guerreiro.

– Faça-o, e não desperdice mais tempo com medidas, Arakasi.

Em um piscar de olhos, o Mestre dos Espiões já estava de pé e se dirigia à porta. Apenas quando a cruzou e se viu sozinho nas sombras do corredor foi que Arakasi deixou de lado seu rígido controle. Claramente ansioso, ponderou as possibilidades da situação que não revelara a Hokanu.

O vendedor de especiarias se mostrara efetivamente muito pouco discreto, com seus carregadores bárbaros e suas exageradas joias; com certeza isso não fora por acaso. Um homem nascido em Kelewan nunca usaria metais levemente numa via pública. Arakasi já percebera que seria fácil seguir o rastro do homem, pois ele queria mesmo ser seguido. O Mestre dos Espiões encontraria apenas o que o mestre do homem desejava, e isso não incluiria o

antídoto para Mara.

No pórtico entre o grande salão e a escadaria para os aposentos dos criados, o Mestre dos Espiões de Mara começou a correr. Já tinha uma suspeita: esperava encontrar o vendedor de especiarias e os carregadores já mortos.

Em um quarto pequeno no sótão sobre as despensas, Arakasi abriu uma arca. As dobradiças de couro rangeram quando encostou a tampa na fina parede de estuque; depois mexeu lá dentro, de onde tirou as vestes cor de hwaet de um sacerdote itinerante de uma divindade menor, Alihama, a Deusa dos Viajantes. O tecido estava manchado com velhas nódoas de gordura e pó da estrada. O Mestre dos Espiões de Mara enfiou rapidamente a túnica pelos ombros despidos e apertou o cinto de corda. Em seguida, retirou da arca um par de sandálias fendidas, uma faixa com listras roxas e um capuz comprido e enfeitado. Por fim, escolheu um turíbulo de cerâmica, amarrado com sininhos de barro e badalos de corda.

Seu disfarce de sacerdote de Alihama estava completo agora, mas, sendo Mestre dos Espiões, acrescentou sete preciosas facas metálicas de lançar, todas altamente equilibradas e bem afiadas. Enfiou cinco sob uma faixa larga, encaixando as duas últimas entre as solas das sandálias de pele de needra, sob filas de costuras falsas.

Após cruzar a entrada de seu pobre quarto no sótão, espremeu-se por uma passagem estreita e ondulada e desceu cautelosamente a escada, pois um dos olhos pareceu ter desenvolvido estrabismo.

Sua transformação foi tão profunda que, ao sair da casa, Hokanu quase não o viu. Mas a faixa larga e enfeitada captou a atenção do herdeiro dos Shinzawai, que, como não havia nenhum sacerdote de Alihama sendo alimentado nas cozinhas, constatou, espantado, que Arakasi quase passara despercebido por ele.

– Espere – gritou.

O Mestre dos Espiões não se virou, arrastando os pés na direção

do cais com a intenção de apanhar a próxima barca mensageira que partisse para Kentosani.

Vestindo as botas de cano alto e as calças de montar justas que os midkemianos usavam para cavalgar, Hokanu teve de correr, pouco à vontade, para alcançá-lo. Agarrou o Mestre dos Espiões pelo ombro e ficou espantado, saltando para trás como um guerreiro, quando o homem girou a seu toque, quase rápido demais para ser verdade.

A mão de Arakasi se afastou da faixa. Olhou estrabicamente para Hokanu e falou num tom macio como veludo:

– Você me assustou.

– Vejo que sim. – Estranhamente desconfortável, Hokanu apontou para a túnica de sacerdote. – Ir de barca e depois percorrer as estradas a pé é muito lento. Acompanharei você, e ambos seguiremos viagem a cavalo.

O Mestre dos Espiões ficou muito tenso.

– Seu lugar é com sua Senhora.

– Sei muito bem disso. – Hokanu estava angustiado, e retorceu várias vezes a mão na tira de couro de montar que tinha no cinto. – Mas o que posso fazer aqui além de olhar enquanto ela se esvai? Não. Eu também vou. – Não falou o que se passava na cabeça dos dois: Arakasi era um servo dos Acoma. Como consorte de Mara, Hokanu não era legalmente seu Senhor; não cabia a ele comandar a lealdade de Arakasi. – Só me resta pedir – disse, com pesar. – Por favor, permita que o acompanhe. Pela saúde da Senhora, deixe-me ajudar.

Os olhos escuros de Arakasi avaliaram impiedosamente Hokanu até se desviarem.

– Já entendi as consequências de recusar seu pedido – disse Arakasi calmamente. – Mas não será apropriado recorrer a cavalos. Poderá viajar, se assim desejar, mas como meu acólito.

Então Hokanu foi contundente:

– Fora desta propriedade, quantos viram um cavalo das terras bárbaras além do Portal? Acha que alguém vai reparar nos cavaleiros? Quando se curarem da surpresa e tirarem os olhos dos animais, já estaremos longe, cobertos por uma grande nuvem de pó.

– Muito bem – concedeu Arakasi, apesar de preocupado com a incongruência entre suas vestes e o meio de transporte escolhido por Hokanu.

Bastava um homem inteligente ligar seu rosto a um sacerdote que se comportava de modo não condizente com a doutrina e a uma criatura exótica vinda do outro lado do Portal para todo o esforço ser comprometido. Mas, ao ponderar os riscos que Mara corria, concluiu: adorava-a mais do que seu trabalho, mais do que sua própria vida. Se ela morresse, a aposta dele no futuro e na formação de um Império melhor e mais forte seria reduzida a pó.

– Será como deseja, meu Senhor – disse, obedecendo a um impulso –, mas vai me amarrar na sela e deve me conduzir como se fosse seu prisioneiro.

Hokanu, já se dirigindo aos estábulos, olhou surpreso por cima do ombro.

– O quê? Pela sua honra, nunca me permitiria abusar de você dessa forma!

– Deve fazer isso. – Avançando a passos largos, Arakasi alcançou-o. Continuava a mostrar um olhar vesgo; aparentemente, nada conseguia distraí-lo de seu disfarce. – Tem de fazer. Precisarei, mais tarde, destas vestes de sacerdote; dessa forma, temos de nos adaptar às circunstâncias. Sou um homem santo que se revelou suficientemente desonrado para se dedicar a roubos. Seus criados me pegaram. Estou sendo escoltado de volta a Kentosani para ser entregue à justiça do templo.

– Parece coerente. – Hokanu, impaciente, dispensou com um aceno o criado que se apressara a abrir o portão e saltou a cerca para ganhar tempo. – Mas sua palavra basta. Não quero amarrá-lo.

– Vai fazê-lo – repetiu Arakasi com um leve sorriso. – A não ser que pretenda parar seis vezes a cada légua para me recolher do chão. Senhor, já experimentei todos os disfarces deste Império, e alguns de outros lugares, mas é fato tão verdadeiro quanto a perversidade dos deuses o de que nunca montei. A ideia me dá calafrios.

Chegaram ao cercado onde, por ordem de Hokanu, um midkemiano livre contratado estava a postos com dois cavalos, selados e prontos para serem montados. Um deles era cinza-escuro, o outro marrom, e, embora fossem menos rebeldes do que aquele que pertencera a Ayaki, Hokanu viu Arakasi espiando assustado para as criaturas. Apesar de preocupado com sua Senhora, ainda assim, reparou: o olhar vesgo do Mestre dos Espiões permanecia invariavelmente desviado.

– Você está mentindo – acusou o Shinzawai com o tom afetuoso disfarçando o insulto. – Você não se impressiona com o sangue e, se não fosse tão inapto com a espada, teria dado um excelente comandante.

– Vá buscar corda – retrucou Arakasi, muito sucinto. – Vou ensinar-lhe como os marinheiros fazem nós, Senhor Hokanu. E, pela saúde de ambos, espero que os aperte com força.

Os cascos dos cavalos a galope trovejaram, com nuvens de poeira ocre se formando no ar do meio-dia. O tráfego na estrada se arrastava. Algumas needra puxando carroças de mercadorias se irritaram e se refugiaram, com suas seis patas atrapalhadas, nas margens. Seus carroceiros gritaram, furiosos e depois amedrontados, quando os animais de quatro patas do outro lado do Portal passaram em disparada. Mensageiros saltaram para os lados, de olhos arregalados, e caravanas mercantis se atrapalharam, desfazendo a formação, enquanto carroceiros e mestres ficavam boquiabertos como camponeses.

– Você nunca trouxe estas criaturas para fora da propriedade –

presumiu Arakasi, a voz tensa.

Amarrado pelos pulsos à armação da sela e pelos tornozelos a uma corda enlaçada sob a barriga do corcel, suportava um desconforto indescritível ao tentar manter a postura e a dignidade. Sua túnica de sacerdote se agitava como uma bandeira, apesar da restrição imposta pelo cinto, e o turíbulo machucava suas panturrilhas a cada galope do cavalo.

– Tente relaxar – aconselhou Hokanu tentando ser prestativo.

Ele seguia na sela com uma simplicidade fluida, o cabelo escuro esvoaçando livremente e as mãos firmes nas rédeas. Não parecia um homem devastado pelo infortúnio de modo inimaginável. Não fosse pela preocupação com a esposa, poderia apreciar o espanto que seus animais estavam gerando na estrada.

– Como sabe que deve começar por Kentosani? – perguntou Hokanu, puxando as rédeas numa faixa arborizada da estrada para dar descanso aos cavalos.

Arakasi fechou os olhos ao aguentar o tranco dado pela montaria ao reagir ao puxão na rédea, abrandando de meio-galope para trote e, por fim, para um ritmo de passeio. O Mestre dos Espiões suspirou, afastou o turíbulo do tornozelo machucado e lançou um olhar de soslaio elucidativo. Mas sua voz não demonstrou descontentamento com a pergunta de Hokanu:

– A Cidade Sagrada é o único lugar no Império onde residem midkemianos, onde os thuril e até os homens do deserto se movimentam com suas vestes nativas. Calculo que o nosso negociante de mercadorias desejasse chamar a atenção, para depois optar por uma postura e uma trilha mais difíceis de seguir, para que nós o descobríssemos, mas não tão rápido. Creio que ele tem um mestre que lhe deu ordens relativas à sua Senhora, e esse homem, esse inimigo, não pretende ficar oculto.

O Mestre dos Espiões não acrescentou uma segunda e mais reveladora conjectura. Era melhor não exprimir suas suspeitas

enquanto não tivesse provas. Os dois homens cavalgaram em silêncio, sob uma abóbada de árvores ulu. Os pássaros voavam dos galhos em que estavam ao sentirem o cheiro e verem os animais estranhos. Os cavalos agitavam as caudas para espantar as moscas e os ignoravam.

O conforto sentido por Hokanu na sela contrastava, infelizmente, com as emoções que se debatiam dentro dele. A cada curva, sob a sombra de cada árvore, imaginava ameaças. As recordações o assombravam, desde o rosto pálido de Mara encostado na almofada até as mãos imóveis de modo tão pouco natural sobre a colcha. Por mais que se amaldiçoasse por causa daquela preocupação que lhe roubava energias, não era capaz de conter tais pensamentos. Inquietou-se, naquela imobilidade própria de um guerreiro, por nada mais poder fazer além de fornecer cavalos para que Arakasi desempenhasse sua missão mais depressa. O Mestre dos Espiões era competente; ele provavelmente atrapalharia seu trabalho. No entanto, caso Hokanu tivesse ficado na propriedade, sabia que ver Mara jazendo desamparada o teria enfurecido. Teria reunido soldados para marchar contra Jiro, sem querer saber do decreto da Assembleia. Ficou carrancudo. Mesmo naquele momento, tinha de se conter para não acelerar o cavalo. Para libertar sua raiva, sua culpa e sua dor, faria o corcel galopar até cair prostrado.

– Estou satisfeito por tê-lo comigo – disse Arakasi de súbito.

Hokanu despertou de seus pensamentos áridos e viu o enigmático olhar do Mestre dos Espiões fixo nele. Aguardou e, após uma pausa preenchida pelo assobio do vento por entre as árvores, Arakasi se explicou:

– Com você ao meu lado, não me posso dar ao luxo de ser descuidado. A responsabilidade a mais vai me manter calmo quando, pela primeira vez na vida, sinto a necessidade de ser imprudente. – Franzindo o cenho, absorto em pensamentos, Arakasi observou suas mãos amarradas. Flexionou as articulações dos dedos, testando os

nós. – Mara é especial para mim. Sinto por ela o que nunca senti por meu Senhor anterior, mesmo quando a casa dele foi dizimada por seus inimigos.

– Não sabia que havia servido outra casa – confessou Hokanu, surpreso.

Parecendo perceber que fizera uma confidência, Arakasi deu de ombros.

– Minha rede de início foi montada para o Senhor dos Tuscai.

– Ah – assentiu Hokanu. Aquele fato explicava muita coisa. – Então você entrou ao serviço dos Acoma junto com Lujan e os outros antigos guerreiros cinzentos?

Arakasi assentiu e seu olhar intenso seguiu com atenção todos os detalhes do comportamento do consorte de Mara. Pareceu chegar a uma conclusão muito íntima.

– Você partilha os sonhos dela – declarou.

Hokanu ficou mais uma vez espantado. A percepção do homem era quase certa demais para não se revelar incômoda.

– Anseio por um Império livre de injustiças, de crimes autorizados e de escravidão, se é a isso que você se refere.

Os cavalos progrediram em marcha lenta, causando confusão numa caravana que se aproximava quando os carroceiros e o cocheiro de uma das carroças começaram a gritar e a apontar. A resposta tranquila de Arakasi se sobrepôs naturalmente ao ruído:

– A vida dela é mais importante do que as nossas juntas. Se vai prosseguir comigo, Senhor, compreenda: por ela, arriscarei sua vida tão implacavelmente quanto a minha.

Consciente, de certo modo, de que o Mestre dos Espiões falava do coração e que não se sentia à vontade fazendo confidências, Hokanu não tentou dar uma resposta direta.

– Está na hora de acelerarmos.

Cravou os calcanhares nas costelas do corcel e instigou as duas montarias a seguirem a meio-galope.

As vielas escondidas de Kentosani cheiravam a lixo e às águas despejadas das latrinas dos quartos dos pobres. O Mestre dos Espiões e o Senhor dos Shinzawai tinham deixado os cavalos aos cuidados de um assustado dono de estalagem que se curvou, titubeou e gaguejou, alegando não ser digno de tratar de tão raros animais. Sua expressão revelou puro medo quando os dois se afastaram e o alvoroço que a presença dos cavalos gerou entre o pessoal da estalagem serviu para que a partida de Arakasi e Hokanu se tornasse mais discreta. Todos os criados estavam do lado de fora, assim como os clientes, embasbacados e apontando para os cavalos de Midkemia, enquanto ajudantes dos estábulos habituados às tranquilas needra se atrapalhavam com aqueles animais muito mais ativos.

Numa irônica troca de papéis, cabia agora ao Mestre dos Espiões comandar, enquanto Hokanu, vestindo apenas sua tanga, se fazia de penitente em peregrinação e servo do sacerdote desejoso de apaziguar a divindade de segunda ordem que supostamente ofendera. Misturaram-se com a multidão da tarde.

A pé em vez de carregado numa liteira, e pela primeira vez na vida sem estar rodeado por sua guarda de honra, Hokanu compreendeu como a Cidade Sagrada mudara desde que o Imperador assumira o governo absoluto no lugar do Conselho Supremo. Os grandes Senhores e Senhoras já não se deslocavam fortemente protegidos por guerreiros, pois os Brancos Imperiais patrulhavam as ruas para manter a ordem. Se as principais vias públicas eram normalmente mais seguras quando cheias de trânsito – carrinhos de mão das fazendas, procissões de templos e mensageiros apressados –, as ruelas paralelas, mais escuras e estreitas, onde viviam os trabalhadores e os mendigos, ou as vielas cheirando a peixe atrás dos armazéns do cais, não eram lugar para um homem ou uma mulher se aventurarem sem escolta armada.

Todavia, Arakasi já conhecia bem essas vielas sombrias anos antes de Ichindar abolir o cargo de Senhor da Guerra. Abriu caminho

por uma passagem sinuosa que seguia sob arcos úmidos e fétidos, entre casas encostadas demais umas às outras para permitirem a infiltração da luz do sol e, logo em seguida, pelo leito de uma sarjeta malcheirosa e cheia de detritos.

– Por que este caminho tão sinuoso? – questionou Hokanu numa pausa, quando um grupo de meninos de rua aos guinchos passou correndo por eles perseguindo um cão faminto.

– Força do hábito – reconheceu Arakasi.

Seu turíbulo balançou no joelho, o incenso conseguindo, em parte, aplacar os odores da sarjeta. Passaram por uma janela onde estava sentada uma velha cheia de rugas descascando jomach com uma faca de osso.

– Aquela estalagem onde deixamos as feras é uma casa suficientemente honesta, mas os bisbilhoteiros se reúnem lá para trocar informações. Não quis que fôssemos seguidos; quando saímos, um servo dos Ekamchi vinha atrás de nós. Viu os cavalos no portão principal e percebeu que pertencíamos ou à casa dos Acoma ou à dos Shinzawai.

– Conseguimos despistá-lo? – quis saber Hokanu.

Arakasi mostrou um pequeno sorriso e ergueu a mão esguia numa bênção sobre a cabeça de um mendigo. O homem tinha um olhar louco e murmurava, obviamente tocado pela loucura por vontade dos deuses. Torcendo a corda que rodopiava o turíbulo e lançava no ar nuvens de incenso, o Mestre dos Espiões respondeu:

– Efetivamente, despistamos. Parece que não quis sujar as sandálias na fossa de lixo que cruzamos há dois quarteirões. Deu a volta e nos perdeu de vista por um segundo.

– E nós nos agachamos para atravessar aquela sarjeta – concluiu Hokanu, com um riso abafado.

Passaram diante do estabelecimento de um tecelão que tinha as persianas corridas e pararam numa padaria, onde Arakasi comprou um pãozinho amanteigado sobre o qual espalhou compota de sã em

zigue-zague. O padeiro atendeu outro cliente e acenou ao aprendiz, que mostrou ao falso sacerdote e ao penitente uma sala na parte de trás fechada com uma cortina. Poucos minutos depois, apareceu o próprio padeiro. Fitou atentamente os dois visitantes até que por fim dirigiu a palavra a Arakasi:

– Não o reconheci com essas vestes.

O Mestre dos Espiões lambeu a compota que tinha nos dedos e disse:

– Quero novidades. É urgente. Um mercador de especiarias vestido de forma espalhafatosa e com joias de metal. Tinha carregadores bárbaros. Consegue encontrá-lo?

O padeiro limpou o suor que se acumulara nas bochechas fartas.

– Se esperar até o sol se pôr, quando formos jogar os restos fora para os meninos pedintes, posso ter algo para contar.

Arakasi pareceu irritado.

– É tarde demais. Quero que use seu mensageiro.

Como num passe de mágica, apareceu em seus dedos um rolo de pergaminho. Talvez o Mestre dos Espiões o tivesse ocultado desde sempre na manga, pensou Hokanu, mas não podia ter certeza.

– Envie isto ao fabricante de sandálias na esquina da rua do Aro de Barril com a viela do Curtidor. O dono se chama Chimichi. Mande dizer-lhe que seu bolo está queimando.

O padeiro não pareceu convencido.

– Faça isso! – ordenou Arakasi num sussurro cortante que arrepiou os pelos do pescoço de Hokanu.

O padeiro ergueu as mãos cheias de farinha com as palmas viradas para fora em sinal de submissão e depois, aos berros, deu o recado ao aprendiz. O garoto saiu com o pergaminho e Arakasi ficou andando de um lado para outro como um sarcat enjaulado durante todo o tempo em que ele esteve ausente.

O curtidor Chimichi, um homem esguio como um chicote, tinha

sangue do deserto, pois usava debaixo da túnica talismãs engordurados. Seu cabelo escorrido descia até os olhos matreiros. Tinha cicatrizes nas mãos que poderiam ter sido provocadas inadvertidamente por uma faca durante o trabalho, mas o mais provável, pensou Hokanu, pela quantidade delas e o local em que estavam, era terem sido infligidas por um torturador. Enfiou-se pela cortina, ainda piscando por causa da luz do sol, levando numa mão um pãozinho cheio de compota num padrão igualzinho ao de Arakasi.

– Seu idiota – sibilou para o sacerdote. – Está colocando em risco meu disfarce ao enviar um sinal de emergência destes e depois me chamando aqui. O mestre vai lançá-lo à fogueira por ser tão descuidado.

– Com certeza o mestre não o fará – disse secamente Arakasi.

O curtidor de peles deu um salto.

– É você! Por todos os deuses, não o reconheci nesses trapos do templo. – As sobranceiras de Chimichi se uniram num olhar carrancudo, indicando ser originário de Tsubar. – O que está acontecendo?

– Um certo negociante de especiarias, enfeitado com uma corrente de ouro e acompanhado por carregadores de Midkemia.

A expressão de Chimichi ficou mais leve.

– Morto – revelou num tom sutil. – Assim como seus carregadores. Foram encontrados em um armazém da travessa dos Agentes de Hwaet, segundo o que disse o salteador que tentou trocar elos da corrente por centis com os cambistas. Mas só o fato de um homem daqueles estar de posse de ouro impede que ele tenha inventado tudo.

– A patrulha imperial já sabe dos corpos? – interrompeu Arakasi.

– Provavelmente não. – Chimichi deixou de lado o pãozinho e esfregou no avental um nó de dedo engordurado. Os olhos fundos e astutos se voltaram para o Mestre dos Espiões. – Você alguma vez

viu alguém que troca dinheiro relatar aquilo que não é obrigado a dizer? As taxas sobre os metais não são pequenas hoje em dia, pois nossa Luz do Céu precisa reforçar seu exército para fazer frente aos tradicionalistas da linha dura.

Arakasi ergueu a mão e interrompeu de pronto as divagações do homem.

– Todos os segundos contam, Chimichi. Meu companheiro e eu vamos ao tal armazém inspecionar os corpos. Sua tarefa consiste em criar uma distração para a patrulha do Imperador por tempo suficiente para que possamos entrar e sair do edifício. Não quero que sobre um único Branco Imperial livre para investigar esses crimes cedo demais.

Chimichi atirou para trás seu cabelo escuro para exibir um sorriso rasgado e dentes espantosamente alvos. Os da frente estavam decorados com pontos, uma moda do deserto profundo.

– Keburchi, Deus do Caos – blasfemou com visível gosto. – Já faz muito tempo desde que houve uma boa briga. A vida estava ficando chata.

No entanto, quando chegou ao fim da frase, percebeu que falava para uma sala vazia. Piscou, espantado, e murmurou:

– A mãe do homem era uma maldita sombra.

No entanto, ficou na mesma hora concentrado. Correu para tratar de sua missão de transformar um dia comum e tranquilo no bairro comercial num absoluto caos.

Caiu a noite, aprofundando ainda mais a escuridão do já obscuro armazém. Hokanu se agachou ao lado de Arakasi segurando uma pequena tocha. Do lado de fora, gritos e sons de coisas quebrando ecoaram nas ruas próximas dali; alguém gritou obscenidades acima do ruído do estilhaçar de louças.

– Os armazéns dos mercadores de vinho – murmurou Hokanu. – Daqui a poucos minutos vamos ter companhia. – Parou para mudar

a tocha de posição, pois quase queimara os dedos. – As portas deste edifício não são muito resistentes.

Arakasi assentiu, o rosto invisível sob o capuz de sacerdote. Seus dedos se moveram de modo rápido e furtivo sobre o corpo de um carregador, que já passara da fase do *rigor mortis* e começava a inchar.

– Estrangulado – murmurou. – Todos eles.

Deslizou para a frente na escuridão, enquanto faixas estreitas da luz brilhante de fogueiras ou tochas brilhavam por entre as fendas nas paredes de madeira. A atenção dele não perdeu o foco.

Hokanu se retraiu quando a chama que tinha nas mãos baixou ainda mais de intensidade. Ajeitou a tocha e acendeu o último trapo de linho que conseguiu arrancar de sua tanga já reduzida. Quando olhou para cima, Arakasi andava à procura do corpo do comerciante de especiarias. A corrente do homem e as túnicas de excelente seda tinham desaparecido, pilhadas pelo salteador que Chimichi mencionara. A iluminação projetada pela tocha destacou detalhes suficientes para concluir que o homem não morrera estrangulado. Tinha as mãos contorcidas e os olhos brancos, cegos e secos. A boca estava aberta e a língua fora mordida. O sangue escurecera as tábuas em que caíra; sua barba ainda estava arrumada e perfumada.

– Descobriu algo – disse Hokanu, ao perceber a rigidez de Arakasi.

O Mestre dos Espiões olhou para ele, com um leve brilho no olhar se insinuando por debaixo do capuz.

– Bastante. – Virou a mão do homem, revelando uma tatuagem.
– Nosso culpado pertence à Seita dos Hamoi. Tem a marca. Sua encenação de um homem que reside no outro lado do Portal revela um planejamento de longo alcance.

– Não é o estilo de Jiro – comentou Hokanu.

– Com certeza, não. – Arakasi se agachou sobre os calcanhares,

sem prestar atenção ao estrondo de uma tábua grossa atingindo as pedras da calçada bem perto do armazém. – Mas querem que pensemos assim.

Lá fora, na noite, um marinheiro praguejou e outro homem rugiu em resposta. O barulho da população em fúria se aproximou, sufocado pelo toque de trombeta, convocando os Líderes de Ataques do Imperador.

Hokanu também vira o pergaminho com o selo dos Anasati como uma prova plantada. Nenhum filho de Tecuma e nenhum Senhor aconselhado por um demônio tão sábio quanto Chumaka jamais se rebaixaria ao óbvio.

– Quem? – perguntou Hokanu, com a força de seu desespero se impondo. Cada minuto passado aumentava as chances de nunca mais ver Mara com vida. A lembrança de como a deixara, lívida, inconsciente e sangrando, serviu apenas para lhe obscurecer o pensamento. – A seita pode ser contratada para outros trabalhos além de assassinar? Pensei que os contratos deles eram estabelecidos no anonimato.

Arakasi estava outra vez ocupado vasculhando a roupa interna do comerciante de especiarias. O fato de estar conspurcada pela morte não o deteve, tampouco o fedor turvou seu pensamento.

– A palavra-chave, suspeito eu, é exatamente “contrato”. Algum tradicionalista da linha dura neste Império por acaso tem riquezas suficientes para atirar correntes de ouro a pedintes só para garantir que tenhamos um rastro para seguir? – Deteve as mãos, deu um salto e mostrou um pequeno objeto. – Ah!

O tom de voz do Mestre dos Espiões foi triunfal.

Hokanu viu um brilho de vidro verde. Esqueceu o cheiro dos mortos, sempre presente, e aproximou a tocha do objeto que Arakasi segurava. Era um pequeno frasco. O interior estava revestido por um líquido escuro e pegajoso; a rolha, se algum dia existira, desaparecera.

– Um frasquinho de veneno? – perguntou Hokanu.

Arakasi balançou afirmativamente a cabeça.

– Tem veneno aqui dentro. – Passou o objeto a Hokanu para que este cheirasse. O odor era forte e intensamente amargo. – Mas o vidro é verde. Os boticários normalmente reservam os frascos dessa cor para os antídotos. – Espiou o rosto paralisado do comerciante de especiarias em seu horrendo fim. – Pobre coitado. Pensou que a mão de seu mestre estava lhe dando vida. – O Mestre dos Espiões esqueceu seus pensamentos e fitou Hokanu. – Por isso o provador de Mara nunca suspeitou de nada. Este homem ingeriu exatamente o mesmo veneno que ela, sabendo que se tratava de uma poção de ação lenta e tendo a garantia de que receberia o antídoto.

A mão de Hokanu tremeu e a tocha bruxuleou. No exterior, os gritos e o ruído das espadas se entrecrocando estavam mais próximos.

– Temos de partir – alertou Arakasi.

Hokanu sentiu o aperto firme dos dedos em seu pulso, puxando-o para que se levantasse.

– Mara – murmurou num acesso incontrolável de dor. – Mara.

Arakasi o empurrou para a frente.

– Não – disse em tom duro. – Agora temos esperança.

Hokanu voltou um olhar mortal para o Mestre dos Espiões.

– Como? O vendedor de especiarias está morto. Como pode falar em esperança?

Os dentes de Arakasi brilharam de pura satisfação.

– Porque sabemos que há um antídoto. E o frasquinho de veneno tem a marca do fabricante no fundo. – Puxou de novo, levando um entorpecido Hokanu na direção da tábua solta do lado das docas, por onde haviam entrado. – Conheço o boticário que usa este selo. No passado comprei informações dele.

O Mestre dos Espiões se dobrou e escapou para o crepúsculo fumegante e fétido da viela atrás da travessa dos Peixeiros.

– Tudo o que temos a fazer é evitar a confusão que Chimichi começou para nós, encontrar o homem e interrogá-lo.

Interrogatório

Hokanu correu. As ruas eram uma balbúrdia de barulho e pessoas em fuga, e Arakasi parecia uma sombra entre elas, distinguindo-se apenas por sua túnica de sacerdote exageradamente agitada. Apesar de ter a preparação física de um soldado, Hokanu não estava habituado a correr de pés descalços. Depois de ter arranhado os artelhos em saliências das pedras da calçada, de deslizar precariamente no limo das sarjetas e de haver uma vez pisado em cacos de louça, teria acolhido de bom grado umas sandálias, mesmo que não servissem e lhe dessem bolhas. Arakasi, porém, se sabia de suas dificuldades, ainda assim não diminuiu o ritmo.

Hokanu teria preferido morrer a reclamar. A vida de Mara estava em jogo e cada minuto aumentava seu temor de que já não pudesse ser ajudada, que o horrível veneno de ação lenta a tivesse afetado irremediavelmente.

– Pare de pensar – arquejou em voz alta para si mesmo. – Limite-se a correr.

Passaram por uma banca de peças de barro onde viram o dono andando de um lado para outro de pijamas, erguendo o punho a quem passava. Arakasi fez o Shinzawai virar à direita.

– Guerreiros – murmurou, quase sem fôlego. – Se formos sempre reto, daremos de cara com eles.

– Imperiais?

Hokanu obedeceu à mudança de direção com um esgar estampado no rosto ao sentir seus dedos esmigalharem algo que fedia a cebolas podres.

– Não sei – respondeu Arakasi. – A luz prega peças e tudo o que vejo são plumas de elmos. – Inspirou fundo. – Não vamos ficar aqui para descobrir.

Esgueirou-se à esquerda por uma viela ainda mais estreita e fétida que a anterior. Os sons da rixa diminuíram, sendo substituídos pelo ruído furtivo dos ratos, pelos passos arrastados de um acendedor de lamparinas manco a caminho de casa depois do trabalho e pelo ranger da carroça de um vendedor ambulante de hortaliças puxada por uma needra muito magra. Arakasi puxou o capuz para cima e se enfiou numa entrada coberta de musgo.

– Chegamos. Cuidado com o pórtico... o arco é muito baixo.

Hokanu teve de se dobrar para entrar. Atrás ficava um pátio minúsculo com o que parecia ser o jardim de um médico, dada a quantidade de ervas medicinais. No centro havia um lago de peixes, também cheio de ervas; Hokanu aproveitou para lavar os pés. A água, malcheirosa, estava quente devido à urina. Pensou, enojado, se o local teria sido usado por pessoas ou cães como latrina.

– Originalmente, era uma cisterna – segredou Arakasi, parecendo responder a seus pensamentos. – Por conta do cheiro, Korbargh despeja a água suja aí.

Hokanu enrugou o nariz.

– Que espécie de nome é esse, Korbargh?

– Thuril – respondeu o Mestre dos Espiões. – Mas o sujeito não vem das Terras Altas. Pelo sangue, ele é mais homem do deserto do que outra coisa. Não se deixe iludir. É inteligente e fala tantas línguas quanto eu.

– E quantas são? – sussurrou Hokanu.

Mas Arakasi já erguera a mão para bater na tábuca grossa que servia de porta da frente. A porta se abriu de repente, o que

assustou Hokanu.

– Quem é? – rosnou uma voz grosseira.

Sem se deixar perturbar, Arakasi disse algo no tom gutural da língua do deserto. Quem quer que o tenha ouvido tentou fechar de pronto a porta, mas a madeira robusta ficou entreaberta, pois o Mestre dos Espiões enfiara seu turíbulo na abertura.

– Deixe-nos entra' p'ra falar com seu mestre, anão covarde, ou `ranco sua língua da boca! – ameaçou num dialeto tsurani gutural utilizado por ladrões e pedintes.

Tratava-se de uma gíria que Hokanu nunca tinha ouvido, mas que lhe arrepiou a pele.

O anão, em resposta, disse algo que soou a uma obscenidade.

– Isso não basta – retrucou Arakasi, e com um rápido movimento da cabeça convidou seu suposto penitente a ajudá-lo a arrombar a porta.

Desesperado com a situação da esposa, Hokanu se lançou com todo o empenho. Bateu com tal força com o ombro na tábuia que o anão foi derrubado para trás e as dobradiças de couro arreventaram para dentro. Sobre o estrondo de madeira derrubada, Arakasi e Hokanu avançaram no que parecia ser um átrio, com telhas em terracota e decorado com frisos de épocas em que a vizinhança fora mais próspera. O anão resmungava num misto de línguas, devido aos dedos esmagados e à cabeça machucada pela tranca da porta, projetada dos suportes e agora despedaçada no chão.

– De qualquer maneira, estava podre – comentou Hokanu, arrancando lascas do ombro. – Já não servia sequer para deter um rato.

Um toque de Arakasi lhe indicou que deveria ficar em silêncio. Hokanu obedeceu em vez de se ofender com o atrevimento. Assim que um desconhecido enorme e bastante musculoso entrou vestindo uma túnica com aves li bordadas, os olhos do nobre Shinzawai se arregalaram.

– Sangue do deserto, não é? – ironizou em voz baixa.

Arakasi não prestou atenção ao comentário e disse algo na língua do deserto ao anão, então a criatura parou de gritar e se levantou atrapalhada, como uma gazen perseguida, escapando por um canto numa parede lateral.

– Deuses lá no alto – ribombou o gigante com a túnica feminina.
– Você não é nenhum sacerdote.

– Fico contente por ter notado – disse o Mestre dos Espiões. – Isso nos poupa de preâmbulos desnecessários. – Fez um movimento de quem iria puxar para trás o capuz e suas mangas caíram revelando um entrelaçado de tiras de couro. As bainhas de facas estavam vazias, pois seu conteúdo já refletia tons de prata nas mãos de Arakasi enquanto baixava os braços.

O arquejo de surpresa de Hokanu ao constatar que o Mestre dos Espiões possuía armas de metal precioso foi contido por um urro de touro de Korbargh.

– Então foi você quem matou meu aprendiz!

Arakasi correu a língua pelos dentes.

– Você tem boa memória. Isso é bom. – As duas facas poderiam estar sendo empunhadas por uma estátua de pedra, de tão estáveis que se apresentavam. – Recorda-se, então, de que posso trespassar seu coração antes de você sequer conseguir pensar, quanto mais escapar. – O Mestre dos Espiões se dirigiu então a Hokanu: – Desaperte meu cinto e use-o para prendê-lo pelos pulsos e tornozelos.

O gigante inspirou fundo para protestar, mas desistiu quando Arakasi contraiu o pulso. Hokanu teve todo o cuidado para não se posicionar entre os dois quando desamarrou o cinto de sacerdote, que era feito de pele de needra e mais resistente do que corda trançada. Hokanu apertou os nós com força, e o medo que sentia por Mara desencorajou qualquer piedade que pudesse nutrir pelo incômodo do homem.

Uma enorme viga de madeira escorava o teto, com ganchos feitos de chifres instalados para pendurar as lamparinas a óleo, as preferidas dos ricos; naquele momento sustentavam apenas teias de aranha, mas, ao contrário dos laços de couro usados pelos pobres com o mesmo propósito, não tinham apodrecido ou enfraquecido.

Seguindo o olhar de Arakasi, Hokanu quase deu um sorriso vingativo.

– Quer que eu o pendure pelos pulsos?

Diante do assentimento de Arakasi, o gigante guinchou numa língua que Hokanu não reconheceu. O Mestre dos Espiões respondeu de forma igualmente gutural e depois mudou de idioma, por respeito ao Senhor:

– Não há escapatória, Korbargh. Sua esposa e aquele imbecil do guarda-costas que você mandou com ela estão retidos. Um grande tumulto está acontecendo e os Brancos Imperiais estão todos lá fora, interditando as ruas onde ela fazia compras. Se for esperta, passará a noite em segurança numa hospedaria e voltará para casa de manhã. Neste momento, seu criado Mekeh está escondido sob o barril de cerveja no barracão de trás. Ele viu como seu último aprendiz morreu e, enquanto eu estiver aqui, não se atreverá a mostrar a cara, nem sequer para ir buscar ajuda. Por isso, eu pergunto, e você responde, qual é o antídoto que deveria ter enchido o frasquinho que meu amigo vai lhe mostrar?

Hokanu puxou a corda para apertá-la mais ainda, prendeu-a provisoriamente e mostrou o frasco verde encontrado no armazém do comerciante morto.

Já pálido por ter os braços torcidos para cima, Korbargh ficou completamente lívido.

– Não sei de nada. Nada.

Arakasi ergueu as sobrancelhas.

– Nada? – Seu tom de voz soou pesadamente suave: – Ah, Korbargh, você me decepciona. – A expressão endureceu e ele

moveu a mão terrivelmente depressa.

O aço desenhou um arco difuso na sala. A lâmina roçou no rosto de Korbargh, cortando uma mecha de cabelo oleoso, e cravou-se com um estampido na viga.

Arakasi falou num tom diferente:

– Há três cifras, na escrita do deserto, neste frasco. Feitas por sua mão... Fale. – Quando o prisioneiro ergueu o queixo para mais uma negação, Arakasi o interrompeu: – Meu companheiro é um guerreiro. A esposa dele está morrendo devido à sua mistura diabólica. Será que ele precisa descrever seus métodos mais inventivos de extrair informações de batedores capturados do inimigo?

– Ele que o faça – arquejou Korbargh, com medo, mas ainda assim inflexível. – Não falarei.

Arakasi de repente voltou os olhos escuros para Hokanu e esboçou um sorriso impiedosamente frio.

– Pela saúde de sua esposa, explique a ele como você faz os prisioneiros falarem.

Aproveitando a deixa do Mestre dos Espiões, Hokanu encostou o ombro na parede. Parecendo dispor de todo o tempo do mundo, descreveu métodos de tortura que conhecera através de rumores, de registros antigos encontrados na casa dos Minwanabi quando fora limpa para a chegada de Mara, de contos relatados para perturbar novos recrutas e de alguns outros que improvisou. Como Korbargh não parecia ser um homem imaginativo, Hokanu se demorou com uma satisfação profana nas partes mais horríveis.

Korbargh começou a transpirar e tremer. As mãos presas nas amarras começaram a se mexer, não por esperança de escapar, mas por conta de um medo irracional e desesperado. Num momento de delicadeza, Hokanu voltou-se para Arakasi.

– Que método devemos tentar primeiro? Qual você prefere: as agulhas escaldadas ou as alavancas e cordas?

Arakasi coçou o queixo, pensativo, seus olhos parecendo acariciar o corpo trêmulo do alquimista, e depois sorriu. O sorriso obrigou Hokanu a conter um arrepio.

– Bem – disse, num tom arrastado. Seus olhos pareciam de gelo.
– Quer saber a minha opinião?

Korbargh puxou as amarras.

– Não – disse com uma voz rouca. – Não. Eu digo o que vocês querem saber.

– Estamos à espera – interrompeu Hokanu. – Acho que aquela vara da tapeçaria na sala ao lado servirá perfeitamente como alavanca. E sei onde poderemos encontrar, aqui perto, aqueles insetos devoradores de carne...

– Esperem! Não! – gritou Korbargh.

– Então – interveio Arakasi com cautela –, revele-nos a receita para o antídoto que deveria ter estado neste frasquinho.

Korbargh assentiu, agitado.

– Folhas de sessali mergulhadas em água salgada durante duas horas. Adoce a mistura com quantidades generosas de mel de abelha-vermelha para que a Senhora não vomite as ervas salgadas. Um pequeno gole. Espere um minuto. E mais outro gole. Espere outra vez. E depois tudo o que ela conseguir beber. Quanto mais engolir, mais depressa ficará boa. Depois, quando os olhos recuperarem a visão e a febre desaparecer, uma pequena xícara do preparado a cada doze horas, durante três dias. É esse o antídoto.

Arakasi girou para encarar Hokanu.

– Vá – disse secamente. – Leve os cavalos e corra para casa. Qualquer curandeiro terá erva de sessali em suas provisões e, para Mara, o tempo urge.

Angustiado, Hokanu deu uma olhada na figura pendurada de Korbargh, agora soluçando de alívio histérico.

– Vou averiguar as ligações dele – disse Arakasi às pressas, mas se viu falando para o vazio.

Hokanu já desaparecera pela porta derrubada.

O ar noturno se infiltrava pela abertura. Mais abaixo no bairro, dois companheiros ébrios cambaleavam de volta para casa, cantando. Alguém despejou água suja pela janela e o chapinhar de seu conteúdo foi interrompido por um grito de espanto de um desgraçado que passava na rua.

Arakasi ficou imóvel.

Nervoso com o silêncio, Korbargh agitou as amarras.

– Vo-você vai me li-libertar? – Terminou num tom preocupado: – Revelei o antídoto.

Parecendo uma sombra na parede escura, Arakasi virou-se, os olhos brilhando como os de um predador.

– Mas não revelou quem comprou o veneno – disse –, aquele no frasco disfarçado de antídoto.

Korbargh tentou se libertar das amarras.

– Se eu revelar, serei um homem morto!

Silencioso como um felino, Arakasi puxou ainda mais seu prisioneiro e arrancou a faca da viga; de incalculável valor na cultura de Kelewan, pobre em metais, a lâmina brilhou na escuridão. O Mestre dos Espiões passou os dedos pelo aço, como se o experimentasse.

– Mas o que está em discussão aqui já não é sua vida. O que está em aberto é o modo como você vai morrer.

– Não – choramingou Korbargh. – Não. Não posso contar mais nada. Nem que me enforque e os deuses lancem meu espírito para longe da Roda da Vida por força da desonra.

– Enforcarei você – disse de pronto Arakasi –, a não ser que abra a boca; não duvide disso. Mas uma lâmina pode causar dolorosos ferimentos num homem antes de uma corda ser usada para terminar o serviço. A questão não tem a ver com honra ou desonra, Korbargh, mas com um fim piedoso ou uma longa agonia. Você conhece as drogas capazes de originar uma morte alegre.

Encostou a ponta da faca na gordura do antebraço do homem e continuou:

– E conhece as drogas, dentre as que você tem em suas prateleiras, que fazem a vítima se contorcer de sofrimento antes da morte, drogas que intensificam a dor, que mantêm a pessoa desperta e fazem com que o tempo pareça passar muito devagar.

Korbargh ficou pendurado pelos pulsos, os olhos arregalados de medo. Arakasi tocou com o dedo na ponta da faca, pensativo.

– Tenho todo o tempo do mundo, mas não gosto de desperdiçá-lo com silêncio.

– Minha esposa... – começou o comerciante de venenos a dizer.

O Mestre dos Espiões o interrompeu:

– Se sua esposa voltar antes de você me dizer o que preciso saber, ela se juntará a você. Seu guarda-costas morrerá antes de conseguir cruzar a entrada e você me verá experimentar meus métodos com ela. Darei drogas para que ela se mantenha consciente e depois retalharei seu corpo em tiras! – Assim que o homem enorme começou a choramingar aterrorizado, Arakasi fez uma pergunta: – Será que seu anão aprendiz vai saquear sua casa ou irá lhe proporcionar um ritual fúnebre adequado? – Arakasi deu de ombros. – Roubará tudo aquilo que tiver valor, você sabe disso. – Olhou ao redor e prosseguiu: – Dada sua localização e clientela, duvido que alguém se apresse em relatar seu assassinato aos Vigilantes da cidade. É possível que nenhum sacerdote jamais reze por você.

Korbargh rosnou algo ininteligível e Arakasi parou com as ameaças. Deu um passo à frente, agarrou a bainha da túnica do prisioneiro e cortou uma faixa de tecido. Não era seda, mas era de boa qualidade, e tinha uma fita bordada na parte de baixo. Arakasi, com destreza, fez do trapo uma mordaza. Antes de conseguir amarrá-la sobre a boca de Korbargh, o gigante arquejou e suplicou:

– Você é louco? Se me amordaçar antes de finalizar sua tortura

infernais, como eu poderia contar o que quer saber, caso tivesse a pretensão de falar?

Arakasi não parou e enfiou o trapo entre os dentes do comerciante de venenos. Quando o volumoso homem tentou resistir e se contorceu, o Mestre dos Espiões amarrou as pontas com nós tão seguros quanto os de um marinheiro.

– Sou tudo, menos louco – disse, numa voz de consoantes aveludadas.

Arakasi deixou o homem e foi depressa ao andar de cima. Voltou com diversos frasquinhos que colocou diante dos olhos de Korbargh, um de cada vez.

– Raiz de tai-gi, para estimular os sentidos e a dor – começou. – Pó de casca de jinab rasteira, que mantém um homem desperto durante uma semana. Folhas de sinquoi, que fazem com que o tempo passe mais devagar. Vai descobrir muito rápido que os conheço tão bem quanto um curandeiro. E fui ensinado por um mestre na arte do manuseio de facas. Não permitirei que grite quando a dor começar e, mesmo que você quisesse se livrar do sofrimento abrindo a boca, já lhe tirei essa oportunidade.

Com uma gentileza de causar arrepios, o Mestre dos Espiões desapertou a túnica de Korbargh. Com isso, expôs uma volumosa e peluda barriga de bebedor de vinho de sã ao ar noturno e depois se virou e desapareceu por um instante no cômodo ao lado.

Korbargh tentou se libertar das amarras como se fosse um peixe pendurado. Desistiu devido ao cansaço e estava inerte quando Arakasi voltou trazendo a lamparina a óleo usada para iluminar a escrivaninha onde o escrivão contratado fazia as contas e o cesto que o criado diurno usava para a costura.

O Mestre dos Espiões de Mara colocou esses objetos numa pequena mesa, que ergueu e moveu para a sua esquerda. Depois retirou a adaga do cinto e estreitou os olhos para verificar se havia falhas no gume. Sendo uma adaga de metal, a arma reluziu com

uma perfeição sinistra.

– Vou começar sem recorrer a drogas – anunciou Arakasi, o que fez o mercador de venenos gemer sob a mordança. – Pode imaginar como será sentir isso depois.

Avançou e, com golpes cuidadosos, rasgou em diagonal a camada superior da pele do umbigo de sua vítima em direção à virilha. O sangue salpicou os mosaicos do piso e Korbargh soltou um guincho abafado. Esperneou e, por fim, desistiu, respirando pesadamente.

– Fique quieto – avisou Arakasi. – Tenho nojo de trabalhos desleixados.

Sua vítima não se encontrava em posição de prestar atenção, mas o Mestre dos Espiões não pareceu se importar. Sua mão habilidosa compensou os tremores e sobressaltos de Korbargh. Fez outro corte leve e removeu um triângulo de pele, que atirou para o lado. Depois, realizou uma incisão sob a camada inferior de gordura e, como se estivesse dissecando alguma coisa numa escola de medicina, despiu o músculo abaixo.

– Vai falar agora? – perguntou Arakasi em tom casual.

Korbargh balançou a cabeça em negação. Suor pingava, junto com sangue, e ele tinha o cabelo e a barba ensopados. Gemeu sob a mordança, mas o olhar permaneceu hostil.

Arakasi suspirou.

– Muito bem. Como avisei, o sofrimento mal começou.

A mão que brandia a faca se moveu com extrema precisão e abriu o músculo do abdômen da vítima.

Korbargh soltou um guincho sufocado. Indiferente, o Mestre dos Espiões pegou as veias cortadas e as amarrou com um fio. Sua adaga começou então a trabalhar nas entranhas expostas e o sangue escorreu mais depressa. O piso ficou mais escorregadio e um cheiro forte pelo ar se espalhou. Korbargh perdera o controle da bexiga, o que adicionou mais líquido à poça fedorenta.

– E agora – disse Arakasi, enquanto sua sombra se endireitava com ele ao levantar os olhos para o rosto do vendedor de venenos –, tem algo a me contar? Não? Então temo que teremos de trabalhar mais perto dos nervos.

A lâmina mergulhou no tecido vivo, separando o revestimento de um nervo, e muito delicadamente abriu um buraco.

Korbargh, incapaz de falar, agitou-se violentamente, revirou os olhos e seus dentes se cravaram com força no trapo da mordaca. Em seguida, desmaiou de dor. Depois de algum tempo inconsciente, a cabeça saltou para trás quando um aroma forte se infiltrou pelas narinas. Enquanto piscava, confuso, mãos fortes despejaram um líquido malcheiroso entre seus lábios ao mesmo tempo que lhe tapavam o nariz, obrigando-o a engolir. A dor se tornou uma agonia insuportável e em sua mente tudo se tornou horrivelmente claro.

– Você vai falar agora – sugeriu Arakasi. – Caso contrário, prosseguirei com isto até o amanhecer. – Limpou a lâmina pegajosa, enfiou-a com desprezo no cinto e estendeu os braços para soltar os nós da mordaca que impedia que Korbargh falasse. – E depois chegará sua esposa, e me dedicarei a ela, para ver se também sabe de algo.

– Você é um demônio – arquejou o homem ferido. – Um demônio! Que seu corpo e sua alma apodreçam e voltem na próxima vida na forma de um fungo!

Arakasi, com um olhar terno, estendeu o braço para seu trabalho sangrento e o torceu. Korbargh soltou um grito capaz de despedaçar o ar.

– O nome – insistiu o Mestre dos Espiões, implacável.

E da boca de Korbargh jorraram palavras, fornecendo o nome que ele procurava.

– Ilakuli – repetiu Arakasi. – Um traficante de boatos que pode ser encontrado na rua dos Sonhos Tristes.

O vendedor de venenos assentiu com pesar. Começou a soluçar,

seu rosto da mesma cor da gordura amarela, e acabou por dizer:

– Acho que ele pertenceu à Seita dos Hamoi.

– Acha? – suspirou Arakasi, como se corrigisse uma criança. – Eu sei que sim.

– E minha esposa?

– A seita pode procurá-la. É um risco que conhecia quando aceitou fazer negócios com eles. Mas eu terei partido há horas quando ela voltar, assim, ao menos de mim ela estará a salvo.

Arakasi esticou o braço subitamente e cortou a garganta de Korbargh.

Saltou para trás quando o sangue esguichou e sua vítima esperneou pela última vez naquela vida. Arakasi apagou de imediato o pavio da lamparina a óleo. Uma escuridão misericordiosa se impôs e ocultou a carnificina no átrio.

Arakasi trabalhou no escuro, as mãos agora tremendo em espasmos. Fechou a túnica de Korbargh e amarrou o cinto, para que a jovem esposa fosse poupada dos detalhes mais medonhos do que acontecera ali naquela noite antes da volta dela. O Mestre dos Espiões baixou o corpo e estendeu-o numa posição de descanso no piso. Em relação ao sangue, nada podia fazer. Sua busca inicial pela lamparina revelara que o pessoal doméstico não tinha água para lavar as mãos. Limpou os dedos o melhor que pôde numa tapeçaria e uma esteira de oração foi a única alternativa como toalha. Então, num canto do quarto de dormir de Korbargh, deixou-se, por fim, levar pelos nervos. Ajoelhou com um pote ainda por esvaziar nas mãos e vomitou violentamente. Esforçou-se por vomitar mais mesmo depois de já ter esvaziado o estômago. Então, sem vontade de voltar a passar pelo átrio, saiu por uma janela.

As ruas estavam completamente desertas; os distúrbios já haviam sido controlados. Uns poucos retardatários se apressavam a voltar para casa e as sombras de outros vultos se ocultavam em vielas escuras. Um sacerdote assustado e faminto não tinha nada de

valor que pudesse ser roubado; Arakasi estava completamente sozinho. O vento noturno em seu rosto o ajudou a se recompor. Uma breve parada ao lado de uma fonte ornamental à entrada do que seria provavelmente um bordel lhe permitiu limpar o resto do sangue que tinha nas mãos. O sangue estava ainda incrustado sob as unhas, mas nesse momento já não tinha estômago para limpá-las com a faca. Pôs-se a correr e, para afastar os pesadelos que o perseguiram desde o átrio de Korbargh, voltou os pensamentos para a informação que tanto lhe repugnara obter.

Já ouvira falar de Ilakuli e havia um homem na cidade que saberia de seu paradeiro. Arakasi mergulhou na noite.

Hokanu correu a pé, puxando pelas rédeas as duas montarias a seu lado enquanto espumavam, exibindo nas narinas dilatadas linhas escarlate. O receio pela vida de Mara o ajudou a seguir caminho, já muito além da exaustão dos músculos e dos tendões. Vestia ainda a tanga de penitente. Da roupa que recuperara na estalagem, parara apenas para ajustar as sandálias. O resto, enfiara nos alforjes do cavalo de pelo claro, sem querer saber se parecia um mendigo, seminu e coberto de terra e suor.

Sua única preocupação era a receita para o antídoto que constituía a última esperança para sua esposa.

A névoa se infiltrou por toda parte, dando um aspecto fantasmagórico a árvores e pedras na escuridão que precedia o amanhecer. O pórtico de orações dedicado a Chochocan se destacou em branco como algo saído das terras dos espíritos governadas por Turakamu, o Deus da Morte. Hokanu passou correndo sob seus arcos finos, mal percebendo as figuras sagradas pintadas nos nichos ou a lamparina deixada acesa por um sacerdote de passagem. Avançou aos tropeços, prestando atenção apenas ao fato de o pórtico assinalar o início do fim de sua viagem. As fronteiras da propriedade ficavam perto do conjunto seguinte de colinas,

atravessando um desfiladeiro guardado por suas patrulhas. Lá haveria um mensageiro, assim como um oficial de confiança e algum curandeiro. Com alguma sorte, teria a erva para o antídoto em suas provisões, e qualquer cozinha de um Senhor teria mel de abelha-vermelha.

Sentindo dores em todas as articulações e arquejando devido ao extremo cansaço, Hokanu esperou que o Bom Deus o perdoasse por negligenciar a oração de passagem que o pórtico deveria inspirar. Não tinha fôlego para falar e sabia que, se parasse, cairia e perderia os sentidos. Subjugado por um tremendo cansaço, Hokanu atravessou o arco rumo à névoa perolada do outro lado.

Os animais pressentiram a emboscada antes dele.

O grande corcel cravou abruptamente os cascos no solo, bufando, e a égua se assustou. Atirado para a frente pela súbita parada, Hokanu arquejou de frustração. A flecha disparada de uma mata perto da estrada não o acertou por centímetros, batendo inofensivamente na beira da estrada.

Instantaneamente, golpeou o corcel com o cotovelo, fazendo o animal se assustar e começar a dar pinotes. A égua, resfolegando, também se agitou e ficou inquieta e o corcel soltou um relincho e um coice. Hokanu desembainhou a espada que trazia na sela. Agachado e protegido pelos animais, voltou ao arco do pórtico de orações de Chochocan.

Hokanu não se atreveu a pensar que haveria apenas um homem na emboscada. Ofereceu uma breve oração ao Bom Deus pedindo que, fossem quem fossem, não estivessem familiarizados com cavalos do mundo bárbaro, pois os animais eram a única chance que lhe restava de salvar a própria vida.

Ainda atadas pela rédea principal, as montarias se agitaram diante do arco, o corcel determinado a dar uma mordida ou um coice defensivo e a égua em pânico dando voltas, saltos e recuando, num esforço por se libertar. Hokanu calculou que nenhum assassino

nascido em Kelewan permitiria que aqueles cascos ruidosos e impressionantes passassem pela arcada para apanhá-lo. A única opção de quem montara a emboscada era flanqueá-lo pela entrada do outro lado e, louvado fosse Chochocan, qualquer que tenha sido o Senhor dos Minwanabi que erguera aquela oferenda ao deus, mostrara ser bastante generoso.

O pórtico era enorme, construído em pedra e madeira, com contrafortes móveis para suportar sua elevada altura. Tinha entalhes intrincados, espirais douradas excepcionais e uma grande diversidade de abóbadas, nichos e recantos para oração no interior. Era possível esconder lá seis arqueiros e impedir seriamente o fluxo do tráfego – sem dúvida, a verdadeira motivação por trás do gesto de devoção do antigo Senhor.

Hokanu só poderia sentir-se grato por tal impiedade assim que abandonou o abrigo proporcionado pelos animais assustados e escalou os arabescos, içando-se com uma mão após outra ao longo de uma viga sob as traves. Balançou-se para cima e se agachou num nicho atrás da pintura de um rosto alegre. Ofegando em silêncio devido ao tremendo cansaço, encostou-se o melhor que pôde, escondendo-se na sombra. Ficou de costas para a parte interna do nicho, os olhos completamente abertos e atentos, enquanto o corpo recuperava oxigênio. Um momento que pareceu uma eternidade se passou. Assim que as tonturas cessaram, o nobre Shinzawai reparou que o rosto acima dele fora escavado. A parte de trás fora construída com buracos nos olhos através dos quais um homem escondido poderia observar quem quer que entrasse no pórtico de orações, chegando ou partindo.

Se Hokanu não estivesse sem fôlego, e em perigo mortal devido a um assassino, poderia ter rido em voz alta. No seio do Império, nem a religião estava livre do Jogo do Conselho; obviamente, antigos Senhores dos Minwanabi tinham colocado vigias ali para alertarem quando alguém chegava à propriedade e também para

espiar o tráfego e o comércio que pudesse cruzar a estrada. Fosse qual fosse o subterfúgio usado naquele local no passado, Hokanu aproveitou a vantagem que lhe dava no presente. Agarrou a viga de suporte que mantinha a máscara presa em seu nicho, escondeu-se na parte oca e depois espiou para fora através dos buracos dos olhos.

A égua e o corcel continuavam rodopiando, agora irremediavelmente presos na rédea principal. Um deles dera um coice num pilar de suporte, pois havia uma depressão em forma de casco numa das vigas que suportavam o arco de entrada. De repente, os animais se viraram ao mesmo tempo e o corcel fungou. Ambos fitaram a noite, tensos, com as orelhas apontadas para a frente, à escuta. Alertado pelos cavalos, Hokanu percebeu um movimento nas sombras para além do pórtico de orações.

Figuras vestidas de preto, espalhadas em formação, se aproximavam cautelosamente. As três na dianteira estavam armadas com arcos. Depois vinham mais duas, vigiando a retaguarda, e, para profundo alívio do homem que buscavam, vasculharam os vãos e os cantos do pórtico de orações apenas no nível do solo.

A fêmea avistou os homens antes do corcel. Ergueu a cabeça com tal força que a rédea estalou e, com um resfolegar sibilante, ela saiu em disparada pela estrada. O medo fez com que galopasse, com o instinto equino conduzindo-a de volta a casa e ao estábulo. Os assassinos de negro saltaram para o lado, para deixá-la passar, e depois retomaram a formação. Mais tranquilo, o corcel ficou observando, as orelhas e a cauda espetadas. Depois, sacudiu a crina, coçou o pescoço contra o braço de uma estátua e se afastou um pouco a trote, baixando o focinho para pastar na beira da estrada.

Na cavidade escura como breu do pórtico de orações, tudo ficou subitamente em silêncio; Hokanu sentiu uma pontada de desânimo. Os pulmões exauridos ainda tentavam recuperar-se da corrida e o

esforço feito para acalmar a respiração o deixou perigosamente zozinho. Com uma terrível decisão a tomar, optou por ser descoberto e lutar em vez de desmaiar e permitir que os inimigos o apanhassem inconsciente.

Os cinco agressores o ouviram de imediato. Ficaram como cães apontando para a caça e encararam o esconderijo da presa. Depois puseram os arcos sobre os ombros. Três se colocaram numa formação defensiva, enquanto os outros dois iniciavam a escalada.

Hokanu desembainhou a espada e lançou-a como um dardo. A arma apanhou o homem mais corpulento na garganta, espetando-se por trás do esterno até se cravar no coração. Silenciado antes de conseguir gritar, caiu com um baque surdo que espantou o corcel e fez com que olhasse para cima. Hokanu percebeu, com o rabo do olho, que o cavalo contornava agitado o pilar atrás da entrada, e logo a seguir saltou e correu para se abrigar assim que três flechas sibilaram em direção a seu esconderijo.

Uma bateu ruidosamente na madeira, enquanto as outras duas fizeram saltar lascas da orelha da máscara da fortuna, ricocheteando e se cravando na madeira atrás. Hokanu colocou a mão na adaga que escondera na tanga. Recuou o máximo que seu tamanho permitiu no vão e levantou a mão esquerda para arrancar uma das flechas da madeira.

Logo surgiu um vulto vestido de negro, nada além de um contorno contra o conjunto de vigas que uniam o interior do pórtico de orações. A adaga lançada por Hokanu o atingiu no pescoço e o homem caiu para trás emitindo um som gorgolejante. Seu companheiro não se mostrou tão decidido a segui-lo, optando por se agachar e preparar o arco. Hokanu viu a ponta da arma brilhar na escuridão. Arrepiou-se ao tomar consciência de que muito em breve uma flecha viria empalá-lo. Girou a flecha que tinha na mão de modo a colocá-la em posição de espetar e preparou-se para investir na direção do arqueiro.

Uma voz áspera ecoou de baixo:

– Não tenha pressa. Mantenha-o aí preso. Oridzu vai escalar a outra estátua para atingi-lo de cima.

Uma sensação desanimadora se apoderou de Hokanu, que compreendeu que seu abrigo apenas o protegeria de uma investida frontal; por outro lado, a efígie alta do deus oferecia a vantagem tática perfeita sobre sua posição. Caso tentasse se esconder de quem quer que estivesse ali, ficaria muito vulnerável a disparos de arco vindos de baixo. Desfecho ainda mais feio e cruel: o conhecimento do antídoto que poderia salvar Mara morreria com ele. Arakasi não tinha motivos para duvidar que ele conseguira passar. Hokanu amaldiçoou a pressa que o levava a abandonar Kentosani sem gastar mais uns minutos para reunir uma escolta. Mesmo que não tivesse tido tempo de requisitar soldados a seu pai ou à casa de Mara na cidade, poderia pelo menos ter contratado mercenários. Qualquer tipo de apoio armado poderia ter liquidado a emboscada dos assassinos.

Mas ele abdicara da escolta de guerreiros em favor da rapidez com que poderia chegar sozinho, montado nos exóticos cavalos do Reino. As criaturas eram capazes de suplantar os mensageiros mais velozes e Hokanu colocara o risco de morte de sua esposa acima do seu. Agora Mara iria pagar por sua tolice. A última dos Acoma iria morrer sem saber quão próximo o homem que a amava estivera de lhe levar o antídoto.

Quando os sons da aproximação furtiva dos homens chegaram aos ouvidos de Hokanu, ele praguejou. Não apenas um, mas ambos os assassinos sobreviventes estavam escalando as estátuas. Iriam disparar sobre ele dos dois lados, e não deixou de lado a possibilidade de os falecidos Senhores terem colocado vãos ocultos atrás de outros entalhes no pórtico de orações, como tendiam a fazer as mentes ancestrais dos Minwanabi. Poderia ser atingido sem sequer ver quem o atacava.

Desesperado, encurralado e tremendo de cansaço e raiva, Hokanu agarrou a flecha, que era sua única arma. Preparou-se para atacar o homem que o detinha ali. Morreria, mas talvez conseguisse levar outro inimigo com ele para os salões de Turakamu.

Porém, quando se posicionou para se atirar da parede, ouviu o silvo de uma flecha. Mergulhou no chão, mas foi tarde demais. A haste se cravou em seu quadril e se incrustou no osso com um baque, gerando uma dor entorpecente.

Os lábios de Hokanu se repuxaram num esgar silencioso de dor. Essa dor animalesca e uma raiva intensa geraram nele uma clareza de pensamento sobrenatural. Agarrou a flecha e arrancou-a. A dor resultante fez com que recuasse involuntariamente. Uma segunda flecha se cravou na madeira onde encostara o tronco. Abraçado aos joelhos e derramando lágrimas de dor, tateou com os dedos manchados de sangue à procura de um ponto de apoio que lhe permitisse ficar de pé. O choque inutilizara sua perna e a que não estava ferida parecia ter os movimentos limitados.

Por algum milagre, colocou a mão em uma borda de madeira macia que fora arredondada em forma de punho. Hokanu fez um esgar com o solavanco. Recorreu a suas últimas forças para levantar o corpo debilitado e gritou quando o punho rodou com um estalido e cedeu.

Não estava preso, percebeu, em pânico. Mal escutou o estalo quando outra flecha mordeu a madeira bem ao lado de sua orelha. Subjugado e sem chance de recuperação, sentiu-se deslizar para baixo... e foi então que parte da parede cedeu.

“Claro!”, pensou e, com a descarga de adrenalina que se seguiu, riu em voz alta. O velho Minwanabi desconhecido construía esconderijos e alçapões de fuga, e Hokanu descobrira por acaso como abrir um deles. O alçapão se abriu para fora, puxando-o da escuridão e do fogo cruzado das flechas inimigas e levando-o para um alvorecer que brilhava como uma pérola nova.

Seus pés escorregaram desamparados da trave quando a abertura se escancarou por completo, deixando-o pendurado no mecanismo de abertura, no ar. O salto era insignificante para um homem saudável, uns meros 3 ou 4 metros. No entanto, com a ponta da flecha cravada no quadril, Hokanu temeu que a queda o matasse ou o fizesse perder os sentidos. Atirou para longe a flecha inútil que segurava na mão, esperneou, torceu-se e apalpou, mas não conseguiu encontrar um segundo ponto de apoio. Seu ferimento lhe provocava uma dor intensa, além de seus olhos lacrimejarem bastante.

Um guerreiro vestido de preto chegou à parte de trás do nicho que ele acabara de abandonar. Mexeu as mãos enluvadas, encaixou outra flecha e começou a apontar.

Arquejando, Hokanu olhou para baixo... e viu um círculo de mais inimigos convergindo da beira da estrada. O que os impedia de investir era o corcel, que pastava arrastando as rédeas pelo chão. O cavalo era inofensivo, mas os assassinos se mantinham cautelosos depois da demonstração de irritação equina que haviam testemunhado. O animal viu os assassinos se aproximarem e afastou-se devagar até se colocar exatamente embaixo de Hokanu.

– Que Chochocan o abençoe – soluçou Hokanu e se deixou cair.

Sentiu o estômago se revirar com o mergulho e o baque quando o corpo atingiu a sela, o que o deixou muito mal. O tormento em seu quadril foi ofuscado pela dor decorrente da pancada em sua genitália. O corcel grunhiu, ergueu a cabeça, surpreso, e dobrou-se sobre os joelhos devido ao impacto.

– Corra, sua carne para cães! – gritou Hokanu, tanto para aliviar a própria dor como para atizar o cavalo.

Inclinou-se para a frente, agarrando a crina com as duas mãos. Embora seu assento estivesse meio deslocado e sua perna continuasse pendurada no flanco do corcel, incitou-o com o calcanhar que ainda conseguia mexer e obrigou-o a se erguer.

Naquele momento, os arqueiros começaram a disparar. Atingido no pescoço, no ombro e na anca, o corcel deu um salto, mas a sorte voltou a sorrir para Hokanu: o movimento o projetou para cima e lhe permitiu encaixar a perna boa na aba da sela, mantendo-o sentado. O corcel desatou a galopar em direção à casa grande.

Os solavancos ameaçaram derrubar Hokanu, que se agarrou ao animal, entorpecido e ensurdecido pela dor. Suas mãos permaneceram cerradas, os nós dos dedos brancos na crina do cavalo, e seu sangue pingou e esvoaçou levado pelo vento, misturado com o da montaria. Tentou, sem sucesso, se equilibrar no assento. O ferimento o impediu de se centrar na sela. Não chegara tão longe, pensou, os dentes cerrados, para estragar tudo com uma queda. Mas, inexoravelmente, escorregou para o lado, até seu calcanhar raspar na terra. Estava preso apenas pelo joelho e o corcel começara a mancar. Um, dois, três galopes, mas ele permaneceu agarrado. Então as mãos se soltaram e seu corpo desenhou um arco no ar...

E foi apanhado rudemente e arrancado sem cerimônias da consequente inércia por um par de mãos enluvadas.

– Droga! – gritou Hokanu, e bateu no solo. A dor o fez soltar um grito terrível. O ar ficou negro e depois ofuscantemente branco, e ouviu vozes aos gritos. Uma delas era a de Lujan. – Assassinos – avisou, ofegante. – Estão me perseguindo.

– Já estão mortos, meu Senhor – anunciou o Comandante das Forças Armadas de Mara em tom rude. – Fique quieto, está sangrando.

Hokanu se obrigou a manter os olhos abertos. O céu pareceu ondular por cima dele, incongruentemente verde e livre de névoas. O nascer do sol projetou uma luz dourada nos rostos dos soldados da patrulha que o encontrara.

– Vimos a fêmea chegar em grande velocidade, sem cavaleiro – contou alguém. – Calculamos que houvesse problemas na estrada.

Arakasi estava com o senhor?

– Não – arquejou Hokanu. – Está em Kentosani. Mas agora escutem.

E, por entre as dores, conseguiu recitar a receita do antídoto que era a única esperança de salvar Mara.

Com a experiente eficiência de um comandante de campo, Lujan ordenou ao mais rápido de seus guerreiros que despisse a armadura e fosse correndo falar com o curandeiro, transmitindo as instruções que Hokanu acabara de lhes passar. Enquanto o homem se afastava correndo, uma grande confusão se formou e Hokanu se esforçou para continuar consciente.

Mais homens foram enviados para buscar uma liteira e levar de volta para casa o consorte ferido da Senhora, enquanto a visão de Hokanu passava de um fundo negro irregular para uma nitidez dolorosa. Ouviu pano sendo rasgado e sentiu ar em sua pele inflamada quando Lujan expôs seu ferimento.

– Meu Senhor – disse o Comandante das Forças Armadas –, é preciso arrancar depressa esta ponta de flecha para fecharmos o corte.

Hokanu reuniu forças para tomar fôlego.

– Você não vai fazer nada com essa flecha – disse, irritado. – Pelo menos enquanto eu não estiver de novo ao lado de minha esposa para vê-la recuperada depois de ingerir o antídoto.

– Sua vontade será respeitada, meu Senhor. – O Comandante das Forças Armadas se levantou, apressado. – Líder de Ataques – gritou para seu oficial –, escolha quatro homens e faça uma maca! Meu Senhor Hokanu deve ir o mais rápido possível para perto de sua Senhora!

Milagre

O céu escureceu.

Os criados entraram em silêncio para fechar os biombos e acender as lamparinas do quarto de Mara. Terminaram a tarefa e se curvaram silenciosamente diante da Senhora, que jazia imóvel e pálida como cera sobre as almofadas. E depois partiram todos, deixando Hokanu a sós em vigília em meio a um silêncio que lhe corroía os nervos.

Haviam se passado sete horas desde que o antídoto fora administrado e a Senhora ainda não dera sinais de melhora. Suas pálpebras não tremiam com sonhos e a respiração não acelerara nem se alterara. Conforme o crepúsculo se intensificava para além dos biombos e a escuridão invadia o cenário, isolando esposo e esposa num círculo sem o brilho de lamparinas, Hokanu começou a sentir-se tomado pela dúvida. E se Korbargh houvesse mentido? E se os tivesse enganado fornecendo um antídoto falso? E se a emboscada no pórtico de orações houvesse atrasado sua chegada por minutos essenciais e o medicamento tivesse chegado tarde demais? E se os deuses houvessem se voltado contra eles e tudo o que haviam feito na vida tivesse se revelado inútil diante de um destino inescapável?

A dor do ferimento provocado pela flecha e a preocupação inevitável diante do estado de Mara levavam Hokanu à loucura. Agonizava com vontade de fazer algo quando nada mais se podia

fazer. Então estendeu o braço e agarrou a mão de Mara. Seria imaginação sua ou a pele parecia menos úmida e fria? Ou seria seu próprio corpo esgotado que estava febril e seco enquanto a ponta da flecha ainda em seu quadril começava a ulcerar o local? As dúvidas o perseguiam. Para quebrar o círculo de preocupações desnecessárias, Hokanu tentou falar com ela.

– Mara – começou. O vazio do quarto serviu apenas para aumentar sua solidão. – Mara.

Procurou em vão algo para dizer, mas todas as palavras já tinham sido proferidas: as desculpas intermináveis, as declarações de amor. O fato de a política mesquinha colocar em risco uma mulher que, sozinha, transportava tanta vida dentro de si servira apenas para enfatizar tudo o que havia de errado na sociedade tsurani: uma injustiça que Mara e sua linhagem se dedicaram a alterar. Hokanu fechou os olhos para conter as lágrimas. Não sabia qual era a origem de sua fraqueza, se o profundo e sentido arrependimento ou a dor provocada pelo ferimento.

Não soube dizer quanto tempo permaneceu sentado e imóvel, se debatendo com emoções indignas da mulher que naquela esteira lutava pela vida. Então, ao ouvir alguém batendo à porta, levantou a cabeça e constatou que a escuridão atrás dos biombos significava que a noite já ia alta.

– Entre – ordenou, atordoado pelo movimento brusco que fez quando foi interrompido.

Percebeu que nada comera desde o dia anterior; com certeza era por isso.

Lujan entrou e fez uma reverência brusca. Em um dia normal, não estaria de serviço àquela hora, e sim ingerindo descontraidamente a refeição da noite, mas naquele dia ainda vestia a armadura e a espada lisa que preferia. Empoeirado e cheirando a suor, endireitou-se, fitou o mestre com um olhar penetrante e apertou os lábios, nervoso, enquanto aguardava autorização para

falar.

Hokanu fez um aceno apático.

– Senhor?

O tom interrogativo era algo muito pouco habitual no Comandante das Forças Armadas dos Acoma.

Sabendo que se seguiria um questionário diplomático sobre seu estado de saúde, Hokanu se endireitou e apertou ainda mais a mão de Mara.

– Você tem algo a me dizer? – perguntou, agressivo.

Lujan projetou o queixo para a frente diante do tom de repreensão.

– Tomei a liberdade de enviar uma patrulha de reconhecimento, sob as ordens do Líder de Forças Militares Irrilandi.

O antigo Comandante das Forças Armadas dos Minwanabi já guiava patrulhas naquelas colinas antes de Lujan ter nascido.

Hokanu assentiu na direção do oficial dos Acoma para que prosseguisse.

– A patrulha deparou com uma pequena força armada preparada para pilhagem – continuou Lujan. – Houve um confronto. A maioria dos inimigos morreu, mas dois foram capturados com vida. Um tinha a língua solta. Aparentemente, os cinco arqueiros que o atacaram eram apenas batedores avançados. Foram enviados para fazer um reconhecimento da estrada e escolher o local para uma emboscada de fato. Mas não esperavam que você viesse a cavalo e com tanta velocidade. Foram pegos desprevenidos e se viram obrigados a improvisar. Os outros homens, disfarçados de bandidos, não estavam posicionados; sem dúvida foi o favor dos deuses que poupou sua vida.

Um pouco tonto devido ao incômodo causado pelo ferimento na perna, Hokanu assentiu.

– Você descobriu quem enviou os cães assassinos?

Lujan hesitou antes de responder. Tremendamente preocupado,

manteve o olhar fixo no Senhor ao mesmo tempo que cravava os polegares no cinturão da espada.

– Jiro – disse por fim. – A prova é incontestável. O Senhor dos Anasati esteve por trás disto.

Hokanu piscou para aclarar as ideias.

– Então deve pagar com a vida.

– Não, marido, você não deve sequer expressar essa ideia em voz alta. Como poderemos ir contra o decreto da Assembleia dos Magos? – murmurou uma voz fraca vinda das almofadas.

Lujan e Hokanu se viraram imediatamente para lá. Os olhos de Mara estavam abertos e lúcidos em seu rosto abatido; os dedos, tensos e trêmulos dentro da mão fechada do esposo.

– Como poderemos matar Jiro quando os Grandes proibiram rixas de sangue?

– Louvado seja o Bom Deus! – exclamou Hokanu, debruçando-se sobre a esposa e beijando seu rosto, embora o movimento o tenha deixado atordoado. – Amada, como você está se sentindo?

– Irritada – confessou Mara. – Deveria ter tido a esperteza de não provar aquele chocolate. A ganância de obter um monopólio comercial quase se tornou minha desgraça.

Hokanu afagou a mão dela.

– Agora descanse. Temos sorte por você estar novamente conosco.

Mara franziu o cenho.

– E o bebê? O que aconteceu com nosso filho? – A angústia patente no rosto de Hokanu serviu como resposta. Ela se envolveu nos próprios braços e fechou os olhos. – Dois filhos – sussurrou. – Dois filhos mortos, e não podemos derramar sangue como pagamento.

A frase pareceu esgotar as últimas forças que lhe restavam, pois caiu de novo no sono, com um rubor de raiva ainda manchando sua palidez.

Assim que a Senhora adormeceu, os criados apareceram em bando no quarto dela. Um curandeiro com uma sacola de remédios os instruiu a arejarem a roupa da cama de Mara e apagarem os pavios das lamparinas. Lujan não esperou por ordens e deu um passo à frente, agarrando Hokanu e retirando-o do lado de Mara.

– Comandante das Forças Armadas! – gritou, irritado, o Shinzawai. – Posso caminhar com meus pés, e você está dispensado.

Em resposta, recebeu aquele sorriso de Lujan que desarmava todos.

– Sou homem de minha Senhora, Senhor Hokanu. Esta noite não aceitarei ordens de um Shinzawai. Se você fosse um de meus guerreiros, já teria proibido que se mexesse, com um ferimento desses. E, verdade seja dita, temo mais a ira de minha Senhora. Vou levá-lo ao cirurgião para que retire essa ponta de flecha. Morrer em consequência das conspirações de Jiro enquanto Mara dorme não serviria de nada.

Seu tom foi quase insolente, mas o olhar revelou enorme gratidão pelo homem que salvara aquela mulher essencial à vida de ambos.

O cirurgião colocou os instrumentos manchados de sangue de lado, desviou o olhar de seu trabalho e enfrentou Lujan. A luz da lamparina brilhou em seu rosto suado, revelando uma expressão tensa.

– Não, a luz é suficiente – disse com voz rouca. – Vejo bem para trabalhar.

– Então o prognóstico não é bom – reagiu Lujan com um sussurro.

Manteve as mãos firmes e estáveis na perna de Hokanu para garantir que o homem ferido não se mexesse sem querer e estragasse o trabalho do curandeiro. Medicado com vinho de sã misturado com uma erva narcótica para diminuir a dor, Hokanu

poderia não lembrar direito onde estava ou o que acontecia e macular a genitália com um movimento brusco. Ainda assim, por mais confusa que se pudesse tornar a consciência de um homem, seu espírito permanecia desperto. Se as novidades eram ruins, o *wai* de Hokanu, seu eu mais recôndito, não precisava escutar antes de estar suficientemente recuperado para manter o autocontrole.

No entanto, ou as palavras de Lujan não foram proferidas num tom suficientemente baixo, ou o homem ferido relutava em abdicar o suficiente da consciência para ser poupado. Hokanu ergueu a custo a cabeça.

– Se está acontecendo algo de errado, quero saber já.

O curandeiro limpou as mãos em um pano. Em seguida, passou-o pela testa, apesar de não estar calor na enfermaria. Olhou, preocupado, para Lujan, que assentiu, e depois para o consorte de Mara.

– A ponta da flecha foi retirada, Senhor. Mas estava cravada bem fundo no osso e suas tentativas de fuga causaram muitas lesões. Tendões e ligamentos foram cortados, alguns destruídos de uma forma que meus talentos não sabem recuperar.

Não acrescentou que o ferimento era profundo e que a laceração provavelmente infeccionaria. Iria aplicar medicamentos nos cortes, mas não poderia fazer mais do que isso.

– Você quer dizer que não voltarei a andar?

A voz de Hokanu não vacilou, mantendo a dureza de uma ordem marcial.

O curandeiro suspirou.

– Vai caminhar, Senhor. Mas nunca mais irá liderar um ataque num campo de batalha. Ficaré manco e seu equilíbrio, comprometido. Em combate, qualquer inimigo capaz perceberá sua deficiência e facilmente o matará. Senhor, nunca mais vista uma armadura. – Meneou a cabeça grisalha, com pena. – Lamento. É o melhor que posso prometer.

Hokanu virou o rosto para a parede e permaneceu completamente imóvel. Nem suas mãos se fecharam; sua fúria, sua dor permaneceram escondidas. Mas Lujan, que também era um guerreiro, percebeu o que estava pensando; ele ainda era o herdeiro de seu pai e o Comandante das Forças Armadas dos Shinzawai. Era um problema para um homem na linha de sucessão do manto de uma grande casa ficar aleijado. Lujan percebeu um leve tremor nos músculos sob suas mãos. Sentiu um aperto no coração, mas não se atreveu a mostrar compaixão, com receio de que a dignidade mantida com dificuldade por Hokanu cedesse. Ainda assim, o homem com quem Mara se casara demonstrou mais uma vez a força de seu caráter.

– Prossiga seu trabalho, curandeiro – ordenou. – Conserte o que for possível e, por amor aos deuses, não me dê mais vinho medicinal para beber. Quero estar desperto quando minha Senhora acordar, e não atordoado e com pena de mim mesmo por causa da bebida.

– Então preciso substituir a lamparina – murmurou o cirurgião. – Terminarei isto o mais rápido possível.

– Fiel servidor, nisso poderei ser útil – disse uma voz calma junto à entrada.

O cirurgião ficou espantado, a mão imóvel a meio caminho da bandeja dos instrumentos; Lujan, irritado, de imediato largou a perna de Hokanu.

– Eu disse ao guarda de plantão neste corredor que o Senhor não deveria ser incomodado. Em caso algum.

Deu meia-volta, inspirando profundamente para repreender o soldado negligente, e estacou, chocado.

Um homem mirrado, que vestia roupas grosseiras num tom de marrom, se achava no limiar da luz da lamparina; não era um criado, mas um sacerdote de Hantukama, o Deus da Cura. Lujan já vira um deles antes, no dia em que a vida de Keyoke fora salva após ter sofrido vários ferimentos de guerra e a amputação de uma perna

infeccionada. Reconheceu a ordem religiosa do forasteiro pela tonsura semicircular na parte de trás da cabeça e pela intrincada trança que lhe pendia da nuca. Ciente de como era difícil obter os serviços de um sacerdote como aquele, Lujan fez uma profunda reverência, como faria um serviçal de cozinha, para se penitenciar pelo modo abrupto como falara.

– Perdoe-me, bom sacerdote, por meus maus modos. Em nome de minha Senhora, você é bem-vindo e meu comportamento grosseiro não representa a honra desta casa.

O sacerdote avançou, silencioso, com os pés descalços. O rosto queimado pelo sol não se mostrou ofendido, revelando antes uma profunda compreensão quando ele tocou o ombro do guerreiro.

– Com o Senhor e a Senhora feridos, você seria um mau guardião se não tentasse afastar intrusos.

Lujan falou com o rosto ainda encostado ao solo.

– Meu bom sacerdote, se veio para ajudar, meus sentimentos são ínfimos diante das necessidades de meu Senhor e minha Senhora.

Diante disso, o sacerdote mostrou uma expressão de desagrado assustadora no rosto até então sereno. Sua mão se crispou com uma força surpreendente e ergueu Lujan daquela posição submissa.

– Pelo contrário – disse de pronto –, o espírito e os sentimentos de todos os homens são iguais aos olhos do meu deus. Sua falta de modos é perdoada, valoroso guerreiro. Agora vá. Deixe-me tratar de meus assuntos com seu Senhor e que a sentinela à porta permaneça bem atenta.

Lujan saudou rapidamente o sacerdote, com a mão sobre o coração, e saiu, como lhe fora ordenado. O cirurgião fez uma reverência apressada e incompleta e deu mostras de que iria sair também. Mas o sacerdote, ao se aproximar do leito de Hokanu, acenou para que permanecesse.

– Meu aprendiz não passa de um garoto e está cansado demais da viagem para poder auxiliar. Está dormindo. Se devo servir meu

deus, precisarei de ajuda. – O sacerdote colocou sua bolsa no chão. Pegou os dedos suados do doente e fitou os olhos de Hokanu. – Filho do meu deus, como está se sentindo?

Hokanu inclinou a cabeça o melhor que pôde para demonstrar cortesia.

– Sinto-me suficientemente bem. A bênção de seu deus e a boa vontade de Chochocan o guiaram a esta casa. – Inspirou com dificuldade e manteve a voz firme, apesar do sofrimento: – Se me é permitido fazer um pedido, gostaria que cuidasse de minha Senhora. A necessidade dela é maior do que a minha.

O sacerdote contraiu os lábios.

– Não. Eu diria que não. – Ergueu uma mão, prevendo o protesto de Hokanu. – E cabe a mim julgar. Já vi a Boa Serva. Desloquei-me até aqui em resposta à necessidade dela, pois o sacrifício e o amor dela por seu povo são reconhecidos pelos seguidores do meu deus. Mas ela está indo muito bem sem a ajuda de Hantukama. Você trouxe o antídoto a tempo.

Hokanu cerrou os olhos, com evidente alívio.

– Estou grato por ouvir que ela vai se recuperar.

– Vai. – O sacerdote fez uma pausa, mostrando de repente um ar preocupado. Pareceu escolher bem as palavras antes de voltar a falar: – Mas você deve saber, como consorte, que ela só poderá carregar dentro do ventre mais uma criança – acrescentou. – O veneno causou danos e isso é o melhor que os poderes curativos de meu deus permitem.

Os olhos de Hokanu se abriram de repente, negros sob a luz bruxuleante da lamparina. Manteve a postura de guerreiro e não demonstrou nenhuma angústia diante do fato de sua Senhora não poder ter todos os filhos que desejava para assegurar tanto a sua linhagem quanto a dele.

– Então isso bastará, bom sacerdote.

O silêncio tomou conta do quarto enquanto o cirurgião

permanecia muito quieto em respeito aos sentimentos do Senhor. O sibilar da lanterna a óleo se misturou com o sussurro da brisa além do biombo e, mais ao longe, com os passos pesados de um guerreiro fazendo a ronda. Com o verão terminado, as criaturas anfíbias permaneciam em silêncio nas margens do lago; apenas os insetos zuniam no brando calor noturno. Em contraste com aquela tranquilidade e com a paz que reinava àquela hora tardia, o sacerdote de Hantukama declarou:

– Senhor Hokanu, isso não basta.

O consorte de Mara se esforçou para focar seus olhos, lutando contra o efeito entorpecedor do vinho medicinal. Fitou o pequeno sacerdote esguio e mirrado e ergueu-se de pronto.

– O que mais você me pede que ainda não dei?

O sacerdote de Hantukama suspirou e deu um leve sorriso.

– Você se deu demais, filho do meu deus. Seu amor e a devoção à sua Senhora consumiram tudo o que você tem e tudo o que você é. Por ela, o herdeiro dos Shinzawai arriscou a integridade de sua perna, e por ela entregaria a vida para poupar a dela. Eu digo, enquanto voz do meu deus, que isso é exagerado.

O rosto de Hokanu corou de raiva.

– Que honra teria se tivesse me salvado antes de salvar Mara?

O sacerdote o encostou de novo nas almofadas com um toque gentil, mas firme.

– Ela não precisa que você a salve – disse, sem rodeios. – Ela é Serva do Império e Senhora dos Acoma. Tem a própria força. Precisa de você como confidente e companheiro, não como um escudo.

Hokanu inspirou fundo para argumentar. O sacerdote o sacudiu com força, o que o fez ofegar.

– Você não é menos do que ela aos olhos deste Império e do meu deus. A continuidade desta nação, e a vida melhor para todos prometida pela Luz do Céu, está em suas mãos, enquanto herdeiro da Casa dos Shinzawai, tanto quanto nas mãos dela. Você é um

jogador primordial neste alterado Jogo do Conselho. É algo que deve compreender.

Fraco demais para contestar, Hokanu se deixou afundar nas almofadas.

– Parece que você conhece o futuro – comentou, exausto. – O que você vê que nós não vemos?

Mas o sacerdote nada iria revelar. Em vez disso, afastou-se do ombro de Hokanu e colocou as mãos na carne em ambos os lados do ferimento no quadril. Suavemente e com firmeza, dirigiu a palavra ao cirurgião:

– Abra minha bolsa, bom curandeiro. Para este homem se erguer sem mancar, temos pela frente uma longa noite de trabalho e precisamos invocar a bênção do meu deus.

A notícia da emboscada para pegar Hokanu e a certeza da recuperação de Mara chegaram aos ouvidos de Arakasi quando este seguia a bordo de uma barca fluvial que descia o rio, vindo de Kentosani. O mensageiro que trouxera as novidades apareceu logo depois do amanhecer, durante uma parada para carregar frutas frescas. Embarcou com os escravos que traziam os cestos de jomach e esgueirou-se para a frente até a multidão de passageiros que pagaram um centil por uma viagem sem qualquer conforto. A barca estava apinhada com três famílias de apanhadores de frutas migrantes, dois miseráveis pedintes expulsos de Kentosani por exercerem a atividade sem licença do Imperador e o mensageiro de uma guilda com um tornozelo inchado que se dirigia para o Sul para pedir ajuda a um tio enquanto seu ferimento sarava.

Arakasi seguia sentado entre dois barris amarrados, com seu capuz escuro cobrindo o rosto. Como estava tão sujo quanto os pedintes e parecia tão culpado quanto um ladrão de rua, as mães camponesas com seus bebês rabugentos e a tagarelice das crianças magricelas se mantiveram bem longe. O recém-chegado encontrou espaço para se enfiar logo abaixo dele e lhe sussurrou as novidades

ocorridas na propriedade dos Acoma.

De olhos fechados, com a cabeça recostada, o Mestre dos Espiões pareceu adormecido; tinha carvão debaixo das unhas das mãos e uma crosta no queixo. Mas seus ouvidos estavam bem atentos. Após um momento de intensa reflexão, resmungou com sonolência, rolou para o lado e exalou o ar bem devagar.

– Não vou descer na confluência do rio. Diga a nosso contato para transmitir meus cumprimentos ao Senhor e à Senhora. Se precisarem de mim, a rede deve perguntar a meu respeito na joalheria anexa à loja do estofador de Sulan-Qu. Você irá reconhecer o lugar pela caveira de harulth na placa.

O mensageiro tocou o pulso do Mestre dos Espiões para confirmar as instruções. Depois emitiu um som de repulsa, inclinou-se na direção do passageiro mais próximo e começou a louvar uma obscura irmandade de Lulondi, Deus dos Lavradores.

– Afaste-se, peste – retrucou a vítima, incomodada. – Não gosto de verduras e as moscas já incomodam bastante nesta viagem para eu ainda ter que aguentar você se lamuriando!

O mensageiro se curvou, batendo descuidadamente com o cotovelo no joelho de uma camponesa. Ela o insultou e deu-lhe um chute na canela. O distúrbio chamou a atenção do mestre da embarcação.

– Ei, você aí! Fique quieta ou vai sair daqui pela borda.

A camponesa protestou:

– Este miserável está aqui mendigando, e você cobrou uma moeda pela viagem, não foi?

O mestre da barca mostrou um olhar carrancudo, deu um passo à frente e observou o homem prostrado para quem a camponesa apontava o dedo cheio de calos.

– Você! Seu canalha pulguento e sarnento! Você tem um centil para pagar pela viagem? – O mestre da barca estendeu a mão, suada devido à irritação.

O homem para quem apontou murmurou clamando por piedade.

– Pela bondade da bênção de Lulondi, peço que me permita ficar.

O mestre da barca voltou a mostrar um ar carrancudo e estalou os dedos.

– Eu já lhe mostro a bênção de Lulondi. – Ao seu sinal, dois dos homens que ajudavam a impulsionar a barca com varas se levantaram dos lugares onde descansavam. Musculosos como lutadores, avançaram com suas pernas arqueadas e se curvaram diante do mestre. – Lancem-no borda afora – ordenou, indignado, o mestre da barca. – E nada de gentilezas, já que a ideia dele era viajar como clandestino.

Os homens das varas sorriram. Pegaram a vítima pelos pulsos, ergueram e lançaram pela borda. O mensageiro caiu com estrondo, espadanando água suja que encharcou a balsa dos vendedores de frutas amarrada ao lado para receber as mercadorias. Os escravos o empurraram com os remos e a tripulação da barca, os passageiros no convés e os curiosos nas margens começaram a rir enquanto o desgraçado se libertava das dobras da capa e nadava como um roedor do rio à procura de terra seca.

– Sim, sim, bênção de Lulondi – resmungou o mestre da embarcação.

Girou de novo, ensimesmado, e pisou em Arakasi, que roncava, sem se dignar a olhar.

Dois dias mais tarde, o Mestre dos Espiões de Mara desembarcou em Sulan-Qu. Abriu caminho discretamente pela orla ribeirinha, sob as sombras do meio-dia. As ruas estavam praticamente desertas, com as lojas fechadas para a sesta. Os poucos vagabundos das imediações ou dormiam nas sombras dos toldos das janelas e varandas ou vasculhavam o lixo nas sarjetas, à procura de uma casca para comer. Arakasi se dirigiu à Casa das Sete Estrelas, um bordel que atendia Senhores abastados com gostos peculiares. Ali,

na parte de trás, sob um arco decorado com querubins que se beijavam, bateu numa porta uma sequência previamente combinada. A porta se abriu e uma mulher imensamente gorda e cheia de contas e colares de corcara o puxou para dentro.

– Por todos os deuses – murmurou ela com uma voz tão profunda quanto a de um homem. – Você aparece sempre cheirando a esgoto! Temos clientes lá em cima que podem ficar ofendidos.

Arakasi mostrou um sorriso.

– Ora, Bubara, não vai me dizer que usou toda a água do banho com as flores de kekali e limão assim tão cedo.

A cafetina soltou um ronco pelo nariz.

– Nada disso. As garotas e os rapazes têm de cheirar bem.

Enfiou um braço flácido através de uma cortina e um garoto surdo-mudo com a pele da cor de feijões de chocha-la saiu correndo e fez uma reverência. Ela apontou para Arakasi e meneou a cabeça. O rapazinho olhou para o visitante imundo, inclinou a cabeça para o lado e sorriu devido ao prazer que sentiu ao reconhecê-lo. Indiferente ao cheiro, pegou a mão suja de carvão e levou dali o Mestre dos Espiões.

Arakasi bagunçou o cabelo do rapaz e de um bolso oculto retirou uma guloseima feita pelos cho-ja. O rapaz sorriu, mostrando uma patética gengiva onde, em sua idade, deveria haver dentes. Produziu suaves gemidos de prazer e tocou repetidamente a testa nos punhos dele em gesto de agradecimento.

Arakasi refletiu melhor e lhe ofereceu mais duas moedas de concha.

– Alguém deveria comprar roupas para você – resmungou e agarrou o rapaz pelo ombro, erguendo-o quando ele se prostrou no chão.

Afagou mais uma vez a cabeça do garoto e fez um sinal para que fosse embora, pois já percorrera aquele caminho muitas vezes e sabia onde ficava o quarto que procurava.

Seguiu pelo corredor e tocou em um painel com entalhes que abriu uma porta escondida, pela qual subiu a estreita e sombria escada secreta, enquanto, lá embaixo, o rapazinho apertava com força suas apreciadas oferendas e rastejava sobre os belos carpetes por longos e despercebidos minutos. No pequeno quarto, sob o calor das ripas de madeira aquecidas pelo sol do meio-dia, Arakasi escolheu um conjunto de caixas de transporte e arcas que abrigavam vestes de todos os tipos, desde túnicas brilhantes até batas para trabalhar no campo. Selecionou um uniforme cor de laranja e púrpura e um par de sandálias empoeiradas com um buraco na ponta da sola da esquerda. Em seguida, embrulhou suas roupas sujas noutra arca onde guardava o que parecia ser trapos de mendigo e, vestindo apenas sua imundície e uma tanga manchada, retornou ao piso inferior para tomar o banho sugerido pela madame do bordel.

Uma hora mais tarde, estava ajoelhado no escritório da Guilda dos Agiotas, com um balde e uma escova na mão. O comércio já voltara para o período vespertino e ninguém comentaria se ele passasse um tempo excessivo limpando o chão em volta da mesa do escrevão. Os mercadores, em suas idas e vindas, normalmente o chutavam para que desviasse do caminho, sobretudo quando estavam com os empréstimos atrasados ou se a necessidade de crédito fosse resultado de um azar: a carga de uma caravana perdida para bandidos ou um carregamento de seda estragado pelo tempo úmido.

As discussões costumavam esquentar com o calor da tarde e ninguém reparou que o criado murmurava entre dentes enquanto esfregava o chão. A não ser o escrevão, que, enquanto copiava fileiras de números, inclinava a cabeça para o lado.

–... no rastro de cocô de cachorro – resmungou Arakasi. – Devia haver uma lei que proibisse os cachorrinhos das Senhoras de defecar nas ruas. – Fungou, amaldiçoou as costas doloridas e, no mesmo

tom monótono, acrescentou: – É ofensivo para o meu nariz, pois é, e você reparou se o rapaz vermelho levantou alguma quantia que pudesse ter sido para dinheiro de sangue? Mais porcaria na água de lavar... e estou cansado de encher meu balde.

O escrivão esfregou o suor da testa, pegou uma lousa no canto da escrivaninha e tomou nota de algo. Depois, enfiou-a em outra pilha, encheu-a com rasuras e pó de giz e esticou a perna para bater com força nas costelas do homem que esfregava o chão.

– Ei, você, limpe isto.

Arakasi puxou a mecha de cabelo que tinha sobre a testa e encostou o nariz no chão úmido.

– Às suas ordens, senhor, mestre, às suas ordens.

Pegou a pilha de lousas, arrastou os pés para ir buscar um trapo e começou a fazer o que lhe fora ordenado. Continuou a murmurar, num tom sempre uniforme, até chegar à lousa com as anotações rasuradas. Ao ver os números lá escritos, com datas anotadas em código de um dos lados, teve dificuldade em manter seu trapo parado. Três movimentos rápidos com o punho e a lousa ficou limpa, os números e as datas entregues à sua memória. Manteve um ar discreto, mas a batida do coração acelerou. É que “rapaz vermelho” era o código para os Anasati e o escrivão, um agente cuidadosamente posicionado.

Os números transmitidos revelaram grandes somas em metal levantadas pelo Conselheiro-Mor dos Anasati. Não se destinavam a ser aplicadas em negócios; para essas, o hadonra teria assinado, e a maioria teria sido em notas para mercadores que conduziam transações regulares. Uma das quantias tinha sido pedida emprestada antes da quase exposição de Arakasi no armazém de seda. Será que os casos estavam ligados? E as outras duas, com datas recentes, poderiam ser relativas a pagamentos à Seita dos Hamoi, dinheiro de sangue para homicídios específicos.

Arakasi poliu a última lousa e voltou lentamente à mesa do

escrivão. Retomou o trabalho de esfregar o chão e praguejou sem papas na língua quando o homem lançou um papel de thyza ao caixote do lixo e errou. O pedaço de papel amarrotado aterrissou nos mosaicos do piso já limpos por Arakasi, que o pegou, fez uma reverência respeitosa e depositou-o no caixote do lixo. Mas um segundo pedaço de papel amarrotado permaneceu na palma da mão e desapareceu na dobra de sua tanga.

Suportou os tabefes e os insultos dos mercadores enquanto ia esfregando o corredor em direção à saída, até que se refugiou num canto afastado. Quase na hora de fechar, quando as vozes já soavam mais alto e as pessoas estavam mais nervosas, um mercador bem-vestido se deteve em frente à mesa do escrivão que era agente de Arakasi. Deu uma olhada no estabelecimento, viu que todos os presentes estavam ocupados e pediu informações.

O escrivão, aparentemente perturbado, deixou cair o giz. Arakasi mergulhou o esfregão no balde e começou a limpar uma nova parte do chão, mas inclinando a cabeça num ângulo que lhe permitia ver, sob o braço, a operação ocorrendo na mesa do escrivão.

Os dois homens conversaram durante uns minutos. Moedas de conchas trocaram de mãos, de modo invisível a quem estivesse de pé, mas não a um criado curvado no chão. O mercador olhou para a esquerda e para a direita, os olhos brilhando de satisfação.

Arakasi, murmurando, conteve um franzir de cenho. *Onde é que já vi este homem antes?*, pensou. *Onde?* E a resposta acabou vindo à mente, já que tinha o hábito de separar os detalhes das circunstâncias, por mais incongruentes que pudessem parecer. Percebeu, com um arrepio de emoção, que o homem vestido como um mercador de mau gosto era nada mais, nada menos, do que Chumaka, o Conselheiro-Mor dos Anasati.

– Louvado seja Chochocan – resmungou. – Este chão nunca mais acaba. – Arrastou o balde para um dos lados, de modo a bloquear parcialmente a porta que dava para o banheiro. Pouco depois, foi

recompensado com outro golpe nas costelas, quando o escrivão, apressado para satisfazer suas necessidades, tropeçou nele.

– Maldito! – Inclinou-se para lhe dar outro golpe e, entre insultos, falou em tom ansioso: – O mercador quis saber se alguém fez perguntas sobre as contas dos Anasati. Contei-lhe que vários homens ardilosos e duvidosos me ofereceram subornos para isso, só para deixá-lo preocupado.

Arakasi conteve um sorriso e encostou o rosto no chão numa reverência própria de um escravo se desculpando.

– Perdoe-me, senhor, mestre, perdoe-me. São notícias muito interessantes, e perdoe-me por ser desastrado, imploro.

– Não perdoe – gritou o escrivão. – Vá para a rua esfregar o pilar! E tome cuidado, enquanto estiver lá, para que nenhum fedelho da rua molhe os pilares do lado da viela.

Arakasi fez uma reverência e seguiu esfregando, recuando depressa em direção à porta. Mas, apesar de ter ordenado a seu pelotão mais astuto de meninos de rua que seguissem o rastro do mercador, não encontrou vestígios de Chumaka.

Por volta do pôr do sol, o Mestre dos Espiões de Mara foi forçado a reconhecer a esperteza do homem, algo que também o deixou preocupado. Atormentou-o descobrir no inimigo um homem capaz de se equiparar a seu talento para subterfúgios. Pois não só Jiro jurara destruir Mara como era o membro mais perigoso da Facção Tradicionalista que desejava derrubar o Imperador. Outros poderiam assumir mais abertamente sua oposição, mas Arakasi não duvidava que Jiro procurava tirar proveito desses para realizar seus desejos.

Uma ameaça continuava pairando sobre qualquer progresso obtido para mudar um Império mergulhado em estagnação e decadência. Com o cair da noite, Arakasi se apressou a percorrer as ruas cada vez mais escuras a caminho da Casa das Sete Estrelas. Teria de ir até lá mudar de identidade para depois voltar imediatamente à casa de sua Senhora. Pois, embora tivesse chegado

a um beco sem saída em sua pesquisa para desmascarar a Seita dos Hamoi, tinha outras notícias perturbadoras a transmitir, que diziam respeito a assuntos políticos no seio do Império. Ainda mais inquietante era sua descoberta casual de que Chumaka, Conselheiro-Mor de Jiro dos Anasati, descobrira, de alguma forma, que precisava apagar seu rastro.

Qual de meus agentes, questionou-se Arakasi, preocupado, teria sido descoberto?

Intervalo

Mara estava inquieta.

Os efeitos debilitantes do envenenamento demoraram demais , em seu entender, para passar. Dois meses depois, ainda se sentia muito fraca para viajar. Observou a luz da tarde se derramando em faixas no carpete de seu escritório e franziu o cenho. Desejava estar na Cidade Sagrada, presente na reunião semestral dos conselheiros do Imperador. Frasai dos Tonmargu, o Suserano Imperial, estava com problemas de saúde; havia quem cochichasse que estava ficando senil. Os rumores não tinham fundamento, mas, mesmo em seus anos de maior vigor como Chefe de Guerra do Clã, o Senhor dos Tonmargu governara com pouca firmeza, tentando agradar às facções divergentes.

Mara se inquietava. Com a autoridade de Frasai desmoronando e o Chanceler Imperial, Kamatsu, pai de Hokanu, cerceado por todos os lados por ataques dos tradicionalistas, que ameaçavam não apenas sua prosperidade, mas todos os seus aliados e apoiadores, a reunião de outono poderia facilmente descambar para o campo de batalha.

Os dias mais sangrentos, quando o Jogo do Conselho fora jogado sob o jugo de um Senhor da Guerra, estavam ainda muito frescos na memória coletiva.

Mara bateu com o punho fino no tampo da escrivaninha, numa rara demonstração de frustração; levantou-se e começou a andar de

um lado para outro. O fato de estar debilitada demais para caminhar sem a ajuda de uma bengala a fez ficar vermelha de raiva. Os criados que a serviam, e até o moço de recados postado à porta, viraram o rosto de lado para não testemunharem as embaraçosas emoções evidentes no rosto da Senhora.

Mas naquele dia ela estava irritada demais para se desgastar tentando manter uma imagem adequada a uma tsurani. Se Kevin, o bárbaro, estivesse ali, teria zombado disso. Mara sentiu uma pontada num lugar que julgara já estar suficientemente esquecido. *Maldito homem*, resmungou, e bateu com a bengala para enfatizar.

Uma voz gentil, vinda da entrada, a censurou:

– O Império não vai desmoronar só porque sua Serva favorita não está em condições de ir ao Conselho.

Vestindo apenas uma túnica encharcada em suor devido ao treinamento com armas, Hokanu entrou, já praticamente sem mancar. Quando Mara passou por ele, irada, Hokanu agarrou-a pelos pulsos. Ela não tinha forças, e os dedos dele eram capazes de prender seus ossos como algemas, pois estava magra demais, então Hokanu teve de ter cuidado para não machucá-la. Diminuiu o aperto e falou com firmeza:

– Minha Senhora, o Senhor Hoppara tomará conta das coisas. O Conselho não vai ruir só porque você não está presente.

Ela o encarou com fogo nos olhos.

– Pare de me tratar como se eu fosse de vidro – disse, depois de um tempo. – Ambos sabemos que os tradicionalistas serão perversos em suas artimanhas e nem metade do que acontecerá, de fato, será na câmara do Conselho. Haverá negociações, serão estabelecidos acordos e condições, e muitos que, de outra forma, agiriam com cautela não o farão, *pois não estarei presente!*

Hokanu sorriu, soltou um dos pulsos e ajeitou uma mecha caída do cabelo dela. Enquanto a enrolava de novo naquele que lhe pareceu o alfinete de jade indicado, ocultou sua dor pelo fato de o

cabelo escuro da esposa ter perdido o viço, assim como sua pele, que já não exibia o brilho da concha de corcara. Sua leveza de dançarina desaparecera ao longo das semanas passadas no leito, doente. Ainda apresentava um ar macilento, mas nem mesmo Lujan conseguia fazê-la descansar no calor das tardes.

– Políticas imperiais à parte, meu passarinho, tomei a liberdade de reunir suas criadas. Você tem visita.

– Ó deuses, vestes cerimoniais? – A fúria de Mara se transformou em aborrecimento. – Vou sufocar. Que pai apareceu agora na esperança de tocar em minha túnica para obter sorte na busca de esposos prósperos para suas cinco filhas feias?

Hokanu soltou uma gargalhada, apertou-a pela cintura e a ergueu nos braços.

– Hoje você está particularmente mal-humorada. Sabia que um mercador contatou Jican para lhe oferecer metal em troca de suas vestes velhas? Queria transformar farrapos em fitas para vender como recordações.

Mara, afrontada, se endireitou.

– Jican não me contou nada disso!

– Ele sabia – começou a dizer Hokanu, e grunhiu quando a mulher que parecia um fantasma lhe deu uma cotovelada no diafragma. Colocou-a fora do alcance de um ferimento obtido num treino de espada e corajosamente continuou a falar: – Seu hadonra não lhe contou porque sabia que você exigiria que o pobre homem fosse enxotado da propriedade a chicotadas e julgou que seria uma forma inadequada de hospitalidade, mesmo para um oportunista grosseiro.

Quando o esposo ia saindo, Mara proferiu uma palavra que certamente mancharia sua reputação imaculada com os plebeus. Em seguida, cravou um dedo no braço do marido.

– Então, quem é o visitante que Jican e você consideraram ser seguro eu receber?

Um sorriso se espalhou pelo rosto atraente de Hokanu.

– Você vai querer usar maquiagem. É a Senhora Isashani dos Xacatecas.

– Aqui?

A voz de Mara, devido à confusão, saiu esganiçada. Ergueu as mãos e começou a ajeitar o cabelo.

Como aquela era a primeira vez que Mara era vista se preocupando com a sua aparência desde o aborto, Hokanu agradeceu em silêncio à beleza provocante que a aguardava na melhor sala de estar. Talvez, a partir daquele dia, a Senhora dos Acoma ganhasse juízo e deixasse de gastar em ataques de nervos as reservas de energia necessárias para se curar. O sacerdote curandeiro considerara que o antídoto resgatara Mara dos portões do salão do Deus Vermelho e que com descanso e uma mente tranquila levaria ao menos três meses para que seu organismo se recuperasse, sendo depois necessário mais um para reconquistar toda a sua força. Mas o estado emocional de Mara após a morte de mais um bebê e o fato de quase ter perdido a vida se revelaram tudo menos tranquilos. Hokanu temeu que se passassem mais de três meses antes de ela voltar ao que fora antes.

Um abraço compreensivo da esposa lembrou Hokanu, dolorosamente, de que a boa forma dela não fora a única a sofrer. Se ele não relaxasse em um banho quente, logo iria ficar tenso demais. Ela interpretou o esgar dele, como costumava fazer.

– Você não deve se demorar no banho, querido esposo. Com a presença de Isashani, haverá sutilezas e intrigas ao redor dela tão notáveis quanto um perfume. Será necessário um rosto atraente para bajulá-la e arrancar informações e, como não sou um homem nem uma de suas preferidas, cabe a você a honra, como consorte dos Acoma, de recebê-la.

Hokanu não estava assim tão cansado do exercício nem tão alheio aos pormenores para não perceber o receio latente na voz da

esposa.

– O que a preocupa, Senhora? Costuma ficar deliciada com as visitas da Senhora Isashani.

Mara o fitou e depois voltou seus olhos negros para a profunda escuridão da entrada.

– O Grande Jogo – murmurou ela – várias vezes resulta em banho de sangue, e mais uma vez correm rumores de uma conspiração contra o Imperador.

A expressão de Hokanu endureceu.

– Lá estarei. Mas apenas após meu banho e depois de vocês, mulheres, disporem da oportunidade de reatar sua amizade.

Considerações políticas perigosas poderiam estar na origem da visita de Isashani, mas Hokanu não iria desperdiçar a oportunidade de Mara aproveitar os conselhos da astuta e engenhosa antiga Governante dos Xacatecas.

Sob o peso de todos os seus enfeites, Mara parecia uma criança abandonada. Entrou na sala de estar com passos curtos e recatados, não para parecer delicada, mas devido a sua fraqueza. O lustre de esmeraldas e jade ofuscou seus olhos e a reverência que fez à mulher alta que a aguardava com uma túnica púrpura e dourada foi necessariamente superficial e breve. Uma reverência prolongada a obrigaria a se ajoelhar e, devido a um orgulho teimoso, não quis que nenhum criado a ajudasse a se equilibrar.

A Senhora Isashani dos Xacatecas se ergueu das almofadas num movimento esvoaçante de sedas finas e perfumes. Seus olhos eram de um castanho intenso e exoticamente repuxados. O cabelo tinha fios prateados por entre o castanho-avermelhado. O pó de thyza que usara para realçar as proeminentes maçãs do rosto devia ter sido misturado com brilhantes de concha. O efeito produzia minúsculos pontos luminosos e realçava a pele rosada e leitosa que, como por mágica, mantinha o brilho da juventude. Conhecida por sua beleza,

temida por sua sagacidade e reconhecida como uma manipuladora sem igual, a viúva Senhora dos Xacatecas avançou, veloz, para amparar Mara pelo cotovelo.

– Obviamente, você ainda não está curada, minha querida. – Sua voz era levemente aveludada, suave como um velho e estimado instrumento passado de mão em mão ao longo de gerações de músicos. – E, entre amigas, dispensam-se as formalidades.

Mara, grata, afundou-se nas almofadas. Sua voz soou seca como areia quando proferiu as habituais e ancestrais palavras de saudação dirigidas a alguém de status social superior:

– Seja bem-vinda à minha casa, Senhora. Como está?

Isashani inclinou a cabeça com um sorriso atrevido, o que lhe conferia covinhas ao rosto.

– Agradeço à Boa Serva pela imerecida cortesia – respondeu, num tom genuinamente grato, devido à inversão hierárquica enunciada por Mara. Apesar de mais velha do que Mara, e mais experiente, não passava de uma antiga Governante, enquanto Mara era Serva do Império. – Estou bem, mas você parece papa de hwaet deixada ao sol para o gado. Minha querida, você desistiu de comer?

O fato de suas palavras serem diretas como um dardo não surpreendeu Mara, mas a franqueza abalara muitos adversários da Casa dos Xacatecas, atrapalhados pelo encanto sedutor da Senhora.

Mara baixou os olhos diante do brilho ofuscante da seda violeta reluzente abundantemente enfeitada com fios de ouro e com a mesma rapidez desviou o olhar da bandeja de guloseimas e frutas fatiadas deixada pelos criados para que a convidada se servisse. Esquivou-se.

– Certamente você não veio até aqui para me ouvir reclamar da minha saúde.

Na realidade, os alimentos não tinham sabor. O veneno deixara seu estômago sensível.

A resposta da Senhora foi mordaz:

– Certamente não vim aqui para mimá-la ao vê-la de mau humor.

Mara se controlou para não reagir. Vinda da parte de qualquer outra pessoa, tal reprimenda seria encarada como um insulto, mas o olhar intenso de Isashani demonstrou uma compaixão que a atingiu como uma bofetada, pois era genuína. Suspirou e as emoções congeladas desde o aborto se suavizaram um pouco.

– Lamento. Não percebi que meu estado de espírito era tão transparente.

– As lamentações não bastam. – Isashani estendeu sua bela mão, escolheu um prato e serviu-se de uma porção de fruta. – Coma ou terei de chamar suas criadas para que a levem diretamente para a cama.

Ela seria capaz de fazer isso, pensou Mara, e suas desleais criadas provavelmente obedeceriam sem pensar que a vontade da Senhora poderia não ser a mesma. Isashani emanava autoridade como um irascível general, e as pessoas tinham a tendência de acatar suas ordens para só depois pensarem nos seus atos. Como Mara não se sentiu com forças para argumentar, começou a beliscar uma fatia de jomach. Ela também sabia ser direta.

– Por que veio?

Isashani fitou-a com um olhar avaliador. Depois, parecendo segura de que a fibra de Mara não estava tão prejudicada quanto sua resistência física, serviu-se de chocha do jarro que estava na travessa dos petiscos.

– O Senhor Jiro dos Anasati começou a abordar o filho bastardo mais velho de meu falecido esposo.

Sua voz, em contraste com sua beleza delicada, era dura como o raro aço bárbaro.

Mara pôs de lado inconscientemente sua fatia de fruta comida apenas pela metade. Tinha a testa franzida.

– Wenaseti? – disse, em tom calmo e curioso.

Um elegante aceno por parte da convidada confirmou que se

tratava do nome do bastardo em questão; Isashani reagiu ainda com um leve sorriso. Era impressionante que Mara soubesse o nome, já que o falecido Senhor Chipino tinha colecionado concubinas e cortesãs como quem coleciona vinhos. Seus bastardos eram numerosos como insetos e, embora todos tivessem sido educados imparcialmente pela Casa dos Xacatecas, os temperamentos e as personalidades variavam como o tempo. O velho Senhor compartilhara os lençóis tanto com a beleza quanto com a inteligência e, embora nenhuma das mulheres que engravidara tivesse sido capaz de desafiar com sucesso a posição proeminente de Isashani como Senhora e esposa, algumas se mostraram amargas na derrota e passaram o ressentimento à respectiva descendência. O atual herdeiro, Hoppara, se apoiara na astúcia de sua mãe viúva no apego à política da família para manter na linha sua desorganizada coleção de irmãos e parentes bastardos.

– É uma grande sorte – acrescentou Isashani com um brilho no olhar que sugeriu que a severidade das circunstâncias a amaciara – Wenaseti ser um filho leal à sua linhagem. Jiro foi repellido.

A testa franzida de Mara não se suavizou e o brilho no olhar de Isashani também não. Sendo o segundo em comando do Senhor Frasai como Suserano Imperial, o Senhor Hoppara dos Xacatecas ocupava uma posição primordial na corte do Imperador. O fato de ser jovem para um cargo tão poderoso o tornava vulnerável; suas opiniões firmes e sua percepção ágil frequentemente incitavam a natureza sensível do Senhor Frasai a agir a tempo de evitar contrariedades provocadas pela Facção Tradicionalista, que tentava minar as reformas e reinstalar o abolido cargo de Senhor da Guerra.

O afastamento do Senhor Hoppara implicaria a perda de uma defesa essencial: um perigoso passo em frente na direção de um banho de sangue e da dificilmente contida ameaça de guerra civil. Algo no semblante de Isashani mostrava um sinal de alerta.

– Você foi alvo de uma tentativa de assassinato – adivinhou

Mara.

O rosto de Isashani tornou-se imóvel como porcelana.

– De várias.

Mara fechou os olhos. Sentiu-se profundamente fraca, subjugada por um desgaste que a levou a desejar se afastar da luta maior e limitar suas esperanças e seu empenho na sobrevivência dos Acoma diante dos perigos que se fechavam cada vez mais como um círculo de espadas desembainhadas. Mas ela era Serva do Império e deixara de ser a menina inexperiente arrancada da Ordem de Lashima para assumir as rédeas de uma casa ameaçada. Os inimigos do Império eram também inimigos dos Acoma, pois ela era como a viga mestra que sustentava o peso de um enorme telhado. Para derrubar a soberania imperial, Jiro e seus aliados deveriam primeiro livrar-se do apoio dela.

O pensamento que logo se seguiu foi o de que a Seita dos Hamoi ganhara muito com suas tentativas de assassinato contra amigos, aliados e a família. Pois, enquanto Jiro governasse, os Anasati continuariam a recorrer à contratação de assassinos. A seita se tornara um obstáculo impossível de ser ignorado. Mara nunca esqueceria o horror de quase ter sido estrangulada ou a dor do aborto provocado pelo veneno. Pelo resto da vida iria sofrer com a morte de Ayaki. Envolvida em pensamentos sombrios, só as saudações formais de Isashani fizeram com que percebesse a entrada de Hokanu.

Abriu os olhos e viu seu esposo se curvar diante da Senhora dos Xacatecas. Mostrou-se tímido como um rapazinho, uma conduta estranha para um homem que comandara exércitos em nome do Imperador e cujo encanto social fez com que Mara fosse invejada pelas filhas solteiras de grandes casas. Só que a habilidade de Isashani em deixar os homens atrapalhados era tão evidente que se dizia que, na verdade, era uma feiticeira dissimulada que manipulava os admiradores com encantamentos. Hokanu era um dos preferidos

dela e a adulação suave e os gracejos logo o deixaram à vontade. Era sabido que os homens a quem ela não prestava atenção ficavam boquiabertos na sua presença por grandes períodos de tempo.

Ainda meio entorpecido pelo charme de Isashani, Hokanu sentou-se ao lado da esposa. Antes de falar, pegou a mão de Mara.

– Também estamos cansados de jogar mo-jo-go com a seita. – Referiu-se a um jogo de cartas que com frequência envolvia grandes apostas. – Na verdade, seria um alívio para todos nós se Ichindar gerasse um filho. Um herdeiro homem para o trono imperial seria de grande utilidade para sossegar a Facção Tradicionalista.

O brilho dos olhos escuros de Isashani se intensificou, mostrando divertimento.

– Esses últimos anos como casamenteira têm sido entediantes, concordo, pois todos os filhos de boas famílias estão ficando com concubinas em vez de esposas, na esperança de se casarem com uma filha imperial. As festas estão ficando violentas, com tantas moças solteiras cuspiendo umas nas outras como crias de sarcat.

Dali a conversa passou para a guerra comercial entre um consórcio do Clã Omechan e um grupo do Clã Kanazawai, que estava causando problemas ao pai de Hokanu no mercado de resina. Frustrada com o declínio da produção de pele laminada, a Guilda dos Armeiros estava prestes a entrar no combate, enquanto os capitães de embarcações e os negociantes de Jamar estavam incomodados com as restrições que perturbavam as escalas de navegação. Como os Acoma tinham peles de needra embolorando nos armazéns de Sulan-Qu, ao contrário dos Anasati, chegaram ao consenso de que por trás das perturbações estavam os aliados de Jiro. Não era nada bom para os Omechan recordar que sua desunião propiciara a abertura que dera ao Imperador poder absoluto para avançar.

A tarde deu lugar à noite. Quando o cansaço de Mara se tornou evidente e ela pediu licença para se retirar, Isashani enfim se preparou para partir. Sentada na liteira à entrada do pátio, com os

carregadores prontos para seguir viagem, ergueu os olhos escuros para Hokanu e lançou um último comentário mordaz:

– Falarei sério, jovem Senhor. É melhor se esforçar para que sua Senhora coma ou vão acabar dizendo por aí que você a faz passar fome na esperança de se juntar ao círculo de pretendentes que anseiam pela filha mais velha de Ichindar.

As sobrancelhas de Hokanu se ergueram como se ele tivesse levado uma estocada de uma espada.

– Senhora, isso é uma ameaça?

Isashani sorriu com uma ternura venenosa.

– Sem dúvida. Meu falecido esposo adorava Mara, e não quero o fantasma dele me atormentando. Além disso, meu Hoppa provavelmente o desafiaria para um duelo de honra por causa do assunto, caso visse sua Senhora tão triste. Depois do heroísmo dela na Noite das Espadas Sangrentas, usa-a como padrão para avaliar todas as jovens que conhece.

– Na verdade – disse Hokanu, sério –, nenhum homem no Império se preocupa mais do que eu com a Boa Serva. E sua visita fez mais por ela do que pode imaginar.

A visita da Senhora Isashani finalmente inspirou Mara a voltar a cuidar da aparência. Convocou os serviços de suas criadas e, se de início só parecia melhor por causa da maquiagem, Hokanu teve o cuidado de não a importunar. Se ela continuava a passar horas embrenhada em seus relatórios, pelo menos fazia um esforço para comer mais; além disso, retomou o hábito de meditar num pequeno bote no lago, o que fez sua palidez desaparecer pouco depois.

– Com água à sua volta, tranquila sob o céu, é muito difícil uma pessoa se preocupar – comentou ela, apoiando o pé na margem certa tarde quando o resplendor crepuscular a brindou com um tom dourado nas águas paradas.

Abraçando-a, Hokanu detestou ter de interromper o momento.

Mas ela não demoraria a descobrir e, a não ser que desejasse provocar uma explosão, tinha de lhe contar as novidades.

– Arakasi voltou.

– Tão rápido? – Mara ergueu o rosto, beijando os lábios do marido já com uma expressão ausente, própria de alguém preocupado. – Deve ter sabido do atentado ao Senhor Hoppa antes de eu ter enviado minha convocatória.

O momento de carinho foi interrompido bruscamente quando a Senhora se apressou a ir ao encontro do Mestre dos Espiões. Hokanu a acompanhou até a casa, através de corredores já escuros pelas sombras da noite e cruzando com a criadagem encarregada de acender as lamparinas a óleo. De um dos pátios ecoaram os fracos gritos de felicidade de Justin.

– O que deixou o pequenino tão animado? – perguntou Mara.

Hokanu passou um braço pelos ombros dela.

– Um jogo novo. Seu Conselheiro de Guerra apostou com o rapaz que ele não seria capaz de montar uma emboscada sem que ninguém o visse. Justin começou a se esconder atrás da mobília e os criados já não usam os corredores da parte de trás, com medo de serem atacados.

– E Keyoke? – Mara dobrou a última esquina e percorreu mais um corredor com piso de mosaicos velhos e gastos. – Foi apanhado?

Hokanu riu.

– Várias vezes. Já não ouve como antigamente e a muleta faz dele uma presa fácil.

Mara balançou a cabeça.

– Desde que Justin não o aterrorize. O velho soldado já colecionou cicatrizes suficientes a serviço dos Acoma para não precisar sofrer no fim da vida.

Mas Keyoke, Hokanu bem sabia, não se importava minimamente com os roxos na pele, pois Justin era para o ancião o neto que nunca tivera.

O casal chegou à entrada do gabinete de Mara. Hokanu a soltou e lhe lançou um olhar inquiridor. Os criados ainda não tinham chegado ali e as lamparinas permaneciam apagadas. O rosto de Mara formava uma silhueta oval pálida na escuridão, mantendo uma expressão inescrutável.

– Desta vez, quero que me acompanhe – acabou dizendo ela. – As novidades da Senhora Isashani me perturbaram e seu conselho seria útil.

Hokanu percebeu a preocupação na voz dela.

– Devo mandar chamar Saric e Incomo? – indagou.

Mara respondeu balançando a cabeça:

– Não. Eles não concordam com meu plano e não vejo necessidade de alimentar suas críticas.

De repente gelado, ali na escuridão acolhedora, escutando as vozes dos criados e sentindo o cheiro da ceia vindo da cozinha, Hokanu estendeu a mão e tocou com um dedo o queixo de Mara.

– Em que está pensando, bela Senhora?

Seu tom contrastou com a apreensão que lhe tirava o fôlego.

– Acho que a Seita dos Hamoi já está causando problemas há muito tempo – respondeu Mara após uma pausa. – Por causa disso, perdi um filho e uma criança por nascer. Não pretendo ver a Senhora Isashani passar pelo mesmo; devo isso, ao menos, ao falecido esposo dela, o Senhor Chipino.

Hokanu suspirou, perturbado pela tensão que se instalara entre eles devido à questão dos filhos.

– Não é a seita que deve ser temida, mas sim o inimigo que a emprega.

Mara reagiu com um leve aceno de cabeça.

– Eu sei. É por isso que vou solicitar a Arakasi que se infiltre no quartel-general da seita e roube os registros. Saberei quem os contrata e revelarei suas conspirações.

– O nome deles, provavelmente, é Anasati – comentou Hokanu.

– Um dos nomes. – O tom de Mara era agourento. – Ficarei conhecendo também os outros, para que não haja mais pais perdendo jovens herdeiros por causa de políticas assassinas. Venha, vamos entrar e encarregar Arakasi dessa difícil missão.

Hokanu se limitou a assentir ao escoltar sua esposa até o átrio de acesso ao gabinete. Ele mantinha um respeito quase deslumbrado pelo Mestre dos Espiões desde que o vira em ação na noite em que procuraram o antídoto. Mas, mesmo para um homem com tal talento para a duplicidade e para o disfarce, infiltrar-se na Seita dos Hamoi era uma missão impossível. Hokanu não podia afastar a ideia de que sua Senhora estava enviando o Mestre dos Espiões para a morte quando mais precisava de seus serviços.

Arakasi abandonou o gabinete de sua Senhora bastante preocupado. A conversa o deixara rouco. O relatório da noite fora extenso, já que resultava de muitos meses de trabalho. Arakasi exigira bastante de seus agentes; exortara-os a procurar respostas mesmo diante dos perigos colocados pelo Conselheiro-Mor de Jiro, Chumaka. Dois homens haviam exposto seu disfarce para obter informações e optado pelo suicídio com uma lâmina em vez de enfrentarem a inquisição e a tortura e se arriscarem a trair sua Senhora. E, apesar de terem descoberto diversas conspirações dos tradicionalistas e mudanças em velhas alianças de oposição ao Imperador, não estavam mais perto de desvendar o nome do empregador da Seita dos Hamoi contra Mara.

Notícia ainda mais perturbadora do que a recente tentativa de assassinar o Senhor Hoppara fora saber que a agente de Arakasi no pessoal doméstico dos Xacatecas frustrara diversos ataques. Por duas vezes fora “desastrada” na cozinha e virara pratos de comida que suspeitou estarem envenenados. A notícia deixara Mara estarrecida. Seu rosto empalidecera e depois se ruborizara com um acesso de fúria como Arakasi nunca vira. As palavras dela ainda ecoavam em sua memória, aguçadas por uma dor que nunca a

abandonara desde a morte de Ayaki.

– Arakasi – dissera –, peço que encontre uma forma de roubar os registros da Seita dos Hamoi. Esses ataques dirigidos a nós, e agora aos aliados do nosso Imperador, devem ser contidos. Se por trás deles não estão apenas os Anasati, quero que você descubra.

Arakasi aceitara a missão com a mão sobre o coração, numa saudação de militar. Depois de meses tentando penetrar nas contas dos Anasati e de três tentativas infrutíferas de colocar novos agentes na propriedade de Jiro, encarou quase como um alívio a ordem de se tratar diretamente da seita. Arakasi reconhecera, frustrado, que Chumaka era sem dúvida o adversário mais inteligente que já enfrentara. Mas mesmo um intérprete tão brilhante da política quanto o Conselheiro-Mor dos Anasati não poderia prever uma jogada tão absurda quanto tentar desafiar os assassinos. E, apesar de Chumaka poder não saber o nome do Mestre dos Espiões de Mara, começava a compreender por antecipação os métodos de Arakasi. Uma dose de surpresa, especialmente tendo em conta que não havia motivos para isso, poderia deixar Chumaka perdido por uns tempos.

Silencioso como uma sombra e profundamente envolvido em seus pensamentos, Arakasi deu a volta, avançando, por força do hábito, pelas passagens mais escuras. Aquele corredor estreito cruzava a parte mais antiga da casa grande. Os andares tinham dois níveis, legado esquecido de algum Senhor que acreditara que deveria se manter sempre acima de seus servos. Ele, ou quiçá uma de suas esposas, fora igualmente um apreciador de bugigangas. As paredes estavam cheias de nichos cavernosos próprios para estátuas e obras de arte. Arakasi, pessoalmente, encontrara uma utilidade para esses espaços, já que alguns eram suficientemente grandes para abrigar um assassino ou uma criança corpulenta.

Consequentemente, não foi apanhado desprevenido quando um grito de furar os tímpanos soou vindo de trás; alguém saltou com

habilidade em suas costas com a intenção de derrubá-lo. Ele rodopiou, leve e ágil, e se viu diante de um menino de 6 anos irritado por seu ataque ter sido detectado antes da hora.

O Mestre dos Espiões afastou com um sopro uma mecha de cabelo dourado dos lábios do menino.

– Acha que sou assim tão parecido com Keyoke que decidiu testar meus reflexos? – disse calmamente.

O jovem Justin soltou uma risadinha, contorceu-se e conseguiu erguer a espada de brinquedo de madeira enfeitada com discos envernizados.

– Hoje já matei o Keyoke duas vezes – falou, alegre.

Arakasi ergueu as sobrancelhas. Teve de se esforçar mais, surpreso com a força necessária para erguer o agitado rapazinho. Era sem dúvida filho do pai, com sua atitude impertinente e pernas tão compridas quanto as de um corani, criatura parecida com os antílopes e conhecida por sua impressionante velocidade.

– Quantas vezes Keyoke já matou você hoje, diabinho?

Justin pareceu envergonhado.

– Quatro.

Acrescentou uma frase grosseira na língua bárbara, muito provavelmente ouvida de um soldado do quartel que fora próximo de Kevin na campanha em Dustari. Arakasi anotou mentalmente que o rapaz tinha uma audição tão aguçada quanto o cérebro; a criança não era nova demais para ouvir às escondidas as conversas dos adultos.

– Tenho a impressão de que já passa da hora de você ir para a cama – acusou o Mestre dos Espiões. – Suas aias sabem que você está acordado?

Começou a seguir com cautela para o quarto das crianças.

Justin colocou para trás uma mecha de cabelo encaracolado.

– As aias não sabem onde estou. – Sorriu, cheio de orgulho, e depois pareceu desanimado ao ser assolado pela dúvida. – Você vai

dizer a elas? Com certeza serei castigado.

Os olhos escuros de Arakasi se iluminaram.

– Há certas condições – disse, em tom muito sério. – Você terá de fazer uma promessa em troca do meu silêncio.

Justin assumiu um ar solene. E depois, como vira os soldados fazerem nos jogos de dados para pagar uma dívida, ergueu o punho cerrado e encostou o polegar na testa.

– Dou minha palavra.

Arakasi conteve um sorriso.

– Muito bem, honrado jovem Senhor. Você não vai fazer um único ruído quando eu colocá-lo em seus aposentos de dormir e fizer você deitar sem se mexer, de olhos fechados, para que desperte apenas de manhã.

Justin começou a gritar, indignado por se sentir traído. Como o pai, pensou Arakasi, assim que agarrou o inconformado rapaz e o levou para o quarto das crianças. Também Kevin rejeitava os protocolos. Fora sincero quando isso se revelara um claro embaraço e mentira sempre que lhe fora conveniente. Era um problema para qualquer casa tsurani bem governada, mas sem dúvida a vida se mostrara bem menos divertida desde que ele partira pelo Portal, de volta a Midkemia. Até Jican, alvo de uma dose excessiva de brincadeiras de Kevin, já fora flagrado lamentando, melancólico, sua ausência.

Justin parou a gritaria na soleira de seu quarto, como esperado. Não valia a pena prosseguir com a birra, pois poderia se arriscar a despertar a ira das aias. Permaneceu fiel à sua palavra de soldado quando Arakasi o enfiou entre as cobertas, mas não fechou os olhos. Em vez disso, lançou um olhar furioso e indignado a Arakasi ao ver que este se mantinha por perto, até que por fim perdeu a batalha contra o cansaço e caiu no sono profundo e saudável de um garotinho.

Arakasi não teve dúvida de que, se não tivesse permanecido no

quarto para se assegurar de que o garoto cumpriria o prometido, ele teria escapulado. De muitas formas o menino, em termos de comportamento, era mais midkemiano do que tsurani, um traço que a mãe e o padrasto encorajavam. Se sua tendência pouco tsurani se provaria um trunfo na idade adulta ou se tornaria o nome e o natami dos Acoma vulnerável a Jiro e a seus aliados, era algo imprevisível. Arakasi suspirou ao passar pelo biombo se dirigindo aos jardins iluminados pelo luar. Ao chegar aos aposentos que utilizava em suas raras estadias na propriedade, libertou-se de seu mais recente disfarce, o de vendedor ambulante de joias de cobre. Banhou-se numa água já morna, pouco interessado em desperdiçar tempo aguardando que criados preparassem seu banho, e dedicou-se a refletir enquanto se esfregava retirando a sujeira da estrada.

Os únicos contratos escritos e mantidos pelos Hamoi, ou por qualquer seita, deveriam estar com o próprio *Obajan*. Apenas um sucessor de confiança, via de regra um filho, saberia onde estavam escondidos esses rolos, caso o *Obajan* tivesse uma morte acidental. Para conseguir localizar os registros, Arakasi seria obrigado a se aproximar do líder da Irmandade da Flor Vermelha, a mais poderosa seita do Império.

Arakasi limpou a tinta do cabelo e o vigor aplicado a esfregar serviu igualmente para libertá-lo da frustração. Conquistar a confiança da seita seria bem mais difícil do que suas incursões recentes no Palácio Imperial.

Quanto aos riscos, Arakasi nada dissera. Bastara olhar para o rosto abatido de Mara para perceber que mais preocupações iriam retardar a recuperação de sua saúde. Se ela conhecesse os riscos por trás daquela ordem, ficaria bastante tensa, ainda que ninguém fosse capaz de questionar sua capacidade de avaliação.

Arakasi se recostou, sem notar que o calor já escapara por completo da água. Pensou em seu encontro com Justin. Arakasi percebeu que a preocupação de Mara se voltaria ao bem-estar do

único filho. Outro dever dele era assegurar que o rapaz sobrevivesse até se tornar adulto. No momento, isso implicava descobrir os meios de derrubar o homem mais bem guardado do Império: o *Obajan* da Seita dos Hamoi.

O fato de qualquer homem considerar impraticável tal missão era algo que não incomodava Arakasi nem um pouco. Sua mente retorcida estava completamente perturbada, pela primeira vez em sua longa e diversificada carreira, por não ter qualquer pista por onde começar. A localização do quartel-general da irmandade de assassinos era um segredo bem guardado. Os agentes a quem pagavam para efetuar missões não eram alvos fáceis, como o provara o boticário que ele torturara numa viela recôndita em Kentosani. Prefeririam suicidar-se, como o fizeram muitas vezes ao longo da história, a revelar o membro seguinte da rede de contatos. Eram tão leais ao grupo assassino como qualquer agente de Arakasi o era a Mara. Perturbado, Arakasi saiu da banheira e secou-se. Vestiu uma túnica simples. Durante praticamente metade da noite, deixou-se ficar num estado quase meditativo, vasculhando sua memória à procura de fatos e rostos que lhe pudessem fornecer uma ligação por onde começar.

Levantou-se poucas horas antes do alvorecer, fez alguns exercícios para desentorpecer os músculos e reuniu o material de que achou que iria precisar. Abandonou a casa sem chamar a atenção das sentinelas. Hokanu dissera uma vez, brincando, que um dia um guerreiro poderia matar acidentalmente o Mestre dos Espiões de Mara, caso Arakasi continuasse a andar na calada da noite pela propriedade. Arakasi respondera que, se algum guarda o detectasse, este deveria ser promovido, pois teria livrado Mara de um servo ineficaz.

Quando o amanhecer chegou, Arakasi seguia pela margem mais distante do lago, caminhando com determinação enquanto aconselhava a si mesmo. Os planos eram traçados, revistos e

descartados, mas ele não sentia desespero, apenas uma viva sensação de desafio. Ao pôr do sol já estava perto do rio, misturando-se com os outros viajantes que aguardavam por uma barca comercial, apenas mais um passageiro anônimo a caminho da Cidade Sagrada.

Luto

Vários meses se passaram.

O rosto de Mara havia, enfim, recuperado a cor. A primavera chegou, as needra deram à luz suas crias e as éguas bárbaras geraram sete potros saudáveis para os estábulos. Com a autorização de Lujan, Hokanu se apropriara de duas patrulhas de espadachins e, com a chegada do verão, começou a ensinar-lhes a cavalgar e depois treinou-os a se conduzir em formação montada.

O pó levantado por tais manobras pairava sobre os campos debaixo de um calor seco; ao fim da tarde, as margens do lago eram invadidas pelo ruído das gargalhadas e das brincadeiras quando os companheiros fora de serviço observavam os escolhidos obrigando suas feras a nadar ou limpando suas peles lustrosas e suadas devido ao esforço. Nos dias em que a brincadeira era mais rígida, não eram apenas os cavaleiros e os cavalos que se molhavam. Mara ia com frequência à varanda, outrora usada por Tasaio dos Minwanabi para supervisionar os treinos de combate, para observá-los. Era acompanhada por criadas e por seu jovem filho, e cada vez mais por seu esposo, ainda com o equipamento de montar, de couro, sabre e chicote trançado.

Uma tarde, enquanto o sol se punha no horizonte, ao ver um velho veterano cheio de cicatrizes e cabelo grisalho se dobrar para beijar sua égua no focinho, Mara deu o primeiro sorriso descontraído

em semanas.

– Os homens estão mesmo se acostumando com os cavalos. Não foram poucas as moças que se queixaram de que passam mais tempo no estábulo do que em suas camas.

Hokanu sorriu e colocou a mão sobre a barriga elegante dela.

– Você se queixa do mesmo, esposa?

Mara voltou-se, envolvida pelo abraço dele, e flagrou Justin olhando com seus grandes e francos olhos azuis. O olhar fez com que lembrasse de repente do pai dele; em seguida, ele fez um gesto grosseiro com as mãos que certamente não aprendera com as aias.

– Hoje à noite vocês vão fazer um bebê – disse ele, orgulhoso de sua dedução e sem ficar nem um pouco embaraçado quando a aia que estava mais perto dele lhe deu uma bofetada na cara.

– Rapaz impertinente! Como se atreve a falar dessa forma com sua mãe? E não quero saber onde você aprendeu esse gesto com o dedo, pois, se o fizer de novo, vai levar uma surra.

Com o rosto vermelho, ela fez uma reverência ao Senhor e à Senhora e puxou Justin, que não parou de protestar, para levá-lo direto para a cama.

– Mas o sol ainda não se pôs – retrucou ele. – Como posso ir dormir quando ainda há luz aqui fora?

Os dois desapareceram ao contornar o caminho para a escada que descia a colina, o cabelo de Justin refletindo a luz descendente do sol como se fosse uma chama.

– Por todos os deuses, como ele está crescendo – disse Hokanu com ternura. – Em breve vamos ter de lhe arranjar um tutor de armas. As contas e a escrita nitidamente não bastam para impedi-lo de espiar a criadagem.

– Não bastam, não. – As mãos de Mara se fecharam sobre a bem delineada barriga do esposo, apreciando os músculos que se mantinham firmes graças às horas passadas montando. – Sempre que pode, esgueira-se até os quartéis ou até os aposentos dos

escravos. E ouve com atenção quando os homens se gabam de seus feitos com as senhoras do Boa Vida ou com as criadas. É igualzinho ao pai no modo como olha as mulheres. Ele disse algo à minha criada Kesha hoje de manhã que a deixou corada como uma donzela inocente, o que ela não é. – A cabeça dela se inclinou para o lado para observar o esposo por entre as pálpebras. – É um rapazinho vigoroso e rude que deverá se casar bem cedo ou então gerará bastardos como um hwaet e será perseguido por metade dos pais das meninas da Nação de espadas em punho.

Hokanu riu.

– De todos os problemas que poderia ter com ele, esse é o que menos me preocupa.

Mara arregalou os olhos.

– Ele ainda vai fazer 7 anos!

– Então é o momento ideal de ter um irmãozinho – disse Hokanu. – Mais um diabrete para tomar conta, para que não se meta em encrencas piores.

– Você é um rapazinho vigoroso e rude – retrucou Mara com uma risada rápida, e escapou dos braços dele.

Correu colina abaixo com a túnica meio aberta. Hokanu se recompôs da surpresa e a seguiu. O prazer, mais do que a surpresa, o levou a corar. Já havia muito que sua Senhora não se divertia: desde o envenenamento. Tal como ele sabia que era desejo dela, correu descontraidamente, e não acelerou seus passos compridos e atléticos para capturá-la até ela chegar ao vale estreito ao lado da margem do lago.

O sol do verão brilhava com todo o vigor sobre eles. Apesar de seca, a grama se mantinha verde. Os insetos picadores do início da estação já tinham se dispersado, embora o som estridente dos chamados noturnos ainda continuasse. O ar estava quente e um tanto pegajoso. Hokanu deu um salto, agarrou a esposa em pleno voo e ambos caíram na terra, sem fôlego, roupas e cabelos

bagunçados, esquecendo completamente a solenidade.

– Meu esposo e consorte – disse Mara –, aparentemente há um problema entre nós, que é termos poucos herdeiros.

Os dedos dele já desapertavam os laços da túnica dela.

– Lujan envia patrulhas para as margens do lago depois de escurecer.

Ela sorriu, um brilho branco no crepúsculo.

– Então, como em outras coisas, não temos tempo a perder.

– Isso – disse Hokanu, em tom divertido – não será problema.

Depois disso, nenhum deles conseguiu se concentrar para perder tempo falando.

O muito desejado e amplamente disputado herdeiro dos Shinzawai provavelmente foi concebido naquela noite; a céu aberto ou mais tarde no meio de almofadas perfumadas depois de um cálice tardio de vinho de sã compartilhado nos aposentos deles. Seis semanas depois, veio a notícia. Mara conhecia os sinais e, apesar de despertar muito indisposta, Hokanu conseguia ouvi-la cantarolar todas as manhãs. O sorriso dela era agridoce. Mas o que ele sabia, e Mara não, era que a criança por nascer seria a última dela, o maior milagre concedido pelos curandeiros do clero de Hantukama.

Até escutar por acaso os ajudantes da cozinha e o filho bastardo de um dos capatazes do pessoal doméstico especularem, nunca lhe ocorrera que o bebê poderia ser uma menina. Deixou o assunto de lado e não prestou atenção às apostas que estavam sendo feitas nos quartéis a respeito do sexo da criança.

O fato de que o último filho de Mara, que deveria ser o herdeiro do nome e da fortuna da família dele, pudesse não ser um rapaz era algo em que nem se atrevia a pensar.

A gravidez, que começara de modo tão descontraído, não prosseguiu assim – nem poderia ser, depois do envenenamento e das tentativas de assassinato contra os aliados dos Acoma. Lujan

triplicou as patrulhas, fazendo ele mesmo a inspeção dos postos de controle. O pórtico de orações no local onde o rio desaguava no lago tinha sempre vigias nas torres e uma companhia de guerreiros estava sempre armada e a postos. Mas veio o outono, as needra foram levadas para o mercado e o comércio prosseguiu sem interrupções. Até as caravanas de seda não sofreram qualquer ataque, o que não era habitual, e isso de nada serviu para acalmar os espíritos. Jican passava horas resmungando sobre uma quantidade enorme de lousas com contas. Nem o lucro extra com hwaet pareceu lhe agradar.

– A natureza já nos ensinou que depois da bonança vem a tempestade – resmungou, pessimista, quando Mara se queixou de dores no pescoço por causa do nervosismo dele.

Abatida devido ao peso que carregava no ventre volumoso, mal conseguia acompanhar seu passo quando ele chegava trazendo mais contas para lhe apresentar.

– Está tudo muito calmo há muito tempo – comentou o pequeno hadonra, lançando-se como uma ave de rapina sobre as almofadas diante da escrivaninha da Senhora. – Não gosto nada disso e não creio que Jiro esteja inocentemente sentado com o nariz enfiado em velhos pergaminhos.

Na verdade, os agentes de Arakasi tinham enviado uma mensagem. Jiro não cedera à preguiça e contratara engenheiros e carpinteiros para construir um equipamento de aspecto bizarro naquele que outrora fora o pátio de armas do pai. Era provável que o equipamento se destinasse a um cerco e a abrir trincheiras. Com mexericos bem difundidos, o velho Frasai dos Tonmargu fora convencido pelo Senhor Hoppara dos Xacatecas a gastar fundos imperiais para reparar as fendas nas muralhas de Kentosani e na cidadela interior do Imperador, causadas pelo terremoto do renegado mago Milamber quando, anos antes, gerara o caos nos Jogos Imperiais.

Conforme o outono se arrastava e a época úmida ameaçava chegar, Mara se via tão inquieta quanto seu hadonra e incapaz de fazer outra coisa além de andar de um lado para outro. Seu único descanso surgiu por ocasião do oitavo aniversário de Justin, quando Hokanu lhe ofereceu sua primeira espada genuína, não uma arma de brinquedo apropriada para crianças. Ele recebera com solenidade a bem trabalhada pequena arma e resistira ao impulso de começar a correr por todo o lado apontando-a a tudo o que visse ao redor. Se Keyoke o instruíra em termos de comportamento adequado, na manhã seguinte esse controle desapareceu, quando Justin investiu colina abaixo com a lâmina desembainhada para a primeira lição com o tutor de armas.

Mara observou o filho do terraço, desejando poder assistir à sua aula. Mas os curandeiros não lhe permitiam se afastar das almofadas, e o esposo, que normalmente se revelava paciente quando ela se mostrava teimosa, não dava tréguas. O herdeiro que ela carregava não deveria ser colocado em risco. Para suavizar seu confinamento, tudo o que Mara pedia lhe era concedido.

Oferendas de outros Senhores foram chegando à medida que se aproximava o fim da gestação; algumas eram suntuosas, outras não passavam de pequenas lembranças, o mínimo que a tradição exigia. Uma jarra cara mas inquestionavelmente feia foi o presente de Jiro para a Serva do Império prestes a ser mãe. Com um humor irônico, ela se divertiu ao entregá-la aos criados ordenando que a usassem para levar os dejetos noturnos da casa para fora.

O melhor presente de todos foram os livros raros entregues em cofres que cheiravam a mofo e a pó. Isashani os enviara em vez das habituais caixas envernizadas ou aves exóticas. Depois de ler o cartão que vinha com o presente, Mara riu. Debaixo da maquiagem e do aspecto feminino, não havia limites para a astúcia de Isashani. Já o filho dela, Hoppara, enviara um tradicional, mas espantosamente extravagante, arranjo de flores frescas.

Cercada por jarras pintadas, Mara inspirou o perfume de botões de kekali e tentou não pensar em Kevin, o bárbaro, que anos antes lhe ensinara o que era ser mulher no escuro de um jardim. Franzindo o cenho, mas não por causa da parca iluminação, estudou um tratado de armas e campanhas de guerra. Ficou ainda mais circunspecta quando considerou a possibilidade de Jiro também ter estudado aquele mesmo texto. Dali, seus pensamentos vagaram.

As mensagens de Arakasi começaram a chegar a intervalos irregulares desde que ela o incumbira de pegar os registros da Seita dos Hamoi. Havia meses não o via e sentia falta de sua astúcia e de seu incansável apreço por mexericos bizarros. Fechando o livro, tentou imaginar onde ele estaria. Talvez sentado numa estalagem longínqua, disfarçado de tratador de needras ou de marinheiro. Ou poderia estar num almoço tardio com um mercador em alguma cidade distante. Recusou-se a pensar que também poderia estar morto.

Arakasi estava naquele exato momento deitado de lado em um emaranhado de lençóis de seda e passava levemente seus dedos hábeis pela coxa de uma jovem. O fato de ela ser de outro homem e de ele estar arriscando a vida ao seduzi-la não era o mais importante de seus pensamentos. Ele entrara pela janela. O quarto de dormir de um Senhor ausente no meio da tarde era o último lugar onde qualquer servo ou guarda empenhado em proteger a virtude de uma concubina escrava esperaria encontrá-la com um amante.

A moça estava suficientemente entediada para se excitar com a aventura e era jovem o bastante para se achar imune ao azar. Seu atual Senhor era velho e gordo e seu vigor definhara com o tempo. Arakasi proporcionava outro tipo de desafio. Ela ficara farta, tendo sido ensinada a dar prazer na cama desde os 6 anos de idade. Se ele conseguiria, ou não, excitá-la não era o que estava em questão.

Para o Mestre dos Espiões de Mara, o que estava em jogo era algo mais importante.

À meia-luz propiciada pelos biombos cerrados, o ar cheirava intensamente a incenso e ao perfume da jovem. Os lençóis tinham sido tratados com ervas que em alguns círculos eram consideradas afrodisíacas. Arakasi, que lera textos sobre medicina, sabia que tal crença não passava de mito. O Senhor idoso tinha riqueza suficiente para não se importar com o desperdício de dinheiro. A mistura de aromas era tremendamente enjoativa, levando Arakasi a lamentar o fato de os biombos terem de permanecer fechados. Quase lhe parecera preferível suportar a tanga e o avental fedorentos que comprara dos tintureiros de Sulan-Qu, usados para se disfarçar quando não queria que seu rosto fosse visto por transeuntes de ar distinto. O fedor pelo menos o teria mantido alerta. Assim como estava, teve de se esforçar para não adormecer irremediavelmente.

A moça se mexeu. Os lençóis deslizaram de cima do corpo dela com um sibilar de seda sobre pele. Era deslumbrante, ali com seu contorno realçado pela fraca luz vespertina, o cabelo com enormes cachos cor de mel derramados nas almofadas. Olhos cor de jade fitaram Arakasi.

– Nunca disse que tinha uma irmã.

Ele se referia a um comentário feito minutos antes. Os dedos do Mestre dos Espiões passaram pela cintura dela, mergulharam e continuaram a acariciá-la. Ela semicerrou os magníficos olhos e as mãos se contraíram na seda como as garras de um gato, massageando.

– Soube pelo mercador que vendeu você – revelou a voz suave como veludo de Arakasi.

Ela se endireitou sob o aconchego dele, estragando dez minutos de cuidadosas carícias. Já tivera homens suficientes dos quais nada quisera saber.

– Não foi um comentário muito prudente.

O que estava em questão ali não era um insulto; na verdade, ela pouco mais era do que uma prostituta muito cara. A identidade do comprador da irmã: esse era um conhecimento perigoso e o negociante que tratara da transação dificilmente seria tão aberto, ou tão imprudente, a ponto de revelá-lo. Arakasi afastou cuidadosamente para o lado os cachos cor de mel e afagou o pescoço da jovem.

– Não sou um homem prudente, Kamlio.

Os olhos dela se arregalaram e os lábios formaram um sorriso malicioso.

– De fato você não é. – Depois, sua expressão assumiu um ar mais reflexivo. – Você é um homem estranho. – Inspirando fundo, fez um bico dissimulado. – Às vezes, acho que você é um nobre fingindo ser um mercador pobre. – Fitou-o com um olhar firme. – Seus olhos são mais velhos do que sua aparência.

Decorreu um longo momento sem que ele respondesse, o que a fez insistir:

– Você não é muito expansivo. – Então ela lambeu sugestivamente os lábios. – Nem sequer divertido. Portanto, dê-me prazer. Sou o brinquedo de outra pessoa. Por que deveria arriscar minha pele para me tornar sua?

Quando Arakasi inspirou fundo para responder, Kamlio ergueu um dedo e deteve o movimento dos lábios dele. Suas unhas estavam polvilhadas de dourado, o mais caro dos cosméticos.

– Não me venha com histórias de que você compraria minha liberdade por amor. Isso seria bobagem.

Arakasi brindou com um beijo a carne rosada das pontas dos dedos dela. Em seguida, com muita gentileza, retirou a mão dela para poder falar. A expressão dele era a de alguém ligeiramente ofendido.

– Não seria bobagem. Seria a verdade.

Mara nunca estabelecera limites quanto às suas despesas e, para

uma aposta tão alta como obter acesso ao mais bem guardado chefe de uma seita, ela certamente não faria restrições. A moça que tinha nos braços ficou gélida de desconfiança. Para libertá-la do contrato de sete anos assinado com seu idoso Senhor, seria necessário desembolsar o equivalente a uma casa na cidade; mas pagar o valor dela e os custos dos ensinamentos e da educação ao mercador da casa de prazer que investira nela... isso seria o equivalente a uma pequena propriedade. Os contratos seriam vendidos e revendidos até ela ficar desgastada ao ponto de até seus talentos no leito serem desprezados.

– Você não pode ser assim tão rico. – Até a voz dela revelou insolência. – E, se o Senhor que o emprega é tão rico, então arrisco minha vida só por dirigir a palavra a você.

Arakasi inclinou a cabeça e beijou o pescoço dela. Suas mãos não a apertaram; ela podia afastar-se a qualquer momento, um detalhe em que ela reparou; em consideração a tal sutileza, permaneceu imóvel. Poucos homens a haviam tratado como se tivesse vontade própria ou sentimentos. Esse era raro. E as mãos eram muito experientes. Ela percebeu o toque de sinceridade na voz dele quando voltou a falar:

– Mas eu não trabalho para ninguém.

O tom lhe deu credibilidade. Sua Senhora, depois, não teria uso para uma cortesã tão cara. A oferta de liberdade poderia ser sincera, caso ele tivesse acesso ao dinheiro.

As mãos de Arakasi recuperaram o terreno perdido e Kamlio estremeceu. Ele era mais do que raro: era talentoso. Ela se acomodou ligeiramente, encaixando-se na curva do corpo dele.

Ambos continuavam indiferentes aos passos dos criados percorrendo o corredor, do qual estavam separados apenas por um biombo. Um toque de Arakasi baixou as defesas da pele dourada da jovem. Ela aconchegou-se mais. Era raro conhecer o prazer, sendo uma coisa comprada e vendida para satisfazer as necessidades de

terceiros. Se fosse descoberta, poderia ser espancada; o parceiro dela acabaria pendurado sem honra numa corda. Ou ele era excepcionalmente valente, ou loucamente descuidado. Através da pele que fora acariciada e adulada até adquirir uma sensibilidade incomum, a moça sentiu a descontraída batida do coração dele.

– Essa Senhora – murmurou languidamente Kamlio – tem assim tanto valor para você?

– Neste exato momento, não estava pensando nela – respondeu Arakasi, mas não foram suas palavras que se revelaram convincentes quando seus lábios tocaram os dela com uma ternura semelhante a adoração.

O sol filtrado pelas janelas misturou-se com uma bruma rubra e dourada por trás dos olhos de Kamlio enquanto a paixão se libertava dela e assumia um sabor semelhante a um excelente vinho. Finalmente, arquejando e encharcada do fino suor do ato sexual, Kamlio se abstraiu de si mesma e se agarrou ao corpo elegante do homem enquanto explodia de libertação. Ela riu e chorou e em algum ponto entre o espanto e a exaustão sussurrou a localização da irmã vendida na distante Ontoset.

Apesar da misteriosa origem dele, até Kamlio rolar para o lado não lhe ocorrera que seu parceiro pudesse não passar de um verdadeiro ator. O leve toque que embalava o corpo dela não era mais do que a ondulação dos lençóis ainda quentes. Atirou para trás o cabelo úmido, seus belos olhos semicerrados se arregalando furiosos ao descobrirem a janela aberta e o amante desaparecido, incluindo as roupas que usara. Abriu os lábios para gritar, com um rancor que faria com que ele fosse capturado e executado, e esquecendo as mãos destras e as promessas vãs. Porém, no momento em que encheu os pulmões de ar, o trinco da porta se mexeu.

Arakasi devia ter percebido os passos pesados do velho Senhor, que voltara mais cedo da reunião com seu hadonra. De ombros

curvados, passos pesados e cabelo grisalho, arrastou-se até o quarto dela. Seus olhos leitosos pestanejaram ao ver os lençóis remexidos, mas ele estendeu as mãos secas e frias para lhe afagar a pele, ainda quente e úmida devido à recente festa apaixonada.

– Minha querida, está doente? – perguntou com sua voz idosa.

– Pesadelos – respondeu, enfadada, mas instintivamente preparada para usar o estado de espírito para aumentar seu encanto. – Cochilei sob o calor da tarde e tive pesadelos, foi só isso.

Grata por seu hábil amante de cabelo escuro ter escapado sem problemas, Kamlio suspirou e derramou seus talentos sobre seu decrépito Senhor, que, aparentemente, por vezes era mais difícil de satisfazer do que ela própria.

Do lado de fora da janela, escondido por um véu de videiras e akasi por podar, Arakasi escutava atentamente os sons vindos do quarto. Aliviado e com uma raiva muito incomum, enfiou silenciosamente suas vestes. Só mentira uma vez: nunca cessara de pensar em sua Senhora. Com o passar dos anos, desde que prestara juramento aos Acoma, Mara se tornara a parte mais importante de sua vida. Mas a moça, um pouco mimada e completamente endurecida devido ao despeito próprio de uma prostituta levada para o bordel, mexera com ele. O interesse por ela fora real, e isso por si só era perturbador.

Arakasi afastou a recordação dos longos e belos cabelos de Kamlio e de seus olhos cristalinos como pedras preciosas. Tinha trabalho pela frente antes de poder tentar libertá-la. A informação que ela lhe fornecera, na crença ingênua de que desvendara somente um segredo de família, era a possível localização do harém do *Obajan* da Seita dos Hamoi. A tênue ligação que conseguira manter com a irmã, usada para trocar mensagens fingidas e altamente erráticas, era mais perigosa do que ela acreditava.

Arakasi levava meses seguindo um boato de que uma jovem de rara beleza, irmã de outra igualmente bela, fora comprada por

determinado mercador que o Mestre dos Espiões suspeitava ser agente da Seita dos Hamoi. Ele agora estava morto, uma consequência inevitável depois de Arakasi tê-lo identificado, mas a aquisição de uma cortesã tão dispendiosa o levava a ter quase certeza de que ela deveria pertencer ao *Obajan* ou a um de seus homens de confiança mais próximos.

E o fato de ter sido enviada para Ontoset fazia particular sentido; era mais seguro para a seita ter sua base tão distante do local onde era contatada, um santuário menor no exterior do Templo de Turakamu. O próprio Arakasi tinha muitos agentes que suspeitavam que ele vivia em Jamar ou Yankora, porque era de lá que vinham todas as mensagens.

Arakasi resistira à tentação de partir de imediato para Ontoset e passara valiosas semanas em Kentosani à procura da irmã da jovem. O Mestre dos Espiões observara sua presa durante semanas antes de se apresentar a ela. Contornando as perguntas de Kamlio com respostas vagas, levava-a a acreditar que era o filho de um importante nobre e que caíra em desgraça por causa de uma aventura amorosa.

Como ele arriscara repetidamente a vida para vê-la, Kamlio enfim o acolheu em sua cama. Sem ela, Arakasi poderia ter andado a vida toda infrutiferamente à procura do local sem obter uma pista do que procurava sob as ordens de Mara. Quando se sentou, imóvel como uma rocha, à espera do anoitecer e de uma oportunidade para escapar, pensou no quanto devia a uma moça que fora educada para ser apenas um brinquedo de cama. Sabia que deveria partir sem nunca mais ver aquela mulher, mas ela mexera com ele de alguma forma. Agora enfrentava um novo receio: poderia suplicar a Mara que intercedesse e comprasse o contrato da jovem; então, uma vez em liberdade, Kamlio poderia rir de seu genuíno interesse por ela. Para um homem criado por mulheres do Boa Vida, era fácil compreender o desdém dela.

Oculto por arbustos, mordido por insetos e com câibras devido à imobilidade forçada, Arakasi suspirou. Fechou os olhos, mas não conseguiu escapar aos sons da maratona de esforços de Kamlio no quarto para satisfazer a luxúria de um homem velho demais para o ato. Arakasi suportou a espera, que se arrastou penosamente. Assim que teve certeza de que o velho Senhor adormecera, partiu em silêncio. Mas levou com ele recordações vívidas e a consciência, desconfortável e indesejada, de que ficara interessado em Kamlio. Seus sentimentos por ela eram uma tolice, pois quaisquer laços emocionais com alguém que não fosse Acoma o tornavam vulnerável. E sabia que, se ficasse vulnerável, a Senhora Mara também ficaria.

O mensageiro hesitou depois de ter feito reverência. Ainda sem ar depois da corrida para atravessar as colinas ao redor da propriedade, poderia ter feito uma simples pausa para recuperar o fôlego, só que tinha as mãos tensas quando ergueu os olhos cheios de piedade para Hokanu.

O herdeiro dos Shinzawai não era homem para se esconder dos infortúnios. As campanhas de guerra lhe ensinaram que as contrariedades deveriam ser enfrentadas e reprimidas de imediato ou o inimigo conquistaria uma abertura e o triunfo.

– As notícias são ruins – disse na mesma hora. – Conte-me tudo.

Ainda mudo e com uma segunda reverência motivada pela compaixão, o mensageiro retirou um rolo de pergaminho de um tubo feito de ripas de osso atadas por um cordão. Assim que Hokanu vislumbrou a tinta vermelha nas bordas do pergaminho, percebeu tudo: aquele documento anunciava uma morte e, ao aceitá-lo e quebrar o selo, adivinhou que o nome lá escrito era o de seu pai.

O momento não poderia ser pior, pensou naquele intervalo de choque e descrença antes de ser impiedosamente atingido pela dor. Seu pai partira. O homem que o compreendera como nenhum outro,

que o adotara quando seu verdadeiro pai fora chamado para a Assembleia de Magos e que o criara com todo o amor que um filho poderia desejar se fora.

Não haveria mais conversas no meio da noite na companhia de uma cerveja de hwaet, nem piadas sobre ressacas matutinas. Não haveria mais discussões eruditas, nem reprimendas, ou júbilo pelas vitórias. O seu neto que Mara logo daria à luz nunca conheceria o avô.

Debatendo-se com um súbito impulso de chorar, Hokanu dispensou mecanicamente o mensageiro. Jican apareceu, como se chamado por magia, e lidou tranquilamente com a questão da refeição leve e a entrega ao mensageiro do símbolo de osso que confirmava o cumprimento da missão. O hadonra terminou de cuidar de tudo; depois voltou-se de novo para o esposo de sua Senhora, em expectativa. Hokanu não se movera, a não ser para esmagar nas mãos o pergaminho com margens vermelhas.

– Eram más notícias – concluiu Jican, manifestando sua solidariedade.

– Meu pai – disse Hokanu com a voz embargada. – Morreu durante o sono, sem sofrer, de causas naturais. – Cerrou momentaneamente os olhos e depois os abriu, antes de retomar a palavra: – Nossos inimigos, contudo, vão ficar maldosamente satisfeitos.

Jican mexeu no cinto, hesitante, preocupado e mudo. Conhecera Kamatsu dos Shinzawai; conhecia bem o hadonra do Senhor. O melhor elogio que lhe ocorria não era o mais usual ou o mais elegante. De qualquer forma, resolveu falar:

– É um homem cuja falta será sentida por seus servidores, jovem Senhor. Ele era querido.

Hokanu ergueu os olhos escuros cheios de pesar.

– Ele era mesmo. – Suspirou. – Não abusava de nenhum homem ou de nenhum animal. Tinha um coração enorme. Como Mara, era

capaz de ver com justiça para além da tradição. É graças a ele que sou como sou.

Jican permitiu que o silêncio se prolongasse enquanto do lado de fora da janela escutavam os passos de uma sentinela. Depois sugeriu, muito amavelmente:

– Mara está na oficina com o criador de brinquedos.

O novo Senhor dos Shinzawai assentiu com a cabeça. Foi procurar a esposa com um peso terrível sobre os elegantes ombros. Mais do que nunca, era fundamental o herdeiro que ela carregava. Pois, apesar de Hokanu ter muitos primos e até uns três sobrinhos bastardos, nenhum deles fora educado com a visão abrangente de seu pai adotivo. Nenhum deles tinha a percepção e a clareza de pensamento necessárias para substituir o homem que fora o braço direito do Imperador Ichindar.

O ambiente da oficina era uma mistura de calor empoeirado envolvido em penumbra causada pelo telhado com os odores aromáticos de madeira, resinas e cola de needra. Nos cantos imperava a escuridão, com prateleiras cheias de trapos, cestos de penas e um organizado conjunto de ferramentas de marceneiro, entre as quais constava uma inestimável faca metálica importada do mundo bárbaro e com a qual Mara conquistara a eterna admiração e os serviços de Orcato, criador de brinquedos, gênio e impostor com uma queda por piadas e por bebida.

Mara fechou os olhos à sua grosseria, à sua tendência para esquecer a feminilidade dela e lhe dirigir a palavra como se fosse uma igual e também ignorou o cheiro de suor e das sementes de tecca com que temperava a comida. Quando Hokanu entrou, a Senhora e o artesão estavam com as cabeças inclinadas sobre uma máquina de madeira que lhes batia na cintura, ao redor da qual estava disposto um exército de soldadinhos pintados.

– Ali – disse Orcato, com a voz trêmula de idoso que igualmente

exibia um entusiasmo infantil. – Se puxar aquele fio e soltar aquela alavanca ali, Senhora, vai saber se desperdiçou seu tempo.

Seu sarcasmo foi contrariado pelo pecaminoso brilho de alegria do olhar; desalinhada, com calor e pesadamente grávida, Mara inclinou a cabeça manchada de pó. Com uma excitação pouco adequada a uma Senhora, puxou um fio.

O aparelho no chão reagiu com um estalo, um som surdo e um violento chicotear de fios e madeira. Aquilo que Hokanu identificou como um modelo de uma máquina concebida para lançar pedras sobre as muralhas de uma cidade sitiada não executou a função pretendida. Em vez disso, seu braço de lançamento rodou em arco, largando os projéteis sobre as fileiras organizadas de seus aliados. Soldadinhos de brinquedo se espalharam e balançaram no ar empoeirado e se ouviram as pedras ricocheteando nas paredes. Hokanu se esquivou dos projéteis e encolheu-se diante do entusiástico grito de prazer da Senhora.

Orcato, o criador de brinquedos, deleitado, retirou uma garrafa de um bolso existente debaixo de seu avental de pele de needra.

– Um brinde aos Deuses das Traquinices e Travessuras? – Ofereceu um trago à Senhora e ficou paralisado ao ver Hokanu à entrada. – Conseguimos, meu Senhor – anunciou, jovial como um rapaz em meio a todo o seu entusiasmo. – Descobrimos uma forma de usar a queda de Jiro por máquinas contra suas tropas.

Fez uma pausa, bebeu um grande trago e depois ofereceu a garrafa pingando ao Senhor.

Foi Mara quem reparou na rigidez do rosto de Hokanu.

– O que houve? – perguntou, com uma preocupação tão notória como um grito.

Manobrou sua imensa barriga em volta da máquina, pisando nas fileiras bagunçadas de soldadinhos. Atormentado, mais do que pelo pesar, por ter de acabar com a alegria evidente no rosto dela, Hokanu hesitou em falar.

– Por todos os deuses – murmurou Mara, estendendo-lhe os braços e procurando desastradamente abraçá-lo. – É seu pai, não é?

Ela o puxou para si, com o volume da criança por nascer entre eles. Hokanu sentiu que ela estava trêmula e percebeu que a dor dela era genuína. Seu pai fora amado por todos. Ouviu-se falando desajeitadamente:

– Morreu de morte natural. Sem sofrimento. No leito. – O criador de bonecos passou sua garrafa. Hokanu a aceitou e bebeu sem reparar sequer que tipo de cerveja continha. A bebida soltou sua língua e os pensamentos começaram lentamente a fluir: – Será organizado um funeral de Estado. Devo estar presente. – Estava plenamente consciente da vulnerabilidade da esposa grávida e do fato de seu herdeiro não poder correr qualquer risco. Ao sentir a respiração arrastada dela, balançou a cabeça e falou tranquilamente: – Não, você não pode ir. Não vou expor sua vida ou a de nosso bebê por nascer a nossos inimigos.

Ela se mexeu, prestes a protestar. Hokanu a sacudiu com gentileza, sem querer saber das repugnantes gotas de álcool que saltaram da garrafa com o gesto, manchando o ombro da túnica dela, e continuou:

– Não. Kamatsu iria compreender, meu amor. Ele faria o mesmo que eu. Imploro que vá visitar sua família adotiva, que você ultimamente tanto tem negligenciado. Vá a Kentosani para apresentar seus cumprimentos ao Imperador Ichindar. Com a morte do meu pai, ele perde um poderoso defensor. Convém que você esteja lá para ajudá-lo a superar a dor.

Ela relaxou encostada a ele; Hokanu interpretou isso como compreensão e aceitação. Não iria discutir com ele, embora soubesse, pela forma como Mara escondeu o rosto na manga, que chorava por ele e pelo fato de a intriga política obrigá-la a se afastar naquela hora de luto.

– Minha Senhora – disse baixinho, e enterrou o rosto no cabelo

de Mara.

Atrás dele, cruzando o chão cheio de bonequinhos caídos representando o exército de Jiro, o criador de bonecos desapareceu em silêncio.

Aviso

A multidão rugiu.

Os soldados dos Acoma que escoltavam sua Senhora se esforçaram para manter as fileiras em ordem, apesar da incansável pressão dos corpos, todos aclamando com reverência e apreço a Senhora que era Serva do Império, esticando os braços para tocar nem que fosse nas cortinas da liteira. Rezava a lenda que o toque de um Servo dava boa sorte. Como a própria Senhora não estava ao alcance, os soldados compreenderam que os plebeus se contentariam com as roupas ou, se nem isso fosse possível, com as cortinas da liteira. Depois de terem sido pegos desprevenidos uma vez, quando Mara saíra com uma escolta que parecera adequada antes de lhe ser entregue o título pelo Imperador e chegara a um compromisso do outro lado da cidade com suas vestes e as cortinas da liteira completamente desarranjadas e sujas, seus oficiais aprenderam a lição.

Agora Mara não se aventurava a aparecer em público com uma escolta de menos de cinquenta soldados. Lujan compreendera, assustado, que até mesmo cinquenta poderiam não bastar. O povo adorava tanto a Boa Serva que se arriscava a esmagar os dedos, ficar com hematomas e até a levar um golpe de lança só para se aproximar dela. E o pior – o aspecto mais irritante da popularidade – era que a plebe não se importava com a brutalidade empregada pelos soldados para mantê-la longe. As pessoas se lançavam de livre

e espontânea vontade contra a violência certa, que muitas vezes resultava em ferimentos, apenas para aplaudirem e gritarem o nome de Mara.

Envolvida numa túnica simples e escondida dos olhares curiosos pelas grossas cortinas que deixavam o calor insuportável, Mara seguiu deitada, de olhos fechados, sobre as almofadas e com as mãos apoiadas no alto de seu ventre volumoso. Mal conseguia sentir o cheiro do incenso do templo – tão típico da Cidade Sagrada –, que trazia tantas lembranças. O perfume das árvores floridas também não chegava até ela, nem mesmo os pregões cantados dos vendedores ambulantes. Só pôde apreciar a aglomeração das massas e escutar seus gritos profundos. Recordou, com nostalgia, seus dias de juventude, quando, ainda noviça do Templo de Lashima, percorrera aquelas mesmas ruas com os pés descalços. Tentou não pensar mais em dias passados, sobretudo na época em que um bárbaro alto e ruivo caminhava ao lado da liteira enchendo seus ouvidos com comentários impertinentes e os olhos com seu sorriso.

Na escuridão sufocante atrás dos panos tingidos de vermelho em reverência ao Deus da Morte e ao falecimento do pai de Hokanu, pensou antes em seu esposo, que partira sozinho para assistir às cerimônias fúnebres de Estado, em que iria enfrentar inimigos e conspirações e determinar quais dos amigos do pai se manteriam ao seu lado, agora que vestia o manto da Casa dos Shinzawai. Sem herdeiros, seria avaliado pelos mercadores que vendem contratos de cortesãs, seria adulado por jovens que gostariam de elevar seu status com a oportunidade de carregar no ventre o bastardo de um homem poderoso.

Ao pensar no esposo, desejou que a despedida deles não tivesse sido tão apressada. Mas o dia do parto estava muito próximo e, com a morte de um Senhor de tão elevada posição na estrutura de poder imperial, a Casa dos Shinzawai não deveria ser a única a se

salvaguardar diante de tantas mudanças em curso. A morte de Kamatsu abriu a vaga de um cargo proeminente no Conselho Imperial. Logo haveria incontáveis tramoias políticas até tal poder ser repassado para outras mãos.

Não fora apenas sua segurança que levava Mara a visitar a família do Imperador. Embora os Brancos Imperiais do palácio protegessem Justin, seu jovem filho, com a mesma vigilância dedicada às crianças da própria Luz do Céu, ela ficou preocupada, pois, desde que o cargo de Senhor da Guerra fora extinto e o Conselho Supremo relegado aos ecos do passado, o palácio se tornara o centro de todas as intrigas. Arakasi tinha agentes por lá e eles se manteriam atentos, farejando conspirações. Mas a vida dela ficaria restrita, mais colada ao cerimonial, e privada dos desafios diários do comércio que apreciava quando estava em casa.

Embora Jican fosse de total confiança para lidar com as questões comerciais em sua ausência, isso não a consolava. Por baixo, jazia a verdadeira preocupação: não queria dar à luz numa cama estranha, sem a proteção adorada de Hokanu. Se a criança nascesse antes de poder voltar para casa, sua estadia em Kentosani seria obrigatoriamente prolongada, até a criança conseguir enfrentar os rigores da viagem.

Os dedos de Mara apertaram ainda mais suas vestes úmidas, como se pretendesse deter os saudáveis chutes da criança por nascer. Um temor indefinível tomou conta de seu corpo, diante das forças que trabalhavam contra todos eles – Acoma, Shinzawai e o Imperador –, que não esperariam nem descansariam enquanto os bebês em fila para assumir suas heranças atravessavam os anos necessários de crescimento.

Baixaram a liteira, que foi pousada praticamente sem solavancos. Mara se endireitou quando as cortinas foram abertas, deixando entrar o brilho ofuscante do mármore banhado pelo sol. Chegara ao palácio e sua preocupação era tão profunda que só então reparou

que o clamor da multidão se distanciara; os plebeus continuavam a gritar seu nome e a chamar por ela, mas o som vinha agora do lado de fora do portão de madeira dourada que dava acesso ao Bairro Imperial da cidade.

– Minha Senhora? – disse Saric.

O Conselheiro-Mor dos Acoma estendeu a mão para ajudá-la a sair. Incomo não participava daquela viagem, pois acompanhara Hokanu para ajudá-lo a lidar com as intrigas dos convidados que marcariam presença na propriedade dos Shinzawai para assistir à cerimônia fúnebre. Apesar de ainda estar na casa dos 30, Saric aprendera muito desde que trocara as fileiras dos soldados pelo posto na Casa dos Acoma.

Mara hesitara bastante antes de lhe conceder formalmente o cargo e por algum tempo pensara em Incomo para preenchê-lo, já que ocupara o mesmo lugar com os Minwanabi; por fim, contudo, confiara na opinião da antecessora dele: apesar de sempre censurá-lo, Nacoya, a antiga Conselheira-Mor, tinha em excelente conta o espírito vivo e a facilidade de compreensão do jovem. Saric se revelara uma boa escolha. Mara olhou para cima, avaliando os olhos cor de avelã do homem, que também a fitava intensamente, com um sorriso nos lábios muito parecido com o de seu primo Lujan.

– Em que está pensando, minha Senhora? – perguntou enquanto a ajudava a se levantar da liteira.

Um brilho em seu olhar contrariou a inocência da pergunta e, vendo que sua Senhora continuava a observá-lo, abafou uma risada. Assim como Lujan, Saric muitas vezes adotava uma postura informal próxima da insolência.

Mara respondeu em tom seco, enquanto examinava sua túnica de viagem bem-cortada, porém simples:

– Estou pensando que devemos trabalhar seu conceito de vestes formais.

– Tenho andado muito atarefado desde que assumi o cargo e não

tenho tempo para alfaiates, minha Senhora. Vou agora mesmo providenciar vestes formais. – Depois sorriu. – Duvido que os trajes cerimoniais da velha avó já me sirvam.

Queria dizer que ainda não tinha os ombros envergados pela idade nem o cabelo grisalho o bastante. Assolada por uma angustiante lembrança da velha Nacoya que continha mais saudades do que pesar, Mara disse:

– Você tem uma língua atrevida ao falar de suas responsabilidades, quando, pelo que percebo, já até perdeu o controle sobre meu herdeiro.

– Justin?

Erguendo as sobrancelhas de espanto, Saric deu meia-volta. O garoto efetivamente desaparecera de vista, quando havia pouco estava ali. O Conselheiro controlou o impulso de praguejar com uma expressão fechada. Desejou ter previsto a agitação do garoto depois da birra que fizera mais cedo, quando Justin fora forçado a viajar numa liteira em vez de onde queria: empoleirado nos ombros largos de Lujan à cabeça da procissão. O fato de numa rua aberta, com hordas de pessoas admirando a Boa Serva, um garoto exposto ser um alvo tentador para assassinos inimigos nada significava ante seu gosto infantil por aventuras.

Uma olhada rápida pelo pátio de mármore, com suas belas árvores enfeitadas com trepadeiras floridas, permitiu detectar diversos arcos onde o garoto poderia ter se escondido.

– Bem – disse Mara com pesar –, não é provável que ele morra no palácio, rodeado por dois mil Brancos Imperiais.

Não precisou acrescentar que, com certeza, o menino armaria mais travessuras. E, com o próprio Imperador vindo saudá-la, ordenar a soldados que fossem procurá-lo antes de concluídas todas as formalidades de boas-vindas seria considerado um insulto.

Ela ajeitou seu cinto, ergueu o queixo e avançou um passo, preparada para se curvar diante da Luz do Céu.

O próprio Ichindar lhe deu a mão para ajudá-la a se levantar de novo antes que seu corpo volumoso lhe causasse algum embaraço. Seu toque se revelou caloroso, como se fosse possível sentir todos os ossos da sua mão. Mara sorriu e olhou para o rosto dele, enrugado pelas preocupações. Embora ainda fosse novo, Ichindar não conseguia disfarçar o peso do manto e da responsabilidade. Tornara-se um homem mais curvado desde a última vez que o vira e os olhos pareciam maiores, pois seu rosto emagrecera. Como nunca fora um guerreiro, confiava no refinamento e na suntuosidade de suas vestes para lhe conferirem a imperiosa majestade do cargo. Agora, parecia afogado num tecido que brilhava como um diamante bordado com um fio de prata de valor inestimável. Tinha o cabelo adornado por um enorme arranjo de plumas douradas e no pescoço, nos pulsos e na cinta usava ouro reluzente. Exibiu um olhar caloroso e luminoso quando a observou e brindou-a com a saudação imperial.

Em seguida, terminadas as formalidades, soltou os pulsos de Mara e retirou o enorme adereço da cabeça. Um criado avançou correndo, curvou-se até encostar a testa no chão e aceitou em silêncio aquele fardo. Ichindar, 91 vezes Imperador de Tsuranuanni, passou suas mãos cheias de anéis brilhantes pelo cabelo e sorriu.

– Senti sua falta, Senhora. Já faz muito tempo desde que nos presenteou com sua companhia.

Sua declaração soou sincera, embora não fosse segredo que preferisse companhias masculinas. Levado pela necessidade de um herdeiro, partilhara suas noites com uma interminável sucessão de esposas e consortes, todas escolhidas pela beleza e pela perspectiva de carregarem uma criança, e não por uma questão de inteligência. Mas nomeara Mara, Serva do Império, pelo papel dela em lhe assegurar o poder sobre o trono dourado. Ela trouxera a estabilidade ao Império em geral. Com sua ajuda, abolira o posto de Senhor da Guerra, uma disputa que diversas vezes arrastara as Nações para uma iminente guerra civil.

Embora o rumo traçado ainda não fosse estável, e apesar de a Facção Tradicionalista conquistar a cada dia mais simpatizantes, Ichindar considerava a Senhora Mara uma poderosa aliada e, mais do que isso, uma amiga; a chegada dela lhe deu uma rara alegria. Observador, notou as rápidas espiadas para os arcos e riu.

– Seu filho fugiu há uns instantes com minha filha mais velha, Jehilia. Ele está nos pomares com ela, os dois provavelmente empoleirados numa árvore apanhando jomach verdes. Devemos ir até lá dar umas palmadas naquelas mãos pegajosas antes que ambos fiquem com dor de barriga?

A expressão de Mara se suavizou.

– As dores de barriga são a menor das preocupações – confessou ela. – Se bem conheço meu garoto, provavelmente há sentinelas sendo desrespeitadas.

Mas, quando Mara se libertou de sua comitiva de servos e da bagagem e o pessoal do Imperador se organizou à sua volta, um estridente grito de raiva de uma criança ecoou acima da serenidade do pátio iluminado pelo sol. Mara e Ichindar se apressaram com a escolta em direção ao arco à esquerda. Percorreram apressados um corredor ladeado por arbustos e canteiros de flores raras e chegaram ao pátio do jardim a tempo de escutar algo chapinhando. Justin estava na borda de mármore de um lago de peixes, com as mãos nos quadris e o peito inchado como um jiga macho. A seus pés, puxada para trás por uma confusão encharcada de túnicas brancas e douradas, a menina estava sentada na água, com o cabelo louro colado à cabeça e a dispendiosa maquiagem escorrendo em manchas por seu rosto irado.

Mara assumiu uma expressão maternal mais severa, enquanto o Imperador tentava controlar uma gargalhada. Mas, antes de algum deles conseguir intervir naquilo que estava prestes a se tornar uma luta, uma terceira figura se intrometeu depressa no conflito, arrastando pelo chão vestes tão caras como as da menina, mas

cheirando a perfumes exóticos. Era igualmente loura e de uma beleza radiante. Protestava com as mãos e tinha firmes traços maternos.

– Ah! – gritou ela. – Ah! Garoto miserável, o que você fez à minha joia?

Justin virou o rosto vermelho na direção dela e falou sem hesitação e com clareza por cima dos gritos de Jehilia:

– Ela bateu no meu rosto, foi o que fez a sua joia.

– Ah! – gritou a mulher. – Ela não faria isso, a minha joia!

Nessa altura, Mara avançou impetuosa, agarrou Justin pelo braço e o içou da borda do lago.

– E então você deu uma rasteira nela, foi isso?

Ela recebeu em resposta um sorriso insolente e uma piscadela dos olhos azuis naquele rosto cheio de sardas. Sua mão aberta bateu no rosto do menino, pondo fim ao sorriso e, apesar de o olho do garoto dar mostras de um futuro hematoma, Mara não lhe deu trégua:

– Estenda a mão à princesa, ajude-a a sair do lago e peça desculpas. – Quando o menino abriu a boca para protestar, ela o sacudiu bruscamente. – Agora, Justin! Você manchou a honra dos Acoma e é preciso consertar o estrago.

A ofendida Jehilia se levantou com dificuldade. Havia peixes em frenética agitação ao redor de seus tornozelos enquanto, com uma serenidade mal-humorada, se preparava para aceitar as desculpas.

– Oh, minha querida, saia da água – lamentou a mulher, que só podia ser a Senhora Tamara, Primeira Esposa de Ichindar e mãe da garota. – Pode adoecer, aí toda encharcada!

Jehilia fez cara feia. Seu rosto rosado e dourado corou. Fitou a mão estendida de Justin como se fosse uma víbora, enquanto seu pai – o Imperador de Tsuranuanni e Luz do Céu – observava sem disfarçar quanto se divertia. Ele era melhor governando Senhores em disputa do que gerindo as brigas de sua filha com o filho de sua

família adotiva.

Mara avaliou o impasse e repreendeu rispidamente a menina:

– Aceite a mão de Justin, Princesa. É a atitude correta, já que você feriu o orgulho dele ao lhe dar um tapa. É uma covardia bater num homem, já que ele não pode reagir batendo numa mulher. Se Justin lhe deu uma rasteira, você mereceu o banho, para começo de conversa, e digo que esta situação deve lhe servir como lição de boas maneiras. Comporte-se como uma verdadeira Senhora ou farei com que suas aias a açoitem como a criança que você efetivamente é.

– Ah, a minha querida não pode ser açoitada! – gritou a mãe da filha mais velha do Imperador. – Se alguém tentar, eu desmaio.

Ao escutar isso, os olhos cor de avelã de Ichindar reluziram de ironia na direção da Senhora dos Acoma.

– A minha vida virou um inferno devido ao excesso de mulheres delicadas. As crianças nem podem ser açoitadas, senão elas desmaiam.

Mara riu.

– Açoite as crianças como merecem e deixe que as Senhoras desmaiem à vontade. Pode servir para enrijecê-las.

– Ah! – A Senhora Tamara ficou lívida. Tão furiosa agora quanto sua filha, retorquiu: – Nossa Luz do Céu não permitiria! É um homem gentil e todas as suas esposas o adoram.

A boca de Ichindar se curvou de repugnância. Nitidamente, preferiria retirar-se a suportar mais desentendimentos. As mulheres o confundiam, Mara sabia. Entristecida por ele parecer tão intimidado e pensando também em como deveria ter sido terrível ser forçado aos deveres matrimoniais aos 12 anos, com uma esposa ou concubina diferente enviada para partilhar o leito imperial todos os meses, alternadamente, ela voltou a intervir, incitando o filho a falar.

Justin terminou o pedido de desculpas a Jehilia. Proferiu as palavras sem obstinação ou rancor, tão rápido em perdoar quanto

seu pai bárbaro. Assim que Justin completou a reverência, Mara pegou os dedos gelados da menina e empurrou-a com determinação na direção de sua perturbada e furiosa mãe.

– Jehilia – disse a Senhora dos Acoma –, leve a Senhora Tamara para dentro e deixe-a aos cuidados de uma boa aia. Depois, troque de roupa e venha visitar-me no pátio de meu jardim. Ensinarei a você, tal como meu pai ensinou a meu irmão, o que deve fazer quando um garoto a incomodar.

A raiva de Jehilia deu lugar a um jovial ar de surpresa.

– Você sabe lutar, Boa Serva?

Mara riu.

– Vou lhe ensinar, e, se Justin concordar em mantê-la longe de lagos de peixes, poderá ajudar.

Ao lado dela, o herdeiro do manto dos Acoma soltou um grito de entusiasmo e Jehilia, também descontraída, berrou como um guerreiro. Em seguida, rodopiou num redemoinho de cabelos molhados e conduziu sua atarantada e irritada mãe para fora do jardim, enquanto Ichindar, perplexo, a seguia com o olhar. O Imperador se voltou para Mara com um ar de profundo respeito.

– Eu deveria convocar mais vezes a sua presença, para pôr ordem no meu harém.

O sorriso de Mara esmoreceu.

– Não, por todos os deuses. Você não sabe nada sobre mulheres? A melhor maneira de fomentar intrigas é entregar o poder a uma delas. E eu mesma já estou tentando controlar uma rebelião horrível, de rasgar as túnicas, meu Senhor Imperador. E o único problema que percebo entre você e seu harém é que elas são em maior número, 537 contra um.

O Imperador de Tsuranuanni soltou uma gargalhada.

– É verdade. Sou o esposo mais dominado pelas mulheres entre todas as Nações. Se as Senhoras não fossem todas tão belas, poderia achar mais fácil castigá-las.

Mara deixou que o ar saísse ruidosamente por suas narinas.

– Segundo meu Comandante das Forças Armadas, que causa o caos entre as donzelas em seu tempo livre, quanto mais bonitas são, mais precisam ser castigadas.

– Talvez – concedeu Ichindar, com um vestígio de ansiedade na voz. – Se as conhecesse melhor, talvez me sentisse mais propenso a isso. Só as que me dão um filho permanecem, deve se lembrar disso. Dessas quinhentas... por mais esposas e consortes que haja, falei apenas com sete em mais de uma dúzia de ocasiões.

Seu tom perturbado não passou despercebido a Mara. As paredes do palácio não conseguiam conter os mexericos que corriam nas ruas: até a Luz do Céu escutara os boatos relativos à sua falta de virilidade para gerar um filho homem. Apesar de já ser casado havia quase vinte anos, só tivera sete descendentes, todas meninas, a mais velha com apenas dois anos a mais do que Justin. Ichindar apontou para o átrio, onde estava mais fresco, e disse:

– Temos uma refeição leve à espera. Em seu estado, seria um insulto mantê-la de pé no sol por mais um instante que fosse.

Uma névoa de fumaça vinda dos rituais fúnebres permaneceu densa no ar. O cheiro acre atingiu as narinas de Hokanu, ali parado, com o cotovelo encaixado na balaustrada de uma varanda acima do pátio repleto de convidados. Em comparação com os opulentos jardins da propriedade dos Acoma e da residência imperial, o jardim dos Shinzawai parecia minúsculo. Os convidados se movimentavam por trilhas estreitas e cheias de gente, falando em voz baixa, servindo-se dos petiscos servidos incessantemente pela criadagem. Tendo em conta o posto e a honra de Kamatsu, apareceram muitos sem laços familiares ou de clã, levando ao limite a capacidade da casa em recebê-los.

A cerimônia em honra do falecido Shinzawai fora apressada. Devido ao calor, o corpo do patriarca fora mantido à espera apenas até a chegada de seu herdeiro. Muitos dos convidados haviam

alcançado a propriedade antes dele; os mais polidos ou mais discretamente curiosos esperaram que Hokanu chegasse à residência para só então aparecer.

O sol do fim da tarde se infiltrou por entre a fumaça que espiralava vagarosamente acima da fogueira. O relato dos feitos de Kamatsu fora demorado, prolongando-se até bem depois do meio-dia. As cinzas ainda estavam quentes demais para serem raspadas e recolhidas na urna cerimonial que Hokanu transportaria para a Clareira da Meditação Sagrada, onde ficava o natami da família. O ar cheirava a limão, cravo-da-Índia e amêndoa, para suavizar o cheiro fétido da morte e os oscilantes odores dos perfumes das mulheres e dos óleos doces usados para lustrar os penteados elaborados. De vez em quando, a brisa dispersava a fumaça e o aroma das flores espalhadas em vasos de barro se propagava por todo o pátio. O aroma da tinta vermelha dos tecidos mortuários era mais sutil. Por vezes, impunha-se o cheiro adocicado de carnes cozidas, pão fresco e bolos. O pessoal da cozinha estava atarefado.

Hokanu caminhou indolentemente com suas túnicas vermelhas e os olhos semicerrados; parecia um homem perdido em devaneios, a não ser pelo punho fechado, com os nós dos dedos brancos, na balaustrada. Abaixo, as conversas se voltavam para assuntos políticos. Dois tópicos se destacavam: a elegibilidade de solteiros que competiam pela mão da Princesa Jehilia, de 10 anos, e qual Senhor teria mais chances de ser designado pela Luz do Céu para ocupar o lugar deixado vago por Kamatsu.

Os necrófagos avarentos poderiam ter esperado as cinzas do velho esfriarem, pensou Hokanu, indignado.

Atrás dele, souu um passo sobre as tábuas gastas do piso. Ele endireitou as costas na expectativa de se tratar de mais um criado se dirigindo a ele como "meu Senhor"; no entanto, o título não foi ouvido. Tocado por uma leve pontada de medo, Hokanu se voltou um pouco, a mão fechando-se instintivamente sobre a espada de

metal que havia gerações acompanhava a família e que ele usava para honrar o dia; com ela cortara os cordões vermelhos ao redor dos pulsos do pai, na cerimônia destinada a libertar o espírito nos salões de Turakamu. Mas, ao contrário do que esperava, não deparou com qualquer assassino.

Um homem de estatura média esperava por ele, vestido anonimamente com roupa de tecido escuro. Hokanu largou o punho revestido de seda da arma com uma destreza motivada pelo peso na consciência.

– Perdoe-me, Grande, não escutei qualquer sineta alertando de sua presença.

– Não usei meios arcanos para vir até aqui – explicou o mago com sua voz profunda e familiar.

Puxou o capuz para trás e a luz do sol brilhou sobre as feições enrugadas que, naquele dia, pareciam quase implacáveis. O contorno do rosto e da testa demonstrava o parentesco com Hokanu e, se seus olhos não fossem tão misteriosos, seriam praticamente iguais aos dele. O Grande, cujo nome era Fumita, atravessou o espaço até a balaustrada da varanda e brindou Hokanu com um abraço cerimonioso. Por sangue, eram pai e filho, mas segundo as restrições da Assembleia, os laços de sangue não deveriam ser levados em conta.

– Não deveria estar aqui – sussurrou Hokanu, cauteloso diante do evidente cansaço no rosto do homem mais velho.

Sentimentos contraditórios, contidos com muita dificuldade, se inflamavam dentro do guerreiro. Seu pai só adquirira seus poderes mais tarde, algo raro, mas não inédito. Era um homem que em seu apogeu abandonara a esposa e o jovem filho para vestir o manto negro. As lembranças mais antigas de Hokanu relativas a Fumita eram poucas, porém bem claras: a aspereza de seu rosto à noite quando o rapaz envolvia o pescoço do pai, o cheiro de suor ao retirar a armadura que usava no pátio de armas. Irmão mais novo do

Senhor dos Shinzawai, Fumita fora indicado como futuro Comandante das Forças Armadas dos Shinzawai, até o dia em que os magos o levaram. Hokanu recordava com dor o fato de sua mãe nunca mais ter rido. As sobrancelhas pontiagudas de Fumita se crisparam, contendo a irritação.

– Um Grande pode ir a qualquer lugar, em qualquer ocasião.

E o falecido fora seu irmão; o poder os separara e a necessidade os mantivera distantes. O mago nunca disse nada a respeito da esposa, que abdicara do nome e da posição para entrar num convento.

Olhou para as feições do filho que não mais poderia assumir e sua túnica de seda, que a brisa levantava sem esforço, pareceu pesar sobre seus ombros tensos, mas nada disse.

Hokanu, cujo dom de percepção às vezes parecia beirar a magia, falou por ele:

– Se pretendo confirmar as políticas de meu pai e permanecer ao lado do Imperador, devo anunciar abertamente minhas intenções, e depressa. Assim, os inimigos que de outra forma podem se aliar contra a Luz do Céu devem se mostrar a mim, como seu protetor. – Soltou uma gargalhada curta e seca. – Como se isso interessasse. Se eu abdicar e permitir que a honra do cargo de chanceler seja concedida a uma casa rival, os inimigos atacam minha esposa, que carrega no ventre o herdeiro de nosso nome.

Uma gargalhada grosseira se destacou acima das conversas lá embaixo. Um criado passou pelo biombo que dava para a varanda, viu o jovem Senhor conversando com um mago, fez uma reverência e partiu em silêncio. Sobrenaturalmente sensível aos odores e à dor pela partida do pai adotivo que lhe deixara os nervos à flor da pele, Hokanu ouviu um primo discutindo em voz alta. Pela forma arrastada de falar, percebia-se que Devacai mais que apenas provara algum vinho. Não era preciso especular sobre o que aconteceria com a honra e a fortuna dos Shinzawai se aquele ramo distante da família

se tornasse seu herdeiro.

Em algum lugar bem no coração da casa, uma aia deu risadinhas e uma criança chorou. A vida seguia seu curso. E, pela intensidade do olhar de Fumita, ele não fora ali apenas para honrar a pira funerária de um irmão falecido.

– Não é agradável, eu sei, mas você tem algo a dizer? – indagou Hokanu com um aperto na garganta devido ao esforço feito para ganhar coragem e abordar primeiro o assunto.

Fumita pareceu perturbado, o que não era bom presságio. Mesmo antes de vestir o manto negro, controlava muito bem as expressões, o que o tornava um adversário temível nos jogos de cartas. Remexeu os polegares suspensos em seu cinto de corda e sentou-se, estranhamente empoleirado numa urna de flores. Seu peso esmagou alguns brotos, acrescentando o aroma espesso das plantas ao ar opressivo, já cheio de fumaça.

– Trago um aviso, consorte da Serva do Império.

A escolha do título era esclarecedora. Hokanu desejou também poder se sentar, mas manchas de seiva em suas vestes fúnebres poderiam ser interpretadas como fraqueza, como se tivesse se esquecido de si mesmo ou tivesse sido subjugado pelo desânimo. Permaneceu, por isso, de pé, com os pés doendo devido ao esforço.

– A Assembleia está preocupada com minha esposa? – perguntou de imediato.

O silêncio se prolongou, entrecortado pelas vozes dos convidados, agora mais elevadas, à medida que o vinho aquecia as conversas. Por fim, sem olhar para Hokanu, mas sim para as tábuas do piso, como se pudessem conter falhas invisíveis, Fumita falou cautelosamente:

– Preste atenção nisto: primeiro, a Assembleia é igual a qualquer outro grupo de homens no que diz respeito a tentar forjar acordos. Discutem, deliberam, dividem-se em facções. Ninguém anseia por ser o primeiro a sugerir a infelicidade de comprometer a vida de

uma Serva do Império.

Hokanu inspirou fundo.

– Eles sabem do criador de brinquedos de Mara.

– E dos esforços de Jiro com máquinas experimentais. – Fumita lançou um olhar penetrante para Hokanu. – Há pouco que se passe nas Nações que meu povo não saiba. Se erram, é por não conseguirem concordar num único rumo. Mas qualquer tipo de provocação servirá para uni-los. Tema tal coisa.

As fumaças e os odores pareceram suficientemente enjoativos para asfixiar alguém. Hokanu fixou o olhar do Grande e, por trás das feições duras, percebeu a dor.

– Entendi. E o que mais?

Fumita piscou.

– Você se lembra, certamente, de que um antigo membro da Assembleia, o Grande Milamber, que era bárbaro, lançou grande destruição sobre os Jogos Imperiais no passado.

Hokanu assentiu. Não estivera presente, mas Mara estivera, assim como Lujan. As descrições que fizeram pareciam um pesadelo. Quem viu as pilhas de pedras, as madeiras carbonizadas resultantes do fogo caído do céu e do desabamento dos edifícios despedaçados do recinto interior até o bairro das docas pelos terremotos que sacudiram a Cidade Sagrada nunca se esqueceu daquele dia.

– Nenhum Grande tem os poderes de Milamber. A maioria deve ter bem menos. Poucos são mais eruditos do que Tecedores de Feitiços.

Fumita se calou, com um olhar de expectativa.

Hokanu percebeu a deixa e acrescentou o que supunha implícito:

– Alguns são rixentos, mesquinhos e talvez voltados demais para si mesmos para agir com determinação.

– Se houver problemas, essa afirmação é sua – disse calmamente Fumita –, e não minha. – Muito suavemente, acrescentou: – O melhor que você pode esperar é um adiamento do

golpe fatal. Aqueles que desejam o fim dessas mudanças na tradição estão se tornando mais fortes. Provocar o debate servirá para ganhar tempo, mas nenhum de nós que poderíamos ajudá-lo conseguirá deter as ações dos outros. – Fitou seu antigo filho com um olhar que demonstrava seus sentimentos não proferidos. – Aconteça o que acontecer, não poderei proteger você.

Hokanu assentiu.

– Despeça-se por mim de meu irmão Kamatsu – concluiu o mago. – Ele era feito de alegria, força e sabedoria e me recordar dele continua a me inspirar. Governe bem e com sensatez. Ele várias vezes me disse que tinha orgulho de você.

Retirou um pequeno objeto de metal da túnica e com o polegar ativou um interruptor.

Um zumbido grave e artificial se impôs ao murmúrio das conversas e Hokanu foi deixado a sós na varanda acima do pátio cheio de parentes e convidados; entre eles havia inimigos, à procura de um ponto fraco para explorar, ou de um ponto forte para minar. Era assim que se desenrolava o Jogo do Conselho. O novo Senhor dos Shinzawai pensava, ao observar aquelas pessoas através da bruma, que nunca antes as apostas haviam sido tão altas. Dessa vez, o prêmio, o pomo da discórdia, era o próprio Império de Tsuranuanni.

O último e mais privado ritual em honra do falecido patriarca dos Shinzawai foi concluído ao anoitecer, quando uma névoa rasteira se instalou sobre a Clareira da Meditação. O novo Governante se demorou na santidade do bosque sagrado da família, relaxado pelas sombras cada vez mais profundas e pela oportunidade de estar sozinho.

As sombras púrpura se estenderam por entre as árvores outonais carregadas de frutas. Hokanu optou por um banco de pedra e sentou-se, mas ainda se sentia oprimido pelo calor. Não soprava

nenhuma brisa para refrescá-lo e as cinzas da pira ainda pairavam no ar, girando entre a folhagem por onde o sol mergulhava. Hokanu passou os dedos pelas bordas esfiapadas da vestimenta que escolhera para a despedida cerimonial a Kamatsu. Fechou as mãos, prendendo o tecido. Tinha uma propriedade cheia de convidados em quem deveria pensar; sentiu-se egoísta por recolher-se a um momento de paz só para si. Mas a tranquilidade da Clareira da Meditação e o zumbido ocioso dos insetos que se alimentavam das frutas derrubadas pelo vento lhe deram paz para refletir.

O alerta de Fumita não se dirigira apenas a Mara, conforme percebeu seu consorte. As sobrancelhas de Hokanu se uniram. As poucas palavras do mago foram dirigidas aos Shinzawai e ao filho que agora vestia o manto de Senhor. Quando ele dissera "Não poderei proteger você", o *você* parecia singular demais. Pois caso Hokanu, como Senhor dos Shinzawai, optasse por atacar os Anasati em defesa de Mara, a Assembleia de Magos não teria outra escolha senão agir, pois ele era apenas o consorte de Mara, não o Governante dela, mas se sentia Acoma de coração, já que não era de nome. Ele não era Servo do Império. Não tinha o status de Mara nem suas honrarias para protegê-lo.

Não, o alvo do aviso de Fumita não fora sua Senhora. Fora ele próprio, um alerta para que não testasse a paciência de uma Assembleia com opiniões divididas quanto a assuntos sem precedentes.

Hokanu compreendeu com um acesso de tremores frios que deveria a todo custo manter os Shinzawai longe da rixa com o Senhor Jiro. Viu, com o talento da família para a percepção, aquilo que Fumita deixara subentendido. Que agora era Senhor de uma das casas mais poderosas do Império e, embora não fosse oficialmente Chefe de Guerra de Clã, iria herdar a liderança do Clã Kanazawai no próximo conselho. Se, por laços matrimoniais, as forças Shinzawai e Acoma precisassem se unir por uma causa comum, liderando o Clã

Kanazawai e o Clã Hadama, nenhuma força da oposição das Nações poderia detê-las. A fragmentada Assembleia poria fim à contenda, obrigada a agir diante de circunstâncias extremas.

Nunca poderia ser dado tal pretexto à Assembleia, ou os Acoma e os Shinzawai seriam ambos reduzidos a pó, para nunca mais se erguerem, para nunca mais se recuperarem. Hokanu testemunhara a morte de duzentos guerreiros, seguida pela aniquilação de uma casa honrada, tudo pelas mãos de um único mago. Centenas deles, unidos, seria algo a que nenhum exército conseguiria se opor.

Hokanu levantou-se para ir embora. O bosque sagrado dos Shinzawai já não lhe parecia um reduto de paz e o suor em sua pele lhe deu arrepios. O lugar ao seu lado, onde Mara poderia ter estado, lhe pareceu ainda mais frio e vazio.

Reviravolta

A rakasi aguardou.

Por baixo dele, a sentinela se movimentou em silêncio, calçando meias almofadadas feitas para se mover sem ruídos. Vestia a tradicional túnica negra curta e as calças dos assassinos da Seita dos Hamoi e tinha a cabeça completamente coberta, à exceção dos olhos. Um arco pequeno estava preso às costas e, no cinto, uma aljava com flechas; trazia ainda um conjunto de armas de mão. Passou por baixo da árvore onde o Mestre dos Espiões se empoleirava, quase sem respirar, e desapareceu no crepúsculo noturno como a sombra de um morto.

Arakasi contou mentalmente. Os números correspondiam a uma fórmula complexa desenvolvida ao longo de anos para marcar com exatidão a passagem do tempo, independentemente da respiração, da batida do coração ou de quaisquer outras variáveis que pudessem influenciar a contagem. O treino com ampulhetas aperfeiçoara seu sistema até a perfeição. Quando atingiu o número equivalente a dez segundos, seus olhos atentos perceberam um movimento na extremidade da trilha. Sentiu uma satisfação triunfante. A segunda sentinela chegara no exato momento previsto.

A missão mais perigosa já empreendida começara de forma promissora. Arakasi não tinha a ilusão de que tal sorte seria permanente; era apenas um homem. Até os favores divinos poderiam não bastar para proteger sua vida. Permaneceu imóvel no

galho de uma árvore no jardim do *Obajan* da Seita dos Hamoi. Abaixo dele, um guarda que o mataria sem hesitar andava de um lado para outro. Tal como seu predecessor, a nova sentinela vasculhava mato, trilhas e arbustos à procura de sinais da presença de um intruso.

O Mestre dos Espiões não deixara vestígios; ainda assim, suava em bicas. Os guardas eram sinistramente meticulosos. O segundo assassino avançou no próprio ritmo. Após um intervalo específico, Arakasi escolheu o momento ideal e depois, em silêncio, desceu da árvore para o solo. Tomando o cuidado de pisar apenas nas pedras lisas e ornamentais entre os canteiros de flores, partiu apressado para uma pequena depressão dentro de uma vala de escoamento de águas onde escondera seus poucos pertences. Ali, oculto por um arbusto de khadi, logo atrás do caminho das patrulhas das sentinelas da Seita dos Hamoi, inspirou profundamente e acalmou os nervos.

No limite do bosque, uns cem passos a oeste, permanecia à espera um ajudante, já com a adaga na mão para reagir caso algo desse errado. Arakasi levantou um galho sem folhas e com gestos indicou que a sentinela avançava como previsto. O jardim onde procurava se infiltrar estava protegido por dezoito assassinos, todos em alerta, sentinelas atentas, mas humanas o bastante para falhar. O padrão de vigilância que seguiam era complexo e à primeira vista aparentemente aleatório. Mas poucos observadores tinham a paciência de Arakasi ou seu apurado fascínio pela matemática. Preferiu não recordar os dias que passara agachado na terra, sendo mordido por insetos e fustigado pelo sol e pela chuva. O que interessava era que desvendara o movimento do grupo e orquestrara fórmulas para prever cada ronda.

Seu ajudante usava os trajes de um arqueiro lashiki – um guarda mercenário da província do Norte. Assim como as de Arakasi, suas vestes não tinham nada a ver com sua verdadeira identidade, da

mesma forma que a dúzia de disfarces que usara e escondera ao longo dos anos. Seu verdadeiro nome tampouco era Sabota. Arakasi nunca o pressionara a respeito disso; sua verdadeira origem era só dele, pois por inúmeras vezes se revelara um mensageiro de confiança. E, de todos os agentes próximos de Ontoset que o Mestre dos Espiões poderia convocar, Sabota era aquele em quem mais confiava. E Arakasi tivera de incumbi-lo de uma missão essencial tanto para a sobrevivência da sua Senhora quanto para a sua.

A barba de um mês disfarçava o rosto do Mestre dos Espiões. Parecia mais um mendigo do que qualquer outra coisa, devido às semanas passadas no campo. No entanto, se alguém o estivesse observando de perto o bastante para ver seus olhos quando iniciou um segundo, e ainda mais complexo, sinal com o galho, nunca o confundiria com outra coisa. Estava claro seu verdadeiro eu: um homem tremendamente perigoso prestes a embarcar numa missão à qual não esperava sobreviver.

Na linha das árvores, o homem conhecido como Sabota analisou a mensagem do Mestre dos Espiões. Sua memória era impecável. Assentiu e partiu sem olhar para trás.

Agachado atrás de uma sebe fina de espinheiros, Arakasi cerrou os olhos. Não rezou. Preferiu a esperança. Sabota levava instruções para o braço direito de Arakasi na rede de espiões dos Acoma, um homem que Mara nunca conhecera e que ele designara como seu substituto caso falhasse em voltar dessa operação.

Os dados já haviam sido lançados. Caso não fosse enviada uma mensagem dentro de um número estabelecido de dias, um novo Mestre dos Espiões se apresentaria a Mara. Todos os pormenores sobre a seita que Arakasi conseguira desvendar seriam transmitidos e começariam a ser postos em ação novos planos com o fim de derrubar o *Obajan* dos Hamoi e conter as tentativas de Chumaka dos Anasati de infiltrar alguém na rede.

Arakasi fechou os olhos. A tensão provocou uma dor de cabeça,

o que não era normal. A vida para ele sempre fora uma dança fria e calculada, e o perigo era seu parceiro indiferente. Incomodou-o pensar que talvez tivesse mantido Sabota ao seu lado por mais tempo do que o necessário: já havia dois dias que desvendara o funcionamento das patrulhas. A espera não se deveria a precaução; na realidade, apenas aumentara o risco de a seita poder alterar seus hábitos para evitar o tipo de análise que ele efetuara. Arakasi esfregou as têmporas. Pouco habituado a conflitos interiores, inspirou e expirou várias vezes para se acalmar.

Arakasi agira movido por uma lealdade duradoura em relação a Mara, que crescera desde que seu antigo desejo de vingança dos Minwanabi tinha sido concretizado pelos Acoma. O que o atormentava agora era sua preocupação quanto à segurança de sua Senhora, pois, caso morresse naquela missão insana, um homem de talento inferior ocuparia seu posto. Depois de ter abdicado da tentativa de se infiltrar na Cidade dos Magos, tinham surgido sinais de suborno desde que os agentes em Jamar haviam retomado suas atividades. Só poderia ser obra de Chumaka dos Anasati.

Ao longo das noites sem dormir em que vigiara as patrulhas da seita, Arakasi ficou preocupado com a maneira como as coisas pareciam se encaixar. Com a rede comprometida – e não sabia até que ponto –, era um momento assustador para pensar em passar as rédeas do comando para outra pessoa. Arakasi censurou-se. Se era para ele morrer, que interesse tinha sua vida? Nunca antes se desgastara com preocupações além do seu controle.

Já passava da hora de avançar. Libertando-se de outra incongruência enlouquecedora, uma recordação de suas mãos deslizando pelo cabelo dourado e cor de mel de uma cortesã que deveria ter esquecido, obrigou os pensamentos a se concentrarem no presente. Aproximava-se a pausa seguinte nas patrulhas. Se era para agir naquela noite, não deveria se demorar, pois, segundo tudo o que descobrira durante semanas de observação, a liteira alta e

pintada que chegara à casa naquela tarde trouxera o havia muito ausente mestre.

O *Obajan* da Seita dos Hamoi estava novamente instalado no seu refúgio de prazer.

Arakasi rastejou para fora de seu buraco encostado aos arbustos baixos e correu, agachado, por uma trilha do jardim. Atirou-se de bruços para a sombra de um muro baixo de azulejos, consciente de que não havia como voltar atrás, não havia mais brechas nas patrulhas em todo o perímetro, nem haveria até o sol nascer, quando seria impossível passar sem ser detectado por um dos postos de vigia instalados em varandas de madeira que se salientavam nos pontos mais elevados da casa.

A espera ao abrigo do muro demoraria uma hora. Para matar o tempo, Arakasi lembrou todos os preparativos, passando por seus sucessos e fracassos desde o início da missão.

Fora um percurso doloroso, que começara com a busca pela irmã da cortesã de cabelo cor de mel. O comerciante de escravos que vendera as garotas fora fácil de encontrar, mas no mercado onde a irmã de Kamlio fora entregue ao comprador da seita todos os vestígios haviam desaparecido. Seu trabalho foi então prejudicado pela proximidade de Ontoset, já que a nova rede que começara a substituir a corrompida pelo incidente no armazém de seda ainda dava seus primeiros passos. Semanas depois, pistas falsas permitiram concluir que as garotas escolhidas para a seita nunca chegaram ao mercado de Ontoset.

Arakasi refez a rota em sentido contrário e, graças ao comentário casual de um carroceiro embriagado, ficara sabendo que carroças de escravos carregadas de garotas de rara beleza ocasionalmente se dirigiam aos contrafortes que davam acesso ao norte da cidade. Depois, foram gastas várias semanas em buscas pela região, para em seguida desenhar o mapa de cada atalho, pista de caça e pântano nas vastas terras ao norte de Ontoset. Sabota e três outros

agentes trataram da questão, vivendo nas imediações como bandidos, roubando aves jiga ou legumes de lavradores, pescando em riachos e até comendo bagas e frutos de casca dura.

Um fora morto ao tentar comprar cereais numa aldeia alguns quilômetros a noroeste – uma perda que se revelara proveitosa em termos de informação, pois ficaram sabendo que aquele povoado estava sob controle da seita, já que os forasteiros não eram bem-vindos. O “lavrador” que o matou atacara o agente dos Acoma por trás com uma faca. Como o próprio Arakasi era especialista no manuseio de adagas, pôde examinar o corpo retirado de um rio. O crime fora executado por um assassino experiente. Depois, Arakasi se deitara no sótão de um moinho rio acima, atento às conversas. Os aldeões que testemunharam o crime nada comentaram, tendo prosseguido com suas tarefas cotidianas como se nada de estranho tivesse acontecido.

Ninguém percebeu a presença do Mestre dos Espiões; ninguém reparou na trilha que apagara ao partir. Revisou mais uma vez o que descobrira em Ontoset, contando as carroças que entravam e reparando na cor do pó deixado por suas rodas quando se apresentavam diante do portão dos guardas. Não fora seguido, isso era certo. Passou as semanas seguintes numa vala à beira da estrada, alimentando-se de bolos e frutas. Meses após o assassinato de seu agente, Arakasi identificara três carroças daquela aldeia. De volta a Ontoset, vestiu uma túnica de carroceiro e saiu para uma noite de bebida. As carroças iam e vinham, até que, por fim, uma das que seguia parou lá. Então ele se afastou do barril de cerveja com três companheiros, trôpegos e cantando, inclinou-se sobre a tal carroça para urinar e, com uma faca escondida na outra mão, fez um entalhe no couro endurecido que revestia o aro da roda.

Sabota, à espreita na estrada, esperara mais dias por chuva. Até que finalmente o rastro da roda com a marca indicou a localização do palácio do prazer da seita.

Arakasi sabia que tinha desempenhado bem seu trabalho. Ninguém ligara sua farrã na taberna a um pobre trabalhador viajando a pé pelos campos de cabeça baixa por causa do calor. Ainda assim, transpirava. O homem que queria apanhar era o sujeito mais discreto do Império e, de longe, o mais protegido. Houve Senhores que morreram unicamente por terem contemplado o rosto do *Obajan*.

Tasaio dos Minwanabi fora a exceção e os subornos que pagara em metal seriam lendários e inexplicáveis se não se soubesse que ele tinha contrabandeado artigos pelo Portal durante seus anos de serviço na guerra.

A falha na patrulha logo aconteceria. Arakasi mastigou uma tira de carne seca, embora não tivesse apetite nenhum. A comida servia agora apenas para sobreviver; aquela bem poderia ser sua última refeição.

Engoliu o resto das provisões e deitou-se no chão úmido. De novo de olhos fechados, concentrou seus sentidos na noite, escutando todos os sons de insetos e cheirando o ar carregado de umidade. Qualquer alteração o encontraria preparado. O momento exigia concentração absoluta. Esperou, cada vez suando mais. Seus pensamentos vagavam, afetados por novas e indistintas preocupações que não conseguiu identificar.

Tal anomalia o perturbou profundamente, mas não poderia ser analisada agora, pois chegara o momento. Ouviu o rangido de sandálias percorrendo a trilha de pedras logo do outro lado do muro; dez segundos, vinte segundos, trinta: Arakasi flutuou pela noite como um fantasma.

Transpôs o muro com um pulo e atravessou o jardim, saltando sobre o cascalho e optando por pousar sobre a borda de pedra dos canteiros de flores para que seus passos não desarrumassem as pedrinhas lisas. Uma luz bruxuleou por entre as árvores. Arakasi abaixou-se e rastejou sob o arco de uma ponte decorativa. A água

do pequeno riacho naquela época do ano estava num nível elevado e a corrente disfarçava o ruído que fazia. Quase não havia espaço livre sob a viga central para manter o rosto desencostado da superfície. O som da corrente sobre as pedras lá embaixo disfarçava sua respiração ofegante quando se deteve, o coração acelerado. Um grupo de homens se aproximou vindo da trilha. Quatro vestiam o negro dos assassinos; seus cintos indicavam postos importantes. Outros dois avançaram pelo jardim, protegendo o grupo. Dos dois que estavam de guarda, um era magro e vestia seda enfeitada com o padrão da flor dos Hamoi; seus olhos se voltavam nervosa e atentamente de um lado para outro.

Mas a atenção de Arakasi estava no outro homem, que era extremamente corpulento. Seu amplo contorno não exibia um único indício de gordura. Usava uma túnica marrom, o capuz abaixado revelando um rosto que nunca seria mostrado longe de casa. O homem, que antes poderia ter passado por sacerdote itinerante ou monge, ostentava orgulhosamente o penacho comprido e o cabelo caído de lado, indicando seu cargo superior. O outro lado da cabeça fora raspado, exibindo complexas tatuagens vermelhas, só usadas por um *Obajan*.

Conforme os passos batiam e rangiam nas tábuas da ponte, Arakasi, escondido embaixo, sorria e constatava que seu trabalho não fora em vão. Ele estava à distância de um golpe do líder da Seita dos Hamoi.

Mas ainda não era a hora indicada para atacar. Os guardas conferiam cada arbusto de ambos os lados da trilha. A água anormalmente elevada fez com que o vão da ponte se tornasse pequeno demais para abrigar um homem de estatura normal sem interromper a corrente. E, na verdade, nenhum covarde comum poderia se esquivar pelo riacho encaixando os cotovelos nas vigas laterais. Arakasi ignorou as dores nos músculos. Agora havia 24 assassinos na propriedade. Conteve a exaltação. Poderia ser traído

até por um ocasional reflexo de luz nos dentes. Fossem 18 ou 24 quatro assassinos, estava colocando a cabeça na boca de um harulth ao desafiar o predador mais perigoso de Kelewan.

O grupo do *Obajan* passou, provavelmente a caminho de uma noite de diversão no galpão coberto ao lado do muro. Arakasi tinha ainda uma noite de espera pela frente. Na última hora antes do nascer do sol, tentaria entrar na casa. Pois só encontrara uma forma de se infiltrar naquele ninho de assassinos e reconheceu sinistramente que, depois, não haveria uma forma segura de escapar dali.

Quando a noite profunda começou por fim a desvanecer, Arakasi tremeu de cansaço. Deitado parcialmente na água, agradeceu a Chochocan, o Bom Deus, pelo fato de as patrulhas não terem alterado sua rotina apesar da presença do *Obajan*. Obrigou-se a encher a barriga de água. Tinha pela frente o ato mais desesperado de sua vida, pois se preparava para entrar naquela casa. Assim que os guardas chegaram ao limite de seu campo de visão, o Mestre dos Espiões deslizou silenciosamente para o espaço aberto. A umidade da manhã disfarçaria as gotas que pingaram de sua roupa encharcada. Avançou com rapidez, ciente de que deveria manter uma distância uniforme entre dois homens dispostos a matar quem quer que encontrassem. Se o que ia à frente parasse para se coçar ou o que seguia atrás caminhasse levemente mais depressa que o habitual, Arakasi poderia morrer antes de perceber que fora descoberto.

O Mestre dos Espiões resistiu à tentação de se apressar. Poucas situações exigiriam um controle tão absoluto. Deslocando-se o mais silenciosamente possível, avançou de lado, apenas os antebraços, os joelhos e os dedos dos pés tocando o chão. O preço pago pelo seu corpo já exausto era tremendo.

Após ter avançado uns 60 metros, caiu no chão. Ficou tonto ao conter a respiração, mas apurou os ouvidos para escutar qualquer

indicação de que fora descoberto. Não soou nenhum alarme. Observou o céu. O tom cinza que antecedia o amanhecer já estava brilhando. Por experiência própria, sabia que era muito complicado para as sentinelas verem algo ao amanhecer ou ao anoitecer, quando tudo se reduzia a sombras indistintas.

Ouviu passos. O guarda que estivera logo atrás passou a cerca de um metro de Arakasi. Mas a sentinela tinha sua atenção focada no muro exterior, e não no chão à esquerda de seus pés. E fora numa sombra na relva ao lado da casa principal que Arakasi se transformara, com a respiração presa e os braços imobilizados.

A sentinela parou. Arakasi começou a contar, pingando de suor. Num determinado número, o guarda avançou. Arakasi se levantou de pronto, retirou uma corda do cinto e atirou a ponta com lastro sobre o galho de uma árvore que fazia um arco em direção à casa, entre as varandas cheias de mais guardas. Exposto por três lados, dispunha apenas de segundos antes de a patrulha seguinte contornar a esquina. A sorte deveria estar com ele. Arakasi içou-se, ficando próximo do tronco grosso para evitar qualquer ruído de folhas. Posicionou-se de bruços no galho e enrolou a corda nas mãos.

Suas observações eram inúteis agora. Não conseguira se infiltrar na casa, da qual também não tinha nenhum conhecimento além de um mapa idealizado obtido através da observação das idas e vindas da criadagem.

Ouviu vozes e percebeu que o pessoal doméstico estava acordado. Em breve, cozinheiros e criados estariam envolvidos em suas tarefas e ele teria de estar no seu lugar.

Arakasi arrastou-se pelo galho. Precisava ser cauteloso. Tratava-se de uma árvore takai, cheia de frutos maduros; seus galhos eram frágeis e tendiam a quebrar quando tinham de suportar mais peso. A folhagem era fina e fornecia escasso abrigo enquanto ele escalava sob as vigas da varanda com guardas. A necessidade de não fazer

barulho atormentava seus músculos e o ar preso no peito lhe causava dor.

Via de regra, as casas de Kelewan eram construídas com um espaço de arejamento entre o teto e o telhado, para permitir a saída do calor que se acumulava sob os beirais. Essa casa não deveria ser diferente, mas poderia ter sido adicionada uma grade de madeira para reforçar a segurança. Já não lhe restava qualquer refúgio seguro e já havia adentrado muito a propriedade para poder fugir com alguma garantia de segurança. O céu poderia estar se iluminando em tons de prata, mas a escuridão sob as vigas era absoluta. Arakasi avançou às cegas sombra adentro.

O caminho que esperara encontrar efetivamente existia, mas, tal como suspeitara, finas ripas de madeira lhe barravam a passagem para o espaço exíguo entre as telhas acima e o teto de estuque dos quartos mais abaixo. Arakasi desembainhou uma de suas raras facas de metal de arremesso. O aço era capaz de suportar o esforço de levantar as ripas e desencaixá-las do local, enquanto uma faca laminada *tsurani* teria se partido. Arakasi trabalhou depressa. Arranhou-se e se espetou com farpas ao rastejar pela pequena abertura, depois recorreu à gordura do próprio suor para voltar a colocar os encaixes no lugar sem que rangessem. Permitiu-se um momento de alegria. Fizera o impossível. Embora apertado num espaço pequeno demais para ter algum conforto, estava no interior do edifício.

Descansou durante o tempo das patrulhas nas plataformas no exterior. Depois, avançou apalpando entre as vigas até localizar a viga mestra. Instalou-se para esperar; tinha o dia pela frente para espiar a disposição dos cômodos ocultos lá embaixo.

Arakasi deitou-se com o rosto virado para cima, escutando com atenção os tons doces das vozes femininas mais abaixo. Seu sucesso dependia agora da probabilidade de o *Obajan* visitar suas

mulheres, pois o Mestre dos Espiões duvidava que poderia sobreviver a mais um dia suando no espaço abafado debaixo do telhado.

A madeira rugosa das traves empoeiradas machucou suas coxas e seus braços, esfolando-o através do tecido fino da túnica. Ele aguentou, flexionando um membro de cada vez para se aliviar das câibras motivadas pela reduzida circulação. O ar se tornara mais abafado enquanto o sol brilhava sobre as telhas. Embora não dormisse havia quase dois dias, resistiu tenazmente à necessidade de descansar. Ceder às necessidades do corpo resultaria em sua morte. Se adormecesse, poderia rolar da estreita viga mestra e cair, atravessando o fino teto de estuque logo abaixo. Com um humor sinistro, ponderou também sobre a possibilidade de bocejar, cansado, atraindo assim os guardas de vigia até seu esconderijo. A postos na escuridão com sua faca de aço, o rosto e as mãos coçando devido aos insetos rastejantes que andavam por ele sem direção, sentiu um misto arrebatador de alegria e tristeza: alegria por ter se aproximado tanto sem ser detectado; tristeza por ainda haver tanta coisa por fazer.

Logo abaixo, fendas no estuque deixaram entrar um brilho cor de laranja. Os criados tinham acendido as lamparinas, o que significava que lá fora a noite já caíra. Era capaz de ouvir as gargalhadas nítidas das mulheres; entre elas, de vez em quando escutava uma voz que o fazia se recordar de outra moça e de uma tarde passada entre lençóis de seda. Arakasi mexeu-se, irritado consigo mesmo. Kamlio estava presente demais em sua mente: a sensação de seu cabelo brilhante sob suas mãos, a pele sedosa e seus beijos; só a recordação o fez suspirar de desejo.

No entanto, o que o atormentava o tempo todo não era apenas uma simples união de corpos. Sonhava com seus olhos penetrantes, a inteligência evidente neles, alternadamente entorpecida pelo enfado e fortalecida pelos abusos. Ela tinha um jeito duro, mas o

cinismo pairava sobre um abismo de sofrimento. Ele sabia, tão certo como suas mãos e seu corpo tinham lhe dado prazer, que, com tempo, poderia chegar à natureza doce escondida como um tesouro dentro dela.

Caso sobrevivesse àquela noite, iria comprar a liberdade dela, talvez mostrar-lhe os melhores prazeres de uma vida livre. Se ela ficasse com ele... Se, após uma vida inteira servindo na cama aos desejos de muitos mestres, ela não achasse os homens repugnantes... Arakasi, envergonhado, fez uma careta. Estava sonhando! Sonhava como um menino apaixonado! A vida já não lhe ensinara a não dar crédito aos imprevisíveis desejos do coração?

Reprimiu a vontade de praguejar.

Era uma ironia das mais sombrias e amargas que a missão que possibilitara que a conhecesse pudesse muito bem levá-lo ao mais infeliz dos desfechos. Com uma lógica inquestionável, no calor sufocante sob a viga mestra, ele percebeu: seria necessário um milagre divino para escapar com vida daquela missão. A pretensão de atacar o *Obajan* tinha agora mais probabilidades de ser bem-sucedida, mas, mesmo que o ataque fosse mortal, escapar dos melhores assassinos da seita – e, em seguida, à raiva vingativa do *Tiranjan*, o sucessor do *Obajan* – seria algo inimaginável.

Arakasi estremeceu de cansaço e tensão. Apertou melhor o cabo da faca, que, estranhamente, ficara muito úmido de suor devido a todas as suas incertezas. Como uma cortesã feiticeira o tentara a colocar seu bem-estar acima da vontade de Mara, a Senhora a quem prestara juramento, cuja vida ele adorava acima da sua? A verdade é que Kamlio o fizera. Por Mara, o *Obajan* da Seita dos Hamoi teria de perecer. Mas, se o Mestre dos Espiões incumbido da missão escapasse vivo, queria que uma pequena e íntima parte de si permanecesse só sua. O interesse pela cortesã, que poderia ou não ser amor – e que facilmente poderia se tornar uma paixão louca – implorava por ser explorado. A autoestima recuperada com a

destruição da Casa dos Minwanabi exigia uma coisa: que prestasse atenção às suas necessidades de homem e as conciliasse com seus deveres, que diariamente o colocavam em perigo.

Poderia ter morrido incógnito mais de mil vezes, disfarçado de mendigo, de sacerdote itinerante, de marinheiro, de vidente, de mercador de especiarias, de verdureiro, de mensageiro... E mais de mil vezes enfrentara tais riscos sem hesitar, pois olhara para o abismo sem temer a morte. Mas agora, quando menos precisava de um estorvo, descobriu que de repente tudo importava. Se a morte o levasse, desejava que suas cinzas honrassem as terras dos Acoma e que a bela cortesã, com olhos sombrios, chorasse seu nome ao lado de sua pira. Agora, via a si mesmo algemado pelas emoções, no momento em que sua identidade deveria permanecer secreta a todo custo.

A continuidade dos Acoma – cuja adorada Senhora Ihe devolvera a honra – e talvez até a do próprio Império dependiam de um autodomínio imaculado. Arakasi levava uma vida tão desarticulada que o amor só uma vez o atingira, e mais por lealdade à mulher que Ihe restituíra o orgulho e a honra. E, embora adorasse Mara, ela não Ihe perturbava os sonhos. Arakasi a estimava como um sacerdote adora uma deusa. Mas Kamlio tocara em um ponto inacessível a todos os outros. Especialmente a ele mesmo, lamentou-se em silêncio.

As risadas das mulheres baixaram de tom. Arakasi ficou tenso, despertado de suas lembranças pelo som de passos que faziam o piso ranger ao cruzá-lo. O som indicou que se tratava de um homem de enorme peso usando sandálias de couro com tachas. Uma mulher deu as boas-vindas. Pés descalços e perfumados percorreram o piso de tijolos; almofadas, bebida e comida estavam sendo trazidos para agradar o senhor, concluiu Arakasi. Mudou ligeiramente de posição, sentindo a mão quente e seca no punho da faca. A secura de seu poleiro no sótão pareceu de repente insuportavelmente sufocante.

Controlou-se para evitar inspirar mais ar, pois não queria avançar e agir prematuramente; combateu as dores para obrigar todos os músculos a relaxar e a manter sua posição. Os odores de perfumes misturados flutuaram no ar quente, penetrando nas fendas entre o estuque e as vigas. Arakasi ouviu o tilintar de cristal quando as criadas trouxeram bebidas para o mestre e, depois, um tocador de viela, que, para entreter o *Obajan*, acompanhava uma cantora. Cheirou óleos doces e, em seguida, escutou os suspiros profundos de um homem servido por massagistas talentosas, enquanto o corpo maltratado do Mestre dos Espiões padecia com câibras.

Paciência, lembrou a si mesmo.

Mais tarde, passos leves revelaram a partida de uma das garotas que seguravam as toalhas; seus passos eram curtos porque transportava uma cesta cheia de toalhas sujas. Com os olhos semicerrados, Arakasi imaginou o cenário do quarto por debaixo da viga onde estava empoleirado. O músico abrandara o ritmo e a cantora deixara as palavras de lado e passara a emitir um murmúrio langoroso. O jarro de cristal que abrigava o vinho de sã aromatizado tilintou ao ser pousado na bandeja de pedra polida – já estava quase vazio, calculou Arakasi pelo tinir do vidro. As velas de cera foram se extinguindo.

A luz débil que escapava pelas pequenas fendas no teto assumiu a tonalidade mais calorosa de uma lamparina a óleo. Ele ouviu o sussurro de tecido fino deslizando para o lado e o mestre se levantou com um estalar dos joelhos. Soltou um profundo suspiro ao espreguiçar-se. O *Obajan* da Seita dos Hamoi falou pela primeira vez desde que entrara em seu harém:

– Jeisa. – Depois de proferir o nome, aguardou um pouco, com os olhos por fim brilhando de desejo. – Alamená. Tori. – Esperou, criando, de modo cruel, uma pausa de tensão palpável, enquanto as outras mulheres dispostas a seus pés e cujos nomes não foram proferidos aguardavam para saber se iriam ser escolhidas ou

rejeitadas, escondendo cautelosamente sua desilusão ou alegria diante do destino que lhes era reservado. O *Obajan* suspirou de novo. – Kamini – concluiu. – Minhas outras flores estão dispensadas.

Arakasi pestanejou para se libertar de algo que, esperou, se tratasse de suor. Não, Kamini não; os deuses não se mostravam amáveis naquela noite. Desejara que Kamini ficasse bem longe do quarto do mestre, pois era a irmã de Kamlio, a moça que atormentava os sonhos do Mestre dos Espiões.

Furioso, Arakasi arrancou da mente a imagem do rosto de Kamlio. Fantasias e falta de cuidado causariam sua morte ali mesmo.

Um biombo assobiou ao se fechar no quarto abaixo; abriu-se então outro e Arakasi ouviu o cricrilar dos insetos noturnos se sobrepondo ao silvo da lamparina a óleo. O sótão não refrescara; as telhas ainda mantinham o calor do dia, embora o sol já tivesse desaparecido havia muito e a noite já tivesse tido tempo para lançar seu orvalho. O músico e a cantora baixaram o tom para uma melodia apenas sussurrada, acima da qual Arakasi conseguiu ouvir o som de lençóis de seda e as risadinhas abafadas de uma moça. Esperou, imóvel como um predador, escutando com avidez os suspiros de satisfação de sua presa dando lugar à respiração acelerada da paixão. Aguardou ainda quando uma das garotas começou a gemer com as convulsões do prazer... ou algo que se assemelhava a prazer. Arakasi afastou da mente os pensamentos relativos a outra garota, ensinada desde a infância a fingir todas as sutilezas do desejo.

Arakasi censurou a si mesmo em silêncio. Já transpirara demais e a desidratação estava turvando perigosamente sua mente. Obrigou-se a se concentrar, com todos os músculos tensos. Sentiu a faca que segurava na mão como uma extensão do próprio corpo enquanto o *Obajan*, enrolado em garotas ardentes e seda úmida, abria a boca para gritar no auge da sua libertação.

Naquele instante, o Mestre dos Espiões se lançou e saltou para

baixo através do ar quente. Atingiu e trespassou o teto de estuque, num chuva de fragmentos, lascas e pó. Ao cair, seus olhos, havia muito habituados à escuridão, viram nitidamente à luz da lamparina a massa amontoadada de corpos enlaçados na esteira. Escolheu o mais alto, o mais corpulento e apontou a faca em sua direção.

Só dispôs de um instante para implorar que o *Obajan* da Seita dos Hamoi estivesse nu enquanto tinha relações sexuais, o único momento em que não teria por perto suas armas e guardas.

Caiu então sobre a massa de corpos transpirando do *Obajan* e de suas mulheres e cravou o inestimável aço na carne. Arakasi sentiu a lâmina resvalando em tendões e osso.

Errara o golpe fatal.

O *Obajan* era enorme, mas sem um pingote de gordura. Seu gemido de prazer transformou-se num grito de dor e de alarme. Arakasi foi afastado de sua presa como um peixe içado para um barco com uma isca. Seu calcanhar bateu na perna de uma mulher e caiu. Além de forte, o líder dos assassinos era ágil. Esticou a mão para uma pilha de armas ao lado do leito. Três dardos se cravaram nos lençóis de seda enquanto Arakasi ainda estava rolando para longe. Uma moça gritou de dor e de medo.

A lamparina a óleo se apagou. A viela caiu com estrondo e a cantora parou a cantoria, começando a gritar. Ouviram-se passos no corredor enquanto Arakasi se libertava da roupa de cama e afastava uma moça que lhe cravara as unhas no ombro. Sua segunda faca deslizou para a mão como se tivesse vida, respirasse e sentisse desejo de satisfazer suas necessidades. Girou o pulso e a arremessou, e a lâmina voou com precisão, cravando-se no pescoço do *Obajan*.

O mestre da Seita dos Hamoi urrou de novo, enfurecido. Mas a lâmina roçou na artéria, fazendo jorrar sangue. Ele ergueu as mãos para estancar o fluxo e acabou perdendo o polegar na ponta afiada ainda exposta. Encostado no quadrado claro formado pelo biombo

de entrada, Arakasi viu os ombros do homem estremecendo com a tensão da vida a se esvaír. A mecha de cabelo caía solta sobre suas costas quando tombou de joelhos, o peito encharcado por um fluxo intenso de sangue.

Arakasi deu a volta, com garotas agitadas e lençóis de um dos lados, enquanto do outro só havia escuridão. Rolou e atirou uma almofada na direção de onde vinham passos. Alguém tropeçou e bateu pesadamente no chão. Confundindo-o com o agressor, quatro guardas que estavam chegando saltaram e prenderam o infeliz caído. Seus protestos camuflaram os movimentos de Arakasi quando, com as mãos na parede, o Mestre dos Espiões caminhou com pressa para a parte mais afastada do cômodo.

A luz das estrelas bastava para iluminar em volta. Tomando cuidado para que nenhum reflexo de aço denunciasse sua posição, Arakasi retirou mais uma faca das que trazia no cinto. Lançou-a e um dos guardas caiu, com a mão na barriga e aos gritos. O barulho distraiu os outros, permitindo que Arakasi sacasse mais facas para liquidar os quatro guardas que apareceram vindos do átrio exterior. Morreram, um após outro, em meio aos gritos das mulheres e berros da sentinela ferida no chão. O *Obajan* jazia nos lençóis, imóvel em sua morte.

Arakasi se esgueirou pelo biombo e desapareceu de vista. Não se atreveu a esperar para ver se alguma das garotas o vira ou se estavam propensas a fazer uma grande gritaria. Com um impulso estimulado pela adrenalina, saltou e se agarrou ao canto da viga do telhado. Pendurado pelas mãos, içou-se para as sombras sob o beiral, com sua última faca presa entre os dentes. Mal acabara de se equilibrar precariamente no esconderijo quando soaram passos no cômodo, vindos da entrada.

– Lá fora! – gritou um dos assassinos. – O assassino do mestre fugiu para o jardim.

Desesperado, Arakasi agarrou um pedaço de uma ripa de

madeira. Com um movimento para baixo, atirou-o em um canteiro de flores. A sentinela de ouvido apurado que saiu intempestivamente pela porta lançou-se de pronto aos arbustos, cortando a vegetação com a espada. Arakasi poderia ter tocado a cabeça do homem com as pontas dos dedos quando ele passou por baixo.

Mais assassinos vieram correndo para fora.

– Onde ele está?

O espadachim fez uma pausa.

– Ouvi algo se mexendo.

– Rápido! – gritou outro guarda. – Tragam tochas! O assassino irá escapar se nos demormos!

Espalharam-se, vasculhando o jardim; homens com lamparinas apareceram para ajudar nas buscas. Arakasi se atirou do telhado. Era uma sombra em movimento na escuridão. Esgueirou-se e lançou-se por um biombo ali ao lado, de novo para o interior da casa, onde os perseguidores ainda não tinham ido verificar.

Mais um grupo de homens saiu do quarto e deparou com o primeiro homem, que estava voltando.

– Deve ter saltado o muro. Patrulhem o perímetro, já! Antes que ele escape!

Ouviram-se gritos questionadores dentro do harém. A notícia da morte do *Obajan* inflamou os criados e alguns entraram em pânico. A seita foi rápida e impiedosa em reagir. Numa casa tão bem guardada, os membros suspeitariam que quem quer que tivesse assassinado o mestre tinha um cúmplice na propriedade. Todo o pessoal poderia ser executado para eliminar a possibilidade de traidores. Os criados mais inteligentes perceberam que o melhor era fugir. Apenas o medo fazia aqueles infelizes permanecerem ao serviço daquela irmandade criminoso; muitos preferiram arriscar um futuro de incerteza a enfrentar uma morte sem honra.

A Arakasi restava apenas esperar que a confusão gerada pelas dúzias de criados aterrorizados lhe proporcionasse uma abertura,

pois, embora um homem mais sensato pudesse procurar fugir, sua missão ainda não estava concluída. Por Mara, teria de voltar ao gabinete do *Obajan* para roubar o diário com os registros da seita.

A calma tomara conta do quarto anexo. Arakasi calculou, de modo arriscado, que os guardas, no calor das buscas, tinham deixado o corpo de seu Senhor morto lá. Voltou a entrar pelo biombo que partira antes e encontrou um cenário de carnificina.

O sangue manchara tudo em um raio de três metros da cama. Além do volume do Senhor esfaqueado, ainda havia um par de garotas nuas, com a luz das estrelas iluminando suas formas levemente prateadas. Uma delas olhou para ele em silêncio. Com gestos loucos e repetitivos, tentava limpar o sangue da pele irremediavelmente manchada de escarlate. A outra se contorcia nos lençóis, gemendo. Atingida por um dardo com veneno, não conseguia se erguer. Com uma determinação sinistra, Arakasi recuperou duas facas metálicas, uma do pescoço do *Obajan* e outra do estômago de um guarda que jazia esparramado aos pés do Senhor.

Passou pelo pé da cama, olhando de relance para a cortesã ferida. Estacou com algo que, contra sua vontade, lhe chamou a atenção. O cabelo da jovem se derramava como óleo vertido ao luar, dourado-claro e reluzente. Tinha o rosto virado para cima, exposto ao tremeluzir da luz das tochas que jorrava do jardim. Sentindo um aperto no coração, viu que as feições dela eram exatamente iguais às da irmã. Eram gêmeas.

A constatação não serviu para sossegar o coração de Arakasi. À luz do luar, com as mãos magras apertando o dardo, era impossível distingui-la da moça que ele tocara e com quem partilhara o leito. Assolado por uma dor interior que ameaçou inibir sua respiração, Arakasi se debateu consigo mesmo para recuperar seus modos frios e calculistas. Ele era o Mestre dos Espiões dos Acoma, numa missão a serviço da Serva do Império. Tinha de se manter concentrado e

localizar os documentos do *Obajan*. Mas, quando mais necessitava manter o sangue-frio, seu foco falhou. Diante da cortesã agonizante, a própria sobrevivência lhe pareceu tão insignificante quanto tentar apanhar um raio de sol com as mãos.

A mente de Arakasi gritava que deveria permanecer fiel a Mara, enquanto seu coração o levava a ajoelhar-se ao lado da jovem aflita. O tempo e os fatos se tornaram indistintos. Já não era capaz de separar a cortesã que o enlaçara de sua gêmea. No escuro, à luz do luar, em meio à dor atroz que sentia no momento, as identidades pareceram se fundir. Contra todos os instintos de autopreservação, Arakasi a levantou. Aconchegou seu rosto, de olhos arregalados e inertes, até ela estremecer, arquejar e, após o que pareceu uma eternidade, finalmente deixar de respirar.

Arakasi sentiu como se tivesse sido espancado. Cravou as unhas nas palmas das mãos e percebeu que mordera o lábio até sangrar. O sabor salgado em sua língua e o odor de morte invadindo suas narinas lhe provocaram náuseas. Mal reparou na mulher ainda viva que murmurava algo no meio dos lençóis manchados de sangue. Sua mente registrou, sem compreender, as palavras balbuciadas. Arakasi sentiu uma dor forte ao respirar e se obrigou a soltar seus membros rígidos. Sentiu o coração gelado quando a jovem morta se libertou de seu aperto. Por força do hábito, reagiu a um som atrás dele, virou-se e pegou uma adaga. Seu lançamento esteve perto da precisão. O criado que tentara entrar era um eunuco que servia o harém e havia voltado para tratar de seus afazeres. A faca o acertou de raspão no pescoço. Boquiaberto, bateu no pilar da porta.

Arakasi sempre fora rápido, mas naquela noite suas pernas vacilaram ao passar, atrapalhado, sobre a moça caída. Seus pés se enroscaram nos lençóis empapados e se prenderam nas almofadas. Agarrou o eunuco com um movimento de lutador e deixou-o de boca aberta. As forças do homem agonizante eram perturbadoras. As mãos de Arakasi tentaram agarrar-se a algo, mas sem sucesso.

Enfiou os dedos na ferida e, pelo sangue que lhe borrifou o rosto, percebeu que tinha rasgado uma artéria do inimigo. Usando os nós dos dedos para impedir a vítima de gritar, foi mordido até o osso.

Se os guardas do *Obajan* não estivessem passando um pente fino no terreno à procura de um assassino que, previsivelmente, estaria fugindo para se salvar, a luta teria atraído atenção. Todavia, segurando o criado agonizante que se debatia nas paredes e derrubava cofres e mesas, Arakasi sentiu que aquilo não parecia real. O eunuco demorou bastante tempo sangrando até morrer. Quando por fim ficou imóvel, Arakasi saiu correndo do quarto.

Nunca vira o lado de dentro da casa. Perdera qualquer noção de orientação que pudesse ter obtido durante sua espera sob a viga mestra, agora que procurava o diário no coração da seita. Nesse tipo de livro eram registrados todos os contratos e os respectivos preceitos, numa cifra conhecida apenas pelo *Obajan*. Nada era dito aos intermediários além dos nomes das vítimas destinadas a morrer.

Os registos da seita eram uma herança a ser entregue ao *Tiranjan*, que deveria assumir o comando no lugar do líder assassinado. O diário não estaria desprotegido e, antes que a agitação das buscas diminuísse, o conselheiro de túnica florida do *Obajan* já teria avisado ao *Tiranjan* que o pegasse.

Arakasi ouviu vozes ao longe e um grito. Seu tempo na casa estava agora limitado a um punhado de minutos e sua mente permanecia perturbada com a recordação da morte horrível da garota. Obrigou-se a rever suas conjecturas, elaboradas durante as horas quentes de espera sob a viga mestra. Aquele era o palácio do prazer. O *Obajan* estava num período sabático. O livro de registros, que nunca ficava longe de seu alcance, deveria estar por ali, num local especial. A porta de biombo de construção mais robusta deveria levar ao cômodo reforçado onde eram guardados os pergaminhos da seita.

Arakasi percorreu discretamente o corredor, mantendo-se o mais

abrigado possível nas sombras. Apagou lanternas onde lhe foi possível, estremecendo e se assustando a cada som distante que ouvia. Dobrou uma esquina e quase se chocou com as costas de um homem. O tinir do aço ao desembainhar a última faca que lhe restava levou o sujeito a girar. Era um guerreiro, destacado para guardar uma porta trancada. Arakasi lançou-se para a frente e cortou os tendões do pulso do homem no exato momento em que o inimigo baixava a mão para desembainhar a espada. O Mestre dos Espiões não sentiu qualquer dor quando cravou os dedos mordidos e sangrando na traqueia do guarda e o empurrou com estrondo contra a madeira.

Alguém gritou ao escutar o ruído.

Sem tempo a perder, Arakasi empurrou o inimigo através do painel. O guarda resistiu, com os olhos arregalados de puro terror. Enquanto se desequilibrava para trás na direção do quarto com estruturas reforçadas, a mão que ainda se mexia tentou desesperadamente agarrar-se à parede.

E depois o guarda caiu. Seus tornozelos tocaram arames que acionavam armadilhas e dardos foram atirados de furos nas paredes. O chão onde tocou se abriu com um ruído opressivo e estacas de madeira afiadas e envernizadas emergiram por entre padrões perfurados, empalando seu corpo em convulsão.

Arakasi não prestou atenção aos estertores da morte de sua vítima. Inspirado pelo último ato em vida do homem, observou a parede e detectou um nicho entre os murais. Reconheceu o buraco: uma aberturinha de chave para desarmar as armadilhas mecânicas instaladas no cômodo. Enfiou a faca na abertura e lançou-se para a frente.

Sentiu uma série de arrepios percorrerem a pele. Conseguia ouvir pessoas em disparada nos corredores, convergindo para o local onde se encontrava. À sua frente, iluminada por uma única lamparina, via-se uma estrutura alta parecida com uma escrivaninha com um livro

grosso apoiado nela. Saltou por cima do corpo do guarda, a mente fervendo.

Se a porta tinha armadilhas, então a escrivaninha também deveria ter. Pensou que, se um ladrão sobrevivesse às defesas e chegasse tão longe, deveria ser esperto e um mestre em mecanismos intrincados. Por conseguinte, optou pela tática imprevisível: tentaria usar a força.

Arakasi engoliu em seco o sabor metálico do medo. Agarrou o pesado suporte de cerâmica da lamparina e se inclinou desfazendo o revestimento da escrivaninha. Olhou para cima para localizar e desarmar o emaranhado de fios finos e alavancas destinados a ativar a armadilha do livro se este fosse retirado e por debaixo encontrou algo mais.

Um pergaminho muito bem enrolado estava apoiado sob o mecanismo de disparo. Puxou-o e deu uma olhada nele. O pergaminho estava escrito em código e amarrado com fitas decoradas com a flor da Seita dos Hamoi. O livro na escrivaninha era falso, colocado à vista para servir de armadilha. Na mão, Arakasi detinha as verdadeiras contas da seita.

Os gritos de alarme se aproximavam cada vez mais. Arakasi enfiou o rolo dentro da túnica e se dirigiu apressado para a porta. Arrancou sua faca do buraco e correu para longe das vozes que vinham em sua direção.

Correu às cegas, com um medo renovado graças ao sucesso. Por mais que tivesse planejado, por mais que tivesse sido cuidadoso em criar medidas de segurança, nunca previra sobreviver à morte do *Obajan*. Agora a aposta era ainda mais alta, pois, sem o diário, o *Tiranjan* não poderia assumir a liderança do clã. Os contratos não seriam respeitados e os Hamoi perderiam a honra. Na verdade, Arakasi tinha nas mãos o natami da irmandade de assassinos. Sem ele, a seita perderia a credibilidade e acabaria se dissipando como fumaça.

Ouviram-se gritos no corredor que Arakasi acabara de abandonar. A entrada despedaçada fora descoberta e seguiu-se uma gritaria quando os guardas entraram correndo e caíram sobre as armadilhas que haviam voltado a seu lugar assim que Arakasi retirara a adaga que usara para desarmá-las. A perseguição começou de imediato, com os sobreviventes se espalhando pela casa. Arakasi saiu pela janela à frente de um guarda que o perseguia já nos calcanhares.

Uma forte dor no ombro indicou que fora atingido por um dardo inimigo. Certamente deveria estar envenenado, mas não lhe restava opção além de ignorá-lo. Os antídotos que trouxera para o caso de ser atingido estavam junto com suas provisões, escondidas fora do perímetro. Cruzou o jardim a grande velocidade, saltou para uma árvore e balançou-se por cima do primeiro muro. Parando por um momento, ouviu o suave ruído de dardos e o cortante ressoar de flechas voando entre os galhos sobre sua cabeça.

Ansiava desesperadamente por uma abertura. Um grupo de criados em pânico passou correndo. Tentando sair escondidos da propriedade, escalaram o muro em silêncio em busca de uma passagem segura para a liberdade.

Arakasi se misturou a eles, fazendo uma mulher gritar e um homem se atirar a seus pés implorando por piedade. Percebeu com um prazer quase histérico que as vestes negras do Mestre dos Espiões fizeram com que o tomassem por um assassino. Então inspirou profundamente e gritou:

– Os servos mataram o *Obajan*! Matem todos eles!

Seu grito rouco fez com que os lacaios se espalhassem por todos os lados e Arakasi correu, como eles, na direção do muro externo. Os batedores da seita que se virem para seguir meu rastro no meio da confusão, pensou ao esfolar as mãos quando saltou por cima do muro.

No limite do cansaço físico e mental, dirigiu-se a um lugar protegido que escolhera na chance remota de completar sua missão.

Lá, escondera seus antídotos e um depósito de drogas que o obrigariam a permanecer num estado permanente de alerta e de força até ser saudado pela segurança ou pela morte. Iria pagar um preço terrível por seu uso e seriam necessárias semanas de repouso, mas a sobrevivência valeria o esforço. Tomou depressa uma dose e livrou-se das roupas ensanguentadas. Enfiou-as sob uma enorme pedra. De outro de seus frasquinhos verteu um líquido forte que o fez lacrimejar. Era uma essência de slu-leeth, uma enorme criatura dos pântanos que os outros animais achavam repelente. Não haveria um único cão que o seguisse e, na verdade, a exposição a seu almíscar arruinaria durante dias o olfato dos animais. Enquanto esfregava o unguento fedorento na pele, a picada no ombro lembrou-o de que ainda tinha um dardo cravado na carne. Arrancou a ponta farpada e vestiu uma camisa nova. Quanto aos dedos mordidos, nada podia fazer; praguejou. Com certeza, a mão ficaria inchada e infeccionada.

Nada mais lhe restava fazer além de acreditar que o antídoto ingerido iria neutralizar o veneno. Avaliara bem aqueles que seriam necessários, um legado do conhecimento obtido ao inspecionar as prateleiras de Korbargh.

Arakasi começou a avançar a passos largos, protegido pela noite, enquanto os pés calçados com sandálias batiam com perseverança na trilha rochosa que conduzia à segurança. Agora que percorria o caminho entre a grama molhada pelo orvalho, recordações da morte de Korbargh e de uma outra pessoa o fizeram perceber as mudanças ocorridas dentro dele. Nunca mais voltaria a fazer algo assim com um homem; não o faria nem por Mara, nem por dever, nem por honra. Não depois de ter segurado nos braços uma cortesã agonizante tão parecida com outra moça. Irrevogavelmente, compreendera seu próprio coração.

Se os antídotos de Korbargh e o veneno que tinha em seu organismo não fossem compatíveis... Arakasi se mostrou fatalista...

até que outra recordação emergiu: a mulher louca no quarto do *Obajan*. A histeria chorosa dela ecoou em sua mente e seus murmúrios se revelaram com uma clareza assustadora. Ela dissera:

– Ele conhece a Kamini!

Kamini, que era apenas metade das gêmeas. Uma pertencia a um velhote impotente, e outra, já morta, ao falecido *Obajan*. Arakasi começou então a correr, já sem fôlego e assolado por dores antes mesmo de começar. Pela primeira vez na vida, rezou com fervor aos deuses de Kelewan, suplicando a Sibi, que era a Morte, que não o convocasse para os salões de seu irmão Turakamu. Precisava de sorte, ou de um milagre, ou, o que seria mais provável, de ambos. Seu momento de distração no quarto do *Obajan* lançara uma sentença de morte sobre Kamlio. Deixara viver a louca, ainda balbuciando, quando buscavam um assassino. Os guardas sobreviventes do *Obajan* poderiam não conseguir cobrir, na escuridão, todos os recantos das terras da propriedade, mas, assim que o sol nascesse, quando chegasse o *Tiranjan* para orientá-los, começariam uma caçada mais metódica. A cortesã seria interrogada.

Arakasi percebeu outra verdade terrível: por causa de Kamlio, poderia ser forçado a falar, caso fosse capturado. Reprimiu a angústia que o dominava. A única forma de salvar a gêmea que amava era através de Mara – e a única forma de proteger sua Senhora era através da garota, que sabia que ele trabalhara para uma Senhora poderosa com grandes riquezas. Havia poucas Governantes com tais características no Império. A seita iria redobrar seus ataques a Mara. Se no passado a seita atacara por uma questão de honra, agora atacaria para sobreviver. Arakasi estava apenas uns minutos à frente dos assassinos em sua corrida para chegar até Kamlio.

Se conseguisse descobrir um de seus novos agentes em Ontoset, poderia passar-lhe seu precioso fardo, mas não tinha tempo a perder. Assim que soubessem que o assassino do *Obajan*

reconhecera Kamini, a irmandade começaria uma investigação, refazendo o caminho da propriedade até o mercador de escravos... e à gêmea sobrevivente. Iriam deixar corpos para trás após seus interrogatórios. Se os agentes deles em Kentosani recebessem instruções antes de ele chegar até Kamlio...

Suando, Arakasi apressou o passo, atravessando campos e jardins e percorrendo a terra batida de uma trilha de caça que o levou na direção da estrada principal. Ah, se ele tivesse agora um dos malditos cavalos de Hokanu...

Mesmo estando a serviço da Senhora Mara, ele também agia como devia para satisfazer as próprias necessidades. Arakasi sentiu-se preenchido por um curioso prazer, como se apenas agora tivesse registrado o fato de estar vivo. Seu assalto insano ao *Obajan* fora bem-sucedido e tinha em seu poder os registros da seita. Tal triunfo o deixou animado. As sacudidas da estrada sob seus pés, as picadas das farpas em sua pele, o ardor em cada respiração mais intensa, cada detalhe deveria ser valorizado. Reconheceu parcialmente os efeitos das drogas que ingerira, mas sabia também que uma consciência sobrenatural se erguia da sua descoberta do que estava verdadeiramente em jogo.

Enquanto avançava rapidamente em plena noite, examinou com atenção aquela epifania. Como filho de uma mulher do Boa Vida, nunca encarara o amor entre um homem e uma mulher como algo misterioso. Sempre vivera segundo sua vontade, sua perspicácia e seu talento, resultantes do estudo atento de seus companheiros humanos. Observara o envolvimento de Mara com o bárbaro Kevin e ficara intrigado. Atribuía o fogo no olhar de sua Senhora quando o homem estava presente à necessidade feminina de romancear as relações. Se não fosse assim, qual a necessidade de suportar o fardo e o incômodo de transportar uma criança no ventre?, pensou com frieza.

Mas, naquele momento, enquanto corria, seu coração parecia

querer explodir e sua garganta estava embargada por lágrimas contidas; pensou numa garota de cabelo cor de mel, ainda viva, e em sua morte, idêntica à da irmã. Ao derrubar galhos molhados pelo orvalho, caminhando aos tropeções pela estrada sob a luz do luar com um descuido espantoso, viu que estivera equivocado. Estúpida e lamentavelmente equivocado.

Já vivera metade de sua vida e quase falhara em entender a magia daquilo que os poetas chamavam amor. Parou e olhou em ambas as direções para localizar a liteira que fora preparada para aguardá-lo.

Pensou, enquanto recuperava o fôlego, se não teria sobrevivido para poupar a outra garota da vingança da seita quando o trabalho daquela noite os levasse até ela; imaginou se a natureza cínica da jovem, nascida de sonhos esmagados, alguma vez lhe permitiria ensinar-lhe aquilo que ele agora mais desejava saber. Ficou ansioso por verificar se o vazio que encontrara dentro de si alguma vez poderia ser preenchido. Girou sobre si mesmo e, na estrada vazia, percebeu uma coisa, tão temível quanto qualquer outra naquela noite de questionamentos: aquela seria a última missão que poderia executar na crença de que não haveria consequências pessoais. Pois, irrevogavelmente, perdera o distanciamento que o mantivera afastado de seus companheiros e que gerara a visão objetiva e fria que fizera dele um gênio em seu ofício.

Despertara nele uma necessidade que o mudara por completo; nunca mais poderia olhar para os outros de uma perspectiva de indiferença insensível. Nunca mais poderia imitar os modos dos outros e assumir qualquer identidade. A cortesã de cabelo claro alterara isso para sempre.

Ouviu-se o canto de uma ave noturna em algum lugar no bosque. A folhagem cobria a estrada, diminuindo a intensidade do luar e a difusão da luz das estrelas que pontilhavam o céu. Ali, na névoa que era levada pelo vento, em uma estrada vazia e sem

pistas, não havia sequer uma nuvem de pó que pudesse indicar onde estava a liteira; Arakasi escolheu uma direção ao acaso. Atormentado por pensamentos retorcidos, pensou se seu oponente no jogo da intriga, Chumaka dos Anasati, também possuía essa lacuna da natureza humana e vivia na ausência do amor. E, se assim não fosse, a recém-descoberta vulnerabilidade de Arakasi o deixaria exposto ao ataque de um homem já apto na inquietante arte da espionagem e que era implacável inimigo de Mara?

Arakasi se agonizou quando o som das criaturas da noite pareceu troçar dele. Sentindo-se mais angustiado naqueles minutos do que já se sentira ao longo de toda a vida, o cansado, assustado e, ainda assim, empolgado Mestre dos Espiões apressou-se a seguir em frente, rumo a um futuro e a um objetivo mais temível do que qualquer outro que já atingira.

Revelação

O nevoeiro se dissipou.

Arakasi percorreu completamente exausto o trecho que contornava Jamar. Embora tivesse ocultado todas as pistas pelo caminho na noite anterior, não se atreveu a parar para descansar. A seita devia estar em algum lugar logo atrás dele, seguindo-o como cães de caça. Iriam perdê-lo na cidade, entre os mais de dez mil estranhos, apenas para se dedicarem a uma rota alternativa – a pista que levava à irmã de Kamini. Ele dispunha de apenas alguns dias antes que encontrassem Kamlio. Com Mara ainda alojada no Palácio Imperial, desperdiçaria a vantagem que conquistara.

A mais rápida das liteiras comerciais, com duas equipes extras de carregadores, o levava de Ontoset a Jamar numa semana. Não conseguiu dormir durante a agitada viagem, mas seu corpo esgotado pelas drogas caíra em letargia nas poucas horas diárias utilizadas pelos carregadores para descansar.

Agora, seis dias depois de ter matado o *Obajan*, acertou as contas com as exaustas equipes de carregadores perto da entrada do maior mercado de Jamar, infiltrando-se, em seguida, entre os trabalhadores que montavam as bancas dos vendedores e expunham as mercadorias do dia. Jamar era o porto comercial mais movimentado do Império e o bairro das docas formava uma pequena comunidade independente, onde navios de longo curso cruzavam com embarcações fluviais. Arakasi encontrou um moleque

pedinte sentado diante de um bordel, ainda fechado àquela hora da manhã. Estendeu-lhe uma concha de valor superior a uma centena de centis, mais do que o menino juntaria pedindo durante um ano.

– Qual é a forma mais rápida de subir o rio?

O menino se levantou de um pulo e gesticulou, demonstrando que era mudo. Arakasi fez um sinal para que ele lhe mostrasse a direção. Avançando a toda a velocidade por entre a multidão que se reunira no início da manhã perto da barraca do vendedor de salsichas, o garoto o levou rio acima até um cais onde estava atracada meia dúzia de pequenas embarcações. Ali, à vista de um corpulento barqueiro, o menino indicou por gestos que era o melhor modo de Arakasi chegar aonde queria. O Mestre dos Espiões lhe entregou a concha.

A transação não passou despercebida ao barqueiro, que até então tomara aquele homem imundo por mais um mendigo. Ao ver a concha, avaliou melhor a situação e mostrou um amplo sorriso.

– Pretende subir rapidamente o rio, Senhor?

– Preciso chegar urgentemente a Kentosani – explicou Arakasi.

O rosto rechonchudo do homem mostrou orgulho.

– Sou o proprietário do barco mais veloz da cidade, meu bom Senhor. – Apontou na direção do rio para um barco mensageiro raso e em ótimas condições, com um minúsculo camarote, ancorado a alguma distância do cais. – Eu o chamo de *Senhora do Rio*. Quatro bancos para oito remadores e a vela pronta para o vento.

Arakasi apreciou suas linhas e a eficiente vela. A embarcação podia não ser tão boa quanto seu mestre se gabava, mas ele desperdiçaria tempo se saísse à procura de uma que pudesse ser levemente mais rápida.

– Parece respeitável – comentou Arakasi em tom neutro. – Há remadores a bordo?

– Há, sim – respondeu o capitão. – Aguardamos por um mercador de Pesh que quer ser transportado para Sulan-Qu. O

camarote está reservado para ele, Senhor, mas caso, até lá, aceite viajar no convés, pode ficar com o camarote de Sulan-Qu a Kentosani. O preço, via de regra, seria quinhentos centis, mas, como vai partilhar o barco durante metade do caminho, aceito trezentos.

Arakasi levou a mão a um bolso oculto na manga e retirou de lá uma peça de prata do tamanho de seu polegar. Os olhos do capitão se arregalaram ante o brilho do metal, uma riqueza maior de que qualquer outra que um barqueiro poderia esperar ver num único local.

– Fico com o camarote – disse Arakasi em tom autoritário. – E partimos já. O mercador de Pesh que se vire de outra maneira.

Morreram na boca do capitão quaisquer contestações éticas com que poderia ter argumentado. Diante daquela oferta de riquezas incalculáveis, quase caiu para trás na pressa de acompanhar Arakasi até o pequeno barco a remo que balançava na ponta do cais. Desceram a escada e o capitão partiu, remando como se fosse perseguido por dez mil demônios, com medo de que aparecesse o mercador e a honra exigisse que voltasse até ele.

Arakasi subiu a bordo enquanto o capitão desamarrava e fazia avançar o *Senhora do Rio*. O casco verde estava toscamente pintado, mas não havia madeira podre ou sinais de falta de cuidado. O capitão podia ser um homem simples, mas mantinha o barco em ótimo estado.

Os remadores e o timoneiro receberam as ordens e o capitão acompanhou Arakasi ao minúsculo camarote enquanto a *Senhora do Rio* balançava na corrente e iniciava o percurso rio acima. Era pouco mais do que uma barraca baixa no meio da embarcação que, entre os remadores e o homem do leme, dispunha de espaço suficiente para duas pessoas. Duas pequenas frestas de ambos os lados permitiam a entrada de luz e uma pequena lamparina a óleo providenciaria iluminação durante a noite. O camarote era escuro e úmido, e o leve odor de óleo queimado da lamparina se misturava

com o perfume que pairava deixado por passageiros anteriores. As laterais tinham cortinas já gastas de seda e as almofadas estavam puídas nas pontas, parecendo ter sido bastante usadas, mas Arakasi já aguentara coisas piores em muitas ocasiões.

– Isto serve – disse. – Agora, exijo uma coisa: ninguém deve me perturbar. Mato quem quer que entre neste camarote antes de chegarmos a Kentosani, entendeu?

Arakasi não era o primeiro passageiro estranho que o dono do barco acolhera e, tendo em conta o que ele pagara, não foram levantadas quaisquer objeções.

Arakasi sentou-se e fechou as pequenas portas, para em seguida retirar o maço que levava dentro da túnica. O diário da seita nunca deixara de estar em contato com sua pele desde que fugira da propriedade do *Obajan*. Agora que tinha a primeira oportunidade de passar os olhos pelas páginas, começou a estudar as entradas em código. Mas os estranhos caracteres se turvaram diante de seus olhos. Com a cabeça caída sobre o pergaminho amarelado, exausto, caiu no sono.

Quando recuperou a consciência, uma espiada por uma fresta mostrou que estavam no meio do caminho para a Cidade Sagrada. Dormira durante dois dias e uma noite. Petiscando qualquer coisa em um cesto de frutas presumivelmente deixado para o mercador de Pesh, começou a desvendar o código da seita, que era bem inteligente, mas Arakasi teria capacidade de decifrá-lo, já que nada mais tinha para fazer durante os próximos três dias. Viu quatro colunas e concluiu que a entrada era composta por quatro pedaços de informação: a data do contrato, o preço acordado, o nome do alvo e o nome de quem pagava o serviço. Junto a todas, exceto nas últimas, havia marcas de verificação.

Arakasi voltou para trás para observar os registros de novo desde o início até encontrar outra entrada sem a marca de verificação. Partiu do princípio de que se trataria do nome Mara dos Acoma e da

pessoa que pagava, Desio dos Minwanabi. Outra marca de verificação em falta, mais atrás nos registros, seria de novo o nome de Mara, com o pai de Desio, Jingu, a seu lado. A comparação de caracteres revelou que o código era uma complexa substituição, com recurso a uma chave que era alterada a cada utilização.

Arakasi estudou as páginas durante horas, tentando uma solução, depois outra e descartando uma terceira. Mas, após um dia e meio de trabalho, começou a identificar o padrão de alterações.

Quando chegou a Kentosani, já traduzira o diário e o revira diversas vezes. Pediu uma pena e papel ao capitão e elaborou um código para Mara, não confiando na transcrição do texto para o caso de o diário cair em mãos erradas, pois suas ramificações exigiam a atenção de sua Senhora.

Quando o barco aportou na Cidade Sagrada, Arakasi saltou do convés para o cais antes de o dono tê-lo amarrado completamente e desapareceu entre a multidão sem proferir uma palavra. Deteve-se apenas por tempo suficiente para comprar uma roupa adequada e dirigiu-se ao palácio. De lá enviou um recado, suportando o tormento da espera ao lado dos Guardas Imperiais enquanto sua mensagem passava de criado a criado até por fim chegar a Mara. Se estivesse menos cansado ou dispusesse de mais tempo, poderia ter arranjado um disfarce para se aproximar dela mais diretamente. Mas o rolo que transportava era importante demais e não poderia se arriscar a ser morto confundido com um assassino pelos Brancos Imperiais.

Ao ser, por fim, escoltado até Mara, que estava em seu jardim particular, ela sorriu, embora sua gravidez a tivesse impedido de se levantar para saudá-lo.

O Mestre dos Espiões se aproximou e fez uma reverência, sentindo o sopro de uma brisa vespertina que levantava pó sobre as pedras entre os canteiros. Com uma emoção que encobriu seus habituais modos secos, Arakasi disse:

– Senhora, a missão foi cumprida.

Não passou despercebida a Mara a alteração em seu Mestre dos Espiões. Os olhos dela se arregalaram e ela sinalizou aos criados para que saíssem. Em seguida, indicou a Arakasi que deveria se sentar a seu lado no banco.

Ele obedeceu e passou à sua Senhora um maço envolto em seda. Ela o abriu e viu o rolo com as fitas vermelhas e o selo da flor dos Hamoi.

– A seita foi destruída? – perguntou Mara.

A voz de Arakasi revelou uma fadiga até então sem precedentes:

– Quase. Há uma pequena ponta solta a resolver.

Mara olhou para o código, viu a chave e colocou o diário de lado para mais tarde analisá-lo.

– Arakasi, o que foi?

O Mestre dos Espiões teve dificuldade em explicar:

– Descobri... algo sobre mim... nesta jornada, Senhora. – Inspirou profundamente. – Posso não ser o homem que fui no passado... não, não sou o homem que fui no passado. – Mara resistiu ao impulso de o fitar nos olhos. Não tentou entender o que se passava, apenas esperou que ele explicasse. – Senhora, no momento em que somos mais ameaçados, pela Assembleia e por Jiro dos Anasati... não estou certo de estar à altura das tarefas que se apresentam diante de nós.

Mara tocou sua mão com ternura.

– Arakasi, sempre admirei sua desenvoltura e sempre me diverti com o modo como aparece misteriosamente, com esta ou aquela vestimenta. – Observou-o com seriedade sob aquele leve afeto. – Mas, por trás de cada vestimenta curiosa, havia uma história, uma missão em que você enfrentou perigo e dor.

– Morreu uma garota – disse Arakasi.

– Quem era ela? – quis saber Mara.

– Irmã de outra garota.

Hesitou, dolorosamente inseguro em relação a si próprio.

– É importante para você, essa outra garota?

Arakasi olhou para o céu verde sobre o jardim, recordando interiormente um rosto que parecera mudar de uma cortesã sarcástica para uma garota agonizante e assustada.

– Não sei. Nunca conheci alguém como ela.

Mara permaneceu em silêncio por uns momentos.

– Já lhe disse que é quem mais admiro entre os que me servem.

– Seus olhos se focaram nos dele. – Mas, dos meus oficiais mais próximos, sempre pareceu o que menos precisava de afeto.

Arakasi suspirou.

– Para ser sincero, minha Senhora, também sempre me achei livre dessa necessidade. Agora me pergunto por quê.

– Acha que o Mestre dos Espiões dos Acoma não pode se dar ao luxo de manter amizades?

Arakasi balançou enfaticamente a cabeça.

– Não pode, não, o que nos deixa com um problema.

– Que tipo de problema? – perguntou ela.

Arakasi se levantou, como se para demonstrar seu desconforto e amenizar a perturbação.

– O único homem que eu acharia capaz de me substituir na missão de mantê-la em segurança é, infelizmente, aquele que tenta destruí-la.

Mara ergueu a cabeça para ele, com uma centelha de humor nos olhos.

– Chumaka dos Anasati?

Arakasi assentiu.

– Tenho de continuar procurando os agentes dele e aniquilá-los.

– E quanto a essa ponta solta por resolver no caso da seita?

Arakasi percebeu de súbito que ela precisaria saber a história toda, e então lhe relatou sua viagem ao Sul em busca da morte do *Obajan*. Mencionou o risco que a cortesã Kamlio representava para

eles.

– Enquanto a seita tiver esperanças de recuperar o diário, seus assassinos irão torturar e matar quem quer que achem que tenha tais informações. Apenas depois de a honra deles ser publicamente limpa é que começarão a definhar e morrer. Esse rolo de pergaminho é o único meio de que dispõem para descobrir quem eles foram contratados para matar. Assim que se souber que o diário foi roubado, qualquer homem pode reclamar que a seita lhe deve uma morte, e eles não dispõem de meios para provar que é um mentiroso. Mais do que isso, é o natami deles; sua ausência demonstra que Turakamu já não vê com bons olhos seus empreendimentos. – Arakasi enfiou os dedos no cinto. Fez uma pausa, parecendo escolher as palavras. – Assim que, para seu proveito, a Senhora verificar os registros, assegurarei que todos os traficantes de informações da Cidade Sagrada fiquem sabendo do roubo. Quando a notícia se espalhar, a seita se dissipará como fumaça.

Mara, mais uma vez, não desviou a atenção do assunto pendente.

– Essa cortesã. Foi ela que... gerou tal mudança em você?

Os olhos de Arakasi revelaram embaraço.

– Talvez. Ou talvez ela não passe de um sintoma disso mesmo. Seja como for, ela é... um perigo para sua segurança. Por precaução, deve ser... silenciada.

Mara observou a postura e os modos de seu Mestre dos Espiões e depois deu sua sentença:

– Vá e salve-a da seita – ordenou. – Faça com que fique em silêncio, trazendo-a para a proteção dos Acoma.

– Isso exigiria uma grande quantia de dinheiro, Senhora.

Dar voz a uma preocupação de ordem prática não serviu para ocultar seu alívio e embaraço.

– Mais do que já pediu antes? – disse ela, num tom simulado de

alarme.

Arakasi, ao longo dos anos, fora seu dependente mais caro e as provisões generosas que ela autorizara para ele lhe valeram muitas reclamações de Jican.

– Isso não é algo que faço pelos Acoma – revelou ele, uma súplica implícita que, de algum modo, subjugou seu controle férreo.

Já não era um servo confiante, mas, sim, suplicante. Apenas por uma vez Mara o vira naquele estado, quando se considerara um fracassado e implorara permissão para se suicidar com a espada. Ela se levantou e pegou sua mão com firmeza.

– Se está fazendo isso por você, está agindo igualmente pelos Acoma. É essa a minha vontade. Jican está lá dentro. Providenciará quaisquer fundos que forem necessários.

Arakasi ia falar, mas não soube o que dizer. Então se limitou a fazer uma reverência e dizer:

– Senhora.

Mara o viu partir e, assim que ele saiu dos aposentos dela no palácio, chamou uma criada próxima à entrada. Precisava de uma bebida fresca e relaxante. Assim que a aia a serviu, Mara ponderou as consequências de ir contra a avaliação de Arakasi. Correria um risco ao encorajá-lo a poupar a cortesã. Depois, com uma amargura gerada pelas perdas no passado, pensou no que traria o futuro para qualquer um deles se não fizesse concessões no que dizia respeito ao coração.

A luz brilhou através da cúpula. Incidiu como fogo no trono dourado e projetou manchas triangulares sobre o dossel piramidal. Vinte níveis abaixo, aqueceu o chão de mármore e refletiu no anteparo onde os suplicantes vinham se ajoelhar para uma audiência com a Luz do Céu. Apesar dos pequenos escravos que agitavam leques, a sala do trono do Imperador estava abafada. Dois nobres sufocavam de calor sob seus adornos e o mais jovem deles, o Senhor Hoppara,

estava sentado em profundo silêncio. Estava quente demais até para se mexer. O mais velho, Senhor Frasai, se recostava em sua almofada, assentindo de vez em quando sob seu elmo cerimonial como se tentasse espantar o sono. Os cinco sacerdotes presentes murmuraram e trataram de seus turíbulos, adicionando o odor do incenso à atmosfera já saturada.

No trono dourado, encolhido por camadas de mantos elegantes e pela enorme coroa emplumada do Império, Ichindar parecia excessivamente cansado e magro para um homem ainda na casa dos 30 anos. O dia fora recheado de decisões tensas e a sessão ainda não terminara.

Uma vez por semana, o Imperador presidia o Dia das Súplicas, quando, do amanhecer até o pôr do sol, se dispunha a receber o seu povo. Tinha de se sentar em sua cadeira de Estado e dar sentenças, enquanto aparecessem suplicantes, até a hora do sol poente, altura em que os sacerdotes entoavam seus cânticos da noite. Outrora, quando um Senhor da Guerra era superior ao Conselho, o Dia das Súplicas era apenas cerimonial. Mendigos, sacerdotes de categoria inferior e plebeus com ofensas triviais se juntavam para escutar a sabedoria de um governante que partilhava uma aura de mistério com a dos deuses. Ichindar adormecera frequentemente na cadeira enquanto os sacerdotes agiam em seu lugar, entregando esmolas ou dando conselhos, como era autorizado pelos deuses.

Desde então, a natureza do Dia das Súplicas fora alterada. Os suplicantes que apareciam para solicitar uma audiência eram frequentemente nobres, e muitas vezes inimigos, que procuravam debilitar, extorquir ou quebrar o domínio imperial sobre as Nações. Ichindar estava no momento sentado no trono dourado, envolto no mortífero Jogo do Conselho através de palavras e julgamentos, sabendo que o alvo era a própria supremacia. Quando o sol se punha, era frequente encontrá-lo exausto, muitas vezes nem conseguindo se lembrar do nome da consorte escolhida naquela

semana para compartilhar seu leito.

Naquele dia, apenas se atrevera a inclinar levemente a cabeça para que o peso da coroa cerimonial não lhe dobrasse o pescoço. Agitou as unhas polvilhadas de dourado na direção da mulher sentada na almofada branca e dourada a seus pés.

– Senhora, não deveria estar aqui, mas sim descansando nos jardins frescos perto das fontes.

Em estado avançado de gravidez e cansada o bastante para que sua pele parecesse transparente, Mara conseguiu desenterrar um sorriso.

– Se tentar me dar ordens, prejudicarei a imagem de sua autoridade me recusando a sair.

Ichindar abafou uma gargalhada por trás de seu colar incrustado de pérolas.

– Bem sei que seria capaz de fazer isso, mulher insuportavelmente teimosa. Criei um monstro ao nomeá-la Serva do Império.

O sorriso de Mara desapareceu quando inclinou a cabeça na direção do piso mais abaixo, onde o suplicante seguinte se aproximara e se curvara. Os olhos dela se tornaram duros como metal precioso e a mão agarrada ao leque ficou com os nós dos dedos brancos.

Ichindar seguiu seu olhar e murmurou, entre dentes, o que parecia uma blasfêmia. Um dos sacerdotes se mexeu, aborrecido, e depois olhou de pronto para a frente quando a voz do Imperador ecoou pela sala de audiências abobadada:

– Senhor Jiro dos Anasati, tenha consciência de que o ouvido dos deuses escuta através dos nossos. O céu escutará sua súplica e nós responderemos. Erga-se. Você tem permissão para falar.

O leve vigor impregnado em cada consoante demonstrou a irritação de Ichindar. Seus olhos cor de avelã estavam gelados ao observar o Senhor dos Anasati se endireitando após sua reverência e

apoiando-se no anteparo, com seu olhar ávido e analítico se voltando diretamente para o trono dourado, assim como para a mulher sentada diante dele, aos pés do Imperador. Jiro fez uma reverência. Embora tivesse respeitado as regras da cortesia, de alguma forma conseguira dissimular sua graciosidade.

– O dossel imperial está bem frequentado hoje – começou por dizer. – Bom dia, Senhora dos Acoma, Serva do Império.

Seus lábios se estreitaram naquilo que um amigo poderia ter tomado por um sorriso. Já um inimigo não interpretaria dessa forma.

Mara sentiu um arrepio percorrer sua pele. Nunca antes uma gravidez a fizera sentir-se indefesa, mas agora, sob o olhar predatório de Jiro, sentia-se desajeitadamente pesada, e isso a irritava. Ainda assim, não perdeu o controle nem demonstrou irritação.

A voz de Ichindar rompeu a pausa que se seguiu, enquanto a Senhora dos Acoma e o Senhor dos Anasati mantinham o olhar um no outro. Por mais que o Imperador se apresentasse magro e abatido, sua autoridade era bem real, uma força palpável mesmo naquela enorme câmara.

– Se veio até nós como suplicante, Senhor Jiro, não deve desperdiçar tempo com vãs conversas sociais.

Sempre cortês, Jiro desconsiderou a reprimenda com um lampejo de ouro; usava anéis de metal, sua única concessão no que dizia respeito a ostentar riqueza. O resto do conjunto era simples.

– Mas, meu Soberano – protestou, com uma familiaridade gentil –, vim efetivamente como suplicante. Porém minha motivação, devo admitir, é de âmbito social.

Mara, desconfortável em sua almofada, resistiu à necessidade de se mexer. O que Jiro tinha em mente? Seu tom informal era por si só um insulto à Luz do Céu, mas não a ponto de poder ser destacado sem lançar vergonha sobre a dignidade de Ichindar. Reagir à presunção de Jiro seria lhe dar importância. Ninguém que se

sentasse num trono de deus poderia reconhecer uma descortesia tão leve.

A Luz do Céu manteve um silêncio glacial durante o minuto em que Jiro se deixou ficar com as sobrancelhas sugestivamente erguidas. O assunto só poderia seguir em discussão se o Anasati desse prosseguimento a ele. Jiro inclinou a cabeça como se só então se recordasse de sua verdadeira intenção. Olhou muito sutilmente de esguelha e uma pálpebra se inclinou sugestivamente até piscar.

– Vim aqui pois ouvi muitos rumores relativos à famosa beleza de sua filha Jehilia. Solicito sua bênção, meu Soberano, para que partilhe com seu povo o prazer que sente em vê-la. Peço para lhe ser apresentado.

Mara conteve um acesso de fúria. Jehilia não passava de uma criança que mal tinha completado 10 anos. Não era uma mulher do Boa Vida, para ser apreciada por homens que não eram seus familiares! Era sem dúvida jovem demais para ser cortejada ou até para que se sugerisse que conversasse sobre pretendentes. As sutilezas de Jiro eram retorcidas e profundas, para se prestar a aparecer ali e se atrever a expor em público tal ideia.

As implicações eram intermináveis, principalmente o desrespeito em relação à masculinidade da Luz do Céu. Sem filhos, deveria assegurar a linhagem imperial através do casamento das filhas, mas que presunçoso se mostrara o Senhor dos Anasati ao dar crédito aos mexericos que corriam nas ruas de que o Imperador não iria ter descendência masculina, fazendo com que o nonagésimo segundo coroadado das Nações fosse o homem que conquistasse a mão de Jehilia.

Contudo, palavras azedas não poderiam ser proferidas; Mara cerrou os dentes, consciente dos conselheiros de Ichindar ficando vermelhos de raiva de ambos os lados. E, também consciente da própria vulnerabilidade, reparou que os três sacerdotes presentes sob o dossel piramidal haviam se ofendido, mas não dispunham de

poder para intervir. O Senhor Hoppara apertara com força o lugar em seu cinto onde deveria estar presa uma espada, caso não fossem proibidas armas na presença do Imperador. Como pai da garota, Ichindar se manteve sentado de forma rígida. As joias de seu manto eram faíscas imóveis, como se estivesse contendo a respiração.

Durante um intervalo longo e tenso, nada se moveu no salão de audiências.

Com uma audácia sem precedentes, Jiro se permitiu um adendo à sua petição, entoado num tom atrevido:

– Ultimamente fiz leituras interessantes. Sabia, meu Soberano, que, antes de seu reinado, sete filhas imperiais foram apresentadas em seu décimo aniversário, ou até antes? Posso dizer-lhe os nomes, se assim desejar.

Mara percebeu que se tratava da segunda bofetada dirigida a um homem cujo cargo no passado se resumia a memorizar a ascendência de sua família ou se dedicar a assuntos de natureza religiosa que nada tinham a ver com autoridade. Ichindar deveria saber sobre as sete garotas e talvez até das circunstâncias atenuantes que obrigaram à sua apresentação pública antes da puberdade. Além disso, seu cargo, no presente, envolvia muito mais do que as cerimônias religiosas.

O sol brilhou com força no chão de topázio e mármore e os Guardas Imperiais permaneceram como estátuas. Depois, com uma determinação implacável, Ichindar apoiou os punhos cerrados no trono dourado. A raiva endureceu suas feições como se fosse um camafeu contrastando com o peso sufocante dos colares. No entanto, sua voz soou controlada em seu habitual timbre real quando se dignou responder:

– Meu Senhor dos Anasati – disse, proferindo cada consoante com cuidado, fazendo-as ecoar na cúpula acima –, irá nos agradar mais apresentar nosso filho quando os deuses nos abençoarem com um herdeiro. Quanto à nossa filha Jehilia, se o Senhor dos Anasati

dá créditos aos boatos de suas aias, que alegam que todas as crianças que adoram são abençoadas com extraordinária beleza, então autorizamos que seja feito um retrato por um dos artistas que patrocinamos para depois enviar à propriedade dos Anasati. Eis a nossa vontade.

A frase tradicional ecoou em meio ao silêncio. Ichindar não era a figura decorativa que haviam sido seus antepassados, mas sim um Imperador empenhado em manter a autoridade. Mara se recostou, aliviada e mais descontraída; o modo como ele lidara com a investida de Jiro fora exemplar. O retrato de uma criança! Mas, infelizmente, o grande problema continuava por ser resolvido. Jiro se atrevera a ser o primeiro a dar voz ao pensamento de que Jehilia seria o meio pelo qual um esposo subiria ao trono. Não iria ser por muito mais tempo uma bela criança da realeza, pois iria se tornar um prêmio muito cobiçado no Grande Jogo. Como fora outrora arrancada de repente da ordem da deusa Lashima para ser lançada no meio da política sangrenta do Império, Mara sentiu-se solidária com a criança.

As rédeas do poder iriam escapar das mãos de Ichindar no dia em que sua filha mais velha se casasse. A não ser que conseguisse conceber um filho homem, os tradicionalistas iriam usar Jehilia como meio de debilitá-lo, sobretudo se seu esposo fosse um nobre bem colocado e poderoso.

No piso abaixo, no anteparo dos suplicantes, Jiro cruzou os braços sobre o peito na saudação tradicional imperial. Curvou-se perante a guarda de honra do Imperador e se ergueu, sorrindo.

– Agradeço a meu Senhor Soberano. Um retrato da Jehilia para pendurar em meus aposentos será mesmo bastante agradável.

Era uma resposta mesquinha; Jiro não se atrevera a dizer “quarto”, reparou Mara com espírito vingativo. Mas o fato de ter se rebaixado a fazer um comentário tão malicioso em público demonstrou seu desprezo pelo homem sentado no trono dourado. E

Mara percebeu, num golpe de intuição, que Jiro não teria sido tão descortês se ela não estivesse presente. A provocação a Ichindar também tivera a intenção de alfinetá-la.

– Receio que hoje eu não tenha lhe sido de grande ajuda – murmurou ela quando as grandes portas se fecharam com estrondo atrás do Senhor dos Anasati.

Ichindar, compreensivo, ia lhe dar a mão, mas se lembrou do protocolo da audiência e se conteve antes que um conselheiro precisasse intervir.

– Minha Senhora, está equivocada – murmurou em resposta, mantendo os punhos cerrados sobre os braços do trono. Seu cabelo se colara à testa, ensopado demais de suor para ser agitado pelos leques dos rapazes. – Se não estivesse presente, firme como uma rocha a meus pés, com certeza eu teria perdido a compostura! – Terminou com um rancor que não demonstrara ao inimigo que o enfurecera: – É um homem sem quaisquer escrúpulos que não se incomodará em atacar através do amor de um pai por sua filha.

Mara nada disse. Já conhecera sua dose de homens sem escrúpulos. Sua mente se irritou com a lembrança poderosa de duas crianças assassinadas, um menino e uma menina, ambas com menos de 5 anos – os filhos do falecido Senhor dos Minwanabi –, que tinham morrido em consequência direta das ações dela. Apoiou a mão no alto da barriga, sobre o volume de seu filho por nascer. Cerrou os dentes, determinada. Perdera um filho crescido e outra criança, com Hokanu, que nunca tivera a oportunidade de conhecer.

Jurou mais uma vez que as mortes de todos os jovens não poderiam ser em vão. Morreria e o nome dos Acoma seria reduzido a cinzas pela ira da Assembleia de Magos antes de permitir que Jiro reinstalasse o cargo de Senhor da Guerra e trouxesse de volta os conflitos sangrentos inaceitáveis que, em nome da honra, haviam comprometido o Jogo do Conselho.

Agora que tinham sido dados os primeiros passos rumo à

mudança, estava determinada a não ceder o terreno já conquistado.

Seu olhar encontrou o de Ichindar, como se o pensamento tivesse sido proferido em voz alta entre eles. As portas se abriram então e o arauto imperial anunciou o suplicante seguinte.

O pôr do sol pareceu ainda muito distante.

Hokanu descalçou suas luvas de couro de montaria.

– Onde ela está? – exigiu saber do homem vestido de branco que bloqueava sua passagem.

O criado tremendamente gordo nem se mexeu. Seu rosto brilhante e redondo como a lua ficou rígido de desagrado diante da falta de etiqueta do Senhor dos Shinzawai ao exhibir uma pressa tão indecorosa. O hadonra imperial era um homem atento a detalhes, e dirigia o vasto complexo dos aposentos particulares do Imperador no palácio com uma eficiência inabalável e fria. As traças não invadiam os armários imperiais, os servos desempenhavam suas tarefas com a precisão de um relógio bem lubrificado e esposos ansiosos não perturbavam a inspeção matinal do hadonra com ordens só apropriadas para um campo de batalha.

Imóvel na entrada do vestíbulo, o enorme homem dobrou seus antebraços carnudos.

– A esta hora, ninguém pode passar, meu Senhor.

Hokanu se conteve para não reagir com um comentário grosseiro.

– Disseram-me que minha esposa entrou em trabalho de parto há dois dias. Cavalguei desde então a toda a velocidade desde minhas terras além de Silmani e não dormi. Poderei saber se minha esposa está sã e salva e se meu herdeiro nasceu perfeito se tiver a amabilidade de me deixar passar para os aposentos dela.

O hadonra imperial contraiu os lábios. O odor das criaturas bárbaras evidente em Hokanu era uma ofensa. Por mais poderoso que fosse aquele Senhor, por mais que fosse um forte defensor da

Luz do Céu, fedia a cavalo e deveria se banhar antes de se dirigir àqueles átrios.

– Não pode passar – disse o criado, inflexível. – O Imperador solicitou uma apresentação de sobatu para esta manhã. – Referia-se a um tipo de ópera clássica, no esplêndido estilo superior, do qual só dez tinham sido compostas. E o criado prosseguiu, como se Hokanu não fosse um homem com estudos e filho de uma casa proeminente: – A Trupe Imperial Shalotobaku está ocupando os aposentos do outro lado para se vestir e, como preciso lembrá-lo, ninguém pode vê-los a não ser a família mais próxima do Imperador.

Hokanu reprimiu sua irritação. Apressado e orgulhoso demais para discutir detalhes de genealogia com um criado quando ainda não sabia o estado de sua família, permaneceu muito rígido para não desembainhar a espada, furioso, e recorrer a ameaças.

– Então, bom e fiel servo, cumpra seu dever perante os artistas do Imperador e me indique outro caminho que não passe pela ala que estão utilizando.

O hadonra firmou bem os pés e levantou mais um pouco o queixo suíno.

– Não posso sair, meu Senhor. É meu dever vigiar esta porta e assegurar que ninguém, além daqueles de sangue real, a transponha.

O comentário era mais do que a paciência de um pai ansioso poderia aguentar. Hokanu curvou o tronco como se concordasse com o pomposo respeito do hadonra pela etiqueta. Então, sem aviso, investiu contra o homem. Seu ombro musculoso e magro bateu com força na barriga do criado gordo. Houve uma explosão de ar e um grunhido. O hadonra imperial se dobrou e caiu, sem ar para gritar de indignação.

De qualquer forma, Hokanu já não conseguiria ouvir, pois começou a correr assim que chegou ao vestíbulo. Dois dias e uma noite passados no dorso de um cavalo não o tinham deixado tão

dolorido assim a ponto de não conseguir comandar mais seu corpo. Passou correndo por um grupo de homens com trajes brilhantes, alguns usando as vestes provocantes de cortesãs, e todos, sem exceção, pintados com maquiagem berrante. Saltou sobre as costas curvadas de um saganjan, a fera lendária que os heróis tsurani do passado haviam combatido; a máscara se voltou para fitá-lo, enquanto a desatenta parte central da criatura artificial tropeçava desajeitada. O ator vestindo os membros anteriores rodopiou para evitar o desastre, enquanto a parte da barriga logo atrás avançava na direção oposta. O aglomerado zigzagueou e pouco depois todo o comprimento da figura desabou numa confusão de membros esperneando e xingamentos abafados sob as escamas de tecido e couro.

Indiferente ao fato de ter derrubado um dragão, Hokanu seguiu em frente por entre a tagarelice de coristas que vestiam apenas umas poucas penas. A plumagem levantada por sua passagem caiu como neve. Esquivou-se de uma espada de madeira com flâmulas amarradas na ponta e desviou-se de um karagabuge com máscara de verniz que estendeu uma mão de anão e tentou agarrá-lo.

Ele praguejou e evitou pisar no que lhe pareceu uma das filhas imperiais, chupando os nós dos dedos e olhando fixamente para a confusão com seus olhos enormes de 3 anos. Ao ver Hokanu, lembrou-se dele como o homem que a divertira com histórias de monstros e gritou amavelmente o seu nome.

Em algumas manhãs, concluiu Hokanu, o Deus das Traquinices tirava as medidas de um homem e nenhum ato apaziguador lhe daria folga; os maus momentos aconteciam sem descanso. Teria de pagar uma multa pesada para compensar a honra do hadonra imperial, para não mencionar o valor que poderia ser exigido para aplacar a dignidade ferida de um saganjan. Estava vermelho de vergonha e suando como um cavalo quando deixou para trás o caos da trupe e subiu o corredor que levava aos aposentos de sua

Senhora dentro do Palácio Imperial.

Deparou com Misa, a aia pessoal de Mara, do lado de fora do biombo com entalhes decorativos que dava para os aposentos das mulheres. Incapaz de conter a ansiedade, foi despejando suas dúvidas:

– Como ela está?

A aia o recebeu com um sorriso radiante.

– Ah, meu Senhor! Ficaré orgulhoso. Correu tudo bem e ela é bela.

– Claro que é bela – disse Hokanu, ainda tonto de alívio e relaxando. – Casei com ela, certo?

E nem lhe passou pela cabeça parar ou questionar a explosão de risadinhas de Misa quando ele se apressou rumo ao quarto cheio de luz e arejado pela brisa onde soava a música suave da fonte do jardim externo. Ali percebeu ainda mais intensamente como estava sujo, derrapando no chão encerado na tão esperada presença de sua esposa.

Mara estava sentada em almofadas bordadas, com o corpo outra vez magro vestindo uma túnica larga. Tinha o cabelo solto e a cabeça recostada, com um sorriso de êxtase nos lábios quando ergueu a cabeça e viu o esposo de volta. E, sim, um corpinho embrulhado em tecido branco esperneava em seus braços, com olhos escuros como os dela e uma boca de cereja, e fitas do azul dos Shinzawai: seu próprio herdeiro de sangue com a Senhora que amava.

– Meu Senhor – disse Mara, deleitada. – Bem-vindo de volta. Permita que lhe apresente sua filha e herdeira, a quem chamarei Kasuma, em honra de seu irmão.

Os passos entusiasmados de Hokanu estacaram no meio do caminho.

– Kasuma – disse, num tom mais seco do que pretendia, pois a surpresa o deixara atordoado. – Mas é uma menina... – Parou,

atrapalhado, tentando absorver a situação. – Uma menina?

Mara assentiu, os olhos dançando de felicidade.

– Tome. – Ergueu a pequena trouxa, que soltou um som de satisfação. – Pegue-a, para que conheça o pai.

Espantado, olhou fixamente para a bebê.

– Uma filha. – Não foi capaz de conter as palavras.

Depois, ficou mudo de espanto, sentindo-se ultrajado pela crueldade dos deuses, por Mara só poder ter um descendente e ele ser privado do filho de que necessitava para dar continuidade à grandiosidade de sua casa.

Mara percebeu a confusão dentro dele e seu sorriso se desfez. O bebê nos braços dela foi ignorado, pois era difícil manter as mãos estendidas; ainda assim, Hokanu não se mexeu para aceitar seu peso quente nos braços.

– O que houve? – perguntou Mara, a tensão dominando sua voz. Ainda estava abatida devido ao parto e incapaz de se controlar por completo. – Acha que ela é feia? Seu rostinho vai ficar menos corado e enrugado daqui a uns dias.

Desamparado, afligido pela crescente perturbação da esposa e por sua raiva diante do destino que se revelava tão impiedoso, Hokanu balançou a cabeça.

– Ela não é feia, minha adorada Senhora. Já vi recém-nascidas antes.

Ainda segurando o bebê para que o pai o pegasse, Mara se crispou, começando a sentir-se ultrajada. Perplexa com o distanciamento do marido, encolerizou-se.

– Então, ela o desagrada, meu Senhor?

– Ah, por todos os deuses! – explodiu Hokanu, aborrecido consigo mesmo por ter perdido todas as noções de delicadeza, mas incapaz de conter a desilusão. – Ela é adorável, Mara, mas desejava ter um filho! Preciso tanto de um herdeiro forte!

Os olhos de Mara cintilaram de dor, que lentamente se

transformou em raiva. Recolheu os braços erguidos, aconchegou a pequena Kasuma nos seios e se retesou, afrontada. Friamente, perguntou:

– Está querendo insinuar que uma mulher não pode assumir o manto de uma grande casa e fazer prosperar o nome de seus antepassados? Acha que a Casa dos Acoma poderia ter obtido mais glórias se estivesse nas mãos de um homem? Como se atreve, Hokanu? Como se atreve a presumir que nossa filha pode ser algo menos do que eu? Ela não é deformada ou estúpida. Será educada sob nossa orientação. Irá personificar a honra dos Shinzawai, no mínimo, e não precisará ser um garoto presunçoso para descobrir seu caminho para a grandeza, tal como é seu destino!

Hokanu ergueu as mãos abertas. Largou-se sobre uma almofada que estava ali, confuso, cansado e com o coração dolorido pelo desapontamento que não conseguiu disfarçar. Ele queria aquilo que perdera com Ayaki e Justin: a camaradagem de mostrar a um menino o rumo de um guerreiro e a perspicácia e as artimanhas de um governante. Precisava dos laços fortes que perdera com o irmão, que partira para o mundo bárbaro; o amor de homem que nutrira por seu pai, que recentemente partira para os salões de Turakamu. Nunca poderia recuperar esses laços familiares, mas ansiara por passar sua herança a um filho.

– Você não compreende – disse em voz baixa.

– O que eu não compreendo? – gritou Mara, prestes a chorar. – Esta aqui é sua filha, gerada pelo meu corpo. Do que mais precisa em um herdeiro?

– Muito bem – disse Hokanu. – Mara, por favor, fui tolo. Claro que posso amar Kasuma.

Reagiu ante a dor que transparecia por trás da fúria da esposa e estendeu a mão para confortá-la.

– Afaste a mão de mim! – explodiu Mara, se desviando. – Pegue sua pequenina e lhe dê as boas-vindas.

Hokanu fechou os olhos. Repreendeu-se por sua habitual perspicácia aguçada tê-lo abandonado no momento mais crítico. Teria sido melhor se o saganjan tivesse caído por cima dele, ou se o hadonra imperial tivesse levado a melhor, do que ter irrompido nos aposentos de Mara para fazer aquela trapalhada. Estendeu as mãos, pegou a bebezinha enfaixada dos braços da mãe e a embalou. Seu coração se aqueceu com o bater do coraçãozinho de Kasuma. Os pequenos lábios rosados se franziram e os olhos se abriram para mostrar duas puras joias naquele rostinho enrugado e vermelho. Era encantadora e bela e, efetivamente, sua herdeira, mas não conseguiu abater sua desilusão por não ser um menino.

Hokanu ponderou suas alternativas, já que Mara não poderia ter mais descendentes. Poderia ter uma amante, ou uma cortesã, e ter um filho para os Shinzawai. Mas sentiu uma forte repulsa só de pensar em outra mulher em seu leito. Não, não queria mulheres à disposição para procriar. A maioria dos Senhores não pensaria duas vezes, mas Hokanu achou a ideia repugnante.

Olhou para baixo e viu Mara chorando.

– Minha esposa – disse, em tom meigo –, você me deu uma filha perfeita. Eu não tinha o direito de estragar o que deveria ter sido um momento de alegria.

Mara reprimiu um soluço. Após semanas no Palácio Imperial, assistindo aos Conselhos como conselheira de confiança, tomara consciência das facções que tentavam debilitar a autoridade do trono dourado. Sentiu as marés políticas se agitarem para perturbar as últimas mudanças e restaurar a antiga e sangrenta ordem do cargo de Senhor da Guerra. Como uma lâmina encostada ao pescoço, sentiu quão próximo as Nações estavam de uma total guerra civil. Agora, mais do que nunca, precisavam apresentar uma frente sólida em face das facções que preferiam o governo tradicionalista.

– Kasuma integra a nova ordem – disse a Hokanu. – Deverá

transportar a tocha depois de nós e terá Justin como irmão. Liderará exércitos, se for necessário, assim como ele se esforçará, sem recorrer à força das armas, para manter a paz que será necessária para construir um futuro melhor.

Hokanu partilhava esse sonho.

– Sei disso, minha amada, e concordo.

Mas ele não foi capaz de ocultar por completo sua mágoa nem a desilusão por seus sonhos não terem a forma de um menino que pudesse partilhar seu amor por jogos viris.

Mara percebeu a meia verdade por trás de seu tom de voz. Ficou visivelmente tensa quando pegou de novo a criança, as mãos afagando o cobertor que cobria a pequena Kasuma. O fato de Hokanu não conseguir abraçar o conceito de sua primogênita como herdeira era algo que ela não conseguia perdoar de imediato, pois não sabia que o sacerdote de Hantukama o informara de que ela não poderia ter mais filhos.

Essa informação Hokanu manteve só para si, embora soubesse que, se quebrasse o silêncio, Mara compreenderia de imediato. Olhando para ela e reparando que tinha o rosto magro e envelhecido pela preocupação depois de sua permanência no Palácio Imperial, decidiu que o pequeno distanciamento na relação se consertaria sozinho com o passar do tempo, mas a dor de saber que se tornara estéril poderia nunca a abandonar. Ela que se agarre à esperança, pensou, com o olhar cada vez mais caloroso, voltando-se para Mara e para sua filha recém-nascida, mas permanecendo sempre distante.

– Nós daremos um jeito – meditou, inconsciente de que estava falando em voz alta. Em seguida, recordando as palavras de alerta do Grande Fumita, acrescentou: – Peça aos deuses, contudo, que os Shinzawai não tenham desavenças com Jiro dos Anasati. Isso geraria uma complicação que nenhum de nós conseguiria suportar.

Mara estava olhando para ele de maneira estranha. A preocupação dela com a bebezinha foi sobrepujada por uma

desagradável lembrança, reparou Hokanu ao olhar através do quarto iluminado e interpretar sua expressão.

– O que foi, meu amor? – perguntou.

Sua dor não fora esquecida, apenas temporariamente colocada em quarentena; então, ela respondeu num tom cortante:

– Más notícias. Arakasi concluiu sua missão contra o *Obajan* da Seita dos Hamoi e trouxe aquilo.

Inclinou a cabeça para o diário que estava sobre uma mesa lateral. Hokanu foi até lá para examiná-lo. A escrita era carregada e as palavras pareciam estar em código. Hokanu ia perguntar onde fora obtido o diário e qual sua importância quando reparou na marca d'água no pergaminho, levemente realçada em relevo no local onde o sol brilhava. O rolo, com a configuração do padrão na forma da flor da Seita dos Hamoi e com suas horríveis linhas pretas, só poderia ser o registro dos assassinatos contratados. Ainda consciente, e de modo penetrante, do olhar fixo da mulher sobre ele, o Senhor dos Shinzawai disse:

– O que é isto?

Mara inspirou profundamente.

– Meu amado, lamento. Seu pai tinha vários inimigos. Sua morte não se deveu à idade ou a causas naturais, mas a um veneno desconhecido aplicado por um pequeno dardo durante o sono. A morte dele foi executada por um assassino da seita em serviço pago por Jiro dos Anasati.

A expressão de Hokanu se tornou dura, a carne sobre o crânio tensa devido ao choque como a pele de um tambor.

– Não – murmurou, descrente, apesar de consciente da verdade das palavras de Mara.

Pensou, sob essa nova perspectiva, no aviso de Fumita no funeral e percebeu que seu verdadeiro pai, um mago, tinha de alguma forma conhecimento da intervenção da seita na ordem natural das coisas.

A dor o atormentou de novo, pelos dias de Kamatsu terem sido encurtados, por terem roubado os últimos dias sob o sol de um idoso sábio e astuto.

Era um ultraje! Um insulto à honra! Um Senhor dos Kanazawai fora prematuramente enviado para os salões do Deus Vermelho e, com ou sem aviso, com ou sem Assembleia, Jiro dos Anasati teria de responder pela ofensa. A honra da família e do clã exigia uma morte para equilibrar as coisas.

– Onde está Arakasi? – perguntou Hokanu em tom rude. – Quero falar com ele.

Mara balançou a cabeça com pesar.

– Ele entregou o rolo de pergaminho e desvendou o código para poder ler seus segredos. Depois pediu dispensa para resolver uma questão pessoal de honra. – Mara não mencionou a quantia que ele requisitara nem que o motivo envolvia uma jovem. – O ataque ao *Obajan* foi audacioso e tremendamente arriscado. Foi um feito ele sobreviver. Concedi-lhe o pedido.

Franziu levemente o cenho ao se lembrar da conversa e que na altura tinha pensado que ele jamais pediria aquele favor numa época tão perigosa se não fosse o grande tumulto dentro de seu coração. Por fim, Mara concluiu:

– Quando puder, dará notícias.

Só o Mestre dos Espiões estava realmente ciente do potencial explosivo do conteúdo do rolo com os registros da seita. Lá estava discriminado muito mais do que a morte de Kamatsu: havia outros assassinatos ainda por serem executados nos registros, ao lado dos pagamentos monetários feitos pelos Senhores que desejavam a morte de rivais ou inimigos.

Qualquer tipo de assassinato era uma desonra, tanto para a vítima como, se a verdade fosse descoberta, para a família que pagara o serviço. O rolo em que Arakasi colocara a mão continha informações muitíssimo delicadas, capazes de lançar o Império num

caos de famílias em conflito, todas sedentas de vingança, tal como Hokanu estava. Mas o fato de Kamatsu ter morrido pelo dardo de um assassino era uma afronta que ela não poderia deixar passar em branco. As palavras de Mara se mostraram duras como ferro bárbaro:

– Meu esposo, não temos escolha. Precisamos encontrar uma forma de contornar o decreto da Assembleia para derrubarmos o Senhor Jiro dos Anasati.

– Temos de fazer isso também por Ayaki – interrompeu Hokanu.

Nunca iria esquecer a visão do menino morrendo, com o enorme corcel negro caindo sobre ele.

– Não. – A palavra de Mara exibiu um leve remorso. – A questão de Ayaki está resolvida. – E, com lágrimas nos olhos, contou a Hokanu a contenda pessoal do *Obajan* com a Casa dos Acoma, nascida de um truque de Arakasi, que causara a morte de cinco agentes dos Minwanabi, para pôr fim a uma ameaça de espionagem do inimigo. – A seita ficou ofendida com os Acoma – concluiu ela. – Agiu por iniciativa própria para acabar com minha linhagem, operando fora do âmbito do contrato assinado com Tasaio dos Minwanabi. – Sua última frase foi proferida num tom amargo. – Falharam. O *Obajan* morreu adequadamente pelas mãos de Arakasi.

Hokanu olhou para ela, dura como uma rocha, com sua maternidade esquecida diante dos pensamentos sombrios e da política sangrenta. Kasuma agitou-se diante da falta de atenção, seu rosto se franzindo como a anunciar o início de um sonoro choro.

– Minha esposa – disse ele, triste e furioso, assim como frustrado pelas injustiças da vida –, vamos para casa.

Hokanu ficou com pena da esposa quando os olhos de Mara se voltaram para ele, marejados por lágrimas contidas.

– Sim – concordou ela –, vamos para casa.

Só que não foi na bela propriedade ao lado do lago que ela pensou ao proferir a palavra, mas na ampla propriedade com pastos

onde passara a infância. Subitamente, forte e irresistivelmente, desejou voltar às terras de sua família. Ansiou por lugares conhecidos e pelas recordações do amor de seu pai, e por outra época, quando ainda não tinha provado pela primeira vez o embriagante vinho do poder e do governo. Talvez na terra onde nascera pudesse lidar com as mágoas e com os medos relativos à Casa dos Acoma e à Casa dos Shinzawai.

Segredos

Mara suspirou.

Cheia de calor, cansada e desanimada após a viagem até a propriedade original dos Acoma, sentiu-se livre do sol da tarde ao visitar os túneis dos cho-ja, um refúgio quase esquecido. Seu casamento com Hokanu e a ótima relação que tinham substituíram a necessidade de tal conforto. Mas antes disso, em seus primeiros anos como Governante, a escuridão com aroma de especiarias das passagens subterrâneas cheias de trabalhadores apressados fornecera uma sensação de proteção quando perigos aparentemente insuperáveis a oprimiam por todos os lados.

No entanto, na época os perigos vinham de conspirações de inimigos humanos. Apesar de terem lhe parecido dificuldades avassaladoras, desagradáveis como seu primeiro casamento com um filho dos Anasati fora na época, nunca conseguiria imaginar as provações que ainda viriam atormentá-la. Os abusos físicos tinham sido substituídos por feridas na alma, uma traição por parte do único homem que verdadeiramente compreendera seu coração. Fosse qual fosse o ferimento que Jiro dos Anasati pudesse dissimuladamente lhe infligir no futuro, seus verdadeiros inimigos eram os magos, que por capricho poderiam aniquilar o nome dos Acoma e até a lembrança de sua existência. Eram os decretos deles que protegiam Jiro enquanto ele conspirava contra Mara.

O assassinato de Kamatsu deixara um intenso aperto de raiva no

peito de Mara. E um medo que nunca deveria ser revelado por um tsurani. O orgulho da casa levava a um constante ranger de dentes. Mara se sentira assim antes, quando enfrentara inimigos, mas nunca durante um período tão grande, e nunca diante de um problema tão grave. Tudo o que ela amava estava sob ameaça. Desde a perda de Ayaki, a tensão se tornara familiar a ponto de ela ter esquecido o que era dormir e sonhar sem pesadelos.

A escuridão subterrânea a protegeu. Isolada em seu silêncio, mas não sozinha, descontraíu-se quando sua liteira avançou ainda mais dentro dos túneis familiares da colmeia. Seus carregadores passaram com dificuldade entre a confusão de cho-ja. Ouviam-se ordens em tons agudos dos soldados e o retinir dos membros anteriores quitinosos por todos os lados quando os Líderes de Patrulha insetoides batiam na cintura para saudar a comitiva. Sabendo que sua pausa era apenas temporária, Mara se rendeu à ilusão de alívio. Por um momento, sentiu-se de volta ao passado, aos dias em que suas responsabilidades e preocupações ainda eram escassas. As barreiras interiores baixaram e uma umidade se acumulou em seus olhos. Ela mordeu os lábios, mas não afastou as lágrimas.

Na colmeia dos cho-ja, parcamente iluminada pelo brilho azul-violeta dos globos de luz, sua fragilidade passaria despercebida. A preocupação, a frustração, a dor diária por sua incapacidade de reparar os males feitos à sua família pelos Anasati, tudo isso se juntou para oprimi-la. Já não podia negar o que sentia. A morte de duas crianças, a quebra na harmonia com o esposo e confidente mais próximo, tudo ameaçava subjugar-la.

Os anos em que Mara se tornara mais confiante e capaz de dominar qualquer situação lhe pareceram distantes. Sua ascensão a uma posição dominante no honrado e ancestral Jogo do Conselho revelou-se um feito inútil, já que o decreto da Assembleia impedia as tradicionais formas de vingança diante das afrontas infligidas à

honra. A política e a intriga deram uma reviravolta na direção de caminhos não tradicionais. A vantagem de que Mara sempre usufruía, de romper as convenções, era algo que agora de nada lhe valia, pois todos os Governantes do Império competiam fervorosamente para arquitetar novas formas de dominar rivais ancestrais.

As velhas formas de agir tinham sido todas derrubadas.

Até a destruição da Seita dos Hamoi e o conhecimento irrefutável da culpa de Jiro dos Anasati pouco alívio trouxeram, pois, apesar de ter sido posto um fim a uma ameaça aos Acoma, ainda assim os Grandes a impediam de se vingar de um profundo insulto à honra.

A viagem de volta às terras de seus antepassados, numa barca fluvial, fora um esforço para pôr de lado a dor e a agitação, porque, na verdade, ela não dispunha de um refúgio intocado em que pudesse procurar soluções para os dilemas que a atormentavam.

Mara fechou os olhos, embalada pelo leve balançar, enquanto os carregadores desciam para as profundezas dos túneis. O ambiente ali era mais quente, espesso com os aromas estranhos da colmeia. Os globos de luz estavam espaçados a intervalos cada vez maiores e os ajuntamentos de trabalhadores atarefados eram cada vez menores. A batida das sandálias humanas se sobrepôs aos estalidos das patas quitinosas. Mara percebeu que sua comitiva se aproximava da caverna da rainha. Mas o caminho já não era completamente familiar.

Desde sua última visita, paredes e arcos grosseiramente erguidos tinham sido polidos ou esculpidos e exibiam tapeçarias cuidadosamente pintadas. Apesar de a disposição das cores e das franjas ser pouco habitual aos olhos humanos, o efeito era belo. As diferenças ali pareceram estranhamente contrárias às impressões deixadas por recordações imaculadas. A não ser pelo cabelo grisalho que começava a surgir em suas têmporas, Mara parecia visitar a infância. A casa onde brincara quando criança, onde se casara, dera

à luz e adquirira o gosto pelo poder, inicialmente parecera a mesma – até se lembrar com uma pontada no estômago de que o silêncio imperava onde outrora um jovem filho correria ruidosamente pelos corredores.

Sentiu uma profunda solidão. Ayaki não fora o único ente querido que perdera. As terras familiares demais trouxeram dor juntamente com o conforto. Por todos os deuses, como ela ansiava rever seu bárbaro ruivo, Kevin de Zun, que lhe ensinara o significado do amor e da feminilidade ali nos jardins de kekali. E Nacoya, que no passado fora sua ama e Conselheira-Mor, cujos modos severos e conselhos sábios na maioria das vezes evitaram desastres. Embora Kevin frequentemente a irritasse com suas teimosias e falta de modos e Nacoya por vezes se revelasse um estorvo, sentia saudade de ambos.

A compreensão que partilhara com Hokanu, que substituíra as relações perdidas, havia lhe parecido uma defesa infalível até então. Contudo, uma sombra pairava entre eles desde as dúvidas após o nascimento da filha. Ainda guardando rancor, Mara esfregou o rosto com os punhos de seda fina. O tecido iria ficar úmido, mas não quis saber. Fora preciso que praticamente toda a sua linhagem fosse eliminada para Hokanu entender a necessidade de nomear Justin como herdeiro dos Acoma. O fato de ela ter precisado sofrer a perda do primeiro bebê para convencê-lo causara uma dor menor do que a atual!

Agora, a incompreensível relutância de Hokanu em aceitar Kasuma como primogênita dos Shinzawai erguia outra parede entre eles. Aparentemente, um filho, e apenas um filho, poderia satisfazê-lo. Como se não fosse possível, no futuro, eu carregar um filho dele no ventre, pensou Mara, enfurecida, ou como se ele não tivesse a liberdade, como Governante, de se deitar com uma dúzia de concubinas para resolver o problema. Não, a mensagem por trás do comportamento dele era dolorosamente nítida: aquilo que aceitava

na esposa era inaceitável numa filha – o fato de uma mulher ter valor para governar uma grande casa.

Como fizera tantas vezes quando se sentira desencorajada pelo desespero, Mara se dirigiu aos túneis dos cho-ja à procura de outra perspectiva, um ponto de vista diferente que pudesse lhe inspirar novas ideias.

Um leve toque despertou Mara de seus pensamentos; Lujan apontou com a cabeça para a frente, avisando-a de que haviam chegado à câmara da rainha.

Quando sua liteira transpôs o último arco, com suas fileiras repletas de sentinelas agachadas e tão imóveis que poderiam se passar por estátuas pretas polidas, Mara se recompôs. Ao entrar na enorme caverna, recorreu a um velho cântico meditativo para disfarçar sua indignação. Quando os carregadores a abaixaram diante do grande dossel, já recuperara uma postura adequada.

A rainha dos cho-ja dominava a câmara, com sua grandeza suportada por um enorme pedestal de terra. Mara se lembrou de como ela era minúscula quando se conheceram, bem longe, na colmeia onde nascera. A delicada criatura se desenvolvera, atingindo seu tamanho final no primeiro ano na propriedade dos Acoma. Seu tamanho era muitas vezes superior ao de seus acompanhantes, fazendo com que até o maior de seus guerreiros parecesse pequeno. Curiosamente, o tórax e a cabeça mantinham o tamanho original. Trabalhadores se esfalfavam ao redor de seu corpo gigantesco para mantê-la limpa e confortável enquanto ela produzia os ovos que davam vida às diferentes classes de cho-ja: guerreiros, trabalhadores especializados em qualquer um dos ofícios diferentes e, caso a colmeia se tornasse próspera a ponto de ficar superpovoada, uma nova rainha.

Mara fez uma saudação com a cabeça, tal como era adequado entre iguais.

– Saudações, Senhora dos Acoma, Serva do Império – disse a

rainha em seu tom agudo bem nítido acima do ruído dos trabalhadores na galeria.

– Honra para a sua colmeia, rainha – replicou Mara enquanto Lujan a ajudava a se sentar nas almofadas que a aguardavam.

A rápida comunicação dos cho-ja era ainda um mistério para Mara; de alguma forma, a rainha parecia saber de antemão de sua chegada e, pelo que dava para perceber, a governante da colmeia parecia apreciar tais visitas. Mara deixara de tentar compreender os cho-ja à luz do entendimento dos humanos; viver com um bárbaro de outro mundo lhe ensinara que insistir em tentar ver o mundo pelos olhos tsurani a deixava cega a novas perspectivas.

Enquanto Lujan supervisionava a localização e a disposição de sua guarda de honra, criados trouxeram doces e chá de Midkemia para que saboreasse e compartilhasse com os cho-ja. Contrariando as previsões pessimistas de Jican após o envenenamento executado pelo falso mercador midkemiano, Mara desenvolvera grande apreço pela bebida forte. Como não desperdiçava oportunidades, vencera os próprios problemas e monopolizara o mercado de chá, café e chocolate.

Assim que foram concluídas as formalidades, durante as quais provaram o chá, a rainha inclinou a cabeça de um modo que Mara interpretou como uma pergunta.

– O que a traz aqui, Senhora Mara? As amostras destas delícias poderiam ter sido enviadas por um mensageiro.

Mara se atrapalhou, sem saber o que responder. Sua hesitação era tão pouco habitual que Lujan quebrou sua formalidade de guerreiro para olhá-la de soslaio, de modo a se assegurar de que nada faltava. Ao tomar consciência, pelo seu lapso, de que o silêncio poderia ser mal interpretado como duplicidade, Mara optou pela honestidade, embora se arriscasse a parecer tola.

– Não tenho qualquer propósito estabelecido, a não ser sua sabedoria.

A rainha se manteve em silêncio. À sua volta, seus assistentes se exauriam em suas tarefas. Os guardas de honra permaneceram agachados e imóveis, mas Mara sabia como poderiam reagir depressa se ordenado. Desconfortável com a possibilidade de transgredir alguma etiqueta daquela espécie, resistiu ao impulso de prosseguir com desculpas. Se os ofendesse e depois demonstrasse fraqueza diante da força dos cho-ja, poderia nunca escapar com vida daqueles túneis.

Como se pressentisse o desconforto de sua convidada, a rainha disse:

– Muitos de seus conceitos nos são desconhecidos, Senhora dos Acoma. Isso que chama de “sabedoria” é uma dessas coisas. Suas tonalidades humanas indicam uma ideia vinda de uma geração passada para uma mente com menos experiência de vida. Perdoe-me, não quero deixar implícito que nossa espécie é de alguma forma superior à sua, mas nossa consciência não é isolada. Segundo seus termos, a mente da colmeia que compartilhamos já persiste há milênios. Para nós, sua perspectiva é efêmera, amarrada como está à duração de uma vida humana. Do mesmo modo que nós, cho-ja, conseguimos compartilhar algo que não compreendemos, iremos tentar ajudá-la.

Então a rainha cruzou seus membros anteriores minúsculos e vestigiais, demonstrando paciência.

Mara fitou sem ver a borra de seu chá. Tinha a noção de que a individualidade cho-ja era diferente na mente da colmeia; a autonomia pessoal não existia na cultura deles e apenas séculos de interação entre as duas espécies permitiram aos insetoides entender a ideia de identidade humana isolada e independente do todo. A individualidade, segundo o conceito da colmeia, continha ironias intrigantes e contraditórias. As noções tolas de alguém agir contra os próprios interesses ou os da própria família pareciam uma insanidade de proporções irremediáveis na perspectiva dos cho-ja. E

sem tolices, pensou Mara ironicamente, o processo de aprendizagem não poderia ter significado: o termo abstrato “sabedoria” era efêmero demais para o entendimento da colmeia.

Mara franziu o cenho e tentou de novo:

– Em minha curta experiência, seus conselhos e os de alguns humanos me ensinaram que habito um mundo pequeno. Até há pouco tempo, achei que detinha algum controle sobre este mundo.

Não precisou voltar a se referir ao destino de Ayaki nem a nenhum outro acontecimento. A notícia da intervenção da Assembleia na disputa entre ela e os Anasati se espalhou até as províncias mais remotas das Nações e, apesar de os cho-ja não poderem compreender todas as nuances das questões humanas, compreendiam de modo eficaz todos os acontecimentos.

Talvez a mente da colmeia tenha sentido que a interdição da Assembleia estivesse na raiz das perguntas de Mara; com certeza, algo os deixara de sobreaviso. Apesar de, via de regra, a rainha se sentar pesadamente e imóvel, pela primeira vez, ao menos na frente de Mara, os assistentes ao redor passaram de um ritmo frenético para uma imobilidade absoluta. Toda a atividade no enorme salão cessou, apesar de aparentemente não ter sido dada qualquer ordem pedindo silêncio.

O desconforto de Mara se fundiu ao medo.

Já fazia tempo que a rainha revelara que as alianças dos cho-ja eram vendidas como se fossem mercadorias. Mara pagara somas enormes pela lealdade das colmeias em ambas as propriedades. Estremeceu só de pensar que a influência dos Grandes poderia se estender até ali e que, por palavras ou dedução, poderia atrair o castigo deles. Um terremoto forjado por feitiço, mesmo que fosse apenas uma fração do que abalara a Cidade Sagrada quando o Manto Negro Milamber fizera uma demonstração de seu poder, devastaria por completo aqueles túneis. Arcos e abóbadas virariam pó e toneladas de terra negra desabariam... Tomando consciência do

quanto suas mãos tremiam, Mara as enfiou nas mangas. Não poderia pensar. Apenas agir. E, na verdade, a rainha não falara nada que indicasse mudança na aliança da colmeia.

Tudo o que restava era aguardar.

O silêncio se tornou assustador de tão intenso. A certa altura, os sentidos eriçados de Mara detectaram um leve zumbido, forte como o agitar das asas de insetos. Imaginou se aquele som poderia indicar alguma espécie de comunicação de longo alcance e depois concluiu que era isso mesmo, já que a rainha falou com a autoridade própria de alguém que tomara uma decisão:

– Mara dos Acoma, você chegou a uma conclusão que, arrisco dizer, seu povo poderia qualificar como sensata. Concluiu que vive num mundo pequeno. Seria bom ultrapassar as fronteiras desse mundo e procurar outros mundos que coexistam com o seu.

Mara mordeu o lábio, pensando depressa. Por trás da etiqueta empolada e cautelosa das palavras da rainha dos cho-ja percebeu certa relutância. Alerta para a possibilidade de uma oportunidade escondida, Mara quis obter mais informações:

– Que tipo de mundos devo procurar?

Os trabalhadores permaneceram imóveis quando a rainha respondeu:

– Antes de mais nada, o mundo de Kelewan. Você nos visitou com frequência, algo que nenhum nobre de seu povo fez antes. Mesmo na origem das Nações, quando nossas duas raças forjaram o tratado que ainda persiste, nenhum Senhor tsurani tentou essa via.

Mara ergueu as sobrancelhas. Nenhum pergaminho de registros históricos se referira a um acordo formal entre os cho-ja e os humanos. As relações entre os tsurani e os cho-ja eram ditadas pela tradição, ou assim ela pensava, tal como todos os outros fatores da vida e da cultura tsurani. Contudo, as Nações remontavam à antiguidade; tal como a rainha recordara de modo tão perspicaz, a memória dos humanos era curta.

– Nunca ouvi sobre esse tratado a que se refere. Pode me falar mais dele?

O enorme corpo da rainha permaneceu de tal forma imóvel que por um momento poderia ser confundido com um monumento envernizado de preto.

– Isso é proibido.

Espantada, Mara esqueceu a tranquilidade fantasmagórica e as posturas imóveis dos trabalhadores de procriação. Suas palavras ecoaram quando falou bruscamente:

– Proibido? Por quem?

– Isso é proibido!

Imediatamente cautelosa diante do tom cortante da rainha, Mara refletiu sobre o assunto. Se fora grosseira, isso não a levaria a ser expulsa da câmara real. Embora os nós dos dedos de Lujan tivessem ficado brancos pela pressão exercida no punho de sua lança, os guerreiros da Rainha continuaram acorados em posição de descanso. Pressionada pela curiosidade e pela necessidade de assumir riscos, Mara achou que as reticências da rainha poderiam ter origem numa fonte externa. Ao que sabia, os cho-ja não seguiam nenhuma religião nem tinham qualquer devoção, tampouco acreditavam em deuses e forças além da natureza terrena. Se a proibição não era celestial, o que mais restava? A tradição? Mara rejeitou tal ideia, pois os cho-ja eram mercenários, segundo os padrões humanos. Sua consistência se devia mais ao consenso da colmeia do que aos hábitos. Um pacto secreto parecia pouco provável, já que a consciência da colmeia rejeitava o próprio conceito: a privacidade era possível apenas entre mentes individuais.

Avançando com muito tato, Mara resolveu se arriscar:

– E quanto aos cho-ja? Qual é a história de sua raça?

A rainha fez estalidos com as pinças dianteiras em resposta, um impulso de origem desconhecida. Salvo pelo fato de que seus assistentes haviam permanecido imóveis em seus lugares, seu tom

era o de uma conversa.

– Estamos presentes desde o Início, tal como qualquer outra raça, em desenvolvimento e adquirindo conhecimentos. Houve um momento, há muitas eras, em que nos limitamos a viver. Éramos uma das muitas inteligências que procuravam seu lugar num mundo rico e que lutou na época em que o homem apareceu...

– A Ponte Dourada? – interrompeu Mara, tentando ligar os pontos com o que conhecia das origens do próprio povo.

– Isso nos diz nossa história – falou a rainha. – Os olhos dos cho-ja não testemunharam a chegada, mas num dia não havia homens e no dia seguinte uma nação de refugiados estava acampada na costa que chamam de Cidade das Planícies.

– Vocês têm lendas sobre a Ponte Dourada? – perguntou Mara, mal conseguindo ocultar seu entusiasmo.

– Lendas? – A rainha mexeu um membro anterior, em possível desaprovação. – A palavra denota um exagero implícito ou um embelezamento baseado em recordações imperfeitas. Por favor, não se ofenda com minha franqueza, mas nossa espécie não precisa dramatizar para a posteridade. Nós nos lembramos.

Mara sentiu o coração acelerar.

– A senhora está me dizendo que seu povo mantém esse conhecimento na mente da colmeia? – perguntou, sondando cautelosamente a rainha, pois sentiu que algo importante estava implícito naquilo. – Ou que efetivamente se lembram, como se tivessem visto com os olhos de seus antepassados?

– Nós somos uma mente e um povo. – Sem qualquer sinal visível por parte da rainha, os assistentes de procriação voltaram de repente às suas habituais e frenéticas funções. – O que é vivido por um é compartilhado por todos, exceto quando alguém morre isolado, distante dos outros.

Aliviada por voltar a uma temática menos delicada, Mara ponderou as implicações daquilo. Já fazia muito tempo que tinha

consciência de que as mensagens pareciam chegar às outras colmeias com uma velocidade incrível, mas nem em seus devaneios mais loucos concebera a possibilidade de tais comunicações serem simultâneas.

– Pode... falar com a voz de alguém que esteve presente...?

Sua mente se esforçou para abarcar o conceito grandioso de uma consciência que detinha total conhecimento do passado.

A rainha estalou as mandíbulas, divertindo-se.

– Nós estivemos lá, Mara. Explicando de um modo compreensível aos humanos: eu estive lá... não neste corpo, naturalmente, nem sequer com esta mente, mas... nós estivemos lá. Aquilo que meus antepassados viram é algo que eu conheço tal como eles conheceram.

Mara fez um sinal a um criado para que lhe enchesse a xícara, esquecendo que a água já deveria estar fria. Lujan conteve um sorriso quando percebeu como ela estava concentrada. Embora não fosse dotado de uma capacidade de entendimento tão ágil quanto a de sua Senhora, já a vira muitas vezes em situações semelhantes, transformando na arena política conhecimentos obscuros em vantagens, para considerar tudo aquilo um mero capricho. Não sendo nenhum imbecil, também era capaz de imaginar o impacto profundo da revelação da rainha. O que quer que um cho-ja tivesse observado era recordado por todos os outros ao longo dos séculos. Intrigado, observou Mara levar a conversa mais uma vez para terrenos delicados:

– E o que aconteceu aos cho-ja desde a chegada dos homens?

Os assistentes continuaram envolvidos em suas tarefas enquanto a rainha respondia:

– Éramos os primeiros entre muitos, embora não tão numerosos quanto agora. Éramos obrigados a competir com outras raças, os thun, os nmmongnum, os cha-desh, os sunn.

De todos esses nomes, Mara conhecia apenas os thun. Resistiu à

tentação de se desviar do tema para tentar obter mais detalhes. Se sobrevivesse para encontrar meios de garantir sua segurança diante do poder dos magos, teria ainda muito tempo para alimentar seu fascínio.

A rainha, parecendo pressentir a inclinação curiosa da convidada, ou talvez por outros motivos mais delicados, optou por continuar revelando apenas detalhes:

– Nossos guerreiros são gerados para nos proteger; os cho-ja nunca atacam outros cho-ja, apenas em tempos de fome, quando uma colmeia pode competir com outra para que apenas a mais forte sobreviva. O desafio de uma colmeia em prol da sobrevivência é lançado sem ódio; matar não faz parte de nossa natureza. Mas, contra outras raças, não hesitamos em combater, pois elas têm uma noção diferente do lugar que ocupam no mundo.

Após um breve instante de silêncio, proseguiu:

– As colmeias perderam muitas vidas desnecessariamente, pois vieram ao nosso encontro seres terríveis, que desrespeitavam todas as leis, que lutavam por mais do que alimento ou proteção. Faziam guerra por amor à chacina, foi o que nos pareceu na época, assim como ainda hoje. Pegaram terras que não precisavam e iniciaram batalhas para se premiarem com um tipo de conceito idealizado, que nos é incompreensível, chamado honra.

O sangue sumiu do rosto de Mara.

– Tsurani.

– Humanos – corrigiu a Rainha, com uma tristeza gentil. – Encaramos você e os seus de maneira diferente, Mara, mas a mente da colmeia bem o sabe: nenhuma raça neste mundo que chamam de Kelewan é capaz de se igualar a seu povo em maldade, pois os homens conseguem lutar sem motivo. À medida que seu Império crescia ao longo dos anos, nós, os cho-ja, nos empenhamos em resolver todos os assuntos pendentes entre nosso povo, embora, repetidamente, os humanos aparecessem, à procura de uma coisa

ou outra, desse direito ou daquele. E, quando recusávamos ceder a seus termos inaceitáveis, seguia-se um banho de sangue. Muitas vezes desistimos da luta, pensando que o assunto já estava encerrado, mas apenas para sermos atacados de novo por questões ilógicas. No fim, nós nos rendemos.

Mara tamborilou com os dedos na xícara e ficou observando a ondulação que atravessou a superfície da bebida fria.

– Vocês foram forçados a fazer um acordo?

Os ocupantes da câmara ficaram instantaneamente imóveis e o tom vibrante da rainha se tornou cortante:

– Isso é proibido!

Os olhos de Mara se arregalaram.

– Está proibida por nós de falar?

– Isso é proibido.

Convencida de que não a ofendera, mas sim de que a rainha deveria estar restringida por algum termo que os cho-ja não podiam violar ou que teriam jurado não desrespeitar, Mara permitiu que seus pensamentos dessem um salto à frente:

– Quem detém o poder para silenciá-los? A Assembleia? O Imperador?

– Isso é proibido.

Mara afrouxou o aperto na mão antes que estilhaçasse a xícara de porcelana delicada.

– Perdoe minha curiosidade. Irei procurar respostas em outro lugar. – Tremendo de preocupação e de frustração, Mara fez uma nova tentativa: – Que outros mundos devo conhecer?

A tensão na câmara não diminuiu de intensidade. Mara prendeu a respiração enquanto a rainha se mantinha em silêncio; o zumbido subliminar mais uma vez percorreu os túneis. Ela acabou estalando as mandíbulas e falou:

– Há apenas duas coisas que posso dizer sem violar meu dever. Primeiro, há aqueles que, em proveito próprio, procuram confrontá-

la, dos quais você deve se proteger. Escute bem, pois nós sabemos. Virá o dia em que deverá defender seus Acoma contra poderes considerados supremos.

Mara soltou o ar preso nos pulmões, sentindo-se subitamente enjoada. Deixou de lado a xícara de chá antes que seus dedos, trêmulos, a deixassem cair. Os únicos poderes considerados supremos em Tsuranuanni eram a vontade do Céu e a Assembleia de Magos. Como os cho-ja não seguiam qualquer religião, a referência da rainha não poderia ser mais assustadoramente clara. Os Acoma teriam de vencer os Grandes.

Enquanto Mara se debatia para manter a compostura, a Rainha prosseguiu:

– Talvez, Senhora, devesse perguntar a si mesma: se existem outros mundos, onde eles estão?

Mara se esforçou para refletir, apesar dos perigos desconhecidos que pairavam, fundos como um abismo, diante dela.

– Refere-se a Midkemia, para além do Portal?

– Pode ir até lá através do Portal forjado pelos Grandes, mas onde fica Midkemia no cosmos?

Mara, estupefata, ficou tensa. Não compreendia aquela última palavra. Todos os termos tsurani que conhecia se referiam a “arco do céu” ou “campo de estrelas”. A rainha dos cho-ja estaria insinuando que Midkemia se situava no céu com os deuses? Tal conceito era absurdo. Risível, até! Todavia, Mara aprendera a não desrespeitar as crenças dos outros. Uma guerra ocorrida no deserto de Tsubar assim lhe ensinara, tal como inúmeras discussões frustrantes com seu amante bárbaro, Kevin. Embora ela, com diplomacia, mantivesse seu próprio desígnio, sua surpresa dúbia se revelou à percepção apurada dos cho-ja.

– Seria menos desafiador para você pensar que existe uma infinidade de mundos cuja distância daqui poderia ser percorrida a pé durante sua vida? – interrogou a rainha.

Seus assistentes tinham despertado de novo da imobilidade e estavam outra vez andando de um lado para outro na alcova com as cortinas puxadas para o lado revelando as câmaras que abrigavam os ovos.

Completamente atordoada, Mara tentou descobrir o sentido das palavras da rainha. Não se tratava de um mistério criado por padrões de pensamento estranhos; em termos humanos, a rainha quase parecia conduzi-la em um ka-ta-go, um jogo de adivinhações apreciado pelas crianças tsurani em que as dicas e as sugestões levavam dois rivais a uma disputa para nomear qualquer objeto, animal ou planta que as respectivas equipes oponentes pudessem escolher. Mara constatou que estava deliberadamente sendo guiada à margem do assunto que a rainha fora proibida de abordar. Depois de uma profunda reflexão, disse:

– Poderia ir a muitos lugares para além das fronteiras deste Império antes de chegar minha hora de morrer.

– Sim. – As mandíbulas da rainha se moveram de um modo que parodiava um sorriso humano. – Certamente poderia.

Um encorajamento. Talvez uma confirmação direta. O entusiasmo de Mara cresceu.

– Thuril!

A rainha, cuidadosamente, não se comprometeu.

– Há outros. Considere as fronteiras de suas Nações.

Convencida agora de que a informação que procurava fora recusada, Mara seguiu ardentemente em frente:

– Mais além... – Claro! Que ingênua fora! Tal como a maioria dos tsurani, considerava que todas as nações estavam sob o jugo do Império, exceto a Terra Perdida de Tsubar ao sul e Thuril a leste. Em tom suave, perguntou: – Vive alguém a leste da Confederação Thuril?

– São conhecidos como chadana – respondeu de pronto a rainha.

– Humanos? – sussurrou Mara, mal conseguindo conter o

entusiasmo.

– São como vocês e os thuril, minha Senhora.

Mara deu uma olhada em Lujan, que parecia tão espantado quanto ela. Como seu povo era provinciano por considerar o Império o centro de todos os mundos... A filosofia tsurani aceitava mais facilmente humanos vivendo em outro mundo além do Portal do que em outros continentes de Kelewan.

– O que fica além das terras dos chadana?

– Uma vasta extensão de água – elucidou a rainha. – São águas salgadas, como o Mar de Sangue, e lar dos egu.

Mara nunca vira um egu, as serpentes gigantescas que habitavam as profundezas dos oceanos, mas já ouvira marinheiros descrevendo lutas pelos despojos das criaturas, que tinham lanças com pontas de fogo.

– Há terras além dos oceanos?

– Muitas nações, Senhora – reconheceu a rainha dos cho-ja –, tantas quantas são as terras além do mar a oeste.

Espantado a ponto de esquecer o protocolo, Lujan se arriscou a fazer uma pergunta:

– Por que nosso povo não sabe disso?

– Isso é proibido.

Os pensamentos de Mara se encaixaram com estrondo. O que era proibido? Não o conhecimento de outras nações além de Tsuranuanni, caso contrário a rainha não teria dado essas escassas informações. Teriam os tais estranhos do outro lado do mar conhecimento de que os Mantos Negros eram ameaçadores? Mara reprimiu um arrepio. Tais pensamentos eram perigosos demais para serem ditos em voz alta, até mesmo ali. Ela e a enorme criatura se entreolharam durante um momento de silêncio carregado de tensão e frustração. Se pelo menos suas duas espécies pudessem falar abertamente, muito mais poderia ser compreendido! Ainda assim, as implicações não declaradas atiçaram sua curiosidade.

Mara sentiu-se animada por uma nova esperança. Pois, apesar de os magos da Assembleia poderem se provar onipotentes e o nome de sua família poder cair no esquecimento, ainda assim tomara consciência de um mundo maior para além do Império. Poderia viajar para o outro lado das fronteiras à procura de novos conhecimentos e, talvez, encontrar uma resposta para suas incertezas. De repente consciente das horas que passara na caverna subterrânea, Mara quis partir.

Se pretendia deixar o Império em uma busca, seriam necessários subterfúgios, assim como provisões e um cuidadoso planejamento. Seus inimigos – Jiro sobretudo – não deveriam ficar sabendo de sua partida. E, enquanto pensava nas questões práticas, lhe ocorreu que havia áreas de sua cultura que ainda não explorara. Poderia começar pelos templos, onde eram ensinados poderosos mistérios aos iniciados no sacerdócio, e havia ainda os aprendizes de magia do Caminho Inferior, seguidores e por vezes charlatões que não tinham conseguido acesso aos estudos na Cidade dos Magos. Ansiosa por começar, Mara se preparou para encerrar a audiência com a rainha.

– Minha rainha, a Deusa do Destino deve ter me guiado até aqui, pois vislumbrei um novo começo para enfrentar minhas dificuldades.

A rainha acenou com um membro anterior.

– Muito nos agrada saber disso. Embora ainda nos pareça estranho que tenha tido de descer tantos quilômetros ao longo do rio quando sempre estivemos aqui tão à mão.

Mara ergueu as sobrancelhas.

– Então a mente das colmeias é igualmente una? Eu poderia me dirigir a você falando com a rainha da colmeia das terras onde agora moro?

– Sempre.

Na esperança de poder manter uma via de comunicação aonde quer que suas viagens a levassem, Mara disse:

– Se sairmos do Império, vai ser possível consultá-la se encontrar

um cho-ja em alguma nação longínqua?

– Isso é proibido.

Mara se empertigou, mais uma vez entusiasmada com a iminência de novas descobertas.

– Uma última questão, caso seja permitido responder: por que razão seu povo se relaciona comigo e com outros se o meu povo os subjuguou?

A rainha hesitou. Temendo ter enfim ultrapassado a fronteira da prudência, Mara mal se atreveu a respirar. Depois, como os assistentes de procriação continuaram suas atividades, reavaliou a situação: mais do que irada, a rainha parecia reflexiva. Por um momento, Mara esperou ouvir que também aquela resposta era proibida. Mas a rainha se descontraíu, com a cabeça levemente para trás, e as palavras saíram firmes:

– Não somos um povo conquistado, Senhora dos Acoma.

– E o tratado?

Tendo ido um pouco mais longe para compreender a situação, Mara suspirou, envergonhada. A Rainha se esforçou corajosamente para explicar:

– Mesmo uma nação cativa pode negociar.

Mara se ergueu das almofadas para que os criados que incumbira de arrumar os utensílios do chá pudessem desempenhar suas funções sem perturbá-la.

– Por que razão me conta essas coisas, rainha?

Olhos pretos e multifacetados se fixaram em Mara, imperscrutáveis como os pensamentos atrás deles. A governante cho-ja falou então, parecendo se perder em lembranças melancólicas:

– Antes de me fundir com a mente da colmeia, ainda uma jovem rainha, eu me lembro de uma garota humana que foi amável e disse que eu era bela. Dentre todos os membros de sua nação, apenas você nos visitou com a intenção de criar harmonia. Negocia como os

outros, mas é mais como... é aquilo que, penso eu, os humanos chamam de amigo. Se o fardo que oprime minha espécie por toda esta nação alguma vez mudar... precisaremos de amigos com mentes inovadoras como a sua.

Portanto o "tratado" não era um acordo, afinal de contas, mas um reconhecimento forçado de condições! Mara inspirou fundo. Não se atreveu a tentar aprofundar mais o assunto, não depois de a rainha ter acenado a seu Comandante das Forças Armadas para que avançasse a fim de escoltar a comitiva até o lado de fora da câmara de procriação. A conversa chegara ao fim.

Sem saber ao certo qual era o protocolo a seguir para o reconhecimento formal de amizade entre raças, Mara optou pela reverência que anunciava uma aliança entre casas, adicionando ela própria algumas palavras:

– Você sempre foi minha amiga. Nutro a mesma consideração pelo seu povo que nutriria por qualquer casa de meu clã.

Depois de a Rainha ter assentido em sua maneira própria de reconhecimento e de ter concedido à comitiva dos Acoma sua permissão para que partisse, Lujan ajudou sua Senhora a subir à liteira. Já desaparecera a tranquilidade sombria que marcara seu regresso à casa onde passara a infância. Os olhos de Mara brilhavam. Seus movimentos estavam mais agitados quando acenou aos escravos carregadores para que içassem as varas da liteira. O Comandante das Forças Armadas colocou seu elmo emplumado e, ao lado dela, marchou para fora da câmara de procriação.

Companheiro de muitos anos, comandante de seus exércitos e anteriormente salteador, Lujan não conseguiu conter um sorriso. Ali ia uma Senhora por quem morreria sem hesitar, não só pela honra e pelo dever diante de um Governante, mas também por amor e orgulho. Apesar da terrível ameaça imposta pela Assembleia de Magos, Mara demonstrava o infatigável espírito que desde o início lhe conquistara o coração. Pois, se uma mulher de meia-idade

entrara naquela colônia, de lá saíra uma Senhora cheia de vigor e confiança, no auge de seu poder. Contra todas as expectativas, Mara desafiara os limites impostos pelas circunstâncias: encontrara um ponto onde focar e uma esperança, quando antes nada existia, de modo a descobrir uma saída para as dificuldades que sua cultura achava inexpugnáveis.

Muitos eram os Senhores regentes tsurani que se suicidariam sobre a espada desesperados se passassem pela desonra que a Senhora dos Acoma tivera de suportar por causa dos Grandes. Seu antigo inimigo Tasaio dos Minwanabi, outrora o homem mais poderoso das Nações, se suicidara para não suportar a vergonha. Não fora a covardia, mas sim sua vontade indomável, que prendera Mara à vida.

Era bom que a Assembleia desse atenção a seus interesses, concluiu Lujan num momento de pura autoconfiança. Embora só os deuses soubessem como sua fraquinha Senhora descobriria uma forma de derrubar poderes mágicos tão poderosos quanto os comandados pelos Mantos Negros.

O sol da tarde se infiltrava pelos biombos e projetava riscas no piso de madeira. As videiras de akasi ao lado do jardim perfumavam o ambiente da sala que servira de gabinete a Mara na casa original dos Acoma. O relógio feito pelos cho-ja ainda batia suavemente a cada hora. O piso ao lado do biombo fora alisado por camadas de cera, polido e restaurado para reparar o dano causado por seu primeiro esposo quando entrara pesadamente em casa calçando sandálias de guerra tachonadas após uma caçada a sarcats.

Uma enxurrada de memórias antigas a assolou: o Senhor Sezu aplicando o selo da família em documentos enquanto o irmão dela, Lanokota, traçava desenhos de giz no chão aos pés do pai deles. Mara se recordou de apagar as figuras rabiscadas com as palmas das mãos gordas de criança, que ficaram cheias de pó branco.

O cheiro de giz encheu suas narinas, tal como acontecia naqueles dias distantes de sua infância. Mas o bebê que tinha agora aos pés era Kasuma e o garoto que rabiscava desenhos que só faziam sentido para ele era o flamejante filho ruivo de um pai bárbaro. Dela eram as mãos que aplicavam o selo dos Acoma na tinta para selar a última missiva do dia. Um cesto com pergaminhos atados por fitas ao lado da escrivaninha aguardava a chegada do mensageiro, que iria levá-los à guilda para serem enviados rapidamente.

Mara pôs de lado o pesado selo e reviu mentalmente suas instruções para Jican, Incomo e Keyoke, que tinham ficado na propriedade do lago. Eles iriam manter seus negócios em movimento durante o que poderia se revelar uma longa ausência. Irrilandi, seu segundo Líder de Ataques, estava ausente, junto aos Shinzawai, apoiando Hokanu enquanto este consolidava seu status de Governante. Havia acontecido alguns ataques insignificantes por parte de inimigos e uma ou duas rupturas de alianças geradas pela pressão da Facção Tradicionalista. Hokanu ainda não respondera formalmente ao pedido do Imperador para assumir o cargo imperial de seu pai. Na missiva que enviara a Mara explicara que sua demora era uma artimanha para fazer sair da toca um rival inimigo.

Ele escrevera: *Dogondi, o Conselheiro-Mor de meu pai, é um tesouro – diabolicamente inteligente e bem-humorado. Gosta de humilhar nossos inimigos para que pareçam ridículos, como ele me disse há alguns dias: "Mate um homem, e lhe será concedida honra perante o olhar dos deuses. Ria dele e isso irá envergonhá-lo para sempre."*

Mara esboçou um sorriso ao reconhecer aquela verdade. Seu prazer desapareceu quando prestou atenção ao resto da carta do esposo. Embora estivesse sob forte pressão, sendo sujeito diariamente às críticas de diversos primos invejosos, poderia ter sido mais expansivo ao procurar saber como estava a filha. Não pareceu perturbado pelo fato de Mara ter proposto uma viagem demorada e

potencialmente perigosa enquanto a criança ainda necessitava de uma ama de leite.

Mas na verdade, para ser justa, Hokanu não era um homem dado a conversar sobre preocupações. Poderia até estar arrasado, mas não a atormentaria com isso. Mara poderia dissimular sua jornada como uma desejada peregrinação e seus inimigos tradicionalistas poderiam ser enganados. Os Anasati poderiam engolir a história durante uns meses antes de o Conselheiro-Mor de Jiro descobrir a verdade, mas a Assembleia de Magos logo perceberia o subterfúgio caso tivesse alguma razão para questionar os motivos dela. Mara fechou os olhos e afastou para trás o cabelo ensopado sobre a testa. Deixou de lado a recordação terrível da chuva de fogo que desabara sobre o Grande Estádio Imperial quando Milamber manifestara sua raiva arcana.

Se os Mantos Negros decidissem detê-la, tudo se perderia num ápice brutal e retorcido. Não deveria lhes dar motivos para suspeitarem de algo, e isso significava semanas de meticuloso planejamento.

Mais uma vez, Mara tentou afastar da mente a lembrança do horror vivido durante a destruição causada por Milamber nos Jogos Imperiais. O Manto Negro bárbaro se mostrara indomável, até teimoso, ouvira dizer. A própria Assembleia optara por exilá-lo depois do que ele fizera, um ato que desrespeitara a Ordem do Céu ao possibilitar a libertação de escravos. Ocorreu a Mara que Milamber deveria encarar a vida do mesmo modo excêntrico de seu amante Kevin... em que a vida significava mais do que a honra e a religião não governava as vidas dos homens, apenas oferecia orientação. Mara franziu o cenho. Se Milamber fora considerado um renegado por seus companheiros, não poderia ser uma fonte de inspiração para o dilema que ela enfrentava?

Movida por um impulso obstinado, Mara bateu palmas. O garoto destacado pelos criados para ser seu escravo mensageiro apareceu à

porta. Era um jovem com cerca de 10 anos com o cabelo muito claro. Fora promovido de pastor a escravo doméstico e ainda estranhava quando vestia uniforme. Mara reparou que tremia de medo quando fez sua reverência.

Apesar de seus filhos não serem exatamente tímidos e de ter mais experiência em enfrentar e controlar jovens guerreiros do que em lidar com um garoto do campo, Mara sentiu pena dele.

– Kalizo – disse –, venha cá.

O garoto se levantou atrapalhado, revelando os joelhos salientes e os olhos grandes. Aproximou-se, tropeçando desajeitadamente na ponta de um tapete. Suas sandálias eram novas e as solas ainda não tinham sido amaciadas pelo uso.

Mara pescou um doce confeccionado pelos cho-ja num frasco ao lado da escrivaninha. Lançou-o ao ar e sorriu quando o garoto deixou de lado sua falta de jeito e o apanhou.

– Kalizo, você sabe me dizer quando estará pronto o novo carregamento de seda para a Cidade das Planícies, que será exportado para Midkemia?

– Na próxima semana, Senhora – informou o garoto com a boca cheia de doce.

Mara meditou por uns minutos e depois pegou uma pena com os dedos trêmulos.

– Tenho uma carta que deve seguir com o agente – instruiu. – Vá chamá-lo, pois tenho de conversar com ele.

– É para já, Senhora.

O garoto fez uma reverência, deu meia-volta e partiu com uma rapidez que justificou o fato de ter sido destacado para aquele novo posto. Mara mordeu o lábio enquanto ele transpunha o biombo. Depois, selou com pressa a breve missiva, dirigida a Milamber, o mago, Reino das Ilhas, Midkemia. Assim que colocou a cera e molhou o selo dos Acoma na tinta, pensou se, com a insígnia na carta, estaria cavando a própria sepultura.

Nesse ínterim, o agente da seda chegou, acompanhado por Kalizo. Suas dúvidas se dissolveram diante da necessidade de entregar ao homem instruções que o fizeram tremer. Seus modos evidentemente nervosos inquietaram a pequena Kasuma e Mara teve de chamar a ama da criança. Justin jogou fora seu giz e anunciou em alto e bom som que estava com fome. Muito direto e ágil – ao contrário de Ayaki, que sempre fora pesado –, levantou-se de um pulo e desafiou Kalizo para uma corrida até as cozinhas. Mara assentiu para dispensar o escravo mensageiro, que gritou e sorriu, nada envergonhado com a perspectiva de uma corrida. Assim que os dois garotos saíram em disparada, Mara quase esperou ouvir um guincho de protesto da boca de Nacoya... mas isso ficara definitivamente para trás.

Deixada a sós com seus pensamentos enquanto o sol mergulhava no ocidente, Mara chamou um criado para abrir os biombos. Tinham se passado anos desde a última vez que vira as shatra voando ao pôr do sol sobre as terras dos Acoma. Consideradas o símbolo da sorte, as criaturas se revelaram uma fonte de prazer para Mara quando saudaram a noite com uma celebração de voo e canto, como se fosse um ritual. À medida que seus olhos seguiam os padrões da dança das aves tendo por fundo as nuvens douradas, Mara voltou a pensar em seu esposo. Ele não quisera concubinas nem voltara a abordar o desapontamento sentido por Kasuma ser menina. Mara partira então do princípio de que o assunto fora deliberadamente deixado em suspenso.

A única referência de Hokanu à questão envolvera a promessa de uma longa conversa quando ela regressasse às suas terras. Um barco, dissera ele, com ambos sozinhos a bordo e uma bandeja com uma refeição leve e vinho de sã, em águas paradas; nada de escravos, nem de criados, apenas uma lamparina e ele próprio aos remos. O fato de não ter abordado o assunto em suas cartas revelava muito sobre seu desconforto. Mara apoiou o queixo nas

mãos e suspirou. Fosse o que fosse que tivesse a dizer, decorreriam meses antes de ela ter a liberdade de se juntar ao esposo, em água ou em terra, pois tudo fora feito no sentido de preparar a partida para sua demanda por proteção à Assembleia. O que a retinha ainda era uma consulta final com Arakasi, que deveria voltar a qualquer momento.

Muito mais tarde, quando o escritório já estava iluminado por uma lamparina e as estrelas pontilhavam o céu onde as aves shatra antes tinham voado, Mara foi perturbada durante sua leitura pelo criado de serviço à porta, que lhe comunicou que um poeta itinerante e andrajoso chegara para pedir uma audiência com a Senhora.

Mara levantou os olhos de sua leitura com um leve interesse.

– Você não o encaminhou para a cozinha... – constatou ela. – Esse poeta disse que tinha versos para mim em rimas so-um-ta?

O criado franziu o cenho, pois a referência acadêmica estava bem além de seus conhecimentos.

– Foi o que eu fiz, minha Senhora. Insistiu que isso significaria algo para a Senhora. – O rosto dele ficou enrugado de apreensão. – Deveria tê-lo mandado embora. Tem as roupas muito esfarrapadas.

A expressão de Mara revelou um sorriso caloroso.

– Muito esfarrapado, precisando de um banho e talvez com uma mulher atrás?

O criado arregalou os olhos.

– Conhece esse homem?

– Conheço. – Mara enrolou o pergaminho, tensa de ansiedade. – Mande-o entrar.

O criado se curvou, ainda confuso.

– Muito bem, Senhora.

O poeta e sua acompanhante foram conduzidos ao escritório particular de Mara. Arakasi vestia uma capa que parecia ter sido feita de cobertores roídos por traças, costurada por cima dos punhos

e com uma franja espalhafatosa arrancada de um tapete. Sua companheira estava envolta numa túnica remendada e desbotada que antes fora adornada com lantejoulas de conchas. A maioria já tinha sido arrancada pelo uso, deixando uma triste coleção de fios dependurados. Tinha os pés imundos e as sandálias em farrapos.

Mara, após um breve olhar, bateu palmas para chamar as criadas.

– Água para banho. Toalhas, sabão e algo bonito de minha arca de roupas que esteja limpo. – Espiou por baixo do capuz da concubina e entreviu uma mecha de cabelo brilhante tão pesada e espessa que parecia feita a partir de mel de abelha-vermelha. – Escolha uma roupa verde – sugeriu à criada. Em seguida, sorriu na direção de Arakasi. – De que tamanho deseja a bandeja da ceia? Como sempre, parece faminto. – Ergueu um dedo quando seu Mestre dos Espiões ganhou fôlego para começar a falar. – Os versos podem esperar que vocês dois descansem.

Arakasi brindou-a com uma reverência própria de um artista e puxou para trás o capuz da capa. À luz da lamparina, tinha um ar exausto, o espírito ferido, aguentando-se com dificuldade. Mara ficou desconcertada. Então a concubina abriu a capa e a Senhora dos Acoma viu Arakasi olhando para ela e compreendeu tudo.

– Deve ser Kamlío – saudou-a Mara. – Seja bem-vinda.

A garota começou a se dobrar para fazer a profunda reverência tradicional de sua posição inferior. Mara meneou vagorosamente a cabeça e, rápido como um reflexo, Arakasi segurou o cotovelo da garota, detendo a reverência e causando nela uma leve contração. Apesar de o gesto não implicar rejeição, Arakasi falou com ela em tom brando:

– A Senhora comprou sua liberdade, não seus serviços. Seu contrato pertence a você, para rasgar ou vender de novo, como quiser.

Suas mãos rapidamente puxaram de leve para trás o capuz da

capa, revelando uma beleza de tirar o fôlego e olhos claros e brilhantes que irradiavam despeito.

Mara reprimiu a vontade de se encolher, pois os modos da garota a fizeram se lembrar de outra, uma cortesã e espiã chamada Teani, que no passado tentara matá-la.

– Por todos os deuses!

A expressão dela foi dirigida a Arakasi e à garota atormentada que ele resgatara.

Kamlío falou, com sua voz grave e modulada completamente temperada pelo ódio:

– Acreditarei em tal promessa apenas se dita pela boca da Senhora cujos centis me compraram.

Mara deixou de lado a raiva diante daquela impertinência:

– Neste assunto, pode acreditar em meu servo Arakasi tanto quanto em mim. Kamlío, também eu lhe devo a vida. Opto por aceitar essa oferenda da parte dele com alegria. Ele pode tê-la descoberto, filha, mas nunca se esqueça disso: fui eu quem a comprei de uma vida de cativo. Não foi trazida aqui como uma recompensa pelos serviços dele.

A luz da lamparina se refletiu nos olhos dela quando se retesou. Mara suspirou suavemente e prosseguiu:

– Você é sua dona agora, Kamlío. Graças a você, tenho um filho e uma filha que poderão sobreviver e herdar os respectivos legados. Minha gratidão é incondicional. Pode deixar Arakasi, pode partir destas terras e seguir neste seu caminho agora. Providenciarei riqueza suficiente para que se estabeleça com um negócio, como comerciante, ou simplesmente para que possa viver em modesto conforto para o resto de sua vida. Ou pode usar a oferenda como dote, caso procure um marido. No entanto, caso deseje ficar a meu serviço, terei muito gosto com sua presença.

O fraco sibilar das lamparinas a óleo invadiu a calma que se seguiu. Os dedos de Kamlío se abriram e fecharam sobre o tecido

esfarrapado do vestido. Não sorriu, não se sentou, nem se descontraiu, permanecendo a postos, como uma criatura encurralada.

– O que deseja, Kamlio?

A garota obviamente não acreditava em bondade gratuita. Os olhos dela exibiam um brilho intenso demais e seus modos demonstravam uma postura desafiadora quando respondeu:

– Boa Serva, grande Senhora, eu preferiria ficar sozinha. Não desejo uma túnica bonita, mas sim uma feia. Não desejo os olhares dos homens sobre mim. Quero uma esteira para dormir e um quarto para mim.

– Você terá aquilo que deseja – concedeu Mara. Mandou chamar sua criada pessoal, Misa, que havia muitos anos servia os Acoma, e ordenou que levasse Kamlio a um quarto de hóspedes para que se instalasse à vontade.

Depois que a garota partiu, o criado trouxe bacias e toalhas para que Arakasi se refrescasse e Mara fez um sinal a seu Mestre dos Espiões para que se instalasse na almofada confortável mais próxima. Ele se afundou naquele lugar como se seus joelhos cedessem. Tinha os olhos fundos, quase assombrados, e a boca retorcida em um esgar irônico.

– Obrigado, Senhora – falou em tom calmo.

Mara o fitou, com pena.

– Ela significa tanto assim para você?

O Mestre dos Espiões fez um triângulo com as mãos e apoiou o queixo nelas, um velho hábito que tinha quando tentava explicar algo complicado.

– Ela me mudou. Quando olho para ela, por vezes vejo minha mãe. Quando fala, isso me recorda minha irmã. Ambas conseguiam ser cruéis e muitas vezes me magoaram muito. – Fez uma pausa. – Ela me culpa pela morte da irmã – acrescentou. – E com toda a justiça, receio.

Em silêncio, Mara fez um sinal ao criado que aguardava à porta com a bandeja da comida. Assim que o homem entrou, com um silêncio reverencial, ela fitou o Mestre dos Espiões que conhecia havia anos, mas cuja vida permanecia um mistério. Depois de o homem os ter servido, Mara indicou que saísse. Quando ficou a sós com Arakasi, comentou:

– Você nunca mencionou sua família antes.

O olhar de Arakasi se voltou para cima, numa postura completamente defensiva.

– Não havia nada de especial a mencionar. Minha mãe era uma mulher do Boa Vida, atormentada por doenças e fraca. Por fim, morreu devido ao tipo de vida que levava. Minha irmã seguiu os passos dela. Morreu aos 18 anos, pelas mãos de um cliente violento.

– Lamento – murmurou Mara, emocionada. Deveria ter adivinhado que ele nascera de uma família sem honra, considerando o valor que dava à sua fidelidade à casa. – Como entrou para o serviço dos Tuscai?

Arakasi fez um gesto de reprovação dirigido a si mesmo.

– Havia um guerreiro que frequentava nosso bordel. Ele se deitou muitas vezes com minha mãe. Eu tinha apenas 3 anos e fiquei impressionado com sua voz poderosa e com a espada que transportava, com uma joia incrustada no punho. Às vezes, ele me dava doces e bagunçava meus cabelos, mandando-me levar recados. Eu levava isso muito a sério, e só mais tarde compreendi que ele apenas tinha mais tato do que os outros, me enviando para longe para poder colocar as mãos na mulher que pagara para ter sem um garoto idiota ali junto. Naquela época, decidi que ele era meu pai.

Mara não o apressou, limitando-se a esperar enquanto Arakasi pegava um fio solto de um rasgo em sua capa. Após uma pausa, ele recomeçou:

– Quando minha mãe morreu e o guerreiro começou a se deitar com outra garota, escalei uma janela e o segui até o quartel. Ele era

um Líder de Ataques dos Tuscai. A mulher dele era cozinheira. Ela me alimentou, sem que ele soubesse. Vivi a maior parte do tempo nas ruas, escondido ao redor de hospedarias e dos salões das guildas, sempre de ouvidos bem atentos. Vendia informações ao hadonra do Senhor dos Tuscai e, com o passar dos anos, tornei-me de grande valor para ele. Quando alertei o Senhor dos Tuscai de uma conspiração contra sua vida pelas mãos dos Minwanabi, ele me permitiu lhe prestar um juramento para entrar a seu serviço.

Discretamente, Mara tentou imaginar até que ponto a rede de espões já estaria montada quando Arakasi prestou juramento ao natami dos Tuscai. Provavelmente, já dominava a maior parte da região ao redor das terras dos Tuscai, para um garoto da rua sem honra ter chamado a atenção de um tradicional e conservador Governante. Ela se espantou ao saber quanto seu Mestre dos Espões ascendera a partir de um início tão humilde. Agora havia a questão da garota, Kamlio, cujo destino se emaranhara com o dele de um modo que ela não desejava. Depois que o criado serviu o vinho de sã e partiu, Mara passou um cálice a Arakasi.

– Beba – aconselhou. – Você está precisando.

Na verdade, ele estava com uma expressão miserável e lhe pareceu mais magro do que jamais o vira.

O Mestre dos Espões a fitou fixamente nos olhos, com os lábios retorcidos de repugnância. Não era adepto de bebidas: o álcool turvava o discernimento.

– Senhora – anunciou numa voz rouca e aveludada –, já não sou o que fui no passado.

– Beba! É uma ordem! – exclamou Mara. – Você é humano e tem um coração que sangra, apesar de só recentemente ter reparado nisso. E digo que está equivocado. Você é mais do que era. A mudança foi para melhor.

– Não, se a senhora pretende que eu continue em meu posto de Mestre dos Espões. – A própria admissão pareceu abalá-lo. Arakasi

esticou o braço, pegou um cálice da bandeja e o tomou de um gole.
– O que a senhora sabe dessas mudanças? – desafiou.

– Tudo – disse ela em tom de censura. – Tive Kevin e o perdi. Tive o esposo perfeito, que compreendeu meu coração até um estúpido desentendimento afastá-lo de mim. Tive dois filhos que morreram.

Envergonhado, Arakasi envolveu o cálice com seus dedos compridos e expressivos. Não disse nada, limitando-se a olhar para o tapete. Por um momento, a luz da lamparina revelou seu tenaz esforço para manter a respiração regular.

– Tive a esperança de que a senhora e Hokanu pudessem servir de exemplo para abrir os olhos dela para uma nova vida. – Deu de ombros com cuidado, consciente de uma dor nas omoplatas. – Vocês dois foram meus professores, Senhora.

Mara reparou que ele se sentara curvado e tenso diante dela. Sua competência por vezes a deixara envergonhada, até agora, quando percebeu quanto de seus feitos tinham sido fundamentados por uma lógica triste e fria.

– Arakasi, liberte-a. Deixe-a encontrar a si mesma. – Quando os olhos dele, suplicantes, se voltaram rapidamente para cima para fitar os dela, ela mesma sentiu necessidade de um pouco de vinho de sã. Estendeu a mão para pegar um cálice e provou seu gosto agridoce.
– Pense bem, ó mais astuto de meus servos, você nunca havia se ressentido pelo fato de não amar. Kamlio consegue odiar, consegue sentir amargura, pois consegue ser magoada. Sua natureza é bondosa, caso contrário, por que razão estaria tão tenazmente defensiva?

Ele baixou os olhos.

– Rezo aos deuses para que a Senhora tenha razão.

– Eu tenho.

A convicção de Mara ecoou pela obscuridade familiar da sala. Mas as consequências eram incertas. Se Kamlio iria conseguir vencer

seu passado e sobreviver sem marcas, apenas o tempo diria.

Arakasi sentou-se como um homem torturado, girando sem parar o elegante cálice de cristal em sua mão. Ocorreu a Mara, ao observá-lo, que ele perdera seu discernimento penetrante. Falou então gentilmente, para lhe dar confiança:

– Sua senhorinha não irá abandonar estas terras. Irá ficar... e servir aqui. Disso eu estou certa.

– Ou já teria partido de imediato? – Arakasi soltou uma gargalhada cortante. – Como pode ter certeza?

– Ela não teria aceitado minha hospitalidade. – Mara sorriu. – O orgulho dela é como o fogo. – E depois resolveu especular: – Ao longo dos anos aprendi a avaliar num instante a natureza humana. Você é um par adequado para ela.

Ele relaxou um pouco ao escutar isso, deixando o cálice vazio no chão encerado para se servir em seguida de um prato de frutas, queijo e pão. Então mudou subitamente de assunto:

– Recebi sua mensagem, Senhora. Imagino o que a levou a me chamar. – Amassou o pão juntamente com uma fatia grossa de queijo, seus sentimentos pela concubina com certeza ainda bem presentes. Porém sua voz não demonstrou nenhum de seus conflitos internos. – Posso desde já assegurá-la: a Cidade dos Magos é inexpugnável – acrescentou. – Envie até lá qualquer um para tentar entrar e fará com que a ira da Assembleia caia sobre a Senhora. Tentamos sete vezes encontrar uma entrada; quatro homens morreram: os outros estão perdidos e também os considero mortos. Não há forma de alguém ligá-los a nós, mas, ainda assim, uma nova tentativa pode originar nossa queda.

– Pensei nisso.

Mara, com profundo alívio, observou-o enquanto comia. O dia em que Arakasi perdesse o apetite seria motivo de grande preocupação. Enquanto ele mastigava, ela relatou aquilo que descobrira na colmeia dos cho-ja e depois revelou seu plano de partir rumo à

Confederação Thuril.

Arakasi reagiu com um sorriso seco.

– Não pensei que estivesse seriamente empenhada numa peregrinação.

Mara arqueou as sobrancelhas.

– Eu sou devota. No passado não pensei em servir no Templo de Lashima?

Um lampejo de ironia reluziu nos olhos do Mestre dos Espiões.

– Isso – permitiu-se dizer – foi muito antes de conhecer um bárbaro ruivo de Midkemia.

Mara ficou vermelha demais.

– É verdade. – Soltou uma gargalhada. Arakasi sempre estimulara a perspicácia dela. O sentimento que mantivera escondido todos aqueles anos se transformou em prazer. – Preciso de você para ocultar meu rastro com subterfúgios. Além disso, pretendo que passe um pente fino nos Arquivos Imperiais à cata de textos da história que possam nos revelar que circunstâncias levaram a nosso misterioso tratado com os cho-ja.

Ela olhou por cima da mesa baixa e percebeu que Arakasi parara de comer. O pão se esfarelara entre seus dedos e os olhos pareciam fundos como poços.

– O que está havendo? – questionou ela suavemente. – Você tem medo de deixar a garota para trás?

– Não! – O Mestre dos Espiões puxou para trás seu cabelo escuro trançado com os nós dos dedos. A trança de poeta em sua têmpora caiu meio desfeita, com a fita violeta queimada pelo sol que a prendia se soltando. – Já não sou o homem indicado para o cargo, minha Senhora. O meu coração já não é impiedoso.

– Alguma vez foi? – contrapôs Mara.

Arakasi olhou para ela de um modo franco e dolorido como apenas uma vez se apresentara, quando acreditara ter causado a morte da velha Nacoya.

– Sim, Senhora, já foi. Em outra ocasião, teria deixado Kamlio morrer pelas mãos da seita sem peso na consciência. Fiz aumentarem os riscos da Senhora ao voltar até ela. Foram necessários alguma persuasão e fundos significativos para conquistar sua liberdade. A transação foi pública demais para meu gosto.

Mara avaliou o peso de tal confissão. Fitou por um momento seu cálice de vinho, quase intocado e já aquecido pelo suave ar noturno.

– Os Acoma não têm mais a quem recorrer – acabou dizendo ela, e ocultou o custo dessa confidência. Tinha de pensar em Justin e Kasuma; se o fato de ela ser Serva do Império fora o que impedira a Assembleia de aniquilá-la, como Fumita sugerira, tinha de tratar da proteção dos filhos ou ficariam indefesos, sem valor para nada, a não ser para serem marionetes das vontades dos Mantos Negros depois de ela morrer. – Arakasi, permita que lhe conte algo que a rainha dos cho-ja me deu a entender. E se, desde sempre, não foi a tradição que manteve o equilíbrio do Império durante todos esses milhares de anos? E se nosso povo procurou o crescimento e a mudança, mas isso lhe foi negado? E se o Jogo do Conselho, nossa sangrenta e violenta herança de honra, não foi ordenado pelos deuses, mas sim usado como um estratagema para nos manter em nosso lugar?

A sobancelha esquerda de Arakasi se levantou.

– E a Senhora afirma ser devota – disse ele em voz baixa. – Sabe, amada Senhora, que o que diz é heresia?

– Sugiro, então – retrucou Mara –, que nossos Grandes fizeram mais do que manter a Paz Imperial. Se entendi direito o que a rainha dos cho-ja tentou transmitir, a Assembleia manteve estagnada toda a nossa cultura. Os Mantos Negros são aqueles que nos vedam a mudança... não os deuses, não a tradição e nem sequer nosso código de honra. Foi por isso que impediram a briga entre os Acoma e os Anasati. Como impulsionei tantas mudanças, detenho influência

junto ao Imperador, e, como Serva do Império, sou um talismã excessivamente idolatrado pelo povo. Se o que penso está certo, os magos não apenas desejam que eu desrespeite a proibição declarando guerra a Jiro, mas dependem disso. Alguns podem estar até mesmo mexendo seus pauzinhos para que isso ocorra. Aguardam qualquer pretexto para avançar e me aniquilar.

Uma brisa que passou pelo biombo fez tremeluzir uma lamparina, fazendo Arakasi se parecer com uma sombra recortada e imóvel.

– Hokanu nunca permitirá que a honra seja esquecida sem que o assassinato do pai seja vingado – disse.

– Exatamente – concordou Mara, quase num sussurro. – Isso seria esperar demais, mesmo para um homem criado por uma mente progressista como foi a de seu pai adotivo. Seu pai de sangue, Fumita, já lhe deu uma espécie de aviso no funeral de Kamatsu. Creio, assim como Hokanu, que a Assembleia sabia da ligação de Jiro com os assassinos da seita. Nada fez para detê-los. Deliberadamente. É a mim e à minha linhagem que querem ver mortos. E, mais cedo ou mais tarde, o destino lhes dará um motivo para isso.

O pavio da lamparina se inflamou. Enquanto a escuridão diminuía, Arakasi ficou olhando para seu cálice vazio com os olhos insondáveis como obsidiana.

– Então precisa que eu vasculhe os Arquivos Imperiais e encubra sua ausência enquanto viaja até o exterior do Império à procura de respostas? – Seus dedos tamborilaram agitadamente no chão enquanto continuava pensando em voz alta. – Pede isso não pelos Acoma ou pelos Shinzawai, mas pelo povo das Nações cuja causa adotou como sua.

– Você compreende. – Mara estendeu a mão para a garrafa e voltou a encher os cálices. – Faço o que faço em prol de algo maior do que meu nome e dos meus antepassados. Porque tenho a esperança de que um dia os escravos sejam libertados e que garotos

como o que você foi e moças como Kamlio possam desfrutar da possibilidade de conquistar a honra através de seu mérito.

– Uma tarefa hercúlea. Saúdo-a, Senhora. – Arakasi recusou o vinho. Fitou-a, numa postura ainda debilitada, mas já com uma expressão de fascínio. – No passado eu disse que gostaria de segui-la em sua caminhada rumo à grandeza. Fui arrogante e frio, e me senti fascinado como um homem que se orgulha por resolver um quebra-cabeça. Agora, nada mais desejo do que uma casa com afeto e uma mulher que sorria, com quem compartilhar o segredo da alegria. Para o bem ou para o mal, aprendi. Não é uma boa lição para um Mestre dos Espiões que tem de agir guiado apenas pela razão.

Mara devolveu o sorriso que amaciara as arestas afiadas que os desafios e os anos tinham emprestado ao rosto dele.

– Então, quando descobirmos a forma de derrotar os Grandes, temos de arranjar um novo cargo para você.

Arakasi soltou uma gargalhada estrondosa.

– Que cargo? Já tentei todos. Qual devo escolher, quando todos eles não me servem melhor do que uma veste emprestada?

– Saberá quando chegar o momento – assegurou Mara.

Mas as palavras eram uma cortesia. Arakasi parecia um barco à deriva, girando ao sabor da corrente. Ficou preocupada com ele e com a garota cansada da vida e amargurada que dormia num aposento de hóspedes dos Acoma.

Arakasi deixou seu copo de lado. Uma mariposa girou em círculos ao redor da lamparina a óleo. Ele ficou zozzo. Chegara a hora de sair. Na bandeja de comida só restavam migalhas e um pedaço de pão desfeito. Seu olhar permaneceu carregado quando concluiu:

– Vou fazer o que solicita, pois vejo que compreende o custo. Mas desta vez me atrevo a pedir um favor.

Mara ergueu seu cálice de vinho e bebeu à saúde dele.

– Você sempre obteve de mim aquilo que precisou, sem que

fossem feitas perguntas. Isso não mudou.

O Mestre dos Espiões olhou para ela, pela primeira vez pelo que ela se lembrava, mostrando-se nervoso e inseguro.

– Envie Kamlio para Thuril. Até a mera chance de um mercador vê-la de relance e se lembrar de sua beleza e de que vivia em Sulan-Qu pode levar a uma busca por parte da seita. Quando voltar, a seita já terá começado a definhar.

O sorriso de Mara se mostrou radiante como o sol.

– Ia sugerir o mesmo.

Os princípios preconceituosos da cultura tsurani tinham privado a cortesã de todas as esperanças; Kamlio nascera para ser um objeto de luxúria a ser usado pelos homens a seu bel-prazer. Se ela se tornasse razoável, se pretendesse escapar de se tornar a criatura retorcida e atormentada que Teani fora, deveria redescobrir a personalidade reprimida que fora ensinada a esconder desde criança. A mudança poderia ocorrer mais depressa se visitasse uma cultura estranha e costumes desconhecidos.

Arakasi fez uma profunda reverência de gratidão.

– Que os deuses a abençoem, Senhora. – Parecia que não ia dizer mais nada, mas acabou por acrescentar: – Tome conta dela. Os Acoma são minha vida, mas ela é meu coração. – Depois, ficou de pé, sua trança de poeta se desfazendo. Arrancou a fita violeta como se fosse ofensiva e saiu silenciosamente pelo biombo.

Mara ficou olhando para aquele ponto muito tempo depois de ele ter desaparecido na entrada escura. Diante dela, a mariposa completou um último círculo suicida e flamejou ao passar pela chama.

– Que os deuses tenham piedade deles – murmurou Mara para a sala vazia.

Não foi possível perceber se suas palavras foram dirigidas apenas à cortesã e ao Mestre dos Espiões que a amava ou se se referiam também a seu esposo, que estava sendo levado a dançar ao ritmo

da Assembleia.

Reações

O jogo terminou.

Chumaka deixou de lado sua peça de shah emitindo um estalo e um profundo suspiro de satisfação.

– Xeque-mate, Senhor.

A luz crua do amanhecer serviu apenas para enfatizar ainda mais sua evidente alegria.

Igualmente bem-vestido, Jiro ficou mais uma vez mortificado ao ter certeza de que os cochichos da criadagem estavam corretos: a capacidade mental de seu Conselheiro-Mor permanecia apurada mesmo antes do nascer do sol e do desjejum. O Senhor dos Anasati fitou suas peças encurraladas num dos lados do tabuleiro.

– Esta manhã você está cheio de vida – observou. – Mais do que o habitual, se é que posso dizer.

Chumaka esfregou as mãos.

– A rede de espionagem de Mara voltou à ativa. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até sair da toca! Seja quem for o homem responsável pela rede, cometeu apenas um deslize. Achou que me suplantaria nesse jogo de espera, mas, após anos de hibernação, ele por fim despertou!

Jiro mexeu o queixo para disfarçar um sorriso.

– Há poucos servos como você, capazes de suportar a tensão de anos de trabalho com base numa mera suspeita.

O Conselheiro-Mor dos Anasati ficou entusiasmado com o elogio.

Despiu seu robe cheio de bordados e ajustou as vestes de seda mais leve que tinha por baixo para se assegurar de que caíam bem em seu tronco esguio. Em tom queixoso, acrescentou:

– O Senhor me convidou para seus aposentos para acompanhá-lo no desjejum. É necessário derrotá-lo em uma segunda rodada de shah antes de podermos comer, meu Senhor?

Seus dedos nervosos, com as unhas roídas, se estenderam para, como de hábito, arrumar as peças no tabuleiro.

Jiro riu.

– Seu velho tigindi – falou, comparando seu conselheiro a um predador semelhante às raposas conhecido por sua inteligência. – Você prefere jogar a comer.

– Talvez.

Chumaka olhou para cima com os olhos brilhando.

Jiro indicou, com um movimento de cabeça, que deveriam iniciar um novo jogo.

– Seja como for, o que se passa nessa sua mente cheia de intrigas?

Chumaka deslizou a última peça para o lugar e sinalizou ao Senhor para que iniciasse o jogo.

– O que interessa é o que se passa na mente de Mara – corrigiu.

Sabendo ser melhor não interromper com perguntas, Jiro avançou um peão. A reação de Chumaka foi imediata. Obrigado a pensar rapidamente para planejar uma estratégia, Jiro desejou ser tão bom quanto seu oponente em se concentrar em assuntos distintos, enquanto o conselheiro explicava seu comentário:

– Mais para o fim desta semana, seu mestre engenheiro irá a Ontoset contratar carpinteiros e artesãos para construir máquinas de guerra com base nos protótipos recriados a partir dos escritos antigos.

Jiro levantou os olhos do tabuleiro, intrigado. Suas armas de cerco eram seu plano mais ambicioso, um segredo até mesmo para

seus aliados mais próximos, ou pelo menos era nisso que ele acreditava. Não gostou de ver o assunto ser discutido tão abertamente. Seu tom de voz denotou sua irritação:

– Mara não tem como saber dos protótipos que estão sendo feitos nas barracas dos queimadores de carvão...

– Nas florestas ao norte de Ontoset – disse Chumaka para preencher o vazio, com um ar irritado, como acontecia sempre que, impaciente, terminava frases. – Sim. Ela já sabe há algum tempo. – Chumaka apontou para o tabuleiro de shah. – É sua vez, Senhor.

Jiro avançou com seu sacerdote até uma nova posição, fazendo um movimento apressado com o dedo. Um rubor manchou seu rosto e seus olhos se estreitaram.

– Como ela soube? Por que você não me revelou mais cedo essa brecha em nossa segurança?

– Seja paciente, meu Senhor. – Chumaka moveu sua imperatriz para a linha da frente. – Eu sempre lhe conto tudo... quando o momento é apropriado.

Furioso, já muito próximo de perder a paciência, Jiro obrigou-se a se controlar. A esperteza de Chumaka muitas vezes se revelava excessiva; o homem parecia incapaz de resistir ao jogo, mesmo dentro da própria casa do Senhor. Mas o que lhe faltava em humildade ele mais do que compensava em serviços inovadores. O Senhor dos Anasati voltou sua fúria reprimida ao tabuleiro de shah e aguardou, friamente, que seu impertinente conselheiro se explicasse.

Chumaka sorriu com a satisfação que uma criança poderia demonstrar ao descobrir que um inseto seria capaz de escapar a seu cerco voando.

– Meu Senhor, é bom saber que assimilou a arte da paciência. Permitimos que as maquinações de Mara contra nós desabrochassem para assim ser mais fácil estragar os planos dela. Mara executou um plano inteligente para infiltrar entre nossos

artesãos no local de construção alguns de seus homens, onde cuidariam para que suas grandes máquinas de cerco tivessem falhas de execução. Quando as usássemos em batalha, ou pelo menos assim o esperava a Senhora dos Acoma, os mecanismos funcionariam mal e causariam danos a nossas tropas, ou simplesmente não funcionariam, deixando-o com pedaços de madeira muito caros do lado de fora das muralhas da cidade.

Espantado e admirado, Jiro ergueu as sobrancelhas.

– Mara pensou em tudo isso?

– Recorreu a um fabricante de brinquedos que tem a seu serviço.

– Chumaka movimentou mais uma peça de shah e colocou o sacerdote de Jiro em perigo. – Na verdade, é um plano bem engraçado.

Franzindo o cenho, já incomodado com o jogo mas não querendo se mostrar suplantado em ambas as frentes, o Senhor dos Anasati ponderou sobre a jogada seguinte com os lábios comprimidos. A tendência de seu Conselheiro-Mor a manter segredos beirava o desrespeito. Mas Jiro reprimiu suas críticas. Sua fraqueza no shah nascia de sua pressa em terminar logo. Necessitava do apreço de Chumaka por conspirações intrincadas, pois ele tinha grande prazer em tecer teias e montar ratoeiras para os inimigos com longos anos de antecedência. Jiro optou por salvar seu sacerdote do ataque; mostrou-se prudente.

– Que jogada você tem em mente, Conselheiro-Mor?

Chumaka reagiu com um sorriso reptiliano.

– Ora, roubar o plano de Mara. Tenho uma lista com os nomes dos infiltrados dela. Podemos contratá-los, trazê-los até o território Anasati e dar sumiço em todos eles.

– Matá-los?

A aversão de Jiro por medidas cruéis perturbou sua concentração. Precisou se obrigar a permanecer atento ao passo seguinte de Chumaka.

O Conselheiro-Mor avançou com um peão, ameaçando duas das peças de seu Senhor.

– Gostaria de tratar com calma os infiltrados – falou satisfeito, num tom murmurado semelhante ao ronronar de um gato. – Matá-los, não. Podem ter informações úteis. Gostaria de saber o que o fabricante de brinquedos planeja fazer para sabotar nossos equipamentos de cerco; tenho certeza de que as modificações seriam muito sutis para que os responsáveis pela construção não reparassem. Trata-se mais de pura curiosidade do que de qualquer outra coisa. Mas é bem mais importante conseguirmos obrigar um dos homens a falar. Assim também conheceremos o método a que recorrem para passar informações. Então poderemos enviar sinais falsos através da rede de espiões dos Acoma. A Senhora não saberia que seu golpe foi descoberto até o dia em que fôssemos combater o Imperador. Quando nossas máquinas atacarem as muralhas do Palácio Imperial, ela esperará que falhem, causando caos, e terá suas forças dispostas para se aproveitar da situação.

Com um prazer quase carnal ante a possibilidade de contrariar o plano de Mara, Chumaka prosseguiu a exposição de sua ideia:

– Em vez disso, nosso equipamento novo funcionará sem problemas e os Acoma se verão no campo de batalha, fora das muralhas, quando nós já estivermos no interior conquistando posições.

Jiro sacrificou sua fortaleza e inclinou a cabeça para concordar com seu Conselheiro-Mor.

– Você fica incumbido de tratar dos preparativos.

Extraír informações à força de um prisioneiro não era algo em que ele quisesse pensar. Não tinha estômago fraco; simplesmente não se interessava por torturas. Os tratados que lera já haviam lhe informado o suficiente sobre o assunto.

– Quanto a Ichindar, achei que tínhamos concordado em incitar um tradicionalista fanático a assassiná-lo em vez de derrubá-lo com

um exército. – Jiro acrescentou, quase sussurrando: – Os Mantos Negros não parecem apreciar a ideia de uma guerra civil.

– É óbvio. Não há nada mais destrutivo para qualquer sociedade.
– Chumaka moveu uma peça e olhou para cima para pegar a correspondência trazida por seu assistente. – Mas, como discutimos, até um Imperador morto tem seguidores. Eles vão se refugiar atrás das muralhas com a herdeira dele. Você, como salvador das Nações, deverá aparecer e controlar o caos, restaurando o cargo de Senhor da Guerra, e também deve capturar Jehilia como garantia. Mesmo sem a resistência de Mara e de Hokanu, precisará derrubar as defesas da cidade para colocar as mãos na filha primogênita do Imperador... antes que outro o faça.

Apesar do brilho que nasceu em seu olhar ao pensar em suas esperanças para o futuro, Jiro pareceu concentrado no jogo de shah. Chumaka desviou a atenção do tabuleiro e vasculhou os rolos dos despachos. Selecionou um, estreitou os olhos para se certificar de que não fora falsificado e depois rompeu o selo. Passou os olhos pelo que estava escrito, sem precisar de uma pausa para interpretar o código.

– Interessante – meditou, ensimesmado.

Despreocupado, pensou em como seu Senhor ficaria irritado quando soubesse dos antigos guerreiros Minwanabi que mantinha em segredo numa província remota no Norte. Caso se revelassem úteis para ajudar a derrubar Mara, concluiu Chumaka, iria mencioná-los a Jiro. Como ele desejava pertencer a uma casa livre de políticas internas tão sensíveis! Queria ter um Senhor com um orgulho menos delicado. Quando Jiro concluiu sua jogada seguinte, Chumaka deu um peteleco em sua imperatriz para levá-la até outro quadrado.

Especulou se o governo de uma mulher seguiria o mesmo rumo do de um homem; será que o Mestre dos Espiões dos Acoma que o enfrentava tinha a mesma liberdade de ação? Apenas uma mente brilhante seria capaz de manter uma rede daquelas intacta após a

queda da Casa dos Tuscai. E a disponibilidade de Mara para tomar a seu serviço homens sem Senhor mostrara como era bobagem considerar tal ação como desonra. O fato é que aqueles que tinham trabalhado como espões para o Senhor dos Tuscai se revelaram ainda mais cuidadosos ao serviço dos Acoma. Ou será que a criatura que os orientara fora desde sempre um homem do Senhor Sezu? Chumaka achava que não. O pai de Mara sempre fora muito correto no Conselho, assim como no campo de batalha. O Conselheiro-Mor dos Anasati afagou o queixo, percebendo, por alto, as feições do Senhor concentradas no tabuleiro de shah ao ver ameaçado seu plano de ataque. Deixou a carta de lado e pegou a seguinte, cujo conteúdo o fez saltar das almofadas, emitindo um palavrão, o que era pouco comum nele.

Desviado de suas dificuldades no tabuleiro de shah, Jiro ergueu um olhar languidamente questionador.

– O que aconteceu?

– O demônio! – Chumaka brandiu o rolo de pergaminho num movimento que parecia conter floreios aleatórios. – Não o avaliei bem, talvez o tenha subestimado, quase com certeza.

– Quem? – Irritado, Jiro afastou o tabuleiro cuidando para que as peças não fossem derrubadas, enquanto o conselheiro começava a andar de um lado para outro. – Há algum problema? Algum contratempo?

Chumaka olhou de soslaio, com os olhos sombrios como águas paradas.

– Talvez. O *Obajan* da Seita dos Hamoi foi assassinado. Em seu harém, durante seu momento de prazer.

Jiro deu de ombros levemente.

– E então?

– E então?! – Chumaka reprimiu seus gestos bruscos. Ao perceber a expressão sombria de Jiro diante de seu tom ríspido, acrescentou: – Mestre, o *Obajan* era um dos homens mais bem

guardados sob este céu e foi esfaqueado até a morte. Mais do que isso, o assassino escapou. Ileso. Um trabalho extremamente profissional. – Chumaka consultou mais atentamente o pergaminho e ficou ainda mais espantado. – Diz aqui que a irmandade da seita foi desmantelada. São agora guerreiros cinzentos sem mestre.

Aquilo levava a uma única conclusão.

– Isso só pode significar que os registros se perderam.

A voz de Jiro se mostrou constrangida e monótona. O conteúdo dos registros da seita poderia desonrar diversas vezes a sua casa, principalmente por causa da última despesa: a compra de uma tentativa de assassinato do velho Frasai dos Tonmargu, que diversas vezes dera ouvidos a Hoppara dos Xacatecas quando desejava conselhos relativos à política. Enquanto Frasai permanecesse vivo, a morte de Kamatsu de pouco serviria à causa dos tradicionalistas.

Hokanu em breve ocuparia o lugar do pai, mas seus laços com Mara e com os Acoma dificultariam qualquer ação por parte dos aliados de Jiro. Só quando o voto de Frasai fosse erradicado o poder de Jiro aumentaria. Se o Suserano Imperial caísse, o Chanceler Imperial se depararia com seus poderes no Conselho Imperial dizimados de uma só vez. Mas Jiro precisava que a morte de Frasai ocorresse de modo discreto; matar alguém do próprio clã, especialmente o Chefe de Guerra de Clã, era um ato absurdo, até mesmo para os padrões tsurani.

Chumaka reagiu, achando a ideia engraçada.

– Os registros secretos foram roubados, ou pelo menos é isso que relatam no momento todos os traficantes de informações da Cidade Sagrada. Será que Mara tem em seu poder os registros da seita?

Deveria ter, deduziu. Se um aliado tivesse obtido acesso a segredos tão delicados, os agentes dos Anasati já teriam sido informados; um inimigo iria de imediato se aproveitar da posse de tais informações, a não ser... O único adversário dos Anasati

impedido de iniciar hostilidades era a facção Acoma-Shinzawai, centrada em Mara. Chumaka bateu no queixo, esquecendo completamente o jogo de shah. E se tivesse calculado mal? E se o Mestre dos Espiões dos Acoma fosse melhor jogador do que ele? E se tivesse sido montada uma armadilha para os negócios dos Anasati, à espera de um passo em falso para abocanhá-los?

– Você está preocupado – comentou Jiro em seu melhor tom de falso aborrecimento.

Ao verificar que seu Senhor disfarçava uma irritação extrema, Chumaka deu seu melhor para desviar o assunto.

– Estou sendo cuidadoso – reconheceu, suficientemente consciente para saber que seus piores pesadelos raras vezes se resolviam como as questões cotidianas.

Sua imaginação fértil sempre o ajudara a desempenhar suas funções. Sua ansiedade em aproximar-se de seu oponente poderia facilmente ter feito com que ele se descuidasse. Tinha de recuar, esperar e observar, como um caçador paciente. Era necessário prestar muita atenção no fabricante de brinquedos de Mara. Depois, parecendo alerta por uma espécie de sexto sentido, constatou que estava imóvel havia muito tempo e que a mente inquieta de seu Senhor estava prestes a revelar todo o seu tédio. Chumaka abriu um largo sorriso.

– Vamos comer? Ou terminamos o jogo, que você está quase perdendo?

Jiro olhou furioso para as peças no tabuleiro. Fez um gesto depreciativo e bateu palmas para chamar os criados.

– Duas derrotas de estômago vazio são mais do que qualquer Senhor deveria enfrentar antes de o sol raiar. – Após aquela observação certamente pensou no *Obajan* morto, pois pareceu bastante irritado. – Maldita seja ela – murmurou tão baixo que achou que o Conselheiro--Mor não o escutara. – Se não fosse a proteção da Assembleia, iria vê-la humilhada e suplicando.

O jardineiro sujou a testa. Apoiado de modo aparentemente descontraído em seu ancinho, observou os canteiros de flores nas imediações sob a luz do sol vespertino. Os botões de flores tinham cor de arco-íris, sem pedaços de sementes secas ou pétalas murchas desfigurando sua beleza. O chão era plano e estava livre de ervas daninhas devido ao trabalho do jardineiro. Todos os arbustos tinham sido podados para prover beleza àquele espaço exíguo.

O oficial imperial aposentado destacado para aquela residência raramente a usava. Como dava valor à paz e ao silêncio, seus jardins tinham sido arranjados de forma a manter longe a confusão da Cidade Sagrada. Já meio cego pela catarata, tendia a esquecer o rosto de seus jardineiros. Por isso, seu belo e discreto jardim particular em frente à biblioteca da cidade se mostrava o ponto de encontro preferido para um Mestre dos Espiões que desejava trocar informações secretas obtidas graças a um suborno pago a um dos copistas dos arquivistas.

Arakasi cuspiu nas palmas das mãos, como faria qualquer bom jardineiro, e mais uma vez pegou o ancinho. Ao rasgar fileiras paralelas no solo seco, suas mãos queimadas pelo sol pareciam naturalmente habituadas a executar aquele tipo de tarefa. A não ser pelos olhos, sempre vigiando dissimuladamente a entrada dos arquivos do outro lado da via, desempenhava seu papel à perfeição. Nisso estava sendo ainda mais cuidadoso do que o habitual. Depois da alteração no modo de encarar as coisas desencadeada por Kamlio, deixou de confiar nas próprias reações. Já não confiava em sua capacidade de agir com a rapidez do passado. Enquanto passava o ancinho, ficou preocupado: será que os sentimentos poderiam levá-lo a hesitar? Já não encarava as pessoas, nem os inimigos, como peões num tabuleiro de jogo. Sua consciência, em contraste com seu dever de servo, colocava um conflito que temia testar.

Desde suas tentativas frustradas de infiltrar um agente na Cidade dos Magos, compreendera que qualquer busca em escritos antigos

sobre assuntos arcanos poderia despertar atenções indesejadas. Além disso, as bibliotecas eram a paixão de Jiro e espiões compunham metade do pessoal dos Anasati. Como os Arquivos Imperiais raramente eram visitados, salvo por estudantes de história, a maioria dos quais iniciados em um ou outro templo, qualquer estranho ali enviado como agente iria levantar suspeitas.

Desde a ascensão de Ichindar ao governo absoluto, o Dia das Súplicas se tornara a ocasião para expor disputas sobre questões obscuras da lei. O Conselho Supremo já não enviava mensageiros para vasculhar pilhas de pergaminhos desbotados visando esclarecer as questões mais sutis da tradição debatidas por mercadores ou guildas.

Arakasi fora tremendamente pressionado para encontrar um iniciado estudante cuja lealdade ainda não estivesse comprometida. No final, acabara por apelar a favor dos acólitos do Deus Vermelho, que acreditavam estar em dívida com a Senhora Mara. Enquanto o Mestre dos Espiões alisava o chão com o ancinho e do portão do jardim lançava olhares discretos às portas entalhadas do outro lado da rua, sentia-se inquieto por sua operação ter se tornado tão inútil. Não se atreveu a tentar convocar seus agentes fixos ao palácio pois, a essa altura, presumira Arakasi, deveriam estar todos sendo vigiados por Chumaka. Já notara sinais suficientes indicando que o ramo de sua rede no palácio tinha sido comprometido. Dessa forma, Arakasi enviara apenas um estudante inofensivo, para confundir os agentes de Chumaka. O Mestre dos Espiões dos Acoma sabia que o inimigo não se deixaria enganar por muito tempo.

Dois sacerdotes de Turakamu, assim como um acólito estudante que transportava pedidos selados do Alto Templo, arranjaram textos sobre os assuntos requisitados por Arakasi. Suas noites tinham sido passadas à luz de vela, lendo linhas de tinta desbotada. Todas as madrugadas enviara mensagens em código a Mara, ainda alojada na velha propriedade dos Acoma, para analisar suas alternativas.

A época do conflito do qual resultara o acordo secreto com os cho-ja poderia estar ligada a uma perturbação civil ocorrida 1.800 anos antes, dois séculos após a fundação do Império, ou então a um período de quatrocentos anos depois desse, em que, apesar de não haver referências a qualquer guerra, uma análise das árvores genealógicas das famílias revelava legados passados a primeiros e segundos primos e um número exagerado de herdeiros menores de idade. Se fora uma praga a responsável por tais quebras em dinastias até então bem organizadas, os textos da época não mencionavam.

Os pergaminhos dos impostos dessas épocas também revelaram crescimentos em fundos relativos à cobrança de tributos; os registros do Tesouro traziam estranhas lacunas e linhas em branco relativas à riqueza gasta. Agora, Arakasi aguardava pela lista de comissões imperiais nos dois períodos em análise. Se o senescal pagara somas a artistas de uma guilda para pintar cenas de batalha, ou a escultores para conceberem arcos do triunfo comemorativos, era certo que uma guerra ocorreria.

Os registros do templo poderiam então ser inspecionados para se apurar a existência de donativos para pórticos de orações enviados por viúvas abastadas que desejavam a amabilidade dos deuses no julgamento das almas dos esposos falecidos nos campos de batalha. Arakasi franziu o cenho enquanto passava o ancinho. Se conseguisse reunir provas de uma guerra, poderia vasculhar registros de famílias e talvez investigar fatos no setor privado ou entradas nos diários de governantes mortos relativos a um conflito eventualmente oculto do conhecimento público.

Mara fora concisa em suas instruções, muito provavelmente em consideração aos receios do Mestre dos Espiões quanto ao desempenho de suas funções. Ela não tinha ilusões: sabia, tal como ele, que o laço recente com Kamlio o deixara vulnerável. Mas poupar seu coração e seus talentos poderia levar os Acoma a cair diante do

desígnio maior e mais assustador da Assembleia de Magos. Cada vez mais, algo emergia: os Mantos Negros podavam a mudança. Tinham permitido a ascensão de Ichindar porque lhes servia para conter Tasaio dos Minwanabi, mas, mais cedo ou mais tarde, apoiariam os tradicionalistas e o ressurgimento do cargo de Senhor da Guerra, obrigando Ichindar mais uma vez a desempenhar um papel meramente religioso e cerimonial.

Resistindo à tentação de limpar a testa suada, Arakasi raspou o ancinho na terra, atormentado por um turbilhão de emoções. O estudo dos registros provou, por omissão, em sutis voltas e reviravoltas, o modo como os Grandes haviam levado o Império à estagnação. Não era preciso um historiador para desvendar as lacunas inexplicadas na trama da história dos tsurani.

Como um tecelão aflito com fios emaranhados, desfazendo um nó de cada vez, Arakasi partiu de uma referência crítica para outra, de modo a traçar um relatório estranhamente ausente. Sua pulsação acelerou até um ritmo que ele nunca conhecera, mesmo contando a perseguição ao *Obajan* da Seita dos Hamoi. Toda a objetividade foi substituída pelo reconhecimento de que se envolvera no maior desafio de sua vida, pois, enquanto sofria para recuperar os sentimentos da garota que conquistara seu afeto, tinha de ajudar a Senhora a desafiar a entidade mais poderosa que o Império conhecia: a Assembleia de Magos.

Arakasi se encolheu ao contemplar o futuro. Todos os dias eram um perigo. Sabia, assim como Mara, que não poderia continuar como Mestre dos Espiões dela, na improvável possibilidade de a Casa dos Acoma sobreviver ao desafio lançado à Assembleia. Ajustando a faixa que lhe cingia a bata e passando os dedos pelo cinto que escondia suas facas, fitou as calçadas varridas e as fileiras de canteiros de flores perfumadas.

Se o destino dos Acoma fosse a destruição, ou se, quando se demitisse do seu cargo, Mara não tivesse uma posição honrada para

lhe oferecer entre seu pessoal, restavam a ele seus dotes de trabalhador, pensou com um humor negro. Inspeccionando as mãos, cheias de terra escura que escondia os calos de uma dúzia de ofícios, considerou que havia carreiras menos valorizadas do que fazer as coisas crescerem.

Matar com certeza era uma delas. A decodificação dos rolos de pergaminho com os registros da seita quase o deixara doente por ver aquela listagem fria de gerações e gerações de mortes e crueldades. Mara agira bem ao utilizá-lo como instrumento implacável para destruir a Irmandade dos Hamoi pela raiz.

Mas a integridade dela não serviu para que Arakasi se sentisse capaz de perdoar a si mesmo por ter executado tal missão. Se, por um lado, o modo de ser dos tsurani concedia honra à sua Senhora, a interação de Arakasi com o bárbaro Kevin confundira seus pensamentos; o perdão de Mara às suas falhas tipicamente humanas no calor de um jardim de kekali gerara as primeiras fendas em sua perspectiva de vida. Constatou que as muralhas de seu isolamento, desde então, ruíam, e já nada fazia para se enganar.

Treinara para ser uma arma apontada a outros da mesma espécie. Kevin estava certo; os cho-ja estavam certos; Mara e Hokanu estavam certos quando desejavam uma mudança na estagnação dos velhos hábitos. Embora um consentimento incondicional tivesse sido o motor entre os Senhores e os servos durante toda a extensa história do Império, Arakasi vislumbrara os demônios de tal modo de pensar espelhados no olhar endurecido de Kamlio. Sua nova maneira de ver as coisas lhe trouxera a culpa.

– Já não sou o que fui no passado – dissera ele à sua Senhora no encontro ocorrido após o assassinato bem-sucedido do *Obajan*.

Fora menos uma declaração a Mara do que a exposição do que lhe ia na alma.

Suspirou, profundamente triste por, durante as horas que passara jardinando no passado, nunca ter feito uma pausa para apreciar o

resultado do seu trabalho. Agora, observava as fileiras organizadas de jovens botões florescendo sob uma perspectiva diferente. Sentindo uma pressão estranha no peito, o Mestre dos Espiões considerou que o humilde jardineiro poderia estar mais próximo de encontrar o equilíbrio na Roda da Vida; era certamente agradável imaginar uma existência de permanente harmonia com o universo.

Arakasi esfregou as mãos e retomou o trabalho. Sua consciência despertada se tornara uma responsabilidade ali. Apesar da aparente tranquilidade que o envolvia, a destruição era iminente.

O dia se aproximou do fim. A luz avermelhada do sol desceu entre os pilares da entrada do jardim. Um vendedor ambulante já idoso empurrava seu carrinho lá fora na rua, usando seu dialeto cantado para oferecer trouxas de pele de tanzi às mulheres dos trabalhadores que regressavam a suas casas, indo dos templos para o bairro das docas. Andrajosas, essas famílias, que estavam apenas um degrau acima dos escravos, queimavam tanzi para suavizar o ar e disfarçar o cheiro de peixe da zona ribeirinha. O incenso flutuou da Praça dos Vinte Deuses, onde os sacerdotes escancaravam as enormes portas dos templos. Os rituais do pôr do sol arrancaram a aristocracia de casa em direção à veneração, numa altura em que as ruas estavam mais frescas e já livres de comerciantes; começaram a circular as primeiras liteiras envernizadas dos nobres, cruzando com o ribombar de carroças vazias de vendedores ambulantes de verduras voltando às terras de cultivo após um dia no mercado.

A hora que antecedia o crepúsculo era o momento em que todas as classes de pessoas se misturavam nas ruas, quando os mensageiros retiravam as fitas da cabeça e os símbolos das guildas e voltavam para casa, para suas mulheres e para a ceia, assobiando. Arakasi foi buscar seu carrinho de mão e começou a guardar a enxada, o ancinho e os rastelos. Observou atentamente a entrada em arco da biblioteca, antecipando a interrupção no trabalho para disfarçar o aparecimento do moço de recados; os trabalhadores

estavam cansados do dia de labuta e já pensando na refeição da noite, enquanto as cortinas das liteiras dos nobres logo seriam fechadas para os isolar dos olhares boquiabertos dos plebeus.

Assim que o jovem aparecesse, Arakasi abandonaria o jardim empurrando o carrinho e o copista passaria depressa a seu lado, a tempo de deixar o relatório no meio das ferramentas.

De início, o som pareceu a Arakasi uma distorção no ambiente, quase despercebido no meio do troar do carrinho de um vendedor de vinhos que passava sobre a calçada do outro lado do portão. O instinto o levou a se agachar atrás do carrinho de mão antes de o veículo passar e seus ouvidos identificaram a perturbação: o zumbido arcano que fazia tremer os ossos de todos, pois precedia a aparição de um Grande.

O suor umedeceu sua nuca. Viriam à procura dele? Teriam associado sua presença a uma conspiração da Senhora Mara? Apenas o hábito manteve Arakasi em seu disfarce de jardineiro queimado de sol arrumando as ferramentas no final de um dia de trabalho. Seu coração palpitou e as mãos tremeram como as de um homem incapacitado. Em sua vida já conhecera muitas vezes o medo, mas nunca esse sentimento tivera algum poder sobre ele. Nunca, até Kamlio aparecer, ultrapassara as barreiras até o núcleo do seu coração.

A dupla de Mantos Negros apareceu num piscar de olhos. O enervante zumbido sumiu, deixando um silêncio que não voltou a ser preenchido pelo rumor de abelhas trabalhando. Os ruídos da rua pareceram estranhamente ausentes, como se o mundo começasse e acabasse nos pilares de mármore ao lado do portão do jardim.

Arakasi não teve de simular espanto quando se jogou para trás do carrinho de mão, com a cara encostada na terra sulcada pelo próprio ancinho.

Os Grandes não repararam nele. Como se ele não tivesse mais vida do que uma estátua de pedra, percorreram o caminho que

atravessava o jardim em direção à entrada e se detiveram sob a sombra do arco. Seus olhos fitaram intensamente a escada da frente da biblioteca, do outro lado da rua. Estavam com as costas voltadas para Arakasi, que de seu ponto de vista privilegiado reparou que tinham os pés incongruentemente calçados com sapatos de veludo, mais adequados para pisos interiores atapetados. Ignoraram o vulgar jardineiro agachado logo atrás como se não passasse de mais um detalhe da paisagem, e não alguém capaz de escutá-los.

Uma cabeça escura encapuzada inclinou-se para mais perto da de seu companheiro.

– Deve aparecer a qualquer momento. A visão indicou que iria atravessar a rua e dirigir-se para cá.

O mago a quem falara reagiu apenas com um meneio de cabeça quase imperceptível.

Arakasi sentiu pouco alívio ao perceber que os Mantos Negros não tinham ido ali à sua procura. Ainda tremendo, quase paralisado de medo, arriscou-se a espiar. Por cima dos dentes do ancinho, encaixado entre os vultos negros enigmáticos dos magos parados debaixo do arco, avistou seu mensageiro aparecer vindo da biblioteca, com uma pasta abarrotada pendurada no ombro.

– Ali! – O Grande que falara apontou para a jovem figura do copista enquanto este descia calmamente a escadaria. – Ali está ele.

Ao aceno da outra cabeça encapuzada seguiu-se uma resposta numa voz invulgarmente profunda:

– Tal como você previu, ele está levando pergaminhos na pasta.

– O assunto? – falou o primeiro mago em tom brusco.

Seu companheiro cerrou os olhos, passou uma mão na testa e, com a outra, fez gestos no ar. Talvez seus movimentos significassem um feitiço ou fossem um símbolo, ou ainda algum ritual de poder incompreensível. O Mestre dos Espiões sentiu a pele se arrepiar quando o formigueiro da magia o atingiu.

A voz grave troou quando o mago disse:

– É uma lista. As requisições imperiais de fundos para as artes. Arcos do triunfo, estátuas comemorativas, memoriais...

Deu-se uma pausa quando os dois Mantos Negros pareceram absorver aquelas informações.

– O período de tempo dessa lista coincide com nossos interesses – disse o da voz fria. – E bastante.

Arakasi cerrou as mãos em torno de sua bata lisa de trabalhador, temendo que a batida intensa de seu coração pudesse ser escutada no silêncio do jardim.

Uma liteira de Senhora carregada por escravos com coberturas de seda para a cabeça passou naquele instante, detendo o copista do outro lado da rua. Vestígios de um perfume de Senhora se misturaram com os aromas das flores que desabrochavam e com o cheiro grosseiro dos dejetos de needra deixados para trás pelos animais.

Os Mantos Negros sussurraram, esticando os pescoços para voltarem a fitar o mensageiro de Arakasi, que, sem suspeitar de nada, atravessou a fervilhante via principal com o andar descontraído de um rapaz que já pensava na recompensa em centis destinada a ser gasta em tabernas.

– Ele deve ser interrogado – disse o mago da voz fria. – É pouco provável que o rapaz se dedique sozinho a tal pesquisa. Temos de detê-lo e descobrir quem o contratou ou o obrigou a investigar.

O outro Grande murmurou sua concordância.

Arakasi sentiu uma pontada de pânico. Se o copista fosse forçado a falar, seu disfarce seria imediatamente descoberto. E mesmo esquecendo Kamlio, mesmo ignorando seu sentimento de vulnerabilidade, o Mestre dos Espiões compreendeu que não teria chance de manter segredos durante um interrogatório conduzido por quem era capaz de ler mentes. A mão de Mara seria revelada, instantaneamente e sem escapatória, e a continuidade dos Acoma seria ameaçada.

Tinha de agir.

Gelado sob a bata de trabalhador, Arakasi sentiu o metal de suas facas de lançar. Apoiado num antebraço, tateou para desapertar o cinto. Sentiu as mãos fracas e úmidas de suor ao levá-las para dentro da túnica e agarrar os punhos de ébano de duas facas: uma para o infeliz copista, outra para ele mesmo. Teria de matar um inocente a sangue-frio e logo em seguida cortar a própria garganta. Depois, teria de esperar que o Deus Vermelho o levasse antes que os magos conseguissem prender sua *wai* a seu corpo para o forçarem a denunciar tudo.

Os Mantos Negros tinham se aproximado um do outro, tapando a visão de Arakasi para a rua. O medo lhe apertou o peito como se fosse uma corda. A lâmina em sua mão trêmula, pronta para ser lançada, pareceu-lhe uma coisa morta, uma lasca. Sentiu o estômago arder de náusea. Quase esperou que acontecesse o pior: que os magos não se movessem e que o copista, alheio a tudo, passasse sob o arco para seu encontro no jardim.

Mas se isso acontecesse, se não obtivesse uma vista livre e um momento para matar, Mara seria destruída.

– Aproxime-se – murmurou o primeiro mago.

A dupla se afastou, embrenhando-se mais nas sombras. Parecendo estátuas imóveis e encapuzadas em ambos os lados do arco de entrada, aguardaram pelo homem que atravessava a movimentada artéria.

A multidão ficou momentaneamente mais compacta. Um vendedor de bolos passou por ali, deixando atrás dele o cheiro de canela. Dois rapazes passaram correndo, perseguindo-se aos gritos, enquanto um cachorrinho saltava em volta das pernas deles. O copista, com uma expressão de preocupação e com os dedos manchados de tinta apertando com força a aba da pasta, se desviou de um corpulento vendedor de água.

Entrou na passagem coberta por sombras diante do portão do

jardim.

Arakasi reprimiu a agitação no estômago. Já matara muitas vezes, mas nunca reagira assim. A mortalidade nada dizia a seu coração empedernido e nunca sentira empatia por sua vítima. Sua força de vontade vacilou no momento em que levou para trás o braço para lançar a faca.

A luz do sol produziu um reflexo prateado na lâmina da faca, chamando a atenção do copista, que arregalou os olhos quando o Grande apareceu na sua frente, nitidamente com a intenção de interpelá-lo.

Arakasi mordeu o lábio. Tinha de agir! Calculou a distância, mirou e debateu-se para expulsar sua repugnância.

– Alto – ordenou o mago mais à esquerda com sua voz metálica.

O copista obedeceu, paralisado de medo.

– Queremos interrogá-lo – anunciou o segundo mago com a voz grave e determinada.

– Seja feita sua vontade, Grandes – reagiu o copista, lívido e trêmulo.

Agarrando o carrinho de mão como se seus dedos pudessem socar através da madeira gasta pelo tempo, Arakasi se obrigou a controlar o turbilhão de sentimentos. Seus olhos devem ter revelado intenções assassinas quando se apoiou num joelho para lançar a faca, pois o copista se retesou, o pânico estampado no rosto. Viu a morte certa na mão de Arakasi e na lâmina de uma faca reluzindo virada para baixo e prestes a ser lançada.

Ele cedeu e deu meia-volta. A pasta balançou de encontro aos quadris quando se esquivou desesperado para a rua cheia de gente, correndo como se seu coração pudesse explodir.

O mago de voz profunda se empertigou, surpreso. O outro gritou, ultrajado:

– Ele nos desafiou!

O Manto Negro mais próximo do portão ergueu as mãos. Um

estrondo semelhante a um trovão abalou o ar, chacoalhando as ferramentas no carrinho de mão e derrubando as flores graças a uma súbita ventania que varreu o chão. Arakasi foi derrubado e caiu. Enfiou as facas sob o corpo prostrado e escondeu o rosto atrás das mãos, enquanto uma sucessão de explosões abalava o jardim, acompanhada por clarões que pareciam relâmpagos.

Ouviram-se gritos da rua, sons de passos em debandada e berros de needras aterrorizadas. Um carreteiro espetou o aguilhão para fazer avançar uma carroça cheia e o cãozinho que andara brincando com os pequenos mendigos começou a latir. Tremendo descontroladamente, Arakasi espiou por entre os dedos.

A não ser pelos transeuntes que corriam apressados e em desordem para longe da entrada do jardim, a rua parecia pouco diferente: o sol poente continuava a projetar a luz vermelha sobre a escadaria da biblioteca e o incenso do templo ainda pairava no ar. Só que o odor suave se apresentava agora misturado com um cheiro de carne carbonizada e um torrão fumegante jazia sobre as pedras da calçada, com nada que o identificasse como humano. Ali perto, intocada pela explosão, repousava uma saca de rolos de pergaminho espalhados, com as pontas agitadas pelos redemoinhos de vento ainda ativos.

– O que fez o imbecil desatar a correr? – ruminou o mago de voz grave. Em seguida dirigiu-se ao companheiro: – Não deveria ter sido tão rápido para reduzi-lo a cinzas, Tapek. Agora não temos ideia de quem o contratou. Desta vez seu temperamento nos custou informações.

O outro Grande, indignado, se defendeu:

– Só há dois suspeitos possíveis, os Acoma e os Anasati. Ninguém mais tem motivos para vasculhar os arquivos. E é impensável que algum homem de condição inferior nos desafie e nos desobedeça.

Virou as costas ao portão, o descontentamento óbvio na

expressão de sua boca, bem visível abaixo do capuz. Seu olhar se voltou para o carrinho de mão e as ferramentas do jardineiro e se deteve, de modo glacial, no corpo prostrado de Arakasi.

O Mestre dos Espiões de Mara sentiu o toque daquele olhar furioso como se fosse uma lança cravada nas costas. Não conseguiu parar de tremer nem se atreveu a se mexer. Com um nó na garganta, manteve a postura submissa.

O mago se aproximou. Pés calçados em veludo se detiveram a poucos centímetros do rosto de Arakasi. Misturado com o pó e o aroma intenso e úmido de flores cortadas, o falso jardineiro sentiu o cheiro forte de ozônio.

– Conhecia aquele homem? – inquiriu o Grande.

Incapaz de falar, Arakasi balançou a cabeça.

O segundo Manto Negro se juntou ao companheiro.

– Ele pode estar mentindo. Temos de ter certeza – disse, e sua voz poderosa soou como uma maldição aos ouvidos de Arakasi.

Então ele se aproximou ainda mais.

Arakasi sentiu um movimento, como se o mago tivesse efetuado um gesto com as mãos.

– Quem era aquele homem? – ouviu a voz profunda do mago questionando. – Responda!

A ponta afiada de um encantamento atravessou a mente do Mestre dos Espiões. Encurralado por um poder inegável, sentiu os pulmões expulsando o ar e os lábios e a língua serem forçados a falar.

– Não passava de um copista – ouviu-se dizer. – Não sei seu nome.

Aterrorizado, Arakasi fechou os olhos. A tristeza por nunca mais poder ver Kamlio se somou à recordação mais vívida daquela tarde de amor físico, do sorriso lânguido dela e dos olhos intensos prendendo definitivamente seu coração.

Em meio àquele monte de memórias, ouviu a voz do Grande:

– A mente dele é um caos. Acha que vamos matá-lo e... anseia ver uma mulher. – O mago deixou escapar uma gargalhada desagradável. – O idiota sonha com uma jovem e bela cortesã que conheceu no passado. Seu único pensamento é o desejo de vê-la uma vez mais antes de morrer.

Arakasi sentiu a compulsão nascida da magia se dissipar na mente e no corpo, enquanto o outro mago ainda usava da palavra:

– Um homem culpado pensaria numa forma de escapar. – O fato de Arakasi ter ficado assustado demais para se mexer deu credibilidade à conclusão de Tapek. – Não, ele não é o nosso homem. O contato do copista fugiu, sem dúvida. Este velho jardineiro desmiolado não sabe de nada. – Sua voz demonstrou irritação. – Tinha razão em me repreender. Ainda assim, sabemos que alguém tenta obter conhecimentos proibidos. Temos de voltar à Assembleia.

A dupla se afastou.

Com o corpo encharcado de suor e coberto de pó, Arakasi permaneceu deitado. Seus ouvidos registraram o zunido agudo e o golpe de ar quando os Grandes partiram, mas já escurecera quando recuperou as forças. Levantou-se tremendo e continuou com o corpo apoiado no carrinho de mão por um bom tempo.

Do lado de fora do portão, na rua, os Brancos Imperiais orientavam escravos a limparem os restos do copista. Um laçao se dirigiu lentamente para um dos lados com um balde e uma vassoura, para limpar a marca enegrecida das pedras da calçada. Ao redor daquele cenário, as requintadas e reluzentes liteiras dos nobres se desviavam para passar o mais longe possível. Os rapazes andrajosos da rua que se juntavam sempre que acontecia algo diferente não apareceram.

Arakasi sentou-se na borda do carrinho de mão e escutou o ruído áspero dos insetos noturnos enquanto o brilho crepuscular desaparecia do céu. A lua espalhou uma luz acobreada sobre as

cabeças encolhidas das flores cortadas. Não precisou ver os rolos de pergaminho que tinham originado a morte do copista. A presença dos Grandes confirmou a verdade por trás de seus palpites relativos ao passado. Em breve teria de escapar para apresentar seu relatório a Mara.

Pior era a incerteza interior nascida no calor do perigo. Ainda agora era incapaz de saber se teria sido capaz de seguir em frente e lançar a faca.

Mara, pensou Arakasi consigo mesmo, Senhora, transformei-me em algo nocivo à sua causa.

Mas, na noite fria, não lhe surgiram respostas. Nada mais poderia fazer além de seu melhor, pois sua Senhora não dispunha de mais ninguém com sua capacidade. E, pelo que a conhecia, Arakasi acreditava que, se sua Senhora o encarasse agora, não haveria censura em seu olhar.

Ela compreendera os conflitos interiores dele. Esse dom, numa Governante, quase o levava às lágrimas. Enquanto se levantava e erguia o carrinho de mão, Arakasi pensou se a compaixão de sua Senhora seria suficientemente grande para quebrar a amargura de Kamlio. Quase riu ao pensar naquilo, numa censura terrível e cortante. Quão próxima ficara a Assembleia de saber de tudo sobre a conspiração de sua Senhora para contrariar o decreto deles. Muito antes de Kamlio poder encontrar a si mesma, todos poderiam estar mortos, carbonizados e fumegando como o corpo ali na rua, sem aviso.

Conselho

Mara sentou-se tranquilamente, com o peso cálido da filha encaixado em seu colo. Mãos rechonchudas de bebê se entrelaçaram em seu cabelo, à procura dos brincos esculpido em contas que ela usava. Kasuma se encantava com tudo o que fosse vermelho e, se pudesse fechar a mão sobre qualquer objeto que lhe agradasse, iria tentar com toda a determinação enfiá-lo na boca. A Senhora dos Acoma resgatou suas joias da pequena herdeira dos Shinzawai, deslizou-a para baixo e pôs-se a balançá-la no joelho.

O ruído de prazer da criança se misturou com os gritos de Justin que penetraram pelo biombo. O garoto continuava a praticar seus dotes de guerreiro e, sob a tutela implacável de Lujan, dava golpes com a espada numa espécie de manequim. Impaciente como seu pai bárbaro, o garoto gritava insistentemente para seu tutor dizendo que os postes de madeira eram estúpidos e que lhe deveria ser permitido golpear algo que se mexesse. Como as aves jiga, pensou Mara com o esboço de um sorriso. Por tê-las atormentado na véspera, Justin ficara de castigo. Os cozinheiros em breve deixariam de ser os alvos das traquinagens do menino.

A Senhora desfrutou o momento. Desde que se separara de Hokanu, pausas raras como aquela proporcionavam os únicos momentos de felicidade que conhecia.

Kasuma a brindou com um sorriso babado. Mara tocou no nariz da bebê, retardando intencionalmente o movimento, de modo que

as pequenas mãos que se contorciam pudessem agarrar as pulseiras para fazê-las retinir. Naquele dia, juntamente com a habitual de jade, usava a inestimável pulseira de cobre que no passado lhe fora oferecida por Chipino dos Xacatecas, expressamente para o prazer de sua filha.

A alegria de Kasuma iluminava seu espírito. Teria sido isso que minha mãe sentia, pensou a Senhora dos Acoma, quando olhava para o meu rosto? Como poderia ter sido diferente o rumo de sua vida se sua mãe não tivesse morrido... Teria permanecido no Templo de Lashima e feito seus votos, enquanto a Senhora Oskiro se tornaria Governante dos Acoma? Sua mãe teria governado do mesmo modo que Isashani, com uma suave astúcia feminina? Ou o desespero a levaria a experimentar inovações perigosas?

Mara suspirou. O interminável ciclo de suposições de nada servia. Tudo o que conhecia da mãe era um retrato pintado que o Senhor Sezu encomendara antes da morte da Senhora durante o parto.

Do pátio externo soou uma reprimenda de Lujan e as pancadas dos golpes do treino de Justin recomeçaram num ritmo estável. Mara não era capaz de escutar o som de uma espada de madeira sem se lembrar de Ayaki. Apesar de Justin não se parecer nada com seu primogênito falecido, havia estranhos momentos em que lembrava o irmão mais velho, fosse um olhar, um virar de cabeça ou uma gargalhada infantil. Se estivesse vivo, Ayaki já teria passado por sua cerimônia de chegada à idade adulta, constatou Mara. Já tinham se passado tantos anos... Já estaria preparado para portar uma armadura de guerra, e não as belas insígnias cerimoniais próprias dos garotos mais novos. Desviou os pensamentos de devaneios inúteis. Consciente de que os dedos de Kasuma brincavam com suas pulseiras, Mara teve de se obrigar a não pensar no outro filho que tivera com Hokanu, aquele que lhe fora tirado pela Seita dos Hamoi antes de nascer.

Uma hora depois, seus dois filhos restantes iriam partir, enviados

por terra com uma comitiva de confiança para o Lar Imperial em Kentosani. Lá estariam mais seguros até que Hokanu se libertasse de suas obrigações com os Shinzawai e pudesse voltar para a propriedade junto ao lago.

Mara fechou os olhos. No dia seguinte partiria em sua jornada, que começaria em território familiar, mas que poderia levá-la muito além do que conhecia. Aproveitou sua última pausa para saborear o momento com a filha pequena. Só os deuses saberiam por quanto tempo ficaria longe. Ficou profundamente triste ao recordar os anos de crescimento de Ayaki que perdera envolvida na campanha em Dustari. Agora que o garoto morrera, amaldiçoava os anos ao lado dele que a política a obrigara a perder.

Um sentimento pior, e mais forte, era o de não querer que Kasuma crescesse sem memórias de sua mãe além de um retrato pintado.

Um leve pé de bebê bateu em seu queixo. Mara sorriu, abriu os olhos e suspirou ao ver a ama de leite chegar para levar a filha. O dia estava passando depressa demais. A mulher volumosa fez uma reverência, cheia de energia no cumprimento de seu dever. Nitidamente, não gostava de testemunhar uma mãe se separar da filha.

– Está tudo bem – assegurou Mara. – Sei que há coisas para empacotar e Kasuma deve ter a oportunidade de dormir um pouco antes de ser despachada numa liteira com o irmão. Justin não irá permitir que ela durma, pois estará muito ocupado brandindo a espada de madeira para salteadores imaginários através das cortinas da liteira.

A severidade da ama se suavizou.

– Minha Senhora, seus dois pequeninos ficarão bem e felizes. Não deve se preocupar.

– Não permita que o Imperador os estrague com mimos – avisou Mara, abraçando Kasuma com tanta força que a bebê até

choramingou. – Ele é terrível com as crianças, sempre fica lhes dando doces, ou joias, que os bebês acabam enfiando na boca. Um dia vai fazer com que um dos pobrezinhos se engasgue, a não ser que alguma de suas insensatas esposas tenha firmeza suficiente para lhe ensinar aquilo que é seguro para uma criança.

– Fique descansada – disse mais uma vez a ama.

Pessoalmente, achava que era a ganância que impedia as mães imperiais de restringir a generosidade do consorte. Estendeu as mãos grandes e calorosas e retirou Kasuma do colo da mãe. A criança chorou muito, estendendo os dedos rechonchudos na direção das pulseiras ruidosas.

– Shhh... Pronto, minha flor – murmurou a ama. – Presenteie sua mãe com um sorriso para que ela o leve em seu caminho.

Naquele momento, enquanto Mara tentava dominar uma tristeza que quase a fez chorar, ecoou o toque de uma sineta. No pátio, o ruído do treino de Justin parou de repente. Pelo uivo de irritação, Mara presumiu que Lujan estendera a mão e apanhara a espada no meio de um golpe. Seu olhar se fixou no da ama, atormentada por um receio dissimulado.

– Vá – disse ela. – Depressa. Compre o que for necessário na estrada, se for preciso, mas siga diretamente para a liteira. Lujan levará Justin e reunirá uma escolta e transportadores, se já não for tarde demais.

A ama fez uma reverência brusca e assustada, o choro de Kasuma abafado em seu ombro. Dirigiu-se rapidamente para a porta. Assim como sua Senhora, sabia o que aquilo significava: o som da sineta anunciava a chegada de um Grande.

Mara saiu de seu entorpecimento. Com o coração acelerado de preocupação, afastou a dor torturante por não ter podido se despedir do filho. Embora a lógica insistisse que, se o Grande pretendesse atacá-la, o garoto não estaria melhor na estrada, o instinto materno não podia ser contrariado: enviar o mais rápido

possível os filhos para longe dos problemas pendentes. Desviou o olhar da porta vazia por onde tinha desaparecido a ama com sua filha e bateu palmas para chamar o escravo mensageiro.

– Chame meu conselheiro. Rápido.

Começou a pedir à sua aia que lhe trouxesse uma túnica lavada e um pente para arranjar as tranças desalinhas por Kasuma, mas parou.

O metal raro que usava no pulso bastava para impressionar e duvidou que seus nervos pudessem aguentar sequer o minuto de silêncio necessário para uma aia lhe ajeitar o cabelo.

Mal conseguindo lidar com o medo, Mara abandonou o conforto do jardim do lado de fora de seus aposentos. Apressou-se a percorrer os corredores pouco iluminados, enquanto os pisos de madeira encerada soavam estranhamente cavernosos sob seus pés, depois de se ter habituado à pedra na propriedade do lago ao norte.

Todas as casas senhoriais tinham um cômodo com um padrão no chão que fornecia um lugar para que os magos da Assembleia chegassem por meios arcanos. Enquanto a decoração de tais cômodos variava, indo do mais simples ao mais luxuoso, o símbolo de convocação era único. Mara passou pela entrada baixa de acesso à sala com cinco paredes. Assumiu seu lugar logo ao lado do mosaico verde e branco que representava a ave shatra, o símbolo de sua família.

Um rígido movimento de cabeça foi o melhor que conseguiu fazer para reconhecer a presença de Saric e Chubariz, o hadonra indicado por Jican para gerir sua antiga propriedade. Ao som da sineta, ambos se apresentaram ali, como era adequado à presença de um Grande. Pouco depois, chegou Lujan, ofegante, com o olhar fixo e a espada bem apertada no punho.

Soou uma segunda sineta, marcando o momento da chegada. Um sopro de ar em movimento agitou o cabelo solto de Mara e as plumas do elmo cerimonial de Lujan. Mara cerrou os dentes e se

obrigou a olhar em frente.

No centro do padrão surgiu um homem de barba e vestes marrons. Não usava enfeites. Seus trajes não eram de seda, mas de fio de lã trançado, atados na cintura por um cinto de couro e uma fivela de bronze de estilo bárbaro. Usava botas, e não sandálias, e, no calor abafado do cômodo sem janelas, sua pele clara estava rosada.

Saric e Lujan hesitaram no meio de suas reverências. Estavam à espera de um homem de preto, um Grande da Assembleia. Nunca tinham ouvido falar de um mago que vestisse outra coisa além da tradicional túnica preta, muito menos um que ostentasse uma barba.

Mara se curvou respeitosamente, prolongando o movimento para poder organizar os pensamentos em ebulição. A Cidade dos Magos poderia ficar ao norte de Ontoset, mas o clima não era assim tão frio. Apenas uma coisa poderia justificar as vestes de seu visitante: ele não nascera tsurani. O recado impulsivo que enviara pelo Portal no mês anterior deveria ter resultado em uma resposta. Diante dela estava o mago bárbaro Milamber, cujo poder libertara a ira que no passado dera a liberdade a escravos e devastara os Jogos Imperiais.

Chegar a tal conclusão de nada serviu para atenuar o medo de Mara. As crenças midkemianas lhe eram desconhecidas. Testemunhara a violência de seus atos, que culminaram em exílio determinado pela Assembleia que lhe dera os primeiros ensinamentos. Sua lealdade e seu temperamento volátil ainda poderiam pertencer-lhe; a chegada brusca e direta após sua vaga mensagem era desconcertante, pois Mara não imaginara uma resposta mais elaborada do que uma missiva.

Embora Milamber não estivesse ali para tratar de assuntos diretamente relacionados à Assembleia, não havia garantias de que não reagiria segundo o interesse de seus pares tsurani. Os acontecimentos entre os dois mundos desde que caíra em desgraça o levaram a trabalhar em aliança com eles. Mara se endireitou após

a reverência.

– Grande – começou dizendo no tom de voz mais firme que conseguiu –, sua presença honra esta casa.

Os olhos escuros se focaram nos de Mara e pareceram disfarçar certa diversão.

– Não sou um Grande, Senhora Mara. Chame-me apenas Pug.
Mara franziu a testa.

– Eu me enganei? Seu nome não é Milamber?

Analisando profundamente a sala com paredes de madeira e sem móveis, Pug respondeu com uma informalidade típica da maioria dos midkemianos:

– Já foi. Mas prefiro ser conhecido pelo nome que me deram em minha pátria.

– Muito bem, Pug. – Mara apresentou seu Conselheiro-Mor e seu Comandante das Forças Armadas. Depois, indecisa quanto ao modo como deveria se comportar e não querendo ser a primeira a abordar assuntos mais sérios, perguntou: – Posso lhe oferecer algo para comer e beber?

Pug voltou a ficar atento, de um modo desconcertantemente intenso. Porém as mãos que tinham gerado poderes destrutivos tão assustadores em Kentosani permaneceram caídas ao longo do corpo. Limitou-se a assentir.

Mara abriu caminho pela escada de madeira e através dos corredores pouco iluminados até o salão grande. Saric, Lujan e seu hadonra os seguiram a uma distância adequada, com os olhos repletos de curiosidade e espanto. O Conselheiro-Mor dos Acoma ouvira muitas vezes, enquanto tomava uma cerveja de hwaet, o relato feito pelo primo sobre a destruição nos Jogos Imperiais. Lujan, em estado de alerta, avançava na ponta dos pés, ciente de que não deveria sequer se atrever a pensar em utilizar suas armas diante de um homem com tais poderes. Saric avaliou a estatura do homem, enrugando o nariz ante os estranhos odores abafados de

fumaça e sebo agarrados à roupa que usava. Pug era um homem com uma estatura normal para um tsurani, o que significava que era baixo pelos padrões de sua pátria. Parecia modesto, a não ser pelos olhos, tremendamente enigmáticos e aterradores, dado seu poder.

Assim que o grupo entrou pelas amplas portas de acesso ao grande salão, Pug disse:

– É uma pena que não esteja em sua residência habitual, minha Senhora Mara. Ouvi falar do grande salão dos Minwanabi quando vivi no Império. As descrições da arquitetura me fascinaram. – E explicou-se, num tom quase amistoso: – Saiba que também ergui minha propriedade sobre as terras de uma família desonrada. Perto de Ontoset, onde ficava a antiga casa dos Tuscai.

Mara olhou para seu convidado. Seu olhar, que a fixava intensamente, não era nada amistoso. Se estava querendo indicar que sabia algo sobre seu lar, sobre seu Comandante das Forças Armadas, seu Conselheiro-Mor e seu Mestre dos Espiões, todos outrora servidores dos Tuscai, exibiu apenas uma fachada sorridente. O olhar de Pug passeou pela sala onde os antepassados Acoma de Mara tinham recebido visitas. Igual à maioria dos salões tsurani, era aberta em dois lados, com biombos que davam para um pórtico à sombra. O teto tinha vigas abobadadas e era coberto por madeira e telhas; os pisos eram de madeira encerada, refletindo o uso ao longo de gerações.

– Impressionante – acrescentou, referindo-se aos estandartes de guerra pendurados em fileira nas traves. – Pelo que sei, sua família figura entre as mais antigas do Império. – Sorriu, e anos desapareceram de seu rosto. – Parto do princípio de que mudou a decoração desde que se apossou de seu outro domicílio, não? Pelo que sei, os gostos do falecido Senhor Tasaio eram execráveis.

Seu tom descontraído serviu para que Mara relaxasse um pouco. Embora suspeitasse que era essa a intenção dele e estivesse relutante em baixar a guarda, ficou grata.

– É verdade. Meu antigo inimigo gostava de almofadas de couro e pele e de mesas com ossos embutidos. Havia mais espadas e escudos decorando as paredes do que os que Jican conseguiu inventariar no arsenal dos Minwanabi. A única seda que encontramos foi em flâmulas de combate e em ornamentos de guerra. Os quartos de hóspedes pareciam uma caserna de oficiais. Mas como sabe tanto sobre meus inimigos mortos?

Pug riu de forma tão aberta que se tornou impossível não compartilhar sua alegria.

– Hochopepa. O velho bisbilhoteiro celebrou o suicídio ritual de Tasaio e, se você se lembra, ele é bem corpulento. Nas cartas que me enviou, queixou-se de não haver um lugar para se sentar na casa de Tasaio que não fosse duro, estreito e guarnecido com tachas de madeira sobre as almofadas, como se fossem feitos para um homem com a forma física de um guerreiro.

Mara sorriu.

– Kevin de Zun me ensinou que a maior parte da arte aqui apreciada seria considerada “exagerada” em sua terra. Podemos apenas argumentar que os gostos dependem do ponto de vista. – A Senhora dos Acoma indicou a seu convidado que se dirigisse às almofadas que ladeavam o estrado sob o dossel onde o Governante da casa conduzia a corte. – Assim aprendi ao longo dos anos, embora frequentemente isso seja fácil de esquecer.

Pug estacou diante dela, permitindo que Lujan se instalasse primeiro. Como Grande, teria essa honra, mas era modesto como um plebeu. Mara achou difícil comparar aquele homem afável com a figura de imponente orgulho e poder que, por si só, arruinara um antigo Senhor da Guerra. Mas era preciso mais do que aparências para descansar o Conselheiro e o Comandante das Forças Armadas. Saric e Lujan esperaram até o mago se instalar confortavelmente antes de se sentarem. Seu hadonra, mais retraído, parecia estar sendo julgado por um crime capital.

Os criados logo trouxeram as bandejas, disponibilizando carne, queijos e frutas frescas. Outros trouxeram água quente e bebidas variadas. Pug serviu-se de um prato com jomach fatiado e, antes que o pessoal treinado de Mara pudesse oferecer algo, despejou ele mesmo aquilo que deve ter presumido ser chocha. Bebeu e seus olhos, visíveis sobre a xícara, se arregalaram de surpresa.

– Chá!

Mara se agitou, preocupada.

– Deseja outra coisa? Meu cozinheiro preparará chocha imediatamente, se for esse o seu desejo, Grande.

Pug levantou uma mão.

– Não, chá serve perfeitamente. Estou espantado por encontrá-lo aqui. – Então estreitou os olhos. – Embora, segundo me consta, ninguém deva se surpreender com nada quando o assunto é a Senhora dos Acoma.

Sentindo-se subitamente desconfortável, sobretudo por ele estar ciente de seus negócios no outro lado do Portal, Mara inspirou profundamente antes de objetar:

– Grande...

Pug a interrompeu:

– Por favor. Renunciei a meu título quando me foi oferecido, na época em que a Assembleia solicitou que eu fosse reintegrado. – Diante das sobrancelhas erguidas de Saric, o mago midkemiano assentiu. – Sim, eles anularam a minha ordem de exílio depois do conflito com o Inimigo que veio ameaçar ambos os mundos. Agora sou também um Príncipe, por adoção da família real. Mas prefiro ser conhecido por Pug, mago da Doca da Estrela, a qualquer outro título. – Serviu-se de mais chá e depois desapertou a gola de lã para suportar melhor o clima mais quente de Kelewan. – Como está Hokanu? Já não o vejo desde... – um olhar severo uniu suas sobrancelhas – desde a batalha de Sethanon.

Mara suspirou, ocultando a tristeza enquanto mordiscava um

pedaço de fruta da bandeja.

– Ele está bem, mas lidando com a rivalidade desagradável de seus primos desde que herdou o título do pai.

A mágoa voltou à expressão de Pug quando deixou a xícara de lado. O jomach permanecia sem ser provado em suas mãos, que tinham uma pele fina e as unhas impecavelmente cortadas.

– Kamatsu era um dos homens mais excepcionais que esta terra conheceu. Sua falta será sentida. De variadas formas, devo a ele o que sou hoje. – Depois, parecendo incomodado com pensamentos sombrios, Pug fez um esgar. – Hokanu desenvolveu a mesma paixão por cavalos que consome seu irmão?

Mara balançou a cabeça.

– Ele gosta deles, mas não tanto quanto Kasumi. – Tranquilamente, e com tristeza, acrescentou: – Ou Ayaki.

Pug ouviu aquela alusão com a compaixão declarada e bárbara que em Kevin tantas vezes se revelara desconcertante.

– A morte de seu filho foi uma tragédia, Mara. Tenho um filho com quase a mesma idade que ele teria. Ele é cheio de vida... – Interrompeu-se, remexendo nas mangas das vestes, incomodado. – Foi muito corajosa ao suportar essa perda sem se tornar insensível ou fria.

Era perturbador o modo como aquele mago bárbaro conhecia pormenores da vida dela, mesmo os mais pessoais. Mara lançou um olhar intenso a Saric, que pareceu prestes a dizer algo. Ela fez um sinal para mostrar que desejava falar primeiro, antes que a coragem a abandonasse por completo.

– Pug – começou, com aquela abordagem familiar soando tímida –, enviei-lhe a mensagem em absoluto desespero.

Pug cerrou os punhos e continuou a observá-la, completamente imóvel.

– Talvez seja sensato começar pelo princípio.

Os olhos dele eram os de um velho, como se tivessem

contemplado mais coisas do que a mente humana deveria ver e sofrido dores mais terríveis do que a perda de um único filho. Por um instante, Mara vislumbrou, para além de seus mistérios, até as forças que espiralavam dentro daquele homem cujos modos pareciam simples como os de um primo tagarela. Ela se lembrou do vulto vestido de preto que sozinho destruíra o Grande Estádio Imperial, um edifício de pedra gigantesco que levava décadas para ser erguido. Centenas morreram ali e milhares ficaram feridos numa aterradora explosão de força, tudo porque Milamber não concordara com a brutalidade de um combate humano que servia de entretenimento.

Apesar de sua aparência descontraída e dos modos calorosos, era um mago de dimensão imensurável. Mara se arrepiou intensamente, sentindo-se como uma garota diante da consciência do poder reprimido que aquele homem parecia ocultar com tanta habilidade. Contudo, era necessário reconhecer também que, sozinho, Pug se inflamara diante da tradição e fora exilado devido a ações intoleráveis no entender da Assembleia. Se os Acoma pretendiam obter proteção, ele era uma chave potencial para o conhecimento.

Mara optou por arriscar tudo. Dispensou Lujan e seus conselheiros e, a sós com o mago bárbaro, falou sem rodeios. Começou pelo ano em que as mortes do pai e do irmão a obrigaram a assumir o controle da sua casa e enumerou as vitórias e as derrotas que se seguiram. Falou sem parar, esquecendo por muito tempo o chá e a comida na bandeja, terminando por fim com o confronto com os Anasati que originara a intervenção da Assembleia.

Pug a interrompeu com uma pergunta. Depois passou a pedir vários esclarecimentos relativos a uma ideia ou a descrição de um detalhe, ou esmiuçou para saber as motivações por trás de determinada ação. Mara ficou impressionada com a excelência de sua memória, pois várias vezes pediu mais informações sobre algo

que fora mencionado mais de meia hora antes. Quando Mara se referiu às últimas descobertas de Arakasi relativas a lapsos de continuidade em documentos antigos nos Arquivos Imperiais, as perguntas de Pug se tornaram ainda mais incisivas.

– Por que razão deseja minha ajuda nesses assuntos? – perguntou por fim, num tom ilusoriamente moderado.

Mara compreendeu que teria de ser completamente sincera.

– Tornou-se evidente que a Assembleia poderia se opor a mim, não com o intuito de manter a paz, mas para impedir as mudanças no seio do Império. Os Grandes têm controlado as Nações desde o início, há mais de mil anos, se os relatos dos meus conselheiros e do meu Mestre dos Espiões estão corretos.

Embora pudesse ser julgada e destruída pela ousadia de sua acusação, Mara deixou de lado as incertezas. Se recuasse diante daquela oportunidade de obter conhecimento, os Acoma de qualquer modo estariam perdidos. Obrigou-se a embrulhar em palavras claras o que se tornara sua obsessão desde a morte de Ayaki:

– A sua maneira de ser midkemiana revelou que as tradições que nós, tsurani, veneramos podem se tornar destrutivas quando ficam estagnadas. Nós nos tornamos um povo cruel desde a Ponte Dourada. O mérito foi substituído por complexos códigos de honra e por um rígido sistema de castas. Eu preferiria que houvesse uma mudança e que fosse posto um fim a políticas impiedosas em nome da honra pessoal. Preferiria ver nossos Senhores sendo responsabilizados por suas ações e os escravos libertados. Mas suspeito que a Assembleia evitaria até que a Luz do Céu legalizasse essas alterações no modo de conduta.

Mara olhou para cima e deparou com Pug fitando sua xícara de chá vazia. A luz tardia do sol brilhava no chão de madeira e os queijos já estavam um pouco derretidos na bandeja de comida. Tinham decorrido horas sem que dessem conta disso. Desolada, Mara constatou que as perguntas do mago midkemiano não só a

levaram a revelar mais do que planejava como também tinham cristalizado seu pensamento, organizado sua mente e delineado exatamente que problemas havia à frente.

Respeitando ainda mais o mago bárbaro, já que não reparara que ele moldara suas ideias, Mara uniu as mãos. Com grande ansiedade, aguardou o terrível julgamento dele... ou a oferenda de sua compreensão. Por instantes, nada se moveu no grande salão, a não ser os estandartes de guerra agitados pela brisa. Pug por fim quebrou o silêncio:

– Muito do que me diz me leva a pensar em coisas que senti... coisas que fiz.

– Não estou entendendo – confessou Mara, nervosa.

Pug sorriu.

– Simplifiquemos as coisas dizendo que a Assembleia está repleta de discordâncias. Vista de fora, a sociedade de magos pode parecer uma entidade monolítica, um corpo que ocasionalmente intervém nas questões do Império, mas que por norma se mantém longe. – Fez um gesto amplo como seria de esperar de alguém de sua cultura. – Mas isso está muito longe da verdade. Cada Grande pode agir como melhor achar e quando lhe aprouver, pois sua formação é destinada a servir o Império.

Mara assentiu.

O olhar de Pug se voltou para ela, cheio por uma ironia que poderia demonstrar diversão se o assunto fosse bem menos sério.

– No entanto, há momentos em que dois magos podem ter pontos de vista radicalmente diferentes sobre a melhor maneira de servir. Embora raras, há ocasiões em que os desentendimentos levam a conflitos.

Mara arriscou-se a fazer uma conjectura:

– Então, alguns Grandes podem não concordar com a intervenção na minha guerra contra os Anasati?

– Seria uma minoria – reconheceu Pug. Talvez as recordações do

exílio imposto pela Assembleia lhe tivessem vindo à mente, pois pareceu avaliar a ansiedade de Mara. – Estou também certo de que outros argumentariam que sua morte resolveria o assunto de modo rápido.

Deliberadamente cuidadoso com as palavras, não confirmou nem negou as especulações relativas ao fato de a Assembleia conter o desenvolvimento do Império; na verdade, pouco lhe dissera além do que Fumita sugerira a Hokanu nos rituais fúnebres de Kamatsu.

Mara reprimiu sua frustração quando Pug se ergueu, nitidamente com a intenção de acabar com a conversa. Tentando não perder a esperança de obter ajuda, acrescentou de súbito:

– Eu lhe escrevi na esperança de que conhecesse uma forma de me defender perante a Assembleia, caso isso se torne necessário.

– Foi o que pensei. – De repente duro como ferro bárbaro, Pug uniu as mãos sob suas amplas mangas e fitou-a enquanto ela também se levantava. – Acompanhe-me até o padrão.

Mara dispensou os criados que se aproximaram para recolher a bandeja, assim como os dois guerreiros posicionados ao lado da entrada externa que se preparavam para escoltá-la. Ciente de que Pug poderia partir de qualquer ponto da casa, concluiu que o convite nascia de um desejo de privacidade. Enquanto o conduzia pelo grande salão para o corredor mais escuro, Pug puxou-a para mais perto com um toque no braço.

– Por que você haveria de se preocupar com sua segurança, Mara dos Acoma? – Depois prosseguiu em tom tranquilo: – Se fosse uma boa filha e deixasse de dar problemas aos pais, nada teria a temer.

Em tempos menos sombrios, Mara poderia ter sorrido àquela imagem.

– O último agente que enviei aos Arquivos Imperiais para procurar discrepâncias financeiras significativas em determinados períodos históricos foi pura e simplesmente aniquilado pela

Assembleia.

Mais parecendo que Pug nascera conhecendo os cômodos daquela casa estranha, virou na direção da sala com o padrão.

– O conhecimento pode ser algo perigoso, Mara dos Acoma.

Ele não perguntou que anos o agente investigara ou o que conseguira descobrir; o silêncio nessa questão apenas sublinhou os receios de Mara. Ela entrou na sala do padrão ao lado do mago. Pug voltou-se e fechou a porta. Ela não viu o gesto que ele fez com as mãos, mas sentiu uma espécie de vento frio atravessá-la e percebeu que fora invocado um feitiço. Pug se endireitou, a expressão séria.

– Durante alguns minutos ninguém, nem mesmo o mais hábil de meus antigos irmãos, poderá escutar suas palavras.

O rosto de Mara perdeu toda a cor.

– Os Grandes conseguem ouvir o que se diz no meu grande salão?

Pug sorriu, para acalmá-la.

– O mais provável é que nenhum deles tenha tentado. Isso é considerado uma falha grave em termos de comportamento. Embora eu não possa garantir nada quanto a Hochopepa, caso ele considere o assunto relevante. Ele é bem bisbilhoteiro.

Essa última frase foi proferida com afeto e Mara percebeu que o mago corpulento teria sido um dos amigos e apoiadores de Pug após a confusão no Grande Estádio Imperial. Por mais que fosse um genuíno Manto Negro, Hochopepa poderia nutrir simpatia pela causa dos Acoma. A pergunta seguinte de Pug a despertou de seus devaneios especulativos:

– Mara, compreende que as mudanças em que trabalha irão revolucionar o Império?

Completamente exausta, Mara se recostou na parede de madeira e observou o símbolo da ave shatra inserido no chão.

– Devemos continuar como estamos, sendo governados por homens que assassinam crianças e permitem que pessoas boas

sejam espancadas e destruídas pela servidão quando seus talentos e empenho merecem mais que isso? Jiro dos Anasati e a facção que lidera farão com que lutas de poder triviais sejam mais importantes do que todo o resto. É uma heresia eu dizê-lo, mas já não acredito que os deuses apoiem tal desperdício.

Pug fez um gesto de desaprovação.

– Então, por que perturbar a Assembleia? Faça um assassino cuidar de Jiro. Certamente dispõe de meios para contratar a morte dele.

A vulgar frieza desse comentário deixou-a no mínimo desconcertada. Mara esqueceu que ele era um mago, esqueceu seus terríveis poderes, esqueceu tudo menos sua angústia amarga.

– Por todos os deuses, não me fale de assassinos! Destruí a Seita dos Hamoi porque era uma arma à mão de Governantes que queriam executar seus planos egoístas. Os Acoma nunca encomendaram assassinos! Prefiro ver minha linhagem extinta e perdida na memória antes de recorrer a tal prática. Minha morte foi encomendada sete vezes. Por três vezes, as vidas de meus entes queridos foram enviadas pela seita, em meu lugar, para os salões de Turakamu. Perdi dois filhos e a mãe de meu coração pelas mãos sangrentas de assassinos.

Em seguida, recordando de a quem estava se dirigindo, concluiu seu pensamento:

– Há algo mais em jogo aqui do que meu ódio a assassinos. A morte de Jiro poderia repor a honra, mas isso não poria fim a nada. Não resolveria nada. A Assembleia iria continuar a procurar a ruína de minha casa. Tudo porque Ichindar, Hokanu e eu mesma, enquanto Serva do Império, procuramos recuperar o que falta em nossas vidas.

– Falta? – perguntou Pug sem demora enquanto cruzava os braços sobre o peito.

– Dentro de nós. Dentro do Império.

– Prossiga.

Mara fitou profundamente os olhos de Pug.

– Conhece Kevin de Zun?

Pug assentiu.

– Não muito bem. Conheci-o aqui...

– Quando? – Completamente desviada de sua linha de pensamento, Mara arregalou os olhos de espanto. – Nunca recebi sua visita. Com certeza eu recordaria tal acontecimento!

Pug a observou com um humor amargurado.

– Na época, eu tinha uma posição um tanto inferior, já que era um dos escravos do Senhor Hokanu. Kevin e eu trocamos apenas algumas palavras. Mas já o vi uma vez desde que voltou à corte do Príncipe em Krondor, numa recepção aos Barões da Fronteira.

Mara se conteve quando sentiu o coração bater intensamente.

– Ele está bem? – perguntou, num sussurro tenso e com um olhar suplicante.

Pug assentiu, consciente das emoções profundas evidentes por trás daquela pergunta simples. Em resposta a uma necessidade que o orgulho dela nunca reconheceria, decidiu acrescentar algo mais:

– Kevin ganhou importância a serviço do Príncipe Arutha. Os terceiros filhos de um nobre menor precisam abrir seu caminho com muita força de vontade. Pelo que soube e pelo que vi, saiu-se muito bem, na verdade. Presta serviço no Norte do Reino ao Barão do Castelo Alto e creio que já foi promovido várias vezes.

A voz de Mara baixou, assim como seus olhos, quando perguntou:

– E casou?

– Não sei, lamento dizer. Doca da Estrela fica longe da corte e nem sempre nos chegam aos ouvidos novidades com mais detalhes.

– Quando Mara ergueu o olhar, Pug comentou: – Embora não esteja certo de qual seria a resposta que mais a agradaria, sim ou não.

Mara soltou uma gargalhada pesarosa.

– Nem eu.

Uma luz dourada se infiltrou por baixo da porta quando um criado acendeu lamparinas no corredor; o anoitecer lançou sombras arroxeadas sobre o espaço confinado da sala do padrão. De repente despertado para a passagem do tempo, Pug falou abruptamente:

– Tenho de ir. – Antecipou-se à segunda tentativa de Mara para contê-lo. – Nada tenho para lhe oferecer em termos de magia ou sabedoria, Senhora. Não pertenço à Assembleia, mas, ainda assim, os juramentos que prestei quando fui admitido na irmandade cercam minha mente. Não meu coração. Mesmo com meus poderes, é difícil desobedecer a determinada formação. Não posso ajudar em sua luta. Mas isto posso lhe oferecer: a Senhora é sábia ao procurar conselho fora do Império, pois em seu interior poucos aliados encontrará.

Os olhos de Mara se estreitaram ao perceber que ele sabia dos preparativos secretos para a jornada para além das fronteiras; mas como é que descobrira ou o que lhe permitira ler, apesar de ela se esforçar para disfarçar a peregrinação, isso foi algo que não conseguiu adivinhar.

– Então é verdade que os cho-ja não podem me ajudar.

O rosto de Pug foi rasgado por um sorriso. Afastou-se dela com um ar divertido quase infantil.

– Você está mais próxima de desvendar o grande mistério do que eu imaginava. – Sua expressão retomou a máscara de neutralidade. – Aqueles dentro do Império que poderiam desejar se aliar a você estão impedidos. Não, deve procurar fora das Nações – concluiu.

– Onde? – pressionou Mara. – No Reino das Ilhas?

Mas logo percebeu que a pista que sugerira era uma falsa esperança. Já tinha falado com o homem mais poderoso do outro lado do Portal.

Pug esticou os braços, deixando cair as mangas de sua túnica.

– Sabia que minha esposa era thuril? – disse, indiretamente. –

Um lugar muito interessante, as Terras Altas. Um dia devia visitá-lo. Envie meus cumprimentos a seu esposo.

Sem dizer mais nada, ergueu as mãos sobre a cabeça e desapareceu. O sopro de ar no espaço que ocupara preencheu o silêncio enquanto o cômodo ficava escuro com a noite que chegava. Mara suspirou e abriu a porta. Piscando com a súbita luz ofuscante das lamparinas, viu Saric e Lujan à espera.

– Nada mudou – anunciou a seu conselheiro e a seu oficial. – Amanhã daremos início à nossa peregrinação.

Os olhos de Saric se iluminaram de excitação. Após um olhar de relance para se assegurar de que não havia criados suficientemente perto para ouvir, segredou:

– Vamos para além de Lepala?

Mara conteve um sorriso de resposta, cautelosa para não demonstrar mais entusiasmo do que o devido para uma viagem religiosa, embora também ela estivesse entusiasmada e curiosa com a perspectiva de cruzar as fronteiras para visitar terras desconhecidas.

– No barco mais rápido. Mas temos de visitar os templos antes de viajarmos para leste. Se pretendemos tirar proveito de nossa viagem a Thuril, devemos ser discretos.

Os preparativos ainda por fazer antes do amanhecer exigiam atenção e Lujan e Saric pediram dispensa à Senhora para tratar deles. Assim que partiram, com movimentos tão semelhantes que só seriam possíveis em pessoas do mesmo sangue, Mara olhou para eles e suspirou. A casa lhe pareceu vazia e silenciosa sem as crianças. Lamentando ter perdido a oportunidade de se despedir adequadamente, dirigiu-se às escadas e daí ao escritório, aonde os criados lhe levariam a refeição da noite. A primeira luz do dia não chegaria suficientemente rápido para acalmar seus nervos. Agora que o caminho se apresentava livre, estava ansiosa por partir.

Não era capaz de adivinhar o que a aguardaria do outro lado da

fronteira, em terras de povos que haviam sido inimigos do seu durante anos de guerras e escaramuças. O tratado que assegurava a presente paz era instável. Os habitantes das Terras Altas da Confederação se ofendiam facilmente e eram beligerantes por natureza. Mas o mago mais poderoso dos dois mundos encorajara discretamente a viagem exploratória. Mara sentiu que ele, mais do que qualquer outro, compreendera perfeitamente o que estava em jogo. Mais do que isso, entendera a amplitude terrível dos perigos que ela necessitava vencer.

Enquanto passava diante de criados curvados em respeito, rumo ao conforto de seus aposentos, pensou qual teria sido a previsão de Pug quanto a suas possibilidades de sucesso. Depois, pensou melhor e percebeu que fora sensata em não perguntar. Se o mago bárbaro tivesse respondido, as palavras certamente teriam lhe partido o coração.

O sacerdote gritou. Os ecos reverberaram pelas enormes abóbadas do teto do templo, que se situavam sobre pilares e contrafortes esculpidos em madeira. O círculo reunido de acólitos vestidos de vermelho respondeu com um cântico ritual e um raro sinal metálico soou para assinalar o final da cerimônia matinal. Mara aguardou tranquilamente na sombra na parte de trás da câmara, rodeada por sua guarda de honra e com seu Conselheiro-Mor ao lado.

Saric parecia absorto em pensamentos bem distantes da religião. Seus dedos tamborilavam nas saliências da concha de corcara de seu cinto e seu cabelo apresentava um ar desgrenhado, como se, impaciente, tivesse passado os dedos pela franja. Apesar de nenhum dos guerreiros se mostrar desconfortável, a postura muito tensa indicava que não conseguiriam pensar em outros assuntos no recinto sagrado do Deus Vermelho. A maioria ofereceu orações silenciosas ao Deus da Sorte e e à Deusa do Destino para que o derradeiro encontro com o Deus da Morte ainda demorasse.

E, na verdade, pensou Mara, o Templo de Turakamu não era um local concebido para ser confortável. Um altar antigo, outrora local de sacrifícios humanos – o que ainda acontecia, segundo alguns rumores –, se elevava a partir de um palco no meio da câmara. Bancos de pedra rodeavam o local, desgastados pelos pés de inúmeros adoradores e estriados por sulcos que davam para recipientes cavados aos pés das estátuas já com séculos, cujas superfícies haviam sido alisadas e manchadas pelo toque de gerações sucessivas de mãos.

As paredes por trás dos nichos estavam pintadas com figuras de esqueletos humanos, demônios e semideuses com múltiplos braços e pernas. As imagens se contorciam ou dançavam em posições de êxtase; apesar de seu aspecto grotesco, Mara se lembrou de outros ícones e pinturas que decoravam a Casa da Fertilidade, um dos muitos santuários de Lashima, visitada por mulheres que rezavam pela concepção. Contudo, apesar de o Templo de Turakamu não representar nada com conotações sexuais, havia uma característica voluptuosa nos murais, como se aquelas horríveis figuras entrelaçadas estivessem festejando, e não sofrendo.

À espera de ser recebida, Mara pensou que, apesar de os sacerdotes do Deus Vermelho serem assustadores, em conversa insistiam que, como todo mundo encontra o seu fim aos pés de Turakamu, a morte era um destino a ser aceito com compreensão, não com hesitação.

O círculo de acólitos organizou-se numa coluna dupla, envolvida pela fumaça serpenteante do incenso. Mara viu o vulto de capa na frente da procissão se deter para atender um suplicante que implorava pela piedade do deus para alguém recentemente falecido. Uma escritura cheia de selos trocou de mãos; seria provavelmente uma ordem de pagamento da família oferecendo uma contribuição generosa ao templo caso o pedido fosse atendido. Assim como mostravam as pinturas mais afastadas do altar sacrificial, humanos

com expressões santas se curvavam diante do trono do Deus Vermelho para escutar as decisões divinas relativas ao renascimento na vida, a nova posição na Roda definida pelo equilíbrio entre as dívidas e a honra.

Os recém-partidos, segundo se acreditava, poderiam ser engrandecidos aos olhos do Deus Vermelho através de orações e, enquanto os pobres iam a pé para prestar homenagem e acendiam lamparinas baratas de barro, os ricos apareciam em liteiras transportando somas avultadas para rituais particulares no templo.

Mara pensou se tais práticas influenciariam Turakamu ou se seriam encorajadas pelos sacerdotes terrenos que desejavam rubis para seus mantos e comodidades para seus refeitórios e as celas onde dormiam. Com certeza, os enormes tripés de ouro sustentando as lamparinas no altar se equiparavam à riqueza de um reino. Embora cada um dos templos dos Vinte Deuses tivesse enfeites caros, poucos eram tão luxuosamente decorados como até mesmo o menor dos dedicados a Turakamu.

Uma voz interrompeu seu devaneio:

– Boa Serva, sua visita nos honra. – A procissão de acólitos alcançara a porta de trás e saía lentamente, mas o Sumo Sacerdote que dirigia a cerimônia se afastara da coluna e se aproximara do séquito de Mara. Sob a maquiagem e a capa de penas, era um homem de estatura mediana, idoso, mas com um olhar vivo. De perto, percebia-se que fora surpreendido e suas mãos nervosas remexiam a vara de osso com os botões em forma de caveira que brandira durante a cerimônia. – Sabia que seguia numa peregrinação, Senhora Mara, mas presumi que visitaria o grande santuário na Cidade Sagrada, e não nossa humilde residência em Sulan-Qu. Não me preparei para a honra de uma visita pessoal.

Mara fez uma pequena reverência ao Sumo Sacerdote de Turakamu.

– Não desejo presenciar uma cerimônia. E, na verdade, minha

viagem até aqui se deve a outras razões. Não à devoção. Necessito, isso sim, de seu conselho.

As sobancelhas do Sumo Sacerdote se ergueram de surpresa e desapareceram sob o queixo da caveira que lhe coroava a cabeça, agora que terminara a cerimônia. Não se apresentava completamente nu e pintado de vermelho como era habitual em rituais realizados fora do solo sagrado. Mas tinha o cabelo trançado com relíquias que pareciam partes de pássaros desmembrados e os enfeites visíveis sob sua capa de penas vermelhas eram ainda menos convidativos.

Como se percebesse que seus trajes formais não eram indicados para conversas, passou sua vara ao jovem acólito que aguardava ao lado e despiu a túnica. Os cintos cruzados onde estavam penduradas as relíquias tinham um aspecto antigo e dois outros assistentes avançaram rapidamente para retirá-los de seus ombros com um cuidado reverencial. O rapaz levou as insígnias, entoando cânticos, para seu lugar em armários trancados escondidos num labirinto de corredores.

Usando apenas uma simples tanga e tendo ainda nos olhos riscas de tinta da cerimônia, o sacerdote de repente pareceu bem mais jovem.

– Venha – disse, convidando Mara. – Vamos para um local mais confortável. A sua guarda de honra também pode vir, ou pode esperá-la no jardim dentro dos portões. Lá há sombra e um servo cuidará de suas necessidades.

Mara fez sinal a Lujan para que a acompanhasse e indicou aos demais que se retirassem. Nenhum dos guerreiros pareceu aliviado, mas seus passos se mostraram vivos assim que saíram em formação e se dirigiram pela entrada rumo ao jardim externo. Homens com ofícios marciais nunca se sentiam confortáveis com os seguidores de Turakamu. Dizia a superstição que um soldado que passasse muito tempo em devoção ao Deus Vermelho se arriscava a

atrair os favores da divindade e aqueles que Turakamu viesse a amar seriam levados ainda na juventude dos campos de batalha.

O Sumo Sacerdote seguiu na frente através de uma pequena porta rumo a um corredor escuro.

– Quando não estou usando os trajes cerimoniais, sou conhecido como Pai Jadaha, Boa Serva.

Praticamente sorrindo diante de sua formalidade, a Senhora respondeu:

– Pode me chamar de Mara, Pai Jadaha.

Ela foi levada para um aposento austero com paredes de painéis sem decorações e biombos por pintar. As esteiras de oração estavam pintadas de vermelho, para a glória do deus, mas as usadas para sentar eram tecidas em fibra natural. Foi apontado a Mara o maior dos pobres montes de almofadas, esfiapadas pelo uso mas limpas.

Lujan pôde se sentar e orar rapidamente em silêncio pelo perdão de Turakamu. Seus pensamentos tinham se revelado errados; nitidamente, no templo, os sacerdotes de Sulan-Qu usavam o dinheiro oferecido pelas famílias suplicantes unicamente para decorar os cômodos dedicados ao deus.

Assim que Lujan e Saric se instalaram ao lado da Senhora, o Sumo Sacerdote mandou seu criado ir buscar algo para comerem e beberem. Um criado pessoal com uma cicatriz feia e apenas um olho tratou de lhe remover a pintura cerimonial e lhe trouxe uma túnica branca listrada de vermelho. Depois, sobre uma bandeja de chocha e pequenos bolos, o Sumo Sacerdote dirigiu-se à sua visitante:

– Mara, que serviço o Templo de Turakamu pode lhe oferecer?

– Não sei bem, Pai Jadaha. – Mara, por uma questão de educação, serviu-se de um pequeno pedaço de bolo. – Procuo conhecimento – acrescentou, enquanto Saric lhe servia chocha.

O sacerdote reagiu se benzendo.

– Os poucos recursos de que dispomos estão à sua disposição.

Mara não escondeu sua surpresa, pois não estava à espera de

tão pronta aceitação.

– Você é muito generoso, Pai Jadaha. Mas humildemente o alerto: talvez prefira escutar minhas necessidades antes de fazer uma promessa tão abrangente.

O Sumo Sacerdote sorriu. Seu criado se retirou respeitosamente e Mara, ao ver o rosto sem tinta do líder dos devotos do Deus da Morte, constatou que se tratava de um ancião de ar bondoso. Magro e em boa forma, tinha belas mãos de escriba e olhos que irradiavam inteligência.

– O que devo temer ao fazer promessas, Senhora Mara? Demonstrou seu fervor no grande serviço que prestou ao Império. Duvido muito que seus motivos agora sejam egoístas; não depois do comportamento demonstrado após o desmantelamento da Casa dos Minwanabi. Mais do que generosas, suas ações foram... sem precedentes. Não só respeitou a forma correta de remover o pórtico de orações que Desio mandou erguer à sua morte como desinteressadamente assegurou que não havia desonra implícita no pedido ao templo para que o pórtico de orações fosse transferido para fora de suas terras. Somos nós, sacerdotes, que estamos em dívida, pela sua contribuição para acabar com a tirania do Conselho Supremo. Mais uma vez, é permitido que nossa orientação influencie a vida cotidiana. – O sacerdote fez um gesto pesaroso e serviu-se de uma grande fatia de bolo. – As mudanças na estrutura do poder são muito lentas. Os Senhores regentes que resistem à nossa influência são coesos em sua oposição. Ainda assim, estamos fazendo progressos.

Mara se lembrou então das palavras do representante do Templo de Turakamu que conduziu a realocação do pórtico de orações de Desio. Naquela época, sensações opressivas a levaram a desvalorizar os comentários do sacerdote, que considerou uma bajulação para cair em suas boas graças. Apenas anos mais tarde é que reconheceu a sinceridade daquelas palavras. A descoberta de apoio num local

inesperado estimulou sua coragem.

– Preciso fazer algumas perguntas sobre a essência da magia.

O Sumo Sacerdote parou com a taça de chocha a meio caminho dos lábios. Piscou uma vez, com os pensamentos bem longe. Depois, como se o pedido da Senhora fosse algo bem comum, voltou a beber da taça. Deixou que a bebida pairasse no céu da boca antes de engolir, talvez por ter desejado ganhar tempo enquanto refletia, ou, como Saric depreendeu com sagacidade, para disfarçar o fato de ter ficado inconvenientemente engasgado. Fosse qual fosse seu motivo sacerdotal, seus modos permaneceram calmos quando deixou a taça de lado.

– O que gostaria de saber em relação à magia?

Mara insistiu no assunto, apesar de ser perigoso:

– Por que tais poderes são considerados um domínio da Assembleia, se já vi sacerdotes capazes de os exercerem?

O Sumo Sacerdote observou a mulher pequena e determinada que era reconhecida como a segunda figura mais influente do Império, após a Luz do Céu. Os olhos dele revelaram sombras imperscrutáveis e uma frieza que antes não estivera presente.

– As sanções impostas pela Assembleia em sua contenda com Jiro dos Anasati são bem conhecidas, Mara. Se está pensando em arranjar armas para enfrentar os Mantos Negros, embarca num caminho fatal. – Não utilizou o título honorífico “Grandes”, detalhe que não passou despercebido a Mara e a seus conselheiros. Como com os cho-ja, seria possível que as hierarquias religiosas não fossem grandes apreciadoras dos magos?

– Por que razão pressupõe que conspiro contra a Assembleia? – questionou Mara com uma franqueza nada política.

Pai Jadaha não pareceu perturbado com sua forma direta.

– Minha Senhora, servir Turakamu leva minha gente a conhecer a faceta sombria da natureza humana. Os homens que ficam muito tempo no poder não querem que suas fraquezas sejam expostas.

Poucos demonstram sabedoria quando confrontados com a mudança e com o autoconhecimento. Infelizmente, muitos reagem defendendo posições que perderam significado, simplesmente por temerem ver sua segurança minada, mesmo quando a questão é o crescimento ou a melhoria de suas vidas. Resistem à mudança simplesmente para não ficarem fora de sua zona de conforto. Você representa a sorte, a esperança e a fortuna para os povos destas Nações. Tornou-se uma heroína, involuntariamente ou não, por ter se oposto à tirania e à crueldade quando causou a abolição do cargo de Senhor da Guerra.

Após uma pausa para ordenar os pensamentos, prosseguiu:

– Questionou, com sucesso, a estrutura de poder que há muito governava esta terra. Isso só poderia ser interpretado como um desafio, mesmo que não fosse o caso. Subiu a grandes alturas e aqueles que a encaram como rival sentiram sua sombra sobre eles. Dois poderes como a Assembleia e a Serva do Império não podem coexistir sem conflito. Há milhares de anos, os Mantos Negros talvez tenham merecido seu lugar acima da lei, mas hoje em dia interpretam a onipotência como um direito outorgado pelos deuses... uma honra sagrada, se preferir. Você representa a mudança; eles, a raiz da tradição. É preciso derrotá-la para manterem o domínio. Eis a essência da vida tsurani.

Pai Jadaha olhou de relance pelo biombo, aberto para o lado para deixar entrar o ar de fora. O estalo do chicote de um carregador soou vindo da rua e a ele se sobrepôs o grito de um peixeiro que vendia a pesca da manhã. O sacerdote suspirou, como se os sons intrusivos da vida cotidiana criassem limites mortais a seus pensamentos.

– No passado fomos capazes de encorajar nossos governantes a trabalharem pela melhoria de todos os homens, ou pelo menos para usarem nossa influência para controlar a ganância em excesso e o mal. – Então calou-se, com os lábios apertados por algo que deveria

ser amargura. – Não há nada que possa lhe dar para ajudá-la a combater a Assembleia – prosseguiu –, mas tenho uma pequena oferenda para sua viagem.

Mara conteve sua apreensão.

– Viagem?

Seus subterfúgios teriam sido assim tão transparentes que até esse Sumo Sacerdote de Sulan-Qu percebera o propósito de sua peregrinação? Com uma expressão rígida e em silêncio, recordada por um toque de Saric de que não deveria confirmar a suposição, Mara viu o sacerdote se levantar e atravessar o cômodo até um cofre antigo em madeira.

– Para que encontre aquilo que procura, deve viajar para longe, Mara dos Acoma. – Abriu o trinco e ergueu a tampa. – Creio que já sabe disso. – Suas mãos incongruentemente graciosas remexeram no conteúdo do cofre. Por entre uma nuvem de pó, Mara vislumbrou pergaminhos e as pontas de selos em forma de fitas. O sacerdote abafou um espirro na manga. – Peço perdão. – Sacudiu um velho tratado para limpar o ar e depois retomou sua linha de pensamento: – Os traficantes de informações nas ruas dizem que transporta bagagem suficiente para voltar às extensões arenosas da Terra Perdida. Quem quer que disponha de uma concha de centil pode comprar essa informação.

Mara sorriu. Achou difícil conciliar a imagem do sacerdote que conduzia os rituais da manhã dedicados ao deus mais temido de Kelewan com um homem capaz de pagar por mexericos da rua.

– Tive a esperança de deixar implícito que transportávamos grandes tributos para oferecer aos templos onde me detivesse para prestar homenagem aos Vinte Deuses – disse ela de maneira acanhada. – Mas a verdade é que tem razão. A minha peregrinação me levará a um barco para descer o rio até Jamar.

O Sumo Sacerdote se endireitou sobre o cofre, com uma camada de pó no nariz e um brilho no olhar. Tinha na mão um velho

pergaminho, todo rachado e coberto de pó.

– Seria um mau conselheiro para os aflitos se não conseguisse ler além daquilo que se vê. Mas nós, sacerdotes, não vemos através dos olhos dos Governantes. Cabe-nos interpretar e compreender. – Estendeu o documento a Mara. – Leia isto. Pode lhe ensinar algumas coisas.

Sensível ao tom dele, Mara passou o pergaminho a Saric para que o guardasse na sua pasta. Em seguida afastou para o lado o prato com bolo e se levantou.

– Obrigada, Pai Jadaha.

O sacerdote fixou seu olhar no dela, enquanto Lujan e Saric se mexiam percebendo a intenção de Mara de partir.

– Procura respostas na Terra Perdida, Mara?

– Não – respondeu ela, suficientemente sábia para saber quando não deveria ser discreta. – Partimos de Jamar para Lepala.

Como se o assunto que ela abordara nada mais justificasse que uma pequena conversa de ocasião, o sacerdote sacudiu um pequeno inseto que pousara na borda do prato do bolo e depois enfiou confortavelmente as mãos nas mangas.

– Isso é bom, filha do meu deus. Os xamãs do deserto são... de pouca confiança. Muitos deles lidam com forças obscuras. – Saric não conseguiu conter uma ligeira exclamação. O sacerdote reagiu com um riso abafado. – Seu Conselheiro-Mor parece surpreso.

Mara assentiu, dando-lhe permissão, e Saric se apressou a desculpar-se:

– Perdoe meu aparente desrespeito, Pai Jadaha, mas a maioria consideraria.. seu amo... como uma força obscura.

O rosto do Sumo Sacerdote se enrugou num riso silencioso.

– acredite em mim, esse mal-entendido muitas vezes se revela vantajoso! Mas a morte é apenas mais uma faceta do mistério da Roda da Vida. Sem o portal para os salões de Turakamu, onde todas as almas se renovam, a nossa presente existência seria um

empreendimento irracional sem alma. – O Sumo Sacerdote incitou o grupo de Mara a abandonar o aposento, mas continuou a falar: – A nossa magia, como a chamaria, não é uma força sobrenatural.

Apontou o dedo para o inseto que voava em círculos sobre o prato do bolo. Uma sombra afiada, quase subliminar, pareceu cruzar o ar e a criatura mergulhou no chão. Então o Sumo Sacerdote afirmou:

– Usamos muito poucas vezes esse aspecto da natureza, apenas para minimizar o sofrimento daqueles que estão próximos do fim, mas incapazes de se libertar do próprio jugo sobre a carne. O espírito da vida é forte, às vezes de um modo irrefletido.

– Então isso poderia ser uma arma poderosa – comentou Lujan numa voz mais profunda do que a habitual.

Mara percebeu que, embora escondesse isso muito bem, ele temia os servos de Turakamu tanto quanto qualquer um de seus guerreiros.

O sacerdote deu de ombros.

– Isso nunca.

De pronto, apontou o dedo para o peito de Lujan. O Comandante das Forças Armadas dos Acoma fez um esforço evidente para não se retrair e o suor escorreu pela tira do elmo emplumado.

Nada aconteceu.

Até Mara percebeu que seu coração acelerou de medo quando o sacerdote acrescentou tranquilamente:

– Ainda não chegou sua hora de conhecer a Roda da Vida, Comandante das Forças Armadas. Meus poderes são os poderes de meu deus. Não posso enviá-lo para seus salões só por minha vontade.

Saric, para quem tudo era um quebra-cabeça a ser resolvido, foi o primeiro a dominar o medo:

– Mas o inseto...?

– Estava na hora dele. – O sacerdote quase souou cansado. – Para

demonstrar um ponto de vista, creio eu.

Pensativa, Mara agradeceu ao sacerdote os conselhos e votos de felicidade. Ela e seu grupo foram levados através do templo pelo criado de um olho só. Na base da escada de mármore, juntou-se a eles a guarda de honra. Mara entrou na liteira perdida em pensamentos. Nem deu de imediato ordens a seus carregadores para que a levantassem e, nesse intervalo, um garoto de rua andrajoso apareceu correndo de uma viela lateral e bateu diretamente em Lujan.

O Comandante das Forças Armadas praguejou baixinho. Levantou o menino, torceu o nariz devido ao cheiro da roupa suja e de repente ficou imóvel.

Mara conteve sua diversão. Sob o ruído de outro vendedor ambulante, que oferecia lenços baratos de seda e perfumes apropriados para mulheres do Boa Vida, ela sussurrou:

– Mais um dos mensageiros de Arakasi?

Saric ficou atento enquanto Lujan enfiava no cinto o recado que o garoto pusera na palma de sua mão fazendo de conta que a estava limpando.

– Canalha – disse em voz alta na direção do garoto em fuga. Baixando o tom de voz para que apenas Mara e Saric conseguissem ouvir, acrescentou: – Onde ele arranja criaturas tão nojentas para esses recados?

Mara não quis revelar que o Mestre dos Espiões no passado fora um garoto desafortunado como aqueles e que talvez recorresse a eles por duas razões: não seriam marcados pelos espiões de outros homens por serem tão insignificantes e também por não saberem ler. Desde que Arakasi conhecesse Kamlio, Mara também suspeitava que se tratava de compaixão, já que o Mestre dos Espiões poderia desejar justificar o gasto de centis para permitir àqueles jovens desafortunados uma oportunidade de pagarem uma refeição que não necessitassem roubar.

– Ele encontrou algum? – perguntou ela num tom de voz prudente.

Saric a fitou com um olhar firme. Ciente de que ela se referira a um mago do Caminho Inferior que Arakasi fora incumbido de encontrar desde o infortúnio que pusera fim à sua busca nos arquivos, o Conselheiro-Mor fechou repentinamente as cortinas de Mara. Respondeu em seu tom de familiaridade nervosa:

– Quanto mais depressa sairmos para procurar uma estalagem para sua sesta, mais rápido descobrirá.

– Convocaremos o homem depois de escurecer – sussurrou Mara através do tecido.

Saric e Lujan trocaram olhares de profundo desespero. Sua Senhora lhes pareceu leviana como uma garota. Nitidamente, achava divertido o desafio de suas questões pendentes em assuntos tabus depois de longos meses de frustração. Assim que os carregadores içaram a liteira, Saric e o Comandante das Forças Armadas alinharam o passo para acompanhá-la.

– Ela estava assim quando partiu para a campanha no deserto? – murmurou o Conselheiro-Mor ao oficial que era seu primo.

– Na época, não. – Lujan puxou o elmo para trás e sorriu. – Mas Keyoke me contou da louca marcha pelo território dos inrodaka para tentar a aliança com a rainha dos cho-ja. Pelo que ele disse, naquela altura ela era pior.

– Que os deuses nos salvem – comentou Saric, fazendo um gesto para afastar o azar.

Mas seu olhar era sorridente e seus passos, como os do primo, ágeis devido ao entusiasmo.

– Sua curiosidade um dia vai matar todos nós – murmurou Lujan. – É uma grande sorte para meus recrutas o fato de ter trocado sua espada de guerreiro pelo manto de conselheiro.

E então a guarda de honra e os carregadores partiram rumo à hospedaria onde Mara iria residir enquanto permanecesse em Sulan-

Qu.

Evasão

A portinhola se mexeu.

Jamel, o mago do Caminho Inferior, se assustou com o ruído e sua mão suada apertou com força a faca que segurava colada ao peito. Sabia que dispunha de apenas alguns segundos para agir. Seu corpo levaria algum tempo para desistir da vida depois de cair sobre sua lâmina. O medo da dor que iria suportar fez com que o homenzinho hesitasse. Mudou os dedos úmidos de posição, mordendo o lábio superior. Tinha de reunir coragem! Os Mantos Negros tinham feitiços para ordenar à *wai* que permanecesse no corpo. Se já não estivesse diante do julgamento divino do Deus Vermelho quando os magos chegassem, seus tormentos seriam mais dolorosos do que uma morte terrível.

Pois ele os desafiara, exageradamente, ao falar com a Senhora Mara dos Acoma. Os magos tinham sido bem claros em suas ordens relativas à Boa Serva. Nada lhe deveria ser revelado sobre magia, mesmo que ela oferecesse suborno.

Sentindo encostada na pele a bolsa cheia de centis de metal, Jamel reprimiu uma gargalhada amarga. Nunca teria oportunidade de gastá--los! Por mais que desejasse ter tempo para entregar a bolsa à moça da rua de baixo que era sua amiga, o destino não lhe permitiria nem mesmo essa generosidade. Escolhera seu caminho. Já era tarde demais para desejar proferir palavras nunca ditas e resolver assuntos pendentes.

Pela última vez, Jamel passou os olhos pelo casebre desarrumado que fora sua casa. Ali fizera muitas maravilhas para deleite dos filhos dos ricos; mas quanto sua vida poderia ter sido diferente se seus poderes não tivessem se restringido à construção de brinquedos! Ávido pelo conhecimento que lhe fora negado, sedento por testar os limites que nunca lhe haviam permitido ultrapassar, Jamel soltou um suspiro de desânimo.

– Que os deuses a acompanhem, Senhora Serva – disse, com medo. – E que a maldição de Zurgauli, Deus da Má Sorte, visite permanentemente a Assembleia.

Dito isso, atirou-se no chão diante das almofadas onde o oficial da Senhora Mara se sentara.

A faca se cravou bem fundo em seu coração e sua agonia, afinal, foi breve.

O sangue ensopou a terra seca do chão; as pontas esfarrapadas das almofadas rasgadas exibiram infiltrações crescentes de escarlate onde o fluxo quente e úmido fora obstruído e depois absorvido pelo tecido. Jamel estremeceu, os dedos cerrados ficaram frouxos e os olhos abertos brilharam imóveis sob o fulgor do carvão em brasa. No instante seguinte, uma agitação de ar varreu o cômodo, sacudindo a cinza enrolada do pergaminho que contivera anotações para Mara antes de arder. As penas de calley na urna ao lado das arcas das roupas tremularam com a agitação e os sinos de um brinquedo não vendido retiniram sua bela canção quebrando o silêncio. No lado de fora, no escuro da noite, o cão mongrel continuou a uivar.

E então, em meio ao afluxo de ar, surgiu um tênue zumbido e de repente o casebre já não estava vazio. Perto do corpo morno de Jamel, apareceram dois vultos vestidos de negro, ambos extremamente magros, embora um fosse velho e o outro, jovem.

Shimone puxou para trás o capuz e seu nariz proeminente foi realçado pelo vermelho do carvão em brasa que esmorecia no

braseiro. Olhou em volta pelo casebre, fazendo um inventário rápido de todos os objetos no meio daquela desordem; fez uma pausa e inspirou, pensativo. Tinha as pantufas ensopadas e a poça que pisava estava morna. Pela reação dele, o corpo poderia não passar de mais um objeto à venda. Seus olhos encovados cintilaram quando olhou para o companheiro.

– Tarde demais – comentou.

Tappek empurrou o corpo de Jamel com a ponta do pé e seus lábios finos se reviraram para baixo, revelando desprezo.

– Foi por segundos. – Cuspiu as palavras como se fosse uma maldição. – Se o desgraçado tivesse demorado mais um segundo reunindo coragem...

Shimone deu de ombros. Seu ralo cabelo grisalho pareceu, à luz, a crista de um galo enquanto vasculhava todo o casebre, à procura de pegadas pegajosas; examinou as prateleiras, os cestos de pergaminhos desbotados e, com mais atenção, os cofres amassados.

– Ela esteve aqui. Isso basta. – Esticou um dedo e sacudiu a boneca que tinha um caro acabamento com sinos metálicos. – E, de qualquer forma, o miserável está morto. Na verdade, poupou-nos do aborrecimento.

As sobrançelas espessas cor de canela de Tappek se uniram num semblante carregado.

– Isso basta? – Passou por cima do desafortunado Jamel e bloqueou os passos inquietos do colega. – O que o morto lhe revelou? Isso é que importa! Sabemos que Jamel desobedeceu às ordens. Pode ter dito o que quer que fosse antes de cravar aquela faca no coração!

O fraco sibilar do carvão em brasa era o único som que se ouvia na noite. O cão parara de ladrar. Até o distante ruído das docas cessara. Os barulhos habituais de Sulan-Qu tinham silenciado por um breve momento, como se a cidade tivesse contido a respiração.

Shimone esticou um dedo que parecia um galho e tocou no peito

de Tapek. Mexeu a mão. Não ocorreu nenhum feitiço, mas, como se tivesse acontecido, o mago mais jovem se afastou para o lado. Shimone voltou a falar enquanto prosseguia com a inspeção dos pertences de Jamel.

– Deseja saber o que ela perguntou? Então, muito bem. Mas acho que estamos desperdiçando nosso tempo. Ela agora sabe o que sabe. Nada disso pode ser alterado. Apenas podemos agir de acordo com isso.

Tapek girou os ombros, libertando os pulsos das mangas. Seus olhos, baços como óleo, refletiram a luz quente como os de um fanático.

– Na verdade, vamos agir. Mas só a prova de que Mara desafiou nossos decretos levará Hochopepa a mexer seu enorme rabo. Precisamos de consenso na Assembleia, e ele e sua facção se esforçam para evitar isso.

– Hocho não é um procrastinador – defendeu Shimone, e sua voz soou fraca pois tinha se inclinado para a frente para espiar o vão empoeirado debaixo de uma prateleira.

– Bem – disse de pronto Tapek, pois sabia perceber reprimendas sutis –, que mago do Caminho Inferior não falaria com Mara? Ela é venerada pelos plebeus. Eles lhe dariam tudo o que ela pedisse, só para conquistar as boas graças aos olhos dos deuses. Se ela corrompeu Jamel, de que provas mais precisarão Hochopepa e você para condená-la à morte?

Shimone se endireitou, limpando distraidamente o sangue e a terra dos punhos das mangas.

– Jamel não era assim tão tolo. Você vai ver.

– Eu!? – Insistente, Tapek ergueu as mãos. Lançou um derradeiro olhar fulminante a seu colega, cujo comportamento se revelara difícil, para não dizer impossível. Apesar de ser amigo de longa data de Hochopepa, Shimone sempre parecera razoável. – Você é que verá – acrescentou Tapek.

Começou então a murmurar um encantamento para convocar a forma espectral das ações do passado imediato.

O frio pareceu flutuar pela atmosfera pesada do casebre, embora o próprio ar permanecesse parado. Shimone acabou com sua busca inquisitiva nos objetos das prateleiras. Dobrou-se, pensativo, e fechou os olhos do cadáver. Depois, num movimento fluido como o de um pássaro, recostou-se contra a parede com os braços cruzados para observar o resultado do feitiço de Tapek.

O encantamento do mago mais jovem terminou com um sibilo. Ergueu as mãos bem firmes como se pretendesse concentrar a vontade e as forças. Uma luz não projetada pelo fogo ou pelo carvão brilhou por trás do braseiro num azul-prateado glacial e depois se espalhou numa translucidez que lentamente ficou nítida nas bordas até mostrar a forma de Jamel sentado, com o rosto virado, em expectativa, para a portinhola. Momentos mais tarde, entraram visitantes: Mara e seus dois oficiais. A conversa começou entre as duas partes, fantasmagoricamente silenciosa. Shimone pareceu tão atento aos sons do lado de fora, no bairro dos pobres, quanto ao desenvolvimento do feitiço da verdade de Tapek.

A leitura dos lábios revelou que o conteúdo da discussão fora trivial: a preocupação de Mara centrava-se no distanciamento de seu esposo, que começara meses antes, quando sua filha nascera. Um cenário suficientemente inocente; a não ser pelo fato de Jamel ter começado, para irritação dos magos destacados para aquela investigação, a remexer e a brincar com um pedaço de seda. Com frequência, e muito convenientemente, ao que pareceu, o tecido ocultava sua boca. Pela ondulação da seda causada por sua respiração, tornou-se evidente que escondia o que dizia. Mas nenhum feitiço do passado poderia recuperar o som de suas palavras. A impressão de objetos pequenos e reluzentes presentes na sala poderia ser chamada de volta numa forma coerente, de modo a ser lida, mesmo muitos dias depois, mas o som era frágil

demais para se sustentar mais do que uns segundos.

Tapek praguejou. Imóvel como uma relli, observou Jamel se levantar e se encaminhar até Mara perto da parede. Ali, viraram as costas para a sala e, aparentemente, o mago do Caminho Inferior instruiu, com muita seriedade, a Senhora no tipo de falcatruas – passes de mágica feitos com as mãos, movimentos inócuos, que pretendiam impressionar os mais ingênuos que apareciam para pagar por uma ou outra mudança em suas vidas – que destruíam a reputação dos magos em geral, algo que repugnava Tapek. Suas mãos tremiam de raiva enquanto mantinha as forças para terminar o feitiço e por fim disse com acidez:

– A Senhora, de repente, parece tremendamente estúpida. É a quarta, ou a quinta, repetição dessa artimanha.

Deixando-o com raiva, Shimone pareceu estar rindo – não abertamente, pois não era assim seu modo de ser, mas seus olhos fundos pareceram dançar de alegria.

– Eu avisei, Tapek, Jamel não era um idiota. E não, com certeza a Senhora não é estúpida.

A desaprovação velada no tom de voz do colega reforçou a frustração de Tapek. Ainda assim, já sem determinação ou ressentimento, aguentou as mistificações fantasmagóricas até Jamel terminar de desenhar símbolos sem sentido e escrever algo num pergaminho, debruçando-se sobre ele para esconder o conteúdo. Como o feitiço apenas invocava o registro de eventos passados como se o observador estivesse de pé no cômodo, aquilo que Jamel escrevera não podia ser visto por Tapek, mesmo que ele mudasse de posição. Tapek lançou um olhar intenso ao braseiro, apenas para constatar que Shimone já inspecionara as cinzas do pergaminho carbonizado, provavelmente assim que entraram na residência de Jamel.

– Na verdade – comentou o velho mago em resposta ao pensamento de Tapek –, as palavras se perderam antes de nossa

chegada.

Tappek encerrou o feitiço assim que Mara recebeu o pergaminho muito bem embrulhado e partiu. Sem querer saber da terra empapada de sangue ou das almofadas encharcadas, Tappek caminhou em volta do braseiro, controlando a raiva, muito tenso.

– Por todos os deuses, se ao menos eu conseguisse ficar onde está aquela parede e relançar meu feitiço da verdade, iria ficar sabendo de muita coisa, pois pode ver pela postura deles que a Senhora e o nosso morto aqui falam abertamente quando estão virados para as prateleiras!

Shimone, sempre realista, deu de ombros.

– Você está perdendo tempo.

Tappek rodeou o colega, que estava agora de pé como um homem de certa idade que se irrita, já sem paciência, com a lentidão de um criado incompetente.

– Mara! – exclamou Tappek. – Temos de perguntar a ela!

Parecendo despertar de um devaneio, Shimone dirigiu-se com determinação à porta. Puxou para o lado a aba de pele e atravessou-a para sair na viela, onde o cheiro era bem menos enjoativo, dizendo:

– Estava esperando para ver quando você iria chegar a essa conclusão.

Deixando o corpo de Jamel onde estava, Tappek seguiu o companheiro. As sobrancelhas ruivas se uniram. O cenho ficou bem carregado. Se pudesse se atrever a falar livremente sobre o assunto, teria acusado Shimone de tê-lo atrapalhado. O velho mago era um companheiro de Hochopepa e os dois muitas vezes defendiam causas estranhas. Não tinham, juntos, defendido Milamber depois daquela cena trágica nos Jogos Imperiais? Pouco importava a Tappek que Milamber mais tarde tivesse se revelado valioso ao Império ao alertar o Imperador e a Assembleia do perigo que representava o Inimigo.

Seus sentimentos em relação a Elgahar, o mago que detivera Hochopepa e torturara Milamber, eram confusos; Elgahar se revelara um louco, naturalmente, mas fizera o que entendera ser o melhor para o Império. Porém Milamber o destruíra, e, com suas outras atrocidades, provara os riscos criados por desvios radicais da tradição. Tapek estava convencido de que as ações recentes de Mara eram, se não provas, pelo menos uma forte indicação de que ela conspirava para desafiar a Assembleia. E isso era uma afronta à tradição, o que levou o mago, lívido, a tremer de ira.

Profundamente escandalizado, Tapek correu na direção de Shimone, que se detivera na rua, aparentemente escutando o vento.

– Por onde ela vai seguir? – quis saber Shimone.

Tapek mostrou um semblante ainda mais carregado. Era humilhante desempenhar o papel de subordinado, mas, se não lançasse outro feitiço para invocar o passado e deixasse essa tarefa a cargo de Shimone, era mais do que certo que o velho companheiro iria ficar andando para lá e para cá durante o processo e faria com que perdessem metade da noite!

Várias horas de frustração se passaram, enquanto Tapek, esgotado pelo esforço anterior de realizar o feitiço, convocava a imagem espectral de Mara e de seus dois oficiais: o Conselheiro-Mor e um outro com a plumagem de Comandante das Forças Armadas dos Acoma, que escoltavam a Senhora num caminho sinuoso por entre os becos secundários do bairro dos pobres. O caminho percorrido fazia círculos e até passava duas vezes pelo mesmo local!

Tapek se enfureceu. Seguiu o caminho, persistente como se estivesse possuído. E foi obrigado a esperar enquanto a Senhora pagava um serviço a um mercador de tecidos. O dinheiro trocou de mãos. Um pacote, selado e embrulhado, foi entregue a seu conselheiro. E a caminhada foi retomada. A Senhora voltou, por fim, à praça onde seus ajudantes e sua escolta a aguardavam. Entrou na liteira. Para grande aborrecimento de Tapek, ele percebeu que o

relógio da cidade batera as três horas! Até o velho e gordo Hochopepa, achou, teria desperdiçado menos tempo do que a confusa Serva do Império.

A imagem espectral de Lujan se deteve e ergueu a mão para ajeitar o elmo. O conjunto de penas não pareceu ficar como ele queria, pois o remexeu insistentemente, o pulso tapando seu rosto enquanto dava instruções meticulosas ao Líder de Ataques responsável pela guarda de honra da Senhora. Então, por fim, a réplica fantasmagórica e pálida da liteira se ergueu sobre os ombros dos carregadores espectrais. O cortejo seguiu caminho pelas ruas escuras de Sulan-Qu, enquanto Lujan e o Conselheiro-Mor levavam o embrulho numa missão desconhecida e seus lábios se moviam indicando uma troca de palavras de baixo calão cujo conteúdo era obsceno.

Shimone, com seus modos obtusos e enlouquecedores, riu de boca fechada da piada grosseira. Quase pareceu relutante em seguir a liteira de Mara, o que, pensou Tapek, fervendo de raiva, era a principal missão deles!

Tapek teve de se concentrar por diversas vezes enquanto perseguia a imagem fantasmagórica. Nas amplas avenidas, os edifícios e as ruas movimentadas forneceram imagens confusas sobrepostas umas às outras. Foi necessária uma boa dose de energia mental para detectar o grupo. Tapek só conseguiu sustentar a imagem ilusória da liteira de Mara porque as poucas pessoas ainda nas ruas antes de amanhecer se afastavam de imediato à passagem de um Manto Negro. E ela estava seguindo a rota mais amaldiçoadamente confusa. Tapek estava exausto quando o feitiço o conduziu por fim aos degraus do Templo de Turakamu.

Ali, as figuras fantasmagóricas e a liteira que transportavam misturaram seus contornos quando convergiram com o momento presente e os escravos de Mara baixaram seu fardo até o chão. Tapek acenou com as mãos e dispersou o encantamento. O brilho

azul desapareceu, revelando a liteira de Mara estacionada no pavimento, vazia. Ele pestanejou, para afastar o cansaço que lhe turvava a visão.

Os guardas de Mara, assim como os servos, partiram, presumivelmente para descansar numa taberna enquanto a Senhora tratava de seus assuntos lá dentro. O brilho das estrelas lá no alto começou a desaparecer com o surgimento da luz do amanhecer e Tapek sentiu-se indisposto por ter os pés doloridos de tanto ficar esperando na calçada. Assustou o escravo que estava varrendo a escadaria da frente do templo do Deus Vermelho e mandou o desgraçado ir correndo chamar o Sumo Sacerdote. Um Grande era livre para se movimentar por onde quisesse, mas até os magos respeitavam a tradição. Segundo ela, os magos nunca entravam num templo sem autorização.

Shimone permaneceu o tempo todo em silêncio.

Felizmente, a espera foi breve. O Sumo Sacerdote do Deus da Morte ainda estava vestido com os trajes usados para receber Mara.

– Em que posso servi-los, Grandes?

Sua reverência foi formal, precisa no grau de respeito exigido a alguém de tal posição.

Tapek dissimulou seu aborrecimento.

– Procuramos a Senhora Mara, para interrogá-la.

O sacerdote se endireitou, com uma expressão de consternação.

– Isso é lamentável, Grande. A Senhora chegou aqui há pouco tempo, com o espírito atormentado por razões pessoais. Pediu-me aconselhamento, mas não se sentiu consolada. Por desejo dela, recolheu-se no sacrário mais isolado do Templo de Turakamu. Está em reclusão, Grandes, para meditar e conquistar paz interior. É de esperar que meu deus a inspire de modo a ultrapassar suas dificuldades.

Tapek estava enfurecido o bastante para arrancar os cabelos, mas se acalmou e limitou-se a puxar o capuz para trás.

– Quanto tempo vai ficar em reclusão? Nós esperamos.

O sacerdote estremeceu, talvez por receio, embora seu olhar não tenha dado qualquer sinal de perturbação ao responder:

– Lamento. Duvido muito que a Senhora Mara saia esta noite, ou em qualquer noite em um futuro próximo. Deixou instruções a seus carregadores para que de manhã levassem a liteira para sua propriedade em Sulan-Qu, pois iria permanecer em reclusão por algum tempo. No mínimo semanas, talvez até meses.

– Meses! – Tapek se apoiou em um pé e depois no outro e depois lançou um olhar furioso ao sacerdote. – Meses! – exclamou de novo, sua voz ecoando pela praça vazia. O Manto Negro prosseguiu numa linguagem agressiva: – Acho difícil acreditar que uma mulher tão obstinada quanto a Senhora Mara esteja tão preocupada com seu estado espiritual tão cedo!

O sacerdote apertou a túnica ao redor do corpo como se reunisse a própria dignidade.

– Grande, um mortal pode se preocupar em qualquer momento com o estado de sua alma – corrigiu-o educadamente, então uniu as mãos numa posição santa.

Tapek deu um passo à frente, parecendo prestes a subir sem pensar pela escada e a violar a paz do templo. Mas Shimone esticou o braço e o conteve.

– Pense – aconselhou o mago mais velho em tom cortante. – A santidade dos templos dura milhares de anos. Por que violar uma tradição secular como o refúgio, Tapek? Mara vai ter de sair um dia. E, se isso não acontecer, nosso propósito terá sido atingido, certo?

O mago com cabelo cor de fogo pareceu ter mordido uma fruta azeda.

– Você, Hochopepa e Fumita são uns idiotas por quererem protegê-la! – afirmou, num sussurro enfurecido que apenas seu colega pôde ouvir. – Ela é perigosa!

– Tão perigosa quanto uma disputa pública entre a Assembleia e

os templos? – perguntou Shimone em tom ameaçador.

Tappek pareceu se acalmar um pouco.

– Você tem razão. Ela não merece que provoquemos uma briga pública.

Shimone assentiu, em silêncio, mas satisfeito. Um leve zumbido soou e, quando o sacerdote percebeu que o confronto terminara, os dois Mantos Negros desapareceram em meio à brisa e ao eco prolongado da raiva de Tappek.

Os estalos do cabrestante no convés do navio mercante *Coalteca* abrandaram e pararam com uma trepidação contra a madeira quando a âncora de pedra envolta em couro bateu na viga que a içara. O capitão berrou ordens aos marinheiros do cordame para que soltassem os cabos. Seguiu-se o chiar das adriças, quando as pontas das velas foram içadas e telas pintadas com cores elegantes inflaram com o vento.

Confinada sob o convés, Mara andava de um lado para outro no minúsculo camarote na popa. Apesar de toda a sua vontade e impulso de sair ao ar livre sob as velas da embarcação, o enclausuramento era necessário. Ainda assim, depois de semanas sem ar puro e luz do sol, Mara estava irritada. Olhou furiosa para seu Comandante das Forças Armadas, cujo rosto normalmente bronzeado se tornara pálido durante a viagem pelos túneis dos choja entre Sulan-Qu e o remoto porto peninsular de Kolth.

Mara nunca viajara além dos limites da província de Hokani, mas escutara relatos de Jican, ouvidos de terceiros, e o fato de não poder satisfazer sua curiosidade deixou-a irascível. Como teria adorado viajar furtivamente em campo aberto, nem que fosse no escuro da noite, para poder apreciar a Cidade das Planícies! O grande Portal que dava para Midkemia, por onde Kevin fora enviado de volta à sua terra natal, ficava situado ali, assim como os salões de pedra da mansão das guildas, o núcleo do comércio imperial do

Sul.

Todavia, não deveria se arriscar a provocar a fúria da Assembleia com desejos fúteis. A sorte e o engenho de Lujan tinham criado uma pista falsa que terminara com a Senhora dos Acoma em aparente reclusão no Templo de Turakamu em Sulan-Qu. Se os Mantos Negros suspeitassem que haviam sido enganados ou um desgraçado de um mendigo na rua a tivesse reconhecido como a Serva do Império, sua vida e a de seus familiares poderiam ser interrompidas. Assim, fizera o inimaginável pelas normas da aristocracia tsurani: vestira os trajes de uma escrava e partira de Sulan-Qu na companhia de Lujan e Saric, ambos vestindo armaduras sem símbolos, típicas de mercenários.

Os lavradores e mercadores que já andavam por ali antes do alvorecer julgaram que ela era uma presa de guerra. Nem lhes passou pela cabeça questionar a roupa cinza que vestia, mas olharam fixamente para o corpo elegante e o cabelo brilhante. Alguns fizeram comentários obscenos, aos quais Lujan, com muita imaginação, respondeu à altura. Sua grosseria chocante escondeu o fato de Saric, de início, ter sido incapaz de quebrar a tradição, ficando petrificado com os insultos.

Uma mensagem deixada por um agente da rede de Arakasi os fizera agir logo. Quando Mara e seus dois oficiais chegaram à colmeia dos cho-ja em suas terras, dez guerreiros escolhidos a dedo, com armaduras sem o símbolo de nenhuma casa, se juntaram ao grupo, assim como um capataz que ela nunca vira antes cuja língua nativa era thuril. Com eles viera Kamlio, vestindo outra vez os trajes que usava quando Arakasi a trouxera e irritada com a perspectiva de viajar na companhia dos insetoides no subsolo, o que a aterrorizava.

A viagem para o Sul fora difícil. Desgastada pelos nervos e a reclusão, e com a experiência bizarra de ser apreciada como mercadoria, Mara deitou-se na alcova com almofadas que no passado partilhara com Kevin numa viagem a Tsubar. Naqueles

aposentos familiares, a falta que sentia dele a afetou profundamente, como se a separação tivesse ocorrido na véspera. Quase se arrependeu de ter adquirido o *Coalteca*. Porque não tivera o bom senso de não se deixar levar pelos sentimentos, comprando outro navio mercante de águas profundas?

Só que o *Coalteca* estava disponível e ela agira sem consultar Jican. A embarcação dava sorte, pensou ela; a vitória em Dustari ao lado do Senhor dos Xacatecas ainda era objeto de admiração das Nações e, agora que tinha forças tão terríveis quanto as de Jiro e da Assembleia contra ela, sentiu a necessidade de todas as garantias, mesmo as derivadas de superstição.

Kevin ria desse pensamento irracional. Impaciente consigo mesma por se perder no passado quando todo o futuro estava em perigo, Mara esqueceu as recordações de seu antigo amante bárbaro e passou a se preocupar com Hokanu.

O marido não sabia onde ela se encontrava e, em nome da segurança, não deveria receber informações clandestinas até ela já estar em território thuril. Mara lamentou, de repente, ter tido poucas oportunidades de conversar com ele desde o infeliz encontro após o nascimento de Kasuma. Agora, mais do que tudo, ansiava por confidenciar com Hokanu, para receber seu reconhecimento e seus conselhos afiados. Ficou preocupada com ele, envolvido como estava em contendas com familiares que desejavam subir na hierarquia da família.

As disputas surgiam inevitavelmente após a morte de Governantes poderosos, quando emergiam rivais dos herdeiros para tentar saciar suas ambições. Mara suspirou. Caso Hokanu aceitasse o cargo que lhe fora oferecido por Ichindar, esperava que ele visitasse seus filhos na corte imperial. Kasuma não deveria ser criada sem conhecer o amor do pai e Justin certamente precisaria de uma mão firme para ser educado, algo que faltaria aos criados imperiais. Mara suspirou de novo, pensando se voltaria de Thuril com ajuda

para enfrentar o temível poder da magia para depois ser subjugada por dois meninos transformados em diabinhos mimados.

– Você está pensando que talvez toda esta viagem seja um empreendimento errado? – questionou uma voz tranquila vinda da escada.

Mara olhou para cima, surpresa por ver Saric de pé ao lado da entrada de seu camarote. Os rangidos do navio tinham ocultado a aproximação do conselheiro e a túnica simples que vestia fazia com que se misturasse às sombras.

Mara sorriu com um ar triste.

– Estava pensando que ficaríamos melhor sem a carranca de Kamlio – disse, sem querer revelar seus verdadeiros pensamentos.

Saric mostrou o sorriso espirituoso e triangular que marcava seu bom humor.

– Sem dúvida, pois, a julgar pelas queixas dela sobre o local em que dorme, seria possível pensar que ela é a Senhora enquanto você é a criada amedrontada.

Mara riu.

– Fui assim tão severa?

O conselheiro debruçou-se graciosamente sobre um baú de viagem.

– Acha-se assim tão severa? – perguntou.

– Sim. – De repente consciente de que seu coração se animava com o balanço do mar, Mara retirou os alfinetes do cabelo e deixou-o cair sobre as costas. Apontou para o camarote escuro, repleto de almofadas com tecidos refinados e cortinas enfeitadas, comprados de um mercador do deserto, que estalavam e se sacudiam a cada balanço do navio. – Estou cansada de ficar presa e cansada de todo este segredo.

Não acrescentou que estava nervosa por ir a uma terra estrangeira sem exhibir as grandiosas vestes de seu posto e com apenas dez soldados e um guia que nascera condutor de manadas!

Não era a mesma situação que sua viagem no passado a Dustari, para onde partira na companhia de seu leal exército, com uma tenda de comando e todas as habituais comodidades à mão.

Saric a fitou com um olhar irônico.

– A Senhora está pensando que deveria ter arriscado a compra de outra liteira em Kolth. – O brilho no olhar dele indicou que tinha algo a acrescentar. Mara não fez qualquer comentário até seu Conselheiro-Mor puxar para trás a franja cortada curta e prosseguir: – Lujan tentou ver isso no mercado, sabe? Descobriu uma liteira usada, uma coisa enorme, preta e envernizada, decorada com pedras do rio.

Fez então um intervalo típico de um contador de histórias.

– Prossiga – incitou Mara, habilmente conduzida para longe de seu mau humor. – Por que nosso valente Comandante das Forças Armadas não adquiriu essa monstruosidade?

O sorriso de Saric se ampliou de forma demoníaca.

– Não havia no mercado escravos com corpo forte o bastante para levantar a maldita coisa e eu não disporia de suficientes mãos livres para manejar espadas se sua guarda de honra fosse destacada para transportar o fardo. Além disso, Lujan disse que, se a Senhora e a cortesã de Arakasi fossem engaioladas naquela coisa por mais de uma hora, iriam acabar lutando como tseeshas.

O queixo de Mara caiu com a comparação à criatura felina cujas fêmeas eram conhecidas pela rivalidade.

– Lujan disse uma coisa dessas?! – reagiu, indignada. – Ou você está outra vez tentando pregar uma peça para que seu primo caia em desgraça?

Saric teve a honestidade de simular um olhar envergonhado.

– Fora daqui! – gritou a Senhora. – Deixe-me e mande Kamlio vir me visitar. Se ela não quer um banho, eu quero, antes de nos afastarmos mais da costa e os mares se tornarem bravios demais para encher uma bacia.

– Seu desejo é uma ordem, minha Senhora – disse Saric, erguendo-se suavemente de sua reverência.

Ao sair, não se sentia nada envergonhado e sua Senhora compreendeu que ele cumprira seu objetivo; sua disposição sombria desaparecera. Podia ter perdido a Cidade das Planícies e a excitação do embarque em Kolth; mas se dirigia a um território que, até então, pelo que sabia, nunca fora trilhado por um Acoma.

O conjunto de montanhas de Thuril surgiu diante dos olhos dela e o coração saltou com a perspectiva de uma aventura no desconhecido.

Mais tarde, já banhada, perfumada e vestida de acordo com a ocasião, Mara postou-se na proa do *Coalteca*, observando as piruetas e a espuma que espirrava com os saltos dos multicoloridos peixes jalor. Riu de prazer ao ver o reflexo das escamas à luz do pôr do sol, ignorando o olhar penetrante de Kamlio.

– O que vê de tão divertido nestas águas desoladoras? – perguntou em tom seco a antiga cortesã.

Deliberadamente, ao que parecera, omitira o título honorífico “Senhora”, como se desafiasse Mara ofendendo-a.

– Vejo a beleza – replicou Mara, como se a pergunta não estivesse carregada de amargura. – Vejo vida. Os nossos momentos de paz entre as contendidas devem ser estimados. Isso foi algo que aprendi desde que me tornei uma Governante.

Lujan se aproximou, o elmo sem plumas exibindo um brilho de cobalto devido ao céu cada vez mais escuro. Curvou-se diante da Senhora.

– Avançamos em bom ritmo, Senhora – comentou.

Mara ergueu as sobrancelhas.

– Você virou marinheiro, Comandante das Forças Armadas?

Lujan sorriu, com uma expressão menos retorcida do que a de Saric, mas igualmente descontraída. Mara entendeu de novo que aquele era um momento para ser lembrado.

– Não – admitiu seu oficial –, mas foi o que disse o capitão.

Retirando o elmo enquanto fazia uma careta, pois não lhe caía tão bem quanto o que deixara em Sulan-Qu, passou os dedos pelo cabelo úmido e inspirou profundamente o ar do mar.

Indiferente à presença mal-humorada de Kamlio, Mara fez um comentário:

– Esta viagem me traz recordações.

Lujan deu uma olhada para o topo do mastro do traquete, para as lonas berrantes bem abertas que acolhiam o derradeiro brilho dourado da luz do sol.

– Também sinto falta do bárbaro, Senhora. Apesar de ele ter passado metade da viagem com a cabeça enfiada numa bacia.

Mara não conseguiu conter uma gargalhada.

– Você é um soldado de coração duro – acusou. – Um dia, uma tempestade vai revirar seu estômago e então vai deixar de achar graça do enjoo marinho.

– Por todos os deuses – disse Lujan com uma causticidade mordaz –, não me deseje tal destino com meu primo a bordo. Iria mandar preparar sopa de peixe com escamas para me deixar bom e depois contar a todas as minhas garotas do Boa Vida como é que eu fico com a pele esverdeada.

Quando Kamlio se empertigou, ofendida e muda, Lujan lhe deu o sorriso charmoso que seduzira metade das prostitutas da província, levando-as a se debruçar perigosamente nas balaustradas das varandas para chamá-lo.

– Sem ofensa, minha bela flor, mas todas as minhas garotas adoram o que fazem. Não me servem de má vontade e não as trato como se fossem mercadoria. Não sou o mercador que comprou você e a criou para jogos na cama, nem um dos Senhores que se aproveitaram de você. Dê ouvidos à sabedoria e deixe de procurá-los nos rostos de todos os homens que conhece.

Kamlio pareceu a ponto de cuspir veneno. Em seguida, sacudiu

seu cabelo dourado-claro, apertou a túnica vistosa e remendada e se afastou, rígida e calada. Não virou a cabeça nem um milímetro diante dos comentários sussurrados e olhares de admiração dos marinheiros, e desceu a escada de acesso até o camarote do imediato que lhe fora atribuído.

– Cale-se – murmurou Mara baixinho quando adivinhou o epíteto que seu Comandante das Forças Armadas ia proferir disfarçadamente. – Certamente você a irritaria menos se deixasse de chamá-la de “bela flor”.

Lujan pareceu triste.

– Mas é o que ela é. Mesmo que arranhasse a cara toda e ficasse cheia de cicatrizes, o corpo dela bastaria para deixar um homem pegando fogo.

De repente, ficou sem graça com o que dissera, como se só então lhe tivesse ocorrido que a pessoa a quem dirigia a palavra era uma mulher, e sua Senhora.

Mara tocou seu braço para acalmá-lo.

– Não me ofende que fale à vontade comigo, Lujan. Desde que entrou no serviço naquela longínqua clareira, você se tornou o irmão que perdi.

Lujan colocou de novo o elmo sobre o cabelo solto.

– Eu a conheço, Senhora, tal como conheço meu próprio coração, mas aquela Kamlio me confunde. Não sei o que Arakasi vê nela.

– Ele vê a si mesmo – explicou a Senhora. – Vê coisas que o lembram de seu passado, e deseja poupar-lhe a dor que ele sofreu naquele tempo. É uma atração intensa.

Olhou fixamente para a escuridão, pensando se seria também essa a razão que a levava a sofrer tanto por causa de sua relação tensa com Hokanu. Em silêncio, pensou se Lujan, ou qualquer outro homem, poderia compreender as razões da reação fria de seu marido ao nascimento da filha. Se Lujan fosse um irmão, e não seu

Comandante das Forças Armadas, poderia ter perguntado a ele. Mas ali, em público no convés de um navio, foi contida pela tradição e pelas aparências.

A escuridão se impôs ao redor como uma cortina de privacidade. Mara observou o rosto do Comandante das Forças Armadas no crepúsculo nascente. Desde que o arrancara da vida de guerreiro cinzento, ele ganhara rugas e cabelos brancos esparsos. Sem ter reparado antes, constatou que a cara dele começara a se desgastar com as horas passadas em exercícios com as tropas. Cada vez mais, suas feições ficavam enrugadas como as de Keyoke.

Estamos ficando mais velhos, pensou sombriamente Mara. E o que temos para mostrar como fruto de nossos dias e de nossos esforços? Seus filhos não estavam mais seguros do que ela estivera e, se Hokanu tivesse sido menos capaz de comandar, teria sido forçado a proteger a própria família para manter longe a matilha de primos.

Mara suspirou, consciente de que, se seu irmão tivesse sobrevivido para herdar o título em vez dela, os Minwanabi provavelmente teriam sido os sucessores do Senhor da Guerra e as alterações precárias obtidas pela mudança do poder para as mãos do Imperador nunca teriam acontecido. Às vezes, o humor jocoso de Lujan a fazia lembrar-se de Lanokota. Mas o irmão dela mal chegara à idade adulta. O homem a seu lado já era um guerreiro forte e experiente. A dureza adquirida ao longo dos anos como fora da lei nunca abandonara Lujan por completo, apesar de ser fervorosamente leal e nutrir afeto por seu antecessor, Keyoke. Percebendo de súbito que tal homem deveria ter filhos, Mara falou por impulso:

– Você devia se casar. Sabe disso, não é?

Lujan apoiou as costas na amurada e sorriu.

– Sim, tenho pensado, nos últimos tempos, que já está na hora de ter um filho ou uma filha.

Sensibilizada com o que se passara entre Arakasi e Kamlio, Mara pensou que talvez ele amasse alguém e que possivelmente fosse alguém a quem não pudesse se declarar.

– Tem alguma mulher em mente?

– Pensando por alto, mais de uma dúzia – disse Lujan rindo e fitando-a com ternura.

– Você nunca deixará de ser um safado! – disse Mara, consciente de que mordera a isca. – Encontre uma mulher compreensiva, caso contrário vai pagar por seus galanteios incessantes, Lujan.

– Seja como for, ela nunca deixaria de reclamar – admitiu o Comandante das Forças Armadas. – Tenho este hábito terrível, sabe, de nunca largar as armas quando estou na cama.

Aquilo era uma meia verdade. Os acontecimentos ao longo dos anos desde que chegara ao poder como Governante tinham levado todos os guerreiros a ficar constantemente em alerta. Simplesmente havia ataques de mais, vindos de diversas origens desconhecidas. E agora, para piorar as coisas, nenhuma espada nas Nações a poderia salvar. Mara perdera o bom humor. Continuou a olhar para o horizonte distante e pensou se encontraria naquela longínqua costa nunca vista o que desesperadamente precisava para garantir a sobrevivência dos Acoma.

– Terra à vista – gritou o vigia do alto do mastro.

Mara foi correndo para a amurada, o rosto vermelho devido à brisa da manhã. Até Kamlio, que não se entusiasmava com nada, a seguiu. Da proa, virada para leste, era possível ver uma tênue encosta azulada, o primeiro litoral que alguém a bordo avistava após tantos dias que já durava aquela veloz mas tranquila travessia.

– Honshoni – explicou Lujan. – Dizem que o mel da abelha-vermelha daquelas colinas é mais doce do que qualquer um do Império.

Lepala era também famosa por suas sedas e tinturas exóticas, e pelos tecidos de padrões luxuriantes que podiam ser produzidos com elas. Mara suspirou. Tinha a curiosidade de garota, querendo explorar os mercados do Sul. Xula, Lepala e Rujije eram locais saídos de contos maravilhosos, com edifícios espiralados e galerias com balaustradas vermelhas. Dizia-se que os Senhores de Lepala tinham peixes raros nos lagos e centenas de haréns. As casas daquelas terras tinham janelas com fendas para protegerem os moradores do sol e conter a força dos ventos marítimos, assim como jardins com flores enormes, típicas de climas quentes, que desabrochavam apenas ao anoitecer, enchendo o ar da noite com fragrâncias exóticas até o frio as obrigar a se fechar de novo. As ruas tinham um pavimento de pedra que brilhava como ouro quando úmida. As conversas dos marinheiros faziam com que até as bancas de vendas e os bordéis parecessem exóticos. Havia bebidas extremamente fortes, estalagens cheias de aves coloridas engaioladas e estabelecimentos onde, enquanto se serviam refeições, os clientes eram refrescados por belas garotas e belos garotos com enormes leques de penas. Mas *o Coalteca* não aportaria em nenhuma daquelas fervilhantes cidades comerciais enquanto o grupo de Mara não desembarcasse numa angra escondida e desabitada já bem dentro da baía, entre Honshoni e Sweto. Apenas algumas aldeias pesqueiras apareciam naquela costa ao norte e ao sul.

A Confederação Thuril reclamara o domínio da parte leste da baía, o único acesso existente para as águas profundas. E, como os magos da Assembleia podiam aparecer e desaparecer à vontade dentro das fronteiras imperiais, Mara combinara com seus conselheiros que não deveriam se arriscar a uma ancoragem desnecessária. A carga legítima do *Coalteca* seria descarregada na viagem de volta, pelo Norte, e, se os Mantos Negros ou qualquer espião Anasati suspeitassem do desvio na rota habitual, a Senhora já estaria longe, bem dentro de território estrangeiro, e, se os deuses

se revelassem amáveis, fora de alcance.

Dias mais tarde, aportaram em um lugar de tal forma desolado que nem em seus piores pesadelos Mara o teria imaginado. A ponta da praia onde o bote a deixou estava deserta; tinha a forma de uma lua crescente azul-acinzentada, era bastante pedregosa e amaciada pelo mar e estava repleta de aves marinhas. Assim que Lujan a levou do barco até a costa, pássaros brancos e azuis circularam acima de suas cabeças. Seus gritos ecoaram sombriamente sobre o vento e o bater das vagas na praia. Uma poeira varreu as colinas escarpadas mais atrás, cobertas de vegetação retorcida e sem folhas; acima, cada vez mais azuis, erguiam-se os planaltos das Terras Altas, cercados no horizonte por montanhas cujos picos se perdiam entre massas pesadas de nuvens.

A crista com fundo de ardósia da cordilheira se mostrara uma fortaleza inexpugnável para os tsurani que tinham tentado declarar guerra a Thuril. Inúmeras vezes as forças do Império invadiram aquelas paisagens inóspitas, acabando de uma forma ou de outra por ser derrotadas em meio às colinas pelos temíveis espadachins nus de pele pintada e por seus gritos de guerra bárbaros.

Pequeno, de voz suave e pele enrugada como a casca de uma fruta murcha, o guia estacou diante dela e disse com seu sotaque pomposo:

– Senhora, seria melhor ordenar que seu povo ficasse fora de vista.

– Tenho de lhes dar um motivo – respondeu Mara. – São guerreiros honrados e não irão gostar se lhes disser que devem avançar camuflados como ladrões, especialmente se não há casas à vista, nem mesmo uma cabana de pescador.

O guia passou a língua pelo espaço onde lhe faltavam dois dentes da frente. Jogou o peso de um pé para outro, nitidamente desconfortável, e depois fez uma rápida reverência.

– Senhora, a paz entre o Império e Thuril é instável. Apenas

enviados oficiais e mercadores autorizados cruzam a fronteira, e somente em postos de controle determinados. Se seus homens forem vistos a dois dias de distância desta costa, ou em qualquer ponto perto da fronteira imperial, serão tomados por espiões.

O que quer que os thuril fizessem para castigar os espiões, pela tensão de sua expressão, não deveria ser nada agradável.

Ciente de que seu povo capturara habitantes de Thuril para os jogos no Grande Estádio Imperial, Mara não discutiu mais sobre a necessidade de segredo. Fez um sinal a Lujan para que se aproximasse e murmurou em seu ouvido:

– Comandante das Forças Armadas, vamos precisar de todos os seus conhecimentos como guerreiro cinzento para manter nossa presença aqui secreta até nos embrenharmos bem no interior.

Debaixo do cabelo que escapava do elmo, Lujan a brindou com um largo sorriso.

– Ah, Senhora, a última de minhas artimanhas será revelada! Quando perceber como guerreiros honrados podem ser obrigados a se esconder, confiará de novo neles para proteger o que lhe é precioso?

– Poderão ter a bênção de proteger meus objetos de valor se a missão for bem-sucedida – respondeu Mara, carrancuda demais para brincadeiras e reconhecendo o nível dos problemas que iriam surgir por ali.

Vários dias se passaram, fazendo Mara se lembrar da corrida pelos campos antes de seu primeiro casamento para conquistar a aliança da rainha dos cho-ja. Naquela época, como agora, dormia praticamente no chão duro, no meio de uma pequena comitiva de guerreiros. Parte da viagem havia sido feita a pé, pois o caminho era árduo demais para a liteira. Havia pressa, pois seu grupo cruzava as terras de Senhores inimigos coberto pela noite. Mas naquela parte de Kelewan havia uma floresta densa, quase uma selva, onde podiam se esconder. Névoas baixas ocultavam seu grupo ao

amanhecer e ao anoitecer, e os mantimentos foram transportados por carregadores.

No solo pedregoso de Thuril cresciam apenas raros arbustos e escassa relva, que pouco abrigo proporcionavam. Houve momentos em que teve de escalar morros, congelando devido aos ventos que sopravam naquelas alturas elevadas, as finas sandálias ensopadas depois de tanto pisarem terrenos cheios de turfa. Ficou com os tornozelos arranhados por causa dos espinhos afiados e com calos nas mãos por usar um cajado para se apoiar na caminhada. A certa altura passaram por uma aldeia, arrastando-se ao luar, através de pastagens, de barriga para baixo. Cães ladraram, mas os jovens pastores não despertaram.

Mara se acostumou ao sabor da carne seca de caça que seus arqueiros providenciavam. Ganhou dores em músculos cuja existência desconhecia, devido às muitas horas e aos extensos quilômetros caminhando. De um modo curioso, divertiu-se com a liberdade e com a cúpula baixa do céu, polvilhada de nuvens. Mas seu maior prazer foi observar Kamlio.

A garota deixou seu cabelo comprido ficar emaranhado, já que não tinha o cuidado de aias pela primeira vez na vida. Parou de apertar os lábios e de ficar pálida quando os guerreiros lhe dirigiam a palavra; os poucos que se aproximaram dela foram rechaçados, mas, ao contrário dos homens que conhecera antes de Arakasi, estes a deixavam em paz quando assim o desejava.

Foi sozinha lavar-se nos riachos gelados e timidamente começou a se oferecer para ajudar na fogueira, e se tornou evidente que tinha um jeito especial para cozinhar. Também pediu a Lujan que lhe ensinasse a se defender com uma faca. As lições começaram à meia-luz, todas as noites, os modos suaves de Kamlio dando lugar à língua afiada de uma peixeira quando errava uma estocada e tentava de novo.

Lujan assimilou depressa o mau humor dela.

– Falando sério – disse ele uma noite em que ela parecia estar meio chateada com seu desempenho –, você devia pedir que Arakasi lhe mostrasse como manejar uma faca. Ele é um mestre nessa arte e sabe a melhor forma de usar o pulso.

Kamlío virou-se de tal forma enfurecida que o Comandante das Forças Armadas a agarrou pelo pulso, segurando acima de sua lâmina nua, incerto quanto à possibilidade de ela lhe cravar a faca no corpo.

– Por todos os deuses! – gritou Kamlío, rancorosamente ofendida. – É dele mesmo que eu pretendo me defender!

Partiu a toda a velocidade e sumiu dramaticamente na escuridão. Lujan a viu partir e estalou a língua em desaprovação.

– Mulher, quando o assunto são facas ninguém supera nosso Mestre dos Espiões. – E acrescentou baixinho assim que ela desapareceu: – E você não precisa se defender dele. Se pretendesse arrancar o coração de Arakasi, creio que ele ficaria imóvel, sem se opor.

Muito mais tarde, nas profundezas daquela noite sem luar, Mara despertou com os soluços da garota. E disse-lhe, tranquilamente:

– Não precisa voltar a ver Arakasi, Kamlío, se é esse o problema, certo?

A antiga cortesã não respondeu, mas seus soluços acabaram se tornando cada vez mais esparsos, até que adormeceu.

A manhã seguinte nasceu nebulosa e fria. Kamlío voltou com o rosto corado depois de ter ido buscar lenha, os olhos igualmente vermelhos.

– Ele matou minha irmã! – gritou de repente para a Senhora dos Acoma, parecendo responder às palavras de Mara da noite anterior.

– Ele matou o *Obajan* da Seita dos Hamoi, por ordem minha – corrigiu Mara. – Foram os próprios dardos do *Obajan* que mataram sua irmã.

Kamlío atirou a lenha na fogueira que Lujan acabara de atçar,

espalhando faíscas e fumaça.

O pastor que lhes servia de guia praguejou em thuril:

– Garota louca! Sua irritação pode ser nossa perdição!

Lujan foi o primeiro a reagir, despindo a capa que tinha sobre a armadura. Lançou-a sobre a pequena fogueira e em seguida pegou um balde de água que estava ali perto, encharcando o tecido antes que pegasse fogo. Pequenos fiapos de vapor saíram pelas dobras, entre o cheiro de lã de querdidra queimada.

– Levantar acampamento. Nada de desjejum. Partimos já. A fumaça pode ter sido vista e pela segurança de nossa Senhora não podemos correr riscos.

O pequeno pastor lançou um olhar de gratidão ao Comandante das Forças Armadas dos Acoma por seu bom senso e, em poucos minutos, o grupo de Mara estava de volta à trilha, valendo-se de barrancos baixos e de todos os pequenos esconderijos que a paisagem estéril podia oferecer.

Quatro dias mais tarde, o guia achou que seria seguro avançar mais às claras. Aceitou umas moedas de Mara e atreveu-se a descer em um vale estreito cheio de fumaça para comprar mantimentos no mercado de uma aldeia. Os centis imperiais pareciam suspeitos, mas tinham valor, e o povo necessitado do campo não queria saber a origem do dinheiro ou de quem o usava. Mara suspeitava não ser a primeira tsurani ali levada pelo guia. O contrabando entre o Império e Thuril tinha tantos riscos quanto lucros. Parecia uma vocação razoável para um homem de antecedentes incertos e capaz de circular em ambas as culturas.

O pastor voltou com dois sacos de pele cheios de provisões, carne seca e uma capa de lã da montanha para substituir a que Lujan estragara na fogueira. Os fardos chegaram ao acampamento nas costas de um pequeno animal cinzento, com a forma de cavalo, mas com orelhas compridas e uma cauda que parecia um pincel largo.

– Um burro – explicou o pastor em resposta à curiosidade de Mara. Seu sotaque gutural o fez proferir a palavra de um modo bizarro, mas Mara reconheceu que sua origem era midkemiana. A presença de um animal que só poderia ter vindo do outro lado do Portal, através do Império, deixou bem evidente que o contrabando era um negócio importante na região. – Menos teimoso que um querdidra, Senhora, e suficientemente robusto para que possa montá-lo.

Mara ergueu as sobrancelhas de espanto.

– Eu? Montar aquilo? Mas é praticamente do tamanho de uma cria de needra recém-nascida!

– Então siga a pé – disse o pastor, em tom não muito respeitoso. – Mas as pedras lá do alto podem fazê-la torcer os tornozelos e seus guerreiros vão se cansar facilmente se tiverem de carregá-la.

Para Kamlio, ele comprara botas com solas resistentes, com laços na frente e bordas com pele. Mara fitou o calçado feio com repugnância e o burro com ansiedade. Então, com um suspiro, rendeu-se.

– Eu monto – declarou. – Mostre a Lujan como deve me ajudar a montar.

O pastor fez mais uma das suas reverências abruptas, que, no entender de Mara, eram a forma que tinha para disfarçar sua diversão.

– Nada tem a temer – zombou Lujan quando se posicionou ao lado dela para ajudá-la a subir. – Pense em como me senti no dia em que tive de montar um cho-ja. Pois, antes de mais nada, eles são mais escorregadios e eu estava cheio de medo de cair e me espetar em minha espada.

– Foi ideia do Kevin, e não minha – disse Mara em sua defesa, ficando rígida em seguida enquanto seu Comandante das Forças Armadas a içava com força e a pousava como uma pena na sela de couro tingido amarrada ao lombo do animal.

O bicho era pequeno, pensou Mara tentando se acalmar, e o chão estava a cerca de um metro. Se caísse, o pior que poderia lhe acontecer eram alguns hematomas a mais, um preço pequeno a pagar se pretendia conseguir proteção contra os Mantos Negros naquelas estranhas e áridas colinas. E, na verdade, a marcha do burro não era assim tão dura. Como tinha patas curtas, seus passos eram maravilhosamente firmes.

Mara achou bastante desconfortável o assento no lombo da criatura, mas escondeu o sofrimento com a implacabilidade tsurani enquanto seu grupo serpenteava cada vez mais para cima rumo às colinas proibidas. À tarde, quando desmontou e deram água ao animal, ela confidenciou a Lujan que, se soubesse que tipo de criaturas eram os burros, nunca teria permitido sua importação.

– Cavalos pequenos! – resmungou quando assentou os pés no chão com firmeza para compartilhar uma refeição de pão duro e queijo amargo com seus homens.

Lujan se limitou a sorrir ironicamente.

– São os mais confiáveis que há, pelo que soube. O homem que os vende do outro lado da fronteira, em Honshoni, já procura outra manada, pois são bem melhores do que os querdidra como animais de carga.

Mara foi obrigada a concordar com aquilo, apesar das dores no traseiro. Suportara a companhia dos fedorentos e irascíveis querdidra quando atravessara as montanhas de Tsubar na campanha contra os salteadores do deserto. Mas, assim que o burro levantou a cauda fibrosa para soltar seus dejetos, preferiu não comentar mais nada. Se, por um lado, era uma criatura superior em termos de temperamento em relação às bestas de carga de seis patas, por outro, não era efetivamente mais limpa.

De repente, o pastor que servia de guia voltou-se, com um pedaço de pão esquecido na mão. De rosto virado para o vento e estreitando os olhos, examinou as colinas ermas de vegetação

rasteira.

– Estamos sendo vigiados – disse em voz baixa a Lujan. – Desde que saímos da aldeia, estou com essa impressão.

O Comandante das Forças Armadas não parou de mastigar firmemente a comida que tinha na boca.

– É melhor nos prepararmos para lutar? – perguntou, como se o perigo não fosse imediato.

O pastor olhou ao redor, perturbado.

– Não, se pretende permanecer vivo. Não, não. Prossigam. Ajam como se nada estivesse errado. E, se alguém se aproximar, nada de gestos ameaçadores, mesmo que digam ou façam algo para provocar. Assegure-se de que nenhum de seus homens mais nervosinhos fale algo ou desembainhe a espada.

Lujan reagiu com um sorriso seco que apenas Mara soube interpretar como uma falsa demonstração de bom humor.

– Coma um pouco de queijo – disse ao pastor.

Mas ninguém teve estômago para comer e logo a companhia se reagrupou e retomou a marcha. Mal tinham avançado uma dúzia de passos quando um grito cortou o ar. Um homem com tranças pretas e uma grande capa do mesmo verde-acinzentado do solo saltou de uma rocha acima da estreita trilha sobre o guarda que seguia na frente.

Lujan levantou a mão quando os guardas se retesaram. Mas nenhum de seus guerreiros se esqueceu das ordens para não desembainhar as armas, apesar de terem sido apanhados de surpresa. O thuril montanhês aparecera do nada. Vestindo o *kilt* nativo e o cinto cruzado onde estavam penduradas duas espadas e várias facas, dirigiu-se a eles em voz alta:

– Por que invade as terras de Thuril, tsurani? – Seu sotaque acentuado tornou sua pergunta quase ininteligível e seu tom era inegavelmente beligerante.

Mara incitou o pequeno burro para que este avançasse. Antes de

conseguir dar um passo à frente, o pequeno pastor pegou a rédea para detê-lo. Ele reagiu ao desafio, impulsionado pelo costume da terra.

– Sou Iayapa, guerreiro – respondeu em thuril. – Falo pela Senhora dos Acoma, que veio numa missão de paz.

O homem saltou da rocha, com a capa esvoaçando e o *kilt* subindo, exibindo coxas musculosas. As tiras cruzadas de suas sandálias estavam cheias de enfeites abaixo do joelho e o arnês das armas tinha com talismãs de pedra. De perto, era possível constatar que tinha a cabeça toda raspada, salvo pela parte de onde suas tranças nasciam, enormes, pois cresciam livres desde a infância. Puderam ver que desciam até a cintura quando pousou, apresentando as pontas igualmente enfeitadas com talismãs.

Lujan falou baixinho ao ouvido de sua Senhora:

– Ele não está vestido para combater, Senhora.

Mara assentiu. Ela lera que os thuril se livravam das roupas quando combatiam, apresentando-se nus exceto pelo arnês de batalha, pelos elmos emplumados, pelos escudos e armas, pois se orgulhavam de sua virilidade não murchar de medo e certificavam-se de mostrar isso a seus inimigos.

O homem se aproximou de Mara com um ar presunçoso. Ela estava agora ligeiramente à frente dos outros, enquanto o burro, nervoso, andava de lado. Mara agitou freneticamente as rédeas, lembrando-se em silêncio de agir como se não se houvesse nada de errado.

O montanhês disse algo em seu dialeto grosseiro e agarrou a rédea do burro. Soprou sobre o focinho do animal e por alguma razão estranha a criatura se acalmou. O homem passou então os nós dos dedos pelos talismãs e contornou a cabeça do burro. Frente a frente com Mara, inclinou-se até praticamente colar seu nariz ao dela.

– Boa Serva, não se mova – alertou Iayapa. – Ele está testando

seu temperamento.

Mara conteve a respiração e obrigou-se a não fechar os olhos. Periféricamente, percebeu o desconforto de seus homens, com as mãos ansiosas por desembainhar as espadas, e de Kamlio, que, receosa, esquecera sua repulsa pelos homens e se escondera atrás do guerreiro mais próximo. Mas a disciplina dos Acoma se manteve. Os guerreiros de Mara aguentaram-se firmes e, quando ela se recusou a baixar o olhar ou recuar, o montanhês expirou um grande bafo, que fedia a alho, e afastou-se. Resmungou, reconhecendo que a coragem dela era suficiente.

– Quem fala por você, mulher?

Antes que Iayapa conseguisse detê-la, Mara respondeu:

– Aqui sou eu quem manda.

O homem exibiu seus dentes alinhados e alvos numa expressão que não era um sorriso. Moreno de sol, enrugou o rosto, com desprezo.

– Você é dura, mulher, isso eu reconheço, mas liderar estes homens? Não passa de uma fêmea. – Dirigindo-se a Lujan, que era o que estava mais próximo, refez a pergunta: – Você! Não respondo à língua de uma mulher e desejo saber: o que a traz aqui, às nossas terras, com estes guerreiros? Vocês devem estar procurando guerra!

Essa última frase deve ter lhe parecido uma piada, pois começou a rir grosseiramente.

Mara sinalizou a Lujan para ficar em silêncio e, como se o homem moreno não estivesse ali ao lado do burro, dirigiu-se ao pastor-guia:

– O montanhês parece divertido. Ele acha que nossa presença tem graça ou pretende zombar de nossa honra?

Mas, por medo ou por seguir seu próprio conselho, Iayapa não respondeu.

Mara franziu o cenho, obrigada a se conter em sua própria avaliação. Pelos relatos tsurani, os thuril eram guerreiros

sanguinários, rápidos em atacar e selvagens em combate. Mas, pelo que Mara entendia, as opiniões sobre um exército invasor eram suspeitas. Os únicos outros thuril que vira eram prisioneiros enviados para a arena. Esses homens se mostraram confiantes, independentes e corajosos. Preferiram ser espancados por capatazes tsurani a combater em um espetáculo destinado a divertir seus captores.

Mara voltou a se dirigir ao homem:

– Procuo seu chefe de clã.

Parecendo ter visto um inseto falante, o montanhês aparentou surpresa.

– Procura nosso chefe de clã? – Coçou o queixo, como se estivesse pensando. – E que motivo você tem para incomodá-lo? Ele já tem uma mulher para aquecê-lo de noite!

Mara se ofendeu, mas se conteve a tempo. Indicou a Lujan que permanecesse quieto quando este já estava pronto para responder ao insulto. Mara se esforçou para se acalmar enquanto avaliava aquele montanhês rude. Na verdade, tinha um ar jovem, com pouco mais de 25 anos. Segundo os costumes tsurani, acabara de atingir a idade para poder ser considerado herdeiro. E, tal como acontecia com todos os jovens a quem davam responsabilidades, talvez seus modos fossem arrogantes apenas para parecer importante em um mundo muito maior do que ele.

– Não falo com garotos. Leve-me já a seu chefe de clã ou solicitarei seu castigo pela forma rude com que me tratou, quando eu mesma o achar.

O homem se afastou, simulando estar intimidado.

– Mas é claro, minha Senhora!

Rodou sobre os calcanhares, varrendo o ar com sua capa e o *kilt*, e levou dois dedos aos lábios. Seu assobio cortou o ar, espantando os guerreiros de Mara.

– Nada de espadas – ordenou ela em voz baixa a Lujan.

O Comandante das Forças Armadas brindou seus homens com um olhar duro, contendo-os, no instante em que, com um ruído de pedras e cascalho, mais de vinte homens apareceram em volta deles. Apresentavam-se todos fortemente armados, com arcos, lanças e espadas. Uma fileira ainda portava facas de atirar. E não eram poucos os mais ferozes e fortes que exibiam machados de lâmina dupla. A pequena guarda de Mara era inferior, numa proporção de três para um, e, se a situação acabasse em combate, a trilha onde estavam seria cenário de uma carnificina.

Lujan, preparado para enfrentar a morte, murmurou:

– Podem não andar à procura de problemas, mas estão a postos como se tivessem encontrado.

O montanhês que estava na trilha olhou ao redor para seu círculo de soldados. Sorriu maliciosamente.

– Ouviram a fêmea! Ela acha que pode ordenar a nosso chefe de clã que me açoite por ser rude!

A declaração foi saudada com gargalhadas grosseiras, marcadas pelo sibilar de espadas sendo desembainhadas.

Mara engoliu em seco. Consciente de que teria de combater ou recuar, antes que seus homens fossem imediatamente mortos e ela e Kamlio entregues a um destino que só os deuses conheciam, obrigou sua língua seca a formar uma frase:

– Já disse que viemos em paz! Para provar, meus homens vão largar as armas.

Diante do olhar incrédulo de Lujan, ela ordenou:

– Obedeçam!

Sem exceção, sua guarda tsurani desapertou os cintos das espadas. O ruído das bainhas das espadas batendo no chão duro pareceu ser pateticamente engolido pela vasta extensão de céu. O sorriso do jovem guerreiro tornou-se predatório. Levantou uma mão. Arrancou a tira de pele que prendia a trança e esticou-a entre as mãos.

– Amarrem todos – disse bruscamente. Em seguida, olhou para Lujan. – Você é tsurani! – acrescentou. – Inimigo de meu povo. Vamos ver a quem meu chefe ordenará uma punição!

Mara fechou os olhos quando o círculo de guerreiros thuril se apertou depressa ao redor de seu grupo desarmado, mas não tão rápido que deixasse de notar os olhares lascivos que os homens próximos lançaram a Kamlio. Seus ouvidos ainda escutaram os comentários na língua estranha deles, notando o tom irônico.

Que os deuses nos protejam, pensou. Que destino impus a minha gente? Pois, segundo cada dogma da honra e por todas as crenças da religião em que fora criada, preferiria ver todos os seus guerreiros mortos, assim como ela mesma, antes de cogitar uma rendição.

– Você agiu bem, grande Senhora – disse apressadamente Iayapa.

Mas quando mãos rudes a arrancaram de cima do burro e tiras de couro ensebado lhe prenderam os pulsos, não se sentiu assim tão reconfortada. Havia mais do que a vergonha dos Acoma em jogo, lembrou a si mesma enquanto seus guerreiros suportavam a provação em silêncio ao também se verem com pés e mãos amarrados. Honra, orgulho e até paz, nada disso teria significado se a onipotência da Assembleia não fosse desafiada.

Mas quando ela e seu povo foram empurrados, aguilhoados e insultados como escravos, não teve certeza se não preferiria morrer.

Prisioneira

Mara caiu.

O montanhês que a empurrara para a fila em marcha soltou uma gargalhada quando ela aterrissou de joelhos nas pedras ásperas. Pegou-a pelo braço e penosamente obrigou-a a se levantar, para de pronto a empurrar outra vez para a frente. Ela tropeçou e trombou com Saric, que se aguentou firme para segurá-la, controlando-se com dificuldade diante de tamanho ultraje.

– Deveriam permitir que minha Senhora pelo menos montasse o burro – protestou ele, ciente pela expressão severa de Mara que ela, por orgulho, não abriria a boca.

Ele mordeu todas as palavras como se fosse uma imprecação.

– Silêncio, cão tsurani! Ao animal será dado melhor uso!

O montanhês que parecia estar no comando sinalizou dando instruções a um de seus homens.

Mara manteve o queixo levantado, tentando não olhar para o rosto ensanguentado de Lujan. Ele se recusara a erguer os pulsos para ser amarrado e, embora não tivesse lutado, fora maltratado até ser obrigado a colocar as mãos atrás das costas para que fossem amarradas. Ficou com o olhar escuro de raiva quando viu qual era o “melhor uso” que seria dado ao animal de carga: Kamlio caíra no gosto daqueles bárbaros thuril. Sua beleza era considerada um troféu, logo era ela, e não Mara, que seguia montada no burro.

Quando Saric se atreveu a fazer um novo protesto, foi atingido

na cara e gritaram em um tsurani macarrônico:

– A mulher do cabelo escuro já está na fase final de sua idade fértil. Pouco valor tem.

Mara suportou mais aquela vergonha com o rosto fervendo. Mas quando seus captores de *kilt* organizaram o grupo em marcha, a incerteza doeu em seu interior. Não fazia a mínima ideia do que aqueles thuril poderiam fazer com ela e com seus homens. Mas, segundo o que conhecia do tratado tsurani em relação aos prisioneiros dos montanhese, estava certa de que seu destino não seria nada agradável.

Os thuril incitaram os prisioneiros a subirem para as Terras Altas. Mara desequilibrou-se e caiu na ardósia escorregadia, tropeçando em riachos cuja água lhe chegava aos joelhos. As tiras das sandálias molhadas ficaram tensionadas e as solas lhe causaram bolhas nos pés. Mordeu o lábio, reprimindo lágrimas de inquietação. Caso se deixasse levar pelo desespero, um dos montanhese lhe daria uma cotovelada ou a espetaria com a ponta da espada ou do machado. Suas costas estavam cheias de hematomas aos quais não estava habituada.

Era aquele o horror que Kevin e seus conterrâneos teriam sentido ao serem conduzidos em caravana para os mercados de escravos tsurani? Mara julgara ter entendido isso quando decidira que a escravidão era uma afronta à humanidade. Agora, na pele, obtinha uma perspectiva do sofrimento e do medo que tais desafortunados deveriam sentir, sujeitos aos caprichos de terceiros. E, apesar de sua situação ser perigosa, ainda era uma mulher livre e seria de novo, caso sobrevivesse, mas como iria saber se haveria esperança de fuga? A profunda raiva interior de Kevin já não lhe era estranha.

Kamlío sentou-se no burro. O rosto da antiga cortesã estava lívido, mas sua expressão era impassível, típica de um tsurani. Como a garota olhava repetidamente ao redor, Mara viu o terror e a preocupação por trás daquela máscara de tranquilidade. Algo em

Kamlío despertava; talvez se preocupasse com a Senhora que tropeçava e era obrigada a avançar a pé atrás do burro.

As colinas mais baixas se tornaram rochosas com o passar do dia e os thuril fizeram os prisioneiros subirem cada vez mais rápido até o planalto. Em meio ao desconforto da transpiração e do cansaço, Mara lembrou a si mesma os propósitos elevados que levaram à sua rendição incondicional. Mas as abstrações morais pareceram se tornar menos importantes quando a sede secou sua garganta e as pernas começaram a tremer devido ao esforço da marcha forçada. Mais uma vez tentou combater o desânimo: tinha de descobrir o segredo por trás daquilo que os cho-ja e o mago inferior chamaram de "o Proibido".

No meio daquela terra hostil, tinha um quebra-cabeça à frente, cada vez mais enlouquecedor, pois a resposta estava além da experiência tsurani. Mara não dispunha de nenhuma pista sobre o que poderia esperar caso conseguisse falar com alguma autoridade. Não conhecia a língua thuril, tampouco a forma como deveria se portar. Como fora arrogante ao embarcar no *Coalteca* na crença de que poderia viajar por aquele litoral desconhecido e causar uma forte impressão através de boa conversa e personalidade de modo a conseguir ser escutada educadamente pelos inimigos de seu povo! Nascida no seio do poder, nunca em sua vida fora privada dos privilégios inerentes a seu cargo. Então Mara compreendeu como sua presunção se revelara tola. Enquanto Serva do Império, aclamada e reverenciada por seu povo, nunca ponderara a possibilidade de estrangeiros agirem de modo diferente. As lições que aprendera com Kevin de Zun deveriam tê-la alertado para as diferenças entre povos. Os deuses algum dia iriam perdoá-la por tal estupidez?

O medo foi se instalando cada vez mais em sua mente enquanto os captosres a conduziam sem descanso por uma passagem no alto das colinas. O burro seguia sem problemas na dianteira, indiferente

às preocupações humanas e contente por desempenhar o papel que os deuses lhe outorgaram, isto é, como animal de carga. Não é menos pesado o fardo que eu carrego, pensou Mara, tropeçando de novo e sentindo o aperto em seus pulsos amarrados enquanto se debatia para equilibrar-se. Perdida em pensamentos sombrios, não reparou nos olhares torturados de preocupação de Saric e Lujan.

Sobre os ombros dela pesava mais do que o destino de sua família. O cativoiro lhe ensinou uma dolorosa lição: nenhum homem ou mulher deveria viver subordinado à vontade de outros. Mas essa era a única maneira de descrever as vidas atormentadas das pessoas comuns tsurani. O destino deles, assim como o dos escravos inferiores, dependia tanto dela como o dos nobres. Mas as reformas em Tsuranuanni não poderiam começar enquanto a onipotência da Assembleia não fosse questionada.

Várias possibilidades tristes vieram a sua mente para atormentar sua corajosa determinação: Kasuma poderia ser sua última filha, a separação de Hokanu poderia durar eternamente e ele não parara de relutar em nomeá-la como herdeira. O caráter de Kevin – tão diferente – lhe ensinara que amar um homem não era uma garantia de paz com ele; nenhuma época de sua vida se revelara tão penosa para ela e tão cheia de remorso quanto o momento em que o decreto imperial a obrigara a enviar o bárbaro embora.

Ela temeu que Hokanu pudesse se livrar dela de um modo abrupto semelhante, deixando sem dizer o que era importante entre eles. Mara engoliu em seco, debatendo-se para não ficar desesperada. Se ela não se entendesse com os thuril e se eles a trocassem ou vendessem como escrava, então Hokanu teria de gerar mais um filho – se quisesse ter um – no ventre de outra mulher. Tal pensamento causou-lhe mais dor do que qualquer incômodo físico.

Apenas tarde demais Mara compreendeu que a marcha abrandara. Seus captores pararam em um vale entre colinas arroxeadas pelas sombras do final de tarde. Pela encosta abaixo,

corria uma companhia de jovens guerreiros thuril. Em um redemoinho de capas e armas sendo brandidas, riram ruidosamente. Uma sensação prazerosa envolveu a comitiva que escoltava os prisioneiros. Os recém-chegados fitaram Kamlio com as sobrancelhas erguidas e assobiaram à sua passagem. Ficaram apontando para a túnica lisa de Mara e falando em voz alta, até que a Senhora se cansou de ser observada.

– O que eles estão dizendo? – exigiu saber, num tom cortante, dirigindo-se a Iayapa, que se sentia como se estivesse na forca.

Ele se encolheu ainda mais diante do tom autoritário de Mara.

– Senhora – explicou o pastor –, são homens grosseiros.

Gritos zombeteiros soaram em um tom diferente e alguém falou num tsurani rude e macarrônico:

– Devemos chamar aquele ali de O-homem-que-obedece-a-Mulheres, não é?

Gritos e gargalhadas ecoaram por toda parte, quase abafando as perguntas irritadas de Mara e os apelos desesperados de Iayapa.

– Senhora, não me peça para traduzir.

Atrás dela, um dos jovens levou a mão à virilha e revirou os olhos como se estivesse tendo um súbito prazer. Os companheiros dele acharam muita graça em seus comentários, pois deram tapinhas em suas costas e cacarejaram.

Iayapa falou acima do ruído deles:

– Ficaria ofendida, grande Senhora.

– Conte-me! – exigiu Mara quando Saric e Lujan se arrastaram para mais perto dela e assumiram suas posições habituais de ambos os lados para protegê-la das provocações dos estranhos.

– Senhora, não quero ser desrespeitoso. – Se tivesse as mãos livres, Iayapa teria se prostrado diante dela. Irremediavelmente preso, só conseguiu lhe dar um olhar constrangido. – Bem, que seja, mas foi a Senhora quem mandou. O primeiro, o sujeito de capa verde, perguntou àquele que nos conduz se ele já a havia possuído.

Mara não comentou, mas assentiu.

Iayapa suave, apesar do frio da brisa das Terras Altas.

– Aquele que nos guia diz que está esperando que cheguemos à aldeia, pois você é ossuda e ele precisa de muitas almofadas e peles. – Quase ruborizando, contou o resto: – O terceiro, que tocou na virilha, diz que um homem respondeu por você. Isso pode significar que a senhora é uma bruxa. Logo, o outro não deve se arriscar, pois, se tentar tocá-la, a senhora pode arrancar sua... virilidade e enfiá-la depois na boca. Os outros acharam isso muito divertido.

Mara retorceu-se, irritada com as fitas que apertavam seus pulsos. Como poderia ela responder a tal indecência com dignidade, amarrada como estava? Refletiu por um momento, olhando de relance para Lujan e Saric. Ambos pareciam prontos para matar, mas estavam tão impotentes quanto ela. No entanto, nada a faria suportar tais abusos de estranhos sem ao menos ensaiar uma resistência! Como lhe sobrava apenas a língua livre, Mara deu o grito mais poderoso que conseguiu. Aqueles bárbaros ordinários poderiam não compreender tsurani, mas, que Turakamu ajudasse, pelo tom iriam compreender o que ela queria dizer.

– Você! – gritou ela, apontando com a cabeça na direção do chefe que os levara até ali. – Como se chama?

O homem de nariz aquilino que seguia à frente do grupo ficou muito rígido e, quase sem pensar, virou-se para ela. O jovem ao lado dele largou a virilha e olhou espantado para seu companheiro mais velho. Disse algo e seu líder reagiu com um gesto de incompreensão. Em vez disso, dirigiu-se a Iayapa na própria língua e os outros riram.

Mara não esperou pela tradução:

– Esse louco bêbado, que não tem mais cérebro do que a besta na qual minha serva monta, agora vem dizer que não me entende. – As consoantes dela saíram mais afiadas pela malícia. – Mesmo

depois de ter trocado palavras em tsurani ao longo do caminho até aqui?

Vários dos montanheses voltaram-se ao ouvir aquilo, alguns revelando surpresa. Ora, ora, pensou Mara, então há outros que sabem falar a nossa língua, ainda que mal. Teria de tirar proveito daquilo.

Mara resolveu entrar no jogo dos montanheses desconcertados e dirigiu-se apenas a Iayapa:

– Diga a esse bobo que ele está se esquecendo das palavras da mesma forma como a mãe dele esqueceu o nome de seu pai. Diga exatamente o que digo. – Mara fez uma pausa e depois preencheu o silêncio gerado pelo espanto: – Diga-lhe que é um moleque malcriado. Quando chegarmos à aldeia dele, irei pedir ao chefe de clã que o açoite por causa de seus modos imperdoáveis diante da presença de uma hóspede. Informe-o ainda de que, se eu procurasse companhia para meu leito, seria um homem, e não uma criança com saudades do seio ressequido da mãe e, mais ainda, que se ele me tocasse, eu riria quando sua virilidade não conseguisse manter a ereção. Ele é tão ignorante quanto uma needra, e cheira pior. É mais feio do que o mais vergonhoso de meus cães, e vale ainda menos... pois meu cão sabe caçar e tem menos pulgas. Diga-lhe que só o fato de ele existir envergonha seus já desonrados antepassados.

De repente, inexplicavelmente alegre, Iayapa traduziu. Antes de ter terminado a primeira frase, os olhos de todos os guerreiros thuril fixaram-se na Senhora dos Acoma. Quando a tradução terminou, a imobilidade pétrea de todos a assustou. Seu coração palpitou no peito. Eles não teriam dificuldade em matá-la. Qualquer tsurani que fosse interpelado daquela forma por um prisioneiro acabaria enforcado e escorraçado. Mas o destino dificilmente lhe poderia trazer algo pior do que a escravidão, achou Mara. Quer aqueles homens a enforcassem em total desonra, quer não, ela lhes

mostraria apenas o rosto de sua arrogância desdenhosa.

Depois o ambiente mudou radicalmente. Todos, salvo o alvo dos insultos de Mara, irromperam em gargalhadas e começaram a dar tapinhas nos joelhos.

– A víbora tem uma língua afiada, vocês ouviram? – gritou alguém num tsurani com sotaque carregado ao homem insultado.

Aquilo confirmou que falava a língua suficientemente bem para entender o que fora dito sobre ele antes da tradução de Iayapa. Vários companheiros estavam rindo tanto que tiveram de se sentar, antes que os joelhos cedessem. O guerreiro que Mara envergonhara a observava, com o rosto corado e acenando com a cabeça.

Lujan chegou mais perto de Mara quando outro dos guerreiros thuril gritou, acenando com seu arco na direção dela e saudando-a. Mara, consciente pelo sorriso do homem de que não seria sumariamente executada, perguntou:

– O que foi que ele disse?

Iayapa deu de ombros.

– Que você sabe insultar como um homem. É uma espécie de arte entre os thuril, Senhora. Como aprendi muito bem sentado no joelho de minha mãe, os thuril podem se revelar um povo muito irritante.

O pandemônio acabou passando. O grupo dos mais jovens se reuniu e partiu para retomar suas atividades cotidianas, alguns ainda rindo ao se encaminharem para a trilha. Os captores de Mara, incluindo seu líder corado, empurraram a carga tsurani na direção da curva seguinte no caminho para casa. A luz solar do fim de dia se estendeu sobre um campo. Além do terreno aberto ficava uma aldeia com uma paliçada de madeira e telhados bastante inclinados. Espirais de fumaça se erguiam de chaminés de pedra e nos passadiços da paliçada se viam as lanças de sentinelas. A posição da vila guardava um caminho de acesso às colinas.

Os guerreiros montanheses apressaram o passo, querendo levar

logo seus troféus capturados.

– Estranho – murmurou Saric, com sua curiosidade infatigável ainda evidente apesar dos rigores da marcha e do destino incerto que os aguardava. Ao contrário de qualquer tsurani, aqueles thuril pareciam indiferentes às conversas entre os prisioneiros. – Apesar de a grama ser um bom pasto para gado, não foi comida por animais, apenas cortada nos caminhos dos rebanhos e dos pastores.

Ao escutar tal comentário, o líder thuril deu uma olhada sobre o ombro, com um meio sorriso de satisfação. Em evidente contradição a seu comentário anterior de que não compreendia tsurani, falou com um sotaque sofrível:

– Deveriam se dar por satisfeitos por atravessar estes campos com escolta, cão tsurani. Sem nós para mostrarmos que caminho percorrer, vocês se perderiam. Este terreno está repleto de armadilhas desde a última visita que sua gente fez às nossas colinas!

Lujan respondeu, pensativo:

– Quer dizer que seu povo ainda tem fortificações desde a última guerra?

– Mas a guerra terminou há mais de uma década! – comentou Saric.

Lujan falou em voz baixa com o primo:

– Grandes recordações.

Por trás de seu tom despreocupado havia um mau presságio. O fato de os thuril manterem a vila protegida por armadilhas letais após tanto tempo revelava um ressentimento que complicaria qualquer abertura rumo à negociação: como soldado, Lujan ouvira as histórias contadas por veteranos de guerra sobre a invasão mal planejada a Thuril. Era melhor para um homem morrer do que ser capturado e entregue vivo às mulheres montanhesas para receber um tratamento vingativo.

Mas, na frente de Mara, ele disfarçou seus receios. Foram

encaminhados por aquele campo mortal e mais adiante por uma ponte de madeira que se estendia sobre um fosso, percorrido por um rio de águas rápidas. A água corria entre protuberâncias rochosas e se revolia em redemoinhos vertiginosos e escuros no meio de lagoas que impossibilitavam uma travessia a nado. O líder dos montanhesees reparou quando os olhos de Lujan avaliaram a possibilidade de fugir nadando.

Acenou com uma arma revestida de couro para as lagoas nas rochas.

– Ali se afogaram muitos guerreiros tsurani, capitão de espada. Muitos partiram os pescoços nas pedras, ao tentarem em vão construir uma ponte de corda. – Deu de ombros e recuperou o sorriso. – Seus comandantes não são estúpidos, apenas teimosos. A certa altura, lançaram plataformas ali por cima. – As franjas de sua capa dançaram quando apontou para uma saliência ao lado da ponte baixada. – E ali. – Apontou para outro afloramento de rocha mais abaixo. Depois, como se ainda houvesse guerreiros do passado dando gritos de guerra no ar cinzento do anoitecer, ergueu o olhar para a parede indefinida de penhascos. – Estava tudo condenado ao fracasso.

Mara deixou de lado o cansaço para se manter atenta à conversa.

– Deveria ser um garotinho na época, não? Como você se lembra?

Distraído pelas recordações vívidas, o líder dos montanhesees esqueceu que respondia a uma mulher:

– Eu estava lá em cima na ameia, trazendo água para meu pai e meus tios. Ajudei a carregar os mortos e os feridos. – Seu rosto se contorceu com uma tristeza antiga. – Eu me lembro.

Com um golpe, instigou Lujan a avançar e atravessar a ponte. A sombra indefinida da entrada cortou toda a vista do céu e das fortificações. O líder respondeu à pergunta de uma sentinela que

não estava à vista e depois apressou os prisioneiros tsurani para que atravessassem. Lujan reparou nas ameias de madeira, com tábuas polidas viradas para fora, mas desgastadas na parte de dentro, com cascas de árvores e galhos ainda nos troncos, como se as barreiras defensivas tivessem sido erguidas às pressas.

– Deve ter sido uma batalha cruel.

O líder riu.

– Não foi assim tão cruel, tsurani. Nós estávamos no alto das colinas quando se deu o terceiro ataque e seus soldados atacaram a paliçada. Nossos líderes também não são estúpidos. Se seu povo quisesse de verdade o povoado, nós o entregaríamos. Ocupar um lugar é uma coisa; mantê-lo é outra. – Exibiu um sorriso de escárnio. – Não deixaríamos que tomassem as colinas, tsurani – acrescentou, e com um gesto amplo abarcou a paisagem até os picos que entalhavam o céu por cima do maciço rochoso. – Ali fica nosso verdadeiro lar. Naqueles vales, podemos construir salões e casas para reunir, negociar e festejar, mas nossas famílias são criadas nas regiões altas. Foi ali que seus soldados pereceram, tsurani, quando atacamos seus carregadores e patrulhas. Centenas perderam a vida em nossos ataques, até seu povo se cansar das Terras Altas e voltar para casa.

Ultrapassadas as fortificações, o grupo de prisioneiros atraiu a atenção dos habitantes locais enquanto percorria a avenida comercial. Mulheres esfregando pedras para lavar a roupa num grande tanque público pararam o trabalho para apontar e olhar. Garotos vestidos com tecido xadrez gritavam e corriam para vê-los, ou olhavam de olhos arregalados por trás das mãos que transportavam pães embrulhados em panos vindo da padaria. Algumas das crianças mais sujas e levadas corriam e gritavam ao redor dos estranhos amarrados.

Com medo de que alguns pudessem lhes atirar pedras, Lujan fez um sinal com a cabeça a seus guerreiros, que se juntaram em

formação cerrada em volta da Senhora para lhe garantir a melhor proteção possível. Mas nada ocorreu, salvo os olhares fulminantes de mulheres de meia-idade, que talvez tivessem perdido filhos e maridos na guerra em confrontos com os guerreiros imperiais. O burro que transportava Kamlio era o que gerava maior furor quando as crianças se aproximaram rapidamente no meio de grande excitação. Os montanheses os afastaram com broncas, parecendo se divertir com isso. Ainda assim, os pequenos não pararam de gritar:

– Só tem quatro patas!

– Como é que não cai? – gritou outro com a idade que Ayaki tinha quando morrera.

O soldado que guiava o animal aguentou a algazarra dando passos largos e respondendo às crianças com gritos de indignação, o que as fazia berrar ainda mais entre risadas.

Depois de um silêncio calculado, Mara tomou a palavra:

– Se estes bárbaros barulhentos pretendessem nos matar, com certeza as mães não permitiriam que as crianças pequenas vissem e ficassem por perto. Já teriam mandado todos para casa.

Lujan aproximou-se ainda mais da Senhora.

– Que os deuses a ouçam, minha Senhora – disse, mas permaneceu apreensivo.

Percebeu os olhares de cobiça lançados a Kamlio pelos homens que passavam na rua. As mulheres que embrulhavam sua roupa pareceram sérias e pouco amistosas, e um servo que transportava uma taça de metal com água cuspiu com desprezo na direção deles. Os thuril eram uma raça feroz, como bem lembravam os veteranos de guerra que voltaram vivos dos combates naquelas colinas. Os garotos se tornavam duros pela convivência com mães entregues como troféus de guerra ou tomadas à força em ataques.

Quando os montanheses fizeram seus prisioneiros pararem na praça, foi possível constatar que todo o povoado consistia em um anel de edifícios erguidos contra a paliçada, deixando um mercado a

céu aberto no centro, com tendas desmontáveis para mercadores e cercados de estacas afiadas para guardar o gado. O grupo de Mara foi levado para o maior dos cercados enquanto os curiosos riam e zombavam. Iayapa se recusou a atender aos pedidos de Lujan para que traduzisse o que diziam e a própria Mara estava esgotada demais para prestar atenção. Desejou apenas um pedaço de chão limpo para sentar-se; a terra por onde passou estava cheia de dejetos deixados pelos animais que tinham ocupado o espaço. Invejou o assento de Kamlio no dorso do burro até olhar para a garota mais nova e perceber por sua palidez que ela deveria estar cheia de dores por ficar tanto tempo na sela. Os homens não a deixaram descer e amarraram sua montaria em uma estaca ao lado do portão, murmurando comentários elogiosos sobre seu cabelo dourado e sua beleza.

Furiosa pela falta de cuidados com as necessidades básicas, Mara abriu caminho por entre os oficiais. No portão, onde se aglomeraram os montanhese, falou em voz alta:

– O que vão fazer com meus homens? – exigiu saber. Tremendo de raiva e alimentada essencialmente pelo medo, sacudia a cabeça para afastar o cabelo emaranhado dos olhos. – Meus guerreiros precisam de comida, água e de um local decente para descansar! É esta a hospitalidade que oferecem a forasteiros que vêm numa missão de paz? Amarras para escravos e um cercado para gado? Que vergonha, seus piolhentos! Vocês vivem na terra como porcos!

Então empregou uma palavra midkemiana que designava um animal cujos hábitos eram considerados censuráveis.

A palavra estrangeira pareceu aborrecer os thuril, que franziram o cenho quando o líder deu um pesado passo à frente. Vermelho de raiva, ou talvez de vergonha, gritou na direção de Lujan:

– Cale a mulher, se quer que ela continue viva.

O Comandante das Forças Armadas dos Acoma lhe lançou um olhar ameaçador. E então falou num tom de voz que poderia ser

facilmente ouvido num campo de batalha:

– Ela é minha Senhora. É só dela que aceito ordens. Se não quer se molhar à noite na cama, é melhor que faça o mesmo.

O líder dos montanheses rugiu de raiva ante esse insulto. Teria desembainhado a espada e investido se um de seus companheiros não o tivesse contido. Algumas palavras foram trocadas em thuril. A Lujan restou apenas aguentar em digna ignorância enquanto o líder irado era acalmado. O montanhês murmurou algo curto e gutural ao homem que o contivera. Pouco tempo depois, soltou uma enorme gargalhada tão cortante quanto o silêncio. Os homens ao redor dele ficaram atentos.

– Deve ser o chefe de clã deles – murmurou Saric.

Aproximara-se de Mara, sem ser notado até abrir a boca. Mara reparou que todos os membros da escolta deles se voltaram para um homem de capa que descera a escada de madeira do edifício mais imponente entre os que cercavam a praça. As crianças que estavam na rua saíram correndo de sua frente quando atravessou o espaço e as mulheres com suas cargas de roupa úmida a caminho de casa desviaram os olhos em respeito.

O recém-chegado era velho e curvado, mas avançou com a segurança de alguém capaz de percorrer a mais difícil das trilhas. Mara calculou que deveria ter uns 60 anos. Símbolos de corcara esculpidos por mãos tsurani estavam presos em sua trança, sem dúvida troféus de batalha. Mara reprimiu um arrepio quando o ancião se aproximou dela o suficiente para perceber que os botões de sua capa eram feitos de osso polido. O que se dizia era verdade, então: os thuril acreditavam que algo retirado de um inimigo morto lhes daria força em vida. Os ossos dos dedos dela poderiam muito bem acabar como um enfeite no traje de um guerreiro.

O chefe dos montanheses se deteve para trocar palavras com o capitão do pelotão responsável pelos prisioneiros. Apontou para a cortesã de cabelo dourado e para o burro, disse mais alguma coisa e

sorriu. O capitão bateu continência e nitidamente pediu para ser dispensado. Por seu ar de satisfação, iria para casa encontrar sua esposa.

Mara pareceu esgotada e destroçada e, com pena dela, Saric gritou:

– Não vai nos apresentar?

O oficial montanhês parou no meio de um passo. Seus homens e o chefe de clã olharam com interesse dobrado quando o homem ponderou se deveria reagir ao berro de um prisioneiro. Em seguida, com os dentes cerrados, respondeu:

– Apresentem-se a si mesmos, tsurani! Sua mulher deve ter língua para isso!

Outro dos guerreiros montanheses acrescentou em tom jocoso:

– O nome de nosso capitão é Antaha, guia de Loso. Digo isso para que, quando solicitar ao chefe de clã que o açoite, ele saiba quem procurar.

Essa interrupção foi saudada com gargalhadas ruidosas, compartilhadas pelo velho chefe e até pelos garotos da rua e pelas mulheres que lavavam roupa. Irritada a ponto de não se conter diante daquele povo estranho e intratável, Mara mais uma vez provocou. Virou-se para o líder de clã, que cacarejava e batia com as mãos nos joelhos, e falou em tom imperial:

– Sou Mara, Governante dos Acoma, e vim me encontrar com os representantes da Confederação Thuril em missão de paz.

O chefe de clã perdeu a vontade de rir como se tivesse sido esbofeteado. Espantado e mudo de raiva, se recompôs.

– A mulher de pé no meio dos dejetos de querdidra alega ser alguém de posição e uma emissária de paz?

Mara mostrou um olhar lívido de raiva. Consciente de que ela chegara ao limite e de que um insulto público ao chefe de clã resultaria em punição, Lujan se virou desesperado para Saric.

– Temos de agir, nem que seja para distraí-la.

Mas o jovem Conselheiro-Mor avançou sem parecer ter ouvido. Quando Mara abriu a boca para falar, Saric quebrou o protocolo e com sua voz calou a dela.

– Chefe dos thuril – gritou –, você é um louco por não oferecer à Senhora dos Acoma uma hospitalidade melhor do que um cercado de gado! Você está diante de Mara, Serva do Império e membro da família real do Imperador Ichindar!

O chefe de clã ergueu seu queixo quadrado.

– Ela?

Se por um lado a palavra soou desrespeitosa, a declaração de Saric não foi completamente em vão. O homem mais velho não acrescentou mais comentários depreciativos e de pronto acenou a Antaha para que retomasse suas tarefas. Dessa vez as palavras do chefe foram rápidas e autoritárias, e Iayapa traduziu rápido, diante do olhar de Saric:

– Ele diz que, se Antaha traz animais para o povoado, deve tomar conta deles: alimentá-los, dar-lhes água e proporcionar um lugar para descansar. Nada de mais, pois há pouca palha e os deuses não apreciam o desperdício. A garota no burro deve ser levada para uma cabana. Como é muito bela, será apreciada pelo homem que conquistar o direito de desposá-la.

Iayapa pareceu perturbado, pois, ao dizer aquilo, os olhos de Mara pareceram se cravar nele com a dureza de uma faca.

Mas a ordem que deu em seguida não mostrou qualquer ressentimento pessoal:

– Termine.

Iayapa assentiu e, sem ânimo, lambeu os lábios.

– O chefe do povoado diz também que ouviu falar da Serva do Império e sabe que ela é membro da família do Imperador tsurani. Acrescenta que Ichindar é um pau-mandado de mulheres. Como montanhês, ele não se rebaixará falando com qualquer mulher que alegue ser de linhagem real no meio da rua. Mas, como existe um

acordo entre Tsuranuanni e a Confederação, também não tem a liberdade de autorizar aos homens de sua vila que a reclamem como saque.

Vaias de desapontamento percorreram o pelotão de montanheses que levara até ali o grupo de Mara. Dois dos mais insolentes fizeram gestos obscenos. Em seguida, o chefe de clã virou-se para os prisioneiros no cercado e dirigiu-se ao Comandante das Forças Armadas de Mara num tsurani imaculado, apreendido durante as guerras passadas:

– Se precisa de algo que não tem, Antaha será responsabilizado. Amanhã, ele reunirá uma escolta de vinte guerreiros e levará você e suas fêmeas ao chefe supremo em Darabaldi. O julgamento, se for necessário, será decidido pelo Conselho de lá.

Saric pareceu prestes a explodir, mas deu ouvidos a Iayapa quando tocou no seu braço, dizendo em tom de súplica:

– Conselheiro-Mor, não provoque mais estes homens ou o chefe de clã. Não são um povo dado a discutir questões de etiqueta. Podem ordenar nossa morte muito rapidamente e sem arrependimento. Ao amanhecer poderemos ser descobertos no chão com as gargantas cortadas, ou até pior. Sermos enviados para Darabaldi em vez de distribuídos entre os que nos capturaram é, na realidade, uma grande concessão.

Saric fitou o estrume em suas sandálias e trocou um olhar de repugnância com Lujan, cujos dedos pareceram perdidos sem uma espada para apoiar a mão.

– Primo – disse o Conselheiro em tom sério –, se esta é uma grande concessão, só posso imaginar o que seria uma pequena.

A tensão serviu de resposta, mas nem assim conseguiu derrubar por completo o espírito do Comandante das Forças Armadas de Mara, que rompeu sua fachada impassível de tsurani e soltou uma risada tensa.

– Por todos os deuses, homem, você seria capaz de especular

sobre as questões filosóficas da fumaça de sua pira funerária!

Depois, ao mesmo tempo, ele e o Conselheiro-Mor se voltaram para sua Senhora, que lhes pareceu pequena, destrocada e sozinha, apesar de se manter muito ereta e com uma expressão arrogante, como sempre.

Ela observava um grupo de montanheses que se encarregavam de Kamlio e do burro.

– Acha que vão machucá-la? – perguntou a Iayapa e a quem mais a pudesse ouvir.

Seu tom soou pleno de ansiedade.

O ex-guia balançou a cabeça.

– Nunca há mulheres bastantes e em idade fértil nesta terra dura. Kamlio é bela, o que a torna duplamente valiosa. Mas o chefe de clã da tribo deve dar sua aprovação antes de qualquer homem a poder pedir como esposa. Sem o consentimento dele, ela pode ser observada, mas não levada para a cama. Todos os guerreiros solteiros sabem que, se a incomodarem, perderão as chances de pedi-la como companheira. Como muitos homens nas Terras Altas morrem sem esposas, mesmo uma pequena chance de conseguir uma mulher não será desperdiçada.

Mara engoliu em seco.

– Nesta terra não há cortesãs?

Iayapa pareceu ofendido.

– Apenas algumas em Darabaldi. Não há muitas mulheres escolhendo esse tipo de vida desonrosa. Os jovens podem se encontrar com elas uma ou duas vezes por ano, mas isso pouco consolo oferece nas longas noites de inverno.

Por sobre a cabeça do pequeno pastor, Lujan e Saric se entreolharam.

– Este lugar é muito estranho – murmurou Saric, mais uma vez olhando de forma sombria para o chão cheio de estrume sobre o qual, aparentemente, deveriam passar a noite. Aqueles thuril não

pensavam duas vezes antes de roubar uma garota ou uma mulher de seu lar num ataque sangrento. Até as mais reprimidas das mulheres tsurani tinham o direito de falar em público ao lado de seus Senhores. – Que barbaridade! – resmungou Saric.

Depois estremeceu quando um vento frio desceu das montanhas. Olhou para sua frágil Senhora e admirou a determinação que lhe permitia manter a dignidade. O fato de ela estar amarrada e de ter sido conduzida e tratada por estranhos como uma escrava o inflamou com uma fúria mortal.

Parecendo ler seus pensamentos, ela sorriu docemente, de um modo sempre eficaz, inspirando lealdade e orgulho.

– Eu me arranjo, Saric. Apenas impeça esse seu primo guerreiro de perder a cabeça por qualquer coisa. Pois isto – ergueu as mãos, ainda amarradas com tiras de couro áspero – e isto – mexeu o pé no chão imundo – não têm nenhuma importância. A Assembleia de Magos faria bem pior. Conseguir chegar ao chefe supremo thuril em Darabaldi é tudo o que queremos.

Depois, enquanto a escuridão se consolidava e as velas de sebo lançavam um brilho alaranjado por trás das janelas cobertas por peles, ela abaixou a cabeça e pareceu meditar como as sacerdotisas do Templo de Lashima haviam lhe ensinado durante a juventude. Nunca o passado lhe parecera tão distante.

Aquecida por Saric e Lujan, que estavam bem próximos dela, e protegida do chão frio e imundo pela capa que seu Comandante das Forças Armadas insistira em lhe emprestar, Mara despertou com um toque no ombro. Libertou-se aos poucos do sono causado pelo extremo cansaço. Piscou, remexeu-se e abriu os olhos para a escuridão onde se infiltrava um pequeno brilho projetado pelas poucas janelas ainda iluminadas em volta da praça.

– O que foi?

Seu corpo estava rígido e dolorido devido aos hematomas e aos

ferimentos causados durante o longo dia de marcha.

– Vem aí alguém – sussurrou Saric, e logo ela também viu o brilho que se agitava ao cruzar a praça.

O vulto com capa que o transportava era uma mulher. Ela balançou a cabeça, sem falar, para a sentinela que vigiava o cercado. Algo passou de uma mão para outra. Por um instante, graças à luz da chama, foi possível ver o reflexo da concha.

Depois, com uma gargalhada vigorosa, a sentinela a deixou passar. Ela entrou no recinto do gado, com a lanterna bem erguida sobre a cabeça encapuzada. Observou as fileiras de guerreiros de Mara, que, acordados de seu descanso, já se reuniam em posição defensiva.

– Senhora dos Acoma? – A voz se revelou rude e viva. Não era a voz de uma jovem, mas a de alguém que já presenciara muita coisa e que já rira muito. – Meu Senhor se compadeceu. Ele disse que pode abrigá-la durante a noite com sua serva, na cabana das mulheres solteiras.

– Será que podemos confiar nela? – disse Saric no ouvido de sua Senhora. – Pode ser uma encenação para nos separar.

– Sei muito bem disso – sussurrou Mara em resposta. Em seguida, falou em voz suficientemente alta para ser ouvida: – Se suas intenções são honestas, corte minhas amarras.

A mulher thuril se aproximou com a tocha, iluminando um caminho até Mara entre os guerreiros.

– Mas é claro, Senhora Mara.

Levou a mão ao interior da capa e retirou de lá uma adaga.

Mara sentiu Lujan ficar tenso ao ver a lâmina nua. Mas, com as mãos amarradas, ele pouco poderia fazer para defendê-la. Observou, ansioso, a mulher montanhesa baixar a mão e cortar com destreza a tira de couro que prendia as mãos de Mara. A Senhora esfregou os pulsos, obrigando-se a sustentar uma expressão impassível, sem demonstrar o incômodo que sentia enquanto a

circulação regressava aos dedos.

– Liberte meus oficiais e também meus homens – exigiu, em tom de ordem.

A mulher recuou, embainhando a adaga no cinto.

– Não posso, Senhora Mara.

– Então não vou – reagiu friamente a Senhora dos Acoma.

A mulher de capa deu de ombros, indiferente.

– Assim sendo, fique aqui fora. Mas sua serva precisa de você. Não vai parar de tremer.

Mara sentiu um acesso de fúria fluindo dentro dela.

– Machucaram Kamlio?

O orgulho levou a montanhesa a ficar em silêncio. Vinda da escuridão, fora do alcance da luz das tochas, escutou-se a voz de Iayapa:

– Boa Serva, isso é um insulto. Esta é a esposa do chefe de clã, que veio lhe oferecer hospitalidade. Suspeitar que algum mal foi feito à sua serva é uma afronta a todos os membros da tribo. O gesto de bondade dela é genuíno. Aconselho-a a aceitar.

Mara engoliu uma golfada de ar frio. Era muito bonito reconhecer a honra daqueles bárbaros – mas, e a dela própria?! Deixar ali os guerreiros naquela fossa a envergonhava enquanto Senhora.

Saric percebeu a incerteza fluindo através do corpo de Mara.

– Senhora – disse em voz baixa –, acho que deve confiar nela. Já abdicamos de nossa chance de lutar. Como prisioneiros, o que podemos fazer além de aceitar as consequências dessa decisão?

No fundo do coração, Mara reconheceu que havia razão nas palavras de seu conselheiro. Mas sua natureza tsurani se recusou a ceder a um pragmatismo tão desonroso.

Lujan lhe deu um cutucão nas costelas.

– Minha Senhora, não precisa se preocupar com seus guerreiros. Eles dormirão neste cercado de querdidra encarando isso como uma honra a seu serviço e, se alguém se queixar, farei com que seja

chicoteado, pois certamente é alguém que precisa ser mais forte! Trouxe meus melhores soldados até esta terra para lhe servir de guarda. Todos tiveram de dar provas de merecerem estar aqui e espero que todos estejam dispostos a morrer em serviço. – Fez uma pausa e depois falou em tom sarcástico: – Dormir em cima de um pouco de bosta é bem menos doloroso do que uma viagem na ponta de uma espada até os salões de Turakamu.

– É verdade – concordou Mara, pesarosa e desolada demais para rir daquela piada. Dirigiu-se então à mulher que levava a tocha. – Eu vou.

Com os membros rígidos, aprontou-se. As solas de seus pés cheias de bolhas doeram e, com uma exclamação de pena, a esposa do chefe de clã estendeu a mão para ajudá-la a se equilibrar. Mara, mancando, atravessou lentamente a área do cercado em direção ao portão que as sentinelas mantinham aberto.

Um dos homens fez um comentário em thuril quando ela e a mulher do chefe passaram. A mulher montanhesa não se virou para ele, mas comentou com desdém, num sussurro em tsurani fluente:

– Homens! É uma pena que, quando precisam, seus cérebros não funcionem tão rápido quanto seus órgãos são para se erguer.

Surpresa o suficiente para sorrir se não se sentisse tão infeliz, Mara cedeu à curiosidade:

– É verdade que seu povo toma as mulheres como esposas roubando-as de suas famílias em rápidos ataques?

A figura de capa que seguia a seu lado virou a cabeça e Mara ficou com a impressão de ter vislumbrado a dureza e a diversão de seu olhar.

– Mas é claro – respondeu a esposa do chefe. Seu tom de voz parecia ao mesmo tempo furioso e deleitado. – Você iria para a cama com um homem que não tivesse provado ser um guerreiro de valor e também talentoso, e, acima de tudo, alguém capaz de amedrontar seus inimigos?

Mara levantou as sobrancelhas. As garotas tsurani, afinal, procuravam as mesmas características num esposo, apesar de os rituais de corte serem diferentes. A Senhora dos Acoma nunca pensara que poderia encarar sob tal perspectiva um costume que achara bárbaro. Mas, de certa maneira, as palavras daquela mulher faziam sentido.

– Pode me chamar de Ukata – disse, calorosamente, a esposa do chefe. – Se tenho algo a lamentar, é ter demorado tanto tempo para conseguir pôr juízo na cabeça de meu esposo para poder resgatá-la do frio!

– Tenho muito a aprender com seus modos thuril – reconheceu Mara. – Pelo que ouvi das conversas de seus guerreiros e de seu chefe, eu pensava que, nesta terra, as mulheres eram bem pouco influentes.

Ukata grunhiu enquanto ajudava Mara a subir os degraus de madeira baixos da casa que ficava no centro da praça, um salão comprido e iluminado, com um telhado de bambu. A fumaça que saía da chaminé cheirava a casca de árvore aromatizada e viam-se estranhos símbolos de fertilidade rabiscados nos batentes das portas.

– Aquilo que os homens afirmam ser e aquilo que efetivamente são, como já deveria saber na sua idade, são duas coisas totalmente diferentes!

Mara permaneceu calada. Fora abençoada com um marido que a considerava uma igual e com um amante bárbaro que lhe mostrara o significado da feminilidade; contudo, sabia da existência de outras mulheres dominadas pelos homens. As mais infelizes eram como Kamlio, sem esperança de poder conquistar influência sobre as decisões que as afetavam; as melhores eram manipuladoras formidáveis, como a Senhora Isashani dos Xacatecas. Os homens a encaravam como o exemplo supremo da esposa tsurani; no entanto, nenhum Senhor ou aliado, nem mesmo seus inimigos, já havia

alguma vez se saído melhor do que ela nas artes do jogo.

Ukata ergueu o trinco de madeira e empurrou a porta para abri-la, fazendo ranger as dobradiças. Uma luz dourada se derramou sobre a noite, juntamente com a fumaça adocicada de casca de árvore que ardia na lareira de pedra. Mara seguiu a mulher do chefe até o interior.

– Aqui – ouviu uma voz feminina amável –, descalce essas sandálias imundas.

Mara se dobrou com dificuldade; mãos a levaram até uma cadeira de madeira. Ali, habituada como estava com almofadas, deixou-se cair desastradamente enquanto uma moça de tranças castanho-avermelhadas lhe retirava as sandálias. O tapete macio de fio trançado pareceu um deleite a seus pés gelados. Suficientemente cansada para adormecer onde quer que se sentasse, Mara se esforçou para ficar acordada. Poderia aprender muito sobre os thuril se aquelas mulheres se mostrassem interessadas em conversar. Mas, ao escutar os sotaques guturais e observar os sorrisos tímidos das donzelas solteiras cujo lar compartilharia, Mara percebeu que lhe faltava a delicadeza de Isashani para conversar com desenvoltura em um grupo de mulheres. Mais confortável com a política de uma reunião de clã, na qualidade de Governante, a Senhora dos Acoma coçou um tornozelo irritado e tentou reunir inspiração para conseguir conversar.

Precisava de um tradutor. As garotas solteiras lhe pareceram, à primeira vista, ter menos de 16 anos, jovens demais para terem passado pela última guerra e aprendido o idioma tsurani. Mara passou os olhos pelo círculo de rostos iluminados pelas lamparinas até localizar a cabeça cinzenta de Ukata. Como suspeitara, a esposa do chefe parecia estar se preparando para partir.

– Espere, Senhora Ukata – chamou Mara, dirigindo-se a ela da forma como seu povo faria para abordar uma nobre. – Não lhe agradei devidamente por ter me resgatado do cercado de gado,

nem sequer tive a oportunidade de dizer a seu povo o que me trouxe aqui.

– Agradecimentos não são necessários, Senhora Mara – replicou Ukata, olhando para trás. A garota mais nova do grupo afastou-se para abrir caminho para a mais idosa até esta ficar diante da cadeira de Mara. – Nosso povo não é composto pelos bárbaros que vocês, tsurani, supõem. Como mulher que deu à luz vários filhos e os viu morrer em combate, compreendo por que nossos homens ainda odeiam sua espécie. Quanto ao que a traz aqui, pode contar a nosso chefe supremo em Darabaldi.

– Se me for permitido ser escutada – respondeu Mara com alguma aspereza. – Seus homens, você tem de admitir, têm problemas para prestar atenção.

Ukata riu.

– A senhora será ouvida. – Então afagou a mão da Senhora tsurani com um toque áspero mas gentil. – Conheço a esposa do chefe supremo. Chama-se Mirana e fomos criadas na mesma aldeia, antes do ataque em que ela foi levada para se casar. É dura como uma pedra velha e suficientemente eloquente para derrubar a determinação de qualquer homem, até mesmo do desmiolado com quem se casou. Ela fará com que seja escutada, ou insultará a masculinidade dele diante dos guerreiros até seu membro murchar de vergonha.

Mara escutou aquilo com surpresa e espanto.

– Parece muito calma quando se refere aos ataques que levam as mulheres para longe de suas famílias – observou. – E seus esposos não as açoitam por dizerem coisas pouco lisonjeiras sobre eles?

Uma saraivada de perguntas por parte das jovens e muitos gritos de *Da? Da?* se seguiram ao comentário de Mara. Ukata traduziu tudo, o que gerou um surto de risadinhas que só pararam quando a mulher do chefe retomou a palavra:

– Os ataques para conquistar esposas são uma tradição... formal... por estes lados, Senhora Mara. Têm origem numa época em que as mulheres eram ainda mais raras do que hoje em dia e um esposo garantia seu posto quando era bem-sucedido em roubar uma esposa. Atualmente, as mulheres são levadas sem derramamento de sangue. Há muita gritaria e perseguições com palavrões e ameaças terríveis de retaliação, mas tudo não passa de espetáculo.

Parou, como se estivesse reavivando as lembranças. Depois prosseguiu:

– Antes não era assim... os ataques em eras passadas eram sangrentos e morriam homens neles. Hoje em dia um marido conquista reconhecimento em função da distância que percorre para trazer para casa uma companheira e do vigor com que seu povoado a defende. Esta casa para garotas solteiras está bem no centro das nossas defesas. Mas, como deve ter reparado, apenas garotas de determinada idade e com pretensão de ter um companheiro vêm viver aqui.

Mara observou o círculo de rostos jovens, ainda lisos e sem marcas respeitáveis de uma vida desgastante.

– Quer dizer que todas vocês desejam ser levadas por estranhos? Diante dos olhares de pura incompreensão, Ukata respondeu:

– Estas jovens observam os garotos que visitam o povoado, que por sua vez espiam as garotas. – Deu um sorriso. – Se uma garota julga que um rapaz não é suficientemente encantador, ela começa a gritar bem alto ao invés de dar os gritos fingidos que todos conhecem e o pretendente rejeitado será perseguido e expulso por seus pais. Mas são poucas as jovens que desejam ser deixadas para trás quando os guerreiros aparecem nus para atacar. Passar despercebida é ser considerada feia ou imperfeita. Se uma garota não for levada por um guerreiro, a única forma de obter um esposo é esperar até que dois pretendentes apareçam para buscar uma mesma jovem, depois subir nas costas do que perdeu e seguir com

ele para casa sem ser rejeitada!

Mara abanou a cabeça, incrédula com um costume tão estranho. Tinha muito o que aprender se quisesse compreendê-los o suficiente para poder negociar sua ajuda. Ukata prosseguiu:

– É tarde e amanhã você vai acordar bem cedo. Sugiro que permita que as garotas lhe mostrem um leito para que possa descansar o resto da noite.

– Agradeço-lhe, Senhora Ukata.

Mara inclinou a cabeça com respeito e permitiu que a levassem até um pequeno cubículo com cortinas que servia de aposento às garotas thuril. O chão estava repleto de peles e a pequena lamparina a óleo deixada queimando revelou um cabelo louro espalhado se agitando no leito. Kamlio já estava deitada lá, enroscada, imóvel, virada de lado. Sua pele clara não exibia nódoas negras. Aliviada por nada de mal ter acontecido à bela cortesã de Arakasi, Mara gesticulou à garota thuril que ainda estava ali para indicar que já tinha tudo de que necessitava. Depois, despiu, satisfeita, sua túnica imunda. Vestida com sua fina camisola de seda, enfiou-se debaixo das peles e estendeu a mão para apagar a lamparina.

– Senhora? – Os olhos de Kamlio estavam abertos e atentos. Ela não adormecera, apenas fingira. – Senhora Mara, o que vai ser de nós?

Deixando a lamparina acesa, Mara aconchegou as peles até o queixo e observou a garota que a fitava com olhos luminosos como pedras preciosas. Não era de admirar que Arakasi tivesse sido subjogado pelo desejo! Kamlio era suficientemente atraente para enfeitiçar qualquer homem, com sua pele macia de um tom claro excepcional. Por mais que a Senhora dos Acoma desejasse reconfortá-la, era difícil mentir. Se seu Mestre dos Espiões descongelara seu coração a ponto de descobrir seus sentimentos pelo encanto daquela cortesã, o que esperar dos thuril com sua tradição de roubar mulheres através de ataques-surpresa?

– Não sei, Kamlio.

A incerteza de Mara transpareceu, apesar de todos os esforços.

Os dedos delicados da antiga cortesã se fecharam com força sobre as peles da cama.

– Não quero ficar com esta gente.

Pela primeira vez, dentre todas as situações em que lidara com seus desejos pessoais, seu olhar não se desviou ao falar.

– O que quer, então? – Mara aproveitou a vulnerabilidade gerada pela situação complicada de prisioneiras. – Você é inteligente demais para permanecer como criada, Kamlio, e lhe faltam ensinamentos para assumir um cargo de mais responsabilidade. O que gostaria de fazer?

Os olhos verdes de Kamlio brilharam.

– Posso aprender. Já houve outras pessoas que subiram de posto a seu serviço, apesar de não terem sido destinadas a isso. – Mordeu o lábio carnudo e, momentos depois, pareceu se libertar de parte da tensão, como se tivesse deixado cair alguma barreira interior apenas por expressar sua ambição. – Sobre Arakasi – disse ela, com pouca firmeza. – Por que ele insistiu em comprar minha liberdade? Por que razão a senhora aceitou o pedido, se não foi para me entregar a ele?

Mara fechou os olhos por um momento. Estava cansada demais para aquilo! Uma palavra errada, uma resposta insuficiente, e colocaria em risco todas as esperanças de felicidade de seu Mestre dos Espiões. A via mais segura era a sinceridade, mas como poderia escolher as melhores frases? Assolada por uma dor de cabeça e por dores em todos os músculos – rígidos devido à marcha forçada do dia –, a Senhora dos Acoma compreendeu que lhe faltava efetivamente o tato de Isashani. A franqueza que aprendera a empregar com Kevin de Zun teria de ser suficiente.

– Você faz com que ele se lembre da família dele, que também tinha uma vida nada favorável e que também nunca aprendeu a amar.

Kamlío arregalou os olhos.

– Que família? Ele me contou que você era a única família que tinha, assim como toda a honra.

Mara aceitou o fardo de tal declaração.

– Posso ter me tornado isso. Mas Arakasi nasceu sem Senhor, saído do ventre de uma mulher da vida. Nunca soube quem era o pai e viu sua única irmã morrer nas mãos de um safado qualquer. – A cortesã absorveu em silêncio aquelas novidades. Atenta, temendo ter ido longe demais, mas incapaz de terminar de imediato, Mara prosseguiu: – Ele desejava sua liberdade pelo passado, Kamlío. Eu o conheço suficientemente bem para lhe garantir isto: ele não lhe pediria mais do que aquilo que você estivesse disposta a lhe dar de livre e espontânea vontade.

– É dessa forma que você ama seu esposo – disse Kamlío, com um tom cortante implícito em suas palavras, como se não confiasse na possibilidade de existir tal tipo de relação entre um homem e uma mulher.

– É verdade.

Mara aguardou, desejando poder baixar a cabeça e fechar os olhos para deixar cair no esquecimento do sono esse e todos os outros problemas.

Mas a necessidade de Kamlío de fazer perguntas impediu isso. Ela remexeu as mãos nas peles, nervosa, e mudou abruptamente de assunto:

– Senhora, não permita que eu fique aqui entre estes thuril! Eu lhe imploro. Se for obrigada a me tornar esposa de um destes estranhos, nunca descobrirei quem sou, que tipo de vida poderá me satisfazer. Acho que nunca compreenderia o significado da liberdade que me ofereceu.

– Nada tema, Kamlío – disse Mara, afundando pelo cansaço arrasador. – Se algum dia deixar esta terra, levo comigo todo o meu povo.

Como se pudesse acreditar do fundo do coração nessa garantia, Kamlio esticou o braço e apagou a luz. Depois disso, Mara só pôde supor que a garota não disse mais nada, pois a Senhora dos Acoma dormiu sem sonhar naquele cubículo apertado e com cheiro de ervas aromáticas.

Quando a manhã chegou, a Senhora Mara e sua serva foram brindadas com um banho quente nos aposentos das mulheres, seguido de um desjejum de pães quentes e queijo de querdidra. Kamlio estava meio pálida, mas bem-disposta, apesar de Mara ter percebido certa fragilidade em seus modos, o que certamente decorria mais da preocupação do que da amargura. Do lado de fora da cabana, ouviram uma grande agitação de gritos e risos vindos dos arredores da praça da vila, mas Mara não conseguiu ver a causa de tal algazarra através das janelas translúcidas de pele oleada. Quando quis saber do que se tratava, as jovens que eram suas anfitriãs a fitaram com um olhar inexpressivo. Sem Ukata presente para traduzir, pouco mais pôde fazer além de aproveitar com educação a refeição simples que lhe fora oferecida, até que chegou à porta uma escolta de montanhesees que exigiu a saída das duas mulheres tsurani.

Kamlío ficou lívida. Mara tocou em sua mão para reconfortá-la e depois levantou bem o queixo e saiu. Ao lado de uma pequena escada, esperava-a uma carroça puxada por dois querdidra e pelo obstinado burro. Sua pele cinzenta descarnada estava cheia de saliva dos animais de seis patas e ele tentava, em vão, dar coices para afastá-los. Os querdidra abriam e fechavam suas pestanas absurdamente compridas e enrugavam os lábios, como se estivessem rindo.

Os guerreiros de Mara estavam amarrados à carroça. Não cheiravam ao estrume que lhes servira de leito; estavam limpos, apesar de encharcados. Lujan, assim que viu sua Senhora descendo a escada, pareceu arrebatado por uma imensa felicidade interior.

Saric reprimiu um sorriso. Espantada pela aparência disposta de seus soldados, Mara observou melhor. Percebeu que os montanhese thuril destacados para vigiá-los encaravam a comitiva apresada com um olhar que parecia respeitoso.

Por mais que suspeitasse que, de algum modo, a confusão que ouvira por trás das paredes da casa pudesse estar relacionada com a súbita mudança de comportamento, Mara não teve oportunidade de averiguar. Os guerreiros thuril cerraram fileiras em volta dela e de Kamlio, que foram levadas para uma cama de palha na toska retaguarda da carroça. O branco se impôs de ambos os lados, com um fio trançado muito denso, que impedia Mara de ver alguma coisa do lado de fora. Os guerreiros fecharam a parte de trás da carroça em seguida. Presas, as mulheres sentiram o solavanco quando o condutor saltou para a carroça e pegou as rédeas; depois ouviram o rangido do vime e das rodas assim que ele açoitou os animais para incitá-los a avançar.

O burro e os querdidra não entraram em consenso. A carroça balançou e deu solavancos ao passar sobre sulcos e palha que cheirava a gado, recolhida, como fora, do curral de algum homem. Kamlio pareceu tão atormentada pelo medo que Mara a fez se deitar na palha. Ofereceu então seu casaco à moça, pois o vento descia das alturas em rajadas geladas.

– Não abandonarei você, Kamlio – assegurou. – Você não veio aqui para se tornar esposa de um thuril grosseiro.

Depois, inquieta demais para se sentar direito, Mara se apoiou na madeira no lado mais próximo de Lujan e quis saber como seus guerreiros tinham se encharcado. Como antes, a guarda destacada para vigiá-los não se importou com o fato de os prisioneiros conversarem entre si. Lujan pôde então se aproximar da roda pintada para responder à Senhora.

– Dissemos que não nos importávamos de marchar até a capital cheirando a estrume – falou o Comandante das Forças Armadas dos

Acoma com sua voz profunda, tentando reprimir o riso. – Por isso, deixaram que fôssemos tomar banho no rio enquanto nos vigiavam. – Então Lujan deixou escapar uma gargalhada. – Naturalmente, nossas armaduras e vestes estavam sujas, então nós nos despimos para lavá-las. Isso gerou uma grande agitação entre os montanheses. Iayapa explicou que eles ficam nus apenas para combater. Muitos ficaram apontando o dedo para nós e gritando. E depois alguém gritou num tsurani macarrônico que não éramos uma diversão para sermos insultados e não conseguimos compreender os grunhidos que esta gente chama de língua.

Nesse ponto, Lujan fez uma pausa.

Mara encostou o rosto na madeira.

– Prossiga.

Lujan limpou a garganta. Ainda estava com nítida dificuldade em ocultar quanto estava se divertindo.

– Saric aceitou o desafio, gritando a Iayapa que traduzisse tudo, por piores ou mais obscenos que fossem os gritos. – A carroça saltou sobre um sulco particularmente fundo e Lujan interrompeu a narrativa, presumivelmente para saltá-lo. – Bem, as palavras eram efetivamente muito íntimas. Os thuril gritavam perguntando como conseguimos nossas cicatrizes de guerra. Pelo que disseram, acham que as mulheres da vida de nossa terra estão habituadas a arranhar nossos melhores soldados com as unhas, que todas as nossas irmãs dormem com cães e aves jiga e, também, que nós nos arranhamos uns aos outros enquanto lutamos para ter a melhor visão e assistir ao que elas fazem...

Lujan se interrompeu de novo, dessa vez com um ar sombrio. Mara agarrou a madeira com força suficiente para ficar com os nós dos dedos brancos. Os insultos que Lujan mencionara eram uma grande vergonha, o suficiente para a honra de um homem exigir vingança, e a Senhora duvidou que o Comandante das Forças Armadas tivesse reproduzido os piores insultos.

– Isso deve ter sido difícil de suportar – disse ela com uma voz rouca, pois sentiu grande pesar e grande raiva por ter envolvido guerreiros tão valentes numa situação tão vergonhosa.

– Não foi assim tão mau – falou Lujan com uma voz tão dura quanto o ferro bárbaro. – Eu e os outros nos inspiramos no exemplo de Papewaio, Senhora.

Mara fechou os olhos lembrando-se com dor do valente Pape, que salvara sua vida muitas vezes e, em consequência disso, para protegê-la, acabara usando a fita preta de um condenado e depois, também para protegê-la, esquivando-se do suicídio ritual, no qual cairia sobre a própria espada, conquistara o direito de permanecer vivo, com a faixa preta na cabeça representando um triunfo que apenas sua Senhora e os que o conheciam poderiam compreender. Por fim, morrera salvando sua vida em um ataque desferido por um inimigo Minwanabi.

Mara mordeu o lábio, acordando de suas lembranças. Esperou que seus guerreiros, os melhores de sua guarda de honra, não sofressem o mesmo fim prematuro. O velho Keyoke, seu Conselheiro de Guerra, lhe ensinara que a morte em batalha em solo estrangeiro não era, segundo rezava uma velha tradição, o melhor fim que um guerreiro poderia ambicionar.

– Prossiga – incentivou ela, ocultando de Lujan o tom embargado de lágrimas evidente em sua voz.

Quase conseguiu imaginar seu Comandante das Forças Armadas dando de ombros quando ele continuou a contar o que se passara:

– Senhora, nada mais há para dizer. Seus guerreiros concordaram em não se ofender com as palavras ocas dos thuril. E os montanheses pareceram ficar surpresos com isso. Dirigiram-se a nós e nos perguntaram por que não nos dávamos ao trabalho de defender nossa honra. E Vanamani respondeu de pronto que nós éramos sua honra, Senhora. Não daríamos ouvidos a palavras que não fossem proferidas por seus lábios, muito menos pelos lábios de

um inimigo. Nessa altura, Saric interrompeu e acrescentou que os thuril não eram inimigos, mas apenas estrangeiros, e que suas palavras, para nós, eram tão vazias quanto o uivo do vento sobre as pedras.

Lujan proferiu essa última frase com nítido prazer. Então continuou o relato:

– Foi então que os montanhesees deixaram de se meter conosco. Nossa lealdade os impressionou, penso eu, por não mordermos a isca, mesmo sob o comando de uma mulher que não estava por perto e que é uma prisioneira como nós. Iayapa explicou que muitos tsurani, no tempo da guerra, foram incitados a efetuar ataques inúteis, sendo assim abatidos pelos montanhesees escondidos nas rochas.

– Lujan – disse Mara, com a voz trêmula de gratidão, apesar de seu desejo de se mostrar impassível –, todos os nossos homens devem ser louvados por seu valor. Diga-lhes isso assim que puder.

Ela declarou isso porque todos permaneceram firmes no cumprimento do dever, ignorando a regra da cultura tsurani que colocava a honra acima da vida. Todos aqueles homens colocaram sua honra pessoal nas mãos de Mara, que ao olhá-las, percebeu que estavam vermelhas por ter agarrado a madeira com demasiada força. Rezou a seus deuses para se mostrar merecedora de tal confiança, não permitindo que fossem vendidos como escravos, o que seria a mais profunda de todas as desonras.

Conselho

As horas se arrastaram. Confinada à carroça de vime, exposta a ventos irregulares e ao sol que aparecia e desaparecia entre as nuvens que se acumulavam sobre as Terras Altas, Mara se esforçou para não perder a paciência. Mas a incerteza e os fortes gritos da escolta de guerreiros thuril acabavam com seus nervos. Para passar o tempo, pediu a Iayapa que descrevesse a região que percorriam. Ele pouco teve para relatar. Não havia aldeias, apenas escassos vilarejos isolados, praticamente pendurados nas rochas, rodeados por vegetação escassa cortada rente pelos rebanhos. Sobre as colinas arroxeadas que se viam no horizonte, pairavam montanhas ainda maiores, com picos rochosos, na maioria das vezes cobertos de nuvens.

Darabaldi, a cidade onde ficava o Conselho Supremo dos chefes de clã, situava-se, pelo que haviam dito, no sopé da grande cordilheira. Quando Mara pediu a Iayapa para perguntar qual seria a duração da viagem, recebeu em resposta gargalhadas e comentários obscenos. Cedendo, por fim, ao desespero absoluto, dedicou-se a ensinar a Kamlio as relaxantes técnicas de meditação que aprendera como noviça no templo.

Só os deuses sabiam como a pobre garota necessitava de todo o consolo que pudesse dar, antes que os destinos das duas fossem determinados por aquela gente, pensou Mara.

Os montanheses pararam apenas para comer alguns legumes, queijo amargo de querdidra e pão, engolindo tudo com uma cerveja leve e amarga que se revelou surpreendentemente refrescante. Aquelas pausas foram animadas por grandes histórias exageradas e, às vezes, apostas, quando guerreiros competiam em braços de ferro. Então a escuridão se impôs e um nevoeiro se instalou em camadas frias sobre a terra. O burro ficou cansado demais para dar coices nos querdidra com quem compartilhava os arreios, apesar de as criaturas de seis patas continuarem a enrolar os lábios e a cuspir na direção dele. Mara se enrolou pertinho de Kamlio, em busca de calor. Talvez tivesse adormecido por um momento.

As estrelas formavam padrões brilhantes de pontinhos lá no alto quando ela despertou com o ladrar de grandes cães. Iayapa os identificou como cães pastores, mas não da raça maior e mais pesada usada para caça. A fumaça no ar, o forte fedor do gado no curral, assim como o cheiro do lixo apodrecendo e de pele sendo curtida, fizeram Mara acreditar que seu grupo tinha chegado a uma aldeia ou a uma grande residência.

– Darabaldi – respondeu uma voz rude quando ela perguntou. Porém, assim que insistiu em obter mais informações sobre o que poderia discutir com o Conselho dos chefes de clã, a escolta retomou os comentários grosseiros: – O que isso interessa a você, mulher? Está ansiosa para saber que homem irá comprá-la? Talvez esteja preocupada com a possibilidade de ser velho e já não ter suficiente virilidade?

Diante daquele comentário ultrajante, Saric arriscou um termo grosseiro na língua thuril, aprendido, talvez, no banho da manhã. Os montanheses não ficaram nem um pouco ofendidos e riram. Com má vontade, pareceram ter algum respeito pelo Comandante das Forças Armadas de Mara.

A luz de tochas se infiltrou na carroça. Mara levantou o olhar para uma alta casa de guarda ao lado de uma entrada sobre a qual

lanternas queimando gordura geravam uma fumaça oleosa. Do alto das ameias de pedras e troncos, guerreiros thuril com vestes xadrez num tom marrom-claro interrogaram o grupo que se aproximava.

Antaha berrou em resposta e depois falou depressa, gesticulando de maneira grosseira. Pelo evidente prazer das sentinelas e pelos olhares lançados na direção dela, Mara presumiu que o captor contara como os aprisionara. A cena do banho no rio aparentemente não fora omitida, já que as sentinelas se cutucaram mutuamente nas costelas e apontaram para Lujan e Saric. Em seguida, sinalizaram aos guardas e aos prisioneiros tsurani que seguissem em frente e a carroça arrancou, enquanto o burro zurrava e os querdidra davam grunhidos irritados.

– Bem – comentou Mara para Kamlio –, todos na cidade vão ficar sabendo de nossa presença com essa algazarra dos bichos.

Mais do que nunca, desejou que a madeira fosse baixa o bastante para poder espiar, mas mudou de ideia pouco depois quando escutou uma sucessão de ruídos que poderiam ser pedras sendo jogadas, ou estrume seco, atingindo ambos os lados da carroça. Gritos em thuril misturaram-se com os guinchos de crianças que brincavam. Então as pedradas cessaram. Aparecendo vagamente por cima da madeira, Mara vislumbrou dois edifícios de pedra com dois andares e placas pintadas com cores desbotadas balançando ao sabor do vento. Todas as galerias e parapeitos das janelas tinham totens entalhados e todos os telhados tinham espinhos afiados que aos olhos dos tsurani pareciam estranhos. Os beirais também tinham algo semelhante a runas ou símbolos entalhados sob o bambu gasto dos telhados. As janelas, em sua maioria, estavam fechadas ou tinham grades, exceto aquelas onde havia mulheres rechonchudas gritando e fazendo gestos obscenos de boas-vindas.

– Prostitutas – avaliou Kamlio com tremenda amargura.

Mara conseguiu perceber seu medo não pronunciado de aquele

lugar se tornar seu lar.

Mordeu o lábio. Sabia que Kamlio tinha mais chance de se tornar esposa do filho de um chefe de clã do que de virar prostituta, mas não conseguiu deixar de pensar: se seu Mestre dos Espiões se visse de novo sem um Senhor, prestaria juramento aos Shinzawai, como Hokanu certamente solicitaria, ou permaneceria como agente autônomo e viria àquelas colinas hostis vasculhar todos os povoados thuril à procura da garota que lhe roubara o coração? Se tivesse de apostar, Mara ficaria com a segunda hipótese.

A carroça trepidou sobre o que poderiam ser pedregulhos ou um piso de pedra, para depois se deter aos solavancos. A porta de madeira da parte de trás foi aberta por um montanhês louro que sorriu, mostrando a falta de dentes; Mara e Kamlio foram convidadas a sair. Do outro lado da guarda thuril e dos curiosos que se juntaram em volta, havia uma casa comprida encostada à muralha do povoado; após uma rápida olhada, Mara concluiu que era uma pequena fortaleza. As fortes portas de madeira do edifício estavam abertas; pendurados à entrada havia panos tecidos em lã animal com padrões xadrez e listrado. Antes que Mara pudesse observar melhor, um guerreiro thuril a empurrou na direção da abertura de tecido. Kamlio, Saric, Lujan e Iayapa receberam instruções de segui-la.

Mara ficou maravilhada com a maciez do tecido por onde passara rapidamente. Em seguida, com os outros aglomerados logo atrás, viu-se no interior, piscando devido ao ar saturado de fumaça daquele ambiente sem janelas.

A escuridão foi atravessada pelo brilho vermelho de um monte de carvão incandescente, mais para fins culinários do que para aquecer o ar abafado pela lã, pelo guisado fervente e pela presença de pessoas naquele espaço fechado. Num banco instalado diante daquela enorme lareira de pedra, estava sentada uma idosa que limpava lã de querdidra com um pente de osso. Pouco mais do que

uma silhueta no chão abaixo, um homem ainda mais velho estava agachado de pernas cruzadas num banquinho de vime trançado. Quando os olhos de Mara se ajustaram à escuridão, constatou que o cabelo dele era grisalho. Sua boca era funda e sombria, escondida por um bigode comprido suspenso sobre o queixo igualmente comprido. Nas pontas brilhavam contas coloridas, que balançaram quando ele ergueu o queixo.

Iayapa, sussurrando, disse algo rapidamente a Saric, que por seu turno murmurou:

– Este homem ostenta os pelos faciais de um chefe de clã. Pelos talismãs pendurados, pode ser o próprio chefe supremo.

Mara disfarçou seu espanto. Esperara uma grande personagem, e não uma pessoa aparentemente comum com um *kilt* verde liso. A tigela na qual comia era de madeira rudimentar e a colher, nada além de um utensílio já gasto de concha de corcara. Surpresa por ele não usar trajes cerimoniais, a Senhora dos Acoma quase não reparou nos outros homens, sentados nas sombras, em semicírculo, com a conversa baixando para um sussurro quando o grupo entrou. Durante um momento, os thuril que chegaram e seus prisioneiros fitaram aqueles que estavam sentados, que em silêncio devolveram o olhar, esquecendo-se da refeição que comiam até pouco antes. Estranhamente, foi a anciã que parou de fiar e quebrou o silêncio:

– Você pode perguntar o que desejam.

O homem com bigode de chefe girou em seu assento, gesticulando com a colher na direção dela e fazendo saltar da tigela um pouco de suco de carne, que atingiu o carvão em brasa provocando um assobio.

– Cale-se, bruxa velha! Não preciso que me diga o que fazer!

Assim que Mara ergueu as sobrancelhas, chocada tanto com a ausência de decoro quanto de cerimônia, o chefe dos thuril girou de novo para a mesma posição. Suas contas e o bigode chicotearam para fora quando apontou o queixo para Saric, que era quem estava

mais próximo.

– O que quer, tsurani?

Quando queria, Saric conseguia ser ótimo em simular expressões. A meia-luz projetada pelas brasas mostrou sua expressão pétrea, como se o chefe supremo tivesse se dirigido ao vazio. Mara aproveitou a deixa de seu conselheiro e deu um passo à frente. No meio de todo aquele silêncio, falou em tom agressivo:

– Vim à sua terra em busca de informações.

O chefe thuril se enrijeceu como se tivesse sido esbofeteado. Seus olhos se arregalaram para a Senhora que se apresentava diante dele e depois se desviaram. Pareceu olhar fixamente por cima de sua cabeça, vendo assim os largos sorrisos de Antaha e dos outros guerreiros da escolta.

– Ficam aí parados e permitem que uma mulher cativa fale quando bem entende! – rugiu num grito de batalha.

Sem se deixar intimidar, embora lhe doessem os ouvidos por causa daquele grito, Saric deu um passo à frente. Apesar das mãos atadas, conseguiu fazer uma reverência razoável.

– Antaha assim agiu, valoroso chefe, porque esta senhora é Mara dos Acoma, Serva do Império e membro da família do Imperador de Tsuranuanni.

O chefe afagou o bigode, retorcendo as contas nas pontas.

– Ah, é? – Sua pausa prolongou-se enquanto todos no recinto pousavam pratos e colheres de madeira no chão, emitindo um forte ruído. – Se essa mulher é efetivamente a Boa Serva, onde estão os estandartes dela? O exército? Sua grande e ilustre tenda de comando? – Uma expressão de desprezo emoldurou a profunda voz de barítono do chefe. – Já vi como os nobres tsurani viajam em território estrangeiro! Trazem com eles metade de suas posses, como se fossem mercadores! Eu digo que mente, forasteiro. Caso contrário – fez um gesto depreciativo na direção de Mara –, por que ela traria tão poucos guardas? Afinal de contas, somos de pátrias

inimigas.

Dito isso, a anciã sentada no banco deixou a lã que fiava de lado e enrugou o rosto, com desdém.

– Por que não pergunta você mesmo? Ela disse que veio em busca de informações. Deve ser bastante importante para ela.

– Feche essa grande caverna que é sua boca, velhota! – Explosivamente indignado, o chefe apontou para o grupo de Mara com a mão que ainda agarrava um naco de pão, pois não desejava falar diretamente à Senhora. – Não somos os bárbaros que vocês, tsurani, supõem, sabiam?

Mara perdeu a compostura:

– Não são? – Como desejou saber falar a língua thuril! De qualquer modo, a sua deveria bastar. – E, para vocês, fazer minha guarda de honra dormir num cercado de gado é algo que consideram civilizado? Em minha terra, nem mesmo os escravos são tratados de maneira tão mesquinha.

Surpreso, e envergonhado pelos risos reprimidos de Antaha e de seus guerreiros, o chefe pigarreou.

– Quer pedir informações... – Estreitou os olhos. – Inimigo, com que direito você se apresenta aqui com exigências?

Antes, porém, que Mara conseguisse responder, Iayapa enfiou-se entre ela e Saric, com grande determinação.

– Mas a Senhora Mara não veio aqui como nossa inimiga! Os guerreiros largaram as armas por ordem dela e nem uma vez reagiram a qualquer insulto, apesar de os aldeões e os guardas em Loso terem feito de tudo para ofendê-los.

– Ele diz a verdade – intrometeu-se Mara, sem vontade de respeitar o estúpido costume thuril de que um homem não deveria reconhecer em público as palavras de uma mulher. Parecendo impressionada com a garra dela, a idosa no banco sorriu. Mara prosseguiu: – Agora, quanto às informações que procuro...?

Ela deixou a pergunta pairar no ar.

Como o chefe de clã pareceu hesitante, a anciã lhe deu um pequeno chute por trás.

– Ela espera que diga quem você é, seu louco com miolos de lã.

Lançando um olhar furioso à mulher, que só poderia ser sua esposa para escapar do castigo diante de tais palavras, o chefe de clã gritou:

– Eu sei disso, mulher! – Voltou-se de novo para Mara, bem empertigado e com um ar importante. – Sim, devem ser informações importantes...

– Seu nome – insistiu com calma a velhota.

Ainda indiferente a seu pedaço de pão, o chefe de clã sacudiu as mãos.

– Bico calado, mulher! Quantas vezes tenho de dizer que você deve se manter calada no salão? Importune-me mais uma vez e irei açoitar esse seu traseiro gordo com uma chibata de espinhos!

A mulher ignorou a ameaça e retomou o trabalho.

O chefe de clã encheu o peito de ar, o que serviu apenas para destacar as nódoas de molho já antigas em suas vestes.

– Chamo-me Hotaba. Sou chefe de clã das Cinco Tribos de Malapia e, durante a presente estação, chefe supremo do Conselho, aqui em Darabaldi. – Em seguida, apontou para o homem sentado mais longe dele, que também exibia o bigode e a trança que saía de trás da cabeça, típicos de um guerreiro. – Este é Brazado, chefe de clã das Quatro Tribos de Suwaka. – E apontou então para o último homem, que não tinha bigode. – Este é Hidoka, o filho dele. – Seu olhar passou por cima do ombro de Mara e fixou-se em Saric. – E este é meu filho, Antaha – terminou.

Mara interrompeu, já irritada:

– Já nos conhecemos.

O chefe supremo bateu com os punhos nos joelhos, enfurecido. Migalhas voaram quando a casca do pão se desfez em pedaços devido ao impacto e suas sobrancelhas baixaram, formando um

olhar carrancudo e assustador. Mara resistiu ao impulso de recuar um passo; fora longe demais em sua ousadia. Os thuril iriam querer retaliação por causa da interrupção. Mas a mulher idosa ao lado da lareira aclarou sonoramente a garganta.

O olhar fulminante de Hotaba mudou de direção e depois desapareceu, quando deu de ombros, resignado.

– Aquela fêmea intrometida é Mirana, minha esposa. – Após uma reflexão, acrescentou algo mais: – Se não fosse tão boa em cozinhar e varrer, já a teria há muitos anos cortado em pedaços para dar de comer aos cães.

Antaha tomou a palavra:

– O chefe de Loso achou que seria melhor enviar diretamente estes prisioneiros em vez de esperar pela próxima caravana mercantil, pai.

O chefe passou os dedos no bigode, fazendo os enfeites retinir.

– Hoje em dia não há grande necessidade de guardas, não é? Ainda mais se os tsurani forem mansos como pequenos gachagas.

Mara reconheceu o termo e, antes mesmo de ver o olhar preocupado de Iayapa na direção de Lujan e Saric, percebeu que não era nada elogioso. Mas, depois do que eles tinham suportado no rio aquela manhã, ambos se mostraram indiferentes ao fato de serem comparados aos roedores que roubavam cereais.

Enquanto o chefe supremo permanecia esperando uma reação ao seu comentário depreciativo, Mirana mais uma vez interrompeu:

– Ainda não perguntou à Senhora Mara o que ela deseja saber.

Hotaba levantou-se de um pulo e na frente de todos pareceu prestes a matar alguém.

– Você é capaz de se calar, mulher?! Continua falando no Conselho! Já deveria ter mandado rechear você para que fosse dada às aves necrófagas e depois preparar um ataque para buscar uma mulher jovem, obediente e calada!

Assim como Mirana, os outros thuril na cabana comprida não

pareceram nem um pouco preocupados com a ameaça. As mãos dela nunca alteraram o ritmo do trabalho e apenas seus pés bateram no chão, numa impaciência contida com dificuldade. Parecendo que Hotaba encarara a calma dela como um aviso, inspirou fundo e se dirigiu a Mara entre dentes:

– O que quer saber, tsurani?

Mara olhou de relance para Lujan e Saric, que observaram impassivelmente a troca de palavras. O conselheiro reagiu com um leve dar de ombros. Era difícil orientá-la naquela negociação. Segundo os padrões tsurani, os thuril eram rudes e rebeldes, dados a dramalhões emocionais e tremendamente grosseiros. O último dia e meio junto a eles servira apenas para confundir a noção tsurani de um ultraje imperdoável. Nenhum deslize parecia perturbar aquela gente; os piores insultos eram encarados apenas como piadas. Cortesia genuína pareceu a Mara a aproximação mais segura.

– Hotaba, preciso falar com um de seus magos.

As bochechas inflamadas de Hotaba ficaram lisas. Sua cor rosada sumiu e ele pareceu reparar pela primeira vez na confusão de migalhas que tinha na mão.

– Um mago?

Pelo que pôde ler na expressão daquele estranho, Mara achou que ele estava atônito, então insistiu:

– Há coisas que preciso saber e que só podem ser reveladas a mim por um mago que não integre a Assembleia do nosso Império. Vim à Confederação Thuril porque me foi dado a entender que poderia haver respostas na sua nação.

A expressão de surpresa de Hotaba desapareceu e foi substituída por uma mais inteligente. Não estava ansioso por abordar o assunto mencionado por Mara, percebeu ela quando seus olhos brilhantes vagaram de um lado para outro, observando os companheiros dela. Mara se deslocou para um lado, tentando proteger a garota que se encolhera atrás dela, mas o cabelo claro de Kamlio, agitado pelo

vento, chamava a atenção mesmo no escuro. Pior ainda, Antaha percebeu a direção do olhar do pai e aproveitou a abertura para conquistar vantagem. Avançou, puxando Kamlio para a frente pelo braço até ela ficar visível.

– Pai, veja. Temos um troféu destes tsurani.

Mara ficou rígida e lívida devido ao ultraje, tanto por causa do desconforto de Kamlio quanto pelo desvio abrupto do assunto que ela se arriscara a abordar. Contudo, pela luxúria evidente no olhar do velho chefe de clã, percebeu que não se atreveria a se demonstrar ofendida, a não ser que pretendesse forçar uma exibição de orgulho machista.

Assobios graves de admiração vieram dos outros membros do Conselho. Todos fitaram a cortesã com um olhar faminto e apreciativo e nem mesmo o olhar lancinante de Mirana conseguiu fazer o interesse de seu esposo pela jovem diminuir. Hotaba deixou seus olhos vagarem pelas curvas bem torneadas de Kamlio como se estivesse prestes a comer uma iguaria. Lambeu os lábios.

– Linda – murmurou para Antaha. – Excepcionalmente bela. – Inclinou a cabeça na direção do filho. – Tire a túnica dela. Vejamos que fruto delicioso ela oculta.

Mara ficou tensa.

– Hotaba, diga a seu filho que nem eu nem minha serva Kamlio somos troféus. Não somos sua propriedade, chefe thuril! O corpo de Kamlio pertence somente a ela, assim como seu serviço me pertence, para fazer o que me aprover. E não a mando para a cama com estranhos.

Hotaba se sobressaltou, como se tivesse sido acordado de um sonho com um tapa. Olhou para Mara com uma expressão ponderada. Então sua boca afiada e tagarela tomou a forma de um sorriso malicioso.

– Você não está em posição de fazer exigências, mulher.

Mara ignorou o que ele disse. Esquecendo que seus oficiais

estavam presos a seu lado como escravos e que estava desgrenhada e num estado completamente distante da cerimônia exigida a uma grande Senhora tsurani, deixou que a fúria do momento se acalmasse dentro dela. Sua calma os deixou, no mínimo, bem impressionados. O sorriso de Hotaba se ampliou. Até Mirana parou de fiar quando uma imobilidade pesada e perigosa tomou conta do ambiente.

– Senhora – anunciou o chefe supremo com um sarcasmo afiado –, farei uma proposta: a informação que procura em troca de sua criada de cabelo amarelo. Uma troca mais do que justa, atrevo-me a dizer. A mulher é de valor inestimável, tão rara em beleza quanto os praticantes de magia honesta entre seu povo. Com certeza o conhecimento que veio procurar aqui vale a carne de uma criada, quando em suas terras no Império comanda milhares de almas.

Mara fechou os olhos para conter a náusea e cerrou os dentes diante da vontade enorme de soltar insultos inúteis. Sentiu a boca seca como cinzas. Quem era ela para trocar a vida e a felicidade de Kamlio, mesmo que fosse para o bem de sua família? Embora, como Governante, e pelas leis do Império, tivesse esse direito, obrigou-se a falar:

– Não.

Soou determinada, apesar de atormentada pela dúvida. Por todos os deuses, que ser desonrado se tornara, para colocar a vida de uma criada, que era fonte de vários problemas, à frente do bem-estar e da sobrevivência de sua casa, de seu esposo e de seus filhos!? O que era uma desgraçada de uma cortesã em comparação com toda a honra dela e de seus entes queridos e, fundamentalmente, da base do poder do próprio Ichindar? Todavia, se no passado teria ordenado a um criado ou a um escravo que fizesse o que aqueles thuril desejavam, hoje, quando todos dependiam da palavra dela, não poderia exigir tal sacrifício.

Naquele ambiente pesado, enquanto os homens continuavam

espantados demais para reagir e Saric reprimia uma expressão de puro espanto e consternação, Mirana falou. Como se assuntos domésticos fossem mais importantes do que vidas e destinos, anunciou:

– Acabei o trabalho aqui.

No entanto, Mara reparou, ela tinha as mãos trêmulas quando devolveu a lã e os instrumentos ao cesto ao lado do joelho. Hotaba limitou-se a se virar e a assentir uma vez na direção da esposa. A anciã se levantou, envolveu os ombros em camadas de xales com franjas e fez sinal para que Mara a seguisse.

A Senhora dos Acoma hesitou. Pensou em insistir que deveria permanecer com seus oficiais, para orientá-los, como cabia a um Governante. Mas Mirana balançou levemente a cabeça, como se adivinhasse os pensamentos de Mara. Saric recebeu então instruções rápidas de Iayapa e inclinou-se para sussurrar seu conselho:

– Vá, minha Senhora. Esta cultura não é idêntica à nossa e já ficou clara qual é a posição deles. Se ficar aqui discutindo, poderá prejudicar seu objetivo. Iayapa concorda que Mirana conhece bem o esposo. Acha que deve segui-la, e eu concordo.

Mara lançou um derradeiro e arrogante olhar a Hotaba, alertando-o de que agia por vontade própria, e não pela de qualquer thuril. Então, com as costas muito eretas, juntou-se a Mirana, que seguia na direção da porta.

Quando Lujan se preparou para segui-la, Mara indicou com um gesto que deveria permanecer ali. Nenhum deles estava a salvo entre aqueles bárbaros, e, desarmado, um guerreiro pouco poderia fazer para proteger sua Senhora diante de tantos montanheses. Mirana pareceu compreender isso, pois pela derradeira vez levantou a voz:

– Permaneça aqui com meu esposo e minta sobre como você é feroz lutando e na cama, soldado. Não vou reter sua Senhora por

muito tempo.

Em seguida, virou-se para Mara.

– Fique descansada. Até este assunto ser resolvido, ninguém tocará em sua serva.

Depois, com uma força surpreendente, agarrou o braço de Mara e levou-a para fora.

O ar mais frio atingiu o rosto das mulheres com uma intensidade que deixou suas peles vermelhas. Mirana avançou com passos bruscos, levando Mara para longe da cabana comprida sem que ela tivesse tempo de mudar de ideia. Esgueirou-se por uma viela onde, pelo cheiro, havia padeiros terminando seu dia de trabalho e um pequeno cão devorava cascas de pão da mão de uma garota com o cabelo trançado. Lembrando-se da própria filha, que poderia nunca vir a crescer o suficiente para ter um cachorrinho, Mara tropeçou.

Mirana a empurrou para a frente.

– Isso não – disse num tsurani com sotaque bem carregado. – Você foi forte o bastante para deixar sua terra natal, desafiar a Assembleia e vir aqui. Não se mate com pena de si mesma.

Mara ergueu repentinamente o queixo.

– Que importância tem para você o meu destino? – perguntou, espantada.

– Muito pouca – respondeu Mirana em tom prosaico. Seus olhos escuros se fixaram nos da Senhora dos Acoma, à procura de qualquer tipo de reação. Mara não reagiu. Após um momento, a esposa do chefe de clã voltou a falar: – Muito pouca, se você fosse como os outros tsurani que conhecemos. Mas não é. Provou isso quando Hotaba se ofereceu para negociar sua criada.

Mara empinou de novo o queixo.

– Ela não me pertence para que eu disponha dela, mesmo sabendo que isso afastaria os perigos que ameaçam minha família. Dei-lhe uma escolha e ela permanece ao meu lado de livre e espontânea vontade. Não é uma escrava...

Mirana deu de ombros, o que fez sua franja balançar e se emaranhar ao sabor da brisa fria e cortante.

– Na verdade, segundo nossas leis, ela também não lhe pertence para que possa negociá-la. Mas os Senhores de sua terra fazem o que querem com as vidas dos criados, escravos e crianças, todos os dias, e acham que os deuses lhes deram tal direito.

– Eles acreditam nisso – disse Mara com cautela.

– E você?

A pergunta de Mirana foi cortante como o golpe de um chicote de querdidra.

– Já não sei no que acredito – admitiu Mara, franzindo o cenho. – Só sei que, como Serva do Império, no passado coloquei minha Nação acima de meu sangue. Agora, já não posso considerar meu sangue acima do de qualquer outro homem. Kamlio está comigo porque prometi a alguém protegê-la como ele mesmo faria. Minha honra não vale menos do que a do homem que me confiou a segurança dela. Há honra que não passa de uma obediência insensata à tradição, e há honra que é... algo mais.

O olhar de Mirana ficou mais penetrante.

– Você é diferente – meditou, mais para si do que para Mara. – Ore a seus deuses para que tal diferença baste para conquistar sua liberdade. Você terá o meu apoio. Mas nunca deve esquecer que em Thuril os homens falam mais livremente e são mais generosos quando as mulheres não estão presentes. Nossa terra é cruel e um homem que se mostre brando demais não conseguirá manter a mulher que conquistou.

– Um homem pode roubar a esposa de outro? – perguntou Mara, surpresa.

Os lábios finos de Mirana se abriram num sorriso rasgado.

– Talvez. Ou pior, a esposa pode abandonar a casa e a lareira e encher seus cobertores de neve para castigá-lo por suas tolices.

Apesar de todas as preocupações, Mara deu uma grande

gargalhada.

– Vocês fazem isso por aqui?

– Ah, sim. – Mirana reparou que sua hóspede estava gelada. Tirou um de seus xales e envolveu os ombros da Senhora dos Acoma; o xale cheirava a lenha queimada e, mais suavemente, a couro cru ensebado. – Vamos visitar minha padaria preferida, onde os pães doces a esta hora estão quentes, recém-saídos do forno. Direi o que mais fazemos aqui além de fingirmos que levamos muito a sério essas aves jiga empoladas que são nossos homens.

Enquanto o ambiente na casa do Conselho era abafado, o ar na padaria mantinha o calor intenso e seco dos fornos, reconfortante no clima úmido das Terras Altas. Mara sentou-se desajeitada na cadeira de madeira esculpida à mão. Os pisos de pedra naquelas colinas geladas não eram muito apropriados para as almofadas tsurani. Mexendo-se constantemente na cadeira para tentar encontrar uma posição confortável, Mara se resignou a mais uma noite de leves conversas sociais. Assim como a mulher do chefe do clã de Loso, Mirana pareceu satisfeita com conversas fúteis, enquanto o Conselho dos anciãos thuril prosseguia sem ela.

– Os homens conseguem ser muito infantis, não acha?

Mara forçou um sorriso cortês.

– Seu esposo parece uma criança zangada.

Mirana riu, instalando-se na cadeira em frente a uma mesa de madeira cujo tampo estava todo marcado onde os donos do estabelecimento tinham cortado pão fresco durante conversas com os amigos. Libertando-se de várias camadas de xales e revelando um cabelo branco preso com fios de lã trançada, Mirana suspirou, exibindo sua benevolência.

– Hotaba? É um falastrão, mas eu o amo. Já faz 42 anos que ameaça me bater, praticamente desde o dia em que me enfiou debaixo do ombro e correu pelas colinas para fugir de meu pai e de meus irmãos. Mas nunca levantou a mão para mim. Somos um povo

de grandes ameaças e insultos, Mara. A fanfarronice é uma arte por aqui e um insulto bem elaborado conquistará o respeito do homem a quem foi dirigido, não o desprezo.

Ela fez uma pausa quando um garoto com uma bata de lã se deteve ao lado da mesa com uma bandeja. Mirana trocou o idioma para pedir pão doce quente e sidra quente com açúcar. Em seguida, após observar os olhos fundos de Mara, também pediu vinho. O garoto aceitou três moedas furadas de madeira da mão de Mirana e partiu a toda a pressa. Virou-se para trás quando achou que a mulher do chefe não estaria mais vendo, para poder olhar para as roupas estrangeiras de Mara. Mirana preencheu o intervalo com fatos cotidianos até o garoto regressar com comida e bebida. Mara fez de conta que comia. Seus nervos lhe tiravam a fome, apesar de o pão escuro e de aspecto grosseiro cheirar maravilhosamente bem; tampouco a bebida era o vinho azedo que os veteranos tsurani das guerras de Thuril diziam que os homens da montanha produziam.

Lá fora, as ruas mergulharam na escuridão enquanto um cortejo de garotas passava conversando, vigiadas por garotos, criados ou talvez irmãos, que transportavam tochas flamejantes para iluminar o caminho. Do outro lado das toscas mesas da loja, o garoto da padaria raspava os fornos para tirar o carvão que já virara cinza. Aquecida pelo vinho, mas suando frio nas mãos devido à preocupação, Mara as esfregava e pensava: enquanto estava ali em meio a conversas sociais, por onde andaria Kamlio? O que estaria acontecendo com Saric, Lujan e seus guerreiros? Ou ainda, pior do que isso, queria saber se Hokanu tinha alguma pista de onde ela teria ido, depois de deixar para trás as terras dos Acoma para uma visita ao Templo de Turakamu. A partida dela pareceu um sonho, e os assuntos do Império, bem distantes vistos daquele lugar das Terras Altas coberto por nuvens e povoado por fanfarrões que falavam bem alto.

– Por que veio aqui à procura de especialistas em magia? – quis

saber Mirana, indo direto ao ponto de maneira desconcertante.

Mara se sobressaltou, quase deixando cair a caneca de barro que continha a borra de sua bebida. As banalidades, percebeu de repente, não tinham passado de uma desculpa para esperar pelo momento certo. Já não havia motivos para ocultar a verdade.

– Percebi com o passar dos anos que a Assembleia de Magos estrangula a cultura do Império. Nossas tradições sustentam injustiças às quais gostaria de pôr um fim. Apesar de os magos terem contido a Casa dos Acoma devido a uma rixa com a Casa dos Anasati, as sanções não foram equivalentes. Os Anasati tiveram permissão de enviar assassinos para matar aliados de meu povo. Infelizmente, o pai de meu esposo foi morto nesse processo. E assim ficou provado que o decreto dos Grandes contra a vingança dos Acoma é um fingimento, um pretexto para ocultar o verdadeiro motivo. Eu sou tudo o que propulsiona a mudança, contra o desejo da Assembleia, por isso percebi que estava em perigo, assim como os meus filhos.

– Então tão nobres objetivos se devem unicamente a uma questão de sobrevivência?

Mara fitou com dureza a anciã, percebendo que tinha diante dela uma mente tão perspicaz quanto a da Senhora Isashani.

– Talvez. Prefiro pensar que teria perseguido o rumo adequado para os interesses de meu povo mesmo que minha casa e meus entes queridos não estivessem em risco.

– Você deixou suas terras para trás e veio a Thuril – interrompeu Mirana. – Por quê?

Mara rodou sua caneca quase vazia nos dedos nervosos.

– Os cho-ja me deram pistas que apontam para o leste. Um mago do Caminho Inferior que não simpatizava muito com a Assembleia me disse que deveria procurar respostas aqui. Vim a Thuril porque minha linhagem desaparecerá se não encontrar respostas e porque já vi miséria de mais em nome da política e do

Jogo do Conselho. Muitos que amei povoam os salões do Deus Vermelho por causa de nossa ambição. Injustiça e morte em nome da honra não cessarão se for permitido à Assembleia subjugar o Imperador e reinstalar o cargo de Senhor da Guerra.

Mirana pareceu ponderar o assunto, o olhar fixo na mesa cheia de migalhas e nas mãos tranquilamente apoiadas. Por fim, tomou uma decisão.

– Você será ouvida.

Mara não teve tempo para descobrir como Mirana poderia influenciar o Conselho de homens. Nem viu qualquer troca de sinais, ou envio de mensagem, mas no minuto seguinte a porta basculante da padaria se abriu, deixando entrar uma rajada de ar gelado. Três das lamparinas a óleo que iluminavam o ambiente vazio se apagaram com o sopro. Então um ancião montanhês com uma capa pesada entrou. Iluminado por trás pela única lamparina acesa, as feições do recém-chegado estavam pouco visíveis sob o brilho rosado lançado pelas brasas do forno ainda em combustão. Múltiplas camadas de trajes de lã cheiravam a querdidra; as orelhas visíveis logo abaixo do capuz traziam pendurados discos de concha de corcara que giravam e brilhavam a cada passo. Do rosto, Mara pouco conseguiu vislumbrar, além da pele enrugada sob a sombra envolvente do capuz.

– Levante-se – sussurrou Mirana em tom de urgência. – Mostre respeito, pois foi Kaliane que veio para ouvi-la.

Mara ergueu as sobrancelhas ao escutar aquela palavra desconhecida.

– Kaliane é o nome tradicional para o mais poderoso entre os versados nos mistérios – explicou Mirana.

O vulto de capa se aproximou. Uma centelha e um reflexo mostraram que o manto do mago estava cheio de raras e caras lantejoulas de prata. Os padrões pareciam formar runas, ou talvez totens de um tipo mais complexo do que aquele que decorava os

batentes das portas das casas. Mara se curvou com o mesmo respeito que poderia demonstrar a um Grande que visitasse sua propriedade.

O mago thuril não esboçou qualquer gesto de reconhecimento além de levantar uma mão mirrada para baixar o capuz largo. Mara viu aparecer uma mecha de cabelo grisalho, arrumado em tranças como o de Mirana, mas preso com fitas rituais. Por baixo daquele arranjo que lembrava uma coroa, estava o rosto desgastado de uma velha.

Uma mulher! Esquecendo-se de suas maneiras, a Senhora dos Acoma arquejou.

– Sua Assembleia de Magos aceita mulheres?

A anciã agitou a cabeça, provocando um estalo de seus pesados brincos e mostrando um ar perigosamente incomodado.

– Mara dos Acoma, nesta terra, graças aos deuses, não temos nada que se assemelhe à sua Assembleia.

Outras duas mulheres apareceram na porta da padaria, para fazer compras tardias. Quando iam entrar, viram a feiticeira de capa, fizeram uma reverência apressada e recuaram para a rua em silêncio. Um jovem que vinha logo atrás também deu a volta e partiu depressa. A porta de pele se fechou, mas todo o calor fugiu do cômodo.

– Perdoe-me – murmurou Mara, quase gaguejando. – Senhora Kaliane, lamento, mas nunca me passou pela cabeça...

– Eu não tenho título. Pode me chamar só de Kaliane – replicou a velhota. Ao sentar-se, suas vestes sibilaram; em seguida, ela entrelaçou as mãos minúsculas, parecendo, de repente, muito humana e triste. – Sei que a Assembleia – quase cuspiu a palavra – de seu Império mata todas as garotas que descobrem ter o talento. Minha antecessora neste cargo era uma refugiada da província de Lash que só por pouco escapou com vida. As três irmãs dela não tiveram a mesma sorte.

Um pouco enjoada devido à tensão e ao vinho, que não lhe caíra bem em virtude da preocupação, Mara mordeu o lábio.

– Um mago do Caminho Inferior que odiava a Assembleia me contou isso. Mas, no meu coração, não consegui acreditar.

Os olhos claros da Kaliane se mostraram profundos quando fixou os de Mara.

– acredite, pois é verdade.

Abalada e cheia de um novo medo protetor em relação a seus entes queridos deixados para trás, Mara cerrou os dentes para pararem de tremer. Apesar de a Kaliane ser magra e de estar embrulhada como uma avó com várias camadas de roupa para enfrentar as correntes de ar, sua presença irradiava uma energia mais poderosa do que qualquer vento frio das montanhas. Ciente de que todas as palavras seriam cuidadosamente avaliadas, Mara falou antes que perdesse sua última réstia de coragem:

– Disseram-me que a Assembleia tem medo de vocês. Por quê?

– É verdade – respondeu de pronto a Kaliane. Então soltou uma risada arrepiante. – Em seu Império, os escravos são maltratados e dizem que essa é a vontade dos deuses. Seus Senhores lutam e matam em nome da honra, mas o que ganham com isso? Glória não é, nem sequer os favores do Céu. Perdem filhos, envolvem-se em guerras, até se suicidam com as próprias espadas, e tudo isso para nada, Senhora Mara. Foram enganados. A honra de que se gabam não passa do elo que mantém a força das Nações fragmentada. Enquanto as casas lutam entre si no Jogo do Conselho, a Assembleia fica livre. Seu poder é imenso, mas não é ilimitado, e nem sempre foi assim tão forte.

– Então, pode me ajudar? – perguntou Mara, com a esperança redobrada à luz de tão franca revelação.

Ao ouvir isso, a expressão da Kaliane tornou-se uma máscara inescrutável de rugas.

– Ajudá-la? Isso ainda deve ser decidido. Você deve me

acompanhar numa curta viagem.

Com medo de deixar Lujan, Saric e, acima de tudo, Kamlio nas mãos dos captores montanheses, Mara sentiu uma pontada de medo.

– E aonde iríamos?

– Há coisas que você deve ver. Um Conselho de meus pares tem de escutar suas razões e sua história e interrogá-la. – Em seguida, parecendo compreender a origem do desconforto de Mara, a Kaliane suavizou sua ordem expressa: – Não devemos ficar fora mais do que o tempo da conversa de duas mulheres, para evitar que seus guerreiros temam por sua vida e, desesperados, façam algo estúpido.

– Então estou em suas mãos – disse Mara, com a determinação se impondo à indecisão de seu coração.

Nascida tsurani, ainda aprendia a desejar a mudança que considerava falsos todos os códigos de honra de seu povo; mesmo assim, não pôde esquivar-se da ideia de que não teria outra oportunidade. Desesperada, aceitou ir com a Kaliane, mas não estava preparada para a pressa que se seguiu. A anciã thuril estendeu o braço por cima da mesa estreita, pegou o pulso de Mara com seus dedos finos e firmes e proferiu uma palavra. Mara escutou apenas a primeira sílaba sibilante. Uma corrente em seus ouvidos abafou o resto, penetrante como uma rajada de uma tempestade no mar. O chão fugiu sob seus pés, assim como a cadeira onde se sentava. As paredes escurecidas da padaria também desapareceram, substituídas num piscar de olhos por um vazio cinzento e uivante.

O tempo parou. O ar ficou gelado e cortante. Mara poderia ter envergonhado seus antepassados ao gritar aterrorizada por sua vida, mas a passagem pelo vazio terminou de repente, deixando apenas uma impressão.

Devolvida com um solavanco a terra firme, viu-se em pé numa praça iluminada por globos cho-ja. Seu pulso continuava preso

firmemente pela mão da Kaliane, tremendo como vara verde sob o aperto da mulher mais velha. Enquanto as cidades tsurani haviam sido construídas no nível do solo, os edifícios ali tinham sido escavados na parte íngreme das colinas de granito. No chão do vale, a praça aberta que rodeava Mara era cercada por terraços e em todos os andares havia portas, janelas e lojas. Ela correu os olhos pelas fileiras de colunas, pilares e arcos, dispostos com uma mestria de cortar a respiração, contrastando com o cenário noturno. Totens suportavam galerias com parapeitos de madeira e pedra, algumas esculpidas em forma de dragões ou de grandes serpentes marinhas ou celestes, que ocupavam lugar de destaque na mitologia thuril. Espirais e cúpulas apontavam para cima na direção do céu estrelado, iluminadas em meio à névoa.

Mara prendeu a respiração, deliciada com uma beleza que sua mente tsurani nunca poderia ter imaginado. Jamais esperara encontrar uma cidade assim naquelas áridas Terras Altas! As ruas estavam cheias de montanheses com *kilts* simples e calças. A maioria dos jovens guerreiros andava de tronco nu, apesar do frio noturno, mas alguns exibiam camisas muito bem tecidas. As mulheres usavam saias compridas e blusas folgadas, e as mais jovens deixavam entrever os braços esguios ou os peitos bojudos, atraindo os olhares dos jovens que passavam.

– Que lugar é este? – murmurou Mara, inspirando fundo o incenso e fitando as maravilhas como se fosse um camponês que vê uma cidade pela primeira vez.

– Dorales – revelou a Kaliane. – Você é, provavelmente, a primeira tsurani a ver esta cidade. – Então falou num tom de voz mais sinistro: – E também pode vir a ser a última.

O peculiar modo de falar da feiticeira arrepiou Mara. Parecia estar sonhando, de tão estranho e vasto que era aquele local. Pareceu uma visão bela demais para ser verdadeira. As espirais esguias, os milhares de janelas e portas com iluminação brilhante, os totens

sensuais e a multidão e a animação na rua – tudo aquilo emprestava uma sensação de precariedade, como se a qualquer momento pudesse ser levada contra sua vontade para um pesadelo. O espanto e o desconforto teriam mantido a Senhora presa ao chão se a Kaliane não a tivesse puxado para a frente com a mesma impaciência brusca da mãe de uma criança teimosa.

– Venha! O círculo de anciãos a aguarda e nenhum proveito se tira em fazê-los esperar.

Mara avançou, tropeçando.

– Disse que me aguardam? Como?

Mas a Kaliane tinha pouca paciência para algo que a seus ouvidos soava sem sentido. Empurrou Mara para o meio da multidão, chamando a atenção. Curiosos olharam e apontaram e não foram poucos os que cuspiram de desprezo. O orgulho tsurani fez com que a Senhora dos Acoma ignorasse tais insultos indignos de sua pessoa, mas não lhe restava dúvida de que aquela gente a considerava um inimigo a quem não seria concedido perdão. Foi atormentada por dúvidas terríveis e crescentes, tudo porque os Senhores imperiais tinham, por pura ignorância, chamado os thuril de bárbaros. Aquela cidade, com suas maravilhas de engenharia, era uma prova bem evidente do contrário.

Curiosa, apesar de toda a vergonha, Mara perguntou:

– Por que meu povo nunca ouviu falar deste lugar?

A Kaliane a fez passar depressa por uma carroça pintada puxada por dois querdidra irascíveis e conduzida por um homem enrugado que usava uma capa confeccionada com remendos coloridos. Transportava um estranho instrumento musical e os transeuntes lhe atiravam moedas ou o encorajavam a tocar. Ele respondia com improperios engraçados, formando covinhas de um sorriso em seu rosto rosado.

– Os membros do seu povo que ouviram falar deste lugar foram mortos pela Assembleia para silenciá-los – explicou a Kaliane em

tom cáustico. – As torres que contempla e todos os entalhes na pedra foram feitos com artes mágicas. Se lhe fosse permitido o acesso à Cidade dos Magos em Tsuranuanni, poderia ver as mesmas maravilhas. Mas em sua terra os Grandes guardam para si os prodígios que o poder deles pode criar.

Mara franziu o cenho, em silêncio. Pensou em Milamber e em sua relutância em relatar sua experiência como membro da Assembleia. Depois de testemunhar os temíveis poderes que ele libertara sobre o Grande Estádio Imperial, ficou espantada ao concluir que os juramentos que o ligavam à Assembleia deviam ser terrivelmente fortes para obrigar alguém como ele a ficar calado. Mara nada sabia quanto ao caráter dos magos, mas através de Hokanu percebeu que Fumita não era um homem ganancioso. Poderoso, sim, e misterioso, mas não egoísta a ponto de se colocar acima do bem comum das Nações.

A Kaliane, parecendo dispor de meios misteriosos para ler a mente de Mara, deu de ombros sob seu pesado capote.

– Quem sabe o que faz os magos de sua terra serem tão reservados? Nem todos são maus homens. Em sua maioria são apenas eruditos que pretendem unicamente conhecer os mistérios de sua arte. Talvez de início tenham criado sua irmandade para rechaçar alguma ameaça, ou para conter a magia selvagem e perigosa de magos renegados que se recusaram a ser treinados para controlá-la ou que recorreram a seus poderes para fazer o mal. Apenas os deuses podem explicar. Mas, se houve boas e convincentes razões para tal rumo dos acontecimentos no passado, hoje em dia já não há mais. A Assembleia foi corrompida. Pela lei thuril é indesculpável que tenham matado milhares de filhas para reprimir seus talentos.

Assolada por uma incerteza incômoda, Mara perguntou:

– Estou sendo levada para ser julgada pelas injustiças de Tsuranuanni?

A Kaliane inclinou a cabeça e a fitou com um olhar que, por si só, era assustador.

– Em parte, Senhora Mara. Se deseja nossa ajuda contra a Assembleia, tem de nos convencer. Se agirmos, não será em prol da sobrevivência dos Acoma nem para seu proveito, nem mesmo para tornar o Império uma nação mais justa. Pois, para nós, a honra de seus antepassados e até as vidas de seus filhos são tão insignificantes quanto o pó levado pelo vento.

Mara poderia ter se irritado de vez, pois o que haveria de mais inocente do que as vidas de sua bebê e de seu filho? Mas o aperto da mão da velhota a prendeu como grilhões e a arrastou inexoravelmente na direção do arco indefinido de um edifício imponente com muitos andares.

– O que move seu povo, além das vidas dos jovens?

Apesar de todos os esforços, o desânimo de Mara se tornou bem evidente.

A resposta da Kaliane foi tão impessoal quanto o bater das ondas numa praia.

– Se ficamos de luto, é pela perda de magos que morreram sem testar seus poderes. Com cada um deles se perdeu um conhecimento incalculável. E, se nos desesperamos, é pelos cho-ja, mestres fora do alcance de nossos melhores iniciados, que em suas terras não podem exercer a magia, a glória da raça deles.

– O Proibido! – Arrepiada de entusiasmo, Mara se esqueceu por um momento de seu medo. – A rainha dos cho-ja se referia ao poder arcano quando falou do Proibido?

Perdida na sombra ao passar sob o enorme arco entalhado, a Kaliane indiretamente respondeu:

– Esse, Senhora Mara, é o segredo que deve descobrir se sobreviver à contenda com os Grandes. Mas primeiro tem de persuadir o Círculo de Anciãos de Thuril de seu valor. Iremos escutar e julgar. Escolha cuidadosamente as palavras, pois, assim que

encarar tal lugar, os perigos que enfrenta serão duplicados.

Atrás se estendia um labirinto de corredores abobadados como túneis e iluminados por fileiras de globos cho-ja. O chão era de mármore. A arte esculpida nos pilares tirou o fôlego de Mara; nem mesmo o palácio do Imperador tinha pedras tão polidas e brilhantes. As pessoas reunidas nas antecâmaras e nas entradas usavam trajes com contas, toucados de penas, e algumas usavam os *kilts* simples de criados. Outras, com túnicas brancas, eram acólitos da arte, como explicou a Kaliane. Todos sem exceção se curvaram à sua passagem e Mara sentiu os olhares em suas costas como se fossem carvão em brasa. Havia magia ali. Sentia-se o peso do poder no ar, o que fazia os ecos parecerem opressivos. Mara desejou fervorosamente estar em casa, cercada por paredes familiares e por tradições que lhe fossem compreensíveis.

A Kaliane a conduziu para um salão mais amplo que dava para uma antecâmara cheia de ecos. Milhares de fileiras de velas iluminavam o espaço e a intensidade da luz agrediu os olhos de Mara. Mais atrás ficava uma sala enorme, cercada por galerias com pilares esculpidos em padrões intrincados. Ali, dúzias de figuras de túnica enchiam os patamares que circundavam o recinto, formando um conjunto de seis andares. Escadas de mão e sucessivas e estreitas escadas em caracol davam acesso aos pisos superiores.

– Eis o nosso arquivo – explicou a Kaliane. – Aqui guardamos todo o nosso conhecimento e cópias de todos os escritos relativos à nossa arte. Também serve de sala de reuniões, nas ocasiões em que os magos de Thuril se juntam. Isso é o mais próximo que meu povo tem de uma estrutura organizada. Não temos sociedades como sua Assembleia e não há outros oficiais além do Kaliane, que dispõe de poder apenas para agir como porta-voz.

Mara foi levada por uma abertura num parapeito no andar mais baixo. Os cotovelos dela roçaram nas paredes com conchas de corcara e ébano embutidas em padrões espiralados que a deixaram

pouco à vontade. Os pilares das escadas em caracol eram totens esculpidos, com bicos, garras e expressões ferozes. As criaturas tinham escamas ou eram animais alados com penas e os olhos eram esculpidos com o ar enviesado e predatório de serpentes.

A Kaliane apressou Mara a atravessar uma intimidante extensão de chão liso. Não havia móveis nem padrões. Nada havia além de um círculo no centro. Seu perímetro parecia assinalado com uma luz dourada, sem dúvida o efeito de algum feitiço. Consciente dos andares mais acima, cheios de vultos com túnicas, a Senhora dos Acoma sentiu-se um objeto sacrificial antes do ritual que selaria seu destino final.

– Ali. – A Kaliane apontou para o círculo mágico. – Entre ali e fique em pé, se tiver coragem para ser julgada. Mas aviso desde já, Senhora Mara, Serva do Império: será impossível mentir ou ludibriar depois de cruzar aquela linha.

Mara atirou para trás o cabelo, que caiu solto sobre os ombros sem os habituais cuidados de suas criadas.

– Não temo a verdade – afirmou com coragem.

A Kaliane soltou seu aperto firme.

– Que assim seja – disse, com um olhar quase piedoso.

Mara avançou a linha tremendo. Mas não temia a verdade no momento em que ergueu o pé para ultrapassar a linha de luz amarela. No entanto, nesse instante, sentiu-se perfurada por um poder que lhe negou toda a sua força de vontade e, quando o pé tocou no chão já do lado de dentro do encantamento, lhe foram arrancados todos os vestígios de autoconfiança. No meio do caminho sobre a linha, não era mais possível recuar. A parte de seu corpo dentro do círculo mágico ficou paralisada como se estivesse acorrentada. Não lhe restou alternativa além de levantar a outra perna e entrar por completo, embora isso a aterrorizasse mais do que acharia imaginável agora.

O conceito de desamparo assumira um novo significado. Seus

ouvidos nada escutavam, seus olhos nada viam além da teia dourada reluzente de energia. Fisicamente não conseguia se mover ou se sentar, ou envolver o peito com os braços para controlar a batida de seu coração acelerado. A própria escravidão lhe pareceu uma liberdade, diante da magia que a mantinha ali confinada; até seus pensamentos estavam presos. Mara combatia o desespero quando alguém lá do alto das galerias fez uma pergunta.

A Kaliane repetiu a pergunta na língua tsurani:

– Senhora dos Acoma, você veio aqui procurando mais poder. Afirma que irá usá-lo defensivamente, em prol do bem comum? Explique-nos como chegou a esse desígnio.

Mara tentou inspirar para responder e descobriu que isso não era possível. O corpo não respondia ao seu desejo; a magia a impedia de falar. O pânico a enfureceu. Como poderia defender suas posições se o feitiço a impedia de falar? No momento seguinte descobriu que seus pensamentos pareceram se revolver e depois rodopiar como um pião feito para entreter uma criança. Em sua mente se passou uma série de lembranças; então se viu longe da câmara dos magos de Dorales e de qualquer círculo mágico. Estava sentada em seu escritório na antiga propriedade dos Acoma, discutindo febrilmente com Kevin, o bárbaro.

A ilusão da presença dele se mostrou tão real que a minúscula parte de sua mente que se mantinha consciente do que se passava desejou se proteger em seus braços. No meio de um crescente tremor, compreendeu como funcionava o feitiço da verdade thuril: não lhe seria permitido responder verbalmente a nenhuma pergunta. Os magos iriam perguntar e buscar as respostas diretamente em suas experiências. Não lhe seria dada oportunidade de se justificar, de juntar explicações aos resultados e acontecimentos. Os magos iriam observar suas ações tal como haviam ocorrido, para depois julgá-las. Estava efetivamente sendo julgada, e sua única defesa eram os atos de seu passado.

Mara percebeu tudo isso um instante antes de o feitiço a dominar por completo. Então se viu no estúdio com Kevin naquele dia já muito distante no passado, enfrentando-o enfurecida enquanto ele gritava:

–Você me empurra como se eu fosse um... peão de xadrez shah. Para cá! Para lá! Então para cá de novo, só porque lhe convém, mas sem me dar uma explicação ou um aviso! Cumpri sua ordem não por amá-la, mas pela segurança dos meus companheiros.

Mara se viu respondendo ruborizada e desesperada:

– Mas eu o promovi a mestre dos escravos e deixei você encarregado de seus companheiros midkemianos. Você recorreu à sua autoridade para que se sentissem confortáveis. Vi que têm comido ave jiga e bife de needra e frutas e legumes frescos juntamente com a papa de thyza.

Tudo aquilo vinha à sua memória, tão real como no momento em que acontecera, até em seu final num intenso entrelaçamento de paixão. Mara sentiu um tortuoso momento de desorientação quando, encontro após encontro, sua relação com Kevin foi se desenvolvendo, em dias agrídoces de alegrias e frustrações e de complexas lições. Obrigada a ver tudo aquilo de novo em retrospectiva, reconheceu sua arrogância mesquinha; fora um milagre o escravo Kevin ter conseguido vislumbrar algo para amar e alimentar por trás daquele coração aparentemente petrificado!

Os dias se passaram em saltos espantosos à medida que os magos manipulavam suas lembranças. Mais uma vez suportou os horrores das ondas sucessivas de assassinos sendo repelidas em sua casa da cidade imperial na Noite das Espadas Sangrentas. Mais uma vez falou no topo de uma colina açoitada pelo butana com Tasaio dos Minwanabi. Viu o Imperador Ichindar quebrando o cetro do poder do Senhor da Guerra e sua nomeação como Serva do Império.

E mais uma vez viu Ayaki morrer.

Seguiu-se outra questão, misericordiosa, e a cena mudou para

uma tarde agradável num jardim de kekali onde Arakasi se rebaixava diante dela, pedindo permissão para se suicidar. Mais uma vez compartilhou o ar noturno perfumado e seco na tenda de comando do Senhor Chipino na campanha contra os homens do deserto em Tsubar.

Tudo girou e girou, voltando para trás, e as cenas se sobrepuseram umas às outras. Por vezes, foi enviada de novo à infância, ou para os silenciosos salões de meditação no Templo de Lashima. Outras vezes sofreu as brutalidades infligidas pelo primeiro marido. Mais uma vez encarou o desolado pai dele, sobre a trouxa embrulhada de um neto, agora também morto, igualmente por traição.

De súbito, partilhou de novo sua relação com Hokanu e sua compreensão misteriosamente apurada. Através dos olhos dos magos thuril, percebeu que a rara perspicácia dele era na verdade um talento a ser explorado. Só por um acaso do destino ele não foi parar na Assembleia e acabou se tornando seu esposo. Como a vida dele teria sido mais pobre sem ela a seu lado, compreendeu Mara. Uma parte de seu coração sofreu com a distância que cresceu entre eles e no meio das manipulações do feitiço da verdade ela jurou que iria tentar remediar o desentendimento que se arrastava desde o nascimento de Kasuma.

Por fim, Mara se viu na casa comprida de Hotaba, recusando-se obstinadamente a negociar sua criada Kamlio em troca da liberdade para cuidar de seus assuntos em Thuril. Uma sonda afiada como uma agulha a penetrou, mas em seu coração encontrou apenas sinceridade. O rolo de memórias do feitiço se arrastou por bastante tempo e as perguntas se infiltraram através dele, sem ela saber quem as fizera. Foram proferidas em thuril, mas compreendeu seu significado.

Então uma voz disse:

– Ela é efetivamente diferente dos outros tsurani, pois viu honra

num escravo e reconheceu os direitos de liberdade de uma serva acima do bem de sua família de sangue.

– Assim me pareceu, caso contrário não a teria trazido aqui – respondeu a Kaliane.

Em seguida, alguém acrescentou:

– Mas por que nos preocuparíamos com o bem-estar dos tsurani?

– Seria bom termos vizinhos governados com justiça, e talvez... – respondeu outra voz mental, logo interrompida por uma terceira:

– É uma oportunidade de consertar o grande erro...

Escutaram-se outras vozes que pareceram se misturar; alguém falou em risco e outro se referiu ao império dos cho-ja. Mara foi parando de ouvir. De repente, sentiu os joelhos vacilarem. E o anel dourado de luz que a restringira se desfez. Sentiu que perdia os sentidos. Mas as mãos fortes da Kaliane a seguraram.

– Senhora, acabou.

Fraca como um bebê e envergonhada por descobrir coisas que a chocaram durante o efeito do feitiço, Mara esforçou-se para se recompor do caos em que se encontrava:

– Convenci vocês?

– Não. Isso será discutido durante a noite – explicou a Kaliane. – De madrugada será anunciada a nossa decisão. Por ora, vou devolvê-la a Mirana, que cuidará para que descanse.

– Preferiria esperar aqui – objetou Mara, mas não teve determinação para resistir.

As forças a abandonaram e não percebeu mais nada além de uma escuridão como a noite entre as estrelas.

Decisão

Mara despertou.

Estava escuro. Inspirou o aroma de troncos de faia ardendo e o odor abafado de lã de querdidra. Sobre sua cabeça havia traves de madeira que se destacavam levemente da sombra graças à fraca luz vermelha que emanava da lareira. Estava enrolada em cobertores que restringiram seus movimentos quando se revirou no leito, confusa quanto ao local em que se achava.

A cabeça doía. A recordação dos acontecimentos recentes voltou lentamente e depois em um turbilhão, quando viu o cesto de lã que Mirana trouxera da casa comprida e do Conselho com seu marido thuril. Mara lembrou-se da ida à padaria e da fantasiosa visita a Dorales na companhia da Kaliane. De repente, sufocada pelo calor opressivo e pelos cobertores, acabou se levantando.

– Senhora? – perguntou uma voz incerta vinda das sombras.

Mara voltou-se e viu o rosto oval de Kamlio, alerta, atento e preocupado.

– Estou bem, florzinha – respondeu, usando instintivamente o apelido dado por Arakasi.

Dessa vez Kamlio não se retraiu com o diminutivo. Em vez disso, afastou para o lado sua roupa de cama e prostrou-se numa posição de rebaixamento servil sobre as tábuas polidas do piso. Mara não se sentiu lisonjeada, mas sim perturbada, apesar de durante toda a sua vida servos e criados terem lhe feito a mesma reverência. Era assim

a maneira de ser dos tsurani, oferecendo lealdade absoluta para agradar a seus Senhores. Contudo, após a experiência no círculo dourado mágico, a tradição agora causava repugnância a Mara.

– Levante-se, Kamlio. Por favor.

A jovem não se mexeu, mas seus ombros se agitaram sob as ondas de cabelos claros.

– Senhora – disse em tom triste –, por que me colocou à frente de sua família? Por quê? Certamente não mereço tanto, para servir de impedimento na negociação com estes thuril de modo a manter a salvo seus filhos.

Mara suspirou, dobrou as costas cansadas e pegou as mãos estendidas de Kamlio. Puxou-a, sem efeito, pois ficara debilitada devido ao feitiço da verdade.

– Kamlio, por favor, levante-se. Minha preocupação com meus filhos é primordial, na verdade, mas a vida de outra pessoa livre não me pertence para poder negociá-la, mesmo em proveito da sobrevivência de meus amados. Você não pode assumir minha honra em meu lugar; tampouco tem obrigações com a Casa dos Acoma.

Kamlio permitiu que ela a ajudasse a se levantar. Envolvida numa túnica de dormir emprestada pelos thuril, larga demais para suas curvas esguias, agachou-se na beira da cama. Seus olhos estavam fundos como fossos na obscuridade. Mara reparou que estavam sentadas no que deveria ser o quarto de costura de Mirana, tendo em conta a armação do tear guardada em um canto e as caixas de tecidos espalhadas por todo lado. Ainda estava tentando se acalmar depois do trauma de reviver o passado causado pelo feitiço da verdade quando a ex-cortesã falou:

– Arakasi – disse Kamlio, com uma incerteza de dar dó. – Fez isso por ele.

Completamente esgotada, mas cedendo à compaixão, Mara balançou a cabeça.

– Não fiz nada por Arakasi... embora ele tenha se sacrificado

inúmeras vezes por minha família.

Kamlío não pareceu convencida. Mara passou um cobertor por cima dos ombros e sentou-se na beira da cama, encarando a garota.

– Você não está de modo algum em dívida para com meu Mestre dos Espiões. – A Senhora dos Acoma gesticulou enfaticamente. – Repetirei isso até você ficar velha e surda, ou até entender que deve acreditar em mim.

Um momento de silêncio se seguiu após a fala bem-humorada de Mara. As brasas na lareira sibilavam em oposição ao assobio do vento ao redor dos beirais. Nas Terras Altas de Thuril, as brisas sopravam incansavelmente, diminuindo apenas de madrugada. Era impossível determinar a hora da noite, mas o fato de em Dorales os magos e a Kaliane continuarem debatendo sobre a decisão a tomar afetou ainda mais os nervos de Mara. Centrou-se nos problemas de Kamlío para fugir das próprias preocupações.

– O que Arakasi vê em mim? – repetiu a antiga cortesã, com a testa franzida. – Ele é suficientemente inteligente, sem dúvida, para conquistar qualquer mulher para seu leito.

Mara ponderou cuidadosamente.

– Só posso conjecturar – acabou por dizer. – Mas acredito que ele vê em você a própria salvação. Uma cura, se assim o desejar, para determinadas desilusões da vida. E penso também que deseja retribuir dando a você o que não conseguiu oferecer à própria família: felicidade, segurança e um amor que não tenha sido comprado ou negociado.

– Você encontrou esse amor com Hokanu – comentou Kamlío, deixando transparecer um sinal de acusação.

Mara se obrigou a conter a irritação.

– Em parte. Em Hokanu encontrei uma compreensão quase perfeita. Foi o companheiro de minha alma. Em outro homem encontrei um tipo de amor que acredito ser o mesmo que você poderá descobrir em Arakasi. Não acredito que isso aconteceria com

mais nenhuma outra mulher que compartilhasse o leito de nosso Mestre dos Espiões. Sinceramente, não conheço os gostos e as paixões dele, mas não é homem de partilhar facilmente seus sentimentos ou afetos. Arakasi confia muito em você e não o faria, tão reticente como é, se não achasse, acima de tudo, que você é merecedora disso.

– A senhora parece admirá-lo – disse Kamlio.

– E admiro. – Mara calou-se para assimilar essa verdade. – Para um homem de tal inteligência, que viveu sua vida como se fosse um grande jogo de estratégia, penso que é preciso uma grande coragem para dar um passo que leve a reconhecer a compaixão. Apesar de ser alguém que sempre soube onde pisava, capaz de adivinhar os passos de seus companheiros, Arakasi parece neste momento um marinheiro à deriva num mar desconhecido. Tem de desenhar seu próprio mapa para procurar a rota de regresso a um porto seguro. Deixou de lado a competência para descobrir a si mesmo. Para alguém como ele, deve ser um empreendimento assustador. Mas nunca o vi fugir de um desafio, mesmo daqueles que outros homens considerariam impossíveis. – Mara olhou por um momento a garota nos olhos. – Essas palavras são uma pobre narrativa se comparadas à experiência de conhecê-lo – acrescentou.

Kamlio digeriu vagarosamente aquelas informações. Suas mãos pequenas remexeram a túnica, enrugando o tecido.

– Para mim, é impossível amá-lo – admitiu, e suas palavras a mostraram atormentada pelas circunstâncias do mesmo modo que suas mãos massacravam o desafortunado tecido –, assim como a qualquer homem, penso eu. As mãos dele me devolveram o prazer, é verdade, mas os jogos de cama para mim não passam de um passatempo vazio. – Os olhos dela pareceram perdidos numa recordação distante. – Aprendi a odiar a hora do sol poente, quando meu Senhor vinha se encontrar comigo.

Fez uma pausa antes de prosseguir em tom amargo:

– Houve momentos em que me senti um verdadeiro cão adestrado. Vista esta túnica. Esfregue este lugar. Leve isto daqui. – Fitou de novo Mara. – Para alguém como eu, não há sentimento ou amor em conhecer o corpo de um homem, Senhora – disse, depois baixou os olhos. – Confesso que foi o perigo que me incitou a ter um amante mais novo. Arakasi me deu prazer, Senhora, porque arriscou a vida ao fazê-lo. – Seus olhos ficaram marejados de lágrimas. – Por todos os deuses, Senhora, já viu a coisa retorcida em que me transformei? Por meses inteiros eu pensei em suicídio, só que me senti insignificante demais, no que diz respeito à honra, para sujar uma lâmina com meu sangue.

Orgulho tsurani, pensou Mara. Desejou estender a mão e confortar a garota torturada; só que para Kamlio qualquer tipo de toque no corpo era algo bem diferente de carinho. Embora as palavras por si sós parecessem frias, Mara não pôde oferecer outro tipo de conforto:

– Arakasi compreende isso bem melhor do que você imagina.

Aguardou um momento para que ela absorvesse o que lhe dissera. Kamlio assentiu, pensativa.

– É verdade que ele nem por uma vez tentou me tocar desde que comprou minha liberdade. Assim que me contou que é filho de uma mulher da vida, percebi por quê. Mas na época eu estava zangada demais por causa da morte de irmã para reparar nisso.

Mara tomou aquilo como um encorajamento.

– Se não pode amá-lo, então lhe conceda sua amizade. Ele é muito espirituoso e perspicaz.

Kamlio olhou para cima, os olhos brilhando com lágrimas reprimidas.

– Ele aceitaria tão pouco de mim?

– Dê-lhe a oportunidade de escolher. – Mara sorriu. – O amor não exige; aceita. Levei toda a vida para aprender isso. – Baixou o tom de voz. – É a dádiva de dois homens excepcionais. – Fitou

Kamlío diretamente nos olhos e adotou um tom conspirador: – Nunca vi nada, nem nenhum homem, que conseguisse abalar os nervos de Arakasi. O desafio de sua amizade pode lhe ensinar algo sobre a humildade de que tanto necessita.

Kamlío atirou para trás seu glorioso cabelo louro-claro, assumindo uma expressão endiabrada.

– Está dizendo que posso me vingar dele através de sua presunção?

– Estou pensando que podem aprender um com o outro – concluiu Mara. Em seguida olhou ao redor. – Mas isso depende de voltarmos vivos destas Terras Altas.

A fugaz felicidade de Kamlío desapareceu.

– Podem obrigá-la a me negociar.

A insistência de Mara estalou como um chicote:

– Não. Sou uma Senhora, e tsurani. Mantenho minha palavra. Sua vida não me pertence para que eu possa negociá-la. Ou obtenho o que solicitei por mérito meu, ou terei de enfrentar o destino que os deuses me reservaram. Caso meu cativo se prolongue, Kamlío, saiba que lhe dou minha bênção para que tire sua própria vida com uma lâmina ou para que escape como for possível rumo à liberdade; você é uma mulher livre. Que não haja dúvida de que seu sangue ou suas vontades têm o mesmo valor dos de Lujan, Saric ou qualquer outro guerreiro de minha guarda de honra.

De repente, abalada pelo cansaço extremo, Mara ocultou um bocejo por trás dos cobertores. Depois concluiu:

– Mas penso que as coisas não chegarão a esse ponto. Os últimos acontecimentos de minha noite me fizeram acreditar que a oferta de Hotaba foi um teste. O meu teste. Se conquistei alguma coisa, só pela manhã saberemos. Agora durma, Kamlío. Durante o resto da noite só nos resta esperar pacientemente pelo resultado.

O amanhecer e o silêncio deixado pelos ventos que pararam encontraram a Senhora e a cortesã dormindo. Mara estava enroscada num emaranhado de cabelos negros, com os cobertores bem apertados em volta dos ombros devido a sonhos agitados. Despertou sobressaltada com o toque da mão de Mirana e inspirou fundo.

– Senhora, levante-se e vista-se depressa – disse em voz baixa a mulher do chefe de clã. – A Kaliane regressou para anunciar a decisão tomada em Dorales.

Mara saiu rapidamente da cama e arquejou ao se deparar com o ar frio. A lareira se apagara durante a noite. Enquanto enfiava sua túnica gelada, Mirana reavivou as chamas com madeira nova, para que Kamlio pudesse acordar mais confortável. A fenda na porta deixava entrar uma luz parda. Nuvens ou nevoeiro obscureciam o nascer do sol e Mara sentiu as articulações rígidas.

Havia cabelos grisalhos no pente que usou quando terminou de se arrumar. Sentiu o coração bater muito depressa de preocupação. Seus pensamentos circularam repetidamente, sempre de volta a casa, às crianças e a Hokanu. Teria alguma vez a oportunidade de recuperar seu casamento? Deuses, rezou, não permitam que eu morra em solo estrangeiro. Permitam que Kamlio regresse para casa e para Arakasi.

Pela primeira vez, Mara viu esperança na ligação amaldiçoada de seu Mestre dos Espiões com a garota. O cativo entre os thuril retirara dela o cinismo amargo e a levava a reexaminar seu próprio valor e a vida que agora lhe pertencia.

– Depressa – instigou-a Mirana em voz baixa, de modo a não acordar Kamlio. – A Kaliane não é conhecida por sua paciência.

Mara amarrou as tiras das sandálias nos pés frios, o couro já gasto, mais fino e deteriorado pela umidade e pelos escorregões nas pedras das montanhas. Uma das biqueiras estava puída. Quem no Império a reconheceria como a Boa Serva, com o rosto sem

maquiagem e os trajes tão simples quanto os de uma serva? Para se erguer e sair pela porta para se encontrar com a Kaliane sem exibir a aparência adequada ao seu posto, foi necessária uma grande e dolorosa coragem. Mara tentou sem sucesso fingir despreocupação, mas as palmas das mãos suavemente tremiam. Agradeceu aos deuses pela névoa atroz, úmida e fria que escondeu suas lágrimas.

As recordações recuperadas dentro do círculo dourado a perturbaram mais do que quis admitir. Se Kevin estivesse ali, teria feito uma piada de mau gosto, mesmo num momento tão tenso. Mara sentia falta da capacidade irreverente do midkemiano de não se preocupar com nada, de maneira incorrigível. Muito antes de se sentir preparada, viu-se sendo levada às pressas por Mirana para a praça principal, onde o maltrapilho Hotaba as aguardava, juntamente com uma figura encurvada sob várias camadas de túnicas, emanando uma presença ainda mais espantosa que a do Imperador.

Mara engoliu o orgulho e fez uma profunda reverência.

– Aguardo a decisão, Kaliane – murmurou.

Mãos velhas e em forma de garra a puxaram para cima.

– Senhora, endireite-se. Aqui, as medidas são insultuosas. – A Kaliane cravou na Senhora dos Acoma um olhar tão perfurante quanto o pedaço de vidro que Jican usava para ampliar os selos duvidosos de guildas e assim verificar sua autenticidade. – Senhora Mara – disse a feiticeira com sua voz seca de velha –, nossa decisão já está tomada. Decidimos apoiar sua causa desta forma: você terá permissão para viajar, juntamente com um membro de sua companhia à sua escolha. Então mostraremos o caminho pelos desfiladeiros lá no alto até os portões de Chakaha, a cidade dos choja onde residem seus mestres em magia.

Mara arregalou os olhos e pensou: O Proibido! O fato de os choja serem capazes de gerar magos e de o “tratado” com a Assembleia proibi-los de exercer magia dentro das fronteiras de Tsuranuanni

explicava muitas das reticências da rainha dos cho-ja. O entusiasmo de Mara não parou de crescer.

A Kaliane pareceu perceber isso, pois suas palavras seguintes foram severas:

– Senhora Mara, saiba que a causa do povo tsurani não é nossa. Thuril só guerreou quando nossas terras foram invadidas. Não entendemos que seja nosso dever nos preocuparmos com a política de uma nação inimiga. Contudo, os cho-ja podem pensar de outro modo. O povo deles dentro das fronteiras tsurani é uma nação aprisionada. Você terá a possibilidade de ser ouvida por eles e, caso consiga, talvez conquiste uma aliança. Mas esteja avisada: a colmeia dos cho-ja irá encará-la como um inimigo. Nosso povo pode levá-la em segurança até os limites da colmeia, mas nem um passo a mais. Não podemos agir como porta-vozes. Tampouco poderemos intervir para defendê-la caso os cho-ja a recebam com hostilidade. Compreenda: a Senhora pode morrer devido às suas boas intenções.

Era um passo repleto de incertezas, compreendeu Mara na fração de segundo que se seguiu, mas ainda assim um passo à frente.

– Não tenho escolha, tenho de ir – disse num tom bem claro. – Escolho Lujan, meu Comandante das Forças Armadas, e, na ausência dele, Saric, meu conselheiro, irá liderar minha guarda de honra.

Os olhos da Kaliane brilharam, talvez devido a uma admiração bem contida ou talvez por pena.

– Você é corajosa – admitiu, e depois suspirou. – Por outro lado, também não faz ideia do que enfrenta. Mas muito bem. Pode estar certa de que seus servos e guerreiros receberão a hospitalidade devida a convidados até ser conhecido o seu destino. Caso volte, eles lhe serão devolvidos. Caso morra, levarão seus restos mortais para sua terra natal. Eu, a Kaliane, lhe garanto isso.

Mara inclinou a cabeça para concordar com os termos, que considerou satisfatórios.

– Bem, esposo, você vai ficar aí boquiaberto de desânimo por não ser possível resgatar a garota loura para nosso filho ou vai ao quartel buscar Lujan, o Comandante das Forças Armadas? – comentou Mirana de repente.

– Cale-se, velhota! A paz do alvorecer é sagrada e você profana a própria vida com seu comportamento.

Endireitou os ombros e lançou um olhar fulminante, até que a Kaliane o fitou com ar irritado. Então saiu correndo de modo cômico para dar o recado que lhe fora incumbido pela mulher.

Assim que ele desapareceu, a Kaliane ajeitou suas vestes para se proteger do fluxo frio do nevoeiro.

– Você partirá assim que for possível reunir provisões para a jornada – explicou a Mara. – Irá a pé, pois as Terras Altas não permitem outro tipo de transporte. – Calou-se, parecendo organizar os pensamentos. – Gittania, uma de nossas acólitas, servirá de guia nos desfiladeiros. Que os deuses sorriam à sua empreitada, Senhora Mara. Não é uma tarefa fácil para você, pois os cho-ja são uma raça feroz com uma memória que não permite perdão.

Uma hora mais tarde, depois de uma refeição quente, Mara e sua delegação de um único homem estavam a postos para partir. Uma pequena multidão de crianças barulhentas e de matronas sem ter o que fazer, encabeçada por Hotaba e seu Conselho, reuniu-se para vê-los partir. Seguiam na companhia de Gittania, uma garota magra de cabelo castanho que parecia perdida nas enormes pregas do manto de sua ordem, uma peça de vestuário de fio trançado que ia até os joelhos e era decorada com padrões ofuscantes de vermelho sobre branco. Tinha o rosto rosado, o nariz pontiagudo e um sorriso irresistível. Se as cores sóbrias do tecido xadrez dos thuril serviam para se misturar com a paisagem, a vestimenta de Gittania iria realçá-la como um alvo.

Lujan foi rápido em comentar o assunto:

– Talvez – filosofou num raro momento de reflexão – ela opte por

tal ostentação como aqueles pássaros ou vagens venenosas, um aviso de que seus poderes mágicos cuidarão de quem ousar atacá-la.

Apesar de ter falado em voz baixa, a acólita o escutou.

– Na verdade, não é isso o que ocorre, guerreiro. Nós, que fazemos os votos de aprendizes, somos realçados porque desejamos ser vistos. Em nossos anos de aprendizado, somos obrigados a servir a qualquer homem ou mulher que necessite de auxílio. A capa serve como emblema, para que possamos ser facilmente identificados.

– Durante quanto tempo servem como aprendizes dos mestres?
– perguntou Mara, encolhida para se abrigar do nevoeiro.

Gittania reagiu com um sorriso pesaroso.

– Alguns, até 25 anos. Outros nunca avançam e usam o vermelho e branco durante toda a vida. O mais jovem mestre de que se tem registro foi aprendiz durante dezessete anos. Era um prodígio. Seu feito não é alcançado há mais de mil anos.

– As tarefas de seus pares são de fato exigentes – comentou Lujan.

Como a guerra era o ofício de um jovem, era difícil para ele compreender a paciência requerida para passar metade da vida estudando.

Todavia, Gittania não parecia melindrada com padrões tão elevados.

– Um mestre é detentor de um grande poder, logo tem uma tremenda responsabilidade. Seus anos como acólito lhe ensinam a ser moderado, paciente e, acima de tudo, humilde, e providenciam tempo para desenvolver a sabedoria. Quando alguém toma conta dos bebês no lugar de todas as mães pastoras que estão nas montanhas, aprende no devido momento que as pequenas coisas contam tanto, ou talvez mais, do que os grandes assuntos de governo e política. – A garota fez uma pausa para exibir um sorriso insolente. – Pelo menos foi isso que me garantiram meus superiores.

Ainda vivi poucos anos para compreender o significado de uma erupção na pele de um bebê em meio aos grandes eventos do universo.

Apesar de cansada, Mara riu. A alegre sinceridade de Gittania era uma agradável mudança, se comparada ao estado de espírito complexo, amargo e taciturno de Kamlio. Embora a Senhora tivesse receios suficientes em relação ao resultado de seu futuro encontro com os cho-ja de Thuril, estava ansiosa pela viagem para poder relaxar os nervos desgastados e pensar no modo como poderia lidar em sua audiência com uma rainha cho-ja desconhecida. O humor jovial de Gittania certamente seria um bálsamo para aliviar a tensão.

A Kaliane observou a conversa em silêncio enquanto os fardos de comida e os cantis eram dispostos no lombo de um querdidra.

– Os cho-ja são dissimulados e pouco confiáveis – confidenciou num conselho de última hora. – No passado, não eram assim. Seus mestres e os nossos se misturavam à vontade, trocando ideias e conhecimento. Na verdade, grande parte de nosso treinamento inicial como magos deriva das filosofias dos cho-ja. Mas a guerra entre os cho-ja e Tsuranuanni, séculos atrás, ensinou a essas criaturas que homens com poder podem se revelar traiçoeiros. Desde então, as colmeias se mostraram reticentes e os contatos conosco passaram de relutantes a inexistentes. – Colocou-se diante de Mara. – Não imagino o que irá enfrentar, Boa Serva. Mas darei um aviso pela última vez: os tsurani são um anátema para os cho-ja. Não perdoam o que aconteceu às suas colmeias do outro lado da fronteira e podem muito bem considerá-la a responsável pelo tratado que os obrigou a aceitar tal situação.

Diante da expressão de surpresa de Mara, a Kaliane reagiu com firmeza:

– acredite em mim, Senhora Mara. Os cho-ja não esquecem e para eles o bem não tolera a presença da repressão ou do mal. Homens sensatos, dirão eles, teriam revogado o suposto tratado que

retira dos cho-ja tsurani o direito à magia. Cada dia que passa sem isso mantém o crime bem vivo; para eles um insulto tão antigo está tão vivo como se tivesse sido cometido neste momento. Nas colmeias de Thuril, pode ser que não encontre aliados para combater sua Assembleia, mas sim uma morte rápida.

As palavras poderiam fazer Mara pensar em desistir, mas ela não se sentiu desencorajada.

– Não ir é abraçar a derrota.

Meneou a cabeça na direção de Lujan, acenou a Gittania para indicar que estava pronta e voltou-se para os portões da cidade.

Kamlío observou a partida de sua Senhora com os olhos arregalados. Mara tinha conquistado sua admiração. Se a Senhora tivesse olhado para trás, poderia ter visto os lábios da ex-cortesã formarem um juramento de que, se alguém do grupo dos Acoma sobrevivesse, daria à Senhora o que ela tanto esperava: tentaria ser amiga de Arakasi. Kamlío inclinou a cabeça quando Mara desapareceu de vista e as plumas de Lujan se perderam por entre as brumas. Fez seu juramento, envergonhada de seus medos opressivos, a seus olhos, serem tão inócuos quando comparados com os perigos que Mara enfrentava de cabeça erguida e com passos firmes, sem parecer ter medo.

A viagem através dos altos desfiladeiros de Thuril se revelou um percurso árduo. Após um dia de viagem, o terreno ficou mais íngreme; as Terras Altas cobertas de arbustos deram lugar a formações rochosas livres de musgos por causa do forte vento. O sol pareceu estar sempre encoberto por nuvens e os vales se achavam envoltos em cortinas de névoa que serpenteavam sobre os cursos de riachos e regatos. Mara avançava sobre o chão duro com dificuldade, ajudada nos trechos mais difíceis pela mão firme de Lujan. As pedras gastaram suas sandálias e Mara não tinha ânimo para conversar.

Gittania pareceu tão tranquila pelo território quanto o macho

querdidra que levaram para carregar os mantimentos e o material de dormir. Seguiu praticamente todo o caminho conversando. Com base nos comentários dela ao passarem por esse ou aquele vale que abrigava uma pequena aldeia ou vilarejo de abrigos de pastores, Mara aprendeu mais sobre a vida em Thuril. Os montanhesees eram uma raça feroz, orgulhosa de sua independência, mas, ao contrário do que achava a maioria dos tsurani, não eram adeptos da guerra.

– Nossos jovens brincam de guerra – admitiu Gittania, apoiada, durante uma pausa para descansar, no comprido cajado de pastor que usava para caminhar.

Lujan cogitara que também soubesse usá-lo como arma, isso se não servisse até como instrumento de magia. Mas essa impressão foi posta de lado quando Gittania, acidentalmente, partiu o cajado e, sem cerimônias, comprou outro de um homem que treinava cães pastores. Seus dedos deslizavam agora para cima e para baixo, retirando a casca áspera que poderia causar bolhas em suas mãos. Então ela disse:

– Mas os ataques e as lutas são coisas que os rapazes fazem para se tornarem capazes de conquistar esposas. Alguns, que gostam de se exibir, se aventuram em terras imperiais. A maioria não volta. Se são pegos e lutam, quebram o tratado e são considerados criminosos.

Nesse ponto seu rosto ficou sério.

Mara se lembrou dos prisioneiros condenados a morrer para entreter os nobres tsurani na arena e sentiu-se envergonhada. Teria algum dos organizadores dos jogos que encenavam tais atrocidades alguma vez imaginado que os homens que obrigavam a lutar eram apenas rapazes cujo único crime não passava de uma brincadeira? Será que algum guerreiro ou oficial imperial teria alguma vez se dado ao trabalho de interrogar os que cruzaram a fronteira, nus e com pinturas como se estivessem prontos para a guerra? Infelizmente, achou que não.

Gittania pareceu não reparar na melancolia da Senhora. Apontou com o cajado para o vale coberto de vegetação retorcida, pontilhado, aqui e ali, pelos rebanhos de querdidra criados para dar queijo e lã.

– Essencialmente, somos uma nação de mercadores e pastores. Nosso solo é geralmente muito pobre para o cultivo e nossa indústria mais forte é a tecelagem. As tintas, naturalmente, são muito caras, pois são importadas de suas Terras Baixas mais quentes e de Tsubar.

Gittania se repreendeu por suas conversas desconexas e incitou Mara e Lujan a continuarem, impondo um ritmo acelerado. Os dias eram menores lá no alto, onde os cimos elevados das colinas assistiam a um pôr do sol prematuro. O local onde finalmente acamparam era uma cavidade entre dois pequenos montes rochosos. Um riacho brotava de uma nascente ali perto e árvores baixas e curvadas pelo vento proporcionaram abrigo.

– Embrulhem-se bem em seus cobertores – aconselhou Gittania enquanto ela e Mara lavavam os talheres do jantar na água gelada.
– As noites são frias nestas Terras Altas. Até no verão há geada, às vezes.

Ao amanhecer, viram folhas e grama cobertas por uma película prateada de cristais de gelo. Mara ficou maravilhada com os padrões intrincados e contemplou a beleza frágil quando um raio de sol ocasional iluminava as pontas douradas. Aquela terra poderia ser árida, mas tinha uma beleza selvagem muito própria.

O caminho ficou ainda mais íngreme. Lujan teve de ajudar cada vez mais Mara a subir, pois suas sandálias com tachas prendiam melhor os pés do que as dela, cujas solas eram de couro liso. As nuvens pareciam suficientemente perto para poderem tocá-las e os rebanhos de querdidra eram cada vez mais escassos, pois os pastos eram pequenos demais para alimentá-los. Ali, os únicos sons audíveis eram os ruídos de respingos e das quedas d'água de

pequenos regatos alimentados por nascentes, além das fortes rajadas e dos gemidos do vento. A própria passagem era uma saliência que serpenteava entre vertentes íngremes de pedra que brilhavam negras onde a água jorrava. Mara inspirou profundas golfadas de ar rarefeito e comentou sobre o cheiro estranho e intenso que parecia vir com as rajadas de vento.

– Neve – explicou Gittania, o rosto vermelho de frio contrastando com seu sorriso caloroso. Puxou as mangas escarlate e brancas para cobrir as mãos, de modo a ficar mais confortável. – Quando as nuvens ficarem mais finas, poderá ver gelo nos picos – acrescentou. – Não é uma vista que vocês, tsurani, estejam habituados a contemplar, eu garanto.

Mara balançou a cabeça, sem fôlego para falar. Mais resistente, Lujan disse:

– Há geleiras na grande serra que chamamos de Cordilheira Elevada. Dizem que os Senhores ricos das províncias do Norte enviam mensageiros às colinas para recolherem o raro gelo para suas bebidas. Mas eu mesmo nunca vi água endurecida pelo frio.

– É a magia da natureza – comentou Gittania, que, ao perceber o cansaço de Mara, ordenou outra breve parada para descansar.

Os desfiladeiros ficaram para trás e a trilha começou a descer. Naquele lado das montanhas, as terras eram menos áridas, e a vegetação, espinhosa e com folhagem prateada. Segundo explicou Gittania, ali chovia mais.

– Em breve as nuvens vão ficar menos espessas e então poderemos ver ao longe a cidade dos cho-ja, Chakaha.

Naquelas encostas não havia rebanhos de querdidra pastando, pois a vegetação era espinhosa demais para ser ingerida, mas algumas famílias sobreviviam com dificuldade colhendo filamentos de plantas para fazer cordas.

– Uma vida dura – reconheceu Gittania. – A corda daqui é das mais resistentes e duráveis, mas este vale fica a uma grande e difícil

distância dos mercados junto ao mar. As carroças não passam no desfiladeiro, de modo que o transporte precisa ser feito no lombo das bestas de carga ou nas costas de homens fortes.

Ocorreu a Mara que os cho-ja, com suas patas firmes, poderiam transportar esses fardos pelos caminhos escarpados com uma facilidade que nenhum humano teria, mas não sabia bem como era a relação entre as colmeias de Thuril com os humanos para apresentar tal sugestão. Então esse pensamento sumiu de sua mente, pois o caminho fez uma curva e mergulhou num vale, e as nuvens se tornaram menos densas e abriram para mostrá-lo lá embaixo, espelhado como uma tapeçaria sob o sol alto e verde-claro de Thuril.

– Oh! – exclamou Mara, esquecendo-se totalmente do protocolo.

O panorama dali descortinado era mais maravilhoso e avassalador do que a intrincada beleza que Mara testemunhara em Dorales.

Vegetação espinhosa e rochas pontiagudas desciam para um vale luxuriante e tropical. A brisa transportava o aroma de videiras selvagens, flores exóticas e terra fértil. Das árvores frondosas se erguiam copas em leque na direção do céu e além delas, mais delicadas do que as filigranas de ouro forjadas pelos melhores joalheiros do Imperador, viam-se as colmeias dos cho-ja.

– Chakaha – anunciou Gittania. – Eis a cidade de cristal dos cho-ja.

Parecendo vidro retorcido, espirais em forma de dedo se erguiam de cúpulas em tons pastel que refletiam todas as cores, como as joias de uma coroa. Arcos cor-de-rosa, verde-azulados e em um tom de ametista de uma delicadeza impossível preenchiam os espaços existentes no meio. Os trabalhadores cho-ja de um preto brilhante pareciam, ao longe, contas de obsidiana enquanto se moviam naquelas estreitas passagens. Mara se encantou com aquela arquitetura delicada e cintilante e ficou ainda mais espantada. Lá em

cima, no ar, havia cho-ja voando. Não eram do tom escuro com que estava acostumada, mas acobreados e azuis, com listras castanho-avermelhadas bem demarcadas.

– São tão belos! – comentou, com um suspiro. – Nossas rainhas em Tsuranuanni só geram cho-ja pretos. A única cor diferente que já vi foi um tom mais claro em uma jovem rainha, mas ela escureceu como os demais quando cresceu.

Gittania suspirou.

– Os magos cho-ja são sempre intensamente marcados. Não há nenhum no Império porque lá eles são proibidos. Para nossa pena, Boa Serva, e seu eterno pesar. Eles são sábios com seus poderes.

Mara não respondeu de pronto, enfeitada como estava com Chakaha. As espirais de vidro tinham por trás uma cordilheira azul de montanhas cujos cumes brilhavam brancos em contraste com o céu.

– Gelo! – constatou Lujan. – Há gelo naqueles picos. Ah, quem me dera que Papewaio estivesse aqui para ver esta maravilha! E Keyoke também. Quando voltarmos e lhe contarmos tudo, o velhote não irá acreditar no que vimos.

– Se voltarem – disse Gittania com uma aspereza pouco comum. Deu de ombros na direção de Mara para se desculpar. – Senhora, não posso ir mais além. Devem seguir a trilha para o vale a partir daqui e procurar sozinhos um caminho para Chakaha. Haverá sentinelas. Vão interceptá-los muito antes de chegarem aos portões de cristal. Que os deuses os acompanhem e lhes permitam um encontro com a rainha.

A acólita ficou incomodamente silenciosa quando levou a mão para dentro da capa e de lá retirou um pequeno objeto de forma ovalada e pesadamente escuro como obsidiana.

– Esta é uma pedra de leitura – explicou. – Carrega o registro das memórias do Conselho da Kaliane obtidas de você dentro do círculo dourado da verdade. Mostre por que lhe concedemos a

passagem por nossas terras e transporte nosso Conselho às colmeias de Chakaha. Os magos cho-ja sabem interpretar o conteúdo, se assim quiserem. – Depositou o objeto nas mãos de Mara com dedos gelados de medo. – Senhora, espero que as recordações registradas na pedra sejam úteis. A Kaliane falou de algumas delas. Formam um testemunho eloquente em defesa de sua causa. Seu perigo reside na dificuldade de estabelecer contato, pois os cho-ja são rápidos em matar.

– Obrigada. – Mara agarrou a pedra e depois a guardou em sua túnica. Estava satisfeita por terem devolvido as armas a seu Comandante das Forças Armadas, pois lhe desagradava a ideia de percorrer um território potencialmente hostil sem defesa alguma. Então Mara despediu-se de Gittania. – Por favor, agradeça por mim à Kaliane. Com a bênção dos deuses, e alguma sorte, iremos nos encontrar de novo.

Dito isso, acenou a Lujan e avançou na direção do luxuriante vale nas Terras Baixas, onde a aguardava a cidade de Chakaha. Nem ela nem seu atraente Comandante das Forças Armadas olharam para trás, reparou Gittania. Isso a deixou triste, pois ao longo da marcha de três dias se afeiçoara à Boa Serva, cuja curiosidade revelara imensa compaixão pelos outros e cuja esperança residia em mudar o futuro de Tsuranuanni.

O caminho de pedras soltas descia abruptamente. Lujan segurou sua Senhora pelo cotovelo e, apesar de seu pulso firme, ainda assim Mara sentiu a precariedade da situação. Cada passo a levava para mais perto do desconhecido.

Criada nas terras bem povoadas dos Acoma, habituada às multidões das cidades tsurani e à presença de criados, escravos e numerosos agentes que frequentavam as casas dos nobres, não conseguiu se lembrar de uma época em sua vida em que tivesse se sentido tão sozinha. Sua cela de meditação no Templo de Lashima

estava isolada das demais apenas por uma parede e, durante a mais solitária de suas noites em casa, uma simples palavra bastaria para chamar imediatamente criados ou soldados para suprir suas necessidades. Ali havia somente a extensão selvagem de encostas de pedra cobertas por um manto de nevoeiro por trás e por selva à frente, povoada por cho-ja nativos, cuja cultura era bem diferente dos pacatos insetoides presentes em suas terras com os quais estabelecera um tratado comercial.

Nunca em sua vida se sentira tão insignificante nem o mundo lhe parecera tão gigante. Necessitou de toda a sua coragem para não voltar para trás, chamar Gittania e pedir para ser conduzida de novo ao território thuril, que agora já não lhe parecia nem estranho nem ameaçador, mas simples e humano, e onde era esperada pelo resto de sua guarda de honra e por Kamlio, que dependiam de seus esforços, assim como sua família, seus filhos e todas as vidas das três propriedades pertencentes aos Shinzawai e aos Acoma. Não poderia desiludi-los, teria de protegê-los da inevitável ira dos magos. Mara olhou decidida para a frente e retomou a conversa:

– Lujan, diga, quando você se viu como guerreiro cinzento, sem esperança de ter uma vida honrada, como lidou com a situação?

O elmo de Lujan se inclinou quando fitou pelo canto do olho, no qual se via que o Comandante das Forças Armadas também sentia a vastidão e o vazio da paisagem que os rodeava, e que era suficientemente tsurani para também se sentir desconfortável com a solidão. Como acabamos nos conhecendo bem, pensou Mara, e como as agruras desta vida contribuíram para unir nossos esforços numa relação especial e querida. A resposta dele pôs fim àquela introspecção:

– Senhora, quando um homem perde tudo o que seus pares e camaradas consideram importante, quando leva uma vida sem sentido diante dos princípios básicos de sua educação, então só o que lhe resta são sonhos. Eu era muito obstinado. Agarrei-me a

meus sonhos. E um dia despertei e descobri que minha existência não era só sofrimento. Percebi que ainda era capaz de rir e de sentir. Banquetear-me com caça ainda me aliviava a fome e uma brincadeira com uma mulher amável ainda fazia meu sangue correr, me deixando animado. Um homem sem honra pode sofrer no futuro quando Turakamu lhe roubar a alma e a Roda da Vida o transformar em pó. Mas no dia a dia? A honra não traz prazer. – Então o homem que já havia quase duas décadas liderava os exércitos dos Acoma de ombros, desconfortável. – Senhora, comandei ladrões, salteadores e infelizes. Nós, como bando, podíamos não ostentar as cores de uma grande casa, mas não vivíamos sem crença.

Então Mara percebeu que o Comandante das Forças Armadas estava envergonhado, pois ele se calou. Consciente de que o incômodo dele nascera de um assunto vital ao homem, e consciente, também, de que era impelida por algo mais forte do que a curiosidade, pediu-lhe, ávida:

– Conte-me. Certamente entende que não me agarro às tradições por respeito a elas.

Lujan soltou uma pequena gargalhada.

– Somos mais parecidos nisso do que julga, minha Senhora. Está bem. Os homens que comandei fizeram um pacto comigo. Apesar de proscritos e esquecidos pelos deuses, não foi isso que fez de nós menos homens. Criamos aquilo que se poderia chamar de nossa casa, juramos lealdade uns aos outros e prometemos compartilhar com os demais qualquer coisa que obtivéssemos. E dessa forma, Mara, quando você apareceu e se mostrou disposta a acolher todos nós em seu honrado serviço, só poderíamos aceitar todos juntos. Se, quando Pape elaborou seu inteligente esquema para encontrar laços de sangue distantes que nos permitissem entrar ao serviço dos Acoma, um único homem tivesse ficado de fora, todos teríamos virado as costas e ido embora.

Mara fitou surpresa seu Comandante das Forças Armadas e tirou

mais conclusões pelo olhar envergonhado evidente em seu rosto enrugado.

– Esse pacto ainda existe.

Não foi uma pergunta, mas uma afirmação.

Lujan pigarreou.

– Ainda. Mas, quando juramos nossa lealdade diante do natami dos Acoma, acrescentamos um adendo, indicando que nossos desejos, necessidades e honra vinham em segundo lugar, logo após os seus. Porém entre nosso exército leal existe ainda um grupo de nós que sente uma ligação especial uns com os outros, algo que não podemos compartilhar com os demais soldados, por mais honrados que possam ser. É uma marca de honra só nossa, assim como a faixa negra de condenado de Papewaio era sua consagração peculiar.

– Notável.

Mara se calou, os olhos se voltando para baixo como se ensaiasse um passo tremendamente arriscado, mas o caminho já era menos pedregoso e a trilha de terra batida era protegida por uma vegetação cerrada que limitava a selva. As torres de vidro de Chakaha haviam desaparecido enquanto iam descendo, ocultadas pelas copas altas e densas das árvores tropicais. O perigo não diminuiria, pelo contrário, mas, ainda assim, Mara deixou a preocupação de lado por um momento para pensar no que seu Comandante das Forças Armadas lhe revelara: ele era um líder nato e sua lealdade era rara e profunda; além disso, mesmo depois de promovido a um alto cargo, mantivera sua palavra com os ex-salteadores que no passado comandara. Era notável, pensou Mara, que o homem a seu lado tivesse uma consciência nata de si mesmo e de suas responsabilidades pessoais bem mais profunda do que a maioria dos Senhores que governavam as Nações. Tudo isso fora feito por Lujan sem grandes pompas, sem reconhecimento e sem o conhecimento de ninguém, nem mesmo o de sua Senhora... até

aquele momento.

Mara olhou de soslaio para ele e viu que seu rosto retomara a máscara inescrutável dos tsurani, adequada a um guerreiro a serviço de uma casa. Sentiu-se grata por ter surgido a oportunidade de saber o que se passara entre eles. Tudo o que faltava pedir aos deuses era a oportunidade para garantir que as características e o talento tão especiais que Lujan revelara pudessem ser aproveitados ao máximo. Se sobrevivessem, decidiu Mara, aquele era um homem que merecia recompensas extraordinárias, muito além do vulgar reconhecimento pelos serviços prestados.

Então seus pensamentos foram interrompidos por um ruído vindo do matagal. A primeira das árvores altas estava logo à frente. Seu forte tronco tinha uma circunferência suficientemente grande para ser abraçada por cinco homens, no mínimo. Assim que sua sombra escura lançou um ar frio sobre Mara e Lujan, um círculo de sentinelas cho-ja surgiu aparentemente do nada, em silêncio, negras e nuas, salvo por sua armadura natural de quitina envernizada. Antebraços com lâminas foram virados para fora num ângulo agressivo.

Lujan conteve Mara de imediato. Seu segundo e instintivo movimento para puxá-la para trás dele o mais longe possível do perigo, e para em seguida desembainhar a espada, foi contido, assim que percebeu que estavam cercados. Aqueles cho-ja não usavam nenhum dos adereços hierárquicos humanos que seus parentes habitantes das Nações tinham adotado. Moviam-se num silêncio perturbador.

Por um momento, os dois invasores humanos e as sentinelas insetoides permaneceram imóveis. Mara foi a primeira a quebrar a imobilidade, fazendo a reverência completa que um enviado prestaria a uma delegação estrangeira.

– Viemos em paz.

As palavras foram pontuadas por um estalido uníssono quando as

sentinelas ergueram os antebraços e se colocaram em posição defensiva. Uma delas avançou meio passo, com uma expressão inescrutável. Aqueles cho-ja de Chakaha não faziam nenhum esforço para imitar as expressões humanas e, em consequência, Mara sentiu-se desconfortável. Aqueles insetoides estrangeiros poderiam atacar e retalhá-los ali mesmo; nem o olho vivo de Lujan poderia detectar qualquer sinal de quando iriam dar início à chacina.

– Viemos em paz – repetiu ela, dessa vez incapaz de evitar uma voz tremida.

Por um momento que pareceu longo demais, ninguém se mexeu. Acima do ruído de insetos na selva, Mara só detectava o zumbido agudo que escutara antes na câmara da rainha que residia em sua propriedade. Mas o som se extinguiu antes de ter certeza. Então aquele que avançara e que poderia ser considerado o Líder de Ataques falou:

– Vocês são do Império, humanos. A paz, para sua espécie, não passa de um prelúdio para a traição. São intrusos. Deem meia-volta e podem partir com vida.

Mara, tremendo, engoliu em seco.

– Lujan – disse ela num tom que esperou ter soado convincente –, solte suas armas. Mostre que não desejamos mal entregando sua espada àqueles a quem consideramos amigos.

Seu Comandante das Forças Armadas levantou o braço para obedecer, embora ela tivesse percebido pela tensão dele que não lhe agradava a ideia de abdicar da pequena segurança que lhe poderia oferecer. Mas, antes de conseguir levar a mão ao punho da arma, escutou os estalidos quando os guardas cho-ja abandonaram a posição defensiva e inclinaram o corpo para atacar.

– Toque na arma, homem, e ambos morrerão – avisou o líder.

Ao escutar aquilo, Lujan ergueu o queixo num acesso de fúria.

– Então mate-nos! – quase gritou. – Mas digo que, se o fizerem enquanto tento me render, vocês se mostrarão grandes covardes.

Com ou sem minha espada, morreremos assim que atacarem.

Nessa altura, deu uma olhada para Mara, pedindo uma autorização silenciosa.

Sua Senhora reagiu com um aceno tenso.

– Solte suas armas – insistiu. – Mostre que somos amigos. Se depois disso formos atacados, então nossa missão terá sido em vão, pois a Senhora dos Acoma, a Serva do Império, não se mistura com uma raça de assassinos.

Lenta e deliberadamente, Lujan puxou a espada. Mara olhou, suando, quando os dedos dele tocaram no punho da arma. Os cho-ja não se mexeram. Talvez, acima do ruído dos insetos, o zumbido deles estabelecesse uma comunicação com a rainha, mas Mara não teve certeza. Seus ouvidos estavam entorpecidos pelo medo e pela ruidosa batida de seu coração.

– Vou desembainhar a espada e colocá-la no chão – anunciou Lujan, com voz firme. Continuou fazendo movimentos cuidadosos, parecendo confiante, mas Mara notou gotas de suor deslizando pelo contorno do maxilar sob o elmo quando, sempre vagarosamente, ele retirou a espada da bainha, pegou a lâmina com a mão esquerda para que vissem claramente que não pretendia lutar e colocou a arma no solo, com a ponta virada para ele.

Mara notou quando os cho-ja, num movimento conjunto, apoiaram o corpo para a frente, algo que já vira antes. Num segundo, iam atacar, apesar do apelo de paz. Então, o mais alto que conseguiu, Mara imitou os sons de saudação que aprendera com a rainha de suas terras, uma pobre tentativa humana de reproduzir os cliques e estalos produzidos pelas gargantas dos cho-ja.

Os insetoides ficaram instantaneamente imóveis como estátuas, detidos uma fração de segundo antes de matá-los. No entanto, mesmo com a espada de Lujan no chão e com ele já em pé e indefeso, não pareceram relaxar. Ficaram mudos. Nem mesmo o líder do grupo falou. Em vez disso, uma forte rajada de vento

soprou, bagunçando o cabelo de Mara. Lujan observou a cena com os olhos úmidos. Por entre a abóbada da selva desceu uma forma cho-ja bastante aerodinâmica e com listras brilhantes. Era dotada de uma beleza sobrenatural que, de alguma forma, parecia perigosa, e sobre os membros harmoniosamente dobrados, seu peso aparentemente delicado estava suspenso por asas cristalinas que desencadeavam uma tempestade de vento.

Era um mago cho-ja.

Mara soltou o ar dos pulmões num prazer involuntário, mas sem emitir qualquer som. O ar ao redor dela pareceu brilhar de súbito e as formas da guarda avançada dos cho-ja se desfizeram em cores sem padrão. Os pés dela perderam o contato com o chão e Lujan sumiu de seu campo de visão. Não havia árvores, nem selva, nem céu; seus sentidos foram incapazes de detectar algo familiar, apenas um caos de luzes rodopiantes.

Recuperou a fala e soltou um grito de terror:

– O que está fazendo conosco?

Do nada ribombou uma resposta, que ecoou em sua mente.

– Inimigos que se rendem se tornam prisioneiros – explicou a VOZ.

E a mente de Mara mergulhou num grande mar de trevas.

Desafio

Mara despertou.

Sua última recordação – ar livre, uma selva verdejante e uma patrulha de sentinelas cho-ja – não se encaixava no ambiente em que se encontrava: um cômodo apertado e hexagonal sem janelas e de paredes incolores. O chão era de pedra polida e o teto, uma substância espelhada que refletia a luz do globo cho-ja que pairava sem suporte no centro.

Mara se ergueu apoiada nos cotovelos e depois nos joelhos e constatou que Lujan estava logo atrás, já acordado e nitidamente tentando controlar um interminável ataque de nervos.

– Onde estamos? – perguntou a Senhora dos Acoma. – Você sabe?

O Comandante das Forças Armadas voltou-se para encará-la, lívido, com uma raiva contida com muita dificuldade.

– Não. Pouco importa, na verdade. Só sei que fomos presos como inimigos da cidade-estado de Chakaha.

– Inimigos? – Mara aceitou a mão de Lujan para se levantar; então reparou que sua bainha estava vazia, o que em parte explicaria o porquê de tanta irritação. – Fomos trazidos aqui por magia?

Lujan afastou para trás o cabelo ensopado de suor e depois, por força do hábito, apertou a fita que prendia o elmo.

– A magia deve ter nos transportado da clareira até aqui. E é

apenas a magia que impede nossa liberdade. Olhe ao redor e irá perceber que não há porta.

Mara confirmou rapidamente. As paredes se erguiam finas e altas, sem qualquer tipo de entrada. Sem saber explicar o ar fresco existente, a Senhora deduziu que a câmara deveria ser obra de um feitiço cho-ja.

Isso a fez tremer.

Não estava mais lidando com humanos, que por natureza poderiam compreendê-la. Rígida ante o mau presságio, Mara percebeu que ela e Lujan tinham sido levados para o desconhecido, dentro da mente da colmeia. Mais do que nunca, confrontou-se com o fato incompreensível daquela espécie alienígena, cuja "memória" e "experiência" se espalhavam ao longo de milênios e cuja razão funcionava apenas em função da prosperidade e da sobrevivência coletiva. Pior ainda, ao contrário da colmeia com que ela interagira dentro das fronteiras do Império, esses cho-ja livres e estrangeiros nunca haviam sido obrigados a coexistir com a humanidade, salvo nos termos que desejassem. Não havia sequer lugar para a compreensão imperfeita que compartilhara com a rainha de quem se tornara companheira ao longo dos anos.

Lujan percebeu o desespero de sua Senhora.

– Não devemos perder todas as esperanças, minha Senhora. As criaturas que nos prenderam são civilizadas. Não devem ter propensão para matar sem motivo, caso contrário, já teríamos morrido.

Mara suspirou e não deu voz ao pensamento seguinte: se fossem julgados como inimigos, não seria pelo que tinham feito, mas sim pelas ações dos tsurani ao longo de todas as eras da história. Os registros antigos de tratados violados por traições sangrentas eram numerosos demais para serem contados; só durante a vida de Mara os dogmas do Jogo do Conselho muitas vezes haviam levado filhos a matar pais e membros de clãs a derrubar membros de clãs. Até as

mãos dela estavam longe de poderem ser consideradas limpas. O ritual suicida de seu primeiro marido fora manipulado por ela; portanto, se a mente da colmeia a avaliasse por seus atos, detectaria contradições em abundância – entre as quais os votos de casamento e o ódio nutrido em seu coração ao irmão de Jiro; e sua traição a Kevin, o bárbaro que amara, enviado embora contra sua vontade, sem saber que ela carregava no ventre seu filho.

Ocorreu-lhe, ao morder o lábio para conter as lágrimas geradas pela vergonha, que os cho-ja não aprendiam com enganos, pois todos os erros cometidos por seus antepassados estavam presentes na memória viva da espécie. Era uma raça cujo passado não se dissipava. O perdão, para eles, não era uma fonte sempre renovável, como o era para a humanidade – eles podiam guardar ressentimentos ao longo de milênios.

– Lujan? – O eco da voz de Mara naquele espaço apertado souo atormentado pelo medo. – Seja qual for o fim que nos esteja reservado, temos de encontrar uma forma de nos fazermos ouvir!

O Comandante das Forças Armadas andava de um lado para outro, frustrado.

– O que nos resta fazer, Senhora, além de bater nestas paredes com os punhos?

Mara percebeu o desespero que ele tentou disfarçar por trás da piada e toda aquela perturbação a fez pensar; desde que haviam abandonado o *Coalteca*, as habilidades bélicas de Lujan de nada lhe valeram. Não tinha nenhum exército para comandar. No dia em que os thuril surgiram na trilha, ela o proibira de defendê-la. Em Loso, fora alvo de insultos que, ao invés de serem suportados, deveriam ter sido vingados com derramamento de sangue. Ele fora humilhado ao ser conduzido de mãos atadas como um escravo, contra tudo o que lhe fora incutido desde que nascera. Ali, como um peixe fora d'água, separado de seus companheiros guerreiros, deve ter achado as circunstâncias incompreensivelmente sombrias. Lujan tinha senso

de humor, inteligência e coragem, mas não compartilhava com Arakasi o fascínio pelo desconhecido. Tomando consciência das exigências que impusera ao espírito leal de seu Comandante das Forças Armadas, Mara tocou em seu braço.

– Seja paciente, Lujan, pois ou estamos próximos de nosso fim, ou nosso objetivo está ao nosso alcance.

Percebendo o que se passava na mente de sua Senhora, Lujan respondeu:

– Sinto-me um inútil, minha Senhora. Teria sido melhor ter trazido Arakasi ou ter mantido Saric a seu lado.

Mara tentou ser engraçada ao responder:

– O quê? Aguentar as perguntas de Saric, mesmo quando os deuses pedem silêncio? E Arakasi? Lujan, acha que ele teria aguentado ver Kamlio ser levada embora sem atirar facas na cara dos homens armados? A não ser, é claro, que ela o tivesse amarrado no *Coalteca* antes de avistarmos esta terra. Não, acho que não gostaria de ter Arakasi ou Saric aqui comigo agora. Os deuses agem segundo suas vontades. Tenho de crer que o destino trouxe você para cá por alguma razão.

A última frase foi proferida com uma convicção fingida. Na verdade, Mara só tivera maus presságios. De qualquer modo, seu esforço conseguiu arrancar um sorriso sutil do oficial. Os dedos dele pararam de tamborilar na batinha vazia.

– Senhora – arriscou, sarcástico –, rezemos para que a razão esteja do seu lado.

O tédio cresceu ao longo das horas, sem poderem ver a luz diurna para saber se era dia ou noite e sem interrupções ou sons para quebrar a monotonia. Lujan andou para lá e para cá no cômodo minúsculo enquanto Mara, sentada, tentava meditar, algo que não conseguiu. Os pensamentos tranquilos lhe escapavam, retorcendo-se, repetidamente, em direção às saudades que sentia dos filhos e do marido. Inquietou-se, com medo de nunca mais ter a

oportunidade de fazer as pazes com Hokanu. Foi corroída por preocupações irracionais: se não conseguisse voltar para casa, ele se casaria e teria outros filhos, e a pequena Kasuma poderia nunca herdar o legado que lhe pertencia; Justin poderia ser morto antes de se tornar adulto, dando fim à linhagem dos Acoma; Jiro, com o apoio da Assembleia, derrubaria a nova ordem de Ichindar e o trono dourado do Imperador passaria a ser um assento para um escravo das cerimônias religiosas; o posto de Senhor da Guerra seria restaurado e o Jogo do Conselho, retomado com todas as suas rixas mortais e consequentes banhos de sangue; por fim, os cho-ja das Nações permaneceriam para sempre presos à subserviência devido a um tratado injusto.

Mara abriu subitamente os olhos. Um pensamento lhe veio à mente e seu coração disparou. Aqueles cho-ja poderiam não ajudar um tsurani, seu inimigo mortal, mas será que virariam as costas a seus companheiros aprisionados no Império? Teria de fazê-los compreender que ela, como única adversária da Assembleia com cargo e influência para enfrentá-la, oferecia aos cho-ja de Tsuranuanni a primeira esperança de mudança.

– Temos de descobrir uma forma de sermos ouvidos! – murmurou Mara enquanto Lujan ia de um lado para outro.

Mais horas se passaram e a fome começou a perturbá-los, juntamente com a urgência de satisfazer as necessidades básicas havia muito contidas. Quanto a este último ponto, Lujan teceu um comentário sarcástico:

– Nossos captores poderiam pelo menos ter colocado uma latrina em nossa cela. Se não me derem escolha, terei de envergonhar minha educação e esvaziar a bexiga no chão.

No entanto, antes de a crise chegar a seu limite, um clarão intenso de luz branca atingiu os olhos da Senhora e de seu oficial. Piscando devido à cegueira temporária, Mara percebeu que as paredes que os prendiam aparentemente tinham se dissolvido. Não

passou por nenhum momento de desorientação nem escutou qualquer ruído, todavia, qualquer que tenha sido o feitiço, viu-se livre. Sua prisão não passava de uma ilusão elaborada, concluiu.

A luz do dia se derramou através de uma cúpula alta e transparente pintada em um suave tom de roxo. Ela e Lujan permaneceram no centro do chão desenhado, com piso de vidro ou de pedras preciosas e composto com uma mestria de tirar o fôlego. Os mosaicos que Mara vira no salão do Imperador de Tsuranuanni pareciam tão toscos quanto o rabisco de uma criança em comparação com os que via agora. A beleza a deixou estupefata, mas logo sua atenção se voltou para uma fila dupla de guerreiros cho-ja que a incitou a avançar.

Desesperada, olhou em volta à procura de Lujan. Ele não estava com ela! Ficara hipnotizada com o chão e não percebera se ele tinha sido levado embora. Outro empurrão da escolta a fez avançar em meio a tropeções. Na frente da coluna de guerreiros, viu um cho-ja com inscrições amarelas no tórax. Pelas ferramentas penduradas na sacola que levava no cinto, parecia ser um escriba; seguia nos calcanhares de outra figura extremamente alta que arrastava atrás de si o que de início pareceu a Mara uma espécie de manto feito de gaze. Após uma inspeção mais atenta, percebeu serem asas, dobradas em diversas camadas como a cauda de um vestido feminino. Deslizavam com um leve sussurro sobre o chão polido, lançando faíscas de luz que dançavam e morriam no ar. Pela palpável sensação de poder que a deixou arrepiada, Mara percebeu que aquele era um mago cho-ja.

O espanto deteve suas palavras. A criatura era altíssima. Com membros esguios que pareciam varas, movia-se com uma graciosidade que lembrava as descrições feitas por Kevin, muito tempo atrás, dos elfos que habitavam Midkemia. Mas aquele ser alienígena era dotado de algo mais do que beleza. A cabeça lisa e larga era coroada com antenas que ocasionalmente brilhavam. As

pinças dianteiras tinham anéis de metal precioso, prata, cobre e ouro. Aquilo que de longe parecera um conjunto de listras era na verdade um labirinto intricado de linhas finas que quase pareceram ter um significado, como as runas de um templo ou um texto incompreensível à percepção humana.

A curiosidade venceu o medo, de modo que apenas a incerteza quanto a seu destino a manteve em silêncio. Sobre seus ombros estava o destino do Império e sentiu o peso da responsabilidade, como antes sentiram seus antecessores nomeados Servos do Império por antigos imperadores.

Foi empurrada por uma passagem e por uma porta exterior que dava para uma passarela com uma altura estonteante. A estrutura cruzava um arco entre dois pináculos, proporcionando uma vista espetacular da cidade de vidro, da selva à sua volta e dos picos das cordilheiras que circundavam o vale. Mara viu mais magos cho-ja voando sobre as torres da cidade antes de sua escolta de guerreiros se apressar e seguir em frente. Incitaram-na a passar pela passarela, que não tinha grades, mas sim uma superfície de uma matéria viscosa, cuja finalidade era prender os pés. A entrada com pilares na extremidade dava para uma câmara ampla e abobadada.

Ali havia mais cho-ja agachados num semicírculo, todos com inscrições semelhantes às daquele que ela julgara ser um escriba. As cores exibidas eram enigmáticas, habituada como estava ao preto sem adornos das criaturas de sua terra. Foi conduzida ao centro da assembleia e ali o mago alto girou e fixou os olhos nela.

– Humana tsurani, quem é você?

Mara inspirou profundamente.

– Sou Mara, Senhora dos Acoma e Serva do Império. Procurei-os para suplicar...

– Humana tsurani – interrompeu o mago com uma voz poderosa –, estes que estão diante de você são os juízes que já a condenaram. Você não foi trazida aqui para suplicar, pois seu destino

já está decidido.

Mara ficou muito tensa, como se tivesse sido atingida por um golpe.

– Condenada? Por qual crime?

– O crime de sua natureza. Por ser o que é. Os atos de seus antepassados foram seu testemunho.

– Devo morrer pelo que meus antepassados fizeram eras atrás?

O mago cho-ja ignorou a pergunta:

– Antes de sua sentença ser lida, e por consideração a Tsuranuanni, o lar-colmeia-humano onde nasceu, diz nossa tradição que lhe deve ser concedido o direito de deixar um testemunho, para que sua espécie não seja privada de qualquer sabedoria que você decida transmitir. Você terá até o anoitecer para falar. Nossos escribas irão registrar o que disser e os escritos serão enviados para sua colmeia-lar pelas mãos de mercadores thuril.

Mara observou as feições enfeitadas do mago cho-ja e a raiva a dominou. Assim como Lujan, precisava desesperadamente satisfazer suas necessidades básicas. Não era capaz de raciocinar com a bexiga cheia e não podia aceitar aquilo que o breve discurso do mago deixara implícito: que não passava de um membro de uma colmeia e que a ausência permanente dela não traria mais consequências do que conhecimento obtido ou perdido.

As profundezas cor de rubi do olhar do mago não mostraram piedade. Seria inútil argumentar, percebeu. A força de vontade que usou para se impor na audiência com o Conselho thuril de nada lhe valeria ali. Humilhada pela sensação de que aquela civilização fazia as conquistas de seu Império parecerem menos importantes do que o esforço de um bebê humano para se orientar numa caixa de areia, reprimiu o desejo de gritar de frustração diante de seu destino.

Aos olhos daqueles seres, não passava de uma criança: uma criança perigosa e assassina, mas ainda assim uma criança. Então muito bem, iria satisfazer a curiosidade que a atormentava! Talvez

lhe servisse para se inspirar. Pressionada por um fervor impulsivo, Mara pôs de lado as preocupações com sua família e sua terra e cedeu aos instintos de uma criança.

– Não tenho grande legado de sabedoria – anunciou em tom ousado. – Em vez de passar conhecimento, prefiro questionar: na terra onde nasci, perdura um tratado que mantém a nação cho-ja cativa. Em minha terra, foi declarado proibido abordar o assunto ou transmitir conhecimentos sobre a guerra que o originou. Se a memória dessa grande batalha e os termos do acordo de paz ainda são lembrados em Chakaha, gostaria de ser informada sobre esses acontecimentos. Peço para saber a verdade do passado que me condenou.

Um zumbido de murmúrios invadiu o tribunal; tanta gente sibilando gerou uma cacofonia que enervou Mara. Os guardas cho-ja se agacharam atrás dela, numa imobilidade que indicava que poderiam permanecer naquela posição até o fim dos tempos. O escriba que estava ao lado do mago se contorceu e depois mudou de posição, como se não soubesse bem o que fazer. O próprio mago não se mexeu até que, de repente, ergueu as asas. Dobras de gaze se abriram com um silvo de ar tempestuoso e se retesaram com um estalo, silenciando a câmara no mesmo instante. Mara ficou olhado atordoada. Reparou que as asas de alguma forma estavam unidas aos membros anteriores e posteriores da criatura, como se fosse uma teia, embora fossem enormes como velas. Os membros dianteiros tinham diversas articulações e se estenderam bem acima da cabeça da criatura até quase tocarem o teto da cúpula.

O mago se voltou sobre as patas semelhantes a varas. Seu olhar enfurecido varreu o tribunal paralisado e, quando deu a volta completa, olhou de novo, furioso, para Mara.

– Você! Que ser curioso – comentou.

Mara curvou-se, apesar de sentir os joelhos prestes a ceder.

– Sim, Grande.

O mago cho-ja silvou de forma aguda exalando o ar.

– Não me atribua o título que sua gente dá àqueles traiçoeiros, a sua Assembleia.

– Então, que seja, Senhor – replicou Mara. – Ofereço meu mais humilde respeito, pois também eu sou vítima da opressão da Assembleia.

Diante daquelas palavras, um alvoroço se espalhou entre os presentes, mas logo tudo se acalmou. O olhar furioso do mago pareceu perfurar a pele de Mara e tocar seus pensamentos. Assolada por uma sensação de violação e atormentada por uma espécie de febre, ou de dor pelo contato com fogo, retraiu-se e reprimiu um grito. Depois, aquela sensação desapareceu, restando apenas uma tontura. Esforçou-se para se equilibrar e não cair. Assim que Mara se restabeleceu, o mago cho-ja se dirigiu de pronto ao tribunal:

– Ela fala a verdade. – Sua voz adquirira um tom musical, talvez em função da surpresa. – Esta tsurani não tem conhecimento do que foi feito por seus antepassados. Como isso é possível?

Mara recolheu o que lhe restava de dignidade e respondeu:

– Porque minha espécie não tem uma mente para toda a colmeia, nem memória coletiva. Conhecemos apenas aquilo que vivemos, ou que nos é ensinado por outros, dentro do limite de nossas vidas. As bibliotecas preservam nossa história, e isso não passa de meros registros, sujeitos ao desgaste do tempo e às limitações impostas pelas facções que definem seus conteúdos. Nossas memórias são imperfeitas. Não temos...

Entoou então o conjunto de estalos que a rainha de suas terras usava para nomear a consciência da colmeia.

– Silêncio, tsurani! – O mago recolheu suas grandes asas, com um sopro de correntes de ar e uma centelha de luz vinosa de uma fonte invisível. – Não somos crianças. Os humanos não têm mente de colmeia, isso nós já sabemos. O conceito é estranho, algo que não se encaixa em nosso modo de pensar. Sabemos que vocês

recorrem às bibliotecas e a professores para passar conhecimento às suas nações-colmeias ao longo das gerações.

Mara aproveitou o que lhe pareceu ser um momento de neutralidade.

– Alguém de sua espécie me disse no passado que a mente da colmeia dos cho-ja permanece com suas rainhas. O que uma rainha sabe, todos vivem. Mas eu pergunto: o que acontece se uma rainha morrer sem sucessora? O que acontece a seus trabalhadores e a seus machos, e a todos os indivíduos que compõem a sociedade da colmeia?

O mago estalou as mandíbulas.

– Os súditos dela não têm mente – reconheceu. – Se um infortúnio causar a morte da rainha, suas rirari, isto é, as assistentes escolhidas para reprodução, decapitarão sem piedade os sobreviventes, pois, sem mente, irão vagar sem rumo e morrer.

Declarou isso sem sentimento de culpa, de modo que seu conceito de assassinato se revelou bem diferente do de um humano.

– Então não procurariam comida nem seriam capazes de se sustentar para viver – concluiu audaciosamente Mara.

– Não seriam capazes. – Viu-se um reflexo metálico quando o mago fez um pequeno gesto com um membro dianteiro. – Eles não têm outro objetivo na vida além da colmeia. Eu não sou diferente. É a rainha que me gerou quem me orienta. Sou seus olhos, suas mãos e seus ouvidos, por assim dizer. Sou o instrumento dela, assim como este tribunal é seu modo de julgar. Parte de mim é consciente e posso agir com independência se for para o benefício da colmeia, mas tudo o que sou e tudo o que sei permanecerão com a colmeia quando este corpo deixar de funcionar.

– Bem, reconheço que os humanos não são iguais aos cho-ja. Assim como suas rainhas, cada um de nós tem sua mente, um propósito e a própria vontade de sobreviver. Mate nossos Governantes e Senhores e cada um de nós seguirá com a própria

vida. Deixe uma criança viva, ou mesmo um homem, e este viverá seus dias de acordo com a própria vontade.

O mago cho-ja pareceu confuso.

– Durante gerações achamos que a colmeia dos tsurani era louca; se deve responder a esse enxame de milhões de mentes, entendemos finalmente o porquê!

– Isso se chama individualidade – disse Mara. – Pouco tenho de importante para oferecer à nação tsurani enquanto indivíduo. Em vez disso, reitero meu pedido para conhecer os fatos passados que levaram seu tribunal a me condenar sem me ouvir.

A criatura que se parecia com um escriba ao lado do mago observou Mara e pela primeira vez resolveu falar:

– O relato pode durar até o anoitecer, que é todo o tempo que você tem.

– Então, que assim seja – disse Mara, já mais segura de si agora que lhe fora permitido pelo menos iniciar uma conversa com aqueles estranhos cho-ja.

Suas necessidades fisiológicas negligenciadas e o tempo que ainda teria de suportar para satisfazê-las pareceram uma preocupação mais imediata. Mas os cho-ja, afinal de contas, não eram completamente insensíveis. Então o escriba do mago voltou a falar:

– Seu desejo será satisfeito, assim como todos os confortos que vier a requerer para se sentir confortável até o pôr do sol.

Mara inclinou a cabeça em sinal de agradecimento e depois fez uma reverência. Quando se endireitou, o mago cho-ja já tinha partido, sem fazer barulho, sem cerimônia, como se tivesse se dissolvido no ar. O cho-ja que parecia um escriba permaneceu ali, orientando um fluxo de trabalhadores destacados para atender às necessidades de Mara.

Mais tarde, já mais calma e saciada com uma generosa bandeja de frutas, pão e queijos, Mara se acomodou em belas almofadas

enquanto, ainda perante o tribunal, dispunha da ajuda de um orador cho-ja cuja tarefa era preencher as lacunas na história do Império que eram proibidas dentro das fronteiras das Nações.

Sem ter de se preocupar com desconforto, Mara indicou através de um gesto ao orador cho-ja que iniciasse seu relato. Enquanto a tarde espalhava sombras arroxeadas através das janelas e o céu sobre a cúpula de cristal escurecia em direção ao sol poente, ela escutou um relato de grande sofrimento, de colmeias incendiadas por horríveis e crepitantes relâmpagos de magia e de milhares e milhares de cho-ja impiedosamente decapitados pelas *rirari* após suas rainhas terem sido abatidas.

Escutou o relato dessas atrocidades e de outras referentes a ovos furtados e a magos cho-ja sujeitos a inúteis torturas. Naquela época, os cho-ja não estavam bem preparados para a realidade de uma guerra executada por meios arcanos. Dispunham de magia para erguer maravilhas, magia para decorar a natureza com a beleza da inteligência artificial e magia para criar sorte e um clima adorável. Com artes tão pacíficas, os magos insetoides mantiveram a sabedoria acumulada por séculos. O mais velho dentre eles tinha uma carapaça com espirais pontilhada com os modelos de um milhão de feitiços.

Então Mara finalmente se atreveu a interromper:

– Quer dizer que as inscrições em seus magos são símbolos de experiência?

O orador assentiu.

– É verdade, Senhora. Ao longo do tempo se tornaram assim. Cada feitiço que executam fica inscrito nas cores que revestem o corpo e, quanto mais poderosos, mais complexas são as inscrições.

O orador prosseguiu para enfatizar que os magos cho-ja da época da Ponte Dourada não dispunham de feitiços para violência bélica. Eram capazes de lançar encantamentos benéficos para proteção, mas não estavam à altura da magia agressiva da

Assembleia. O tratado que oprimia os cho-ja das Nações fora imposto pela Assembleia e aceito pelos cho-ja porque só assim estaria assegurada a sobrevivência daquele povo.

– Os termos são duros – concluiu o orador num tom que poderia ser de pesar. – Não é possível o nascimento de magos em Tsuranuanni. Lá, os cho-ja estão proibidos de exhibir suas inscrições que mostram a idade ou o cargo; ao contrário, são obrigados a permanecer com a pele negra lisa até na idade adulta, como seus escravos tsurani humanos, que apenas podem usar trajes cinzentos. Não é permitido o comércio com cho-ja fora de suas fronteiras, sendo estritamente proibida a troca de informações, notícias ou sabedoria relativa a magia.

Após uma pausa, prosseguiu:

– Nós suspeitamos, se não for essa a triste verdade, que as rainhas que vivem em suas Nações foram obrigadas a eliminar da memória coletiva todos os registros e meios para executar magia cho-ja. Mesmo que todos os tsurani perecessem e o decreto da Assembleia se tornasse obsoleto, duvidamos que uma rainha criada no Império ainda fosse capaz de gerar ovos para criar um mago. Foi assim que as cidades cho-ja erguidas sob o céu caíram no esquecimento, reduzidas, por decreto humano, a colônias subterrâneas úmidas. Nossos altivos irmãos foram obrigados a se tornar escavadores subterrâneos. A arte de tecer feitiços foi irremediavelmente perdida.

A essa hora, o céu sobre o arco já havia escurecido, mostrando o fim do crepúsculo. O tribunal, que até então se mantivera sentado numa imobilidade perfeita, levantou-se, enquanto o orador, obedecendo a um sinal não proferido, silenciou. Uma sentinela cho-ja posicionada atrás de Mara incitou-a a se levantar das almofadas e o escriba do mago inclinou a cabeça na direção dela de um modo que sugeriu mágoa.

– Senhora, seu tempo para o último testemunho se esgotou e

chegou o momento de sua sentença. Se tem um último legado, está na hora de anunciá-lo.

– Último legado? – O vinho e as frutas doces tinham suavizado a apreensão de Mara e a familiaridade compartilhada com o orador durante a tarde lhe dera coragem. – O que você quer dizer com isso?

O escriba do mago se remexeu e depois ficou completamente imóvel. Foi o mais alto dos membros do tribunal cho-ja quem respondeu:

– Sua sentença de que será executada amanhã ao alvorecer, Senhora Mara de Tsuranuanni, será formalmente lida após ter dado seu testemunho.

– Executada! – Um choque de adrenalina e medo levou Mara a endireitar os ombros; a ira iluminou seus olhos e ela deixou de lado qualquer protocolo: – Que espécie de povo bárbaro vocês são para condenarem um emissário desconhecido?

Os membros do tribunal se mexeram e o sentinela cho-já se inclinou para a frente com uma postura agressiva.

Mara estava completamente assustada e nem reparou nele. Em vez disso, continuou:

– Foi uma rainha de sua espécie que me enviou aqui para negociar com vocês. Ela tem esperança de ajudar os cho-ja que se tornaram um povo aprisionado dentro das fronteiras do Império e viu em mim a oportunidade de corrigir os crimes humanos do passado. Vão me executar assim, sendo eu o único adversário da Assembleia e tendo vindo aqui solicitar ajuda contra a tirania deles?

O tribunal fitou-a com conjuntos idênticos de olhos duros como pedras preciosas, imóveis.

– Senhora – retiniu o porta-voz –, anuncie seu último legado, se tiver.

Mara fechou os olhos. Todos os seus esforços acabariam ali, assim como sua vida? Fora Serva do Império, esposa de um

conceituado Senhor, Governante dos Acoma e conselheira do Império para agora morrer, em vergonha, ali em território estrangeiro? Reprimiu um tremor violento e deteve as mãos, que ansiavam por limpar o suor que escorria na testa devido ao pavor. Naquele momento, nada mais lhe restava além da dignidade de seu povo. Já não acreditava na própria honra, depois de ouvir o que seus antepassados haviam feito nos campos de batalha contra uma civilização pacífica. E, assim sendo, sua voz soou estranhamente calma quando tomou a palavra:

– Aqui está meu último legado: fiquem com isto. – Pegou o símbolo mágico que Gittania lhe dera e que deveria ter sido seu testemunho inicial diante daqueles estrangeiros hostis. E obrigou-se a insistir: – Peguem este registro e o incorporem à memória da colmeia juntamente com os detalhes sobre minha *execução*, para que todos de sua espécie que hão de nascer possam se lembrar de que a humanidade não é a única a praticar atrocidades. Se meu esposo e meus filhos... ou melhor, se minha família, que é minha colmeia, precisa me perder como retribuição pelo tratado da Assembleia, então pelo menos as intenções de meu coração devem sobreviver na mente da colmeia de meus assassinos.

Um zumbido ruidoso acompanhou sua declaração, então ela se rendeu a uma determinação temerária e fria:

– Eis meu último legado! Tratem de honrá-lo como meu desejo às portas da morte, ou que os deuses amaldiçoem sua espécie até o fim de seus dias por cometerem injustiças idênticas às que condenam em meu povo!

– Silêncio!

A ordem abalou a câmara, reverberando na cúpula de cristal com força suficiente para ensurdecer. Encolhendo-se devido à intensidade do som, Mara levou um segundo para perceber que a ordem não viera do tribunal, mas sim de um mago cho-ja que se materializara, do nada, no centro da câmara. Suas asas estavam completamente

abertas e as inscrições eram suficientemente complexas para atordoar quem as fitasse. Aproximou-se de Mara com passadas imponentes, mirando-a com seus olhos turquesa tão frios quanto o gelo que forrava as montanhas longínquas. Quando se deteve diante da Senhora, exibiu uma postura ameaçadora.

– Entregue-me o símbolo – exigiu.

Mara entregou o objeto, certa de que não poderia ter agido de outra forma, mesmo se tivesse a intenção de resistir. No tom de voz daquele cho-ja pôde sentir o poder da magia, o que lhe causou um arrepio.

O mago cho-ja pegou o símbolo quase sem encostar nele. Com uma súplica pronta que não conseguiu transmitir, Mara se assustou com um brilho ofuscante. A luz a envolveu, tão densa que a sufocou, e quando recuperou os sentidos após o choque do feitiço a câmara abobadada do tribunal desaparecera, varrida dali como se nunca tivesse existido. Viu-se de novo na cela hexagonal, sem janelas nem portas, como antes, mas agora o chão de pedra estava cheio de almofadas coloridas e um par de esteiras de dormir de estilo tsurani. Na que estava mais próxima, Lujan se aninhara com a cabeça sobre as mãos e um semblante de total desespero. Assim que sua Senhora apareceu, ficou de pé e fez uma mesura típica de guerreiro. Sua postura pode ter se revelado imaculada, mas o desespero permaneceu estampado em seus olhos.

– Soube o que vão fazer com a gente? – perguntou a Mara, num tom marcado pela raiva.

A Senhora suspirou, desanimada demais para falar e sem querer acreditar que percorrera toda aquela distância para ser sumariamente condenada a um destino injusto.

– Perguntaram qual era seu último legado antes de anunciarem a sentença? – perguntou Lujan a Mara.

Ela, entorpecida, assentiu. Então, entre o desespero e a dor, pensou num detalhe que lhe deu algum conforto: os cho-ja de

Chakaha não haviam lido sua sentença. De alguma forma, o símbolo e a agitação gerada pelo reaparecimento do mago cho-ja interromperam os procedimentos formais. Não querendo alimentar esperanças por conta daquele pequeno detalhe, Mara conversou com Lujan:

– O que pediu como seu último legado?

Lujan respondeu com um sorriso irônico. Como se nada houvesse de errado, estendeu a mão a Mara e a ajudou a se instalar num assento mais confortável entre as almofadas.

– Não pedi nada – reconheceu. – Exigi. Como direito de um guerreiro quando condenado por crimes cometidos por seu Senhor, exigi a morte em um combate a dois.

Mara ergueu as sobrancelhas, taciturna demais para se divertir, mas logo compreendendo as implicações de tudo aquilo. O direito à morte em combate era uma tradição tsurani! Por que razão os cho-ja de Chakaha honrariam tal tradição?

– O tribunal que o julgou atendeu a esse pedido?

O sorriso retorcido e irônico de Lujan foi a resposta antes mesmo de ele abrir a boca:

– Pelo menos terei a oportunidade de retalhar quitina antes de me cortarem a cabeça.

Mara conteve um inoportuno ataque de risos histéricos causado pela segurança dele.

– Quem os cho-ja de Chakaha escolheram como campeão?

Lujan deu de ombros.

– E isso interessa? Os guerreiros deles parecem todos iguais e a mente da colmeia certamente assegura que tenham as mesmas capacidades. A única satisfação que eu posso vir a ter é a de ser despedaçado lutando antes que o carrasco deles tenha a oportunidade de me cortar o pescoço. – Soltou uma gargalhada amarga. – No passado, teria considerado tal morte a seu serviço como uma honra de guerreiro. E a *paeen* que saudaria minha

entrada nos salões de Turakamu teria sido a única recompensa que desejaria.

Calou-se, parecendo envolvido em pensamentos profundos.

Mara se arriscou a concluir a frase por ele:

– Mas seu conceito de honra se alterou. Agora, a morte de um guerreiro parece algo sem sentido diante das oportunidades que a vida oferece.

Lujan brindou sua Senhora com um olhar atormentado.

– Sim, é isso mesmo. Kevin de Zun me abriu os olhos tanto para princípios quanto para a vontade que não se encaixam no modo de vida dos tsurani. Vi como você se atreveu a desafiar o curso de toda a nossa cultura como nenhum Governante masculino poderia ter feito, temendo ser ridicularizado por seus pares. Estamos mudados, Senhora, e, conosco, o Império está quase mudando também. – Olhou em volta, parecendo saborear o que ainda lhe restava de vida. – Não me importo com minha vida; quem eu tenho para chorar por mim não me seguirá em breve na trilha da morte pelo nosso fracasso? – Balançou a cabeça. – É a frustração de desperdiçar a oportunidade de, de algum modo... depois de tudo o que conquistamos, todos estes conhecimentos morrerem conosco.

Mara falou de imediato para disfarçar o próprio medo:

– Caberá a Hokanu, e a nossos filhos, prosseguir depois de nós. Eles de algum modo redescobrirão o que já sabemos e uma forma de agir sem esbarrar nesta armadilha cho-ja. – Soltou um longo suspiro antes de fitar seu velho companheiro. – Meu maior arrependimento, por mais estranho que possa parecer, é como esposa e como mulher.

Deixou escapar um longo suspiro antes de retomar a palavra:

– Lamento profundamente não poder voltar para fazer as pazes com Hokanu. Ele sempre foi uma alma sensível e racional; algo importante deve ter acontecido para que ele agisse como agiu em relação a Kasuma. Acho que não fui justa ao condená-lo, acusando-o

de um preconceito que sua maneira de ser não permitiria. Agora é tarde demais. Vou morrer sem saber a resposta que poderia ter consertado tudo entre nós. Pois por que Hokanu agiria de modo tão melindrado ao saber que seu primogênito era uma filha, quando eu poderia lhe dar outro filho?

O olhar dela procurou o auxílio de Lujan.

– Comandante das Forças Armadas, você é um homem que compreende bem os jogos entre sexos, ou pelo menos foi isso que me chegou aos ouvidos através dos mexericos da cozinha. Os moços da cozinha nunca se cansam de enumerar as criadas e as mulheres do Boa Vida que anseiam por sua companhia. – Brindou-o com um sorriso enviesado. – Na verdade, a julgar pelo que dizem, há multidões dessas mulheres. Como um esposo tão sábio quanto Hokanu poderia não ficar satisfeito com o nascimento de uma filha saudável e pura?

Lujan ficou mais calmo, quase a ponto de sentir pena dela.

– Senhora, Hokanu nunca lhe contou?

– Contou o quê? – Mara, ríspida, exigiu saber. – Eu estava zangada com meu esposo, mal nos falávamos. Acreditei tão piamente que o comportamento dele era errado que o afastei de mim. Mas agora me arrependo de meu coração duro. Talvez Kamlio tenha me ensinado a ouvir com mais atenção. Pois, tal como estes cho-ja que vivem no território thuril, condenei meu esposo sem me dignar lhe dar ouvidos.

Lujan a fitou por um momento. Depois, parecendo ter tomado uma decisão, ajoelhou-se diante dela.

– Que os deuses me perdoem – murmurou baixinho –, pois não tenho o direito de violar um segredo entre um Senhor e sua esposa. Mas amanhã iremos morrer e sempre fui um fiel servidor. Senhora Mara, não permitirei que abandone esta vida sem que compreenda o que ocorreu. Hokanu foi atormentado pela dor, mas nunca revelaria sua causa, mesmo que tivesse voltado e implorado para saber. Mas

eu conheço a dor que o afligiu. Eu estava no quarto quando o curandeiro de Hantukama informou a seu esposo aquilo que ele, em sua bondade, jurou nunca lhe revelar: depois do envenenamento executado pela seita que custou a vida de seu bebê, a senhora só poderia conceber mais uma criança. Kasuma é sua última filha. Hokanu manteve segredo porque quis que a Senhora conservasse a esperança de uma nova gravidez. A filha é uma alegria para ele, nunca duvide disso, e a herdeira designada para o manto dos Shinzawai. Mas ele sabe, e isso o entristece, que a Senhora nunca o presenteará com o filho por que tanto ansiou.

Mara sentou-se, estupefata. Sua voz saiu muito fraca:

– Estou estéril? E ele sabia?

A amplitude da determinação corajosa de Hokanu a perfurou com tanta força quanto o mais afiado dos espinhos. Ele fora criado sem mãe e seu pai genuíno fora levado pela Assembleia de Magos independentemente de sua vontade. Todo o mundo de Hokanu fora marcado pela camaradagem masculina, com seu tio, que se tornara seu pai adotivo, e com seu primo, que se tornara seu irmão. Ali estava a raiz de seu desejo ardente de ter um menino. Mas era também um homem de uma sensibilidade rara e que apreciava a companhia de mentes inteligentes; enquanto outro Senhor com menos coração teria tomado cortesãs como um direito divino, Hokanu a amara por seu caráter.

O desejo dele de igualdade no companheirismo se traduzira em um casamento com uma mulher com quem poderia partilhar suas ideias mais elaboradas. Desprezava a ideia de ter concubinas, ou a companhia de mulheres do Boa Vida e os prazeres que poderia encontrar com cortesãs compradas, como Kamlio. Agora Mara compreendia que fora colocado diante de uma escolha abominável: levar outra mulher para sua cama, sem que esta tivesse para ele qualquer significado além da capacidade de conceber e dar à luz, ou seguir sua vida sem um filho – renunciando à fraternidade que

compartilhara com seu pai adotivo, com seu irmão e com Justin, que devolvera a Mara em prol da continuidade dos Acoma.

– Ó deuses – Mara quase chorou –, como fui cruel!

Lujan logo se pôs a seu lado, com seu braço forte amparando o ombro dela. Mara deixou-se cair na direção dele.

– Senhora, dentre todas as mulheres, não há nenhuma mais sensível do que você – murmurou em seu ouvido. – Hokanu compreende sua reação.

Lujan a segurou como o faria um irmão, num ato puro de companheirismo, enquanto ela repassava todos os detalhes até chegar à conclusão tão dolorosa quanto esperançosa de que, se ali morresse, seu amado Hokanu teria Kasuma como herdeira e a liberdade de escolher outra esposa para lhe dar o filho por que tanto ansiava. Mara se agarrou a esse pensamento. Por fim, para escapar das próprias dores, perguntou:

– E você, Lujan? Certamente não parte desta vida sem arrependimentos, não é?

Os dedos de Lujan afagaram seu ombro com uma ternura rude.

– Tenho um.

Mara virou a cabeça e viu que ele parecia estudar os padrões tecidos nas almofadas. Não o pressionou a desabafar sua confiança e, após um momento, ele deu de ombros desajeitadamente.

– Senhora, é estranho o modo como a vida nos mostra suas loucuras. Sempre apreciei os favores das mulheres, mas nunca senti o desejo de me casar e de me contentar com uma. – Lujan, conscientemente, fixou os olhos nela, estranhamente livre da vergonha devido ao fato de ter de enfrentar o fim de sua vida e de seus sonhos ao amanhecer. A proximidade do ajuste de contas com Turakamu deu a ambos o conforto da honestidade. – Sempre disse a mim mesmo que minha vida errante resultava da admiração que nutri pela senhora.

Então os olhos dele cintilaram na direção dela em genuína adoração. Depois concluiu:

– Senhora, há muito em você para um homem apreciar e uma tenacidade que faz com que as outras mulheres pareçam... ter menos significado ou importância. – Fez um gesto tenso de frustração diante daquelas palavras inadequadas. – Senhora, nossa viagem até Thuril me ensinou a me conhecer muito bem, penso, para meu descanso.

Mara ergueu as sobrancelhas.

– Lujan, você nunca foi nada menos do que um guerreiro exemplar. Keyoke venceu sua desconfiança em relação a guerreiros cinzentos para escolhê-lo como sucessor no cargo de Comandante em detrimento de outros. Nesses últimos anos, creio que conquistou um lugar no coração dele ao lado do lugar de Papewaio.

– Isso é que é uma homenagem. – Os lábios de Lujan se esticaram num sorriso e depois se franziram. – Mas não tenho sido propriamente sincero comigo mesmo, agora que meu espírito está prestes a fazer seu ajuste de contas. Lamento por até esta noite nunca ter encontrado uma mulher com quem compartilhar meu coração e meu lar.

Mara observou a cabeça inclinada do Comandante das Forças Armadas.

– O que o impediu de iniciar uma família e ter filhos? – perguntou muito gentilmente, reconhecendo que de certa maneira Lujan desejava libertar-se de um fardo.

– Vivi mais do que meu Senhor, o Senhor dos Tuscai – admitiu com um aperto na garganta. – É impossível descrever o infortúnio de um guerreiro cinzento, pois vive fora da sociedade. Eu era jovem, forte e talentoso com as armas. Como uma criança ou uma mulher sobreviveriam sem uma casa? Vi as esposas e os filhos de meus companheiros serem levados como escravos, obrigados a vestir a cor cinza e a responder às necessidades de um Senhor pouco

interessado em seu conforto.

A voz de Lujan baixou para praticamente um murmúrio:

– Vejo agora que temia que, um dia, essas crianças fossem as minhas e que minha esposa passasse a pertencer a outro homem para ser usada como ele quisesse. – Lujan olhou diretamente para sua Senhora. Quando prosseguiu, seu olhar e sua voz revelaram uma profundidade desconcertante: – Tornou-se muito mais simples admirá-la a distância e proteger sua vida com a minha do que viver um possível pesadelo que continua a me atormentar a cada noite.

Mara estendeu o braço e tocou em suas mãos, massageando-as até relaxarem.

– Nem você nem nenhum filho seu ainda por nascer ficarão sem um Senhor nesta volta da Roda da Vida – garantiu ela, com gentileza –, embora eu duvide que vamos escapar com vida desta prisão.

Lujan sorriu, com uma serenidade estranha que Mara nunca vira nele.

– Tem sido um orgulho servi-la, Senhora Mara. Mas, se sobrevivermos até depois do alvorecer de amanhã, peço-lhe um favor: mande-me procurar uma mulher e me casar! Pois, como seus inimigos são magos, é bem possível que esta situação se repita e, se é para morrer a seu serviço, prefiro não enfrentar o Deus da Morte de novo com o mesmo arrependimento!

Mara o fitou com um sorriso de profunda admiração.

– Lujan, conhecendo-o como conheço, duvido que tenha de lhe ordenar que faça o que seguramente seu coração deseja fazer. Mas, antes disso, temos de ultrapassar o amanhecer de amanhã. – Cruzando os braços como quem se protege do frio, Mara acrescentou: – Devemos dormir, valente Lujan, pois o amanhã virá.

Luta

Dormir foi impossível.

Desde a estranhamente íntima troca de confidências com Lujan, Mara não sentiu vontade de conversar. O Comandante das Forças Armadas dos Acoma não mostrara intenção de dormir e sentara-se de pernas cruzadas em sua almofada. Os cho-ja tinham confiscado sua armadura juntamente com a espada. Dispondo apenas da túnica acolchoada concebida para proteger a pele, parecia nu e vulnerável. As cicatrizes de guerra normalmente escondidas por suas vestes estavam expostas e, embora fosse exigente com sua aparência, como qualquer oficial tsurani, sua última oportunidade de tomar um banho fora na corrente gelada de um rio enquanto suportava as chacotas dos thuril. Sua roupa estava acinzentada devido à sujeira; seu cabelo estava espetado após tanto tempo sob o elmo. Apesar de bem musculoso, parecia menor sem seus ornamentos e plumas de oficial.

Ao observá-lo, Mara foi obrigada a reconhecer seu lado humano, sua masculinidade que nunca conhecera a paternidade e o incongruente conforto meigo que ele lhe proporcionara com mãos mais acostumadas a agarrar uma espada mortal. Como se seu destino iminente não fosse trazer consequências, ele meditou tranquilamente, enquanto sua disciplina militar deixava de lado todas as preocupações para conservar a força necessária para a batalha.

Mara, apesar de todo o treinamento mental aprendido no Templo de Lashima, não conseguiu usufruir de tal conforto. Sua mente não encontrou descanso num ritual, pois, se não sentia mágoa pelos entes queridos que perdera, sentia raiva pelo destino intolerável que a condenara a falhar em proteger os que ainda estavam vivos. Por mais que tentasse, seus pensamentos não conseguiam se desviar da ideia de uma eventual solução para aquela questão.

A afronta daquela prisão que lhe impedia qualquer forma de contatar seus captores a ofendia. A câmara mágica isolara com eficácia os condenados de todos os outros seres vivos. Amarga, Mara pensava se, num local como aquele, os deuses conseguiriam escutar suas preces. A ausência de janelas que lhe barrava qualquer som vindo de fora fazia os minutos se arrastarem. A própria escuridão teria sido bem-vinda, pois marcaria uma mudança, mas o globo cho-ja permaneceu pairando, com uma luz brilhante e constante.

Mas, inevitavelmente, o amanhecer chegou.

E, apesar da progressiva agonia da espera, o amanhecer apanhou Mara desprevenida. Seus pensamentos perdidos davam voltas, revendo repetidamente os acontecimentos e questionando se determinada ação ou palavra ou decisão, apresentadas noutros termos, poderiam ter conquistado uma aliança ou a liberdade. Suas reflexões inúteis lhe causaram uma tremenda dor de cabeça. Sentiu-se cansada e deprimida quando o redemoinho de luz mágica anunciou a dissolução da prisão de ambos. Duas fileiras de guardas cho-ja marcharam para a frente para assumir a custódia dos prisioneiros. Mara conseguiu manter a força de espírito suficiente para se levantar e se dirigir até onde Lujan aguardava, desperto e já de pé. Pegou desajeitadamente suas mãos e observou seu rosto inexpressivo, entoando as palavras rituais:

– Guerreiro, você me serviu com a mais elevada honra. Tem a autorização de sua Senhora para reclamar a morte que escolher.

Lute bem. Lute com coragem. Parta cantando para os salões de Turakamu.

Lujan curvou-se profundamente. Sua cortesia pareceu esgotar a paciência de seus captores, pois os guardas cho-ja avançaram e obrigaram-no a se erguer. Mara também foi agarrada e empurrada para a frente como um pastor poderia ter feito com uma cria de needra rumo ao abate. Perdeu Lujan de vista quando os corpos dos cho-ja cerraram fileiras ao redor deles. Não lhe deram oportunidade de protestar, obrigando-a a marchar ao longo do labirinto de corredores que cruzava a cidade de Chakaha.

Mara levantou bem o queixo, embora o orgulho parecesse sem sentido. Os cho-ja daquelas terras não se impressionavam com a honra nem com a coragem, nem davam importância à dignidade humana. Presumiu que muito em breve seria saudada pelos espíritos de seus antepassados, mas não da forma que sempre esperara. Naquele momento, até a mais brilhante de suas vitórias e até seu ilustre título de Serva do Império pareceram vazios. Teria trocado tudo por um último vislumbre de seus filhos ou por um abraço meigo do esposo.

Percebeu que Kevin acertara em cheio. A honra não passava de uma palavra glorificada para descrever o vazio e não era um substituto válido para a promessa de uma vida longa. Por que só agora compreendia totalmente o que induzira a oposição da Assembleia? E se ali não encontrara auxílio para romper a estagnação que pairava sobre Tsuranuanni, dada a recusa dos cho-ja de Thuril em estabelecer uma aliança, onde Hokanu descobriria recursos para acabar com a tirania que os magos defendiam com tanta inveja?

Se havia respostas, estas permaneciam um mistério. Os guardas cho-ja se mostraram tão indiferentes quanto figuras de pedra. Avançaram depressa pelos corredores e através de duas passarelas que brilhavam como vidro. Mara observou o céu limpo, que nunca

vira tão verde e puro. Cheirou a fragrância da terra rica e da folhagem da selva, misturada aos perfumes de flores tropicais. Na brisa, sorveu o aroma do gelo transportado pelos ventos vindos dos picos das montanhas. Sorveu aqueles prazeres da vida e também a beleza das torres de Chakaha. Caminhou, banhada pelas flechas coloridas de luz geradas por raios que brilhavam através das torres, e seu espírito se encolheu ante o fim absurdo que tinha pela frente, a perda de toda a esperança e a destruição de todos os seus sonhos.

Não demorou muito até a guarda cho-ja escoltá-la para o interior da cúpula púrpura e translúcida onde o tribunal a julgara na véspera. Não havia oficiais presentes dessa vez, nem escribas. A câmara estava ocupada pela presença esguia de um único mago cho-ja, instalado numa alcova abobadada. Sobre o chão de mármore, a seus pés, havia uma linha escarlate que formava um círculo perfeito.

Mara reconheceu o símbolo. Com o diâmetro de doze passos e símbolos simples a leste e a oeste, era o lugar onde dois guerreiros se confrontariam: o Círculo da Morte, desenhado no Império havia gerações, numa tradição perdida no tempo. Ali lutariam dois guerreiros até um deles perder a vida num ritual ancestral de desafio que Lujan escolhera em vez de uma execução desonrosa.

Mara mordeu o lábio com uma apreensão inconveniente. No passado testemunhara o ritual suicida de seu esposo com um tremor menor no coração, pois na época lamentara o desperdício da vida de um jovem cuja negligência da família deixara exposto para ser explorado por ela. Aquele fora, efetivamente, o primeiro momento em que o Jogo do Conselho se revelara como sendo uma autorização para satisfazer quaisquer pretextos e explorar as falhas de outro ser humano, não um rígido código de honra. Agora a própria honra lhe parecia algo vão.

Mara contemplou Lujan, de pé entre os guardas cho-ja do outro

lado da câmara. Conhecia-o suficientemente bem para interpretar sua postura e viu, com uma estocada terrível, que o guerreiro humano que iria pegar as armas para morrer já não acreditava nas crenças com que fora criado. Estimava muito menos a possibilidade de conquistar o acesso aos salões do Deus Vermelho do que a oportunidade perdida de casar e criar filhos. Para Mara, o desafio de Lujan para combater era um gesto trágico e sem sentido. A honra que poderia conquistar para sua alma era como o ouro falso que os trambiqueiros de Midkemia vendiam para mercadores ingênuos. Contudo, a charada seguiria até sua conclusão sem sentido.

Lujan era e não era mais do que o guerreiro cinzento que ela resgatara nas montanhas do esquecimento daqueles que não tinham um Senhor. A culpa advinda de sua responsabilidade naquela mudança lhe provocou um aperto na garganta. Sentiu dificuldade de respirar, quanto mais de se aguentar inexpressiva e rígida como seria próprio de uma Senhora tsurani em público.

O mago cho-ja acenou com um membro anterior e logo apareceu um assistente, transportando as armas confiscadas de Lujan e a armadura lisa e sem marcas que ele vestira em Thuril. Sem demonstrar respeito, agachou-se e depositou o equipamento aos pés do guerreiro.

– Nossa colmeia não conhece o modo de se usar essas proteções – entoou o mago cho-ja, o que Mara interpretou como uma desculpa para o trabalhador não ajudar Lujan a se armar.

Ela avançou impulsivamente.

– Prestarei assistência a meu Comandante das Forças Armadas.

As palavras ecoaram pela cúpula. Mas, ao contrário do que aconteceria se o local estivesse lotado de humanos, nenhum dos cho-ja presentes moveu a cabeça. Apenas o mago girou um membro anterior para autorizar Mara a ir até Lujan e auxiliá-lo. Ela se dobrou e pegou uma das grevas do chão, depois olhou de relance para o rosto dele. Pelo leve arquear das sobrancelhas, Mara percebeu que

ele ficara surpreso com o gesto, mas também secretamente agradecido. Ela lhe deu um meio sorriso discreto e depois dobrou-se para pegar mais uma peça.

Mas não falou nada. Ele compreenderia por seu comportamento sem precedentes como ela o estimava. E, na verdade, o manuseio de armaduras não lhe era desconhecido. Ajudara muitas vezes Hokanu a apertar o laço da espada e, antes dele, ajudara seu primeiro Senhor, Buntokapi. Além disso, quando era criança brincara como uma adulta com seu irmão, Lanokota, quando ele treinava com Keyoke usando sua espada de madeira.

Lujan acenou com a cabeça para indicar que as ataduras estavam bem colocadas: suficientemente apertadas para prender, mas não demais a ponto de restringir seus movimentos. Mara terminou lhe dando a pesada espada laminada que mais de uma vez detivera inimigos à sua porta. Quando a última fivela do cinto da espada foi fechada, ergueu-se e tocou a mão de Lujan para se despedir.

– Que os deuses guiem sua lâmina – murmurou. Era a frase ritual que um guerreiro diria a outro que avançasse pleno de confiança para encarar a morte.

Lujan tocou seu cabelo e prendeu uma madeixa solta atrás da orelha. A intimidade poderia ter sido vista como uma impertinência, se Lujan não tivesse ocupado o lugar do irmão falecido dela no coração de Mara.

– Senhora, não sinta pena de mim. Se pudesse alterar minhas escolhas da juventude, faria tudo igual. – A boca dele se abriu em um sorriso, evocando sua velha insolência. – Bem, talvez não tudo. Houve os casos de uma ou duas apostas mal pensadas e a madame gorda daquele bordel que insultei uma vez...

O mago cho-ja bateu com um membro posterior no piso, gerando um som semelhante ao de um martelo.

– Está na hora do combate! – exclamou.

Sem qualquer outro sinal perceptível, um dos guardas cho-ja avançou para o limite do círculo. Aguardou ali, com seus membros dianteiros afiados brilhando sob a luz suave da cúpula.

Lujan brindou Mara com seu sorriso mais despreocupado e depois ficou muito sério, com um semblante tenso idêntico ao que mostrara ao aguardar em posição o início de uma batalha. Sem olhar para trás e sem qualquer indício de arrependimento, dirigiu-se ao círculo, onde assumiu seu lugar diante do adversário cho-ja.

Mara sentiu-se sozinha e vulnerável. Reparou, com desconforto, que sua guarda cho-ja barrara o espaço que ela cruzara; estavam agora dispostos atrás dela, prontos para bloquear sua retirada ou qualquer outro movimento desesperado que pudesse tentar. Sentiu os joelhos tremendo e ficou envergonhada por ter exibido essa pequena fraqueza. Afinal, ela era uma Acoma! Não fugiria a seu destino nem ofenderia Lujan fugindo de seu lugar no limite do círculo. Ainda assim, quando o mago cho-ja cantou os procedimentos, indicando que a seu sinal tanto Lujan quanto o guerreiro cho-ja designado para enfrentá-lo deveriam atravessar a linha e iniciar o combate, a Senhora se debateu com um desejo avassalador de fechar os olhos para não ver a luta insignificante que era tudo o que Lujan poderia reclamar como epitáfio.

Lujan agarrou a espada. Sua mão se mostrou firme e seus tendões não estremeceram com a preocupação. O nervosismo pareceu abandoná-lo e, na verdade, aos olhos de Mara ele aparentou estar mais confiante do que perante outros desafios no passado. Aquela seria sua última batalha e saber disso o aliviou. Ali, no limite de um círculo de desafio, não tinha que se preocupar com o desconhecido: o desfecho daquela luta seria o mesmo quer ele combatesse bem ou mal, quer vencesse ou perdesse. Não sairia com vida daquele círculo. Desejar que as coisas fossem de outra forma era um desperdício de energia e faria diminuir a coragem com que nascera e que aprendera a demonstrar. De acordo com as crenças

de um guerreiro tsurani, não fizera nada errado. Servira bem e sem máculas a sua Senhora; nunca virara as costas a um inimigo. Segundo tudo o que lhe fora ensinado, sua morte pela espada era algo adequado. Um fim mais sagrado e honroso para os deuses do que a própria vida.

Tranquilo em sua espera, Lujan inspecionou a ponta da espada uma última vez à procura de defeitos. Não havia nenhum. Não fizera outra coisa senão afiá-la desde que haviam partido de Tsuranuanni.

Então o mago cho-ja falou:

– Escutem, combatentes. Assim que a linha do círculo for cruzada, a proteção será ativada. Pisar de novo na linha, seja a partir de dentro ou se alguém tentar intervir vindo de fora, haverá morte imediata. Os termos do combate seguem a tradição tsurani: o condenado morrerá em combate dentro do círculo ou, se vier a triunfar, poderá escolher a mão de seu carrasco. Eu, mago da cidade-estado de Chakaha, sou testemunha dos procedimentos requeridos.

Lujan brindou o mago com uma saudação rápida. O guerreiro cho-ja com quem ia lutar não fez nenhum sinal de concordância, afora uma mudança na postura: de uma posição de descanso, agachou-se inclinando-se para a frente, na típica posição de ataque. Raios de luz se refletiram nas bordas afiadas das extremidades de seus membros anteriores e seus olhos faiscaram de modo desumano. Se o desgosto e o arrependimento faziam parte da mente da colmeia, tais emoções não estavam reservadas para o braço armado de sua sociedade.

O guerreiro cho-ja só tinha uma ordem em mente: combater e matar. Nos conflitos tsurani, Lujan vira companhias de criaturas transformarem um campo de batalha numa carnificina, pois, a não ser que o tempo estivesse frio, a velocidade e os reflexos de um guerreiro humano eram inferiores. Na melhor das hipóteses, a julgar pelo ar úmido que soprava na câmara, ele poderia se esquivar de

alguns golpes antes de seu corpo ser retalhado. Sua passagem para Turakamu seria rápida e quase indolor.

Sua boca formou a sombra de um sorriso retorcido. Se tivesse sorte, estaria bebendo cerveja hwaet com seu velho amigo Papewaio nos salões de Turakamu antes do pôr do sol.

– Cruzem a linha e comecem ao meu sinal – exclamou o mago cho-ja, batendo seu membro posterior no chão, o que gerou um som semelhante ao toque de um gongo.

A frieza de Lujan logo desapareceu. Saltou para o círculo, mal reparando no brilho vermelho de calor atrás dele, que anunciava a ativação do cerco mortal. O guerreiro cho-ja surgiu com toda a rapidez que ele previra e mal completara três passos antes de sua lâmina em guarda bater em quitina. Diante daquele inimigo, o risco era dobrado, pois um cho-ja possuía dois antebraços para investir e cortar. Com sua lâmina comprida, Lujan tinha mais alcance, e o fato de os humanos terem uma aptidão natural para se equilibrarem em dois membros poderia ocasionalmente lhe dar alguma vantagem.

Mas os cho-ja eram seres esplendidamente bem protegidos. Apenas uma investida com a ponta ou o mais vigoroso golpe de espada com as duas mãos poderia causar algum dano através da quitina. As articulações eram seu único ponto fraco, embora a velocidade deles impossibilitasse esse tipo de ataque, na maioria das vezes. Lujan esquivou-se de novo e outra vez. Seus pés se mostraram rápidos em se desviar do ataque por dois lados do cho-ja. Inclinou-se e girou a espada em movimentos amplos, que ao longo dos tempos se revelaram a melhor defesa contra um adversário cho-ja. A lâmina bateu na quitina quando efetuou um teste: as criaturas, via de regra, tinham um lado preferido. O membro direito poderia ter uma maior tendência para se manter em guarda, enquanto o esquerdo era treinado para atacar. Espada e membros dianteiros afiados giravam em uma dança mortífera.

Lujan percebeu algo pegajoso em seu punho: suave devido ao

esforço. Praguejou mentalmente. Assim que as tiras de couro do punho da espada ficassem molhadas, iriam se soltar. Então ela poderia escorregar, atrapalhando seu manuseio. E, contra um adversário cho-ja, até a mais leve mudança de ângulo poderia ser fatal. A força dos golpes deles era tão grande que, caso acertassem diretamente na curva de uma espada laminada tsurani, poderia despedaçá-la.

O tsurani repeliu mais um ataque quando abruptamente o membro da guarda cho-ja desferiu um golpe que lhe teria cortado os joelhos. Seu salto para trás evitou que fosse atingido, mas uma sensação ardente no calcanhar alertou-o de que sua manobra evasiva o deixara perto do cerco. Simulou um ataque, recorreu a um truque que o bárbaro Kevin lhe ensinara e quase surpreendeu a criatura com um golpe fatal quando sua espada arranhou a quitina e fez uma incisão na articulação de uma pata. O guerreiro cho-ja sibilou e recuou ruidosamente, com as pinças retesadas em sinal de alarme.

Lujan quase foi apanhado no pescoço pelo golpe de resposta, depois de ter dado uma ligeira relaxada por não estar esperando seu pequeno sucesso. Por reflexo, deu meia-volta e levou um golpe de raspão no ombro, que atravessou a armadura e arranhou a carne o suficiente para lhe causar uma dor intensa. O difícil movimento com que desviou o membro do guarda o fez cair. Precisou então dar um salto girando, parecendo um acrobata, para evitar ser encurralado. Esquivou-se do ataque do cho-ja, desesperadamente consciente do perigo que corria. Necessitava recuperar o fôlego. Não tinha chance naquela luta. Assim que sua lâmina bateu de novo na quitina, recorreu a seu anteparo para desviar a lâmina defensiva, enquanto a ofensiva sibilava a caminho de sua garganta. Lançou-se de súbito para a frente, ganhando espaço para se colocar dentro do alcance do golpe principal do cho-ja. Atingiu-lhe o membro dianteiro articulado no lado sem lâmina, dentro do cotovelo, e este dobrou-se,

com o lado afiado virado inofensivamente para a placa das costas de sua armadura.

O golpe ainda assim teve força suficiente para deixá-lo sem fôlego. Lujan retrocedeu meio passo, para colocar a espada de novo em jogo, enquanto o guerreiro cho-ja arquejava de espanto. Lujan prosseguiu com uma reação clássica e sua espada curva cravou-se na articulação onde um membro central se unia ao tórax. O cho-ja cambaleou para trás, ferido. Sua pata central não se dobrava mais direito, logo ele ficou mancando desse lado. Surpreso por seu ataque ter sido bem-sucedido, Lujan teve uma revelação: aqueles cho-ja não tinham experiência de combate com humanos! Estavam bem instruídos para combater as antigas formas de esgrima dos tsurani que tinham enfrentado em eras remotas, mas a falta de informações sobre o outro lado das fronteiras deveria ter impedido qualquer experiência com as inovações táticas surgidas após o tratado com os tsurani.

As colmeias de fora do Império nunca tinham entrado em contato com os mais recentes aperfeiçoamentos na arte da esgrima introduzidos pelas guerras com Midkemia e inspirados no modo bárbaro de lutar. Os guerreiros de Chakaha permaneciam presos aos velhos métodos e, apesar de serem mais rápidos e de usarem duas lâminas, um humano tsurani tinha uma vantagem: suas novas técnicas eram imprevisíveis e Lujan já treinara contra guerreiros cho-ja no passado.

Refletir durante o combate o fez perder o ritmo de luta. Por isso, Lujan sofreu um corte na barriga da perna e outro no antebraço atrás do anteparo da mão esquerda. Apesar dos ferimentos, percebeu que o cho-ja hesitava. Talvez sua pequena hesitação se devesse ao padrão de ataque pouco ortodoxo de Lujan, pois qualquer um de seus golpes poderia facilmente ter-lhe decepado um membro. Algo o levava a não prosseguir com toda a sua força e capacidade.

Lujan se dedicou especialmente aos movimentos de seus pés ao estilo midkemiano. Desviou o golpe seguinte do cho-ja como o faria com uma madeira de treinamento e depois tentou mais uma retirada. Para seu contentamento, o cho-ja recuou, provando sua teoria de que não compreendia as táticas de esgrima midkemianas. Lujan sorriu graças à felicidade excitada vinda da adrenalina. Lutara muitas vezes com espadas de treinamento de madeira contra Kevin e aprendera a técnica estrangeira bem melhor do que qualquer um de seus pares. Mais apropriada, contudo, a uma espada reta do que à lâmina mais larga que sua própria cultura preferia, havia maneiras de um espadachim tsurani poder executar bons golpes. O cho-ja estava agora em desvantagem e hesitante e, pela primeira vez desde que Lujan reclamara seu direito ao desafio, sentiu esperança na vitória.

Fez uma finta, deu uma estocada e sentiu seu golpe seguinte fazer contato. Sorrindo ainda mais abertamente, vislumbrou um jorro do líquido leitoso que servia de fluido corporal aos cho-ja. Seu adversário cedeu brevemente sobre seu membro central ferido quando contra-atacou, mas a postura em quatro patas era um sinal seguro de que o cho-ja se preparava para recuar. Lujan lançou-se para sua abertura, um golpe direto no segmento do pescoço do oponente. Não se importou com o fato de logo em seguida sua morte já estar garantida. Seria sua a vitória, seria seu o golpe letal. Conquistaria a recompensa havia muito honrada pelos tsurani de morrer em combate sob a lâmina de um inimigo. No entanto, no instante em que seu corpo experiente reagiu com um reflexo ao golpe que poria fim ao combate, sua mente vagou para longe daqueles pensamentos.

Que tipo de morte seria aquela, se não uma futilidade?

Não aprendera nada em seus anos a serviço de Mara? Matar aquele cho-ja, com quem não tinha qualquer desavença, iria trazer algum benefício ao objetivo dela? Não, percebeu num acesso de

raiva e frustração. De nada serviria, a não ser para confirmar a forma como os cho-ja de Chakaha pensavam que os tsurani agiam.

Com os movimentos suspensos por um segundo, pensou: o que vale minha vida ou minha morte? Ser o guerreiro vitorioso e matar de imediato seu adversário de nada serviria, nem a Mara, nem à colmeia e nem à nação cho-ja cativa dentro das fronteiras tsurani.

Por todos os deuses, enfureceu-se em um momento de angústia interior: não posso me deixar levar apenas pelo código dos guerreiros. E muito menos morrer por causa dele.

Então sua mão seguiu a heresia de seus pensamentos e Lujan conteve o golpe.

O gesto foi meio desastrado e, num segundo, Lujan pagou por isso. Foi mais uma vez golpeado na perna, dessa vez de uma forma suficientemente profunda para machucar. Recuou mancando e saltitando sobre a perna boa. Seu adversário percebeu que a determinação de Lujan vacilava. Empinou-se. Um membro dianteiro girou cortando de cima e Lujan não conseguiu se esquivar totalmente do golpe. Sua testa foi aberta e, enquanto o sangue lhe escorria pelo rosto e lhe cobria um olho, ouviu o grito sufocado de Mara.

Lujan cambaleou para trás. O cho-ja o perseguiu. Sentiu o chão quente atrás do calcanhar, o que lhe proporcionou algum alívio. Chegara ao limite do círculo. Se o atravessasse, morreria.

Iria perecer de qualquer forma, mas talvez não totalmente em vão. Seu fim ainda poderia servir para marcar uma posição. Mesmo quando seu oponente avançou rapidamente para eliminá-lo, defendeu-se furiosamente e gritou para a figura indefinida do mago cho-ja que ainda o julgava.

– Não vim aqui para matar! Os cho-ja de Chakaha não são os inimigos de minha Senhora. – A quitina estalou contra sua espada quando, desesperado para ser ouvido, a deteve de novo. – Não vou continuar a lutar contra um ser que ela gostaria que fosse seu

amigo.

Deteve outra vez a pata afiada do inimigo para conseguir fazer seu adversário recuar um pouco e, nesse meio segundo de pausa, lançou ao chão sua espada, indignado. Girou sobre sua perna boa e virou de costas para o golpe fatal.

À sua frente brilhava a linha escarlate do círculo. Sentiu-se grato, durante aquele prolongado momento, por ter se posicionado corretamente: o guerreiro cho-ja não poderia passar para a sua frente sem violar o feitiço do cerco. Para matar Lujan, teria de atacá-lo de forma covarde, com um golpe criminoso pelas costas.

Então Lujan inspirou fundo e tremendo, com os olhos erguidos para o mago cho-ja, disse:

– Atinja-me pelas costas. Mate aquele que seria seu amigo e aliado e contemple a injusta execução.

Lujan escutou o ruído do ar sendo cortado pelo antebraço afiado do guerreiro cho-ja. Preparou-se mentalmente para a descida do golpe que iria despedaçar seus ossos. O fim era inevitável. Nem mesmo a vontade de um homem que atacasse daquele jeito com uma espada poderia deter a inércia e evitar a descida do golpe, caso desistisse. Mas os reflexos de um cho-ja eram diferentes dos de um humano. A lâmina se deteve, em silêncio e imóvel, a um milímetro do pescoço de Lujan.

Parecendo alarmado, o mago recuou, com suas asas erguidas, semelhantes a velas.

– O que é isso? – rugiu num tom nitidamente espantado. – Você quebrou a tradição dos tsurani. É um guerreiro e, ainda assim, abdica de sua honra?

Embora tremendo em consequência da adrenalina, Lujan conseguiu responder com firmeza:

– O que é a tradição se não um hábito? – Deu de ombros com rigidez, sentindo uma pontada em seus ferimentos. – Os hábitos podem ser alterados. E, assim como confirmaria qualquer tsurani,

matar um aliado não é honroso.

Sangue escorreu por seu olho esquerdo, tapando sua visão. Não conseguiu ver se Mara aprovara seu gesto. Pouco depois, isso deixou de ser importante, pois a perda de sangue o fez ficar tonto. Sua perna ferida se abriu e ele desmaiou, caindo com um grande estrépito devido ao choque da armadura no chão. O círculo rubro se apagou numa efervescência de faíscas e o silêncio tomou conta da grande câmara abobadada.

Lujan despertou com uma intensa pontada de dor. Arquejou, abriu os olhos e viu a cabeça de um cho-ja inclinada a poucos centímetros da sua. Estava deitado no que lhe pareceu um divã. Apêndices pontiagudos como pinças agarraram seu antebraço e sua coxa e, pela picada do que lhe pareceu uma agulha, compreendeu que estava sendo suturado por uma espécie de médico.

Apesar de as capacidades medicinais daquelas criaturas serem exemplares e de efetuarem um trabalho metódico e cuidadoso, tinham dedicado pouco tempo a praticar com humanos. Lujan reprimiu um segundo esgar de incômodo e constatou que os conhecimentos deles em termos de anestesia eram muito reduzidos. Mesmo em um campo de batalha, teriam lhe dado alguma bebida alcoólica para fugir da dor.

Estava tão fora de si que levou um momento para notar a sensação secundária, e mais agradável, provocada por dedos pequenos e calorosos que seguravam a mão que não estava ferida.

Girou a cabeça.

– Mara?

Ela o encarou com um sorriso. Estava quase chorando, ele percebeu, mas de alegria, e não de tristeza.

– O que aconteceu, Senhora?

Só então percebeu que não estavam mais na câmara de julgamento, tampouco aprisionados de novo, mas sim instalados

num belo cômodo no alto de uma torre. Uma janela atrás de Mara permitia ver o céu e as nuvens e banhava a Senhora com a luz brilhante do sol. Ela apertou a mão dele com uma excitação juvenil, embora, na verdade, aquele julgamento a tivesse feito envelhecer alguns anos. O cinza que se insinuava por entre seu cabelo escuro ficara mais evidente e seus olhos tinham rugas profundas devido à prolongada exposição ao clima de Thuril. Todavia, nunca antes seu rosto lhe parecera tão belo; a maturidade lhe dera uma profundidade e um ar misterioso impossível de se ver no rosto imaculado de uma jovem.

– Lujan, você conquistou a maior honra dos Acoma – anunciou ela rapidamente. – Com seu ato no círculo, provou a estes cho-ja de Chakaha que a tradição tsurani não é o devorador modo de vida que acreditavam ser. Durante anos e anos, viram os tsurani mentindo. Compreenderam tudo o que eu disse e, por via da magia, perceberam que eu acreditava em minhas palavras, mas o próprio passado deles lhes ensinou que esses exemplos de paz não passavam de prelúdios para mais violência e traição.

Inspirou profundamente, aliviada, antes de continuar:

– Você os levou a mudar a sentença, graças à sua coragem e inovação. Suas ações se somaram às minhas palavras e os convenceram de que talvez sejamos diferentes de nossos antepassados. O mago cho-ja que estava presente ficou muito surpreso com seu gesto e convenceu-se de que deveria analisar a pedra da memória que Gittania nos entregou. Lá estava registrado meu encontro com a rainha da colmeia na velha propriedade dos Acoma e o pedido dela os impressionou.

– Nossas sentenças foram revogadas? Somos livres para partir? – arquejou Lujan com dificuldade quando o médico cho-ja fez uma pausa no trabalho.

– Melhor do que isso. – Os olhos de Mara brilharam de orgulho. – Eles nos concederam passagem segura através de Thuril até nosso

navio e dois magos cho-ja viajarão conosco quando voltarmos a Tsuranuanni. A cidade-estado de Chakaha decidiu nos ajudar, na esperança de que o Imperador possa conseguir libertar os cho-ja tsurani. Comprometi-me a usar meu cargo para interceder por eles: tenho quase certeza de que, assim que revelar a Ichindar o segredo que descobrimos, ele não poderá dizer não.

– Ó deuses! – exclamou Lujan. – Conseguimos tudo aquilo que poderíamos querer.

Então mostrou-se tão entusiasmado que esqueceu os ferimentos e tentou se mexer.

– Senhora Mara, as feridas deste guerreiro são graves – alertou o médico cho-ja diante de tanta agitação. – Nada de entusiasamá-lo, pois ele terá de repousar várias semanas se quiser que a perna fique devidamente curada. – Voltou em seguida os olhos negros e multifacetados para Lujan. – Ou será que o digno Comandante das Forças Armadas prefere ficar manco?

Lujan sentiu-se de repente cheio de vigor e desatou a rir.

– Posso ser paciente enquanto meu corpo se restaura. Mas não tão paciente para conseguir ficar na cama durante semanas!

Rodou a cabeça sobre a almofada, reconfortado com o sorriso de Mara.

– Descanse com calma – ordenou a Senhora. – Não se preocupe com a demora. Uma mensagem será enviada a Hokanu através dos povoados de Thuril e então levada pelos mercadores que cruzam os mares. Agora temos tempo, Lujan. E, enquanto suas feridas saram, vou persuadir a colmeia nossa anfitriã a nos mostrar algumas maravilhas.

Retorno

A barca afastou-se da margem.

Mara se debruçou sobre a amurada e inspirou fundo a brisa amena. O cheiro familiar de terra úmida, água fresca do lago e madeira molhada, assim como o brilho de suor dos escravos que manobravam as varas, a fez estremecer. Estava em casa! Em pouco menos de uma hora chegaria às suas terras. Saboreou o calor do sol sobre a pele.

Era o primeiro vislumbre de céu e de luz do dia que tinha desde o desembarque noturno do *Coalteca*, feito secretamente, e após semanas de viagem no subsolo do Império, atravessando-o pelos túneis dos cho-ja. Os magos cho-ja haviam confirmado o que outrora fora uma conjectura: a Assembleia de Magos não era capaz de espiar através da terra escura. Não lhes era possível adivinhar o que se passava nos túneis dos cho-ja, uma concessão complexa devido ao tratado. Assim, seu grupo de guerreiros, sua serva Kamlio e os dois magos cho-ja de Chakaha optaram por aquele caminho para entrar discretamente no Império. Isso foi feito sem a permissão ou a ajuda dos cho-ja locais, pois acolher magos de Chakaha, não importava em que condições, violaria o tratado. A presença dos magos foi escrupulosamente ocultada, para que nenhum dos cho-ja do Império pudesse dizer que os tinha visto passar ou que sabia de sua presença. O pedido de Mara para que todos os cho-ja se retirassem dos túneis até ela passar foi aceito sem perguntas pelas

rainhas dos cho-ja tsurani. Deveriam ter suas suspeitas, mas assim podiam responder sem mentir que não tinham conhecimento do plano de Mara.

Em consequência do isolamento quase total, Mara sentiu-se desoladoramente mal informada. Apenas alguns fragmentos de notícias lhe eram dados pelos trabalhadores cho-ja que encontrava nas ocasiões em que aguardava uma resposta da rainha local ao pedido para atravessar a colmeia secretamente; a única informação importante foi a de que um Grande ainda vigiava a entrada do Templo do Deus Vermelho em Sulan-Qu, à espera de que ela pusesse fim à reclusão.

Isso até poderia ter sido divertido, se não revelasse o perigo que corria. O fato de, após tantos meses, ainda haver um membro da Assembleia à sua espera significava que suas próximas ações deveriam ser muito bem planejadas e executadas. Sentiu em seu íntimo que apenas seu cargo importante a mantinha viva, pois certamente muitos membros da Assembleia já deveriam ter perdido a paciência.

Mara não se atreveu a parar durante o caminho para estabelecer contato com a rede de agentes de Arakasi. O ritmo que impusera para chegar ao coração do Império foi inflexível. Como não quis se arriscar a se expor ou a comprometer as colmeias que a abrigaram, não teve forma de determinar como Jiro teria passado durante todo o tempo em que se ausentara. Nem sequer sabia se seu esposo fora bem-sucedido na questão de seus primos dissidentes e dos rivais internos que ambicionavam perturbar sua sucessão. Mara soubera apenas pouco tempo antes, através dos trabalhadores das docas, que Hokanu voltara às terras do lago e que a Senhora Isashani tentara irritantemente juntá-lo a uma concubina que, de alguma forma, não conseguira satisfazer um dos muitos bastardos de seu falecido esposo. Hokanu enviara uma recusa encantadora.

Embora nas fofocas sociais não tivesse detectado nenhuma

implicação de ameaça, Mara pediu, por segurança, que os magos estrangeiros permanecessem enclausurados numa câmara desocupada na colmeia mais próxima da propriedade. Ao lado deles deixou dois guerreiros para atenderem às suas necessidades e estes juraram sigilo absoluto. Sairiam para pegar comida apenas à noite e não revelariam sua missão a nenhuma das patrulhas Acoma ou cho-ja locais. Mara entregou aos soldados um papel com seu selo pessoal de Serva do Império com instruções para que quem o lesse deixasse passar os dois soldados sem fazer perguntas. Tais precauções não serviriam para protegê-la de seus inimigos, mas impediriam amigos ou aliados de tropeçarem em seu segredo.

Mara inclinou-se na direção da brisa e deu um breve sorriso. Tinha tanto para contar a Hokanu! As maravilhas que vira durante o período de recuperação de Lujan em Chakaha desafiavam uma descrição racional: desde as flores exóticas cultivadas por trabalhadores cho-ja que floresciam em combinações de cores nunca vistas noutros lugares até as excelentes bebidas alcoólicas destiladas a partir de mel de abelha-vermelha e outros elixires que negociavam com seus vizinhos humanos do Leste. Em sua bagagem trouxera medicamentos, alguns feitos à base de húmus, outros extraídos de sementes ou jazidas de minerais raros, que seus curandeiros considerariam miraculosos por suas propriedades curativas. Observara o trabalho na forja das peças de vidro. Eles fabricavam tudo assim, desde jarros até facas, passando por pedras para construção que brilhavam como gemas em seus tons claros. Observara magos aprendizes fazerem seus primeiros feitiços e vira os belos arabescos aparecerem nos padrões de suas carapaças antes sem inscrições. Vira o mais antigo dos magos, revestido por um labirinto de cores, trabalhando. Ele lhe mostrara visões do passado longínquo. Envoltos numa névoa de probabilidades, mostrara também uma que revelara o futuro ainda por criar e que mais parecia um monte de tintas despejadas num aquário redondo, refletindo

tonalidades de metal dourado.

– Se essa é a minha natureza – dissera Mara entre risos –, talvez venha a morrer como uma mulher muito rica.

O mago cho-ja não fez comentários, mas por um momento seus olhos de um azul-celeste brilhante pareceram tristes.

Mara não conseguiu conter seu entusiasmo. Observou um bando de pássaros de março levantando voo sobre os leitos de juncos e lembrou-se de artifícios que voavam como aves em Chakaha e de outros pássaros, vivos e bravos, seduzidos a cantar em contraponto. Vira animais com pelo de cores tão brilhantes quanto seda exótica. A magia cho-ja tinha formas de transformar pedra em fibras e fio trançado e de fazer a água virar um cabo que flutuava colina acima.

Nos intervalos, se deleitara com comidas exóticas e pratos temperados com especiarias tão inebriantes quanto vinho. Havia enormes oportunidades de negócio em Chakaha para tentar Jican cometer um sacrilégio e, com uma excitação própria de uma garota de escola, Mara desejou que sua perigosa contenda com a Assembleia se resolvesse para poder se dedicar a assuntos mais pacíficos. Os problemas não tinham terminado, mas, em meio a tanto entusiasmo, não conseguiu deixar de pensar que tudo iria correr a seu favor.

O estado de espírito entusiasmado e leviano se sobrepusera ao conselho mais sóbrio de Saric para que permanecesse nos túneis dos cho-ja até bem perto de sua casa. Mara, no entanto, estava com tantas saudades das paisagens e dos aromas de Tsuranuanni que, perto do lago, fez sua companhia subir à superfície e depois recrutou uma barca com seus remadores Acoma para terminar a viagem por água.

Uma sombra se abateu sobre ela. Interrompendo suas meditações, Mara olhou para cima. Lujan atravessara o convés e parara a seu lado. Terminara a inspeção da guarda de honra, verificando se as armaduras não exibiam as cores da casa e as peças

envernizadas brilhavam. Lujan colocara no elmo plumas de oficial no verde dos Acoma. Ainda mancava um pouco, mas o ferimento sarara sem infecções graças aos cuidados dos médicos cho-ja. Com o tempo, ele se recuperaria totalmente. Seus olhos brilhavam de malícia e então Mara compreendeu que o entusiasmo dele era equivalente ao seu.

– Senhora – cumprimentou-a, batendo continência. – Seus homens estão a postos para voltar para casa. – Sua boca se retorceu em um sorriso. – Acha que iremos assustar as sentinelas da doca? Já estamos fora há tanto tempo que podem ver as nossas armaduras sem cores e pensar que nossos fantasmas voltaram dos mortos.

Mara riu.

– De certa forma é verdade. – Um segundo vulto se aproximou e ficou do outro lado. A luz do sol brilhou numa capa de seda cho-ja, com padrões desenhados pelos magos de Chakaha numa complexidade de fazer inveja a qualquer uma das esposas do Imperador. Mara viu uma mecha de cabelo dourado sobressaindo sob o capuz e seu coração se aqueceu. – Kamlio – saudou. – Você está extraordinariamente bela.

Na realidade, era a primeira vez que Mara, ou qualquer um de seus guerreiros que se aventuraram nas terras de Thuril, via a garota vestida sem usar trajes simples.

Kamlio baixou os olhos em um silêncio tímido. Mas o crescente embaraço criado pelo olhar de admiração persistente de Lujan a fez dar uma relutante explicação:

– Após nossas experiências com os thuril, aprendi a confiar na palavra de minha Senhora... de que não casarei nem serei entregue a nenhum homem que não seja de minha escolha. – Deu de ombros, o que fez com que as bordas coloridas do traje voassem livremente ao sabor do vento. – Não há necessidade, aqui em sua propriedade, de me esconder em roupas esfarrapadas. – Fungou,

talvez com desdém, ou talvez de alívio. Lujan foi brindado com um olhar que insinuava serenidade. – Nossos homens não roubam suas esposas em ataques-surpresa e, se Arakasi, o nosso Mestre dos Espiões, por acaso estiver nas docas, não desejo que me ache ingrata pela boa posição que me foi concedida.

– Oh! Oh! – Lujan riu. – Você percorreu um longo caminho, florzinha, para conseguir dizer o nome dele sem cuspir!

Kamlío puxou para trás o capuz e fez uma careta maliciosa para o Comandante das Forças Armadas, o que poderia ter sido o prelúdio de uma bofetada. Pelo menos assim pensou Lujan, pois levantou a mão simulando receio para deter a fúria feminina. Mas Mara intercedeu, colocando-se entre o oficial e a antiga cortesã.

– Comportem-se, vocês dois. Caso contrário, as sentinelas da doca não os confundirão com fantasmas, mas sim com depravados prontos para serem punidos. Sem dúvida, há latrinas suficientes nos quartéis para mantê-los ocupados limpando durante uma semana.

Vendo que Lujan não respondeu insolentemente a tal ameaça, Mara ergueu as sobrancelhas e pareceu estar tentando perceber o que faltava ali. A leveza dele estava ausente e a expressão era tão rígida como se estivesse prestes a entrar em combate, com o olhar se voltando para a margem lá longe.

– Senhora – disse ele num tom tão duro quanto granito –, há algo errado.

Mara seguiu seu olhar, as batidas do coração aceleradas por um medo súbito. Do outro lado da estreita faixa de água ficavam o cais e os muros de pedra da casa grande. À primeira vista, tudo parecia tranquilo. Uma barca mercante muito parecida com aquela em que o grupo deles navegava estava atracada. Fardos e caixas jaziam empilhados no cais depois de terem sido desembarcados, vigiados por um inspetor de mercadorias e dois escravos robustos. Recrutadas com armaduras incompletas estavam descendo do campo de exercícios, como se tivessem acabado de treinar. A fumaça subia em

espirais das chaminés da cozinha e um jardineiro juntava folhas caídas com um ancinho, limpando uma passagem entre os jardins do pátio.

– O que foi? – perguntou Mara, impaciente, embora a resposta tenha se tornado óbvia quando o sol brilhou e reluziu numa centelha dourada.

A anomalia prendeu seu olhar. Então viu o mensageiro imperial correndo pelo caminho em direção à casa grande. O desconforto de Mara se cristalizou em pavor, pois tais mensageiros raramente transportavam boas notícias. A suavidade da brisa deixou de reconfortá-la, assim como a beleza verdejante das colinas deixou de elevar seu espírito.

– Barqueiro! – gritou. – A toda a velocidade para a margem!

A seu comando, os remadores se curvaram sobre os cabos dos remos no dobro da velocidade. A desajeitada barca mercantil avançou mais depressa, borrifando a água que se espalhava como lençóis a partir da proa. Mara conteve a vontade de andar de um lado para outro, tremendamente impaciente. Estava pagando por sua impulsividade imprudente. Se tivesse dado ouvidos à sugestão cautelosa de Saric e prosseguido pelo subsolo até a entrada da colmeia mais próxima da propriedade, já poderia estar recebendo as informações do mensageiro.

Agora nada podia fazer além de observar e esperar, enquanto todos os cenários possíveis de desastre lhe passavam pela mente. Kamlio pareceu aterrorizada e Lujan transpirou devido a uma ansiedade febril, desejando que as tropas que deveria estar comandando não fossem chamadas para o campo de batalha sem que soubesse a razão. Ainda era cedo demais para ele voltar a brandir sua espada, pensou Mara. A julgar pela grande confusão na doca, era evidente que não haveria tempo para que todos os seus ferimentos cicatrizassem sossegados.

Já se escutavam tambores rufando na casa, com as notas

pesadas e graves que convocavam a guarnição.

– Haverá guerra – calculou Lujan em tom cortante. – O ritmo é curto, em padrões de três. Tal código convoca uma mobilização global e Irrilandi nunca agitaria tão depressa suas velhas armas se o problema não fosse grave.

– Keyoke deve ser da mesma opinião – refletiu Mara em voz alta. – Mesmo antes de ser designado Conselheiro de Guerra, não era o tipo de oficial que adota medidas extremas sem motivo. Se nossas mãos ainda estão presumivelmente presas pela Assembleia, o que pode ter acontecido? Será que algum membro exaltado invocou a Honra do Clã ou, pior ainda, será que a Casa dos Shinzawai está sendo atacada?

Lujan afagou o punho da espada, tão atormentado pelos nervos quanto ela.

– Não dá para saber, Senhora, mas tenho a impressão de que isto que presenciamos é apenas o início de algo pior.

Mara virou as costas para a amurada e deparou com seu Conselheiro olhando para a frente. Diante do silêncio tenso dela, Saric perguntou:

– Quer que eu sacuda o mestre da embarcação para obrigar os remadores a avançar mais depressa?

Com uma expressão tão implacável quanto mármore, a Senhora dos Acoma assentiu:

– Faça isso.

A barca fora construída com espaço para transportar carga e seu modelo não era veloz. O aumento de velocidade devido ao esforço extremo dos escravos dos remos foi irrisório: a proa pareceu apenas lançar mais esguichos e o bater dos remos na água gerou redemoinhos maiores. Mara viu os corpos dos remadores encharcados de suor em poucos minutos. A atividade na doca se intensificou no preciso momento em que ela se segurava bem para observar.

Os fardos e as caixas que apenas uns minutos antes estavam espalhados para serem registrados eram agora carregados por uma fila crescente de soldados. A barca do mercador fora deixada semidescarregada e o responsável pelo registro fora levado a bordo acenando freneticamente com os braços, assustado. Então começou a gritar na popa quando um empurrão de um oficial emplumado afastou a embarcação da doca. Dois escravos remadores foram os únicos que restaram para tripular a embarcação até um porto seguro; seus gritos de indignação flutuaram sobre a água como os guinchos agudos de aves pescadoras, perdendo-se rapidamente entre o rufar dos tambores.

Assim como o aglomerado de guerreiros, Mara pouco se preocupou com o destino do escriba e da barca. As grandes portas duplas de todos os armazéns da margem estavam abertas, revelando os trilhos de madeira de onde eram lançados na água os barcos guardados nas docas secas. Dentro deles, em meio às sombras, eram visíveis inúmeros escravos cansados. Barcos de guerra Acoma eram tirados da escuridão. Eram embarcações compridas de casco duplo estabilizadas por botes e dotadas, ao longo de sua extensão, de plataformas para arqueiros. Outros escravos levavam aquelas embarcações para o cais, onde embarcavam sucessivas companhias de arqueiros. Assim que cada barco ficava lotado, era empurrado para o lago, com seus botes recolhidos, como as grandes asas de uma ave aquática que mergulha para tocar a superfície. Antes mesmo de os botes serem firmemente presos, os arqueiros já ocupavam suas posições ao longo da estreita plataforma de disparo no topo de cada barco.

Lujan contou nos dedos. Depois de contabilizar uma dúzia de barcos e de anotar os estandartes que esvoaçavam na proa e na popa de cada um deles, percebeu quais as companhias chamadas à ação. Sua conclusão se mostrou assustadora:

– É um dispositivo defensivo completo, Senhora. Um ataque deve

estar prestes a acontecer.

Mara foi varrida por um acesso de pura raiva. Não cruzara o mar, negociara com bárbaros e quase perdera a vida em Chakaha para ver tudo ruir quando voltasse. Mandara avisar Hokanu de que retornara ao Império, mas uma comunicação detalhada seria perigosa demais, um convite aos inimigos para que montassem uma armadilha caso caísse nas mãos erradas. E, assim que a necessidade de manter o segredo ficou para trás, por um prazer egoísta, se expusera para que o momento do reencontro fosse uma bela surpresa para seus entes queridos. Porém seu regresso não seria festejado. Deixando de lado tanto a expectativa quanto a desilusão, ficou rígida e virou-se para Saric.

– Ice o pavilhão dos Acoma e coloque por baixo a minha flâmula pessoal. Está na hora de dizer a todos que estou aqui. Oremos para que haja uma sentinela que não esteja colocando a armadura de guerra e informe a Hokanu que sua Senhora voltou ao solo dos Acoma!

A guarda de honra na barca soltou vivas após suas palavras corajosas e o estandarte verde com o símbolo da ave shatra foi logo içado no mastro da popa. Ainda não tinha se desenrolado com o vento quando um grito partiu da margem. Uma das figuras minúsculas na doca apontou e seguiu-se um enorme brado do exército reunido e pronto para embarcar. O ruído se transformou num cântico e Mara escutou seu nome sendo entoado repetidamente, juntamente com o título que lhe fora outorgado pelo Imperador: Serva do Império! A preocupação quase deu lugar às lágrimas, devido ao afeto que seu povo demonstrava por seu retorno no momento em que se aproximavam graves problemas.

O mestre da embarcação ficou rouco de tanto gritar ordens freneticamente e, aos poucos, a barca foi encaminhada para o espaço que se abriu bem depressa, na doca congestionada, para acolher Mara. Uma figura de armadura azul saiu apressada do meio

da balbúrdia. Sob o elmo emplumado do Senhor dos Shinzawai, a Senhora viu o rosto de Hokanu, a preocupação e a alegria se debatendo na contenção típica dos tsurani.

O fato de seu esposo estar vestindo sua armadura de batalha toda riscada e queimada pelo sol, e não o equipamento cerimonial reservado para eventos de Estado, revelou, sem sombra de dúvida, que o derramamento de sangue era iminente, pois os Senhores não marchavam com suas tropas a não ser para grandes batalhas. Contudo, depois de quase meio ano de ausência e de meses de sofrimento e mal-entendidos, Mara pouca atenção prestou a esse detalhe. Não poderia perder tempo com saudações formais e saiu correndo no instante em que a prancha de embarque ligou a doca à amurada. Correu como uma garota na frente de seus oficiais e se atirou impetuosamente nos braços do marido.

Como se ela não tivesse deixado de lado a etiqueta, Hokanu apertou-a com força.

– Que os deuses abençoem seu retorno – sussurrou com a boca encostada no cabelo dela.

– Hokanu – sussurrou Mara, com o rosto colado à curva dura da couraça dele –, senti tanta saudade de você! – Então as preocupações do momento estragaram a beleza do reencontro, matando a fugaz alegria de ambos quando ela reparou na ausência dos filhos. – Esposo! O que aconteceu? Onde estão as crianças?

Hokanu recuou a distância de um braço, seus olhos escuros e consternados parecendo absorver os detalhes do rosto dela. Estava tão magra e queimada pelo sol... e cheia de energia! Foi doloroso ler na expressão dele a ansiedade por perguntar sobre o estado de saúde de Mara. Mas o medo evidente na voz dela exigiu uma resposta. A urgência se contrapôs ao tato inato de Hokanu, que acabou falando sem cerimônia:

– Justin e Kasuma estão bem, por enquanto. Continuam no Palácio Imperial, mas chegaram más notícias. – Inspirou

rapidamente, tanto para se recompor quanto para proporcionar a Mara um momento para se preparar. – Meu amor, a Luz do Céu foi assassinada.

Mara oscilou para trás como se tivesse sido empurrada por alguém, mas um gesto rápido de Hokanu evitou que caísse desamparada na água. Com o choque, o sangue sumiu de seu rosto. De todas as calamidades que imaginara que pudessem acontecer em sua ausência, e depois de todos os perigos de que escapara para trazer os magos de Chakaha, a morte do Imperador era o último acontecimento que poderia ter previsto. Conseguiu reunir presença de espírito suficiente para perguntar:

– Como?

Hokanu balançou a cabeça com um ar pesaroso.

– A notícia acabou de chegar. Aparentemente, um primo da Casa dos Omechan marcou presença ontem num pequeno jantar imperial. Chamava-se Lojawa e, diante de trinta testemunhas, cravou uma faca de mesa envenenada no pescoço de Ichindar. O frasquinho de veneno deve ter sido escondido na bainha da túnica. Em poucos minutos, levaram um sacerdote curandeiro até lá, mas a ajuda chegou tarde demais. – Calmamente, quase de um modo amável, Hokanu terminou o relato: – O veneno agiu muito depressa.

Mara estremeceu, chocada. Tal atrocidade lhe pareceu impossível. O homem magro e digno que se sentara no trono dourado, atormentado por preocupações e quase distraído de seus deveres pelas brigas das inúmeras esposas, nunca mais daria audiências em seu grande salão! Mara lamentava. Ela nunca mais poderia aconselhá-lo na privacidade de seus aposentos, à luz das lamparinas, ou teria o prazer de ouvir a perspicácia gentil e mordaz daquele homem. Fora uma pessoa séria, profundamente preocupada com seu povo e muitas vezes negligente com sua saúde, sob o fardo opressivo do governo.

O prazer de Mara consistira em tentar fazê-lo rir e, por vezes, os

deuses permitiram que tivesse algum sucesso, liberando um pouco do humor dele. Ichindar nunca fora para ela o testa de ferro que fora para as massas que governara. Pois, além de seu elevado status e de toda a pompa exigida pelo cargo – ele deveria parecer sempre a imagem de um deus na terra das Nações –, fora um amigo. Sua perda era avassaladora e o mundo ficara mais pobre. Se não tivesse sido corajoso, agarrando a oportunidade e sacrificando a própria felicidade em proveito do fardo do governo absoluto, todos os sonhos que tinham incitado Mara a viajar até Thuril não teriam passado de uma fantasia vã.

A Senhora dos Acoma sentiu-se velha, abalada demais para ver mais do que sua perda pessoal. E, contudo, a pressão dos dedos de Hokanu em seus ombros lembrou-lhe que não poderia agir assim. Tal tragédia originaria repercussões terríveis e, se as Casas dos Acoma e dos Shinzawai, em conjunto, afundassem diante da pressão dos acontecimentos, ela teria de renovar seu envolvimento na política atual.

Fixou-se primeiro no nome que Hokanu mencionara, que lhe era completamente estranho.

– Lojawa? – O desânimo quebrara sua fachada tsurani. – Não o conheço. Disse ser um membro da família Omechan? – Desesperada, apelou ao marido, cujos conselheiros eram versados em acontecimentos recentes e presumivelmente teriam várias teorias para apresentar. – O que levaria um Omechan a fazer tal coisa? De todas as grandes famílias que competem pelo cargo de Senhor da Guerra, os Omechan são os que estão mais longe na linha sucessória do branco e dourado. Seis outras casas veriam seu candidato subir ao trono antes dos Omechan...

– As notícias acabaram de chegar – repetiu Hokanu, também perplexo. Com um gesto, indicou a um Líder de Ataques para que continuasse a orientar as tropas rumo aos barcos. Por sobre o estrondo das sandálias de batalha, acrescentou: – Incomo ainda não

teve tempo para analisar e entender os detalhes.

– Não, o objetivo não é ser Senhor da Guerra – interrompeu Saric, estimulado de súbito por uma nova perspectiva que o levou a ignorar o protocolo.

Mara se voltou para ele, olhando-o fixamente.

– Está correto – sussurrou. – O objetivo não é o cargo de Senhor da Guerra. – O rosto dela passou de pálido a morbidamente branco. – O trono dourado é o objetivo agora!

A figura curvada e de cabelo grisalho que abria caminho para chegar a Hokanu ouviu o que ela disse. Incomo tinha um ar desconsolado e os olhos vermelhos. Estava ainda mais enrugado do que Mara se lembrava. As preocupações do momento o levaram a se lamuriar numa voz estridente:

– Mas não há nenhum filho imperial.

Saric foi rápido em corrigi-lo:

– Quem quer que despose Jehilia, a filha mais velha de Ichindar, se tornará o nonagésimo segundo Imperador de Tsuranuanni! Uma garota com cerca de 12 anos é a herdeira do trono. Qualquer um dos milhares de primos reais que levar um exército para atacar as muralhas do Palácio Imperial pode tentar pedi-la em casamento.

– Jiro! – gritou Mara. – É um golpe brilhante. Por que outra razão ele andaria estudando a construção de máquinas de cerco em segredo durante todos esses anos? É essa a conspiração na qual ele vem trabalhando.

Isso significava que seus filhos não estavam apenas em perigo, mas sim correndo risco de vida, pois, se os Anasati irrompessem no Palácio Imperial com seus exércitos, qualquer criança com inimigos e com ligação com a linhagem imperial estaria em perigo.

– Ó deuses – exclamou Saric, interpretando o silêncio horrorizado dela. – Justin!

Mara reprimiu o pânico diante daquela crua conclusão de seu conselheiro. Até sua maior honraria se voltara contra ela: como

Serva do Império, fora formalmente adotada pela família de Ichindar. Segundo a lei e a tradição, seu filho era legitimamente de sangue real. Não só seus descendentes se beneficiavam de privilégios reais como Justin poderia ser um pretendente ao trono, na condição de sobrinho imperial e parente masculino mais próximo de Ichindar.

Jiro já adoraria fazer Justin e Kasuma desaparecerem como consequência natural de sua contenda com os Acoma, mas, se o trono era o objetivo, seria duplamente implacável até ver Justin morto. Nenhum outro candidato à mão de Jehilia se revelaria misericordioso com aquele herdeiro rival. Justin não passava de um garoto e “acidentes” fatais poderiam facilmente acontecer em tempos de guerra.

Mara conteve uma terrível vontade de gritar imprecções aos deuses por causa dessa terrível reviravolta do destino. Já tinha de lutar com a Assembleia, mas contava com o decreto dela para conter Jiro até que os magos fossem neutralizados; todavia, esse trágico homicídio colocava as vidas de seus filhos mais uma vez no meio do incêndio político – e ela os enviara justamente para o núcleo do conflito!

O olhar de Hokanu revelou que entendia o perigo e um atordoado Incomo deu voz aos piores receios de todos:

– Tanto os Acoma quanto os Shinzawai podem ficar sem herdeiros de uma só vez.

De repente, Mara percebeu que tais assuntos importantes não deveriam ser discutidos entre as tropas na doca, então obedeceu ao insistente Hokanu e abriu caminho até a casa grande por entre as crescentes fileiras de guerreiros.

– Vejo que já mobilizou a guarnição de nossa casa – disse em tom neutro e tristonho. – Pelo bem de nossos filhos, temos de enviar mensageiros a nossos aliados e vassalos informando que se preparem para a guerra.

Hokanu a conduziu com mãos que milagrosamente não

tremeram. Não se deteve para recordar que tal chamado às armas certamente atrairia uma reação da Assembleia. De qualquer modo, dirigiu-se com voz firme a Incomo:

– Cuide disso. Envie nossos mensageiros mais velozes e os que sejam suficientemente leais para morrer em serviço. – Em seguida, falou com Mara: – Em sua ausência, instalei rotas de mensageiros entre esta propriedade e as terras dos Shinzawai. Arakasi ajudou, apesar de não concordar com o projeto. Tudo foi feito às pressas e exigiu muita mão de obra, mas foram necessárias precauções para enviar nossos despachos sem atrasos. Meu primo Devacai já causou tantos problemas que não me espantaria que fosse um dos aliados de Jiro.

Assim que Incomo se apressou a ir cuidar de tudo, com suas pernas fininhas batendo sob a borda esvoaçante da túnica de conselheiro, Mara acenou a Lujan e Saric para que se ficassem a seu lado para aconselhá-la. Ao ver Kamlio com um ar perdido enquanto os seguia, Mara sinalizou à garota para que também os acompanhasse. Então sua atenção retornou ao problema que tinha nas mãos quando Hokanu voltou a falar:

– Nossos aliados estarão no campo de batalha num piscar de olhos. Por algum tempo, conseguiremos ocultar algumas de nossas tropas sob os estandartes deles, mas isso não irá durar muito. Que os deuses sorriam à nossa causa e que lancem o caos e a poeira para cegar os olhos dos Grandes! Será um alívio sair desta inércia! – Estreitou os olhos. – Os Anasati já evitaram por muito tempo a vingança dos Shinzawai pelo assassinato de meu pai.

Em seguida fez uma pausa e virou Mara para ele para lhe dar o demorado abraço que lhe negara à vista de todos nas docas.

– Minha querida, que terrível retorno para casa. Você partiu para Thuril para evitar as agruras da guerra e agora volta para casa e vê o Jogo do Conselho mais uma vez começando um banho de sangue.

Olhou fixamente para o rosto dela e aguardou, com o bom senso

de não fazer perguntas sobre o sucesso da missão.

Mara captou as questões não proferidas, espantada por, naquele momento, não se sentir mais zangada com o modo rude como ele reagira quando Kasuma nascera. O fato de ter visto a morte de perto mudara suas prioridades. Como se o mundo não estivesse prestes a desabar para as casas dos dois, murmurou uma resposta para o que lhe apertava o coração:

– Revelaram para mim um fato que você deveria ter logo compartilhado comigo. – Seus lábios se curvaram em um leve e triste sorriso. – Sei que não posso ter mais filhos. E quero que isso não seja um impedimento para que você gere o filho que deseja.

Hokanu ergueu as sobrancelhas para protestar por ela aparentemente receber tais notícias com serenidade de espírito e, depois, por ela não lhe responder à verdadeira pergunta sobre a viagem.

– Esposo – acrescentou Mara –, vi coisas maravilhosas. Mas falaremos mais tarde sobre elas, em particular. – Fez um carinho em seu rosto e o beijou; depois, ainda adorando olhá-lo, quis saber mais, sem desviar o olhar: – Arakasi enviou alguma mensagem?

– Uma dúzia desde que partiu, mas nada desde ontem. Pelo menos até agora.

As mãos de Hokanu a prenderam com força pela cintura, como se temesse que ela se afastasse assim que as exigências do cargo exigissem sua atenção.

Mara deu uma ordem a Saric:

– Passe a palavra por toda a rede: quero Arakasi de volta o mais rápido possível.

Mara olhou para o lado e viu Kamlío de pé, com um olhar ao mesmo tempo receoso e determinado. O que quer que tivesse dito a Mara nas longínquas terras de Thuril sobre o modo como lidaria com o Mestre dos Espiões se desvanecera, naquele momento, com a constatação de que ele em breve estaria ali. A antiga cortesã

percebeu que Mara a olhava e lançou-se ao chão na mais elaborada reverência de um escravo.

– Senhora, não a desiludirei.

– Então não perturbe Arakasi – respondeu Mara –, pois todas as nossas vidas podem depender dele. Levante-se. – Quando Kamlio se ergueu, Mara falou num tom mais gentil: – Vá e recupere as forças. Só os deuses sabem quão árdua foi nossa jornada e não haverá muito tempo para descansar nos dias que virão. – Assim que a garota se foi, Mara se dirigiu em tom ríspido a Lujan: – Ajude Irrilandi a terminar a organização de nossos guerreiros em direção ao ponto de encontro. – Então fez uma pausa para fazer uma pergunta ao marido: – Qual foi o ponto de encontro que designou?

Hokanu a brindou com um meio sorriso no qual a ansiedade se sobrepôs ao bom humor.

– Nós vamos nos reunir nas margens do rio nos limites da propriedade, partindo do princípio de que Jiro levará seu exército principal por via fluvial até o Gagajin. A Assembleia não pode nos culpar por desafirmos qualquer decreto se nos movimentarmos dentro de nossas fronteiras. Sob as cores do clã, as forças Shinzawai marcharão rumo a Kentosani pelo norte e uma guarnição mista de forças dos Tuscalora e dos Acoma, vindas da propriedade próxima a Sulan-Qu, avançará pela estrada para interceptar quaisquer companhias de aliados tradicionalistas ou tropas dos Anasati que peguem a rota mais lenta por terra.

– Jiro deve ter se preparado muito bem para este dia – especulou Mara.

Lujan desenvolveu o pensamento dela:

– As máquinas de cerco? Acha que ele as escondeu nas florestas ao sul da Cidade Sagrada?

– Ao sul ou ao norte – disse Hokanu. – Arakasi reportou que a localização dos engenhos dos Anasati é um segredo muito bem guardado. Vários dos mensageiros que ele enviou em sua ausência

mencionaram que as máquinas foram desmontadas e embarcadas por rotas sinuosas para locais desconhecidos. Também escreveu que os sabotadores que enviamos com os planos do fabricante de brinquedos só deram notícias uma vez. Pelo código que usam, podemos assumir que tudo está bem e que estão em algum lugar com as máquinas de cerco. Mas a localização foi muito bem protegida.

– Se estivesse no lugar de Jiro, também teria tropas escondidas – refletiu Mara, concluindo suas ordens a Lujan antes de o dispensar:
– Quero me reunir com você e com Irrilandi antes de o último barco partir. Não sabemos nada do plano ou da posição das tropas de Jiro.
– Pela expressão de Hokanu, percebeu que a resposta era negativa e compreendeu que compartilhavam da mesma ideia: temiam que os receios de Arakasi pudessem se concretizar e que a rede de espiões de Chumaka tivesse se desenvolvido a ponto de ultrapassar a dos Acoma. Se assim não fosse, como máquinas tão grandes poderiam se movimentar sem que ninguém soubesse de nada? Mara prosseguiu: – Só nos resta tentar adivinhar e planejar de modo a prever todas as eventualidades.

Enquanto o Comandante das Forças Armadas batia continência e partia apressadamente, Hokanu olhou para sua esposa com uma irritação amável.

– Minha corajosa comandante de exércitos, acha mesmo que ficamos ociosos durante sua ausência? – Levou-a até o escritório, onde tinham colocado almofadas para uma reunião do conselho e uma mesa, que substituiu as escrivaninhas. Ali, via-se uma réplica de barro de toda a província de Szetac, com fileiras de alfinetes e marcadores que um estrategista teria usado para representar companhias de guerreiros no terreno.

Mara deu uma olhada e seu corpo assumiu uma postura rígida. Seu rosto se revestiu de determinação.

– O que vejo é uma disposição defensiva. – O olhar dela se

desviou da mesa e se voltou para Saric, seu único conselheiro presente. E por fim falou, com uma súplica dirigida ao esposo: – Aquilo que tentamos evitar, um Senhor da Guerra todo-poderoso, nos levou para um caminho ainda pior: não há Conselho Supremo para ratificar o direito de sangue de Jehilia à ascensão ao trono como Imperatriz. A não ser que a própria Assembleia intervenha, Justin será pego em um golpe na qualidade de postulante legal; assim sendo, é uma marionete morta ou uma arma afiada que qualquer contingente dissidente pode usar como pretexto para despedaçar esta terra com uma guerra civil.

Após uma leve pausa para refletir, prosseguiu:

– Sem Conselho, não podemos designar um regente para manter a estabilidade do governo até a solução racional do casamento reinstalar um novo Imperador da linhagem. Mesmo que dispuséssemos de suficientes aliados leais dentro do Palácio Imperial para assumir o controle e reunir o Conselho, haveria tantos bloqueios, conflitos e crimes que fariam a Noite das Espadas Sangrentas parecer um exercício de treinamento entre companhias de recrutas inexperientes. A violência persistiria até emergir uma casa suficientemente forte para obrigar aqueles que apoiassem sua causa.

Saric pareceu triste.

– Que causa, Senhora? Depois da bravura de Ichindar em assumir o controle absoluto, que Senhor se sentiria saciado com a restauração do título de Senhor da Guerra?

– Você logo entenderá. – As palavras de Mara foram duras: – Não haverá ratificação. Mesmo com todo o nosso apoio, você imagina uma garota de 12 anos governando? Com a mimada Primeira Esposa de Ichindar como regente? Se o Senhor Kamatsu ainda estivesse vivo, como Chanceler Imperial, e, talvez, com nossa determinação, pudéssemos ver uma mulher onde agora está uma garota. Mas se entendi bem seus comentários, Hokanu, o Clã

Kanazawai fragmentou-se sob a pressão de seus rivais e primos descontentes. Você mantém o cargo, mas ainda não unificou o clã de seu pai. Possivelmente, Hoppara dos Xacatecas ficará ao nosso lado, mas Frasai dos Tonmargu ainda é o Suserano Imperial. Apesar de ser um homem frágil, ainda lidera o gabinete de Hoppara e, como irmão de clã de Jiro, se o caos se impuser, duvido que consiga sustentar um rumo forte e independente. Não, um novo Conselho neste momento não seria capaz de conter uma carnificina. Em vez disso, o primeiro Senhor a assumir o controle do palácio obrigará os sacerdotes a colocar Jehilia no trono, para desposá-la e ser nomeado Imperador.

Saric concluiu, como sempre, com outra pergunta:

– Acredita que, por trás da fachada dos Omechan, Jiro seja o responsável pelo assassinato do Imperador?

Mas suas palavras foram ignoradas. Hokanu, parecendo horrorizado, fitava fixamente o olhar profundo da esposa. Falou então com muita calma, e sua voz pareceu fragilizada, denotando um vestígio de grande dor:

– Não está pensando em defesas, Senhora? Não vai convocar nossas tropas para se juntarem aos Brancos Imperiais contra a tempestade que em breve assolará Kentosani?

– Não – admitiu Mara, com uma calma gélida. – Não vou. Se chegar primeiro à Cidade Sagrada, pretendo atacar.

– Justin? – A voz de Saric exibiu certo espanto. – Colocaria seu filho no trono como esposo da Jehilia?

Mara se virou como uma fera encurralada.

– E por que não? – Todo o corpo dela estremeceu devido à tensão e ao nervosismo. – É um pretendente legítimo ao posto divino de Imperador. – Em seguida, com o coração apertado, gritou para o silêncio que surgiu: – Não compreendem? Nenhum de vocês percebe? Ele não passa de um garotinho e é a única forma de salvar a vida dele!

Saric sempre se revelara um espírito vivo. Foi o primeiro a descortinar as ramificações e viu além do medo dilacerante de Mara. Sem recorrer a seu habitual comedimento, explicou tudo a Hokanu, que mostrava uma expressão tensa:

– Ela tem razão. Justin vivo é uma ameaça para qualquer facção exterior que pegue a garota e force o matrimônio. Não importa a força do pretense exército do Imperador, ele arrastará seus inimigos para o trono com ele. Nenhum ponto da lei será desconsiderado e a popularidade de Mara como Serva forçará o reconhecimento do laço de sangue adotivo de Justin. Os dissidentes se agarrarão à causa de Justin com um chamado às armas, quer ele deseje ou não. Outros poderão planejar matar todos nós para ter a oportunidade de colocar o rapaz no trono como sua marionete.

– Guerra civil – suspirou Mara, completamente atormentada. – Se Jiro ou qualquer outro Senhor se apossar da coroa, nós não teremos Imperador, nem uma Luz do Céu venerada, mas apenas um Senhor da Guerra ainda mais glorificado. Seria uma mistura do pior dos dois cargos, quando esperávamos alcançar o melhor.

Hokanu se mexeu de repente. Agarrou Mara pelos ombros, abrigou o rosto dela no peito a tempo de ocultar as lágrimas por fim libertas para depois afagá-la com uma ternura triste.

– Senhora, nunca tema perder meu apoio. Isso, nunca.

– Então não se opõe? – indagou ela, abafada pelo carinho dele.

Hokanu ajeitou o cabelo que se soltou do toucado dela durante o abraço que haviam trocado. O rosto dele de repente pareceu solícito, mas também preocupado com um mau presságio.

– Não posso fazer de conta que adoro a ideia, Senhora do meu coração, mas sei que está coberta de razão. Justin será um sábio governante assim que atingir a maturidade. E até lá, como seus tutores, poderemos continuar a fazer frente às atrocidades do Jogo do Conselho para assegurar uma nova estabilidade entre as Nações. O povo deve se curvar diante da pretensão conjunta dele e de Jehilia

e os deuses bem sabem como essa garota infeliz merece um companheiro adequado à sua idade e a seus gostos. Ela será efetivamente infeliz como uma marionete casada com um homem conduzido pela ambição como Jiro.

Então, parecendo perceber que a perda de Ayaki estava bem perto da superfície dos pensamentos da esposa e que com aquela terrível ameaça a Justin a necessidade de conforto deveria suplantar todas as outras questões, Hokanu pegou sua Senhora e a acomodou ternamente na couraça da armadura, levando-a do escritório. Assim que se virou no corredor do quarto deles, falou com Saric por cima do ombro:

– Se trouxe de Thuril alguma forma de deter a Assembleia de Magos, ore aos deuses para que funcione, pois, a não ser que eu esteja completamente enganado, em breve será Jiro dos Anasati que enfrentaremos no campo de batalha.

Assim que chegaram à privacidade de seus aposentos, Mara, impaciente, tentou libertar-se do abraço acolhedor de Hokanu.

– Tanto para fazer e tão pouco tempo!

Ignorando o esforço dela, Hokanu dobrou-se, colocou-a nas almofadas suntuosas da esteira e apenas seus reflexos de guerreiro lhe permitiram reagir com rapidez para segurar os pulsos dela assim que tentou se levantar.

– Senhora, não fomos pegos desprevenidos. Arakasi nos manteve informados. Keyoke é melhor estrategista do que você ou eu, e Saric será rápido em transmitir a eles a mensagem de que a pretensão de Justin ao trono é prioridade absoluta. – Assim que o olhar de Mara se voltou furioso para ele, Hokanu a sacudiu sem delicadeza. – Descanse uma hora! Sua gente não vai ficar parada. Permita que seu Comandante das Forças Armadas se reúna com Irrilandi e Keyoke e faça seu trabalho! Quando ele tiver tempo para refletir, poderemos nos reunir para ver qual é o melhor caminho a seguir.

Mara pareceu de novo prestes a desmoronar.

– Não está preocupado com suas terras ao norte ou com seu primo Devacai?

– Não. – Hokanu soou firme como uma rocha. – Eu herdei Dogondi como Conselheiro-Mor dos Shinzawai, lembra? Meu pai se apoiou nele durante anos, em particular quando esteve longe de casa exercendo o cargo de Chanceler Imperial. Dogondi é esperto como poucos e, se nosso mensageiro for rápido, ele saberá de sua necessidade de ajuda para a causa de Justin amanhã antes do pôr do sol. Incomo e ele trabalharam juntos como se fossem velhos companheiros. Senhora, confie na eficácia de seus bons oficiais. Até os meus servos foram completamente conquistados por você. Não há ninguém que vista o azul dos Shinzawai que não esteja pronto para dar a vida por você, mas não receberiam bem, neste momento, sua opinião mal informada sobre o trabalho deles.

Um outro tremor mais violento percorreu o corpo de Mara.

– Como sobrevivi sem você durante todos esses meses? – perguntou ela, espantada, com uma voz trêmula e nervosa. – É claro que tem razão.

Hokanu a sentiu relaxar. Quando a julgou controlada, libertou-a e fez um sinal a uma criada para que lhe tirasse a roupa de viagem. Assim que a mulher começou a cuidar dela, Hokanu constatou que não conseguiria resistir e ajudou-a. Logo que o casaco foi retirado e os nós desatados, passou as mãos pela maciez acolhedora da pele dela.

– Que triste retorno para casa – refletiu.

– Não foi o que eu escolhi, esposo. Senti saudades suas.

A criada poderia muito bem ser invisível.

Hokanu sorriu.

– E eu, suas.

Ele estendeu a mão para desapertar os fechos da couraça e depois se desconcentrou daquela tarefa tão simples quando a criada

abriu a túnica interior de Mara. A visão de sua Senhora, mesmo exausta e coberta de pó da estrada, com o cabelo caindo solto, deixou Hokanu sem fôlego. Ela reparou na desorientação dele e por fim conseguiu sorrir. Apoiando as mãos nas dele, começou a desapertar as fivelas das tiras de couro, até que Hokanu pousou os lábios nos dela e a beijou. Depois disso, não viram quando a criada assumiu a tarefa de despi-lo e depois se curvou diante do Senhor e da Senhora para silenciosamente abandonar o quarto.

Mais tarde, enquanto o casal descansava saciado com o ato sexual, Hokanu passou o dedo suavemente pelo maxilar de Mara. A luz que entrava pelo biombo deu um tom prateado aos sinais da idade que começavam a aparecer no cabelo preto dela; sua pele exibia o desgaste provocado pelo sol implacável das terras do Sul. Enquanto ele lhe fazia carinho, ela estremeceu e murmurou de novo:

– Tanto para fazer e tão pouco tempo.

Mara se levantou apoiada no cotovelo, sem dúvida muito agitada.

Hokanu se libertou de seu abraço, sabendo que não conseguiria detê-la. Havia uma guerra para ser travada, ignorando abertamente a desaprovação da Assembleia; a vida do jovem Justin dependia de seu desfecho. No entanto, quando Mara se levantou e bateu palmas para chamar outra vez a criada para que a ajudasse a vestir o traje de guerra, o esposo a fitou com uma intensidade terrível e devoradora. Dali para a frente, nada seria igual entre eles. Ou Jiro se sentava no trono dourado e Mara e todos os que ele amava seriam destruídos, ou morreriam tentando fazer Justin Imperador, ou talvez Mara se tornasse Governante de Tsuranuanni. Ainda assim, não tinha qualquer escolha; pelo bem-estar da própria filha, teria de usar todos os seus conhecimentos sobre guerra e confiar que a lendária sorte da Boa Serva os mantivesse todos vivos. Afastou-se das almofadas e colocou-se ao lado de Mara com um único passo; quando ela estava com um braço preso enquanto se vestia, ele

envolveu seu rosto com as mãos e beijou-a com ternura e amor.

– Tome um banho demorado – disse por fim. – Eu vou na frente para trocar ideias com Lujan e Irrilandi.

Mara devolveu o beijo e lhe deu um sorriso radiante.

– Nenhum banho me relaxaria mais do que um com você.

Hokanu ficou animado com a ideia, mas logo se enfiou nas vestes que antes tirara e apressou-se a se reunir com o conselho de guerra. Não conseguiu deixar de reconhecer que, quer sobrevivessem ou caíssem naquele conflito em grande escala, uma grande mudança aconteceria na vida de ambos. Não pôde afastar da mente o pressentimento de que os acontecimentos iriam forçar um distanciamento entre ele e a mulher que tanto amava.

Assembleia

Chumaka sorriu.

Esfregou energicamente as mãos como um homem poderia fazer para esquentá-las, mas o dia do lado de fora da janela já estava quente. O Conselheiro-Mor dos Anasati estava, isso sim, reagindo a um arrepio de pura excitação.

– Finalmente, finalmente – murmurou entre dentes.

Então remexeu avidamente a confusão de papéis e a correspondência para pegar o que parecia ser uma anotação inclassificável de registros num pedaço de papel amarrotado. Mas as inscrições ocultavam um código complexo e a mensagem escondida confirmava justamente que aquilo pelo qual Chumaka conspirara e persuadira acontecera.

Ignorando as sobranceiras erguidas e o ar inquiridor de seu escriba, Chumaka foi logo procurar seu Senhor. Jiro gostava de passar o meio do dia sem fazer nada. Nunca fazia uma sesta nem se divertia em jogos lascivos com concubinas durante as horas quentes, como muitos Governantes.

Os gostos de Jiro eram elevados. As conversas de mulheres o distraíam de tal maneira que uma vez, por capricho, ordenara que todas as suas primas se dedicassem a servir castamente nos templos. Chumaka riu entre dentes com a recordação. As moças não teriam filhos para se tornarem rivais, o que fez da decisão intempestiva de seu Senhor uma jogada mais sábia do que ele

percebera. Jiro, por natureza, preferia a privacidade. Àquela hora era possível encontrá-lo no banho ou lendo no pórtico fresco e arejado que unia a biblioteca à sala de cópias dos escribas.

Chumaka se deteve no cruzamento de dois corredores interiores parcamente iluminados, devido à ausência de lamparinas acesas no calor, e levemente perfumados pela cera e pelo óleo usados para cuidar do piso de madeira. Suas narinas finas se crisparam.

– Hoje ele não está no banho – murmurou, pois não detectou o cheiro de sabão no ar quando os escravos que cuidavam da higiene pessoal de Jiro passaram.

O Senhor era maçante a ponto de se preocupar com coisas tão triviais. Gostava da comida temperada com frescura para manter o hálito doce e exigia perfumes na água com que se lavava.

As velhas e curvadas árvores ulu que limitavam o pórtico no lado de fora da biblioteca refrescavam o ar mesmo nos dias mais abafados do verão. Jiro estava sentado num banco de pedra, com um rolo de pergaminho na mão, cercado por outros pergaminhos amontoados desordenadamente a seus pés. Tinha um escravo surdo-mudo por perto, pronto para atender até a mais básica das necessidades do amo assim que este girasse um dedo. Mas as necessidades de Jiro eram notavelmente escassas. Além de um ocasional pedido de uma bebida fresca, sentava-se frequentemente para suas leituras até o meio da tarde, altura em que se reunia com o hadonra para discutir as finanças da propriedade ou para organizar um recital de poesia, ou ia passear nos belos jardins concebidos por sua bisavó, que replantara e recuperara com imenso agrado.

Imerso em suas leituras, Jiro não reagiu de imediato ao som das sandálias de Chumaka no piso de terracota do pórtico. Quando notou o ruído, olhou para cima como se estivesse fitando um intruso, as sobrancelhas se abaixando com enfado e mostrando-se constrangido. Sua expressão se alterou de imediato para algo mais próximo à resignação. Chumaka era, entre seus servos, o mais difícil

de dispensar sem ter de valer-se de sua autoridade como Governante. De certa maneira, achava degradante dar ordens descabidas; estas eram rudes e ele se orgulhava de sua delicadeza, uma vaidade que Chumaka sabia bem como explorar.

– O que foi? – suspirou Jiro, tendo depois controlado sua expressão de tédio ao perceber que o Conselheiro-Mor lhe dava um sorriso descarado com todos os dentes, o que reservava para notícias promissoras. O Senhor dos Anasati também se animou. – É Mara – adivinhou. – Voltou para casa e se viu em desvantagem, espero.

Chumaka acenou com seu apontamento codificado.

– Efetivamente, Senhor, e ainda mais. Acabei de receber uma informação direta de nosso espião infiltrado no serviço de mensageiros de Hokanu. Temos informações precisas sobre o modo como ela planeja dispor as tropas.

Então os modos do Conselheiro-Mor dos Anasati se suavizaram, ao recordar como fora difícil violar o código secreto da correspondência de Hokanu.

Parecendo perceber que o desejo de Chumaka de comentar tais sutilezas estava para ser realizado, Jiro fez avançar a discussão:

– E?

– E? – Chumaka pareceu um pouco perdido enquanto retomava sua linha de pensamento. Mas seu olhar permaneceu atento e sua mente trabalhou impressionantemente depressa. – E nosso estratagema funcionou.

Jiro conteve um franzir de cenho. Chumaka, como sempre, parecia querer que ele seguisse a mais vaga das referências sem qualquer explicação para acompanhar.

– A que estratagema você se refere?

– Ora, àquele relativo aos engenheiros das máquinas de cerco e aos planos do fabricante de brinquedos. A Senhora Mara acredita que fomos ingênuos a ponto de contratar seus falsos trabalhadores.

Não se preparou para atacar nossas forças estacionadas e investiu sobre Kentosani. – Então Chumaka fez um aceno de desprezo. – Ah, foi levada a enganar o esposo para que este convocasse as tropas Shinzawai. Vão atacar nosso flanco mais ao norte, segundo ela crê, enquanto nós estivermos desorganizados e ainda tentando nos recuperar das mortes que espera que ocorram com os primeiros impactos de nossos aríetes e balistas.

– Não vão falhar – meditou Jiro, e seu rosto esguio finalmente se suavizou. – Vão estilhaçar aquelas fortificações antigas e nossos homens logo estarão lá dentro. – Soltou uma curta gargalhada. – As tropas dos Shinzawai vão aparecer apenas para prestar homenagem a um novo Imperador!

– E para sepultar o garoto, o herdeiro deles – acrescentou Chumaka em voz baixa. Então voltou a esfregar as mãos. – Ora, tratemos então de Justin. Devemos dizer que morreu sob escombros de alvenaria ou que foi confundido com um criado e entregue ao mestre de escravos como despojo de guerra? Há muitas formas desagradáveis de um garoto perder a vida entre os escravos.

Os lábios de Jiro se apertaram, numa expressão de desagrado, e seus olhos se estreitaram. Não apreciava práticas que considerava brutais ou propositadamente cruéis depois de uma infância inteira sendo atormentado por seu irmão mais novo, Buntokapi, e não era nada paciente no que dizia respeito a isso.

– Quero que o assunto seja tratado com rapidez e limpeza, sem sofrimento desnecessário; uma lança “desviada” deve bastar – replicou. Seu tom tornou-se então meditativo. – Já quanto a Mara... se o corpo da Serva do Império cair ainda com vida nas mãos de nossas tropas, aí é outra história.

Foi a vez de Chumaka ignorar o assunto. Suficientemente tsurani para mandar torturar ou matar homens quando tais medidas se revelassem necessárias, ainda assim não apreciava a ideia de causar dor à Serva do Império. O olhar de Jiro, sempre que pensava na

Senhora Mara, lhe causava um arrepio.

– Com sua permissão, meu Senhor, vou enviar a Omelo, o Comandante das Forças Armadas, as últimas notícias sobre o posicionamento dos Acoma e dos Shinzawai.

Jiro fez um gesto lânguido de concordância, mas manteve os pensamentos focados na vingança. Mal se dando ao trabalho de esperar pelo sinal de aquiescência do Senhor, Chumaka recuou com uma reverência, sentindo o espírito de pronto revigorado. Antes de Jiro pegar o pergaminho de novo para retomar a leitura, o Conselheiro-Mor dos Anasati se apressou a dizer para si mesmo, remoendo ideias e planos em voz baixa:

– Os guerreiros Minwanabi que não prestaram juramento quando Mara foi nomeada Boa Serva agora... – refletiu. Um brilho perverso cintilou em seus olhos. – Sim. Sim. Acho que é apropriado chamá-los daquela guarnição na fronteira e acrescentá-los às fileiras para confundir nossos inimigos.

Chumaka apertou o passo, assobiando alto agora que já não se encontrava ao alcance do ouvido do Senhor.

– Ó deuses – disse, interrompendo o tema que assobiava –, o que seria da vida sem a política?

O Império ficou de luto. Assim que foi anunciada a morte de Ichindar, os portões do Recinto Imperial foram fechados com estrondo e os tradicionais estandartes vermelhos de luto desfraldados do alto dos muros. As vias terrestres e fluviais do Gagajin ficaram repletas de mensageiros. Os raros gongos e carrilhões de metal de cada um dos templos dos Vinte Deuses Superiores soaram então em homenagem ao falecimento de Ichindar, noventa e um toques, um por cada geração de sua linhagem. A cidade permaneceria fechada para os tradicionais vinte dias de luto e todos os estabelecimentos e bancas de vendas que não fossem essenciais para as atividades normais do dia a dia seriam fechados com decorações vermelhas à porta.

No interior de Kentosani, sentia-se o desânimo nas ruas. O silêncio dos vendedores de alimentos e dos negociantes de água, que habitualmente gritavam para oferecer seus produtos, só era interrompido pelos cânticos dos sacerdotes em oração pelo falecido sagrado. Segundo a tradição, era proibido conversar nas ruas e até os mendigos autorizados da cidade tiveram de pedir donativos em silêncio. O Deus Vermelho Turakamu silenciara a Voz do Céu na Terra e, enquanto o corpo embalsamado de Ichindar jazia ricamente no centro de um círculo de velas e dos cânticos dos sacerdotes, a Cidade Sagrada também lhe devotava um silêncio respeitoso e dolorido.

No vigésimo primeiro dia, a Luz do Céu seria colocada no topo de sua pira funerária e o sucessor escolhido ungido pelos sacerdotes dos Deuses Superiores e Inferiores ascenderia ao trono dourado enquanto as cinzas esfriavam.

Prevendo esse dia, as conspirações se multiplicariam e os exércitos seriam engrossados. A Assembleia não permaneceu alheia à inquietação do resto do povo.

Do lado de fora dos portões da cidade, ancoradas ao longo da margem ou amontoadas nas docas de Silmani e Sulan-Qu, aguardavam as barcas mercantes, mantidas do lado de fora dos portões para respeitar o luto pelo Imperador. Os preços dos aluguéis dos armazéns subiram vertiginosamente quando os mercadores quiseram assegurar um abrigo para os bens perecíveis pegos em trânsito ou para objetos de valor grandes demais para serem deixados em barcas. Os agentes menos ricos tentaram obter espaço em porões e sótãos particulares e os ainda menos afortunados dentre eles perderam suas mercadorias para as crescentes marés da guerra.

Os clãs se reuniram e as companhias das casas se armaram. As estradas ficaram enevoadas com o pó do fim do verão levantado pelas batidas de milhares de pés. Os rios ficaram entupidos de

pequenas frotas e de embarcações de guerra e todos os meios de transporte fluvial, a remos ou impulsionados por varas, foram requisitados para transportar guerreiros. Os mercadores sofreram quando as mercadorias foram lançadas no rio para dar espaço à carga humana. Começaram então a faltar suprimentos nas cidades, já que as provisões eram trazidas em carroças por vendedores ambulantes de frutas e hortaliças que muitas vezes vendiam os produtos antes de chegarem aos mercados da cidade. As trocas de artigos no meio das estradas eram muitas vezes efetuadas com ajuda de lanças. Os lavradores sofreram. Os ricos se queixaram dos preços altos; os mercadores, de uma desesperadora escassez de bens. Os pobres passaram fome e ocuparam as ruas, agitados.

Os Senhores regentes que poderiam ter cedido patrulhas para reprimir as massas e restaurar a ordem estavam ocupados em outros locais, enviando seus guerreiros para apoiar esta ou aquela facção, ou aproveitando-se da perturbação para ensaiar ataques contra inimigos cujas guarnições tivessem sido reduzidas devido aos combates em campo. Motins ameaçaram o bairro dos pobres, enquanto os especuladores enriqueciam graças aos preços inflacionados.

As várias facções do Império se armaram e se reuniram em enormes hostes de guerra e, apesar da quantidade de cores de casas envergadas pelas tropas indo para Kentosani, os estandartes de três casas proeminentes se destacavam por sua ausência: o verde dos Acoma, o azul dos Shinzawai e o vermelho e amarelo dos Anasati.

Numa torre alta da Cidade dos Magos, encerrado num estúdio abarrotado de livros e pergaminhos e dominado por um jogo de chá de argila cozida a alta temperatura produzido em um lugar distante, o Grande Shimone estava sentado com seus dedos ossudos envolvendo uma xícara de chá. Desenvolvera um gosto pelas boas coisas de Midkemia dos mais diversos tipos e tinha criados

encarregados de manter sempre aceso o braseiro sob o bule, dia e noite. As almofadas onde o Manto Negro se instalara eram tão finas quanto seus gostos discretos. Diante dele havia uma mesa de três pernas cujo tampo fora revestido com um cristal clarividente através do qual se via a dança das imagens das hostes militares em reunião. O cristal mostrou breves vislumbres de Mara e Hokanu reunidos com seus conselheiros e, em seguida, Jiro gesticulando para convencer um Senhor Omechan de lábios crispados e com um ar relutante. Shimone suspirou. Seus dedos tamborilaram em ritmo agitado na xícara morna.

Mas foi Fumita, sentado quase sem ser visto nas sombras em frente, que deu voz ao pensamento mais óbvio:

– Não enganam ninguém, muito menos a nós. Cada um deles espera que o outro aja, para que, no instante em que aparecermos, possam dizer de consciência limpa: “Foi só para nos defendermos.”

Nenhum dos magos enunciou a triste e evidente conclusão: apesar de pessoalmente concordarem com as ideias radicais de Mara, o sentimento que prevalecia na Assembleia era contra ela. Acoma e Anasati tinham soado trombetas de guerra. Quer Mara e Jiro tivessem desfraldado ou não, oficialmente, seus estandartes de guerra, quer tivessem ou não anunciado suas intenções e pedido ao sacerdote do Deus da Guerra para desfazer o Selo de Pedra no Templo de Jastur, quase todas as facções divididas, de uma maneira ou de outra, se deixaram guiar pelos Anasati e pelos Acoma. A Assembleia de Magos seria inevitavelmente obrigada a agir. No silêncio pesaroso e tenso que se seguiu entre Fumita e Shimone, foi possível escutar um zumbido do outro lado da porta. Seguiu-se uma forte batida e passadas rápidas após o trinco de madeira saltar para cima.

– Hochopepa – disse Shimone, e seus olhos fundos pareceram insensivelmente semicerrados.

Deixou sua xícara de lado, agitou a mão e a visão no cristal se

turvou e desapareceu.

Fumita levantou-se.

– Se Hocho está com pressa, é porque já há gente suficiente reunida para haver quórum – calculou. – É melhor nos juntarmos a ele no grande salão.

A porta dos aposentos particulares de Shimone se abriu e um Hochopepa ruborizado logo entrou, com seu amplo contorno sendo atrapalhado pela desordem.

– É melhor que você se apresse. Um exaltado lá embaixo no Conselho acabou de propor explodir e reduzir a cinzas metade da população da província de Szetac.

Fumita fez um estalo com a língua.

– Sem fazer distinção entre guerreiros armados de lanças e famílias camponesas obrigadas a fugir diante de um exército?

Hochopepa sugou o ar com suas bochechas gordas.

– Nenhuma. – Recuou para fora, tossindo e fazendo sinal para seus companheiros o seguirem. – E, para piorar as coisas, o ponto que você acabou de destacar foi o único argumento a ir para votação. Caso contrário, já estaria um louco qualquer lá de baixo, neste exato momento, transformando em carvão fumegante tudo o que aparecesse na frente! – Virou para o corredor sem se preocupar em verificar se os outros o seguiam. Ao ouvir aquilo, Fumita transpôs de imediato a soleira da porta para seguir nos calcanhares do mago. – Bem, acho que nós teremos imaginação para levantar algumas objeções e atrasá-los mais um pouco. – Olhou por cima do ombro para censurar Shimone, que parecia tão relutante em se mover quanto em falar. – Isso não pode ser evitado, meu amigo. Desta vez você precisará falar tanto quanto nós para ajudar a causa.

Os olhos do mago ascético se abriram de repente para demonstrar sua afronta.

– Falar é bem diferente de desperdiçar energias em conversas fúteis.

Assim que o olhar fulminante do mago se voltou para a direção do corpulento líder do grupo, Hochopepa, por sua vez, também pareceu ofendido. Antes de conseguir descobrir algo equivalente para responder em sua defesa, Fumita apressou-o a seguir em frente.

– Poupe suas energias – disse ele, escondendo um sorriso sob a aparência solene. – Toda inspiração que conseguirmos reunir será melhor aplicada na Câmara do Conselho. Devem estar provavelmente lá embaixo discutindo como macacos de Midkemia, e aqui vamos nós correndo para piorar as coisas.

Sem mais discussões, os três percorreram depressa o corredor até a entrada do grande salão.

O debate a que os apoiadores de Mara logo se juntaram prosseguiu ao longo de dias. Muitas vezes, durante a história do Império, os argumentos dividiram a Assembleia, mas nunca antes se tinham arrastado fervorosamente por tanto tempo. Ventos desgarrados cortavam o grande salão que servia de sala de reuniões na Cidade dos Magos conforme iam chegando cada vez mais membros. As galerias altas de vários andares ficaram praticamente cheias, algo que só acontecera em tempos recentes por ocasião do debate relativo ao exílio de Milamber e da abolição do cargo de Senhor da Guerra. Os únicos ausentes eram os Grandes já senis. O ar ficou abafado devido à multidão e, como nenhuma reunião da Assembleia fora alguma vez suspensa sem uma decisão final, os procedimentos se arrastaram dia e noite.

Mais um alvorecer se infiltrou com seus tons acinzentados pelas janelas altas da cúpula, refletindo a prata no piso envernizado e revelando o cansaço no rosto de todos os presentes. Iluminou com cores baças a única atividade: no meio da enorme câmara, um mago robusto andava de um lado para outro, fazendo uma declaração.

O cansaço deixara marcas no rosto de Hochopepa, que acenava com um braço volumoso e falava com uma voz rouca devido às

horas de incessante oratória:

– Recomendo a todos que levem isto em consideração: grandes mudanças foram iniciadas e não podem mais ser desfeitas! – Levantou um braço para enfatizar sua opinião e diversos Mantos Negros mais velhos se sobressaltaram em seus assentos, despertando da sonolência. – Não podemos simplesmente acenar com a mão e fazer com que o Império volte aos velhos hábitos! Os dias de domínio do Senhor da Guerra terminaram!

Gritos de desaprovação procuraram interromper sua argumentação.

– Enquanto deliberamos, os exércitos marcham – berrou Motecha, um dos mais francos adversários das políticas de Ichindar entre os Grandes.

Lá embaixo, o mago corpulento ergueu a mão para que se fizesse silêncio, na verdade grato pela pausa momentânea. Já estava com a garganta arranhada de tanto falar.

– Eu sei! – Esperou que a calma se instalasse e depois prosseguiu: – Estamos sendo desafiados. Foi o que ouvi muitos de vocês repetirem inúmeras vezes – olhou em volta do salão, consciente de uma mudança que avançou como o movimento de uma onda pelos presentes – e mais vezes ainda.

Até os membros mais serenos do Conselho se remexiam agora em seus assentos. Tinham as costas entorpecidas por estarem sentados havia tanto tempo e já não se contentavam em se recostar e ouvir educadamente. Não foram só os impacientes que interromperam aos gritos, e não foram poucos os que se levantaram numa postura beligerante. Hochopepa admitiu a si mesmo que teria finalmente de ceder seu lugar no centro e esperar que Fumita ou o matreiro Toloro conseguissem descobrir uma estratégia para arrastar ainda mais a discussão.

– Não somos deuses, meus irmãos – resumiu Hochopepa. – Somos poderosos, é verdade, mas ainda assim não passamos de

homens. Se fizermos uma intervenção imprudente pela força, por estarmos irritados ou com medo do desconhecido, isso servirá apenas para aumentar a chance de as Nações sofrerem danos duradouros. Alerto todos para o fato de que, por mais que as emoções possam estar inflamadas, os efeitos de nosso ato podem se prolongar. Quando as emoções por fim esfriarem, será que nós iremos nos arrepender de fazer aquilo que nem nós poderemos emendar?

Terminou seu discurso baixando vagarosamente os braços, seguindo-se um lento arrastar de pés. O peso que trazia sobre os ombros quando se afundou em seu assento não foi fingido; conseguira estar no centro da sala durante dois dias e meio.

O atual Primeiro Orador da Assembleia voltou ao centro da sala piscando como se estivesse perplexo.

– Agradecemos a Hochopepa por sua sabedoria.

Enquanto na enorme câmara ecoava o zumbido crescente das conversas e dúzias de Mantos Negros competiam pela oportunidade de serem os próximos oradores, Fumita se inclinou sobre Shimone e sussurrou ao companheiro exausto:

– Muito bem, Hocho!

Shimone interrompeu abruptamente:

– Talvez nos próximos dias sejamos abençoados com um companheiro menos eloquente quando nos reunirmos para apreciar nosso vinho.

– Vamos escutar Motecha! – anunciou o Porta-Voz.

O homem baixo e com o nariz em forma de gancho, cujos primos outrora tinham ficado conhecidos como os mascotes do Senhor da Guerra, levantou-se de seu lugar. Motecha avançou a passos largos e girou, de modo que sua túnica esvoaçou. Seus olhos vivos e semicerrados percorreram rapidamente o auditório.

– Apesar de ter sido em grande medida interessante escutar nosso irmão Hochopepa relembrar a história dos acontecimentos

com grande minúcia – comentou –, isso em nada altera os fatos. Dois exércitos estão neste exato momento fazendo manobras para uma guerra. Combates já aconteceram e apenas aqueles entre nós que são tolos não percebem a farsa de esconderem as cores das casas por trás de estandartes de primos de clãs ou aliados! Mara dos Acoma desafiou nosso decreto. Enquanto estamos aqui falando, os guerreiros dela marcham e se envolvem em batalhas ilícitas!

– E por que menciona Mara, mas não Jiro dos Anasati? – replicou o impulsivo Sevean.

Teloro aproveitou a interrupção para colocar mais lenha na fogueira:

– Você considera as ações desse exército um desafio. Peço que se lembrem todos de uma coisa: a Luz do Céu foi assassinada! Tem de se reconhecer, Motecha, que foram as circunstâncias que levaram à mobilização de tropas. O Senhor Hokanu dos Shinzawai naturalmente teria de defender a família real. Mara era a maior apoiadora de Ichindar. Jiro, alego eu, construiu máquinas de cerco e contratou engenheiros para conspirar em prol de sua própria ambição, e não para dar estabilidade ao Império.

Motecha cruzou os braços, destacando sua postura de ombros caídos.

– Foram as circunstâncias que levaram tanto Jiro dos Anasati quanto Mara dos Acoma e seu consorte a mobilizarem exércitos rumo ao campo de batalha? Nenhuma de suas propriedades foi ameaçada! Este conflito é mesmo inevitável? O suposto “Bem do Império” *obrigou* efetivamente Mara a organizar a guarnição secundária de sua propriedade natal para evitar o uso das estradas públicas de Sulan-Qu por parte das forças Anasati e aliadas?

– Então! – interrompeu Shimone. Quando optava por elevar o tom de voz, esta se mostrava autoritária, e agora sua imobilidade continha uma ira reprimida. – Como sabe que foi Mara quem instigou o ataque, Motecha? Não soube de nenhuma batalha,

apenas de uma escaramuça que terminou com uma retirada. Queixamo-nos de uma guerra civil quando tudo não passou de uma troca de insultos e alguns disparos esporádicos de flechas?

Teloro expôs um segundo ponto de vista:

– Peço que prestem atenção a este fato: o estandarte à frente das fileiras que se reuniram perto de Sulan-Qu não era dos Acoma, mas sim do Senhor Jidu dos Tuscalora. Ele pode ser vassalo de Mara, mas sua propriedade situa-se diretamente no caminho da marcha de Jiro. O Senhor dos Tuscalora poderia estar legitimamente defendendo suas terras de uma invasão.

Motecha estreitou seu olhar.

– Nosso colega Tapek foi ao campo de batalha observar tudo, Teloro. Posso não ser um estudioso de história tão bom quanto seu colega Hochopepa, mas sem dúvida consigo perceber a diferença entre um posicionamento defensivo e um exército de ataque!

– E a coleção de máquinas de cerco de Jiro nas florestas que rodeiam Kentosani é uma defesa também? – gritou Shimone, mas seu ponto de vista foi abafado pelo barulho de outras vozes.

O Primeiro Orador berrou para impor a ordem:

– Colegas! O assunto que temos em mãos requer ordem.

Motecha alisou sua túnica do mesmo modo que um galo jiga incharia suas penas. Então apontou um dedo para as galerias.

– Flechas foram disparadas entre guerreiros de um vassalo de Mara e guerreiros dos Anasati disfarçados sob o estandarte do Clã Ionani. Vamos ficar aqui sentados discutindo enquanto nosso decreto é desafiado pela segunda vez? Tapek relata que as tropas derrubaram árvores para que seus arqueiros ficassem mais protegidos.

Aclarando a garganta, Hochopepa resmungou com a voz rouca:

– Ora, então Tapek poderia ter ordenado que parassem com os disparos.

Aquilo gerou gargalhadas e uma profusão de comentários

depreciativos.

– Ou foi o fato de flechas extraviadas serem uma recompensa menor para a grandiosidade de um Manto Negro que fez nosso amigo Tapek se esquivar?

Ao ouvir aquilo, Tapek ergueu-se de um pulo, com seu cabelo ruivo brilhando em contraste com as túnicas pretas atrás.

– Já dissemos a Mara para parar de imediato – gritou. – Ela esqueceu assim tão rapidamente os soldados que destruimos como exemplo no campo de batalha?

– É Motecha que está com a palavra, no centro – objetou o Primeiro Orador. – Você permanecerá sentado, a não ser que lhe seja dada autorização formal para conduzir a discussão, amigo Tapek.

O mago ruivo voltou a sentar-se em seu lugar, resmungando para o grupo de jovens amigos à sua volta.

Motecha retomou sua argumentação:

– Alego que Jiro dos Anasati não fez qualquer movimento de agressão. Suas máquinas de cerco podem estar em volta dos muros de Kentosani, mas não disparam! E nunca dispararão se evitarmos que Mara se una a seus apoiadores dentro do Recinto Imperial.

– Que apoiadores? Está dizendo que Mara participou em uma traição? – gritou Shimone. – Já está provado que ela não teve participação na conspiração dos Omechan para matar Ichindar!

O caos mais uma vez tomou conta da Assembleia. Durante vários minutos o Primeiro Orador Hodiku teve de erguer as mãos para reinstalar a calma. Os murmúrios demoraram a esmorecer. E Sevean ainda gesticulava enquanto expunha algum ponto de vista a um colega quando percebeu; então baixou o tom de voz, parecendo envergonhado.

Hochopepa secou o suor da testa.

– Parece que não preciso gastar minha voz em discursos. – Soltou um riso abafado. – Nossos adversários não estão indo muito

bem ao lidar com o assunto.

– Não por muito tempo mais, receio – comentou Shimone, agourento.

Motecha acrescentou mais acusações, mais francas do que quaisquer das de seus predecessores:

– Acuso Mara dos Acoma de ser culpada. A indiferença, ou melhor, o desprezo dela pela tradição está bem documentado. É até questionável como chegou ao ponto de ostentar o honrado título de Serva do Império. Mas calculo que ela e o falecido Imperador tivessem um... entendimento. O filho de Mara, Justin, avançará como pretendente ao trono dourado e aprovo o direito de Jiro de se defender deste inadmissível exemplo da ambição de Mara!

– E pronto – disse sombriamente Fumita. – Mais cedo ou mais tarde, o privilégio da adoção do filho de Mara viria à tona. Alguém tinha de arrastar o garoto para a discussão.

Notou-se uma verdadeira tristeza em seu tom, talvez devido à recordação pessoal do filho a que renunciara por ter sido chamado para se juntar à Assembleia. Contudo, o que quer que pudesse acrescentar foi abafado por uma onda de gritos. Muitos magos se levantaram de um salto e vários pareceram iluminados pela raiva que tinham dentro de si. Tentando se sobrepor ao tumulto, Hodiku, o Primeiro Orador, brandiu seu cetro e, ao constatar que continuava a ser ignorado, entregou o centro da sala a um jovem mago chamado Akani.

O fato de um ancião experiente ter sido deixado de lado em favor de um Manto Negro que mal concluía sua aprendizagem gerou de imediato um silêncio esmagador. Akani atraiu a atenção de todos com a voz de um poderoso orador:

– Presumir fatos sem provas não vale nada – resumiu, em tom rude. – Nada sabemos de qualquer conspiração de Mara dos Acoma. Não podemos negar que perdeu seu primogênito. Justin é seu único herdeiro. Se integrou uma conspiração para levá-lo ao cargo de

Imperador, dificilmente poderia ter executado tal intriga estando distante da corte. Apenas um louco deixaria o garoto enfrentar sozinho uma sucessão sem defensores Acoma ou Shinzawai. Justin está vivendo com as filhas de Ichindar, no Recinto Imperial, que, eu lhes recordo, entrou em quarentena após a morte do Imperador para vinte dias de luto! Uma criança poderia perder a vida em mais de mil infortúnios durante esse período de tempo. Se as tropas dos Acoma avançarem, irão fazê-lo levando em conta a vida de seu futuro Senhor. Companheiros – concluiu causticamente Akani –, sugiro que não nos deixemos levar por especulações e mexericos de rua durante nossas decisões.

Shimone ergueu suas sobrancelhas grisalhas diante daquela argumentação sensata e desapaixonada do jovem mago.

– Palavras bem escolhidas. O garoto raciocina como um advogado da corte imperial.

Hochopepa soltou um riso abafado.

– Era isso que Akani estudava antes de seus poderes mágicos o obrigarem a ser reconhecido como Manto Negro. Por que acha que invoquei um favor e pedi a Hodiku para escolhê-lo quando a discussão ficasse violenta? Não devemos permitir que os apoiadores de Jiro, como nosso franco Tapek, nos façam agir precipitadamente.

Mas nem mesmo os talentos de Akani como advogado poderiam servir para ocupar o centro por muito tempo. As emoções estavam no auge e os Mantos Negros que haviam se mantido neutros em relação à contenda já clamavam por uma decisão, nem que fosse só para acabar com a longa e cansativa sessão.

Surgiram pressões de todos os lados para que fosse dado um fim aos procedimentos. Akani esgotou suas palavras e, para assumir o controle, o Primeiro Orador Hodiku teve de ir ao centro passar a palavra a Tapek.

– Problemas vêm aí – disse Shimone num tom uniforme.

A testa de Hochopepa se enrugou e Fumita ficou imóvel como

uma estátua.

Tappek não perdeu tempo com oratória redundante:

– É inquestionável, companheiros, que esta Assembleia no passado concordou em ordenar a Mara que não atacasse Jiro. Pelo Bem do Império, exijo que ela pague com a vida!

Hochopepa levantou-se de um pulo, com uma rapidez incrível para alguém com seu peso.

– Discordo.

Tappek girou nos calcanhares para encarar o mago corpulento.

– A qual mortal ao longo de nossa longa história já foi permitido viver depois de desrespeitar nosso decreto?

– Posso enumerar vários – replicou Hochopepa –, mas duvido que isso resolvesse o assunto. – A voz do mago saiu áspera. Deixou de lado os floreios e as frases eloquentes: – Não nos precipitemos. Podemos matar Mara quando quisermos, se assim decidirmos. Mas neste momento temos problemas mais urgentes a resolver.

– Ele vai nos obrigar a fazer uma votação – Fumita murmurou, preocupado, dirigindo-se a Shimone. – Isto pode acabar em desastre.

As sobrancelhas de Shimone se ergueram num olhar ameaçador.

– Deixe-o. Seja como for, o desastre é inevitável.

Hochopepa desceu para uma nave lateral. Com um ar bonachão graças a seu rosto gordo e corado e sorrindo de modo simpático, não parecia nada inoportuno, além do que tal postura jovial diante dos procedimentos tensos lhe proporcionou liberdade de ação, quebrando a tensão. O Primeiro Orador Hodiku não o repreendeu quando foi até o centro e alcançou Tappek, andando a seu lado. Seus passos curtos foram obrigados a se estender para um comprimento ridículo para acompanhar o mago mais alto. A gordura de Hochopepa se agitou levemente sob a túnica e suas bochechas se encheram de ar devido ao esforço. Coroou aquela encenação ridícula acenando a mão rechonchuda logo abaixo do nariz de Tappek com

gestos veementes. Quando Tapek recuou o queixo para não ser atingido por uma unha, Hochopepa disse:

– Sugiro que tentemos outros procedimentos antes de eliminarmos a Serva do Império. – Vários membros da Assembleia se retraíram diante de tão ousada atitude e Hochopepa aproveitou corajosamente a vantagem para chegar a seu objetivo: – Antes de nos comprometermos com uma ação inédita na história de nossas Nações, que é destruir a detentora do título mais honrado que um cidadão pode obter, é melhor pensarmos bem no assunto.

– Isso já foi feito – interrompeu Tapek, ficando imóvel.

Hochopepa continuou caminhando e, com uma aparente falta de jeito, foi de encontro ao colega mais novo, desequilibrando-o. Tapek teve de cambalear para a frente para não cair. Desorientado e sem saber o que dizer, foi posto de lado assim que Hochopepa prosseguiu seu monólogo:

– Antes de mais nada, deveríamos acabar com o derramamento de sangue, e depois chamar Jiro e Mara à Cidade Sagrada. Poderiam ser mantidos aqui até avaliarmos este assunto calmamente. Vamos votar?

– Há uma questão em causa no centro – anunciou o Primeiro Orador.

– O centro me pertence! – reclamou Tapek.

Naquele momento Hochopepa pisou com toda a força no dedo do pé do ruivo. Tapek escancarou a boca. Seu rosto ficou pálido e depois violentamente vermelho. Voltou-se, furioso, para encarar Hochopepa, que continuava a pisar com todo o seu peso no pé do adversário como se não tivesse se dado conta disso. E, enquanto Tapek era distraído pelo incômodo, Hodiku retomou a condução dos trabalhos convocando para a votação.

– Bem, foi uma sessão longa e cansativa – sussurrou Hochopepa para Tapek. – Por que não nos sentamos e nos recompomos diante do assunto mais sério que é a orientação de nosso voto?

Tapek rosnou entre dentes cerrados. Sabia que já era tarde demais para quebrar o protocolo e revogar a convocatória para uma votação formal. Assim que Hochopepa levantou seu peso do dedo de Tapek, ao mago ofendido não restou alternativa além de sair dali mancando e resmungando e se reunir com seu grupo de jovens rebeldes.

O Primeiro Orador levantou uma mão.

– Eis as opções: a favor ou contra. Devemos ordenar que cessem os combates e que Mara e Jiro se dirijam à Cidade Sagrada para depor perante nossa Assembleia?

Todos os magos presentes na ampla câmara levantaram uma mão. Uma luz brilhou em suas palmas erguidas: o azul indicando concordância; o branco, abstenção; e o vermelho, discordância. O brilho azul obteve uma nítida vantagem.

– O assunto está resolvido – anunciou o Primeiro Orador. – Que a Assembleia vá comer e descansar para voltar a se reunir em outra data, quando se indicará quem deverá ser enviado para transmitir nossas convocatórias aos interessados, Mara dos Acoma e Jiro dos Anasati.

– Brillhante! – exclamou Shimone, parecendo indiferente aos olhares sombrios que lhe foram dirigidos por Tapek e Motecha. À volta deles havia magos que se levantavam rigidamente, suspirando de alívio ante a perspectiva de uma refeição e de um repouso prolongado. A sessão se esticara tanto que poderiam ser necessários dias até recuperarem o entusiasmo para reunir quórum e designar outro Primeiro Orador. E, quando um assunto era formalmente votado e aprovado por toda a Assembleia, ações individuais, como qualquer uma realizada por Tapek, eram proibidas. Os lábios finos e discretos de Shimone se esticaram de uma forma que sugeria um sorriso. – No que me diz respeito, acho que seria capaz de dormir durante pelo menos uma semana.

– Mas você não vai fazer isso – acusou Fumita. – Vai se abraçar

com uma garrafa de vinho e debruçar-se sobre seu cristal para adivinhar o futuro.

Hochopepa suspirou fundo.

– Evitamos por pouco aquela que teria sido talvez a ação mais destrutiva de toda a nossa longa história – comentou. Olhou então em volta para ter certeza de que não havia intrusos prestando atenção. – E obtivemos uma bênção de uns poucos dias – sussurrou. – Rezo para que Mara tenha em andamento algum plano inteligente que não consegui identificar, ou que a viagem dela a Thuril tenha lhe proporcionado alguma proteção à qual possa recorrer de imediato. Se assim não for e nós a perdermos, voltaremos às atrocidades do Jogo do Conselho por mais algumas eras...

Fumita não teve papas na língua:

– O Caos.

Hochopepa se empertigou.

– Minha garganta precisa de algo úmido e suave.

Os olhos profundos de Shimone brilharam.

– Tenho um pouco daquele vinho de Kesh que você tanto adora escondido nos meus aposentos.

A testa de Hochopepa se enrugou de pura surpresa.

– Não sabia que você fazia negócios com mercadores de Midkemia!

– E não faço! – Shimone torceu o nariz de modo reprovador. – Há uma loja nas docas da Cidade Sagrada que parece ter sempre algum de reserva. Meu criado não pergunta como o dono manda vir o vinho sem os selos dos impostos imperiais em cada garrafa... e quem seria capaz de discutir um detalhe desses diante de um preço que parece ser razoável...?

Assim que os três magos abandonaram o imenso salão da Assembleia, a conversa se voltou para trivialidades, como se palavras leves e companheirismo pudessem de alguma forma manter longe aquela enorme crise que estava prestes a dominar sua

terra e sua cultura.

Batalha

O campo foi consumido pelo fogo.

A fumaça acre serpentava pelo campo de batalha, com o cheiro fétido de pele queimada, assim como da também carbonizada lã bem tecida das almofadas e das tapeçarias que por norma enfeitavam as tendas de campanha dos Senhores e dos oficiais tsurani. Cães de guerra ganiam e rosnavam. Um jovem mensageiro corria à procura de um curandeiro para cuidar de um oficial ferido. Mara piscou os olhos cheios de lágrimas e virou as costas aos soldados que vasculhavam as cinzas procurando corpos e armas. O ataque ao alvorecer se revelara um sucesso. Mais um dos aliados tradicionalistas de Jiro morrerá na tenda de comando enquanto seus oficiais e guerreiros pegavam desajeitadamente suas mantas para dormir. Lujan era insuperável em montar emboscadas e lançar ataques-surpresa; superior a seus pares que nunca haviam conhecido as privações da vida de um guerreiro cinzento, sabia como tirar proveito dos subterfúgios e da astúcia. A maioria dos combates envolvera aliados e vassalos menores dos Acoma e dos Anasati. Tinham ocorrido também confrontos entre casas com velhas dívidas de sangue por pagar. E, se os magos seriam rápidos em condenar um ataque em grande escala numa guerra aberta formal, conflitos menores como aquele até agora tinham escapado impunes.

Tal indulgência não continuaria para sempre, pensou Mara quando se virou penosamente para o abrigo pequeno e despojado

de enfeites, feito às pressas num espaço que não fora afetado pelas lutas. Lujan também estava ciente disso; lançou-se a cada combate com uma energia quase fanática, como se não pudesse descansar enquanto não liquidasse mais um inimigo.

Com calor, a pele irritada pelo peso da armadura completa que não estava habituada a usar e, acima de tudo, esgotada, Mara cruzou a aba da tenda para chegar à sombra de seus aposentos pessoais. Redemoinhos de pó entraram ao mesmo tempo que ela. Acenou e uma criada saiu veloz das sombras para soltar os laços de suas sandálias de batalha. O conforto luxuoso da tenda de comando dos Acoma, que tinha o tamanho de um pavilhão, ficara empacotado na propriedade e sua substituta não passava de uma tenda simples, retirada dos depósitos, onde antes servira de abrigo a pastores de needra. Desde sua viagem a Thuril, a perspectiva de Mara em relação a determinados costumes tsurani tinha azedado e, de qualquer forma, a tenda de comando tingida de verde com seus estandartes de seda, ornamentos e bordados serviria apenas para anunciar aos magos seu paradeiro.

A tenda dos pastores estava tremendamente quente. Filtrava o sol direto e algum ruído, quando os oficiais gritavam ordens e homens feridos gemiam por causa de violentas dores.

– Água – pediu Mara.

Ergueu uma mão enegrecida para desapertar a tira do elmo no queixo.

– Grande Senhora, permita que eu a ajude.

Kamlío contornou a divisória improvisada que separava a estrutura em duas partes. Mais treinada do que a criada para responder às necessidades dos homens, estava familiarizada com as fivelas das armaduras. Aplicou-se com destreza e Mara suspirou de alívio assim que se viu livre das várias camadas da couraça que limitavam seus movimentos.

– Obrigada – murmurou, e assentiu para agradecer à criada que

Ihe trouxe uma taça com água fresca.

Nunca mais veria esse tipo de serviço como algo gratuito.

Kamlío soltou mais uma fivela e reparou no ligeiro retraimento da Senhora.

– Bolhas, Senhora?

Mara assentiu com pesar.

– Em todo o corpo. Parece que os calos não estão crescendo como deveriam. – Os apetrechos de Chefe de Guerra do Clã Hadama eram artigos que usava com frequência, mas agora, mais do que nunca, todos os símbolos de seu posto deveriam ser exibidos. Estava num campo de batalha, comandando tropas e uma aliança de forças nunca vista na história recente. Poderiam marchar sob os estandartes de uma centena de casas menores, ou até de suas forças disfarçadas sob o estandarte de seu clã; mas eram setenta mil almas, ou seja, pelo menos metade do poder do Império. As vidas deles, ou até a própria sobrevivência, eram de sua responsabilidade.

Esta guerra veio depressa demais!, bradou em pensamento enquanto Kamlío removia as grevas e a couraça do peito e soltava as últimas tiras das braçadeiras. As hostes em guerra tinham se confrontado antes de poderem traçar um plano de ação; nem sequer Ihe deram tempo para organizar um encontro entre Keyoke e os magos cho-ja de Chakaha. O assassinato de Ichindar ocorrera quando ela reunira todas as peças necessárias para a vitória, mas antes de poder descobrir a melhor forma de usá-las.

Kamlío acabara de desapertar a couraça do peito de Mara quando soaram passos no exterior da tenda. Assim que se viu livre de seu emplumado e pesado elmo ornamentado com relevos e proteções, Mara fechou os olhos, esgotada. Empurrou para trás o cabelo empapado de suor que se colara na testa e no pescoço.

– Abra a aba da tenda – ordenou à criada. – Se é Lujan que já está de volta, temo que sejam más notícias.

A criada puxou para o lado a pele de needra que servia de porta, enquanto Kamlio procurava algo para comer e buscava taças de água. Os guerreiros estavam no campo de batalha desde o alvorecer e, fosse qual fosse o oficial que se aproximasse para trazer informações, deveria estar faminto e sedento.

Uma sombra cruzou a luz, iluminada por uma corrente de fumaça. Mara piscou os olhos ardidos e conseguiu discernir as plumas de seu Comandante das Forças Armadas quando ele a saudou com um punho sobre o coração.

– Senhora, os Zanwai e os Sajaio estão em retirada absoluta. Ganhamos o dia; se a Senhora consegue se alegrar com a conquista de uma desprezível faixa de pântano de ngaggi, das cinzas de algumas tendas e de seis cães de guerra sem raça que gostam de se atirar na garganta de tudo o que se mexe, uma das baixas foi o tratador deles, então alegre-se. A força de ataque que tentou organizar a retirada foi rapidamente destruída, principalmente porque o oficial responsável tinha menos miolos do que os cães da Casa dos Sajaio.

Mara fitou o céu turvo cheio de fumaça acinzentada e depois falou com amargura:

– Até quando teremos de permanecer aqui numa disposição defensiva para manter as forças dos Anasati presas a sudeste de Sulan-Qu? – Irritava-a saber que Jiro tinha outras forças escondidas ao norte. Esperava a qualquer momento receber a informação de que a Cidade Sagrada estava cercada. Com o exército dos Shinzawai comandado por Hokanu em marcha apressada, mas ainda a vários dias de Silmani e do Gagajin, não lhe restava outra saída além de confiar nos planos do fabricante de brinquedos e nos engenheiros que enviara para se infiltrarem na operação de Jiro. Não tinha alternativa além de ficar acordada todas as noites rezando para que sua cuidadosamente planejada sabotagem funcionasse e para que, quando Jiro ordenasse que suas grandes máquinas derrubassem as

muralhas, os mecanismos falhassem e provocassem o caos.

Os magos cho-ja não poderiam ajudar naquela guerra. Sua magia deveria ser mantida em segredo até o momento mais desesperador, quando a Assembleia por fim agisse, pois, com as facções rivais engrossando fileiras para descer sobre Kentosani, um conflito em grande escala era apenas uma questão de tempo. Até lá, os exércitos rivais só poderiam se preparar para o confronto suportando escaramuças e pequenos combates. Nenhum deles seria desencorajado pela meia dúzia, ou ainda menos, de exércitos que manobravam pelas melhores posições para recolher os ossos que as grandes casas pudessem deixar para trás em seu rastro de destruição.

Mara fez um sinal ao Comandante das Forças Armadas para que entrasse no aposento.

– Quanto tempo? Jiro deve estar prestes a fazer sua jogada, seja rompendo nossas linhas, seja mandando seus aliados do Ocidente cercarem a Cidade Sagrada. Quanto tempo mais poderemos demorar sem comprometer o apoio a Hokanu? Se algo correr mal...

– A voz dela se perdeu.

Sentiu-se derrotada pela agonia forçada da espera, completamente armada e a postos e, contudo, incapaz de avançar. Se ordenasse a seu exército principal que marchasse para Kentosani, deixaria uma via aberta para as forças Anasati alcançarem o rio ou as estradas comerciais, ou para atacá-la pela retaguarda. Enquanto as forças dos Acoma mantivessem suas posições, o Comandante das Forças Armadas de Jiro não poderia atacar e chegar a Sulan-Qu sem provocar uma reação da Assembleia.

Mas ficar ali parada a atormentava, por saber que o homicídio de Ichindar não passara do primeiro passo de uma conspiração complexa e interligada. Jiro não passara anos construindo máquinas de cerco, pagando altos subornos e conquistando alianças nas propriedades ao redor dos Inrodaka por nada. A ameaça a Justin

viria do oeste, disso Mara não tinha dúvida, e, se seus inimigos furassem as defesas do Recinto Imperial antes de ela conseguir chegar lá, seus filhos perderiam a vida. Os Brancos Imperiais eram bons guerreiros, mas, com Ichindar morto, a quem seriam leais? A Primeira Esposa de Ichindar não controlava nem mesmo a filha. O Comandante das Forças Armadas Imperiais defenderia o Recinto Imperial, mas sem uma autoridade superior clara, seus homens eram uma grande incógnita. Iriam lutar, mas será que defenderiam com a mesma dedicação e altruísmo que as forças dela lhe votavam? Qualquer guerreiro poderia vacilar se o Senhor que ordenasse o ataque ao Recinto Imperial pudesse ser o próximo Imperador. Agora, mais do que nunca, Mara compreendia as lacunas na estrutura governamental de Tsuranuanni.

– Ó deuses – exclamou, frustrada –, esta campanha seria sangrenta, mas simples, se pudéssemos planejá-la sem o risco da interferência da Assembleia!

Lujan pensou, preocupado, na inquietação de sua Senhora, experiente como era nas fraquezas dos homens mantidos muito tempo na iminência de uma guerra, mas sem combater. Sua Senhora estava prestes a ceder à tensão. A túnica acolchoada que vestia sob a armadura estava encharcada de suor. Mostrara-se teimosa e supervisionara a ação mantendo-se diretamente sob o sol. Ele falou em tom brando:

– Deveria aproveitar todas as oportunidades disponíveis para se sentar e descansar, minha Senhora. – Dando o exemplo, retirou com determinação o próprio elmo e afundou-se de pernas cruzadas na almofada mais próxima. – A ação pode surgir a qualquer momento e de pouco valerá a seu povo se estiver esgotada ou se desmaiar por causa do calor. – Coçou o queixo, incapaz de silenciar totalmente suas torturantes preocupações. – Se bem que a ausência dos magos está chamando a atenção de todos, é óbvio.

– Um mau sinal – admitiu Mara. – Segundo Hokanu, isso significa

que estão deliberando para chegarem a um consenso e um ultimato unânime. Se Jiro ou eu lançarmos diretamente nossas forças, eles irão agir, disso você pode ter certeza! – Permitiu que a criada lhe despisse a túnica interior e com um gesto pediu uma roupa seca. – Tomarei banho mais tarde, quando a fumaça baixar e as coisas conseguirem ficar limpas.

Lujan coçou o cotovelo machucado, mas interrompeu o gesto quando Kamlio lhe deu água. Bebeu sofregamente, com o olhar voltado para o mapa de comando desenrolado na terra ao lado da mesa. Tinha pedras nos cantos fazendo peso e no meio havia contrapesos e fileiras de peças coloridas que representavam a disposição das diversas facções, segundo o relatório mais recente. A impaciência desgastante que corroía sua Senhora era compartilhada por todos os homens das fileiras. Era necessário entrar em ação, Lujan bem sabia, para manter o espírito aguçado e evitar movimentações precipitadas geradas pela frustração. Até um pequeno combate serviria, concentrando a atenção e a disciplina para que as tropas continuassem despertas. Estudou minuciosamente o mapa e depois desembainhou a espada para apontar uma área.

– É evidente que um grupo neutro ocupou uma posição defensiva ao longo do braço oriental do rio Gagajin, entre a confluência ao norte do Grande Pântano e a cidade de Jamar. Podem avançar para oeste e atormentar o flanco de Jiro, mas o mais provável é que se deem por satisfeitos em esperar, para no final apoiarem o vencedor.

Mara falou evitando a mão da criada, que lhe passou uma esponja pelo rosto e a secou, para depois lhe vestir uma túnica seca.

– Em que está pensando? Numa manobra para entretê-los? Se pudéssemos espantá-los para fazê-los dar a volta, poderíamos confundir as coisas o suficiente para ocultar o avanço de várias companhias nossas, não?

– Keyoke sugeriu que nós os capturássemos e então roubássemos as armaduras e os estandartes deles para enfiar uma companhia nossa ao norte, fazendo-nos passar por eles. – Lujan deu um meio sorriso, parecendo se divertir. – Não é lá muito honrado, Senhora, mas há homens seus suficientemente leais para não se importarem. – Os olhos dele demonstraram uma franca admiração pela forma delgada de Mara e pelas bolhas que suportava sem se queixar. – Mas a questão é: que forças poderíamos selecionar para iniciar a escaramuça sem que se tornassem óbvias aos olhos de nossos inimigos?

– Eu posso cuidar disso – propôs uma voz aveludada.

Uma sombra emergiu da fumaça agitada e parou na soleira da porta. Como sempre, a aparição de Arakasi fora silenciosa. Mara, habituada como estava às suas aparições inesperadas, nem se deu ao trabalho de disfarçar seu retraimento. Kamlio, pega desprevenida, despejou a caneca de água sobre o mapa. Os marcadores foram levados pela inundação e a água criou uma poça sinistra na concavidade que representava Kentosani. A agitação na tenda cessou quando Arakasi a viu pela primeira vez desde seu retorno de Thuril; seus olhos se arregalaram por um momento, revelando uma enorme súplica. Em seguida, ele se recompôs e seu olhar voltou-se para o mapa. Rápido como um reflexo, continuou a falar:

– A água derramada resumiu bem a situação. Senhora, recebeu meus relatórios?

– Alguns. – Mara tocou na mão de Kamlio, indicando-lhe que deveria sair ou sentar-se. – A criada cuidará da limpeza – murmurou em tom amável.

Kamlio nunca se parecera tanto com uma gazen pega numa posição vulnerável e descoberta; contudo, Thuril a mudara. Não ficava mais taciturna e rígida; recompôs-se e sentou-se.

Arakasi inspirou levemente e suas sobranceiras se mexeram de perplexidade. Então, muito profissional, ajoelhou-se ao lado da mesa

e enlaçou as mãos por cima, bem à vista, como se, com outros olhos a fitá-lo, ele não se atrevesse a tremer. Não parecia cansado, avaliou Mara, apenas atormentado, e não trazia qualquer disfarce além de uma túnica simples preta e branco. Embora tivessem trocado comunicações desde que ela regressara do Sul, era a primeira oportunidade de que ele dispunha para aparecer pessoalmente desde o homicídio do Imperador.

– Senhora, é como temíamos. Os Inrodaka e seus dois vassalos estão alinhados com Jiro; as declarações de neutralidade são fingidas. As máquinas de cerco estavam escondidas nas florestas e estão sendo deslocadas para Kentosani neste momento.

– Onde estão? – perguntou bruscamente Lujan.

Arakasi percebeu o que perturbava o Comandante das Forças Armadas.

– A sudoeste da Cidade Sagrada. – Então foi direto ao ponto: – Há tradicionalistas da província de Neshka participando como aliados e ao norte os Inrodaka enviaram tropas para flanquear a marcha de Hokanu para o sul. Ele dispõe de mais homens; não será contido, mas vai sofrer perdas e se atrasar.

– Aliados de Neshka? – interrogou Mara. – Esses, podemos combater. – Em seguida virou-se para Lujan. – A guarnição de minha propriedade de Sulan-Qu pode marchar para oeste para interceptá-los?

Arakasi interrompeu, num tom brusco que não lhe era habitual:

– As tropas já estão perto demais de Kentosani. Apenas poderia incomodar a retaguarda. Isso serviria para reduzir as forças encarregadas do cerco, mas não as deteria.

– E as terras que lhe pertencem por nascimento seriam deixadas sem guarda suficiente para serem defendidas – acrescentou Lujan. Refletiu, franzindo furiosamente o cenho. – Seu acordo original com a rainha dos cho-ja lhe garante duas companhias de guerreiros. Seriam suficientes para rechaçar qualquer força independente que

tente um saque ou uma incursão, mas não o exército de Jiro, se ele optar por concentrar os esforços dos Anasati nessa direção.

– Os magos proíbem tal jogada – contrapôs Mara, inclinando-se de lado para permitir à criada que passasse toalhas e limpasse as poças do mapa tático. – Minhas terras em Sulan-Qu devem ser sacrossantas. – Tamborilou os dedos enquanto tomava uma decisão difícil. – Kentosani deve ser nossa primeira preocupação. Se Jiro conquistar o trono dourado, todas as nossas causas estarão perdidas. Dispomos apenas dos planos do fabricante de brinquedos para despistá-lo. E, se nossa artimanha correr bem, muitos inimigos morrerão quando as máquinas de cerco forem acionadas. Isso fará com que a quantidade de tropas se torne crucial. Se diminuirmos o número das dele, Jiro não terá homens suficientes para escalar as muralhas antes de Hokanu triunfar. Não, temos de arriscar as terras de Sulan-Qu. O que devemos temer é a Assembleia. O que os magos vão fazer se tirarmos a guarnição das terras de Sulan-Qu e atacarmos esses tradicionalistas da província de Neshka?

– Nenhum homem pode saber – reconheceu Arakasi. Como se não soubesse que Kamlio observava todos os seus gestos, serviu-se da bandeja trazida quando a criada de Mara terminou a limpeza. – Mas, a meu ver, o Senhor dos Anasati foi bastante esperto. Será melhor para ele se seus apoiadores de Neshka parecerem agir por conta própria. Se Jiro conquistar o trono e a Assembleia o acusar posteriormente de ambição excessiva, ele deixa uma conveniente aparência de não envolvimento. Pode objetar e alegar que a aliança se formou atendendo à opinião popular e que sua intenção de pegar a coroa imperial nada teve a ver com isso; ao contrário, poderá dizer que a ideia foi de tradicionalistas que agiram para apoiá-lo por ser o candidato mais merecedor do título. – Entre mordidas de pão, o Mestre dos Espiões acrescentou: – Senhora, sua oposição a tal movimento pode ser encorajada pela Assembleia se for considerada um equilíbrio natural de poder.

– Partindo desse pressuposto, a propriedade de Sulan-Qu pode vir a ser sacrificada – sugeriu Lujan.

Remexeu sua espada entre os marcadores encharcados, para destapar essa parte do mapa.

Mara não escondeu sua irritação.

– Parecemos dois duelistas a quem foi dito que determinados movimentos levarão o juiz a eliminar o ofensor, embora este não tenha especificado quais são.

Arakasi deixou de lado a casca do pão para colocar as peças em novas posições e, sob suas mãos, um coágulo agourento de cores variadas se espalhou na direção de Kentosani.

– Jiro pode controlar a posição mais importante para o ataque ao Recinto Imperial, mas nossa força é mais numerosa e dispõe de mais recursos.

Mara seguiu seu pensamento por concluir:

– Temos o forte apoio do Senhor Hoppara dos Xacatecas, mas ele está enclausurado em Kentosani. Seu cargo não lhe permite agir sem um Imperador, a não ser em caso de defesa, e Isashani em Ontoset apenas pode enviar forças Xacatecas para apoiá-lo em função dos acontecimentos. – Mara suspirou. – Politicamente, estamos em desvantagem. Há mais gente defendendo a volta do velho Conselho do que ao nosso lado. Não, esta não será uma guerra de desgaste, até que um dos lados fique fraco. Ou vencemos de uma vez, e logo no início, ou Jiro conquistará uma base maior de apoiadores.

Lujan passou os dedos pelo gume da espada, como se estivesse aborrecido com as fendas ainda por afiar oriundas do pequeno combate da manhã.

– Teme deserções e traições?

– Não as temo – respondeu Mara –, mas, se perdermos estabilidade, acho que vão acontecer. – Com a ordem reposta no mapa, ela mordeu o lábio e tomou uma decisão. – Temos de

ameaçar o cerco, custe o que custar. Temos de arriscar as terras de Sulan-Qu. Lujan, como devemos agir?

O Comandante das Forças Armadas dos Acoma pegou seu elmo empapado de suor.

– Podemos pedir ao nosso Senhor Benshai dos Chekowara para começar a avançar para o norte até suas antigas terras, mas mantendo-se na margem ocidental do rio. Jiro ficará sem saber se ele vai reforçar nossa guarnição ou se seguirá para a Cidade Sagrada.

Mara reagiu com um sorriso de pura satisfação.

– Se o persuadirmos a destacar nem que seja uma pequena parte das tropas dos Anasati para atralhar a Casa dos Chekowara, a Assembleia vai perceber suas intenções.

– Se Jiro cruzar o rio para interceptá-lo, Benshai fugirá como um calley assustado – disse Arakasi em tom seco. – Os servidores de sua casa comentam às costas dele que Benshai murmura palavras de covardia durante o sono.

Mara suspirou.

– Se tivermos sorte, Jiro não sabe disso.

Arakasi retomou a palavra, dessa vez num tom de frustração:

– Jiro com certeza sabe. Seu conselheiro Chumaka pode muito bem ter o ouvido encostado à língua destravada do Senhor dos Chekowara, escutando até o mais ínfimo dos suspiros. Meus agentes dispõem de provas de que ele manteve o Clã Hadama em desordem ao longo dos anos em que serviu como Chefe de Guerra do Clã. Apesar de suas túnicas suntuosas e dos soldados aparentemente compenetrados, ele é mais aparência do que substância. Não, Benshai dos Chekowara pode marchar com determinação rio acima, mas, ao primeiro indício de ataque Anasati, ele correrá para o sul. E Jiro ficará sabendo do momento em que suas propriedades de Sulan-Qu estarão desprotegidas, pois metade das cortesãs de Benshai são espãs de Chumaka.

A veemência no tom de voz de Arakasi fez Kamlio se empertigar. Inspirou e quase lhe dirigiu a palavra antes de ficar corada. Baixou então o olhar num doloroso embaraço. Mara reparou nisso um pouco antes de Lujan. Tocou no pulso de seu Comandante das Forças Armadas sob a mesa para deter a discussão dos assuntos mais importantes, obrigando a tensão cruzada entre o Mestre dos Espiões e a ex-cortesã se desdobrar em algo mais. Arakasi foi o primeiro a retomar a palavra, com um tom duro como ferro bárbaro evidente em seus modos suaves:

– Não aprecio os hábitos do Senhor dos Chekowara. – Sua repulsa tornou-se bem evidente. – Mas jovens espiãs são uma especialidade de Chumaka. No passado, Mara quase foi morta por uma. Chamava-se Teani. – Fez uma pausa, com as sobrancelhas inclinadas de modo inquiridor. – Se pretende saber algo sobre meu modo de pensar em relação a este ou a outro assunto qualquer, basta perguntar. Mas, por favor, pare de me fitar como se eu fosse um rolo de pergaminho ou um quebra-cabeça, ou alguma espécie de mascote falante.

Kamlio levantou-se de repente, com uma expressão confusa.

– Não o vejo assim. – Pareceu ofegante, como se tivesse corrido. Ia fazer uma reverência, já com a boca semiaberta para pedir permissão a Mara para sair, mas a expressão terna de Mara não lhe deu segurança. Piscou, ergueu o queixo e olhou para o Mestre dos Espiões com uma vulnerabilidade bem evidente. – Não sei o que devo perguntar. Não sei o que pensar de você. Mas a verdade é que você me assusta profundamente. – Seus olhos levemente amendoados se encheram de lágrimas. – Estou assustada e não sei por quê.

Por um momento, o Mestre dos Espiões e a garota se enfrentaram numa perplexidade dolorosa. Lujan permaneceu imóvel, com a mão segurando bem firme a espada.

Após um segundo insuportável, Mara percebeu que era ela quem

deveria quebrar a tensão:

– Kamlio, você tem medo porque finalmente entende o que é ter algo a perder. Vá agora e procure água fresca para lavar o rosto.

A garota fez uma reverência, profundamente aliviada, como se tivesse estado amarrada por cordas invisíveis até então; em seguida, ultrapassou com pressa a cortina à procura de privacidade.

Diante do olhar ferido de Arakasi, Mara exibiu um sorriso juvenil.

– Você está triunfando – sussurrou. – A garota lhe mostrou o que sente.

Arakasi deixou cair as mãos sobre os joelhos.

– Acha que sim? – perguntou, tenso e sem esconder a esperança.

Lujan desatou a rir ruidosamente e deu um tapinha nas costas do Mestre dos Espiões, num gesto de camaradagem.

– Homem, pode acreditar em mim. A maioria de nós passa por essas tolices ainda na adolescência, mas sua juventude parece ter chegado mais tarde do que a da maioria. A Senhora Mara tem razão. Já teria a garota em seu leito se estivesse disposto a mostrar que precisa de ajuda.

Arakasi levantou as sobrancelhas, com um espanto cômico.

– O quê?

– Ela tem de perceber que você precisa dela – explicou Mara.

Vendo que a expressão confusa do Mestre dos Espiões não desaparecera, Lujan explicou:

– Ó deuses, ela nunca viu você cometer um erro. Matou assassinos de uma seita e sobreviveu; fez amor com ela na cama do seu Senhor e, se suou, foi de paixão, e não de medo. Tocou-a de formas que poucos saberiam, eu poderia apostar, o que significa que foi a primeira pessoa a ver seus sentimentos. Isso a assustou, porque implica falta de beleza ou uma falha no treinamento dela, ou que você é inteligente demais para sucumbir aos seus encantos.

Reparando que Arakasi continuava desnortado, Lujan

prosseguiu:

– Um homem nos braços dela não deve partir com força para pensar em outras coisas além de seu membro ereto. Por isso ela está assustada. Nenhum dos talentos dela tem proveito para você. Ela não pode usar qualquer máscara para se proteger. Tem ao dispor dela um homem que a compreende, mas por outro lado sente-se incapaz de ler o que se passa na alma dele. Dos prazeres do leito ela está farta, pois sentir carinho por um homem é algo que nunca experimentou. Terá de ser conduzida para que lhe mostrem como é. Um dia deveria tentar tropeçar numa pedra para cair aos pés dela. Iria ver se ela não ficaria logo ao seu lado para começar a cuidar de seus joelhos arranhados.

– Para um patife que se aproveita das mulheres, você consegue se revelar bastante perspicaz, Lujan – comentou Mara.

Enquanto o Comandante das Forças Armadas sorria, Arakasi disse:

– Vou pensar no assunto.

– Se vai pensar no que diz respeito a uma mulher, está perdido.

– Lujan voltou a sorrir. – Pelo que sei, não conheço ninguém que tenha se apaixonado por razões lógicas.

– Lujan tem razão – encorajou Mara, consciente da verdade. Hokanu e ela partilhavam um entendimento perfeito, uma harmonia de corpo e alma. Mas com o teimoso e franco Kevin, que discutia com ela e por vezes a levou a gritar de frustração, conhecera a paixão, que não diminuiria com o passar dos anos. Por um momento, seu coração palpitou com tais recordações, até que uma rajada de ar enfumaçado circulou pela tenda, lembrando-a da batalha e do peso dos problemas do dia que exigiam atenção imediata. – Mande chamar nosso Conselheiro de Guerra – ordenou. – Temos de traçar planos para todas as contingências e fazer uma coisa até se chegar ao ponto crucial: permanecer vivos.

O silêncio tomou conta da tenda antes de alguém se mover; o

vento transportou o ruído de um campo armado na iminência de algo que, muito brevemente, poderia se tornar uma grande guerra, ou um monte de cinzas, com um golpe dos Grandes da Assembleia.

A tempestade terminou e o gotejar das árvores molhadas se misturou com os gritos dos oficiais que comandavam as tropas para montarem acampamento. As armaduras usadas pelos guerreiros não tinham marcas e as tendas que se esforçavam para montar eram de cor marrom-clara. Olhando sem grande atenção, não havia nada que distinguisse o acampamento daquela companhia de milhares de outros em pontos-chave por todo o Império; só que aquele parecia não estar guardando encruzilhadas, pontes ou vales, ou estruturas significativas. A quilômetros de distância de qualquer possibilidade de entrar em confronto, aquelas tropas se preparavam para pernoitar na floresta virgem a quatro dias de marcha de Kentosani, que ficava a noroeste.

A disciplina estava sempre presente e os criados, os guerreiros comuns e os oficiais trabalharam com rapidez para fincar as vigas e levantar as tendas. Numa pequena elevação, sob uma plataforma de folhas resistentes encharcadas, um homem, muito agitado, andava de lá para cá, enquanto outro, menor e mais magro, envolto numa capa de lã engraxada, saltitava em seus calcanhares para acompanhá-lo.

– Quanto tempo mais preciso esperar? – perguntou Jiro de repente, desesperado.

Um criado passou à sua frente e fez uma reverência. Jiro o contornou. Já acostumado ao estado de espírito instável do Senhor desde que os exércitos haviam iniciado a marcha, o criado encostou o rosto nas folhas molhadas no chão.

– Sua tenda de comando ficará pronta em breve, meu Senhor.

Jiro girou, com os olhos apertados de irritação.

– Não estava falando com você! – Enquanto o desgraçado a quem se dirigira se abaixava precipitadamente na lama para expiar

sua falta, o Senhor dos Anasati voltou seu olhar furioso para seu Conselheiro-Mor, que se aproximara naquele momento. – Eu perguntei: quanto tempo?

Chumaka limpou um pingo da ponta do nariz. Tinha um ar presunçoso, apesar das roupas molhadas e do dia de marcha através da floresta virgem.

– Paciência, Senhor. Um passo em falso neste momento estragaria o plano em que trabalhamos durante anos.

– Nada de contornar minha pergunta – disse Jiro, sem paciência para suportar a retórica do Conselheiro-Mor. – Perguntei quanto tempo mais. Não podemos deixar as máquinas de cerco ao redor de Kentosani e mantê-las lá paradas indefinidamente. A cada dia que passa os riscos são maiores: o Senhor dos Omechan, que deixamos encarregado delas, pode ficar impaciente ou perseguir suas próprias ambições. E uma demora ajudará apenas as forças Shinzawai que marcham para ajudar a Guarda Imperial. Não podemos nos atrever a presumir que a Assembleia não está nos espiando. Ela pode intervir a qualquer momento e proibir um ataque! Pelo amor dos deuses, Chumaka, o que estamos esperando?

Se o Conselheiro-Mor dos Anasati ficou surpreso com aquele desabafo, nada mais fez além de parar atrás de Jiro. Suas feições enrugadas permaneceram inexpressivas quando o Senhor retomou seus passos enérgicos. Após andar seis metros, Jiro por fim reparou que o servo a quem exigira uma resposta já não estava a seu lado. Conteve-se para não praguejar. Como sempre, Chumaka pensara em tudo. Ou Jiro admitiria sua agitação voltando para trás em busca de uma resposta, ou ordenaria a seu Conselheiro-Mor que regressasse até seu lado, e a distância entre os dois era suficientemente ampla para que o Senhor tivesse de levantar a voz, mostrando a quem o ouvisse que precisava se valer de seu título para marcar uma posição.

Jiro poderia ter gritado só para exteriorizar sua exasperação,

mas, como tinha um contingente Omechan como convidado, foi obrigado a se render e recuar até Chumaka. Já irritado como estava com outras questões, aquilo foi logo esquecido. Na realidade, Jiro admirava a sutileza do Conselheiro-Mor. Um Senhor que se mostrasse nervoso e temperamental não mantinha a dignidade. E um Senhor que aspirasse à coroa de Imperador tinha de aprender a ignorar as irritações insignificantes. Sempre dando lições, Chumaka era de longe imperiosamente sutil para reprimi-lo diante de guerreiros e servos e desmascarar o fraco autocontrole de seu Senhor.

Eram precisamente aquelas características que faziam de Chumaka o conselheiro imperial ideal, refletiu Jiro, retorcendo os lábios de uma forma que por pouco não se transformou num sorriso. Já com outra disposição, fitou seu conselheiro, cuja habitual curvatura das costas foi acentuada pelo arrastar das roupas molhadas.

– Por que temos de conceder mais tempo para Mara cuidar de seus interesses? Seus serviços secretos confirmaram que ela pretende reclamar o trono dourado para Justin.

Chumaka bateu com um dedo no queixo, como se refletisse, mas, pelo brilho calculista de seu olhar, Jiro percebeu que estava sendo minuciosamente observado por ele.

– Senhor – disse Chumaka quase de imediato –, sua tenda de comando está pronta. Sugiro que discutamos isso lá dentro, com conforto e privacidade.

Jiro riu.

– Você é mais escorregadio do que um peixe recém-pescado, Chumaka. Muito bem, vamos nos secar e os criados nos levarão chá. Mas, depois disso, sem rodeios! Por todos os deuses, hei de arrancar a resposta de você. E depois de todos esses adiamentos e desculpas, é bom que seja esclarecedora!

Chumaka sorriu. Fez uma breve reverência, que serviu para se

desculpar.

– Senhor, minhas ações alguma vez falharam em suprir todos os seus desejos?

Com um temperamento volúvel como as nuvens empurradas pelo vento acima deles, Jiro respondeu entre dentes:

– Mara ainda está viva. Traga-me a cabeça dela e então concordarei que nunca me falhou.

Sem se sentir minimamente desconcertado por aquilo que qualquer outro homem poderia encarar como uma ameaça declarada por parte do Senhor dos Anasati, Chumaka respondeu:

– Na verdade, mestre, é para isso que eu tenho trabalhado.

– Ah! – Jiro atravessou o bosque escuro em direção à tenda maior. – Você está me provocando, velhote. Trabalhou arduamente porque adora as intrigas.

Chumaka torceu a ponta da capa, que pingava, e seguiu seu Senhor para a tenda de comando.

– Meu Senhor, é uma questão interessante, mas, se fizesse tal coisa para meu bem, isso seria vaidade. Os deuses não apreciam tais falhas num homem. Por isso, trabalho pela glória de sua causa, meu Senhor, e o assunto acaba aí. Sempre fui e serei um fiel servidor seu.

Jiro pôs fim à discussão com um aceno de desaprovação. Preferia a filosofia dos livros, que não demonstrava a irritante tendência de Chumaka a voltar sempre ao mesmo assunto para detalhá-lo.

O interior da tenda de comando ainda estava sendo montado. Tinham acendido uma lamparina e havia criados atarefados desempacotando almofadas e tapeçarias. De fora, os aposentos de Jiro poderiam parecer simples, mas, dentro, ele não abdicara de seu conforto, com suas tapeçarias de seda de qualidade e duas arcas com livros em rolos. Ultimamente andava lendo sobre os assuntos obscuros da lei, cargos estatais do Império e sobre quais cerimônias deveriam ser conduzidas por quais sacerdotes dos Vinte Deuses para

concretizar a coroação de um Imperador de um modo apropriado aos olhos divinos. A leitura se revelara entediante, tendo-se tornado ainda pior pelo fato de as lamparinas atraírem insetos e projetarem pouca luz. O Senhor dos Anasati estalou então os dedos e um criado pessoal ainda jovem saltou para atendê-lo.

– Retire minha armadura. Faça com que todas as tiras de couro sejam engraxadas, para que não enrijeçam.

Jiro aguardou, imóvel como uma estátua, enquanto o rapaz desamarrava os primeiros fechos.

Embora seu alto cargo permitisse o apoio de um criado, Chumaka detestava essa vaidade. Despiu suas vestes de lã encharcadas e procurou um lugar para sentar-se. Os criados silenciosos e eficientes de Jiro estavam trazendo um bule de chá ainda fumegante quando se ouviu um zumbido cortar o ar.

– Vem aí um Grande! – anunciou.

Jiro livrou-se de pronto de seu último anteparo para a mão e deu a volta, enquanto, atrás dele, todo o seu pessoal se deitava de bruços no chão. Assim que uma rajada varreu a tenda e as cortinas ondularam em seus suportes, Chumaka pousou o bule de chá e desapareceu nas sombras em direção aos fundos da tenda.

O mago apareceu no centro do tapete que fora desenrolado. Tinha seu cabelo ruivo como fogo escapando do capuz e pareceu não se importar com o fato de ter de passar por cima de almofadas para se aproximar do Senhor dos Anasati. Os olhos sob seu capuz se mostraram claros e penetrantes conforme oscilavam de um lado para outro, até se fixarem no Senhor que aguardava com a armadura amontoada aos pés.

– Meu Senhor dos Anasati! – saudou Tapek, da Assembleia de Magos. – Fui enviado como emissário para ordenar sua presença na Cidade Sagrada. Tropas foram movimentadas e, pelo bem do Império, a Assembleia exige uma explicação para evitar uma guerra.

Grato pelo ar úmido que disfarçou o fato de estar suando, o

Senhor Jiro ergueu o queixo. Curvou-se com todo o respeito.

– Sua vontade será satisfeita, Grande. Não serei eu, o Anasati, que desrespeitarei seu decreto. Mas me atrevo a ressaltar: se eu vou, quem assegurará que Mara dos Acoma e seu esposo Shinzawai respeitarão o decreto que proíbe um conflito armado?

Takek franziu o cenho.

– Isso não lhe diz respeito, Senhor Jiro! Não se atreva a questionar. – Apesar de o Grande simpatizar com a causa dos Anasati, não gostava da ideia de qualquer Senhor se atrever a lhe fazer objeções. Mas, assim que Jiro inclinou a cabeça respeitosamente, Takek tornou-se menos severo: – Foi enviada à Senhora Mara a mesma convocação! Também lhe foi ordenado que comparecesse em Kentosani. Assim como a você, lhe foram dados dez dias para fazê-lo! No dia seguinte ao fim do luto imperial, ambos se reunirão com os membros da Assembleia para expor seus casos.

Jiro refletiu rapidamente e reprimiu um sorriso de satisfação. Dez dias em marcha acelerada mal dariam para Mara chegar à Cidade Sagrada. Sua posição era mais próxima, não com seu exército principal ao sul, como todos supunham, mas em sua localização secreta ao lado de Kentosani, preparando-se para seu planejado cerco. Mara teria de avançar depressa para cumprir a exigência da Assembleia, enquanto ele teria dias de margem de manobra para se colocar em vantagem. Para disfarçar o rumo de seu pensamento, o Senhor dos Anasati disse:

– Vivemos tempos de incerteza, Grande. Viajar pelas estradas não é seguro para nenhum Senhor, já que todos os outros nobres ambiciosos estão em alvoroço com seus exércitos. Mara pode sofrer sanções suas por atacar meu séquito pessoal, mas tem outros apoiadores e simpatizantes. Muitos amigos do falecido Imperador têm motivações políticas para me desejar morto por eu ter liderado a Facção Tradicionalista.

– Isso é verdade. – Takek fez um gesto magnânimo. –

Permitiremos que você viaje com uma guarda de honra para garantir sua segurança. Assim que chegar à Cidade Sagrada, leve uma centena de guerreiros para o interior das muralhas. Como os Brancos Imperiais ainda asseguram a manutenção da ordem dentro da cidade, esse número deverá ser suficiente para conter qualquer assassino.

Jiro fez uma profunda reverência.

– Sua vontade será respeitada, Grande.

Manteve sua postura respeitosa durante o tempo que durou o zumbido emitido com a partida de Tapek. Quando se levantou, viu Chumaka de novo sentado sobre as almofadas, limpando as pegadas deixadas pelo mago enquanto bebericava seu chá. Seu comportamento permaneceu inescrutável, como se não tivesse aparecido uma visita de grande importância; só que no rosto enrugado do Conselheiro-Mor era visível um rubor de tremenda satisfação.

– Por que está tão satisfeito? – quis saber Jiro, pegando uma túnica seca que lhe fora trazida pelo criado.

O Senhor passou por cima da armadura que tirara antes e, depois de verificar se sua almofada não estava suja, sentou-se de pernas cruzadas diante do conselheiro.

Chumaka apoiou a xícara e pegou o bule de chá, servindo tranquilamente seu Senhor.

– Mandé seu mensageiro chamar o herdeiro dos Omechan. – O Conselheiro-Mor dos Anasati passou o chá ao Senhor e depois esfregou as mãos, antecipadamente entusiasmado. – Nossa conspiração está amadurecendo muito bem, meu Senhor! Na verdade, inconscientemente, a Assembleia nos ajudou!

Jiro pegou a xícara como se contivesse um remédio azedo.

– Você está de novo equivocando – alertou, mas consciente de que era melhor não demorar a enviar o mensageiro na missão sugerida por Chumaka. Assim que o rapaz partiu, Jiro espiou seu

conselheiro por cima da borda da xícara de chá e depois tomou um gole. – Em quatro dias estaremos dentro das muralhas de Kentosani e na companhia de uma centena de meus melhores homens – concordou. – O que mais você está pensando?

– Grandes feitos, Senhor. – Chumaka levantou uma mão e contou com os dedos. – Iremos deixar este acampamento e partir para Kentosani, obedecendo piamente às exigências dos Grandes. Em seguida, partindo do princípio de que Mara fará o mesmo, e ela fará, pois se não fizer a Assembleia vai matá-la e nos dar a vitória, ou seja, partindo do pressuposto de que ela não é louca, ainda terá muitos dias de marcha pela frente rumo a Kentosani e nós já estaremos dentro das muralhas e secretamente preparados para atacar o Recinto Imperial. – Chumaka sorriu abertamente e bateu com o dedo anular no queixo. – Enquanto isso, o Comandante das Forças Armadas dos Omechan agirá segundo as ordens do Senhor dele e começará a cercar a Cidade Sagrada, como sempre planejamos. Mas aqui as coisas mudam para melhor, por cortesia da Assembleia: você, meu Senhor, não poderá ser culpado por esse ataque, pois estará dentro das muralhas. Se os magos protestarem contra a violação da Paz Imperial, não poderá ser acusado. Afinal, não é de esperar que seja responsável por um movimento popular destinado a colocá-lo no trono. Mas, infelizmente para os Brancos Imperiais, as velhas muralhas se revelarão efetivamente fracas. Brechas serão abertas e uma hoste de guerreiros invadirá as ruas.

Os olhos de Chumaka cintilaram.

Mais difícil de entusiasmar, e até cinicamente cauteloso, Jiro deixou seu chá de lado.

– Nossos aliados sob o comando dos Omechan se infiltrarão no Recinto Imperial – prosseguiu o conselheiro. – Os filhos de Mara sofrerão um infeliz acidente e... veja! O luto imperial terminará e haverá um novo Imperador sentado no trono dourado quando a Senhora Mara chegar a Kentosani, e seu nome será Jiro.

O menosprezo levemente disfarçado de Jiro se transformou por fim em irritação:

– Conselheiro-Mor, suas ideias têm diversas lacunas, se me é permitido destacar.

Chumaka baixou a cabeça e seu entusiasmo pareceu carvão empilhado pronto para entrar em combustão a qualquer momento.

– Mara – adivinhou. – Não contei com a vaca dos Acoma que você tanto deseja ver morta.

– Sim, Mara! – Cansado das conversas de seu conselheiro, que por vezes pareciam tão rebuscadas quanto suas táticas no shah, Jiro extravasou seu aborrecimento: – E ela?

– Morrerá. – Chumaka deixou que uma pausa dramática se prolongasse enquanto movia o quadril para permitir que um criado atrás estendesse mais um tapete no chão da sala. Só depois falou: – Acha que a Assembleia ficará quieta se as tropas dela quiserem atacar seu exército principal em Sulan-Qu?

Daquela vez, Jiro percebeu aonde ele queria chegar.

– Os Grandes irão matá-la por mim! – Inclinou-se para a frente, quase entornando o chá na mesa. – Mas isso é brilhante! Acha que podemos incitá-la a atacar?

Chumaka sorriu de satisfação e serviu-se de uma segunda xícara de chá. Na escuridão da tenda, viu-se o brilho de seus dentes.

– Tenho certeza que sim – reconheceu. – As vidas dos filhos dela estão em jogo e Mara é mulher. Pode apostar que arriscará tudo para defender seus bebês. E, a não ser que ordene um ataque, suas tropas ao sul irão levantar acampamento e marchar contornando as linhas dela para apoiar o novo poder estabelecido e controlando as terras fora das muralhas de Kentosani. Seu sempre astuto Mestre dos Espiões irá lhe dizer isso, com toda a certeza, pois será a verdade.

Divertindo-se com as implicações, Jiro imitou o sorriso de seu Conselheiro-Mor.

– Os magos estarão ocupados punindo severamente Mara enquanto eu me apodero do trono dourado. Claro, poderemos perder todo o nosso exército Anasati, mas no fim isso não será importante. Os Acoma serão eliminados do mapa e eu ficarei com a maior honra do Império. Cinco mil Brancos Imperiais responderão a mim e todos os Senhores se curvarão à minha vontade.

A aba da tenda se abriu, interrompendo as especulações entusiasmadas de Jiro. Seu rosto se tornou inexpressivo assim que se virou para ver quem entrara.

Um jovem se abaixou para transpor a entrada e avançou com passos enérgicos. Sua armadura também não tinha marcas, mas o nariz arrebitado e o rosto liso o denunciavam inequivocamente como um descendente nobre dos Omechan.

– Mandou chamar-me, Senhor Jiro? – perguntou num tom de contralto arrogante.

O Senhor dos Anasati ficou de pé, ainda levemente vermelho de excitação.

– Sim, Kadamogi. Volte rapidamente para encontrar seu pai. Daqui a cinco dias, ele atacará Kentosani com as máquinas de cerco que providenciei.

Kadamogi curvou-se.

– Depois, o Senhor respeitará a promessa que fez em troca de nosso apoio, meu Senhor dos Anasati. Quando o trono dourado lhe pertencer, sua primeira medida como Imperador será restaurar o Conselho Supremo e providenciar para que um Omechan vista o branco e dourado do Senhor da Guerra!

Jiro recurvou os lábios com uma aversão que por pouco não conseguiu conter.

– Não estou senil para ter me esquecido tão rapidamente de minha promessa a seu pai. – Em seguida, enquanto o jovem nobre dos Omechan se endireitava, parecendo afrontado, o Senhor dos Anasati acrescentou de modo implacável: – Estamos perdendo

tempo. Leve a melhor de minhas liteiras e meus carregadores mais rápidos para cumprir sua missão. Quanto a mim, tenho de me reunir com meu Comandante das Forças Armadas para selecionar minha guarda de honra.

– Guarda de honra! – As feições pesadas de Kadamogi ficaram sérias de perplexidade. – Por que precisaria de uma guarda de honra?

Numa volátil alteração de humor, Jiro riu.

– Também marcharei rumo a Kentosani, e por ordem da Assembleia. Os Grandes me convocaram para fazer um relato sobre a disposição de minhas tropas!

A expressão de Kadamogi desanuviou-se quando soltou uma profunda gargalhada.

– Isso é maravilhoso. Nossa conspiração para repor o Conselho Supremo é quase um fato concretizado.

Jiro gesticulou, completamente entusiasmado.

– É verdade. O cerco será breve, dispondo de ajuda de dentro. Enquanto isso, os apoiadores da Boa Serva serão violentamente atacados pela Assembleia. – O tom não escondeu seu prazer. – Os magos matarão Mara por nós. Pode ser Serva do Império, mas morrerá sob chamas mágicas, assada como um pedaço de carne!

Os lábios carnudos de Kadamogi se abriram num sorriso.

– Antes que eu parta, deveríamos beber um cálice de vinho brindando a esse fim, certo?

– Excelente ideia!

Jiro bateu palmas para chamar a criadagem e só de passagem reparou que as almofadas de Chumaka estavam vazias de novo. A xícara de chá também desaparecera. Não havia qualquer sinal da presença do Conselheiro-Mor.

Aquele homem é mais sinuoso do que o próprio Deus da Astúcia, pensou Jiro. O vinho chegou e ele se preparou para uma noite de camaradagem com o herdeiro do manto dos Omechan.

Do lado de fora da tenda de comando, sob a chuva fina que chegara com o anoitecer, um vulto se moveu por entre as árvores. Num dos braços, Chumaka levava a capa curta de lã engraxada que com a pressa não conseguira vestir. Enquanto se encaminhava apressado para a tenda que abrigava os mensageiros dos Anasati, pareceu fazer contas nos dedos. Mas não eram somas aquilo que murmurava baixinho em tom monótono.

– Aqueles guerreiros dos Minwanabi que sobraram e que não prestaram juramento a Mara agora... Sim, penso que chegou a hora de merecerem o que lhes pago. Uma precaução, sim, no caso de Mara escapar das garras da Assembleia. Ela é esperta. Não podemos achar que conhecemos todos os detalhes do que se passa dentro do círculo mais íntimo dela. O tempo que supostamente passou em reclusão no templo ainda não foi devidamente explicado. Como poderia estar lá e de repente aparecer em suas terras...?

Chumaka se apressou, sem tropeçar nas raízes ou bater nas árvores, apesar de estar muito escuro e de não conhecer a região. Preocupado como estava, passou sem pisar nas cordas e nas varas das tendas enquanto acabava de traçar seu plano alternativo.

– Sim, precisamos de conjuntos de armaduras envernizadas com o verde dos Acoma para esses homens e depois fazer com que se infiltrem na guarda de honra da Senhora. Pelo menos, ficarão escondidos até o último minuto, quando a Senhora fugir, e depois se infiltrarão entre os guerreiros leais e dizimarão as defesas dela. Fazendo-se passar por legítimos Acoma, tanto podem capturá-la e entregá-la aos Mantos Negros como se satisfazer matando-a com as próprias mãos, vingando o Senhor Minwanabi a cuja linhagem ela pôs fim. Sim... isso seria perfeito.

Então Chumaka chegou ao complexo onde se situava a tenda dos mensageiros. Assustou uma sentinela quando saiu do escuro e quase foi recebido com a estocada de uma espada no peito.

– Que os deuses nos protejam de nossos homens! – exclamou,

saltando para trás e atirando sua capa embrulhada para deter a espada. – Sou Chumaka, seu cego! Vá já buscar um mensageiro descansado, e seja rápido, antes que eu comunique ao Senhor sua incompetência.

O soldado baixou a cabeça em um sinal de respeito carregado de medo, pois era sabido que quem quer que desagradasse o Conselheiro-Mor teria um triste fim. Esgueirou-se para a tenda dos mensageiros enquanto atrás dele, sob a chuva fina, Chumaka retomava sua monótona meditação.

Provocação

O palanquim deu um solavanco.

Mara despertou de repente com o estrondo, desorientada com o espaço apertado, até que se lembrou de onde estava. Não era em sua tenda, mas sim na estrada, respondendo ao chamado da Assembleia para comparecer à Cidade Sagrada. Já havia dois dias que viajava velozmente em seu palanquim mais enfeitado e formal, com um rodízio de trinta transportadores, necessários para erguer aquela monstruosidade com varas e para poderem se alimentar sem efetuar paradas. Era noite, mas ela não sabia as horas.

Uma brisa suave agitou as cortinas e ela sentiu o cheiro da chuva; nesse meio-tempo, Keyoke, que estava sentado diante dela, inclinou-se para fora. Embora ainda estivesse atordoada por ter acabado de despertar, conseguiu perceber, pelo tom de seu Conselheiro de Guerra ao falar com alguém no exterior, que surgira algum problema.

Endireitou-se sobre as almofadas.

– O que foi, Keyoke?

O velho recuou de novo para dentro do palanquim. Graças à luz da lamparina a óleo pendurada num arco acima, o rosto dele pareceu, mais do que nunca, esculpido em granito.

– Problemas? – adivinhou ela.

Keyoke respondeu com um leve aceno de cabeça.

– Um mensageiro enviado por Arakasi trouxe más notícias. – Em

seguida, consciente de que tal pormenor não era uma resposta, deu mais detalhes: – O homem veio nos encontrar nas costas de um cho-ja.

Mara, assustada, sentiu o coração batendo forte.

– Ó deuses, o que aconteceu de errado?

O veterano combatente percebeu que teria de anunciar logo as novidades:

– Finalmente sabemos a localização de Jiro. Ele não estava com as tropas dos Anasati, como calculamos. Está na nossa frente, neste momento, a apenas um dia de marcha de Kentosani.

Mara deixou-se cair para trás, esmagada por um súbito desânimo.

– Isso lhe dá cinco dias para provocar estragos sem que ninguém se oponha, uma vez que aquele idiota do Senhor Frasai, apavorado, decidiu enviar Hoppara dos Xacatecas para casa depois do assassinato do Imperador.

– Senhora – interrompeu Keyoke num tom preocupado –, isso não é tudo.

Desconcentrada por imaginar com horror a possível morte de seus filhos, Mara forçou-se a prestar atenção. Ao perceber a expressão séria de Keyoke, calculou o pior.

– As máquinas de cerco do Jiro.

Seu tom diminuiu com a perspectiva de um desastre que pareceu amplo demais para conseguir absorver de imediato.

Keyoke reagiu com o aceno claro que usava sempre nos conselhos de guerra.

– Está tudo pronto para o ataque às muralhas e Arakasi descobriu que nossos esforços de sabotagem fracassaram. Presumivelmente, os engenheiros que enviamos foram detidos e condenados à morte; então enviaram através de nossa rede relatórios falsos em nome deles. Arakasi apenas sabe dizer que o assalto a Kentosani irá ocorrer sem contratempos, sob as cores dos

Omechan. Como Jiro estará dentro do Recinto Imperial, suas mãos parecerão limpas. Sua iminente candidatura ao trono dourado pode ser legitimamente justificada como uma tentativa de restaurar a paz.

Mara mordeu o lábio com força suficiente para provocar dor.

– Ele ainda não chegou ao Recinto Imperial?

As feições de Keyoke permaneceram inflexíveis.

– Ainda não. Mas a notícia do mensageiro já não é recente e muita coisa pode ter acontecido desde que seguiu para sul.

– Não estamos prontos para isso! – explodiu Mara. – Ó deuses, como poderíamos estar prontos para uma coisa dessas?

Sua voz tremeu de desespero. Desde que voltara de Thuril, os acontecimentos trágicos pareciam desabar sobre ela numa velocidade implacável. O destino era cruel, jogando-a assim no meio do conflito sem estar preparada, quando dispunha dos meios para evitar o desastre absoluto quase à mão. Se ao menos tivesse um intervalo tranquilo para poder planejar e usar a vantagem de ter a seu lado os magos de Chakaha!

– Senhora? – chamou Keyoke com gentileza.

Ciente de que prolongara exageradamente seu silêncio, Mara se restabeleceu.

– O mais provável é já estarmos perdidos, mas não posso cruzar os braços sem lutar. Se falhar, meus filhos em breve serão mortos e minha linhagem terminará comigo. – Prosseguiu com uma determinação forçada na voz: – Não permitirei que, sem uma Senhora, meus fiéis servos caiam em desgraça perante os deuses, enquanto eu vou, submissa, responder por meus atos diante do Imperador Jiro.

– Todos preferem morrer lutando ao serviço dos Acoma a vagar por aí como guerreiros cinzentos – lembrou Keyoke.

Mara reprimiu um arrepio.

– Então concordamos que as circunstâncias são extremas. – Inclinou-se para a frente e afastou para o lado as cortinas do

palanquim. – Lujan! – chamou.

O Comandante das Forças Armadas dos Acoma bateu rapidamente continência, com gotículas caindo de sua pluma.

– À sua disposição, minha Senhora.

– Mandem os carregadores se afastarem um pouco para descansar – ordenou bruscamente. – Quando já estiverem instalados onde não consigam nos ouvir, coloque minha guarda de honra ao redor do palanquim no círculo defensivo. Depois, quero me reunir com o mensageiro de Arakasi, com o cho-ja que o trouxe, com Saric, Incomo e você. Temos de nos reunir logo para tomar decisões.

Suas ordens foram transmitidas sem demora, apesar da escuridão e da chuva. Mara passou o intervalo seguinte refletindo, furiosa, enquanto Keyoke voltava a amarrar respeitosamente as cortinas para o lado de modo que os conselheiros escolhidos se reunissem ao redor do palanquim. Como as laterais foram abertas para a noite, a luz da lamparina se espalhou sobre as almofadas, desaparecendo ao longe enquanto iluminava um círculo de rostos conhecidos. Atrás deles, a escuridão era absoluta.

Mara observou um a um os rostos de seus oficiais, de Keyoke, que já conhecia desde a infância, passando por Saric, promovido ainda jovem a Conselheiro-Mor, até Incomo, recuperado do destino que seria reservado a um inimigo: a morte ou a escravidão. Ao longo de seus anos de serviço, todos tinham oferecido milagres a ela. Agora, via-se obrigada a pedir mais, a exigir, na realidade, que alguns deles pusessem ao seu dispor suas vidas. Não era hora de recriminações, nem tempo de lidar com sentimentos. Era necessário agir, assim ela distribuiu aquelas que achou que seriam suas últimas ordens na vida com uma voz rude e sem emoções. Revelar seus sentimentos seria um convite ao colapso nervoso. Primeiro se dirigiu ao cho-ja, que era aos olhos pouco treinados dela um trabalhador mais velho.

– Primeiro, e acima de tudo, sua rainha tem meu agradecimento

por me ceder seus serviços.

O trabalhador cho-ja inclinou a cabeça.

– Meus serviços foram adquiridos, Senhora Mara.

– Sua rainha tem minha gratidão, além do pagamento monetário.

Informe-a, se lhe for possível se comunicar com ela. – Mara fez uma pausa e escutou o zumbido fino e agudo que indicava a comunicação entre os cho-ja. Quando o som cessou, ela indagou: – Tudo bem se eu lhe fizer algumas perguntas, meu bom trabalhador? Posso pedir outro serviço, sem comprometer sua necessidade de descanso?

O cho-ja voltou a inclinar a cabeça.

– A noite está amena, Senhora Mara. Não preciso descansar, a não ser que fique frio. Fale-me do que precisa.

Mara suspirou quase sem perceber. Tinha diante dela um pequeno obstáculo.

– Preciso que Lujan, meu Comandante das Forças Armadas, seja levado para o sul para se reunir a meu exército ao lado da cidade de Sulan-Qu. Ele deve viajar a toda a velocidade; a sobrevivência de minha linhagem depende disso.

– Estou ao seu serviço – entoou o cho-ja. – Carregarei de bom grado seu oficial.

– Se eu sobreviver, a rainha de sua colmeia poderá me cobrar – disse Mara, verdadeiramente grata. – Gostaria também que desse instruções claras ao meu conselheiro Saric quanto à localização da entrada da colmeia cho-ja mais próxima daqui. – Mara prosseguiu assim que o trabalhador cho-ja inclinou a cabeça em aquiescência: – Saric, vá com ele. Tome nota da localização da colmeia; escolha dez soldados velozes de meu séquito e me arranje também uma parte de uma armadura que me permita passar despercebida como guerreiro na escuridão.

Saric fez uma reverência rápida e abandonou o grupo. Menos um rosto, pensou Mara e engoliu em seco. A ordem seguinte seria a

mais difícil.

– Lujan?

Seu Comandante das Forças Armadas se inclinou para a frente, com o cabelo desgrenhado e ensopado nas têmporas. A mão estava pousada na espada.

– Bela Senhora, o que deseja?

O tom dele era jovial. Mara conteve uma mistura de sorriso e choro.

– Desejo o impossível, soldado. – Obrigou-se a sorrir. – Embora, por todos os deuses, você já tenha me dado isso no círculo de combate em Chakaha.

Lujan acenou com desdém. Seus olhos pareceram brilhantes demais sob a fraca luz projetada pela lamparina.

– Pode falar, Senhora. Entre nós não há necessidade de hesitação, especialmente depois de Chakaha.

Mara conteve os nervos.

– Comandante das Forças Armadas, peço-lhe que se junte ao meu exército ao sul. Se as forças dos Anasati tentarem dividir suas fileiras e avançarem para qualquer lado, norte, leste ou oeste, reúna todas as nossas companhias e ataque as do Senhor Jiro. Lute para imobilizá-lo; impeça que se unam ao Senhor deles na Cidade Sagrada. Quando os Mantos Negros aparecerem para puni-los, tente atrasá-los o máximo que conseguir. – Fez então uma pausa para reunir forças e se controlar. – Lujan, peço-lhe que empenhe as vidas dos guerreiros dos Acoma até o último homem antes de permitir que o exército do Senhor Jiro viaje para mais perto de Kentosani.

Lujan bateu com a mão sobre o peito num gesto de saudação.

– Senhora Mara, dou minha palavra de honra. Ou seu exército vencerá, ou travarei uma guerra tão intensa que os Mantos Negros terão de aniquilar todos nós, Anasati e Acoma. – Inclinou a cabeça numa rápida reverência e endireitou-se. – Pela sua honra, minha Senhora.

Então também ele foi engolido pela noite. A Senhora dos Acoma passou os dedos pelo rosto. Sentiu-se pegajosa, embora não tivesse percebido se pelo nevoeiro ou pelo suor. Se Lujan sobrevivesse, e voltassem a se encontrar, Mara prometeu a si mesma que o recompensaria de uma forma que ele nunca sonhara. Mas apenas se Justin se sentasse no trono dourado é que algum deles poderia cogitar sobreviver. Mesmo que os Acoma sobrevivessem, Lujan talvez não pudesse ser recompensado, pois quem quer que desafiasse a Assembleia não poderia sobreviver, fosse quem fosse. Mara ergueu o queixo e proferiu a pergunta que precisava fazer:

– Keyoke, meu sempre fiel avô do coração, vislumbra qualquer outra opção?

Ele a fitou, calejado pelos anos passados nos campos de batalha.

– Nada mais vejo, filha de meu coração. Entregar a seu inimigo a vida de seu filho inocente de nada valerá. Se Jiro ascender ao trono dourado, nossas vidas e a honra dos Acoma valerão tanto quanto pó. Que diferença fará se a Assembleia nos reduzir a cinzas antes? – Sorriu com o tipo de humor apenas presente em soldados que enfrentam a morte. – Se morrermos com honra, seremos conhecidos na história como a única casa que ousou desafiar a Assembleia. Não é um feito pequeno.

Mara fixou os olhos num ponto à frente. Não havia alternativas. Agora teria de avançar, dando a última ordem, a mais dura de todas.

– Keyoke, Incomo. – A voz dela vacilou. Apoiou as mãos tensas sobre o colo e acreditou numa força que sempre fora uma mentira. – Nossos caminhos se separam aqui. Devem seguir em frente com o palanquim e com a guarda de honra. Prossigam rumo a Kentosani e comportem-se como se nada tivesse ocorrido. Pode parecer uma missão menor comparada à tarefa confiada a Lujan. Mas vou ser completamente sincera: a sua missão pode se revelar a mais importante. É necessário que os Mantos Negros demorem o máximo de tempo possível até perceberem que meu caminho se desviou.

Suas vidas me são preciosas, assim como a sobrevivência da Casa dos Acoma. Mas nenhuma Senhora de minha posição viajaria para uma reunião com os magos na Cidade Sagrada sem a companhia de seu pessoal mais importante. Sua presença é fundamental para manter as aparências. A possibilidade de salvar Kasuma e Justin depende disso.

– Mara-anni. – Keyoke recorreu ao terno diminutivo da infância dela. – Deixe de lado o medo. Falando por mim, sou um homem velho. Os amigos que poderiam recordar minha juventude já estão quase todos nos salões de Turakamu e, se os deuses se mostrarem amáveis e me concederem meu maior desejo, pedirei para conhecer o Deus Vermelho muito antes de você. – Keyoke fez uma pausa e, após uma reflexão, deu um largo sorriso. – Minha Senhora, gostaria que soubesse disso. Você me ensinou o verdadeiro significado do credo de um guerreiro. Qualquer homem pode morrer combatendo inimigos. Mas o verdadeiro teste de honra é viver e aprender a amar a si mesmo. Foi necessária sua oferta de um cargo de conselheiro para me mostrar o significado de meus feitos. – Um brilho suspeito passou pelos olhos de Keyoke quando fez o último pedido a Mara: – Senhora, com sua autorização, peço permissão para ajudar Saric a selecionar os dez guerreiros que a acompanharão em seu deslocamento rápido rumo a Kentosani.

Sem proferir nenhuma palavra, Mara inclinou a cabeça, escondendo as lágrimas que brotaram subitamente quando Keyoke se mexeu nas almofadas à procura de sua muleta e se levantou. Mergulhou na escuridão, completamente ereto como em sua juventude e com a mesma dedicação que lhe dedicara ao longo de uma vida de guerras. Quando Mara por fim reuniu coragem para levantar a cabeça, ele já desaparecera, mas ela ouviu sua voz exigindo uma espada e um elmo ao pessoal que cuidava do material de reserva.

– Que diabo! – disse ele, pegando uma espada de Midkemia

quando alguém sugeriu que deveria viajar confortavelmente instalado no palanquim. – Vou armado e com meus pés, e quem quer que se atreva a sugerir algo contrário terá de lutar comigo num duelo de espadas e levar uma surra!

Mara fungou. Restavam apenas dois rostos de seu círculo mais próximo: o mensageiro de Arakasi, que era praticamente um desconhecido, e Incomo, que aos poucos viera a conhecer tão bem quanto os outros que vestiam as cores dos Acoma havia mais tempo. O velho conselheiro ossudo e curvado já servira a duas casas e sobrevivera à eliminação de um Senhor pela mão de Mara. E, contudo, não pareceu embaraçado diante da Senhora que jurara servir. Embora fosse um homem reservado, sua voz se mostrou invulgarmente forte:

– Senhora Mara, saiba que passei a adorá-la e respeitá-la. Deixo-a com tudo o que posso dar: meu conselho, por mais pobre que seja. Pelo bem do Império que ambos veneramos, eu a incumbo de não abdicar de seus objetivos. Coloque a mão no trono dourado antes de Jiro e pode ter certeza de que faz o certo, por esta terra e seu povo. – Deu um sorriso acanhado. – A mim, que no passado servi fielmente a seu pior inimigo, foram-me dados mais honra e prazer a seu serviço do que imaginei que fosse possível a um homem. Quando servi os Minwanabi, fiz por dever e pela honra de minha casa. Se Tasaio tivesse sido derrotado por qualquer outro Governante, eu teria morrido como escravo, por isso conheci na pele o valor de seus princípios. As mudanças que procura são justas. Faça de Justin o Imperador e governe bem e sabiamente. Tem minha devoção e minha eterna gratidão.

Desajeitado com o corpo como o era com os sentimentos, Incomo levantou-se. Fez uma profunda reverência, exibiu mais um sorriso envergonhado e em seguida se apressou a sair para encher os ouvidos de Saric com conselhos de última hora, fossem ou não solicitados.

Mara engoliu em seco para tentar suprimir o aperto que sentia na garganta. Fitou o mensageiro de Arakasi, que, de tão cansado, adormecera nas almofadas sem se dar ao trabalho de deitar primeiro.

– Sabe me dizer se as notícias que me trouxe também foram transmitidas a meu esposo? – perguntou gentilmente, incomodada por perturbar o descanso dele.

O homem piscou e despertou.

– Senhora, o Senhor Hokanu já devia saber de tudo antes, pois se encontrava mais perto de Kentosani. Arakasi enviou outros mensageiros para levar a mensagem aos Shinzawai quando o primeiro de nosso turno veio encontrar a Senhora.

Mara desejou saber o que Hokanu fizera quando as más notícias lhe chegaram aos ouvidos. Poderia nunca vir a saber, ou poderia sobreviver para vir a lamentar o que descobrisse. Pois quer colocasse ou não a vida do esposo em perigo com as ordens dadas a Lujan, que desrespeitavam abertamente o decreto da Assembleia, sabia do fundo do coração que seu esposo nunca permitiria que Jiro chegasse ao refúgio de Kentosani. A vingança pela morte do pai não permitiria e, além disso, a vida da herdeira dele estava em jogo. Hokanu se mostraria honrado e atacaria, achou Mara, tivesse ou não possibilidades de êxito.

Fitou o exausto mensageiro e deu sua última instrução, que, esperou, proporcionaria ao homem a melhor chance de sobrevivência.

– Você vai abandonar esta companhia – ordenou em tom férreo. O mensageiro ficou alerta de pronto e escutou atentamente as ordens dela. – Vai partir já e vai me jurar não parar até encontrar o próximo mensageiro de seu turno. Deve passar a seguinte mensagem a Arakasi: diga-lhe para procurar a felicidade. Ele sabe onde encontrá-la e, se não fizer isso, diga-lhe que é minha ordem formal enquanto Senhora dele e que sua honra exige obediência.

Já plenamente desperto, o mensageiro fez uma reverência. Se achou a mensagem bizarra, limitou-se a partir do princípio de que se tratava de mais um código inteligente.

– Sua vontade será respeitada, minha Senhora.

Ergueu-se e saiu para a escuridão.

Sozinha no palanquim, Mara soltou os nós que prendiam as cortinas. A seda fina caiu com um som suspirado, proporcionando-lhe um raro momento de privacidade enquanto enfiava o rosto nas mãos. O adiamento que conseguira em Chakaha lhe pareceu fútil. Se tivesse morrido lá, o resultado seria idêntico: a vida de seus filhos seria sacrificada em prol da ambição de Jiro. Tentou imaginar, com pena de si mesma, se o destino a teria tratado de modo diferente se, tantos anos atrás, não tivesse devastado Jiro ao escolher Buntokapi como esposo.

Aquela confusão política complexa e cruel era a vingança dos deuses por sua vaidade? Estava sendo castigada por sua obsessão egoísta por manter o nome e a honra da sua família, iniciada com o sacrifício da vida de um homem? Casara-se com Buntokapi apenas para vê-lo morrer em consequência de seus planos. Será que ele amaldiçoara silenciosamente o nome dos Acoma no momento em que se jogara sobre a própria espada? Mara sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Talvez as coisas já estivessem estabelecidas por antecipação e os filhos que lhe sobravam morressem como acontecera com Ayaki, como peças sacrificadas no Jogo do Conselho.

Mara sentiu um espasmo nos ombros quando reprimiu um soluço. Ao longo dos anos, cada movimento do Grande Jogo elevava ainda mais a aposta. Agora, apenas um trono de Imperador asseguraria a segurança de sua família. Para proteger seus filhos, teria de alterar o curso da história do Império e desfazer-se de séculos de tradições. Sentiu-se frágil e vulnerável e achou que a sensação persistente de desespero não iria abandoná-la. Então

terminou seu momento de introspecção; já não tinha mais oportunidades para ponderar se sobreviveria para saudar seus filhos daquele lado da Roda da Vida, pois Saric apareceu com uma armadura emprestada.

– Minha Senhora? – chamou em tom suave. – Temos de nos apressar. A colmeia cho-ja mais próxima fica a um dia e meio de distância. Se queremos ter alguma chance de chegar a Kentosani a tempo, não podemos nos atrasar nem mais um segundo.

Seu conselheiro também estava de armadura, constatou Mara. Ao vê-la olhando para ele, Saric percebeu seu espanto quando se ajoelhou para ajudá-la a se vestir.

– Já fui soldado no passado – lembrou ele –, por isso posso voltar a ser. Não negligenciei totalmente o uso da espada. Isto serve apenas para nos favorecer. Uma companhia pequena de guerreiros em marcha acelerada talvez atraia menos atenção se não for acompanhada por um homem com trajes de alto oficial, não acha?

O hábito de Saric de falar por meio de perguntas tinha o efeito de afastar a mente da Senhora de problemas insolúveis. Obrigada a responder apesar de todas as suas preocupações, Mara reconheceu que o disfarce era uma medida sábia.

– Que os deuses nos protejam. Bem podemos precisar de uma espada extra diante de tudo o que foi feito e dito.

Saric apertou com destreza os fechos da couraça de Mara enquanto, com uma falsa aparência de normalidade, o moço da água da companhia passava com o balde e a concha, como se fosse uma pausa natural para descanso.

Lujan saltou de cima do cho-ja e seu corpo deixou riscos no pó que cobria a carapaça. Cambaleou um pouco devido aos músculos doloridos e foi agarrado e ajudado a equilibrar-se pela reação rápida da sentinela de guarda do lado de fora da tenda de comando.

– Onde está Irrilandi, o Líder de Forças Militares? – gritou o Comandante das Forças Armadas com a garganta seca. – Trago ordens da Senhora Mara.

O Líder de Patrulha de serviço apareceu, ofegante, depois de ter visto o cho-ja chegar correndo. Após uma olhada para seu exausto comandante, ajudou Lujan a sentar-se numa almofada colocada à sombra.

– Irrilandi está em patrulha com os batedores. Foram reportados movimentos entre as tropas de Jiro. Ele foi verificar com os próprios olhos – explicou.

– Envie o mais veloz dos mensageiros para chamá-lo – ordenou Lujan.

Criados apareceram com água fresca e toalhas, vindos depressa da tenda de comando ao lado da sentinela. Lujan aceitou uma bebida e depois os dispensou com um aceno para que fossem cuidar do cho-ja que o carregara. Já com a voz mais forte após tirar o pó da garganta, acrescentou:

– Seja o que for que a criatura solicite, façam o que for preciso para suprir de imediato as suas necessidades.

Os criados se curvaram e recuaram, para se aglomerarem ao redor do cansado cho-ja. Lujan bateu com os nós dos dedos nos músculos doloridos das coxas e logo começou a distribuir ordens. E, como um redemoinho numa corrente profunda, o acampamento ao redor reagiu. Enquanto mensageiros saíam correndo para convocar um encontro de oficiais e dar início ao processo de uma reunião ainda maior, Lujan chamou o guerreiro mais próximo de mais elevada patente e lhe fez uma torrente de rápidas perguntas. As respostas do oficial foram diretas e, enquanto traçava com a espada o alinhamento das tropas inimigas, Lujan também percebeu o padrão em formação que preocupava Irrilandi.

– As tropas de Jiro se reuniram para avançar – concluiu.

– Você também percebeu isso. – Os olhos preocupados do oficial

seguiram as mãos do Comandante das Forças Armadas, que apertaram com força o punho da espada. – Todavia, só os deuses podem saber o que fez o Senhor dos Anasati dar tal ordem. Suas hostes de guerra não podem atacar nossas propriedades ou nossas forças sem despertar a ira dos Mantos Negros.

Lujan olhou abruptamente para cima e disse:

– Trago novidades. Jiro começou seu jogo para tomar o trono em Kentosani. Mas, maldito seja eu por não entender como conseguiu dar notícias tão depressa de sua posição ao norte para o Comandante das Forças Armadas dos Anasati aqui no campo de batalha.

O batedor esfregou o suor da testa.

– Eu sei responder a isso. Ele tem pássaros.

Lujan, espantado, ergueu as sobrancelhas.

– O quê?

– Pássaros – repetiu o batedor. – Importados de Midkemia. São treinados para voar para um ponto de partida e levam um rolo de mensagens preso à pata. São chamados de pombos. Nossos arqueiros abateram dois, mas outros escaparam de nós.

– As mensagens estavam em código? – perguntou Lujan, mas nem aguardou pela resposta. – Nenhuma das tabelas de decodificação de Arakasi conseguiu traduzir o que estava escrito?

O líder dos batedores balançou a cabeça indicando que os códigos dos Anasati ainda não tinham sido desvendados. Lujan obrigou seu corpo dolorido a lhe obedecer, ficou de pé e caminhou.

– Acompanhe-me – ordenou ao líder dos batedores. A seguir, dirigiu a palavra ao oficial de serviço: – Quando Irrilandi chegar, peça para ele se encontrar comigo na tenda de comando, ao lado da mesa do mapa.

A escuridão dentro do pavilhão não serviu de alívio; a chuva parara e o sol que brilhava no teto de couro aqueceu o ar, que até parecia fumerar. Lujan desapertou o elmo. Despejou o que sobrara

de sua taça de água sobre o cabelo já encharcado de suor. Depois, esfregando as gotículas salgadas acumuladas nos cílios, debruçou-se sobre a mesa.

– Estão corretos? – perguntou, referindo-se às fileiras de bandeiras de seda coloridas e aos marcadores de tropas.

– Foram atualizados esta manhã – respondeu o batedor.

Fez-se silêncio. Do lado de fora, passando pelas paredes da tenda e pelas cortinas, chegou o som da agitação de guerreiros que se reuniam apressados; tão sutil quanto qualquer outro comandante no Império, Lujan manteve os ouvidos atentos às atividades enquanto os olhos percorriam a mesa do mapa para rapidamente absorver as informações.

– Ali – anunciou logo depois, enquanto reposicionava rapidamente com as mãos empoeiradas companhias inteiras de marcadores. – A planície de Nashika. É aqui que vamos pegá-lo.

O batedor arquejou de medo e ficou pálido.

– Vamos atacar o Senhor Jiro? E os Mantos Negros, Comandante das Forças Armadas?

Lujan, sem parar de movimentar os marcadores, retrucou:

– Os Mantos Negros farão o que quiserem. Mas, por ordem de nossa Senhora, iremos atacar. Se hesitarmos ou a deixarmos ficar mal, todos os homens deste exército perderão sua Senhora, virando guerreiros cinzentos amaldiçoados pelos deuses.

A aba da tenda se abriu, deixando entrar um redemoinho de pó e o vulto do Líder de Forças Militares Irrilandi, que se apresentou a passos largos. Magro e endurecido como pele curtida, o homem mais velho se livrou das luvas e postou-se ao lado da mesa, em frente a seu superior. Não desperdiçou palavras com saudações e a olhou de modo a abarcar todas as alterações na disposição dos marcadores.

– Então, vamos atacar – concluiu, com seu habitual discurso seco animado por uma centelha de prazer. – Ótimo. À primeira luz do dia,

calculo?

Lujan o encarou com uma expressão dura que sua Senhora só vira uma vez, um momento antes de Lujan entrar no círculo da luta em Chakaha.

– Não será à primeira luz do dia – corrigiu Lujan –, mas hoje, assim que o sol se puser.

Irrilandi mostrou um sorriso voraz.

– A escuridão não oferece cobertura. Não vai iludir os Mantos Negros.

– Não – concordou Lujan. – Mas poderemos ter a satisfação de derramar o máximo possível de sangue Anasati antes do amanhecer. Os Grandes que descubram o que aconteceu depois de despertarem de seu sono e de verem o resultado de nossas atividades noturnas.

Irrilandi observou o mapa.

– Planície de Nashika? Uma excelente escolha.

– Tática? – inquiriu Lujan de repente. – Quero sua opinião antes de nos reunirmos com nossos oficiais e atacarmos.

Irrilandi retribuiu com um riso abafado.

– Comece uma grande batalha e deixe-a se espalhar em muitas forças pequenas e múltiplos vetores de ataque. Dispomos de gente suficiente e, sabem os deuses, podemos posicionar dezenas de mensageiros para transportarem informações para a frente e para trás ao longo do campo de batalha. Desta vez não haverá uma única frente de ataque, com investidas simuladas e posições falsas, mas sim uma massa de pontas afiadas atacando em dúzias de lugares ao longo da linha!

Lujan se deteve, avaliando espantado a situação, depois entendeu a ideia do Líder de Forças Militares. Atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada de admiração.

– Seu velho ardiloso filho de um harulth! É o melhor conselho que ouvi em todos os meus anos de serviço. Gerar o máximo de confusão possível, para que assim possamos ganhar tempo e infligir

o máximo possível de danos!

- Se vamos obrigar a Assembleia a nos incinerar, levaremos conosco para os salões de Turakamu uma quantidade suficiente de inimigos para que tenhamos direito a uma grande canção de honra.
- Irrilandi olhou para cima com uma expressão impassível que poderia fazer com que a indiferença de Keyoke parecesse animada.
- Esperemos que dê certo. Que os deuses tenham piedade de nós, pois é uma medida suficientemente frágil para enfrentar o furioso poder dos magos.

A tarde decorreu em meio a grande alvoroço, essencialmente vigiado pelo Líder de Forças Militares, pois Lujan aproveitou sua última oportunidade de dormir. Apesar de as ordens distribuídas equivalerem a uma potencial sentença de morte, nenhum homem entre os milhares a serviço de Mara deixou de lado suas responsabilidades. A morte era algo banal para os tsurani e conhecer o Deus Vermelho em batalha era o maior feito de um guerreiro. Se o nome dos Acoma sobrevivesse, e crescesse em prestígio e poder, mais chances tinha um homem de obter melhor posição na volta seguinte da Roda da Vida.

Era irônico, pensou Lujan ao se levantar e ingerir uma refeição rápida enquanto o sol se punha, que as próprias tradições e crenças que estimulavam aqueles homens fossem as mesmas que Mara gostaria de mudar, caso Justin sobrevivesse para ser a próxima Luz do Céu das Nações. Alguns dos oficiais tinham consciência daquela ironia do destino, contudo, esforçavam-se ainda mais por isso. Se um guerreiro tinha um pesadelo recorrente, era o de acordar um dia vendo-se vivo e prisioneiro de um inimigo. Os oficiais por norma eram abatidos, mas um vencedor bastante cruel poderia mantê-los vivos para trabalharem como escravos sem possibilidade de inverter a situação. Se Mara viesse a acabar com a glória da morte sangrenta em combate, igualmente erradicaria a humilhação da escravidão, que despojava um homem de todos os seus talentos ou méritos.

O pôr do sol inundou o céu de tons dourados e acobreados e pouco depois a noite foi iluminada por estrelas. Os guerreiros de Mara assumiram suas posições finais em formação no limite da planície de Nashika cobertos pela escuridão. A ordem para se lançarem sobre o inimigo foi silenciosa. Não soaram trombetas nem os tambores rufaram e os guerreiros não gritaram o nome da Senhora ou entoaram qualquer outro grito de guerra dos Acoma. O início do maior conflito de sucessão a ser travado em Tsuranuanni foi sem o barulho que tradicionalmente acompanhava uma guerra.

O único aviso que o volumoso exército dos Anasati teve foram as batidas poderosas de milhares de pés quando as forças dos Acoma investiram. Pela primeira vez, os Anasati não precisaram se valer da inteligência superior de Chumaka. A conclusão era óbvia: as hostes militares dos Acoma deveriam estar se posicionando para um ataque de madrugada.

Então ecoaram na noite os choques das espadas e os gritos dos que foram fatalmente atingidos. O combate foi violento. Sem rendição. Ao fim da primeira hora, o campo de batalha ficou inundado com uma imundície aquosa escarlate vinda do sangue dos caídos. Lujan e Irrilandi supervisionavam alternadamente a ação do alto de um pequeno morro, movendo os marcadores sobre a mesa do mapa sob a luz da lamparina enquanto iam e vinham mensageiros com relatórios. Ordens de formações, avanços ou recuos eram enviadas e o inimigo foi atraído para armadilhas. Terreno foi conquistado, perdido e recuperado de novo com grandes custos e baixas. O piso empoeirado sob a mesa ficou cheio de marcadores descartados pelo Líder de Forças Militares e pelo Comandante das Forças Armadas à medida que registravam as baixas, que eram terríveis, apesar de todos os homens terem combatido com um vigor destrutivo, pois seria melhor tentar a morte pela espada do que arriscar perecer entre chamas geradas por artes mágicas.

Ambos os comandantes veteranos de Mara cavalgaram em turnos sobre o trabalhador cho-ja para incentivar as tropas ou para desembainhar a espada e ajudar no combate, visando a fortalecer uma posição onde fosse necessário.

A lua se ergueu no firmamento, banhando o combate com uma luz acobreada. O combate se fragmentou em grupos onde as linhas eram estreitas e os homens gritavam os nomes de Mara ou Jiro para se fazerem reconhecer. As cores de armaduras eram de um único tom escuro; tornou-se praticamente impossível distinguir um amigo de um inimigo. As espadas se tingiram de sangue e os guerreiros tiveram de confiar em seu treino para desferir golpes certos; o olho não conseguia seguir a velocidade do manejo da espada, pois as lâminas estavam manchadas de sangue.

O amanhecer chegou, obscurecido por um véu de nevoeiro e pó. A vasta planície estava repleta de corpos, esmagados pelos pés dos vivos ainda combatendo. As espadas se partiam com a pressão constante dos golpes e estocadas, fazendo com que as armas dos mortos retornassem à ação.

Lujan permanecia colado ao mapa, limpando a poeira dos olhos.

– Eles tiveram mais baixas do que nós, mas calculo que nossos mortos sejam apenas uns trezentos a menos do que os dos Anasati.
– Com dores no pulso, mas sem se lembrar do corte que lhe rasgou a pele, Lujan concentrou-se com esforço na mesa. Apesar de as tropas terem sido reduzidas pelas baixas, o padrão de luta, acima de tudo, tornou-se mais complexo com o passar das horas. Então falou a Irrilandi: – Se o cho-ja estiver disposto a mais uma missão, ele deve levar você à nossa linha ocidental. Pegue meia companhia e use-a para aliviar a pressão das companhias sob as ordens do Líder de Ataques Kanaziro.

Apontou para o centro da posição, onde tinham ocorrido as lutas mais sangrentas.

Irrilandi bateu bruscamente continência e saiu para falar com o

cho-ja; após uma breve troca de palavras, a criatura partiu apressada com o Líder de Forças Militares nas costas. Lujan apoiou-se, exausto, na mesa do mapa. Tentou imaginar por onde andaria Mara. Queria saber se ela chegara em segurança aos túneis dos cho-ja ou se os Mantos Negros a tinham subjugado sem ele sequer saber. Justin já poderia ter herdado o manto dos Acoma sem que nenhum veterano da casa tivesse conhecimento da sucessão. O fim já poderia ter chegado, enquanto na planície de Nashika homens combatiam e morriam em vão. Tal pensamento era venenoso, resultado da tensão e do cansaço; Lujan obrigou-se a prestar atenção nos marcadores e a escutar outro batedor reportando mais uma alteração de posições. O exército de Jiro perdera terreno. Cinco minutos mais tarde, a pequena colina seria de novo perdida, como acontecera sucessivamente ao longo de uma noite aparentemente interminável. Lujan percebeu pela sombra que se derramou sobre sua mão que o sol já nascera por completo e escalava cada vez mais o firmamento. Sentiu uma brisa no pescoço e quase de imediato compreendeu que o zumbido em seus ouvidos não era um efeito natural do cansaço e da falta de sono. Voltando-se, viu três homens vestindo mantos negros se materializarem a poucos metros. O mais jovem avançou precipitadamente, com uma expressão solene estampada no rosto de maçãs ossudas.

– Comandante das Forças Armadas – disse –, procuro sua Senhora.

Lujan apressou-se a fazer uma reverência profunda, o espanto se misturando com o medo. Depois de aclarar a garganta seca pelo pó, disse a mais pura das verdades:

– Minha Senhora não está presente.

O mago avançou de novo. Lujan reparou que calçava pantufas com laços e solas de pele macia, inadequadas para se usar fora de casa. Só isso já serviu para lhe provocar um arrepio. Aquele mago esperava obediência total e imediata, sem necessidade de se

esforçar mais do que o necessário para dar uns passos. Consciente da batida acelerada de seu coração e de seu rosto pingando suor, Lujan obrigou-se a se concentrar. Aqueles eram homens poderosos, mas não passavam de homens, lembrou a si mesmo. Umedeceu os lábios secos, recordando um julgamento que fora forçado a fazer como guerreiro cinzento: precisara condenar um homem à morte por causa de um crime contra a companhia. A execução se dera com sua espada e ele recordou como se revelara difícil abater o condenado. Só lhe restava esperar, portanto, que um Grande também hesitasse antes de tomar uma vida.

O Comandante das Forças Armadas permaneceu firme, apesar de seus músculos o terem traído, fazendo-o tremer. A necessidade de se erguer e enfrentar a ameaça ou de ceder à fraqueza e fugir revelou-se um tormento.

O mago bateu com a ponta recurvada da pantufa.

– Não está aqui? – comentou, referindo-se causticamente a Mara. – No momento de seu triunfo?

Lujan manteve o queixo encostado à terra e deu de ombros de modo estranho. Sabendo que cada segundo conquistado poderia oferecer à sua Senhora uma possibilidade ínfima de sobrevivência, falou lentamente:

– A vitória ainda não está conquistada, Grande. – Fez uma pausa, tossindo levemente. O som arranhado deu crédito à sua necessidade de parar e aclarar a garganta uma vez mais. – E não cabe a mim questionar minha Senhora, Grande. Ela sabe apenas que assuntos mais importantes requerem a presença dela em outro lugar e por isso colocou o comando desta batalha em minhas pobres mãos.

– Maldita seja esta retórica, Akani – exclamou outra voz.

Lujan percebeu o segundo conjunto de pés diante de seu rosto, estes calçados com um par de botas de estilo midkemiano com tachas de madeira. Identificou-o como o mago ruivo, que era o mais

alto dos três enviados e nitidamente o mais predisposto a pensamentos inflamados. – Estamos perdendo tempo. Sabemos que Mara segue para o norte em direção a Kentosani em sua liteira e até um imbecil pode constatar do alto desta colina que uma guerra está acontecendo entre as forças dos Acoma e dos Anasati. Fomos desafiados! Um castigo imediato deve ser aplicado.

O Manto Negro que fora chamado de Akani falou em tom mais moderado:

– Tapek, vamos com calma. Não devemos tirar conclusões precipitadas. É certo que estas tropas estão combatendo, mas, como nenhum de nós presenciou o início da batalha, não sabemos qual dos lados foi o agressor.

– Isso é irrelevante! – disse Tapek entre dentes. – Eles estão lutando, e nosso decreto proíbe conflitos armados entre os Acoma e os Anasati!

Após um breve momento de silêncio durante o qual foram trocados olhares entre os magos, Akani dirigiu-se de novo a Lujan:

– Conte-me o que está acontecendo aqui.

Lujan ergueu a cabeça da terra o suficiente para espiar por entre a poeira que se erguia em cortinas no ar.

– A batalha está equilibrada, Grande. O inimigo talvez detenha uma posição mais forte, mas os Acoma são superiores em número. Há momentos em que penso que vamos vencer, enquanto em outros me desespero e rezo ao Deus Vermelho.

– Este guerreiro está nos tratando como imbecis – comentou Tapek com Akani. – Fala em círculos como um mercador que tenta vender artigos falsificados. – Uma bota tachonada ergueu-se e pressionou o ombro de Lujan. – Como esta batalha começou, guerreiro? É isso que queremos determinar.

– Para isso, deve consultar minha Senhora – insistiu Lujan, colocando-se de bruços com a testa encostada ao chão.

Apesar de desafiar abertamente os homens mais poderosos do

Império, interpretou a pergunta de Tapek da forma mais ampla possível. O fato é que Mara nunca discutira as raízes antigas da rivalidade entre a Casa dos Acoma e a Casa dos Anasati; aquele tipo de história era mais a área de Saric. Mantendo sua postura de servo leal, Lujan rezou para que nenhum dos magos reformulasse a questão de modo a perguntar quem atacara primeiro. Então, arriscando-se a espiar para cima de novo, Lujan observou os Mantos Negros com o mesmo olhar que dirigiria a um novo recruta: atreveu-se a tomá-los como homens e compreendeu que Akani, apesar de inteligente e nada tolo, não estava predisposto a desejar o mal a Mara ou às forças dos Acoma. O ruivo Tapek não hesitaria em tomar medidas extremas; ele era o perigoso. O terceiro membro do grupo parecia não passar de um espectador, observando a troca de argumentos como faria um agente, sem grandes ambições e sem nada em jogo. Não parecia perturbado.

Tapek exerceu de novo um pouco de pressão com a bota.

– Comandante das Forças Armadas?

Consciente de que seria abatido logo se respondesse diretamente à pergunta de Tapek, Lujan deixou de lado o cuidado. Agiu como se a tensão lhe perturbasse o espírito, interrompendo sua linha de pensamento.

– Grande? – disse, num tom de profunda reverência.

A pele clara de Tapek enrubescou. Prestes a explodir de impaciência, foi controlado por um toque de Akani, que interveio em tom apaziguador:

– Comandante das Forças Armadas Lujan, mande as forças dos Acoma se retirarem e coloque um fim nesta batalha.

Os olhos de Lujan se arregalaram.

– Grande? – falou, como se a ordem o tivesse deixado espantado.

Tapek libertou-se de Akani e gritou:

– Já ouviu! Ordene a retirada das tropas dos Acoma e coloque

um fim nesta batalha!

Lujan atirou-se de bruços ao chão numa demonstração de pura prostração. Estendeu sua mesura até beirar o ridículo, para depois falar em tom bajulador:

– Sua vontade será satisfeita, Grande. Irei naturalmente ordenar a retirada. – Fez uma pausa e permitiu-se enrugar a testa. – Permita-me que ordene a retirada de modo a minimizar os danos entre meus soldados. – pediu. – Se a ideia é poupar mais derramamento de sangue...

Akani acenou com a mão.

– Não quero ver mortes desnecessárias. Cuide da retirada do modo que quiser.

Lujan se esforçou para não suspirar de alívio quando se levantou até ficar de joelhos. Acenou a um mensageiro que estava ali perto.

– Ordens para o Senhor dos Tuscalora – disse de pronto. – Ele deve bater em retirada para o sul e depois esperar e ajudar os que o seguirem... – Deu uma olhada nos Mantos Negros e recebeu de Akani um leve aceno, um olhar fulminante de Tapek e uma vaga atenção do terceiro mago do grupo. –... para proteger a retirada deles, compreende? – concluiu depressa.

O mensageiro estava semiparalisado de medo. Levou um momento para memorizar a ordem e partir. Assim que se apressou a sair, Lujan fez um sinal a outro mensageiro e lhe deu um extenso conjunto de instruções que envolveram duas manobras nos flancos e algo que ao ouvido de quem não entendia direito pareceria uma indecifrável gíria militar. Assim que o segundo mensageiro também partiu às pressas, fez mais uma reverência ao grupo de magos.

– Posso oferecer algo para beberem, Grandes?

– Um suco serviria para atenuar o calor do dia – disse o mago que parecia estar apenas observando. – Estes mantos não são confortáveis sob a luz do sol.

Enquanto Tapek começava a passar o peso de um pé para outro

e a bater com o pé de irritação, Lujan bateu palmas para chamar a criadagem e debateu demoradamente quanto ao melhor vinho a servir e sobre que tipo de rações militares seriam adequadas a visitantes de tão alto calibre. A discussão ameaçava prolongar-se indefinidamente até que Tapek a cortou, dizendo que não esperavam iguarias; um simples jomach e água serviriam para satisfazer apropriadamente as necessidades de seus colegas.

– Que pena – objetou Akani em tom despreocupado –, pessoalmente achei que o vinho importado de Midkemia seria um deleite.

– Então fique aqui saboreando bebidas com este imbecil que se autointitula Comandante das Forças Armadas – quase gritou Tapek.
– Alguns de nós temos assuntos mais importantes para tratar e acho que, para interesse do Conselho que nos enviou como emissários, um de nós deveria ficar aqui observando de modo a garantir que as hostes militares no campo de batalha estão de fato se dispersando.

Akani olhou de modo repreensivo para o mago mais jovem.

– O Comandante das Forças Armadas obedeceu sem objeções e ordenou a retirada de suas tropas. Questiona a honra da palavra dele?

– Não preciso – quase rosnou Tapek.

Então o terceiro mago, que até ali estivera apenas observando os exércitos se movimentando ao longe, resolveu intervir:

– Na verdade, Tapek pode ter razão. Se me é permitido comentar, não vejo sinais de abrandamento na contenda.

Para espanto de Lujan, Akani acenou despreocupadamente.

– Pelo que sei, essas coisas levam tempo. – Fitando intensamente o Comandante das Forças Armadas dos Acoma, coçou o queixo. – Tem algo a ver com o fato de um vassalo precisar dar apoio enquanto outra companhia se retira... não é assim, Comandante das Forças Armadas?

Lujan controlou um sinal de surpresa. Parte do espanto o

abandonou assim que percebeu: não passam de homens! Têm facções assim como acontece entre os Governantes no Jogo do Conselho. Aparentemente, o Manto Negro chamado Akani estava se valendo de certa diplomacia para tentar ajudar Mara sem desrespeitar abertamente o decreto da Assembleia. Lujan abafou um injustificado acesso de confiança.

– Exatamente, Grande – disse. – O Senhor dos Tuscalora...

– Ah, poupe-nos dos detalhes! – interrompeu Tapek. – Diga-nos apenas por que Mara dos Acoma se atreveu a acreditar que poderia ordenar este ataque e sair incólume, quando foi expressamente proibida por nós de guerrear contra Jiro dos Anasati.

Lujan umedeceu os lábios, com um nervosismo autêntico.

– Não sei, Grande. – A terra pedregosa sob seus joelhos enterrou-se na carne e a pose pouco habitual enrijeceu suas costas. De repente, uma tortura pior lhe veio à mente. Poderia causar a morte de Mara se escolhesse a palavra errada. Por todos os deuses, estava bem treinado para lutar, mas não partilhava com Saric da arte de governar. Atrapalhou-se, procurando uma forma de contornar a verdade: – As ordens que recebi dela visavam evitar que o exército dos tradicionalistas marchasse para o norte rumo a Kentosani. Como disse, ela segue para a Cidade Sagrada, também por ordem da Assembleia.

– Ah! Ah! Sei que segue! – Tapek cruzou os braços e, satisfeito, acariciou as mangas. – Agora iremos ouvir a verdade. Que estrada ela tomou para chegar lá? Nada de respostas sinuosas. Sob pena de pagar com a vida, responda diretamente. – Então Tapek ergueu um dedo e uma chama brotou, rasgando o ar com um silvo. – Responda!

Lujan se levantou completamente. Se ia morrer, ou acabar com as chances de Mara, iria fazê-lo como um homem e um guerreiro, isto é, de pé.

– Sua vontade será satisfeita, Grande. Minha Senhora planejou

sua viagem por estradas secundárias, acompanhada de sua guarda de honra, para evitar problemas.

Kerolo, o mais calmo dos três magos, tomou a palavra:

– E se ela se deparar com problemas?

Lujan engoliu em seco e sentiu a garganta seca como lixa. Tossiu e esforçou-se para recuperar a voz, que por fim saiu uniforme e forte, como ele desejara:

– Procurará refúgio numa colmeia cho-ja.

Os magos Kerolo e Tapek trocaram olhares perturbados e, ao mesmo tempo, acionaram seus dispositivos de transporte. Um zumbido preencheu o ar, cortando os gritos de batalha e os distantes entrecosques de espadas que diminuía. Em seguida, uma brisa afastou para o lado a cortina de poeira e a dupla desapareceu, deixando Akani a observar Lujan num silêncio muito perturbado. Passou-se um momento. Lujan permaneceu muito rígido, como se fosse um recruta aguentando uma inspeção de um oficial veterano. Uma compreensão mútua pareceu nascer entre os dois homens, apesar de serem de duas posições muito diferentes. O olhar de Akani ficou cortante.

– Acabaram-se as artimanhas – disse. – Sua Senhora dispõe, se não de aliados, ao menos de alguns simpatizantes na Assembleia, mas até eles se afastarão diante de um desafio declarado. O que leva Mara a contar com o apoio dos cho-ja?

Lujan deixou de lado quaisquer tentativas de subterfúgios. Com aquele Manto Negro, qualquer outro truque lhe custaria um castigo severo e instantâneo. Ainda assim, temendo revelar demais, escolheu as palavras com extrema cautela:

– Ela já é amiga da rainha dos cho-ja instalada nas terras onde nasceu há muito tempo. Ao longo dos anos pagou favores à colmeia, muitos deles em benefício da defesa dos Acoma.

Akani franziu o cenho, com uma expressão mais assustadora diante daquele fato.

– Os cho-ja que vivem além das fronteiras da propriedade estão dispostos a defender a causa dela?

Lujan ergueu as mãos abertas para o céu, no tradicional dar de ombros dos Tsurani.

– Isso não sei dizer, Grande. Apenas a própria Senhora sabe quais acordos podem ou não ser estabelecidos.

O olhar de Akani tornou-se penetrante, parecendo arrancar os pensamentos do Comandante das Forças Armadas de sua mente para expô-los à luz ofuscante. A pele de Lujan foi percorrida por arrepios e ele tremeu. Pouco depois a sensação passou.

– Você está falando a verdade – reconheceu Akani. – Mas fique avisado: a Assembleia irá até o fundo desta questão. Infelizmente, pode ser que não cheguemos a um acordo em nossa causa, Comandante das Forças Armadas.

Com um meneio de cabeça que poderia indicar respeito, Akani ativou o dispositivo de transporte e partiu em meio a uma explosão de ar.

Lujan estendeu a mão até a borda da mesa de areia para não cair de joelhos. Mara, pensou ele desesperado, o que será dela? Pois se o exército de Jiro fosse, graças à Assembleia, impedido de avançar para Kentosani, o verdadeiro inimigo estava mesmo atento. Apesar de Lujan já ter visto sua Senhora conseguir o impossível antes e apesar de depositar uma fé ilimitada em sua habilidade para improvisar o imprevisível, nem mesmo uma Serva do Império seria capaz de desafiar a Assembleia e sobreviver.

Vingança

A liteira estava pesada.

Foram necessários oito carregadores para transportar seu peso de madeira de qualidade, com conchas de corcara incrustadas e relevos elaborados feitos de ferro raro. Como as cortinas caras de seda, pesadamente bordadas e decoradas com franjas e bordados, haviam sido planejadas para espantar os curiosos com seu esplendor, a entrada de luz e de ar era um problema. Como o alvorecer gerara luz suficiente para permitir a leitura, o Senhor Jiro dos Anasati ordenara a seus criados que puxassem as cortinas para o lado e as amarrassem com tiras de couro. O efeito podia não ser tão elegante quanto as cortinas abaixadas, mas Jiro não quis saber. Não havia nada de importante para ver.

Não se viam caravanas ou outros nobres na estrada florestal que levava para sudeste, rumo a Kentosani. Ninguém circulava por lá, salvo um ocasional mensageiro contratado e alguns refugiados, pessoas do povo fugindo das cidades. Como a comida estava ficando escassa, as famílias dos bairros mais pobres eram as primeiras a passar fome. Pessoas andrajosas, cobertas de chagas e com roupas esfarrapadas, levavam no colo bebês chorando ou puxavam crianças mais velhas que seguiam aos tropeções, fracas de desnutrição. Avós amados eram transportados nas costas dos jovens. No campo talvez houvesse uma possibilidade de caçar ou de procurar frutos secos ou vagens para negociar.

Jiro não prestou atenção naquela gente miserável; a pobreza deles era vontade divina. Os soldados à sua frente abriram caminho para que o séquito passasse e, a não ser pelo choro das crianças, em meio à poeira, aquele povo parecia apenas sombras abjetas. Enquanto seus carregadores suavavam com o esforço da marcha forçada, o Senhor dos Anasati seguia confortavelmente instalado em almofadas amontoadas, com várias camadas de rolos de pergaminho espalhadas em volta dos joelhos. A pilha era impedida de se espalhar sobre seus tornozelos pelo botão do punho de sua espada, cravada entre os joelhos protegidos pela armadura.

Alto e esguio como um cão de caça, o Conselheiro-Mor Chumaka acompanhava a liteira a pé. Duro como qualquer guerreiro, parecia incansável enquanto respondia às perguntas de seu Senhor, que eram raras e amplamente divergentes em termos de assuntos, escolhidos de acordo com os temas dos extensos e entediantes tratados sobre a lei imperial constantes dos pergaminhos que Jiro lia.

– Não confio no Shinzawai – disse Jiro, aparentemente do nada.
– O irmão dele, Kasumi, passou anos lutando no mundo bárbaro, como parte integrante da conspiração da Roda Azul para derrubar o Senhor da Guerra, e os modos desonrosos e ardilosos dos midkemianos também influenciaram Hokanu.

Chumaka lançou um olhar penetrante a seu Senhor e nada disse durante um incômodo e prolongado espaço de tempo. Parecendo ser capaz de ler mentes, Jiro entendeu: seu Conselheiro-Mor percebera que ele estava se lembrando de Tasaio dos Minwanabi, um brilhante general cujo exército fora humilhado por Mara por meio de uma tática de antecipação sugerida por um escravo midkemiano. Nem mesmo mencionaram o fato de a Casa dos Minwanabi não existir mais. Não era necessário atíçar aqueles receios nervosos para que irrompessem em chamas. Chumaka falou num tom isento de censura:

– Meu Senhor, fizemos tudo o que seria humanamente possível para assegurar seu sucesso. Agora o destino traçará nosso caminho, com a ajuda da sorte e da vontade divina. O Senhor irá se sentar no trono dourado, ou não, conforme a vontade dos deuses.

Jiro se recostou em suas almofadas, sentindo-se desconfortável por causa da armadura. Embora não fosse um homem vaidoso, compreendia bem o poder da aparência. Cuidadoso ao se vestir como qualquer artista, teria preferido uma túnica leve de seda com o vermelho dos Anasati e flores gaganjan bordadas nos punhos. Mas, desde o assassinato de Ichindar, nenhum nobre se atrevia a viajar em estradas públicas sem usar uma armadura. Saber que Chumaka tinha razão irritou-o ainda mais. E quanto tinha razão, ele não desejava repetir. Escutara todos os relatórios; presidira reuniões do conselho. Sabia o que haviam dito sobre os movimentos do inimigo.

E as notícias eram positivas.

Hokanu dos Shinzawai estava a pelo menos dois dias de distância ao norte de Kentosani, enquanto o cortejo do Senhor dos Anasati cruzaria os enormes portões ao fim da tarde, muito certamente ao pôr do sol. Jiro enumerou para si mesmo, mais duas vezes, suas garantias: iria alcançar a Cidade Sagrada sem oposição dos aliados de Mara; quando os Shinzawai chegassem, estariam exaustos. Os magos tinham sido insultados pelos Acoma quando as forças de Mara enfrentaram o exército dos Anasati ao sul. E agora estavam totalmente concentrados em Mara, ignorando o Senhor dos Anasati, que parecia obedecer cegamente às ordens deles.

As mãos de Jiro apertaram os rolos em seu colo. Alarmado com um crepitar de folhas secas, praguejou, aborrecido por uma distração ter feito com que amassasse registros antigos. Com uma concentração sombria, endireitou o rolo de pele envelhecida amarrotado; enquanto isso, mais uma vez Chumaka pareceu adivinhar seus pensamentos.

– O Senhor compreendeu a mensagem trazida ontem à noite pelo pombo – assegurou o Conselheiro-Mor no que pareceu um comentário casual. Jiro percebeu a intenção. Os olhos astutos estavam fixados na estrada à frente, como se conseguisse ler algo além da poeira levantada pelos pés da companhia avançada da guarda de honra dos Anasati. O Conselheiro-Mor podia parecer absorto na marcha, mas, numa sagaz escolha de palavras, acrescentou: – O Comandante das Forças Armadas de Mara atacou sem ter sido provocado. A esta hora, a Assembleia já deve ter agido. Pense nisso.

Os lábios de Jiro se comprimiram, quase formando um sorriso. Sua imaginação forneceu imagens pormenorizadas de Mara carbonizada por magia. Mas nem mesmo todos os tormentos que poderiam desabar sobre sua inimiga lhe proporcionaram conforto. Desejava ver o corpo da mulher que o desprezara trespassado por uma espada; ansiava por ver os crânios dos filhos dela – aqueles que ela ousara ter com outros pais – esmagados como cascas de ovo a seus pés. Poderia pisar em seus cérebros e então ter a certeza do triunfo. Além disso, a sorte da Serva do Império era lendária, e não apenas uma superstição. O título de Mara conferia uma bênção divina que nenhum homem poderia facilmente destroçar. Por mais de uma vez, Jiro presumira que os dias dela tinham chegado ao fim, mas Mara, de algum modo, acabara sempre por triunfar.

O desconforto não deixou de atormentá-lo. Sem reparar, suas mãos apertaram de novo o pergaminho. A pele quebradiça estalou e pedaços dourados se esfarelaram e colaram em suas palmas suadas.

– O Senhor não se sentirá seguro enquanto não se sentar no trono dourado – notou abruptamente Chumaka. – Quando os sacerdotes dos Vinte Deuses Supremos se curvarem a seus pés, quando as multidões o saudarem, prostradas, como Luz do Céu, só então seus receios serão aplacados.

Jiro escutou, mas não conseguiu evitar olhar a estrada à sua

frente, que seguia até a Cidade Sagrada. Interiormente, repetiu a lógica de sua mente: ele tinha o caminho aberto até a vitória final. A Assembleia não iria colocar obstáculos assim que Mara morresse. Na verdade, os magos deveriam apoiar sua causa para impedir o caos e a anarquia que destruíam a paz das Nações desde que Lojawa assassinara Ichindar. Ninguém suspeitava que Jiro estivera por trás daquilo; a trama fora tecida secretamente, ao longo de anos de cuidadoso planejamento. A culpa recairia sobre os Omechan e não havia como passarem disso: nem sequer a tortura poderia arrancar a verdade. Com o cargo de Senhor da Guerra prometido à linhagem deles, seriam prejudicados se revelassem a conspiração. Jiro mudou o rumo dos pensamentos. Não o incomodava que o exército que lhe fora legado com o manto dos Anasati tivesse de ser destruído para manter no lugar os soldados de Mara e voltar a ira da Assembleia para ela. A morte deles seria honrosa, pois serviria para que seu Senhor ascendesse sobre todos os outros do Império. As almas seriam recebidas triunfalmente nos salões do Deus Vermelho quando os inimigos de Jiro fossem obrigados a reconhecê-lo como superior.

O Senhor dos Anasati fechou os olhos, inundado de ansiedade. O primeiro a prostrar-se diante do trono imperial seria Hoppara dos Xacatecas. Aquele cachorrinho ambicioso se colara desde o início às saias de Mara e a intrometida da mãe dele nada fizera! Apesar de apreciar o modo como os homens conduziam as coisas, Isashani nunca encorajara seu primogênito a agir por si mesmo, como seria adequado a um homem. Por causa da viúva e de seu filho mimado, mais de uma conspiração para envergonhar os Acoma dera errado! Jiro souou ao recordar quantas vezes Hoppara incitara o velho Frasai dos Tonmargu a apoiar os interesses do falecido Imperador acima dos próprios interesses de seus irmãos do Clã Ionani! Jiro ficou mais irritado ao se lembrar da lista de fracassos. Para ele, o perdão era uma fraqueza. Não era homem de esquecer as ocasiões em que seus planos haviam sido frustrados.

Franziu o cenho ao pensar qual seria o inimigo que humilharia em seguida. Se os magos se revelassem magnânimos em seu castigo a Mara pela desobediência, Hokanu poderia sobreviver para beijar o chão diante do dossel do trono dourado.

Jiro conteve uma risada. A inquestionada soberania dos apoiadores de Mara fizera com que Ichindar caísse para deixar seu legado com um Anasati! Iria aproveitar bem essa onipotência, ah, se iria! Restauraria o Conselho Supremo e a liderança do Senhor da Guerra, presidindo tudo isso, incluindo os templos, numa supremacia sem precedentes. Seus poderes seriam idênticos aos dos deuses e não haveria nenhuma mulher no Império que não se prostrasse diante de sua glória. Poderia ter em seu leito qualquer donzela que desejasse e nenhuma poderia se recusar a satisfazer sua vontade! O fato de Mara dos Acoma no passado o ter desprezado iria deixar de ter importância, pois a linhagem dela seria reduzida a cinzas. Ele, Jiro, nonagésimo segundo Imperador, seria recordado como o homem que vira uma Serva do Império humilhada e derrubada. Seu feito se tornaria um memorial diante dos olhos dos deuses: algo sem precedentes, o golpe perfeito no Jogo do Conselho, pois nenhum Senhor poderia ter um inimigo maior do que um adorado pelas massas.

Então um grito ecoou vindo do bosque. Acordando de seu devaneio, Jiro se endireitou. Pergaminhos e invólucros de rolos rolaram até o piso. Esqueceu-se de prestar atenção, pois se concentrou no movimento de seus soldados.

– O que foi? – exigiu saber em tom claro, constatando que Chumaka já não seguia ao lado da liteira.

O homem era inconvenientemente independente dele. Jiro ficou furioso quando avistou a cabeça grisalha do Conselheiro-Mor encostada no elmo emplumado do Comandante das Forças Armadas, Omelo. O aborrecimento de Jiro desapareceu ao perceber a preocupação no rosto do oficial.

– O que foi? – exigiu saber, em tom mais alto.

Omelo se empertigou, assumindo a postura adequada a um comandante de exércitos. Dirigiu-se a passos largos até a liteira e Chumaka o seguiu logo atrás, com um brilho nos olhos.

– Um de nossos batedores encontrou o colega destacado para investigar nosso flanco.

O olhar de Jiro ficou ainda mais severo.

– O homem estava descumprindo seus deveres?

A expressão de Omelo permaneceu inalterada.

– Não, Senhor. O oposto. Estava morto, assassinado. – Conciso na transmissão das más notícias, terminou: – Com uma flecha. Nas costas.

Ignorando por completo o protocolo, Chumaka interrompeu:

– Estava parado ou correndo?

Omelo deu meia-volta, os olhos estreitados. Sempre minucioso quanto ao protocolo, virou as costas ao conselheiro e respondeu como se tivesse sido Jiro a lhe dirigir a palavra:

– Meu Senhor, nosso homem foi abatido enquanto corria. O batedor viu as pegadas. – Bateu rapidamente continência, com o punho sobre o coração, e fez uma reverência. – Com a permissão de meu Senhor, seria sensato colocar nossos guerreiros numa formação mais cerrada. Quaisquer que fossem as novidades que nosso batedor abatido trazia, alguém o matou para silenciá-lo. E a flecha tinha uma haste sem marcas.

– Bandidos? Ou algum aliado dos Acoma? Acha que corremos perigo? – disparou Jiro antes de tomar consciência das implicações globais. Qualquer atraso poderia se revelar fatal. Recuperando a dignidade, acenou a seu Comandante das Forças Armadas para que regressasse a seus deveres e virou-se para o Conselheiro-Mor. A expressão de Chumaka nunca era a que ele esperava. Agora mostrava um interesse meditativo, como se tivesse sido confrontado, por alguma reviravolta encantadora, com um quebra-cabeça. – Não

parece preocupado – observou Jiro com um sarcasmo seco.

– Apenas os tolos se preocupam. – Chumaka deu de ombros. – Um homem sábio procura o conhecimento. O que deve acontecer, acontecerá. A preocupação de nada serve, mas a antecipação pode garantir a sobrevivência.

Em meio à confusão de soldados cerrando fileiras, Jiro observou o caminho. Não havia refugiados enchendo a beira da estrada. Só isso já servia de aviso, pois, tal como as aves, eram criaturas tímidas sempre prontas a fugir dos problemas. O caminho à frente estava livre, iluminado pelo sol, com nuvens de poeira flutuantes. Em contraste, a sombra impenetrável sob as árvores era igual à noite. Mais à frente, após uma curva suave, a estrada descia, cruzando um vale estreito onde a luz e a sombra se espalhavam em manchas. Os insetos zuniam, salpicados pela luz, mas nada de sangue quente fazia qualquer ruído. Nervoso, Jiro começou a falar em sussurros:

– Não vejo nada que se deva temer.

Mas, ainda assim, um desconforto incompreensível o levou a passar os dedos pelo punho da espada. Apesar de suas palavras tranquilas, Chumaka parecia tenso. Apenas um tolo não ficaria preocupado, admitiu Jiro em silêncio. Debateu-se para contolar a impaciência. A aposta que fizera era gigantesca, uma das maiores conquistas da história. Não poderia esperar se apossar do trono imperial sem oposição. Tirou a mão suada da espada e desapertou a tira que tinha ao redor do pescoço prendendo uma bolsa com documentos sob a armadura. No pergaminho, com concisas palavras formais, estavam todos os pontos oficiais da lei que deveriam ser incluídos em seu acordo de casamento com Jehilia.

Acariciou a tira de couro como se fosse um talismã. Não haveria erros, nem detalhes ocultos, assim que transpusesse os portões de Kentosani. Nenhuma página fora deixada sem ser lida nas bibliotecas; Chumaka e Jiro tinham analisado atentamente todos os registros legais de todas as dinastias existentes: bastaria o selo

imperial, aposto pela Primeira Esposa de Ichindar, Tamara, para registrar a aptidão de Jiro como pretendente real. Forçosamente, a ascensão ao trono aconteceria em seguida. Diante de tais documentos, nenhum advogado da corte ou Conselheiro-Mor de uma casa, nem qualquer entidade legal no Império, poderia contestar a pretensão dos Anasati. Poderia haver outros nobres com pretensões tão boas quanto as de Jiro, mas nenhuma seria melhor – assim que Justin dos Acoma estivesse morto – e nenhum deles ousaria desafiar o direito dos Anasati.

Um grito fez Jiro olhar para o bosque. Sua mão ficou branca sobre a espada. Algo se mexera fora do alcance de sua visão? Jiro afastou os rolos de livros com os pés, esforçando-se para espiar a escuridão da floresta densa. Um estrondo abafado percorreu o ar parado. Os guerreiros assumiram uma postura tensa, prontos a entrar em ação.

Um dos veteranos se retesou.

– Comandante das Forças Armadas – aventurou-se a dizer –, reconheço aquele som.

– O que é? – quis saber Omelo.

Jiro virou-se e identificou o homem como um dos sobreviventes da guarda de honra enviada no passado com seu irmão para dar apoio à delegação de Ichindar quando este fora assinar o acordo no mundo bárbaro de Midkemia: a paz estabelecida acabou virando uma chacina, com o sangue de mil primogênitos tsurani encharcando o solo. Halesko dos Anasati tombara no primeiro ataque; apenas um de seus guardas de honra sobrevivera de modo a conseguir regressar pelo Portal, transportando, com três outros homens, o corpo inconsciente do Imperador. Em homenagem por ter salvado a Luz do Céu, o homem recebera um posto na guarda pessoal de Jiro. E agora falava com um tom de urgência:

– Escutei este som ao lutar com os bárbaros, Senhor. – Enquanto o ruído surdo se aproximava vindo da floresta, ele elevou o tom de

voz: – O inimigo vem cavalgando! Cavalos! Eles estão montando cavalos!

No momento seguinte, o caos explodiu entre as árvores. Uma fileira de guerreiros vestidos de azul, cada um deles em cima de uma fera bárbara de quatro patas, investiu diretamente na direção da companhia. Omelo gritou algumas ordens; estudara os relatórios de soldados que já haviam enfrentado antes a cavalaria em Midkemia. Apenas uma tática dava esperança de sucesso para guerreiros a pé. Os guerreiros que acompanhavam seu Senhor eram a nata das forças Anasati. Obedeceram sem hesitações, espalhando-se para evitar serem pisados. Homens que nunca haviam passado por uma investida de cavalaria poderiam, por erro, ter permanecido em seu lugar, sendo derrubados. Os carregadores de Jiro viraram a liteira para o lado oposto, aterrorizados, e recuaram, colocando o máximo possível de guardas entre o Senhor e a investida da cavalaria dos Shinzawai.

Jiro, em pânico, engoliu em seco. Os Shinzawai não estavam a dois dias de distância da Cidade Sagrada, estavam ali! As feras eram rápidas! E pesadas! Os cascos esmagavam a grama e sacudiam a terra. Os carregadores da liteira hesitaram, com passos pouco firmes. Levado com brusquidão para um lugar mais seguro, Jiro nem reparou. Os cavalos apareceram numa onda, com as lanças dos cavaleiros brilhando à luz do sol. As fileiras mais adiantadas dos guerreiros enfrentaram o ataque. Corajosos, firmes e determinados, não tiveram chance. As lanças os empalaram, aos gritos, ou os cascos os ceifaram como se fossem hwaet. Os mais ágeis conseguiram se desviar para o lado, mas apenas para perecerem sob as espadas dos cavaleiros com armaduras azuis. Apenas o veterano da guerra de Midkemia escapou. Sua estocada repentina incapacitou um animal pela retaguarda, fazendo-o tombar em meio a coices. O cavaleiro rolou desamparado, praguejando acima do grito estranhamente humano de sua montaria. Espada contra

espada, o responsável pela queda se perdeu no meio de outra nuvem de poeira.

A segunda fileira se desenvencilhou um pouco melhor. Um homem cravou uma espada no peito de um cavalo antes de ser derrubado. Os cavaleiros trespassaram a maioria dos defensores, mas suas lanças se tornaram inúteis, pois as que não quebraram e as que ficaram cravadas nos corpos eram compridas demais para enfrentar inimigos que estavam agora ao seu alcance. Jiro sentiu o suor escorrer por dentro da armadura. Disparou uma sucessão de imprecisões por entre os dentes. Ele podia morrer ali! E que desperdício: acabar como Halesko na confusão de uma batalha! Morrer pela espada, como poderia acontecer com qualquer imbecil iletrado, cego pela ambição e pela honra! Jiro rejeitou tal morte. Primeiro, iria ver Mara humilhada!

Libertou-se com chutes de suas almofadas e saltou da liteira, feroz como um sarcat encurralado. Omelo ainda estava de pé, gritando ordens. O ímpeto inicial da investida desaparecera, ficando as fileiras seguintes desordenadas enquanto as montarias dos Shinzawai se desviavam para evitar os homens derrubados. As lanças haviam cortado um homem ao meio. Os espadachins montados rodopiavam em piruetas, lutando com guerreiros a pé que tossiam na poeira. Os guerreiros Anasati não hesitavam. Permaneciam firmes com bravura e desferiam golpes contra inimigos que lutavam mais alto do que a cabeça deles.

A arte tsurani de manejar a espada de pouco valia contra golpes vindos de cima. Os melhores caíram, com os elmos rachados e seu sangue ensopando a estrada seca. E, para piorar, mais cavaleiros continuaram a aparecer. Convergiram sobre a liteira e a guarda mais próxima de Jiro. Sendo os últimos e os mais dedicados a defendê-lo, gritaram em desafio. Até o homem mais corajoso perceberia: não iriam ser suficientes.

Omelo guinchou blasfemando. Chumaka não se encontrava em

lugar algum. As espadas cortavam o ar; algumas se entrechocavam com outras lâminas e eram desviadas. Várias delas se cravaram em armaduras vermelhas, fazendo jorrar mais sangue precioso. A cavalaria de Hokanu esmagou os que haviam caído. Mais um cavalo foi derrubado, tombando, e um guerreiro Anasati que estava próximo demais foi atingido por um coice. Jiro prendeu o vômito. Ergueu a espada. A guerra não era seu ponto forte, mas teria de lutar ou morrer.

Os gritos dos que tinham sofrido ferimentos mortais lhe davam arrepios. Preparou-se para a primeira estocada, atordoado e subjugado pela brutal realidade da batalha. Apenas o orgulho da família o manteve de pé.

Um cavalo se aproximou e empinou. O preto do pelo contrastou com o céu quente enquanto seus cascos cortavam o ar. Dentes brancos cintilaram num rosto perdido nas sombras de um elmo com as plumas de Senhor. Jiro por fim entendeu que o cavaleiro era Hokanu.

O Senhor dos Anasati ergueu o olhar para aqueles olhos impiedosos: escuros como os de Kamatsu, eles o despiram até seu âmago e o reconheceram como um assassino covarde.

E neles Jiro viu seu fim.

Enfrentou calmamente o primeiro golpe de espada, como lhe fora ensinado. Conseguiu desviar-se do segundo. Tinha um guerreiro morrendo a seus pés, no qual pisou e quase tropeçou. A bÍlis subiu por sua garganta. Não tinha forças. E Hokanu pressionou, com sua montaria andando de lado como um demônio e a espada cortando o ar sob a luz do sol.

Então Jiro cambaleou para trás. Não! Isto não estava acontecendo. Ele, que se orgulhara do domínio da razão, seria completamente destruído por uma espada! Tomado pelo pavor, deu meia-volta e fugiu.

Qualquer conceito de desonra foi esquecido por força do horror

que trovejava atrás dele. Jiro estava sem fôlego. Seus músculos gritavam mudos devido ao esforço. Tinha de chegar ao bosque. A razão poderia prevalecer sobre a espada, mas apenas se sobrevivesse nos próximos cinco minutos. Não era vergonha, mas apenas sensatez, sobreviver, custasse o que custasse, para que Mara – maldito fosse o nome dela! – morresse antes dele. Então os deuses poderiam fazer dele o que quisessem.

O som do combate diminuiu. Apenas ruídos surdos de cascos batendo no solo seco ecoavam aqui e ali. Jiro ofegava quando chegou às árvores e escalou um pequeno afloramento rochoso para conquistar o que considerou ser um local seguro. A respiração do cavalo deixara de soprar em suas orelhas. Parara. A floresta o deteve. Jiro piscou para limpar os olhos. Uma sombra pareceu turvá-los, sob o sol ofuscante do meio-dia. Encostou-se, ofegante, no tronco de uma árvore.

– Vire-se e lute – disse uma voz logo atrás dele.

Girou sobre os pés. Hokanu desmontara. Aguardava de espada erguida. Seu rosto estava escondido na escuridão, como um carrasco qualquer.

Jiro quase praguejou. Fora traído! Chumaka errara... e errara de modo colossal... e agora chegara o fim. Uma fúria vermelha varreu o pânico. O Senhor dos Anasati ergueu a espada e atacou.

Hokanu desviou a espada de Jiro para o lado como se fosse um brinquedo. Sendo um veterano de guerra, dava golpes duros como ferro. Jiro sentiu lâmina se chocar contra lâmina com um choque vibrante de dor. A força abalou seus nervos e o fez afrouxar o aperto da mão. Sua espada cintilou, girando, quando se soltou. Não a ouviu bater na vegetação rasteira.

– Omelo! – gritou, lívido de medo.

Alguém, qualquer um, até um guerreiro de sua guarda de honra deveria ter sobrevivido para ouvir seu grito. Tinha de ser salvo!

Então resolveu se valer de um truque:

– Vocês são desonrados, pois estão dispostos a matar um inimigo desarmado.

Hokanu mostrou os dentes, mas não era um sorriso.

– Assim como meu pai estava desarmado? Morto em seu leito com um dardo envenenado? Sei que o assassino era seu. – Jiro ia negar, mas Hokanu gritou: – Tenho em meu poder os registros da seita! – O Senhor dos Shinzawai pareceu o terror encarnado quando baixou a espada e depois, rodando o pulso, cravou a ponta na terra, deixando-a vibrar quando soltou o punho. – Você é imundo, não... mais do que imundo, para vir choramingar questões de honra!

Deu um passo à frente.

Jiro se colocou em posição, pronto para lutar. Ótimo!, pensou. Afinal de contas, a razão venceria! Convencera o honrado imbecil dos Shinzawai a lutar corpo a corpo! Apesar de o Senhor dos Anasati saber que não era nenhum campeão, a morte seria mais lenta do que a descida de um golpe de espada. Ganhara tempo, talvez, até que um dos membros de sua guarda de honra conseguisse aparecer para salvá-lo. Então recuou, ainda apostando na estratégia de ganhar tempo. Era lento demais e Hokanu, rápido como um caçador, estimulado pela vingança. Mãos duras agarraram os ombros de Jiro. Ele levantou um braço para se libertar e sentiu o pulso ser preso e torcido. Uma força impiedosa dobrou cada vez mais seu pulso, até o osso e os tendões estremecerem em protesto.

Jiro assobiou entre dentes. Lágrimas turvaram seus olhos. O aperto cruel se intensificou ainda mais. Piscando para ver melhor, Jiro olhou para cima. Hokanu agigantou-se sobre ele, o reflexo brilhante de seu elmo bloqueando parcialmente o sol. Jiro se esforçou. Sua boca se mexeu, mas nada de inteligível saiu dela. Nunca em sua vida adulta estragada com mimos suportara a dor e aquilo o fez perder o discernimento.

Assim como um homem poderia manipular uma marionete, Hokanu o levantou com uma mão. Tinha uma expressão

enlouquecida; parecia um demônio que não se saciaria apenas com sangue. Seus dedos pareciam garras, atirando para o lado o elmo ornamentado de Jiro com uma bofetada que lhe torceu o pescoço.

Jiro suou frio. Ofegou ao se dar conta disso. E Hokanu deu uma risada sanguinária.

– Você achou que iria lutar, não é? Louco! Larguei a espada, pois você não merece a honra de um guerreiro; você, que encomendou o assassinato de meu pai, merece a morte de um cão.

Jiro abafou um soluço. Quando tentou uma súplica de piedade, Hokanu o sacudiu. Num sussurro que mais pareceu um soluço, apenas conseguiu dar voz a um pensamento:

– Era um velho.

– Era amado – replicou Hokanu, num tom fulminante. – Era meu pai. E sua vida suja o mundo onde ele viveu.

Hokanu puxou violentamente Jiro para ajoelhá-lo, sacudindo a bolsa de documentos solta. O Senhor dos Shinzawai pegou a tira de couro. Jiro fez força para trás, sem nenhuma dignidade, tamanho era o terror.

– Se sou uma criatura assim tão desprezível, não sujaria suas mãos com minha morte.

– Não?

A palavra soou como um rosnado e a correia foi retorcida com mais força. Jiro sentiu no pescoço o aperto de um garrote.

Agitou-se violentamente e tentou arranhar o rival. Suas unhas se partiram na armadura azul. Hokanu torceu ainda mais a correia. Jiro sentiu o aperto na garganta e a cabeça latejando. Saliva escorreu de seus lábios trêmulos e seus olhos incharam. Foi confrontado com a desonra da morte e em desespero retorceu-se e esperneou freneticamente, enquanto seu rosto ficava vermelho. No entanto, Hokanu era um soldado veterano que nunca se descuidara do treinamento. Lançou-se sobre Jiro com um ódio sem limites, o sangue fervendo numa fúria tão incontrolada quanto uma onda

gigantesca. Por seu filho perdido e por seu pai, Hokanu continuou a torcer a correia enquanto a cor de Jiro ia mudando sucessivamente para vermelho-escuro, púrpura e por fim azul. Prosseguiu até muito depois de Jiro cair inerte. O couro apertou ainda mais, através da pele, traqueia e carne. Chorando e tremendo diante da libertação sentida, Hokanu continuou a torcer, até um Líder de Ataques dos Shinzawai descobrir seu Senhor debruçado sobre o inimigo caído. Foram necessárias mãos fortes para separar o Senhor do corpo. De mãos vazias, Hokanu deixou-se cair sobre o chão cheio de folhas. Cobriu o rosto com os dedos ensanguentados.

– Está feito, meu pai – disse numa voz rouca pela comoção. – E unicamente por minhas mãos. O cão foi estrangulado.

O Líder de Ataques com plumas azuis aguardou pacientemente. Já tinha muitos anos de serviço e conhecia bem seu Senhor. Olhando a bolsa de documentos enrolada em torno do pescoço de Jiro, retirou de lá seu conteúdo, pois partiu do princípio de que seu Senhor gostaria de ver aquilo quando recuperasse o ânimo.

Passado algum tempo, Hokanu parou de tremer. Levantou-se, ainda olhando para as mãos. Estava inexpressivo. Depois, como se os machucados nos nós dos dedos não passassem de terra e o ser morto ali estirado e contorcido em sua armadura vermelha não passasse de caça abatida, afastou-se, irritado.

O Líder de Ataques seguiu a passos largos atrás de seu Senhor. Gritou então para seus companheiros ainda envolvidos em combates na estrada:

– Avisem às tropas! Jiro dos Anasati está morto! O dia é nosso! Shinzawai!

Como fogo ateado num campo seco, a palavra da queda de Jiro se espalhou pelos combatentes. Parado ao lado da liteira derrubada, Chumaka escutou o anúncio.

– O Senhor dos Anasati foi derrubado! Jiro foi assassinado!

Por um momento, o Conselheiro-Mor dos Anasati observou os

rolos de pergaminho espalhados a seus pés e pensou no documento que Jiro levava no pescoço. O que aconteceria quando fosse encontrado? Suspirou.

– Pobre rapaz – murmurou Chumaka. – Covarde o bastante para fugir, mas não para se esconder. – Em seguida deu de ombros. Omelo estava se erguendo, com sangue escorrendo pelo rosto devido a um golpe na testa. Parecia pronto para voltar a matar, orgulhoso como sempre, salvo pelo fato de algo em seu olhar ter perdido a vida.

– O que nos resta? – perguntou, olhando para o Conselheiro-Mor dos Anasati.

Chumaka observou os corpos destroçados da guarda de honra de Jiro, tanto os dos vivos quanto os dos mortos. De cerca de uma centena, uns vinte ainda permaneciam de pé. Números honrosos contra uma cavalaria, avaliou. Resistiu a um forte impulso de se sentar; não podia demonstrar seu luto. Não era uma criatura movida pelo amor. Dever era dever e seu orgulho era derrotar pela astúcia os inimigos dos Anasati; isso terminara. Deu uma olhada nos cavaleiros Shinzawai que se aproximavam, em um círculo intransponível. Chumaka assobiou então entre dentes e se dirigiu ao Comandante das Forças Armadas, que conhecia desde a infância.

– Omelo, meu amigo, embora o respeite como soldado, você é um tradicionalista. Se deseja morrer pela espada, sugiro que o faça antes de ser desarmado. Mas peço-lhe que não o faça. Por mim, ordenarei aos sobreviventes que larguem as armas, na esperança de que Mara seja tão clemente agora como foi no passado. – Em seguida falou num tom quase inaudível, para não revelar sua esperança: – E reze para que reste alguma posição onde possamos nos encaixar.

Omelo gritou ordens para que todas as espadas fossem depostas. Então, enquanto as lâminas sucessivamente caíam de dedos aturdidos e os derrotados guerreiros Anasati observavam com

olhos ardentes, viu as feições enrugadas e enigmáticas de Chumaka. Nenhum homem escutou o ruído dos guerreiros Shinzawai quando atravessaram as fileiras Anasati e formalizaram a rendição. Omelo passou a língua pelos lábios secos.

– Você alimenta essa esperança?

Ambos os homens perceberam: ele não se referira ao passado de clemência de Mara. A Senhora que a partir de agora tinha a vida deles nas mãos, ou ao menos a liberdade, estava marcada para morrer. Se por um milagre dos deuses conseguisse sobreviver à ira da Assembleia, a última e mais cruel tropa de guerreiros Minwanabi armados com o verde dos Acoma ainda esperava... e pronta para avançar. As ordens tinham sido dadas por Chumaka e seriam executadas por eles com o mesmo afinco com que protegeriam suas vidas: eles a matariam, custasse o que custasse, para concretizar o objetivo de Jiro.

Os olhos de Chumaka foram de um lado para outro e depois se inflamaram como os de um apostador.

– Ela é Serva do Império. Com nossa ajuda, ainda pode sobreviver à Assembleia.

Omelo cuspiu e virou as costas.

– Nenhuma mulher na face da Terra tem tamanha sorte. – Seus ombros se curvaram como os de um macho needra diante do aguilhão que os obrigava a obedecer. – Quanto a mim, você tem razão: sou um tradicionalista. Essas novidades não são para alguém como eu. A certa altura, todos temos de morrer, e antes morrer livre do que como escravo. – Olhou para o céu acima. – Hoje é um bom dia para saudar o Deus Vermelho.

Chumaka não foi suficientemente rápido para desviar o rosto antes que Omelo se lançasse para a frente e abraçasse pela última vez a lâmina da própria espada. Enquanto o sangue escorria, vermelho, da boca do velho soldado e o Senhor dos Shinzawai corria gritando na direção do último Anasati a cair, Chumaka dobrou-se

sobre si mesmo, finalmente abalado. Pousou uma mão mirrada no rosto de Omelo e escutou as últimas palavras sussurradas pelo Comandante das Forças Armadas:

– Se Mara sobreviver, cuide para que meus guerreiros sejam salvos. E livres. Se ela não conseguir, diga-lhes que me reunirei com eles na... porta dos... salões de Turakamu.

O trovão ecoou em plena luz do dia. Relâmpagos se espalharam pelo céu limpo e balançaram as árvores da floresta até as raízes. Dois magos surgiram, pairando no ar como deuses ancestrais. Mantos negros flutuaram e estalaram com a brisa enquanto deslizavam sobre o bosque à procura de algo.

O ruivo recorreu a suas artes místicas para subir ainda mais alto. Parecendo um ponto negro como um falcão que caça fazendo círculos no ar, elevou-se sobre a região rural, vasculhando a estrada que se afundava e serpenteava por entre as colinas e as clareiras em sua rota para o norte em direção a Kentosani. A magia de Tapek poderia lhe garantir a vantagem e a visão de uma ave de rapina; no entanto, ainda havia sombras e as folhas e os galhos cobriam o terreno. Franziu o cenho, gritando um impropério que o acompanhou ao sabor de vento. Eles estavam ali, e iria encontrá-los. Notou então um movimento pelo canto do olho. Deu a volta, hábil em voar como um mítico espírito dos ares, e ficou observando. Manchas amarronzadas, todas em movimento: uma manada de gatania manchados – veados de seis patas, e não cavalos.

Retomou, muito irritado, seu caminho para trás, ao longo da extensão da estrada. E ali estava: uma liteira com verniz vermelho caída, brilhando à luz do sol com espirais entrelaçadas de conchas de corcara. Trabalho complexo, apropriado apenas a um Senhor da mais elevada posição, cujas cortinas ostentavam as cores dos Anasati.

Tapek desceu, quase mergulhando como uma ave de rapina.

Embora menos empenhado na caçada, Kerolo não foi pego desprevenido. Avistou o mergulho de seu companheiro mago e apressou-se a acompanhá-lo. Com os lábios revirados no que parecia uma expressão de satisfação, o mago ruivo apontou para uma nuvem de poeira mais à frente na estrada.

– Ali. Está vendo?

Kerolo observou com atenção o cenário de tragédia espalhado pela estrada: cavalos, ainda espumando após uma investida. Guerreiros com o azul dos Shinzawai, já desmontados, com o grupo desordenado de sobreviventes da guarda de honra do Senhor Jiro imobilizado por pontas de espadas. Omelo jazia morto no centro do círculo, estatelado sobre a lâmina da própria espada; Chumaka, ao lado do oficial caído, pela primeira vez chocado a ponto de perder o discernimento; o Conselheiro-Mor dos Anasati, bastante curvado, tinha a mão pousada no rosto do amigo. Aquele fora o momento em que mais perto esteve de chorar desde a infância.

– O Senhor não está com seus homens – comentou Tapek em seu tom mais frio. Enquanto isso, seus olhos percorriam a estrada para cima e para baixo, contabilizando as baixas.

– Ele não está com seus guerreiros – disse Kerolo em voz baixa, num tom que quase poderia ser considerado triste. – E um comandante tão fiel quanto Omelo não se lançaria sobre sua espada sem um bom motivo.

– Acha que Jiro está morto? – retorquiu Tapek com um arrebatamento próximo da alegria iluminando seus olhos irrequietos. Depois endireitou-se, como se pisasse terra firme. – Olhe. Debaixo das árvores.

Kerolo reagiu mais devagar. Um pouco depois ele também viu o que estava debaixo de uma pequena elevação no terreno, a menos de dez passos da espada abandonada de Hokanu, ali deixada cravada na terra, ainda limpa. Antes de Kerolo conseguir suspirar ou proferir qualquer palavra para exprimir que a vingança levava

sempre ao derramamento de sangue, Tapek falou bruscamente:

– Ele foi estrangulado! O Senhor Jiro morreu sem honra. Fomos mais uma vez desafiados!

Kerolo deu de ombros ao modo tsurani, sua expressão branda exprimindo mágoa.

– Chegamos tarde demais para evitar uma matança. Mas ninguém pode negar que o Senhor Hokanu tinha o direito, por tradição, de se vingar. Todos sabiam qual o nome do responsável pelo assassinato de seu pai.

Tapek pareceu não ouvir.

– Isto é obra de Mara. O esposo dela sempre andou agarrado às suas saias. Será que ela acredita que permitiremos este banho de sangue só porque suas mãos aparentemente estão limpas?

Kerolo, pouco convencido, enfiou os dedos nas mangas largas do manto.

– Isso não passa de uma suposição, especialmente quando a Assembleia já tem de decidir que ação tomar em relação ao combate do exército dela na planície de Nashika.

– Decidir? – As sobrancelhas de Tapek se elevaram diante de tamanha afronta. – Não pode estar pensando em reunir novamente o Conselho! Nosso debate já custou ao Império uma grande casa.

– Não exageremos. – A brandura de Kerolo estava por um fio, como a lâmina de uma espada encostada na pedra de afiar por tempo de mais. – Há ainda primas de Jiro descendentes dos Anasati: uma meia dúzia de jovens mulheres enviadas ao templo que ainda não prestaram juramento.

Tapek não estava disposto a se deixar aplacar:

– O quê? Entregar o poder nas mãos de mais uma mulher inexperiente? Você me espanta! Mais uma garota desafortunada que verá sua herança destruída antes de cumprir um ano como Governante, ou outra Mara! Há vinte anos, uma escolha exatamente igual a essa gerou os problemas que vivemos agora.

– A Assembleia vai designar um sucessor para os Anasati depois de resolvermos a questão com os Shinzawai e os Acoma – insistiu Kerolo. – Temos de ir para a Cidade dos Magos. Já. Esta novidade precisa ser transmitida de imediato.

Ao escutar isso, Tapek estreitou os olhos.

– Louco! Podemos levá-la já, pois a culpa é dela!

Kerolo manteve só para ele as suspeitas de uma eventual conivência dos cho-ja. Não repetiu seu receio íntimo: Mara já poderia ter conquistado um aliado mais poderoso do que qualquer Imperador mortal.

– Jiro já morreu – argumentou suavemente. – Para que tanta pressa? Não haverá mais conflitos. Com Jiro morto, qual é a necessidade disso?

Tapek quase gritou:

– Acha que Jiro era a razão de minha intransigente oposição à Mara? Ela nos ameaça, seu idiota! As ambições dela vão além da simples morte de um rival.

Descontente com a repreensão, Kerolo continuou se esforçando para permanecer calmo:

– Não sou cego, nem sou sempre escravo do protocolo. Mas devo insistir, irmão. Com nosso decreto ainda em vigor, mesmo se Mara fosse tão sanguinária quanto outros Senhores que conhecemos, nenhuma das pretendentes Anasati pode ser perseguida. Temos de decidir qual delas é adequada para vestir o manto dos Anasati. Venha. É um assunto importante demais para que ajamos por nossa conta. Temos de consultar nossos irmãos.

– São idiotas, ou pior, cúmplices! – Tapek voltara a se irritar. Vagou de um lado para outro, suspenso no ar, girou e voltou para apontar um dedo para seu companheiro. – Não vou ficar parado olhando diante desta crise! Tenho de agir, pelo Bem do Império!

Kerolo curvou-se, o rosto tenso, opondo-se à invocação da frase ritual.

– Cabe a mim informar os outros!

Levou a mão ao bolso e seu dispositivo de teletransporte zumbiu como se fosse um inseto zangado.

– Louco! – cuspiu Tapek para o espaço vazio: sua palavra foi parcialmente levada pela sucção de ar gerada com a partida de seu irmão mago.

Tapek olhou para baixo, onde, sob um dia sem nuvens, os Anasati e os Shinzawai completavam a ancestral dança de vencedores e vencidos. Então, como se suas ações fossem tão inconsequentes para ele como edifícios ou lutas de insetos, deixou-os com seus assuntos, também acionou seu dispositivo e partiu.

Destruição

O uviu-se um estalido no ar. Tapek se materializou a 15 metros do solo numa nova localização, muitos quilômetros ao sul do local onde Jiro morrera. A expressão do mago era de vergonha. Sua caçada para detectar a liteira de Mara prometia ser complicada, já que ela, ao contrário de Jiro, optara por viajar escondida. Isso fora admitido por seu Comandante das Forças Armadas quando confessou que ela optara por estradas secundárias. Tapek sacudiu uma mecha de cabelo solto e olhou compenetrado para a paisagem. Abaixo se estendiam campos de hwaet onde o dourado se tornara marrom, pois a colheita fora negligenciada. Uma estrada empoeirada corria paralela ao leito de um riacho seco como sempre acontecia naquela estação. Nada se movia, a não ser um macho needra andando de um lado para outro dentro de seu cercado. O pastor estava deitado sob uma árvore sob o calor intenso, espantando moscas. Como não tinha motivos para olhar para cima, não reparou no mago pairando diretamente sobre ele.

Da perspectiva de Tapek, o escravo era tão pouco importante quanto as moscas. O mago cruzou os braços e tamborilou os dedos nas mangas. Uma busca por todo o seu campo de visão não seria proveitosa: o território onde Mara supostamente estava era simplesmente grande demais. A pressa o corroía. Kerolo deixara algo importante por dizer, disso o mago ruivo estava convencido. Se

assim não fosse, por que alguém com suas capacidades arcanas teria sentido necessidade de ir correndo como uma criança informar à Assembleia? Mara estava conspirando, por isso se atrevera a dar ordem de ataque às suas tropas na planície de Nashika? Tapek lambeu os lábios, pensativo. A mulher era ardilosa. Mesmo que a morte de Jiro não fosse sua responsabilidade, mas apenas de Hokanu, ainda assim alguém deveria procurá-la em nome da Assembleia, nem que fosse para detê-la mais facilmente quando grandes falastrões como Hochopepa fossem por fim obrigados a reconhecer a transgressão da Senhora. A Assembleia passaria das palavras aos atos punitivos, disso Tapek não tinha dúvidas. Depois de a autoridade absoluta deles ter sido desrespeitada, não havia alternativa.

Tapek considerou que um feitiço de localização deveria bastar para achar a Senhora. Como sua posição imóvel em pleno ar era desnecessária para essa ação, permitiu-se descer suavemente até o solo. Assim que seus pés tocaram a terra, o macho needra bufou alarmado, enrolou a cauda e saiu correndo. O pastor acordou assustado. Viu o mago enquanto se levantava todo atrapalhado. Com um grito de medo, lançou-se ao chão numa profunda e aterrorizada reverência, a barriga encostada no chão.

O touro needra correu pesadamente na direção da cerca mais distante, deu a volta e parou. Seus cascos esmagaram a grama boa. Mas, diante da presença ameaçadora de um Manto Negro, o escravo ficou com medo de se levantar para acalmá-lo. O que era apropriado, refletiu Tapek; o povo deveria temer profundamente os de sua posição. Tapek ignorou tanto o rapaz quanto o animal. Concentrado em si mesmo, colocou-se ao lado do escravo aterrorizado e murmurou um encantamento. Uniu as palmas das mãos para concentrar o poder reunido, fechou os olhos e o libertou. Ramificações de um poder invisível saíram de seu ser. Espalharam-se pela região rural à procura de Mara. Os sensores mágicos brilhariam

onde houvesse estradas ou vias secundárias que tivessem percorrido, ou até trilhas rudimentares usadas pelos lavradores para carregar o que retiravam do campo. Deram a volta e seguiram essas vias.

Tappek colocou-se no centro de um conjunto de feixes mágicos que se espalharam ao redor. Suas sondas se tornaram uma extensão dele mesmo e foram expandindo a rede sensibilizada para detectar movimento. Tal como uma aranha numa rede, ele aguardou. Um puxão em seus nervos lhe despertou a atenção para uma trilha na sombra onde dois criados se entregavam ao amor. O mago desligou aquela parte da rede e concentrou-se nas outras. Então passou por um pequeno bando de guerreiros cinzentos à procura de uma manada de needra desprotegida; a fome os trouxera para terras que antes eram povoadas e defendidas. Não era o único bando daquele tipo; os ladrões tinham se multiplicado durante a prolongada agitação no Império. Mas Tappek não se envolveu. Aqueles desgraçados e seu desrespeito pela lei não eram preocupação sua.

Deixou de prestar atenção nos guerreiros cinzentos e procurou outra companhia, menos predatória, talvez, e melhor armada, mas avançando de modo igualmente furtivo. Identificou duas pequenas guardas de honra pertencentes a nobres menores, guerreiros que se apressavam com seus Senhores para se abrigar com benfeitores mais poderosos.

Suas sondas percorreram as regiões arborizadas e os campos não cultivados. Cruzou uma extensão de campos secos de thyza, com os brotos mortos enfiados na terra fendida como fileiras cerradas de lanças. Pássaros davam bicadas e chilreavam no topo dos cereais ressecados. E, no entanto, naquele setor não detectou pessoas à procura de alimento. Mais além dos terrenos áridos, sob a proteção de uma mata de pequenas e jovens árvores ulo, a rede de Tappek sentiu algo: um vislumbre fugaz de uma armadura verde e a batida rápida de pés. Retorceu os lábios. Agora, finalmente,

detectara uma força maior, com pelo menos uma centena de membros. Era dela: a sua presa.

Tappek concentrou-se no local e o poder definiu a imagem. Uma liteira envernizada de um tom escuro com entalhes que representavam aves shatra avançava rapidamente por uma estrada secundária. Os carregadores tinham sido escolhidos pela força e pela velocidade e, em volta deles, com o brilho de armaduras verdes intensificado pelo sol, marchava a companhia de honra de guerreiros de Mara. Estavam prontos para combater, usando armaduras cerimoniais de batalha. O que os distinguiu de todas as outras comitivas era a presença de um conselheiro com uma capa e um elmo de soldado, mancando apoiado numa muleta. Sua túnica de corte elegante não ocultava o fato de ter perdido a perna esquerda. Era Keyoke, identificou Tappek, e em seu sorriso transpareceu um cintilar de dentes brancos. Nenhuma outra casa do Império além da de Mara poderia manter um aleijado a serviço num cargo alto. O velhote, contudo, não perdera o orgulho, não permitindo que sua deficiência diminuísse sua velocidade. Sua presença, no entanto, indicava a culpa de Mara, adivinhou Tappek. O venerável antigo Comandante das Forças Armadas não seria colocado em risco no campo se sua Senhora não sentisse uma grande necessidade de segurança. Silenciosamente, o mago deu por concluída sua vigilância. Uma outra cabeça grisalha seguia na companhia de Mara: Incomo, um veterano conselheiro que a Senhora aprendera a estimar desde que adquirira seus serviços de seus inimigos derrotados, os Minwanabi.

Incomo não era adepto de inovações. Era tal a aura do carisma da Senhora que até seus antigos inimigos eram levados a apoiar suas conspirações. Tappek sentiu uma pontada de raiva. Só o fato de aquela simples mulher achar que poderia ignorar a lei e, por tabela, reclamar os direitos reservados à Assembleia era perigoso. Seus atos mereciam condenação. Os próprios deuses deviam estar

escandalizados.

Tappek avaliou a distância entre ele e a comitiva em fuga. Seus olhos fechados se crispavam de tensão quando desativou a rede de energia. Manteve um único feixe: aquele que o ligava ao local onde estava Mara. Então sentiu uma súbita tontura sobrenatural quando equilibrou seus poderes e os concentrou naquele fio. Desapareceu silenciosamente de seu ponto de vista privilegiado no pasto, deixando o atordoado escravo ainda em total adulação servil e o macho needra ainda perturbado.

O mago reapareceu numa trilhazinha a quilômetros de distância, sob uma sombra com manchas de luz, ligeiramente atrás da coluna de Mara. Sua chegada foi discreta. Ainda assim, sua presença poderia ser esperada, já que as fileiras de soldados dos Acoma da retaguarda pararam de pronto e se posicionaram para enfrentá-lo. Tinham as espadas a postos, algumas já desembainhadas até, como se ele, um Manto Negro, fosse uma ameaça igual à de um bandido comum.

Esperou o tempo necessário para que suas vestes escuras fossem reconhecidas por aquilo que representavam: afinal, a túnica de um mago não poderia ser confundida com os trapos vestidos por um ladrão sem Senhor na estrada. Apesar disso, os guerreiros de Mara não se curvaram ou alteraram a postura. Os dois conselheiros permaneceram em silêncio. Que insolência! Tappek ficou irritado. Não deveria perder mais tempo com o assunto. Enfurecido pelo fato de a Assembleia ainda se desgastar com reuniões e conversas, Tappek libertou, com um sibilar, um involuntário grito de raiva. A comitiva de Mara mostrava um tremendo desrespeito ao enfrentá-lo como se pudesse ser ameaçado por armas de guerra!

A ousadia deles precisava ser contida, entendeu Tappek. E olhou-os com uma expressão de ódio.

Apesar de uma ordem brusca de Keyoke para se manterem em posição, os criados e escravos que marchavam no centro do séquito

se espalharam e fugiram por entre as fileiras da guarda. Os carregadores que seguravam a liteira tremeram nitidamente, mas uma voz de mulher vinda de trás das cortinas acalmou aquele pânico. Diante de um segundo sinal invisível, começaram a avançar correndo, com a liteira balançando e sacudindo em compasso com aquela corrida desajeitada.

Estupefato, Tapek não saiu do lugar. Obstinação era uma coisa, mas aquilo?! Era impensável o fato de os servos de Mara demonstrarem outra coisa além de obediência imediata em sua presença!

– Não se aproxime mais, Grande – gritou então o Líder de Ataques de Mara.

Tapek estremeceu com a afronta. Ninguém que não fosse mago elevava a voz para ele depois de deixar de ser um rapaz com um talento ainda por revelar. Após anos de obediência inquestionada, essa insolência chocou furiosamente o mago. Pronto para cuspir de nojo ou para chicotear o ar com um poder selvagem, gritou:

– Minhas palavras são lei e sua Senhora transgrediu nosso decreto! Afaste-se ou morra!

O oficial dos Acoma poderia estar tremendo, mas suas palavras não mostraram condescendência:

– Então morreremos defendendo nossa Senhora e chegaremos aos salões do Deus Vermelho como honrados guerreiros dos Acoma!

Fez um sinal brusco a seus homens e, como se formasse um único corpo, a companhia de armaduras verdes se espalhou, bloqueando o caminho do Manto Negro.

A liteira em fuga ganhou terreno. Keyoke trocou palavras com o oficial. Tapek reconheceu Sujanja, um dos dois Líderes de Forças Militares superiores dos Acoma. O oficial dirigiu um breve aceno a Keyoke. Foi saudado com a muleta, o que assinalou uma decisão. Então Keyoke rodou em sua perna boa e, pulando, seguiu sua Senhora em retirada.

Inflamada pela inconcebível afronta que representava aquela resistência fútil e armada por parte de tsurani que deveriam apenas demonstrar um servilismo abjeto, a raiva de Tapek manifestou-se como puro poder.

Levantou as mãos. A energia emitiu um estrondo e se reuniu ao redor de seus antebraços. Então se juntou acima de suas mãos, brilhando num halo intenso demais para os olhos de um humano.

Os guerreiros de Mara podem ter ficado ofuscados com aquela luz, mas reagiram desembainhando as espadas. Tapek escutou o sibilar de lâminas saindo das bainhas acima do zumbido das forças ocultas que reunira. A raiva turvou sua linha de raciocínio. Com uma onda de magia, emaranhou sua fúria assassina numa bola concentrada. A magia fundiu-se entre suas mãos e deu origem a um conjunto de luzes multicoloridas que cintilaram e se misturaram, aquecendo-se até formar um vermelho abrasador.

– Vejam o que a loucura de sua Senhora trouxe! – gritou Tapek quando lançou o dardo de energia na direção da guarda de honra.

A bola com a luz abrasadora saltou e se expandiu crepitando. A terra tremeu. Os guerreiros mais próximos de Tapek foram derrubados e uma morte violenta e flamejante entrou em erupção entre as fileiras. Saltando como algo vivo, o feitiço envolto em chamas passou de homem a homem e num ápice a carne viva se inflamou como uma tocha. O fogo gerou agonia sem possibilidade de alívio. Homens gritaram, apesar de, ao inspirarem, seus pulmões se queimarem e sorverem o feitiço para seus corpos, devastando os tecidos interiores. Por mais corajosos e determinados que fossem, os guerreiros atingidos caíram de joelhos, para depois se contorcerem no chão num sofrimento atroz. As armaduras ficaram carbonizadas e estalaram. O tormento era horrendo, para além do que poderia ser suportado por um mortal; só que o mago observou e aguentou, de coração endurecido. Seu cabelo ruivo se agitou e se emaranhou em correntes de fumaça e suas narinas se retesaram ante o fedor acre

de cabelos e pele queimada.

O feitiço não foi contido. Tapek deixou os minutos passarem até que as chamas por fim se extinguiram, sem combustível. Já não havia ossos ou músculos para queimar. Apenas restavam os esqueletos, dedos carbonizados e fumegantes agarrados a armas enegrecidas. Ainda se viam centelhas nas órbitas dos olhos das caveiras, como se ainda houvesse vida, como se ainda sentissem e ainda uivassem num sofrimento atormentado. As bocas ficaram abertas, eternamente paralisadas em gritos.

Tapek saboreou sua satisfação. Diante dele, restara apenas o núcleo duro dos guerreiros, a última fileira viva para guardar a estrada pela qual seguira a liteira em fuga. Atrás deles, os oficiais de mais elevada patente, com o Líder de Forças Militares Sujanra e o conselheiro Incomo. Todos se puseram imediatamente a postos, enfrentando a morte como verdadeiros guerreiros Acoma, inclusive o entrevado e velho conselheiro. Tapek avançou um passo, rígido devido à descrença no que via. Com o cansaço se sobrepondo à raiva ou ao espanto, esforçou-se para se concentrar.

– O que é isso? Vocês estão cegos? Loucos? Já viram o que aconteceu com seus companheiros! – Apontou para as cinzas do que pouco tempo antes tinham sido homens e sua voz se elevou em um guincho, aumentado pela magia: – Por que não estão de bruços, suplicando por piedade?

Nenhum dos sobreviventes da guarda de honra se mexeu. Os oficiais superiores mantiveram um semblante severo e nada disseram.

Tapek avançou mais um passo. Os mais lentos dos escravos em fuga tinham caído de barriga no chão, subjugados pela ira incontida de um Manto Negro. Jaziam nas valas, uma dúzia de passos afastados da beira da estrada, chorando e tremendo, com as testas encostadas no chão. Tapek os ignorou como se não tivessem rosto, como se fossem menos importantes do que a grama e o mato a

seus pés. Cinzas levadas pelo vento irritaram seus olhos quando transpôs as fileiras de corpos mirrados sem vida. Pedacos empolados de armaduras e de ossos dos dedos estalaram sob seus pés. Aproximou-se mais, e ainda mais. O séquito de Mara permaneceu firme.

Pela estrada abaixo, com as cortinas esvoaçando para fora, a liteira de verniz verde balançava enquanto os carregadores corriam com seu fardo. Keyoke os alcançara, apesar do estorvo da muleta. Tapek observou a fuga fútil com desdém e se dirigiu aos guerreiros à sua frente.

– Afinal, de que adianta sua lealdade? Sua Senhora nunca escapará.

Os defensores da Senhora se recusaram a falar. As plumas no elmo de Sujanra se retorceram e tremeram, mas esse detalhe não agradou o mago. O movimento não se devia à covardia, apenas à influência do vento. O Líder de Forças Militares permanecia imóvel, com uma determinação implacável. Incomo também continuava imóvel como um sacerdote no solo sagrado de um templo, com o rosto revelando uma expressão de profunda aceitação.

Tapek olhou para cada um daqueles guerreiros que haviam testemunhado sua ira e que ainda assim não o temiam. Mas ainda havia algo que poderia machucá-los e até destruir aquela pose de solidariedade e desafio.

De novo furioso, Tapek avaliou a distância entre sua posição e o local onde a liteira de Mara desaparecera, além da curva. Marcou mentalmente uma árvore despedaçada por um relâmpago. Então, obedecendo à sua vontade, sua magia o transportou para aquele local.

Quando o Manto Negro apareceu, Keyoke girou e o encarou. Apoiado na muleta, assumiu uma postura defensiva entre o mago e a liteira de sua Senhora.

– Ordene aos carregadores de sua Senhora que parem! – exigiu

Tapek.

– Minha Senhora comanda seus escravos como lhe aprouver. – Keyoke levantou a muleta, agarrou-a com ambas as mãos e torceu-a, revelando um trinco escondido. A madeira polida se abriu com um silvo nítido que indicou que estava desembainhando uma lâmina de uma bainha escondida. Sua voz não era a de um velho. Soou mais como a de um general em campanha: – Tampouco me afastarei, a não ser que minha Senhora assim ordene – garantiu.

Tapek ficou mais do que espantado. Mostrou um olhar furioso, mas não viu submissão. O rosto de Keyoke parecia de couro curtido, marcado por diversas rugas e por anos de uma vida dura demais para agora mudar de postura e demonstrar fraqueza. Ultimamente, seus olhos poderiam já não ver tão bem, mas estavam inflamados com a certeza de seu próprio valor. Enfrentara o pior que um guerreiro poderia imaginar, sobrevivera e superara a vergonha de viver mutilado. A morte, parecia indicar seu olhar, não tinha segredos para ele; representava apenas o repouso final.

– Não é preciso, velhote – disse o mago.

E avançou na direção da mata onde os carregadores tinham se protegido, escondendo a liteira de Mara.

Keyoke se moveu com uma velocidade surpreendente. O mago se viu então como alvo da estocada da ponta de uma espada, brandida por um aleijado. A rapidez do ataque confundiu Tapek, que se esquivou com dificuldade para o lado.

– Como você se atreve?! – berrou.

Devido a tudo o que se passara antes, o fato de algum homem tentar agredi-lo era algo inimaginável para Tapek. Keyoke não só tentou como repetiu o ato. Sua espada gemeu ao descer, fazendo um rasgo no pano preto. Tapek saltou para o lado, com movimentos menos ágeis do que os do espadachim de uma perna só de cujo golpe fatal escapara por pouco. A lâmina tremeluziu, cortou e o forçou a recuar de novo. Atormentado a ponto de quase se

desequilibrar, Tapek não conseguiu se concentrar. Foi impossível focar em sua determinação e utilizar magia quando se esquivou, desviou e recuou diante do ataque do ancião.

– Pare! Pare imediatamente! – gritou o mago.

Pouco habituado ao esforço físico, foi tudo o que conseguiu fazer para não ofegar.

A finta seguinte de Keyoke veio coberta de satisfação.

– O que foi? Não consegue sequer me derrotar?

Obrigado a se teletransportar para outro local, Tapek reapareceu ofegante. Suficientemente tsurani para ficar corado de vergonha devido ao recuo e meio sufocado pela raiva, levantou-se do modo mais majestoso que conseguiu. Foi buscar energia em um poço profundo de pura raiva. A magia se uniu nele e fez o ar estalar com ozônio. Forças azuis se descarregaram à sua volta, como se fosse o centro de uma pequena trovoadas. Nem assim Keyoke sentiu receio. Enquanto se apoiava na lâmina que trazia na muleta, seu semblante habitualmente impassível deu lugar a um leve toque de desprezo.

– Minha Senhora tem razão – comentou. – Vocês magos não passam de homens e não são nem mais sábios nem mais nobres do que os outros. – Ao constatar que suas palavras afetavam o mago, que agora tremia, Keyoke prosseguiu: – E são ainda mais medrosos e infantis.

Mais atrás, entre o grupo de guardas de honra dos Acoma ainda em posição, um guerreiro deu uma gargalhada.

Tapek rugiu então com uma raiva descontrolada. Seu poder concentrado foi libertado. Sua mão caiu num movimento cortante e uma forma indistinta surgiu do nada. A aparição se empinou e agigantou-se numa escuridão idêntica a uma noite sem luar. Deteve-se por uma fração de segundo e depois rodopiou impetuosamente na direção de Keyoke.

O ancião, por reflexo, ergueu a espada para se defender. Veloz como um homem mais jovem, enfrentou a aparição com a ponta

virada para a frente. Mas dessa vez seu inimigo não era nem um pouco sólido. Sua espada passou sem obstáculos através da escuridão cerrada. Não se desviou para o lado para tentar escapar nem sequer quando o feitiço penetrou sua guarda. Como Keyoke enfrentou o feitiço com firmeza, este o atingiu em cheio no peito.

A armadura pode ter servido para abrandar o golpe, mas a seda reluzente de suas vestes de conselheiro não intimidou em nada as trevas. Seu toque destruidor gelou o tecido. Depois disso, o controle de Keyoke foi quebrado. O orgulhoso velho guerreiro que embalara Mara quando ela era criança ficou muito quieto. Seus dedos se abriram. A espada caiu de sua mão assim que a sombra o mordeu. Seu olhar perdeu a determinação, arregalando-se de dor e horror. E, no entanto, no final, a vitória coube ao soldado. Seu coração fatigado não conseguiu suportar o choque e a dor que um jovem teria aguentado; sua alma, que havia muito deveria estar extinta, mantivera nos últimos anos uma ligação com a vida. Keyoke cambaleou, com o queixo levantado para o céu como se saudasse os deuses. E depois caiu, o corpo tão inerte quanto as pedras abaixo e uma expressão tranquila no rosto.

A raiva de Tapek não foi saciada. Queria que o homem tivesse gritado e suplicado, que uivasse numa agonia animalesca, para que Mara, refugiada na liteira, percebesse que seu adorado Conselheiro de Guerra tinha sofrido como um cão apenas por capricho de sua Senhora. Tapek praguejou. O desapontamento atijou ainda mais seu mau humor. Queria que Mara tivesse morrido antes que a vida de seu velho guerreiro se esvaísse, para que Keyoke a visse partir para Turakamu e morresse sabendo que todo o trabalho de sua vida fora em vão. Consumido por pura raiva, o mago avançou na direção da liteira, que já havia sido abandonada pelos carregadores e jazia na mata. Tapek murmurou encantamentos e de súbito proferiu feitiços. Suas palavras saíram mordidas e ele marcou com gestos todos os seus sopros. Suas invocações ergueram um aglomerado de discos

prateados que pairaram, girando, sobre suas mãos. As bordas eram mais afiadas do que facas e a brisa gerada à sua passagem soltava um zunido dissonante.

– Vão! – ordenou o mago.

Os discos da morte giraram para longe mais rápido do que os olhos conseguiam acompanhar e ceifaram a mata. Seu toque sugava a vida. Plantas verdes e árvores jovens murcharam, ressecadas num abrir e fechar de olhos até não passarem de galhos secos. Nenhum objeto tinha poder para detê-los; nenhuma barreira poderia diminuir seu avanço. Atravessaram pedra como se não passasse de uma sombra e cortaram em fatias as cortinas da liteira sem deixar um só fio pendurado. Assim que convergiram para dentro, o grito sufocado de uma mulher atravessou a floresta. Depois, baixou o silêncio, não interrompido pelo chilrear de aves canoras.

Todas as criaturas selvagens já haviam fugido muito antes.

Os guerreiros atrás de Tapek não tinham se movido. Afrontado com a investida contra a liteira da Senhora, o Líder de Ataques ordenou que atacassem.

Tapek deu uma gargalhada louca quando se virou para enfrentá-los. As espadas nas mãos dos guerreiros pareceram ridículas e o fervor pelo combate, evidente nos rostos loucos. O mago aumentou seu feitiço. Agitou as mãos, enviando disco após disco giratório na direção das fileiras que investiam contra ele.

Homens caíram. Não gritaram, pois nem sequer tiveram tempo de respirar. Num instante estavam vivos correndo e dando gritos em nome dos Acoma; no momento seguinte, definhavam, dilacerados pelos discos assassinos do mago, de pernas dobradas, como figuras cravadas na terra seca. A fúria de Tapek permaneceu em toda a sua glória. Parecendo determinado a incendiar e a matar tudo o que estivesse à vista, continuou a arremessar magia. Clarões sucessivos em forma de feitiços de destruição brotaram de suas mãos. No ar ecoou, então, o sibilar cantante dos projéteis giratórios muito depois

de o último dos guerreiros de Mara ter caído morto, com Incomo estatelado no meio deles num amontoado de túnicas de seda como se fosse uma incongruente flor caída.

De súbito, a força de Tapek declinou.

Exausto, atordoado e debatendo-se para controlar a visão, que escapava, o mago não teve alternativa além de descansar para recuperar o fôlego. Não sentiu prazer. Ainda estava sendo corroído pelo desgosto, por ter sido desafiado por simples homens. Não lamentou tê-los matado, mas sim ter sido levado a matar Mara rápido demais. O fim dela deveria ter sido doloroso e demorado, por todos os problemas que causara à Assembleia.

Tapek endireitou sua túnica e depois abriu caminho por entre as carcaças em direção ao que no passado fora uma mata verde. Um grupo de escravos e criados se encolheu de medo, chorando, com os rostos encostados na terra. Os feitiços de morte tinham dizimado hostes deles e os poucos que sobraram estavam enlouquecidos. Tapek passou majestosamente pelo grupo de sobreviventes e prosseguiu por entre os galhos secos e enegrecidos em direção à terra morta que cercava a liteira dos Acoma. Folhas secas e galhos quebradiços se reduziram a pó à sua passagem. Apenas a cobertura envernizada da liteira permanecia brilhante. Poupada dos efeitos mágicos que sugavam a vida, parecia quase artificial sob o brilho da luz do sol. Tapek seguiu em frente e afastou para o lado os restos das cortinas com o brasão bordado de aves shatra.

Havia uma mulher sem vida reclinada sobre as almofadas, fitando com olhos arregalados e paralisados de espanto. Usava as vestes de uma grande Senhora, mas suas feições não eram as de Mara.

A blasfêmia que Tapek gritou ecoou sobre a devastação que assolara a estrada.

Nada mais causara além da execução de uma criada qualquer com as vestes de Mara. Fora enganado! Ele, um mago da

Assembleia, fora iludido pela presença de Keyoke e de um punhado de oficiais e soldados a acreditar que apanhara a Senhora. Em vez disso, ela somara uma vitória, calculando que ele agiria por impulso. Todos os soldados perceberam, antes de morrerem, que ela triunfara sobre um Grande da Assembleia, assim como o velhote, que tomara parte na farsa, sem dúvida se divertindo ao máximo antes de morrer.

Tappek, frustrado, lançou um olhar fulminante sobre a floresta. A não ser por um grupo de escravos aterrorizados, seus feitiços tinham tirado a vida de tudo. Qualquer membro de posição elevada da comitiva dos Acoma que conhecesse a localização de Mara tinha sido assassinado e nada obteria se interrogasse ou torturasse os escravos ignorantes.

Para Tappek, as imprecações não seriam uma vingança suficiente. Nem sequer poderia permitir-se engolir resignado a ironia do triunfo de Mara. Levantou subitamente a mão, criando um vórtice de cores cintilantes sobre a cabeça. Girou as energias cada vez mais depressa e depois, com um movimento, arremessou o arco-íris mortal na direção da floresta. As energias atingiram as árvores e a vegetação rasteira. A magia abriu uma fenda e um reflexo que explodiu numa estranha luz azul e branca. O ar chamuscado libertou um odor de metal fundido e a matéria viva foi imolada. No local onde tinham estado os escravos não havia nada, nem osso, nem sombras, apenas os resíduos de um sinistro feitiço. Encharcado de suor, Tappek ficou ofegando. Seus olhos giraram de um lado para outro, examinando o alcance de sua obra. Diante de seus pés escancarou-se uma cratera no solo. Rocha ficou visível. À sua volta, muitos metros em cada direção, nada rastejava ou voava. Os criados dos Acoma que tinham conseguido fugir para mais longe ainda estavam visíveis. Longe do abrigo dos arbustos, estavam deitados tremendo devido ao que restara da magia que os atingira. Os rostos e a pele pareciam couro empolado e enegrecido; as mãos não tinham dedos. Os que ainda estremeciam, morrendo em prolongada agonia, não conseguiam

sequer gritar.

– Esplêndido – ouviu-se uma voz ecoando no ar.

Tappek se assustou, virou e viu Akani, que acabara de chegar da Cidade dos Magos. Usava um feitiço de proteção contra ataques arcanos que cintilava como uma bolha sob o sol vespertino.

Exausto demais para saudações, Tappek deixou os ombros caírem. Sua força estava no limite, mas ficou animado com a possibilidade de um rápido reforço.

– Ótimo. Preciso de você. Estou exausto. Vá...

Akani o interrompeu com amargura e irritação:

– Não vou fazer nada do que pedir. Na realidade, fui enviado para procurá-lo. Kerolo avisou que você estava agindo imprudentemente. – Com um olhar frio e atento aos detalhes, Akani examinou a região rural destruída. – Acho que não avaliaram bem o caso. Fizeram você passar por idiota, Tappek. De uma criança, seria de esperar uma reação como a sua diante de uma provocação; agora, de um mago experiente da Assembleia? Seus excessos fazem mal à nossa imagem.

As feições de Tappek se tornaram ameaçadoras.

– Você está zombando de mim, Akani? Mara preparou uma armadilha bem inteligente para nos derrotar!

O advogado feito mago falou com desdém:

– Não era preciso. Sozinho, você fez um trabalho excepcional para ajudar a causa dela.

– O quê? Não sou aliado dela!

Tappek cambaleou para a frente, muito fraco por ter esgotado seus poderes.

Akani foi em seu auxílio, um insulto sutil para enfatizar o fato bem evidente de seu companheiro mago estar reduzido a uma ira impotente. Lançando um olhar sobre os últimos corpos contorcidos dos servos de Mara, disse:

– Percebeu que, se a Senhora Mara abandonou disfarçada sua

liteira, você não deixou ninguém vivo que possa revelar para onde ela foi?

Tappek respondeu com irritação:

– Então recorra a seus poderes para encontrá-la! Os meus se esgotaram aqui.

– Foram desperdiçados, você quer dizer. Não vou compactuar mais com isto. – Akani aproximou-se do companheiro. – Fui enviado pela Assembleia para levar você de volta. Você agiu sem autorização num assunto ainda em debate; é uma falha lamentável diante de nosso pacto e a questão é bem mais grave do que você pensa. Pediram que você fosse prudente, mas, ainda assim, deixou-se guiar pelas emoções. Como a Boa Serva não morreu, você eliminou os oficiais que poderiam nos revelar a extensão da conspiração dela contra nós.

Tappek o olhou de modo carrancudo.

– Conspiração? Contra a Assembleia? Pretende dizer que ela foi mais longe do que simplesmente nos desafiar?

Akani suspirou. Seu rosto jovem pareceu cansado. Instigado por seu passado no mundo das leis, quando analisava todas as facetas de uma questão, admitiu:

– Nós a levamos a fazer isso. Mas, sim, a Senhora Mara pode ter em mente derrubar nosso tratado com os cho-ja.

– Ela jamais ousaria! – explodiu Tappek, mas a lembrança do desafio desavergonhado de Keyoke se opôs a tal presunção.

Não havia nada que aquela cadela dos Acoma amaldiçoada pelos deuses não fosse capaz de tentar. Nada.

– Os Senhores das Nações nunca esperaram que ela sobrevivesse à força dos Minwanabi, quanto mais que os destruísse – disse Akani secamente. – Nossa gente já há muito se habituou a lutar com a ajuda de nossa posição elevada. Esquecemo-nos de nos proteger das discórdias e nossa complacência no passado está sendo prejudicial a nós. – Depois, percebendo a agressividade crescente

nos olhos do companheiro, o antigo advogado acrescentou: – Tapek, sua intervenção neste assunto terminou. Assim decretou a Assembleia. Agora, venha comigo.

Pegando seu dispositivo de teletransporte, Akani ativou-o e depois agarrou com força o ombro de Tapek. Os dois magos desapareceram numa irrupção de ar que sugou espirais de fumaça que ali pairavam, lançando ar fresco sobre os derradeiros espasmos dos servos moribundos dos Acoma.

Aousadia da Senhora fora sua salvação. Em sua busca improvisada, não ocorrera a Tapek procurar longe das estradas, no matagal mais profundo e espesso. Para ele, Mara era uma Senhora nobre mimada, com suas roupas pomposas, e nunca teria imaginado como a viagem dela a Thuril a mudara profundamente. Além do ousado avanço pelas regiões rurais, o rumo tomado por Mara quando abandonara a liteira e a companhia principal não fora para o norte, em direção a Kentosani. Em vez disso, seguiu em direção ao sudoeste, numa linha direta rumo aos túneis dos cho-ja mais próximos.

Ela e os guerreiros que a acompanhavam viajaram sem descanso ao longo de duas noites. Agora, quase ao sol poente do segundo dia, a Senhora avançava de modo desordenado. Saric caminhava ao seu lado, segurando-a pelo cotovelo, embora ele mesmo também já estivesse quase sem forças. O único batedor que se mantinha alerta levantou uma mão. Apenas quando Mara foi gentilmente detida percebeu o motivo do sinal dele.

Os pássaros na alta e densa abóbada das árvores ulo tinham deixado de cantar.

Ela fez sinal aos guardas na retaguarda para que parassem.

– O que foi? – perguntou.

Saric ficou muito rígido, à escuta. O Líder de Ataques indicou em silêncio a seus guerreiros que observassem os topos das árvores.

– Corremos o risco de ser emboscados? – perguntou Mara num

sussurro.

O batedor que dera o primeiro aviso balançou a cabeça.

– Aqui é pouco provável. Até os ladrões morreriam de fome se vigiassem esta parte da floresta. Não há tráfego que os alimente. – Inclinou a cabeça e foi rápido em reparar no ruído de homens armados se aproximando. – Acho que se trata de uma patrulha, minha Senhora.

– Não é nossa – concluiu Saric. Olhou de soslaio para o Líder de Ataques Azawari, que assentiu, enquanto um pequeno grupo de homens escolhidos a dedo desembainhava as espadas. O conselheiro deu indicações ao batedor. – A que distância nos encontramos da entrada do túnel?

– Pelo menos a um quilômetro e meio – foi a resposta.

Ou seja, longe demais para irem correndo, ainda mais estando todos já tão exaustos e com a retaguarda sendo pressionada.

Saric se postou diante de sua Senhora, que estava suando sob as várias camadas da armadura emprestada. Suportara bem o peso, mas tinha a pele esfolada por não estar acostumada a todo aquele movimento. Ainda assim, manteve resolutamente as aparências e pegou a espada que tinha na cintura. Saric segurou sua mão na mesma hora com um aperto forte, deixando de lado sua tendência de fazer perguntas, dada a urgência da situação.

– Não. Se formos atacados, deve fugir e procurar abrigo. Guarde a espada para cair sobre ela, se necessário, caso seja capturada. Mas tentar brandi-la aqui seria loucura. – Depois falou num tom mais gentil: – A Senhora não foi treinada. O primeiro golpe que enfrentasse iria derrubá-la.

Mara o fitou com um olhar inabalável.

– Se eu tiver de fugir, você deve me seguir. Nacoya não o treinou para o cargo para que fosse desperdiçado num combate armado.

Saric deu de ombros de modo superficial.

– Um golpe de espada seria mais agradável do que o feitiço de

um mago.

Ele não tinha ilusões. O grupo deles, pequeno e rápido, poderia ter escapado da vigilância da Assembleia, mas isso não iria durar para sempre. Para ficar longe do alcance dos ataques arcanos, sua Senhora teria de sobreviver até encontrar abrigo nos túneis dos cho-ja.

Mara reparou no silêncio cortante de seu conselheiro; tentou não pensar, como ele fez, nos Grandes. Se abrisse sua mente a tais receios, com certeza começaria a chorar por Lujan e Irrilandi, talvez mortos com todos os exércitos dela, e por Keyoke, pelo Líder de Forças Militares Sujanra e por Incomo, que eram tudo o que restava de sua velha guarda e que tinham sido enviados como isca com a liteira, com suas vidas servindo de distração, sacrificando-se em prol de uma última esperança para Justin.

Onde estaria Hokanu, apenas os deuses saberiam. Nem se atreveu a imaginar que também ele poderia estar terrivelmente perdido. Pior do que tudo, Mara se esquivou à questão que lhe corroía a mente: o fato de Justin poder efetivamente sobreviver para reclamar o direito de herdar o trono dourado, mas pagando por isso com as vidas de todos os que eram queridos a Mara.

Ela mordeu o lábio. Preparada para fugir com Saric, esforçou-se para não tremer.

Sons de galhos sendo quebrados e de passos de homens se aproximaram. O rastro do grupo de Mara era bem visível, pois não tinham se dado ao trabalho de disfarçar as pegadas, já que seguiam por um caminho bem afastado da estrada, onde a presença deles deveria passar despercebida. Assim que haviam chegado ao território inóspito, a velocidade passara a ser de fato fundamental. Pelo menos, fora isso que decidira seu reduzido conselho de oficiais. Agora estavam pagando por esse erro de cálculo.

Azawari, o Líder de Ataques, avaliou suas opções e tomou uma decisão.

– Espalhem-se – murmurou a seus guerreiros. – Não lhes deem uma posição sólida da qual possam investir. Que seja uma luta homem a homem, e confusa, para ocultar a fuga de nossa Senhora o máximo de tempo possível.

Os dedos de Saric apertaram a mão de Mara.

– Venha – sussurrou em seu ouvido. – Partiremos daqui.

Ela resistiu, sem mexer os pés, teimosa. Então o batedor da retaguarda se aprumou e soltou um grito animado:

– São dos nossos!

Riu, profundamente aliviado, e apontou para o vislumbre de armaduras verdes que apareciam e desapareciam entre as árvores.

Os homens que tinham começado a se espalhar voltaram a se reunir num único corpo militar. As espadas foram de novo embainhadas e sorrisos brilharam nas sombras da floresta cerrada. Alguém deu uma palmada no ombro encouraçado de outro e começaram a fazer apostas.

– Dez contra um que o velho Keyoke sobreviveu e nos enviou reforços!

– Silêncio – exigiu o Líder de Ataques. – Formem fileiras e façam pouco barulho.

A rigidez de Azawari os lembrou de que ainda corriam grande perigo. Os recém-chegados poderiam ser apenas portadores de más notícias.

As fileiras de guerreiros apareceram, caminhando com pressa pela floresta. Pareciam descansados. As armaduras eram as corretas, exibindo apenas riscos nos acabamentos brilhantes devido à marcha por entre as árvores. Mara lutou contra a necessidade de se sentar para aproveitar um momento de descanso enquanto as duas tropas trocavam notícias e se reagrupavam. Apenas o aperto firme de Saric a manteve erguida, apoiada nos pés doloridos cheios de bolhas.

– Há algo errado – murmurou. – Aquela armadura. Os detalhes

estão errados.

Mara ficou tensa. Assim como ele, apurou o olhar para avaliar os rostos. Uma ameaça de perigo provocou um arrepio nos pelos de sua nuca. Os homens eram todos estranhos e isso a perturbou. Muitas vezes não reconhecia todos de vista, já que seu exército ao longo dos anos crescera muito.

Foi Saric, destacado acima de tudo para seu posto por nunca esquecer um rosto, quem sussurrou:

– Eu os conheço. Trabalhavam para os Minwanabi.

O grupo que se aproximava era constituído por cerca de trinta homens e fechou-se numa formação cerrada. O Líder de Forças Militares na dianteira ergueu uma mão em saudação amigável e chamou pelo nome o Líder de Ataques de Mara.

Passando despercebida em seus trajes de guerreiro, Mara olhou para Saric. O rosto dela empalidecera. Até seus lábios estavam brancos.

– Minwanabi!

Saric assentiu vagarosamente.

– Renegados! São aqueles que nunca prestaram juramento ao seu natami. O homem de cabelo escuro com a cicatriz no rosto é inconfundível.

Um momento de piedade, devido a seu coração mole, lembrou Mara, e agora recebia traição como pagamento por sua clemência, que a fizera deixar partir em liberdade aqueles inimigos. Dispunha apenas de uma fração de segundo para pensar no que fazer, pois bastariam cinco passos e os guerreiros chegariam às fileiras dela. Seriam perigosos como víboras se fossem traidores.

Sentiu-se devastada só de pensar que poderiam ser leais, mas a memória de Saric era impecável. Keyoke e Lujan atestavam sua capacidade. Inspirou com dificuldade e assentiu na direção de seu Conselheiro-Mor. Saric soou o alarme, para que a voz de mulher de Mara não a denunciasse:

– Inimigos! Azawari, ordene o ataque!

A ordem do Líder de Ataques se impôs ao caos quando as fileiras da frente dos traidores revelaram quem eram, desembainhando as espadas e correndo para o combate.

Mara quase sentiu o braço se soltar quando foi puxado por Saric, que a fez sair das fileiras para colocá-la atrás de si.

– Vá! – quase gritou ele. Mesmo sob pressão, a inclinação do seu conselheiro para agir usando a astúcia permaneceu. – Fuja e informe os outros! – gritou, como se ela não passasse de um jovem soldado enviado como mensageiro.

As primeiras espadas se chocaram quando as duas companhias de armaduras verdes se juntaram. Homens grunhiram, praguejaram ou soltaram gritos de guerra dos Acoma. Piscaram os olhos turvados pelo suor e lutaram, rezando a seus deuses para serem capazes de distinguir os amigos dos inimigos, pois todos vestiam armaduras iguais, com o verde dos Acoma.

Azawari, o Líder de Ataques, gritou palavras de encorajamento e depois agarrou e arrancou Saric da confusão. Anos de treinamento o tornaram ágil como um sarcat. Colocou-se no lugar do conselheiro, desviando um golpe de um inimigo.

– Proteja nosso mensageiro – gritou. – Sabe aonde ele precisa ir!

As feições de Saric mostraram toda a sua frustração. Fora guerreiro antes de ser conselheiro; poderia voltar a sê-lo. Onde seria mais útil? Mas os ensinamentos da velha Nacoya o obrigaram a pesar todas as opções. Sua Senhora estava fugindo com dificuldade em meio às árvores, tropeçando em raízes com sua armadura que não lhe caía bem. E ela não sabia manejar a espada. Não deveria ser separada de toda a proteção ou aconselhamento; o instante que Saric dedicara a procurar a razão lhe mostrou que a escolha de Azawari era sensata.

– Rasgue os corações desses cães! – rosou com voz rouca. – Vou assegurar que nosso mensageiro chegue à coluna principal.

Voltaremos antes de terem tempo de matar todos eles!

Saiu correndo cheio de raiva. Naturalmente, não havia nenhuma coluna avançada. Os guardas destinados a defendê-la estavam todos ali e eram ultrapassados em número de três para um pela força inimiga. Sua Senhora chegara tão longe, viajara rumo aos perigos de Thuril e sacrificara seus mais leais servidores para acabar daquele jeito! Uma mesquinha traição, sem dúvida pela mão do Senhor dos Anasati. Tal golpe não poderia – não, era impossível! – derrubar a honrada Serva do Império. Ela poderia estar arriscando tudo para preservar os filhos, mas Saric percebeu que ali estava em jogo uma aposta bem mais elevada do que as vidas de um menino e de uma menina, por mais que gostasse deles.

Correu em frente, já não despedaçado por seus desejos pessoais, mas sim atizado pelo esforço sem limites de seus companheiros. De trás, chegaram os sons de espadas batendo e esmagando armaduras. Ouviam-se os gritos entre os gemidos de esforço. Os falsos soldados se infiltraram nas fileiras com uma firmeza devastadora. Eram Minwanabi lançados num ataque de vingança havia muito planejado. Não queriam saber como morreriam.

Os homens de Mara tinham assuntos mais sérios em mente quando se lançaram para deter a investida do inimigo. Não lutavam unicamente para preservar a honra de sua Senhora. Matavam quando podiam, recuavam quando não podiam e permaneciam a todo custo vivos para prolongar a luta o máximo possível.

A ferocidade deles não passou despercebida.

Em poucos minutos, um dos inimigos percebeu o mensageiro enviado para avisar os amigos da situação. Gritou para seu oficial mencionando que era inverossímil uma escolta ser liderada por um Líder de Ataques e quase não ter espadachins disponíveis.

– Ah! – gritou o oficial dos Minwanabi com as cores roubadas dos Acoma. Notou-se a satisfação em seu tom. – São uma patrulha da retaguarda! Sua Senhora não segue numa liteira mais protegida à

frente, segue?

Azawari respondeu apenas com a fúria do jogo de espada. Bateu com sua lâmina no elmo de um inimigo e recuou quando este tombou.

– Descubram vocês mesmos – convidou, com um ar sombrio.

– E por que haveríamos de fazer isso? – Um outro cão dos Minwanabi sorria abertamente. – Homens! – chamou. – Destrocem estes aqui e persigam o mensageiro!

Saric escutou o grito enquanto seguia correndo logo atrás de Mara. Praguejou e bateu pesadamente contra um emaranhado de galhos pelo meio do qual sua Senhora, mais esguia, conseguira passar. Gritos ecoaram por entre a folhagem atrás dele. Guardas falsos o estavam perseguindo agora. Nenhum Acoma poderia se libertar para detê-los. Todas as espadas leais já estavam desembainhadas e os inimigos estavam em maior número.

Saric piscou para limpar o suor dos olhos.

– Vamos, siga em frente – disse a Mara.

Doeu-lhe ver o modo como ela tropeçava. Era resistente, pois afinal de contas ainda se mantinha de pé.

Precisava arranjar tempo, pois em breve ela precisaria descansar. Se diminuísse o ritmo dos perseguidores, talvez ela conseguisse encontrar um lugar onde se esconder, pelo menos até seus verdadeiros guerreiros poderem reduzir a quantidade de perseguidores.

Saric correu. Alcançou Mara, pegou seu cotovelo e a fez saltar com um voo sobre um tronco de árvore caído.

– Corra! – arquejou. – Não deve parar enquanto não deixar de ouvir os sons da perseguição. Depois, esconda-se. Apenas quando a noite cair prossiga com toda a cautela até os cho-ja.

Ela aterrissou de pé, cambaleou para o lado e partiu um galho, sempre em movimento. Saric passou aquele último momento vigiando-a. Os perseguidores Minwanabi estavam em cima dele.

Girou e deparou com três espadas. Esquivou-se de um golpe e deixou que a árvore morta contivesse os outros. Um dos Minwanabi tropeçou para trás, engasgado em sangue, com o peito perfurado. Saric arrancou sua espada, esquivando-se para o lado de modo a evitar um golpe lateral. Um galho bateu em suas costelas, o mesmo que pouco antes lhe salvara a vida. Ergueu sua espada ensanguentada e a fez descer. Detido por um algo sólido, fez pressão sobre a espada do inimigo e depois deu-lhe uma cotovelada. Sua arma transpôs a defesa do guarda e então o matou.

– Nada mau – comentou para si mesmo o antigo oficial transformado em conselheiro. – Não perdi o jeito.

O único soldado ainda vivo procurou contorná-lo para se libertar dos galhos derrubados pelo vento e aproximar-se da figura de um garoto que ele já suspeitava ser a Senhora Mara. Saric mergulhou para interceptá-lo. Um corte doloroso na parte de trás do ombro esquerdo do conselheiro o alertou do seu erro. Outro guarda se aproximara dele. Preso em seu lugar contra a árvore caída, Saric girou e atacou, atingindo o adversário na garganta. Enquanto isso, o primeiro soldado se soltou e passou por ele correndo. Saric murmurou uma oração irreverente. Tinha o caminho livre. O cansaço lhe causou dor quando obrigou os músculos exaustos a se moverem. Correu, gemendo numa ânsia por mais ar. Observou o guerreiro com as cores falsas e atingiu-o por trás. A armadura desviou o golpe. Então se viu preso, enquanto outro inimigo passava por ele, correndo na direção do vulto de Mara em fuga.

Saric não podia lutar bem, prejudicado por seu ombro ferido. Sangue escorria pelo braço, salpicando o chão sob seus pés. Suas sandálias deslizaram nas folhas escorregadias. Quase não conseguiu se defender. A fraqueza pareceu viajar em ondas por seus músculos. Seu inimigo estava sorrindo, o que era mau sinal. Num instante seus esforços acabariam em dor. E então um soldado chamou seu nome. Saric abriu os lábios, satisfeito por reconhecê-lo. Azawari ainda

estava vivo. Assim que o Líder de Ataques dos Acoma correu, para alívio do conselheiro, e mais Minwanabi com armaduras falsas convergiram para contê-lo, Saric conseguiu um fugaz contato visual entre os golpes.

Os dois homens conheciam seu destino. Ambos sorriram, dando as boas-vindas à certeza do alívio proporcionado pelo inevitável final do corpo mortal. Saric foi atingido no flanco. O golpe o fez cambalear, arrancando um gemido da garganta. O Líder de Ataques dos Acoma enfrentou mais três oponentes. Estava gritando com uma raiva desafiadora, mas Saric reconheceu um propósito frio por trás de seus insultos.

– Venham, fantoches dos Anasati! – Azawari dançou e brandiu sua espada. – Vocês podem contar a seus filhos que enviaram Azawari, Líder de Ataques da Serva do Império, para os salões do Deus Vermelho! Se viverem para ter filhos! Se é que eles conseguirão encarar pais que os envergonharam vestindo cores honradas que não eram as deles. Morram por sua insolência, cães Minwanabi!

Mas os guerreiros não se mostraram incentivados a atacar; em vez disso, calcularam a distância. O do meio saltou sobre Azawari, enquanto os outros se esquivavam por ambos os lados, retomando a perseguição a Mara. Azawari lançou-se para o lado. O guerreiro que tinha mergulhado na direção dele errou o golpe e o que correu pela esquerda gritou quando uma espada se enfiou entre suas costelas. O que se esquivara para a direita hesitou, sem saber o que fazer. Azawari foi mais determinado. Lançou-se atrás dele, sem querer saber se uma espada apareceria entre eles. Foi golpeado no flanco, mas derrubou o corredor com um mergulho.

Saric viu cair o elmo com plumas verdes. Reprimiu lágrimas de raiva, ciente de que o destemido Líder de Ataques conquistara segundos preciosos para Mara, pois o último do trio de traidores teve de parar de correr para cravar duas vezes a espada em seu

corpo caído, de modo a se assegurar de que estava morto.

O Conselheiro-Mor ergueu sua espada, porém devagar demais, pois seus músculos haviam atingido o limite. Errou o golpe. Sentiu uma dor intensa no pescoço e o brilho do mundo pareceu de repente baço e longínquo. Saric cambaleou e caiu. As últimas coisas de que teve consciência antes de as trevas engolirem seus sentidos foram o odor intenso de musgo e o som de soldados inimigos abandonando o local da vitória sangrenta para perseguir um último vulto em fuga: Mara. Saric se esforçou para proferir uma oração pela Boa Serva, mas as palavras não saíram. Afinal, não tinha fôlego.

Seu último pensamento, quando a morte o levou, foi dedicado a Nacoya, que tanto lhe ensinara. A velha corajosa iria soltar um grito esganiçado quando se encontrassem nos salões de Turakamu e ela o visse caído como um guerreiro honrado, apesar de todo o esforço dela para que ocupasse um cargo mais elevado. Mais do que impaciente por conversar com sua irascível antecessora entre os Acoma, embora sua mente ainda não estivesse pronta para abandonar a luta, Saric quase sorriu.

Perseguição

Mara fugiu.

Os arbustos prendiam seus pés e ela sentia a garganta arder por falta de ar. Esforçou-se para avançar, respirando avidamente. Já muito além do ponto onde seu corpo precisaria de descanso, sabia que morreria se parasse. Os inimigos a perseguiram implacavelmente. Quando se agachou debaixo de alguns galhos, vislumbrou-os: vultos de verde correndo atrás dela.

Havia algo profundamente diabólico na visão de homens com as cores de sua casa perseguindo-a com um propósito criminoso. Mara, estimulada por algo mais do que medo, trombou com o caule de uma planta rasteira. A armadura verde sempre representara aqueles que estavam dispostos a morrer por ela, dispostos a protegê-la a qualquer custo: ver inimigos com as cores dos Acoma quase a levou ao desespero.

Quantos teriam morrido nessa última traição planejada pelos Minwanabi e pelos Anasati? Saric e Azawari, dois de seus melhores e jovens oficiais; dois que ela escolhera poupar. Os soldados que a acompanhavam mostraram-se capazes, homens duros escolhidos por serem dignos de confiança em caso de emergência. Mas, com os olhos atentos à Assembleia dos Magos, quem poderia adivinhar que a armadilha para pegá-los tão perto do objetivo seria tão rasteira e ainda assim tão mortal?

Os túneis dos cho-ja ficavam a curta distância. Apesar de sempre

ter sido uma mulher saudável, ainda assim Mara já não era a garota que fora quando vestira o manto dos Acoma. As lutas de brincadeira e as correrias com seu irmão tinham sido havia mais de trinta anos e agora estava sem fôlego e com uma dor no peito. Não se sentia capaz de prosseguir, mas tinha de conseguir.

Os soldados atrás dela encurtavam a distância. Atrapalhados por armaduras mais pesadas, já tinham marchado um bom trecho antes de se cruzarem no caminho; durante um bom tempo, a corrida fora equilibrada. Agora não mais. Mara começou a tropeçar. Seus inimigos se aproximaram. Durante alguns tortuosos minutos, os únicos sons que reconheceu foram os das batidas das sandálias no solo e da própria respiração ofegante. Sentiu-se incapaz de falar, tanto por estar sem fôlego quanto pela dor. Havia dois inimigos nos calcanhares dela, um apenas um passo atrás e outro pouco além disso, e se aproximavam perigosamente. Ela quase conseguia sentir a lâmina afiada em suas costas. A qualquer momento viria o impacto do golpe, seguido da dor e de uma queda espiralada nas trevas.

Seria honroso morrer pela espada, pensou, descontrolada. Mas sentiu apenas pura raiva. Tudo aquilo por que lutara na vida seria desperdiçado por causa do ódio e da raiva mesquinha de um guerreiro. Nada podia fazer, apenas castigar ainda mais seu corpo, fazendo-o avançar naquele que poderia ser seu último passo. Morreria como uma gazen, apanhada em pleno voo pelas garras fortes do sarcat que a caçava à procura de carne.

O terreno começou a subir. Mara deu um pulo e tropeçou. Caiu pesadamente. Uma espada cortou o ar no ponto onde seu corpo estava antes e um guerreiro praguejou com grosseria.

Ela rolou por cima de folhas secas. A armadura a atrapalhou e a espada que tinha na cintura, que não pensara em jogar fora, encaixou-se numa raiz e a prendeu. Olhou para cima, para uma imagem vaga de folhagem e pedacinhos de céu brilhante. Do outro lado, viu o rosto de um inimigo num pesadelo de cores amigáveis.

Mara viu a espada se levantar para se abater sobre ela e aniquilá-la. Já não tinha fôlego para gritar; limitou-se a cair para trás rapidamente, num esforço inútil para escapar.

O guerreiro que seguia um pouco mais atrás dela chegou naquele preciso momento. Sua lâmina subiu e caiu um pouco mais rápido, por uma fração de segundo... e a carne que retalhou foi a do inimigo.

Soluçando, esgotada, só depois de ver o homem moribundo desabar sobre suas pernas foi que Mara percebeu que nem todas as armaduras verdes escondiam traidores. Um rosto familiar sobrevivera, sangrando de um corte na face.

– Xanomu! – gritou ela. – Que os deuses sejam louvados.

Ele afastou o corpo para o lado, levantou-a e a empurrou impetuosamente para longe.

– Vá, Senhora – arquejou. Tinha a voz embargada pela dor, devido a ferimentos bem mais graves no corpo. – Encontre os cho-ja. Vou atrasar seus inimigos.

Mara quis elogiá-lo, dizer-lhe de sua gratidão por seu valor. Não conseguiu recuperar o fôlego.

Xanomu percebeu o esforço dela.

– Vá, minha Senhora! Mais inimigos estão chegando e só eu sobrei para detê-los.

Mara se virou, lágrimas turvando parcialmente sua visão. O sonho de Xanomu de vê-la chegar a salvo aos cho-ja era uma falsa esperança: os insetoides não iriam lutar. Estavam presos pelo tratado da Assembleia e com certeza àquela altura já teriam conhecimento do fato de ela ter desafiado o decreto dos Grandes. De qualquer forma, fugiu. A alternativa era ser morta ali mesmo, pois dois guerreiros pesados surgiram do meio do matagal e saltaram, restando apenas a força debilitada de Xanomu para retardá-los.

A luta foi breve: apenas uma meia dúzia de golpes de espada

antes de se escutar o gemido gorgolejante de um homem com o pescoço cortado. Xanomu caíra, dando sua vida para que sua Senhora conquistasse mais uns metros de floresta. As árvores começavam a rarear, achou Mara, ou talvez sua visão começasse a falhar, entorpecida pelo início de um desmaio. Piscou para se livrar das lágrimas ou, talvez, do suor, e a escuridão se ergueu como uma parede negra para engoli-la.

Esticou um braço, como se tentasse impedir uma queda, e as unhas arranharam quitina.

Cho-ja! Chegara ao monte. Corpos negros se aproximaram dela, obrigando-a a se levantar. Mara arquejou, arfando, presa sem poder reagir. Não eram guerreiros, mas sim trabalhadores, um grupo numeroso que aparentemente retornava à colmeia.

Ela sabia que ainda não estava a salvo. Entre arquejos, disse:

– Vocês são... obrigados a obedecer... o decreto... da Assembleia! Não devem... lutar!

Os cho-ja a ignoraram. Em caso algum poderiam lutar, sendo trabalhadores não especializados em combate. Não traziam armas nem ferramentas. Mas, assim que apertaram o cerco ao redor de Mara e os perseguidores surgiram de entre as árvores, ela compreendeu: os insetoides não poderiam lutar, apenas morrer.

O guerreiro que liderava gritou para seus companheiros e, de súbito, eles atacaram. As espadas brilharam à luz do fim do dia quando deceparam a cabeça de um trabalhador que marchava com seus companheiros. Ele caiu em silêncio, ainda esperneando e rolando em sofrimento. Como se só então tivessem percebido a ameaça, os trabalhadores sobreviventes se uniram num único corpo, com Mara encaixada no centro. Estava de tal maneira comprimida que era impossível cair; nem sequer pôde afastar os corpos que a rodeavam quando os insetoides avançaram impetuosamente, ao mesmo tempo, numa corrida trepidante. Como destroços levados pela corrente de um rio, ela foi também transportada. Não conseguia

ver por causa da poeira e estava atordoada devido aos estalos dos corpos revestidos de quitina. Sentiu a grama curvar-se sob seus pés. Perdeu uma sandália. Então surgiu de repente o monte dos cho-ja, pelo qual desceram para a escuridão.

Os Minwanabi com armaduras falsas gritaram e correram atrás deles para dentro do túnel.

Mara abdicou de seus pensamentos. Levada pelos trabalhadores e às cegas devido à confusão de odores e sons desconhecidos, não fez qualquer esforço para analisar a situação. Seus olhos se ajustaram lentamente e girou a cabeça para entender a agitação e a gritaria mais atrás. Por um prolongado momento, não identificou o estranho som de espadas golpeando e arranhando quitina desprotegida.

Corpos de cho-ja encheram o chão do túnel e os falsos guerreiros prosseguiram sua investida. Os cho-ja ao redor de Mara pararam de repente e um zumbido agudo açoitou os ouvidos dela. No momento seguinte, uma maré negra venceu a última luz ainda visível vinda da entrada. Ela percebeu que os trabalhadores cho-ja se colocavam em rota de fuga e que os soldados perseguidores nada poderiam fazer para alcançá-la, a não ser que abrissem caminho através de corpos vivos.

Mara sentiu-se devastada demais pelo cansaço para chorar de dor ou de alívio. Sua mente foi fustigada com a constatação de que, apesar do ataque à colmeia, os guerreiros defensores não arriscariam uma reação, com medo de que a Assembleia acusasse seus habitantes de desrespeitarem o tratado. Embora ela soubesse que os cho-ja, em caso de necessidade, consideravam descartáveis as vidas individuais, especialmente as dos trabalhadores, sentiu remorso pelas vidas sacrificadas para salvá-la.

A última réstia de luz desapareceu quando os cho-ja contornaram uma esquina. Mara foi levada em completa escuridão. Consciente como estava, desde sua viagem a Chakaha, em Thuril, de que os

cho-ja eram por natureza criaturas diurnas, compreendeu que a falta de iluminação era uma estratégia. Seu grupo de escolta composto por trabalhadores a levava para as profundezas da colmeia passando por inúmeras curvas e cruzamentos. Os Minwanabi estavam sendo levados a persegui-los. E então encontrariam seu fim. Nunca sairiam vivos daquele labirinto. Os cho-ja não precisariam se dar ao trabalho de matar. Humanos que se perdessem nos túneis debaixo da terra iriam vagar até morrer de sede e de fome.

– Envie meus agradecimentos à sua rainha – murmurou Mara.

O trabalhador cho-ja não se dignou responder. Talvez o tratado os obrigasse a ficar em silêncio ou talvez fosse o pesar pelos companheiros abatidos. Mara sentiu os corpos deles encostados ao seu, já sem a apertarem tanto. Ao contrário, tratavam-na com cuidado, como se fosse transportada por uma mão gigante. Ocorreu-lhe tarde demais que sua preocupação com Justin quase a cegara. Aqueles guerreiros não estavam lhe prestando um favor, mas talvez, à sua maneira, estivessem ajudando a própria causa, pois ela trouxera magos cho-ja com o intuito de derrotar a Assembleia.

Aqueles seres viam sua liberdade na sobrevivência dela.

Mara percebeu que os trabalhadores, tal como escravos, poderiam estar proibidos de se comunicar. Mesmo assim, havia a possibilidade de a rainha deles não agir com neutralidade, mas como aliada de Mara em sua causa humana.

Os trabalhadores se dirigiam depressa a um determinado local. Não pareciam ter o intuito de afastar seus corpos e deixá-la cair na beira do caminho. E se tivessem sido enviados para executar uma tarefa concebida para coincidir com a direção que ela desejava seguir? Ou pior, e se haviam partido inconscientemente seguindo o propósito da colmeia e ela estivesse sendo levada numa direção para onde não lhe interessava seguir? O tempo, acima de tudo, estava se esgotando. A sobrevivência de seus filhos dependia de uma ação rápida. Mara inspirou fundo. Sentia as pernas fraquejarem. Mesmo

que quisesse, não conseguiria dar um passo sem ajuda. Mas também não poderia se deixar ficar em segurança entre as carapaças de uma dúzia de corpos velozes cujo destino era desconhecido.

Se tivesse como prever qual seria a reação das criaturas, poderia pedir para montá-las.

O absurdo de tal suposição poderia provocar sua morte caso escorregasse tentando escalar um insetoide em movimento, atrapalhada como estava pela armadura. Os cho-ja certamente a ignorariam quando pisassem em seu corpo caído.

Os trabalhadores cho-ja não tinham apreço pelo conceito tsurani de dignidade. Ainda assim, Mara não conseguiu encará-los como meros animais de carga e essa ideia, juntamente com sua força restabelecida, a fez ficar em silêncio. Lembrou-se da expressão de Lujan naquele dia longínquo em Dustari quando o escravo Kevin apresentara a ideia disparatada de levar seus exércitos à vitória nas costas dos guerreiros cho-ja.

Lágrimas escorreram por seu rosto por conta dessa recordação. Lujan parecera pálido e enojado quando fitara o corpo enorme e com lâminas que devia montar. Ainda assim, fizera isso e partira para vencer uma grande guerra.

Quem era ela para arriscar alguém como ele na planície de Nashika e ainda assim não se atrever a fazer o mesmo?

Sentiu o coração parando só de pensar na ideia. Contudo, estaria perdida se não encontrasse uma forma de unir os cho-ja numa revolta contra seus opressores e de se reunir com os magos de Chakaha que aguardavam escondidos nas tocas de suas terras. Seu filho e sua filha seriam mortos pela mão do primeiro pretendente rival que reclamasse o trono dourado. Se o pretendente não fosse Jiro, haveria outros igualmente impiedosos.

E a Assembleia de Magos nunca perdoaria o golpe contra a onipotência deles enquanto ela respirasse.

Era sua última cartada, o derradeiro plano desesperado que ela delineara durante seu último conselho antes da guerra. Por isso precisava chegar até a rainha da colmeia e ser recebida numa audiência. Não achou que fosse uma ousadia e teve de se obrigar a ser corajosa. A voz dela soou trêmula quando, por fim, reuniu coragem para falar.

– Levem-me à sua rainha – solicitou.

Os trabalhadores não responderam, mas pararam. O súbito abalo gerado quando se imobilizaram acabou derrubando Mara.

– Tenho de ver sua rainha – insistiu, já aos berros, o que gerou uma tempestade de ecos.

Surgiu luz de um corredor lateral. Mara voltou-se para lá e, por cima das carapaças arqueadas dos trabalhadores, viu que se aproximava um grupo de guerreiros. Eram cho-ja nascidos tsurani, com elmos iguais aos dos homens. Um Líder de Ataques com plumas se aproximou. Chegando ao cruzamento dos túneis, voltou seus olhos de ônix para a mulher desgrenhada que estava entre os trabalhadores.

– Sou Tax'ka. Vim para atender seu pedido e levá-la à presença da rainha desta colmeia.

Mara, profundamente aliviada, esqueceu o cansaço. Assim que os trabalhadores se afastaram para lhe dar passagem, ela deu um passo à frente e quase uivou de frustração quando os joelhos fracos cederam.

O Líder de Ataques cho-ja se ajoelhou.

– Pode montar – entoou. – Nossa rainha não está com disposição para esperar por causa de seu cansaço.

Mara estava cansada demais para se irritar com um comentário que parecia um insulto. Esforçou-se para se levantar e aceitou a ajuda de um trabalhador para montar na parte central do Líder de Ataques. Instalou-se com uma perna de cada lado, sentindo-se insegura sobre a carapaça preta e escorregadia. Suas mãos suadas

não encontraram um local confiável para se segurarem e o cho-ja, em silêncio, não pareceu se preocupar com o desconforto humano.

– Pode partir – disse ela com determinação. – Leve-me a toda a velocidade à sua rainha.

Os passos largos do cho-ja quando avançou impetuosamente espantaram Mara por sua suavidade. A Senhora se segurou sem grandes preocupações, inclinando-se para a frente para poder se agarrar com força no pescoço quitinoso do guerreiro. Não fazia a mínima ideia da distância existente entre a caverna da rainha e aquele túnel remoto. Algumas colmeias eram tão grandes que poderia seguir montada num cho-ja durante horas para atravessá-las. Sentiu o rosto revigorado pelo ar ácido do túnel. O suor secara e a respiração retomara o ritmo normal.

Teve tempo para prestar atenção a incômodos menores: as câibras nos músculos sobrecarregados e as pontadas enlouquecedoras das bolhas sob a armadura. As passagens utilizadas pelo Líder de Ataques e por seus companheiros não estavam iluminadas. Sem ver absolutamente nada, Mara limitou-se a se agarrar às cegas enquanto sua escolta acelerava em sua missão.

A viagem se revelou mais estranha do que se lembrava de alguma vez ter sido. A escuridão marcou presença constante, nunca dando espaço à penumbra preto-acinzentada das noites mais tempestuosas da superfície. Enquanto era levada aos saltos e sacudidas, Mara limitou-se a esperar que a luz voltasse para ver alguma coisa. No entanto, cada momento de expectativa foi seguido por outro, até ter de cerrar os dentes para conter o grito que crescia dentro dela.

A certa altura da viagem, Tax'ka perguntou como se sentia. Mara o tranquilizou com uma resposta vaga, embora não se sentisse nada confortável; a viagem rápida em meio a uma escuridão profunda tornou-se uma jornada interminável de meditação. O cansaço e a tensão dominaram sua mente, mostrando-lhe visões ocultadas pela

luz e pela natureza: movimentos imaginários vislumbrados no limite de seu campo de visão fizeram seu coração bater intensamente e a respiração tornar-se acelerada e breve. Chegou a fechar os olhos, para que a escuridão parecesse menos ameaçadora. Mas aquilo foi apenas um pequeno remédio e não lhe proporcionou nenhuma sensação de segurança. De tempos em tempos, tentava ver de novo, mas seu esforço era sempre recompensado com a escuridão. O terror que a dominava crescia.

Por fim, procurou se acalmar com cânticos meditativos e silenciosos. Após um longo intervalo, ouviu uma voz chamar por ela. Mara abriu os olhos e piscou devido à intensidade da luz, pois, além dos globos dos cho-ja que lançavam uma luz azul ao redor, havia também lamparinas a óleo com chamas de um branco intenso.

Mara desmontou, desajeitada.

O Líder de Ataques que a transportara bateu continência.

– Às suas ordens, Senhora – disse. – A nossa Governante a espera.

Mara olhou em volta pela caverna. Diante dela se erguia uma forma que lhe pareceu um pouco familiar: um dossel feito de terra amontoada. A rainha dos cho-ja estava reclinada ali, com o enorme volume de seu corpo coberto por cortinas preciosas. Quando o olhar de Mara cruzou com o do ser que se elevava sobre ela, seus joelhos não tremeram apenas de cansaço.

A rainha dos cho-ja a observou com olhos que pareceram de gelo preto quando a visitante humana se ergueu depois da reverência. Antes que Mara conseguisse proferir o mais básico dos agradecimentos, a Governante tomou a palavra:

– Não podemos ajudá-la, Mara. Com suas ações, colocou a Assembleia de Magos contra si mesma e estamos proibidos de ajudar qualquer um que considerem inimigo.

Mara se esforçou para endireitar as costas. Retirou o elmo e

empurrou para trás os cachos ensopados do cabelo. Deixando o inútil elmo pendurado pela tira em sua mão, assentiu. Não lhe restava agora outra alternativa além de correr alguns riscos que jamais se atrevera a tentar.

– Senhora rainha – disse com o máximo de firmeza que conseguiu, dado seu estado de nervos –, permita-me discordar. A Senhora tem de me ajudar. A escolha já não é sua, pois as condições do tratado com a Assembleia já foram violadas.

O silêncio se impôs bruscamente com um sopro. A rainha recuou.

– Está falando por ignorância, Senhora Mara.

Bem ciente do perigo que corria, Mara fechou os olhos e engoliu em seco. Debateu-se com um instinto irracional de fugir: estava no subsolo, a grande profundidade. A fuga de nada valeria. Estava nas mãos dos cho-ja e, se eles não estivessem dispostos a ajudá-la, tudo estaria perdido.

– A ignorância não é tanta quanto julga – Mara insistiu.

A rainha permaneceu neutra. Não se mexeu para se reclinar no dossel.

– Fale, Senhora Mara.

Mara desafiou o destino.

– Seu tratado foi violado – arriscou. – Não por sua espécie, boa rainha. Por mim. – O silêncio na câmara, de tão profundo, foi ensurdecedor. Mara dominou o medo e retomou o relato: – Violei seu tratado, que, visto por olhos imparciais, era injusto. Fui a Chakaha. Falei com seu povo e vi como devem viver, livres e acima do solo. Ousei, boa rainha. Tomei uma decisão, pelo bem-estar de sua raça assim como pelo de meu povo. Atrevi-me a solicitar uma aliança e, quando voltei ao Império, trouxe comigo dois magos cho-ja, enviados para ajudar sua causa.

Diante daquela novidade, o silêncio se tornou ainda mais profundo. Mara sentiu como se tivesse levantado a voz diante de uma enorme desaprovação não proferida. Mas continuou:

– Esses magos estão escondidos numa toca que não é usada dentro da colmeia próxima de minhas terras. A Assembleia não vai se deter para verificar quem dentre os membros de sua espécie é inocente de ter abrigado esses magos. Os magos vão agir como se todos os cho-ja fossem conspiradores. Dessa forma, o tratado já foi violado, por minha iniciativa, para melhorar este Império, por isso agora os cho-ja devem lutar para reclamar a liberdade a que têm direito.

O pesado silêncio se prolongou por um bom tempo.

– Você tem algo mais a dizer? – O tom de voz da rainha pareceu o retinir de cristal.

Mara respondeu com uma reverência completa:

– Já disse tudo o que tinha a dizer.

A rainha expeliu um silvo de ar. Balançou para trás e para a frente uma vez, depois outra, até que se sentou vagorosamente sob o dossel. Seus olhos reluziram.

– Senhora, ainda assim não podemos ajudá-la.

– Como?

A pergunta de Mara saltou irrefletidamente de seus lábios. Corrigiu sua falha com mais uma reverência, suficientemente baixa para ser considerada praticamente servil.

– As condições do tratado foram quebradas. Não vai aproveitar a oportunidade e tentar recuperar a liberdade e reclamar o destino a que têm direito?

A rainha dos cho-ja pareceu triste quando se preparou para responder.

– Senhora, não podemos. Demos nossa palavra. A violação do tratado foi um ato seu, uma deslealdade sua. A Senhora não conhece verdadeiramente nosso modo de agir. Não nos é possível quebrar um juramento.

Mara franziu o cenho. O encontro não estava saindo como imaginara.

– Não entendo – disse, tremendo de medo.

– Quebrar promessas é uma característica humana – declarou a rainha, sem censura.

Ainda confusa, Mara se esforçou por compreender.

– Sei que sua espécie nunca esquece uma memória – falou, expressando seu pensamento em voz alta, tentando resolver o impasse.

A rainha tentou explicar:

– Nossa palavra não pode ser quebrada. É por isso que ao longo dos anos os humanos constantemente nos derrotaram. Todas as guerras terminaram num tratado que nós, compelidos por nossa natureza, somos obrigados a suportar. Os humanos não têm essas limitações instintivas. Violam a honra e não morrem por causa disso. Reconhecemos esse estranho comportamento, mas não podemos...

– Morrer! – interrompeu Mara, chocada. – Quer dizer que não poderão sobreviver se quebrarem uma promessa?

A rainha inclinou a cabeça confirmando.

– Precisamente. Ficamos presos à nossa palavra, inextricavelmente unidos à mente da colmeia, que é a sanidade e a vida. Para nós, uma promessa nos prende tanto quanto paredes ou correntes para um humano... É igual. Não podemos nos rebelar contra os dogmas de nossos antepassados sem atrair a loucura para a colmeia, uma loucura que traz morte, pois deixaríamos de nos alimentar, de nos reproduzir, de nos defender. Para nós, pensar é agir e agir é pensar. Vocês não têm palavras que descrevam esse conceito.

Mara se ajoelhou, cedendo à fraqueza. Sentou-se abruptamente sobre a terra nua, com a armadura rangendo no silêncio. Falou em voz baixa, no tom mais pacificador que já empregara:

– Eu não sabia.

A rainha nada disse para desculpar Mara.

– É uma resposta comum entre humanos que finalmente

percebem seu erro. Contudo, nada muda. Você não jurou respeitar as condições do Proibido. Não pode violar o que não a prende. Apenas os cho-ja ou a Assembleia podem quebrar esse pacto antigo.

Mara se amaldiçoou por seu orgulho e vaidade. Atrevera-se a pensar de maneira diferente de seus colegas Governantes; presumira conhecer seus amigos cho-ja e fora culpada de uma atrocidade tão grande quanto qualquer uma que sua espécie já tivesse feito contra a raça insetoide no passado.

O Conselho de Chakaha confiara nela; por engano, ao que parecia. Encolheu-se ao perceber que mais cedo ou mais tarde os magos que convencera a viajar para o Império iriam perceber como avaliara mal a situação.

Quantas vezes Ichindar, em seu assento de poder, sofrera por causa de suas loucuras humanas quando elas vieram a prejudicar as pessoas que fora destinado a governar? Mara sentiu-se minúscula de vergonha. Aspirara colocar seu filho no trono dourado para salvar sua vida. Algo em que acreditara. Como na época entendera mal as implicações de tudo isso, para querer colocar sobre os ombros inexperientes de um garoto uma responsabilidade tão pesada que nem ela poderia suportar.

Mara enfiou o rosto nas mãos, atormentada por algo pior do que o mero desespero. Contemplou a irreversibilidade da morte, que teimosamente considerara um desperdício de recursos. Agora já não tinha certeza. A essência de sua filosofia se modificara, a ponto de não discernir qualquer rota segura.

– Os magos vão procurar se vingar de sua espécie – arriscou-se a dizer por fim. Mara fitou humildemente a rainha. – O que devo fazer?

O enorme insetoide olhou-a de um modo que nenhum humano saberia avaliar.

– Alguns de nós morrerão – respondeu com a implacável honestidade de sua espécie. – Esta colmeia provavelmente será a

primeira, considerando que lhe demos abrigo e que conversei com a Senhora.

– Não podem fugir?

Mara estava desesperada para escutar uma palavra de esperança, de que nem tudo estava perdido para aquelas criaturas cuja amizade a amparara ao longo de uma vida de provações e dificuldades.

A rainha girou um membro anterior, talvez o equivalente dos cho-ja ao movimento de dar de ombros.

– Já estou na câmara mais profunda desta colmeia. Não posso me mudar para qualquer outro lugar. Assim que nossas rainhas amadurecem o suficiente para pôr ovos, perdemos nossa mobilidade. Aqui, pelo menos, sobreviverei até o último momento. Seus Grandes podem destruir meu corpo, mas a mente da colmeia preservará a minha memória e o registro de tudo o que se passa aqui. Outra colmeia protegerá nossa mente e, quando uma nova rainha desovar, a mente será renovada com ela.

Pequeno conforto, pensou Mara, não ser esquecido por toda a eternidade. Não mencionou o mau presságio que sentiu, de que poderia acontecer o pior: a Nação dos cho-ja do Império poderia efetivamente perder sua memória completamente, pois sua impertinência talvez tivesse causado o extermínio definitivo. Recordou a confiança que lhe fora outorgada pelo Conselho de Chakaha e sua vontade de chorar foi dolorosa. Não teve oportunidade de lidar com a culpa ou com a incerteza. No instante seguinte, a rainha inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse ouvindo algo.

Foi trocado entre Governante e servos um zumbido rápido, como um relâmpago, muito agudo. A comunicação cessou como se tivesse sido cortada. Trabalhadores e guerreiros partiram e a rainha voltou a cabeça para sua convidada humana.

– O que está acontecendo? – perguntou Mara, temendo a

resposta.

– Os Grandes estão vindo – respondeu a rainha. – Uma delegação com trinta membros cercou a entrada da minha colmeia. Estão nos acusando falsamente de termos quebrado a promessa e exigem que a entreguemos.

– Eu vou lá fora falar com eles – anunciou Mara, com os joelhos tremendo cada vez mais. Perguntou-se se seria capaz de obrigar o corpo a se aguentar. – Não causarei mais problemas à sua espécie.

A rainha dos cho-ja balançou um membro anterior num gesto inconfundível de negação.

– Você não é nossa prisioneira. Não quebrou qualquer juramento. Foi você que trouxe os magos do outro lado da fronteira e não há nada no tratado que nos proíba de recebê-la. Pode ir ou ficar. Ou os Mantos Negros podem vir aqui buscá-la. Nenhuma das opções nos diz respeito.

As sobrancelhas de Mara se ergueram de espanto. Permaneceu calada, esforçando-se para evitar mais erros devido a avaliações erradas. Cuidadosamente, pesou as palavras seguintes:

– Se escolher não me entregar, a senhora deve levar em conta que a Assembleia vai interpretar isso de maneira errada. Acreditarão que é minha cúmplice e buscarão vingança.

A rainha pareceu menos serena do que dura, como obsidiana polida, ao retrucar:

– Estarão errados, se o que você postula estiver correto.

Mara engoliu em seco. Sentiu que a solidez da terra de repente poderia desmoronar sob seus pés.

– Seu povo pode sofrer por causa desse equívoco.

A rainha não se compadeceu.

– Então sofrerá. Isso não faz com que o equívoco dos Mantos Negros se aproxime mais da verdade. Nós respeitamos as condições do tratado, tal como deve fazer sua espécie. Se eles, como humanos, agem de forma errada, *então o erro é deles, assim como*

as consequências de seus atos.

Mara franziu o cenho, refletindo sobre o que poderia se esconder sob as palavras da rainha. A Senhora dos Acoma já tocara em assuntos proibidos antes, procurando pistas sobre o Proibido. Agora, incapaz de conter a esperança que fugia dela, pensou se esses espertos cho-ja na verdade procuravam provocar um equívoco.

Assim que inspirou para dar voz a seu pensamento, um súbito terror a atormentou. O ar na câmara ficou mais pesado, como se uma grande pressão tivesse percorrido os túneis para esmagá-la. Cobrindo os ouvidos enquanto era assolada pela dor, Mara arquejou com o choque. Uma explosão abalou a terra, derrubando-a. Caiu de lado no chão. Um grito se libertou de dentro dela quando a câmara à sua volta foi cercada por raios e fogo.

Acima do abalo do ar trovejante, a rainha guinchou de dor e do que talvez fosse pura raiva cho-ja.

– Os magos estão atacando! Nossa colmeia foi destruída! O tratado que nos restringe foi violado!

A linguagem foi então deixada de lado. A voz da rainha deu lugar a uma dolorosa dissonância quando zumbiu a última comunicação para sua espécie.

Mara sufocou com o ar ardente. De seus olhos jorraram lágrimas e sentiu a pele chamuscada no que foi o início de um tormento abrasador. Justin, Kasuma, pensou, eu falhei com vocês dois...

Seus olhos se cegaram pelo raio de luz ofuscante que brilhou e depois foram tapados por uma escuridão devoradora. Ela gritou. O mundo que conhecia fora extinto. Não sentiu a terra no corpo e nenhuma sensação de gravidade a puxou para baixo. Depois do calor, a carne enrugou com o toque de um frio gelado. E depois veio a escuridão que se estendeu para além da eternidade.

Kentosani

A consciência de Mara retornou.

Ela piscou enquanto seus sentidos reapareciam ainda confusos. Esforçou-se para se orientar, mas sua mente se recusava a compreender mais do que os rudimentos de uma impressão coerente. Tinha o corpo deitado sobre o que lhe pareceram almofadas. Estava cercada por um ar morno e por uma iluminação suave. Não conseguiu distinguir mais nada, nenhum detalhe sólido do recinto ou do cenário. O pesadelo cáustico e agonizante de feitiçaria destrutiva parecia ter desaparecido como aconteceria com qualquer pesadelo ao despertar.

– Onde estou? – murmurou ela.

– Em segurança – disse uma voz.

Por seu tom ressonante e incorpóreo, Mara entendeu que ocorrera um milagre. Poupada da ira da Assembleia por um fio, deveria estar na presença dos magos cho-ja. Em Chakaha, tinham demonstrado sua capacidade de se mover de um lugar para outro usando a magia. Deveriam ter feito o mesmo, arrancando-a das ruínas da colmeia no instante em que os Mantos Negros a destruíram. Estranhamente, a lembrança do sofrimento dos cho-ja não a perturbou. Alarmada, Mara endireitou-se. A preocupação logo se dissipou, esvaindo-se como água. Distinguiu as formas dos magos cho-ja, agachados um de cada lado dela. Tinham andado ocupados durante sua ausência. A toca que habitavam estava agora decorada

com mobílias criadas por eles. A paz que Mara experimentava se devia também à influência deles.

– Já praticaram suas artes, Tecedores de Feitiços?

Um dos magos fez um gesto tranquilizador a Mara, com os membros dianteiros revirados para que as pontas afiadas não causassem um acidente.

– Sua aura estava tomada pelo medo e pela raiva. Perdoe-me se ousei aliviar a tensão de sua mente, mas neste momento precisamos de lucidez, certo?

Mara engoliu em seco.

– A colmeia foi destruída pela Assembleia. Lamento muito.

O segundo mago se mexeu, provocando um ruído com as asas.

– Um sacrifício necessário – entoou sucintamente, sem qualquer emoção. – A memória da rainha foi preservada integralmente e o tratado injusto foi finalmente quebrado. Agora os guerreiros cho-ja podem percorrer livremente o Império. E vão apoiar sua causa, Serva do Império.

A causa dela! Mara sentiu um frio nas palavras. Desejara garantir a segurança de seus filhos e expurgar a estagnação e a crueldade da cultura de seu povo; porém uma colmeia inteira de cho-ja fora sacrificada para salvá-la e agora estava sendo lembrada sem meias palavras de seu pedido ao Conselho em Chakaha. As rainhas cho-ja do Império tinham a esperança de que conseguisse conquistar a liberdade para a raça delas.

– Sim – entoou o mago cho-ja à esquerda dela em resposta a seu pensamento. – O selo imperial com o aval dos templos num documento que restitua a plena cidadania aos cho-ja deve bastar para revogar uma sentença injusta da Assembleia.

Mara reuniu toda a força que lhe restava.

– Primeiro é necessário derrotar os Grandes – avisou, com medo de um confronto aberto com os magos.

Os magos inclinaram as cabeças com uma serenidade

exasperante.

– Dispomos dos meios, mas o tempo está ficando curto.

A velocidade em que os acontecimentos ocorriam também preocupou a Senhora dos Acoma. Mara combateu aquele desespero avassalador. Perdera seus conselheiros. Só os deuses saberiam por onde andaria Arakasi. Desconhecia o destino de Lujan. Os exércitos dos Acoma poderiam estar agora reduzidos a cinzas e seu marido poderia ter sido eliminado pela Assembleia no momento em que a declararam inimiga. Jiro dos Anasati já poderia estar na Cidade Sagrada e seus filhos, mortos. E mesmo que, por milagre, o Bairro Imperial ainda permanecesse seguro e sob a proteção dos Brancos Imperiais, havia exércitos dos Anasati e dos Omechan do lado de fora das muralhas da cidade.

Mara se repreendeu. De nada valeria listar todos os eventuais contratempos e isso serviria apenas para anular a pequena vantagem que os magos de Chakaha pudessem ter conquistado. Viu a morte em cada esquina, quer agisse ou não. Mais valeria lutar e tomar as rédeas da situação o melhor que pudesse. Quer Justin e Kasuma estivessem bem ou não; quer os Omechan ou os Anasati já tivessem se apoderado do trono dourado ou não, devia um honroso esforço aos cho-ja que a tinham salvado.

– Preciso de informações – exigiu, levantando-se de imediato. Sentiu o corpo completamente dolorido. Ignorou as pontadas e virou-se bruscamente para os magos de Chakaha. – Sua ajuda será necessária. Assim que compreender a disposição das forças que se opõem a nós, precisarei chegar à Cidade Sagrada mais depressa do que o vento.

Os magos de Chakaha se levantaram da posição agachada. Fizeram uma reverência e depois se colocaram a seu lado.

– Seus desejos para nós são ordens, Senhora Mara – disse um deles. – Pergunte-nos o que deseja saber. Recorreremos à nossa arte para lhe mostrar.

Tremendo intensamente ao especular sobre quais perdas sofrera e de que inevitavelmente tomaria conhecimento agora, Mara se obrigou a suportar o que viria.

– Meu marido Hokanu – começou, tentando controlar a voz trêmula. – Onde ele está?

– Feche os olhos – ordenaram os magos de Chakaha.

Mara obedeceu, com um mau presságio no coração. Uma energia fez seu corpo inteiro formigar: magia. Contemplou mais do que as trevas para além de suas pálpebras. Tomada por uma sensação semelhante a vertigem, viu Hokanu debruçado sobre um mapa tático da Cidade Sagrada. Apontava para fileiras de alfinetes brancos nas muralhas, segurando com cuidado o elmo. Parecia preocupado. Estava com a aparência de quem já não dormia havia quinze dias. Vê-lo era mais do que Mara pôde suportar.

– Ele está vivo! – gritou, quase chorando de alívio.

A alegria e as graças aos deuses por aquela reviravolta na sorte a deixaram fraca. Em seguida, deixou de lado o deslumbramento para se dedicar às questões práticas. Os magos lhe informaram que Hokanu e sua companhia de cavalaria rápida tinham cruzado os portões da cidade antes de ser montado o cerco. As companhias de infantaria dos Shinzawai ainda marchavam para o norte, mas não ajudariam na libertação, percebeu Mara quando os magos cho-ja lhe mostraram os Mantos Negros proibindo as fileiras de guerreiros vestidos de azul de irem para a Cidade Sagrada.

Mara fora declarada inimiga e seus aliados estavam proibidos de ajudá-la. Sem ordens para desafiar os Grandes, os ensinamentos tsurani se impuseram e os guerreiros de Hokanu obedeceram.

– Os Brancos Imperiais... – refletiu Mara –... vão defender a cidade. Quem, além de Hokanu, pode comandá-los?

Em resposta, teve uma segunda visão do local onde o conselho discutia as táticas. Mara identificou as figuras que se reuniam ao redor do Senhor dos Shinzawai, cujos sonhos eram os mesmos que

os dela: Arakasi estava presente, silencioso como uma sombra e com um ar carrancudo. Junto dele estava o Conselheiro-Mor dos Shinzawai, Dogondi, com um rosto obstinado, enquanto mantinha uma animada discussão com outro rosto que Mara reconheceu, com espanto: Chumaka, o Conselheiro-Mor dos Anasati. Sem pensar, perguntou em voz alta:

– O que Chumaka está fazendo ali?

Em resposta, os magos lhe mostraram mais imagens: uma clareira na floresta onde Hokanu torceu e retorceu uma tira de couro, sufocando Jiro até a morte. As cores pálidas e a qualidade ondulante indicavam que a visão pertencia a um evento do passado. Mara viu Jiro definhando nas mãos de Hokanu. O Senhor dos Anasati estava morto! E, no entanto, com base no que seu marido estava fazendo no momento, Kentosani se encontrava cercada.

– Quem dirige o ataque à Cidade Sagrada? – exigiu saber.

A cena diante dela girou e mudou seu foco. Viu exércitos e máquinas de madeira e um Comandante das Forças Armadas com as cores dos Omechan. As muralhas exteriores tinham sido derrubadas e brechas, abertas. O próprio Bairro Imperial estava sendo atacado e as plumas nas muralhas mostraram várias facções envolvidas na defesa, entre elas a dos Brancos Imperiais e ainda uma outra casa. Com espanto, Mara distinguiu o púrpura e amarelo dos Xacatecas.

– Hoppara está em Kentosani?

– Enviado pela mãe, Isashani – entoou um dos magos. – Aquele a quem você chama de Hoppara chegou a Kentosani antes do ataque e organizou os Brancos Imperiais na defesa. O Senhor dos Omechan já sabe da morte de Jiro, mas sonha concretizar o plano dos Anasati como se fosse seu. Você ainda tem um inimigo que deseja governar sobre os corpos de seus filhos.

Mara mordeu o lábio. Seus exércitos – se tivessem escapado à destruição e se os magos ainda não os tivessem proibido de se movimentar – deviam estar muito ao sul para se juntar contra a

força que ameaçava o Bairro Imperial. Seus outros aliados pareciam ter fugido, ou estavam ganhando tempo em outro lugar temendo atrair em sua direção a exaltada fúria da Assembleia.

Seu desânimo deve ter sido bem evidente.

– Senhora – interrompeu um dos magos. – A Senhora não está desprovida de um exército. Todos os guerreiros cho-ja das Nações estão sob suas ordens.

– Como pode ser? – O tom de Mara era sombrio. – A rainha da colmeia que foi sacrificada deu a entender que os cho-ja nunca podem quebrar uma promessa. Os guerreiros cho-ja que me oferece já prestaram juramento a outros Governantes. Seu povo tem contratos de serviço que duram há gerações.

Os magos zumbiram naquilo que Mara aprendera a reconhecer como gargalhadas cho-ja.

– Já não é assim – disse um deles.

– Feche os olhos – indicou o segundo. – Permita que lhe mostremos.

Cada vez mais maravilhada, Mara assim fez. Contemplou um campo seco sobre o qual os exércitos de dois nobres menores estavam empenhados numa batalha. Um jovem gordo com as cores dos Ekamchi exortava um de seus Líderes de Ataque.

– Mas eles não podem abandonar o campo de batalha – gritou, com o braço que brandia a espada perigosamente perto do rosto de seu conselheiro ancião. O servo saltou para trás, incomodado, enquanto seu Senhor prosseguia em seu tom empolado: – Estes cho-ja devem fidelidade a mim e a meu pai.

O Líder de Ataques balançou a cabeça, com uma expressão séria.

– Eles dizem que não, meu Senhor.

– Como assim?! – O Ekamchi filho enrubesceu sob seu elmo de combate. – Eles são como escravos! Nunca violam uma aliança!

– Estão fazendo agora. – O Líder de Ataques virou as costas a seu comandante e com um olhar duro viu fileiras sucessivas de

guerreiros cho-ja abandonarem o combate e marcharem rápida e organizadamente para longe do campo.

– Isto não é possível! – guinchou o Ekamchi filho. Correu para diante e colocou-se no caminho do Líder de Ataques dos cho-ja. – Vocês são traidores – acusou. – Quebraram um juramento.

O oficial dos cho-ja respondeu com um estalido que revelou desprezo.

– Três mil centis em metal e pedras preciosas foram entregues ao tesouro de seu pai. Foi esse o preço que ele pagou por nossos serviços. Todos os negócios e alianças do passado estão cancelados; vocês foram reembolsados de todos os pagamentos.

O jovem Ekamchi falou algo, atrapalhado, mas assim que o oficial dos cho-ja se agachou numa postura de ataque, foi obrigado a ceder.

Mara arregalou os olhos, tremendo e dando gargalhadas descontroladas.

– Que surpresa para a maioria dos Governantes quando descobrirem que os cho-ja eram algo mais, ou talvez menos, do que leais mercenários.

– Os humanos têm muito o que aprender sobre nossa espécie – concordaram com diplomacia os magos de Chakaha. – Os velhos métodos mudaram. Tampouco a Assembleia conseguirá obrigar nosso povo a concordar com outro tratado como o que causou um enorme suplício ao longo de milhares de anos. Quando os cho-ja perderam a guerra contra os magos, nossa magia ainda não estava desenvolvida para fins defensivos. Pode estar certa de que tal fraqueza foi corrigida nas terras além do Império.

Mara contemplou o brilho perigoso nos olhos dos magos de Chakaha e sentiu o sangue gelar. As tradições tinham sido quebradas e o perigo pairava no ar; agora era o momento de ela aproveitar a vantagem, se quisesse, para garantir que se seguiria uma época de paz. Assim, dominou sua agitação interior.

– Mensageiros precisam ser enviados e medidas precisam ser tomadas para reforçar a pretensão de Justin ao trono antes que a Assembleia possa interferir. Eis o que deve ser feito.

Mara aguardou, contendo um profundo arrepio de medo. Seu cabelo estava puxado bem para cima, trançado de modo elaborado e preso com alfinetes de metais preciosos. Os grampos de ouro e a arrogância de sua vaidade ao ostentar o metal imperial a faziam sentir-se pequena e hesitante. E, todavia, não havia espaço para meias medidas, se o Império, enquanto Nação, devesse sobreviver.

Estava repassando as lembranças das ordens que distribuía entre o banho e o momento em que vestira as roupas. Inspirou profundamente.

– Onde estamos exatamente? – perguntou ao Comandante das Forças Armadas cho-ja agachado a seu lado.

Assim como seus pares da Chakaha livre, aquele guerreiro renunciara aos ornamentos dos comandantes humanos. Sua carapaça preta como breu começara a mostrar uma leve faixa turquesa, talvez decorativa ou talvez uma marca hierárquica. Mara ansiava pela oportunidade de estudar essas distinções, se os deuses lhe concedessem a vitória. Deixou de lado as conjeturas quando o guerreiro apontou para cima e disse:

– Logo acima de nós fica a antecâmara imperial. Aqueles que você solicitou que se reunissem para uma cerimônia de coroação legal já aguardam no interior do salão de audiências. Todos os preparativos estão sendo feitos e seu povo aguarda sua presença.

Mara se preparou mentalmente. Acenou para dispensar a criada chamada do Bairro Imperial, que se movera por entre as fileiras de guerreiros para um último retoque em suas roupas. O vestido que usava não tinha como não estar todo amassado, depois de ter sido retirado do sótão onde estava guardado. Pertencera à última

Imperatriz viúva, uma mulher mais forte do que Mara, mas era o que havia de mais próximo do verde dos Acoma por ali, então teria de servir. Costuras feitas às pressas pressionaram a cintura e alfinetes prenderam a comprida bainha. Mara sentiu-se apertada como se fosse uma almofada de agulhas. Os pesados tecidos esfolaram as feridas causadas pela armadura e o pó de arroz nunca poderia ocultar todos os arranhões sofridos durante a fuga através da floresta.

Sentindo-se nitidamente masculina debaixo de um disfarce cheio de frescuras, disse:

– Quando eu sair deste túnel, os Mantos Negros vão perceber que algo está para acontecer.

Os magos inclinaram as cabeças.

– Não poderíamos estar mais bem preparados para eles.

Mara tentou fortalecer sua determinação, que parecia diminuir a cada minuto.

– Então tragam-me Arakasi. Vou conversar com ele antes da jogada final.

Era ainda desconcertante para a Senhora a rapidez com que os magos transformavam um mero desejo em uma ordem. Mal tinha terminado de falar e seu Mestre dos Espiões já se encontrava diante dela, mais mal-humorado do que nunca.

Arakasi apareceu vindo de onde fora arrancado pelo feitiço, com a cara virada para o chão de terra. Ao contrário das criadas imperiais que haviam sido convocadas mais cedo por artes mágicas para cuidar das roupas de Mara, o Mestre dos Espiões não se perturbou. Suas sobrancelhas erguidas logo deram lugar a um ar sisudo que imediatamente se suavizou assim que olhou em volta e percebeu a presença dos cho-ja. Em seguida, fixou-se em sua Senhora, quase irreconhecível nas vestes estatais imperiais. Então, de pronto, Arakasi ajoelhou-se numa reverência.

– Minha Senhora. – Se no passado sua voz teria sido

inexpressiva, denotava agora um trêmulo tom de alegria. – Fico contente por vê-la bem.

– Levante-se – ordenou Mara. Ela ficou o mais próximo de rir que o nervosismo lhe permitiu. – Justin ainda não usa a coroa e não mereço essa reverência. É um costume que dispensarei, se nossos planos correrem como esperamos. – Olhou através da escuridão para o Mestre dos Espiões, de quem sentira muita falta, e, embaraçado com a avaliação, Arakasi baixou a cabeça, sem graça.

– Você está vestido como um lacaio de limpeza! – exclamou Mara.

O Mestre dos Espiões reagiu com um largo sorriso.

– Que melhor forma de espiar um superior sem atrair as atenções, minha Senhora? – Enrugou o nariz. – Se bem que preferiria presenciar o casamento e a coroação de Justin num traje que não estivesse tão duro de poeira.

Tanto a Senhora quanto o Mestre dos Espiões se acalmaram, pois a pressão dos acontecimentos exigia sobriedade.

– Os sacerdotes de todas as Ordens estão reunidos – afirmou Arakasi. – Alguns podem vestir trajes pouco apropriados, já que foram retirados diretamente da cama. Assim que tivermos a honorável presença de todos eles no grande salão de audiências, os descontentes não poderão sair. Segundo Chumaka, está na lei que a pretensão de Justin pode ser contestada se um Sumo Sacerdote não estiver presente. Trazer para cá a Irmandade de Sibi foi a tarefa mais complicada... nem mesmo o Sumo Sacerdote de Turakamu se mostrou disposto a contatá-la.

– Como foi que conseguiu? – perguntou Mara.

– Na falta de alternativas, só me restou ir eu mesmo ao templo. Permitiram que eu vivesse o tempo suficiente para lhes explicar o que me levava a fazer o que poucos homens haviam ousado. – Arakasi sorriu vagamente ao se lembrar. Seria talvez o único suplicante, em séculos, a entrar no Templo de Sibi sem ser

convidado, e sem dúvida o único a sair com vida. – Os templos, desta vez, apoiam sua causa, pois a alternativa os deixaria ainda mais submetidos à Assembleia. Mas os sentimentos podem mudar se a ordem civil não for rapidamente restaurada. Não teremos uma segunda oportunidade. Os Grandes estão em toda a cidade. Mais de uma dúzia vigia as entradas do palácio, pois estão convencidos de que irá esconder sua chegada em meio à confusão.

Mara mostrou instintivamente um olhar severo.

– Eles entraram numa cidade sob ameaça de guerra civil e nada fizeram para reprimir o cerco dos Omechan?

Arakasi ficou carrancudo.

– Na verdade, não. Na minha opinião, renunciaram à habitual insistência na paz em favor das próprias preocupações. – Fitou com dureza a pequena mulher que parecia um tanto abafada sob o peso das túnicas imperiais. – Não faço ideia do que conseguiu no Sul, mas me arriscaria a adivinhar, minha Senhora, que os Mantos Negros aprenderam a temê-la.

– Não a mim – corrigiu Mara, envergonhada. – A eles.

O gesto abarcou os dois magos que estavam posicionados como sentinelas de ambos os lados.

Arakasi observou os estranhos companheiros de sua Senhora, arregalando os olhos diante do esplendor das asas multicoloridas.

– Não sabia que sua espécie podia ser tão bela – disse ele, com reverência e espanto.

Os magos de Chakaha ignoraram educadamente o elogio humano. O da esquerda dirigiu-se a Mara:

– Boa Serva, o perigo aumenta enquanto falamos. Há guerreiros humanos entrando nos túneis sob as ordens dos Grandes, tentando obter informações sobre seu esconderijo.

– Onde? – quis saber Mara, lembrando-se da colmeia destruída de onde escapara por pouco. – Houve derramamento de sangue?

– Ainda não – respondeu o segundo mago. – Os guerreiros

obedecem às instruções da Assembleia para não lutar se não houver resistência. E os cho-ja não vão combater até que não haja alternativa. Por ora, abandonam as colmeias invadidas, deixando muitas galerias e túneis vazios, para que sejam infrutiferamente vasculhados na escuridão. Os exércitos humanos progridem muito lentamente. Neste momento, concentram suas buscas no Sul, perto das terras onde nasceu. Mas as buscas vão ser ampliadas logo. Os Grandes não são idiotas.

– Então está na hora – disse Mara, espantando os presentes com o que pareceu uma força corajosa. – Vamos avançar.

Os magos reagiram com um sinal em resposta à sua palavra. Um grupo de trabalhadores marchou para a extremidade do túnel e começou a escavar para cima. Caiu terra no chão e depois pedaços de argamassa e piso. A luz penetrou na escuridão, amarela e clara, vinda da claraboia abobadada no alto da antecâmara imperial.

Um cho-ja enfiou a cabeça pela abertura. Zumbiu uma curta comunicação, o que levou o mago à esquerda de Mara a falar:

– Não há inimigos na antecâmara. Seu esposo e seu filho a aguardam. – Depois fez uma pausa, um tanto hesitante. – Senhora – entoou –, desejamos sorte e muita coragem. Mas aja rápido. Nossos feitiços não conseguirão atrasar indefinidamente os Mantos Negros. A Senhora tem pouco tempo para obter tudo o que necessita; depois virão o caos e uma reação devastadora das forças contrárias. Queremos que saiba que, se a Senhora fracassar ou se nós fracassarmos, foi para esta batalha que fomos enviados de Chakaha. Somos mais do que sua defesa, Boa Serva; somos uma embaixada para trazer uma nova ordem.

Mara levantou os olhos para as estranhas feições dos magos, que se erguiam sobre ela com uma expressão que nenhum humano vivo poderia conhecer. Não escapou a Mara o fato de ambos terem desenrolado as asas em uma postura de combate, preparando-se para enfrentar o poder da Assembleia unida. A coragem que

demonstravam trouxe lágrimas a seus olhos.

– Quero que saibam, meus bons amigos, que, enquanto eu viver, não falharei com vocês. Venceremos... ou morreremos juntos.

Virou-se e olhou para a frente, antes que perdesse toda a coragem, dominada pela ideia dos perigos que enfrentavam. Ereta e tensa sob suas vestes cravejadas de ouro, a Serva do Império avançou para a abertura. Abriu caminho com passos pouco firmes sobre a terra caída e as pilhas de piso e argamassa. Discretamente, Arakasi colocou-se a seu lado para ajudá-la. Ela lhe deu um sorriso de agradecimento, grata por aquele toque humano depois de ter estado cercada de tantos cho-ja. Em seguida, já estava fora, ofuscada pela luz do sol do fim do dia e pelo clarão do esplendor de uma armadura dourada.

Prendeu a respiração. Havia cabelo ruivo saindo do elmo de ouro imperial; o cabelo ruivo de Justin, percebeu com um baque no coração. Já não parecia um garoto, vestindo os adornos de um Imperador. Mara ficou chocada ao compreender que estava na hora do casamento dele.

Deu um passo em falso quando o garoto lhe fez uma reverência, de filho para mãe, como era apropriado. Todo aquele brilho dourado pareceu errado; como se estivesse se curvando até o chão, do mesmo modo que no passado fizera perante Ichindar.

O garoto endireitou-se e deu um salto pouco cerimonioso.

– Mãe! – gritou, e correu para ela.

Mara esqueceu seus adornos e estendeu os braços. O filho, já mais alto e bem mais pesado, e com um aspecto impressionantemente adulto, envolveu seu pescoço com os braços e Mara percebeu que já não tinha de se curvar para abraçá-lo. Os ombros tinham começado a se alargar de um modo muito familiar. Era igual a Kevin, percebeu Mara: alto como o pai. Isso a abalou muito, mas logo recobrou a compostura.

Quando o filho recuou, fitou-a intensamente com olhos iguais aos

do pai bárbaro.

– Estou pronto, Boa Serva. A Princesa Jehilia nos aguarda.

Mara ficou sem fala. Já perdera dois filhos, Ayaki e o pequenino envenenado antes mesmo de nascer. Agora seu único filho vivo estava ali decididamente pronto para ceder a própria vida em prol de sua honra. O momento foi mais do que conseguiu suportar. E então o rosto de Justin se abriu num sorriso despreocupado que mais uma vez a fez lembrar-se do passado e do irresistível temperamento de Kevin.

– É melhor nos apressarmos – avisou o filho. – A Primeira Esposa do falecido Imperador continua tendo ataques de histeria e vai estragar toda a maquiagem.

– E Jehilia? Também está histérica? – brincou Mara.

Justin deu de ombros, como um típico garoto.

– Gritou muito. Fechou-se no quarto. Depois alguém lhe perguntou se preferiria se casar com um Omechan barrigudo de cabelo grisalho e ela deixou que as criadas entrassem para vesti-la.

A menina era sensata, pensou Mara enquanto se colocava ao lado de Justin e se preparava para entrar no grande salão de audiências. Arakasi permaneceu a seu lado, para ampará-la, e ninguém pareceu reparar que ele ainda vestia a túnica de um lacaio quando as portas entalhadas com ferro se abriram e os músicos iniciaram o toque de trombetas que anunciava a chegada do noivo.

Mara avançou com determinação, consciente de sua mão suada quando agarrou a de Justin. Pensou, ao passar pelas fileiras alinhadas de sacerdotes das Vinte Ordens Superiores, se os deuses a derrubariam devido a seu orgulho e à completa arrogância presunçosa que a fizera se atrever a colocar o filho no trono como próxima Luz do Céu, o nonagésimo segundo Imperador de Tsuranuanni. Mas o representante do Templo de Juran, o Deus da Justiça, não pareceu contrariado e o Sumo Sacerdote de Turakamu lhe deu um sorriso de encorajamento. Afastadas dos demais, atrás

do sacerdote do Deus Vermelho, havia três figuras de preto, as Irmãs de Sibi, a Deusa da Morte. Até aquelas figuras arrepiantes pareceram encorajar Mara com uma leve inclinação da cabeça. O Sumo Sacerdote de Jastur, o Deus da Guerra, bateu com o punho no peito para saudar Mara quando ela passou por ele e o golpe ressoou no precioso ferro de sua couraça.

Mara avançou mais um passo, então outro, redobrando sua confiança interior. Ao passar, os sacerdotes das Ordens Superiores ou Inferiores começaram a se organizar diante do dossel, em pares segundo a natureza dos deuses: os sacerdotes de Lashima, a Deusa da Sabedoria, se postaram ao lado dos de Salana, Mãe da Verdade; o sacerdote de Turakamu ficou ao lado das Irmãs de Sibi; enquanto o Sumo Sacerdote de Jastur se juntava ao Sumo Sacerdote de Baracan, o Senhor das Espadas.

À frente, no dossel imperial, uma menina loura com um véu cintilante de tecido dourado os aguardava. Jehilia, Mara reconheceu quando as aias lhe retiraram o toucado; a menina ainda tinha sardas por passar muito tempo brincando nos jardins imperiais. E, apesar de seu ar pálido sob a maquiagem e o pó de arroz, ela sorriu ao ver a Boa Serva.

– Que as portas sejam fechadas e o matrimônio cerimonial se inicie! – entoou um sacerdote de Chochocan, o Bom Deus, no ritual de abertura. Atrás dele e à sua direita, o Sumo Sacerdote de Tomachca, o Adorador das Crianças, iniciou uma oração silenciosa. Mara olhou para ele demoradamente, lembrando que o irmão menor de Chochocan era também conhecido como o Portador da Paz. Rezou para que também o fosse naquele dia.

Os dedos de Justin apertaram por uma última vez os de Mara quando ela o soltou para que assumisse seu lugar ao lado da Princesa. Mara colocou-se ao lado de Hokanu e, quando a cerimônia se iniciou, enfiou a mão na dele.

Havia uma grande agitação no Palácio Imperial. Os mensageiros passavam apressados e os criados se moviam com determinação pelos pátios numa pressa ansiosa para cumprir suas tarefas. Apoiado em seu cotovelo num peitoril, Shimone, da Assembleia, observou o empenho deles com um olhar profundo e inescrutável. Seu rosto estava mais austero do que nunca e, acima de tudo, ele estava ainda mais calado. Moveu ligeiramente a cabeça, chamando a atenção para toda aquela atividade pouco habitual.

Hochopepa, sentado em almofadas diante de uma mesa baixa e de uma bandeja já meio vazia de frutas açucaradas, reparou no gesto. O corpulento mago fez um aceno de reconhecimento e falou em voz baixa para que apenas Shimone conseguisse ouvir:

– Algo além das tarefas cotidianas está acontecendo. Conte cinco sacerdotes escondidos sob capuzes e, pelo cheiro que paira no ar, as cozinhas estão preparando um banquete. Tarefa estranha para uma cidade sob ataque.

Como se para realçar sua observação, uma pedra enorme lançada por uma máquina de cerco viajou pelo ar até se estilhaçar num pátio ali perto. Um cão vadio fugiu, ganindo. Hochopepa olhou através das frestas com os olhos estreitados.

– Aquelas malditas coisas começam a me irritar. Mais uma pedra assim tão perto e vou lá fora e... – Sua ameaça foi interrompida ao ser distraído por mais um bando de nobres vestidos de forma estranha que passaram apressadamente em frente à janela. – Já esperávamos uma afluência de Governantes se reunindo nos velhos salões do Conselho, mas todo este movimento parece significar um pouco mais do que isso.

Shimone se remexeu e se endireitou.

– É muito mais. Não vai ser possível impedir por muito mais tempo que Motecha entre em ação.

Hochopepa observou com melancolia os restos de sua refeição leve.

– Eu não demorarei muito tempo para entrar em ação – corrigiu, num tom levemente reprovador. – Acho que a Senhora já está pronta e que estamos perdendo nosso tempo nesta vigília.

Shimone não comentou. Ergueu as sobrancelhas e afastou-se da janela. Não querendo ficar para trás quando o mago mais alto e mais magro saiu a passos largos do quarto, Hochopepa levantou-se com dificuldade de suas almofadas e seguiu apressado em seu encalço.

Os criados envolvidos em inúmeras tarefas fugiram ou se prostraram com medo quando a dupla abriu caminho pela passagem. Apesar de os corredores do palácio serem um labirinto de construções acrescentadas umas sobre as outras ao longo de séculos, os Mantos Negros não precisavam de orientações. Avançaram sem enganos até uma porta pintada de vermelho com um brasão esmaltado. Não bateram e entraram logo no gabinete do Chanceler Imperial.

Dajalo dos Keda estava resplandecente com as insígnias de seu cargo e túnicas vermelhas e pretas em camadas, com bordas de ouro brilhando na gola e nos punhos. Seu enorme adereço de cabeça estava perfeito. Parecia sereno, apesar de pálido. Já o seu pessoal mostrava um ar menos tranquilo. O secretário a seu lado estava tremendo, atormentado pelo medo, enquanto o escravo mensageiro junto ao biombo se encolhia. A razão de tanto nervosismo era óbvia: as almofadas reservadas para audiências com petionários estavam todas ocupadas por meia dúzia de Grandes. Motecha andava de um lado para outro. Não parecendo nem um pouco satisfeito, levantou os olhos quando seus dois colegas entraram, mas prosseguiu o interrogatório que estava fazendo:

– Já se sabe alguma coisa dela?

O sujeito a quem se dirigiu não precisou ser citado.

– Nada, Grande.

Dajalo fez uma reverência aos dois recém-chegados e,

habilmente, como um talentoso cortesão, aproveitou o movimento para limpar discretamente o suor que se acumulara na testa. Endireitou-se, com um ar bastante formal. Se, como Chanceler Imperial, se sentia desconfortável na presença de tantos Mantos Negros, conseguia disfarçar muito bem.

Hochopepa passou por trás da imponente escrivaninha, pegou a almofada do chanceler que estava no chão e levou-a para o vão da janela, onde uma brisa refrescava o ar; a sala estivera cheia de gente durante toda a manhã e os criados estavam receosos demais para se aventurarem a abrir as cortinas. Hochopepa sentou-se. Retirou um doce de um recipiente de cerâmica ali deixado para os convidados e mastigou, parecendo sério demais para um homem com um rosto redondo e jovial.

– Ah, ela vai aparecer, sem dúvida – murmurou, com a boca cheia. – O Conselho Supremo está se reunindo neste momento e a Senhora dos Acoma não iria perdê-lo. Nunca houve ninguém como Mara no Jogo do Conselho.

– Exatamente – disparou Motecha, irritado. – Ela morrerá primeiro. Como ela desejar, assim que descobirmos seu paradeiro.

Shimone pareceu vagamente irritado ao dizer:

– Todos iremos morrer, é uma regra da natureza.

O Chanceler Imperial escondeu seu desconforto atrás de uma máscara estudada de cortesia.

Motecha fitou sucessivamente todos os rostos, mas não proferiu uma palavra. Seus colegas permaneceram imóveis. A suspeita de que Mara era culpada de ter descoberto alguns dos segredos mais bem guardados da Assembleia, segredos que para alguém de fora eram garantia de morte, parecia encher o ar com tensão. Nem sequer Hochopepa ou Shimone puderam negar que a disposição dos cho-ja em acolhê-la sugerira o pior: ela parecia ter semeado uma rebelião, uma violação do tratado que perdurara durante milênios. Por mais que Shimone e outros tivessem argumentado

convincentemente que a Serva do Império mereceria ser ouvida antes de lhe tirarem a vida, seus esforços, daquela vez, haviam sido em vão.

A Assembleia votara. A execução de Mara estava decidida.

Poucos ousariam agir sozinhos contra a Serva do Império, mas Tapek o fizera, e disso resultara o pior. Os Mantos Negros começavam a se assustar com a suspeita de que seu status privilegiado estava ameaçado. Agora havia assuntos mais críticos em jogo do que a imprudência de um Manto Negro irmão. Hochopepa e Shimone trocaram olhares de compreensão. Eles, à sua maneira, tinham nutrido admiração por Mara, que obtivera muita coisa boa para o Império. Mas agora ela fora longe demais. O mago corpulento sentia-se esgotado com o conflito: sua lealdade para com a Assembleia e os votos jurados quando vestira o Manto Negro se opunham ao fascínio por ideias novas, muitas delas instigadas pelas heresias que o bárbaro Milamber partilhara com ele.

Hochopepa valorizava o legado de sua amizade com Milamber. Ao longo dos anos, o Manto Negro nascido tsurani empregara cada vez mais suas artes em prol do povo. Agora que pairavam mudanças grandiosas demais até mesmo para sua mente progressista, Hochopepa desejou ter mais tempo. Ansiava por conseguir escolher com convicção um rumo para seguir: trabalhar com a facção de Motecha para que Mara fosse destruída de imediato ou abraçar as reformas dela e ponderar sobre o impensável após a votação da Assembleia: opor-se à resolução dos magos e até, talvez, salvar a vida de Mara.

De repente, Shimone deu um passo longo e rápido na direção da janela. Acompanhou o movimento lançando um olhar penetrante para Hochopepa, que engoliu seu doce mais depressa do que pretendia.

- Também está sentindo – disse o mago gordo a Shimone.
- Sentindo o quê? – interrompeu Motecha.

E também ele silenciou quando percebeu o que alarmara os outros.

Um frio progressivo impregnou o ar; não apenas o frio de uma sombra, tampouco a sensação úmida gerada pelo desconforto. Todos os magos presentes reconheceram o inconfundível e subliminar formigamento de magia poderosa.

Shimone colocou-se como um cão em posição de alerta.

– Alguém está gerando defesas! – anunciou num tom bem articulado.

Hochopepa se ergueu desajeitado.

– Nenhum Manto Negro está lançando este feitiço.

Sua constatação surgiu com relutância, como se desejasse profundamente anunciar o contrário.

– Os cho-ja! – gritou Motecha. Seu rosto ficou roxo. – Ela trouxe magos de Chakaha.

O caos se abateu sobre o pequeno cômodo quando os outros Mantos Negros se levantaram. As expressões de todos, sem exceção, eram atordoadas. O Chanceler Imperial foi obrigado a se encolher no vão atrás da escrivaninha para se manter longe do alcance deles, mas ninguém prestou atenção a seu desconforto.

– Mara vai morrer por isto! – prosseguiu Motecha. – Sevean, chame reforços imediatamente.

Nem mesmo Hochopepa contestou tal ordem.

– Depressa – disse para chamar Shimone e, enquanto o sentimento de afronta dos magos reunidos se transformava em raiva em ebulição, o mago gordo e seu companheiro elegante foram os primeiros a sair pela porta.

O corredor estava vazio. Até os criados tinham fugido.

– Não gosto nada disto. – As palavras de Hochopepa ecoaram pelo teto abobadado da ala vazia. – Na verdade, tenho a nítida sensação de que não foi apenas o Conselho Supremo que procurou se reunir de forma não autorizada.

Shimone não fez comentários e pegou seu dispositivo de teletransporte. Ativou-o e desapareceu.

– Humpf! – exclamou Hochopepa frustrado. – Dizer para onde foi não seria perda de tempo!

A voz de Shimone respondeu do ar:

– Você quer dizer então que há alguma escolha?

Incomodado por de repente o cinto de sua túnica lhe parecer apertado demais, Hochopepa apalpou a roupa até descobrir o bolso. Agarrou o dispositivo de teletransporte e ativou-o no exato momento em que Sevean, Motecha e os outros se punham a gritar na antecâmara do gabinete do Chanceler Imperial. Assim que desapareceu do corredor, Hochopepa sentiu seu último pensamento desconcertante ser interrompido pela desorientação de seu transporte. Afinal, que grupo executaria Mara? Ele e Shimone, que agiam apenas com o objetivo de preservar a Assembleia, ou os outros, liderados por Motecha, que ansiavam por vingança?

– Ela nos fez de idiotas, e pior!

A voz de Sevean ecoou antes mesmo de Hochopepa mudar de localização.

Pior do que isso, concluiu o mago gordo quando reapareceu, sem fôlego, sob o esplendor do sol no pátio do lado de fora do salão de audiências imperial. Mara trouxera outro poder para combater o poder absoluto e agora algo mais grave do que uma guerra civil poderia destroçar o Império.

O pátio também estava deserto. As árvores floridas que limitavam a muralha e o acesso à ampla escadaria estavam calmas em pleno meio-dia. Não havia pássaros voando nem insetos amontoados ao redor das flores. O estrondo dos exércitos que se lançavam sobre as muralhas e a incessante explosão de pedras lançadas pelas máquinas de cerco pareceram distantes e vagos. Se o ruído era inconveniente, nenhum dos Mantos Negros se daria ao trabalho de se rebelar contra isso.

Os guerreiros que defendiam o Bairro Imperial estavam ocupados demais com as muralhas, não percebendo a tempestade iminente que em breve arrebentaria sobre o salão de audiências.

Shimone permaneceu no centro da praça, com a cabeça levemente inclinada.

– Aqui – mostrou –, a proteção começa aqui.

Nada naquele ambiente de meio-dia parecia ser minimamente arcano.

– Você consegue romper? – ofegou Hochopepa. Deu uma olhada, concentrado, e estendeu ao máximo seus poderes. Detectou por fim um leve reflexo que poderia ser devido ao calor; só que, ao olhar diretamente para lá, o fenômeno desapareceu. Apalpou um bolso, retirou de lá um lenço e limpou a testa encharcada de suor. – Se é uma defesa, não parece muito substancial.

Shimone reagiu com um ar de profunda reprovação:

– Então, tente ultrapassá-la.

Hochopepa ampliou seu poder e de repente arregalou os olhos quando um arco-íris brilhante surgiu no ar à sua frente. Como se tivesse sido varrido para o lado sem esforço, o poder de sua magia se dissipou ao longo da barreira gerada pelos cho-ja. Hochopepa escancarou a boca de espanto. E então um pedaço perdido de rocha vindo de fora desceu com um silvo em direção à sua cabeça. Recuperou a postura e desviou-o tão descontraidamente como um homem poderia se livrar de uma mosca. Durante todo o tempo, sua atenção permaneceu focada nas proteções tecidas pelos cho-ja.

– É assim tão forte, hein? Fascinante. Uma obra de arte muito sutil. A forma como deixa sondar e depois suga as energias e as junta com as suas...

Imerso em análises eruditas, só muito tarde despertou para o fato de os magos cho-ja terem evoluído consideravelmente em seus talentos desde que o tratado os proibira de realizar magia.

– Isto é inquietante.

– Bastante. – Shimone optou por não desenvolver seu raciocínio, pois atrás dele tinham chegado outros magos à praça central. Juntaram-se outros mais ao grupo que estivera de vigília na sala do Chanceler Imperial. Eram já doze e o número continuava aumentando. – Agora não é possível outro argumento além da força – constatou, com tristeza, Shimone.

Motecha aproveitou a deixa:

– Temos de incendiar este palácio até as bases! Reduzir até a imbecilidade todas as mentes que ousaram instigar a rebelião contra nós!

Sevean deu um passo à frente.

– Não concordo! Derrubar estas defesas não aprovadas, sim, isso é necessário. Temos também de destruir os magos cho-ja que violaram o tratado e executar a Senhora Mara. Mas destruir o Palácio Imperial? Isso é excessivo. Podemos estar acima da lei, mas ainda assim respondemos perante os deuses. Duvido que o Céu aprove que os sacerdotes de todas as Ordens do Império pereçam junto com Mara.

– As Ordens Sagradas podem ser cúmplices! – acusou um dos Mantos Negros recém-chegados.

– É verdade – interrompeu Shimone. – Ou podem ter sido obrigados, pela força, a comparecer. É melhor ouvirmos as justificativas antes de atacarmos com violência a santidade deles.

– Então, que sejam apenas as defesas – concluiu Hochopepa. Coçou seu cinto apertado e limpou-se com o lenço ensopado. Apesar de aparentar grande determinação, tinha um olhar perturbado. – Temos de rompê-las sem colocar em risco as vidas dos que estão dentro do salão de audiências.

Os magos se juntaram em silêncio, como aves necrófagas que contemplam os despojos de um campo de batalha. Imobilizaram-se, em corpo e em mente, e o ar pareceu de súbito abalado por uma vibração profunda e subliminar quando uniram seus esforços. O céu

escureceu, apesar de não ter surgido nenhuma nuvem. O jardim do pátio perdeu a claridade, parecendo tomado por uma tonalidade esverdeada.

– Agora! – gritou Motecha.

O poder lançou-se de cima para baixo, brilhando como um relâmpago, um raio crepitante que pareceu dividir o céu em dois. Atingiu seu alvo num estouro de faíscas violeta, mas a defesa deteve o poder, fazendo-o deslizar ao longo da curvatura de sua superfície e depois o absorvendo. O calor voltou para trás numa onda abrasadora. As fachadas de pedra dos edifícios em frente estalaram e se tornaram pretas. As árvores ficaram chamuscadas e uma fonte ornamental ferveu até secar numa nuvem de vapor.

Incólumes àquela reação, protegidos pelas próprias defesas, os magos reunidos trocaram olhares sombrios de espanto. Uniram-se para uma segunda investida. Um arco-íris de energia caiu em cascata sobre a barreira dos cho-ja e explodiu numa opacidade negra.

Então os magos da Assembleia aumentaram a força do ataque. Faíscas saltaram e voaram e ouviu-se um trovão. Do céu, choveu fogo e depois descargas de uma força incandescente.

– Prossigam com o ataque – gritou Sevean. – Não poupem esforços. As defesas irão enfraquecer em algum momento.

Ventos uivaram e fogos brilharam. A terra tremeu e o piso estalou quando se abriram fendas no pátio. A bolha protetora de feitiços que selava o salão de audiências pareceu se deformar e encolher um pouco.

– Sim!

Motecha redobrou seu esforço. Relâmpagos riscaram a superfície invisível e os ventos levantados pelas forças agitadas gritaram em volta dos pináculos do Bairro Imperial como se fossem o uivo de demônios libertos.

Um dos Mantos Negros com menos poder caiu no chão. Os

demais se mantiveram firmes, agora com uma certeza: com o tempo, as defesas iriam ceder. Nenhuma proteção mágica conseguiria suportar por muito tempo uma investida tão concentrada. Enquanto o poder pressionava e fendia e as rajadas de fogo abafavam até o ruído dos exércitos que tinham montado o cerco do lado de fora das muralhas, a Assembleia de Magos mergulhou em seus feitiços. Sua fúria coletiva tinha apenas um objetivo: romper a proteção do salão de audiências imperiais, sem se importar com quantas vidas isso iria custar, nem que fossem as deles.

As claraboias altas e abobadadas do salão de audiências imperial ficaram escuras. Mergulhados repentinamente na escuridão, os cortesãos e sacerdotes ali reunidos se agitaram nervosos em seus lugares. A única iluminação que restara era lançada pelas lamparinas acesas em honra dos Vinte Deuses Superiores que se agitavam freneticamente. Sob o dossel, o sacerdote de Chochocan que presidia a cerimônia do casamento imperial perdeu-se em suas falas. O estrondo de um trovão nas imediações abalou as paredes. Enquanto muitos no salão tremiam, mais de um sacerdote fez gestos para se resguardar do descontentamento divino. Então a voz de Justin se sobrepôs aos primeiros murmúrios de agitação.

– Prossiga – declarou com clareza.

Mara sentiu uma forte pontada de orgulho no coração. O garoto se tornaria um excelente Governante! Em seguida mordeu os lábios; primeiro, ela teria de sobreviver à cerimônia de casamento e à coroação.

A Princesa Jehilia, ao seu lado, estava lívida de medo. Esforçava-se para manter o queixo erguido, como era esperado de alguém da realeza, porém, mais do que tudo, o que desejava era esconder-se atrás de seus véus. Justin agarrou a mão dela com força, numa tentativa desesperada de acalmá-la.

Afinal de contas, eram apenas crianças.

O chão se agitou com mais um abalo. O sacerdote de Chochocan olhou em volta, como se procurasse um abrigo seguro. Mara se apurou, preparada para intervir, embora fosse um risco fazê-lo. Não jogaria tudo fora por causa de um sacerdote assustado. A santidade dos sacerdotes ficaria provavelmente ressentida se houvesse mais pressões de sua parte. Se os pressionasse demais, poderiam confundir suas motivações com ambição e declarar que o casamento de Jehilia ia contra o desejo divino.

O tempo era curto e as circunstâncias, perigosas demais para que pudesse se justificar detalhadamente. Afinal, só dispunha de provas circunstanciais de que o ataque às defesas dos cho-ja eram efetuados por homens mortais que, por acaso, eram magos, e que a determinação que os movia era igual à de qualquer Governante mortal que matava por ganância e sede de poder.

O som vindo de fora cresceu quando mais um ataque arcano investiu contra as defesas. Arco-íris de luz fraturada se infiltraram através das claraboias, inundando a câmara de cores sobrenaturais. O desconforto de Mara se intensificou quando os sacerdotes e os nobres presentes começaram a mexer os pés. O velho Frasai dos Tonmargu tremia intensamente, talvez prestes a perder o controle. O apoio veio de onde menos se esperava, quando o Sumo Sacerdote do Deus Vermelho abriu com dificuldade caminho até a primeira linha dos representantes dos templos reunidos em frente ao dossel imperial.

– Irmão – disse ao hesitante colega sacerdote –, no final todos pertencemos a Turakamu. Se os deuses estivessem irritados, já teríamos sido derrubados. Meu deus permanece em silêncio em meu íntimo. Por favor, prossiga com a cerimônia.

O Sumo Sacerdote de Chochocan assentiu. Lambeu o suor acumulado no lábio superior, inspirou profundamente e sua voz poderosa retomou as últimas frases do ritual.

Mara expirou de alívio. Ao lado dela, o Sumo Sacerdote de

Turakamu olhou para ela demonstrando compreensão.

– Aguarde, minha boa Senhora e Serva. Você tem aliados.

Mara respondeu com um ligeiro aceno. Tinha efetivamente aliados; muitos mais do que sabia. O ataque mágico poderia se intensificar, mas nem todos os sacerdotes ficariam com medo sem mais nem menos. As voltas e reviravoltas da política ao longo dos séculos haviam lhes ensinado a ser prudentes. Se fraquejassem agora, se o casamento de Justin não decorresse de acordo com a lei e se a subsequente coroação não se realizasse, a autoridade dos templos seria transferida à Assembleia. As Irmãs de Sibi permaneciam como criaturas do reino dos mortos, impassíveis diante da possibilidade de o Palácio Imperial desabar sobre suas cabeças.

Efetivamente, qualquer influência e poder divino caído nas mãos de mortais era um rumo perigoso, que convidava à fúria dos deuses, que lançariam então pragas sobre a humanidade, o que faria a ira de uma Assembleia exaltada não passar de uma brincadeira de crianças.

A resposta de Justin ao ritual seguinte ecoou vigorosamente, sobrepondo-se ao ruído de mais um ataque. Soaram trovões, num estrépito aparentemente interminável. Uma conta decorativa soltou-se do trono imperial e pulou pelos degraus do dossel piramidal. O cristal das claraboias rachou e cacos caíram reluzindo à luz das lamparinas até se estilhaçarem no chão de mármore.

Felizmente, ninguém se machucou.

Mara fechou os olhos. *Aguentem, meus filhos*, implorou. A mão de Hokanu apertou ainda mais a dela.

Mara reagiu com um vago sorriso caloroso quando Jehilia respondeu ao sacerdote. A Princesa estava calma e envergonhada, como era apropriado à sua posição; mesmo se aconchegando a seu novo marido, manteve a pose nobre. Sua postura permaneceu ereta quando as gaiolas de vime com as aves rituais do casamento foram erguidas para a bênção. As portas de junco foram solenemente

cortadas pela faca do Sumo Sacerdote.

Mara mordeu o lábio, detendo as lágrimas, quando o casal de aves lá dentro abriu as asas para aproveitar a dádiva da liberdade. *Voem, desejou a ambos, voem bem alto e se acasalem. Encontrem a felicidade.*

O presságio das aves em seu primeiro casamento fora desfavorável. Do fundo do coração, desejou que aquele fosse diferente. Ela e Hokanu poderiam não conduzir suas vidas em função dos presságios e das tradições, mas ali estavam sacerdotes anciãos que o faziam.

Os pássaros saltaram para o alto no exato momento em que outro relâmpago rasgou o ar. Bateram as asas assustados e, unidos, apontaram para cima e para fora, através da abertura na claraboia rachada.

– Obrigado, deuses – murmurou Hokanu.

Sua mão apertou a de Mara, enquanto lágrimas jorravam dos olhos dela. Mara não conseguiu conter mais as emoções. Nem sequer reparou quando dois Brancos Imperiais com armaduras cerimoniais de Líderes de Forças Militares avançaram trazendo a capa com bordas douradas e pelo de sarcat: o manto do Imperador de Tsuranuanni, que colocaram sobre os ombros de Justin.

Apesar de já ser bem alto, o garoto pareceu perdido no meio daquelas vestes. Mara limpou os olhos e foi assolada por uma forte lembrança de Ichindar, igualmente magro, subjugado, afinal, pelo peso do cargo imperial.

Justin manteve a postura correta. Pegou a mão de Jehilia como se desde o nascimento fosse um galanteador e levou-a pelos degraus do dossel.

– É igualzinho ao pai – murmurou Hokanu com orgulho.

Acólitos cantando seguiram os recém-casados, juntamente com o sacerdote de Juran, que carregava a almofada dourada cheia de joias que sustentava a coroa imperial. A cantoria soou dissonante,

interrompida e parcialmente abafada pelo estrondo do contínuo ataque arcano lá fora.

Mas os estrondos eram cada vez mais espaçados.

Um pilar da parte de trás do salão estalou com um som parecido com o de um chicote. Mara levou um susto e obrigou-se a se concentrar por completo no quadro que se desenhava diante do dossel. Não podia ignorar os sinais de perigo iminente: o ambiente ficara mais quente. A balaustrada de madeira por baixo do dossel, onde os suplicantes se ajoelhavam diante da Luz do Céu, tinha o verniz descascando. O chão de pedra ficou quente o suficiente para estalar e os cortesãos começaram a saltar de um pé para outro à medida que o couro de suas sandálias deixava de protegê-los do calor cada vez mais intenso.

– Os magos cho-ja estão sob grande pressão – sussurrou Hokanu ao ouvido de Mara.

Soou mais um trovão, que sacudiu o salão. Houve sacerdotes estendendo a mão para amparar colegas e mais de um dos Sumo Sacerdotes que presidiam a cerimônia no dossel pareceu assustado. Com ar sombrio, mantiveram a compostura.

Mara viu o sacerdote de Lashima, Deusa da Sabedoria, dar um passo à frente para untar com óleo as têmporas de seu filho. Suas vestes foram empurradas para o lado e suas mãos tremeram. Grande parte do óleo se derramou sobre a barra intrincada do manto de Justin. Jehilia estava prestes a entrar em pânico, a mão já branca apertando a do marido. O sacerdote de Baracan se aproximou e ofereceu a Justin a antiga espada dourada do Imperador, que apenas voltaria a ser apresentada quando outro Imperador fosse coroado. Justin estendeu a mão e a colocou na lâmina sagrada, e Mara, angustiada, percebeu que os jovens dedos de seu filho tremiam.

Ela não podia pensar em fracasso! Irritada consigo mesma, ergueu o queixo e arriscou olhar para trás. Os magos cho-ja

continuavam ao lado da porta, mas já não estavam erguidos com suas magníficas asas bem elevadas. Tinham se agachado no chão, entoando feitiços de contra-ataque com um zumbido que parecia dissonante sob os estrondos surdos vindos do exterior. A força dos insetoides era enorme, mas o poder da Assembleia unida era superior àquilo que poderiam suportar indefinidamente. Por mais que fossem provocados ou ameaçados, a posição deles era bem clara. Ainda era Chakaha quem mandava. Sob nenhuma circunstância recorreriam à sua magia para atacar. Quando a última defesa caísse, a Assembleia teria liberdade total para lançar toda a sua ira sobre os presentes no salão de audiências.

Estranhamente, Mara não sentiu medo. Já se arriscara tantas vezes e já perdera tanta coisa que era como se a parte dela que poderia se apavorar com a perspectiva de uma morte horrível tivesse expirado aos poucos depois dos acontecimentos que a haviam atormentado em Thuril. Já não se importava com os riscos. Do alto de sua inabalável confiança, pareceu irradiar um poder sobrenatural. Até Hokanu começou a fitá-la com espanto. Ela mal notou. Recuou um passo em relação à fileira da frente dos participantes da coroação de Justin.

– Louve nossa nova Luz do Céu por mim – disse rapidamente – quando a coroa estiver finalmente em seu lugar.

Seu marido não escondeu a surpresa, ainda espantado com a postura de Mara, apesar de achar que nada em sua esposa ainda poderia surpreendê-lo.

– O que vai fazer?

Sua voz soou pretensamente firme. Ele também sabia que os magos que os defendiam estavam falhando.

Mara o encarou com uma expressão determinada.

– Um truque – murmurou. – O que mais nos resta?

Ele lhe fez uma reverência e sussurrou:

– Boa Serva.

Depois olhou espantado quando a viu se dirigir para a parte de trás do salão. Constatou que nunca iria esquecer aquele momento. Sempre amaria o espírito indomável dela, mesmo quando os feitiços da Assembleia derrubassem todas as defesas e todos fossem consumidos por chamas arcanas.

Mara não fez nada de extraordinário. Chegou às portas em arco do salão e se curvou respeitosamente diante de ambos os magos cho-ja. Eles estavam sob tanta pressão que só retribuíram com um ligeiro aceno. Deteve-se então ao lado das portas e tocou nos pulsos dos dois arautos imperiais que estavam posicionados de ambos os lados. Conversou brevemente com eles, enquanto Hokanu observava, espantado. O que estava fazendo? Os olhos dela se ergueram e cruzaram com os dele. *Fique atento à cerimônia*, pareceu dizer, repreendendo-o.

Ele deu ligeiramente de ombros e olhou para a frente.

O chão foi sacudido. No dossel, os cânticos dos sacerdotes prosseguiram sem harmonia, fora do ritmo, e, no entanto, sustentando-se teimosamente. Clarões brilharam através das cortinas fechadas. As defesas estavam cedendo. Estavam fracassando. O próximo golpe poderoso estilhaçaria todas as proteções.

A coroação estava quase completa.

– Salve! – gritaram os sacerdotes. Curvaram-se e nesse momento o chão foi sacudido por um estrondo atroz. – Salve!

A coroa foi erguida pelo Sumo Sacerdote de Chochocan, que proferiu a bênção, agitado.

Um relâmpago fiscou. Uma pedra da claraboia abobadada caiu, batendo com estrondo no piso de ágata. A coroa escorregou dos dedos medrosos do sacerdote e caiu de lado na cabeça ruiva de Justin.

O ritual estava completo. O herdeiro dos Acoma, o filho de um escravo, vestia as insígnias imperiais de Tsuranuanni e nenhum

poder além do divino poderia retirar a autoridade que lhe fora outorgada.

– Salve! – gritaram os sacerdotes do concílio. – Salve, Justin, nonagésimo segundo Imperador e nova Luz do Céu!

As palavras se misturaram com o estrondo aniquilador de um trovão e Mara gritou aos arautos:

– Agora!

Reluzindo com o dourado de seus coletes cerimoniais e impulsionados por uma rajada uivante de vento, os arautos avançaram para as enormes portas, no mesmo momento em que os magos cho-ja se encolheram, e agarraram as argolas, escancarando as portas.

Diante de uma parede de Mantos Negros pronta para atacar, executaram suas reverências em perfeita sintonia.

– Salve a nova Luz do Céu! – louvaram em uníssono.

Pálidos, mas irredutivelmente firmes, se endireitaram. E aquele com a voz mais imponente falou:

– Grandes da Assembleia, escutem. Estão por este meio convocados para a Corte Imperial.

As fileiras dianteiras dos Mantos Negros se detiveram, atordoadas.

– Convocados? – guinchou o estupidificado Motecha. Tinha seu traje chamuscado e o rosto vermelho brilhando de suor. – Por quem?

Os arautos imperiais estavam bem treinados para permanecerem impassíveis diante de cortesãos intransigentes. Executaram reverências perfeitas e disseram:

– Pela Luz do Céu, Grande.

– O quê?! – Sevean avançou impetuosamente à frente, enquanto seus colegas se amontoavam logo atrás.

Os arautos mantiveram sua dignidade. Do alto do tablado do dossel, ao lado dos Sacerdotes Supremos, o Senescal Imperial anunciou:

– Justin, nonagésimo segundo Imperador!

Motecha gritou abobado. Sevean pareceu pasmo. Hochopepa, por uma vez na vida, ficou mudo, e até o austero Shimone não pensou em cuidar do assunto com magia, quando viu todos os outros homens e mulheres no salão se curvarem diante do novo monarca.

Entre as formas dos dois magos exaustos de Chakaha que se ergueram lentamente, Mara conteve a alegria. Os arautos tinham se comportado de modo admirável. A confiança deles parecera tão irrepreensível que nem mesmo os Grandes pensaram em questionar aquilo que estava implícito: as defesas dos aliados de Mara não haviam se esgotado devido à exaustão e as proteções não tinham de fato caído. Ao contrário, tinham sido deliberadamente baixadas.

– Já não nos resta poder – sussurrou o mago de Chakaha à esquerda de Mara numa frequência quase inaudível.

Mara acenou com a mão de modo tranquilizador.

– Este é o Grande Jogo – murmurou. – Agora, temos de jogar ou morrer.

Imperador

Os Mantos Negros ficaram boquiabertos.

Com suas armaduras douradas, os Brancos Imperiais que flanqueavam a entrada para o salão de audiências permaneceram extremamente atentos. Não havia à vista guerreiros com as cores dos Acoma ou dos Shinzawai – o que surpreendeu os magos.

Eles tinham previsto o fim de uma luta, com soldados triunfantes guardando seus futuros superiores até que chegasse a hora de os vencidos lhes jurarem lealdade. No passado, as disputas relativas a sucessões tinham sido resolvidas assim. Mas a Boa Serva não recorrera àquela tática para obter seu triunfo.

Ninguém avançou às pressas para se prostrar e implorar a misericórdia dos Mantos Negros, suplicando por uma reviravolta para reverter o golpe de Mara. Pelo contrário, os magos à frente repararam que qualquer desconforto evidente nos rostos dos que os saudavam se tornara ainda mais claro pela chegada deles. Todos os presentes pareciam envolvidos em uma conspiração para alcançar o objetivo de Mara.

Tambores rufaram, sufocando o pedido de silêncio lançado por Motecha, que acenava em vão com os braços, enquanto colegas de ambos os lados pareciam descontentes com o floreio de trombetas e trompas que soava por toda a cidade num estrépito que não era ouvido desde a morte de Ichindar. As notas até abafaram o baque

das pedras lançadas pelas máquinas de cerco. Não muito distante dos magos da frente, Hochopepa se inclinou para falar com Shimone:

– Os criados devem ter ficado horas aqui cuidando dos preparativos.

Embora suas palavras tivessem sido discretas, Sevean acabou escutando.

– Você quer dizer que houve um grande planejamento.

Shimone encarou o colega com um olhar que dissimulou seu desdém.

– Dentre todos os Governantes das Nações, Mara dos Acoma foi a única que nunca obteve *nada* sem um plano.

O toque de trombetas se extinguiu, dando lugar ao silêncio.

– Vocês estão convocados – repetiram os arautos imperiais, recuando para facilitar o acesso dos magos.

Um longo corredor se abriu entre as fileiras de cortesãos e oficiais que esperavam lá dentro. Motecha, carrancudo, apressou-se a seguir em frente, com os outros magos se amontoando logo atrás. Todos ficaram olhando. O conjunto de personagens reunidos na ponta do salão formava uma visão impressionante.

Na base do dossel imperial, os Sumos Sacerdotes e Sacerdotisas dos Vinte Deuses do Céu Superior e dos Vinte Deuses do Céu Inferior ali estavam com todas as suas insígnias. Apenas a coroação ou a morte de um Imperador originaria tal convocação. Adereços de cabeça altos e curvados enquadravam seus rostos, refletindo os vernizes, as pedras preciosas e o metal raro. Auxiliando cada um deles havia dois acólitos, que ostentavam os símbolos cerimoniais do cargo que cada templo estava autorizado a mostrar. Também estes tinham gemas embutidas nas vestes ou haviam se enfeitado com anéis de metal e flâmulas de seda. Somente as Irmãs de Sibi não ostentavam ornamentos; sua aparência negra e característica contrastava com a exuberância de plumagens e adornos. A

comunidade de templos estava representada na íntegra. Uma delegação de 120 membros das Ordens sagradas de todas as divindades significativas do Império constituía um quadro impressionante.

Os Grandes não conseguiram disfarçar seu profundo espanto.

Hochopepa avançou sem ser percebido para mais perto de Fumita e Shimone, reagindo à evidente demonstração de apoio dos templos às intrigas de Mara. Embora um único sacerdote, por si, não pudesse enfrentar nenhum mago com seu poder bruto, os Sumos Sacerdotes de Turakamu e Jastur, assim como as Irmãs de Sibi, impunham respeito, mesmo aos Grandes. Os encantamentos tinham mantido incólume o salão de audiências, apesar do poderoso esforço da Assembleia. Hochopepa não era tão irreverente em relação à vontade dos céus a ponto de menosprezar a força da proteção divina.

Percebeu que era necessária cautela.

Fumaça de incenso rodopiava pelo ar. O chão de mármore polido refletia a poeira do estuque caído e do vidro triturado das claraboias estilhaçadas. Tais sinais de violência não serviram para distrair os magos de outros detalhes conforme se aproximavam do dossel: duas gaiolas de junco vazias engrinaldadas com fitas do branco imperial; o tapete abaixo dos dois tronos cheio de véus, recentemente retirados pela noiva seguindo as regras do ritual, de acordo com os ritos ancestrais da cerimônia matrimonial dos tsurani.

Assim que a consternada delegação de Grandes se aproximou da balaustrada dos suplicantes diante e abaixo do dossel, um arauto imperial bateu três vezes no chão com um bastão guarnecido de bronze, anunciando:

– Justin, nonagésimo segundo Imperador!

A guarda de honra real com armaduras douradas se ajoelhou respeitosamente quando um rapaz com túnicas reluzentes se levantou do trono. Os nobres ali reunidos se ajoelharam

imediatamente. O garoto não pareceu intimidado; tinha os ombros aprumados e o queixo empinado apesar do peso de sua armadura dourada e da enorme coroa do cargo entalhada e incrustada de topázios. A seu lado, via-se Jehilia, já não Princesa, mas sim Imperatriz por direito, com o aro de diamantes de seu cargo encaixado sobre seu adereço de cabeça nupcial. Quando os magos se detiveram, Justin ergueu a mão na direção de sua esposa. Ela se levantou e posicionou-se ao lado dele.

Motecha ficou lívido. Ao seu redor, alguns magos se curvaram na reverência que um Grande por norma dirigia à Luz do Céu. Shimone, Fumita e Hochopepa estavam entre os primeiros a reconhecer devidamente o Imperador e sua noiva, enquanto outros Mantos Negros discutiam, estarecidos.

Por fim, Motecha recuperou a fala:

– Que palhaçada é esta?

O Sumo Sacerdote de Juran avançou, profundamente incomodado.

– Viemos prestar honras à nova Luz do Céu, Grande. – Depois acrescentou com veemência: – Como é o dever de qualquer homem.

– E que direito tem este... garoto de reclamar o governo do Império? – gritou Sevean.

Então apontou o dedo para Justin, mas seus olhos procuraram a Senhora Mara, que se deslocara para a base do dossel, entre os sacerdotes, com um traje tão esplêndido quanto o do filho.

Ela não se dignou responder e permitiu que o Sumo Sacerdote de Juran falasse em seu lugar:

– Justin tem sangue imperial, pois sua adoção pela família de Ichindar se formalizou quando sua mãe foi nomeada Serva do Império. – Dito isso, o sacerdote se curvou respeitosamente diante de Mara. – Ele é o marido escolhido pela Imperatriz Jehilia, herdeira direta de Ichindar, e a cerimônia matrimonial há pouco concluída foi consagrada pela Consorte Imperial, a Senhora Tamara. Tudo foi feito

de acordo com as leis do homem e da suprema Lei do Céu. Apesar de um tanto apressado, o casamento respeitou estritamente a tradição.

Sendo um dos mais fervorosos tradicionalistas, o Senhor Setark dos Ukedabi abriu caminho por entre os Grandes através das portas duplas, que haviam permanecido abertas. Ele e seu exército tinham continuado a postos dentro da cidade, prontos para ajudar Jiro caso os Omechan falhassem em seu ataque às muralhas. Escutara com raiva os protocolos proclamados pelo sacerdote e então levantou a voz, irado:

– O Conselho Supremo não ratificou esta escolha!

Sacerdotes e magos se encararam mutuamente num confronto incômodo. Com a explosão do Senhor Setark, uma tensão redobrada preencheu a atmosfera e agora as linhas estavam traçadas: reconhecer Justin como nova Luz do Céu ou recorrer à força das armas para que os nobres mais poderosos tentassem conquistar o poder através de um banho de sangue.

Como as muralhas estavam sendo atacadas pelos Omechan, a catástrofe da segunda opção seria imediatamente sentida. E a serena maioria dos magos ainda estava relutante em se envolver na política. Não pertenciam ao Grande Jogo do Conselho; estavam acima dele.

Akani avançou, agitando seu manto negro, cujo movimento contrastou com o cenário paralisado. Colocou-se ao lado de Motecha e falou com sua voz de orador:

– A ideia da necessidade de uma ratificação é controversa. Segundo os registros, o Conselho Supremo foi dissolvido pela nonagésima primeira Luz do Céu e, apesar das repetidas petições, *nunca mais foi reunido*.

O Sumo Sacerdote de Chochocan fez uma profunda reverência, que se revelou igualmente polida e firme, e declarou:

– Os termos foram respeitados. A sucessão está estabelecida.

Justin dos Acoma é a nonagésima segunda Luz do Céu e os próprios deuses são seus juízes. Sua ascensão ao trono dourado deve ser respeitada e os templos expulsarão sob acusação de heresia quem quer que se atreva a perturbar seu governo. – Olhou diretamente para Motecha antes de prosseguir: – Mesmo que se trate de um Grande.

O ar ameaçador de Motecha se acentuou:

– Como se atreve?!

Então se ouviu uma voz que mais parecia um grito de dor, ferindo os ouvidos de todos:

– Não ouse nos desafiar, Grande.

Os mais receosos se encolheram, enquanto os mais corajosos se viravam na direção da figura misteriosa: a mais velha das Irmãs de Sibi, cuja voz ecoou das profundezas de seu capuz. Nenhuma luz revelaria suas feições – era sabido que as Irmãs acolhiam a morte dentro delas quando se juntavam à Ordem de sua deusa.

– Quer que libertemos nossos Dançarinos Loucos em sua Cidade dos Magos?

Inúmeros nobres estremeceram ao escutar a menção aos guerreiros que serviam a morte, cujo toque era fatal, enquanto saltavam e giravam até a morte reclamar a vida de todos.

O Sumo Sacerdote de Jastur bateu com o punho na couraça de metal.

– E está disposto a enfrentar meus sacerdotes guerreiros? Temos pouco a temer de sua magia, Grande, quando nosso deus é invocado como nosso escudo. Você é capaz de enfrentar nossos martelos de guerra impunemente enquanto esmagamos as muralhas de sua cidade?

Motecha se sentiu como um tsurani qualquer; crenças enraizadas desde a infância não desapareciam por completo mesmo tendo certeza de sua autoridade.

– Não discutimos a legitimidade do Imperador Justin – afirmou,

num esforço conciliatório. Seu tom denotou irritação enquanto, fazendo uma concessão, dobrou suas velhas costas na reverência antes evitada. Endireitou-se e apontou um dedo acusatório para a Senhora presente na base do dossel, cujas ações haviam escapado de todo e qualquer controle. – Senhora Mara dos Acoma – entoou –, fez pouco caso da tradição até seus atos se tornarem um fedor nas narinas de nossos antepassados. Escondeu-se por trás de seu cargo, manipulou indevidamente a opinião pública e lançou a confusão entre as fileiras da Assembleia, com o propósito de desrespeitar nosso decreto que a impedia de iniciar uma guerra com os Anasati. Seus exércitos os atacaram na planície de Nashika e o Senhor Jiro morreu pelas mãos de seu marido. Eu a considero culpada e, na qualidade de Grande do Império, estou autorizado a fazer aquilo que a Assembleia votou como o melhor para as Nações. Nossa classe está acima da lei! Seu filho será Imperador, e desejo que tenha uma longa vida e que governe sabiamente, mas não lhe será permitido permanecer como regente!

– Quem indica para o lugar de Mara? – questionou Shimone, em tom cáustico. – Os Omechan?

O comentário foi ignorado. Sem oposição dos colegas, Motecha ergueu bem alto sua mão. Energias verdes faiscaram ao redor da palma enquanto entoava algo numa língua áspera conhecida apenas pelos magos.

Hochopepa e Shimone se retraíram diante de suas palavras e Akani afastou-se rapidamente. Fumita gritou:

– Não.

Motecha continuou com seu feitiço, convicto de seu direito como Manto Negro.

A Senhora Mara ficou pálida, mas não se encolheu nem fugiu. As luzes do feitiço que Motecha gerava tremeluziram em frente a seu rosto, faiscando em seus olhos. Calmamente, ela murmurou algo inaudível aos presentes. E os lábios de Motecha se apertaram

quando, com desdém, comentou algo no meio de suas frases mágicas:

– As orações não a salvarão, Senhora. Nem sequer estes sacerdotes, por maiores que sejam os poderes utilizados para proteger este salão contra nossa entrada! Só os próprios deuses poderiam salvá-la, mas apenas eles têm esse poder.

– Os sacerdotes não participaram nas defesas! – retorquiu ela com clareza. – Pode lançar sobre mim seus feitiços, Motecha, mas escute este aviso: sua magia não machucará ninguém, muito menos a mim.

As feições de Motecha se distorceram de raiva. A Senhora nem sequer sentia medo! O fim dela seria doloroso, prometeu-se, enquanto inspirava profundamente para lançar a frase que libertaria seu feitiço da morte já invocado. O troco que Mara mais do que merecera era ser estripada ali mesmo.

Mara fechou os olhos, por fim alarmada com o perigo iminente.

– Não – entoou uma voz com uma ressonância que era tudo menos humana.

Seu tom causou calafrios em todos os presentes. De ambos os lados de Mara, invisíveis no lugar onde haviam se agachado atrás das envolventes vestes dos sacerdotes, duas figuras se ergueram sobre estes. Seus corpos exibiram motivos intrincados quando ergueram asas iridescentes com três metros e meio de altura que, ao abrirem, geraram um súbito deslocamento de ar. A majestade dos magos cho-ja fez com que o mais precioso traje imperial parecesse uma peça barata.

– Ninguém fará mal à Senhora Mara! – gritaram em uníssono as criaturas. – Ela está sob a proteção dos magos de Chakaha!

Fumita gritou com uma voz angustiada ao entender, estupefato, o que estava ocorrendo:

– O Proibido! Filha, o que você fez?

Motecha ficou paralisado; os poderes que convocara crepitaram e

se dissiparam no ar e o feitiço ficou incompleto quando ele se desconcentrou devido ao espanto. Outros magos empalideceram ao compreender o significado das criaturas diante deles.

– A Senhora Mara é inocente – disseram os magos cho-ja, encerrando sua fala com um som de flauta, harmonizado em duas vozes. – Foi por iniciativa de vocês, magos, que o antigo pacto foi quebrado, pois, até destruírem uma colmeia, as rainhas no seio do Império permaneceram presas pelas exigências do tratado. Até violarem o que havia sido estabelecido, as artes mágicas dos cho-ja não foram empregadas; tampouco ajudamos Mara até então! A culpa recai sobre vocês! Foram as artes dos cho-ja que protegeram este salão. Nas terras além das fronteiras do Império humano, nossas artes nos ajudaram a crescer e a prosperar. Em termos de proteção e preservação, vocês não estão no nosso nível. Se assim decidirmos, os magos de Chakaha podem proteger a Senhora Mara de feitiços de morte para o resto de sua vida.

Os Mantos Negros hesitaram, como se fossem um único corpo. Nunca na história algum humano não dotado do dom da magia se atrevera a desafiar a Assembleia, muito menos com uma conspiração tão sinuosa: induzir os próprios magos a destruírem o tratado que seus antepassados haviam forjado. Nenhum Manto Negro poderia duvidar das capacidades dos magos cho-ja: a espécie deles era incapaz de mentir. Pelo que diziam, detinham poderes para frustrar os feitiços mais destrutivos que os Grandes pudessem invocar. Todos os candidatos à Assembleia estudaram as antigas escrituras: quem quer que tivesse conquistado o direito de vestir o manto negro compreendia o significado das inscrições de um mago cho-ja. A complexidade de seus padrões crescia conforme seu talento se desenvolvia, e a dupla que se aliara a Mara já revelava ser bem experiente na sua arte e detinha um poder inimaginável.

Ainda assim, alguns Mantos Negros não se acalmaram. O Sumo Sacerdote de Chochocan fez um sinal de proteção quando Sevean

gritou para os cho-ja:

– Vocês são forasteiros! Como se atrevem a lançar suas artes para proteger os condenados?

– Esperem! – Todos os olhares se voltaram quando Mara deu um passo à frente, reclamando ousadamente a autoridade na nova ordem que sonhara conquistar. A faixa dourada de seu posto demonstrava seu status de Regente Imperial, mesmo não tendo sido ainda oficializada a nomeação. – Tenho uma proposta a fazer.

Todos os presentes no salão se imobilizaram em expectativa e seus olhares se voltaram para a Senhora que era Serva do Império enquanto aguardavam para escutar o que tinha a propor.

Mara enterrou as dúvidas bem fundo em seu coração. Apesar de terem insinuado o contrário, os magos de Chakaha tinham esgotado suas forças na defesa do grande salão. Após um prolongado descanso, talvez pudessem defendê-la, como audaciosamente tinham dado a entender aos Mantos Negros. Tal como sua magia se desenvolvera ao longo de séculos, o mesmo se passara no que dizia respeito à compreensão de seus inimigos. Os cho-ja tinham inteligentemente manipulado a verdade, insinuando aquilo que Mara tinha todas as razões para crer: se a colmeia-mãe em Chakaha enviasse reforços para Kentosani, ela estaria a salvo da Assembleia para o resto de sua vida. Mas naquele momento as aparências eram tudo o que lhe restava para manter a oposição sob controle. Não se atreveu a testar a capacidade dos magos cho-ja. Para evitar uma morte horrível, não dispunha de outras armas além das palavras, dos blefes e da política do Grande Jogo. E os Mantos Negros não eram idiotas. Mara assumiu interiormente uma postura firme e respondeu diretamente a Sevean:

– Os magos cho-ja não se atrevem a nada, a não ser a agir em prol da justiça! Esta embaixada de Chakaha veio para introduzir emendas diante da opressão de todos os nossos antepassados sobre os cho-ja.

Motecha levantou o punho.

– Isto é Proibido! Qualquer Império cho-ja que apoie a insurreição está cometendo perjúrio! O Grande Tratado entre as Raças foi mantido ao longo de milhares de anos.

– Milhares de anos de crueldades! – replicou Mara. – Seu precioso Proibido! O seu crime hediondo contra uma civilização que nada mais fez além de resistir à conquista predatória de suas terras. Eu viajei até Thuril. Vi como vivem os cho-ja de Chakaha. Qual de vocês pode dizer o mesmo, mago?

A falta do uso do honorífico “Grande” passou despercebida a poucos dos presentes. Muitos Senhores arfaram de espanto. Os Brancos Imperiais permaneceram com as espadas na cintura e Jehilia e Justin apertaram-se as mãos. Os sacerdotes mantiveram uma formalidade solene quando Mara prosseguiu:

– Explorei a beleza de cidades geradas por magia e a paz dessa grande cultura. Vi o que nosso Império opulento roubou dos cho-ja e que estou determinada a lhes devolver.

Hochopepa pigarreou.

– Senhora Mara, até agora a Senhora teve aliados entre nossas fileiras. Mas esta... obscenidade – gesticulou na direção dos magos cho-ja – irá unir todos nós.

– Não estão unidos ainda? – perguntou Mara com sarcasmo. – A destruição de minha liteira e de meus servos mais próximos não demonstra a decisão de sua Assembleia de me executar?

Então alguns Grandes passaram o peso de um pé para o outro, pois o ato impulsivo de Tapek não fora bem aceito. Mas a própria Assembleia seguia as regras tsurani; o fato de um deles ter envergonhado seu posto nunca seria admitido em público.

Mara estreitou os olhos.

– Quanto à obscenidade, essa é uma acusação falsa! Por quê? – O aceno que fez abarcou os dois seres alados que a flanqueavam. – Porque estas criaturas gentis, que não lhes desejam qualquer mal,

apesar da perseguição feita à raça deles, praticam artes mais grandiosas do que as suas? – Baixou o tom de voz para um sussurro com um tom de acusação ameaçador: – Hochopepa, como isso pode ser uma obscenidade para um grupo de homens que mata crianças com poderes mágicos *só porque são do sexo feminino?*

Diante daquela revelação, diversos Mantos Negros expiraram de pura consternação. Motecha rodopiou e gesticulou para um soldado que estava ali próximo.

– Mate-a! – disse. – Eu ordeno.

O Comandante das Forças Armadas dos Brancos Imperiais colocou-se diante de Mara com a espada semidesembainhada.

– Cortarei ao meio o primeiro homem, seja soldado ou mago, que ameace a Boa Serva, nem que morra ao fazê-lo. Minha vida e minha honra estão comprometidas com a proteção da Família Imperial. Perante os deuses, não abdicarei de meu principal dever.

Motecha não gritou, mas irradiou poder em ondas que saíam dele quando exigiu:

– Afaste-se!

O Comandante das Forças Armadas Imperiais enfrentou o olhar autoritário do mago.

– Não farei isso, Grande. – Fez um sinal brusco com a mão.

Outros guerreiros vestidos de branco se aproximaram do dossel. Suas armaduras podiam ser cerimoniais, mas as lâminas que carregavam estavam afiadas, reluzindo na penumbra quando as desembainharam num movimento único. Akani correu para deter o único guerreiro que, medroso, seguia para obedecer a Motecha.

– Não, espere.

Motecha avançou sobre o colega como se enfrentasse um adversário que jurara matar.

– Você está renegando a lei!

– Prefiro não transformar o Bairro Imperial num cemitério, se não se importa. – O jovem mago dirigiu a Mara um estranho dar de

ombros. – Boa Serva, chegamos a um impasse complexo. – Apontou para os Grandes às suas costas, muitos deles ansiosos por ordenar um ataque imediato contra Mara e contra uma centena de Brancos Imperiais e dois mestres cho-ja que poderiam ou não ter capacidade de se defender. – Se não encontrarmos rapidamente uma solução, muitos morrerão. – Sorriu com um humor amargo. – Não sei se devemos crer na palavra de seus amigos cho-ja ou experimentar para ver quem detém o maior poder mágico. – Olhou de relance para Motecha. – Mas, considerando a dificuldade que sentimos para chegar a este salão, tenho uma vaga ideia do desastre que virá dessa tentativa. – Mais uma vez avaliou Mara, não totalmente desprovido de afeto. – Não duvido que deseje viver e orientar seu filho no caminho certo até a maturidade. – Suspirou. – E há entre os membros da Assembleia quem esteja disposto a dar a vida para eliminá-la por causa desta rebelião – admitiu. – Outros preferirão a paz e aproveitar a ocasião para estudar o que nossos pares cho-ja podem nos oferecer para ampliar nosso conhecimento das grandes artes. Peço que todos os homens e magos recuem e se controlem para evitarmos uma destruição inútil antes de termos esgotado quaisquer outras opções.

O mago cho-ja à direita de Mara recolheu as asas; seu companheiro o imitou.

– Nisto, talvez, nós possamos ser úteis – disse.

Então acrescentou um feitiço em sua língua nativa e acenou com os curtos membros anteriores. Uma perturbação invisível pareceu cruzar o salão e a tensão entre os oponentes começou a desaparecer.

Motecha se esforçou para manter a raiva.

– Criatura! – gritou. – Pare com seu...

Mas as palavras morreram na garganta. Contra sua vontade, seu rosto contorcido se descontraiu.

O mago cho-ja o repreendeu com gentileza:

– Mago, sua raiva turva seu discernimento. Que a paz seja minha eterna oferenda para você.

Akani observou a carapaça magnificamente inscrita, velada agora pelas diáfanas asas recolhidas. Seus ombros relaxaram.

– Embora eu venere nossa tradição – admitiu, com o olhar percorrendo seus colegas –, também reconheço o que sinto nestes emissários de Chakaha. Olhem bem e com atenção. Eles nos trazem algo... raro. – Depois dirigiu-se a Motecha: – A presença deles não é uma ofensa. Fomos idiotas em nos agarrarmos à tradição sem refletir sobre ela, deixando de explorar as maravilhas que nos podem ser oferecidas.

Hochopepa avançou.

– Sim, também sinto isso. – Suspirou. – Tanto sinto... um deslumbramento como... – a confissão saiu com dificuldade –...vergonha.

Mara quebrou o silêncio:

– Algum Grande é capaz de negar que este ato de bondade não tem por trás nem ódio nem raiva?

Hochopepa permitiu que a onda de tranquilidade o envolvesse completamente. Sorriu.

– Não. – Mas seu pragmatismo voltou a se manifestar depressa: – A ascensão de seu filho ao Trono do Céu até pode ter sido obtida com respeito às leis, mas suas infrações... não têm precedentes, Boa Serva. Talvez nunca consigamos perdoá-la, Senhora Mara.

Um burburinho mudo entre alguns dos Senhores presentes no salão voltou a ecoar, mas não surgiu qualquer tipo de oposição declarada. Motecha tomou a palavra outra vez:

– A determinação da Assembleia é clara. Não podemos aceitar como regente de Justin uma Governante que nos desafiou. É um precedente perigoso. Estamos acima da lei por razões válidas. – Enquanto observava calmamente Mara, com toda a raiva contida pela magia dos cho-ja, Motecha obteve a concordância de seus

colegas. – Aceitei a coroação de Justin, mas isso não liberta a Senhora Mara da responsabilidade por sua desobediência. Ao se opor a nós, repudiou a lei! – Através do espaço diante do dossel imperial, fixou o olhar no de Mara. – Desonra seu posto e seu legado ao se esconder atrás de magia estrangeira, Senhora dos Acoma. A senhora deve rejeitar a proteção dos cho-ja e voluntariamente aceitar seu devido castigo. A justiça precisa ser aplicada.

– É verdade – disse Mara, em tom brando. Manteve os ombros erguidos apenas por força do hábito. Já não lhe restavam mais truques; apenas ela estava suficientemente perto para perceber os discretos tremores de cansaço que percorriam os magos cho-ja. O feitiço que acalmara os Grandes fora lançado usando suas reservas já esgotadas. Eles já não dispunham de milagres ocultos para oferecer. Em tom muito baixo, apenas perceptível pelos que estavam mais próximos dela e pelos cho-ja, Mara disse: – Fizeram seu melhor. Apesar do que possa vir a me acontecer, conquistamos uma revisão das condições do grande tratado.

O mago à esquerda dela afagou suavemente seu pulso com um membro anterior.

– Minha Senhora – entou dentro da mente dela –, nossa espécie nunca a esquecerá.

Mara se obrigou a levantar o queixo e se dirigiu a todos os presentes no salão de audiências:

– No passado pensei em dedicar minha vida a servir no Templo de Lashima. Mas o destino decretou que eu teria de assumir o manto dos Acoma. Serei ouvida. Os deuses entregaram a meus cuidados mais do que minha casa e minha família. – A voz dela ficou mais forte, chegando aos cantos mais remotos do salão abobadado: – Encarreguei-me de mudar tradições que nos algemaram à estagnação. Vi crueldade, injustiça e um desperdício imoral de vidas valiosas. Por causa disso, preparei-me para gerar um renascimento, sem o qual nós, como povo, pereceríamos. – Ninguém a

interrompeu enquanto ela inspirava. – Todos vocês conhecem os inimigos que derrotei. Tinham diferentes níveis de inteligência, desde o mais medíocre até o mais brilhante. – Passou então os olhos sucessivamente por todos os rostos, vendo seu apelo tocar fundo os que estavam diante dela. Motecha e muitos outros se limitaram a ouvir. – Nossos Governantes procuraram o poder por causa da honra, do prestígio e por prazer, sem pensar no sofrimento dos que ficavam sob sua autoridade. Nossas famílias nobres e nossos clãs se uniam no Jogo do Conselho para desafios que levaram a um despropositado derramamento de sangue! Matar-me em nome da justiça, antes de meu filho atingir a idade adulta e poder governar sem a orientação de um regente, será condenar de novo as Nações à estagnação e à ruína. Nosso Império cairá, devido às nossas falhas. É esse o preço a pagar pela minha morte, Grandes. É esse o epitáfio que sua justiça escreverá em nosso futuro. É esse o preço que nosso povo terá de pagar pelo seu *privilégio* de agir acima da lei!

O silêncio tomou conta do salão de audiências enquanto todos os presentes ponderavam as palavras de Mara. Ela continuou firme, enquanto atrás dela os sacerdotes se remexiam em suas fileiras e sussurravam entre si. O orgulho impediu Mara de olhar em volta. Percebeu a preocupação estampada no rosto de Hokanu. Mara não se atreveu a reconhecer a preocupação que ele sentia por ela nem sequer com um simples olhar. Fitar o marido nos olhos faria com que perdesse a compostura e chorasse em público. Continuou firme como uma estátua, como seria próprio de uma Serva do Império e de uma filha dos Acoma, e preparou-se para enfrentar seu destino.

Os magos se mostravam mais uma vez perturbados, pois os efeitos da magia dos cho-ja os tornaram mais sensíveis.

– Ela foi longe demais desta vez – murmurou Shimone. – Não há argumentos que possam salvá-la, pois nossa Assembleia não responde a nenhuma lei. Isso não pode ser interpretado

erroneamente como privilégio. É um direito nosso!

Fumita desviou o rosto; Hochopepa pareceu perturbado.

– Vai morrer, Senhora Mara – declarou Sevean. – Abdique da aliança com seus emissários de Chakaha ou eles morrerão junto. Garanto que não podem defendê-la. Quando a destruímos, os sacerdotes voltarão a seus lugares nos templos e deixarão a política para outros. – Apontou para o Sumo Sacerdote de Jastur e para as Irmãs de Sibi. – Ou permita que eles nos desafiem, se assim quiserem. Ainda somos superiores em nossas artes. Nossos poderes destruíram as defesas deste salão! Talvez estes cho-ja tenham aprendido a mentir nas terras para além do Império! Está tentando nos enganar, Senhora Mara, mas não dispõe de meios para se defender.

Motecha pareceu espantado por um momento. Então sua expressão endureceu. Observou os magos de Chakaha e constatou que não gesticulavam para proteger a Senhora Mara. Seus olhos se estreitaram quando viu o poder de Sevean começar a se manifestar. Motecha ergueu novamente as mãos e mais uma vez sua magia se fundiu numa assustadora chicotada de luz verde. Murmurou um encantamento poderoso com total concentração. Agora nada impediria que ele e seus colegas derrubassem a Boa Serva.

Os sacerdotes pareciam aflitos. Muitos deles recuaram, como se tentassem estabelecer uma distância entre eles e a Serva do Império. Hokanu estava angustiado, então seu Conselheiro-Mor, Dogondi, se colocou na sua frente, impedindo que visse a situação em que Mara estava.

– Não deve olhar, meu Senhor – murmurou.

Sentada sob o dossel imperial, Jehilia agarrou com força a mão de Justin enquanto o garoto olhava fixamente para a mãe com olhos arregalados e duros, sem qualquer vestígio de medo.

– Os Grandes vão pagar – jurou o jovem Imperador sem inflexão. – Se a matarem, vou destruí-los!

Jehilia, preocupada, afagou sua mão.

– Psiu! Eles vão ouvir.

Mas os Grandes não prestaram atenção às crianças sentadas nos tronos do poder. Em conjunto, uniram seus poderes ao feitiço de Motecha. Apenas três se mantiveram à parte quando o encantamento para o feitiço da morte se aproximou de seu clímax: Hochopepa, com um ar infeliz; Shimone, com o rosto austero contorcido num esgar de pesar; e Fumita, que não conseguia se libertar por inteiro de seus laços familiares diante da morte da nora.

Mara permaneceu ereta no chão de mármore polido abaixo do dossel imperial. De ambos os lados, os magos cho-ja se agacharam com as asas recolhidas. Atrás dela estava o Sumo Sacerdote de Turakamu, enrugado e velho, mas ereto sob as vestes de seu cargo. Ele pousou uma mão esguia no ombro dela, como se para reconfortar alguém que em breve iria saudar seu mestre divino, no instante em que Motecha agitou subitamente os braços.

Uma luz verde explodiu num brilho ofuscante, sacudindo o ar e derrubando muitas das notáveis pessoas das fileiras da frente. Mara e o sacerdote sumiram no núcleo enraivecido do fogo do mago que fez com que a pedra ficasse rubra e se fundisse. Uma coluna se quebrou como se fosse uma vela superaquecida e o chão de pedra se enrugou como lava.

– Contemplem o preço da derrota para os que não respeitam a lei! – gritou Motecha.

Então uniu as mãos e o feitiço cessou de repente.

A luz desapareceu. Com os olhos irritados e lacrimosos, todos viram um círculo de chão carbonizado e as ondas de calor da pedra superaquecida que faziam o ar se transformar e tremeluzir. Dentro da área onde as forças puras da natureza haviam sido deformadas para a violência, a Senhora permanecia incólume. Suas vestes estavam imaculadas; nem um fio de cabelo estava fora do lugar. Os dois magos de Chakaha fizeram uma reverência em homenagem ao

sacerdote, que ergueu então a voz trêmula para emitir uma *paeon* de agradecimento a seu deus.

– O que é isso?! – gritou Motecha. Estava transtornado, lívido até a raiz dos cabelos. – Ela está viva! Como é possível?

O sacerdote de Turakamu terminou seu hino. Deu um passo à frente, sorrindo com um ar paciente.

– Grande, você pode alegar estar acima da lei dos homens mortais, mas ainda assim responde perante a Ordem Suprema do Céu.

– Como? – começou por dizer debilmente Mara, e os magos chожа a seguraram quando vacilou.

O sacerdote do Deus Vermelho virou as costas aos magos perplexos e dirigiu-se a ela:

– Senhora Mara, no passado você visitou o Sumo Sacerdote do Templo de Turakamu em Sulan-Qu. Ele mostrou seus poderes e explicou que meu deus só age quando é apropriado. Suas políticas revitalizam nosso povo. A Senhora nunca desprezou os templos em suas manobras políticas... sempre foi uma filha respeitosa de nossa fé, ao contrário daqueles que pregam lealdade à tradição e desprezam a integridade espiritual.

– Mas como? – insistiu Mara, dessa vez um pouco mais firme, enquanto sua mente espantada tentava entender a impossibilidade de ainda estar viva.

O Sumo Sacerdote assumiu uma postura mais solene.

– Os templos a apoiam. Nosso compromisso não é apenas político. Ficou estabelecido entre nós que meu deus, detentor das mortes de todos os homens, deveria determinar se era chegada sua hora. Se o apoio divino falhasse, a senhora teria morrido. – Girou sobre os pés, sacudindo as caveiras de corcara, para enfrentar as fileiras dos Grandes. – O que não aconteceu!

Ouviu-se então a voz arrepiante da mais velha das Irmãs de Sibi:

– E se o irmãozinho da Senhora das Trevas não chamou a

Senhora Mara, nossa deusa se recusa a enviá-la para os Salões Vermelhos. – A abertura sem mostrar as feições em sua túnica se mexeu quando observou com um olhar predatório todas as almas presentes na sala. – Há outros aqui que minha Senhora divina teria gosto em invocar.

Até alguns magos fizeram sinais protetores diante do mal. Imperturbável, e até se divertindo com a reação deles, o Sacerdote de Turakamu retomou a palavra:

– Meu deus presenteou a Boa Serva com proteção divina. A vida dela é sacrossanta, segundo a vontade dos deuses, e qualquer homem, mago ou não, que a ataque ficará por sua conta e risco.

Motecha, da Assembleia, aceitou rígido a derrota, mas manteve um semblante implacável.

– Não cabe a nós tomar a vida da Senhora, isso ficou inquestionavelmente comprovado. No entanto, seu direito de agir como regente continua a ser contestável. O Senhor Jiro dos Anasati também reclamava o trono dourado. E agiu, tal como Mara, para obter o poder a qualquer custo. As ambições da Senhora não são idênticas, se governar como regente de Justin até ele completar 25 anos? Por que não pode ser um Omechan a assumir o cargo, ou um dos Xacatecas, ou alguém de uma casa menor sem pretensões ao cargo de Senhor da Guerra, talvez os Netoha ou os Corandaro?

Já recomposta depois de quase ter sentido a morte e com firme determinação, Mara cortou pela raiz a possibilidade de os apoiadores dos tradicionalistas aproveitarem a abertura:

– Não. Eu lhes dou uma opção.

A multidão de sacerdotes e cortesãos se imobilizou, do alto dossel e da recém-empossada Luz do Céu, passando pelo grupo de magos amontoados no amplo piso central, até as portas duplas da entrada, ainda vigiadas pelo indispensável par de arautos, e às fileiras imperturbáveis de Brancos Imperiais. Todos aguardaram para escutar o objetivo sem precedentes da Senhora. Mara subiu um

degrau do tablado do dossel. Sobre o mar de rostos atentos, ergueu a voz:

– Eu poderia ficar dentro deste Palácio, servindo como regente de meu filho. O governo dele seria mantido estável através de uma aliança de Senhores que compreendam, como deveria acontecer com todos, que o Império deve passar por uma mudança. Os cho-ja de bom grado, e como aliados, serviriam de mediadores para instalar uma nova ordem que acabará com o mal que lhes é infligido há séculos. Os guerreiros acabariam com os conflitos internos entre casas nobres e evitariam a guerra civil. Nesse sentido, o primeiro ato de Justin como nonagésimo segundo Imperador será libertá-los de todas as restrições impostas pelos humanos. – Mara fez uma pausa para recuperar o fôlego. Mas, antes de a revolta incitar os Governantes a tentar calá-la, prosseguiu: – Proponho uma mudança pacífica! Como conselheira do falecido Imperador, sei como se rege o governo imperial. Na qualidade de Serva do Império, argumento que sozinha detenho o poder e o prestígio, tanto entre os Governantes quanto entre a população, para reprimir motins. As alternativas são evidentes. Os Omechan já se posicionaram contra mim, montando cerco a Kentosani. Em breve irão juntar-se a eles aliados do falecido Senhor Jiro e outros Senhores que apoiam a Facção Tradicionalista. Se não forem contidos, teremos uma guerra civil sem precedentes, que levará à ruína total das Nações que alegamos servir.

Hochopepa tossiu seco.

– Essa desculpa já foi apresentada no passado, minha Senhora. O massacre, no entanto, estava na proposta.

Mara gesticulou com uma raiva contida ao ver a insinuação de que compartilhara das motivações de seus antigos inimigos ávidos de poder.

– Massacre, você diz, mago? Com que objetivo? Não há manto de Senhor da Guerra para conquistar. O Conselho Supremo foi

abolido!

Muitos Senhores se agitaram, num protesto não declarado, porém mais uma vez Mara subjuguou-os:

– Nossa predileção por conflitos políticos e assassinatos precisa acabar. O Jogo do Conselho não deverá servir mais como justificativa para a guerra e para assassinatos. Nosso conceito de honra deve ser revisto, assim como deve ser repudiada nossa tradição que sanciona a crueldade. Devemos nos tornar uma Nação de leis! Seja qual for o crime, do mais inofensivo ao mais grave, todos os homens e mulheres devem responder de forma igual perante a Justiça Imperial. Até a nossa nova Luz do Céu deve responder perante esse novo código de decência.

Motecha brandiu um punho.

– Mas nós estamos acima da lei!

Mara desceu o degrau e avançou até a balaustrada que separava o dossel elevado dos petionários do Imperador, que passou a ser a única coisa que a mantinha afastada das fileiras compactas dos Grandes. Encarou Motecha e depois correu os olhos por seus colegas de mantos negros que se amontoavam de ambos os lados.

– *Todos* os homens e mulheres – insistiu com firmeza. – Nenhum Governante que cometa um assassinato deve ser louvado, mesmo que as regras da tradição tenham sido respeitadas. Nenhum mendigo ou escravo e nem mesmo um filho de nobre deve escapar da punição da lei diante de atos criminosos; assim como todos vocês da Assembleia. Não será mais permitido aos seus a liberdade de guardar segredos hediondos: matar meninas e mulheres que manifestem o poder mágico.

Um burburinho se espalhou, pois agora sua acusação fora proferida em tom suficientemente alto para ser ouvida por todos, e não foram apenas os Mantos Negros que se inflamaram e se agitaram, incomodados.

– Sim! – Mara gritou acima da agitação crescente que varria

Senhores e cortesãos. – Falo a verdade! A Assembleia ao longo dos anos cometeu homicídios sem fim... e por razões que nossos deuses nunca aprovariam.

O Sumo Sacerdote de Lashima brandiu o cetro de seu posto, com as flâmulas e os símbolos de concha de corcara se agitando para chamar a atenção.

– Escutem a Senhora. Ela não mente para atingir seu objetivo. Na última estação uma jovem que ia ser testada para ser acólita foi levada de nosso pátio. Nunca mais foi vista pelos nossos sacerdotes nem pela família desde o dia em que o Grande foi buscá-la.

Hokanu sentiu-se levemente nauseado; entre os Mantos Negros, Fumita olhou para o chão. Não olhou para o filho. Vários nobres da corte não esconderam seu espanto ao constatarem que as filhas chamadas para servir os Grandes já não estavam vivas na Cidade dos Magos. Olhares furiosos se voltaram para os Mantos Negros enquanto Mara prosseguia rapidamente com sua oratória para reorientar uma crescente onda de repúdio:

– Enquanto comunidade, devem continuar a governar a si mesmos, assim como os Senhores de cada família... – Os nobres ficaram aliviados ao escutarem que as regalias seriam mantidas. – Dentro da lei! – acrescentou Mara. – Mas a Assembleia perderá seus privilégios. Não serão eles a ditar o estudo das artes arcanas. Quem praticar magia deve ser detentor de uma autorização para exercer sua arte. Os magos inferiores e as mulheres que desenvolverem um talento arcano podem estudar com a Assembleia, ou não, conforme desejarem. Os que preferirem procurar o conhecimento em outro lugar poderão fazê-lo.

O mago de Chakaha mais próximo dos Grandes ergueu um membro anterior e falou em tom gentil:

– Teremos todo o prazer em ensinar quem procure usar seu dom de modo sábio.

Apesar de a oferta ter aplacado alguns magos, outros pareceram

incomodados quando Mara prosseguiu:

– Caminhei como prisioneira em Thuril e compartilhei decisões imperiais com Ichindar. Apenas eu, dentre todos, posso assegurar a validade da proposta de que todos os homens, mulheres e crianças merecem proteção. Apenas quando essa... – franziu o cenho ao procurar o termo que seu adorado Kevin mencionara com tanta paixão –... Grande Liberdade for concedida a todos nós é que estaremos todos seguros. O Jogo do Conselho tornou-se perigoso e sangrento para além do que é possível suportar, e quero que isso termine. A verdadeira honra não perdoa a morte. O poder genuíno deve proteger da mesma forma os fracos que nós, durante séculos, espezinhamos irrefletidamente.

Motecha avançou, debruçando-se furiosamente sobre a balaustrada. Mara o fitou com desprezo. Dirigiu-se especificamente a ele, mas suas palavras foram transportadas até os cantos mais afastados do salão repleto de gente:

– Vocês, Mantos Negros, não têm o direito de destruir o que não lhes agrada. Os deuses não lhes deram o dom da magia para que matassem segundo seus caprichos.

O Sumo Sacerdote de Juran bateu pesadamente no chão com seu cajado de riscas brancas.

– A Boa Serva diz a verdade.

Outro Manto Negro, que chegara mais tarde com o último contingente da Cidade dos Magos, abriu caminho com dificuldade por entre as fileiras de seus irmãos para se juntar a Motecha. Tapek deixou de lado a inibição que o assolara por sua recente desgraça. Tinha o cabelo puxado para trás e o rosto vermelho, inflamado de repúdio.

– Você procura nos despojar de direitos ancestrais!

– O poder é usado segundo o critério de quem o detém – replicou a Senhora, sem medo, apesar de estar apenas à distância de um braço. – Deveria compreender isso acima de todos os magos.

Seus colegas não gerenciaram bem as coisas, sustentando-se na arrogância, usurpando o julgamento que por direito pertence ao Céu. Como sua tentativa de me executar foi contida, ou melhor, *cancelada*, pelo poder dos deuses, hoje sou eu que detenho o poder.

Os outros magos trocaram olhares de preocupação, mas nenhum acrescentou nada. A magia deles fora negada, tornada impotente por aquela mulher que lhes infligira uma derrota com a qual não sabiam lidar. Não tinham precedentes em que se apoiar; não tinham onde se agarrar. Apenas Hochopepa manteve o olhar sobre Mara.

– Você mencionou uma opção?

Se as circunstâncias fossem menos importantes e os presentes no salão estivessem menos tensos, Mara poderia ter sorrido diante do tom rude do corpulento mago.

– Sim, Grande, uma opção – anunciou sonoramente. – Durante séculos, a Assembleia usufruiu de autoridade sem responsabilidades. Vocês, Mantos Negros, agiram como bem entenderam em prol do *Bem do Império*, por mais que o ato se revelasse caprichoso, perverso ou destrutivo. – Evidente por trás das palavras dela estava a recordação de duas crianças, abatidas pelo pai Minwanabi após a desgraça que recaíra sobre ele, lançada pelos Grandes. Embora Tasaio tivesse sido um inimigo, ainda assim Mara achara abominável o assassinato de seus herdeiros, uma tragédia ainda mais imperdoável por poder ter sido evitada pela própria Assembleia que condenara o pai. Mara concluiu com dureza: – Como nossa comunidade de magos mostrou pouca inclinação para a autodisciplina, agora é preciso prestar contas. Podem fazer como propus e cuidar de seus próprios assuntos em sua cidade assustadora, como homens fechados em si mesmos... que os deuses tenham piedade de vocês... ou podem escolher o outro único caminho que evitará uma guerra sem controle.

O rosto redondo se enrugou, irritado, e Hochopepa bateu o pé, incomodado.

– Imagino o que possa ser.

– É mesmo? – Mara retirou uma adaga ornamentada do cinto da túnica e virou-a ao contrário, apontando-a para o peito. – Os deuses podem ter declarado que ainda não chegou minha hora de morrer. Mas ainda tenho vontade própria enquanto Senhora dos Acoma. Se vocês assim escolherem, eu me suicido agora mesmo, para expiar o fato de ter desrespeitado seu decreto. Se o fizer, Justin abdicará do trono e voltará para casa como Senhor dos Acoma. Jehilia, sua esposa, governará e o marido será apenas um consorte, jurando não levantar a mão contra vocês ou qualquer outro Manto Negro. – Mara estreitou os olhos quando proferiu a última frase, e a lâmina em sua mão não tremeu: – Mas então serão *vocês* a governar.

Hochopepa até sorriu. Shimone e Akani assentiram, enquanto Tapek pareceu confuso.

– Senhora, o que está dizendo? – perguntou o mago ruivo.

– Terão apenas o poder de destruir, de fazer a guerra ou de combater – declarou Mara. – Meus aliados não irão resistir. Antes do pôr do sol, se assim ordenarem, poderei pôr honradamente fim à minha vida com esta lâmina.

Seus olhos varreram o salão, detendo-se apenas brevemente para examinar os nobres reunidos que se esforçavam por escutar todas as palavras, pois ainda tinham a esperança de aproveitar um passo em falso para poderem se lançar sobre seus vizinhos. A lâmina poderia se precipitar sobre a casa dela e o Jogo do Conselho ressurgiria como se Mara nunca tivesse vivido; como se os sonhos de um Imperador assassinado e de um escravo bárbaro nunca tivessem começado a desencadear a mudança. Estava na hora de decidir o futuro. Os sacerdotes aguardaram apoiados na fé em seus deuses e rezaram para que o destino lhes fosse favorável. Concentrando-se principalmente em Motecha e Tapek, Mara retomou o discurso:

– Ah, vocês poderão encontrar alguém disposto a brincar de

Imperador ou Senhor da Guerra por um tempo. Os Omechan ficariam deleitados com a honra, não duvidem... até um vizinho ou um rival ambicioso decidir que é a hora de contestar a sucessão. Mas levem isto em consideração: a ilusão terminou. Os homens sabem agora que é possível contrariar a Assembleia. Os templos não ficarão satisfeitos em ser relegados a um papel secundário. Podem estar certos de que o último ato do Imperador Justin será emancipar os cho-ja, para que possam de novo recorrer à magia para erguer as cidades de vidro sob o sol. Sem soldados voluntários, como os magos irão manter a ordem? Como irão impedir os conflitos e os jogos de poder entre Senhores a quem a tradição atribuiu os ornamentos da honra? O Jogo do Conselho é um beco sem saída, mas nossos Governantes, em sua maioria, são belicosos ou gananciosos demais para criar uma nova ordem. Vocês, magos, estão preparados para vestir uma armadura e pegar numa espada? Tapek? Sevean? Motecha?

As expressões confusas nos rostos do trio citado eram cômicas. Nunca tinham pensado na perspectiva de sujarem as mãos em combate! E, ainda assim, com suas fraquezas expostas, reconheceram que a magia por si só já não causaria assombro. Outros tão arrojadados quanto Mara iriam iniciar revoltas e a Assembleia seria pressionada pela política e pelas circunstâncias a tomar partido. Não teriam alternativa além de abdicar dos estudos eruditos para gerir os mecanismos do governo. Para uma entidade habituada a agir pela vontade individual, a perspectiva era repugnantemente assustadora.

Motecha pareceu perturbado. Sevean escondeu-se discretamente atrás de Shimone, enquanto Tapek disfarçava o desânimo com bobagens:

– Nós não somos um Conselho de Senhores, acostumados a lidar com trivialidades! A nossa vocação é mais elevada do que ordenar o castigo de casas em guerra!

Hochopepa até riu.

Mara fez uma pequena reverência. A adaga continuava em sua mão, apontada firmemente para o próprio peito. Seu olhar era glacial.

– São essas as suas opções, Grande. Ou administram este Império, ou deixam de interferir com aqueles de nós que tiverem de fazê-lo.

Ante a imobilidade estupefata de seus colegas, Hochopepa, cansado, agitou o braço.

– Acabou.

Tappek, contudo, pareceu pronto a argumentar, mas Akani se interpôs:

– Concordo. A Assembleia enquanto entidade já não deseja governar o Império, ao contrário do que ocorreu no passado. Por amor dos deuses, nossos debates se arrastam ao longo de dias para decidir um único assunto! – Incapaz de conter um olhar carregado dirigido a Shimone e Hochopepa, suspirou e depois fez uma profunda reverência à Serva do Império. – Senhora, não deve abdicar de sua vida. O povo iria criar uma enorme confusão e meus colegas provavelmente seriam culpados. Nossa escolha é óbvia: caos ou uma nova ordem. Você foi a primeira a ver que nem todos dentre nós se regem pelo princípio de matar sem hesitar. A maioria dos magos, na verdade, seria incapaz de fazer mal a uma mosca. Não, nosso poder sobre o Império resultou na obediência cega ao longo dos anos. Sem isso, ficamos... impotentes.

– Impotentes! – eriçou-se Tappek. – Eu não, Akani.

Fumita conteve o mago ruivo agarrando-o com força.

– Tappek, um ato desvairado já o envergonhou de modo quase imperdoável. Por uma vez, dê ouvidos à razão! Mara não age por ela. Jamais o fez, como você saberia se tivesse a capacidade de ver além. Nunca convencerá a Assembleia a gerar uma guerra civil e o caos. E um banho de sangue sem paralelo é o que conseguiremos se

você e seus jovens seguidores não aceitarem o inevitável. Sugiro veementemente que comece a tentar recuperar sua reputação aparecendo nas muralhas e ordenando um cessar-fogo aos exércitos agressores para que baixem as armas.

– Eu acompanharei Tapek – anunciou Shimone.

Dirigiu então um olhar duro e até impiedoso ao colega mais jovem, depois pegou seu dispositivo de teletransporte e desapareceu. Poucos magos no Império se atreviam a contrariar Shimone quando estava irritado. Ainda assim, Fumita não deu sinal de pretender largar a mão de Tapek até este baixar os olhos e concordar. O jovem mago foi então libertado para desaparecer e juntar-se a Shimone.

Hochopepa conseguiu dar de ombros de modo afável diante do concílio de ordens religiosas e de Senhores de cargos elevados que estava do lado de Mara.

– Não desejo governar nem pretendo tentar matar o conjunto de sacerdotes mais poderosos do Império.

Aquela declaração foi nitidamente dirigida a Motecha, que procurava o apoio dos outros colegas, mas viu que seu grupo se dispersava. Diante da ausência de Shimone, Sevean se escondeu atrás de Fumita. Muitos outros magos assentiam, concordando com a rendição proposta pelo mago gordo. Hochopepa, com gentileza, estendeu a mão e retirou a adaga dos dedos de Mara. E depois fez um anúncio em voz alta:

– Um homem notável, o mago Milamber, de Midkemia, avisou no passado que nosso Império tinha uma cultura estagnada caída em declínio por nossa rígida ligação com as tradições. Penso que ele tinha razão – o mago corpulento lançou a Mara um sorriso de admiração –, pois, caso contrário, por que os deuses protegeram esta mulher notável? – Em seguida, dirigiu-se a Mara: – Senhora, se a Luz do Céu permitir, iremos nos retirar para nos reunirmos formalmente, mas pode ficar descansada quanto à nossa posição

oficial.

Foi então o primeiro dentre os Mantos Negros a dar um passo à frente e a repetir sua reverência de homenagem para enfatizar que o garoto no dossel era indiscutivelmente a nonagésima segunda Luz do Céu.

Os magos, em grupo, o imitaram, a maioria deles suficientemente humilhada para fazê-lo em silêncio, embora alguns tenham sido ouvidos resmungando. Fumita olhou fixamente para os dissidentes, enquanto os magos de Chakaha fitavam a todos com seus olhos pretos de ágata que deixavam clara a singular capacidade de memória dos cho-ja.

Mara sentiu um profundo alívio percorrer seu corpo em virtude da rendição inequívoca dos mais temíveis inimigos que já ousara desafiar. Assim que os Mantos Negros reconheceram a soberania de seu filho, sentiu os joelhos cederem. A percepção aconchegante de Hokanu antecipou sua necessidade e Mara, grata, aceitou o apoio dele quando se colocou a seu lado e a abraçou pela cintura.

Assim que os Grandes saíram em fila e o piso central do grande salão ficou claramente mais vazio, o Senhor dos Keda, o Chanceler Imperial, avançou pomposamente vestindo suas reluzentes indumentárias protocolares. Depois de seu prévio ataque de nervos, o velho não perdera a autoridade nem o talento de orador.

– Como Chanceler – anunciou –, permita-me que seja o primeiro entre seus nobres a jurar minha lealdade ao Imperador Justin.

Ajoelhou-se e proferiu o juramento tradicional, e a tensão pareceu sumir da multidão. De repente, o que poderia ter sido um campo de batalha transformou-se no salão com homens se ajoelhando, reproduzindo as palavras de devoção a um garoto que fora concebido como descendente de um escravo e que, depois de herdeiro dos Acoma, ascendera a nonagésimo segundo Imperador de Tsuranuanni.

Quando os membros da sua corte que acabavam de prestar

juramento se levantaram, Justin contorceu-se no dossel, nitidamente aflito. Falou bem alto para a mãe e para o pai que o adotara:

– Vocês me deram instruções para quase tudo, mas agora o que eu faço?

Jehilia pareceu se irritar com esse deslize.

Não foram poucos os sacerdotes que reprimiram risos por trás de suas máscaras cerimoniais, enquanto Hokanu retirava seu elmo de batalha e ria descaradamente.

– Diga ao seu povo: *Que comece a festa!*

Justin saltou de seu trono, deslocando imediatamente o pesado elmo dourado com a coroa no topo que indicava a majestade imperial. Arrastando a esposa pela mão, pareceu pouco se importar com o decoro – parecia mais um garoto que, mal os adultos viravam a cara, só pensava em travessuras.

– Que comece a festa! – gritou.

Aplausos ecoaram no grande salão de audiências, mais ensurdecedores ainda devido ao fato de as máquinas de cerco dos Omechan terem silenciado. Já não havia pedras esmagando o Bairro Imperial. E, quando as vozes e os gritos baixaram para um tom mais tolerável, os grandes gongos dos templos dos Vinte Deuses começaram a repicar, chamando a população para as ruas para aproveitar a generosidade de Justin, o nonagésimo segundo Imperador de Tsuranuanni.

Em meio à agitação, enquanto o grande salão se esvaziava e os arautos imperiais anunciavam as novidades por toda a cidade, a figura minúscula de Jican foi se encontrar com o pessoal do palácio. O enorme hadonra imperial só se deteve por um momento. Depois de uma discussão acirrada, o corpulento funcionário recuou, resmungou alegando que o Tesouro Imperial iria ficar irremediavelmente arruinado e seguiu a passos imponentes para seus aposentos. Jican dirigiu suas reprovações ao resto do pessoal do palácio e em poucos minutos os servos domésticos imperiais já

estavam prestando atenção nele. Iriam preparar uma festa para o novo Imperador, ordenou Jican, nem que para isso tivessem de morrer todos, até os moços das panelas e todos os lacaios.

Sua determinação se revelou contagiosa. Em poucas horas os nobres lá alojados já tinham trocado suas armaduras de batalha por túnicas de seda e havia artistas abordando os funcionários da cidade, competindo pela honra de proporcionar música ou poesia. Por toda a cidade, iniciaram-se festas assim que se espalhou a novidade de que a nova Luz do Céu fora escolhida e, mais do que isso, de que a Senhora Mara, a Serva do Império, assumira a administração das Nações.

Conselho Imperial

As lamparinas estavam acesas. A luz transformou a noite em padrões caleidoscópicos de cores quando foliões vestidos de seda dançaram nas ruas e atores mascarados encenaram peças alegres. Os sons de sinos envernizados e das gargalhadas substituíram os estrondos surdos provocados pelas máquinas de cerco. No interior de um quarto enfeitado nos aposentos reais do Palácio Imperial, Mara sentou-se em frente a um biombo pintado. O barulho da população feliz a enchia de satisfação, mas o esboço de sorriso que surgiu em seu rosto foi inteiramente dirigido à garotinha que dormia profundamente em seu colo. A expressão de tranquilidade da Senhora era tão profunda que Hokanu, próximo à porta, hesitou em incomodá-la. Mas ela sempre fora sensível à sua presença. Embora não tivesse feito qualquer ruído, Mara olhou para cima. Sua expressão se transformou num sorriso de boas-vindas.

– Hokanu.

A saudação revelou tudo, desde ternura a um amor profundo, passando pela dor da separação que perdurara ao longo dos tumultuosos tempos recentes.

O Senhor dos Shinzawai atravessou o recinto, seus passos sussurrando no piso. Vestia seda, e não uma armadura, e substituíra as sandálias de batalha tachonadas por outras com cordões de tecido. Chegou ao lado da esposa, ajoelhou-se e deu a mão a

Kasuma. A pequenina agarrou seu dedo, reconfortada com a presença dele, apesar de não estar completamente acordada.

– Ela cresceu tanto! – murmurou Mara. Quando partira para Thuril, Kasuma não passava de um bebê. Agora já começava a aprender a andar e tentava dizer suas primeiras palavras. O dedo da Senhora traçou a linha das sobrancelhas da filha. – Vai ter seu olhar carrancudo – refletiu Mara, dirigindo-se ao marido. – Provavelmente, também herdou sua teimosia.

Hokanu riu entre dentes.

– Bem que vai precisar dela.

Mara também sorriu.

– Sem dúvida. E é bom que também tenha a língua afiada, se pretende manter seu primo Devacai na linha. Que tal a enviarmos a Isashani dos Xacatecas para ser aperfeiçoada?

Diante disso, Hokanu ficou estranhamente silencioso. Mara não percebeu o momento de silêncio, envolvida como estava com as recordações de Nacoya, a irascível criada que a criara e lhe ensinara a ser uma Governante. As lembranças foram deixadas de lado quando as mãos de Hokanu ergueram Kasuma e a colocaram gentilmente na esteira de dormir. Em seguida, estendeu a mão para a esposa, com o objetivo de repetir o gesto.

– Estou vendo que suas batalhas não o esgotaram – comentou Mara quando o marido se acomodou a seu lado e começou a desamarrar os laços da túnica. – Os deuses sejam louvados por isso, pois senti muitas saudades suas. Penso que não conseguiria suportar mais uma noite acordada pensando se estava vivo ou morto, ou se nossos filhos iriam morrer por causa da política... – Fez uma pausa, permitindo que o carinho das mãos de Hokanu afastasse as desagradáveis memórias carregadas de medo. Em algum lugar na cidade soaram notas de felicidade vindas de um templo; um alegre par de bailarinos passou dançando em frente à janela. Mara aconchegou-se nos braços do marido. – Presumo que você veio dos

aposentos imperiais. Como nosso Justin está se saindo?

Hokanu abafou uma gargalhada encostado no cabelo da esposa.

– O pequeno bárbaro – disse, quando conseguiu falar. – O garoto veio falar comigo tremendo como vara verde, com a cara tão vermelha quanto o cabelo, perguntando se tinha de desempenhar suas funções de marido com Jehilia... hoje à noite.

Mara riu.

– Eu deveria ter pensado nisso antes que outra pessoa qualquer mencionasse essa questão para ele. Justin começou a apreciar a beleza das criadas trocando de roupa desde que se tornou grande o suficiente para subir nos móveis. O que disse a ele?

– Quando consegui fazer uma cara séria, certo? – brincou Hokanu. – Disse que teria de esperar por esse privilégio até a cerimônia de chegada à idade adulta, quando fizesse 25 anos.

– Mentiroso! – exclamou Mara, empurrando o marido de brincadeira.

Hokanu sorriu.

– Acho que nunca vi uma demonstração tão clara de pesar e alívio. Depois expliquei que Jehilia, sendo dois anos mais velha, talvez pretendesse visitá-lo no quarto de dormir quando tivesse idade e que, como ele teria apenas 23, a decisão seria dela.

Mara caiu na gargalhada.

– Ah, isso é perfeito! O pobre garoto pensa que terá de ser um marido casto por mais onze anos!

Hokanu deu de ombros.

– Ele vai descobrir em breve.

– Não devemos permitir que Jehilia saiba o que você disse a Justin... ou ela fará da vida dele um inferno.

Hokanu deu um beijo na testa de Mara.

– Pelo menos ele pensará duas vezes antes de tentar empurrar a garota outra vez em um lago de peixes.

– Ela é a Imperatriz. – Mara riu. – Tem o direito legal de puxá-lo

logo em seguida.

– E espero que um dia, daqui a um ou dois anos, as brigas se tornem amistosas e as preocupações de Justin quanto aos deveres de um marido desapareçam. – Hokanu se moveu de maneira a deixar seu rosto por cima do dela. – E, por falar em deveres de marido... – disse.

A conversa morreu quando os lábios de Hokanu encontraram os dela e o abraço deles desabrochou lentamente em paixão.

Muito mais tarde, as lanternas ainda brilhavam. Os foliões nas ruas já eram mais escassos, mas continuavam gritando de alegria até ficarem roucos. A Senhora dos Acoma e o Senhor dos Shinzawai estavam deitados entrelaçados um no outro, saciados depois de fazerem amor. Nenhum tinha vontade de dormir. Ambos tinham muita coisa na cabeça e aquele era o primeiro momento de paz de que desfrutavam para conversar sobre questões pessoais.

Hokanu foi o primeiro a abordar o assunto:

– Senhora, com Justin incumbido de dar sequência à linhagem imperial, você está de novo sem herdeiro para os Acoma.

Mara virou-se nos braços do marido enquanto suas mãos percorriam um ombro firme e ainda musculoso devido ao manejo da espada. Levou algum tempo até responder:

– Estou satisfeita. Se a linhagem deve terminar, não há forma mais honrada. E pode ser que Jehilia dê à luz, ou que Justin seja pai de filhos de outra mulher. Ele pode ter uma prole tão numerosa que um deles venha a herdar meu manto sem que isso perturbe a sucessão imperial. E também posso adotar uma criança – acrescentou pouco depois.

Tanto o marido quanto a Senhora sabiam que aquilo não era algo que ela pudesse fazer. A tradição exigia que a criança tivesse alguma ligação com a família que a adotasse e nenhum parente de sangue sobrevivera desde os primeiros tempos da guerra entre os Minwanabi e os Acoma. Até se poderia descobrir alguma ligação

distante, sem dúvida, mas a linhagem dos Acoma era antiga e honorável demais para ser entregue a uma criança de ascendência duvidosa.

Hokanu afagou o cabelo de Mara.

– O problema já foi resolvido – murmurou.

Mara sentiu certa tensão se apoderando do corpo dele. Ela sabia! Ele fizera algo irrevogável, que tinha a certeza de que iria levá-la a argumentar.

– O que você fez, Hokanu? – O tom de voz foi cortante, devido ao medo, à preocupação e à ansiedade. Então, diante da relutância dele em responder, adivinhou: – Kasuma – disse afinal. – Você...

Ele tirou as palavras de sua boca, declarando, mas sem o tom de afronta:

– Entreguei-a aos Acoma.

Mara se agitou, mas ele a deteve. Com um dedo gentil, conteve a torrente de palavras dela e a embalou, com suavidade, para que se acalmasse.

– Esposa, já foi feito! Não pode anular os votos jurados hoje. Fumita e os sacerdotes de meia dúzia de Ordens foram testemunhas e o altar do Templo de Juran foi o local onde Kasuma renunciou à herança dos Shinzawai. Em seguida, prometi-a aos Acoma, algo que tenho direito de fazer como pai. Ela vai dar sequência à sua casa e linhagem, como é justo e correto. Conhece melhor do que ninguém o tipo de instrução de que uma garota precisa para se tornar Governante.

Hokanu baixou o dedo, deixando Mara sem palavras, não de felicidade, compreendeu, mas de dor e raiva, que eram completamente dirigidas a ele.

– Você vai ficar sem herdeiro! – vociferou ela por fim. – É perigoso demais nestes tempos, com Devacai conspirando para se apoderar de seu manto. Os Omechan e outros aliados Ionani podem ceder e jurar fidelidade a Justin, mas muitos Senhores com antigas

questões pendentes vão incentivar a rebelião dos tradicionalistas. Irá enfrentar as ameaças deles nos próximos anos, Hokanu. Justin e Jehilia precisarão de todas as vantagens que pudermos oferecer, e isso inclui uma sucessão segura para os Shinzawai! – A voz dela ficou ligeiramente estrangulada pelas lágrimas: – Não deve tentar nossos inimigos a marcá-lo como um alvo a ser abatido. Não suportaria vê-lo morrer como aconteceu com seu pai, derrubado pela ambição corrompida de alguém!

Hokanu puxou-a para mais perto dele.

– Seu receio tem fundamento – murmurou em seu ouvido –, assim como eu agi bem em colocar Kasuma sob a proteção do direito de herdar os Acoma. Ela é minha filha!

Seu tom de voz era de puro orgulho; em seu coração nunca rejeitara a garota. Mara sentiu uma pontada de arrependimento por ter duvidado disso no passado.

– Eu sou o pai – repetiu Hokanu. – E, até onde sei, ainda há leis e tradições que sustentam meu direito de tomar essa decisão. – Seu maxilar ficou tenso. – Minha Senhora, neste caso você foi vencida, talvez pela primeira vez na vida.

Mara reagiu com um ataque de choro. Era uma alegria ter Kasuma como herdeira, sem dúvida, mas isso era algo para pensar mais tarde. Por ora, estava consumida pela dor diante da renúncia de Hokanu para lhe proporcionar o presente e o sacrifício supremos. Não conseguiu evitar reconhecer o que ele ocultou: ele não teria filhos Shinzawai saídos do ventre dela para criar e para herdarem o azul da casa.

– Tenho dúzias e dúzias de primos – disse ele, obrigando-se a manter um tom descontraído. – Nem todos são invejosos como Devacai. Na verdade, a maioria é honrada e já provou seu valor. E isso pode aliviar as dificuldades de minha família. Se eu escolher um herdeiro entre meus rivais, isso vai dividir a facção de Devacai.

Mara teve dificuldade em recuperar a fala.

– Você não vai arranjar uma concubina.

O tom dela não foi de interrogação. E a firmeza inabalável do marido funcionou como resposta, até ele reconhecer a verdade:

– Minha Senhora, você é a única mulher que eu poderia desejar neste mundo. Enquanto estiver ao meu lado, não terei outra.

Mara mordeu o lábio. Por trás daquelas palavras, escutou os anseios íntimos que arduamente se esforçara para negar. Sentiu um aperto no coração. Mas nada revelou sobre suas mais íntimas decisões quando os braços de Hokanu a envolveram ainda mais e os lábios dele procuraram os dela sob a luz da lamparina.

As portas para o grande salão de audiências se abriram com estrondo e trombetas e tambores soaram. Na praça, ao ar livre, os plebeus que ainda festejavam a ascensão do novo Imperador ficaram em silêncio respeitosamente. Dois arautos imperiais apareceram à entrada e suas vozes anunciaram em uníssono que o Conselho inaugural da nonagésima segunda Luz do Céu estava sendo oficialmente convocado para se reunir. Em seguida, gritaram a lista com os nomes dos que iriam comparecer diante de sua Majestade Imperial, Justin.

Os primeiros a serem convocados foram os altos funcionários e criados que tinham servido sob as ordens de Ichindar. Entraram em fila, conforme iam sendo chamados, ostentando enfeites ofuscantes, embora suas expressões fossem sérias ou apreensivas. O Senhor dos Keda encabeçou a procissão. Avançou por entre as fileiras de Senhores reunidos e fez sua reverência diante do dossel piramidal.

O jovem Justin confirmou oficialmente sua permanência no cargo de Chanceler Imperial. O Senhor dos Keda agradeceu com uma profunda reverência, dirigida tanto ao garoto governante quanto à Senhora sentada numa almofada entre os sacerdotes presentes, cinco fileiras acima na pirâmide.

A Senhora Mara usava o vermelho da cerimônia em homenagem

a seus mortos que acontecera ao amanhecer. Uma dor profunda a deixara magra, abatida e com rosto macilento. O Senhor dos Keda sentiu compaixão. Mara vencera uma disputa imensa e obtivera uma vitória impossível; no entanto, o triunfo tivera um custo terrível. Keyoke e seus conselheiros, Saric e Incomo, tinham dado a vida por ela; muitos outros oficiais inferiores e guerreiros haviam tombado na contenda. A Casa dos Acoma conservara apenas um punhado de seus servos com cargos importantes naquele lado da Roda da Vida. O Senhor dos Keda cumprimentou diretamente a Senhora. Poucos Governantes no Império teriam arriscado tanto, ou sacrificado quase todos os que lhes eram queridos, pelo bem comum.

Os arautos anunciaram sonoramente mais um título, e o Senhor dos Keda fez sua reverência e se retirou. Assumiu seu lugar entre os outros Senhores enquanto, um a um, os servidores da corte eram chamados à frente. Muitos foram destacados para seus cargos anteriores. Alguns foram promovidos. Outros foram dispensados, caindo em desgraça, embora não tivessem sido dadas publicamente quaisquer explicações.

A certa altura, o Senhor dos Keda reparou que Justin se aconselhava com um vulto esguio e escuro que usava a armadura de um Branco Imperial e estava na posição de guarda-costas à direita do garoto. O Senhor dos Keda observou o homem, cujo rosto estava oculto na sombra. Nunca vira antes aquele oficial, o que era estranho. Conhecera todos os oficiais dos Brancos Imperiais ao longo dos anos de serviço sob o comando de Ichindar. O Senhor dos Keda poderia ter erguido a voz para manifestar sua preocupação, mas a Senhora Mara não lhe pareceu incomodada.

Lentamente a lista de oficiais chegou ao fim. Em seguida, aproximaram-se fileiras sucessivas de Governantes para jurar obediência à Luz do Céu. Para alguns deles, o momento foi de pura alegria, enquanto para outros foi de tristeza. Mas, quando a última das famílias do Império se ajoelhou, Justin se levantou e falou:

– Meus Senhores, a vocês que no passado constituíram o Conselho das Nações, agradeço a aceitação em nosso acesso... – atrapalhou-se com a palavra e o sempre presente oficial imperial a seu lado sussurrou algo em seu ouvido –... de nossa ascensão ao Trono do Céu. Alguns de vocês foram nossos inimigos, mas já não são. Deste dia em diante, eu lhes concedo anistia. Todas as rebeliões contra o Império estão perdoadas. Que fiquem também sabendo... – mais uma vez o oficial auxiliou o garoto –... que todas as rixas e rivalidades entre famílias estão abolidas. Aquele que erguer a mão contra seu vizinho ergue a mão contra mim, quero dizer, contra nós, o Império.

O garoto corou, mas ninguém riu de sua falta de jeito, pois, com aquele anúncio, a jovem Luz do Céu decretara que seu Império seria efetivamente governado por leis e que quem quer que tentasse reacender o sangrento Jogo do Conselho teria de enfrentar a ira imperial.

O Imperador assentiu para seus arautos e uma mecha rebelde de cabelo escapou de baixo de seu elmo dourado. Em seu rosto sardento irrompeu um sorriso quando escutou o chamado do Arauto-Chefe:

– Lujan, Comandante das Forças Armadas dos Acoma! Apresente-se diante de seu Imperador!

Lujan apareceu, um pouco atrapalhado, surpreso e envergonhado. Vestia sua melhor armadura, em honra de Mara, mas nunca sonhara que seria apresentado formalmente à corte. Ajoelhou-se diante do novo Imperador e da Senhora que já havia tantos anos servia, que lhe pareceu uma estranha com a tiara de regente esmagando seu adereço de cabeça vermelho de luto. Mara dirigiu ao seu Comandante das Forças Armadas palavras que apenas poderiam ser escutadas pelos poucos privilegiados que ocupavam os lugares mais à frente.

– Saric, Keyoke e Incomo deram suas vidas por esta nossa

grandiosa vitória. Lujan, você foi chamado por nosso Imperador para aceitar uma recompensa por seus anos de serviço dignos de louvor. Que seus feitos e sua lealdade permaneçam como exemplo para todos os guerreiros das Nações. Não há ninguém vivo que iguale sua tenacidade a nosso serviço.

Lujan continuou parecendo estupefato quando a Senhora Mara se levantou e abandonou seu lugar cerimonial. Pegou sua mão, ordenou que se levantasse e o conduziu ao longo da balaustrada para um dos lados, onde dois Brancos Imperiais abriram um pequeno portão, saudando-a com uma breve continência quando a Senhora o encaminhou para lá. O Comandante das Forças Armadas Lujan, que chefiara exércitos contrariando o decreto da Assembleia, ficou lívido de preocupação. Avançou cuidadosamente, como se o ar estivesse rarefeito demais para respirar e o chão sob suas sandálias, muito polido para pisar. Do alto de seu trono sob o dossel elevado, o Imperador Justin sinalizou para que avançasse até em cima, num auge de distinção com que nunca sonhara.

Hesitou e a Senhora Mara teve de empurrá-lo discretamente.

Lujan se recompôs quando quase tropeçou; ele, que era um espadachim com talento suficiente para nunca ser pego desprevenido. Conseguiu, com dificuldade, subir a escada sem deslizos. No topo, fez uma reverência aos pés de Justin e suas plumas verdes varreram o tapete.

– Levante-se, Lujan.

O garoto sorria com o mesmo afeto demonstrado quando, com uma investida, tocara seu mestre num treino com a espada de madeira.

Lujan pareceu espantado demais para reagir. Depois de um bom tempo, o Branco Imperial com o rosto oculto o cutucou com a ponta do pé e murmurou algo que mais ninguém pôde escutar. O Comandante das Forças Armadas dos Acoma se levantou de pronto como se tivesse levado um chute e olhou para baixo, para o rosto do

Imperador. O sorriso de Justin assumiu um ar insolente.

– O Imperador, por meio deste decreto, concede a Lujan, oficial dos Acoma, o alvará oficial para fundar sua própria casa. Que todos ouçam: os filhos, os servidores e os soldados deste guerreiro deverão portar as cores por ele designadas e prestar juramento perante o natami da Casa dos Lujan. A pedra sagrada aguarda seu novo Senhor e mestre no Templo de Chochocan. Os documentos do alvará serão entregues em mãos pela Boa Serva Mara. – A felicidade de Justin quase o fez gargalhar. – Pode se curvar diante de seu Imperador e jurar lealdade, Senhor Lujan da Casa dos Lujan.

Lujan, que sempre tivera respostas na ponta da língua, ficou de boca aberta como um peixe. Fez sua reverência e de algum modo conseguiu efetuar uma retirada decorosa pelos degraus abaixo. Mas, quando ao fundo se deparou com a Senhora Mara, seus olhos fitaram os dela exibindo nos cantos um brilho suspeito.

– Minha Senhora – falou, com a voz embargada e confuso, ainda sem acreditar.

Mara inclinou a cabeça.

– Meu Senhor.

Pegou sua mão quando ele começou a se retrair ao ouvir o título. Então o fez se levantar e colocou em sua mão três rolos de pergaminho. Apenas um deles estava atado com fitas no dourado imperial. Os outros estavam enlaçados com o verde e exibiam o selo do shatra dos Acoma.

Mara sorriu.

– Meu primeiro recruta, o mais corajoso dos guerreiros cinzentos a ter prestado juramento aos Acoma e meu mais velho amigo ainda vivo, formalmente o liberto de seus votos perante o natami dos Acoma, com felicidade, agora que vai servir a seu próprio destino. Hoje nasce uma grande casa. Ao título de Governante que a nossa Luz do Céu achou apropriado conceder, os Acoma acrescentam oferendas de agradecimento. – Apertou a mão de Lujan. – Primeiro,

a Casa dos Lujan deve tomar posse das terras que me pertenceram por nascença. Todas as terras e o gado nas propriedades adjacentes a Sulan-Qu daqui em diante lhe pertencem, para que as governe e as passe a seus herdeiros, sendo a Clareira da Meditação consagrada para acolher o natami de sua casa.

– Minha Senhora – titubeou Lujan.

Mara não o deixou falar:

– Meu Senhor, com essa propriedade, eu, na qualidade de Senhora dos Acoma, lhe concedo o serviço de quinhentos soldados. Entre estes estão, antes dos demais, todos aqueles que estabeleceram um pacto com você quando eram guerreiros cinzentos. Os outros serão escolhidos por você dentre aqueles dispostos a servi-lo na guarnição da propriedade de Sulan-Qu.

Lujan recuperou o suficiente de seu jeito desinibido para conseguir sorrir.

– Por todos os deuses – murmurou –, espere até os homens ouvirem. Começaram roubando duas needra para comer e agora serão oficiais de minha casa!

Riu entre dentes e depois deu de ombros; e poderia ter quebrado o protocolo com gargalhadas se antes Mara não o impedisse erguendo o último rolo de pergaminho, que depositou na mão dele.

– Ofereço ainda um lugar de honra no Clã Hadama, se o desejar – concluiu. – Se Keyoke ainda estivesse vivo, diria que você aprendeu bem. Papewaio era seu filho de coração, depois de meu irmão Lanokota. Você foi seu filho mais novo... e, no final, aquele de quem mais se orgulhou.

Lujan, comovido, sentiu falta do ancião, o primeiro a reconhecer e a recompensar seu talento para comandar. Como que saudando seu antigo oficial, tocou com os rolos na testa, aceitando seu conteúdo com um floreio.

– A Senhora é generosa demais – murmurou a Mara. – Se todos os ladrões de needra deste Império percebessem que poderiam

subir tão alto, seria a Governante da desordem. – Ficou então muito sério e fez uma reverência. – Em meu coração, será sempre a minha Senhora. Que as cores da Casa dos Lujan sejam o cinza e o verde: cinza para recordar simbolicamente minhas origens e verde em homenagem ao meu serviço aos Acoma, que me levou a tamanha honraria.

– Cinza e verde são as cores da Casa dos Lujan! – gritou o arauto imperial junto ao dossel, para que todos os Senhores escutassem e registrassem.

Mara sorriu de prazer diante do tributo.

– Agora, saia daqui! – sussurrou ao seu galante antigo oficial. – Respeite a promessa que, em Chakaha, você me fez jurar que o obrigaria a cumprir. Case-se com uma bela mulher, tenha filhos e viva até uma idade avançada!

Lujan bateu imediata e descontraidamente continência, girou nos calcanhares e marchou de volta por entre as fileiras de seus pares enquanto o Branco Imperial à direita do Imperador murmurava:

– Aposto que daqui a uma hora ele vai estar podre de bêbado na festa.

Justin espiou o rosto familiar de Arakasi.

– Por que você é tão presunçoso? No devido momento chegará sua hora.

Apesar de o Mestre dos Espiões dos Acoma ter lançado um olhar indagador ao seu jovem Senhor, Justin evitou explicar o que pretendia dizer com aquilo. Olhou para a frente, com seus ombros jovens retesados. Nem todas as incumbências do dia seriam tão agradáveis como a entrega da patente de Senhor a Lujan. Assentiu na direção do arauto e o nome de Hokanu dos Shinzawai ecoou por todo o salão de audiências. Dessa vez, várias pessoas nas fileiras de Governantes trocaram olhares sutis, muitos com inveja mal dissimulada. A Senhora Mara mostrara ser uma regente justa, mas agora não eram poucos os que profetizavam que iria mostrar sua

desonestidade indicando o marido para algum cargo ou função despropositados. No entanto, se isso era verdade, o rosto de Hokanu estava tenso quando se aproximou do dossel imperial. Não parecia feliz nem triste, apenas determinadamente neutro, quando fez sua reverência diante da Luz do Céu.

Sua mesura foi dirigida a Justin, mas seus olhos, ao se levantar, voltaram-se fixamente para a Senhora Mara. Ela também não pareceu empolgada por ser alvo da avaliação do marido. Rigidamente formal, ainda mais pálida do que estivera mais cedo, olhou inexpressiva para a frente quando sua Majestade Imperial apresentou formalmente sua proclamação:

– Que todos os presentes escutem e prestem atenção: seu Imperador faz o que é necessário pelo Bem do Império. Ficou devidamente registrado, durante uma cerimônia realizada ontem no Templo de Juran, que a criança Kasuma foi entregue por seu pai para se tornar herdeira do manto dos Acoma. – Justin fez uma pausa, engoliu em seco e, com uma maturidade que não seria de esperar em sua idade, exibiu uma voz firme: – Isto chama a atenção para o fato de os Shinzawai serem agora uma casa sem herdeiro. Por ter sido declarada infértil pelos sacerdotes de Hantukama, a Senhora Mara requer o divórcio. – Justin baixou os olhos e, sentindo-se desconfortável, fitou os pés. – Em minha condição de Luz do Céu, e pelo Bem do Império, pareceu-me adequado aceitar o pedido.

Uma onda de murmúrios varreu o superlotado salão. Hokanu pareceu espantado, mas sua expressão se manteve inalterada. Apenas seus olhos, fixos nos de Mara, exibiram um silencioso grito de agonia. Justin fez um ruído, escondido pela mão, que poderia parecer um soluço abafado.

– Os Shinzawai são uma casa grande e importante demais para este Império. Não seria sábio estimular lutas internas ao deixá-la sem sucessor. O Senhor Hokanu, por este meio, fica obrigado, por

ordem de seu Imperador, a procurar uma noiva e a se casar de novo, com o propósito de gerar filhos.

Foi Mara quem desceu do dossel para entregar os papéis do divórcio com os selos imperiais. Avançou sob um silêncio de espanto, ao qual se seguiram murmúrios: todos viam claramente que ela amava seu Senhor. O sacrifício que fazia gelou até os pensamentos mesquinhos dos mais ambiciosos Governantes. Não era o que haviam presumido, mas sim uma genuína Serva do Império agindo com altruísmo mesmo quando isso a feria.

A antiga Senhora e o marido se encontraram em frente ao dossel. Diante de todos, não puderam cair nos braços um do outro e chorar. Mara se sentiu grata. Apenas o orgulho de seus antepassados a impediu de suplicar. O coração dela não queria participar daquela escolha brutal. Ansiou apenas se lançar aos pés de Hokanu e implorar para que devolvesse os documentos que Justin, chorando, assinara naquela manhã.

Ela não tinha a intenção de dizer nada, mas as palavras brotaram, sem freios:

– Teve de ser assim! Ó louvados deuses, ainda o amo, mas esta foi...

Calou-se, contendo as lágrimas.

– Tinha de ser! – disse Hokanu, com a voz rouca e trêmula, como a dela. – O Império exige toda a nossa força.

A compreensão que demonstrou diante das necessidades era uma espada cortante, um dom que ameaçava demolir toda a determinação dela. Mara segurou o rolo com suas palavras cruéis e seus selos oficiais como se estivesse colado à pele.

Gentilmente, Hokanu tirou o documento das mãos dela.

– Você será sempre a minha Senhora – murmurou. – Posso vir a ter meus filhos com outra, mas meu coração será sempre seu.

As mãos dele tremiam, fazendo as fitas douradas flutuar e cintilar sob a luz. Seus olhos, ausentes, estavam duros e sofriam ao

recordar o sacerdote de Hantukama que outrora o acusara de amar sua Senhora demais; aquele homem santo o repreendera. Amargamente, e apenas agora, Hokanu compreendia a dimensão daquela verdade. Quase permitira que seu afeto por Mara pusesse em risco a Casa dos Shinzawai.

O Império não conseguiria suportar mais fraquezas, muito menos uma causada por questões sentimentais. Mara tinha razão, por mais que a petição dela o fizesse sofrer naquela que era a hora do triunfo deles. Ela reconhecera a necessidade da separação; ele, inconscientemente, tornara a escolha mais urgente diante de sua teimosia em relação à entrega de Kasuma. Não lhe restara alternativa, por mais doloroso que fosse. Teria de aceitar de imediato, antes que lhe faltasse coragem. Pelo Bem do Império, também ele deveria fazer aquele sacrifício. Esticou um dedo e gentilmente levantou o queixo de Mara, obrigando-a a olhar para ele.

– Não se transforme numa estranha, Senhora Serva – murmurou.
– Sempre gostarei de sua companhia e será bem recebida em meu conselho; será sempre a primeira em meu coração.

Mara engoliu em seco, sem saber o que dizer. Como sempre, a compreensão plena de Hokanu mostrava seu poder de cativar seu coração. Iria sentir falta de sua constante companhia e da presença meiga e solícita dele em seu leito. E, no entanto, também ela sabia: se não o obrigasse a tomar aquela decisão, ele morreria sem um filho, sem um herdeiro. Seria um crime contra a humanidade ele não passar o testemunho de sua bondade e de sua capacidade de optar por uma ação correta e clemente.

– Amo você – sussurrou ela de forma quase inaudível.

Mas ele já fizera sua reverência e partira, com passos tão firmes como se estivesse num campo de batalha. Os Senhores presentes ficaram impressionados. A coragem de Hokanu os humilhara e a dor silenciosa de Mara os deixara envergonhados. O Império chegava a

uma nova ordem e, ao que parecia, o casal que conquistara aquele renascimento se tornava um claro exemplo para todos os outros. Homens que tinham acolhido tal mudança com indignação foram forçados a encarar as coisas sob outra perspectiva. Tinham acabado de assistir ao apogeu da honra. Não estar à altura de viver segundo os padrões estabelecidos pela Senhora Mara e pelo Senhor Hokanu seria se rebaixar a um novo nível de vergonha.

No trono dourado, um garoto que acabara de renunciar a seu amado pai engoliu em seco com um aperto na garganta. Em seguida endireitou os ombros, que por um momento haviam parecido dobrados pelo peso do manto imperial, e acenou a seu arauto imperial.

A próxima a ser chamada foi a Senhora Mara dos Acoma, Serva do Império.

De início, com o olhar preso na ala vazia por onde Hokanu desaparecera, ela pareceu não ouvir. Depois também se endireitou e subiu a escada do alto dossel para se curvar diante da Luz do Céu. Justin esqueceu os discursos que estivera ensaiando. Não conseguiu se ater às frases que ensaiara.

– Mãe! – chamou, com um sorriso estampado no rosto endiabrado. – A você, que ultrapassou todos os Servos do Império que serviram nossas Nações... – Justin fez uma pausa, o que levou Jehilia a lhe dar uma cotovelada nas costelas. Ele a olhou espantado e prosseguiu: – Aceite a regência de nosso governo até nosso vigésimo quinto aniversário.

Aplausos polidos ecoaram por todo o salão de audiências, crescendo em volume até gerarem um viva, primeiro por parte da guarda de honra dos Acoma, alastrando-se depois aos Brancos Imperiais e aos guerreiros dos Shinzawai. Em seguida, Senhor após Senhor, todos se uniram na aclamação à Senhora Mara. Justin acenou para restaurar a ordem, mas esta só voltou a reinar com muita dificuldade.

– Para você, Senhora Mara, a maior dentre os Servos do Império, achamos adequado criar um novo título – anunciou, por entre uma mal contida adoração. Justin levantou-se com as mãos para o alto. – Nomeamos a Senhora Mara *Senhora do Império!*

A algazarra se tornou ensurdecedora. Mara foi alvo de todos os olhares de admiração, parecendo atônita e feliz, mas também triste. Nunca ambicionara poder nem adulação pública. Tudo aquilo por que lutara ao longo dos anos fora para manter a salvo o nome de sua família. Que estranho era o fato de, com o percurso da vida que os deuses lhe haviam outorgado, ver todas as Nações como sua família e seu filho, gerado por um escravo bárbaro, apoderar-se do trono supremo e do título de Luz do Céu.

A curiosidade do Senhor dos Keda em relação ao homem misterioso que vestira a armadura de Branco Imperial só foi satisfeita à tarde, quando o jovem Imperador convocou uma reunião especial e reservada em seu gabinete particular. O cômodo não era uma pequena câmara, mas sim um grande salão resplandecente, com biombos enfeitados de dourado e decorado com pinturas antigas. Justin despira a armadura imperial. Para a reunião, vestira uma túnica com detalhes dourados, tomada emprestada do guarda-roupa de seu antecessor. O tecido ficou pendurado em seu corpo jovem, preso nos ombros com alfinetes de metal raro.

O Senhor dos Keda entrou. Fez uma reverência diante do dossel baixo sob o qual a jovem Luz do Céu se encontrava reclinada em suas almofadas e depois deu uma olhada atenta nos outros ali reunidos. A Senhora Mara ainda usava o vermelho de luto. Estava acompanhada pelo misterioso guarda-costas, com seu cabelo úmido devido a um banho recente e o corpo muito ereto e magro já sem o disfarce da armadura branca. Usava agora uma túnica discreta sutilmente bordada de verde. O rosto do homem estava cautelosamente imóvel. Tinha as mãos hábeis pousadas com elegância sobre o colo. Apenas os olhos revelavam sua inteligência,

observando a sala sem deixar escapar nada. O camarada devia ser sagaz, avaliou o Senhor dos Keda; era bom em avaliar pessoas. E aquele reagiria bem em caso de crise; só que naquele momento parecia um tanto ausente, ligeiramente distante das pessoas presentes no cômodo.

Mara reparou na observação atenta do Senhor dos Keda.

– Permita-me que lhe apresente Arakasi, um valoroso servo dos Acoma que merece nosso mais elevado respeito.

O interesse do Senhor dos Keda se aguçou. Aquele homem discreto com uma atenção quase desumana... poderia ser o lendário Mestre dos Espiões que mantivera os Acoma tão miraculosamente bem informados?

O homem se dirigiu a ele como se misteriosamente fosse capaz de ler os pensamentos do Senhor dos Keda através de suas expressões.

– Abri mão de meu antigo cargo – anunciou, com uma voz aveludada friccionada em pedra. – No passado fui Mestre dos Espiões dos Acoma. Agora, descobri que a vida e a natureza contêm segredos mais profundos do que as intrigas criadas pelos homens.

O Senhor dos Keda assimilou aquela declaração profunda, fascinado pelo homem que a proferira.

Mas o Imperador que serviam era ainda jovem demais para detalhes sutis. Mexeu-se com impaciência em suas almofadas douradas e bateu palmas para chamar seu mensageiro.

– Vá buscar o prisioneiro.

Logo depois entraram dois Brancos Imperiais ao lado de um homem magro com as unhas roídas e olhos astutos. O Senhor dos Keda reconheceu Chumaka, que servira ao falecido Senhor Jiro como Conselheiro-Mor. O Chanceler Imperial franziu o cenho, tentando entender o que teria originado sua presença naquela reunião particular, já que não era um oficial de justiça. Seu cargo era mais administrativo do que dotado da autoridade de um tribunal que

pudesse cancelar uma acusação de traição. Pois era certo que o Senhor Jiro estivera por trás do homicídio do Imperador Ichindar; os Omechan haviam herdado as máquinas de cerco e seus exércitos tinham se posicionado para apoiar a conspiração do Anasati para se apoderar do trono. Chumaka não poderia ter ficado de fora do esquema; muito provavelmente, o plano mortal fora elaborado por ele.

Mara respondeu à inquietação do Senhor dos Keda.

– Você foi chamado aqui como testemunha – explicou calmamente, depois olhou para a frente quando Chumaka saudou o Imperador com uma profunda reverência.

Em seguida ele fez uma reverência a Mara, murmurando:

– Grande Senhora, sua reputação chegou a meus ouvidos. Prostro-me diante da Senhora e peço humildemente que poupe minha vida.

O Senhor dos Keda lhe deu um olhar carrancudo. O homem fora conselheiro de Jiro; certamente tivera participação no assassinato do pai de Hokanu, assim como no envenenamento da própria Senhora Mara. E a consciência disso mesmo estava espelhada no rosto dela. A linha inexpressiva de sua boca denunciava a dor que a corroía: devido à interferência daquele homem e a uma quase bem-sucedida tentativa de matá-la, nunca mais poderia ter filhos. Se não fosse isso, o marido que se vira forçada a deixar ainda poderia estar a seu lado.

Chumaka permaneceu prostrado, com as mãos tremendo ligeiramente. Não se via arrogância nele: a humilhação parecia profundamente genuína.

– Justin – murmurou Mara em tom rouco.

O garoto olhou para a mãe de um modo que beirou a insubordinação.

Mara cogitou que devia repreendê-lo, mas foi Arakasi quem acabou por instruir o garoto.

– Majestade – declarou, num tom arranhado como se sua garganta estivesse muito enferrujada –, há momentos para rancores e momentos para clemência. Peço-lhe que decida, como homem e como Imperador. Pondere com sensatez. Este homem que pede clemência é o inimigo mais brilhante que já enfrentei. Já perdoou todos os outros inimigos das Nações, mas este deve ser tratado de forma diferente. Ou manda executá-lo, ou deve bani-lo por toda a vida, ou ainda pedir juramento perante o senhor para servi-lo, dando-lhe um cargo. É perigoso demais para circular livremente dentro do Império.

As sobranceiras ruivas de Justin se uniram num olhar carrancudo. Refletiu demorada e intensamente.

– Não consigo decidir – reconheceu por fim. – Mãe, este homem foi mais responsável do que qualquer outro por causar sofrimento. A vida dele lhe pertence para dela fazer o que quiser.

A Senhora vestida com o vermelho do luto se agitou. Observou o cabelo ralo do homem aninhado a seus pés.

– Erga-se, Chumaka.

O prisioneiro obedeceu, sem qualquer vestígio de sua habitual inteligência. Fitou a Senhora que iria decidir seu destino e pela profunda imobilidade de seu olhar todos os presentes na câmara perceberam: não conhecia nenhuma razão possível para que ela o poupasse.

– Aceitarei seu desejo, minha Senhora – murmurou numa voz abatida.

O olhar fixo de Mara se manteve nele.

– Responda-me por sua honra; jure por sua alma, que se unirá à Roda da Vida assim que sua existência terminar: por que você fez o que fez?

Ela não especificou a qual dos crimes se referia. O mais provável era estar muito entorpecida pelos acontecimentos para se importar; ou então estava sendo astuciosa, deixando a escolha a Chumaka,

para perceber as motivações mais profundas através da escolha.

O intelecto ágil de Chumaka desapareceu. Suspirou, cedendo ao jogo. Tendo em conta o modo como ela o questionara, respondeu em termos gerais. E, pela primeira vez em sua longa e dissimulada vida, disse a pura verdade:

– Em parte, para servir a meu Senhor, mas, principalmente, por meu apreço pelo Grande Jogo, minha Senhora. Neste caso, servi a mim mesmo, e não a Jiro, ou Tecuma antes dele. Sim, eu era leal à Casa dos Anasati, mas também não era. Fiz o que me ordenava meu Senhor, mas a alegria de manipular a política foi sempre algo só meu, uma coisa só minha. A senhora é o que de melhor os deuses lançaram sobre o solo e sob o sol, e derrotá-la – de ombros – teria sido o mais glorioso triunfo na história do Grande Jogo.

Arakasi inspirou fundo. Entendera muito bem as palavras do antagonista que fora o homem que mais perto estivera de vencê-lo em astúcia e perspicácia, em assassinatos e conspirações.

– Foi esse o meu erro – murmurou Arakasi, como se ele e Chumaka estivessem conversando a sós. – Parti do princípio de que agia pela honra de seu Senhor. Foi aí que quase me venceu: suas motivações sempre foram íntimas. A honra de Jiro que se danasse.

Chumaka inclinou a cabeça.

– Vencer, sim, sempre foi o objetivo. E a honra do Senhor *residia* na vitória. – Em seguida, virou-se de novo para Mara. – Ninguém melhor do que a Senhora compreende isso, pois o vencedor decide o que é honra e o que não é.

Calou-se, esperando sua sentença.

A Senhora do Império bateu com as mãos tensas no colo. Por fim, não falou por ela:

– Serviria ao Império, Chumaka?

Uma luz ardente brilhou nos olhos do antigo conselheiro dos Anasati.

– Com todo o gosto, Senhora. Apesar dos votos de obediência e

lealdade, muitos dos que esta noite estarão em seu banquete bebendo seu vinho amanhã irão conspirar para derrubá-la. Impedir a queda do novo Império será o maior desafio que um homem poderá enfrentar.

Mara desviou então o olhar para Arakasi.

– Seria capaz de confiar sua rede a este homem?

O Mestre dos Espiões estreitou os olhos e respondeu quase sem hesitar:

– Sim, ele será capaz de dirigir meus agentes melhor do que eu. O orgulho dele em seu trabalho irá mantê-los mais seguros do que eu faria, até antes de ter perdido meu jeito.

Mara assentiu para si mesma.

– Assim me pareceu. Nunca havia encontrado seu coração, Arakasi. Não temos de temer isso em relação a Chumaka. Ele não tem coração, a não ser em relação a seu trabalho. – Virou-se para Chumaka. – Irá prestar juramento perante o Imperador de que o servirá na qualidade de Mestre dos Espiões. Como castigo por seus crimes passados contra este Império, e como penitência, vai servir à nova Luz do Céu até seu último suspiro. O Senhor dos Keda é sua testemunha.

Chumaka ficou olhando para a notável Senhora dotada de um coração suficientemente grande para perdoá-lo por alguns dos maiores sofrimentos de sua vida e, enquanto a descrença dava lugar a uma alegria crescente, não teve a oportunidade de lhe agradecer. Ela o dispensou sumariamente, entregue aos cuidados do Senhor dos Keda, para que fosse jurar lealdade e colocar as palavras por escrito sob o selo imperial.

Assim que todos os Brancos Imperiais e o Chanceler abandonaram a câmara, Mara e Justin ficaram a sós com Arakasi. A Senhora observou o tremendamente talentoso homem que acumulara disfarces, desde o mais reles mendigo das sarjetas até a brilhante armadura com bordas douradas de um guerreiro de elite

no séquito de Justin. Tudo o que ela conquistara se devia em parte a ele. Sua extraordinária capacidade para compreender bem o que o rodeava foi para Mara mais útil do que a lealdade, do que o dever, do que joias ou riquezas.

– Há apenas um cargo a ser preenchido – disse ela por fim, com a boca dando indícios de um sorriso. – Você é capaz de aceitar o manto de Conselheiro-Mor Imperial? Duvido que haja outro homem com uma capacidade de raciocínio tão rápida para manter Justin longe de problemas.

Arakasi reagiu com um sorriso que a espantou por sua espontaneidade.

– Qual é a opinião de Justin?

Mara e seu antigo Mestre dos Espiões deram uma olhada no garoto, cuja expressão estava visivelmente abatida.

– Ele acha que vai se dar mal em suas escapadas – comentou Mara com uma gargalhada. – O que resolve a questão. Aceita, Arakasi?

– Seria uma honra – respondeu com solenidade. E depois não escondeu sua felicidade: – Mais do que isso, seria um prazer.

– Então, prepare-se para entrar amanhã a serviço – terminou Mara. – A noite é sua, de modo que possa procurar sua amada, Kamlio.

Arakasi levantou uma sobrancelha, fazendo uma expressão que nunca fora vista por ninguém presente na sala.

– O que é isso? – perguntou Mara com delicadeza. – A garota rejeitou sua corte?

Arakasi ficou perplexo.

– Nada disso. Na verdade, concordou que eu lhe faça a corte... Uma antiga cortesã que, de repente, deseja que tudo seja feito com toda a decência. Os estados de espírito dela permanecem volúveis, mas já não é a criança taciturna que levou para Thuril. – Balançou ligeiramente a cabeça, com um espanto encantado. – Agora que

descobriu quanto vale, resta saber se estou à altura *dela*.

– Pois está – assegurou Mara. – Já percebi isso, não duvide. – Depois, olhou intensamente para o homem cujos pensamentos haviam estimulado os dela até novos patamares e incentivado enormes revelações. – Você quer pedir um favor – adivinhou.

Arakasi pareceu mortificado de maneira incomum.

– Na realidade, sim, quero.

– É só dizer – incentivou Mara. – Se estiver ao meu alcance, já pode contar com ele.

O homem com a discreta túnica com detalhes verdes, que em breve iria vestir o branco e dourado do serviço imperial, sorriu acanhado.

– Gostaria que destacasse Kamlio para servir a Isashani dos Xacatecas – disse num atropelo de palavras envergonhadas.

Mara riu abertamente.

– Brilhante! – exclamou, assim que conseguiu falar. – É claro. Ninguém, homem ou mulher, jamais escapou ao encanto da viúva Senhora dos Xacatecas. Kamlio vai se dar bem com ela e você terá uma esposa soberbamente treinada.

Os olhos de Arakasi brilharam.

– Ela certamente se tornará uma manipuladora capaz de fazer frente a meus melhores esforços.

Mara fez um gesto de rejeição.

– Você precisa de uma mulher inteligente para manter sua perspicácia – repreendeu-o, com afeto. – Agora vá e diga à Senhora Isashani que cabe a ela resolver o desafio mais complexo do Império. Tenho certeza de que vai ficar encantada por poder ajudar.

– Por quê? – quis saber de pronto Justin, enquanto Arakasi fazia sua reverência graciosa e saía, como era hábito, em silêncio. – É assim que as mulheres se divertem?

A Senhora do Império suspirou e olhou com ternura para o filho, cuja franqueza poderia se revelar um embaraço, pois sua capacidade

de recorrer às palavras para formular verdades era uma quebra da etiqueta esperada e muitas vezes fazia algumas orelhas ficarem vermelhas.

– Visite um dia o harém de seu antecessor e veja por si mesmo – disse ela. Quando os olhos de Justin assumiram um brilho ímpio de malandrice, ela resolveu acrescentar rapidamente: – Pensando melhor, essa parte de sua educação pode esperar até você crescer. É parecido demais com seu pai para se perder tão novo entre mulheres rivais.

– O que quer dizer com isso? – quis saber Justin.

Mara presenteou o filho com um sorriso vago.

– Assim que você ficar mais velho e eu não for mais sua regente, você entenderá.

O jardim era resguardado, um abrigo verde de sombras cercado por flores e fontes. Mara vagava por seus caminhos, à procura de paz. Hokanu caminhava a seu lado, ora falando um pouco, ora ficando em silêncio.

– Sentirei sua falta – afirmou ele, numa mudança de assunto de despedaçar o coração.

– E eu a sua – reagiu Mara depressa, antes que perdesse por completo a voz. – Mais do que consigo explicar.

Hokanu lhe deu um sorriso encorajador, deixando cuidadosamente de lado a própria perda, e disse:

– Sem dúvida que o divórcio fez surgirem muitos boatos e fofocas, e deu à Senhora Isashani coisas em que pensar. Ela está ocupada escrevendo cartas e vou ter de me esquivar das consequências das tentativas dela de me arranjar casamento.

Mara tentou sorrir com o gracejo dele.

– Você é o melhor que uma mulher pode desejar para marido. Deu-me amor incondicional. Nunca me desviou de meu destino.

– Nenhum homem poderia fazê-lo – observou Hokanu com

ironia.

Oculto por trás de suas palavras estava a raiva pela obra do assassino enviado por Jiro; se não fosse o terrível veneno da seita, não estaria perdendo a única mulher que poderia se identificar com seu espírito.

Mara colheu uma flor branca e Hokanu tirou-a gentilmente de suas mãos. Como já fizera antes, prendeu-a no cabelo dela. Havia agora, entre os cabelos escuros, fios claros que combinavam com o tom das pétalas.

– Você me deu uma bela filha que vai me suceder – comentou Mara. – Um dia terá irmãos que serão seus filhos.

Hokanu apenas assentiu. Após um prolongado momento em que se limitou a caminhar ao lado da Senhora, tomou a palavra:

– Há certa elegância no fato de Kasuma sucedê-la como Governante. – O sorriso dele era agridoce. – Nossa filha. Meu pai ficaria feliz por saber que nossos filhos governarão duas grandes casas.

– Ele está feliz – anunciou uma voz.

Senhor e Senhora deram meia-volta, surpresos. Profundamente misterioso em seus trajes negros, Fumita fez uma reverência a ambos.

– Mais do que poderia imaginar... meu filho.

A admissão dos laços de sangue não foi forçada, mas, sim, uma declaração alegre agora possível em função do novo status da Assembleia. A expressão rígida do mago deu lugar a um sorriso espantosamente radiante.

– Senhora Mara, sempre a vi como minha filha. – Então assumiu um ar impassível ao entregar sua mensagem oficial. – Pedi para ser o encarregado de informar a Grande Senhora de que a Assembleia já votou. A decisão foi difícil, mas os magos cedem às suas exigências. Nossa Ordem responderá diante da nova lei, tal como estabelecida pelo Imperador Justin para as Nações.

Mara inclinou respeitosamente a cabeça. Em parte esperava que Fumita partisse abruptamente, como era seu hábito, depois de cumprida sua tarefa. Mas, como se a admissão de parentesco com o filho tivesse aberto as comportas da mudança, dessa vez deixou-se ficar.

– Meu filho, minha filha, quero que ambos saibam que suas corajosas ações estão aprovadas. Honraram os Acoma e os Shinzawai. Só gostaria que meu irmão, o pai adotivo de Hokanu, estivesse vivo para poder testemunhar isto.

Hokanu manteve uma expressão impassível, mas Mara sentiu seu enorme orgulho. Um sorriso torcido rompeu por fim sua fachada de guerreiro, imitado quase logo por um idêntico por parte de Fumita.

– Calculo que nenhum dos descendentes da Casa dos Shinzawai seja de fato adepto da tradição – observou o mago. Dirigiu-se então a Mara: – Vocês poderão nunca vir a saber como foi difícil, às vezes, para pessoas como nós abdicar da vida que conhecíamos antes de nosso poder ser reconhecido. É pior para aqueles como eu, que já eram adultos com famílias formadas quando nosso poder se manifestou. Às vezes penso que os segredos da Assembleia nos arrancavam as emoções. Um erro trágico. Fomos obrigados a abdicar de nossos sentimentos e, em resultado disso, aparentemente brotaram de nós atos de crueldade. À medida que a mudança nos renovar, iremos recuperar nossa humanidade. No final, nós, da Assembleia, vamos crescer e teremos de lhe agradecer e louvar sua memória, Senhora Mara.

A Senhora do Império abraçou o mago com uma familiaridade a que antes nunca teria se atrevido.

– Visite muitas vezes a Corte Imperial, Fumita. Sua neta deve crescer tendo a alegria de conhecer o avô.

Parecendo se sentir desconfortável com tal afluxo de sentimentos em função de uma família restaurada, Fumita fez uma reverência brusca. Uma fração de segundo depois, desapareceu num sopro de

ar, deixando que Mara e Hokanu partilhassem um último momento na companhia um do outro.

As fontes cantaram e as flores libertaram seu perfume no ar da noite cada vez mais escura. O menino de recados que apareceu foi visto como um intruso quando fez uma reverência e anunciou:

– Minha Senhora, a Luz do Céu solicita a presença de seu pai e da Senhora do Império em seu Conselho.

– Política – comentou Mara com um suspiro. – Quem marca o ritmo, nós ou a dança?

– A dança, naturalmente – respondeu Hokanu com um sorriso. – Caso contrário, nunca a deixaria, Senhora.

Em seguida, voltou-se e ofereceu o braço à ex-esposa. Com uma dignidade enraizada numa profunda coragem e numa inabalável paz interior, acompanhou-a até os aposentos imperiais, para ela desempenhar seu novo papel de Regente e Senhora do Império.

EPÍLOGO

Reencontro

O arauto soou o gongo.

A Senhora Mara, Senhora do Império, tentou ficar mais confortável na almofada dourada que não conseguia disfarçar a dureza do implacável mármore de seu assento oficial sob o dossel imperial. Seu trono poderia ser menos magnífico do que o de Justin, revestido em ouro, mas nem por isso era mais confortável. Após dois anos presidindo os deveres públicos de Justin, ainda não se habituara a ele.

Os pensamentos de Mara vagaram. Já mais experiente no alto de seu trono dourado, Justin se revelava cada vez mais capaz de tomar decisões ao enfrentar as questões apresentadas no Dia das Súplicas. Tinha o dom da mãe para entender o padrão de assuntos complexos e a habilidade do pai para ir direto ao cerne da questão. Na maioria das vezes, Mara, ao seu lado, servia mais como conselheira do que como regente; às vezes sentava-se e se deixava envolver pelas recordações ao longo das longas horas de reuniões de Estado, confiando em Justin para chamá-la quando necessário.

O pôr do sol se aproximava, percebeu pelo raio enviesado de luz que atravessava a cúpula do grande salão de audiências. O Dia das Súplicas estava finalmente acabando. Os últimos suplicantes do Imperador avançaram até a balaustrada no piso mais abaixo. Mara resistiu à vontade de esfregar os olhos cansados quando Justin, nonagésimo segundo Imperador, proferiu as tradicionais palavras

que anunciavam ao indivíduo que se apresentava o direito de ser ouvido.

– Senhor Hokanu dos Shinzawai, saiba que o ouvido de Deus escuta através de nosso ouvido. – A voz de Justin já indicava o tom de barítono que iria assumir quando chegasse à idade adulta, mas a alegria que sentiu com a chegada do pai adotivo fez com que se esquecesse de se envergonhar da deselegância que invadira seu discurso: – Os céus sorriem de felicidade por sua visita e lhe damos boas-vindas.

Mara despertou abruptamente de seus devaneios. Hokanu estava ali. Seu coração saltou quando olhou para baixo para ver como ele estava. Já haviam se passado meses desde que seus caminhos se cruzaram pela última vez em funções de Estado. O Senhor dos Shinzawai abandonara a corte, lembrou-se ela, para ajudar a esposa, grávida de seu herdeiro.

Herdeiros, Mara se corrigiu quando o arauto imperial anunciou dois nomes e ela viu duas trouxas nos braços do pai. Uma aia e dois criados cirandavam ali perto, assim como uma garota magra, bonita e envergonhada que baixou o olhar diante do Imperador.

Justin sorriu; mais um traço que herdara de seu pai do mundo exterior expulsava a tendência tsurani de seguir um protocolo rígido. Alguns dos nobres mais jovens já o imitavam, adotando expressões alegres e discursos francos, e as mulheres solteiras provavelmente seguiriam a tendência popular, para grande desagrado dos Governantes mais velhos. Justin deu em sua solene mãe uma maliciosa e muito pouco digna cotovelada nas costelas.

– Mãe, certamente você tem algo a dizer nesta situação.

Mara não soube o que dizer. Limitou-se a sorrir para o pai orgulhoso durante um demorado minuto e quase lhe vieram lágrimas aos olhos. Os bebês eram lindos, perfeitos; já que não pudera concebê-los, louvou os deuses pelo fato de a fertilidade da sossegada Elumani ter satisfeito o forte desejo do esposo.

– Filhos? – conseguiu dizer afinal.

Hokanu assentiu, incapaz de falar. Seus olhos refletiram a alegria dos dela, assim como um sofrimento doloroso. Sentia a falta da mente ágil de Mara e do conforto de sua companhia. Elumani era uma moça gentil, mas não fora escolhida por seu espírito vivaz. Ainda assim, lhe dera o que Mara não conseguira: a Casa dos Shinzawai tinha agora crianças que assegurariam a continuidade da linhagem. Hokanu tinha seus meninos, que cresceriam e iriam suprir a camaradagem que perdera.

O arauto imperial pigarreou:

– O Senhor Hokanu dos Shinzawai apresenta à Luz do Céu seus herdeiros, Kamatsu e Maro.

Justin reconheceu oficialmente as crianças.

– Que cresçam com alegria e vigor, com a bênção do Céu.

Mara finalmente conseguiu articular algumas palavras:

– Estou feliz por ambos, Senhora Elumani, e me sinto particularmente lisonjeada e orgulhosa. – Silenciou, profundamente sensibilizada pelo inesperado presente de ter um homônimo com o sangue de Hokanu. Teve de se conter para não derramar lágrimas quando prosseguiu: – Quando seus filhos tiverem idade, gostaria que visitassem o berçário imperial e tivessem o prazer de conhecer sua meia-irmã, Kasuma.

A jovem miúda de cabelo castanho-avermelhado ao lado de Hokanu fez uma reverência graciosa. Continuou sem levantar os olhos e seu rosto ficou rosado com aquela aceitação real.

– É uma grande honra – disse, numa voz aveludada como o canto dos pássaros. – A Senhora do Império é muito amável.

Não demorou muito até que o grupo dos Shinzawai começasse a fazer reverências de despedida ao Imperador. Mara olhou melancolicamente para a figura de armadura azul que saía a passos largos com toda a graça de guerreiro que ela recordava. Em seguida, foi dominada pelas emoções. Ergueu o leque cerimonial e o abriu

para esconder um súbito surto de lágrimas. Filhos dos Shinzawai! Agora aquelas crianças eram um desejo concretizado, e não somente um sonho para o futuro do Império. Gêmeos! Mara balançou a cabeça, perplexa. Aparentemente, a generosidade divina se superara ao compensar a pobre criança que morrera antes de nascer. Sua atual solidão valia tais recompensas. Já não era possível ver Hokanu e passar tempo com ele, e sentia sua falta, mas viria o tempo em que conseguiriam se encontrar sem sofrimento, porque uma amizade profunda fora o núcleo de seu casamento.

O gongo voltou a soar. A voz do arauto imperial anunciou a presença do recém-chegado embaixador do Reino das Ilhas, do mundo de Midkemia.

Mara espiou o grupo que se aproximava e depois levantou depressa o leque quando sentiu um novo aperto no coração. Nunca lhe seria possível contemplar um grupo de homens com trajes do mundo exterior sem pensar no amante bárbaro que mudara sua vida de forma radical. Três deles eram magros e altos e um até caminhava mancando levemente. Aquele movimento imperfeito despertou algo em sua memória. Repreendeu-se. Já se deixara levar demais por assuntos do coração relacionados com o passado. Preparou-se mentalmente para suportar os cumprimentos do estrangeiro, que poderia falar tsurani com o tom nasalado e estranho de um midkemiano, mas que, apesar de alto, não era Kevin. O fato de aqueles homens não usarem o cinza dos escravos, mas sim sedas elegantes e veludos ricos com o brasão do Rei das Ilhas nos tabardos de oficiais, não fez diferença.

Mara desviou o olhar para evitar até as tênues recordações de sua perda pessoal.

O embaixador das Ilhas e sua comitiva chegaram à balaustrada. O oficial que fora visita frequente em Kelewan para preparar a troca de emissários, Barão Michael de Krondor, dirigiu-se à corte:

– Sua Majestade, tenho a honra de lhe apresentar o embaixador

do Reino das Ilhas...

O súbito silêncio obrigou Mara a olhar.

O embaixador tinha uma mão levantada para retirar o chapéu emplumado e fazer uma reverência, ao estilo de sua terra natal, mas se conteve. Seus dedos cobriram o rosto. Os cortesãos presentes também se detiveram; alguns Brancos Imperiais mais próximos se esforçaram de modo estranho para esconder o espanto. E então o embaixador bárbaro tirou o chapéu e fez a reverência lentamente, nunca desviando os olhos de Justin. Um murmúrio percorreu a corte quando fez isso. Mara olhou outra vez para o novo embaixador e seu coração pareceu mais uma vez acelerar. O homem que a fizera recordar seu amor perdido voltava a colocar seu chapéu estrangeiro, com a pluma branca e a insígnia de ouro. Os olhos dela ameaçaram traí-la, por isso escondeu o rosto depressa com o leque, para que naquela noite não se espalhassem rumores pela cidade de que a Regente Imperial cedera a um inexplicável e injustificado acesso de choro. Ouviu o Barão Michael terminar a apresentação:

–... emissário de Sua Alteza Real Lyam, Rei das Ilhas.

– Pode se aproximar – autorizou a Luz do Céu com sua voz aguda de garoto.

Mara percebeu o movimento quando os Brancos Imperiais se afastaram e abriram a portinhola da balaustrada, convidando o embaixador a subir ao dossel para apresentar suas credenciais.

O midkemiano subiu o primeiro degrau. Seus passos, pesados devido às botas, ecoaram por um salão paralisado. Cuidadosamente, Mara fechou o leque quando o emissário do Reino das Ilhas subiu os últimos degraus que os separavam. Ele se deteve a três passos do trono e fez mais uma reverência. Dessa vez seu chapéu não voltou à cabeça quando se levantou. Mara contemplou seu rosto.

Soltou um grito abafado. O perfil do homem e o de seu filho com as vestes protocolares douradas eram idênticos. Mas, enquanto as feições do garoto ainda não tinham rugas e só mais tarde

começariam a amadurecer tomando a forma de um adulto, as do homem estavam bem vincadas, como acontecia à pele clara com o passar dos anos sob exposição excessiva ao sol. O cabelo que fora ruivo tinha agora mechas brancas e seus olhos estavam arregalados de espanto.

A Senhora do Império entendeu tudo. Foi obrigada a confrontar aquilo que os Senhores da corte já tinham visto desde o momento em que o embaixador fizera sua entrada. Apenas o chapéu e o ângulo elevado do dossel, e um momento de covardia que a levara a se esconder por trás do leque, fizeram com que fosse a última a descobrir quem estava diante dela com um ar completamente atordoado.

– Kevin.

Mara formulou o nome com os lábios, sem lhe dar voz.

Arakasi, na condição de Conselheiro-Mor Imperial, avançou para receber as credenciais do embaixador.

– Você está diferente – comentou, exibindo um sorriso incomum.

O reconhecimento foi registrado. Com uma gargalhada sonora, Kevin disse:

– Você também. Não o reconheci sem um disfarce.

Após uma breve olhada nos documentos, Arakasi se virou e anunciou:

– Sua Majestade, à sua frente está o embaixador do Rei das Ilhas, Kevin, Barão da Corte Real.

Justin assentiu.

– Seja bem-vindo – disse, mas sua voz demonstrou que também ele estava prestes a esquecer o decoro, pois diante dele estava seu verdadeiro pai, de quem só ouvira falar.

Mara levou a mão à boca, como se pretendesse evitar que as palavras lhe escapassem sem querer. Um pequeno gesto lhe causou um arrepio, tamanha a vontade de tocar na pele de Kevin. Os olhos dele – bem mais azuis do que se recordava – voltaram-se em sua

direção. O sorriso contrariou o olhar severo do rosto dele, que, afinal, pouco sofrera com o passar dos anos.

– Tinha esperança de encontrá-la aqui – afirmou com uma emoção contida e rude que apenas os que estavam sob o dossel conseguiram perceber. – A quem nestas Nações serviria melhor o título de *Senhora do Império*? Mas este rapaz... a Luz do Céu... – Sua mão enorme e hábil apontou para Justin e seus olhos brilharam com grande intensidade. – Senhora, por que nunca me contou?

Aqueles dois, que no passado haviam sido amantes, pareciam estar sozinhos no enorme salão.

Mara engoliu em seco. Lembrou-se muito nitidamente do momento em que haviam se separado: o homem estava na rua, algemado e açoitado, enquanto resistia aos carregadores de escravos que por ordem dela o tinham obrigado a voltar à sua terra natal. Naquele dia, ela perdera a capacidade de falar. Agora, as palavras saíam numa torrente:

– Não me atrevi a contar. Um filho o teria mantido deste lado do Portal e isso seria um crime contra tudo o que você me ensinou a professar. Nunca teria se casado, nunca teria vivido sua vida. Justin foi criado sabendo quem era o pai dele. Você está zangado comigo?

– Justin – repetiu Kevin, ousando proferir o nome ele mesmo. – Como meu pai? – Quando Mara reagiu com um tímido aceno, ele lançou um olhar caloroso ao garoto sentado muito ereto no trono dourado. E depois voltou a estremecer. – Zangado?

Mara se retraiu. Ele sempre falara nos momentos menos oportunos, e de um modo alto demais. Kevin olhou para ela e disse, acalmando a voz, embora sua entonação não tenha ficado menos áspera:

– Sim, estou zangado. Fui roubado. Gostaria de ter visto meu filho crescer.

Mara se ruborizou. Ele não perdera a capacidade de atordoá-la. Deixando de lado o protocolo típico dos tsurani, ela se defendeu:

– Se tivesse feito isso, você nunca mais teria outros filhos.

Kevin bateu com a mão no joelho. Apesar de falar ainda em tom baixo, sua réplica começou a ser escutada pelos presentes na base do dossel:

– Senhora, que conversa é essa de filhos? Não tenho nenhum! Nunca me casei. Estive a serviço da corte de meu Príncipe Arutha. Durante uma dúzia de anos estive lutando contra trolls e elfos negros com os barões das fronteiras no Castelo Alto e na Sentinela do Norte. E então, do nada, sou chamado a Kronдор e me dizem, para meu desgosto, que, como o Imperador de Tsuranuanni requisitara uma troca de embaixadores, eu era mais do que apropriado para o cargo: sou de nascimento nobre, mas sem possibilidade de herdar terras, pois tenho irmãos mais velhos e quase uma dúzia de sobrinhos e, além disso, sou dos poucos midkemianos que falam fluentemente tsurani. E então meu Rei ordenou... ou melhor, o Príncipe Arutha me indicou em nome de seu irmão, e de repente sou um Barão da Corte Real todo enfeitado, fazendo reverências como um macaco amestrado diante de meu próprio filho! – Então o embaixador midkemiano se voltou para fitar o Imperador. Sua irritação diminuía quando disse: – Ele é parecido comigo, não é?

Depois sorriu e piscou para Justin. O modo como olhou para Mara em seguida foi glacial. Sua boa disposição havia sumido.

– Espero que seu marido não venha atrás de mim com uma espada por causa disto! – concluiu, em seu seco tom de piada que tanto divertia Mara quanto a deixava furiosa.

A Senhora do Império piscou ao constatar quão pouco Kevin sabia sobre os últimos catorze anos.

– Hokanu adotou o rapaz sabendo quem era o verdadeiro pai.

Então foi Kevin quem pareceu confuso.

– Não acabei de ver o Senhor dos Shinzawai lá fora, com uma jovem noiva e dois bebês?

Mara assentiu, sem abrir a boca.

Não sabendo ficar calado, Kevin não se conteve.

– Você não é casada? – perguntou. Mara limitou-se a balançar a cabeça negando. – Mas teve um marido. Que revolução é esta nas tradições dos tsurani?

– Chama-se divórcio por razões de esterilidade. Hokanu precisava de sucessores em benefício da estabilidade do reinado de Justin e do Bem das Nações. Você acabou de ver o resultado.

Mara se desembaraçou do amontoado de sentimentos que ameaçava deixá-la zozna. Estava em público, à vista de toda a corte; naquele momento, sua imagem de Senhora e de tsurani deveria ser risível.

Aproveitando a deixa de Mara, Arakasi exclamou:

– O Dia das Súplicas terminou! Que todos se retirem e agradeçam à nossa Luz do Céu.

Iniciou-se então uma retirada muito lenta, pois a maioria dos nobres da corte queria ficar para trás, curiosos para escutar a estranha troca de palavras que ocorria sob o dossel imperial. O conjunto de nobres de Midkemia que acompanhara Kevin trocou alguns sinais, sem saberem se deveriam aguardar pelo líder ou se retirar sem ele.

Mara percebeu uma centena de pares de olhos sobre ela, ávidos para verem como ela reagiria. Então, de repente, resolveu jogar às claras. Assumiu sua postura mais digna e formal.

– Kevin, Barão da Corte Real, Embaixador do Rei das Ilhas de Midkemia, fui desleixada em meus deveres de mãe. Apresento-lhe seu filho legítimo: Justin, nonagésimo segundo Imperador e Luz do Céu de Tsuranuanni. Rezo humildemente para que o aprecie e que seja uma honra que orgulhe sua família.

O Arauto-Chefe, de olhos arregalados de espanto perante aquelas palavras, olhou de relance para Arakasi, à espera de instruções. O Conselheiro-Mor Imperial deu de ombros e assentiu e

o arauto elevou a voz para se fazer ouvir pelos nobres tsurani reunidos:

– Kevin de Rillanon, embaixador do Rei das Ilhas e pai de nossa Luz do Céu!

A Senhora Mara se assustou com o ruído dos sonoros aplausos dos nobres mais jovens da corte, que já se encaminhavam para as grandes portas. Voltaram aos poucos para junto da balaustrada e começaram a bater com os pés e a bater palmas em aprovação. Mais do que qualquer outra coisa, o que impressionou Mara foi o fato de dois curtos anos de novas políticas estarem se enraizando tão profundamente, pois no passado só havia uma forma de um midkemiano ter se tornado pai de um rapaz de 14 anos: se tivesse visitado previamente o Império como prisioneiro de guerra e escravo.

Ainda não fazia muito tempo, a ideia de um filho de escravo chegar a Imperador daria origem a uma revolta sangrenta, uma guerra em resposta ao insulto e pela honra que não teria outro objetivo além de proporcionar um pretexto a todos os Senhores com ambições secretas de verem sua casa triunfar sobre o inimigo. Mas conforme Mara observava os rostos no piso mais abaixo, viu principalmente espanto, surpresa e admiração sincera. Para todos, com exceção de alguns mais mesquinhos, as Leis da Grande Liberdade já substituíam o Jogo do Conselho. Havia mais filhos de nobres procurando servir ao Império em vez de servirem às forças das próprias famílias. Eram aqueles jovens, já livres das amarras das tradições de seus antepassados, que aplaudiam com mais fervor.

Mais uma vez, Mara alcançara o inimaginável. O povo do Império já se habituara a esperar isso dela, pois se tornara adepto dos grandes passos que dava.

E Justin saltou do trono, livrando-se do manto e do acessório de cabeça, que entregou aos cuidados de seu criado pessoal. Lançou-se nos braços do pai que nunca conhecera, mas cujo nome se tornara

uma lenda relatada em tons de admiração pelos servos mais antigos dos Acoma.

Mara ficou olhando, com lágrimas iluminando seus olhos, até o enorme braço de Kevin se estender e arrebatá-la para que partilhasse um abraço a três. A Senhora, espantada, começou a rir. Já esquecera como ele era impulsivo e avassaladoramente forte.

– Senhora do Império – murmurou ele sobre um volume redobrado de vivas. – Você é uma Senhora de surpresas! Será que terei a oportunidade de passar algum tempo nos aposentos imperiais conhecendo meu filho e retomando as relações com sua mãe?

Mara inspirou profundamente, inalando o odor inigualável de pele do mundo exterior, de estranhas especiarias e de veludos tecidos em teares muito longínquos, numa terra mais fria que um dia ela teria de visitar, cruzando o Portal. Seu coração bateu mais intensamente por força de uma paixão que varreu tudo de sob seus pés.

– Terá toda a vida para compartilhar com seu filho – murmurou a Kevin de modo que só ele ouviu. – E todos os anos que possa desejar na companhia de sua mãe, desde que seu Rei permita.

Kevin riu.

– Acho que Lyam ficará satisfeito por se ver livre de mim. As coisas andam sossegadas demais na fronteira para um arruaceiro como eu.

Em seguida, puxou-a com força para junto dele, só pelo prazer de agarrá-la.

Naquele momento, os gongos dos templos soaram por toda a Cidade Sagrada. Música suave ecoou pelo Bairro Imperial enquanto os sacerdotes dos Vinte Deuses Superiores cantavam suas orações da noite. Oficialmente, o Dia das Súplicas terminara.

Kevin recuou e sorriu para a Senhora que nem por um dia abandonara seu coração.

– Você é Senhora de bem mais do que este Império – disse, rindo, e os aplausos dos Senhores de Tsuranuanni não cessaram

quando ele a guiou junto com seu filho Imperador, todos de mãos dadas, saindo do alto dossel.

FIM

AGRADECIMENTOS

Ao longo de cinco anos, em que escrevemos três romances juntos, ficamos em dívida para com as seguintes pessoas, cuja contribuição foi fundamental para que o trabalho se revelasse tão gratificante, tanto para nós como para os leitores. O nosso obrigado:

Aos *Friday Nighters*, que fizeram parte da origem de tudo, quando R. E. F. perguntou onde ficava Midkemia, tornando impossível não escrever a história.

Aos nossos editores, que nos acompanharam desde o início, Adrian Zackheim, Jim Moser, Pat LoBrutto e Janna Silverstein, por nos darem toda a liberdade.

A Elaine Chubb, pela continuidade e aperfeiçoamento.

A tantas pessoas nas nossas editoras, que se interessam mais do que lhes seria pedido no desempenho de suas funções e que trabalham muito mais do que lhes seria exigido; àqueles que já foram para outros locais e àqueles que permanecem conosco.

A Jonathan Matson, por ser muito mais do que um agente.

A Mike Floerkey, pelas sugestões técnicas e por espalhar a notícia.

E a Kathlyn Starbuck e Don Maitz, por aturarem R. E. F. e J. W., respectivamente, quando se tornou impossível viver conosco durante os últimos seis anos. O fato de ainda estarmos casados revela muito a respeito de sua paciência e de seu amor.

Raymond E. Feist

Janny Wurts

San Diego, Califórnia/Sarasota, Flórida,

Junho de 1991

SOBRE OS AUTORES

Raymond E. Feist é um dos nomes mais importantes da história da literatura fantástica. Nasceu no Sul da Califórnia e, atualmente, vive em San Diego. Seu primeiro livro, *Mago*, foi traduzido em mais de trinta países e serve de base para uma vasta obra que tem conquistado, ao longo dos anos, as listas de best-sellers de jornais de prestígio como o *The New York Times* e o *The Times*.

Janny Wurts é autora de vários romances de sucesso, entre os quais *The Wars of Light and Shadow*, a trilogia *Cycle of Fire* e várias coletâneas de contos. É também conhecida por seus trabalhos de ilustração e pintura na área da fantasia e ficção científica. Vive na Flórida com o marido, o artista Don Maitz.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1. Tragédia

2. Confronto

3. Guerra

4. Adversidade

5. Maquinações

6. Estratagema

7. Culpado

8. Interrogatório

9. Milagre

10. Intervalo

11. Luto

12. Aviso

13. Reviravolta

14. Revelação

15. Segredos

16. Reações

17. Conselho

18. Evasão

19. Prisioneira

20. Conselho

21. Decisão

22. Desafio

23. Luta

24. Retorno

25. Assembleia

26. Batalha

27. Provocação

28. Vingança

29. Destruição

30. Perseguição

31. Kentosani

[32. Imperador](#)

[33. Conselho Imperial](#)

[Epílogo. Reencontro](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre os autores](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)